Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Diego Santos Ferreira Machado

De Bracara a Braga. Dinâmicas económicas e sociais entre os séculos III e XV: uma abordagem arqueológica

abril de 2025

De Bracara a Braga. Dinâmicas económicas e sociais entre os séculos III e XV: uma abordagem arqueológica

Diego Santos Ferreira Machado

UMinho | 2025

Este trabalho foi financiado pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT, IP), através da concessão de uma bolsa para investigação (2020.06565.BD). A bolsa atribuída foi financiada por verbas do Orçamento de Estado do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e por verbas do Fundo Social Europeu, disponibilizadas ao abrigo do PORTUGAL2020 que enquadrou os apoios estruturais da União Europeia para o período 2014 a 2020, através, nomeadamente, do Programa Operacional do Capital Humano (PO CH), cofinanciado pelos programas NORTE2020 e Portugal2020, de acordo com as disposições regulamentares fixadas para o efeito.



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Diego Santos Ferreira Machado

De Bracara a Braga. Dinâmicas económicas e sociais entre os séculos III e XV: uma abordagem arqueológica

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Arqueologia
Especialidade em Materiais e Tecnologias

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins

abril de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Ao meu irmão,

Rodrigo

aos meus primos e primas,

Nathalia, Thiane, Thiago e Patrick,

e à geração seguinte,

Isabella, Victor, Theo e Thomas.

Agradecimentos

Chego para agradecer e referenciar a todos que tornaram possível esse trabalho. Não foi fácil, na verdade foi cansativo, exaustivo, intenso, com momentos de quase desespero, mas também outros de puro deleite. A apreciação que consigo fazer do tempo e da energia dispensados para escrever essa tese, com a distância necessária dos períodos de maior aflição, revela-se indissociável de um número alargado de pessoas, a quem muito devo os indispensáveis agradecimentos.

À Professora Manuela Martins, a orientadora deste trabalho, quero agradecer pelo incentivo, pela confiança, pelos desafios propostos, as repreensões justas e necessárias e o encorajamento constante. Ter a oportunidade de ser seu aluno e orientando foi, para mim, um dos maiores privilégios que pude receber. Manuela Martins é um farol de inteligência e erudição nesse mar de mediocridade e banalidade que recorrentemente nos assola, cuja luz ilumina e guia, a bom porto, aqueles que corajosamente decidem sair da caverna. Muito, muito obrigado, mestra do meu barco!

Ao longo da escrita desta tese tive a estranha, mas muito agradável sensação de estar a revisitar diferentes momentos que marcaram a minha vida e a minha formação. O exercício reflexivo que desenvolvemos e os autores e as ideias com que dialogamos transportaram-me a diferentes momentos que experienciei durante a minha licenciatura em História, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, e à licenciatura e ao mestrado em Arqueologia, na Universidade do Minho/UMinho. Pareceu que, magicamente, tudo aquilo que li, ouvi, vi e discuti ao longo desses 15 anos de formação superior tiveram uma razão de ser, secreta e silenciosamente arquitetada para chegar até aqui. Que fascinante o cérebro humano e a sua imensa capacidade criativa para tentar apreender racionalmente a realidade que se lhe apresenta!

Seja como for, é imperativo que nesse momento seja feita uma referência aos mestres que me formaram. Dentre eles, a Professora Claudia Beltrão é uma referência fundamental. Tendo sido minha orientadora durante 3 anos de Iniciação Científica e, posteriormente, no trabalho monográfico de conclusão da licenciatura em História, Claudia Beltrão foi a pessoa responsável por transformar um jovem rapaz com apenas 19 anos de idade, completamente inculto e despreparado para a atividade científica (eventualmente até mais do que hoje em dia), num historiador e num classicista em formação. Devo-lhe os primeiros passos na minha trajetória, a curiosidade, a disciplina e a mente aberta aos diálogos e debates, traços que espero carregar até hoje.

Ainda na UNIRIO, tive professores em diferentes áreas do conhecimento que muito me marcaram, e cujas aulas nunca esqueci. Nesse sentido, agradeço muitíssimo a Keila Grinberg (hoje na University of Pittsburgh), Miriam Coser, Pedro Caldas, Daniel Ferreira (hoje na Univ. Fed. de Ouro Preto),

Vanderlei Ribeiro, Anita Almeida, Joaquim Justino Santos, Icleia Thiesen, Andréa Bieri (da Faculdade de Filosofia) e Maria Ângela Correa (da Escola de Educação), mestres cujos ensinamentos permanecem comigo. Não sendo docente, mas certamente tendo sido uma professora para mim, devo referir à Patrícia Horvat, uma pessoa tão querida e amada quanto genial, que me ensinou sobre como olhar para as coisas com outros olhos, olhos mesmo de ver, aqueles que ela, tendo uma formação tão diversificada, designadamente em Belas Artes, Escultura, Filosofia, Psicanálise, História da Arte e Arquitetura, consegue singularmente vislumbrar.

Já na UMinho, a cursar Arqueologia, tive contacto com docentes que também muito me inspiraram. Dentre eles devo agradecer a José Meireles, Helena Paula Carvalho, Ana Bettencourt e Claudia Viana (da Escola de Direito). Em complemento aos professores, agradeço também aos investigadores cujas aulas ofertadas ao 2º ciclo foram igualmente importantes na minha formação. Neste rol, encontra-se Raquel Martínez Peñín, Jorge Ribeiro, Cristina Braga, Fernanda Magalhães, Luís Marado e Mário Cruz. Uma palavra muito especial, ainda, a Luís Fontes, com quem muito aprendi sobre a história de Braga, sobretudo na Antiguidade Tardia e Idade Média, mas também no âmbito mais geral a ciência arqueológica, em particular da Arqueologia Urbana.

Paralelamente aos diferentes graus da formação superior, tive contacto com um conjunto significativo de investigadores, particularmente em congressos e projetos, que muito me marcaram. Neste grupo estão incluídos: Gilvan Silva, Belchior Neto, Érica Silva, Fábio Faversani, José d'Encarnação, Jean Andreau, Deivid Gaia, André Bueno, Elaine Sartorelli, Giorgio Ferri, Lilian Laky, Carlos Fabião, Ciro Cardoso, André Teixeira, Jacinta Bugalhão, Susana Gómez Martínez, Isabel Fernandes, Sueann Caulfield, Norma Mendes, Pauline Schmitt-Pantel, Violaine Sebillote-Cuchet, François Lissarrague, Pedro Paulo Funari, Maria Aparecida Silva, Greg Woolf, Gonçalo Cruz, César Oliveira. Essas pessoas, de diferentes formas, foram importantes para a minha formação, enquanto historiadores, antropólogos ou arqueólogos, mas também pelas qualidades humanas que possuem e muito me cativaram, muitas vezes na forma de conversas informais. Entre elas, não posso deixar de destacar Rebeca Blanco-Rotea, que tanto me instigou e instiga a pensar em novas metodologias e matrizes interpretativas.

Tenho muito a agradecer à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho na figura dos seus sucessivos responsáveis, Manuela Martins, Luís Fontes e, mais recentemente, Maria do Carmo Ribeiro. Desde o primeiro dia que cheguei a Braga, enquanto voluntário, em 2012, e depois como aluno, em 2015, a UAUM tornou-se uma espécie de casa, onde passei grande parte do tempo, a estudar e a trabalhar. Nesse sentido, e como as instituições são constituídas por pessoas, para além do agradecimento institucional, particularmente associado à disponibilidade das instalações onde realizei as

análises das cerâmicas dessa tese, não posso deixar de referir algumas pessoas. Portanto, fica aqui o meu profundo agradecimento à Eng. Natália Botica por todo o auxílio informático e, principalmente, pela disponibilidade para discutir metodologias e interpretações, assim como pelos conselhos, pelas boas risadas e pelas sempre interessantes conversas entre um historiador/arqueólogo e uma engenheira, à Clara Rodrigues, pela gentileza e pela atenção que nunca me faltaram e ao Luís Coutinho, pelo exemplo de força de vontade e bom-trato com todos.

Agradeço também à Fundação para a Ciência e Tecnologia/FCT pela concessão de uma bolsa de investigação destinada à realização da presente tese de doutoramento. E ainda ao Laboratório de Paisagens, Património e Território/Lab2PT pelos apoios financeiros concedidos para a participação em congressos e tradução de textos, pelo que deixo um agradecimento particular à Dra. Carla Xavier pela sua atenção e gentileza.

Ainda no âmbito das instituições, manifesto o meu sincero agradecimento ao Museu D. Diogo de Sousa por toda a ajuda prestada no estudo dos materiais cerâmicos, mas muito particularmente, à Clara Lobo e à Amélia Marques.

Ao longo desses anos tive a felicidade de fazer muitos amigos. Embora o tempo e as atividades diárias tenham levado ao afastamento de muitos deles, outros permaneceram. Dentre esses, há um trio que muito admiro, e de quem muito me orgulho. Somos quase como os três mosqueteiros e o João, por ser o mais novo, é o jovem D'Artagnan. Francisco Folgueira Ríos, amado e querido Fran, meu irmão galego, a tua força de vontade e alegria comovem-me de modo singular – és o *airiño* que sempre olhou Lugo com a cabeça erguida, bravamente. Bruno Dias, meu Bruninho (na verdade, é Brunão!), sei que pensas que eu te ajudei muito, mas o que talvez não percebas é que foste tu a me salvar quando eu estava perdido. João Vinícius Back, jovem João, como admiro a tua curiosidade sobre o mundo, sempre atento (apesar do TDAH...) e combativo às hipocrisias e maldades. *Um por todos e todos por um! En garde!*

Não posso deixar de me referir ao Cândido Araújo. Querido Cândido, muito obrigado pelas adoráveis brincadeiras na neve, pelos rebuçados e caramelos, pelas risadas, pelo arroz, pelos conselhos e por tudo.

Aos meus amigos mais antigos, alguns dos quais com mais de duas décadas de amizade, não sei como agradecer. Vocês são o meu porto seguro, as raízes que me nutrem. Toda a minha reverência ao Carlos, Júlio, Daniel, Marcos, Renan, Zé Pedro, Alik, Leonardo, Patrícia, Luiza, Muniky, Carlos, Carol, Fernanda, Lucas, Caio, Henrique, Mayara e Meliscia. E ainda aos que a UNIRIO me proporcionou, Ana, Lucas, Cheyenne, Luniara, Pedro, Ana, Bruna, Guilherme, Bruna, Carol, Mayara, Giovanna, Priscila,

Bárbara, Ana Luiza, Hevelly, Mariana, Thais. Além de toda a amizade, ainda sou presenteado com sobrinhos e sobrinhas que deixam esse meu frágil coraçãozinho todo derretido e cheio de esperanças num mundo melhor: Clarinha, Lia, Maria, Tomás, e os que chegarão em breve, Miguel e Carlos Eduardo. Devo destacar, é claro, a Alice, a mais amada do seu tio Duda.

Nestes anos em Braga fiz, igualmente, amigos tão queridos como importantes. Nesse sentido, o meu mais profundo agradecimento a todos vós: María Carmen, Francisco Emérito, Laura, Dani, Mariana, Joana, Jesús, Francisca, Alexandre, Diogo, Juliana, Cláudio, Nina, Maria Aparecida, Karla, Caio, Elaine, Catarina, Daniel, Sasha, Luís, Fábio, Cláudia, Marta, Lelys, Jordana, Sanjaya, Liliana, Rui e Luís, assim como às pequenas Ana Rosa, Érica, Clarissa e Taila.

Não posso deixar de agradecer aos alunos com quem tive contacto nos estágios de campo, que ocorrem nas escavações do teatro romano de Braga, e nos seminários de numismática romana e cerâmica tardo-antiga e medieval, no âmbito do mestrado em Arqueologia. O vosso frescor, ânimo e a vontade de aprender e fazer coisas são um combustível poderoso para mim.

Também seria impossível não deixar uma palavra aos funcionários da UMinho com quem tive contacto e sempre me foram atenciosos e carinhosos. Da Biblioteca Pública de Braga, Hermínia, Alfredo, Zé, Elísio, Isabel. Da Reitoria, Rui Castro, Guilhermina, José, Catarina, Thays, Cândida. Dos Congregados, José, Conceição, Flávia, Sameiro, Lúcia, Maria, Fátima, Miranda, Carla, Castro.

Obrigado meu pai, caçador! Salve as almas!

Por fim, mas longe de ser menos importante, agradeço profundamente aos meus pais, Rosinda e Carlos, pelos sacrifícios que fizeram e fazem diariamente, seja material, seja emocional. Agradeço também ao meu irmão, Rodrigo, o apoio que sempre me deu, assim como à minha cunhada, Jéssica. Aos meus tios e tias, Lourdes, Sandra e Paulo, assim como primos e primas, Nathalia, Thiane, Thiago e Patrick, que sempre estiveram a torcer por mim. Aos ausentes, deixo igualmente a minha gratidão: avós Amélia e Marli, avôs Armando e Manuel, tio e padrinho Alex, sei e sinto que zelam por mim.

Aos familiares, aos alunos, aos amigos, aos mestres: muito obrigado!

E vejo e peço

Dias de outras cores

Alegrias

Para mim

Pro meu amor

E meus amores

Caetano Veloso

Senta-te ao Sol. Abdica.

E sê rei de ti próprio.

Fernando Pessoa

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

De *Bracara* a Braga. Dinâmicas económicas e sociais entre os séculos III e XV: uma abordagem arqueológica

Resumo

A desigualdade dos dados e dos estudos realizados por historiadores e arqueólogos sobre a Idade Média bracarense produziu uma narrativa histórica de Braga construída maioritariamente à luz da documentação escrita. Essa historiografia, embora de elevado valor científico, esbarra nos limites que qualquer estudo centrado num único tipo de documento sempre encontra, designadamente o alcance possibilitado por aquele fragmento do passado, que é definido, em parte, pela natureza e pelas condições de produção dessa fonte, ao que se soma, naturalmente, o caráter lacunoso e parcial de todo e qualquer *corpus* documental.

Conscientes desse cenário, julgamos necessário aprofundar a narrativa histórica relativa à cidade Braga, tirando partido do acúmulo de materiais e contextos arqueológicos provenientes das largas centenas de escavações realizadas na cidade, um caminho profícuo para se repensar a evolução da cidade e, especificamente, a sociedade bracarense no recorte temporal que elegemos para este trabalho, entre a Antiguidade Tardia e na Idade Média.

Como documentos de base elegemos os materiais cerâmicos, provenientes de contextos datados entre o século III e XV, potenciando a sua análise tecnológica, morfológica e decorativa como meio de estabelecer as características e as dinâmicas da produção e do consumo ao longo do período considerado, explorando esses indicadores para a realização de inferências sobre os contextos económicos e sociais dos mercados e consumidores urbanos. Os dados e inferências relativos às dinâmicas económicas e sociais foram posteriormente analisados no contexto das narrativas históricas produzidas sobre a ocupação tardo antiga e medieval de Braga, de modo a que pudéssemos observar as relações entre as cerâmicas e os demais componentes materiais, simbólicos e culturais que conformavam a cidade.

O confronto ou cruzamento das diferentes perspetivas e escalas de análise exigiu, igualmente, que alicerçássemos a nossa análise no quadro do desenvolvimento epistemológico da Arqueologia e nas suas relações com as demais ciências sociais e humanas, em especial a História, a Sociologia e Antropologia. Um quadro teórico e conceptual amplo que posiciona a Arqueologia no contexto do debate comum às áreas científicas associadas às Humanidades.

Palavras-chave: Agência material; *Bracara* tardo-antiga; Braga medieval; cerâmica; mudança cultural.

From *Bracara* to Braga. Economic and social dynamics between the 3rd and 15th centuries: an archaeological approach

Abstract

The disparity between the data and the studies conducted by historians and archaeologists concerning the medieval period in Braga has resulted in a historical narrative of the city constructed predominantly in light of written documentation. This historiography, albeit of significantic scientific merit, is constrained by the limitations inherent in any study based solely on one type of source — namely, the scope afforded by that particular fragment of the past, which is defined, in part, by the nature and the conditions under which the source was produced. To this, one must naturally add the incomplete and partial character of any and all documentary *corpora*.

Aware of this scenario, we consider it essential to deepen the historical narrative concerning the city of Braga by drawing upon the substantial body of archaeological materials and contexts derived from the hundreds of excavations carried out within the city. This represents a fruitful path through which to reconsider the city's evolution and, more specifically, Bracaran society during the timeframe we have chosen for this study—from Late Antiquity through to the Middle Ages.

Our primary sources consist of ceramic materials originating from contexts dated between the 3rd and 15th centuries. These are analysed in terms of their technological, morphological, and decorative characteristics as a means to identify the patterns and dynamics of production and consumption throughout the chronological scope of this study. These indicators serve as a basis for drawing inferences about the economic and social contexts of urban markets and consumers. The resulting data and interpretations regarding economic and social dynamics were subsequently examined within the framework of existing historical narratives concerning the late antique and medieval occupation of Braga, thereby allowing us to explore the relationships between ceramics and other material, symbolic, and cultural components that constituted the city.

The juxtaposition and intersection of differing perspectives and analytical scales also necessitated grounding our analysis within the epistemological development of Archaeology and its interrelations with other social sciences — particularly History, Sociology, and Anthropology. This broad theoretical and conceptual framework situates Archaeology within the wider scholarly discourse shared by disciplines associated with the Humanities.

Keywords: Cultural change; Late antique *Bracara*; material agency; medieval Braga; pottery.

Índice

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros ii

Dedicatória iii

Agradecimentos iv

Epígrafe viii

Declaração de Integridade ix

Resumo x

Abstract xi

Índice xii

Lista de figuras xviii

Lista de gráficos xxii

Lista de tabelas xxv

Lista de abreviaturas xxviii

Introdução 1

Parte I: De *Bracara* a Braga: para uma nova leitura da paisagem urbana (séculos III/XV)

Introdução 11

1 Cidade, tempo e cultura material: abordagem teórico metodológica 12

1.1 A cidade como artefacto 13

1.2 A multitemporalidade da paisagem urbana 18

1.3 Cultura material e sociedade 26

2 Periodização, temporalidade e duração 36

2.1 Tempo e agência 43

2.2 As periodizações históricas e o seu significado 48

2.2.1 O contexto ibérico 57

2.2.2 O noroeste da Península ibérica 66

2.2.3 A cidade de Braga 75

3 A construção histórica bracarense: fontes e narrativas 97

3.1 A fase antiquarista: entre o mito e o legado 98

3.2 As fontes documentais e a produção historiográfica 105

3.3 As fontes arqueológicas e a renovação do conhecimento **109**

Parte II: Os dados arqueológicos: contextualização, análise e interpretação

Introdução **114**

1 Os estudos da cerâmica tardo antiga e medieval **116**

1.1O contexto europeu **116**

1.2O contexto ibérico **118**

1.3O contexto bracarense **126**

2 Objetivos e metodologia de estudo dos materiais **130**

3 As zonas arqueológicas selecionadas **143**

3.1 A ZA da área envolvente do teatro romano **145**

3.1.1 Historiografia *145*

3.1.1.1 Enquadramento espacial 145

3.1.1.2 Historial das intervenções realizadas 146

3.1.2 As fases de ocupação *146*

3.1.3 Os materiais *149*

3.2 A ZA da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168 **162**

3.2.1 Historiografia *162*

3.2.1.1 Enquadramento espacial 162

3.2.1.2 Historial das intervenções realizadas 163

3.2.2 As fases de ocupação *164*

3.2.3 Os materiais *167*

3.3 A ZA do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago **189**

3.3.1 Historiografia *189*

3.3.1.1 Enquadramento espacial 189

3.3.1.2 Historial das intervenções realizadas 190

3.3.2 As fases de ocupação *191*

3.3.3 Os materiais *195*

3.4 A ZA da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10 **210**

3.4.1 Historiografia *210*

3.4.1.1 Enquadramento espacial 210

3.4.1.2 Historial das intervenções realizadas 211

3.4.2 As fases de ocupação *212*
3.4.3 Os materiais *213*
3.5 A ZA da rua D. Afonso Henriques, nºs 20/28 **221**
3.5.1 Historiografia *221*
3.5.1.1 Enquadramento espacial 221
3.5.1.2 Historial das intervenções realizadas 223
3.5.2 As fases de ocupação *224*
3.5.3 Os materiais *229*
3.6 A A ZA da rua D. Afonso Henriques, nºs 42/56 **244**
3.6.1 Historiografia *244*
3.6.1.1 Enquadramento espacial 244
3.5.1.3 Historial das intervenções realizadas 245
3.6.2 As fases de ocupação *246*
3.6.3 Os materiais *250*
3.7 A ZA do Ex-Albergue Distrital **261**
3.7.1 Historiografia *261*
3.7.1.1 Enquadramento espacial 261
3.7.1.2 Historial das intervenções realizadas 263
3.7.2 As fases de ocupação *265*
3.7.3 Os materiais *269*

Parte III: Discussão dos resultados e sistematização das produções cerâmicas
Introdução **282**
1 A cerâmica tardo-antiga **282**
1.1 A produção comum grosseira **285**
1.1.1 As pastas *285*
1.1.2 As formas *287*
1.1.3 Caracterização geral da produção *287*
1.2 A produção comum fina **289**
1.2.1 As Pastas *289*
1.2.2 As formas *290*
1.2.3 Caracterização geral da produção *291*

1.3 A produção de engobe vermelho **292**
1.3.1 As pastas *292*
1.3.2 As formas *293*
1.3.3 Caracterização geral da produção *294*
1.4 A produção de engobe branco **296**
1.4.1 As pastas *296*
1.4.2 As formas *297*
1.4.3 Caracterização geral da produção *297*
1.5 A produção de cinzenta tardia (Grupo 1) **298**
1.5.1 As pastas *298*
1.5.2 As formas *300*
1.5.3 Caracterização geral da produção *301*
1.6 A produção de cinzentas tardia (Grupo 2) **303**
1.6.1 As pastas *303*
1.6.2 As formas *304*
1.6.3 Caracterização geral da produção *305*
1.7 A produção vidrada **307**
1.7.1 As pastas *307*
1.7.2 As formas *307*
1.7.3 Caracterização geral da produção *308*
1.8 As produções importadas **309**
1.8.1 As pastas *309*
1.8.2 As formas *313*
1.8.3 Caracterização geral da produção *314*
2 A cerâmica medieval **318**
2.1 A produção comum alto-medieval **320**
2.1.1 As pastas *320*
2.1.2 As formas *320*
2.1.3 Caracterização geral da produção *321*
2.2 A produção comum pleno-medieval **322**
2.2.1 As pastas *324*
2.2.2 As formas *324*

2.2.3 Caracterização geral da produção *324*

2.3 A produção comum tardo-medieval **325**

2.3.1 As pastas *327*

2.3.2 As formas *330*

2.3.3 Caracterização geral da produção *331*

2.4 A produção tardo-medieval vermelha de Prado **334**

2.4.1 As pastas *334*

2.4.2 As formas *335*

2.4.3 Caracterização geral da produção *335*

2.5 A produção tardo-medieval vidrada de Barcelos **335**

2.5.1 As pastas *335*

2.5.2 As formas *336*

2.5.3 Caracterização geral da produção *336*

2.6 As produções tardo-medievais importadas **337**

2.6.1 As pastas *337*

2.6.2 As formas *340*

2.6.3 Caracterização geral da produção *340*

Parte IV: Dinâmicas económicas e sociais de Braga (séculos III a XV): o contributo da arqueologia

Introdução **343**

1 A Braga tardo antiga e medieval e a produção e consumo de cerâmicas **345**

1.1 *Bracara* capital da *Gallaecia* e do Reino Suevo (séculos III–VI) **345**

1.2 *Bracara ecclesia*, a capital da *Gallaeciae metropolim diocesis* no Reino Visigodo (séculos VI–VIII) **370**

1.2De diocese sem bispo a província eclesiástica do Reino de Portugal: *Bracara* na Alta Idade Média (séculos VIII–XIII) **384**

1.4 Braga, a Cidade dos Arcebispos *Hispaniarum Primati* (séculos XIII–XVI) **410**

2 Entre contextos e objetos: uma reflexão sobre a mudança **426**

Considerações finais

Em jeito de conclusão: o futuro **442**

Bibliografia **456**

Apêndices

Lista de Figuras

Figura 1. Modelo do quadro de apresentação dos dados cerâmicos segundo o Protocolo de Sevilla/PRCS 14. 137
Figura 2. Aplicação de back office do Sistema de Informação 2ArchIS para o registo de cerâmicas. 139
Figura 3. Relações entre iconicidade, indexicalidade e factoralidade e os seus correlatos semióticos e retóricos. 141
Figura 4. Localização das zonas arqueológicas selecionadas. 143
Figura 5. Localização da ZA da área envolvente do teatro romano. 145
Figura 6. Ocupação tardo-antiga do teatro romano de Braga e da área envolvente. 148
Figura 7. Níveis de derrube das estruturas reutilizadas nos finais da Idade Média. 150
Figura 8. Estrutura conhecida por 'Casa da Bica'. 156
Figura 9. Registo gráfico e fotográfico do Corte 25, que contém os níveis de derrube representados pelas UEs1078 e 1211. 158
Figura 10. Tesouro numismático identificado nos níveis de derrube da 'Casa da Bica'. 159
Figura 11. Localização da ZA da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168. 162
Figura 12. Perspetiva geral da intervenção na rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168. 167
Figura 13. Corte no sentido E-O onde está registado o nível UE179. 169
Figura 14. Registo do perfil este da sondagem 2, onde está documentada a UE047. 171
Figura 15. Corte onde está registado o nível UE213 e o enchimento UE218. 173
Figura 16. Corte onde estão registados os contextos UE218, 258 e 275. 177
Figura 17. Registo do perfil oeste da sondagem 3, onde está documentada a UE075. 185
Figura 18. Plano e corte com a fossa UE192, cujo enchimento foi individualizado com a UE193. 187
Figura 19. Localização da ZA do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago. 189
Figura 20. Planta interpretada da zona arqueológica do Seminário de Santiago. 192
Figura 21. Perfil este da sondagem 1, onde está registada a camada UE111. 197
Figura 22. Corte onde estão registados os contextos UEs097 e 123. 200
Figura 23. Corte com o registo dos níveis UEs092, 116 e 118. 205
Figura 24. Localização da ZA da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10. 210
Figura 25. Registo fotográfico do baptistério (2023). 215
Figura 26. Localização da ZA da rua D. Afonso Henriques, nºs 20/28. 221
Figura 27. Registo fotográfico das estruturas identificadas sob a calçada UE025, S7, 8 e 9. 229
Figura 28. Corte estratigráfico com o enchimento correspondente à UE154. 230

Figura 29. Registo em plano do enchimento UE121. 233
Figura 30. Registo em corte dos enchimentos UEs035 e 117 e da calçada UE025. 238
Figura 31. Localização da ZA da rua D. Afonso Henriques, nºs 42–56. 244
Figura 32. Perspetiva geral das estruturas identificadas na rua D. Afonso Henriques, nºs 42/56. 247
Figura 33. Pormenor de um corte da intervenção com a indicação do enchimento UE211. 251
Figura 34. Pormenor de um corte da intervenção com a indicação do enchimento UE108. 255
Figura 35. Localização da ZA do ex-Albergue Distrital. 261
Figura 36. Logradouro do ex-Albergue Distrital. 264
Figura 37. Perspetiva geral da escavação no logradouro do ex-Albergue Distrital. 265
Figura 38. Cerca que delimitava o logradouro do ex-Albergue Distrital; foto tirada desde o largo Paulo Orósio, à esquerda a rua Frei Caetano Brandão e à direita a rua de São Paulo. 269
Figura 40. Perspetiva geral da intervenção no logradouro do ex-Albergue Distrital. 270
Figura 41. Corte estratigráfico com a fossa detrítica UE858. 271
Figura 42. Fragmento de copo de vidro verde da UE858. 271
Figura 43. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum grosseira romana. 286
Figura 44. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum grosseira romana. 286
Figura 45. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum fina romana. 290
Figura 46. Pormenor da pasta de uma cerâmica de engobe vermelho tardia. 293
Figura 47. Pormenor da pasta de uma cerâmica de engobe branco. 296
Figura 48. Pormenor da pasta de uma cerâmica de engobe branco. 296
Figura 49. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 1. 299
Figura 50. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 1. 299
Figura 51. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 2. 303
Figura 52. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 2. 304
Figura 53. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada romana. 307
Figura 54. Pormenor da pasta de uma ânfora bética. 309
Figura 55. Pormenor da pasta de uma ânfora lusitana. 310
Figura 56. Pormenor da pasta de uma ânfora gálica. 310
Figura 57. Pormenor da pasta de uma ânfora africana. 311
Figura 58. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata* focense. 312
Figura 59. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata* hispânica tardia. 312
Figura 60. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata* africana Clara C. 312

Figura 61. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata africana* Clara D. 313
Figura 62. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 1. 328
Figura 63. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 2. 328
Figura 64. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 3. 329
Figura 65. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 4. 329
Figura 66. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 5. 330
Figura 67. Pormenor da pasta de uma cerâmica vermelha de Prado. 334
Figura 68. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada de Málaga. 339
Figura 69. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada de Manises. 339
Figura 70. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada de Sevilha. 340
Figura 71. Quadro com os fabricos e formas na cidade entre os séculos III–VI. 349
Figura 72. Sítios na *Gallaecia* onde foram identificados pavimentos revestidos com mosaicos com temas marinhos. 354
Figura 73. Sítios na *Gallaecia* onde foram identificadas ostras em contextos romanos. 355
Figura 74. Quadro com os fabricos e formas na cidade entre o século VII e o início do VIII. 372
Figura 75. Topografia cristã da periferia de *Bracara* na Antiguidade Tardia. 378
Figura 76. Desenho dos pratos Hayes 105 e 106 e da taça Hayes 91D identificados na zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 382
Figura 77. Quadro com os fabricos e formas na cidade e no território entre os séculos VIII–XII. 389
Figura 78. Expressões oleiras alto-medievais do Centro de Portugal. 396
Figura 79. Centros oleiros no Entre Douro e Minho. 397
Figura 80. Sítios com cerâmica medieval de Prado documentada. 400
Figura 81. Alguidares de fundo em disco provenientes das olarias de Prado identificados em Braga e Guimarães. 402
Figura 82. Diversidade de bordos registados na fossa do ex-Albergue Distrital (UE858). 404
Figura 83. Diversidade de bordos registados em contextos galegos. 405
Figuxa 84. Diversidade dos jarros galegos. 406
Figura 85. Quadro com os fabricos e formas na cidade entre os séculos XIII–XV. 412
Figura 86. Novas formas das cerâmicas baixo-medievais de Braga, identificadas na zona arqueológica do ex-Albergue Distrital: prato, caneca e pucarinho. 425
Figura 87. Ilustração do caso das chaves do hotel, de Bruno Latour. 430
Figura 88. Planta da cidade de Braga nos inícios da Baixa Idade Média. 439

Figura 89. Planta da cidade de Braga nos finais da Baixa Idade Média. 439

Lista de gráficos

Gráfico 1. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE922, TR344, 354, 355, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga. 152
Gráfico 2. Quantidade e percentagem das cerâmicas baixo-medievais e modernas. 153
Gráfico 3. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1039, TR364, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga. 155
Gráfico 4. Quantidade das cerâmicas baixo-medievais e modernas. 155
Gráfico 5. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1026, TR385, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga. 157
Gráfico 6. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1078, TR385, 386, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga. 160
Gráfico 7. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1211, TR384, 385, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga. 161
Gráfico 8. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 169
Gráfico 9. Média de indivíduos das cerâmicas comuns grosseiras romanas por formas. 170
Gráfico 10. Média de indivíduos por fabrico e formas. 172
Gráfico 11. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das cerâmicas por fabricos e formas. 173
Gráfico 12. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 175
Gráfico 13. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos e formas. 175
Gráfico 14. Média de indivíduos por fabricos e formas. 176
Gráfico 15. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 178
Gráfico 16. Média de indivíduos dos fabricos tardios e formas. 179
Gráfico 17. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 181
Gráfico 18. Média de indivíduos das cerâmicas tardias por fabricos e formas. 182
Gráfico 19. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 184
Gráfico 20. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico tardo-medievais. 185
Gráfico 21. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 188
Gráfico 22. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais por grupos de fabrico. 188
Gráfico 23. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 197
Gráfico 24. Quantidade e percentagem das cerâmicas tardias por fabricos e formas. 198
Gráfico 25. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 200
Gráfico 26. Média de indivíduos das cerâmicas tardias por fabricos e formas. 201

Gráfico 27. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 203
Gráfico 28. Quantidade das cerâmicas tardo-medievais por fabricos e formas. 203
Gráfico 29. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 205
Gráfico 30. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 207
Gráfico 31. Quantidade das cerâmicas baixo-medievais por fabricos e formas. 207
Gráfico 32. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos. 209
Gráfico 33. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais e modernas por fabricos e formas 209
Gráfico 34. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 217
Gráfico 35. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 219
Gráfico 36. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais e modernas por fabricos. 220
Gráfico 37. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais e modernas por fabricos e formas. 220
Gráfico 38. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE154, sondagens 8 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28. 231
Gráfico 39. Quantidade e média de indivíduos das formas de cerâmica comum romana. 231
Gráfico 40. Quantidade e média de indivíduos das formas de cerâmica cinzenta tardia. 232
Gráfico 41. Quantidade de fragmentos das formas de cerâmica tardia identificada na UE154. 232
Gráfico 42. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE121, sondagem 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28. 235
Gráfico 43. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico e formas. 235
Gráfico 44. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 1. 236
Gráfico 45. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 2. 236
Gráfico 46. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 3. 237
Gráfico 47. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 4. 237
Gráfico 48. Quantidade e percentagem de fragmentos com decoração. 238
Gráfico 49. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE117, sondagens 7 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28. 240
Gráfico 50. Quantidade e percentagem das cerâmicas romanas, tardo-antigas e alto-medievais. 240
Gráfico 51. Quantidade e percentagem das cerâmicas comuns baixo-medievais e faianças. 241
Gráfico 52. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE035, sondagens 2, 7 e 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28. 242
Gráfico 53. Quantidade e percentagem das origens das cerâmicas vidradas. 242
Gráfico 54. Quantidade e percentagem das origens das faianças. 243

Gráfico 55. Média de indivíduos das formas identificadas nas cerâmicas vidradas e faianças. 243
Gráfico 56. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 251
Gráfico 57. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 253
Gráfico 58. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 254
Gráfico 59. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 255
Gráfico 60. Quantidade das cerâmicas tardo-medievais por grupos de fabrico. 256
Gráfico 61. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 258
Gráfico 62. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 259
Gráfico 63. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 260
Gráfico 64. Média de indivíduos das cerâmicas por grupos de fabrico e formas. 260
Gráfico 65. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico. 273
Gráfico 66. Quantidade e percentagem das cerâmicas baixo-medievais por grupos de fabrico e por formas. 274
Gráfico 67. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 1. 275
Gráfico 68. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 2. 276
Gráfico 69. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 3. 277
Gráfico 70. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 4. 278
Gráfico 71. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 5. 278
Gráfico 72. Quantidade e percentagem de fragmentos com decoração. 279
Gráfico 73. Quantidade e percentagem de fragmentos com decoração por foma. 279
Gráfico 74. Evolução das sigilatas em Bracara. 359

Lista de tabelas

Tabela 1. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE922, TR344, 354, 355, da zona arqueológica da área envolvente do teatro. 151

Tabela 2. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1039, TR364, da zona arqueológica da área envolvente do teatro. 154

Tabela 3. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1026, TR385, da zona arqueológica da área envolvente do teatro. 157

Tabela 4. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1078, TR385, 386, da zona arqueológica da área envolvente do teatro. 159

Tabela 5. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1211, TR384, 385, da zona arqueológica da área envolvente do teatro. 160

Tabela 6. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE179, S10, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 168

Tabela 7. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE047, S2, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 170

Tabela 8. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE213, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 172

Tabela 9. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE152, S7, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 174

Tabela 10. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE218, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 177

Tabela 11. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE258, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 180

Tabela 12. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE275, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 183

Tabela 13. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE075, S3, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 183

Tabela 14. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE193, S8, S10, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168. 186

Tabela 15. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE111, S1, da zona arqueológica do Seminário de Santiago. 196

Tabela 16. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE123, S3, da zona

arqueológica do Seminário de Santiago. 199
Tabela 17. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE097, S3, da zona arqueológica do Seminário de Santiago. 202
Tabela 18. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE116, S2, da zona arqueológica do Seminário de Santiago. 204
Tabela 19. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE118, S2, da zona arqueológica do Seminário de Santiago. 206
Tabela 20. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE092, S2, da zona arqueológica do Seminário de Santiago. 208
Tabela 21. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE239, S2/4, da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10. 214
Tabela 22. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE232, S1/2/4, da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10. 215
Tabela 23. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE142, S4 (AL), da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10. 216
Tabela 24. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE126, S4 (AL), da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10. 216
Tabela 25. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE185, S4 (AL), da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10. 218
Tabela 26. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE154, sondagens 8 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28. 230
Tabela 27. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE121, sondagem 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28. 234
Tabela 28. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE117, sondagens 7 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28. 239
Tabela 29. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE035, sondagens 2, 7 e 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28. 241
Tabela 30. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE211, Qd. 419, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 250
Tabela 31. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE222, Qd. 420, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 252
Tabela 32. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE249, Qd. 619, da

zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 253
Tabela 33. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE108, Qd. 420, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 254
Tabela 34. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE113, Qd. 419, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 256
Tabela 35. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE229, Qd. 619, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 257
Tabela 36. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE241, Qd. 618, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 258
Tabela 37. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE274, Qd. 422, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56. 259
Tabela 38. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE858, quadrados H5–I5, da zona arqueológica do Ex-Albergue Distrital. 272
Tabela 39. Formas das *sigillatae* imitadas pelas cerâmicas cinzentas tardias grupo 1 e as suas cronologias. 301
Tabela 40. Formas das *sigillatae* imitadas pelas cerâmicas cinzentas tardias grupo 1 e as suas cronologias provenientes dos contextos analisados. 303
Tabela 41. Formas das *sigillatae* e as suas cronologias provenientes dos contextos analisados. 316
Tabela 42. Tabela com as formas por grupos de fabrico da cerâmicas comuns baixo-medievais. 332
Tabela 43. Tabela com as formas por grupos de fabrico das cerâmicas comuns baixo-medievais, a partir dos contextos analisados. 334
Tabela 44. Quantidades de cerâmicas dos diferentes grupos de fabrico da rua Nossa Senhora do Leite e do ex-Albergue Distrital. 423
Tabela 45. Distribuição das formas das cerâmicas baixo-medievais da rua Nossa Senhora do Leite pelos grupos de fabrico. 424
Tabela 46. Distribuição das formas das cerâmicas baixo-medievais da fossa detrítica do ex-Albergue Distrital (UE858) pelos grupos de fabrico. 425

Lista de abreviaturas

ADB – Arquivo Distrital de Braga

ARSW/TSA – *terra sigillata* africana

BLCS – Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva

CIL – *corpus inscriptionum latinarum*

CLE – *carmina latina epigraphica*

DPRR – *Digital Prosopography of the Roman Republic*

DSP/TSG – *terra sigillata* gálica

LRA – *late Roman amphorae*

LRC – *late Roman C*

Qd. – quadrado

S – sondagem

TSH – *terra sigillata hispânica*

TSHT – *terra sigillata* hispânica tardia

UAUM – Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

UE – unidade estratigráfica

ZA – zona arqueológica

INTRODUÇÃO

Introdução

> [...] a História existe apenas em relação às questões que nós lhe formulamos. Materialmente, a História é escrita com fatos; formalmente, com uma problemática e conceitos (Veyne, 1983, p. 6).

Na aula inaugural proferida por Paul Veyne (1983), quando foi convidado para lecionar História Romana no *Collège de France*, publicada em 1976, com o título *L'inventaire des différences*, o grande antiquista francês afirmava que o conhecimento histórico não se resumia à apresentação e ordenação dos fatos ou documentos históricos, mas à sua interpretação. O paradigma que se colocava naquele momento, e que até hoje permanece, em certo grau, era a rutura com um tipo de discurso historiográfico, próprio do século XIX, que conheceu em Leopold von Ranke um de seus maiores defensores, para quem, no prefácio da sua *História dos Romanos e dos Germanos*, a história "quer simplesmente mostrar como realmente aconteceu" (*es will bloss zeigen wie es eigentlich gewesen ist*). Essa frase funcionou como uma espécie de *slogan* do pensamento histórico moderno, tornando-se uma verdadeira profissão de fé dos historiadores ou, como assinalou Edward Carr, de modo altamente irónico, um encantamento que, como todo o encantamento, poupava-lhes a obrigação de pensarem por si próprios (Carr, 1982; Beltrão & Horvat, 2021).

As grandes mudanças sociais, políticas, económicas e culturais que ocorreram ao longo do século XX transformaram completamente as sociedades em todo o mundo. No contexto dos movimentos de rutura com o passado, as ciências viram-se obrigadas a produzir novas epistemologias e a criar quadros conceptuais e metodológicos que fornecessem os instrumentos necessários para a sua atualização, face às novas exigências e demandas que o mundo lhes colocava. A Arqueologia também experienciou essas mudanças e, na segunda metade do século XX assistiu-se ao rompimento com o quadro interpretativo do histórico-culturalismo e à afirmação de novas propostas para se analisar e pensar o passado humano, sem que isso significasse, contudo, o abandono das matrizes basilares da ciência arqueológica, como a centralidade das materialidades ou a valorização dos contextos estratigráficos.

O estudo sobre o passado arqueológico de Braga emergiu, sensivelmente, nesse momento de transição de paradigmas. Embora seja possível elencar um conjunto de historiadores e arqueólogos que o antecederam, o interesse pelos vestígios arqueológicos incentiva-se a partir das décadas de 1960 e 1970, na sequência da intensificação dos remeximentos do subsolo urbano e consequente descoberta

de estruturas e materiais. A esse momento corresponde a atuação de curiosos e arqueólogos, em que se incluem os Cónegos Arlindo da Cunha e Luciano dos Santos, Russel Cortez e J. J. Rigaud Sousa. Datam desse mesmo período algumas das mais importantes obras de historiografia medieval bracarense, devidas a Avelino de Jesus da Costa (1997) e a José Marques (1988). Como corolário desse processo de sistematização do estudo de Braga foi criado, em 1976, o Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*.

Mas, os anos 70 do século XX anunciavam um momento de rutura no estudo da cidade. Tudo estava por fazer. A investigação sobre a época romana foi o objeto principal da arqueologia bracarense, que promoveu o amplo estudo das materialidades provenientes das escavações, que começaram a ser sistematicamente realizadas desde 1976, e dos contextos arqueológicos, cujo resultado foi um *corpus* documental robusto e uma consequente e paulatina interpretação urbanística e económico da cidade romana e tardo antiga. A Idade Média, por sua vez, conheceu uma maior contribuição por parte dos historiadores, particularmente empenhados em desvendar as prelaturas e obras dos principais arcebispos que comandaram a cidade, apesar de não ser olvidada pelos arqueológos, que já na década de 1980 publicavam os primeiros *corpora* de cerâmicas desse período.

A grande desigualdade de conhecimento, incorporado nos estudos realizados por historiadores e arqueólogos, relativos à Idade Média bracarense é responsável por uma narrativa histórica que se construiu com base na rica documentação escrita, na origem de uma historiografia com alto valor científico. Essa historiografia é, contudo, lacunar, e as fontes documentais necessariamente insuficientes, quando estão em causa os períodos mais antigos da história da cidade, ou quando se pretende analisar e compreender aspetos da vida quotidiana, que escapam naturalmente à natureza da documentação escrita oficialmente produzida.

Conscientes deste cenário, julgamos necessário aprofundar a narrativa histórica de Braga, privilegiando o recorte temporal entre os séculos III e XV, normalmente integrado em dois períodos distintos, referidos com Antiguidade Tardia e Idade Média. Como documento material de análise elegemos as cerâmicas e as suas características tecnológicas, morfológicas e decorativas, tendo em vista estabelecer as dinâmicas da produção e do consumo ao longo do período considerado, explorando esses indicadores para a realização de inferências sobre os contextos económicos e sociais dos mercados e consumidores urbanos. Os dados e inferências relativos às dinâmicas económicas e sociais foram posteriormente analisados no contexto das narrativas históricas disponíveis sobre a ocupação tardo-antiga e medieval de Braga. De facto, os elementos tecnológicos, morfológicos e decorativos dos materiais cerâmicos fornecem dados relevantes sobre os ritmos e evolução da produção e do consumo, o que permite a realização de inferências sobre os aspetos sociais dos seus consumidores. Por outro

lado, a relevância económica, social e cultural das materialidades arqueológicas na construção do discurso histórico assenta na sua íntima articulação com o espaço e as atividades que nele ocorrem, o que permite aceder a distintas realidades sociais, designadamente das classes socialmente menos favorecidas, quase sempre ausentes na documental textual. Dada a sua natureza, as cerâmicas são sempre reveladoras de comportamentos e atividades, mas também de dinâmicas económicas e sociais, que interligam os âmbitos local, regional e inter-regional, percetíveis pelas ações dos produtores locais e pelos fluxos comerciais documentados pelas peças importadas.

Os processos de manutenção ou inovação da produção e do consumo da cerâmica constitui, ainda, um campo privilegiado para a análise das mudanças numa sociedade, desvendando os ritmos e a direção da reprodução social através da sua expressão material enquanto reflexo das necessidades, desejos ou modas. Nas diversas tramas que constituem as redes sociais, onde se encontram entrelaçadas as pessoas, individual ou coletivamente, as ideias, os poderes e as instituições, a materialidade cerâmica atravessa a realidade através de sua presença constante em diferentes contextos da vida quotidiana e da sua versatilidade para se adaptar às alterações económicas e culturais, uma característica inerente ao modo como as sociedades se organizam e ao funcionamento estruturante dessas sociedade, baseadas na circulação de bens e ideias.

Assim, o objetivo principal deste trabalho centrou-se na análise e valorização económica e social dos materiais cerâmicos datados entre a Antiguidade Tardia e o fim da Idade Média, tendo por base os contextos arqueológicos disponibilizados pelas escavações realizadas em Braga nos últimos 50 anos, tendo em vista contribuir para um aprofundamento da história económica e social bracarense, que complemente a leitura das fontes documentais medievais disponíveis. Reconhecemos a ousadia desta abordagem, dado o largo recorte cronológico escolhido, com cerca de 1200 anos, entre os séculos III e XV, mas também porque esta perspetiva ainda não havia sido trilhada pelos sucessivos estudos relativos à evolução da cidade de Braga, pautada sobretudo pelo estudo dos principais protagonistas da sua história, os arcebispos, com destaque para o seu papel no urbanismo e arquitetura. Por isso, este trabalho pretende, também, refletir sobre as potencialidades e dificuldades das materialidades arqueológicas, especialmente das cerâmicas, se constituírem como documentação para a produção de um discurso histórico, inscrito na longa duração.

A estrutura da tese contemplou a sua divisão em 4 partes. Na **Parte I**, intitulada "*De* Bracara *a Braga: para uma nova leitura da paisagem urbana (séculos III a XV)*", apresentamos o enquadramento teórico do trabalho, realizado a partir de três perspetivas: os centros urbanos como artefactos históricos

e multitemporais, a cultura material e a sua relação com as sociedades, a organização do tempo e os períodos históricos como instrumentos de análise da realidade.

Dada a complexidade dos temas analisados nesta parte do trabalho, a sua discussão contemplou o contributo de um conjunto alargado de áreas científicas, como a Arqueologia, a História, a Antropologia, a Sociologia, assim como a Filosofia, que apresentam diferentes perspetivas de análise e, por conseguinte, contribuem para a constituição de uma imagem mais dinâmica e plural das experiências e realidades urbanas e sociais. Esse enquadramento integrou igualmente a análise da formação histórica dos postulados epistemológicos que constituem as Ciências Humanas na atualidade. O exercício reflexivo e constitutivo do quadro teórico e conceptual do nosso trabalho foi finalizado com uma discussão sobre as periodizações aplicadas ao estudo de Braga, entre os séculos III e XV, realizado em três escalas de análise distintas, designadamente, no contexto ibérico, no noroeste da Península Ibérica e, finalmente, no centro urbano bracarense, no âmbito do qual se avalia a evolução dos estudos sobre a cidade à luz do desenvolvimento epistemológico e metodológico dos últimos séculos.

A **Parte II**, com o título "*Os dados arqueológicos: contextualização, análise e interpretação*", encontra-se dividida em duas partes.

A primeira parte diz respeito ao balanço dos estudos sobre as cerâmicas tardo-antigas e medievais, que foi realizado, novamente, a partir de três escalas diferentes: o contexto europeu, o ibérico e o bracarense. Na sequência, expusemos os objetivos e a metodologia de estudo das cerâmicas empregue neste trabalho. Os procedimentos metodológicos tiveram em consideração três perspetivas: 1) os referenciais tipológicos para as cerâmicas tardo-antigas e medievais de Braga, para os quais são fundamentais os trabalhos de Alexandra Gaspar (1985; 2000), Manuela Delgado e Rui Morais (2009) e Luís Fontes (& Gaspar, 1997; & Regalo, 1997); 2) a apresentação dos dados ceramológicos através da adaptação à realidade analisada do modelo do *Protocolo de Sevilha/PRCS14* (Adroher Auroux *et al.*, 2016); 3) o quadro interpretativo da cultura material proposto por Carl Knappet (2005), que integra os contributos da semiótica peirciana e da linguística para ampliar o escopo analítico das cerâmicas.

A segunda parte da Parte II está dedicada ao suporte documental da tese. Nela apresentamos as sete zonas arqueológicas ZAs que foram selecionadas, de entre um universo de cerca de duas centenas, para a análise detalhada dos contextos e do espólio ceramológico de época tardo-antiga e medieval. Para a escolha das ZAs tivemos em conta a diversidade dos contextos, sobretudo no que toca à sua ocupação tardo-antiga e medieval, em articulação com o que sabemos arqueologicamente, quanto à redução da área urbana a partir dos séculos VIII/IX, restringida ao quadrante nordeste da cidade romana e tardo-antiga. Nesse sentido, as intervenções analisadas foram: 1) a área envolvente do teatro

romano; 2) a Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168; 3) o Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago; 4) a rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10; 5) a rua Afonso Henriques, nºs 20–28; 6) a rua Afonso Henriques, nºs 42/56 e; 7) o ex-Albergue Distrital.

Na **Parte III**, que recebeu o título "*Discussão dos resultados e sistematização das produções cerâmicas*", realizamos uma análise compreensiva daqueles que julgamos serem os contributos da investigação aprofundada dos contextos e materiais analisados, que se traduz numa apreciação individualizada de cada uma das produções cerâmicas identificadas nos contextos tardo-antigos e medievais. Esse apartado da tese integra a discussão conjunta dos resultados dos estudos anteriormente realizados sobre os fabricos desse longo período, no que respeita à morfologia e às pastas, com os novos dados provenientes dos contextos analisados na Parte II, possibilitando uma nova caraterização das produções, especialmente em termos cronológicos e na ampliação de alguns repertórios formais.

Finalmente, na **Parte IV**, intitulada "*Dinâmicas económicas e sociais de Braga (séculos III a XV): o contributo da arqueologia*", confrontamos os novos dados fornecidos pela análise do *corpus* documental analisado, tanto em termos de quantidade de fabricos (14 produções), com o arco cronológico selecionado, correspondente a 12 séculos de ocupação, entre o III e o XV, durante o qual se estabeleceram importantes transformações urbanísticas e arquitetónicas, progressivamente sistematizadas por historiadores e arqueológos, no quadro de narrativas históricas da evolução dos poderes que atuaram na cidade ao longo período. Rematando esse exercício interpretativo sobre as dinâmicas sociais e económicas de Braga na Antiguidade Tardia e na Idade Média, que tiveram no centro da análise os dados fornecidos pelas cerâmicas, retornamos à reflexão teórica e metodológica sobre o potencial dos contextos arqueológicos e da materialidade para a construção do discurso histórico, enquanto agentes que refletem e, simultaneamente, criam as sociedades.

O enorme esforço de sistematização de dados muitos variados, entre os contextos arqueológicos e as cerâmicas, que constitui a Parte III, representa um resultado bastante positivo da nossa investigação, que julgamos poder representar um instrumento útil para a futura análise e valorização do material recolhido nas escavações de Braga, ou no território bracarense. Julgamos, também, que o confronto desses dados com os quadros interpretativos produzidos por outros autores, quer no âmbito arqueológico, relativos à evolução urbanística de Braga, quer no âmbito da investigação histórica de base textual, presente na Parte IV, possibilitou um novo olhar sobre a realidade económica e cultural de Braga, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, que suscita novas questões e abre novas perspetivas de investigação, quer no âmbito da investigação documental, quer arqueológica.

Em primeiro lugar, importa destacar a omnipresença das cerâmicas, enquanto documento arqueológico para o estudo da economia e da sociedade bracarense. Se a documentação textual ou arquitetónica apresenta largas lacunas no devir histórico da cidade de Braga, com momentos de maior disponibilidade e outros de carência, ou mesmo ausência, as materialidades arqueológicas manifestam uma presença constante, o que produz uma perspetiva de análise mais estável. Na verdade, o estudo das cerâmicas é singularmente importante pois permite colmatar hiatos e silêncios de outras fontes e narrativas, denunciando mudanças ou permanências e revelando momentos de maior ou menor dinamismo político, económico e social, frequentemente ocultados ou camuflados nas leituras apenas centradas nos poderes políticos que atuaram na cidade. A persistência e estabilidade das cerâmicas no quotidiano, não significa, contudo, imutabilidade. Contrariamente, a sua centralidade na vida quotidiana da população, empregue nas mais diversas atividades e tempos, tanto diários como sazonais, refletem as necessidades e temporalidades, bem como as mudanças e distinta composição do corpo cívico urbano, justificativas de alterações de características de produção.

O estudo da expressão oleira bracarense e da sua evolução na longa duração, traduzida no seu repertório tecnológico, morfológico e decorativo, que configuram a variedade e diversidade das cerâmicas, cujo mercado preferencial era a cidade de Braga, permite igualmente que se avalie a relação entre o centro urbano e o território, revelando afinidades e intercâmbios que arrolam as dinâmicas económicas e, particularmente, comerciais dos grupos sociais que viviam na cidade, bem como a sua capacidade de atuação política e social. Enquanto sede de poder, seja ele político, religioso ou económico, apesar de sua variação ao longo do período estudado, Braga exercia uma poderosa força centrípeta, polarizando os recursos e investimentos do território, mas igualmente centrífuga, ao exportar modelos, ideias e tendências que urdiam pessoas e as respetivas redes sociais de interesses e significados. A investigação sobre a realidade urbana é, portanto, indissociável do seu território económico.

Nesse sentido, julgamos ter produzido um modesto, mas frutífero contributo para a história da Braga tardo-antiga e medieval. A centralidade da análise nas dinâmicas sociais e económicas exigiu uma aprofundada revisão dos dados e leituras já produzidos sobre Braga, nos diferentes momentos do recorte cronológico proposto, tendo em vista observar as relações entre as cerâmicas e os demais componentes materiais, simbólicos e culturais que conformavam a cidade nos diferentes momentos da sua ocupação. O confronto ou cruzamento dessas perspetivas tão variadas exigiu, igualmente, que nos alicerçássemos no desenvolvimento epistemológico da Arqueologia.

Na verdade, a atual produção científica na área da Arqueologia tende a privilegiar um diálogo de proximidade entre diferentes ciências, incorporando epistemologicamente o desenvolvimento da componente ideológica e política, com a integração económica e a valorização cultural, muito associada à construção social das identidades que constituem o mundo globalizado da atualidade. Por isso, qualquer análise histórica de natureza social terá necessariamente que se valer de um enquadramento, necessariamente amplo, para conseguir produzir uma síntese minimamente satisfatória, perdendo sentido as leituras sectárias, ancoradas em abordagens excessivamente unidirecionadas. Como defendeu Bruno Latour, a Constituição moderna, estruturada na divisão entre a Natureza e a Sociedade, introduziu igualmente a separação entre as diferentes perspetivas que analisam um mesmo objeto, multiplicando-se áreas científicas e institucionalizando-se vocabulários e conceitos fechados que só dificultam uma abordagem multidisciplinar.

> "Por falta de opções, nos autodenominamos sociólogos, historiadores, economistas, cientistas políticos, filósofos, antropólogos. Mas, a estas disciplinas veneráveis, acrescentamos sempre o genitivo: das ciências e das técnicas. [...] Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruídos sem que o desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem. Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas." (Latour, 1994, p. 9).

Mas os tempos atuais não são constituídos apenas pelos benefícios, sejam económicos, sejam de integração global nos seus eventuais reflexos intelectuais. O outro lado dessa moeda é assinalado pela velha máxima hobbesiana *homo homini lupus* pois, face aos horrores da guerra, da miséria e da total destruição com que a ameaça nuclear novamente nos assombra, o homem continua a ser o lobo do homem. Dizer que vivemos em *tempos difíceis* pode ser, até certo ponto, uma afirmação vazia de importância, ou significado, pois cada época teve, necessariamente, dificuldades múltiplas de diferentes naturezas. Mas isso não significa que os *tempos difíceis* de agora não o sejam efetivamente.

Por isso, voltamos ao Paul Veyne, ou, mais precisamente, às palavras de um grande pensador de meados do século XX que foram reproduzidas na mesma conferência inaugural proferida no *Collège de France* que referimos anteriormente. Raymond Aron teria escrito, em 1971, "a ambição do historiador, enquanto tal, continua sendo a narração da aventura vivida pelos homens" (Aron, 1971 *apud* Veyne, 1983, p. 7). E é exatamente isso que nos propomos a fazer aqui. O estudo do passado pode representar uma fagulha de esperança para o mundo atual pois, a partir da perceção de que há outros modos de viver, talvez consigamos encontrar caminhos mais auspiciosos. A diversidade humana é, na sua beleza, uma excelente força para se contrariar as narrativas globalizantes que provocam o apagamento das experiências plurais. Contar uma história, mais uma história, como muito bem nos lembrou um grande pensador contemporâneo, Ailton Krenak, é uma maneira de adiar o fim do mundo (Krenak, 2019).

Não sendo eu mais do que um mero processo mimético realizado pelo demiurgo platónico (*cf.* Plat., *Timeu*) e ciente de que não sou nada e não serei nada, tenho em mim, como disse o grande poeta lisboeta, todos os sonhos do mundo[1] (Pessoa, Tabacaria, 1–4). Em parte, é o mesmo sonho que inspirou o brilhante discurso proferido por Martin Luther King Jr.[2] no Lincoln Memorial, em 1963, ou aquele cuja força é tão forte que a sempre magistral Dona Sophia de Mello Breyner sentenciou que de tudo renasce a exaltação e nunca as minhas mãos ficam vazias[3] (Andresen, 2018, p. 65). Contudo, ele é verdadeiramente próximo àquele *sonho que adia o fim do mundo*, como fazem os Krenak quando dançam e cantam para suspender o céu, no início da primavera, quando o ar pesado do inverno quase nos esmaga. Segundo Ailton Krenak, "suspender o céu é ampliar os horizontes de todos" (Krenak, 2020, p. 25), nesse sentido, o desejo ou ambição de que me valho é de que esse trabalho possa servir para inspirar outros tantos que virão, da mesma forma como fui muito intimamente inspirado pelos mestres que me formaram e cujas palavras e olhares vivem em mim, e deles não abro mão.

Este trabalho, por fim, é dedicado aos que vieram e muito me ensinaram, e aos que virão, com quem almejo igualmente aprender.

[1] Álvaro de Campos, Tabacaria, 1-4:
Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. [...]

[2] Discurso intitulado "*I have a dream*", proferido por Martin Luther King Jr., no Lincoln Memorial, no dia 28 de agosto de 1963. Disponível em: https://www.npr.org/2010/01/18/122701268/i-have-a-dream-speech-in-its-entirety

[3] Sophia de Mello Breyner Andresen, 2018, p. 65:
Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.

PARTE I

De *Bracara* a Braga: para uma nova leitura da paisagem urbana (séculos III a XV)

Introdução

Como disse o grande poeta espanhol António Machado, "caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar"[4], por isso, é preciso nos colocarmos primeiro ao início do caminho.

A **Parte I** desta tese tem por objetivo apresentar os pressupostos teóricos e conceptuais que irão pautar o desenvolvimento deste trabalho, pois o alargado e complexo objeto de análise que nos propusemos investigar – a cidade de Braga entre os séculos III e XV – exige que nos apropriemos de um conjunto bastante amplo de contribuições e discussões provenientes de diferentes áreas científicas e filosóficas, sobre as quais ocuparemos elaborar nas próximas páginas. Assim, dividimos a Parte I em três pontos, ao longo dos quais procuramos valorizar e discutir os conceitos operativos usados, bem como as perspetivas teóricas que os enquadram no âmbito da análise arqueológica e justificam a capacidade de se constituírem como objetos de estudo: cidade, cultura material, tempo, temporalidade, paisagem urbana, sociedade.

No primeiro ponto, como o título "*Cidade, tempo e cultura material: abordagem teórico metodológica*", exploramos a origem, constituição e natureza dos centros urbanos como um produto da ação humana que organiza e regula a vida e as relações sociais. Para tal, este ponto encontra-se dividido em três subpontos. O primeiro, intitulado "*A cidade como artefacto*" (**1.1**), privilegia a análise económica da criação e reprodução social e material dos centros urbanos, fenómeno que incide, incontornavelmente, na relação entre as cidades e os seus territórios económicos, de onde provém a sua subsistência e riqueza. O segundo subponto dedica-se a analisar a formação histórica dos centros urbanos e a sua capacidade de se recriar fisicamente diante das transformações políticas, económicas, sociais e culturais experienciadas no decurso do tempo, tendo recebido o título "*A multitemporalidade da paisagem urbana*" (**1.2**). Por fim, o terceiro subponto explora a construção histórica do estudo das relações entre as sociedades e a cultura material, o campo privilegiado da Arqueologia enquanto ciência, sob o título "*Cultura material e sociedade*" (**1.3**).

O ponto 2, intitulado "*Periodização, temporalidade e duração*" elabora sobre a abstração, a apreensão e a organização do tempo, individual ou coletivamente, como objeto central da análise, dividindo-se em 2 subpontos. O primeiro, com o título "*Tempo e agência*" (**2.1**), traz para o palco as discussões historiográficas e filosóficas acerca da capacidade humana de criação e transformação do mundo à sua volta para pensar a relação entre os produtos materiais e a constituição histórica das sociedades. O segundo subponto, intitulado "*As periodizações históricas e o seu significado*" (**2.2**) discute a tradicional divisão e organização do tempo histórico em períodos, evidenciando as escolhas e

[4] "Caminante no hay camino, se hace camino al andar", Antonio Machado Ruiz (1875–1939).

perspetivas que os caraterizam. A partir das diferentes designações históricas usadas para cobrir o arco temporal entre os séculos III e XV, que revelam premissas e perspetivas distintas, analisamos o nosso objeto de estudo em três escalas, "*O contexto ibérico*" (**2.2.1**), "*O noroeste da Península Ibérica*" (**2.2.**2) e, finalmente, "*A cidade de Braga*" (**2.2.3**).

Como corolário da Parte I, e no seguimento das discussões realizadas nos pontos 1 e 2 sobre as experiências urbanas, a cultura material, as sociedades, o tempo e os períodos históricos, reavaliamos a historiografia de Braga de modo a melhor nos posicionarmos face ao desenvolvimento dos conhecimentos e da investigação sobre a cidade nos últimos séculos. Desse modo, esse ponto recebeu o título "*A leitura da paisagem urbana bracarense*" e foi dividido em três subpontos, cada um correspondendo a um momento distinto da construção de narrativas sobre a cidade, designadamente, "*A fase antiquarista: entre o mito e o legado*" (**3.1**), "*As fontes documentais e a produção historiográfica*" (**3.2**) e "*As fontes arqueológicas e a renovação do conhecimento*" (**3.3**).

Acreditamos que essa "viagem" pela historicidade das experiências urbanas, das sociedades e das materialidades, assim como pela historicidade das ciências e dos conceitos operativos de análise, com os seus distintos pressupostos, objetivos e documentos, constitui um importante ponto de partida para se estruturar a investigação que nos propusemos realizar.

1 Cidade, tempo e cultura material: abordagem teórico metodológica

Dentre as produções humanas, desde os primeiros hominídeos que caminharam sobre as selvas e savanas africanas, as cidades são as mais complexas e intrigantes. Elas são a expressão física, concreta, tecnológica, simbólica, mental e ideológica dos valores éticos, estéticos e culturais produzidos e confrontados por um grupo humano, por mais diminutas ou extremamente alargadas que sejam.

As investigações e debates liderados pelo arqueólogo Ian Hodder sobre as origens do fenómeno urbano, especialmente acerca do sítio neolítico de Çatalhöyük, na atual Turquia, têm revelado dados deveras importantes sobre esses locais de reunião da população, o que permite inferir um significativo conjunto de apreciações sobre a natureza desses lugares e das populações que neles habitavam, como o alto grau de consciência de si e a abstração e conceptualização do meio em que se inseriam (Hodder, 2018; 2020). Isso só é possível pois, como Henri Lefebvre já havia afirmado, em 1974, as cidades, enquanto um espaço produzido são, concomitantemente, produtos e produtores de sociedades, ou seja, são formadas *ao passo que* formam os seus habitantes (Lefebvre, 2013).

Enquanto produtos, os centros urbanos materializam funções, estruturas e formas projetadas e reunidas num dado lugar, centralizando ideias, motivações, conceitos e, sobretudo, pessoas (Lefebvre,

2002). Enquanto produtoras, as cidades e seus equipamentos são revestidos de sentidos e significados que podem ser percebidos e compreendidos pelos seus habitantes ou visitantes, que produzem normas, regras, restrições e potencialidades que determinam ou, ao menos, condicionam suas ações (Rapoport, 1990; Pearson & Richards, 1994).

Mas os centros urbanos não são os seus edifícios e demais espaços construídos ou, pelo menos, não apenas. O que constitui as cidades são as dinâmicas humanas que nelas têm lugar, o que leva, necessariamente, a que sejam um palco de disputas, representações sociais, exercícios de poder, lutas por direitos, festas, comemorações e tudo mais que conforma a vida humana em sociedade (Le Goff, 1998; Lefebvre, 2001), assim como capazes de produzir uma linguagem própria, popular e dinâmica, como nos apresentou o historiador Mikhail Bakhtin (1987) a partir de seus estudos sobre a obra de François Rabelais.

Por tudo isso, as cidades são, efetivamente, um fenómeno poderoso para se avaliar diferentes aspetos das sociedades do passado e, através delas, refletir os dilemas e problemas que hoje nos são apresentados, "pois, por remotos ou remotíssimos que cronologicamente nos pareçam os fatos que admitimos, a história, em realidade, sempre se refere à necessidade e à situação presentes, nas quais os fatos propagam sua reverberação" (Croce, 1939).

1.1 A cidade como artefacto

As cidades constituem-se como um importante objeto de estudo para uma grande variedade de áreas científicas, como a História, Arqueologia, Geografia, Economia, Antropologia, entre outras. Com diferentes perspetivas e abordagens, o interesse pela experiência urbana tem conhecido grande expressão nos estudos científicos desde o século XIX, como resposta às mudanças estruturais que as sociedades europeias, e depois todo o globo, estavam a passar com a necessidade de concentração da mão de obra fabril que o avanço da industrialização provocava, fomentando a constituição de núcleos urbanos cada vez maiores, cuja pressão demográfica, que multiplicou rapidamente a população das cidades em poucas décadas (Wrigley & Schofield, 1981; Hudson, 1992), exigia respostas e soluções aos problemas que se apresentavam, o que motivava a análise de experiências urbanas do passado.

A definição conceptual do fenómeno urbano conhece séculos de debates e contribuições vindas de historiadores, arqueólogos, sociólogos, urbanistas e economistas que tentaram produzir um modelo teórico de desenvolvimento, capaz de reunir as diferentes realidades sociais, económicas, culturais, políticas e jurídicas que as fontes arqueológicas e textuais documentam. Dado o caráter heterogêneo e assimétrico dos centros urbanos, bem como as especificidades geográficas, históricas e ambientais, as

tentativas de abstração da realidade para a produção de grandes narrativas sempre se mostrou uma tarefa difícil (Zuiderhoek, 2017).

No século XIX, Fustel de Coulanges (1998), talvez o primeiro pensador a refletir sobre o conceito de cidade antiga, definiu a génese da *polis* grega e da *ciuitas* romana como a união social e religiosa de grupos familiares que partilhavam cultos comuns, especialmente aos mortos, e se conectavam através da manutenção dessas práticas no meio doméstico e cívico, fenómeno que radicalmente separa essa experiência da sua congénere medieval ou moderna.

Apesar do pioneirismo de Fustel de Coulanges, a investigação sobre o fenómeno urbano antigo centrou-se, maioritariamente, na busca das suas causas económicas. De facto, as significativas alterações tecnológicas que o século XIX experienciou, genericamente associadas às primeiras revoluções industriais, transformaram as dinâmicas económicas e sociais dos países europeus e dos Estados Unidos e levaram a uma crescente urbanização das populações rurais, que foram trabalhar em fábricas, impulsionaram os estudos sobre os fatores económicos que levaram ao surgimento dos núcleos urbanos.

Um dos investigadores que mais se debruçou sobre o tema do surgimento da experiência urbana foi o arqueólogo Vere Gordon Childe, a quem se atribui, inclusivamente, a criação do conceito de "Revolução Urbana", o qual aparece em consonância com outro grande processo de transformação das populações humanas, a "Revolução Neolítica". Para Childe, cuja produção intelectual foi profundamente marcada pelas teorias evolucionistas do século XIX, desenvolvidas a partir do darwinismo social, o surgimento dos núcleos urbanos deve ser avaliado no decurso do processo de evolução das comunidades, que saem de um estado primitivo e bárbaro em direção à civilização. Esse fenómeno seria possibilitado por um conjunto de fatores económicos decorrentes da domesticação de plantas e animais, que tornaria viável a sedentarização desses grupos humanos, cuja alimentação poderia ser obtida através da exploração de campos agrícolas nas proximidades (Childe, 1950).

A constituição dos primeiros núcleos urbanos recebeu, pelo autor, a conotação revolucionária devido às possibilidades que se abriram a esses grupos humanos, dispostos em regiões como o Crescente Fértil e o vale do Indo. Com efeito, uma vez que as comunidades produziam excedentes alimentares e, assim, suportavam um aumento demográfico, alguns indivíduos nos núcleos urbanos puderam se dedicar a experimentações tecnológicas com diversos materiais, como argila, ferro e vidro, cujas propriedades tornariam as atividades diárias mais eficazes, contribuindo ainda, reciprocamente,

para o aumento da produção primária, o que possibilitaria suportar o crescimento populacional[5] (Childe, 1951).

Centrando-nos, entretanto, nos estudos sobre a experiência urbana da antiguidade greco-romana e do período medieval, ainda nos finais do século XIX, o economista Karl Bücher propôs a classificação das cidades antigas como aquelas caraterizadas por uma "economia doméstica" (*Hauswirtschaft*), em contraposição à "cidade económica" da Idade Média (*Stadtwirtschaft*). Apesar de ter sido bastante criticada, essa visão de uma cidade antiga que era altamente dependente do mundo rural, de onde retirava a sua subsistência através de rendas, impostos e taxas, numa relação não-recíproca e altamente parasitária (*Rentnerstadt*), foi defendida pelo sociólogo e economista Werner Sombart, em 1902, e novamente pelo também economista Max Werber, em 1922, sob o conceito de "cidade consumidora" (*Konsumentenstadt*), em oposição à "cidade transformadora" medieval (*Produzentenstadt* ou *Gewerbestadt*), onde homens livres exerceriam atividades liberais e artesanais, estabelecendo uma relação comercial recíproca com os excedentes rurais (Finley, 1989; Albrecht *et al.*, 2023). Vemos igual avaliação inclusivamente no seio da antropologia económica. Podemos destacar, a esse respeito, as ideias de Karl Polanyi (2000) sobre a domesticidade da economia greco-romana, na qual as motivações individuais estavam assentes nos costumes, leis, magia ou religião, enquanto o lucro não ocupava um lugar de destaque.

Longe de ser unânime, essa visão "primitivista" da economia antiga conheceu importantes e instigantes contrapontos, entre os quais cabe ressaltar os contributos de Mikhail Rostovtzeff (1977; 1983), que identificou na experiência urbana greco-romana a constituição de uma classe de comerciantes livres bastante atuante na economia mediterrânica, cujos objetivos e motivações seriam bem próximos daqueles verificados aquando da constituição da burguesia, em finais da Idade Média.

Entre os finais do século XIX e a primeira metade do XX, as tentativas de definir a cidade antiga do ponto de vista económico estiveram, grosso modo, subjugadas ao empreendimento maior e primeiro de historiadores, sociólogos e economistas de identificar as raízes do capitalismo. Essa abordagem esteve igualmente presente em Karl Marx e Friedrich Engels, seja no Capital (1991), na Ideologia Alemã (2002) ou mesmo nos *Grundrisse* (2011), cujas análises da sociedade antiga (das pré-modernas, no geral) tinham por objetivo evidenciar os seus aspetos não capitalistas de modo a demonstrar o caráter antinatural e, presumivelmente, passageiro do capitalismo.

[5] O modelo de Childe para o surgimento do fenómeno urbano conheceu diversas críticas, embora ainda hoje seja um instrumento útil para analisar a sedentarização no Crescente Fértil e vale do Indo. Contudo, estudos mais recentes em outras geografias têm demonstrado uma dissociação entre a neolitização ou urbanização e as suas consequências, como assinaladas por Childe, onde se verificou o aparecimento de objetos cerâmicos entre populações de caçadores-recoletores, como na Sibéria ou norte da Escandinávia (Jordan & Zvelebil, 2010), ou a manutenção de uma matriz económica em torno da caça e recoleção apesar de significativos avanços na domesticação de plantas por, pelo menos, um milénio, na Mesoamérica (Piperno, 2011), ou ainda populações oleiras que não estavam associadas a produções agrícolas, identificadas na Amazónia (Neves, 2016).

Foi apenas na segunda metade do século XX que os estudos históricos acerca da definição do conceito de cidade antiga deram passos mais substanciais, apesar de ter havido contribuições, como a obra "*Ancient town-planning*", de Francis Haverfield, editada em 1913. Contudo, foi a publicação de "*The Ancient Economy*" pelo historiador americano/britânico Moses Finley, em 1973, e a reedição em 1985, que inaugurou um novo e bastante instigante capítulo nos estudos sobre a economia do mundo antigo e, em particular, dos centros urbanos.

Finley apoiava-se nas tipificações weberianas das cidades e, portanto, insistiu na definição de centros urbanos consumidores, altamente dependente dos campos agrícolas, cuja produção manufatureira era baixa e exclusivamente destinada ao consumo local das elites urbanas, que detinham a propriedade rural. Nesse modelo de cidade antiga, o comércio estaria restrito a dois grupos, por um lado, a própria elite que realizava o abastecimento a nível imperial, especialmente a Roma, e a população pobre, cujo trabalho era, sobretudo, o transporte de excedentes agrícolas e manufaturas urbanas, inexistindo, portanto, uma classe média com mercadores livres capaz de se constituir enquanto grupo político relevante (Finley, 1973).

Os trabalhos de Moses Finley produziram um grande impacto nos estudos históricos nas últimas décadas do século XX, bem como promoveram um significativo interesse pela História Económica e Social do mundo antigo. Com efeito, as produções historiográficas sobre a economia greco-romana, entre 1973 e os inícios do século atual, foram pautadas por aqueles que concordavam com as premissas finleyanas, reunidos no que se convencionou chamar "primitivistas", e aqueles dedicados a criticar as suas afirmações, os "modernistas".

Não é nossa intenção recuperar esse debate à exaustão, mas apenas ressaltar algumas ideias, pelo que importa referir os estudos de Willem Jongman sobre a economia e sociedade de Pompeia (1988), onde o autor, apesar de não realizar uma crítica direta à "cidade consumidora" nos moldes "primitivistas", retoma o conceito de *homo oeconomicus*, de Adam Smith, argumentando que não se trata da pessoa que busca, necessariamente, sempre mais, ou o maior lucro possível sobre a venda de uma mercadoria, mas sim aquele que avalia as suas possibilidades económicas, comerciais ou financeiras de maneira racional. Na verdade, a ideia de "cidade consumidora" sempre esteve presente nas tentativas de definir a experiência urbana antiga. Em 1997 foi editada por Helen Parkins uma obra coletiva intitulada "*Roman Urbanism: Beyond the Consumer City*", na qual os autores tinham como proposta repensar esse modelo weberiano a diferentes escalas, seja a partir de uma revisão teórica ou generalista, seja através de contextos específicos, como Pompeia, Cyrene ou o Egipto (Parkins, 1997).

As revisões realizadas na tipologia de "cidade consumidora", ao longo do século XX, permitiram uma maior flexibilidade desse conceito. Paul Erdkamp, num artigo publicado na revista *Historia*: *Zeitschrift für Alte Geschichte*, apresentou um conjunto de caraterísticas que demonstram a sua melhor aplicabilidade. Para o autor, o modelo permite explicar a relação entre a economia urbana e o mundo rural, ou seja, os mecanismos empregues na produção e transferência do excedente agrícola, não estando associado a nenhum tipo de desenvolvimento económico específico. Não obstante, o conceito ainda comporta a existência de dois modos distintos de comércio, aquele baseado em trocas não-recíprocas entre o meio urbano e o rural, designadamente através da cobrança de taxas e impostos, que definiria a natureza das economias antigas, e a presença de mercados onde produtores agrícolas podiam comercializar os seus excedentes e artesãos, independentemente do quão numerosos fossem, os seus objetos (Erdkamp, 2001). Nesse sentido, podemos afirmar que:

> "de alguma maneira, **todas as cidades são consumidoras**. A existência de centros urbanos *depende* da habilidade de fazendeiros *produzirem* um excedente regular e da eficiência de instituições económicas, sociais e políticas *mobilizarem* esse excedente para o consumo da população que *não está envolvida* na produção primária" (Morley, 1996: 13; grifo nosso).

Apesar de existir alguma distância do debate entre as duas perspetivas de se avaliar a economia antiga, vemos uma permanência na utilização de determinados conceitos que mobilizaram a investigação sobre a cidade greco-romana ao longo do século passado, ainda que com algumas revisões e ajustes à luz dos avanços das problemáticas e o alargamento da documentação disponível, seja pelo aumento das intervenções arqueológicas realizadas em contextos urbanos provinciais, seja pela valorização de dados muito mais diversificados, como os papiros e os ecofactos.

Os centros urbanos são, em alguma medida, a outra face da capacidade produtiva primária de uma sociedade, a qual suporta o crescimento demográfico através dos excedentes que abastecem os mercados citadinos. Dessa forma, o conjunto de indivíduos que não se encontram vinculados às atividades de produção de alimentos, sendo apenas consumidores, conseguem dedicar o seu tempo e energia na criação e especialização de técnicas e manufaturas, as quais terão um papel fundamental no desenvolvimento dos centros urbanos e no aprimoramento tecnológico do trabalho, inclusivamente o agrícola, pecuário ou associado à caça ou pesca, aumentando assim as possibilidades de crescimento demográfico.

Apesar da impossibilidade de desassociar a cidade do território, os centros urbanos foram conhecendo processos de desenvolvimento próprios, um fenómeno intimamente vinculado com o caráter revolucionário dessa experiência humana, como referia Gordon Childe. Nesse sentido, os centros urbanos são, historicamente, um meio bastante profícuo para o estudo da complexificação social através de análises económicas, políticas ou culturais, assim como elementos físicos que materializam os valores éticos e estéticos de uma sociedade, como a evolução urbanística e arquitetónica.

Essa manifestação própria dos centros urbanos tem sido o principal enfoque dos estudos históricos e arqueológicos, especialmente nos contextos a partir da Idade do Ferro, o que permite sistematizar um quadro evolutivo desse fenómeno histórico, caraterizando-se o que teria sido, ideal e dialeticamente, a cidade clássica ou medieval, cristã ou muçulmana, entre outras.

1.2 A multitemporalidade da paisagem urbana

O estudo das cidades do passado sempre apresentou dificuldades na definição dos conceitos que são convocados para explicar as diferentes atividades que nelas eram realizadas. Com efeito, a caraterização de uma dada experiência urbana encerra, necessariamente, dois movimentos opostos: dinamismo e estabilidade, seja a nível espacial ou temporal.

Os centros urbanos são, concomitantemente, um artefacto, um monumento, que reúne em si o resultado das forças produtivas e materiais que uma instituição, uma classe, uma sociedade produziu, mas também um documento, pois possibilita presentemente a análise de determinadas conjunturas e estruturas desses grupos que o idealizaram, construíram, viveram, modificaram e, assim, garantiram a sua preservação (Le Goff, 2013).

As diferentes configurações que um centro urbano possui ao longo do tempo conferem ao mesmo um sentido de espaço e de lugar. Quando levamos em conta os princípios que o ordenam, seja a configuração arquitetónica dos edificados ou dos eixos viários que o limitam, a forma, dimensão e extensão dos elementos construídos, componentes que pressupõem alguma estabilidade, estamos perante uma abordagem do objeto enquanto um lugar, que é sempre de alguma coisa, definida pela sua relação com outras realidades (Thomas, 2001, p. 173), ou mesmo um lugar antropológico, "princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa" (Augé, 2012, p. 51). Ele é também um espaço, seja pela restituição das atividades que nele eram realizadas, seja pelo seu caráter documento/monumento, definido pela prática do lugar, quando se leva em consideração vetores de direção e velocidade e o tempo (Certeau, 1998, p. 202), ou enquanto um espaço

antropológico, cuja expressão de realidade dá-se pela relação que se tem com ele enquanto possibilidade de perceção do mundo (Merleau-Ponty, 1999, pp. 327–400).

Temporalmente, os centros urbanos também apresentam essa dicotomia entre o que avança e o que está parado. A caraterização física de uma cidade, produzida a partir do conjunto de estruturas nela construídas, como ruas, edifícios, praças, habitações, infraestruturas de abastecimento e drenagem, elementos defensivos, entre outros, geralmente instrumentalizada na forma de representações cartográficas, tem por finalidade a apresentação das construções em um momento paralisado no tempo, como a "cidade romana", "cidade medieval", "cidade alto imperial", "cidade dos finais do século III", ou outra qualquer.

Vamos tomar como exemplo o mais famoso monumento da Roma antiga na atualidade, o Coliseu. Após séculos de estudos sobre a Cidade Eterna na segunda metade do século I, é hoje bastante consensual um conjunto de tópicos que concernem à construção do edifício. Em linhas gerais, após o grande incêndio que assolou a capital do império em julho de 64, o imperador Nero aproveitou-se do desterro e da razia das áreas mais afetadas pelo fogo para adquirir os lotes de terra e iniciar as obras da sua habitação palaciana, a *Domus Aurea*, estrutura que contava com dezenas de quartos, salões de jantar revestidos com o maior requinte possível, um lago artificial e uma estátua em bronze do imperador, representado como o deus *Sol*, com cerca de 30m, ao que se somaria mais uns 10m do pedestal, o Colosso de Nero. Essa associação entre o incêndio e a residência imperial teria levado a população a considerar Nero como o causador do fogo, ainda que o imperador insistisse em acusar os cristãos. O clima de acusação e ódio contra o *princeps* teria, então, motivado o seu suicídio, em 68, dando início a um ano bastante conturbado na história política de Roma, conhecido como o ano dos quatro imperadores, devido à sucessão de rebeliões, só sendo estabilizado com Vespasiano e o início da dinastia flaviana. Com a intenção de distanciar a memória de Nero e, ao mesmo tempo, melhorar a sua aceitação com a população romana, o imperador inicia a construção de um imenso anfiteatro, que só foi terminado no governo de seu filho, Tito, onde antes ficava o lago artificial da *Domus Aurea*, transformando-se, ainda, o caráter privado do palácio neroniano num lugar para a fruição pública (Hopkins & Beard, 2011; Woong, 2014).

Apesar das dificuldades, ou mesmo a impossibilidade de se produzir uma análise direta e imparcial sobre o período de Nero, uma vez que toda e qualquer leitura sobre o passado passa pelo crivo das diferentes perspetivas que já se realizaram sobre ele, bem como pelos ideais contemporâneos ao ato da escrita, o que, para os imperadores romanos ou outros personagens ou momentos marcantes e mediáticos do mundo antigo, tem uma atenção acrescida (Faversani, 2014; 2020; & Joly, 2021; Beard,

2021), parece seguro afirmar que, em alguma medida, a construção da *Domus Aurea* conheceu alguma reprovação em Roma. Desta forma, a conversão de parte dela em anfiteatro provocou reações muito distintas. Em primeiro lugar, houve alterações de natureza urbanística bastante imediatas, associadas à habilitação pública de uma importante área da cidade, onde, nos séculos subsequentes, ocorreriam grandes intervenções por parte dos imperadores, como o templo de Vénus e Roma de Adriano, o templo e as termas de Eliogabalo, o arco de Constantino, assinalando-se o fim de uma longa e complexa sucessão de edifícios políticos, jurídicos e religiosos que conformavam o *forum Romanum* e os *fora* imperiais. Contudo, é possível que alterações ainda mais profundas tenham ocorrido a nível social e cultural. De facto, apesar de várias cidades do mundo antigo terem conhecido anfiteatros permanentes, como Pompeia, *Lugdunum* ou *Augusta Emerita*, em Roma essas estruturas possuíam, até o período Flaviano, um caráter provisório, feito em madeira para alguns jogos pontuais que depois eram desmontados. Certamente, essa novidade construtiva na cidade provocou reações bastante impressivas, ao que se somaria ainda o caráter imponente e majestoso do edifício, facto que até hoje tem a capacidade de impressionar os milhões de turistas de todo o mundo que visitam a cidade (Bomgardner, 2000; Hopkins & Beard, 2011).

Portanto, como podemos pensar a temporalidade do Anfiteatro Flaviano, hoje conhecido dominantemente pelo nome que recebeu na Idade Média, *Colosseum*/Coliseu, em referência à estátua de Nero, cuja memória ele tentou apagar? No constante e incessante processo de construção, reforma, ampliação, demolição, destruição, reconstrução, transformação e reconfiguração que um centro urbano como Roma tem experienciado, há quase três mil anos, como são enquadrados temporalmente os edifícios do passado, como o Coliseu, e em que momento? Certamente aquando da sua construção, nos finais do século I. Mas, e quanto à sua permanência na malha urbana da cidade? A sua presença na cidade atual, quase dois mil anos após os governos de Vespasiano e Tito, torna-o nosso contemporâneo. Mas, ainda assim, ele deve permanecer um edifício que remonta à cidade do Alto Império romano e, portanto, completamente distante de nós, numa perfeita alteridade? E, por fim, o que podemos pensar em relação à construção da memória em torno ao anfiteatro flaviano? Mesmo se deixarmos de parte o seu nome "popular", Coliseu, e a direta referência ao que ele tentou apagar, a Igreja Católica conseguiu associar às areias da arena do edifício uma imagem de perseguição e martírio de cristãos no período antigo, da mesma forma que os recursos mediáticos e propagandísticos atuais transformaram os violentos e sangrentos *ludi gladiatorii* em alegres e festivos momentos, que desde 2004, são embalados

pela canção "*We Will Rock You*", da banda britânica *Queen*[6]. Em suma, o Coliseu, enquanto estrutura física e imóvel, um anfiteatro construído nos finais do século I, pertence a qual ideia de cidade e sociedade? Ou quais?

Face às dificuldades de se definir ontologicamente a multitemporalidade da paisagem urbana, diversos investigadores, desde a segunda metade do século XX, têm utilizado a metáfora do palimpsesto para explicar os processos de formação dos centros urbanos de modo a condensar as variáveis temporais e espaciais que as construções encerram, em diferentes níveis e intensidades. Palimpsesto (Montanari, 2015, p. 1525 – s.v. *pálinpsestos*) é uma palavra antiga, formada por dois radicais gregos *pálin*, novamente, e *psáo*/ *psáein,* raspar, gravar, que documenta uma prática de reciclagem de pergaminhos na qual o conteúdo escrito é raspado (ou lavado) de modo a remover a tinta e, dessa forma, permitir a reutilização do material. O recurso ao palimpsesto foi uma atividade largamente utilizada durante a Alta Idade Média no ocidente europeu, uma vez que a obtenção de pergaminhos, feitos a partir da pele de animais, especialmente cabras, ovelhas ou cordeiros, mas também coelhos e esquilos, era mais fácil do que a de papiros, uma planta originária do Próximo Oriente, sobretudo produzida no Egipto, região que se encontrava, à altura, sob o domínio muçulmano. Apesar da crença (real ou aparente) de que o conteúdo original tenha sido removido, em muitos casos, por vezes com recurso a procedimentos tecnológicos mais avançados, é possível recuperar os textos antigos, que permaneciam na superfície dos pergaminhos como "traços fantasmas" (Lyons, 2010; Clanchy, 2013).

A metáfora do palimpsesto assenta na ideia de algo que, embora não esteja visível, por aparentemente não estar presente, encontra-se preservado sob o atual. Esse recurso discursivo foi utilizado pela primeira vez pelo escritor inglês do século XIX Thomas De Quincey (1785–1859), em sua obra *Suspiria de Profundis*, lançada em 1845. Ao refletir como a sucessão de memórias, boas e ruins, são produzidas na mente humana, De Quincey recorre ao palimpsesto como uma metáfora capaz de explicar a preservação de lembranças antigas, apesar da introdução de novas, as quais funcionam como camadas que se sobrepõem sem, contudo, eliminar as mais antigas. Em suas palavras:

> Que outra coisa é o cérebro humano senão um palimpsesto natural e poderoso? Tal palimpsesto é o meu cérebro; tal palimpsesto, ó leitor! é o teu. Camadas eternas de ideias, imagens, sentimentos, caíram sobre o teu cérebro suavemente como a luz.

[6] Referimo-nos aqui a um comercial televisivo da bebida "Pepsi", lançado em 2004, no qual três cantoras de *pop music*, Beyoncé, Britney Spears e Pink, vestidas como gladiadoras, cantam e comovem os espectadores no Coliseu com a música "We will rock you", levando, no decorrer do roteiro, a que sejam distribuídas latas da bebida entre a população (https://www.youtube.com/watch?v=8KsnjwVSjZ4). A imagem dos gladiadores, intimamente ligada à violência, morte, sangue e selvageria, que tanto foi evitada em Roma e, por isso, foi tão tardia a construção de um anfiteatro permanente, encontra-se definitivamente subvertida e associada à redenção, liberdade e emancipação, como acontece no filme *Gladiator*, de 2000, ou na série *Spartacus*, de 2010 (Hopkins & Beard, 2011).

> Cada sucessão parece enterrar todas as anteriores. E, no entanto, na realidade, nenhuma delas foi extinta. E se, no palimpsesto do pergaminho, entre os outros diplomas dos arquivos ou bibliotecas humanas, houver algo de fantástico ou que provoque o riso, como muitas vezes acontece nas grotescas colisões desses temas sucessivos, sem ligação natural, que por puro acidente ocuparam consecutivamente o rolo, mas, no nosso palimpsesto criado pelo divino, o profundo palimpsesto memorial do cérebro, não há nem pode haver tais incoerências. Os acidentes fugazes da vida de um homem, e seus espetáculos externos, podem, de facto, ser irrelacionados e incongruentes; mas os princípios organizadores que se fundem em harmonia, e reúnem em torno de centros fixos predeterminados, quaisquer que a vida possa ter acumulado de fora, não vai permitir que a grandeza da unidade humana seja violada, nem que o seu repouso final seja perturbado na retrospetiva de momentos mortais, ou de outras grandes convulsões (De Quincey, 2019, pp. 51–52).[7]

Nesse momento, os inícios do século XIX, o mundo passava a ser visto como uma sucessão de camadas. O geólogo inglês William Smith começava a produzir os seus estudos sobre a disposição das camadas que formavam o Reino Unido e as associava com os elementos fósseis nelas identificados, diferenciando e relacionando cada uma com um momento evolutivo da ilha (Smith, 1816). Na Arqueologia, esse "mundo visto em camadas" também proporcionou importantes avanços metodológicos através da relação entre os sedimentos e as materialidades arqueológicas e biológicas neles encerradas, cujas aplicações mais imediatas, no campo da Pré-História, romperam completamente com a análise do passado humano à luz de uma cronologia bíblica, reconhecendo uma antiguidade significativa mais recuada para a espécie, como vemos nos três volumes de *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes*, de Jacques Bocher de Perthes (Bocher de Perthes, 1847–1864).

No âmbito da Arqueologia que se encarrega de períodos mais recentes, a introdução de um pensamento teórico mais elaborado sobre a formação das cidades históricas ganhou um grande fôlego

[7] What else than a natural and mighty palimpsest is the human brain? Such a palimpsest is my brain; such a palimpsest, O reader! is yours. Everlasting layers of ideas, images, feelings, have fallen upon your brain softly as light. Each succession has seemed to bury all that went before. And yet in reality not one has been extinguished. And if, in the vellum palimpsest, lying amongst the other diplomata of human archives or libraries, there is any thing fantastic or which moves to laughter, as oftentimes there is in the grotesque collisions of those successive themes, having no natural connexion, which by pure accident have consecutively occupied the roll, yet, in our own heaven-created palimpsest, the deep memorial palimpsest of the brain, there are not and cannot be such incoherencies. The fleeting accidents of a man's life, and its external shows, may indeed be irrelate and incongruous; but the organizing principles which fuse into harmony, and gather about fixed predetermined centres, whatever heterogeneous elements life may have accumulated from without, will not permit the grandeur of human unity greatly to be violated, or its ultimate repose to be troubled in the retrospect from dying moments, or from other great convulsions (De Quincey, 2019, pp. 51–52).

na segunda metade do século XX, fenómeno que se encontrava alinhado com as transformações metodológicas e ao avanço das técnicas de registo dos dados arqueológicos (Martins & Ribeiro, 2009/2010). Os grandes esforços realizados para a reconstrução de diversas cidades europeias, após a II Guerra Mundial, promoveram, especialmente no Reino Unido, grandes questionamentos e renovações no modo como os trabalhos arqueológicos eram realizados, dos quais podemos destacar a constituição de equipas estáveis (Biddle, 1974), a promoção de escavações em área (Barker, 1969) e os novos sistemas para a representação estratigráfica (Harris, 1979).

Esse movimento de afinação dos métodos, técnicas e procedimentos de registo levou à afirmação da Arqueologia Urbana enquanto subárea específica, com problemáticas próprias e desafios bastante latentes, relacionados, por um lado, com as complexidades estratigráficas dos centros urbanos e, por outro, com os intervenientes que atuam nos processos de remodelação das cidades, como moradores, políticos, engenheiros, arquitetos, urbanistas, arqueólogos e grupos defensores dos patrimónios. No que toca às dificuldades dos trabalhos arqueológicos, os complexos processos de formação dos centros urbanos, com cronologias por vezes bastante alargadas e contextos que ora se sobrepõem, ora se recortam, exigem, de facto, um registo bastante pormenorizado dos dados e um conhecimento das materialidades de diferentes épocas (Lemos & Martins, 1992; Folgueira Ríos, 2024).

É nesse momento de alargamento da prática arqueológica em meios urbanos e de debate epistemológico e metodológico sobre a ciência arqueológica que se faz necessário refletir sobre os processos de formação das paisagens urbanas. Se grande parte do trabalho arqueológico passa, invariavelmente, por organizar a sequência estratigráfica e atribuir uma cronologia para os materiais identificados, com o intuito de proporcionar uma datação aos contextos registados, tornou-se imperativo encontrar uma solução conceptual que desse respostas às realidades históricas e materiais encontradas.

As mudanças nos centros urbanos, associadas aos processos de construção, reforma, destruição ou ampliação, deixa marcas e vestígios no subsolo das cidades, documentos que possibilitam a recuperação de antigas formas urbanas e que evidenciam a passagem do tempo a partir da criação de camadas que se sobrepõem sem, contudo, eliminar por completo as pré-existências. Essa sobreposição de cidades foi vislumbrada como um palimpsesto, no qual uma nova realidade ocorre no lugar das anteriores, embora não as remova por completo. Nas palavras de Michael Crang:

> a sucessão de acontecimentos e processos históricos que se acumulam para testemunhar silenciosamente a passagem do tempo – produzindo uma paisagem na qual a história se inscreve como um processo de adição, emenda e perpétua

> alteração (...) como cada época é ultrapassada pela seguinte, ela deixa vestígios e redundâncias, obsolescências e irracionalidades – coisas que ficam como uma marca: o peso do passado ou uma herança, consoante o ponto de vista (Crang, 1996: p. 430).

O sucesso da metáfora do palimpsesto nos estudos sobre os centros urbanos é bastante significativo, tendo sido utilizada por historiadores, arqueólogos, urbanistas, geógrafos entre tantos outros que se dedicam à reflexão sobre a formação, caraterização e desenvolvimentos das cidades, nas mais diversas cronologias (Huyssen, 2003; Khirfan, 2010; *cf.* Bailey, 2007; & Galanidou, 2009; Ashery & Stadler, 2021). Particularmente, a ideia de "passados" encerrados sobre o manto da atualidade, "memórias" preservadas e passíveis de voltarem à contemplação do presente, foi deveras útil e importante para a formulação de planos de ação para a prática arqueológica nos centros históricos e para criar o quadro legal que essas atividades exigem (Lemos, 2006; Martins, 2020).

Apesar de indiscutivelmente importante, a metáfora do palimpsesto para a formação temporal das cidades apresenta limites enquanto abstração da realidade e instrumento de análise dos dados. Esse conceito parte da linearidade do meio físico ao longo do tempo, entendendo a formação histórica dos centros urbanos como um processo de adição com variação topográfica a partir do acúmulo de vestígios de diferentes cronologias. Assim, é perfeitamente aplicável para a os fenómenos de sobreposição de camadas e estruturas, como os enchimentos que colmatam uma construção abandonada ou os diversos níveis de pavimentos de uma rua que foram sendo recobertos com o passar dos anos. Mas, e quanto aos demais casos, aqueles em que a lógica da formação urbanística não se deu por sobreposição, mas por justaposição? Em outras palavras, e quando o mais antigo (ou mesmo antiquíssimo) não está por baixo, mas ao lado ou exatamente no mesmo lugar?

O modo como o mundo físico é contemplado, abstraído e sistematizado pelo nosso cérebro talvez não seja exatamente segundo o palimpsesto de De Quincey. Sigmund Freud, em sua obra O Mal-estar na Civilização/Cultura (*Das Unbehagen in der Kultur*), de 1930, elabora uma analogia entre a realidade física e a mente, na qual ambas são apresentadas histórica e topograficamente e, dessa forma, o acesso às diferentes áreas do cérebro seria realizado à semelhança do trabalho de um arqueólogo[8], de modo que uma cidade não seria "uma morada humana, mas uma entidade psíquica com um passado

[8] No texto "Construções em Análise" (*Konstruktionen in der Analyse*), de 1937, Sigmund Freud retoma a analogia entre o trabalho do arqueólogo e do psicanalista, estabelecendo um paralelo entre os vestígios materiais do passado e os traços reprimidos no inconsciente dos pacientes. A interpretação dos dados arqueológicos a partir de elementos como alicerces, alinhamentos, valas e fiadas de muros, cujos edifícios já se encontram em ruínas, descobertos através da escavação, se assemelharia à construção, feita pelos médicos, das memórias utilizando-se de fragmentos de lembranças, determinados comportamentos ou associações realizadas pelos pacientes (Freud, 1964).

igualmente longo e rico, na qual nada que veio a existir chegou a perecer, na qual, juntamente com a última fase de desenvolvimento, todas as anteriores continuam a viver" (Freud, 2011, p. 6).[9]

Para Freud, a contemplação de uma cidade como Roma leva, necessariamente, a que nos deparemos com uma realidade física onde o tempo e o espaço se apresentam como entidades distintas e um mesmo espaço revela diferentes e sobrepostas temporalidades. Em um de seus exemplos, o médico austríaco faz referência ao já referido Coliseu. Segundo ele, ao contemplarmos o anfiteatro flaviano, podemos igualmente vislumbrar, mentalmente, o que teria sido a *Domus Aurea*, a que ainda podemos acrescentar imagens violentas de leões a devorarem cristãos, gladiadores munidos de espadas, machados e redes a se desafiar ou, incluímos nós, cantoras de *pop music* americanas a cantar *We Will Rock You*. A mente, assim como as cidades, é muito mais dinâmica, e reúne simultaneamente lugares e espaços onde a vida, as memórias e distintas imagens pulsam.

Como podemos representar a multitemporalidade de um edifício, então? Continuaremos com Sigmund Freud mais um pouco. Nas suas conferências psicanalíticas de 1916, o médico austríaco discursava sobre os sonhos, um de seus temas mais famosos e muitas vezes por ele revisitado, e propõe uma analogia geológica para explicar o falso caráter orgânico do sonho latente, que seria, em realidade, constituído pela deformação de outros sonhos. Segundo ele,

> devemos nos abster da pretensão de explicar uma parte do sonho manifesto com base em outra, como se o sonho tivesse sido concebido de forma coerente e constituísse uma representação pragmática. Na maioria dos casos ele é, antes, comparável a uma brecha calcária, que, composta de fragmentos unidos por meio de um cimento natural, forma desenhos que não integravam as pedras que lhe deram origem (Freud, 2014, p. 132).

A analogia utilizada por Freud recorre às brechas, rochas constituídas por elementos pré-existentes que se apresentam em meio a uma matriz mais fina, unidos por um cimento (GEOLEX, s.v. brecha). A formação das brechas dá-se pela fragmentação singenética de diferentes rochas e a sua redeposição por diferentes processos, podendo ser sedimentares, vulcânicas, tectónicas, plutónicas ou

[9] A relação entre a Arqueologia e a Psicologia, apesar de aparecer na obra freudiana, deve ser lida com cuidado. Com efeito, é inegável que Freud tenha sido um entusiasmado leitor de estudos arqueológicos, bem como o seu profundo interesse sobre o passado greco-romano, sendo famosas as suas visitas a Acrópole, em Atenas, e a Roma. Contudo não se pode deixar de realçar o momento em que o médico alemão viveu e o modo como a ciência arqueológica operava na época. Se os temas da Psicologia freudiana podem hoje ser interessantes para se pensar a Arqueologia, não é, em definitivo, pelos paralelos entre as duas ciências, mas por um amadurecimento epistemológico e metodológico de arqueólogos que permite um olhar mais elaborado para as materialidades do passado, já há muito tendo afastado dos seus objetivos centrais a reconstrução de edifícios antigos, compreendendo-se como uma área do conhecimento que é simultaneamente teórica e contextual, não muito afastada da Psicologia, nesse sentido (Thomas, 2011).

pelo impacto de meteoritos (Suguio, 2003). A partir dessa analogia freudiana, a geógrafa Nadia Bartolini propõe a metáfora da brechificação (o processo de formação de brechas) para analisar a formação dos centros históricos. Segundo essa investigadora (Bartolini, 2013, p. 1045), a comparação feita por Freud entre a topografia urbana e a construção dos sonhos fornece, pelo menos, três instrumentos úteis para o estudo das cidades: em primeiro lugar, a ideia de que os sonhos, assim como as brechas, são formados por fragmentos de origens distintas e dissociadas, e "enquanto a estratificação implica um processo ordenado e linear em que a camada sobreposta é mais recente do que a inferior, na brecha, fragmentos de diferentes momentos são reunidos e reordenados, produzindo novos espaços". Em segundo lugar, que esses fragmentos seriam recombinados através de um meio, "a brecha implica que os fragmentos já foram consolidados e estão, portanto, temporalmente congelados [...] no entanto, permanece num estado de possível fluxo e movimento futuro". Em terceiro lugar, a necessidade de uma terceira pessoa que realize a análise dos sonhos para compreendê-los, "na cidade, o mediador passa a ser aquele que, cultural ou individualmente, avalia e trabalha para incorporar os remanescentes na cidade".

Através da metáfora da brechificação, podemos analisar o processo de formação das paisagens urbanas de forma mais eficiente, incorporando os fenómenos de justaposição material, espacial e temporal, que permanecem completamente ocultos quando recorremos ao palimpsesto para explicar, ainda que idealmente, as transformações nas cidades. Não se trata, entretanto, da substituição de uma metáfora por outra, mas do reconhecimento dos limites que ambas apresentam, uma proposta de duas aceções que, cada uma ao seu modo, podem fornecer mais ferramentas para uma análise crítica da diversidade inerente à forma como os centros urbanos são formados e modificados ao longo do tempo, bem como as diferentes maneiras como os patrimónios são preservados e interagem com a sociedade em meio ao cenário de constante transição que as cidades estão expostas (Bartolini, 2014; 2021). Em suma, como as cidades, nas suas mais distintas composições ao longo do tempo, constituem-se monumentos e documentos devido às relações de sobreposição ou justaposição que estabelecem com o seu passado e com o seu presente (Machado, 2024a).

1.3 Cultura material e sociedade

O estudo da relação entre as materialidades e as sociedades que as produziram é, em larga medida, aquilo que define a ciência arqueológica. Como bem argumentou Julian Thomas (2004), a Arqueologia, enquanto ramo científico, é fruto do desenvolvimento intelectual ocorrido entre os séculos XV–XVII, que resultou na constituição da Modernidade enquanto uma importante renovação do pensamento ocidental. Apesar da generalidade das pessoas certamente ter o entendimento que alguns

vestígios do passado podem ainda estar preservados no presente, seja em edifícios que perduram ou em elementos identificados através de escavações, os princípios que definem a Arqueologia, designadamente determinadas ideias sobre a humanidade, tempo e materialidade, só se constituíram a partir do século XVII (Thomas, 2004, p. 4).

Pelo que a documentação permite inferir, a prática de se identificar vestígios antigos, que chamaríamos "arqueológicos", no decurso de atividades que implicam a remoção de sedimentos acontece, pelo menos, desde o século VI a.C. com as escavações no templo de Larsa, por Nabucodonosor II, e o seu posterior restauro por Nabonido, que havia sido construído durante o reinado de Hamurabi, atividade igualmente presente durante a Guerra do Peloponeso quando os atenienses abriram diversas tumbas em Delos e identificam a sua origem cária, devido aos espólio funerários ali encontrados (Schnapp, 1996). Contudo, em nenhum desses casos houve uma vinculação entre a identificação de um contexto, o reconhecimento da alteridade e a construção de inferências possíveis sobre o passado que aqueles materiais revelam.

O primeiro homem moderno surgiu ainda nos finais do século XVI, nos palcos da era elisabetana, pelo bico da pena do dramaturgo William Shakespeare. Ao escrever a peça Hamlet, sobre o jovem príncipe da Dinamarca que identifica a podridão que assola a corte de Elsinore, o Bardo construiu uma personagem singularmente atípica para aquele mundo, alguém a quem a metafísica não afeta, apesar do espetáculo apresentar fantasmas, como é comum para a época, inclusivamente como artifício para silenciar o público e chamar a sua atenção (Bloom, 1998). Naquele mundo deveras regrado, com condutas e futuros predestinados, Hamlet denuncia a sua artificialidade, nega-o e ao longo de cinco longos atos desencadeia uma série de ações que leva a diversas mortes, com dolo ou por acaso, e que acaba com o seu próprio falecimento[10].

O jovem príncipe parece ter sido uma exceção, embora gradativamente a intelectualidade europeia dos séculos XVI–XVII apresentasse mudanças. Alegoricamente, se havia um profundo receio por parte de Copérnico em publicar "Da revolução das esferas celestes" (*De reuolutionibus orbium*

[10] Fazemos especial referência ao mais famoso dos monólogos da peça, presente na primeira cena do terceiro ato:
Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre
Em nosso espírito sofrer pedras e flechas
Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,
Ou insurgir-nos contra um mar de provocações
E em luta pôr-lhes fim? Morrer... dormir: não mais. [...]
quem o sofreria,
Quando alcançasse a mais perfeita quitação
Com a ponta de um punhal? Quem levaria fardos,
Gemendo e suando sob a vida fatigante,
Se o receio de alguma coisa após a morte,
– Essa região desconhecida cujas raias
Jamais viajante algum atravessou de volta –
Não nos pusesse a voar para outros, não sabidos? [...]

coelestium) em vida, no XVI, que veio a se confirmar com as punições sofridas por Galileu, no XVII, por conta de suas ideias sobre o modo como a Terra e o Sol interagiam, cujas censuras só foram levantadas pela Igreja Católica no século XVIII, um quadro completamente distinto se apresenta quando Darwin publica, em vida, "A Origem das Espécies" (*The Origin of Species)*, no século XIX.

Ao longo desse período em que o pensamento ocidental se encontrava em grandes mudanças, a relação com o passado também se alterava ou, pelo menos, intensificava-se. O interesse pelas civilizações antigas alimentou o imaginário da aristocracia europeia, abasteceu os gabinetes de antiquários com objetos do passado e transformou a arquitetura através da emulação ou adaptação de edifícios e programas decorativos às ruínas preservadas. As publicações realizadas pelos eruditos da época evidenciavam uma apreciação estética dos materiais, assim como uma proposta de leitura do passado muito vinculada à afirmação de histórias e personagens locais, bem como ao estabelecimento de uma alteridade com outros povos da mesma época (Piggott, 1976; Miller, 2017; Christian & de Divitiis, 2019).

Só a partir dos séculos XVII–XVIII os objetos do passado seriam entendidos como vestígios de sociedades que podiam ser conhecidas e interpretadas, como elementos de alteridade em relação ao nosso próprio passado e, portanto, documentos que demonstram as transformações sociais de um lugar ao longo do tempo e a diversidade humana. A Arqueologia, enquanto ramo de estudo e ciência, surge nesse momento, e apresenta os materiais arqueológicos como um meio de se conhecer o passado, e não como um legado deixado por nossos antepassados. O *telos* não é mais uma condição pré-determinada e imutável, eventualmente encontrando o fim com um julgamento divino, mas é construído pelas sociedades, seja através da razão, progresso, dialética, evolução, liberdade, vontade ou qualquer outra metanarrativa (ou nenhuma), passando as sociedades a ser vistas como entidades formadas por indivíduos (Latour, 1994; Thomas, 2004; Haidu, 2006).

A emergência da ciência arqueológica deu-se, como vimos, ao fim de um longo processo de transformações sociais, ideológicas e conceptuais que culminaram no advento da Modernidade. Essas mudanças nas sociedades europeias ao longo dos séculos XVI–XVIII provocaram igualmente alterações políticas, resultando na criação e afirmação dos Estados-Nacionais, a escalada dos movimentos revolucionários de caráter liberalista e uma nova configuração das práticas colonialistas, em especial nos continentes africano e asiático (Díaz-Andreu, 2007). Nesse mundo em profundas transformações, em que as forças políticas da Europa buscavam estabelecer as suas raízes e fronteiras através do reconhecimento de um passado comum, que passava, necessariamente, pela identificação da alteridade como forma de afirmação identitária, a produção dos intelectuais refletia os valores e as preocupações

da época. Entre os historiadores, nesse momento são formados os primeiros *corpora* documentais, obras que reuniam os textos antigos através dos quais as histórias nacionais seriam escritas, como são exemplo os *Portugaliae Monumenta Historica*, de Alexandre Herculano, ou os *Monumenta Germaniae Historica*, de Georg Heinrich Pertz e Georg Waitz, assim como as sínteses históricas das Nações que se iam formando nesse período, como a História da Civilização Francesa, de François Guizot, ou a História da Inglaterra, de Thomas Macaulay (Silva, 2013). Por sua vez, os antropólogos, muito marcados pelo darwinismo social, buscavam estabelecer a linha evolutiva da "raça humana" com a identificação de estágios civilizatórios, através dos quais posicionaram as diversas sociedades no mundo, dando um caráter científico ao suposto avanço europeu e o atraso da generalidade dos grupos humanos espalhados pelos demais continentes, elementos que justificariam (ou mesmo determinariam) as práticas colonialistas, imperialistas e eugenistas (Hawkins, 1997).

Com a Arqueologia não foi diferente. O modo como é estabelecida a relação entre a cultura material e as sociedades reflete os anseios e os embates do século XIX, tendo sido marcado por aquilo que se convencionou chamar o paradigma do histórico-culturalismo. No seio desse quadro teórico, o objetivo dos arqueólogos era identificar os grupos ou "culturas" do passado, estabelecendo temporalidades e limites de cada sociedade através dos vestígios materiais por elas produzidos, numa relação direta entre um fenómeno produtivo, como o modo de fazer e decorar cerâmicas, talhar rochas ou construir monumentos e um grupo étnico determinado. A análise dos materiais tinha como finalidade o estabelecimento de tipologias que determinassem a origem e cronologia, prova indelével daquele grupo cultural (Harris & Cipolla, 2017). Um desses exemplos é a chamada "Cultura Castreja", que determina um momento específico da proto-história do norte de Portugal, os séculos finais do I milénio a.C., em torno de povoados amuralhados com casas circulares, cerâmicas de coloração escura e ricas em mica, torques em ouro e estátuas graníticas de guerreiros (Silva, 1986; Almeida & Acuña Castroviejo, 1996/1997).

A criação dessas "unidades culturais" foi importante naquele momento em que as sociedades europeias buscavam construir e afirmar as suas nacionalidades historicamente inscritas em territórios em disputa, de modo que a identificação de um passado grandioso e materialmente preservado servisse bem a esses propósitos e refletisse as preocupações e ideias que estavam latentes. Ao longo do século XX, especialmente na sua segunda metade, o modelo narrativo histórico-cultural não conseguiu dar respostas às mudanças teóricas e conceptuais que a intelectualidade enfrentava para compreender as sociedades do passado. O mundo pós-Segunda Guerra Mundial conheceu um aumento significativo da atividade arqueológica em meio urbano, como já pudemos abordar, mas também uma grande mudança,

especialmente no que toca às antigas colónias, que conhecem importantes movimentos de independência ao longo do século XX, o que trouxe para o debate científico vozes externas à Europa e Estados Unidos, designadamente as vozes dos colonizados (Loomba, 1998; McLeod, 2000).

O que se questionava era a capacidade do histórico-culturalismo poder explicar os processos de mudança cultural, fenómeno recorrente tanto no estudo das cidades históricas europeias como na descolonização nos outros continentes. Ao estabelecer as unidades culturais como entidades individuais e com fronteiras bem marcadas, os arqueólogos, *grosso modo*, atribuíam as mudanças a eventos de difusão, associados à movimentação de pessoas com práticas culturais e produtos distintos. Essa explicação era insuficiente, pois dificilmente dava conta das motivações que levavam às movimentações ou da forma como as diferentes "culturas" surgiam (Harris & Cipolla, 2017). Os estudos pós-coloniais, em particular, mostraram como a hipótese difusionista não era capaz de dar respostas às interações entre grupos diferentes, fosse por potenciar um discurso instrumental, preconceituoso e estereotipado dos outros povos (Said, 1990; 1993), com reflexos na produção material, fosse porque a observação das práticas de resistência e enfrentamento ou de integração e negociação dos povos conquistados e colonizados permitia perceber a existência de estratégias de preservação e rejeição de ideias, práticas e valores de forma ativa e/ou passiva, o que forneceu fundamentos para o debate antirracista (Fanon, 1964; 1965; 1986).

A incapacidade do modelo histórico-cultural produzir respostas satisfatórias sobre os fenómenos de mudança nas sociedades do passado, diante de um mundo contemporâneo profundamente marcado por transformações, conduziu a um novo modo de olhar e pensar as relações entre a cultura material e as sociedades. Esse movimento levou à constituição daquilo que chamamos Arqueologia Processual, um modelo que buscava *explicar* o passado a partir dos vestígios materiais e não apenas a sua identificação e classificação. Entendendo as sociedades alegoricamente como sistemas compostos por diversos subsistemas, como economia, política, cultura, etc., os arqueólogos processualistas analisavam os materiais a partir de suas caraterísticas técnicas, formais, conceptuais, decorativas, entre outras, com o objetivo de compreender as expressões materiais dos processos de adaptação e mudança das sociedades, dotando a disciplina arqueológica de um caráter científico positivista, aberto à interação com outras áreas científicas capazes de contribuir para a recuperação dos dados de natureza ambiental, indispensáveis para compreender os processos de adaptação dos grupos humanos e os determinantes da mudança, que passou a ser encarada como endógena (Binford & Sabloff, 1982; Harris & Cipolla, 2017). Se os histórico-culturalistas conseguiram produzir grandes sínteses tipológicas, cronológicas e geográficas, com suposto valor cultural, sobre os materiais

arqueológicos, os processualistas aprofundaram esse conhecimento a partir dos quadros evolutivos dos objetos, a nível técnico (cadeias operatórias) e decorativo, e buscaram compreendê-los a partir da sua interação com o meio e as atividades humanas. Os materiais passam a constituir documentos capazes de produzir explicações sobre as sociedades, sua génese, natureza, transformação e dissolução.

Contudo, a segunda metade do século XX não foi apenas marcada pelos embates pós-coloniais, mas também por profundas mudanças internas nas sociedades de todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos e Europa. Os chamados *baby boomers*, pessoas nascidas no pós-Segunda Guerra Mundial, momento em que a taxa de natalidade cresceu exponencialmente, uma vez que atingiram a juventude e maioridade, nos finais da década de 1960 e inícios de 1970, travaram importantes lutas e reivindicações nas mais diversas áreas da sociedade. Os exemplos são muitos, mas podemos destacar a chamada segunda onda feminista, particularmente associada à forte popularização do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, onde a autora realiza uma importante leitura da construção social do feminino a partir de uma ótica existencialista, fortemente influenciada por Jean-Paul Sartre; a revolta de *Stonewall*, que marca o início das lutas pelos direitos da população LGBT; os movimentos de contracultura sobre a liberdade sexual e o uso de drogas recreativas, tendo o festival de *Woodstock* como um grande símbolo; o movimento dos direitos civis de negros nos Estados Unidos, com figuras como Martin Luther King Jr., Rosa Parks e Angela Davis; assim como o aumento do uso político das ideias marxistas, que promoveram grandes movimentos revolucionários, como a Primavera de Praga, a Revolução Cubana, a Revolução Cultural Chinesa, ou o Maio de 68, na França, tendo todas essas atividades e reflexões conhecido um papel central da juventude da época, especialmente associadas aos sindicatos e universidades, nas quais igualmente os movimentos de lutas e reivindicações se fizeram presentes, como nas Crises Académicas de 1962, 1969 e de 1972, em Portugal, ou a de 1965, no Uruguai (Kurlansky, 2004; Chaplin & Mooney, 2018; Maxwell & Shields, 2018; Capela & Nunes, 2019; Lvovsky, 2021; McAdams & Monta, 2021).

O mundo que emergiu após os horrores da Segunda Guerra Mundial, particularmente o Holocausto da Alemanha nazi e as bombas atómicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, não foi o mesmo que o precedeu. A crença que antes havia de que o desenvolvimento técnico e racional levaria a uma sociedade melhor, livre das amarras religiosas e do medo da natureza, sucumbiu face ao genocídio, ao urânio e ao plutónio. A dessacralização dos princípios que regulavam a vida e o espírito, face ao avanço tecnológico e à racionalização e burocratização do Estado e das relações interpessoais, não produziu a liberdade, fraternidade e igualdade esperadas, nem a iluminação pretendida, mas o totalitarismo, o terror e a mal banalizado (Arendt, 1989; 1999; Adorno & Horkheimer, 2014). Como

anunciava o crítico de cultura Theodor Adorno, em 1949, "escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro" (Adorno, 1998, p. 26).

A Razão, um dos mais importantes postulados filosóficos, aquela que estabelecia um caminho para o pensamento e a ação, já não era uma métrica ou um instrumento confiável, assim como qualquer outra proposta de metanarrativas para explicar o mundo na sua totalidade (Horkheimer, 2002; Lyotard, 2009). Isso levou a dois movimentos intelectuais importantes. Por um lado, ao desenvolvimento de análises a diferentes escalas, como os estudos fenomenológicos, a vida quotidiana ou a micro-história e, por outro, a uma busca por maiores contactos entre os diferentes ramos científicos, produzindo significativos quadros transdisciplinares, a exemplo daqueles que resultaram nas chamadas viradas linguística e espacial (Clark, 2004; Martins e Silva, 2019; Nealon, 2021).

As décadas que sucederam à Segunda Guerra Mundial conheceram um enorme avanço tecnológico, fruto dos maciços investimentos realizados durante o conflito bélico que depois se converteram em aprimoramentos das capacidades computacionais, comunicativas, ou médicas, bem como a um desenvolvimento económico significativo, fortemente impulsionado por outra grande disputa que se acirrava e dividia o mundo em dois grandes blocos, com a Estados Unidos e a Europa de um lado e a URSS do outro (Cairncross & Cairncross, 1992; Hughes & Hughes, 2000). A Guerra Fria, com a disputa entre o bloco capitalista e o socialista, moldou as sociedades ao longo das décadas centrais do século XX, seja pelas demonstrações de superioridade de um em relação ao outro, como na corrida espacial ou na produção cultural, seja na sempre presente tensão sobre o poderio bélico que as potências da época construíam e demonstravam com os testes de bombas atómicas, ainda mais poderosas do que as lançadas sobre o Japão, ou ainda nas crises diplomáticas que anunciavam um possível enfrentamento, a exemplo da instalação de mísseis na Baía dos Porcos, em Cuba (Chertok, 2009; Bryan, 2018).

Outra corrente filosófica originária do pensamento do século XIX que se desenvolveu politicamente no século XX, com grandes repercussões na epistemologia ocidental e na Filosofia da Ciência, foi o anarquismo. O pensamento anarquista, entretanto, é mais antigo, podendo ser identificado ao longo de toda a História Intelectual do Ocidente, de que é exemplo o *Discurso da Servidão Voluntária*, do filósofo francês do século XVI Étienne de La Boétie (1999), ou, segundo Potr Kropotkin (2011), no espírito de cooperação e apoio mútuo que marcou, ao longo de séculos, a forma como o trabalho e a luta pela sobrevivência foram realizados por massas populares anônimas. Será, contudo, no século XIX que essas ideias e práticas seriam reunidas num pensamento político e numa proposta de sociedade. Não sendo o nosso objetivo revisitar, a fundo, as origens do anarquismo enquanto movimento político,

gostávamos apenas de ressaltar o importante contributo teórico de Pierre-Joseph Proudhon (1986), cuja obra revela, de modo ímpar, as inquietações com o socialismo de Marx, com que rompeu em 1845–6, e, sobretudo, a negação da propriedade privada e do acúmulo de capital, o que lhe conduz a produzir duras, e por vezes muito apropriadas críticas ao Estado e à religião, especialmente aos contornos políticos e institucionais da Revolução de 1789, que, para ele, gerou mais autoridade do que igualdade ou liberdade, o que fica particularmente visível em sua obra pós Revolução de 1848 (Resende & Passetti, 1986). Diferentemente de Proudhon, que preferiu tomar uma posição de enfrentamento por palavras, tendo sido eleito deputado para a Assembleia Nacional e preso no ano seguinte, em 1849, pelos seus ataques a Luís Bonaparte, a posição de Mikhail Bakunin, outro "pai" do anarquismo, é significativamente distinta. O filósofo russo envolveu-se em vários dos levantes que marcaram os movimentos revolucionários de 1848 (*i.e.*, a Primavera dos Povos), designadamente em Alemanha, Polónia e República Checa, até ser capturado em Dresden e enviado para a Fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, onde permaneceu preso por anos (Bakunin, 1984).

Já no século XX, no lastro de um longo debate sobre a ciência, particularmente associado à Filosofia da Ciência, chegou-se a uma proposta disruptiva e bastante interessante, o anarquismo epistemológico. O início desse percurso pode ser identificado pelas ideias de Karl Popper, um filósofo austríaco que, apesar de ter iniciado a sua carreira na década de 1930, as suas principais obras só foram produzidas a partir de 1960. A proposta popperiana, o racionalismo crítico, parte de uma tentativa de afastamento em relação às ideias positivistas, pelo que o filósofo rejeita o princípio de conhecimento acumulado como comprovação de hipóteses e coloca a falseabilidade das teorias como necessidade epistemológica, o que torna todo o conhecimento provisório, refutável e corrigível (Popper, 2008a; 2008b). Contrariamente, podemos destacar a proposta historicista da ciência de Thomas Kuhn, para quem a evolução do conhecimento científico, imerso na dualidade entre o formalismo universal e o historicismo que marca a ação dos cientistas, representa o avanço do conjunto de ideias que constituem as bases do pensamento numa época, o corpo harmónico de estudos que formam os paradigmas, os quais serão alterados conforme os casos que o contradizem exigirem novas abordagens teórico-metodológicas (Kuhn, 2012; 2018).

A publicação do livro *A estruturas das revoluções científicas*, de Thomas Kuhn (2018), em 1962, foi um marco para a História e Filosofia da Ciência. Tanto o foi que, em 1965, no âmbito do Seminário Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado no Bedford College, em um dos dias do referido simpósio foram reunidos grande pensadores da época com o objetivo de discutir a obra kuhniana, cujos resultados foram vertidos para a obra *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*,

organizado por Imre Lakatos e Alan Musgrave (1979). Um dos participantes nesse bloco do Seminário Internacional foi um dos mais radicais opositores das ideias de Thomas Kuhn e Karl Popper, que dirigiu os debates. Trata-se do filósofo austríaco Paul Feyerabend, cuja obra principal é o livro *Contra o método*, cujo subtítulo exprime bem o seu caráter disruptivo, designadamente *Esboço de uma teoria anarquista do conhecimento*. As ideias de P. Feyerabend (1977; 1979; 1987), centradas no conceito de anarquismo epistemológico, rompem com os postulados popperianos e kuhnianos, no momento em que advogam pela completa rejeição de suas propostas teóricas e metodológicas para a ciência. Em relação à teoria, Feyerabend discorda do modelo kuhniano baseado na sucessão de paradigmas longos, por momentos revolucionários curtos, pois a contradição da "harmonia" das ideias que constituem um modelo teórico está presente, a todo o tempo, ao longo do período vital desse paradigma. Nesse sentido, a falsa ideia de homogeneidade apresentada pelos paradigmas estaria assente na seleção de perspetivas teóricas e conceptuais que concordem com a proposta, o que, para Feyerabend, seria um erro, pois é a pluralidade de pontos de vistas que possibilita a validação ou refutação das ideias e o progresso do conhecimento. No que toca ao método, o filósofo austríaco alega que as grandes revoluções científicas se deram pelo rompimento com os modos "tradicionais" de conduzir as investigações, com exemplos como Copérnico, Galileu ou Kierkegaard. Em última estância, Feyerabend argumenta que a ciência, sempre que necessário, deve subverter os postulados teóricos e metodológicos, mas também racionais, apropriando-se, assim, de tudo o que tiver à sua disposição, por mais contraditório, incrédulo ou não-científico que pareça[11].

Esse mundo da segunda metade do século XX era, em suma, significativamente mais avançado tecnológica e comunicativamente, configurando-se como um verdadeiro caldeirão em ebulição de lutas e reivindicações, caraterísticas que repercutiram e moldaram o modo como as ciências, as artes e a filosofia eram realizadas. Na Arqueologia, isso resultou em duas abordagens. Uma delas, já referida, conhecida como Arqueologia Processual, vai tirar partido dos avanços tecnológicos e a aproximação entre diferentes campos científicos para desenvolver um pensamento sistémico e funcionalista das sociedades do passado, evidenciando os processos de mudança social, política e económica e a adaptação ao meio natural.

O modo como os processualistas analisam o registo arqueológico foi bem definido por Alessandro Guidi, para quem:

[11] Para além das relações académicas entre Imre Lakatos e Paul Feyerabend, os dois filósofos também mantiveram uma amizade por décadas. Essas duas facetas dos dois, tanto a profissional como a pessoal, podem ser observadas numa interessante conversa fictícia que poderiam ter tido, a partir da idealização de Matteo Motterlini, e que foi publicada, em 1999, numa obra com um título igualmente interessante*: A favor e contra o método* (For and Against the Method, Lakatos & Feyerabend, 1999). Para além desse diálogo, o livro reúne ainda a troca de correspondência entre Lakatos e Feyerabend, entre 1968 e 1974, e alguns textos de Lakatos, documentos utilizados por Motterlini para constituir a base da conversa entre os filósofos.

> existe um componente arqueológico, do qual fazem parte a herança de Childe, a abordagem económica de Grahame Clark e a abordagem conjuntiva americana; um componente antropológico, no qual confluem a tradição funcionalista com aquela neo-evolucionista americana, caracterizada por uma concepção gradual das mudanças culturais; uma componente filosófico-científico, que desenvolve elementos do positivismo, como a adoção do método hipotético-dedutivo de Hemel, mas inclui também a utilização da teoria dos sistemas e alguns elementos da cibernética; enfim, uma componente matemático-estatística que busca transformar os dados empíricos da arqueologia tradicional em indicadores quantitativos (Guidi, 1988, pp. 160–167 *apud* Ceserani, 2020, pp. 354–355).

Nesse sentido, as materialidades arqueológicas aparecem como importantes indicadores dos vários subsistemas que estão inseridas, cuja análise possibilitaria a compreensão das mudanças e permanências do sistema cultural. Cultura, para os processualistas, é definida pelos modos de adaptação extrassomáticos dos seres humanos (White, 1959), o que leva à apreciação dos artefactos enquanto indicadores da forma como as sociedades e os seus grupos de indivíduos se relacionam com o meio. Um objeto opera dentro do subsistema que a ele pertence, que pode ser o técnico, social ou ideológico, cujas alterações permitem inferir mudanças nos subsistemas a que se remetem, revelando as complexidades dos sistemas culturais (Binford, 1962).

Já a chamada Arqueologia Pós-processual estruturalista, vai utilizar, em grande medida, as discussões filosóficas e linguísticas, que tiveram lugar especialmente na década de 1960, para refletir sobre as estruturas e as especificidades de cada sociedade, grupo ou classe, buscando compreender os modos únicos de ser humano em diferentes lugares e momentos (Harris & Cipolla, 2017). Os pós-processualistas acreditavam que a proposta positivista processualista reduzia a realidade a uma única possibilidade, mascarando a pluralidade e a diversidade dos grupos humanos. Nesse ponto de vista, essa abordagem procura evidenciar aquilo que há de *sui generis* no modo como determinadas sociedades resolveram certos fenómenos, tirando partido de uma leitura do passado que não exclui outras leituras possíveis, mas estabelece um efeito do real, uma afirmação verossímil sobre os fenómenos analisados e que aceita outras formas de se questionar os vestígios (Barthes, 1984; Hodder & Hutson, 2003). A perspetiva pós-processual alterou igualmente a forma como a cultura material é analisada. Se definirmos a "cultura material" como um segmento do meio físico que é apropriado,

modificado, transformado e imbuído de valores, sentidos e usos pelas sociedades, temos, pois, duas importantes vertentes do estudo das materialidades arqueológicas: a física e a simbólica (Meneses, 1983). A Arqueologia pós-processual será aquela que dará uma ênfase maior à análise das propriedades culturais e simbólicas dos artefactos.

Apesar de estabelecerem perspetivas completamente diferentes sobre o modo como a análise das materialidades do passado devem ser observadas, a prática e a reflexão arqueológica não trabalham propriamente com a escolha de uma e o completo abandono das demais. Na verdade, o estudo dos materiais passa, quase necessariamente, por uma abordagem tipológica, que estabelece lugares e cronologias para os objetos, mas também por uma análise técnica e funcional, assim como social e simbólica, ainda que em diferentes níveis. Essas diferentes e, em alguns pontos, antagónicas formas de se pensar e analisar a cultura material e as sociedades do passado, parecem evidenciar uma certa maturidade da ciência arqueológica, que conseguiu reunir um conjunto diversificado, plural, adaptativo, contrastante e complexificado de abordagens, bases teóricas, técnicas analíticas e quadros interpretativos, com o objetivo de analisar e inferir afirmações sobre as sociedades e as suas produções materiais (Hodder, 2001; Lima, 2011)[12].

O reconhecimento de valores e ideias positivas e úteis nos aparatos teóricos e metodológicos de processualistas e pós-processualistas e a tentativa de unir essas duas perspetivas está na base da proposta simétrica. Com base nos estudos de Bruno Latour (2004), a Arqueologia Simétrica procura pôr fim à divisão entre "natureza" e "sociedade", entre o "natural" e o "humano", ou, mais especificamente, entre "as coisas como são" e a "representação que os humanos fazem delas" no discurso arqueológico (Neumann, 2012). A simetria entre "coisas" e "pessoas" advoga pela impossibilidade de se depreender o humano do material, e vice-versa, o que poria fim às divisões entre as Ciências Humanas e Naturais, abrindo o campo de análise e interpretação em Arqueologia para a abordagem ideológica ou materialista, sem perder o seu par binomial, inserido na virada pós-humana, que deixa de se apresentar como um oposto ontológico, mas sim como parte indivisível do conjunto a que se refere (González Ruibal, 2007; Webmoor & Witmore, 2008).

2 Periodização, temporalidade e duração

A divisão do tempo em períodos históricos proporciona uma apreciação e leitura linear dos acontecimentos históricos, ao passo que limita, em alguma medida, a análise de determinados

[12] Contrariamente a essa ideia de Ian Hodder sobre a maturidade da ciência arqueológica, Michael Schiffer (2000) acredita que essa multiplicidade de perspetivas esteja a levar à desintegração da Arqueologia enquanto área científica.

fenómenos. Esse caráter duplo da periodização vem sendo denunciado, pelo menos, desde a primeira geração da *École des Annales*, cujos membros buscavam uma reavaliação crítica da documentação, a interdisciplinaridade e perspetivas originais na investigação histórica, promovendo, assim, uma abordagem do passado e da evolução das sociedades verdadeiramente inovadora para a historiografia da época.

Com efeito, a produção historiográfica ao longo dos séculos XVIII e XIX teve como enfoque as dinâmicas políticas, especialmente associadas à macropolítica, e económicas que marcaram as transformações das sociedades europeias ao longo do tempo. Com esse sentido, grandes obras foram produzidas, como o *Declínio e Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon (2014), de 1776–1788, ou *A Civilização do Renascimento na Itália*, de Jacob Burckhardt (1983), de 1860, nas quais os autores abordaram a antiguidade romana e a modernidade italiana, respetivamente, como um momento histórico revestido de caraterísticas que os tornam absolutamente únicos, inteiros e sobejamente distintos dos que os antecederam ou sucederam.

A produção historiográfica dessa época sobre a Idade Média confere a esse momento da história europeia um caráter negativo, associado a um suposto retrocesso civilizacional em relação ao passado greco-romano, cujas glórias seriam retomadas através do renascimento da cultura clássica com o advento de um novo período, a Modernidade. Essa perspetiva depreciativa do Medievo é reconhecida desde, pelo menos, o século XIV, quando Francesco Petrarca (1304–1374) o classifica como uma era obscura, *tenebrae*. Segundo Theodor Mommsen (1942), o poeta italiano acabou por fundar um período histórico, a Idade Média, sem que essa fosse a sua intenção, já que em seus textos Petrarca afirmava a existência de apenas dois momentos na História, a Antiguidade, de *Romulus* até o seu declínio (que, para o autor, seria ao fim da dinastia Flaviana), e a Modernidade, o seu próprio tempo, existindo no meio um obscuro hiato.

Seria apenas no século XIX, com o movimento romântico, que uma visão positiva da Idade Média seria criada. O Romantismo, *grosso modo*, pode ser definido como uma reação ao modernismo, especialmente ao processo de industrialização, que produziu alterações significativas com a intensificação da migração da população do campo para a cidade, e ao desenvolvimento da sociedade capitalista, marcadamente racional, quantificada e mecanizada (Löwy e Sayre, 1995, pp. 9–28). Em diversos campos artísticos e científicos, esse sentimento de recuperação de um passado que se esvai pelo avanço modernista e o desprezo pelo racionalismo leva a uma busca pela recuperação da ordem social da cristandade medieval, identificando-se nela grande parte da génese dos povos europeus modernos (o *Volk* alemão), resultando em obras como os *Discursos sobre a Religião* (1799, 1806 e

1821), do filósofo Friedrich Schleiermacher, *Ode: Intimations of Immortality* (1802), do poeta William Wordsworth, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), do escritor Johann von Goethe, *Os Burgueses de Calais* (1889), do escultor Auguste Rodin, *Carnaval* (1834–1835), do compositor Robert Schumann, entre muitas outras, cujo ponto em comum é uma nova proposta estética, que se desprendesse do racionalismo classicista, iluminista e, principalmente, modernista (Guinsburg, 2002).

Enquanto movimento com expressão em todas as áreas da sociedade, a perspetiva romântica também influenciou os historiadores da época e produziu um novo olhar sobre a Idade Média, a qual, gradativamente, deixou de ser as Trevas que o Renascimento e o Iluminismo viam, mas um período de importância ímpar para a constituição dos reinos europeus, especialmente com os levantes nacionalistas, assim como um poderoso instrumento para a restituição das fronteiras "nacionais" no Congresso de Viena, em 1815, após a dissolução das conquistas napoleónicas do Império Francês. No caso francês, soma-se ainda um sentimento de perda provocado pelas destruições de monumentos e arquivos encetadas pela revolução de 1789 (Amalvi, 2002, pp. 537–550).

O século XIX, portanto, foi o palco de profundas transformações na forma como o passado foi contemplado e recebido, em especial o medieval, concomitantemente às mudanças epistemológicas das ciências históricas, com um avanço significativo para a estruturação da História como um domínio de saber positivo (Silva, 2001a, p. 59). Nesse contexto, foram organizadas coleções monumentais de documentos, como o *Portugaliae Monumenta Historica* (1856–1877), de Alexandre Herculano, a *Patrologia Latina* (1844–1855) e *Graeca* (1857–1866), de Jacques-Paul Migne, os *Monumenta Germaniae Historica* (1826–1886), de Georg Heinrich Pertz e Georg Waitz, as *Rerum Britannicarum* (1858–1911), com a direção do Master of the Rolls do Reino Unido, o *Corpus Inscriptionum Latinarum* (1853–presente), inicialmente dirigido por Theodor Mommsen, atualmente pela Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften. A historiografia também sofreu grandes alterações, através de autores como Leopold von Ranke (1795–1886), Augustin Thierry (1795–1856), Jules Michelet (1798–1874), François Guizot (1787–1874), Thomas Macaulay (1800–1859), historiadores cujas obras contribuíram para uma renovação científica da História, assim como para um reposicionamento do período medieval, particularmente a História da França (4 vols., 1833–1840), História da Civilização Francesa (4 vols., 1840–1884) e História da Inglaterra (5 vols., 1848–1861), dos três últimos, respetivamente (Silva, 2013, p. 86–87).

Apesar de todas as mudanças epistemológicas, a historiografia do século XIX ainda estava limitada por algumas conceções das produções que a antecederam, sobretudo a crença de que a ação política era, por excelência, o motor do desenvolvimento histórico das sociedades, cujas grandes ruturas

institucionais marcavam a passagem de um período a outro. Seria apenas na década de 1930 que jovens estudantes, em Paris, romperiam com essa tradição, através de uma série de publicações na então criada revista acadêmica *Annales d'histoire économique et sociale* (1929–1939), organizada por Marc Bloch e Lucien Febvre, iniciando, assim, um movimento de renovação teórica da História, hoje referido como a Escola dos *Annales* (Silva, 2001a, p. 66).

No centro das transformações que os *Annales* trouxeram está o abandono de uma temporalidade única e absoluta dos acontecimentos históricos e a formulação de múltiplas temporalidades para os fenómenos históricos, cuja presença ou ação numa sociedade acontece de forma independente, ainda que interrelacionados com outros fenómenos com as suas próprias dimensões temporais. Em outras palavras, ou em consonância com os avanços nas Ciências Naturais e a Filosofia, o tempo "absoluto", postulado por Isaac Newton, ou "apriorístico", afirmado por Immanuel Kant, que é puro, estruturalmente uniforme, imutável e eterno, dá lugar a uma nova noção temporal, sintetizada por Albert Einstein, que estabelece uma aceção relativa do tempo, afirmando que as suas propriedades não são autodeterminadas e invariáveis, mas está condicionado pela distribuição dos objetos materiais, suas relações e movimentos (Cardoso, 1988, pp. 27–30). Nesse sentido, os *annalistes* incorporaram em seus estudos a noção de temporalidades múltiplas para os fenómenos históricos, ao mesmo tempo que retiraram da História Política a exclusividade que antes tinha na compreensão das mudanças das sociedades. As disciplinas históricas passaram a operar com uma gama muito mais ampla de fenómenos, sejam eles ideológicos, económicos, sociais, religiosos, formas de pensamento, tipos de mentalidade, substituindo a linearidade absoluta do tempo pela disposição sistemática da descontinuidade das séries temporais (Foucault, 1976, pp. 57–58).

Essa nova conceção teórica do tempo histórico foi demonstrada ainda antes da inauguração da *revue des Annales*. Marc Bloch, em 1924, poucos anos após o fim da Primeira Guerra Mundial, onde o historiador lutou na infantaria francesa[13], publicou um estudo intitulado *Os reis taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra* (1998), onde a proposta era analisar o surgimento, desenvolvimento e fim da crença que os reis franceses e ingleses teriam de curar as escrófulas através do toque. Destarte, era uma inovação na historiografia ao se tratar de um tema considerado pequeno, marginal ou mesmo um não-objeto de estudo, seja pelo caráter geral do fenómeno religioso, seja pela prática sobrenatural e supersticiosa da cura pelo toque real, mas era igualmente a inauguração de um novo modo de se pensar o tempo histórico, uma vez que essa prática, que se iniciou cerca do ano mil

[13] As relações entre a participação de Marc Bloch na Grande Guerra e a sua inspiração para escrever Os Reis Taumaturgos foram exploradas por Jacques Le Goff no prefácio da edição de 1983 do livro, assim como a influência dos medievalistas alemães em sua passagem pela Universidade de Estrasburgo e ainda o irmão médico do historiador.

em França, com o capetiano Robert II, o Pio, e um século depois em Inglaterra, sob o normando Henry I, mantendo-se até o reinado do bourbon Charles X, nos inícios do século XIX e, no além-Mancha, nos finais da centúria anterior, sob os Stuarts, com James II.

Muito além do mero prolongamento no tempo, Marc Bloch procurou demonstrar como a crença do milagre régio e a sua descendência dinástica esteve no centro dos argumentos que associavam os reis franceses e ingleses a uma realeza sagrada que se manteve com essa caraterística ao longo de sete séculos e sustentavam, em alguma medida, as coroas diante à população. Esse fenómeno, que reunia em si aspetos religiosos, mágicos, medicinais e também políticos, que se iniciou em pleno período medieval, sobreviveu às mudanças sociais e ideológicas que marcaram o Renascimento, ou a Idade Moderna, resistindo mesmo à Revolução Francesa, de 1789, de modo que o historiador conseguiu demonstrar como a clássica divisão do tempo histórico entre Medieval e Moderno, que encontrava no século XV o momento de viragem, não significa a transformação completa de todos os fenómenos, atividades e ideias que conformavam a sociedade do mil e quatrocentos, muitos dos quais possuíam outras temporalidades, que se prolongaram por séculos depois, como o toque das escrófulas. Essa cerimónia, que podemos associar a práticas rituais e, particularmente, mágicas, é quase tão antiga na coroa britânica quanto a "santificação" do regente durante a coroação, através da unção com óleos, prática iniciada pelo rei Edgar, em 973, e que se manteve praticamente inalterada durante mil anos, tendo sido realizada aquando da coroação do rei Georg VI, em 1937, e de sua filha, a rainha Elizabeth II, em 1953 (Strong, 2006), assim como pelo mais recente monarca da coroa britânica, o rei Charles III, em 2023[14].

Paralelamente ao estudo sobre o poder taumatúrgico dos reis, Bloch também se dedicou a outros temas relacionados com o período medieval, dentre os quais destacamos a obra *A Sociedade Feudal*, de 1939–1940, publicada em dois volumes. Nesse trabalho, o autor realizou uma profunda análise da formação do sistema feudal e das condições materiais e mentais das sociedades durante a Idade Média, abordando aspetos económicos, religiosos, culturais e os costumes dessas populações (Bloch, 1982). Apesar do feudalismo não ser uma novidade *per se* na historiografia sobre o período medieval, a grande inovação que Bloch trouxe ao trabalhar esse tema foi o rompimento definitivo da visão que o limitava aos aspetos económicos, restritos aos feudos (*feodalis*), mas como um sistema que dá forma e conteúdo à sociedade medieval, que é produto e produtor de relações jurídicas, políticas e

[14] Vale relembrar que aquando da coroação de Elizabeth II esse momento da cerimónia foi o único a não ser televisionado, o mesmo tendo acontecendo recentemente, na cerimónia de coroação de Charles III. A unção dos óleos, do ponto de vista religioso, é o momento principal da coroação de um monarca britânico, quando o seu corpo é revestido de caráter divino. Essa importância permanece até hoje e tem sido bem sinalizada, nas duas últimas cerimónias (1953 e 2023) atráves do secretismo que é envolvida.

ideológicas através das quais reis, nobres, guerreiros, cavaleiros, servos, vilãos, burgueses e clero se encontravam entrelaçados na rede social.

Antes de avançarmos, convém ainda realçar mais um pormenor da produção científica de Marc Bloch. Entre 1940 e 1943, o historiador começou a redigir um ensaio, chamado *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*, o qual ficou incompleto devido à morte do autor, por fuzilamento, em 1944, enquanto franco-atirador da Resistência Francesa, na Segunda Guerra Mundial, cabendo a Lucien Febvre publicá-lo postumamente, em 1949. Essa obra, para além de seu valor epistemológico nas ciências históricas e reflexivo do trabalho e papel do historiador, abre caminhos para uma ampliação do escopo documental disponível, promovendo a utilização de vestígios mais diversificados como forma de se aprofundar nas análises do passado ou mesmo aceder a novos objetos de estudo, da mesma forma que dinamiza o diálogo entre as diferentes áreas científicas ou do saber, como exemplifica ao afirmar que para além do "levantamento das crônicas ou dos documentos, o nosso conhecimento das invasões germânicas depende da arqueologia funerária e do estudo dos nomes de lugares" (Bloch, 2002, pp. 80–81).

No que toca à rutura com a periodização única e linear, o sucessor de Febvre na direção da *Annales* e seu ex aluno, Fernand Braudel, realizou uma sistematização das diferentes temporalidades a que os fenómenos históricos estariam submetidos. Nesse estudo, o *annaliste* propôs três níveis temporais, a) a história tradicional ou de curta duração, associada aos eventos e indivíduos; b) a nova história económica e social ou de conjuntura, que apresenta uma duração média, geralmente medida em décadas, e busca compreender os ciclos e; c) as estruturas ou de longa duração, que conhecem afinidades entre gerações e se articulam, de modo mais ou menos estável, durante séculos. Acrescenta, ainda, um quarto nível, também chamado Geohistória, significativamente mais amplo que o estrutural, ao colocar o espaço como objeto de estudo (Braudel, 1969) e analisar os processos de reprodução ou transformação dos locais escolhidos pelos grupos humanos para habitarem, tendo por base elementos como a implantação, desenvolvimento, expansão, partilha, complementaridade e desagregação nas suas relações com outros grupos (Ferreira, 1998).

As décadas seguintes viram ainda o aprofundamento dessas novas temporalidades aplicadas à investigação histórica, que incidiram, especialmente, na restituição da vida de determinados indivíduos ou grupos, não necessariamente pelo seu caráter extraordinário, como era habitualmente realizado para a descrição (por vezes exagerada) da ação de reis e imperadores, mas como possibilidade de aceder a uma fasquia de análise mais ampla, que não se encerra na pessoa ou grupo em si mas reverbera o tecido social, político, económico, ou cultural da época. Trata-se do surgimento de uma nova abordagem

teórica e metodológica, encerrada sob o nome de Micro-História, cujos primeiros expoentes e defensores lograram produzir estudos completamente renovadores no seio da história social. Destacamos, destes, os dois diretores da coleção *Microstorie* (1981–1988), editada pela Einaudi, designadamente Giovanni Levi e a sua obra *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII* (2000), assim como diversos de seus ensaios, parte dos quais acabaram por ser compilados na coleção *Microhistorias* (2019), e Carlos Ginzburg, autor do clássico *O queijo e os vermes: O quotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* (2006), e ainda a seleção de oito de seus textos, seis deles sozinho, um com Enrico Castelnuovo e um com Carlo Poni, que veio a ser editada sob o título *A Micro-História e outros ensaios* (1991).

Na esteira dessa nova abordagem historiográfica, que privilegia a microanálise, Jacques Le Goff retomou o género biográfico, que ficou à margem das preocupações e produções dos *annalistes*, com a publicação de São Luís (1999) e São Francisco de Assis (2001). Nessas obras, o medievalista francês elaborou um estudo significativamente aprofundado sobre essas duas personalidades da história medieval francesa e italiana, levando a uma renovação desse género literário ao ir além dos tradicionais relatos de vida de indivíduos e restituir as condições políticas, sociais, geográficas, económicas e religiosas que constituíam a vida dos biografados. São trabalhos que, efetivamente, renovaram esse tipo de análise ao elaborar uma história sobre a vida de um rei, que também discute aspetos relacionados com a memória e o indivíduo na Idade Média (Santos, 2011), e de um santo, sem recorrer às tradicionais produções hagiográficas (Solano, 2013).

Por fim, cabe ressaltar a publicação das atas de um congresso, intitulada *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*, que aconteceu em Paris, em 1991, no qual os intervenientes debateram sobre o tema "Micro-história e microssocial", sob a direção de Jacques Revel (1998b). Nessa obra, além dos diversos autores se debruçarem sobre o desenvolvimento da microanálise na formulação historiográfica da época, o diretor da publicação salientou, na sua contribuição, que as diferentes escalas de análise a que submetemos o passado não apresentam uma hierarquia entre si, sendo cada uma um caminho possível a ser tomado mediante a natureza dos dados ou a constituição do objeto, de modo que "mais do que a escala, é a variação de escala que aparece aqui como fundamental" (Revel, 1998a, p. 38), ou como afirmou o já referido Giovanni Levi (1992, p. 138), "o que as dimensões dos mundos sociais de diferentes categorias de pessoas e de diferentes campos estruturados de relacionamentos demonstram é a natureza precisa da escala que opera na realidade".

2.1 Tempo e agência

A constituição do homem moderno e a afirmação das ciências modernas tem como um dos seus mais importantes pilares o que se convencionou chamar de dualismo mente-corpo, ou dicotomia cartesiana, atribuído a René Descartes o seu principal expoente, especialmente exposto na sua obra *Discurso sobre o Método* (2001), onde se encontra a famosa afirmação *cogito ergo sum* (penso, logo existo) e nas *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (2004). Essa premissa filosófica estabelece que a mente e o corpo são duas entidades ontológicas distintas, sendo a primeira pura e indivisível, radicalmente diferente do corpo físico, que é material e divisível. A mente, expressão *par excellence* da consciência e autoconsciência, é imaculada, independente do corpo e completamente dissociada do ambiente à sua volta. Essa premissa dualista foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento ocidental ao longo da modernidade, presente, por exemplo, no primado da Razão, em Kant (2001), enquanto marcador absoluto da diferença entre os humanos e os demais seres, ou mesmo no surgimento das neurociências, no século XX, que se apropriaram de uma perspetiva computacional para explicar o funcionamento do cérebro (Hayles, 1999). Vemos essa conceção igualmente presente no seio da Arqueologia, bem retratada por Vere Gordon Childe, ao definir essa disciplina como aquela que estuda os materiais, fruto do comportamento humano, com o objetivo de aceder ao seu pensamento (2015). Ou seja, o comportamento é o que liga e simultaneamente separa o pensamento da matéria e do mundo físico.

A aceitação da tradicional oposição entre mente e matéria na ciência arqueológica constitui um paradoxo epistemológico, pois, se a Arqueologia tem por objetivo o estudo das sociedades do passado, os seus modos de vida e o significado das suas ações a partir da cultura material, a impossibilidade de aceder ao pensamento humano negaria esse mesmo objetivo. Esta questão tem vindo a ser reavaliada no quadro do debate teórico pós-moderno, sendo indispensável repensar teórica e metodologicamente a análise dos materiais arqueológicos, com o objetivo de produzir uma nova linha de abordagem capaz de integrar as componentes biopsicossociais que confluem para a constituição humana, ou *l'homme total* maussiano (2003).

Ao longo da Idade Moderna e dos princípios da contemporaneidade, alguns autores propuseram outros modos de se pensar o problema mente-corpo, embora sem uma aceitação mais ampla pela produção intelectual. É o caso das correntes monistas, geralmente associadas a uma evocação religiosa, como a *Monadologia*, de Gottfried Leibniz (2016), ou aquelas que, embora problematizem as assertivas de Descartes, não rompem por completo com o dualismo cartesiano, de entre os quais podemos destacar as obras de Friedrich Nietzsche (2001) e Bertrand Russell (Marcondes,

2007, p. 173). Outros autores propuseram um abandono mais incisivo das premissas que instituíram o dualismo, como o filósofo Charles Peirce, quando propôs um processo semiótico baseado na noção tripartida do signo, onde está presente a componente material como uma possibilidade (1932), o que difere radicalmente da proposta dualista de Saussurre, que leva em conta apenas o significante (ideia) e o significado (símbolo) (2006). Ou, ainda, Maurice Merleau-Ponty (1999) e Jean-Paul Sartre (2004), nos seus estudos fenomenológicos, ao colocarem a perceção e a subjetividade como instrumentos fundamentais para a constituição do mundo, de si e da sua relação com o corpo e a realidade. Também António Damásio, na obra *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro humano* (2012), apresenta, sob uma perspetiva neuroanatómica, o funcionamento da mente e a concomitância entre a criação do cérebro e do corpo.

Apesar de bastante recentes, as novas propostas para compreendermos a mente e a sua relação com o cérebro, o corpo e o ambiente estão representadas numa grande diversidade de áreas científicas que, nas últimas décadas, têm possibilitado uma reflexão multidisciplinar desses temas. No âmbito da Nova Arqueologia alguns arqueólogos voltaram-se mesmo para o estudo etnográfico da sociedade contemporânea, produzindo-se os primeiros trabalhos em Etnoarqueologia, com importantes expoentes como Lewis Binford (1978; 2002), Richard Gould (1966; 1977) e Ian Hodder (1982). Assim, os etnoarqueólogos lograram estabelecer frutíferas análises materiais das sociedades que estudaram, no seio daquilo que se convencionou chamar "arqueologia processual", ou na sua sucessora, "pós-processual", mais voltada para a compreensão dos significados atribuídos aos objetos, inseridos em sistemas cognitivo-simbólicos (David & Kramer, 2001). Porém, pouco se avançou no debate teórico necessário para a promoção de uma relação entre mente e materialidade, permanecendo as preocupações com os limites desses conceitos e da sua utilização para a análise dos dados arqueológicos, como se pode observar por afirmações como "ideias nas cabeças das pessoas pré-históricas" (Hodder, 1995, p. 15), aludindo a uma divisão radical entre os pensamentos, que se situam no interior da mente e os materiais, localizados no mundo externo.

Seria apenas a partir das décadas de 1980 e 1990 que a chamada "Antropologia da Tecnologia", intimamente radicada numa tradição francesa, incrementará os estudos das cadeias operatórias associadas à produção de objetos. Embora seja possível destacar alguns antecessores desse movimento, como Marcel Mauss e o seu genial discípulo André Leroi-Gourhan, que se debruçaram sobre a evolução das técnicas de aquisição, transformação e uso das matérias-primas (1970; 1984), seria com Pierre Lemonnier (1986; 1996) que esses estudos ganhariam força entre os antropólogos e arqueólogos.

Paralelamente, os estudos semióticos de matriz não-saussureana, nos quais a materialidade é considerada um elemento que carrega parte dos processos de atribuição de significados, ganharam fôlego em meados e finais do século XX, seja no âmbito da História da Arte, com Erwin Panofsky (1972; 2002), da Antropologia, com os contributos de Alfred Gell (1998), ou da Arqueologia, com destaque para a obra *Archaeological semiotics*, de Robert Preucel (2006).

A formulação de uma teoria da cultura material que possibilite uma análise mais ampla das materialidades arqueológicas e forneça instrumentos de significação dos objetos exige uma abordagem que valorize os contributos provenientes de variadas áreas científicas. A já datada dicotomia entre a mente e o corpo não encontra lugar nos recentes avanços das ciências, nas quais a compreensão humana passa pela valorização das componentes psicológica, biológica e social e a perceção do corpo, espaço e materialidades deixa de ser uma relação com o "outro", mas a verdadeira constituição de "si". A relação entre pessoas e objetos é definidora de indivíduos e sociedades e o comportamento humano não necessariamente tem um papel de mediador entre pensamento e materiais, pois a capacidade de agência mútua é um dos elementos que carateriza os modos como interagem.

O conceito de agência possui já uma longa tradição, tendo sido largamente utilizado por investigadores de áreas como a Psicologia, Direito, Estudos Culturais e Arqueologia, entre outras. A sua versatilidade constitui um importante instrumento de análise de um vasto conjunto de fenómenos e uma poderosa ferramenta para se compreender as sociedades e as relações entre os indivíduos. Trata-se da capacidade de realizar uma ação planeada, motivada a partir da intenção, crença ou desejo de quem a pratica (Taylor, 1985). A partir da formação consciente do poder de agência, o cérebro humano apropria-se do corpo e do ambiente com o intuito de nele realizar ações, que visam a sua modificação e a atribuição de sentido e significado ao seu mundo (Russell, 1996), seja de maneira individual ou social, enquanto membro de um grupo, classe, comunidade ou sociedade (Bandura, 1997).

Um dos pensadores que mais refletiu sobre o fenómeno da agência na relação entre pessoas e objetos foi o antropólogo Alfred Gell, que definiu o conceito como a capacidade de provocar eventos causais, ou seja, quando algo ou alguém promove a realização de eventos que não são regulados por leis físicas ou naturais, preceituadas pelo sistema "causa-efeito", mas por meio de intenções ou desejo (1998, pp. 16–17). Ao se afastar de uma perspetiva antropocêntrica, Gell alarga a abrangência do conceito de agência para além do fator intencional da consciência ou mente humana, reconhecendo o caráter recíproco entre pessoas e objetos na capacidade de produzir eventos causais. A realidade material não é inerte, um mero produto da ação humana que modifica a realidade à sua volta de modo a facilitar a sua vida, mas é ela também constituinte dos traços mais intrínsecos da sua consciência e

identidade, pois os objetos são igualmente possuidores de biografias culturais que reiteradamente se apresentam aquando de sua produção ou consumo (Riggins, 1994; Appadurai, 1986; Veblen, 2018).

O modo como os objetos se podem tornar agentes sociais é, entretanto, diferente dos humanos. Devido à necessidade de serem criados, os objetos podem ser classificados como agentes secundários, por oposição à primazia ocupada pelas pessoas, sem que isso signifique uma redução na sua capacidade de agência. De facto, reside no estabelecimento de redes entre diferentes entidades humanas e não-humanas a possibilidade de se constituírem agentes e pacientes através da ligação entre o processo cognitivo e as estruturas espácio-temporais de distribuição de objetos no mundo artefactual, na rede que produz significados, na qual todos os objetos e pessoas se encontram (Gell, 1998). Uma teoria da cultura material necessita, por isso, de ser capaz de articular as componentes pragmática e simbólica que todos os objetos possuem, ainda que em diferentes graus (Latour, 1990; 2005).

O avanço das discussões sobre a capacidade de objetos e lugares interagirem no processo de constituição da experiência humana provocou alterações nas conceções sobre o tempo. A Arqueologia, ao longo do século XX, trabalhou com duas perspetivas temporais, uma que privilegia a noção de memória e entende o passado como contemporâneo ao presente, uma vez que a durabilidade das materialidades lhes confere uma presença transtemporal, e outra que se baseia na História, na qual o tempo é uma sequência linear, especialmente impulsionada pela aplicação do modelo bayesiano para a datação de contextos (Harris, 2021, p. 106). Ambas as perspetivas apresentam limites metodológicos, especialmente quando utilizadas de modo antagónico. Se a visão das materialidades arqueológicas enquanto memória nega a historicidade dos processos humanos no tempo, o ordenamento do passado de modo linear e sequencial não permite o diálogo com as análises multitemporais[15]. Nesse sentido, importa incorporar uma abordagem temporal que promova uma interação mais plural entre as diferentes perspetivas do tempo na sua relação com pessoas, objetos e lugares ou, por outras palavras, a condição pós-moderna em que hoje nos encontramos, seja pelas ideias do capitalismo tardio, de David Harvey (2008), o projeto moderno inacabado, de Jürgen Habermas (2000), o fim das metanarrativas, de Jean-François Lyotard (2009), ou ainda a liquidez dos tempos modernos, de Zygmund Bauman (2000), provoca uma necessidade constante de repensar as bases epistemológicas em que os nossos estudos estão assentes, de modo a torná-los mais condizentes com os avanços científicos e filosóficos da nossa época.

[15] Para além da exposição às sempre perigosas apropriações políticas do passado, fenómeno bastante presente ao longo dos séculos XIX e XX com a afirmação do nacionalismo e a formação dos Estados Nacionais (*cf.* Kohl e Fawcett, 1995; Díaz-Andreu e Champion, 1996).

Para tal, recorremos aos postulados sobre o tempo desenvolvidos por Gilles Deleuze, cujas reflexões incidiram, em grande medida, sobre o cinema (Deleuze 1985; 2005), um produto cultural que nasceu nos inícios do século XX e desenvolveu-se (e globalizou-se) ao longo dessa centúria, fornecendo, assim, um objeto de análise bastante rico do fenómeno filosófico e cultural da perceção e apropriação temporal. Contudo, será na obra *Diferença e Repetição* (Deleuze, 2000) que encontraremos as três propostas sintéticas sobre o tempo da filosofia deleuziana.

A primeira síntese apoia-se em David Hume e diz respeito ao *hábito* – as sequências repetitivas a partir das quais a noção de tempo emerge, ou, o passado e futuro como dimensões do presente. Na primeira parte do *Tratado da natureza humana*, dedicada ao *Entendimento*, Hume elabora sobre a capacidade da repetição de fenómenos de produzir efeitos sobre quem os observa, estabelecendo-se uma relação de causa e efeito aparentes, sustentada pela conjunção constante que os une, "com o intuito de descobrir a natureza daquela conexão necessária que constitui uma parte tão essencial dela" (Hume, 2000, p. 116). Os ciclos em que fenómenos, objetos, ações e matérias estão inscritos, como o nascer e pôr do Sol, os hábitos de higiene matinal, o "tic" que antecede o "toc" no relógio, produzem a noção de tempo a partir da sua estabilidade, repetibilidade e passividade, dado que "a repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla" (Deleuze, 2000, p. 75). A ordenação das sequências produz as linhas temporais, aproximando-se, assim, da prerrogativa histórica.

A segunda síntese tem como inspiração os trabalhos de Henri Bergson e refere-se à *memória* – o presente emerge a partir do passado que nos cerca, ou, o presente e futuro como dimensões do passado. Em *Matéria e Memória*, Bergson afirma que o passado sobrevive de duas formas, em mecanismos motores, através de ações automáticas e mecanismos que se repetem de modo a promover uma adequação às circunstâncias e em lembranças independentes, nas quais o passado é convocado para dar respostas ao presente a partir do seu reconhecimento recíproco, cujo resultado será uma proposta de futuro pois se projeta em direção a ele (Bergson, 1999, pp. 84–99). Nessa perspetiva, o passado é virtual e atualizado no presente, o qual é o passado em sua forma mais constrita. Um dado objeto ou fenómeno é o resultado de ações e materiais que, devido a sua existência, transformação e significação, a diferentes escalas temporais, se reuniram no presente. Em *Bergsonismo*, livro em que Deleuze se dedicou particularmente à obra de Bergson, o filósofo afirma que "o 'presente' que dura se divide a cada 'instante' em duas direções, uma orientada e dilatada em direção ao passado, a outra contraída, contraindo-se em direção ao futuro" (Deleuze, 1999, p. 39). Essa abordagem interage com maior proximidade à análise processual.

A terceira síntese remonta a Friedrich Nietzsche e refere-se ao *eterno retorno*, aquilo que torna possível a criação de memória ou história, ou, o passado e presente como dimensões do futuro. Trata-se da maldição do demónio, que Nietzsche traz no aforismo 341 de *A Gaia Ciência* (2000, pp. 219–220), na qual a criatura lança a sina de reviver tudo o que fora vivido novamente, para sempre. O que retorna, contudo, não é o mesmo ou o semelhante, como afirma Deleuze, "a roda no eterno retorno é, ao mesmo tempo, produção da repetição a partir da diferença e seleção da diferença a partir da repetição" (2000, p. 50). A perspetiva temporal do eterno retorno implica a habilidade de produzir potências diferenciadoras, isto é, de atuar, criar, modificar, incorporar, excluir, etc., independentemente de sua ordenação temporal, enquanto histórica ou memorial. A possibilidade de algo existir está assente na pontual re-ocorrência de sua potência diferenciadora, ou na habilidade do eterno retorno das forças criativas de diferenças.

2.2 As periodizações históricas e o seu significado

A organização e divisão do tempo através de períodos cronológicos com o intuito de condensar, com algum princípio de homogeneidade, os processos históricos contribuem, por um lado, para uma leitura didática e temporal dos factos, embora, por outro, inviabilizem a análise de outros fenómenos (Finley, 1989). A tripartição clássica da História em Antiguidade, Medievo e Modernidade, com a Contemporaneidade vigente a sucedê-los, privilegia as análises do passado associadas aos acontecimentos macropolíticos e aquelas realidades que são determinadas ou, direta ou indiretamente, influenciadas por eles. Este quadro é devedor da forma como essa organização foi estabelecida, cuja génese encontramos na historiografia romântica que deu ênfase ao desenvolvimento das formas de governo ao longo do devir histórico com vista à afirmação dos estados nacionais. Nesse sentido, a deposição do último imperador romano do Império do Ocidente, Rómulo Augusto, em 476, ou a conquista de Constantinopla, em 1453, pelo Império Otomano, foram factos com tal projeção histórica e, particularmente, historiográfica que instituíram a transição de um período para outro, respetivamente o início e fim da Idade Média (Beltrão & Horvat, 2011).

Contudo, como afirmou Jacques Le Goff, a periodização do tempo nunca é uma ação neutra ou inocente, mas sempre um julgamento de valor entre os diferentes momentos que compõem a "história" (Le Goff, 2015, p. 29). A definição instrumental de um limite a um momento histórico é uma escolha deliberada e arbitrária que impõe um olhar seccionado sobre o passado, enfatizando governos, sociedades, culturas e valores, em detrimento de outros, que são obscurecidos e inferiorizados.

No decurso da História Romana antiga, recorremos a um critério proveniente da forma de governo para definir três subperíodos, designadamente a Monarquia, a República e o Império, aos quais somam-se outras divisões internas[16]. No que toca ao período imperial, este conhece duas subdivisões. Após um período de grande desenvolvimento económico e cultural que conformou um pujante Império desde *Augustus* até a dinastia Nerva-Antonina, no seio do qual os valores republicanos eram permanentemente invocados e o Senado possuía uma atuação presente e marcante, embora limitada em comparação com o período anterior (Galinsky, 1996; Silva, 2001b; Várhelyi, 2010; Faversani, 2013), na sequência da morte de *Commodus*, em 193, foi iniciado um período de bastante instabilidade política, que apenas se viu apaziguado no final daquele ano com a ascensão de *Septimius Seuerus* e o início da dinastia Severa, que esteve a frente de Roma por 43 anos. Esse período foi marcado por constantes entraves bélicos nos limites do Império que, apesar de terem garantido o controlo sobre os vastos territórios, terminaram por agravar a instabilidade que antecedeu aos *Seuerii* e resultou num período de grande crise política e económica, marcado por sucessivas usurpações do poder imperial e uma profunda desvalorização da moeda romana, que só vai ser recuperado com a ascensão de *Diocletianus*, em 284, momento em que o Império é repartido em Ocidental e Oriental e o poder imperial diluído entre dois *Augusti* e dois *Caesares* (De Blois, 2019).

A divisão do período imperial romano entre Alto e Baixo Império, limitados entre si pela morte de *Commodus*, ascensão de *Diocletianus* ou pela conversão de *Constantinus*, segue aos parâmetros estipulados pela periodização tradicional da História, na qual o mundo antigo chegou a termo com a deposição do último imperador romano do Ocidente, no século V, dando início à Idade Média. A nomenclatura atribuída a essa divisão vai privilegiar os primeiros séculos do Império Romano, atribuindo-lhe a conotação de Alto Império, associado a dois elementos fundamentais da forma política do período, designadamente a existência de apenas um regente sobre os territórios imperiais e a manutenção de uma forma (embora não exatamente um conteúdo) republicana de exercício do poder (Nicolet, 1983). A imagem dessa "Roma Gloriosa", "Alta", foi mais do que suficiente para se constituir um "símbolo", um verdadeiro modelo a ser almejado pelas potências imperialistas da época moderna e inícios da contemporaneidade, assim como objeto de fascínio por gerações de estudiosos e admiradores.

[16] As divisões internas dos subperíodos da História Romana antiga, a exemplo da República Arcaica, Média e Tardia, encontram igualmente fundamentos no cenário político da *urbs* em cada um desses momentos. Embora essa forma de repartir a República romana seja útil para os estudos relacionados com a História Política, mas também Militar e Económica da cidade, que vão encontrar em acontecimentos como a Primeira Guerra Púnica e a morte de *Tiberius Gracchus* os pontos de viragem na ação romana entre a sua população e sobre o Mediterrâneo (Flower, 2010), dificilmente pode ser ampliado para outros enfoques investigativos, como aqueles associados aos fenómenos culturais e religiosos (Beltrão, 2013). Sendo a periodização um *instrumento para a organização do tempo*, é fundamental a sua articulação com a escala e o objeto analisado, assim como uma desejável mobilidade entre os seus limites e pressupostos, evitando-se, assim, anacronismos, generalizações abusivas ou cortes abruptos dos fenómenos analisados.

A sucessão desse momento "áureo" deu-se por outro menos atrativo, o "Baixo Império". Na verdade, embora a denominação de "Alto" e "Baixo" para períodos históricos tenha por princípio o seu caráter mais antigo ou mais recente em relação ao presente, os últimos séculos da experiência imperial romana conheceram uma conotação de profunda inferioridade, geralmente associados a crise, decadência, declínio ou queda (Silva & Soares, 2013, pp. 140–141). Trata-se de uma construção historiográfica que, por um lado, enaltece os dois primeiros séculos do Império Romano e, por outro, reforça a imagem negativa e depreciada da Idade Média, como aquela que surge face ao fim da Antiguidade Clássica, mergulhando a Europa num período inferior, tenebroso e sombrio, a Idade das Trevas, evocada desde o século XIV e reforçada ao longo do Iluminismo, redimida, apenas, com o movimento romântico (Le Goff, 2015).

Em alternativa a essa visão de "Alto" e "Baixo" Império, instituiu-se a divisão da Roma imperial em "Principado" e Dominato". Embora não rompa com o princípio político e ideológico que estabelecia a nomenclatura anterior, essa proposta vai de encontro com as bases que constituíam, nominalmente, as estruturas de poder nos dois períodos e recorre aos conceitos veiculados pela imagem política de seus imperadores, o *princeps* e o *dominus*. Ainda que o uso do termo *dominus* para a designação do imperador seja conhecido desde *Septimius Seuerus*, foi com *Diocletianus* que ele adquiriu o seu significado mais amplo, designando aquele que detém o domínio político, militar e simbólico de todo o Império, e não mais um, ainda que o mais destacado, entre os seus pares, o *princeps*. Essa mudança na forma de governo foi acompanhada de uma profunda reestruturação nos instrumentos de poder exercidos pelo *dominus nostrorum*, como o fim das províncias senatoriais, estando todas submetidas à égide do imperador, o controlo total dos magistrados que exerciam os cargos públicos, o esvaziamento de funções do Senado e o encerramento das cunhagens monetárias provinciais, resultando numa apropriação material e simbólica do Império por parte de seus *Augusti* e *Caesares*, aproximando-se, em alguma medida, a um estado despótico (Reid, 1911; Mendes & Silva, 2004).

Por outro lado, quando a perspetiva de análise é alterada, torna-se imperativo que se discuta ou mesmo reposicione os marcos temporais que assinalam o início e o fim de períodos cronológicos. O fim do Império Romano do Ocidente e a fixação de povos germânicos provocou a desarticulação das antigas províncias ocidentais. A historiografia acerca da passagem do mundo antigo para o período que o sucedeu divide-se entre uma visão tradicional, que remonta, pelo menos, a Petrarca, no século XIV, passando por grandes nomes, como Edward Gibbon, que atribuem à desarticulação imperial romana

uma noção de crise e trauma, tendo afundado o continente europeu a um quadro de profundo retrocesso, constituindo uma era obscura, *tenebrae* (Mommsen, 1942; Gibbon, 2014)[17].

Em relação ao mesmo fenómeno, a passagem da sociedade clássica para a medieval no Ocidente europeu, uma vez que se toma como foco da análise os processos económicos (Pirenne, 1925), as lutas sociais (Jones, 1964) ou as práticas culturais (Brown, 1971), vemos uma mudança significativa nas balizas facto-temporais. Esse evento inaugurou uma nova Europa, algo distinta de seu passado clássico, cujo impacto a nível político e administrativo é bastante contundente, embora sejam reconhecidas grandes continuidades, o que exige alterações na periodização de modo a evitar distorções, cortes ou apropriações indevidas do objeto em análise. A isso deve-se o esforço de historiadores, arqueólogos e geógrafos de repensar os seus instrumentos de análise do passado a partir das contribuições dos *annalistes*, que introduziram novas temáticas nos estudos históricos, como a demografia, as mentalidades, ou o quotidiano, abordagens que, divergentes da história política institucional, provocaram alterações significativas na forma como as sociedades antigas são vistas (Knapp, 1992a; Barros, 2009).

A definição do período em questão sob a ótica das mudanças socioecónomicas e culturais conheceu duas principais propostas, uma que vê, entre os séculos III e VIII, uma extensão do mundo clássico, conhecida por Antiguidade Tardia, e outra que denota o anúncio e a formação das bases feudais nas relações entre as comunidades e futuros reinos, designada, assim, por Primeira Idade Média.

O conceito de Antiguidade Tardia tem por marca principal as noções de continuidade, mudança, transformação ou transição em oposição às ideias de crise, rutura ou decadência. Entre os seus primeiros e principais defensores, Henry-Irénée Marrou e Peter Brown apoiaram-se em abordagens que privilegiavam uma gama de temas sobre o fim do Império Romano do Ocidente, como as dinâmicas económicas, religiosas e artísticas, que contrariavam ferozmente a ideia de declínio, anunciando um mundo particular e que se acredita homogéneo o suficiente para se apresentar como um período histórico *per se* (Brown, 1971; Marrou, 1979; Silva, 2001a).

As investigações a partir do conceito de tardo-antiguidade conheceram um dinamismo bastante acentuado nas últimas décadas, num momento em que a História e a Arqueologia, especialmente após o *spatial turn*, têm encontrado pontes bastante profícuas para o diálogo entre as duas áreas do conhecimento (Martins & Silva, 2019). Nesse sentido, a diversidade das temáticas abordadas nos estudos sobre o período é bastante significativa, o que tem permitido a análise desses fenómenos de

[17] Outra perspetiva desse fenómeno, diametralmente diferente, associa o fim do Império Romano a um cenário positivo e fundamental para a prosperidade da Europa, atuando como um motor de arranque do mundo moderno (Scheidel, 2019).

mudanças e transformações em diferentes geografias e contextos. Resultado disso é a série *Late Antique Archaeology*, editada por Luke Lavan, criada em 2003, cujos volumes dão conta de um conjunto importante de trabalhos sobre o mundo tardo-antigo, desenvolvido tanto por arqueólogos como historiadores, a partir de textos literários, epigráficos e dados provenientes das intervenções arqueológicas, sobretudo aqueles associados aos processos construtivos e às variações topográficas dos centros urbanos ocidentais e orientais entre os séculos III e VIII (*cf.* Lavan & Bowden, 2003; Bowden *et al.*, 2004; 2006; Lavan *et al.*, 2007a; 2007b; Lavan & Mulryan, 2009; Gwynn & Bangert, 2010; Lavan, 2013; 2020a; 2020b).

Por outro lado, a ideia de continuidade que a Antiguidade Tardia destaca pode estar associada não ao mundo Clássico, mas ao Medieval, ou seja, a existência de uma experiência histórica que se apresenta singular ao ponto de se afirmar enquanto um período, mas não a partir de uma antiguidade que se prolonga, mas sim a um medievo que se anuncia. Essa ideia é encontrada na proposta de uma Primeira Idade Média, balizada entre os séculos III e VIII, que vê na desestruturação dos fundamentos políticos do Principado, face ao esgotamento do modelo, que deu origem à crise do século III, a génese das bases económicas, políticas e culturais que iriam compor a medievalidade feudal (Franco Júnior, 2001; Wickham, 2005; Silva, 2013).

Entre esses elementos, estaria sobretudo a articulação entre os três substratos culturais que comporiam estrutura política medieval, designadamente as heranças romanas e germânicas e o cristianismo como instrumento de diálogo entre ambas e com a sociedade. Dessa amálgama surgiria uma realidade que aproveitou elementos advindos da reconfiguração do Império Romano dos séculos III e IV, como o caráter sagrado da monarquia, as práticas fiscais sobre o campo e a efervescência espiritual e religiosa, enquanto os povos germanos, que gradativamente se instalaram no território imperial, introduziriam a pluralidade política e a conceção de obrigações recíprocas entre os chefes e os guerreiros, pelo que caberia aos bispos e monges o papel de conectar essas duas realidades e ordenar social e espiritualmente a população (Franco Júnior, 2005). Contudo, importa ressaltar que se é possível elencar um conjunto de atributos comuns ao que se chamaria herança romana ou germânica, há igualmente uma panóplia de especificidades e variações no resultado dessa articulação, seja pelas diversidades geográficas e culturais do Império Romano, seja pelas diferenças sociais entre as diferentes comunidades germânicas que se instalaram no território imperial, ou ainda pelas distintas atuações dos líderes cristãos, fator que podemos associar às capacidades de agência de bispos e monges.

A deposição de Rómulo Augusto, nessas perspetivas, deixa de ser um marco temporal significativo, não sendo o século V um ponto de inflexão no decurso histórico nem do Ocidente, uma vez

que a migrações e a implantação dos reinos germânicos, como os Suevos, Visigodos, Vândalos, Francos, Ostrogodos, Burgúndios, Alamanos, Anglos, Saxões, Lombardos e Hérulos, entre os séculos IV e VI, já haviam modificado as antigas províncias ocidentais, nem no Oriente, onde a fundação de Constantinopla e a instauração da *pars orientalis* do Império Romano, com os seus *Augustus* e *Caesar* próprios, já era uma realidade, pelo menos, desde Diocleciano, sem interrupções a partir de Arcádio, sucessor no Oriente do Império unificado de Teodósio.

Se o ano de 476 não se apresenta como o fim da Antiguidade ou o início da Idade Média, a rutura entre esses dois períodos da história europeia passa a ser atribuída ao século VIII. Os anos setecentos foram um momento bastante dinâmico do medievo europeu, de modo que essa data já se apresentava com alguma projeção dentro dos estudos sobre a periodização, pelo menos desde a importante obra *Maomé e Carlos Magno*, do historiador belga Henri Pirenne, publicada postumamente, em 1937.

Apesar das teses de Pirenne sobre a rutura entre o Oriente e o Ocidente pelo encerramento do Mediterrâneo face à conquista islâmica já conhecerem cerca de um século de críticas e revisões, o autor foi um dos pioneiros a assinalar a existência de um momento muito particular no século VIII. De facto, o impacto material e simbólico da rápida expansão islâmica pelo norte da África e parte da Península Ibérica, ainda em época Omíada (Lewis, 1990), a coroação de Carlos Magno pelo papa Leão III e a cisão política entre Roma e Constantinopla, voltando a Itália definitivamente para o Ocidente, reforçada com a criação do *Constitutum Constantini* (Story, 2023), a unificação e o início das incursões dos povos escandinavos (*vikings* ou *rus*), que, para além dos ataques às costas atlânticas e mediterrânicas, tiveram um importante papel na configuração política e social entre diversos reinos, especialmente os anglos, saxões e francos (Roesdahl, 1998), assim como a melhora das condições climatéricas a partir de 600, na Europa do Norte e, entre 800–850, na Europa Mediterrânica até c. 1050–1100, com a retração dos gelos no círculo ártico, circunstâncias que favoreceram a ampliação das áreas habitáveis e agrícolas na generalidade do hemisfério norte (Lamb, 1995; Berglund, 2003), produziram uma Europa bastante particular, a partir do século VIII.

As alterações políticas, económicas e culturais que afetaram o continente europeu a partir dos 800 produziram três mundos bastante distintos e com frequentes confrontos bélicos e ideológicos entre si: os reinos cristãos do Ocidente, a basileia romana do Oriente e o Islão. A cristandade ocidental, nesse período, conheceu uma longa tradição de investigação, em especial acerca da implantação do sistema feudal, a atuação da Igreja na ordenação cívica e espiritual da população ou a relação entre os nobres para a constituição de senhores e vassalos nos reinos cristãos ocidentais (Duby, 1982; Baschet, 2012;

Le Goff, 2018). Ideologicamente, as sociedades europeias nos finais do primeiro milénio conheceram momentos bastante conturbados com as proximidades do advento do ano mil. Trata-se de um marco religioso poderoso, em que a cristandade temia o fim do mundo após mil anos do nascimento de Jesus, ou em 1033, no milenário de sua morte. A escatologia cristã durante as primeiras décadas do século XI provocou grandes agitações nos meios urbanos, especialmente ligados à interpretação de desastres naturais, como secas ou geadas e a responsabilização de determinados grupos sociais para o que seria a ira divina. Apesar de terem sido anos realmente difíceis, com oscilações climatéricas particularmente desastrosas para as economias dos reinos cristãos, o juízo final ou o fim do mundo não ocorreu, mas as turbulências sociais que a sua espectativa trouxe foram aproveitadas pela Igreja Católica para aumentar a sua esfera de atuação política, fosse através do consolo dos necessitados, fosse na perseguição aos opositores, denunciados como heréticos (Duby, 2002).

A cristandade que surge em meados do século XI, com a Igreja de Roma ainda mais reforçada, conheceu um desenvolvimento económico bastante significativo, apoiado num melhor aproveitamento dos campos agrícolas, bem patente na generalização do uso de moinhos, e do amadurecimento do modo de produção feudal, cujos reflexos são notáveis, a começar pelo reflorescimento da experiência urbana, assente numa maior capacidade de reprodução social, com reconhecido alargamento demográfico (Le Goff, 1992). Como resultado desse dinamismo económico, assiste-se a uma maior capacidade construtiva nas cidades, especialmente impulsionada pelo clero, com a afirmação da arte românica e do movimento monástico (Duby, 1979; Camps *et al.*, 2018). A Igreja de Roma, por sua vez, gozava de muito mais poder, tendo rompido, em 1054, as relações com a Igreja de Constantinopla, naquele que se convencionou designar de Grande Cisma. Ao mesmo tempo, em 1095, ao fim do Concílio de Clermont-Ferrand, o papa Urbano II conclamou a cristandade ocidental para se armar contra o domínio islâmico, que avançava perigosamente sobre a Terra Santa (Cahen, 1989). Internamente, a Igreja passou por uma importante e contundente reforma, iniciada pelo Papa Leão IX, mas realmente levada a cabo pelo papa Gregório VII, que promoveu uma nova relação entre o papado e os reinos cristãos, em cujo *Dictutus Papae*, de 1075, foi posto fim ao cesaropapismo, tendo o poder de coroar e depor monarcas sido atribuído ao bispo de Roma (Robinson, 2004).

De facto, o período que designamos por Baixa Idade Média, correspondente, *grosso modo*, aos quatro séculos que sucedem ao ano mil, foi marcado, do ponto de vista político e bélico, por um conjunto bastante alargado de conflitos entre cristãos e islâmicos, seja nas cruzadas contra os turcos e árabes ou contra o Al-Andalus, na Reconquista da Península Ibérica, mas também no seio da Europa Cristã, entre

os diferentes reinos, cujos embates produziram as fronteiras modernas da generalidade dos reinos e, posteriormente, nações europeias (Monteiro *et al.*, 2015).

Após as severas turbulências que afetaram a Europa no século XIV, especialmente as crises epidémicas e os confrontos bélicos, os reinos conheceram uma pujança bastante significativa em quase todos os aspetos. Com efeito, a recuperação, no século XV, do crescimento demográfico, seja pelo fim das guerras que assolaram os séculos anteriores, seja pelo término dos ciclos epidémicos, designados por Peste Negra, possibilitou um alargamento da produção e impulsionou um fortalecimento das cidades, produzindo um dinamismo manufatureiro e comercial (Romano & Tenenti, 1980).

A momentânea interrupção nos confrontos bélicos em território europeu, após a tomada de Granada pelos reis católicos, em 1492, e o fim da Guerra dos Cem Anos, entre os Plantageneta e os Valois, em 1453, seguida de uma fase de grande desenvolvimento económico e comercial dos reinos na Europa, é visto como um momento de grandes ruturas e transformações históricas, o que justificaria o início de um novo período histórico. Paralelamente, é também no século XV que dois outros importantes marcos têm lugar, designadamente a tomada de Constantinopla pelo exército turco otomano, em 1453, pondo fim ao Império Romano, 1480 anos após o seu estabelecimento, por Augusto, e o desembarque de Cristóvão Colombo nas Antilhas, em 1492. Esses dois factos marcariam o início de uma era na história europeia, seja pela perda física e simbólica da imagem do antigo *Imperium Romanum* ou *Basileia Romaion*, o que levou, inclusivamente, à reintrodução da língua grega no continente europeu devido à fuga de professores e sábios bizantinos para a península itálica, seja pela descoberta de um novo mundo pelas coroas europeias, cujas possibilidades de exploração, comercialização e obtenção de novos produtos atraíram a atenção e os esforços dos reinos por alguns séculos. Nesse sentido, o século XV marcaria o início de um novo período, identificado como a Idade Moderna, no qual o Renascimento, especialmente italiano, e os pensadores humanistas e iluministas teriam projetado as artes e as ciências muito além do que o medievo poderiam contemplar (Venturi, 1970; Burckhardt, 1983; Cassirer, 1992).

Contudo, outros autores, especialmente ao longo do século XX, propuseram outras perspetivas para os acontecimentos desse momento, o que levou a considerarem periodizações diferentes. A Itália renascentista de Jacob Burckhardt (1983) carrega consigo a marca da rutura e da transformação da forma e do conteúdo face ao contacto com o mundo clássico greco-romano, que teria produzido uma nova realidade material e ideológica, o Homem Moderno. Numa revisão das teses burckhardtianas, Robert Klein assinala um excesso de parcialidade nas análises do historiador da arte suíço e demonstra como, em diversos pontos, houve uma mudança apenas formal (na aparência), mas não no espírito (na mentalidade) (Klein, 1998, p. 193). Por sua vez, ao analisar o renascimento francês do século XV, Johan

Huizinga identificou, no início, um diálogo estritamente formal com o classicismo, no qual os documentos antigos, com os seus temas e formas, chegaram à França sem modificar a mentalidade cristã medieval, de modo que os clássicos funcionaram apenas como um jogo de distinção social e "a forma humanística ainda não vai muito além de um traje; cai-lhe bem, porém ele se move mais livremente sem esse manto" (Huizinga, 2010, p. 564).

No plano económico, que conheceu um debate igualmente profundo acerca da transição da sociedade feudal para o modelo mercantilista, com a progressiva afirmação da burguesia, alguns autores propuseram uma visão que assenta menos na noção de rutura e se apoia mais numa lenta e gradativa transformação. Entre essas propostas antagónicas temos as teses marxistas de Dobb (1971), para quem a exploração servil contra pequenos e médios produtores levou à revolta que modificou a apropriação dos excedentes pelas elites feudais e transformou essa população em trabalhadores livres, enquanto Sweezy (2007) atribui ao aumento do comércio a longa distância o fator que desestabilizou as relações de servidão por se dar nas margens da sociedade feudal e permitiu introduzir uma nova divisão do trabalho que estabeleceu o trabalho livre e assalariado. Seja por um motivo interno, particularmente identificado nas teses marxistas, ou por um externo, que as contrapuseram, a passagem do mundo medieval ao moderno, ou do sistema feudal para o mercantilista (ou pré-capitalista), deu-se de modo lento, num processo que, quase consensualmente, se teria dado entre os séculos XIV/XVI–XVII.

Grande parte das propostas que reconhecem um período de continuidades, muito mais do que de ruturas, salienta que, seja pela retomada mais expressiva do passado clássico, seja pela colonização das Américas, África e Ásia, a mentalidade medieval continuou no cerne das populações europeias após o século XV. Nesse sentido, o argumento de matriz cultural que vemos, por exemplo, em Burckhardt, com o advento do Renascimento italiano, especialmente o florentino, é esbatido no seu caráter de radical inovação e inserido num processo mais longo, iniciado no século XII, em que se verifica um conjunto de fenómenos caraterizáveis como "renascimentos", "reformas" ou "renovações", que teriam ocorrido diversas vezes entre essa centúria e a XV, a que se poderiam acrescentar, o renascimento carolíngio, no século VIII e o otonino, no X–XI, com impactos com âmbitos tão distintos como o religioso, educacional, legal, político, filosófico, científico, literário e artístico (Benson *et al.*, 1991; Novikoff, 2017).

Embora menos abordado, alguns investigadores salientaram o que seria igualmente um momento de transformações comerciais e sociais entre diferentes reinos ao longo desse período, sobretudo aqueles que não estavam em conflitos bélicos diretos. Essa realidade pode ser observada quando se analisam as relações entre o reino da Inglaterra e as monarquias ibéricas, bem documentada nos casamentos entre membros das diferentes famílias reais, como a rainha castelhana Leonor de

Inglaterra (1177–1214) e a rainha inglesa Leonor de Castela (1272–1290), bem como na literatura produzida que difunde traços culturais e sociais dos reinos estrangeiros em suas terras natais, a exemplo do romance "Os Doze de Inglaterra", publicado em Portugal nos finais do século XIV (Bullón-Fernández, 2007).

É nesse contexto que Jacques Le Goff propôs, no seu último livro, publicado postumamente, em 2014, no qual retoma reflexões anteriores, uma leitura bastante diferente do período medieval, na qual os movimentos humanistas ou iluministas que marcaram os centros urbanos europeus a partir do século XIV e sobretudo no XVI, não significam o aparecimento de um novo período, mas apenas o desenvolvimento "natural" dos movimentos internos da sociedade medieval (Le Goff, 2015). Dessa forma, a Idade Média não teria terminado no século XV, dado que, embora haja alterações na forma como a sociedade se apresenta, essa não seria tão disruptiva, sendo fruto de modificações que se vinham realizando desde, pelo menos, o XII, portanto, perfeitamente enquadráveis na mentalidade do período, como igualmente argumentou Marc Bloch, em *Os Reis Taumaturgos* (1998), ao analisar o caráter divino como base do poder dos reis ingleses e franceses. A mudança na forma não seria um reflexo de rutura do conteúdo, pois esse já se vinha alterando progressivamente, junto com os movimentos renascentistas. Le Goff, portanto, situa o fim do período medieval apenas em meados do século XVIII, como um resultado de mudanças mais impactantes no decurso histórico das populações europeias, como o pensamento liberal e o fim das monarquias divinas.

2.2.1 O contexto ibérico

As dificuldades em se estabelecer uma proposta de periodização para o recorte temporal que estamos a abordar, os séculos III–XV, têm como motivo, como tentamos demonstrar, a multiplicidade de fenómenos e processos históricos que atravessam esse período. Nesse sentido, tentaremos uma aproximação a essa problemática a partir de escalas geográficas menores, designadamente a Península Ibérica, o Noroeste ibérico e, por fim, a cidade de Braga.

O primeiro contacto direto entre Roma e a Península Ibérica remonta aos finais do século III a.C., no âmbito da Segunda Guerra Púnica. Ao longo desse conflito contra Cartago, os romanos conseguiram, paulatinamente, ampliar a sua presença ao longo da costa mediterrânica, na área levantina e no curso dos principais rios que permitiam a sua infiltração no interior da península, dos quais se destacam os rios *Iberus* e *Baetis*. Ao fim desse conflito contra os púnicos, Roma dividiu a parte conquistada da Península Ibérica em duas províncias, a *Hispania Citerior*, a nordeste e sudeste e a *Ulterior*, a sul (Richardson, 1986).

Ao longo do século II a.C., diversos conflitos com as populações indígenas peninsulares foram travados, seja por tentativas de insurreição contra a dominação romana, seja pela expansão dos territórios ocupados por Roma na *Hispania*, o que a colocava em confronto com as tribos lusitanas, a sudoeste e os iberos, celtiberos, vetões, váceos e carpetanos, no centro norte peninsular. Após um século marcado por intensas batalhas, enquadradas na Guerra Lusitana e nas três Guerras Celtibéricas, o sucesso militar romano permitiu a anexação de vastos territórios, que foram incorporados à *Citerior* e à *Ulterior* (Sutherland, 1971; Silva, 2013).

A conquista romana da Península Ibérica foi, portanto, um processo lento e gradual, cuja presença foi iniciada com o estabelecimento de províncias que se limitavam à costa mediterrânica, tendo a expansão sido feita, paulatinamente, em direção aos territórios do centro, norte e oeste peninsular, ao longo de um século de conflitos. Contudo, foi apenas nos finais do século I a.C. que o Noroeste ibérico foi anexado ao Império Romano. Entre os anos 29 e 19 a.C. as tropas augustanas submeteram definitivamente os Astures e as tribos do norte cantábrico, uma vez que se considera hoje que os galaicos bracarenses e lucenses se encontrariam já sob controlo romano, na sequência da incursão de D. Junius Brutus, de 137 a.C. Após o fim das Guerras Cantábricas, a *Hispania* recebeu uma nova divisão administrativa, concretizada através da implantação de três províncias: a *Baetica*, a sul, a *Lusitania*, a sudoeste, e a *Tarraconensis*, a norte e a este, na qual foram integrados os territórios do Noroeste ibérico. A integração dos novos territórios no Império foi realizada através da sua divisão em *conuentus* administrativos, cujas capitais, *Bracara Augusta*, *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*, foram fundadas de raíz, servindo como polos apaziguadores e integradores das populações (Martins, 2024). As novas cidades possibilitavam também o contacto da região com o resto do Império e com Roma através da sua inserção em grandes rotas de comunicação e intercâmbio que cruzavam, por via terrestre e fluvial, toda a Hispânia, as quais consolidaram o transporte marítimo pelo oceano Atlântico, ao longo do período júlio-cláudio (Carreras Monfort & Morais, 2012; Dopico Caínzos, 2016).

A partir de Augusto, portanto, a Península Ibérica encontrava-se completamente anexada ao Império Romano, embora o histórico de convivência e transformações sociais e económicas que a integração à égide imperial promove permita identificar diferentes impactos nas regiões que foram sendo conquistadas e integradas no decurso dos três últimos séculos do período republicano. Essas diferenças, a que podemos somar a heterogeneidade dos substratos culturais pré-romanos presentes no território ibérico, como gregos, fenícios e as distintas etnias regionais, produziram realidades bastantes particulares entre as três províncias alto-imperiais e mesmo no interior das mesmas, fenómeno bem documentado nos processos evolutivos das cidades hispânicas ao longo do período imperial (*cf.* Nogales

Basarrate & Rodà de Llanza, 2011; Nogales Basarrate, 2021; 2022). No entanto, embora com diferenças, assiste-se a uma certa homogeneidade cultural na forma como a Hispânia se desenvolveu nos primeiros séculos da época romana, em resultado das relações entre o local e a máquina imperial, que alguns autores consideram resultar da globalização de bens e ideias que caracterizou o mundo romano nos dois primeiros séculos.

A crise do século III afetou de forma bastante desigual as cidades hispânicas, pois enquanto algumas conheceram quadros de permanência, avaliados a partir da manutenção da ocupação dos centros urbanos e da exploração dos territórios económicos associados, outros sofreram os impactos dos problemas políticos e militares de Roma, que provocaram fortes alterações sociais e económicas, afetando, particularmente, aquelas cidades, regiões e províncias cuja base económica e produtiva encontrava na capital do Império o seu principal centro consumidor (Hekster, 2008). A crise teve assim mais impacto sobre as cidades da Bética e do Levante da Hispânia do que sobre o Noroeste, cujas cidades e economia se revelaram mais resistentes, dada a sua maior articulação regional.

O desenho administrativo da Hispânia conheceu uma nova divisão, empreendida por Diocleciano, de modo a facilitar a reforma fiscal igualmente aplicada. As antigas províncias da *Lusitania* e *Baetica* mantiveram os seus limites, enquanto a *Tarraconensis* foi repartida em quatro novas realidades, designadamente a *Gallaecia*, a *Carthaginiensis*, a *Balearica* e a *Tarraconensis*, tendo *Bracara*, *Carthago Noua*, *Palma* e *Tarraco*, respetivamente, como suas capitais. Foi também criada a *Diocesis Hispaniarum*, cujo *uicarius* residia em *Emerita* (Diarte-Blasco, 2018, pp. 13–16). A multiplicação de cargos administrativos e a maior proximidade entre os magistrados e a população, no caso das novas províncias, certamente produziram alterações na constituição e estratégia de promoção das elites locais, mas esse é, até ao momento, um tema pouco explorado pela produção científica peninsular.

Apesar de ter provocado impactos diferentes, a crise do século III e, especialmente, a sua recuperação, por Roma, nos finais dessa centúria, sob a mão do imperador Diocleciano, viu surgir uma Hispânia bastante distinta daquela que a precedeu. Pese embora as imensas dificuldades em se relacionar os aspetos sociais, culturais e, sobretudo, religiosos com as mudanças de natureza urbanística e arquitetónica, que são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento nesse momento, as *Hispaniae* no século IV apresentam-se como uma realidade histórica própria, na qual a gradativa ampliação da atuação da igreja no ordenamento social e, por conseguinte, no plano político das cidades parece ter sido um motor das relações que viriam a configurar o papel dos bispos nas dioceses tardias (Ripoll, 2019). A transformação da base religiosa da população hispânica parece ter ocorrido ao longo do século IV, mesmo antes do cristianismo se tornar a religião oficial do Império. Com efeito, o abandono

dos locais de cultos antigos, com especial destaque para a desmantelamento de templos com vista à obtenção de matéria-prima para as novas construções, especialmente habitações, bem como a ausência dessa temática nos concílios ibéricos e na crónica de Idácio de Chaves, parecem sugerir já se tratar de um problema menor ou secundários nos inícios do século V (Arce, 2006).

Por outro lado, a implantação de edifícios associados ao culto cristão, como igrejas, basílicas, martírios, batistérios entre outros equipamentos, alterou profundamente as cidades da Hispânia, deslocando os centros de poder, antes concentrados exclusivamente no *forum*, para as mãos dos bispos, cuja organização eclesiástica se encontrava já bem estruturada, quando os primeiros concílios hispânicos tiveram lugar, mas sobretudo no V–VI, certamente aproveitando a transferência do poder político para as novas elites germânicas que se instalavam na Hispânia a partir de 411 (Ripoll, 2019). Igualmente demonstrativo da alta capacidade comunicativa e de organização do clero hispânico foi a dispersão espacial e a extensão temporal do priscilianismo entre os bispos hispânicos e os seus seguidores entre a população geral, recorrentemente denunciados e afastados dos círculos eclesiásticos nos concílios, mesmo após a decapitação de Prisciliano e seus apoiantes mais próximos em Trier, na década de 380 (Horst, 2023).

Na ausência de um controlo mais próximo, por parte de Roma, especialmente no século III e com a aparente anuência das elites germânicas, instaladas na Península Ibérica ao longo do século V, os bispos cristãos foram, em grande medida, os responsáveis pela manutenção política das cidades hispânicas, especialmente as antigas capitais provinciais e conventuais, e a dinamização económica dos territórios próximos, fatores indispensáveis para a reprodução e continuidade da sociedade. Nesse sentido, longe de representar uma rutura, a deposição do imperador de Roma, em finais do século V, não teve, aparentemente, qualquer impacto na Península Ibérica, onde os reinos suevo e visigodo representavam já uma realidade política amplamente distanciada de Roma. Na verdade, a formação de uma Hispânia cristã e pós-clássica teve o seu início, pelo menos, no século IV, já se encontrando eclesiasticamente bem estruturada aquando do fim do controlo romano, ou pelo menos o suficiente para manter-se à frente do ordenamento dos territórios e na orientação das populações, bem como na negociação com as monarquias germânicas recém-instaladas.

Economicamente, a Península Ibérica também passou por grandes transformações entre os séculos II–III., tendo os primeiros séculos do período imperial sido marcados por um fluxo de exportações deveras expressivo, no qual as produções de salga de peixe e azeite da *Lusitania* e *Baetica* assumiram um papel ímpar no motor da economia dessas províncias, especialmente vinculado às *annonae*, no caso bético, bem como de importações, documentadas pelos géneros alimentícios e recipientes cerâmicos,

provenientes de diferentes partes do Império, que abasteceram, grosso modo, todo o território da Hispânia (Reynolds, 2009). Embora no período tardio, sensivelmente a partir do século III, esse fluxo de entrada e saída de produtos nas províncias hispânicas não tenha cessado, a sua natureza foi radicalmente alterada. As importações de cerâmicas finas continuaram, como bem demonstram os estudos acerca da cidade portuária de Vigo, largamente favorecidas pela pujança económica do Norte da África (Fernández Fernández, 2018), mas recebendo igualmente as loiças gálicas, especialmente na costa levantina (Aicart i Hereu *et al.*, 1991). Parte significativa das zonas de produção lusitanas foi encerrada ou transformada e os contentores anfóricos que transportavam os produtos de salga de peixe conheceram recipientes de menor dimensão, alguns dos quais com base plana, caraterísticas que sugerem uma circulação mais restrita, provavelmente para o abastecimento local ou regional (Reynolds, 2009).

Mudanças igualmente significativas são percetíveis nas estruturas de exploração agrária um pouco por toda a área peninsular, identificáveis na *Lusitania* (Conejo Delgado, 2019; Fabião, 2020), *Baetica* (Hidalgo Prieto, 2020), *Gallaecia* (Martins, 1992; Carvalho, 2008; Ribeiro 2018), *Tarraconensis* (Nolla i Brufau, 2008) e *Carthaginiensis* (Abascal Palazón *et al.*, 2008). Sem aprofundarmos as especificidades regionais ou os estudos de caso, assiste-se a um processo de alteração na forma da exploração primária, documentando-se um grande desenvolvimento do aparato arquitetónico e decorativo da *pars urbana* das *uillae*, que existem junto a outros equipamentos mais modestos, como casais e granjas. Essa diversidade nos contextos e o alto grau de investimentos, em que se regista o uso de elementos em mármore, pavimentos revestidos a mosaicos, paredes cobertas com pinturas e a implantação de balneários privativos, bem como a larga presença de objetos importados e, não raramente, volumosas quantidades de moedas entesouradas, são comumente associados a uma grande eficiência na produção de bens alimentícios e a comercialização dos excedentes. Na verdade, mau grado os escassos estudos sobre as *uillae*, que se voltam quase exclusivamente para as análises iconográficas dos mosaicos e dos objetos importados, especialmente dos mármores e metais, com uma alta valorização dos aspetos puramente estéticos e artísticos desses elementos, pouco se sabe sobre a extensão e a capacidade produtiva dos *fundi* desses equipamentos agrários, fator que dificulta uma correta avaliação da origem dos rendimentos das elites rurais, cujas rendas com a produção primária poderiam ser complementadas com outras provenientes de atividades realizadas em meio urbano, sem que isso signifique uma redução do investimento no setor primário.

O cenário que se nos apresenta no século V, com a instalação dos povos germânicos e a constituição de seus reinos na Península Ibérica e Norte da África, é o de uma forte manutenção dos

quadros económicos e sociais característicos dos finais da ocupação romana, apesar de algumas turbulências no âmbito comercial, sobretudo associadas aos problemas na distribuição dos produtos ao longo dos momentos mais intensos de confrontos e conquistas (Fernández Fernández, 2013). Nesse momento, assistimos a uma intensificação da presença de equipamentos religiosos vinculados ao culto cristão nos territórios rurais da Hispânia (Barenas Alonso, 2012), alguns dos quais, eventualmente, associados ao culto priscilianista (Piay Augusto, 2020), os quais sofreram transformações ou ruturas, ao longo dos séculos subsequentes, na forma como ocupavam a terra e geriam o trabalho da população, ainda que de maneira algo heterogénea (ou com tendências regionais), dando origem, em muitos casos, a novas lógicas de organização do povoamento, frequentemente associadas à génese do modelo medieval (Gutiérrez Gonzalez, 2008).

Uma vez que a Península Ibérica se encontrou razoavelmente estabilizada, com a fixação do reino suevo, no Noroeste, a província bizantina de *Spania*, no Sul e o reino Visigodo, na restante área ibérica, assiste-se a um processo de rápida e intensa cristianização da topografia urbana das cidades de origem romana. Embora as igrejas e basílicas cristãs não tenham, grosso modo, sido implantadas em antigos templos do panteão politeísta romano, grande parte dos materiais utilizados nas suas construções, elementos decorativos e instrumentos sagrados representam reaproveitamentos de peças romanas. Com efeito, as *arae* cristãs mais antigas, conhecidas até ao momento, cujas cronologias mais seguras apontam para o século V, foram produzidas a partir de altares e silhares antigos, que sofreram modificações pontuais, como o desbaste dos *foculi* e o talhe de um *loculus* retangular (Sastre de Diego, 2009). De modo geral, os elementos litúrgicos hispânicos conheceram uma grande homogeneidade, a nível decorativo, recorrendo a folhas de hera, cachos de uva, motivos vegetalistas e de animais, com exceção de duas unidades peninsulares distintas, uma de influência bizantina, percetível na área sudeste, tanto em material local como importado e o designado "grupo pacense-emeritense-toledano", que produziu uma linguagem própria, certamente proveniente de um produtor local, com a utilização da cruz patada na face principal do altar (Torres *et al.*, 2007; Sastre de Diego, 2013; Sanna, 2019). Essa aparente uniformidade estilística das decorações dos espaços associados ao culto cristão constitui um resultado do esforço feito pelos bispos hispânicos em instituir uma cristandade homogénea no território peninsular, fenómeno bem percetível na constante realização de concílios, especialmente durante o século VII, quando os visigodos ocupavam a totalidade da Península Ibérica, o que permitiu a reunião de bispos das diferentes regiões hispânicas na capital do reino, em Toledo, nos quinze concílios lá realizados, entre 633 e 702, a que se somariam outros de caráter regional, como o de III de Braga, em 675, ou o II de Zaragoza, em 691 (*cf.* Vives & Marín, 1963). Esse mundo dinâmico e algo estável que a

Hispânia conheceu na Antiguidade Tardia, especialmente a partir do domínio visigótico de todo o território peninsular, foi completamente transformado nos inícios do século VIII, com a conquista islâmica.

As causas para o rápido avanço das tropas islâmicas sobre a Península Ibérica, dominada em apenas uma geração, são difíceis de precisar. É certo que as elites visigóticas conheciam alguma instabilidade e a monarquia graves problemas de sucessão, o que eventualmente pode estar associado a embates políticos com os bispos hispânicos (Watt & Cachia, 1965), mas serão, porventura, as questões sociais e demográficas as maiores responsáveis pela dificuldade em criar uma defesa organizada. Nesse sentido, é importante referir o grave quadro de crises pandémicas que afetaram toda a bacia mediterrânica entre os séculos VI–VIII, cuja abordagem, ainda que escassa, é recorrentemente reduzida à primeira fase do fenómeno, designado por Praga (ou Peste) de Justiniano (Horden, 2006; Rosen, 2007). Na verdade, tratou-se de sucessivas crises pandémicas que assolaram a Europa, Norte da África e o Próximo Oriente durante cerca de 200 anos, cujo impacto a nível demográfico foi bastante expressivo, devendo ser levado em consideração aquando de qualquer reflexão sobre a origem das turbulências políticas, económicas e sociais do período tardo antigo (Kulikowski, 2007).

Particularmente importante para a compreensão da facilidade com que as tropas islâmicas conseguiram submeter o reino visigótico ao seu domínio, no que toca aos efeitos das pandemias e à sua relação com crises alimentares, é a compilação de textos escritos em árabe, designada por *Akhbār majmūʿa*, datada do século X. De acordo com essa documentação, a Península Ibérica sofreu com severos quadros de fome, entre 707 e 709, associados a uma praga que teria dizimado pelo menos metade da população hispânica (*Akh. maj.*, 7.BkS)[18]. Seja pelas sucessivas baixas na população ao longo dos séculos anteriores, ou devido a momentos pandémicos, ou por um pontual agravamento das questões económicas e sociais na primeira década do século VIII, com uma drástica redução demográfica entre 707 e 709, a conquista islâmica do território ibérico parece ter sido significativamente facilitada perante um cenário de baixa demografia e desorganização em que a população hispânica se encontrava.

No século VIII a Península Ibérica alterou-se. Embora a resistência cristã nas Astúrias tenha obtido sucesso, o reino visigótico foi completamente desestruturado, tendo grande parte do território hispânico ficado sob controlo islâmico, cuja fronteira a norte parece ter sido o rio Douro, embora a presença e as materialidades do Garb Al-Andalus sejam melhor percetíveis a sul do Mondego (Gómez Martínez *et al.*, 2015). Assim, no século VIII estruturam-se no território hispânico duas realidades sociopolíticas bastante distintas. O norte cristão, inicialmente restrito à área asturiana, conheceu um

[18] "[...] Isso foi devido à fome no Al-Andalus em 88/707, que continuou pelos anos de 88/707, 89/708 e parte de 90/709. Então, houve uma praga que levou à morte de metade ou mais da população. Então, veio o frutífero ano de 91/709–710, que no al-Andalus foi o ano do Tarifa: o ano da compensação (*sanat khalaf*) [...]" (*Akh. maj.*, 7.BkS).

declínio dos centros urbanos e um forte processo de ruralização numa área que ia até ao Douro, ao longo do século VIII Mattoso, 2009a). Por sua vez, o centro e sul islâmicos foram palco de um momento bastante rico da história intelectual do medievo europeu, inserido na chamada *Idade de Ouro Islâmica*, com significativos avanços no campo da filosofia, astronomia, literatura, matemática, tecnologia, ciências, arquitetura, entre outros, somados a uma forte componente urbana (Glick, 2005; Stroumsa, 2019) e à manutenção do comércio mediterrânico (Wickham, 2023).

O período que decorreu entre os séculos VIII e XV, na Península Ibérica, foi marcado por três movimentos distintos, mas interligados. Um deles corresponde à progressiva retração do mundo islâmico, apesar do grande sucesso na conquista, o qual foi sendo progressivamente reduzido, fenómeno que, inversamente, se associa a outro movimento, o do avanço da fronteira cristã, dentro do processo histórico que se convencionou chamar de "Reconquista". Aproveitando-se desse cenário, bem como do forte apoio das elites do condado portucalense, o terceiro movimento que destacamos foi a constituição do Reino de Portugal, a partir de 1143, com o tratado de Zamora. Na verdade, estaríamos perante um mesmo movimento. Concomitante ao ensejo de expansão da cristandade, a constituição das cortes medievais hispânicas, reunidas em redes de vassalagem com as diferentes *comites*, era igualmente um desejo dos monarcas cristãos, de modo a ampliar o seu domínio sobre as terras peninsulares. Nesse sentido, o avanço da fronteira do reino asturiano, e depois leonês, sobre as terras islâmicas estaria imerso nesses objetivos, simultaneamente, religiosos e políticos (Marques, 2007; Mattoso, 2009a). Longe de ser estável ou definitiva, as relações entre as cortes hispânicas conheceram turbulências e ruturas, bem como severos problemas de descendência das coroas, de insurgência social e tentativas de ascensão na hierarquia nobiliárquica, por vezes bem-sucedidas, ainda que temporariamente (Rucquoi, 1995; Mattoso, 2009b), ou de forma aparentemente permanente, como no caso da elevação do condado portucalense a reino de Portugal, sob D. Afonso Henriques.

As uniões e ruturas entre os reinos hispânicos moldaram a história medieval ibérica, com momentos de alargamento do poder das coroas, ora de Leão, ora de Castela, ora de Aragão, assim como, pontualmente, a de Portugal, até, pelo menos, à unificação dos dois maiores e mais importantes reinos dos finais do século XV, sob os Reis Católicos, o que coincidiu com a conquista do último enclave islâmico na Península Ibérica, o reino Nazarí, ou Nacérida, terminando, assim, o Sultanado de Granada, em 1492. Se quisermos ainda prolongar a abordagem para além do século XV, não se documentam significativas alterações internas no plano político, tendo os séculos XVI–XVIII sido marcados pela expansão do poder das coroas, que nunca foram totalmente unificadas, no plano ideológico, subsistindo a sua separação administrativa e o reconhecimento pelas suas cortes (Molas Ribalta, 1988).

Podemos, ainda, ir mais além. No plano ideológico, a divisão da Espanha atual entre as diferentes províncias ou comunidades autónomas da Andaluzia, Aragão, Canárias, Catalunha, Comunidade Valenciana, Galiza e País Basco, a que se somaria Madrid, constitui uma acomodação jurídica, administrativa e histórica dos velhos impasses medievais entre os diferentes reinos que compunham a Ibéria espanhola. Contudo, a pacificação e união internas que se pretendia, com o pensamento liberal, no século XVIII, e o seu necessário rompimento com as mentalidades identitárias medievais, moldadas a partir da relação com a terra, comunidade (ou eclésia) e as elites locais (de matriz feudal, constituintes da nobreza das *comites*), de modo a diluir os antagonismos mais latentes dentro da fronteira e construir uma narrativa da Nação, não foram plenamente alcançadas, tal como se percebe nos movimentos separatistas de cariz nacionalista associados aos antigos reinos, a exemplo da Catalunha e do País Basco (Dowling, 2005; Manuel Mata, 2005; Cullen, 2024). Esse fenómeno está igualmente presente na manutenção da monarquia espanhola, hoje personificada no rei Felipe VI, em cujos títulos se afiguram, para além de rei da Espanha, os reinos de Castilla, Leão, Aragão, Duas Sicílias, Jerusalém, Navarra, Granada, Toledo, Valência, Galiza, Maiorca, Sevilha, Sardenha, Córdoba, Córsega, Múrcia, Jaén, dos Algarves, Algeciras, Gibraltar, Ilhas Canárias, das Índias Orientais e Ocidentais e das Ilhas e Terra Firme do Mar Oceano, assim como outros tantos ducados, principados, arquiducados, condados, senhorios e marquesados. Nesse sentido, o título de rei de Espanha, embora funcione como uma abreviação dos demais títulos, por ser o mais elevado, não os dissolve, tendo esse aspeto servido de força política aquando das invasões francesas, dos inícios do século XIX, que levaram à prisão do rei Carlos IV e à coroação de José Bonaparte, cuja legalidade não foi aceite por parte significativa dos espanhóis, reunidos nas cortes de Cádiz, mas sobretudo pelos vice-reis de Nueva España, Perú, Nueva Granada e Río de la Plata e, dentro deles, os governos e capitanias gerais, na América Espanhola, cujas elites locais tomaram para si, diante da vacância, a gestão dos territórios, primeiro provisoriamente, até que avançaram para a independência definitiva em relação à Coroa Espanhola (Guerra, 1999).

O caso português, por sua vez, não é tão diferente, ainda que tenha conhecido uma unidade política virtual, designada por Reino de Portugal, num momento bastante precoce, cujas divisões internas, como a província do Minho e os Algarves, não se apresentaram como um grande entrave às cortes de Lisboa. Contudo, ao pensarmos numa mentalidade portuguesa, uma consciência nacional, essa não é identificável aquando da constituição do reino, sob D. Afonso Henriques, em 1143, mas apenas no século XX, com a fundação do Estado Novo (Mattoso, 2000).

2.2.2 O Noroeste da Península Ibérica

Uma abordagem da região do Noroeste, à parte da restante Península Ibérica, voltada à reflexão sobre as periodizações entre os séculos III e XV, traduz uma perspetiva de observar as realidades materiais e ideológicas que afetaram o nosso objeto de estudo, a cidade de Braga, a partir das suas relações regionais, na esperança de que ela forneça um enquadramento político, económico ou social mais complexificado. No entanto, a especificidade daquele território setentrional e ocidental da Península Ibérica tem sido reclamada por vários investigadores das suas diferentes realidades temporais e históricas desde a Pré e Proto-História, passando pela ocupação romana e tardo antiga que legitimaram a criação da tardia província da *Gallaecia*, cujo território foi integrado no posterior reino suevo, cujos limites meridionais integraram parte do território da Lusitânia.

O longo processo de expansão romana nas *Hispaniae*, iniciado em finais do século III a.C., aquando da Segunda Guerra Púnica, só atingindo um termo dois séculos depois com a anexação do norte da Ibéria através da vitória romana nas Guerras Cantábricas, sob Augusto em 19 a.C. No entanto, os contactos entre os romanos e os habitantes da região do NO da Península Ibérica, apesar de pontuais, começaram anteriormente ao fim do conflito asture-cântabro, ainda nos finais do século II a.C., com *Decimus Iunius Brutus* (DPRR, IUNI1565), que terá realizado, em 137 a.C. uma incursão militar até ao rio *Lethes*, atualmente rio Lima, no norte de Portugal. Já na centúria seguinte, *Publius Licinius Crassus* (DPRR, LICI1780), cônsul em 97, procônsul da *Hispania Ulterior* entre 96–93 a.C. e pai do triúnviro, terá liderado uma expedição à região no âmbito de uma série de conflitos pontuais com algumas tribos lusitanas, cuja vitória lhe conferiu um triunfo em 93 a.C. Duas décadas depois, no ano 74 a.C., durante a Guerra Sertoriana, *Marcus Perpena Veiento* (DPRR, PERP1986), filho de *Marcus Perpena*, cônsul em 92 a.C., capturou a cidade de *Cale*, localizada na *Gallaecia*, atual cidade do Porto, na foz do rio Douro. Já *Gaius Iulius Caesar* (DPRR, IULI1957), *dictator perpertuus* em 44 a.C., realizou um grande assalto a *Brigantium*, na costa galega, no extremo noroeste da península.

Esses contactos, que, na maior parte das vezes poderia ter sido indireto, estiveram certamente associados às transformações ocorridas nas comunidades da região bracarense, nos finais da II Idade do Ferro, que levaram à conformação de um povoamento hierarquizado, encabeçado por grandes povoados fortificados, presumíveis lugares centrais, a exemplo das Citânias de Briteiros, Sanfins e Santa Luzia, no norte de Portugal, e do Castro de San Cibrao de Las, na Galiza (Cruz, 2015). Trata-se de povoados, cujas dimensões ultrapassam os dez hectares, defendidos com robustas muralhas em pedra, que exibem um sistema urbano composto por eixos viários a delimitar quarteirões, que definiam unidades residenciais de carácter familiar, compostas por várias construções unificadas por pavimentos lajeados.

Esses lugares centrais do povoamento dos finais do primeiro milénio a.C. estavam implantados em pontos estratégicos do território, o que lhes permitia controlar visualmente grandes áreas e, em especial, os vales dos principais rios que recortam a região, onde estavam implantados povoados menores, certamente associados à exploração de recursos naturais da região, com destaque para a agricultura, pesca, mineração ou pastorícia (Martins, 1990; 2012; González Ruibal, 2006–07).

Nos finais do século I a.C., entre os anos 29 e 19, as tropas augustanas submeteram definitivamente os ástures e cântabros ao controlo romano. Nesse momento, a *Hispania* recebeu uma nova divisão administrativa, concretizada através da implantação de três províncias: a *Baetica*, a sul, a *Lusitania*, a sudoeste e a *Tarraconensis*, a norte e a este, na qual foram integrados os territórios do Noroeste ibérico. A tardia incorporação do ocidente setentrional hispânico promoveu uma dinâmica imperial bastante distinta daquela que se configurou em momentos anteriores, uma vez que a atuação de Roma e os mecanismos administrativos já se encontravam melhor desenvolvidos e aprimorados (Sewell, 2010). A célere reorganização provincial da Hispânia e a divisão dos territórios em *conuentus iuridici*, ainda nos finais do século I a.C., com a fundação de novas cidades para compor as suas capitais, como a *Colonia Iulia Augusta Emerita* (atualmente, Mérida), capital da *Lusitannia*, ou *Bracara Augusta*, *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*, capitais conventuais, documentam um bom conhecimento do território, bem como o caráter especializado dos procedimentos de integração de novos territórios à égide romana. Paralelamente às mudanças administrativas, assiste-se à implantação de um sistema viário diversificado e ao estabelecimento de redes de clientela entre pessoas ou grupos, que promoveram uma maior interação com os habitantes dos locais conquistados, acordos económicos e possibilidades de promoção social (Ando, 2006; Machado *et al.*, 2022).

As capitais conventuais são os centros urbanos que conheceram mais intervenções arqueológicas, com escavações sistemáticas realizadas em Braga desde 1976 e desde meados da década 1980, em Lugo e Astorga (Martins, 2024). Entretanto, o conhecimento que hoje possuímos das antigas cidades romanas do Noroeste hispânico é bastante desigual, um resultado das diferentes perspetivas de estudo dos vestígios arqueológicos, que produziram variações bastante expressivas no volume e qualidade das investigações e dos conhecimentos que foram sendo obtidos (Martins, 2014; Dopico Caínzos, 2016; Magalhães & Martins, 2019; Folgueira Ríos *et al.*, 2024). Enquanto cidades romanas fundadas num período bastante próximo, entre Augusto e Tibério, as capitais conventuais apresentam elementos urbanísticos e arquitetónicos e equipamentos públicos bastante semelhantes, como o *forum*, templos e espaços balneares, que registam, contudo, características diferenciadoras, na forma e dimensão dos edifícios e na adaptação às caraterísticas topográficas dos sítios. As características

da arquitetura foram ainda condicionadas pela condição financeira dos proprietários, fossem públicos ou privados, pelas soluções construtivas, designadamente pelos materiais empregues e pelos programas decorativos, particularmente observados na análise da edilícia doméstica (Magalhães, 2019; Martins, 2024).

As particularidades nas *formae urbis* dessas cidades evidenciam, igualmente, as diferenças na composição social dos que nelas habitavam. A regularidade dos quarteirões bracaraugustanos, com a mesma forma e dimensão (Martins *et al.*, 2017b), em oposição à irregularidade dos quarteirões lucenses, retangulares e com tamanhos variados (Martins *et al.*, 2018c; Folgueira Ríos, 2020), ou dos asturicenses, um resultado da adaptação do desenho urbano ao relevo e às estruturas do acampamento que precedeu a cidade, configuram malhas urbanas muito distintas, que resultaram em áreas disponíveis para a construção privada de diferente amplitude (González Fernández, 2012; Sevillano Fuertes, 2014; Martins, 2024), plasmando diferentes corpos sociais que deram origem aos diferentes centros urbanos.

O desenvolvimento das cidades do Noroeste da Tarraconense, entre os séculos I e II, é bastante devedor das dinâmicas económicas dos territórios conventuais a que estavam associados. A área bracaraugustana, e certamente a lucense, estava assente em práticas económicas bastante variadas e complementares, nas quais a exploração mineira, especialmente aurífera e férrica e a agricultura teriam sido as principais atividades, ao que se somaria uma capacidade produtiva de recipientes cerâmicos, vítreos e metálicos destinados aos mercados locais ou regionais, ou pontualmente peninsulares (Alcorta Irastorza *et al.*, 2015; Martins, 1992; Machado *et al.*, 2022). Por sua vez, o *conuentus asturum* teria concentrado a maior parte da sua atividade económica na exploração aurífera, especialmente na região de Las Medulas (García Marcos & Vidal Encinas, 1999), a qual cessou ainda no século II.

Igualmente percetível nos primeiros séculos da época romana foi o aumento da densidade da ocupação do território, cujas dinâmicas documentam um importante papel das comunidades na organização das diferentes unidades administrativas dos *agri* conventuais, dispostas em estreito diálogo com as vias de comunicação e com as zonas de exploração mineira, na origem da criação de redes de intercâmbios comercial, social e religioso (Tolfo, 2017; Dopico Caínzos *et al.*, 2018; Dias *et al.*, 2023; Martins & Magalhães, 2023). Assim, a integração do Noroeste ibérico na égide política, económica e administrativa romana levou a gradativas transformações nas paisagens da região, bem documentadas nas novas matrizes de povoamento que foram inauguradas na transição da Idade do Ferro para o período romano (Carvalho, 2008; Maciel, 2018; Martins & Magalhães, 2021; Dias, 2024).

As diferenças entre os conventos jurídicos da região do Noroeste hispânico impulsionaram distintos desenvolvimentos das suas capitais ao longo do período imperial romano, especialmente

percetíveis no século II e na transição para os séculos III e IV. A gradual e algo equilibrada transformação das práticas sociais e económicas provenientes da Idade do Ferro e realizadas pela população local viria a conferir aos territórios da *Gallaecia* bracarense e lucense condições de desenvolvimento que deram estabilidade e sustentabilidade aos conventos e, por conseguinte, às suas capitais, frente à crise do século III. Bastante diferente foi a situação de *Asturica Augusta*, cujo controlo da produção aurífera exigiu, desde o século I, uma maior participação e presença na região e na cidade de agentes romanos, que dinamizaram o desenvolvimento urbano, registando-se um menor papel das elites indígenas no corpo cívico da cidade. Esta conheceu uma acentuada rutura com o encerramento da exploração das minas de ouro, no século II, embora ainda tenha mantido importantes funções de gestão e escoamento de produtos para os portos cantábricos e atlânticos (Martins, 2024; Machado & Dias, no prelo).

A forma como as cidades do Noroeste hispânico se afirmaram no século IV é bastante diferente daquela que as definiu no Principado, o que contribuiu para acentuar as suas diferenças urbanísticas na Antiguidade Tardia e a sua evolução diferenciada para a Alta Idade Média. O programa de reformas fiscais de Diocleciano exigiu que se reestruturasse a divisão administrativa do Império, o que levou à fragmentação da *Hispania Tarraconensis*, certamente devido a seu tamanho desproporcional, originando a criação da província da *Gallaecia*, com capital em *Bracara*, que integrava o território dos três conventos e parte do de Clunia (Martins & Magalhães, 2021). As ações de Diocleciano implicaram ainda um programa de amuralhamento das cidades do Império Ocidental (Fernández Ochoa, 1997). Para além das diferenças técnicas e construtivas, a exemplo do uso do granito, em *Bracara*, ou do xisto, em *Lucus*, as robustas muralhas tardias produziram novas realidades urbanísticas, tanto a nível material, como uma maior hierarquização dos eixos viários, como simbólica, constituindo-se um centro fechado onde as relações espaciais de interno e externo passaram a ser representadas por uma robusta estrutura que condicionava permanentemente a circulação e a visibilidade (Pereira, 2018).

Embora ainda pouco compreendidas, as alterações administrativas e construtivas do século IV, a que, necessariamente, se somam as do foro religioso, com um crescente impacto das comunidades cristãs, fizeram emergir um corpo social distinto dos séculos anteriores. Bem significativa das mudanças urbanísticas desse período é a alteração nas relações entre o público e o privado, traduzida no paulatino avanço da edilícia doméstica sobre as áreas públicas dos passeios e, nalgumas vezes, sobre as vias, o que possibilitou a implantação de espaços residenciais mais diversificados e potencialmente maiores, constituindo verdadeiros símbolos da presença de altos funcionários e seus familiares na vida política das cidades (Martins *et al.*, 2016; Folgueira Ríos, 2020). Essas elites estendiam as suas redes de atuação também ao território, onde foram igualmente identificadas mudanças importantes. Com efeito, o

fenómeno das reformas, ampliações e enriquecimento construtivo e decorativo das *uillae* no século IV, apesar das dificuldades que encontramos em identificar os seus *fundi*, foram alvo de robustos investimentos nas suas *partes urbanae*, o que certamente esteve associado a um sucesso produtivo e comercial dos seus excedentes produtivos (Arias Vilas, 1993; Ribeiro, 2018; Machado & Dias, no prelo).

São escassos os estudos sobre as materialidades dos inícios do cristianismo na *Gallaecia*, ainda que a documentação textual que nos chegou seja sugestiva de um bom dinamismo construtivo associado à emergência de basílicas. Duas personagens da Galécia bracarense estão associadas a esse movimento: Prisciliano e Idácio, bispo de Chaves. A importância de Prisciliano reside no sucesso do seu movimento religioso, o priscilianismo, cuja penetração no território galaico foi deveras significativa ao longo do século IV, a julgar pela severa reação dos bispos contra os seus dogmas e seguidores, assim como a sua longa duração nos cânones dos concílios ibéricos, mesmo após a sua morte (Horst, 2023). Por sua vez, Idácio foi bispo de *Aquae Flauiae*, atualmente Chaves, entre 427 e a sua morte, após 469, não sendo, contudo, muito clara a verdadeira importância histórica desta personagem, uma vez que, assim como muitos do seu tempo, não logrou vitórias significativas no combate ao priscilianismo, nem nas suas tentativas de apoio gaulês para o combate aos suevos (Hydatius, *Chron.*, Intro.). Contudo, a obra de Idácio tem um valor historiográfico fundamental, pois constitui um dos poucos registos textuais contemporâneos das migrações germânicas que chegaram até hoje, sendo ainda um documento importante para a análise do género literário "crónica", na sequência de obras anteriores, designadamente as de Eusébio de Cesareia e Jerónimo de Estridão (São Jerónimo, bispo de Belém).

A crónica idaciana apresenta-nos um século V francamente aterrorizante, no qual a entrada dos povos germânicos, como hérulos, alanos, suevos e godos ter-se-ia dado com recurso a atos de extrema violência, como saques, mortes e destruições em grande parte do território por onde passaram. Segundo a obra, a cidade de *Bracara* teria sido saqueada em 456 pelos godos, que teriam poupado a vida dos habitantes, mas destruído altares e igrejas, raptado algumas freiras e desnudado clérigos (Hyd., *Chron.* 167)[19], pilhando conventos nesse ano (Hyd., *Chron*. 172)[20] e em 460, quando o próprio bispo de Chaves foi feito prisioneiro (Hyd., *Chron*. 196)[21]. Na Páscoa de 460, *Lucus* teria sido vítima de um ataque

[19] Hydatius, *Chron*. 167: "*Theudorico rege cum exercitu ad Bracaram extremam ciuitatem Galleciae pertendente V kal. Nouembris, die dominico, etsi incruenta, fit tamen satis maesta et lacrimabilis eiusdem direptio ciuitatis. Romanorum magna agitur captiuitas captiuorum; sanctorum basilicae effractae; altaria sublata atque confracta; uirgines dei exim quidem abductae, sed integritate seruata; clerus usque ad nuditatem pudoris exutus; promiscui sexus cum paruulis de locis refugii sanctis populus omnis abstractus; iumentorum, pecorum, camellorumque horrore locus sacer impletus; scripta super Hierusalem ex parte caelestis irae renouauit exempla.*"

[20] Hydatius, *Chron*., 172: "*In conuentus parte Bracarensis latrocinantum depredatio perpetratur.*"

[21] Hydatius, *Chron.* 196: "*Pars Gothici exercitus a Sunierico et Nepotiano comitibus ad Galleciam directa Sueuos apud Lucum depraedatur habitantes; que Dictynio, Spinione, et Ascanio delatoribus spargentibus ad terrorem propriae uenena perfidiae indigata recurrit ad suos. Ac mox hisdem delatoribus quibus supra Frumarius cum manu Sueuorum quam habebat inpulsus capto Ydatio episcopo VII kal. Aug. in Aquaeflauiensi ecclesia eundem conuentum grancli euertit excidio*"

suevo em que várias pessoas foram assassinadas (Hyd., *Chron*. 194)[22], enquanto a sua área costeira havia sido igualmente atacada por esse povo nesse momento (Hyd., *Chron*. 197)[23], tendo sofrido do mesmo mal um ano antes, desta feita por hérulos (Hyd., *Chron*. 189)[24]. Por sua vez, *Asturica* teria tido massacres, destruições de altares e igrejas, pilhagem de objetos religioso litúrgicos e decorativos, rapto de dois bispos e outros membros do clero e incêndios em casas pelo rei visigodo Teodorico II, em 457, destruição que se teria igualmente se estendido para os campos e para uma cidade próxima, *Palentia* (Hyd., *Chron*. 179)[25].

O cenário destrutivo e de profundo desterro que a crónica de Idácio revela não encontra, entretanto, paralelo nos dados arqueológicos das cidades escavadas na Galécia. Com efeito, não se reconhecem níveis de destruição datados do século V, com impacto nas construções dos centros urbanos, pelo que se torna necessário relativizar um pouco os contributos históricos do bispo de Chaves. Uma análise atenta das ações dos povos suevos, godos e hérulos em *Bracara*, *Lucus* e *Asturica* e nos seus territórios, permite identificar um conjunto de atos que não deixam vestígios materiais, como assassinatos, pilhagens ou raptos, enquanto aqueles que efetivamente poderiam ter um reflexo no registo arqueológico, como incêndios e destruições, não teriam sido tão significativos, tendo sido provavelmente restritos a algumas poucas construções, eventualmente daqueles que mais maior resistência oferecessem às suas investidas, ou às figuras de poder. Seja como for, a descrição dos atos na composição da obra idaciana revela um profundo terror que, se não material, certamente foi deveras simbólico, seja pelo caráter estrangeiro dos invasores, seja pelo seu credo ao arianismo, doutrina cristã condenada como herética no concílio de Niceia, em 325. Tal mentalidade, aterrorizada pela presença desses grupos oriundos do além-*limes* deve ter sido aumentada por suas passagens, aparentemente destrutivas, um pouco por toda a Península Ibérica, existindo na Crónica do bispo de Chaves referências a ataques a *Emerita* (Hyd., *Chron*. 80; 111; 175; 239), capital da *diocesis hispaniarum* até o século VI (Arce, 2002), *Lusitania* (Hyd., *Chron*. 80; 181; 188; 243–244; *Conimbriga* – 225), *Tarraconensis* (Hyd., *Chron.* 163; 165) e *Baetica* (Hyd., *Chron.* 66; 106; 126; 185; *Hispalis* – 115).

[22] Hydatius, *Chron*. 194: "*Per Sueuos Luco habitantes in diebus paschae Romani aliquanti cum rectore suo honesto natu repentino securi de reuerentia dierum occiduntur incursu*."
[23] Hydatius, *Chron.* 197: "*Rechimundus uicina sibi pariter Auregensium loca et Lucensis conuentus maritima populatur*."
[24] Hydatius, *Chron.* 189: "*Eruli maritima conuentus Lucensis loca nonnulla crudelissime inuadunr ad Beticam pertendentes*."
[25] Hydatius, *Chron.* 179: "*Theudoricus aduersis sibi nuntiis territus mox post dies paschae, quod fuit II kal. Aprilis, de Emerita egreditur et Gallias repetens partem ex ea quam habebat multitudine uariae nationis cum ducibus suis ad campos Galleciae dirigit; qui dolis et periuriis instructi, sicut eis fuerat imperafum, Asturicam, quam iam praedones ipsius sub specie Romanae ordinationis intrauerant, mentientes ad Sueuos qui remanserant iussam sibi expeditionem, ingrediuntur pace fucata solita arte perfidiae. Nec mora promiscui generis reperta illic caeditur multitudo; sanctae effringuntur âecclesiae; altaribus direptis et demolitis sacer omnis ornatus et usus aufertur; duo illic episcopi inuenti cum omni clero abducuntur in captiuitatem; inualidiorum promiscui sexus agitur miseranda captiuitas; residuis et uacuis ciuitatis domibus àatis incendio camporum loca uastantur. palentina ciuitas simili quo Asturica per Gothos perit exitio. vnum couiacense castrum tricesimo de Asturica miliario a Gothis diutino certamine fatigatum auxilio dei hostibus et obsistit et praeualet. Quam plurimis ex eorum manu interfectis reriqui reuertuntur ad Gallias*."

Algumas das poderosas cidades que marcaram o século IV na Hispânia são referidas pelo poeta Ausónio (Etienne, 1966), no *Ordo Vrbium Nobilium*, que destaca a primazia de *Emerita*, como *caput diocesis hispanium* e local de morada do *uicarius hispanium*, frente a *Corduba*, capital da *Baetica*, *Tarraco*, capital da *Tarraconensis*, com suas poderosas muralhas e a rica *Bracara*, capital da *Gallaecia* (Ausonius, *OVN* XI)[26], tendo todas continuado a ser importantes sedes políticas e religiosas nos séculos subsequentes, primeiramente pela atuação de poderosos bispos que ordenavam material e espiritualmente a vida de suas dioceses (*cf. Vitas Sanctorum Patrum Emeretensium*; *Iberian Fathers* vol. 1; vol. 2).

Uma vez algo estabilizada a situação na Hispânia, com os suevos a ocupar o Noroeste, o Império romano com a província *Spania* ao sul e os visigodos no restante território, emerge uma igreja muito mais fortalecida, especialmente pela ação de determinados bispos que converteram as elites germânicas ao credo niceno, como S. Martinho de Dume, Leandro de Sevilha e Isidoro de Sevilha.

Apesar das severas turbulências políticas e militares, certamente com consequências a nível económico, a consolidação do papel dos bispos no ordenamento social e administrativo, provavelmente já desde o século IV, possibilitou alguma estabilidade ao longo do século V, ao menos de modo a garantir a reprodução social (Díaz, 2015). Nesse sentido, são percetíveis grandes continuidades entre os séculos IV–VII, apesar de, algumas evidentes ruturas.

A atuação dos bispos da Galécia, ao longo do período suevo, logrou uma gradativa aproximação entre os prelados e a monarquia sueva, resultando, em meados do século VI, na conversão dos monarcas ao credo niceno. Essa ação evangelizadora foi obra, sobretudo, de Martinho, bispo de Dume, em 556, e bispo de Braga, em 569, o que o levou a ser conhecido por "apóstolo dos suevos", cujo maior contributo formativo se traduziu na entrega da *Formula uitae honestae* ao rei Miro, em 570 (Martinho, *FVH*). Paralelamente, Martinho de Dume e Braga também teve uma importante atuação no ordenamento do território do reino Suevo, cuja instrumentalização se encontra vertida na edição da *Diuisio Theodomiri*, comumente conhecida como o "Paroquial Suevo", que terá sido, em grande medida, mantida no período visigótico, na *Diuisio Wambae*. Trata-se de um documento que teria sido elaborado durante o II Concílio de Braga, no tempo do rei Teodomiro e produzido no reinado de Miro, no qual o reino foi dividido entre as duas províncias eclesiásticas de Braga e Lugo, dentro das quais o território foi dividido em *ecclesias* e *pagi* (David, 1947).

[26] Ausonius, *OVN* XI: "*Clara mihi post has memorabere nomen Hiberum,*
Emerita, aequoreus quam praeterlabitur amnis,
submittit cui tota suos Hispania fasces.
Corduba non, non arce potens tibi Tarraco certat
quaeque sinu pelagi iactat se Bracara dives."

Impacto verdadeiramente maior terá tido a conquista islâmica da Península Ibérica dos inícios do século VIII, que só foi possível pela conjugação negativa de um conjunto de fatores políticos, sociais, económicos e demográficos, que marcaram a história hispânica, no século VII, associados à crise do reino visigótico, mas também às fomes e epidemias conhecidas em diferentes momentos daquele século. Embora os exércitos muçulmanos tenham avançado desde o Sul até as Astúrias, o único enclave cristão que os conseguiu enfrentar, os limites do Al-Andalus fixaram-se no rio Douro (Mattoso, 2009a), ainda que a efetiva presença de conquistadores islâmicos nas regiões acima do rio Tejo seja hoje largamente contestada, à luz dos dados arqueológicos de vários contextos ibéricos. Na verdade, vastas áreas peninsulares terão escapado à conquista e ao domínio islâmico, como aconteceu com a região do Noroeste hispânico. Assim, apesar do impacto inicial da invasão, que justificou a deslocação dos bispos metropolitas de Braga e Ourense para Lugo e os de Tui e Lamego para Iria, essa região ficou à margem da dominação islâmica, mantendo-se a sociedade e a religião cristã.

A desestruturação política e administrativa do reino visigodo, cuja capital, Toledo, caiu sob o domínio muçulmano, bem como a rutura das rotas comerciais ibéricas e mediterrânicas transformaram profundamente a realidade do Noroeste ibérico, tendo as cidades que compunham a rede urbana tardo antiga sido significativamente afetadas, certamente devido à incapacidade de manutenção das redes de intercâmbio de produtos agrícolas para o sustento de um número elevado de habitantes citadinos. Este processo acentuou a ruralização da economia com a dispersão da população urbana e a sua distribuição e concentração por pequenos núcleos do território, alguns dos quais antigas *uillae* e *vicus* (Gutierréz González, 2008).

Se o século VIII foi marcado pela defesa asturiana, no IX a reação contra o Garb Al-Andalus começa a fazer-se mais presente. Embora o rio Douro tenha sido constituído como a fronteira entre o mundo cristão e o muçulmano, foi necessário "retomar as terras" externas ao reino asturiano e "repovoar os territórios" ou, noutras palavras, incluir os centros urbanos e a população que ali habitava na área de domínio dos reis das Astúrias, levando à anexação do reino da Galiza, por Afonso II, em finais do século VIII e à criação do condado Portucalense, no século IX, com Vímara Perez como o seu primeiro regente e do *comes* de Coimbra, tendo Hermenegildo Guterres à frente (Silva, 1993).

As relações entre as diferentes unidades administrativas do Noroeste da Península Ibérica, como os reinos da Galiza, León e Astúrias, o condado Portucalense e o *comes* de Coimbra, deram-se através de redes prosopográficas e de vassalagem entre os diferentes nobres, que garantiam o controlo da terra, herança e descendência no território que, paulatinamente, ia sendo conquistado (ou "reconquistado") ao domínio islâmico (Mattoso, 1970; Marques, 2007).

O gradual avanço da fronteira a sul possibilitou uma precoce pacificação do Noroeste ibérico, fenómeno que se destaca em dois momentos bastante significativos. Em primeiro lugar, a criação do culto ao apóstolo Santiago, o Maior, com a eventual descoberta de seu túmulo[27], no século IX e a constituição da peregrinação de fiéis pelo Caminho de Santiago, movimentou um grande número de pessoas em direção às terras do Noroeste, oriundas de outros reinos cristãos do norte, como Astúrias, Aragão e Navarra, e do Al-Andalus (Pérez Ramallo, 2020; *et al.*, 2022; 2023). Por outro lado, em 1070, o bispo regressa a Braga e a diocese é restaurada, após cerca de três séculos de exílio do prelado em Mondonhedo, Lugo (Costa, 1997).

Os momentos de instabilidade e fragilidade das coroas e das elites medievais do território norte-ocidental da Península Ibérica, seja por problemas de descendência, económicos ou decorrentes das guerras contra os muçulmanos a sul, foram motores para alterações das redes políticas que entrelaçavam os reinos e condados da região. Talvez o melhor dos exemplos desse fenómeno, especialmente pelo resultado que produziu, seja aquele que deu origem à constituição do reino de Portugal.

Com a morte de D. Alfonso VI, rei de Leão e Castela, Galiza, Toledo e *imperator totius Hispania* sem descendentes masculinos, a sua filha, D. Urraca herda o domínio sobre um vasto território, que ia desde as fronteiras com Aragão até o oceano Atlântico. Os diferentes interesses das nobrezas do condado portucalense, que tinha D. Teresa e D. Henrique como regentes, e de Aragão, levaram a uma escalada dos conflitos bélicos, resultando na perda da coroa aragonesa e no fortalecimento dos ideais independentistas portucalenses, com o favorecimento de alguns nobres e magnates galegos (Torres Sevilla-Quiñones de León, 1998). Paralelamente, a restauração diocesana de Braga, que abria um confronto com Santiago de Compostela, bem como a busca pelo reconhecimento da arquidiocese metropolitana, tendo Toledo como principal opositor, tornaria os bispos bracarenses como fortes aliados dos intentos independentistas, a que se juntavam numerosos nobres a norte e sul do Douro, movimento que logrou sucesso com D. Afonso Henriques, filho de D. Teresa, que além de conseguir uma maior autonomia em relação a Leão, elevou o condado à categoria de reino, justificada pela vitória na guerra cristã contra os muçulmanos (Silva, 1993; Marques, 2017).

A independência portuguesa, face às demais coroas espanholas, dotou o reino de uma autonomia muito mais ampla, embora ainda imerso em redes prosopográficas com os demais monarcas europeus. De facto, reside na própria natureza do poder medieval, de base feudal, a forma como as

[27] Permanece uma dúvida sobre o túmulo sob a Catedral de Santiago de Compostela, tendo Louis Duchesne proposto que, em realidade, tratar-se-ia do sepulcro de Prisciliano (1900).

relações internas e externas ao reino de Portugal foram estabelecidas após o seu nascimento. Socialmente, as divisões entre os estratos sociais mais altos e os mais baixos estão de acordo com as condições de nascimento, propriedades e participação na Guerra Santa contra os muçulmanos ou outros inimigos da cristandade, o que torna uma vasta camada da população completamente comprometida socialmente, fenómeno que não se altera significativamente ao longo dos séculos posteriores e que carateriza, em grande medida, a sociedade no Antigo Regime, até o século XVIII–XIX (Mattoso, 2009b; Hespanha, 2010).

2.2.3 A cidade de Braga

Na sequência da exposição previamente realizada, abordaremos o período em análise, entre os séculos III–XV, à escala da cidade de Braga. Tal como temos feito para outros contextos, procuraremos elaborar uma leitura dos fenómenos e movimentos que caracterizaram a evolução da cidade, privilegiando, por um lado, os momentos anteriores ao limite inicial do recorte temporal em análise (século III), de modo a melhor caracterizar o centro urbano e a sua sociedade, assim como os elementos de rutura e continuidade nos períodos que se sucedem. Acreditamos que a análise a essa escala proporciona uma abordagem material das realidades históricas, sem, contudo, descorar dos quadros mentais, culturais, políticos e económicos que produzem motivações e regras sociais.

O domínio romano da Hispania e a ação romana no *conuentus bracaraugustanus* não parece ter produzido transformações imediatas das realidades que subsistiam da Idade do Ferro Final, encontrando-se grande continuidades económicas, sociais e culturais das populações indígenas nos alvores da época imperial, por vezes celebradas ou promovidas por Roma, fruto de uma atuação focada em aspetos organizacionais dos novos territórios integrados no Império e respetivas populações, de natureza administrativa, fiscal e jurídica (Martins & Magalhães, 2021; Machado & Dias, 2022).

A escassa documentação textual que nos chegou pouco revela sobre os modos de exploração da terra no I° milénio a.C. do Noroeste ibérico, um quadro semelhante ao de outras geografias imperiais, com a exceção de pequenas passagens sobre os povos germânicos e vácceos, descritas por Júlio César (*BGall.* 5.21.1; 6.22.2)[28] e Diodoro Síciulo (5.34.3)[29], respetivamente. Esses autores apontam para

[28] Caes. *BGall.* 5.21.1; 6.22.2: "*Germani multum ab hac consuetudine differunt [...] neque quisquam agri modum certum aut fines habet proprios; sed magistratus ac principes in annos singulos gentibus cognationibusque hominum, qui una coierunt, quantum et quo loco visum est agri attribuunt atque anno post alio transire cogunt*"
"Os germanos diferem muito destes usos [...] nem ninguém tem uma quantidade fixa de terra ou os seus próprios limites individuais; mas os magistrados e os homens principais distribuem todos os anos às tribos e famílias, que se uniram, tanta terra e no lugar em que eles acham apropriado, e no ano seguinte obrigam-lhes a mudar-se para outro lugar".

[29] Diod.Sic. 5.34.3: "*τῶν πλησιοχώρων ἐθνῶν αὐτοῖς ἐστι τὸ τῶν Οὐακκαίων ὀνομαζομένων σύστημα: οὗτοι γὰρ καθ' ἕκαστον ἔτος διαιρούμενοι τὴν χώραν γεωργοῦσι, καὶ τοὺς καρποὺς κοινοποιούμενοι μεταδιδόασιν ἑκάστῳ τὸ μέρος, καὶ τοῖς νοσφισαμένοις τι γεωργοῖς θάνατον τὸ πρόστιμον τεθείκασι*"

algumas semelhanças na forma como as terras eram divididas entre os membros dessas sociedades, em que se percebe uma ausência de propriedade privada, estando os terrenos agrícolas sob o mando das elites políticas que anualmente repartiam os campos entre as famílias e tribos, afastando qualquer noção de posse ou herança das terras e reiterando o caráter coletivo da produção agrícola. Nesse sentido, a valorização dos dados arqueológicos representa a única possibilidade de se restituir o quadro económico, político e cultural da Idade do Ferro da área galaico bracarense onde se integra o atual território setentrional português. Os estudos realizados por Manuela Martins para a bacia do médio do rio Cávado, relativos aos finais do Iº milénio a.C., evidenciam um período de profundas transformações, especialmente documentado nas realidades materiais enquadradas no período entre os séculos II e I a.C., quando parece verificar-se uma complexificação social e económica, com efeitos no povoamento da região, que revela um sistema mais integrado e hierarquizado dos povoados, registando-se também um forte investimento no aproveitamento agro-pecuário das terras do fundo do vale, cuja exploração era significativamente mais difícil do que os solos localizadas nas proximidades dos povoados de média altitude, embora muito mais compensadora (Martins, 1990). Após a conquista romana, muitos desses povoados, que recobriam diferentes tipos de relevo do Entre-Douro-e-Minho, conheceram ainda uma ocupação continuada até meados do século I, mantendo-se ocupados maioritariamente até à época flávia, altura em que começam a emergir novas expressões de povoamento romano, dispersas ao longo dos eixos viários romanos e se densifica a ocupação e exploração dos vales a partir de uma rede de *uillae* (Martins, 2024). Este novo quadro de povoamento, que se afirmou ao longo do século I na área rural em torno de *Bracara Augusta,* foi estruturado com base no traçado das vias que recortavam o território e uniam os centros urbanos e no cadastro, uma das expressões normativas do modo como Roma interagiu com os povos conquistados e da forma como os territórios foram integrados na lógica imperial, sistematizadas no *Corpus Agrimensorum Romanorum*, que compila os textos produzidos por agrimensores ou gromáticos romanos. Esses profissionais trataram de diversos temas relacionados com os instrumentos e procedimentos para a divisão de terras e para o cálculo das áreas, especialmente voltados para o posterior estabelecimento de taxas e impostos a serem cobrados. Assim, uma vez realizada a conquista, a forma como as terras anexadas foram repartidas, inclusive entre a população local, variava de acordo com os acontecimentos que marcaram a guerra e, especialmente, com o apoio ou enfrentamento que as populações conquistadas haviam estabelecido com os exércitos romanos em

"Entre os povos vizinhos, a organização mais curiosa é a dos chamados vácceos; todos os anos dividem a terra entre si e cultivam-na. Consideram a colheita como propriedade comum e dão a sua parte a cada um, e estabeleceram a pena de morte para os agricultores que roubem alguma coisa."

fase de conquista. Sículo Flacco (*De diu. et assig.*, II)[30] afirma que o campo tomado dos inimigos era atribuído ao general vitorioso, sendo posteriormente repartido, sendo parte dele concedido às pessoas derrotadas, com base no reconhecimento de dignidade (*dignitas*), favor (*gratia*) ou amizade (*amicitia*).

As novas divisões do território e da terra, inauguradas a partir da reação das comunidades indígenas face à expansão romana, podem, eventualmente, ter reestruturado os quadros políticos proto-históricos que até então vigoravam, uma vez que pode ter determinado a promoção ou penalização de determinados grupos, seja por ocasiões da guerra ou pelos interesses romanos, resultando em cenários variados, por vezes desiguais e, porventura, injustos (Sic. Flac. *De condi. agr.*, IV)[31]. Esse fenómeno parece estar documentado na *tabula Paemeiobrigensis*[32], conhecida por Édito de El Bierzo, ou Bronze de Bembibre, na qual o imperador concede a essa comunidade a posse de seus terrenos (*agros et quibus finibus possederunt*) e a imunidade fiscal perpétua (*immunitate perpetua dono*) (Alföldy, 2001).

Segundo Frontino, as terras incorporadas ao território imperial eram enquadradas em três categorias definidas a partir do modo como a sua divisão e limitação haviam sido realizadas. Elas podiam ser alvo de um cadastro (*agri diuisi et adsignati*), medidas pelo perímetro (*mensura per extremitatem comprehensi*), ou estabelecidas a partir do modo como se fazia anteriormente à conquista (*arcifini*) (Iul. Front. *De agr. qual.*, I)[33]. Para efeitos fiscais (*uectigalem*), os agrimensores deviam reduzir esses campos

---

[30] Sic. Flac. *De diu. et assig.*, II: "*Causam autem dividendorum agrorum bella fecerunt. Captus enim ager ex hoste victori militi veteranoque est assignatus hostibus pulsis aequalis in modo manipuli datus est. Nec tamen omnibus personis victis ablati sunt agri; nam quorundam dignitas aut gratia aut amicitia victorem ducem movit, ut eis concederet agros suos.*"
"Mas as guerras causaram a divisão das terras. Pois o campo tomado do inimigo foi atribuído ao general vitorioso, que repartiu em parcelas iguais. No entanto, as terras não foram tiradas de todas as pessoas derrotadas; pois a dignidade, favor ou amizade de alguns levou o líder conquistador a conceder-lhes suas terras."

[31] Sic. Flac. *De condi. agr.*, IV: "*Condiciones autem agrorum variae sunt ac diversae, quae aut casibus bellorum aut utilitatibus populi Romani aut ab iniustitia, ut dicunt, inaequales sunt.*"
"Mas as condições dos campos são variadas e diversas, que ou por ocasiões de guerra, ou pelos interesses do povo romano, ou por injustiça, como dizem, são desiguais."

[32] *Tabula Paemeiobrigensis*, AE 1999, 0915; 2001, 1214; 2002, 0763; 2003, 0017: "*Imp(erator) Caesar Diui fil(ius) Aug(ustus) trib(unicia) pot(estate) / VIII(I) et pro co(n)s(ule) dicit / castellanos Paemeiobrigenses ex / gente Susarrorum desciscentibus / ceteris permansisse in officio cog/noui ex omnibus legatis meis qui / Transdurianae prouinciae prae/fuerunt itaque eos uniuersos im/munitate perpetua dono quosq(ue) / agros et quibus finibus possede/runt Lucio Sestio Quirinale leg(ato) / meo eam prouinciam optinente{m} / eos agros sine controuersia possi/dere iubeo / castellanis Paemeiobrigensibus ex / gente Susarrorum quibus ante ea immunitatem omnium rerum dede/ram eorum loco restituo castellanos / Aiiobrigiaecinos ex gente Gigurro/rum uolente ipsa ciuitate eosque castellanos Aiiobrigiaecinos om/ni munere fungi iubeo cum / Susarris actum Narbone Martio / XVI et XV K(alendas) Martias M(arco) Druso Li/bone Lucio Calpurnio Pisone / co(n)s(ulibus)*"
"O imperador César Augusto, filho do divino César, com o nono poder tribunício e na qualidade de procônsul, declara: Soube por todos os meus legados que tinham a seu cargo a província da Transduriana que os *castellani Paemeiobrigenses* da *gens* dos *Susarri* permaneceram leais, enquanto os outros desertaram. Concedo-lhes, portanto, imunidade perpétua. E esses campos, com os limites com que os possuíam quando o meu legado *Lucius Sestius Quirinale* administrava esta província, ordeno que os possuam sem disputa. Em vez dos *castellani Paemeiobrigenses* da *gens* dos *Susarri*, a quem eu tinha anteriormente concedido imunidade sobre a sua propriedade, restituo-lhes os *castellani Aliobrigiaecini*, da *gens* dos *Gigurri*, a pedido da *ciuitas* dos *Susarri*. E ordeno que estes *castellani Aliobrigiaecini* contribuam em todos os seus *munera* juntamente com os *Susarri*. Dado em *Narbo,* nos dias 16 e 15 antes do fim do mês de março, sendo cônsules *Marcus Drusus Libon* e *Lucius Calpurnius Pison*."

[33] Front., *De agr. qual.*, I: "*Agrorum qualitates sunt tres: una agri divisi et adsignati, altera mensura per extremitatem conprehensi, tertia arcifini, qui nulla mensura continetur. Ager ergo divisus adsignatus est coloniarum. Hic habet condiciones duas: unam qua plerumque limitibus continetur, alteram qua per proximos possessionum rigores adsignatum est, sicut in Campania Suessae Auruncae. Quidquid autem secundum hanc condicionem in longitudinem est delimitatum, per strigas appellatur; quidquid per latitudinem, per scamna. Ager ergo limitatus hac similitudine decimanis et cardinibus continetur. Ager per strigas et per scamna divisus et adsignatus est more antiquo in hanc similitudinem, qua in provinciis arva publica coluntur. Ager est mensura conprehensus, cuius modus universus civitati est adsignatus, sicut in Lusitania Salma<n>ticensibus aut Hispania citeriore Palantinis et in conpluribus provinciis tributarium solum per universitatem populis est definitum. Eadem ratione et privatorum agrorum mensurae aguntur. Hunc agrum multis locis mensores, quamuis extremum mensura conprehenderint, in formam in modum limitati condiderunt.*"
"Existem três qualidades de terras: um dos campos divididos e atribuídos, o segundo da medida apreendida pelas extremidades, o terceiro arcifinal, que não contém medida. O campo foi, portanto, dividido e atribuído às colónias. Aqui tem duas condições: uma em que geralmente é contido por limites, o outro em que é atribuído pelos rigores das possessões vizinhas, como em *Suessa Aurunca*, na Campânia. Agora, tudo o que é limitado em comprimento de acordo

(*agrum arcifinium*) a medidas que permitissem quantificar os seus limites (Hyg. Grom., *Const. limit.* XXVII)[34].

Apesar da falta de documentação literária ou epigráfica, acreditamos que os terrenos agrícolas dos povoados dos finais da Idade do Ferro tiveram os seus limites reconhecidos e mantidos aquando da integração da região da *Gallaecia* bracarense no Império, a partir de 19 a.C. A continuidade na ocupação desses locais bem como a permanência da referência aos quadros étnicos pré-romanos, transformados em *ciuitates*, *gentes* ou *castella*, sugerem que, do ponto de vista económico, político e cultural, a anexação dos territórios *bracaraugustanus* por Roma deu-se com finalidades administrativas e fiscais. Nesse sentido, "a organização do território, respeitando as grandes unidades étnicas, terá mesmo beneficiado as elites locais, que encontraram na nova estrutura urbana em desenvolvimento uma oportunidade para se valorizarem e reorganizarem" (Martins, 1995: 88). No entanto, as evidências de um cadastro rural nas imediações da cidade romana, estudado por Helena Carvalho (2008), documenta também operações associadas a um processo de *assignatio* de terras, com base na centúria (20 *acti*), direcionadas aos futuros ocupantes da cidade, na origem de uma elite urbana e rural, de origem indígena, o que representaria um estímulo ao povoamento da cidade (Martins & Carvalho, 2016; 2017).

A presença indígena nos primórdios da cidade de *Bracara Augusta* encontra-se bem documentada em um pedestal de estátua, identificado em Semelhe, junto à capela do Senhor do Lírio, a cerca de 3 km da cidade, certamente originário da área urbana e que teria como local original o *forum* (Martins & Carvalho, 2010). Trata-se do embasamento de uma grande estátua honorífica, em granito, com 1,18m de altura, sobre a qual existiria uma representação de *Augustus*, a fazer fé na inscrição gravada no monumento, dedicada "ao imperador César Augusto, filho do divino, pontífice máximo, detentor do poder tribunício pela 21ª vez, pelos bracaraugustanos que consagraram o monumento no dia do aniversário de Paulo Fábio Máximo, legado propretor"[35]. O conteúdo da inscrição revela-nos, ainda, que a estátua foi dedicada aquando da propretoria de *Paulus Fabius Maximus*, entre os anos 3 e 2 antes da nossa era, o que fornece um *terminus ante quem* para a fundação da cidade e o início das atividades construtivas, conforme vem sendo discutido por Manuela Martins (& Carvalho, 2016; *et al.*, 2017a; Martins, 2024). Contudo, o que sobressai da epígrafe é a precoce constituição de um corpo cívico que

com esta condição é chamado de *strigas*; enquanto a largura, de *scamna*. O campo, portanto, limitado de modo similar aos *decumani* e *kardines*. O campo dividido e distribuído através dessa semelhança, por meio de *strigas* e *scamna*, é mais antigo, do modo como as terras públicas são cultivadas nas províncias. Um campo medido pelas extremidades, cuja medida total é atribuída a uma *ciuitas*, como entre os salmanticenses, na *Lusitania*, ou entre os palantinos, na *Hispania Citerior*, ou em várias províncias, onde o imposto era atribuído ao conjunto da população que ali habita. As medições de campos privados são realizadas da mesma maneira. Em muitos lugares, os agrimensores, embora tenham compreendido a medida extrema, a colocaram de forma limitada."

[34] Hyg. Grom., *Const. limit.* XXVII: "*Agrum arcifinium uectigalem ad mensuram sic redigere debemus, ut et recturis et quadam terminatione in perpetuum seruetur.*"

"O campo arcifinal deve ser reduzido, para a cobrança de impostos, a uma medida retilínea e limites definitivos."

[35] *Hispania Epigraphica*, n° 20263: "*Imp(eratori) Caesari diui f(ilio) Aug(usto) / pont(ifici) max(imo) trib(unicia) pot(estate) XXI / sacrum / Bracaraugustani / Paulli Fabi(i) Maximi leg(ati) pro pr(aetoris) / natali dedicata est.*"

se autorreconhece como "bracaraugustano". Dado o curtíssimo período entre a fundação da cidade (15–14 a.C.) e a dedicação da estátua (3–2 a.C.), não se trata de descendentes dos primeiros ocupantes de *Bracara Augusta*, mas dos membros da primeira geração que se deslocou para o recém-fundado centro urbano, que optaram por se autorreferenciar pela identidade associada à nova cidade e não pelos seus gentilícios de nascimento, como é comum noutras inscrições realizadas por pessoas que deixaram os seus locais de origem, como é o caso de *Celico Fronto*, natural de Arcóbriga, evergeta da Fonte do Ídolo, que mandou esculpir imagens e gravar inscrições, no período augustano, num local situado na periferia da área urbana de *Bracara Augusta*[36], junto à necrópole da via XVII (Elena *et al.*, 2008).

A composição social do corpo cívico bracaraugustano, patente no *corpus* epigráfico que nos chegou, especialmente proveniente do mundo funerário, documenta a diversidade populacional da cidade desde o início da sua ocupação. Com efeito, vemos um centro urbano que contou, muito precocemente, com a instalação de elites indígenas provenientes dos povoados da região, cujos indivíduos, embora tenham adotado precocemente as práticas romanas de referenciar os mortos através da gravação de *stelae*, dispostas ao longo dos caminhos que saíam da cidade, mantiveram alguns símbolos que possibilitaram a afirmação de sua origem, como a inscrição da letra "C" invertida, para indicar os *castella* de origem, ou a inclusão de elementos decorativos como círculos, trançados e motivos lunares, bem como estrangeiros, a exemplo do já referido Celico Fronto, arcobrigense, mas também de Marco António Augustano[37], natural de *Pax Iulia*, ou Emília Lougo[38], de Clúnia (Pereira Menaut, 1983; Tranoy & Le Roux, 1989–90; Martins *et al.*, 2012b; 2020). Destacamos ainda a precoce interação da população bracaraugustana com comunidades externas à região, documentada, ainda em época Júlio-Claudiana, por agentes comerciais romanos, de alguma forma institucionalizados, que dedicaram uma inscrição honorífica a *C. Caetronius Miccio*[39], na época do imperador Cláudio, um senador que foi legado imperial nas *Hispaniae* e procônsul da Bética, um dos três responsáveis, entre 42–44, pela cobrança compulsória do tributo devido ao erário romano (Alföldy, 1966; Redentor, 2017).

O processo de materialização dos limites e a subdivisão do espaço físico da cidade de *Bracara Augusta* pode ser inferido a partir dos dados arqueológicos disponíveis, sendo possível estimar que a cidade teria o seu eixo maior no sentido E/O e uma área planificada de cerca de 29,85 hectares (Martins & Carvalho, 2016; 2017). Os vestígios construtivos documentam que a cidade possuía uma orientação

[36] *CIL* II 2419; *AE* 1986, 386: "*[Ce]licus Fronto / Arcobrigensis / Ambimogidus / fecit // Tongoe/nabiagoi // Celicus fecit / Front(o).*"
[37] *CIL* II 2425: "*M(arcus) Antonius M(arci) f(ilius) / Gal(eria) Augustanus / Pace miles leg(ionis) / VII Gem(inae) Fel(icis) / |(centuria) Mamili / Lucani an(norum) / XLV aer(orum) XIIX / h(ic) s(itus) e(st) / Sempronius / Graecinus / heres f(aciendum) c(urauit).*"
[38] *AE* 1973, 298: "*Aemilia Lougo C(ai) f(ilia) Cluniensis / an(norum) X h(ic) s(ita) e(st) / s(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*"
[39] *CIL* II 2423; *AE* 1967, 222: "*C(aio) Ca{et}ronio C(ai) [f(ilio)] / Cam(ilia) Miccioni tri(buno) / pl(ebis) pr(aetori) legato Aug(usti) [Hisp(aniae)] / c[ite]rioris leg(ato) Aug(usti) legi[o]/ni[s] II A[ugu]st(ae) proco(n)[s(uli)] / pr[ovin]ci(ae) B[ae]ticae / p[raef(ecto) aerar(ii)] mil[i]/t[aris prae]fecto reliquo/rum exigendorum popul[i] / Romani / cives Romani qui nego/tiantur Bracaraugust[ae].*"

NNO/SSE, sendo a distância medida entre os eixos das ruas de 156 *pedes*, quer no sentido N/S, quer no sentido E/O, sugestivo de um modelo planimétrico baseado no cruzamento de dois eixos principais, com subsequente marcação de eixos paralelos, que definiam uma grelha quadrada (Martins *et al.*, 2017b).

Já nas primeiras décadas após a fundação da cidade ter-se-ão iniciado as atividades construtivas associadas ao *forum*, que terão exigido uma considerável mão-de-obra, que teria sido maioritariamente indígena e oriundo dos castros da região. No entanto, nada sabemos sobre a estrutura do centro administrativo e religioso de *Bracara Augusta*, sendo a sua localização conhecida sobretudo através de referências presentes na cartografia histórica da cidade (Martins *et al.*, 2017b, p. 254). Podemos ainda atribuir ao período de Augusto alguns silhares que marcavam os limites dos quarteirões, alguns muros de contenção, construídos em aparelho poligonal de tradição indígena, bem como um invulgar espaço construído, cujas características sugerem a sua possível função como espaço comercial e de armazenagem, presumivelmente um *horrea* (Martins, 2005; Martins *et al.*, 2017a; Martins, 2024). No entanto, a imagem que pode inferir-se da cidade augusta e júlio-cláudia com base nos dados arqueológicos disponíveis, pouco se assemelharia à melhor conhecida cidade flávia, ou antonina, datando de entre finais do século I e inícios do II, alguns dos principais equipamentos públicos de *Bracara Augusta*, que documentam a monumentalização da cidade e uma ocupação generalizada dos quarteirões habitacionais (Martins & Magalhães, 2021, pp. 417–419; 2023). Com efeito, data da época flávia a constituição do parque habitacional da cidade, representado por *domus* que preenchiam a metade ou a totalidade dos quarteirões, rodeados por eixos pedonais porticados, reproduzindo o léxico arquitetónico itálico nas plantas e na escolha dos materiais (Martins *et al.*, 2017b). Trata-se, maioritariamente, de *domus* de peristilo, ladeadas de pórticos que bordejavam as vias e facilitavam o acesso às lojas, que se desenvolviam na parte baixa das casas (Magalhães, 2019).

Nos finais da época flávia, foi arrasado o edifício comercial antes referido, datável dos inícios do século I, para a construção de umas termas públicas e de um teatro anexo, situados no limite poente do *forum* (Martins *et al.*, 2013a). O edifício das termas ocupava uma área quadrada, com 150 *pedes* de lado, que incluía as zonas de banhos e de serviços e uma ampla *palaestra*, tendo sido objeto de sucessivas reformas até ao seu abandono, nos inícios do século V, tendo mantido, contudo, a sua configuração inicial (Martins, 2005; 2015). O teatro anexo às termas, ainda em fase de escavação, constitui um edifício canónico da arquitetura teatral romana, com três níveis de arquibancadas que definem a *summa*, *media* e *ima cauea*, dispondo de uma *orchestra* com um diâmetro de 20,80 m, incluindo a *poedria* e o *praecintio* de separação com a *ima cauea*. O teatro foi implantado numa zona de

pendente, aproveitando o declive do terreno para a construção da *cauea*, sendo a *ima* ou *media*, acessíveis a partir do *porticus in summa cauea*, que percorria toda a área superior do edifício (Martins *et al.*, 2013a; 2015; Martins, 2020). Na parte traseira da *scaena* foram identificados os vestígios de um *porticus post scaenam*, do qual apenas se identificou um amplo *ambulacrum*. O acesso a esse espaço era realizado através da *ualuae regiae* e das *portae hospitalis*, rasgadas no muro *postscaenam* e das portas que ligavam as *basilicae* (Martins *et al.*, 2015; Martins, 2020).

A sociedade bracaraugustana dos primeiros séculos, marcadamente heterogénea e bastante dinâmica, fabricou recipientes cerâmicos e vítreos cujas diferentes produções atendiam à diversificada população que habitava a cidade (Morais, 2005; Cruz, 2009). No que toca às atividades oleiras, ao longo do século I foram manufaturados objetos que apresentavam uma continuidade formal e tecnológica em relação às produções da Idade do Ferro, sendo, por isso, denominadas cerâmicas de tradição indígena, bem como outras produções comuns que assinalam variações a nível das pastas, sem grandes acabamentos ou decoração, destinadas ao uso de cozinha e mesa dos menos afortunados. Por outro lado, também foram produzidos recipientes em que se observa um maior cuidado no que toca ao alisamento das paredes ou à aplicação de pinturas, com fim decorativo, ou engobes, para revestimento das superfícies. Neste grupo estão representadas as cerâmicas comum fina, fina pintada, cinzenta fina polida e engobe vermelho (Delgado & Morais, 2009). Não obstante, outras produções locais dos primeiros séculos da ocupação da cidade especializaram-se na reprodução de formas exógenas em recipientes de alta qualidade, identificadas tanto no *conuentus* bracaraugustano como no lucense, sendo certamente destinadas a uma camada da população com melhores condições financeiras e ao mercado regional. Estão representados nesse grupo os fabricos de cerâmica bracarense, que imitam as *terrae sigillatae* hispânicas e as paredes finas, cujo paralelo são as produções do mesmo nome originárias da Bética, bem como alguns objetos em manufaturas já mencionadas, como as finas pintadas e os engobes vermelhos (Leite, 1997; Gomes, 2000; Delgado & Morais, 2009; Machado *et al.*, 2022).

Ao longo dos primeiros dois séculos da época imperial, *Bracara Augusta* conheceu também um expressivo fluxo de importação de ânforas, que transportavam variados géneros destinados ao consumo de seus habitantes. Paralelamente, as estruturas agrárias do território conventual, tanto no território próximo da cidade, como nos campos férteis dos vales e encostas que caraterizam a região hoje correspondente ao norte de Portugal, foram alvo de transformações e investimentos importantes que ampliaram a sua capacidade produtiva, seja para o pagamento dos impostos cobrados pela estrutura fiscal romana, seja para o alargamento de seus mercados consumidores, dentre os quais a capital do *conuentus* oferecia as melhores oportunidades devido a sua densidade demográfica. O amadurecimento

das estruturas agrárias, ao longo do século II, tornaram possível a redução do fluxo de importações de bens alimentares, cuja origem da produção passou a ser o próprio convento, fenómeno que está igualmente associado ao início da manufatura de contentores anfóricos locais e regionais, recipientes que, juntamente com as talhas e grandes potes, impulsionaram o transporte do excedente para a cidade através da rede viária terrestre, fluvial e marítima a que a região dispunha (Machado & Dias, no prelo).

O dinamismo da produção bracaraugustana certamente foi o responsável por uma passagem algo tranquila da cidade pela crise do século III, cujo caráter económico regional conseguiu suportar a reprodução social sem grandes dependências do mercado imperial, especialmente da cidade de Roma. Esse conjunto de fatores poderá justificar a promoção da cidade de *Bracara* a capital provincial, com a criação da *Gallaecia* pelo imperador Diocleciano, aquando do programa de reformas fiscais que realizou e que previa a fragmentação das grandes províncias do Principado, de modo a facilitar a melhor gestão e defesa do território hispânico (Martins *et al.*, 2018). Nesse momento, a atividade construtiva urbana ganha outros rumos, tendo sido remodeladas algumas obras públicas, como é documentado pelas reformas das termas públicas. As termas do Alto da Cividade, foram reformadas em finais do século III/inícios do IV e novamente em meados do século IV, tendo o edifício sido abandonado nos inícios do século V (Martins, 2005). Também as termas da rua Afonso Henriques conheceram uma grande remodelação em finais do século III/inícios do IV (Martins *et al.*, 2011). Mas a principal obra pública que assinala o fim do século III está representada pela construção de uma muralha que cercou uma área de 48 ha, mais ampla que a cidade planificada no tempo de Augusto (Lemos, *et al.*, 2007). Também se verificam transformações nas *domus* que registam investimentos entre os séculos III e IV, que refletem a busca pela ascensão política e social das elites bracarenses face às novas possibilidades de cargos na administração pública provincial (Martins *et al.*, 2016). Algumas antigas habitações que ocupavam metade de quarteirões foram expandidas para os lotes contíguos, como está documentado na *domus* da Rua Frei Caetano Brandão/Escola Velha da Sé, o que terá permitido a reprodução de salas de representação para a receção de *conuiuas*, atividades expectáveis de qualquer *paterfamilias* que buscasse ampliar as suas relações com os demais membros da elite urbana. Assim, também, e de maneira bastante generalizada, os programas decorativos dos espaços domésticos com uso público passaram por reformas que incluíram o uso de mosaicos para cobrir os pavimentos e de pinturas para as paredes, usando-se, ocasionalmente, o mármore, utilizado em capitéis e outros elementos arquitetónicos. Este processo está bem documentado na *domus* das Antigas Cavalariças de Braga, onde foram recuperados restos de *tesselae* e foi identificado um ninféu com pavimento em *opus* alexandrino,

bem como na construção de espaços termais destinados ao uso privado, como documentado na *domus* da Escola Velha da Sé (Ribeiro, 2010; Magalhães, 2019).

Por outro lado, foi identificado um fenómeno de apropriação generalizada do espaço público pelos proprietários de algumas habitações, de modo a ampliarem as suas residências através da ocupação dos antigos eixos pedonais porticados. Essa alteração deu-se através do avanço do espaço doméstico sobre as *tabernae*, que se dispunham ao longo das fachadas das casas, abertas aos pórticos que delimitavam os quarteirões, passando as lojas a instalar-se nos eixos porticados, resultando na completa alteração da paisagem urbana que definia *Bracara Augusta*, bem marcada pelo ritmo das colunas ao redor das *domus* (Martins *et al.*, 2018a; Magalhães, 2019). Da mesma forma, outro fenómeno, identificado a partir do século IV, e que também rompe com a *forma urbis* da cidade planificada alto-imperial, é a orientação de novas construções em relação à muralha e não à malha urbana, como acontece na zona do Fujacal (Pereira, 2018), observando-se ainda o avanço de edifícios sobre algumas ruas que perdem a importância que tinham no período anterior após a construção da muralha (Martins *et al.*, 2018a).

Se, por um lado, as reformas registadas nas *domus* bracarenses assinalam um período de grande investimento no património privado dos seus proprietários, por outro lado, os espaços públicos de entretenimento são abandonados e desmantelados. Com a desafetação do teatro de *Bracara Augusta*, entre os séculos III–IV, as suas estruturas foram, gradativamente, reutilizadas para a criação de novos contextos construtivos residenciais e artesanais. Com efeito, a área correspondente ao *parascaenium* norte foi remodelada e convertida num espaço habitacional, enquanto o muro perimetral do teatro, na plataforma superior, foi reutilizado como alicerce de parede de uma construção de carácter artesanal. Mais a norte, foi construída uma outra estrutura, que reutilizou parte do muro do aqueduto romano que cruzava aquela área e assegurava o abastecimento das termas, ambas obras dos finais do século I.

Ao nível urbanístico e construtivo, as novas expressões arquitetónicas nada têm a ver com as *domus* na sua versão alto imperial, ou mesmo com a sua mais luxuosa versão do século IV, parasitando construções precedentes, assumindo um carácter orgânico e usando novos materiais, como o xisto e as argamassas para formalizar os alçados, com estrutura de madeira, sendo os novos pavimentos em terra batida (Martins *et al.*, 2015; 2018b). Este novo universo construtivo tardo antigo tem paralelos em vários contextos urbanos, mas também rurais da Península Ibérica, em cronologias coevas (Azkarate Garai-Olaun & Solaun Bustinza, 2012).

As mudanças documentadas em *Bracara* na transição para o século IV parecem anunciar uma nova mentalidade na sociedade e na forma como as elites se relacionavam com a cidade. Com efeito, o

abandono dos teatros no mundo romano, especialmente na parte ocidental, recorrentemente teve lugar nos finais do século III/inícios do IV, muitas das vezes dando origem a novas construções ou ao reaproveitamento dos materiais (*spolia*) (*cf.* Sear, 2006). Diversos autores têm refletido sobre os motivos para o fim da generalidade dos edifícios teatrais, encontrando justificativas no avanço do cristianismo, na desestruturação da civilização romana clássica e nas migrações dos povos germânicos, que se acentuaram durante o século IV, com as investidas dos hunos no leste europeu (Wilson & Goldfarb, 2018: pp. 92–93).

Embora aqueles argumentos possam fazer sentido, eles merecem uma reflexão mais aprofundada no quadro do das características do período pós-clássico. Como apontam os estudos de Gilvan Ventura da Silva (2012; 2013; 2014; 2016) sobre a cristianização da cidade de *Antioquia ad Orontes*, a mudança religiosa na população do Império rumo à fé cristã, que tornava necessário o abandono dos cultos politeístas e judeus, não se deu ao longo do século IV, nem mesmo com o Édito de Tessalónica, promulgado em 380 pelo imperador Teodósio, que tornava o cristianismo a religião oficial do Império, encontrando nas homilias dos bispos, ainda no século V, recorrentes ataques às idas de fiéis cristãos ao teatro de Dioniso, às festas religiosas do panteão politeísta e à sinagoga. Nesse sentido, verifica-se que as mudanças religiosas foram muito mais lentas e só estariam plenamente realizadas num momento bem mais avançado do período tardio. Por sua vez, o fim da civilização romana clássica, ou seja, do modelo clássico de cidade e sociedade, ainda que efetivamente conheça alterações significativas a partir da estabilização do Império, sob a tetrarquia, dificilmente poderá significar uma completa transformação do quadro mental das populações. Em grande medida, é justamente próprio da civilização romana a capacidade de mudança sempre que o novo parece ser útil, sobretudo aquando do processo de expansão e conquista de novos territórios que Roma iniciou ainda no século IV a.C. (Wallace-Hadrill, 2015). Os estudos que têm promovido essa reflexão, especialmente para o período tardio, analisam a permanência de elementos culturais republicanos e do principado através de movimentos mnemónicos que constituem a vida diária das pessoas, revelando lugares e motivações que recorrem a momentos e práticas antigos e, algumas das vezes, já abandonados ou profundamente alterados (Favro, 2014; Lewis, 2016). Não obstante, é importante notar que, independentemente do quão fidedigna seja a leitura da civilização romana, ela recorrentemente está presente no imaginário das sociedades em épocas posteriores, como nos diversos movimentos renascentistas que cruzaram o período medieval, seja no século VIII, com Carlos Magno, ou no X, com Otto, entre outros (Pohl *et al.*, 2018). Portanto, acreditamos que as mudanças sociais, políticas e culturais que o Império experienciou no século IV não colapsaram os quadros mentais da civilização romana, cuja sedimentação no campo simbólico, físico e

topográfico dos centros urbanos se mantiveram muito além desse período. O terceiro argumento, que leva em consideração a intensificação da chegada das populações germânicas, ao longo do século IV e inícios do V, além de um pouco deslocado temporalmente, pois não permite explicar o desmantelamento dos edifícios teatros em finais do século III, ou na primeira metade da centúria seguinte, assim como aqueles que permanecem em uso até o século VI ou VII, é bastante perigoso. Com efeito, como o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2003; 2009) salientou em algumas de suas obras, a constituição dos centros urbanos é sempre um conflito com diversas alteridades e, na eventualidade de serem estrangeiros, essa relação conflituosa aumenta significativamente, fenómeno que será agravado se incorrer em populações culturalmente diferentes (Huntington, 1997), sobretudo se o "outro" constituir um indivíduo cuja existência e modo de vida já conhecer uma imagem criada (e quase sempre deturpada) (Said, 1990; 1993).

Embora não seja o nosso objetivo rejeitar completamente qualquer um dos argumentos apresentados, sobretudo para o caso bracarense, onde a documentação disponível não permite avançar nesse sentido, parece-nos útil propor uma outra via, associada ao lugar que as pessoas de diferentes estatutos ocupavam nas fileiras de assentos dos edifícios de espetáculo, o qual foi, ao longo dos últimos séculos do período republicano, alvo de constantes disputas.

Em grande medida, o estatuto legal dos indivíduos e as funções administrativas que exerciam definia o lugar a que tinham direito na plateia dos teatros, uma situação que sofreu alterações bastante significativas no decurso do século III, uma vez que, em 212, o imperador Caracala emitiu a *Constitutio Antoniniana*, um documento legal que promoveu todos os habitantes livres do Império a cidadãos romanos, cuja aplicação em termos jurídicos tem conhecido um grande debate (Humfress, 2013). Essa alteração jurídico-social do estatuto dos indivíduos que viviam no território imperial, a que se somam as mudanças políticas inauguradas com a tetrarquia, particularmente a redução dos poderes associados ao Senado, certamente afetou de maneira significativa o potencial de *discrimina ordinum* da disposição dos lugares ocupados no teatro. Esta mudança social determinou que as elites urbanas desinvestissem no espaço público, transferindo para a esfera privada e residencial a capacidade de competirem, tirando partido do luxo para se diferenciarem entre iguais e dependentes. Este é um processo documentado por todo o mundo romano e, naturalmente, também em *Bracara*, onde a elite financeira, política e administrativa do século IV optou por utilizar a sua capacidade de investimento nas suas residências urbanas e rurais (Martins *et al.*, 2016; 2018a; Machado *et al.*, 2020). Em compensação, os equipamentos públicos, que antes garantiam um prestígio notável à cidade, como o teatro e, provavelmente, o anfiteatro, uma vez que não produziam mais a projeção performática dos estatutos das

ordens mais elevadas, foram abandonados, desmontados e usados como pedreiras, o que documenta o caráter pragmático da sociedade romana. A obtenção de pedra necessária para a elevação da muralha documenta bem a mudança do capital simbólico da cidade romana, que foi seriamente modificado ao longo do século III, encontrando expressão na cidade que se reconstrói ao longo do século IV.

A elite que se constitui no período tetrárquico, impulsionada pela promoção de *Bracara* a capital de província, era igualmente detentora de propriedades rurais, as quais conheceram igualmente um forte investimento construtivo e decorativo, melhor conhecidos nas *partes urbanae* das *uillae*, como se verifica em Sendim (Felgueiras), Paço (Barcelos), Dume (Braga) e Vila Caiz (Amarante), enquanto a Quinta do Velho do Paço (Ponte de Lima) conheceu uma ampla reforma num período mais tardio, já em pleno século V (Carvalho, 2008; Ribeiro, 2018). Em grande medida, essa elite urbano-rural manteve os elementos itálicos clássicos que a definia, individualizava e diferenciava da restante população, mesmo após a conquista suévica. Esses elementos estavam especialmente associados aos hábitos de consumo e às atividades realizadas pela elite, bem documentados com a aquisição de produtos importados, a exemplo do vinho oriental, cujos contentores anfóricos foram identificados nas escavações na cidade e na *uilla* de Dume (Fontes, 2011b).

A entrada dos povos germânicos na Galécia, nos inícios do século V e a fundação do reino suevo, apesar do cenário catastrófico e apocalíptico que Idácio de Chaves anuncia na sua crónica, não parece ter provocado grandes alterações na vida urbana de *Bracara*. De facto, não só as elites da cidade parecem ter mantido o seu estatuto, como os dados arqueológicos revelam continuidade social e económica, não sinalizando grandes mudanças, apesar de se verificar um aumento das materialidades que permitem avaliar a emergência de espaços cristãos. De facto, a evolução urbana e arquitetónica de Braga entre os séculos V a VII é devedora de um conjunto de dinâmicas socioculturais, que entrecruzam a cristianização do espaço e da sociedade, o crescente poder dos bispos, a ocupação orgânica das anteriores áreas públicas da cidade romana, como o *forum* ou o teatro e o desenvolvimento de novos hábitos de vida e de habitar (Ribeiro, 2008; Martins *et al.*, 2016; 2018a). A introdução de construções de carácter cristão irá influenciar profundamente a topografia urbana, devendo-se à construção da primeira basílica paleocristã erguida intramuros, na origem do complexo episcopal bracarense, a criação de uma nova centralidade urbana com forte impacto na futura morfologia da cidade tardo antiga e medieval (Fontes *et al.*, 1997-98). Este novo centro político e simbólico reconfigurou a lógica de circulação do espaço urbano, condenando as anteriores áreas centrais da cidade romana a tornarem-se espaços periféricos, progressivamente ocupados de forma orgânica, como aconteceu na área do teatro (Martins *et al.*, 2015; 2018b).

Adaptando a planta do antigo mercado (*macellum*) da cidade, datado da época flávia, identificado em escavações realizadas na rua Nossa Senhora do Leite e sob a catedral de Braga, foi construída, no século V, uma basílica cristã (Fontes *et al.*, 1997–98), a única erguida intramuros. Mais recentemente, entre 2022–2023, foi realizada uma intervenção arqueológica na rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8–10, onde foi possível identificar um amplo conjunto de elementos arquitetónicos e decorativos que igualmente fazem referência a um edifício cristão, sobre o qual pouco ainda se sabe (Magalhães *et al.*, 2023). Esse edifício parece apresentar dimensões mais reduzidas que a basílica e os seus alinhamentos parecem dialogar com o local de culto, embora separados entre si por um pórtico, identificado, na década de 1980, na rua Nossa Senhora do Leite (Gaspar, 1985). A descoberta deste novo edifício, presumivelmente o primeiro paço episcopal, anuncia um importante contributo para a historiografia da cristandade tardo antiga na Península Ibérica e particularmente na Galécia. Da mesma forma, traz à luz do dia um registo material e construtivo de primeira grandeza sobre a igreja bracarense no período suévico e visigótico que, naturalmente, deveria ser bem mais expressivo do que era suposto até ao momento, especialmente percetível pelo dinamismo dos bispos de *Bracara*. De facto, além da basílica paleocristã, os contextos que revelam o avanço do cristianismo na região bracarense são externos à cidade, como as igrejas cemiteriais de S. Victor e S. Vicente, a conversão da antiga *uilla* de Dume em basílica, no século VI, e o complexo senhorial instalado na Falperra, a 3km da cidade, eventualmente associado à corte suévica, que contava com uma basílica, uma *aula* e um edifício que teria funções residenciais (Ribeiro, 2008; Fontes, 2008; 2018; *et al.*, 2010; Barroca *et al.*, 2018).

O século VI corresponde a um momento importante na afirmação da igreja bracarense, associando-se à consolidação da comunidade cristã, por ação de Martinho da Panónia, que chegou à Galécia em 550 e foi responsável pela conversão do rei Charrarico ao cristianismo niceno. A ele se deve a fundação do mosteiro de Dume, a criação da Diocese de Dume, em 556, da qual foi bispo, assumindo também a prelatura da Diocese de Braga, em 569 e a alteração da designação dos dias da semana, tal como a conhecemos hoje. A ele poderá também ser atribuído o *Parochiale Sueuorum*, ou *Diuisio Theodemiri*, obra datável da segunda metade do século VI, que trata da organização administrativa e eclesiástica do reino suevo, na qual se identificam as 134 paróquias que o compunham, agrupadas em treze dioceses (David, 1947).

Ao dinamismo construtivo dos séculos V e VI associa-se um florescimento económico da cidade que coincide com a organização do reino suevo, revelando alguma continuidade com o século IV. As produções cerâmicas e vítreas que abasteciam *Bracara* conheceram modificações importantes, apresentando um conjunto de fabricos que têm o seu início entre os séculos III e IV, e que correspondem,

necessariamente, a mudanças a nível do gosto e do interesse da população, cujo prolongamento no tempo perdurou pelos séculos subsequentes à instalação sueva. Este fenómeno também está presente no que toca às importações, documentando-se produtos vindos de novas regiões, como as *terrae sigillatae* africanas, ou os produtos oriundos de centros que já comerciavam com a *Bracara Augusta* do Principado, como as olarias de *terra sigillatae* hispânicas e gálicas, mas cujos objetos são significativamente distintos dos seus percursores, sobretudo a nível do acabamento, patente nas alterações cromáticas das superfícies das TSHT. O mesmo processo está documentado na produção de vidro, com o vidro bruto a ser importado da costa sírio-palestina e do Egipto, assumindo as peças tons mais escuros como o amarelo acastanhado, ou mesmo o negro (Cruz, 2009; Delgado & Morais, 2009).

Se do ponto de vista arquitetónico os elementos que permitem identificar o avanço cristão sobre a componente física da cidade e o seu entorno imediato, o que certamente é extensível às mudanças religiosas da população, os exemplares construtivos que possuímos para o período suévico são bastante reveladores do dinamismo e empreendedorismo da elite bracarense e dos seus bispos, assim como da corte sueva, cuja ação é percetível no território mais alargado do antigo *conuentus bracaraugustanus* que conheceu igualmente modificações significativas. Com efeito, a divisão administrativa romana do território, operada por Augusto, que privilegiou o reconhecimento dos quadros étnicos e económicos locais e os transformou em *ciuitates*, fomentou a progressiva urbanização do território, através das suas capitais, algumas das quais adoptam o modelo romano, desenvolvendo-se muitas delas a partir de *uici* viários (Martins, 2024; Machado & Dias, no prelo). Ora, a *Diuisio Theodomiri*, ou Paroquial Suevo, que estabelece treze dioceses, reporta os centros urbanos mais destacados da época, designadamente os que possuíam sede de bispado, como *Bracara*, *Lucus*, Chaves, Iria, Ourense, Tui, Porto e Coimbra, cuja importância eclesiástica se vai manter por séculos, ultrapassando mesmo o período medieval, assinalando ainda a permanência na segunda metade do século VI, de muitos topónimos romanos ou indígenas, como as paróquias de *Tongobria/ Tongobriga*, *Conimbriga* e *Eminio/ Aeminium* (Costa, 1997).

Esse cenário, marcado por uma frequente continuidade de processos que se iniciaram nos séculos III e IV e que perduraram até o VI e VII, produziu uma sociedade que se apresenta bastante homogénea no recorte temporal proposto para a Antiguidade Tardia e que difere, em distintos níveis, daquela que foi constituída durante o Principado, ou da que será característica do seguinte período medieval.

Apesar da falta de estudos sobre o período tardo antigo, que se intensifica após a instalação dos suevos na região, da ausência de fontes documentais escritas, ou ainda da descontextualização de grande parte de vestígios arqueológicos que lhe estão associados, estamos face a um período próspero

a nível social e económico, que se traduz na pujança que *Bracara* conseguiu manter a nível urbano e regional. Parte desse fulgor permanece após a conquista visigótica, como bem registam os documentos que nos chegaram de S. Frutuoso, bispo de Braga no século VII. Se o grande fundador de conventos e mosteiros na Antiguidade Tardia do norte de Portugal foi S. Martinho de Dume, S. Frutuoso esteve igualmente na origem de diversos desses equipamentos, mas, sobretudo, na criação de regras para a vida monacal. De facto, foram preservados três textos de Frutuoso, dedicados aos aspetos logísticos, morais e administrativos dos mosteiros, nomeadamente a *Regula monachorum Complutensis*, *Regula Monastica Communis* e *Consensoria monachorum* (*Iberian Fathers*, vol. 1).

Não sendo nossa intenção realizar uma análise pormenorizada dos aspetos morais e administrativos dos documentos, que vão definir um conjunto bastante alargado de regras, como a presença de mulheres e crianças, a relação entre monges e freiras, o cuidado com os doentes e o modo de lidar com os criminosos, interessa-nos pontuar a obrigatoriedade da permissão episcopal para a fundação de um novo mosteiro, bem como as normativas para se aceitarem membros religiosos e leigos nas atividades monacais, como na capela e nos trabalhos associados aos edifícios e campos.

O papel de conventos e mosteiros na estruturação do território tardo antigo manteve-se durante o período medieval, constituindo-se como importantes polos de agregação populacional, seja aqueles desenvolvidos a partir de antigas *uillae* romanas, ou construídos de raíz (Fontes, 2011b; Andrade, 2023). Não obstante, a conformação de um território cada vez mais administrado por equipamentos cristãos, com forte promoção dos prelados bracarenses, possibilitou uma exploração agrária mais intensa, que vai aproveitar-se da chegada da população que começou a esvaziar os centros urbanos, bem como um melhor aproveitamento pela diocese das estruturas do território através da cobrança de taxas e impostos religiosos e leigos, fenómeno que vai, inclusivamente, condicionar a entrada de ordens religiosas em períodos posteriores, como os franciscanos (Mattoso, 1982). Contudo, a conquista do sul peninsular pelos muçulmanos pôs fim a essas tendências, conduzindo à desarticulação da diocese bracarense no século VIII, momento em que o bispo se refugia em Mondonhedo, na Galiza, local que foi a residência do prelado de Braga até a restauração da diocese, em 1070, por D. Pedro I (Costa, 1997). Nesse interregno, apesar da desorganização que a retirada do alto clero provocou em Braga, a cidade continuou a ser ocupada, embora a natureza e a composição da sua população tenham sido alteradas a partir dos inícios do século VIII, uma evolução que permanece ainda muito mal compreendida.

De facto, o impacto da passagem dos muçulmanos pelo norte português está mal documentado, por falta de fontes textuais, mas também pela generalizada ausência de dados arqueológicos. Sabe-se que transpuseram os rios Douro e Minho, tendo encontrado uma maior

resistência nas Astúrias, que os forçou a retroceder e estabelecer o limite norte do Garb Al-Andalus no rio Douro. A arqueologia da cidade de Braga oferece-nos escassos dados para documentar a invasão da cidade nos inícios do século VIII, sendo mais promissora quanto aos elementos que permitem caraterizar os factos que decorrem do confronto da sociedade urbana cristianizada com o esvaziamento do poder político e religioso da cidade, posteriormente ao ataque muçulmano. Certamente que algumas destruições terão acontecido nesse ataque, designadamente na única muralha que cercava a grande área urbana da Braga tardo-antiga, facto que parece documentado no segmento da muralha que foi escavado na área do Fujacal, estando a reparação da muralha arqueologicamente documentada (Pereira, 2018). No entanto, parece indiscutível que a cidade teria deixado de ter capacidade para reconstruir a funcionalidade defensiva de uma tão extensa muralha, que cercava uma área urbana de 48 hectares, o que acabou por determinar a necessidade de erguer uma nova linha defensiva para proteger uma área urbana mais limitada (Ribeiro, 2008).

Não dispomos de evidências arqueológicas diretas e inequívocas de destruições de edifícios públicos na cidade. Mais sugestivo é o registo do abandono de edifícios e construções variadas, datáveis de um momento posterior ao século VII, que pode ser correlacionado com a hipotética destruição de Braga, pelos muçulmanos, nos inícios do século VIII, mas também com a fuga da elite religiosa para Mondonhedo, na província de Lugo, o que terá impossibilitado a reorganização e reconstrução da cidade.

Entre os exemplos de sítios escavados que podem fornecer evidências do impacto da incursão muçulmana, encontra-se o edifício recentemente descoberto nas traseiras da Sé Catedral, na rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8–10, onde a leitura estratigráfica dos sedimentos que se sobrepõem aos pavimentos do edifício tardo-romano, parte dos quais revestidos com mosaicos e placas de gesso, permite claramente individualizar um nível de destruição, que conserva elevadas quantidades de carvões, *tegulae* e blocos graníticos aparelhados que antes pertenciam aos muros, paredes e telhados do edifício que julgamos corresponder ao palácio episcopal (Martins *et al.*, 2022; no prelo). Esta circunstância permite considerar que, dada a importância do edifício, a nível religioso e social, assim como, certamente, político, ele poderá ter sido alvo de uma grande destruição pelos exércitos islâmicos invasores. Igualmente afetado pela passagem muçulmana poderá ter sido a própria basílica, em cujas escavações foram identificados restos de um alicerce do templo pré-românico, que terá sido construído entre os séculos IX–X, o qual reaproveita parte dos muros da basílica, a qual terá reaproveitado um edifício romano, presumivelmente um *macellum* (Fontes *et al.*, 1997–98). Essa reconstrução da basílica bracarense sugere uma eventual destruição de um edifício anterior, pelo que pensamos que o templo do período visigótico pode ter sido afetado pela incursão islâmica dos inícios do século VIII.

Contudo, é indiscutível o diferencial destino dos dois edifícios que formalizavam o complexo episcopal no período alto-medieval. Enquanto uma nova basílica foi construída nos séculos IX–X, com um grande reaproveitamento de estruturas anteriores e elementos construtivos do período romano, como silhares almofadados, o outro edifício, presumivelmente o paço episcopal, não conheceu nova reconstrução, tendo os terrenos onde se encontrava sido convertidos em numa área de escombros, livre de construções, como parece indicar a significativa concentração de limos, identificada entre os níveis de demolição do equipamento tardo antigo. Esse processo de abandono manteve-se, até, pelo menos, aos inícios do século XVI, quando aí foi edificada uma habitação, embora se tenha mantido em uso o periférico caminho de ronda da muralha, até à sua destruição no século XIV, ordenada por D. Gonçalo Pereira (Martins *et al.*, 2022; no prelo).

A diferença registada na manutenção dos edifícios cristãos mais importantes da cidade parece decorrer da deslocação do bispo e do alto clero bracarense para Lugo, bem como à sua prolongada ausência durante um período de quase três séculos, concretamente até 1070, que tornou desnecessária a reconstrução do complexo episcopal. O mesmo não aconteceu com a basílica, na qual a *ecclesia* ainda se reunia, mesmo sem a presença do bispo.

Na verdade, parece aceitável considerar que a invasão muçulmana dos inícios da centúria de setecentos e a insegurança decorrente, tenham afugentado muitos habitantes de Braga, que se teriam refugiado no território, designadamente nos montes das imediações da cidade, alguns dos quais haviam conhecido ocupações proto-históricas, um processo ainda insuficientemente investigado, mas fundamental para compreendermos o parcial esvaziamento da cidade, testemunhado pela interpretação do registo arqueológico de uma ampla área da cidade tardo-antiga (Martins *et al.*, 2016; 2018a). Esse processo poderá justificar o sistemático abandono de várias áreas urbanas, designadamente do quadrante sudeste (Fernandes, 2018), mas também do setor noroeste da cidade, cujos dados arqueológicos testemunham um *terminus* de ocupação no fim da Antiguidade Tardia, em momento posterior ao século VII, o que é atestado pelo hiato dos materiais cerâmicos característicos daquele momento. Assim terá acontecido na área a sul do antigo *forum*, já então abandonado como espaço político e religioso, mas também a nascente e poente daquela área. Esse processo de abandono está documentado nas zonas arqueológicas das Cavalariças (Silva, 2013), do Ex Albergue Distrital (Torres, 2014), da Escola Velha da Sé (Mendonça, 2019) e das Carvalheiras onde se reconheceram vestígios habitacionais dos séculos VI/VII (Martins *et al.*, 2016). O fim do longo ciclo de ocupação da extensa cidade tardo-antiga está também documentado em áreas ocupadas por equipamentos públicos, designadamente termais, identificados nas zonas arqueológicas da rua Frei Caetano Brandão/Santo

António das Travessas e rua Afonso Henriques, no quadrante nordeste, bem como na Colina da Cividade, onde se reconheceu uma ocupação tardo antiga parasitária do muro perimetral do teatro romano (Martins *et al.*, 2015; 2016).

A arqueologia testemunha que a ocupação de Braga entre os séculos VIII–XII ocorreu numa área deveras mais reduzida em comparação com o período anterior. Com efeito, o novo perímetro amuralhado da cidade conheceu uma significativa retração, tendo sido reaproveitada a parte nordeste da muralha romana e construída uma nova cerca, que comprimiu o espaço intramuros para cerca de 1/4 do precedente (12 a 15ha) (Lemos *et al.*, 1998; Martins & Ribeiro, 2013). Esse novo pano defensivo foi construído de modo bastante irregular, com o recurso a materiais pétreos reaproveitados da muralha anterior, mas também de *spolia* variados, provenientes dos locais por onde circulava o muro, como mós ou elementos laterícios, como foi expressivamente documentado na Escola Velha da Sé (Mendonça, 2019).

Embora o real impacto da passagem muçulmana por Braga e pelo norte português seja difícil de precisar, fica claro que provocou alterações significativas na organização social e urbana da cidade e do seu território imediato. Ainda que o cronista Ibne Abd Al-Hunim Al-Himiari, no século XIII, tendo por referência o geógrafo Al-Brak, do século XI, afirme que Braga foi destruída e a população expulsa aquando da conquista muçulmana (Coelho, 2008), essa situação, se de facto ocorreu, foi momentânea, estando a cidade certamente ocupada na segunda metade do século VIII, considerando as iniciativas de repovoamento do termo de Braga que são atribuídas ao bispo Odoário (740–780), também bispo de Lugo, a partir de 745. A cidade estaria também ocupada nos séculos seguintes, tendo em conta as iniciativas associadas aos movimentos de presúria, ou de ocupação do território, que a partir de meados da centúria seguinte passaram a contar com a intervenção régia, o que aconteceu a partir do reinado de Ordonho I (850–866), com as presúrias levadas a cabo em Astorga e Leão, que permitiram estender o controlo asturiano para as margens do rio Minho. Afonso III (866–910) intensificou a expansão para as terras a sul do Minho, tendo *Portucale* sido presuriada pelo conde Vimara Peres, em 868. Entre essa data e 873 terá ocorrido, em lugar incerto, um concílio da cúria régia, onde se procedeu à delimitação do termo de Braga, o qual contou com a presença do rei e de nobres asturianos. O envolvimento dos monarcas asturianos nos processos de presúria e na reorganização do território está também documentado na delimitação do termo de Dume, feita em 911, realizada nas imediações de Caldas de Moledo, na qual terá participado o rei Ordonho II (910–924) (Costa, 1997; Fontes, 2011a).

A redução da área urbana de Braga ao longo do século VIII e o progressivo abandono dos vastos terrenos que antes haviam correspondido ao parque construído da cidade romana e tardo-antiga

converteu as áreas a sul e oeste em campos agrícolas, passando as estruturas murárias dos edifícios a servir de pedreiras e a ser objeto de saques para obtenção de pedra que viria a ser usada na cerca alto medieval e certamente também no novo templo, reconfigurado sobre a basílica do século V que se encontra sob a Catedral (Ribeiro, 2008).

A partir do século XI assistiu-se a um renascimento urbano de Braga, em resultado da reabilitação política e eclesiástica da cidade por ação do bispo D. Pedro (1071–1091), a quem coube a missão de restabelecer a Diocese de Braga e reconstruir a Catedral, erguida sobre o anterior templo pré-românico, sagrada em 1089, estando então construídas a capela-mor, o altar e as paredes laterais. A D. Pedro coube ainda garantir uma base económica pata sustentar o culto e o corpo capitular, tendo para o efeito sido organizado o censual da Diocese (1085–1089), que confirmou as suas propriedades e contribuições. Deve-se também a D. Pedro a instituição do Cabido, com a respetiva escola capitular e a organização administrativa da Diocese, tendo as suas paróquias sido integradas nas *terras* e *arcediagos* (Costa, 1997).

A influência do bispo D. Pedro foi ainda importante para preparar o caminho para a independência do Condado Portucalense, reorganizado em 1096, pela mão de D. Henrique de Borgonha e de sua esposa D. Teresa, filha de D. Afonso VI. Os condes reconheceram a importância da cidade de Braga e da sua Diocese, tendo concedido ao bispo S. Geraldo a dignidade de arcebispo, que passou aos seus sucessores. A doação da cidade de Braga e do seu termo à Sé bracarense, feita pelos Condes D. Henrique e D. Teresa, em 1112, constituiu um senhorio que garantiu aos prelados diocesanos a jurisdição temporal, uma situação mantida até 1790, com exceção do período entre 1402 e 1472, um privilégio que D. Afonso Henriques confirmou, em 1128, no mesmo ano em que o bispo D. Paio Mendes (1118–1137) iniciava a reconstrução da cabeceira da Sé. Em 1138 sucedeu-lhe D. João Peculiar, que governou até 1175, que se destacou pela ação diplomática em prol da autonomia nacional e do reconhecimento de D. Afonso Henriques como rei junto da Santa Sé, o que só viria a acontecer em 1179 (Martins *et al.*, 2021).

A doação do couto de Braga à Arquidiocese bracarense inaugurou uma realidade política e jurídica bastante particular dentro do reino de Portugal. O Arcebispo Metropolitano da Sé Primaz de Braga detinha tanto o poder religioso sobre as dioceses sufragâneas, cujos limites sofreram algumas alterações ao longo do tempo, como o poder secular enquanto Senhor de Braga, o que lhe garantia um vasto conjunto de atribuições administrativas e jurisdicionais, seja em matéria religiosa, seja civil (Hespanha, 1994). Assim, sob o mando dos Senhores de Braga, a cidade desenvolveu-se economicamente nos séculos subsequentes, ampliando a sua área urbana e fomentando uma forte revitalização na atividade

construtiva que permitiu o aumento da população e atuou como motor de desenvolvimento da Braga tardo-medieval.

O crescimento da Braga medieval fez-se sentir gradualmente a partir dos inícios do século XIII, conforme se pode deduzir do aumento das referências feitas à rua do Souto, Porta de S. João e à Porta do Souto, a partir de 1210, que sugerem a ampliação da cidade para norte, a qual terá sido iniciada durante o reinado de D. Dinis (1279–1325), tendo incluído a edificação do castelo, com uma torre de menagem, já referido nas fontes documentais em 1315 (Ribeiro, 2008; Martins *et al.*, 2021). A construção de uma nova cerca defensiva e do Castelo de Braga representaram investimentos régios, tendo a arquidiocese promovido a construção do paço arquiepiscopal, de igrejas e conventos, alguns dos quais na periferia imediata da cidade, junto às suas portas e ao longo dos caminhos que a interligavam ao território.

O ciclo de crescimento de Braga entre os séculos XIII e XV iniciou-se com D. Gonçalo Pereira, que foi nomeado arcebispo de Braga em 1326, tendo governado até 1348, a quem se deve a expansão da cidade medieval para norte, em direção ao atual Campo da Vinha, um processo que implicou o desmantelamento da parte norte da cerca defensiva alto-medieval, que assegurou a ligação da Sé com os terrenos situados a norte da rua do Souto, um processo datado a partir das escavações realizadas na Capela de Nossa Senhora da Glória e torre anexa, construídas entre 1332 e 1334 (Fontes *et al.*, 1997–98). A expansão da cidade para norte foi consolidada com a construção de uma *domus fortis* nos terrenos situados a norte da Sé um edifício que passou a servir como o Paço dos arcebispos, cuja residência se situaria, desde o século XI, com a reorganização da Diocese, por D. Pedro, em área desconhecida, junto da Sé Catedral (Martins *et al.*, 2021).

A ampliação da cidade e da respetiva cerca medieval para norte representou o resultado do aumento demográfico de Braga a partir do século XI, o qual terá implicado a urbanização das áreas periféricas à primitiva fortificação alto-medieval e eventuais alterações no seu perímetro, com a construção de muros pouco resistentes, conforme é sugerido pelas descrições do cronista Fernão Lopes, a propósito da invasão de Braga por Henrique II de Castela, em 1369. Na sequência daquela invasão o rei D. Fernando (1367–1383) impulsionou a construção de uma muralha mais robusta que viria a definir o perímetro da cidade tardo-medieval, tal como a conhecemos representada no Mapa de Braunio, de 1594. Vários documentos comprovam que esta muralha, conhecida por fernandina, ainda não se encontrava terminada no século XV, pois são inúmeras as iniciativas levadas a cabo pelos arcebispos, pela câmara e pelos monarcas para providenciar pedra para a reparação e melhoramento da estrutura defensiva e do Castelo (Marques, 1986; Ribeiro, 2008).

O dinamismo construtivo associado a obras públicas, de iniciativa real ou arquidiocesana, ao longo dos séculos XIV e XV, regista-se também no edificado civil, documentado nas áreas habitacionais que são bem conhecidas a partir da documentação escrita, mas também da cartografia histórica, designadamente através da organização do bairro das Travessas, representado no mapa de Braunio, de 1594 (Ribeiro, 2008). Importante foi também a construção do novo Paço dos Arcebispos por D. Gonçalo Pereira, que sendo uma *domus fortis* terá carecido de autorização régia, uma vez que esse tipo residência senhorial se associava à afirmação do poder nobiliárquico, sendo a sua construção sido regulada a partir de D. Dinis (Barroca, 1998). A afirmação nobiliárquica dos arcebispos enquanto senhores de Braga, surge assim simbolicamente representada na nova habitação arquiepiscopal, reforçada por D. Fernando da Guerra (1418–1467), com a expansão do edifício palaciano que reproduziu esse tipo de construção (Martins *et al.*, 2021).

D. Fernando da Guerra (1416–1467) foi arcebispo de Braga num tempo de consolidação da independência nacional, que se seguiu à crise de 1383–1385, mas também de crise da igreja que esteve associada ao Grande Cisma do Ocidente (1378–1417), o que provocaria graves distúrbios na organização do clero e das ordens religiosas. Na sua ação à frente Diocese bracarense o prelado reorganizou a Catedral e o Cabido, constituído por 40 cónegos e restaurou a Capela de S. Geraldo, mandando construir na Sé uma sala para biblioteca. Também ampliou o novo Paço de D. Gonçalo Pereira, criando condições para nele albergar o vasto número de familiares, criados e servidores que compunha a sua já vasta corte. A ampliação do Paço corresponde à segunda grande fase construtiva medieval, obra do mestre Fernão Martins, tendo decorrido entre 1422 e 1436, incluindo, presumivelmente, para além dos acrescentos laterais à primitiva torre, a construção do corpo linear que lhe é perpendicular, o que conferiu ao Paço tardo gótico a forma de um L invertido (Martins *et al.*, 2021). O Paço dos arcebispos estava implantado numa ampla área não construída, a qual possibilitou a progressiva ampliação do conjunto arquitetónico, possibilitando também a constituição de espaços dedicados à plantação ou criação ou exibição de animais, bem como o seu uso em atividades lúdicas, como cavalos ou touros.

As áreas extramuros, por sua vez, embora tenham conhecido grandes permanências, especialmente a sul e nascente da cidade, onde os campos agrícolas continuaram a dominar, foram gradativamente sendo alvo da instalação de novos equipamentos. Com efeito, a ligação entre Braga e os núcleos habitacionais próximos, dispostos junto às paróquias de S. Victor, S. Vicente, entre outras, recebeu uma forte atividade construtiva, sobretudo por parte de arcebispos, que promoveram a implantação de conventos e capelas e a organização dos terrenos adjacentes, nos quais a população,

que já não conseguia ser incorporada ao interior da cidade amuralhada, se foi progressivamente fixando (Ribeiro, 2008; Fontes & Magalhães, 2019).

Igualmente, a ocupação dos territórios rurais próximos a Braga, que se estendiam até o Cávado, conheceu um novo dinamismo construtivo, intimamente associado à reorganização da diocese bracarense, como se denota com a construção de diversos mosteiros, dentre os quais destacamos o de São Martinho de Tibães, tanto pela sua imponência em termos territoriais, como pela sobrevivência às severas crises que assolaram a região no século XIV, constituindo-se o único exemplar construído nesse período a permanecer ocupado após o século XV (Marques, 1988). Facto é que essa forma de ordenamento do território e de gestão da produção rural, assente na dispersão de equipamentos monásticos, estreitamente vinculados à ação dos arcebispos bracarenses, permaneceu para além do século XV, conhecendo um grande movimento construtivo de conventos e mosteiros a partir do XVI, intimamente associado à atuação das ordens religiosas, com destaque para os conventos de S. Francisco de Real (Andrade, 2023) e de São Salvador de Vilar de Frades (Pereira, 2020) e o já referido Mosteiro de Tibães, que só foi abandonado aquando da extinção das ordens religiosas, no século XIX, embora as transformações na administração das suas terras, com a transição de colónias para prazos, apresentando contratos mais estáveis para a população que ali morava e trabalhava, remonte ao século XVIII (Xavier, 2013).

A cidade de Braga que emergiu após as severas turbulências que afetaram a Europa no século XIV conheceu um grande dinamismo económico e social, potenciado pela expansão urbana e pela atividade construtiva que atraiu população e atividades, incentivando a melhoria da produção agrícola e artesanal, à semelhança do que se observou em diversos centros urbanos europeus, que atestam uma generalizada recuperação demográfica no século XV, seja pelo fim das guerras que assolaram os finais do medievo europeu, seja pelo término dos ciclos epidémicos.

A história de Braga medieval encontra-se intimamente entrelaçada com a afirmação e o desenvolvimento da Diocese bracarense, a partir do seu ressurgimento com D. Pedro I, em 1070, passando os arcebispos primazes a ser os grandes senhores feudais da cidade e da região, detendo um vasto património, o qual se multiplicava pelos territórios conventuais e monacais, cuja relação com o prelado bracarense, primeiramente de foro religioso, se estendia também no plano secular, jurídico e económico. A longa história das quase indissociáveis igreja e cidade de Braga no período medieval foi dinâmica e profundamente transformadora, apesar do véu religioso e imutável, com que a Idade Média é comumente encoberta, não deixando transparecer as suas contradições. Trata-se, contudo, de um período de grandes inovações e avanços em diversos campos, com claros reflexos em movimentos

arquitetónicos, urbanísticos, artísticos e intelectuais. A capacidade com que os arcebispos e outros membros da elite religiosa-civil agiam de forma a resolver os problemas que se apresentavam, garantindo os meios necessários para o desenvolvimento da cidade e a manutenção da reprodução social, apesar da ampla defesa que faziam aos seus interesses particulares ou institucionais, produziu, gradativamente, uma sociedade política e economicamente pujante e bastante atuante no espaço urbano, que refletia as tendências do país e da Europa.

A topografia da cidade de Braga adquirida nos séculos XV–XVI representa bem o fim do ciclo de crescimento da Braga medieval, revelando uma organização urbana estruturada com base num eixo viário estruturante, de orientação E-O, representado pela rua do Souto, que dividia a cidade em duas metades. A norte daquela rua dispunha-se a cidade do poder, com os terrenos do arcebispo e a sua residência, que se complexifica com as chancelarias ligadas à gestão da arquidiocese e justificou a notável ampliação do paço arcebispal por ação de D. Fernando da Guerra, entre 1412 e 1436 (Bessa, 2013; Martins *et al.*, 2021). A sul, desenvolvia-se o restante do centro urbano, designadamente a catedral e as áreas habitacionais e produtivas, que compunham o medieval bairro das Travessas. Essa perspetiva de uma dupla cidade, era reforçada pela linearidade da rua do Souto, que contrastava com os demais eixos viários estreitos e sinuosos (Ribeiro, 2008). Essa divisão física e simbólica do espaço intramuros bracarense foi significativamente reforçada pela ação urbanística e cultural da prelatura de D. Diogo de Sousa (1505-1532), detalhada no 'Memorial das obras que mandou fazer', a qual reflete as influências que aquele prelado terá recebido através da sua cuidada formação, bem como nas deslocações que realizou a Itália e a Roma, em 1493 e 1505, que permitiram que contactasse com figuras e obras de alguns dos principais artistas da Renascença italiana. Os valores da cultura renascentista que o influenciaram, bem como a sua privilegiada posição política no reino português, permitiram-lhe harmonizar os interesses da cidade com os da Coroa e com o benefício do Cabido, bem expresso no projeto urbanístico moderno, que incluiu a criação de novas ruas e a regularização de outras, a projeção de novas praças intramuros e a abertura de campos extramuros que constituíram novas frentes de urbanização nos séculos seguintes (Bandeira, 2000; Ribeiro 2008; Portocarrero 2010).

3 A construção histórica bracarense: fontes e narrativas

Recentemente, entre os anos de 2005 e 2016, foi desenvolvido um projeto intitulado "*Transformationen der Antike*" (*Sonderforschungsbereich* 644), liderado por Johannes Helmrath (Humboldt-Universität), cujo objetivo era questionar o modo como o passado é recebido pelas sociedades do presente, rompendo com as ideias de "receção do passado", que carregam uma noção de

passividade, linearidade e pureza dos vestígios antigos e da sua transmissão ao tempo presente, particularmente, durante o período renascentista. Ao longo da vigência desse projeto, os seus investigadores produziram um vasto conjunto de publicações, reunidas numa linha editorial homónima da De Gruyter[40], nas quais refletiram e elaboraram acerca do conceito de *allelopoiesis*, formado a partir das palavras gregas *allelon*, recíproco, mútuo, e *poiesis*, criação. Através desse exercício heurístico, foi possível desconstruir a ideia de "receção" e evidenciar outros meios pelos quais o passado pode e deve ser inserido no presente, designadamente através de processos de apropriação, assimilação, disjunção, encapsulamento, focalização/ofuscação, hibridização, ignorância, criação destrutiva, montagem, negação, reconstrução e suplementação, substituição, translação, reavaliação/inversão[41], ou numa combinação de mais de uma operação, cujo resultado é sempre uma assumida transformação do passado e do presente (Bergemann *et al.*, 2019). Ou, nas palavras de Fábio Faversani e Fábio Joly (2021, p. 106), "não somos dominados por um passado que nos impõe destinos inescapáveis e nem controlamos nosso passado para reinventá-lo como bem quisermos. Construímos esse passado que nos constrói".

Uma historiadora que pontualmente tem se dedicado a refletir sobre esses temas é a britânica Mary Beard, desde a já clássica obra *Classics. A Very Short Introduction*, publicada com John Henderson, em 1995, mas, sobretudo, em textos mais recentes. Em *Confronting the Classics. Traditions, Adventurers and Innovations* (2013) e *Twelve Caesars: images of power from the ancient world to the modern* (2021), Beard demonstrou como as ideias e imagens do passado foram construídas e reconstruídas ao longo dos séculos, especialmente aquelas associadas a figuras de poder, que foram sendo transformadas e adquiriram novos significados e perspetivas que modelaram a forma como o passado e os seus personagens são vistos em diferentes momentos. Entre o passado e o presente, há um conjunto de formas e de ideias que moldam o modo como ambos são vistos, bem como a influência de ambos em suas construções.

3.1 A fase antiquarista: entre o mito e o legado

Sabemos que desde o século XVI, o passado romano da cidade de Braga recebeu uma particular atenção por parte dos seus prelados. Na verdade, como bem argumentou Manuela Martins,

[40] *Cf.* https://www.degruyter.com/serial/ta-b/html?lang=de#overview.

[41] Não nos deteremos a explicar cada uma dessas operações pois fugiria demasiado da proposta que apresentamos, mas elas recobrem um conjunto de possibilidades sobre como o passado é transposto ao presente, sua fragmentação e adequação aos valores correntes, a exclusão daquilo que não cabe na atualidade, etc., em suma, diferentes maneiras como *selecionamos* e damos *destaque* ao que presentemente nos interessa e, em contrapartida, rejeitamos, ocultamos ou diminuímos a ênfase a todo o resto. Um bom exemplo sobre esses processos pode ser avaliado a partir da disposição de peças arqueológicas em museus: o dinamismo que caraterizou, muitas das vezes, a vida daqueles objetos é reduzida à apreciação estática e virtual de uma vitrine com cores e luzes pensadas para projetar uma ideia que sempre foge, ainda que em maior ou menor grau, ao seu passado.

embora não haja documentos que nos revelem a relação entre os habitantes da cidade na época medieval com o seu passado romano, sabemos que, ao menos, havia uma memória preservada sobre os espaços e edifícios romanos, alguns deles eventualmente ainda visíveis, embora a maior parte já se devesse encontrar soterrada sob os campos e hortas que foram cultivados nas áreas externas ao diminuto centro medieval (Martins, 1992/93). Esse ocultamento das ruínas da cidade romana deve-se ao desmonte intensivo dos edifícios que se terá intensificado a partir do século IX com a construção da primeira cerca medieval, que deixou extramuros as construções romanas e tardo-antigas, cujas ruínas se constituíram como pedreiras. Esgotado o material disponibilizado pelos derrubes das construções na superfície do solo, passaram a abrir-se valas para saquear os muros, um processo documentado em numerosas escavações realizadas na cidade. Por isso, a relação dos habitantes medievais de Braga com o seu passado, representado por "pedras enterradas", era pragmática, pois essas materialidades podiam servir às necessidades de quem as encontrava, ou procurava. Por sua vez, as ruínas de construções que ainda existissem visíveis diluíam-se como elementos integrantes da paisagem rural, ainda que poucos pudessem perceber o seu real significado.

Foi, efetivamente, com o arcebispo D. Diogo de Sousa (1461–1532) que o interesse pelas materialidades romanas passou a receber maior atenção, o que se deve à sua cultura e sensibilidade e à formação que esse prelado pode adquirira aquando das suas duas estadias em Itália, sobretudo Roma e Florença, onde pode contactar com proeminentes intelectuais e artistas, dos quais terá bebido das novas tendências humanistas que procurou aplicar em Braga (Soares, 2011). Nas visitas de D. Diogo de Sousa a Roma, no final do século XV, e inícios do XVI, já se sentiam os efeitos de um grande movimento humanista, de base classicista, que animava parte das ações políticas dos papas da época (D'Amico, 1983). Merece natural destaque a ação do Papa Sisto IV, que esteve à frente do bispado de Roma entre 1471–1484, que, apesar de não ser propriamente um humanista, reconheceu o potencial desse discurso e prática para o aumento da força política da alta cúpula da Igreja, o que o levou a reforçar a Academia de Roma, mas também à criação biblioteca sistina, que depois se tornou a biblioteca do Vaticano, tendo também promovido escavações no centro de Roma, especialmente nas áreas do Quirinal e do Capitólio, reunindo uma extraordinária coleção de objetos da Antiguidade em coleções, que viriam a integrar os Museus Capitolinos, um movimento que contou com a ação direta de Bartolomeo Sacchi, o Platina, e de Pomponio Leto (Howe, 2005). D. Diogo de Sousa teve contacto com esse mundo intelectual e artístico em ebulição, que terá influenciado a sua visão antiquarista do passado romano de Braga, bem expresso na sua iniciativa de reunir os elementos romanos que se encontravam espalhados pela diocese junto à capela de Santana, no Campo homónimo, o que produziu aquela que deve ter sido a primeira coleção

de objetos antigos da Braga romana, em que se destacam miliários recolhidos nas vias que ligavam a cidade a outros destinos, bem como outras epígrafes (Oliveira & Fernandes, 1984).

Trata-se da primeira iniciativa documentada da construção de uma memória material ligada aos objetos do passado romano, que emergiu da postura antiquarista de D. Diogo de Sousa, influenciada também pelos estudos que realizou em Salamanca e Paris, que terão contribuído para o interesse que revelou pelas questões culturais, igualmente patentes na correspondência que manteve com alguns dos maiores humanistas da época. A sua preocupação com a preservação dos vestígios romanos de Braga, através daquele que foi o "primeiro museu" da cidade, no Campo de Santana, representa uma clara emulação do que se passava em Roma, onde os papas estavam a usar o passado romano para criarem uma nova realidade urbana e cultural, mas também um novo discurso para a elite curial. D. Diogo de Sousa terá reconhecido o interesse e o poder que a construção de um "discurso material" sobre o passado poderia vir a ter no reforço do seu papel enquanto senhor da cidade de Braga, ligando o presente ao passado, através da visibilização das suas antiguidades.

O afã antiquarista e colecionista, próprio do classicismo dos movimentos renascentistas, não tem qualquer viés que se possa considerar científico. As ideias que permeavam a relação entre o passado e o presente, longe de se apresentarem como alteridade, passível de ser investigada, assumiam um caráter de legado de um tempo que já não existia, mas que permanecia no presente, inscrito numa leitura histórica linear que interliga os dois momentos (presente e passado), promovendo a constituição de uma narrativa mítica e metafísica de um grupo ou de um lugar.

Embora tenhamos muita dificuldade em restituir em pormenor a representação dos movimentos intelectuais de Braga, anteriores à época moderna, julgamos que o célebre Mapa de Braga, de 1594, inserido na obra *Civitates Orbis Terrarum*, fossiliza a imagem que em Braga se tinha da memória da antiga cidade romana. Trata-se de uma produção cartográfica da autoria do historiador (*historiographus*) da igreja bracarense (*S. Bracarenesis Ecclesiae*), Gaspar Álvaro Machado, que leva o brasão do arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus (1588–1609), apresentando uma vista para o centro urbano bracarense onde estão representados os edifícios e equipamentos da época, bem como rios, bosques e vias da sua envolvente imediata, assim como um texto que acompanha o mapa com uma síntese sobre a história da cidade (Braun, 1612–1618c, est. 3). Em linhas gerais, o texto associa *Bracara* a uma antiga cidade hispânica da área céltica, antes do parto da Virgem, que recebeu o nome de *Augusta* e um dos sete *conuentus iuridici* da *Hispania Citerior*. De seguida, são revelados autores clássicos que forneceram informações sobre a cidade e a região onde estava implantada, como Plínio (o Velho), sendo feitas referências às 24 *ciuitates*, às cinco vias do itinerário militar de Antonino Pio e ao estatuto de

opulenta que lhe foi atribuído pelo poeta *Ausonius*. Em relação ao período suévico e visigótico, apenas é referida a duração de cada um desses reinos, respetivamente 170 e 127 anos. Uma atenção significativamente maior é reservada à história da cidade a partir de D. Afonso Henriques, cuja ênfase recai especialmente sobre os aspetos religiosos da arquidiocese, seus templos e mártires, assim como sobre informações geográficas[42].

Por sua vez, o mapa sinaliza diversas informações sobre o plano urbanístico e arquitetónico da cidade moderna, assim como o enquadramento de algumas áreas, a exemplo dos campos do Arcebispos, onde eram realizados jogos equestres (*Campus Archiepiscopi ubi ludi equestres exercentur*), ou os doze miliários dispostos por D. Diogo de Sousa ao redor da capela de Santana (*D. Annae aedicula, quam columnae XII a Praetoribus Ro. variis quondam in locis erectae, literisque incisae, cingunt, atque exornant*). Mas o que particularmente nos interessa são os elementos e anotações que fazem referência ao passado da cidade. Entre eles, podemos destacar a indicação da via para Guimarães, que corresponde à fossilização de uma das vias que partia da cidade romana de *Bracara Augusta*, na circunstância em direção a *Augusta Emerita* (*Via, in Vimarianium oppidum S. Pontificis Damasi ortu clarissimum. Haec via una est ex quatuor, quas Ant. Imp. Bracara Asturicam descripit*), ou a via para Ourense, que corresponde a parte do traçado da antiga via XVIII, ou via Nova (*Via antiqua Imperatoris Antonini, in aquas calidas, vulgo Orense*), a via para o Porto, que fossilizou a antiga via XVI para *Cale* e *Olisipo* (*Via portuensis antiqua de qua Imp. Antoninus in Itinerario*), ou para o Alto Minho, uma fossilização do itinerário da antiga via XIX, para *Asturica Augusta, por Lucus Augusti* (*Haec via una ex quatuor ogast, quas Ant. Imp. Brac. Asturicam descripsit*) (Carvalho, 2008).

Além das antigas vias romanas, reunidas no itinerário de Antonino, o mapa de 1594, revela ainda a localização de alguns edifícios, equipamentos e espaços de *Bracara Augusta*. Próximo ao postigo

[42] "*Bracarae unam de antiquioribus Hispaniae urbibus a Gallis Celtis, cognomento Braccaris, fuisse conditam, fama est, anno ante virgineum partum ducentesimo nonagesimo. Hanc annorum 40 obsidione tandem expugnatam sub sua ditione, annis fere quingentis. Romani tenuere, cui & Augustae nomem indiderunt. Fuit in hac urbe primum Iuridicus conuentus, unus è semptem, citerioris Hispaniae veteri more institutoque Romano, unde auctore Plinio urbes quatuor & vigintiius petere consueuerant. Hinc ab Antonino Pio quinque itinera militaria in varias Hispaniae partes describuntur. Hanc urbem Ausonius poeta diuitem, atquem opibus florentem vocat. Sed & priscis maiorium annalibus perscriptum extat, regum Sueuorum antiquam sedem fuisse Bracarae annis 70. supra centum, & sub Gothis annis 127. floruisse, quam & Alfonsus huius nominis primus, cognomento Catholicus, Hispanorum Rex primam inter omnes Hispaniae Metropolitanas urbes, ex Saracenorum tyrannide in pristinam libertatem vindicauit, anno 740. Hic Regum Portugaliae primus sator Henricus Comes (Guidonis Comitis Vernohensis & Brionensis filius) Alfonsi Henrici primi Lusitaniae Regis pater, in templo maximo, quod ipse erexerat, sepultus est. Sed longe maius uibi decus erebus sacris accedit. Nam Christi Opt. maximi fidem complexa est D. Petro S. Iacobi Maioris discipulo praedicante, vix post annum decimum, quo idem Dominus subacta morte in celum victor ascenderat. Colit igitur Bracara, ut patronum, eundem Diuu Petrum martyrem suum primum Archipraesulem, una cum tribus aliis fuis itidem S. Pastoribus. Martino, Fructuoso, & Gerardo: quibus veluti quator columnis Bracarensis Ecclesia fulcitur & fulget. Multum sanguinis olim pro Christo effudit, diues ecto Sanctorum corporibus, aliisque innumeris reliquiis, ornata templis nobilitata Patrum Conciliis, decorata sodalitiis rite institutis, totius Hispaniae primatum antiquissimo iure sibi uendicat; quadrere cum Toletana sede uetus eiis est, & contentio: cuius meminit Honorius III. in cap. Coram, De integrum restituit. Quae tamen lis ab eiusdem Pont. Max. tempore ad nostram usque aetatem silet. Posita est Bracara in ea parte regni Portugaliae, que regio Interamnis dictur, a duobus, quibus clauditur, fluminib. Durio & Minio memorabilibus. Estin quinto climate, gradus habens longitudinis 6. latitudinis duos & quadraginta ac semis, distatque ab Oceano quinque leucas. Ciuitas pleno iure suo Archiepiscopo paret, siue spiritualem iurisdictionem spectes, siue temporalem, multo quondam frequentior, nunc incolarum numerat, ad duo millia, Fruitur magna caeli, aerisque clementia, insigni agrorum ubertate, & amoenitate quod ei beneficium commune est, cum hac tota regiona Interamni. Haec & alia complura de hac urbe scitu digna in nostra Metropoli Bracarensi inuenies, quam Deo dante in lucem edere meditamur illustrissimi primatis Augustini auspiciis, cuius etia iussu & auctoritate uniuersam dioecesim perlustrauimus, & in tabula non omnino negligenter expressimus montes, urbes, fluuios, oppida, paroecias, aediculas, ac itinera geographica delineantes.* [...]" (Braun, 1612–1618c, est. 3).

de S. Sebastião, na saída sudeste da cidade, encontramos a referência ao *forum* nas proximidades da capela do mesmo santo (*S. Sebastiani aedicula ubi forum Romanorum fuisse creditur*), bem como alguns arcos (*Hic Vrbis Arcum Romanorum tempore fuisse fama est*). Na área a norte da cidade, logo após o postigo de Santo António, onde D. Diogo de Sousa implantou o Campo da Vinha, hoje também chamado de Campo do Agrolongo, haveria, ainda, uma necrópole romana (*In hoc loco, quondam Romanorum coemiterium fuisse creditur, Nunc, Campus Vineae dicitur*), que corresponderia à necrópole hoje conhecida como associada à saída da via XIX, que ligava *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*.

É importante destacar alguns elementos entre as informações presentes no texto e no Mapa de Braga de 1594. Em primeiro lugar, do ponto de vista da História Intelectual, conseguimos reconhecer algumas das obras literárias que estariam à disposição do *historiographus* bracarense de finais do século XVI, designadamente o *Naturalis Historia*, de Plínio, o Velho, o *Itinerarium*, de Antonino Pio e o *Ordo Vrbium Nobilium*, de Ausónio. Não obstante, seja pela permanência de alguns vestígios construtivos na topografia da cidade, seja pela memória dos lugares, gravada em topónimos, que sabemos fazerem parte da memória locativa dos habitantes de Braga, pois foram vertidos no célebre mapa quinhentista, ou ainda na descoberta de estruturas aquando de obras recentes, o mapa revela a localização precisa de vários elementos da cidade romana, como as vias, o *forum* e uma das áreas de necrópole. Contudo, vale notar que, apesar das referências escritas, esses espaços não são apresentados graficamente, não existindo nenhuma representação de ruínas da velha *Bracara Augusta*, apesar de certamente, serem então ainda visíveis algumas, como as ruínas do anfiteatro que se conservaram até ao século XIX (Morais, 2001) e certamente também da muralha, descritas pelos antiquários bracarenses dos séculos XVII e XVIII. Trata-se, portanto, de uma opção gráfica realizada aquando do desenho do mapa, seja pelo *historiographus*, seja pelo arcebispo que terá acompanhado a sua produção, que caracteriza outros mapas do *Civitates Orbis Terrarum*, mas não todos. De facto, as representações de ruínas estão presentes nos mapas do Cairo (Braun, 1612–1618a, est. 55), Roma (Braun, 1612–1618a, est. 45), Constantinopla (Braun, 1612–1618a, est. 51), Jerusalém (Braun, 1612–1618a, est. 52) e Óstia (Braun, 1612–1618b, est. 53).

A produção historiográfica moderna conheceu significativos avanços na Idade Moderna. D. Rodrigo da Cunha, arcebispo bracarense entre 1626 e 1634, foi uma personagem deveras importante para a historiografia do reino de Portugal, assim como um grande erudito, tendo escrito as obras *Catalogo e historia dos bispos do Porto* (1623), aquando de seu episcopado naquela cidade (1618–1626), *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa* (1642), realizada quando foi Arcebispo dessa cidade (1635–1642) e o

Tractatus de primatu bracharensis ecclesiae in universa Hispania (1632), em que defende a importância histórica e eclesiástica da primazia da Arquidiocese de Braga (*Verbum Primatus latinum est, & Romanum, summatum, dignitatem, ordinem, principatuque significans* [Cunha, 1632, cap. I, 5.1–4]). O arcebispo promoveu também uma revisão do *Breviarium bracarense* (1634b), texto que revela, uma vez mais, os longos embates do arquiepiscopado sobre a manutenção do rito bracarense ou a adoção do rito romano (Carvalho, 2007).

Mas, o maior contributo de D. Rodrigo da Cunha para a historiografia bracarense é a obra *A Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, e Varoes Illustres que florecerão neste Arcebispado*, dividida em duas partes, datada de 1634. Não nos deteremos na importância desses livros para a História Intelectual de Braga e de Portugal, sendo certo que D. Rodrigo da Cunha representa uma personagem fundamental para analisar diversos temas associados a esse campo do saber, como a receção do passado clássico, a constituição das bibliotecas, o desenvolvimento da língua portuguesa escrita, os primeiros exemplos do género historiográfico português, referências a outros documentos que eventualmente não se preservaram, entre tantos outros. No entanto, importa apresentar sumariamente a obra *A Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga,* a primeira obra que resenha a história da cidade. Os treze primeiros capítulos da primeira parte tratam da história romana e tardo antigo de Braga, enquanto os demais, designadamente do capítulo 14 ao 119 da primeira parte, e todos os 106 da segunda parte, dizem respeito à vida dos arcebispos e aos eventos que marcaram as suas prelaturas. As cerca de mil páginas que compõem as obras apresentam a história bracarense com uma linguagem e uma intenção que projetam, com bastante clareza, as ideias de legado e os mitos que marcam a produção historiográfica do período. Bem demonstrativo desse movimento é a frase que abre o primeiro capítulo:

> A cidade de Braga é uma das nobres e antigas, não só de Portugal, mas ainda de toda a Hespanha, e nas armas e glória militar tão igual como as mais famosas: Ptolomeu, o Imperador Antonino e Plínio chamaram-lhe Augusta, que é o mesmo que imperial, título com que os imperadores honraram as cidades leais, as que mais se destacavam no serviço do Império Romano (Cunha, 1634a, p. 1)[43]

[43] "A cidade de Braga he hua das nobres, & antiguas, não só de Portugal, mas ainda de toda Hespanha, & nas armas, & gloria militar igoal cõ as mais famosas; Ptolomeu, o Emperador Antonino, & Plinio lhe chamão Augusta, titulo com que os Emperadores honravão as cidades leaes, que mais se avantejavão no serviço do Imperio Romano" (Cunha, 1634a, p.1)

Todos os eventos que ocorreram na cidade são apresentados como representantes dessa áurea história de Braga, seja no período romano, "as memórias antigas que existem em Braga mostram que foi sempre uma cidade grandiosa"[44] (Cunha, 1634a, p. 11), seja em época tardo antiga, "em todo o tempo que durou o reino dos Suevos, [...] foi sempre Braga Corte dos mesmo reis e cidade ilustre, cabeça de todo o reino, conservando a grandeza com que fora principiada"[45] (Cunha, 1634a, p. 25).

No século seguinte, já nos mil e setecentos, podemos evidenciar outra importante personagem dessa antiquarista historiografia bracarense, o padre Jerónimo Contador de Argote (1676–1749). Esse grande erudito português foi responsável pela fundamental edição de uma gramática da língua portuguesa (1725), fornecendo um instrumento da mais alta importância para a educação em Portugal, especialmente num momento em que o ensino superior português estava em expansão, apesar do encerramento do Colégio do Espírito Santo, em Évora, com a criação de escolas superiores no Porto e em Lisboa e os investimentos de D. João V em Coimbra, dos quais talvez o mais proeminente seja a constituição da chamada Biblioteca Joanina, cujo alargamento da oferta educativa continuará ao longo do século XIX (Maxwell, 1997).

De Jerónimo Contador de Argote interessa-nos, particularmente, a obra *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani* (1738), dividida em cinco livros e escrita em latim e português. Diferentemente da História Eclesiástica, de D. Rodrigo da Cunha, a produção historiográfica de Argote tem por objetivo apresentar um quadro mais amplo e diversificado do passado romano e tardo antigo do norte português, que o aproximam bastante à geografia e corografia. Apesar de se deter, em larga medida, na cidade de Braga, o padre teatino assume, no prólogo, que procurou instruir-se "nas antiguidades [...] dos seus monumentos, origens, povos, costumes, famílias, cidades e povoações [...] das duas províncias de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes"[46] (Argote, 1738, prol.).

De facto, Argote produziu uma obra bastante interessante, na qual compila, ao modo da época, um conjunto significativo de elementos epigráficos e referências a textos clássicos, bem como ricas descrições sobre cidades, ruínas, rios, montes, vias e minas. Trata-se de um excelente exemplar da produção historiográfica do século XVIII, anterior às reformas racionalistas, liberalistas e positivistas das ciências, que se fizeram sentir, em Portugal, a partir dos finais desse século (Nunes, 2016; Magalhães, 2019).

[44] "As memorias antiguas, que ha em Braga mostrão que foi sempre cidade grandiosa" (Cunha, 1634a, p. 11).

[45] "Em todo o tempo, que durou o Reino dos Suevos atê El Rey eovigildo o destruir, & acabar de todo, em que correrão 163 annos, foi sempre Braga Corte dos mesmos Reys, & cidade illustre, cabeça de todo o Reino, conservando a grandeza em que fora principiada" (Cunha, 1634a, p. 25).

[46] "[...] instruirme plenamente nas antiguidades daquella Provincia: a saber, dos seus monumentos, origens, Povos, costumes, Familias, Cidades, e Povoaçoens. Para o que li com cuidado aos Escritores modernos, e antigos, occupey-me na lição dos exemplares Gregos de Estrabo, Ptolomeo, Estephano, Appiano, e outros, e consultey por cartas as pessoas mais doutas, e peritas nas antiguidades das duas Provincias de Entre Douro, e Minho, e Traz os Montes" (Argote, 1738, prol.).

3.2 As fontes documentais e a produção historiográfica

A segunda metade do século XVIII foi um momento de grandes transformações na Europa e, particularmente, no Reino de Portugal. Com o início da Era das Revoluções, como evidenciou o historiador Eric Hobsbawm (1992), ao que incluímos também a Revolução Americana de 1776, as ideias liberais, desenvolvidas ao longo de séculos pela burguesia, bem como as ideias racionalistas, reprimidas ao longo de séculos pela Igreja Católica, encontram força suficiente para romper com Antigo Regime e impor uma nova realidade política e ideológica, seja por via da guilhotina, seja pela burocracia.

Em Portugal, a implantação dessas ideias está, num momento inicial, associada às reformas pombalinas, um conjunto de alterações legais que o Marquês de Pombal aplicou quando foi Primeiro-Ministro, entre 1750 e 1777. O reformismo de Pombal renovou diversos campos do reino português e aumentou o poder secular da Monarquia, em detrimento dos direitos da nobreza e, particularmente, da Igreja. Nesse período, o Direito Canónico foi substituído pelo Direito Civil, a Casa dos Contos foi extinta, inaugurando o Erário Régio e o sistema educacional português foi bastante alterado, tendo a Companhia de Jesus sido expulsa e, com ela, o Colégio do Espírito Santo e demais escolas jesuítas encerradas (Maxwell, 1997; Barata, 2000).

A expulsão dos jesuítas, em 1759, incidiu diretamente nos Estudos Menores portugueses, genericamente associáveis ao ensino secundário. Os colégios inacianos asseguravam o ensino de latim, grego, retórica e, sobretudo, da língua portuguesa, o que levou à criação de aulas régias onde os seus estudantes pudessem continuar o aprendizado. Nas décadas subsequentes, Pombal instituiu diversas alterações no plano educacional português, as quais levaram à criação do ensino público no Reino e a alterações nos Estatutos da Universidade de Coimbra, atualizando os currículos, que deviam se aproximar às necessidades seculares de Portugal (Rosa & Gomes, 2014).

Em 1771, a Junta de Providência Literária elaborou um relatório sobre a natureza e a qualidade do ensino na Universidade de Coimbra e, por conseguinte, em todo o Reino, cujo extenso título deixa bastante claro o conteúdo e a finalidade da obra, designadamente *Compêndio Histórico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuítas e dos estragos feitos nas ciências, nos professores e directores que a regiam pelas maquinações e publicações dos novos estatutos por eles fabricados*. Utilizando-se de uma antiga e recorrente ferramenta discursiva, política e ideológica, a Junta recorre à identificação dos jesuítas como um inimigo interno, o *unus omnium est hostis* de Cícero (Acerbi, 2016), ou o *criminoso contra toda a Humanidade* de Robespierre, ao decidir pela execução do rei D. Luís XVI sem julgamento (Nodari, 2018), ou ainda, mais recentemente, o *homo sacer* do filósofo italiano Giorgio Agamben (1995). Desse modo, através da atribuição da causa dos

problemas em que o ensino português estava imerso à Companhia de Jesus, justificando, assim, a expulsão dos inacianos do Reino, o Marquês de Pombal conseguiu a reforma no ensino universitário que pretendia, instrumentalizada na produção dos novos Estatutos para a Universidade de Coimbra, em 1772. A promoção das reformas curriculares nos cursos oferecidos em Coimbra buscou a secularização da oferta formativa universitária, respondendo assim às necessidades da moderna máquina burocrática que Pombal gizava para o Reino de Portugal (Nunes, 2013).

Na sequência dessas transformações do ensino e da ciência em Portugal, a produção historiográfica do século XIX conheceu importantes alterações acerca da natureza e do objetivo das publicações. Destarte, institui-se progressivamente um pensamento secular, no qual os vestígios do passado possuíam um valor documental, associados a ideia de alteridade em relação a um tempo distinto do atual, pelo que se fez necessário promover a sua compilação. Ou, nas palavras de Alexandre Herculano:

> "No meio do progresso dos estudos históricos neste século, e ainda no antecedente, a maior parte das Nações da Europa tem procurado com grandes esforços e à custa de avultadas despesas coligir em vastos repositórios os monumentos das suas épocas anteriores. [...] Movida por amor da pátria e por uma nobre emulação, a Academia Real das Ciências de Lisboa quis dotar o seu país de uma coleção análoga às que sucessivamente se tem publicado e continuam a publicar em Alemanha, em França, em Inglaterra, em Itália e em outras partes." (PMH, *Scrip*. I.I, V–VI).

Com esse objetivo, são publicados os *Portugaliae Monumenta Historica*, obra monumental inicialmente organizada por Alexandre Herculano, que reuniu uma seleção de documentos produzidos entre os séculos VIII e XV, dentre os quais estão presentes alguns particularmente importantes para a história da cidade de Braga, como a *Vita Sancti Geraldi* e as Inquirições de D. Afonso III, em 1288. O trabalho de compilação para essa obra segue em expansão, tendo sido acrescentados documentos através da ação da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História (Coelho, 2019).

A compilação e edição da documentação textual da Idade Média portuguesa continua a ser um trabalho em curso. Na verdade, como demonstramos ao longo deste trabalho, o alargamento das temáticas de investigação histórica, fenómeno que pode ser associado ao movimento da *École des Annales*, exigiu que se tratasse de um horizonte deveras mais amplo de fontes. Nesse sentido,

destacamos os volumes 5 e 6 da série "História Religiosa. Fontes e Subsídios", promovida pela Universidade Católica Portuguesa, sob a direção de Manuel Clemente, que trataram da biografia dos Capitulares Bracarenses (1245–1374) (Rodrigues *et al.*, 2005) e dos *Testamenta Ecclesiae Portugaliae* (1071–1325) (Morujão, 2010).

Por outro lado, houve igualmente um esforço de se compilar a documentação material, particularmente a epigráfica. Em Braga, onde os vestígios do passado se encontravam um pouco por toda a parte, tendo alguns sido reunidos, por D. Diogo de Sousa, junto à capela de Santana, era necessário ampliar as coleções através de movimentos sistemáticos de busca e recolha pelas materialidades romanas e tardo antigas e estabelecer espaços destinados a albergá-las. Para tal, foram realizadas algumas escavações arqueológicas na cidade de Braga, particularmente por Pereira Caldas (1818–1903), Albano Belino (1863–1906) e José Teixeira (1859–1928), tendo sido criado um museu arqueológico privado, por ação de Albano Belino, sedeado numa loja do Paço Arquiepiscopal, que estaria na origem do Museu D. Diogo de Sousa, onde reuniu a sua importante coleção epigráfica, dispersa, após a sua morte, em 1906 por vários museus (Martins, 1992/93, pp. 183–184).

Paralelamente, era importante publicar a documentação arqueológica que era descoberta, no decurso de escavações, ou a redescoberta pelas ruas, praças, campos e edifícios resultante das obras que eram realizadas na cidade e que passam a ser descritas com regularidade na imprensa periódica. Essa produção conheceu igualmente contributos de Albano Belino, que escreveu sobre moedas e inscrições romanas e cristãs provenientes de Braga (1895; 1899; 1900b; 1900c; 1901), mas igualmente de José Leite de Vasconcelos (1918), que descreveu e analisou estruturas e objetos da cidade a que teve contacto quando viajou até o norte de Portugal. A partir de 1857 torna-se frequente a divulgação de notícias arqueológicas na imprensa local e regional, sendo de assinalar também a sua referência nas actas da Câmara de Barga, publicadas por Eduardo Oliveira (1979, pp. 176–194).

Os finais do século XIX assinalam o surgimento das primeiras publicações periódicas que asseguram o registo das descobertas ocasionais que ocorrem um pouco por toda a cidade, em resultado da remodelação urbana, associada à modernização viária e imobiliária. Na verdade, o ímpeto urbanístico parece acompanhado por igual dinamismo na compilação e produção de documentação, seja textual, arqueológica, ou fotográfica, que representam uma pedra angular da produção científica sobre o passado das sociedades. A esse respeito, vemos multiplicarem-se ao longo dos séculos XIX e XX as publicações sobre "subsídios", "achegas", "notas", "apontamentos" ou "catálogos", o que se verifica igualmente para o século XXI, cujo propósito é tornar acessível a investigadores e demais indivíduos interessados os documentos ou coleções das mais diferentes épocas. Deste modo, a compilação da documentação

antiga e medieval conheceu um poderoso avanço, a partir do século XIX que viria a potenciar as bases de uma atividade de investigação de base científica sobre as *Bracarae*.

Não sendo nossa intenção revisitar todos os historiadores que se dedicaram ao estudo de Braga, uma tarefa sobre-humana, fatalmente incompleta, parece-nos fundamental pontuar alguns dos mais ilustres vultos da historiografia bracarense na sua fase científica.

Ainda na primeira metade do século XX, merece destaque a publicação do livro *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e^ au XII^e^ siècle* (1947), por Pierre David, que trouxe à luz do dia os debates sobre o povoamento tardo antigo suévico e visigótico através da análise do Paroquial Suevo e a *Diuisio Wambae*, um trabalho inspirador para todos os que pretendam debruçar-se sobre esse período histórico. No iluminado rol de historiadores que se dedicaram ao estudo da Braga medieval, começamos pelo cónego bracarense e professor catedrático da Universidade de Coimbra, Avelino de Jesus da Costa, cuja obra é fundamental para o estudo da cidade de Braga na Idade Média. Com efeito, a sua tese de doutoramento, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga* (1997) e a edição crítica que realizou do *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae* (1978), representam dois marcos historiográficos fundamentais para a compreensão do retorno do alto clero à cidade, no século XI, e para situar o seu desenvolvimento até à Baixa Idade Média. Outras obras (entre tantas) que merecem destaque é *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos séculos XV a XVIII* (1983) e *O culto mariano em Portugal e sobretudo em Braga, Coimbra e Lisboa nos séculos XII a XV* (1975), que possibilitaram o aprofundamento dos conhecimentos sobre a caraterização e as ações da cidade e Sé bracarenses no decorrer do medievo.

Complementando a obra de Avelino Costa, merecem destaque os trabalhos do cónego bracarense e professor catedrático da Universidade do Porto, José Marques. Desde a década de 1970, Marques publicou um conjunto de textos com temas bastante diversificados acerca da arquidiocese bracarense no período medieval, como *Os itinerários do arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1417–1467)* (1978a), *D. Fernando da Guerra e o abastecimento de água à cidade de Braga no 2º quartel do século XV* (1980), *Relações galaico-bracarenses no século XV, segundo as matrículas de ordens do Arquivo Distrital de Braga* (1981), *Os pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1186–1545)* (1982), entre muitos outros. Como corolário de seu particular interesse pela arquidiocese bracarense na época do arcebispo D. Fernando da Guerra, concluiu o seu doutoramento em 1982 com uma tese intitulada *A Arquidiocese de Braga no século XV* (1988).

3.3 As fontes arqueológicas e a renovação do conhecimento

O alargamento da documentação histórica utilizada para o estudo da história de Braga, entre os séculos XX e XXI, concomitantemente à ampliação dos temas de investigação, ganhou um novo fôlego com a progressiva sistematização das atividades arqueológicas na segunda metade do século XX. Por força do interesse de alguns indivíduos, num primeiro momento, a investigação sobre as materialidades da Braga romana, não exclusiva aos documentos epigráficos, que já haviam conhecido uma longa trajetória de estudo nos séculos XVII e XVIII, começou a produzir resultados a partir da década de 1930 (Martins, 1992/93), com destaque para os trabalhos de Carlos Teixeira (1935; 1938a; 1938b) e de Russel Cortez na década de 1950. A este investigador se devem algumas publicações sobre a cidade de Braga, designadamente sobre a Fonte do Ídolo (Cortez, 1951–54).

Figura ímpar nesse momento foi João José Rigaud de Sousa, que foi delegado da Junta Nacional de Educação e Conservador-Adjunto do Museu D. Diogo de Sousa, a quem se devem algumas escavações realizadas em Braga e no povoado de Santa Marta da Falperra, realizadas entre as décadas de 1960 e 1970, cuja memória nos ficou pelas publicações que produziu, a maior parte das quais relativas aos materiais arqueológicos depositados no museu. A ele devemos um conjunto de estudos sobre as cerâmicas, designadamente lucernas (1965–66; 1966; 1969), cerâmicas finas (1971), cerâmicas estampadas (1966–67) e outros objetos, como anéis e entalhes (1973), temáticas que colheram a prioridade do investigador, por contraponto ao conhecimento dos achados de natureza construtiva que começaram a surgir na sequência das obras que se multiplicaram em Braga, a partir dos anos 60 do século XX, quando a área da cidade romana começou a ser verdadeiramente ameaçada pela modernização do espaço urbano bracarense. Algumas das descobertas, seguidas de destruições, realizadas na sequência de obras foram dadas a conhecer sumariamente pelo Cónego Arlindo da Cunha (Oliveira, 1986, pp. 177–179). Data dos anos de 1960 o primeiro estudo sobre a cerâmica bracarense (Alarcão, 1966), o qual se insere no contexto da afirmação do estudo dos materiais cerâmicos protagonizado por Adilia Alarcão, a partir das escavações de *Conimbriga*, em que se inseriu também Jorge de Alarcão e Manuela Delgado.

As décadas de 1960 e 1970 foram centrais para a afirmação da arqueologia bracarense enquanto prática sistematizada e possibilidade de investigação. O crescimento urbanístico sobre as áreas que ainda se encontravam preservadas da cidade romana, sob os campos que se dispunham a sul e poente da cidade de Braga, levou a um processo dramático de destruição do património bracarense que produziu, como reação, a mobilização de diversos agentes preocupados com a salvaguarda das ruínas. Com o recomeço das obras na Colina de Maximinos, em 1975, a situação de alarmante tornou-se

insustentável, o que levou ao então reitor da Universidade do Minho, Carlos Lloyd Braga, a ordenar a elaboração de um relatório acerca dos problemas causados pela expansão urbana desenfreada e desregrada sobre o património da cidade de Braga. Este documento foi enviado ao Ministério da Educação e da Investigação Científica/M.E.I.C. que, através da Junta Nacional de Educação, iniciou o processo de proteção das ruínas (Alves *et al.*, 1974–1977).

O ano de 1976 foi marcado por lutas e mobilizações. Em três de fevereiro é constituída uma Comissão de Defesa e Estudo do Património (CODEP) que "inicia uma campanha de sensibilização e alarme sobre a importância de vestígios arqueológicos da Colina de Maximinos e sobre o perigo da sua iminente destruição". Além dessa importante campanha, foi criado um Campo Arqueológico, sob a direção da Universidade do Minho, que inicia uma atividade arqueológica regular na área arqueológica de Braga, cujos limites são fixados pelo Decreto-lei 740/76, que criou uma *area non aedificandi* nos terrenos delimitados pelo Campo Arqueológico de Braga, pelo prazo de um ano, com a possibilidade de renovação pelo mesmo tempo (Alves *et al.*, 1974–1977).

Para dar resposta à missão do Campo Arqueológico de Braga, a Universidade do Minha criou, em 1977, a sua Unidade de Arqueologia (UAUM), instituição que assegura, desde então, a direção científica do Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta* e o papel de enquadramento das intervenções arqueológicas, estudo e divulgação do património arqueológico de Braga (Martins, 2014). Entre 1976 e 1992, momento em que as obras decorriam um pouco por todo lado e, muitas vezes, de modo descontrolado, a UAUM dedicou-se, quase exclusivamente, à realização de trabalhos arqueológicos de salvamento e emergência (Lemos, 1991).

Ao longo desses quase quinze, a Unidade de Arqueologia, inicialmente sob a presidência de Francisco Alves (1977–1980), depois tendo Francisco Sande Lemos como presidente (1980–1988) e entre 1988 e 2018, Manuela Martins, paralelamente às intervenções de arqueologia preventiva que realizava na cidade, empenhou-se em assegurar uma componente de investigação nas áreas arqueológicas protegidas, garantindo a publicação regular de resultados, quer das diferentes campanhas de escavação, quer do estudo dos materiais, produzindo sínteses dos conhecimentos urbanísticos, arquitetónicos e construtivos sobre a cidade romana e tardo-antiga. Vale destacar, ainda, a utilização dos dados cartográficos e da fotografia aérea para a interpretação topográfica da cidade. Esse trabalho de divulgação foi realizado através do periódico *Cadernos de Arqueologia*, editado pela UAUM, que contava igualmente com uma secção de estudos monográficos, bem como nas revistas *Forum*, do Conselho Cultural da Universidade do Minho, e Mínia, da Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural (Lemos, 2014). Nos últimos 20 anos a divulgação dos resultados privilegiou

uma difusão mais internacional, em revistas e obras monográficas especializadas. A partir de 2010 as intervenções arqueológicas realizadas em Braga são divulgadas na série digital TAUM (Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia).

Mais do que a apenas a divulgação, característica que, certamente, é da maior importância, sobretudo para um projeto de Arqueologia Urbana, a publicação sistemática das intervenções arqueológicas realizadas pela UAUM foi fundamental para a construção da memória da investigação histórica de Braga, ao fornecer o enquadramento contextual que tanto faltava nos estudos arqueológicos da cidade. A verdade é que, tendo nascido em 1976, o *Projeto de Salvamento de Bracara Augusta*, renomeado por *Projeto de Arqueologia de Braga*, revela na sua evolução as mudanças metodológicas que a ciência arqueológica protagonizou, tendo absorvido, por mérito das suas direções, os novos procedimentos de registo que impulsionaram bastante positivamente as escavações.

Na década de 1990 a cidade de Braga conheceu um novo surto construtivo, o que colocou mais uma vez em perigo a preservação do património arqueológico, sendo então inexistentes as proteções legais que haviam ajudado a suster a bolha imobiliária da segunda metade dos anos de 1970. Com isso, a Unidade de Arqueologia pressionou o poder camarário a fim de serem criadas melhores condições para a salvaguarda das ruínas, o que resultou na criação do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, em 1992, instituição que ficou responsável pela criação e verificação de condicionantes das obras no meio urbano, que foram vertidas no Plano Diretor Municipal (PDM) e asseguraram grande parte dos trabalhos arqueológicos realizados a partir de então (Martins, 2014; 2020). A partir de então a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho entrou numa nova fase de responsabilidade face ao estudo de *Bracara Augusta*. Se antes o primado da ação da UAUM era a salvaguarda, a partir de 1992 passou a ser o estudo da cidade de Braga e a divulgação do seu património arqueológico (Lemos, 2014; Martins, 2020). Nesse virar de página da história da arqueologia bracarense, a ação da Unidade de Arqueologia voltou-se para a sistematização e informatização do vasto acervo documental que possuía, fruto de centenas de escavações arqueológicas, o que possibilitou a integração dos dados em prol do estudo da evolução da cidade de Braga, entre a fundação e a modernidade (Martins & Giestal, 2000; Boticas & Martins, 2008).

A quantidade e diversidade dos estudos produzidos nas últimas décadas revela a progressiva maturidade do projeto arqueológico de Braga, que constitui uma responsabilidade institucional da Universidade do Minho, através da sua Unidade de Arqueologia e representa um exemplo de boas práticas de intervenção arqueológica em meio urbano a nível da Península Ibérica, à beira de cumprir meio século, em 2026. Para além da investigação sobre diferentes aspetos e em distintas escalas de

análise, o projeto tem produzido variados *corpora* documentais, de textos, de materiais arqueológicos, de estruturas e de contextos, para além de abundante e inédita cartografia histórica, produzida a partir dos dados arqueológicos urbanísticos e arquitetónicos que fundamentam, em diferentes níveis de análise, a ampliação e complexificação do discurso produzido sobre os mais distintos fenómenos do passado bracarense, desde a sua fundação romana até à contemporaneidade.

PARTE II

Os materiais arqueológicos: contextualização, análise e interpretação

Introdução

Desde o início do Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*, em 1976, até à atualidade, no âmbito do Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia (PIPA) – *Projeto de Arqueologia de Braga*, que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM) realizou mais de três centenas de intervenções arqueológicas no Centro Histórico de Braga e na periferia imediata da cidade. Esse largo e diversificado conjunto de escavações forneceu dados fundamentais para o estudo e interpretação da evolução histórica e material da cidade de Braga, desde a sua fundação até à contemporaneidade, o que tem permitido a produção de estudos monográficos sobre determinados materiais, especialmente vertidos em dissertações de mestrado e teses de doutoramento sobre as mais variadas temáticas, designadamente: sobre materiais cerâmicos (Leite, 1997; Gomes, 2000; Gaspar 2000; Morais, 1998; 2005; Clemente, 2024), vidros (Cruz, 2001; 2009), metais (Pacheco, 2017), objetos do quotidiano (Lourenço, 2012), moedas (Amaral, 2007; Machado, 2017), sobre a arquitetura pública (Silva, 2000; Pereira, 2018) e privada romana (Silva, 2000; Sousa, 2012; Magalhães, 2010; 2019; Silva 2013; Torres 2014; Fernandes 2018; Mendonça, 2019), sobre os sistemas de construção romanos (Ribeiro 2010; Lopes 2017), os equipamentos hidráulicos (Teixeira, 2012) as necrópoles romanas e tardo antigas (Braga, 2010; 2018), mas também sobre a evolução urbana de Braga em diferentes períodos (Freitas, 2003; Ribeiro, 2008; Sendas, 2010; Ferreira, 2011; Fafiães, 2015; Tolfo 2017) e ainda a ocupação do território na época romana, tardo antiga e medieval (Carvalho, 2008; Melo, 2013; Ribeiro, 2018; Andrade, 2015; 2025).

Paralelamente, as equipas que compõem a UAUM também têm vindo a integrar projetos internacionais, desde 1993, participando regularmente em congressos que deram a conhecer os resultados da investigação ao longo das últimas mais de quatro décadas de escavações sistemáticas na cidade e de estudos de sítios no território, que se traduzem em largas centenas de publicações nacionais e internacionais, onde são regularmente discutidos temas do mundo antigo e tardo-antigo. Dentre esses, destacamos os projetos realizados em colaboração com a Facultad de Humanidades da Universidade de Santiago de Compostela, em Lugo, Espanha, dirigidos pela Doutora María Dolores Dopico Caínzos, sobre as transformações sociais, económicas e políticas nas comunidades indígenas do Noroeste com a Romanização, ou aqueles que têm vindo a ser desenvolvidos em colaboração com o Laboratório de Estudos sobre o Império Romano/LEIR-ES, na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, Brasil, co-dirigidos pela Doutora Manuela Martins e o Doutor Gilvan Ventura da Silva, que avaliaram os aspetos religiosos e os usos dos espaços na cidade clássica e pós-clássica, assim como as relações entre o

urbano e o rural na Antiguidade, numa proposta de reunir arqueólogos e historiadores para debater o Mediterrâneo antigo.

É no contexto de todo o já vasto lastro de atividades arqueológicas e de investigações sobre a cidade romana de *Bracara Augusta* (século III) e no âmbito do seu prolongamento histórico no tempo, até finais da Idade Média (século XV) que se situam as questões que deram origem à nossa investigação e ao nosso projeto de doutoramento.

A **Parte II** deste trabalho apresenta e estrutura os dados arqueológicos que usamos para percecionar a evolução dos materiais cerâmicos que, de acordo com o respetivo contexto, têm capacidade para fornecer informações relevantes sobre produção, usos e gostos, que potenciam análises relativas à evolução dos consumos, da economia e da sociedade de Braga entre o século III e o século XV.

Esta parte do nosso trabalho inicia-se com a apresentação de uma abordagem sintética dos estudos que têm vindo a ser realizados sobre as cerâmicas tardo-antigas e medievais a nível da Europa, seguindo-se uma avaliação do contexto ibérico, em particular do noroeste hispânico, para, finalmente, nos debruçarmos sobre os estudos ceramológicos realizados em Braga. Esse balanço dos trabalhos já realizados constitui uma base fundamental para posicionar o nosso trabalho no horizonte dos conhecimentos disponíveis, constituindo-se como um possível estado da questão sobre o estudo da cerâmica tardo-antiga e medieval de Braga.

A seleção das áreas arqueológicas para análise detalhada dos materiais cerâmicos, implicaram uma prévia avaliação dos diferentes contextos de ocupação da cidade, já sistematizados em publicações, ou em relatórios das intervenções arqueológicas, cujos materiais se reconheceram como recobrindo a nossa cronologia.

Das largas centenas de trabalhos arqueológicos realizados pela UAUM, desde 1976, interessaram-nos particularmente algumas áreas da cidade, dentro das quais selecionamos alguns níveis arqueológicos, que foram valorizados pelas características dos contextos que representam nas respetivas áreas escavadas. Assim, definiu-se como critério fundamental de triagem das zonas arqueológicas, a sua localização dentro ou fora das muralhas medievais e a existência de contextos de diferente natureza e cronologia. Deste modo, procurámos diversificar a nossa amostra e possibilitar análises espaciais associadas à dispersão ou concentração de materiais no seio da evolução urbanística bracarense.

1 Os estudos da cerâmica tardo antiga e medieval

1.1 O contexto europeu

Nas últimas décadas assistimos a um importante desenvolvimento dos estudos arqueológicos, dentro dos quais se destacam os estudos cerâmicos, o que contribuiu para o surgimento de novas abordagens no estudo deste importante tipo de material, com destaque para as cerâmicas de cronologias tardias e medievais. Estas novas perspetivas de investigação resultaram no aparecimento de diversos trabalhos e publicações que serão o suporte fundamental do nosso estudo.

A diferença entre os estudos dedicados ao material cerâmico romano e tardo-antigo e aqueles que exploram as peças medievais é bastante significativa. As sínteses e catalogações dos objetos da antiguidade foram iniciadas durante o século XIX, destacando-se os importantes contributos de Hans Dragendorff, com a publicação da obra *De Vasculis Romanorum Rubris capita selecta*, em 1894, ampliada nos inícios do século XX, a exemplo da publicação de *Les vases céramiques ornés de la Gaule Romaine*, em 1904, por Joseph Déchelette e *Das frührömische Lager bei Hofheim im Taunus*, em 1912, por Emil Ritterling. No período entre-guerras os trabalhos foram retomados, destacando-se os livros *Lampen aus Vindonissa*, por Siegfried Loeschcke, em 1919, *Töpfer und fabriken verzierter terra-sigillata des ersten jahrhunderts*, por Robert Knorr, no mesmo ano, *Stempel, Namen und Bilder römischer Töpfer*, por Wilhelm Ludowici, em 1927, ou os dois volumes de *La Graufesenque*, de Frédéric Hermet, em 1934.

Esses estudos precoces estão associados a grandes campanhas de escavação, que foram realizadas em sítios não ocupados ou em áreas sem construções nas cidades históricas, a exemplo da cidade de Trier/*Augusta Treuorum* (Dragendorff), dos acampamentos militares de Vindonissa (Loeschcke) e Hofheim (Ritterling), ou ainda do *uicus* de *Condatomago* (Hermet). Não obstante, as coleções que foram alvo da atenção particular desses investigadores eram aquelas que se destacam esteticamente, sobretudo pelas decorações, a exemplo das *terrae sigillatae* e *lucernae*, com uma produção bastante padronizada, cuja difusão pela área imperial era enorme, estando presentes na generalidade das províncias romanas.

As produções medievais, por sua vez, conhecem um percurso bastante diferente. Embora seja possível considerar um eventual desinteresse da academia pelos contextos medievais, de que é exemplo a desconsideração da destruição dos níveis medievais sobre a *Villa del Casale*, em Piazza Armerina, Sicília, no decurso das escavações realizadas na década de 1950, quando o objetivo era, exclusivamente, trazer à luz o edifício tardo-antigo e os seus mosaicos deslumbrantes (Pensabene, 2006, p. 31), podemos justificar esse descompasso dos estudos medievais com um significante inferior número de intervenções em locais com uma relevante ocupação medieval até à segunda metade do século XX. Podemos, por

isso, identificar movimentos distintos, que contribuíram decisivamente para a constituição de uma investigação mais tardia sobre a ocupação medieval.

O interesse positivo pela Idade Média, como pudemos abordar anteriormente, surgiu apenas no século XIX, tendo estado intimamente associado ao movimento romântico e à afirmação nacionalista das potências europeias. Contudo, os grandes núcleos urbanos medievais, aos quais a documentação textual faz ampla referência, como Londres, Paris ou York, só seriam alvo de escavações arqueológicas verdadeiramente significativas após a Segunda Guerra Mundial, face aos bombardeamentos sofridos em grande parte das grandes cidades europeias. Não obstante, destacam-se outras razões para explicar o crescente interesse pelos centros urbanos europeus, decorrentes do modo de produção capitalista, designadamente associado a uma brutal concentração demográfica nas cidades e a um gradativo esvaziamento populacional dos campos, cuja exploração mecanizada, entre outros fatores, levou a um enorme êxodo rural e ao abandono de diversas aldeias e vilas, cuja matriz, muitas das vezes, remonta à Idade Média. É nesse período que vemos surgir, por exemplo, o *Deserted Medieval Village Research Group*, fundado em 1952 por Maurice Beresford, que tinha como objetivo o levantamento de todas as expressões de povoamento medieval do Reino Unido, para criar um repositório desses locais para a sua salvaguarda, bem como o início dos trabalhos de escavação como aconteceu em Wharram Percy (Yorkshire), dirigidos por John Hurst (Christie & Stamper, 2012; Wrathmell, 2012).

Nesse momento, a ciência arqueológica também se encontrava em grandes transformações, destacando-se a introdução de novos temas de investigação e o interesse por diferentes escalas de análise e distintas cronologias que promoveram um crescente aumento nos trabalhos sobre os períodos tardios e medievais (Knapp, 1992b). Fruto desse amplo movimento de reestruturação epistemológica e metodológica, surgiram os primeiros estudos de relevo sobre os materiais cerâmicos medievais, produzidos a partir, sensivelmente, da década de 1960.

No Reino Unido, junto com o *Deserted Medieval Village Research Group*, John Hurst também esteve à frente de outras iniciativas para promover o estudo e a divulgação do património medieval, entre elas o *Medieval Pottery Research Group*, criado em 1975, que publicou regularmente até 2010 a revista *Medieval Ceramics* (Butler, 2006).

Em França, por sua vez, a génese desses trabalhos tem em Gabrielle Démians d'Archimbaud uma figura indissociável, especialmente a partir de sua entrada na Universidade de Provence Aix-Marseille I, em 1960, e a boa relação profissional que estabeleceu com o grande medievalista Georges Duby, que ali também se encontrava. Démians d'Archimbaud iniciou as escavações no povoado medieval de Rougiers, na região provençana, já em 1961, e foi uma pedra angular nos debates sobre o

povoamento, arquitetura, economia e demais aspetos do medievo francês, bem como uma palavra importante na constituição de metodologias de escavação dos contextos e classificação de estruturas e materiais medievais por toda a Europa (Démians d'Archimbaud, 1962; 1980).

Não é a nossa intenção realizar um levantamento exaustivo sobre o interesse pelos contextos medievais em cada país europeu, pelo que nos estenderemos apenas até Itália. O caso italiano é bastante semelhante ao francês e inglês, conhecendo uma génese da virada de atenção ao pós-clássico ainda entre os finais da década de 1960 e os inícios dos anos 1970. Os centros universitários de Milão e Pisa já integravam aulas de "*Archeologia e Topografia Medievale*" ou "*Archeologia Cristiana*" em seus cursos superiores, enquanto em Florença Riccardo Francovich fundava a importante revista *Archeologia Medievale*, ou mesmo Paolo Delogu investigava, na Università la Sapienza di Roma, sobre as movimentações germânicas nas últimas décadas do Império Romano Ocidental, sobre a vida dos papas durante a Idade Média ou sobre a instalação normanda no norte do reino franco (Gelichi, 2014; 2018).

Apesar do seu "nascimento" em época bem mais recente do que o da Arqueologia Clássica, os investigadores que se dedicaram à Arqueologia Medieval lograram a construção de uma área de estudos e interesse hoje bastante difundida e consolidada. Ainda que com trajetórias diferentes, as academias europeias conseguiram estabelecer, especialmente a partir das décadas de 1980 e, sobretudo, 1990, um importante diálogo entre os diferentes centros de estudo e investigação voltados às questões das transformações do mundo romano na Antiguidade Tardia, a afirmação e especificidades dos reinos medievais e as suas mudanças face ao desenvolvimento mercantilista da Europa a partir do século XV. Um bom exemplo desse diálogo entre os investigadores de Arqueologia Medieval, e que nos interessa particularmente nesse trabalho, é a criação, em 1992, da Associação Internacional para o Estudo das Cerâmicas Medievais do Mediterrâneo (AIECM2), fundada por Gabrielle Démians d'Archimbaud e a sua extensão para o período moderno, aquando do congresso de Silves, em 2012, resultando na AIECM3. Essa associação é um marco na capacidade de integração dos mais distintos investigadores, incorporando no seu comité um grupo bastante alargado de países e regiões interessadas no tema proposto, designadamente Espanha, França, Itália, Maghreb, Mundo Bizantino, Portugal, Próximo Oriente e Mundo Otomano (AIECM3, Accueil; Comité de l'AIECM3).

1.2 O contexto ibérico

A Península Ibérica conheceu um histórico de estudos arqueológicos bastante semelhante aos demais países europeus, especialmente desenvolvido entre os séculos XIX e XX. Em linhas gerais, a investigação sobre esses materiais esteve associada às campanhas de escavação em determinadas

zonas arqueológicas e aos interesses de seus responsáveis, facto que levou, inicialmente, a um investimento no período clássico e, posteriormente, do mundo tardo-antigo e medieval. Embora seja possível encontrar algum interesse pelo passado pós-clássico, tanto em Portugal como em Espanha, ainda no mil e oitocentos, ele prende-se, sobretudo, com os aspetos históricos e artísticos, associados aos movimentos de afirmação nacional[47], não tendo o mesmo sido vertido à atividade arqueológica antes da segunda metade do século XX (Fernandes, 2005, pp. 149–152; Salvatierra Cuenca, 2013).

Contudo, os dois países ibéricos conheceram no pós-Segunda Guerra Mundial, quase três décadas de ditadura sob o jugo de Salazar e Franco, período que se revelou pouco produtivo para a Arqueologia, mas bastante mais produtivo para o interesse pelos edifícios medievais que foram considerados representativos das histórias nacionais, de que são exemplo as igrejas, castelos e palácios. A imagem nacionalista que se queria projetar dos regimes ditatoriais entrelaçou-se com o discurso das origens dos países, encontrando nos monumentos medievais um poderoso veículo de propaganda que reverberava os princípios de antiguidade, durabilidade e solidez desejados. No caso espanhol, a associação entre o regime franquista e a Idade Média foi materializada num conjunto de guias turísticos que reforçavam as ideias de longevidade e estabilidade do país, o que exigiu, especialmente a partir de 1957, que Franco se associasse à monarquia vigente, enquanto elemento de continuidade da autoridade espanhola desde o século VIII, tornando, discursivamente, a imagem do Caudillo mais próxima à realeza borbónica (Berghe & Maddens, 2008). Em Portugal esta lógica medievalista das origens de Portugal, expressou-se sobretudo na atividade da ex-DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), criada em 1929 e extinta em 2007. Tendo sido a principal entidade com responsabilidade no património construído português, sobretudo entre 1931 e 1975, foi responsável pelo restauro de vários monumentos, uma iniciativa que não tinha tanto em vista conhecer a história dos mesmos, mas sim adaptá-los à visitação, de forma a servirem como propaganda do regime (Camacho, 2018). Em ambos os casos, os investimentos realizados pelos ditadores no restauro e na manutenção dos monumentos e na sua divulgação resumiam-se a um uso instrumental e ideológico dos edifícios, de nula ou reduzida base científica, situação que era reforçada pelo caráter fechado dos países aos debates ou influências internacionais.

Seria apenas na década de 1970, especialmente depois de 1975, que o manto conservador e repressivo do Estado seria removido, permitindo a entrada de novas e frescas ideias vindas de outras áreas da Europa, com especial destaque para a França e, sobretudo, a Alemanha (Grussworte, 2004).

[47] Esse fenómeno, entretanto, não teve paralelo na Itália, nem mesmo durante o período fascista, sendo a Roma Antiga e Imperial o objeto eleito e primordial para a exaltação identitária e histórica italiana (La Rocca, 1993).

Essa abertura foi fundamental para a renovação epistemológica e metodológica da Arqueologia Medieval ibérica, que se encontrava bastante afastada das correntes científicas, que desde a década de 1960 alimentavam longas discussões nos demais países europeus.

Essa mudança também foi importante para a ampliação do quadro temático e cronológico das investigações arqueológicas realizadas nos países ibéricos, o que levou, verdadeiramente, ao surgimento da Arqueologia Medieval na Península ibérica, na qual se destaca um particular interesse pelo estudo dos materiais e em particular da cerâmica. De facto, o interesse pelos contextos arqueológicos pós-clássicos esteve sempre muito marcado pelo estudo das cerâmicos, tanto em Portugal e Espanha, assinalando-se, um significativo dinamismo dos investigadores para identificar, classificar e enquadrar os fabricos cerâmicos medievais, tanto cristãos como islâmicos (Fernandes, 2005; Quirós Castillo, 2018). Deste modo, iniciaremos a nossa análise com uma visão genérica sobre as publicações de cerâmica a nível ibérico, tendo plena consciência que não iremos citar todas as obras que versaram sobre a temática, mas apenas as que consideramos mais relevantes para o nosso trabalho. Posteriormente, dedicaremos a nossa atenção à região do Noroeste hispânico onde se situa a nossa área de estudo.

Na Península Ibérica verifica-se uma longa tradição de trabalhos dedicados ao material cerâmico de cronologia romana, desenvolvidos, principalmente, a partir de meados do século XX destacando o de M. Mezquiriz de Catalan, publicado na década de 60, sobre *Terra Sigillata Hispânica*. Nele é organizada uma tipologia para as formas lisas e decoradas tendo por base investigadores como Dragendorff, Rittering, Hermet e Ludowici, enquanto se estabelece novas formas especificamente hispânicas, define cronologias e identifica centros de produção (Mezquiriz de Catalan, 1961). É também importante realçar autores da importância de J. Hayes, em particular a sua obra sobre as *sigillatae* africanas tardias da parte oriental do Mediterrâneo (Hayes, 1972) assim como as investigações realizadas em torno das produções gálicas tardias (Rigoir & Rigoir, 1968; 1971), visto que abordam cerâmicas identificadas em várias zonas arqueológicas no território que nos propomos estudar.

Relativamente aos materiais cerâmicos do período romano tardio merece especial menção a descoberta de exemplares de *Terra Sigillata* Hispânica Tardia (TSHT) no decorrer das campanhas de escavações na *uilla* romana de La Olmeda, para os quais se levou a cabo uma classificação por tipos cerâmicos (Palol & Cortes, 1974). Salientamos também a obra síntese de M. Béltran Lloris dedicado às cerâmicas romanas e tardias, contendo os materiais que até à data da sua publicação eram conhecidos relativos a essas produções (Béltran Lloris, 1990).

Nos finais da década de 90 foram dadas a conhecer as cerâmicas comuns tardias que imitam formas de TSH na região da Segóvia, datadas entre o último quartel do século IV e a segunda metade do século V (Juan Tovar & Blanco García, 1997). Alguns anos mais tarde, este trabalho foi complementado com a proposta de uma nova terminologia para estes materiais: CIS – cerâmicas de imitación de *sigillata* (Juan Tovar, 2012).

Posteriormente, foi publicada uma nova síntese intitulada *Introducción al estudio de la cerámica romana – Una breve guía de referência* (Roca Roumens & Fernández García, 2005) que contou com a colaboração de vários investigadores, destacando-se os capítulos dedicados aos exemplares de *Terra Sigillata* Africana (TSA) (Serrano Ramos, 2005a, pp. 225–304) e *Late Roman C* (Serrano Ramos, 2005b) encontrados, até esse momento, na Península Ibérica.

Com o início do *XXVI Congreso Internacional de la Asociación del Rei Cretariae Romanae Fautores*, em Cádis, passam a ser apresentados regularmente diversos estudos acerca das cerâmicas do período romano e tardio. Assim, é publicado o resumo das investigações sobre TSH, levantando-se novas problemáticas e dificuldades relativas ao estudo desta produção, as últimas das quais residem principalmente na falta de investimento no estudo dos centros produtores (Fernández García & Roca Roumens, 2008). Em relação à TSA, e considerando o sucesso da sua comercialização no território da Hispânia, que conduziu ao fabrico de imitações identificadas em várias zonas arqueológicas, é colocada a hipótese da existência de um centro de produção de imitações em *Bracara Augusta*, a qual terá por base o trabalho de A. Gaspar sobre cerâmicas cinzentas tardias, que será abordado posteriormente (Aquilué Abadías, 2008). Cabe igualmente referir o artigo de J. Paz Peralta que tratou de compilar o que até essa altura era conhecido sobre TSHT, incluindo análises petrográficas (Paz Peralta, 2008).

Terminada esta breve revisão das investigações na Península Ibérica concentramo-nos agora na Galiza e norte de Portugal com especial destaque na cidade de Braga. O motivo por a nossa escolha incluir o território galego reside na sua proximidade e nas semelhanças observadas entre as cerâmicas das duas áreas geográficas.

Na Galiza, iniciaram-se relativamente cedo os trabalhos sobre as produções de cronologia romana, na sequência das campanhas de escavações realizadas em Torres de Oeste, em Catoira, entre os finais da década dos anos 40 do século XX e inícios da década seguinte (Chamoso Lamas, 1951). Novos trabalhos realizados posteriormente no mesmo local revelaram materiais do período romano (Balil Illana, 1969–1970; 1977). Em 1979, J. Caamaño Gesto (1979) procedeu ao estudo das *sigillatae* do território galego, impulsionando novas investigações que incluem a análise das cerâmicas exumadas nas escavações no Castro de Elviña (Caamaño Gesto, 1980; 1984) e no Castro de Viladonga (Caamaño

Gesto & López Rodríguez, 1984). Acrescem ainda algumas publicações acerca das *sigillatae* encontradas em diferentes zonas de Lugo (Vila Martínez, 1984; 1992).

Por outro lado, as intervenções na cidade da Corunha sob a responsabilidade de J. Naveiro López permitiram identificar a ocupação inicial da *Brigantium* romana, permitindo o estudo de materiais do período romano (Naveiro López, 1988). O mesmo autor foi responsável por diversos estudos sobre as importações durante época romana no território galego (Naveiro López, 1991a; 1991b; 1991c; 1996; Naveiro López & Pérez Losada, 1992).

Salientamos também os contributos de M. Carreño Gascón sobre as *sigillatae* provenientes de escavações decorrentes da arqueologia preventiva na cidade de Lugo (Carreño Gascón, 1995a; 1995b; 1997a; 1997b). A descoberta de um acampamento militar na Cidadela, em Sobrado dos Monxes, Corunha, bem como as intervenções subsequentes geraram igualmente várias publicações relacionadas com as cerâmicas de cronologia romana (López Pérez, 1997 López Pérez & Caamaño Gesto, 2011).

Relativamente aos trabalhos desenvolvidos em torno das produções tardias destacam-se os trabalhos referentes a materiais de *Iria Flavia*, em Padrón, Corunha (López Pérez *et al.*, 1999, pp. 239–268), a que acresce o estudo sobre as cerâmicas romanas e as produções tardias de *sigillatae* da zona de Valdeorra (Menéndez Llorente, 2000), assim como as análises de materiais da mesma cronologia referentes à cidade de Vigo (Rodríguez Martínez, 2003, pp. 11–43) e de Ourense (Rodríguez González & Xusto Rodríguez, 2005, pp. 9–32). Mais recentemente foram publicadas as *sigillatae* hispânicas tardias, africanas e focenses do território galego (César Vila & López Pérez, 2008; López Pérez & César Vila, 2010), merecendo particular referência a descoberta do centro produtor de Toralla, Vigo, do qual foram exumadas peças tardias do norte de África, da Gália e Ásia Menor (Fernández Fernández *et al.*, 2008; Fernández Fernández, 2014).

No que diz respeito às cerâmicas medievais do território galego, um dos primeiros trabalhos sobre estes materiais teve por base exemplares das zonas arqueológicas de Lobeira, Castelo de Darvo, Castelo de Sotomaior, Vilasobroso e A Lanzada (Fariña Busto, 1975, pp. 51–64). No ano seguinte, as prospeções realizadas na Torre de Meira, em Moaña, Pontevedra, revelaram também uma quantidade considerável de material medieval (Acuña Fernández *et al.*, 1976, pp. 183–205).

Em 1988, uma revisão dos resultados da Arqueologia Medieval na Galiza incluiu uma breve referência às cerâmicas deste período (Fariña Busto & Suárez Otero, 1988, pp. 49–77), tendo sido publicado, em 1989, o livro *La cerámica medieval en el norte y noroeste de la Península Ibérica,* que integrou um estudo sobre a temática no território galego (Gutiérrez González & Bohigas Roldán, 1989),

a que acresce o contributo de A. Bonilla Rodríguez (1991, pp. 341–345), que propôs uma tipologia para os materiais cerâmicos medievais.

Nos finais da década de 90 do século XX, as escavações realizadas no contexto de uma série de obras, que decorriam entre Pontevedra e Ourense, possibilitaram a descoberta de cerâmicas da época medieval nos castros de Cameixa e Cotiño (Amado Reino *et al.*, 1998), enquanto os trabalhos arqueológicos executados entre Ribadeo e Vilalba permitiram identificar estruturas e níveis arqueológicos da Idade Média nas zonas arqueológicas de O Cabrón, Casanova e A Casas Vellas associadas a várias cerâmicas da mesma cronologia (Martínez López *et al.*, 2000). Durante as intervenções arqueológicas realizadas na fortificação conhecida como Castelo da Lúa, na Corunha, em 2000, 2002 e 2007, foram descobertos materiais medievais e modernos, classificados em sete grupos, tendo por base as técnicas de fabrico, formas e a decoração. As cerâmicas cinzentas dos séculos XI–XIII compõem o conjunto das produções do período medieval específico ao território galego, enquanto as cerâmicas modernas abarcam diferentes produções que incluem peças comuns de pasta vermelha, anforetas, cerâmica sevilhana, produções aragonesas e levantinas e cerâmica com esmalte verde (César Vila & Bonilla Rodríguez, 2003, pp. 297–367; Bonilla Rodríguez *et al.*, 2010, pp. 263–276).

Em 2002, no decorrer de uma escavação no local onde estava planeada a construção de um edifício administrativo, em Santiago de Compostela, foi identificada uma sequência de ocupação entre inícios no século XII e a atualidade. Na área fora erguido, no século XII, o Hospital de S. Lázaro com uma igreja associada. Entre os materiais cerâmicos identificaram-se cerâmicas cinzentas típicas da Galiza, datadas dos séculos XI–XV, assim como anforetas e cerâmica vidrada de cronologia moderna (Bonilla Rodríguez & César Vila, 2005, pp. 219–242). Poucos anos depois foram descobertas na Cova de Eirós, uma zona arqueológica com ocupação pré-histórica, em Triacastela, Lugo, cerâmicas medievais que correspondem, na sua maioria, a produções comuns cinzentas locais, datadas dos séculos XI–XV (Fábregas Valcarce *et al.*, 2012, pp. 17–45).

O conhecimento da cerâmica medieval, que se afirmou na Galiza nas décadas mais recentes, foi sistematizado na recente tese de doutoramento de F. Alonso Toucido (2021), subordinada ao tema *Cerámica medieval galega: características, uso e evolución da produción*. Trata-se de uma obra de fôlego, na qual o autor logra reunir os dados de um amplo conjunto de intervenções arqueológicas, realizadas um pouco por toda a Galiza, que visou produzir uma sequenciação estratigráfica que reflete, também, a evolução da produção da cerâmica medieval galega entre os séculos VI e XVIII. Na verdade, Alonso Toucido vem renovando os estudos de cerâmica, de forma muito produtiva, graças a uma intensa atividade arqueológica, bem como a sua associação com outros investigadores, sobretudo da

Universidade de Santiago de Compostela e Salamanca (Prieto Martínez, 2017; 2017–2018; 2019; Tejerizo-García *et al.*, 2021; Nión-Álvarez *et al.*, 2023).

Na região norte de Portugal têm-se vindo a multiplicar, nas últimas décadas, os estudos sobre cerâmica romana e medieval, um claro resultado do aumento do número de escavações preventivas realizadas em meio urbano que geram quantidades consideráveis de materiais com diferentes cronologias.

Entre os primeiros trabalhos sobre produções romanas encontram-se os estudos de A. Alarcão sobre as TSH identificadas no norte de Portugal (Alarcão, 1958, pp. 249–316). Na década de 70 do século XX dão-se a conhecer as cerâmicas romanas de Fiães (Almeida, 1972a, pp. 191–205) e da necrópole de Vila do Conde (Almeida, 1974), tendo sido publicado um pouco depois (Almeida, 1980, pp. 3–91) um breve estudo dos materiais do período romano exumados na zona arqueológica de Santo Estêvão da Facha. Já na década de 80 do século passado M. Delgado publicou uma compilação das cerâmicas orientais encontradas em Portugal (Delgado, 1988, pp. 35–49). Na década seguinte ganham expressão os estudos de outras produções provenientes de vários contextos arqueológicos escavados no norte de Portugal, com destaque para as ânforas do litoral atlântico (Paiva, 1993) e para as ânforas do Castro de Cota da Pena, em Caminha (Sá & Paiva, 1993, pp. 237–248), tendo sido igualmente realizado um estudo sobre as marcas de oleiro encontradas em *sigillatae* do Castro de Mozinho (Carvalho, 1993/1994, pp. 91–112; Carvalho, 1998).

Também os materiais cerâmicos medievais começam a surgir em trabalhos da década de 70 do século XX, ainda que nem sempre se encontrassem estratigrafados. Com a realização das *1 Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos utilizados para o seu estudo*, em Tondela, nos inícios da década de 90, foram divulgados os resultados de vários estudos sobre as cerâmicas, não só numa perspetiva arqueológica, tendo sido acolhidos contributos de áreas como a etnoarqueologia e os estudos arquivísticos, tendo contado com a participação de investigadores de Portugal, Espanha e França. Foram então publicadas as cerâmicas exumadas nas escavações que decorreram em 1990 e 1991 na torre roqueira de Baldoeiro, em Torre de Moncorvo, datadas dos séculos XI–XIII, comparadas com exemplares de diferentes intervenções no Norte do país (Rebanda & Rodrigues, 1995, pp. 51–66). Foram igualmente apresentados dois conjuntos cerâmicos de cronologia baixo-medieval e moderna procedentes das escavações da Casa do Infante, no Porto, que correspondem, na sua maioria, a importações (Real *et al.*, 1995, pp. 171–186).

Pouco depois M. Barroca elabora um importante estudo histórico e documental sobre os centros oleiros do Entre-Douro-e-Minho ativos durante a Baixa Idade Média, tendo por base as referências

na documentação medieval, sendo proposta a zona do Prado/Cervães como o principal centro abastecedor de Braga nesse período (Barroca, 1993, pp. 159–170). No ano seguinte é defendida a tese de mestrado de M. Rodrigues sobre as cerâmicas dos povoados medievais de Santa Cruz da Vilariça e de Baldoeiro, em Torre de Moncorvo, tendo a comparação dos materiais dos dois sítios, eleitos pela sua proximidade e ocupações distintas, revelado diferenças técnicas, formais e decorativas (Rodrigues, 1994).

Nas *2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval,* foram divulgados e publicados os resultados das escavações no povoado medieval de Santa Cruz da Vilariça, onde foram identificadas quatro fases de ocupação enquadradas no período medieval, o que permitiu, dividir as cerâmicas em quatro grupos (Rodrigues & Rebanda, 1998, pp. 101–126), tendo em conta as técnicas de fabrico. M. Rodrigues realizou também uma revisão da bibliografia sobre a cerâmica medieval no norte e centro de Portugal (Rodrigues, 1998, pp. 465–467). O sucesso destas Jornadas motivou a criação de um grupo de investigação, o projeto PROCEN (Projeto para o Estudo das Produções Cerâmicas da Região Norte), que conjugava áreas como a arqueologia, etnografia, arquivística e análise laboratorial (Capela, 1996, pp. 3–10).

Nos finais da década de 90 do século XX foram dados a conhecer novos trabalhos sobre o Porto, incluindo o levantamento, a partir da documentação disponível, dos fornos oleiros ativos entre 1259 e 1590 que se localizavam, maioritariamente, nas portas da cidade, devido a questões relacionadas com o transporte da lenha para os fornos e o menor risco de incêndio que a área oferecia (Real & Reimão, 1996, pp. 79–86). São também alvo de estudo as cerâmicas importadas durante o período baixo-medieval e moderno, provenientes de várias escavações realizadas no Porto. Entre o material estão os primeiros exemplares de vidrados medievais descobertos no norte do país (Gomes *et al.*, 1999/2004, 89–96).

Recentemente foram analisadas as cerâmicas comuns de cronologia medieval, moderna e contemporânea das escavações no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, onde foi registada uma ocupação desde o período tardio até ao século XX (Freitas, 2013). No mesmo ano foi realizada uma revisão historiográfica dos estudos de cerâmica medieval, realizados no território peninsular, oferecendo uma visão específica na área da Galiza e do norte de Portugal (Martínez Peñín, 2013, pp. 33–60).

Cabe igualmente sublinhar o investimento realizado nas últimas décadas no estudo das cerâmicas de cronologia moderna e contemporânea, com destaque para o levantamento dos centros produtores de louça preta do norte de Portugal, elaborado por I. Fernandes, que se centrou em questões

como cronologia, local de extração do barro, tipo de forno utilizado, louças fabricadas e área de comercialização, entre outros (Fernandes, 1996, pp. 11–36). Numa escala mais pequena foi estudada a olaria tradicional da freguesia de Bemposta, no concelho de Mogadouro (Rebanda & Rodrigues, 1996, pp. 37–44). Entretanto, a elevada quantidade de cerâmica recolhida ao longo das intervenções arqueológicas realizadas na Casa do Infante levou os investigadores a desenvolver uma proposta metodológica para o estudo das cerâmicas de produção moderna (Teixeira & Gomes, 1997/1998). Tendo por base os materiais recolhidos em Escarigo, na Guarda, durante o acompanhamento das obras na Rua Dr. Garcia Andrade, foi possível identificar cerâmica comum e faianças importadas, com algumas produções de Paterna-Manises, com cronologia entre os finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Martins, 1999/2004, pp. 97–101).

1.3 O contexto bracarense

No caso de Braga, os estudos cerâmicos sistematizam-se no âmbito do "Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*", criado em 1976, sob a responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Martins, 2014, p. 161). No decorrer deste projeto foram realizadas dezenas de escavações que permitiram recolher grandes quantidades de materiais cerâmicos de diferentes cronologias, documentando a ocupação continuada de Braga desde a sua fundação romana. Daremos especial atenção, entretanto, àquelas que mais diretamente interessam para o nosso trabalho.

Os trabalhos pioneiros sobre a cerâmica romana de Braga são devidos a Adília Alarcão (1966), que aborda pela primeira vez a cerâmica bracarense, e a Rigaud de Sousa (1965–66; 1966–67; 1969; 1971). Mas foi a partir de 1976 que os estudos da cerâmica romana passaram a merecer uma especial atenção por parte dos investigadores do projeto de estudo de *Bracara Augusta*, sendo de destacar o importante papel de Manuela Delgado, a partir de 1979, quer no estudo das cerâmicas encontradas nas escavações de Braga, mas também na orientação de várias gerações de investigadores entre as décadas de 80 e 90 do século XX. A ela se devem numerosos trabalhos de divulgação e sistematização das produções cerâmicas da cidade romana, continuados por R. Morais. Em 1985 foram publicadas as marcas de oleiro encontradas em Braga (Delgado, 1985, pp. 9–40), sendo as cerâmicas de engobe vermelho, detetadas em várias áreas da cidade, dadas a conhecer através da identificação de dois grupos, um que imita a produção de engobe pompeiano e outro que imita a TSH e TSA Clara D (Delgado, 1993–94, pp. 113–149). A mesma autora procede ainda ao estudo dos potes meleiros de cronologia romana (Delgado, 1996/1997, pp. 149–165). Ainda nos anos 90 do século XX R. Morais publica uma parte das produções finas bracarenses enquadradas entre a fundação da urbe e o período flávio (Morais,

1997/1998a, pp. 47–97), realizando igualmente o estudo das ânforas das Carvalheiras (1998) e das ânforas béticas descobertas na cidade (Morais, 2000, pp. 683–696). No mesmo ano, A. Gomes analisou, na sua tese de mestrado, as cerâmicas pintadas da época romana, introduzindo uma componente analítica das pastas, o que permitiu determinar a sua produção com barros caulinícticos do litoral (Gomes, 2000). A mesma abordagem havia já sido realizada para a cerâmica bracarense, igualmente produzida com caulinos, estudada por Felisbela Leite (1997) no âmbito da sua tese de mestrado.

Na sua tese de doutoramento, datada de 2004, R. Morais estudou as cerâmicas de cronologia alto-imperial documentadas até então (Morais, 2005), tendo prosseguido a análise de várias produções, com destaque para as produções bracarenses (Morais, 2008, pp. 445–470) e para as produções locais, romanas e tardias (Delgado & Morais, 2009).

Para o período tardo-antigo, interessa-nos destacar três fabricos presentes no guia de estudo das cerâmicas publicado em 2009 por Manuela Delgado e Rui Morais. Trata-se dos fabricos produzidos localmente que abasteceram os mercados bracarenses ao longo dos séculos IV e VII. As cerâmicas de engobe vermelho tardio são caraterizadas por formas típicas de produções comuns, com um uso associado à cozinha ou mesa, mas que receberam um tratamento mais apurado das pastas e um acabamento alisado e engobado. Por sua vez, a cerâmica de engobe branco está associada a um fabrico mais fino, cujas formas sugerem um uso destinado ao serviço de mesa, como taças, cálices, jarros e bilhas. Trata-se peças feitas a torno rápido com pastas bastante depuradas e estreitas, superfícies bastante polidas e com um engobe branco espesso, às vezes recebendo uma decoração pintada na parte superior da parede. Por fim, as chamadas cerâmicas cinzentas tardias constituem igualmente um conjunto bastante diversificado a nível técnico e formal, cuja amplitude justificou a sua divisão em dois grupos. Com efeito, o Grupo I é caraterizado morfologicamente por recipientes de mesa, cozinha e despensa, como potes, tigelas, bilhas, tachos, almofarizes e alguidares. No que toca aos aspetos tecnológicos, os objetos dessa produção apresentam fabricos ao torno ou manuais, com o uso da técnica do rolo, paredes espessas e acabamentos heterogéneos e pouco trabalhados, cujas superfícies externas raramente são polidas, sendo geralmente apenas alisadas ou escovadas, exibindo pastas pouco depuradas, em que se verifica a presença de desengordurantes não-plásticos de calibre médio, às vezes com elevadas concentrações. Por sua vez, o Grupo II é caraterizado por uma manufatura mais fina, feita a torno e com acabamentos bem cuidados, embora, geralmente, pouco decorada. As formas desses recipientes imitam ou inspiram-se em formas tardias de *sigillatae*, sobretudo africanas, focenses e gálicas, produzindo-se assim objetos associados, maioritariamente, ao serviço de mesa, como tigelas, travessas, taças, pratos, assim como almofarizes.

Relativamente às produções do período tardio é necessário ainda referir o contributo dos trabalhos de A. Gaspar sobre a produção local de cinzenta tardia de Braga e de S. Martinho de Dume, que permitiram diferenciar dois grupos morfológicos, um de imitações de formas importadas de gálicas tardias, TSA Clara C e D e de LRC e um outro de cerâmicas comuns dos séculos IV–VII, que apresentam paredes espessas e superfícies alisadas (Fontes & Gaspar, 1997). A autora realizou também análises arqueométricas que permitiram propor a zona do Prado como fonte da matéria-prima usada nas referidas produções, resultados que foram obtidos no âmbito da sua tese de mestrado, defendida em 2001 (Gaspar, 2001; 2003, pp. 455–481).

Em 2012, A. Fernández Fernández e R. Morais realizaram uma revisão e atualização das cerâmicas de engobe vermelho tardio de Braga, publicadas na década de 90 do século XX, por M. Delgado (Fernández Fernández & Morais, 2012, pp. 131–174). São também dadas a conhecer algumas das produções importadas no período tardio de diferentes escavações em Braga, apesar dos materiais carecerem de uma sequência estratigráfica que permita a sua necessária contextualização (Delgado *et al.,* 2014, pp. 671–680). Posteriormente, outros trabalhos permitiram analisar com mais detalhe as produções romanas e medievais, com destaque para o estudo dos materiais procedentes das escavações da zona arqueológica da Rua D. Afonso Henriques (Martínez Peñín *et al.,* 2014a, pp. 561–572; Martins *et al.*, 2014, pp. 111–127; Ribeiro *et al.,* 2014, pp. 483–505).

O estudo das cerâmicas tardo antigas e medievais de Braga, beneficiou da investigação realizada por R. Martinéz Peñín, entre 2012 e 2017, tendo estudado os materiais de várias intervenções arqueológicas, designadamente do Ex Albergue Distrital, da área envolvente do teatro romano e da Escola Velha da Sé, o que permitiu sistematizar as produções. No que diz respeito às produções tardias conta-se com a presença de cerâmicas de engobe vermelho e cinzentas tardias que, no último caso, se enquadram nos grupos morfológicos definidos por A. Gaspar, com imitações de gálicas tardias, TSA, LRC e TSHT e cerâmicas comuns (Martínez Peñín *et al.*, 2014b; Martínez Peñín & Magalhães, 2017). Regista-se também a presença de importações de TSA, LRC e TSHT. Sobre as cerâmicas alto-medievais, a observação destes materiais permitiu compreender as suas características, nomeadamente a coloração cinzenta e superfícies polidas, verificando-se uma fraca variedade formal, com predominância dos potes (Martínez Peñín, 2013; 2015b; 2015c).

Para o estudo da cerâmica medieval, mantem-se como referência incontornável o contributo de A. Gaspar, que identificou uma sequência de ocupação medieval na zona arqueológica da rua da Nossa Senhora do Leite, associada a materiais cerâmicos da mesma época, tendo definido cinco grupos de fabrico para o conjunto ceramológico medieval, datado entre finais do século XIII e inícios do século

XIV (Gaspar, 1985, pp. 253–270). O espólio recuperado nas escavações da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite destaca-se tanto pelo volume, como pelos contextos, tendo sido possível estabelecer uma sequência estratigráfica bem datada, abarcando desde a época romana até à contemporaneidade. Trata-se, de uma sequência de ocupação identificada nas traseiras da Sé Catedral bracarense, um lugar de elevada potencialidade histórica e arqueológica, que forneceu um conjunto muito significativo de peças, referenciais tanto pela diversidade dos fabricos, como pela morfologia, pois foi possível a recuperação de perfis completos que possibilitaram a restituição de um quadro morfológico dos recipientes característicos de Braga entre o século XIII-XIV (Gaspar, 1985).

O estudo desse material foi realizado através de uma análise macroscópica que teve como finalidade o estabelecimento de grupos semelhantes, cujos critérios de classificação utilizados prenderam-se aos elementos visuais identificados nas pastas, como a presença, calibre e dispersão de elementos não-plásticos e a coloração das superfícies e do cerne, bem como caraterísticas táteis, representadas pelos acabamentos e marcas relacionadas com a tecnologia de produção ao torno ou manual. Dessa forma, foram individualizados cinco grupos de fabrico, os quais, apesar de não necessariamente corresponder a produções distintas, visto que tal afirmação exigiria outros tipos de análise, como as de foro arqueométrico, permitem ordenar o material. São eles (Gaspar, 1985, pp. 67-68): Grupo 1: a pasta é dura, de toque sonoro, com coloração que varia entre o bege e o castanho avermelhado com desengordurantes abundantes constituídos por cerâmica moída, mica e quartzo. Pode apresentar manchas irregulares nas superfícies, as quais são bem alisadas; Grupo 2: a pasta é dura, com coloração creme e cerne acinzentado e apresenta desengordurantes constituídos por mica, quartzo e matéria orgânica carbonizada. As superfícies, que são bem alisadas, exibem a mesma cor da pasta; Grupo 3: a pasta é muito dura, com coloração cinzenta acastanhada e desengordurantes compostos por mica e quartzo. As paredes geralmente apresentam a cor negra; Grupo 4: a pasta é friável, algo esponjosa, tem coloração cinzenta escura e desengordurantes constituídos por mica, quartzo e matéria orgânica carbonizada. As superfícies, apesar de bem alisadas, são rugosas, e apresentam um brilho provocado pelo alisamento associado à acumulação de micas; Grupo 5: a pasta é pouco dura e bastante esponjosa, com uma coloração cinzenta e desengordurantes caraterizados por moscovite, biotite e quartzo. As peças, geralmente, são mal alisadas, apresentando um toque mesmo rugoso, e as superfícies variam entre o cinzento claro e o quase negro.

Uma vez que foi possível exumar, dentre os milhares de fragmentos, alguns perfis completos, a restituição de diversas formas proporcionou um quadro muito mais rico desses fabricos. Trata-se de um repertório bastante variado, no qual estão presentes potes de tamanho pequeno, médio e grande,

púcaros, jarros, baldes, bacias, alguidares e tigelas, bem como tampas. Embora não tenha havido nenhuma relação direta entre as formas e os fabricos, verificou-se algumas tendências. O grupo 1 é o mais diversificado, apresentando potes de todos os tamanhos, púcaros e jarros, bem como os únicos exemplares de baldes e alguidares recuperados. O grupo 2 também proporcionou recipientes comuns no grupo anterior, bem como as únicas tigelas e bacias encontradas. Por sua vez, o grupo 3 apresentou potes médios e grandes, jarros e púcaros, enquanto o grupo 4 apenas integra potes pequenos e grandes e jarros. Já o grupo 5, bem menos representado, apenas proporcionou potes médios.

Para finalizar, fazemos uma breve referência a alguns estudos desenvolvidos em torno de produções modernas e contemporâneas, como é o caso do conjunto de cerâmicas decoradas com moscovite do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, com uma proposta cronológica que se enquadra entre a segunda metade do século XVI e o século XVII. As análises químicas efetuadas permitiram considerar a zona do Prado como local de fabrico (Fontes *et al.*, 1998). Merece igualmente destaque o estudo realizado por F. Gouveia que procedeu a uma primeira abordagem dos recipientes modernos do Ex Albergue Distrital (Gouveia, 2010, pp. 103–120), trabalho completado por A. Torres (2014), que se dedicou à estratigrafia para restituir as fases de ocupação, e de José Sendas (2010) sobre um importante quarteirão da cidade, entre os séculos XIV–XX, na rua dos Biscainhos.

2 Objetivos e metodologia de estudo da cerâmica

O enquadramento histórico e urbanístico de Braga conhece já alguns importantes contributos, dentre os quais os estudos de Avelino de Jesus da Costa e José Marques, cujas investigações incidiram, sobretudo, em dois momentos fundamentais para a compreensão da história medieval da cidade, designadamente a reorganização da diocese bracarense, no século XI (Costa, 1997) e o património e a ação da arquidiocese nos séculos subsequentes (Marques, 1988). Numa perspetiva que cruza o registo histórico com a documentação arqueológica, cabe referir a síntese produzida, nos inícios da década de 90 do século XX, por Manuela Martins (1991–92) que dá conta da evolução da cidade e do historial das descobertas de seu passado romano. Com respeito às transformações da forma urbana bracarense, desde a época romana até à Idade Moderna, Maria do Carmo Ribeiro produziu, na sua tese de doutoramento, defendida 2008, uma proposta de leitura da evolução da paisagem urbana que tem vindo a ser sucessivamente retocada com novas contribuições. De facto, foi nos últimos quinze anos que a investigação arqueológica sobre a cidade de Braga no período tardo antigo e medieval, realizada desde, pelo menos, a década de 1980, ganhou um nível de maturidade suficiente para produzir um enquadramento dos processos urbanísticos, arquitetónicos, construtivos e económicos da cidade pós-

clássica. Nesse conjunto de estudos promovidos pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho importa ressaltar aqueles que incidem sobre essas dinâmicas na Antiguidade Tardia (Fontes *et al.*, 2010; Martins *et al.*, 2015; 2018a; 2018b; Machado *et al.*, 2020; 2021) ou na Idade Média (Ribeiro, 2017; 2018; 2019a; 2019b; & Melo, 2015; *et al.*, 2018). Paralelamente a essas publicações que buscam a caraterização da paisagem urbana ou das atividades económicas nesses períodos, algumas outras tiveram por objetivo analisar os processos de transformação arquitetónica e de estruturas urbanas entre a tardo antiguidade e o medievo (Martins *et al.*, 2012a; 2016; Ribeiro & Fontes, 2015), ou mesmo na duração mais longa, que investiga as grandes linhas de força que orientaram o desenvolvimento bimilenário da cidade (Ribeiro & Martins, 2018; Martins *et al.*, 2021).

As cerâmicas tardias e medievais de Braga também foram alvo de estudos, desde a década de 1980. As primeiras análises tinham por objetivo o enquadramento cronológico das produções recolhidas nas intervenções arqueológicas realizadas na cidade, possibilitando o estabelecimento das diferentes fases de ocupação e a datação dos contextos estratigráficos reconhecidos. Nesse momento, foram sintetizados os grupos cerâmicos associados ao período tardo antigo (Delgado, 1993–94; Gaspar, 2000; Oliveira *et al.*, 2005) e baixo medieval (Gaspar, 1985; 1991), atividades particularmente associadas aos trabalhos de Alexandra Gaspar e às escavações realizadas nos anos 80 do século XX, na rua da Nossa Senhora do Leite, cujos resultados se revelaram tão surpreendentes, quanto extraordinários. Vale ressaltar, ainda, o amplo aproveitamento que os investigadores fizeram, um pouco por todo o país, do Instituto Tecnológico e Nuclear, particularmente do grupo "Química Aplicada às Ciências da Terra" e, sobretudo, de Maria Ângela Gouveia e Maria Isabel Prudêncio, para a realização de análises por ativação neutrónica instrumental, que contribuíram para acrescentar aos estudos macroscópicos uma componente analítica, possibilitando um melhor conhecimento das matérias primas usadas no fabrico das cerâmicas, bem como das suas origens (Dias & Prudêncio, 2007).

No que toca à Alta Idade Média, a identificação de níveis que permitissem a individualização desses momentos sempre conheceu grandes problemas em Braga, seja pela fraca preservação dos vestígios, devido ao seu caráter frustre, seja pela diminuição do tamanho do perímetro urbano e a pela sua continuada ocupação até presente. Contudo, em enchimentos posteriores, associados ao aumento da atividade construtiva dos renascimentos urbanos dos séculos XII e XIV, que provocaram um maior dinamismo construtivo, foram identificados fabricos que não conheciam paralelos tecnológicos e formais com as produções tardias ou baixo-medievais. Essa constatação levou a que se olhasse para fabricos alto medievais semelhantes, obtidos fora da cidade de Braga, identificados nas intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, sob a direção de Luís

Fontes, que revelaram contextos com *termini* cronológicos mais seguros, relativos a conventos, mosteiros, castelos e outros equipamentos. Essa análise dos materiais cerâmicos da Alta Idade Média em uma área mais ampla permitiu a identificação de peças que teriam circulado pela região bracarense nesse período e, reciprocamente, possibilitaram resolver a carência que se verificava na área urbana em Braga (Gaspar, 1995; Fontes & Gaspar, 1997; *cf.* Fontes & Regalo, 1997).

Após esses primeiros trabalhos sobre as cerâmicas tardias e medievais, cuja importância para a atividade arqueológica realizada em Braga é incontestável, uma vez que possibilita o enquadramento cronológico dos contextos escavados na cidade, foi apenas na década de 2010 que os estudos sobre esse material voltaram a ser realizados. Por um lado, uma quantidade significativa de materiais cerâmicos provenientes, sobretudo, de intervenções realizadas já no século XXI foi então analisada, o que ampliou os quadros formais das produções locais e importações, com destaque para as *sigillatae* africanas e hispânicas tardias e as imitações, em cerâmica cinzenta, desses objetos (Martínez Peñín, 2013; *et al.*, 2014a; 2014b; 2018a; Ribeiro *et al.*, 2014) e, por outro, pelo maior interesse em se refletir sobre as dinâmicas sociais na cidade (Martínez Peñín, 2015a; 2015c; & Martins, 2016; Ribeiro, 2015). Não obstante, no âmbito da investigação em curso, relativa à nossa tese de doutoramento, temos vindo a publicar alguns estudos que permitem o debate com os pares sobre as propostas teóricas e metodológicas que utilizamos (Machado, 2024a; & Martins, 2023; no prelo).

Os trabalhos já realizados sobre Braga entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média permitiram a constituição de uma leitura da evolução histórica da cidade em cada período, seja através das transformações urbanísticas, seja por via da identificação dos conjuntos cerâmicos associados aos diferentes momentos de ocupação. Esse quadro de referência dos materiais cerâmicos evidencia os aspetos tecnológicos, formais e produtivos de cada fabrico e relaciona-os a um local de origem, tanto por paralelos com produções melhor conhecidas, como as *sigillatae*, como pelo contributo da analítica para recuperar as caraterísticas da matéria prima, ou ainda pela sua datação. A informação cronológica dos objetos cerâmicos é, ainda, um instrumento fundamental para a prática arqueológica na cidade, auxiliando no estabelecimento dos momentos de fundação, reforma e abandono dos edifícios.

O nosso objetivo nesse trabalho centra-se na análise e valorização económica e social dos materiais cerâmicos, entre a Antiguidade Tardia e o fim da Idade Média, tendo por base os contextos disponibilizados pelas escavações realizadas em Braga e as fontes documentais medievais bracarenses. Assim, desenvolvemos uma investigação que aproveita a capacidade das materialidades arqueológicas, especialmente das cerâmicas, de servir de documentação para a produção de um discurso histórico. A partir da análise das caraterísticas tecnológicas e formais dos objetos consumidos na cidade ao longo

desses séculos, admitimos poder realizar inferências sobre os processos de inovação tecnológica, os centros produtores, as trocas e rotas comerciais, bem como sobre as mudanças de hábitos de consumo.

Para o efeito, apoiamo-nos nos estudos tipológicos já realizados sobre os materiais identificados na cidade de Braga, designadamente os estudos sobre as cerâmicas tardo antigas de Alexandra Gaspar (2000), complementados por Jorge Ribeiro (*et al.*, 2014) e Raquel Martínez Peñín (*et al.*, 2014a; 2014b; 2016; 2018a), a que acrescem as contribuições de estudos da Galiza (Fernández Fernández, 2013; 2018). Os principais instrumentos metodológicos de referência para a classificação do material cerâmico residem nos trabalhos de John Hayes (1972; 1980) e Miguel Beltrán Lloris (1990) sobre as *terrae sigillatae* tardo antigas. Para os objetos cerâmicos produzidos na região bracarense, incluídos no conjunto de produções locais, utilizámos o guia publicado com Manuela Delgado e Rui Morais (2009).

O espólio ceramológico medieval bracarense tem sido bem menos explorado pelos investigadores, o que se traduz, igualmente, em uma menor diversidade de instrumentos para a sua classificação. Uma vez que não podemos contar com um guia como aquele produzido para os sete primeiros séculos da nossa era (*cf.* Delgado & Morais, 2009), recorremos a um conjunto mais amplo de publicações que, embora não se dediquem a uma análise centrada nos materiais cerâmicos, contribuem para sistematizar fabricos e formas de vários locais escavados. Assim, merecem referência os estudos das cerâmicas provenientes das intervenções arqueológicas realizadas em São Martinho de Dume (Fontes, 1987; 1990; 1991–92; & Gaspar, 1997; Gaspar, 2003) e no Castelo de Penafiel de Bastuço (Fontes & Regalo, 1997), que permitiram um enquadramento dos fabricos e formas em circulação na região bracarense durante os séculos VIII–XII. Já para a Baixa Idade Média, o conjunto de referência continua a ser aquele exumado na fossa detrítica da rua Nossa Senhora do Leite, em 1983, cujo principal trabalho de síntese encontra-se num artigo publicado por Alexandra Gaspar (1985) dando conta dos resultados da intervenção, a que acrescem outros estudos da mesma autora que apresentam algumas variações de formas e decorações que complementam o quadro morfológico da louça daquele período (Gaspar, 1991; 1995).

Uma vez que a nossa investigação tem sido realizada na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/UAUM, uma Unidade Cultural da UMinho, associada ao Laboratório de Paisagens, Património e Território/Lab2PT, tivemos acesso ao Sistema de Informação da UAUM, 2ArchIS, uma base de dados das intervenções arqueológicas daquela unidade, que integra, por um lado, o registo dos dados produzidos em campo, durante os trabalhos arqueológicos de escavação ou prospeção e, por outro, o registo dos dados produzidos em gabinete, como o estudo dos materiais, a digitalização e vectorização dos desenhos de campo e modelos 3D (Botica, 2017).

O Sistema de Informação 2ArchIS é uma das principais ferramentas utilizadas para o registo dos dados produzidos no âmbito do Projeto de Arqueologia de Braga (Botica & Martins, 2008), assim como de outros projetos realizados na UAUM. Ao longo da década de 1990, sob o nome de SIABRA, o Sistema de Informação da UAUM teve como primado a criação de uma base de dados para o depósito digital dos dados produzidos no âmbito das escavações em Braga (Giestal, 1999; Martins & Giestal, 2000). Nas décadas seguintes, sensivelmente entre 2000 e 2020, o sistema foi sendo ampliado rumo à normatização interna dos dados, possibilitando o rápido cruzamento das informações. Nos últimos anos, especialmente devido à participação de Natália Botica nos projetos SEADDA, ARIADNE e ARIADNEplus, os investigadores da Unidade de Arqueologia que utilizam o 2ArchIS começaram a promover reflexões acerca da necessidade de adequar a apresentação dos dados coletados nas análises que fazem, às normas de registo produzidas pela comunidade científica internacional, objetivando-se assim a aplicação dos princípios *FAIR* (dados Localizáveis [Findable], Acessíveis [Accessible], Interoperáveis [Interoperable] e Reutilizáveis [Reusable]) no registo arqueológico (Wilkinson *et al.*, 2016), pretendendo-se tornar esses dados disponíveis em acesso aberto, depositando-os no DataRepositóriUM, uma infraestrutura institucional da Universidade do Minho que visa a publicação de conjuntos de dados científicos (*cf.* Universidade do Minho, s.d.).

Esta metodologia de trabalho foi implementada no estudo dos materiais numismáticos, tendo como primeiro exercício de publicação de conjunto de dados em acesso aberto o estudo das moedas provenientes do Projeto de Requalificação Urbana do Centro Histórico de Valença (Machado *et al.*, 2018; Machado, 2020a), posteriormente aplicado e ampliado com o material numismático de Braga (Botica *et al.*, 2021), utilizando-se como coleção os tesouros tardios que estudámos no âmbito da realização da nossa dissertação de Mestrado em Arqueologia, defendida na Universidade do Minho, em dezembro de 2017 (Machado, 2017; 2020b; 2020c).

Para esse trabalho, acreditamos ser importante incorporar nas análises dos materiais os estudos de quantificação do espólio cerâmico. Com efeito, do ponto de vista classificativo e tipológico, muito já foi feito sobre a coleção de objetos oleiros identificados em Braga, seja no âmbito de dissertações de mestrado que realizaram o enquadramento de determinadas produções (*cf.* Leite, 1997; Morais, 1998; Gaspar, 2000; Gomes, 2000), ou no exercício diário de estudo do espólio proveniente das intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia, cujos relatórios encontram-se disponibilizados no repositório institucional da Universidade do Minho, o RepositóriUM (*cf.* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2010 – presente). Contudo, as análises quantitativas não conheceram o mesmo empenho dos investigadores, com a eventual exceção da tese de doutoramento

de Rui Morais sobre os produtos cerâmicos em *Bracara Augusta* nos dois primeiros séculos da época imperial, o que possibilitou a restituição dos ritmos e padrões de consumo da cidade nesse período (Morais, 2005).

Os estudos quantitativos dos materiais cerâmicos conheceram um enorme impulso na segunda metade do século XX, em resultado das mudanças do quadro teórico e metodológicos da ciência arqueológica, devida à Arqueologia Processual e à gradual ampliação do uso de computadores, que justificou uma maior interação entre arqueólogos, matemáticos e informáticos (Orton & Hughes, 2013). O enorme empenho de investigadores de diferentes áreas científicas buscava resolver um problema simples, mas fundamental para o estudo das materialidades arqueológicas: quantos objetos existem no caos de tantos fragmentos? (Orton, 1980). Após décadas de tentativas de criar fórmulas e modelos que nos aproximem a uma matriz analítica, muitas das quais se mostraram pouco úteis, a grande reflexão interdisciplinar conseguiu criar instrumentos arqueométricos que, pelo menos, produzem uma imagem do conjunto original (Orton, 1982).

Entre os elementos a serem registados no estudo de universos cerâmicos significativos, a contagem de fragmentos e o peso são, porventura, os que se mostraram mais confiáveis para a quantificação do espólio cerâmico. Um excelente exemplo do saldo positivo dessas análises está nos contentores anfóricos, material que foi muito mais estudado, ao longo das últimas décadas, devido ao seu potencial para a investigação da história económica urbana do mundo antigo e das suas relações interprovinciais, tema que foi particularmente abordado no último quartel do século XX, sobretudo pela academia britânica (Raepsaet, 1994; Martins & Silva, no prelo). Sinteticamente, essas duas categorias de análise mostram-se mais confiáveis para a apresentação de uma imagem do universo consumido quando utilizadas em conjunto, uma vez que a contagem de fragmentos é, necessariamente, variável, devido às dinâmicas de formação dos contextos arqueológicos sedimentares, como os processos pós-deposicionais e os movimentos de terra que caraterizam a atividade construtiva e antrópica, que levam à refragmentação dos objetos e à sua dispersão, enquanto o peso é invariável. O uso combinado dessas duas variáveis possibilita a recuperação de uma imagem do número máximo e mínimo de indivíduos, bem como a densidade de fabricos e formas de determinados períodos e locais, cálculos que tornam possível a comparação entre os contextos e o aprofundamento da investigação sobre o consumo, comércio e dinamismo económico a diferentes escalas, como a regional, nacional ou supranacional (Carreras Monfort, 2018).

Um dos maiores problemas que os estudos quantitativos sempre enfrentaram, principalmente na Península Ibérica, é a ausência de protocolos que definam os descritores mínimos e o modo de

apresentação dos dados cerâmicos. Essa definição é importante, pois a falta de determinados elementos pode levar à impossibilidade de se efetuarem comparações entre diferentes cidades, ou avaliar as diferenças entre o consumo na área litorânea e do interior. Do mesmo modo, a afinação das técnicas de caraterização dos volumes de objetos consumidos é vital para o reconhecimento e hierarquização dos centros urbanos, evitando-se a construção de uma falsa imagem dos sítios dependendo das áreas escavadas, na qual os locais com um maior número de intervenções e, consequentemente uma maior quantidade de espólio, pode não representar, necessariamente, um maior consumo em relação a outra cidade, que foi alvo de uma soma mais reduzida de trabalhos arqueológicos.

Embora as academias britânica e francesa tenham estabelecido os seus protocolos de apresentação e quantificação dos dados cerâmicos, em Portugal e Espanha não houve uma significativa preocupação com a criação de normas nos estudos ceramológicos, o que levou a uma grande disparidade de procedimentos, no modo como as análises foram realizadas, o que, consequentemente, impossibilita realizar quaisquer comparações entre os contextos.

Para contornar esse cenário, um grupo de investigadores ibéricos[48] reuniu-se em Sevilha, em 2014, no âmbito do projeto *Amphorae ex Hispania* (DGYCIT-HAR2011–28244), com o objetivo de desenvolver uma proposta de registo e análise básicos dos materiais cerâmicos em Arqueologia Proto-Histórica e Clássica, o que resultou no chamado Protocolo de Sevilla/PRCS 14 (Figura 1) (Adroher Auroux *et al.*, 2016). Apesar dos investigadores terem proposto o uso do Protocolo para os materiais de contextos proto-históricos e romanos, acreditamos ser possível aplicá-lo, com os necessários ajustamentos, nas cerâmicas que estudamos nesse trabalho, nomeadamente tardo-antigas e medievais. A adaptação que necessitamos fazer do PRCS 14 não altera, em absoluto, os fundamentos de seus proponentes, apenas torna possível a sua aplicação a fabricos e produções menos estudados, cuja sistematização tipológica ainda está por fazer. Esses casos, recobrem, grosso modo, os fabricos comuns, locais ou regionais, especialmente se tiverem sido produzidos manualmente, ou com outra técnica que resulte em peças padronizadas, isto é, aqueles recipientes que apresentam variações, geralmente bastante singelas, como um diâmetro do bordo um ou dois centímetros maior ou menor, ou alterações no remate dos lábios, elementos que, embora denotem a falta de uniformização da produção, não modificam a forma e as propriedades eficientes dos objetos.

[48] Os investigadores envolvidos foram: Andrés María Adroher Auroux (Universidad de Granada), César Carreras Monfort (Universitat de Barcelona), Rui de Almeida (Universidade de Lisboa), Adolfo Fernández Fernández (Universidade de Vigo), Jaime Molina Vidal (Univesitat d'Alacant) e Catarina Viegas (Universidade de Lisboa).

Centro urbano																			
Acrónimo																			
Interpretação da UE																			
Superfície da escavação (m2)																			
Volume da escavação (m3)																			
Sondagem(ns) - UE																			
Superfície UE (m2)																			
Volume da UE (m3)																			
Média do MF																			
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Marca	Graf.	Tituli picti	Peso	Dens.	EEV	Total Frags.	NMI	MF	NTI	Observações
"Categoria"	"Produção", se não tiver, "Tipologia"	"Tipologia", se não tiver "Peça"	Quantidade de Perfis completos	Quantidade de bordos, incluindo abas	Quantidade de bases	Quantidade de asas	Quantidade de paredes	Quantidade de fragmentos com decoração	Quantidade de fragmentos com alguma marca de fabrico	Quantidade de fragmentos com algum grafito	Quantidade de ânforas com algum titulus pictus	Peso dos fragmentos em grama	"Peso" dividido pelo "Volume da UE"	Soma das percentagens dos diâmetros dos perfis completos, bordos ou bases (o mais quantitivo) dividido por 100	Soma dos fragmentos	Maior valor entre "Completos", "Bordos", "Fundos" ou "Asas"	"EEV" dividido pela quantidade de "Completos", "Bordos" ou "Fundos" a que se refere	NMI de acordo com algum critério macroscopicamente observado	Critério utilizado em NTI
Totais			Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Soma dos valores acima	Média dos valores acima	Soma dos valores acima	

Figura 1. Modelo do quadro de apresentação dos dados cerâmicos segundo o Protocolo de Sevilla/PRCS 14 (*cf.* Adroher Auroux *et al.*, 2016; Carreras Monfort, 2018).

O PRCS 14 contempla duas componentes básicas para a apresentação dos dados. Uma componente abarca um conjunto de informações associado à proveniência dos materiais analisados, nomeadamente a zona arqueológica, campanha de escavação, identificação e interpretação do contexto, assim como os cálculos relativos à área e ao volume da escavação, como um todo e da camada, em particular, referenciados em m^2 e m^3, respetivamente. A outra componente refere-se às informações relativas às cerâmicas, divididas em classes, produção e tipo/forma, designações utilizadas para seriar o espólio cerâmico em grupos menores. No descritor "classe", realiza-se uma primeira abordagem à classificação do material em caraterísticas gerais, como "cerâmica comum", "cerâmica fina", "material de construção" ou "ânfora". Em "produção", afina-se a categoria anterior através de grupos produtivos, como *terrae sigillatae* itálicas ou gálicas, ânforas béticas ou lusitanas, ou, para os fabricos tardo medievais de Braga, os grupos propostos por Alexandra Gaspar, referenciados como "Gaspar G1", "Gaspar G2", até "Gaspar G5". Já no descritor "tipo/forma", que privilegia os catálogos tipológicos, a exemplo daqueles produzidos por Hans Dragendorff (1894), John Hayes (1972) ou o *Conspectus* (1990), identificam-se as formas, como "potes", "púcaros" ou "jarros", quando não correspondem a fabricos estereotipados, que conheceram uma sistematização mais fina, a exemplo das já referidas cerâmicas comuns tardo medievais bracarenses.

Uma vez dividido nas categorias anteriormente descritas, o conjunto cerâmico é separado em peças "completas", referente aos perfis completos e em "bordos", "fundos", "asas" e "paredes". Quando os fragmentos apresentam mais de uma dessas partes morfológicas, como um bordo com parede e uma asa, por exemplo, o cômputo dá-se a partir do elemento mais significativo para a contabilização dos objetos, cuja hierarquia está patente na sequência das colunas da tabela, levando, no exemplo anteriormente referido, a que se assinalasse em "bordos". Na coluna "decor." assinala-se a

soma dos fragmentos que apresentam qualquer tipo de decoração, independentemente de onde esteja na peça.

Feita a contabilização preliminar dos fragmentos, no descritor "peso", inserimos o peso dos mesmos em gramas. Esse dado é fundamental para o cálculo expresso na coluna "dens.", que expressa, em g/m^3, a densidade de material cerâmico, de uma determinada classe/produção/forma, em relação ao volume total, dos materiais encontrados na camada em estudo.

Na coluna "EEV", que é a abreviação para "Estimativa do Equivalente de Vaso", realiza-se o cálculo que leva em consideração a soma da percentagem de peças, identificadas pelo diâmetro total dos bordos, ou dos fundos preservados. Em seguida, para se restituir o número máximo de indivíduos (NMI), soma-se o total de fragmentos estabelecido pela soma mais elevada de bordos, fundos ou asas de cada tipo/forma. Em síntese, são duas maneiras distintas de se abordar o conjunto de fragmentos analisados. No cálculo de EEV parte-se do princípio que todos os fragmentos correspondem às mesmas peças, apenas não sendo possível uni-los devido ao desgaste das fraturas, de modo que representa o número mínimo de indivíduos. Por outro lado, a contagem dos elementos que produzem uma forma, nomeadamente bordos, fundos e asas, quando a união dos fragmentos não é possível, leva em consideração a possibilidade de cada um deles poder estar associado a uma peça distinta, pelo que o seu cálculo apresenta o número máximo de indivíduos. Por fim, realizamos ainda o cálculo do índice de fragmentação da camada, obtido através da média entre os módulos de fragmentação ("MF") de cada "tipo/forma". Para tal, dividimos o "EEV" pelo número de fragmentos a que se referem, seja bordos ou fundos.

Eventualmente, podem-se identificar elementos entre os fragmentos que possibilitem uma soma particular de indivíduos, como a decoração ou um acabamento específico. Esses casos são registados sob a rubrica "NTI", número tipológico de indivíduos, devendo a sua justificativa ser apresentada em "Observações".

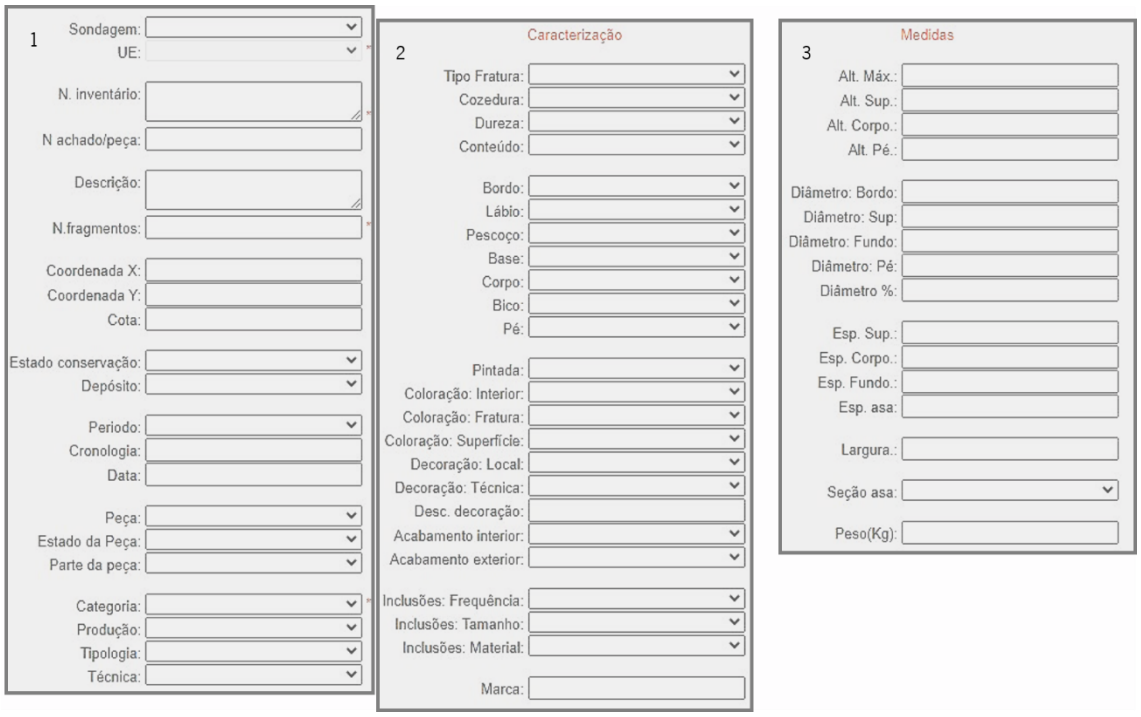


Figura 2. Aplicação de *back office* do Sistema de Informação 2ArchIS para o registo de cerâmicas (©UAUM). 1) Dados contextuais e tipológicos; 2) Dados morfológicos, decorativos, das pastas e do conteúdo; 3) Dados arqueométricos sobre as dimensões dos fragmentos e peças.

O Sistema de Informação 2ArchIS da UAUM encontra-se preparado para responder às exigências do Protocolo de Sevilha. Com efeito, a aplicação de *back office* para as cerâmicas (Figura 2) foi estruturada com o intuito de permitir o registo desse material proveniente dos mais diferentes contextos arqueológicos, o que exige um formulário adaptável às realidades de cada fabrico ou época, assim como aos interesses dos investigadores. No estudo que fizemos, demos especial atenção às componentes contextuais e tipológicas (Figura 2, coluna 1) e aos dados arqueométricos (Figura 2, coluna 3), sobretudo aqueles associados aos diâmetros dos objetos, à percentagem do equivalente de vaso e o peso dos fragmentos. Menos importante foram os dados relativos aos aspetos morfológicos, decorativos e às pastas, uma vez que a caraterização dos fabricos já havia sido realizada por distintos investigadores e o presente trabalho não tinha como finalidade a revisão desses estudos, mas sim uma abordagem quantitativa do material.

Uma vez que já expusemos os instrumentos classificatórios e quantitativos que realizámos das análises do material cerâmico, resta-nos apenas apresentar a abordagem metodológica que utilizámos para a interpretação desse *corpus* documental[49]. Esse enquadramento leva em consideração alguns

[49] Essa proposta de quadro teórico, conceptual e metodológico para a interpretação do espólio ceramológico foi discutida em congressos ao longo do período em que desenvolvemos a investigação doutoral. Com efeito, apresentamos essa abordagem no evento de 25 anos do curso de Arqueologia da Universidade do Minho, em setembro de 2023, e no *IV Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, em novembro de 2023, cujo texto encontra-se publicado

tópicos que discutimos na parte I, designadamente os estudos sobre agência material, particularmente associados a Alfred Gell (1998), as diferentes perspetivas temporais, sintetizadas por Giles Deleuze (1999; 2000) e o papel do ambiente na constituição do ser em si e para o mundo, formulado por Maurice Merleau-Ponty (1999). Tivemos a oportunidade de apresentar essa abordagem metodológica no IV Congresso da Associação dos Arqueológos Portugueses (Machado & Martins, 2023) e no XIV Congresso da Associação Internacional pelo Estudo da Cerâmica Medieval e Moderna no Mediterrâneo/AIECM3 (Machado & Martins, no prelo). Ela vai de encontro à metodologia proposta por Carl Knappet, na obra *Thinking through material culture* (2005), cujo objetivo é fornecer um quadro de análise capaz de reunir as caraterísticas físicas dos objetos, elementos intimamente associados às suas funções pragmáticas, mas igualmente mentais, quando se busca compreender os seus significados, enquanto agentes sociais.

As potencialidades físicas (*affordances* – *cf.* Gibson, 1979) dos objetos reúnem o conjunto de usos a ele atribuíveis a partir de suas caraterísticas. Mas, não se trata meramente de identificar a função que os objetos têm ou teriam para aqueles que os utilizaram, mas sim de realizar um reconhecimento mais amplo, que não se restringe ao modo "canónico" como eles interagem com a sociedade, envolvendo as suas potencialidades intrínsecas, nele identificáveis e não apenas a sua relação com os indivíduos. Relativamente às potencialidades físicas que um objeto eventualmente possui, são evidenciadas algumas restrições (*constraints* – *cf.* Norman, 1998) que limitam as suas possibilidades de ação: física, semântica, cultural e lógica. Essas condicionantes levam em consideração um conjunto bastante amplo de fenómenos, que interagem entre os aspetos materiais e os hábitos da sociedade que produzem e consomem os objetos. Assim, é importante notar a existência de uma certa proximidade conceptual entre essas restrições e as causas aristotélicas para a explicação dos fenómenos, designadamente material, formal, eficiente e final (Arist. *Física* II.3). Trata-se, em suma, do esforço por analisar os objetos em diferentes âmbitos e não como um produto isolado no mundo. O cruzamento da análise das potencialidades e restrições permite uma análise alargada das possibilidades de uso dos materiais, ao mesmo tempo que evidencia as escolhas culturais de cada época, ou o rompimento com as normas sociais estabelecidas.

Por sua vez, na apreciação dos lugares que os objetos ocupam dentro da rede de relações que estabelecem, tanto entre si como com os humanos, recorremos aos conceitos operativos de "*iconicidade*", "*indexicalidade*" e "*factoralidade*", que possibilitam realizar um conjunto bastante diverso de inferências. Esses termos apresentam proximidades com conceitos provenientes da Semiótica e da

nas atas deste evento, *cf.* Machado, D., Martins, M. (2023). Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material, In Arnaud, J., Neves, C., Martins, A. (eds), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1181–1195.

Retórica (Figura 3), uma vez que essas duas áreas do conhecimento trabalham com os movimentos cognitivos que buscam semelhanças e continuidades entre diferentes entidades (Knappet, 2005).

	Iconicidade	Indexicalidade	Factoralidade
Semiótica	Ícone	Índice	Símbolo
Retórica	Metáfora	Metonímia	Sinédoque

Figura 3. Relações entre iconicidade, indexicalidade e factoralidade e os seus correlatos semióticos e retóricos (*cf.* Knappet, 2005, p. 100).

Quando analisamos as similaridades entre os objetos, sejam elas visuais, sonoras, olfativas, palatais ou táteis, estamos perante o elemento semiótico conhecido por ícone, assim como da figura retórica "metáfora", cuja função é possibilitar a associação entre duas entidades a partir daquilo que as aproxima apesar das suas diferenças, mas mantendo-se claramente a diferenciação entre elas.

A "*indexicalidade*" retrata as diversas contiguidades existentes na análise de um objeto, ou a identificação de índices peircianos, nos quais se estabelece o vínculo entre o representante e a representação através dos fatores físicos que os unem (fumo e fogo, chão molhado e chuva, *e.g.*). Essa análise permite a elaboração de diversas inferências, como os produtores de uma manufatura, os seus consumidores, ou os demais objetos que compunham a sua utilização, entre outros. Como exemplo, poderíamos apontar uma taça de vinho do Porto, que carrega em si índices poderosos acerca de indústrias vítreas, dos produtores de vinho no vale do Douro, ou das pessoas ou grupos que consomem a bebida. Sob a ótica das relações de contiguidade "tomar um Porto" é uma metonímia que carrega muitas informações materiais e alegóricos sobre um hábito corrente.

Já a "*factoralidade*" leva em consideração os elementos simbólicos dos objetos, em termos semióticos, cujo paralelo na Retórica se encontra na sinédoque, na qual o signo assume uma parte pelo todo. Trata-se da capacidade de restituir a rede de significações em que um determinado objeto está inserido, como os hábitos alimentares de um grupo, o consumo reservado a uma determinada classe, os dogmas seguidos por uma comunidade religiosa, etc. Estão igualmente presentes na análise da "*factoralidade*" a eventual permanência de esqueumorfos.

A análise dos objetos a partir da exploração da rede de significados em que ele está imerso não é uma proposta nova. Com efeito, Mary Douglas e Baron Isherwood já haviam afirmado que perante uma situação em que pode ocorrer uma escolha, os recipientes disponibilizados para a aquisição e

consumo surgem imersos em redes de significados múltiplos, nas quais nenhum objeto pode ser entendido fora delas, ou fora da relação humana. Até mesmo o custo associado a um produto só pode ser avaliado como baixo ou elevado quando refletido à luz dessa rede, que leva em consideração tanto os preços cobrados por outros exemplares semelhantes e a concorrência entre os vendedores, como a perceção que as pessoas tinham do valor a ser atribuído a um objeto a partir do fluxo comercial experimentado ao longo de suas vidas (Douglas & Isherwood, 1979). A imersão de um objeto na sua rede de possíveis significados é também o resultado dos processos desencadeados no cérebro após a receção de um sinal externo, cujo efeito é a ativação de um conjunto alargado de neurónios, fenómeno designado por Redes de Kohonen (Spitzer, 1999). O cérebro não faz uma associação direta entre o objeto ("externo") e a ideia ("interna"), mas ativa uma rede neuronal em busca da resposta que mais lhe parece verossímil através de traços de contiguidade visual entre os dois elementos. O modo como os neurónios são ativados numa Rede de Kohonen estabelece ainda um processo dialético para a identificação do objeto contemplado, ou seja, "é cerâmica" – "não é vidro", "possui uma forma fechada" – "não possui uma forma fechada", "é um pote" – "não é um prato", etc. A rede de significados em que se insere uma peça cerâmica é convocada pelo seu observador, que necessita de estabelecer os princípios de contiguidade e as lembranças que a sua memória conserva, com o intuito de fornecer respostas no presente, em estreita associação com os demais produtos que a ele se apresentam, seja na banca de um mercador, seja na mesa de um jantar.

A noção de presente, passado e futuro, portanto, não é algo separado e distinto entre si, pois eles coexistem. O "presentismo" de um dado objeto na estante de uma loja não esconde os seus "passados" enquanto matéria prima ou repertório formal, assim como não nega a sua possibilidade de futuro, como objeto a ser utilizado durante um jantar. Esse aspeto do tempo foi bem estudado por Giles Deleuze, um filósofo que se dedicou à obra de Bergson, para quem "o 'presente' se divide, a cada 'instante', em duas direções, uma orientada e dilatada em direção ao passado, a outra contraída em direção ao futuro (Deleuze, 1999, p. 39). A diferença entre as perspetivas históricas e memoriais no estudo das cerâmicas reside no facto da relação entre o passado, presente e futuro não se dar pela sucessão dos tempos históricos, mas pela virtualidade da noção temporal que permite a sua coexistência. Os limites da análise histórica são ainda mais evidentes se for possível realizar uma investigação mais fina da evolução estratigráfica desse material (Olivier, 1994, pp. 81–86; Lucas, 1995).

3 As zonas arqueológicas selecionadas e analisadas

A escolha das zonas arqueológicas cujos materiais foram objeto de análise detalhada nesta parte do trabalho, teve por objetivo apresentar uma variedade de contextos capaz de produzir uma imagem da evolução cerâmica ao longo do período em análise, entre os séculos III e XV. Nesse sentido, selecionamos três categorias de contextos estratigráficos, representados, em sete zonas arqueológicas distintas, dispersas por vários locais da cidade e escavadas em momentos diferentes (Figura 4).

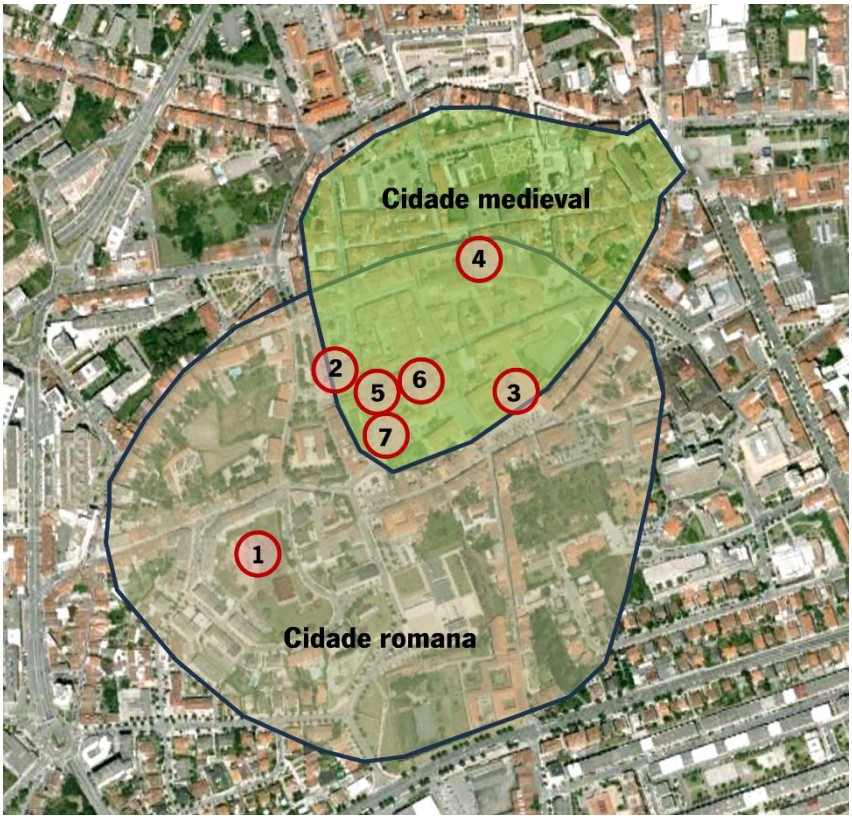


Figura 4. Localização das zonas arqueológicas selecionadas: 1) ZA da área envolvente do teatro romano; 2) ZA da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168; 3) ZA do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago; 4) ZA da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10; 5) ZA da rua Afonso Henriques, nºs 20–28; 6) ZA da rua Afonso Henriques, nºs 42/56; 7) ZA do ex-Albergue Distrital (adapt. ©GoogleEarth).

Na primeira categoria integrámos um contexto com ocupação romana e tardo antiga, que não foi sobreposto pela mancha de ocupação da cidade medieval, representado na zona arqueológica designada por *Área envolvente do teatro romano* (**3.1**), na qual se integra uma unidade habitacional, conhecida por *Casa da Bica*, bem como outras construções que se implantaram junto ao teatro romano, que terá deixado de funcionar como edifício de espetáculos, entre finais do século III e inícios do IV. Nesta categoria integrámos também um contexto com ocupação romana e tardo antiga, tendo sido afetado pela implantação da muralha alto medieval, construída em momento indeterminado dos séculos

VIII/IX. Trata-se da zona arqueológica da *Escola Velha da Sé /rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168* (**3.2**), a qual integra parte da área de uma *domus*, escavada em momentos diferentes em dois lotes contíguos, cuja área poente foi cortada pela implantação da muralha alto medieval.

A segunda categoria de contextos está representada por níveis tardo-antigos, que foram sobrepostos por níveis medievais, pois encontram-se dentro do perímetro da cidade medieval. Nessa categoria incluímos três contextos: a zona arqueológica do *Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago* (**3.3**), uma área periférica da cidade medieval que se sobrepõe a uma área ocupada em continuidade até à construção do tramo sul da muralha alto-medieval e, posteriormente, pelo traçado da muralha fernandina; a zona arqueológica da *rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10*, nas traseiras da Sé Catedral (**3.4**), que corresponde a uma área periférica da cidade da cidade romana e tardo antiga, na proximidade do limite nordeste da muralha alto-medieval, a qual funcionou até ao século XIV; a zona arqueológica da *rua Afonso Henriques, nºs 20–28* (**3.5**), que corresponde ao miolo da cidade medieval sobreposto à anterior cidade tardo antiga e romana.

A terceira categoria corresponde a contextos associados a atividades construtivas medievais, especialmente dos séculos XIII–XV, que se encontram representadas nalgumas das zonas arqueológicas, já incluídas na segunda categoria, como acontece com a zona arqueológica da *Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166–168* **(3.2),** ou a zona arqueológica do *Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago* (**3.3**), a que acrescentamos a zona arqueológica da *rua Afonso Henriques, nºs 42/56* (**3.6**) e a zona arqueológica do ex-Albergue Distrital (**3.7**), ambas com materiais associados ao século XVI.

Com esta amostragem procurámos obter dados que possibilitassem a análise dos processos que consideramos fundamentais para explicar a evolução da cidade de Braga, posteriormente à sua promoção a capital da província romana da *Gallaecia,* nos inícios do século IV, a que se sucede no século V a instalação do reino suevo e a implantação de uma nova realidade urbana que assegurou a transição da cidade pós-clássica para a cidade medieval, associada ao desenvolvimento do centro urbano bracarense entre os séculos XI e XV.

3.1 A ZA da área envolvente do teatro

3.1.1 Historiografia

3.1.1.1 Enquadramento espacial

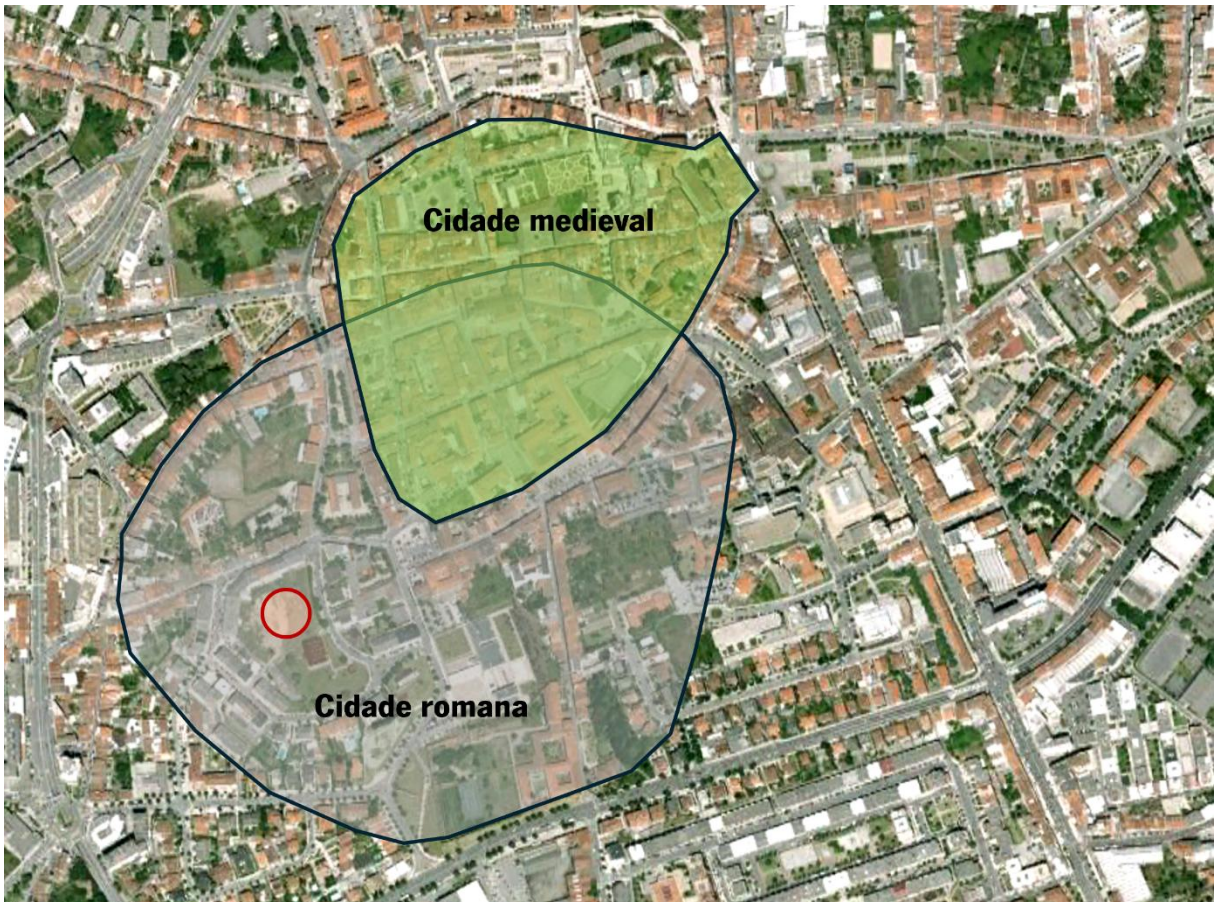


Figura 5. Localização da ZA da área envolvente do teatro romano (©UAUM).

A zona arqueológica (ZA) da área envolvente do teatro romano (Figura 5) corresponde aos terrenos arqueológicos da parte norte da área vedada da Colina da Cividade, onde se localiza o teatro romano, edifício contíguo às termas públicas da Cividade, que se dispõem a sul, classificadas como monumento nacional (Martins, 2005). Identificado em 1999, quando se concluíam as escavações das termas romanas, o teatro contíguo foi objeto de um conjunto de intervenções arqueológicas circunscritas, realizadas entre 2000 e 2012, concentradas na plataforma inferior norte (PIN) e na plataforma superior norte (PSN) da Colina, que visaram identificar o estado de conservação e as dimensões do edifício (Martins *et al.*, 2013a; 2015). Aguardando-se ainda uma decisão relativa ao interesse da escavação integral do edifício, os trabalhos arqueológicos no local, concentraram-se, desde 2013, nos terrenos correspondentes à área envolvente do teatro, situados grosso modo na Plataforma Superior Norte (PSN), onde se detetaram vestígios associados a uma ocupação tardo antiga do local, que tirou partido da desafetação do teatro, ocorrida, presumivelmente, nos inícios do século IV (Martins *et al.*, 2017a). O fim

do ciclo de vida do edifício determinou a instalação neste setor da cidade de diversas construções de cronologia tardo antiga que parasitaram as construções pré-existentes.

3.1.1.2 Historial das intervenções realizadas

As escavações realizadas no âmbito do projeto "*Estudo preliminar do teatro romano de Braga*", financiado pela DGPC, decorreram entre os anos de 2004 e 2007, tanto na PSN (Plataforma Superior Norte), onde se detetou o muro perimetral do teatro, como na PIN (Plataforma Inferior Norte), onde se identificaram as estruturas associadas à *scaena*, meia *orchaestra* e parte da *ima* e *media caueae*. Nos anos seguinte, até 2012, realizaram-se ainda algumas sondagens em vários locais do edifício, não tanto numa perspetiva de alargar a área escavada, mas antes de resolver questões relacionadas com a afinação da cronologia do edifício e com a identificação de estruturas ainda soterradas, nas áreas anteriormente intervencionadas, importantes para a compreensão da parte descoberta do edifício. Assim, dentro da área escavada até 2007, foram realizadas pequenas intervenções, que permitiram identificar, na PIN, o muro que fechava o *postscaenium*, bem como estruturas contíguas ao muro de encerramento da *scaena*, relacionadas com um pórtico traseiro (*porticus post scaenam*), melhor compreendido nos trabalhos realizados em 2009, quando se identificou parte de um extenso solo de *opus signinum*, sugestivo da existência de um tanque que se inseria na estrutura do quadripórtico traseiro ao teatro.

A partir do ano de 2012 foi tomada a decisão de sondar as áreas periféricas do muro perimetral do teatro, localizado na PSN, tendo em vista compreender o impacto da construção do edifício na topografia deste setor da cidade. Assim, foram realizadas no local um total de nove campanhas de escavação, sete entre 2013 e 2019 e mais duas entre 2022 e 2024.

Os resultados das campanhas de escavação realizadas na área envolvente do teatro, na PSN e PIN, encontram-se nos relatórios anuais enviados à tutela, que constam do arquivo da UAUM, aos quais tivemos oportunidade de aceder. Alguns desses resultados têm sido pontualmente divulgados em publicações (Martins *et al.*, 2015; 2016; 2017a), não tendo, contudo, merecido ainda uma abordagem de conjunto.

3.1.2 As fases de ocupação

Os resultados das escavações realizadas na área envolvente do teatro, sobretudo na PSN, não se encontram ainda sistematizados, uma vez que as escavações estão ainda em curso, não tendo sido possível sequenciar detalhadamente as fases de ocupação presentes na área, pois as estruturas mais antigas encontram-se ainda em fase de escavação e avaliação.

Os trabalhos neste setor iniciaram na campanha de 2012, com o propósito de completar a escavação de uma estrutura que havia sido detetada na campanha de 2006, de cronologia tardo antiga, que aproveitava parte do muro perimetral do teatro, anexando-se ao mesmo. A datação da estrutura surgia como fundamental para fixar o abandono do teatro como espaço de espetáculos e para a compreensão das mudanças ocorridas na Antiguidade Tardia nas anteriores áreas nobres e monumentais da cidade. Este objetivo continuou a nortear as intervenções realizadas na plataforma superior da Colina da Cividade até 2024, apenas interrompidas em 2019 e 2020.

Grosso modo, e até ao momento, foi possível identificar três grandes fases de ocupação nesta zona arqueológica, associadas a níveis estratigráficos e estruturas que documentam a ocupação deste setor da cidade entre a época de Augusto e a Alta Idade Média (século VIII/IX), quando toda a área oeste e sul da cidade tardo antiga foi abandonada (Fontes *et al.*, 2010; Martins *et al.*, 2018a).

A primeira fase de ocupação corresponde às estruturas descobertas na PSN, datáveis do século I, com uma cronologia augustana, júlio-cláudia e ainda flaviana, anteriores à monumentalização desta área da cidade, que sabemos ter ocorrido em finais do século I/inícios do II. Os muros detetados seguem a orientação geral da malha ortogonal fundacional e correspondem a construções que julgamos poder associar ao remate do *forum*. Entre as estruturas mais relevantes desta fase estão um grande muro de contenção de terras, de cronologia fundacional e um conjunto de compartimentos, eventualmente de armazenagem associados ao remate poente do *forum*.

A segunda fase de ocupação corresponderá ao período de Trajano, quando se constrói o teatro, anexo às termas, e se fixa a infraestrutura de abastecimento de água, indispensável ao funcionamento das termas. O teatro e as termas foram construídos em simultâneo, encontrando-se topograficamente interligados por um arruamento, tendo ambos aproveitado parte das substruções de um edifício pré-existente, parcialmente desmontado (Martins, 2005; Martins *et al.*, 2013a). A escavação da PSN permitiu ainda compreender o sistema de abastecimento das termas, a partir de um aqueduto, que cruzava a parte norte do *forum* e descia pelo segmento oeste do decumano principal, o qual alimentava o aqueduto de adução de água às termas. Trata-se de uma estrutura subtérrea que corria no sentido N/S em direção à palestra das termas, de onde se fazia a distribuição para o interior do edifício (Martins *et al.*, 2011). Um ramal deste aqueduto, documentado na parte norte do muro perimetral, passaria sob a *cauea* e a *scaena*, abastecendo, presumivelmente, o tanque do pórtico *postscaenam*.

A terceira fase de ocupação compreende um conjunto de estruturas tardo antigas (UC2 e UC3), situado a nordeste do muro perimetral do teatro, que evidenciam novos usos privados do anterior espaço público correspondente à área envolvente do teatro (Figura 6). Estamos perante estruturas datadas entre

os séculos V e VII, que se adossam a muros pré-existentes, utilizando novos materiais de construção, com os alçados erguidos em madeira e argamassa, piso de terra e cobertura de materiais perecíveis. Os novos usos privados de um anterior espaço público e as novas práticas construtivas, associadas à desafetação e parcial desmontagem do teatro, bem como ao abandono das termas públicas anexas, converteram o setor monumental a oeste do *forum* numa área periférica, onde se foram fixando construções artesanais e residenciais (Martins *et al.*, 2015; 2017).

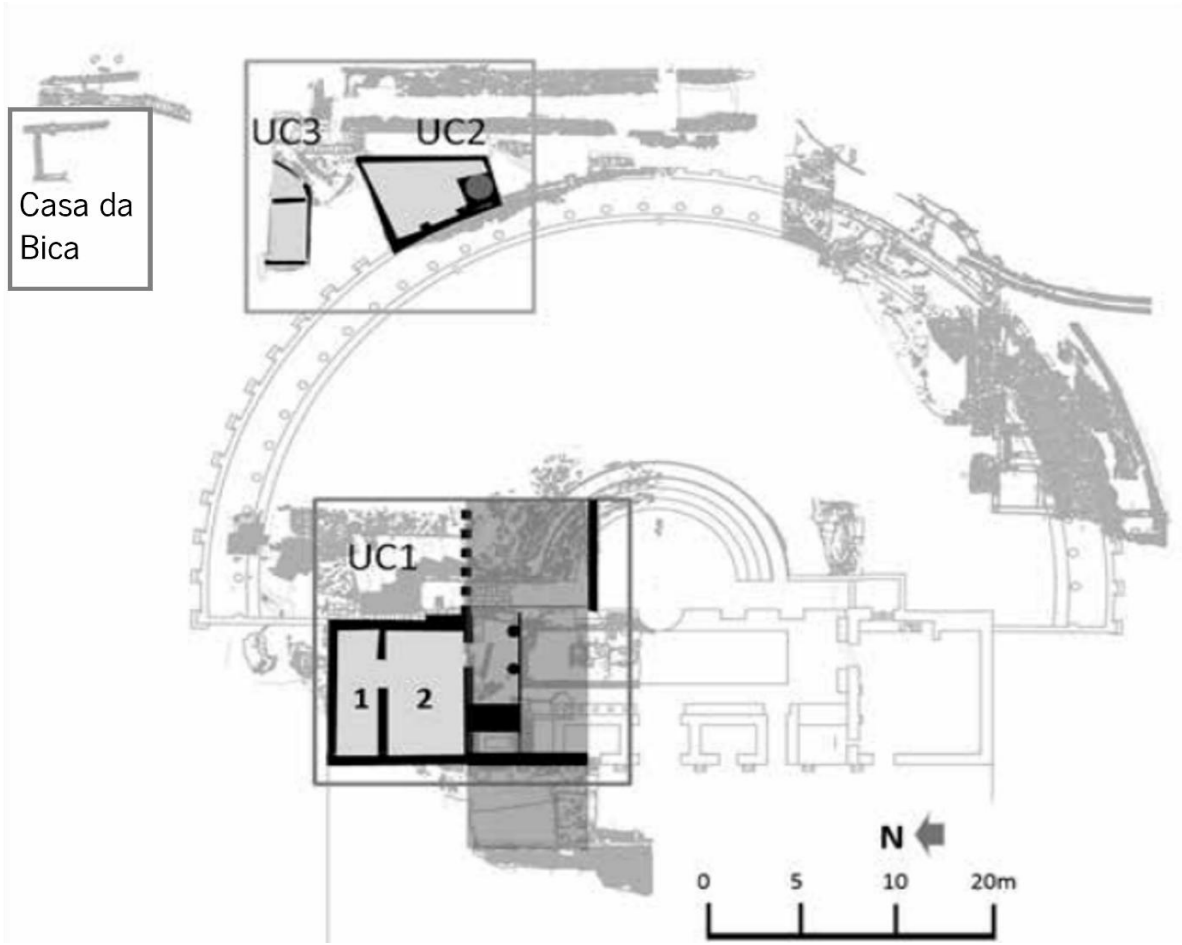


Figura 6. Ocupação tardo-antiga do teatro romano de Braga e da área envolvente (©UAUM).

A UC2 corresponde a uma construção artesanal, com um forno, que possui uma planta trapezoidal e uma área de 67m^2, anexando-se ao muro perimetral do teatro, arrasado e usado como alicerce da sua parede poente, com a qual se articulavam três muros novos baixos, assentes em terra, com 0,60m de altura, construídos com blocos pétreos irregulares de xisto, unidos por argamassa e rematados nos cantos por silhares graníticos. A UC3, apenas parcialmente escavada, corresponde a uma construção de funcionalidade ainda desconhecida, com características construtivas similares à UC2, definida por três muretes que desenham dois espaços contíguos articulados, um dos quais se adapta à

parede do aqueduto subtérreo, já desativado quando foi construída a estrutura. A solução construtiva desta estrutura é semelhante à descrita para a UC2.

A norte da UC2 existe uma outra construção, identificada em 1976, conhecida por "Casa da Bica", com paredes de pedra, que oferece uma sedimentação de níveis associados a um conjunto de ocupações distintas da Antiguidade Tardia e do período medieval e moderno, estas últimas, certamente associadas à utilização da construção para apoio ao uso agrícola da área da Colina da Cividade.

3.1.3 Os materiais

Desta ZA foram selecionadas cinco camadas associadas aos momentos de abandono e destruição da estrutura conhecida como "Casa da Bica" (UEs1026, 1078 e 1211) e dos níveis tardo-medievais posteriores à UC3 (UE922 e 1039), uma estrutura localizada entre o muro perimetral do teatro e o aqueduto que abastecia os banhos públicos do Alto da Cividade (Figura 7).

A "Casa da Bica" oferece um poderoso enchimento, com cerca de 1,5m de altura, que recobriu os níveis de abandono e destruição de uma construção tardo-antiga, sobre o qual foi implantado um pavimento (Machado, 2017, p. 46). Contudo, é possível reconhecer que os muros da estrutura tardo-antiga foram reaproveitados, enquanto o interior do espaço edificado recebeu poderosos enchimentos que elevaram a cota de circulação, dando origem ao novo piso, provavelmente de época tardo-medieval.



Figura 7. Níveis de derrube das estruturas reutilizadas nos finais da Idade Média (©UAUM).

Nesse sentido, os níveis arqueológicos que foram selecionados para análise podem ajudar a melhor conhecer a ocupação da parte sul da cidade no final da Antiguidade Tardia, progressivamente ruralizada e transformada em terrenos agrícolas, ainda que algumas construções possam ter sido pontualmente ocupadas ao longo da Idade Média e Moderna.

Braga
BRA22TR - zona arqueológica do Teatro Romano de Braga
Nível de destruição da estrutura baixo-medieval
TR344, 345, 354, 355 - UE922

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de tradição indígena					1		8				9	1
TSH		Taça		2					8,70	0,14	2	2
				1	2		6	2	22,90	0,13	11	2
TSHT				1			1	1	8,30	0,04	2	1
TSA	Clara D			2	1				11,70	0,23	3	2
Cerâmica bracarense		Lucerna		1					1,80		1	1
				1			5		26,20	0,06	6	1
Cerâmica cinzenta fina polida							4	1	9,10		5	1
Cerâmica de engobe vermelho				5	2	2	16		86,00		25	5
Ânfora	*Baetica* (Cádiz)						1		71,50		1	1
	Baetica (Guadalquivir)			1		1	1		110,90	0,07	3	1
	Baetica						1		17,70		1	1
	Lusitania					1	1		36,80		2	1
Cerâmica comum romana	Fina	Lucerna			1				2,4		1	1
				3	1		60	11	216,80	0,36	75	3
	Grosseira	Prato	1								1	1
		Pote		6							6	6
				32	23	8	371				434	32
Cerâmica vidrada romana		Almofariz			1				92,90	0,15	1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1			2		2			24,80	0,06	4	2
	Grupo 2			1			10		27,10	0,08	11	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1						1		1,30		1	1
	Gaspar 2	Púcaro				1			11,60		1	1
				3					47,79	0,20	3	3
	Gaspar 3	Pote		1					6,40	0,08	1	1
	Gaspar 4			1	1		4		53,60	0,06	6	1
	Gaspar 5						2		18,60		2	1
Loiça vermelha	Prado			1					2,00		1	1
Cerâmica comum moderna							1		2,70		1	1
Cerâmica vidrada moderna				1			2		9,00	0,07	3	1
Faiança							2		5,00		2	1
Material de construção	Romano						25				25	25
Totais			1	65	33	15	522	15	933,59	1,70	650	104

Tabela 1. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE922, TR344, 354, 355, da zona arqueológica da área envolvente do teatro.

A UE922 (Tabela 1) corresponde a um nível de destruição tardo-medieval que assinala o abandono da construção UC3. Apesar de registar um elevado número de fragmentos cerâmicos (650), a maior parte deles é fruto de revolvimentos das camadas mais antigas que remobilizaram os materiais. Nesse sentido, a variedade de fabricos romanos, em especial as manufaturas comuns, aparece em conjunto com as produções de época tardo-medieval e mesmo alguns dos inícios da época moderna, nas quais se incluem as produções comuns baixo-medievais e modernas, como acontece com a loiça vermelha de Prado e os vidrados (Gráfico 1).

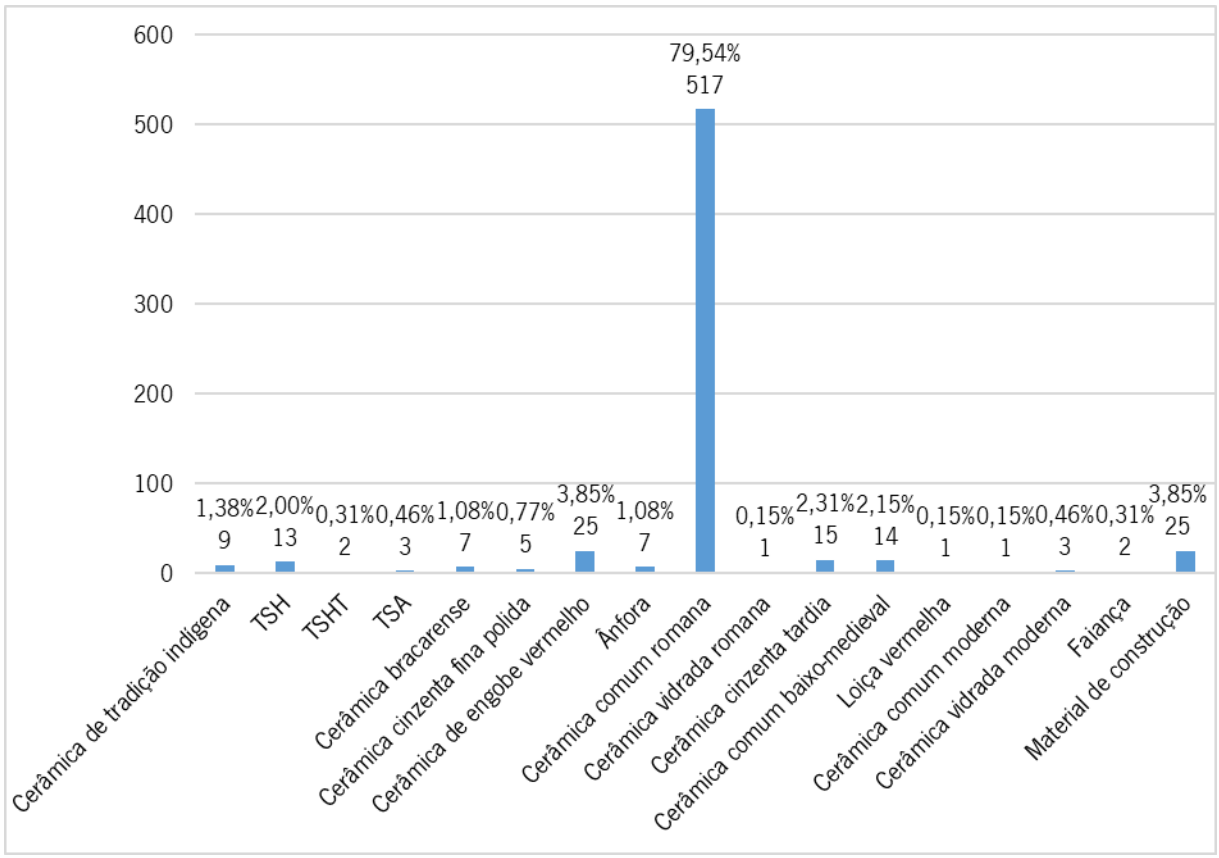


Gráfico 1. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE922, TR344, 354, 355, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga.

A área envolvente do teatro romano terá sido integrada numa grande área agrícola que integrou a área da Colina da Cividade, que ficou fora da cidade alto medieval a partir do século VIII, sendo, contudo, possível que tenha sido abandonada ainda no período tardo-antigo, eventualmente ao longo do século VII. Já a intensa ocupação daquela área da cidade, em momentos anteriores, encontra-se bem documentada na diversidade de fabricos e na quantidade de fragmentos de cerâmica que podem ser datados entre os séculos I e VI. Inversamente, as cerâmicas de época alto-medieval são significativamente mais raras nessa área da cidade, não tendo sido encontradas na UE922, o que poderá indicar o seu abandono.

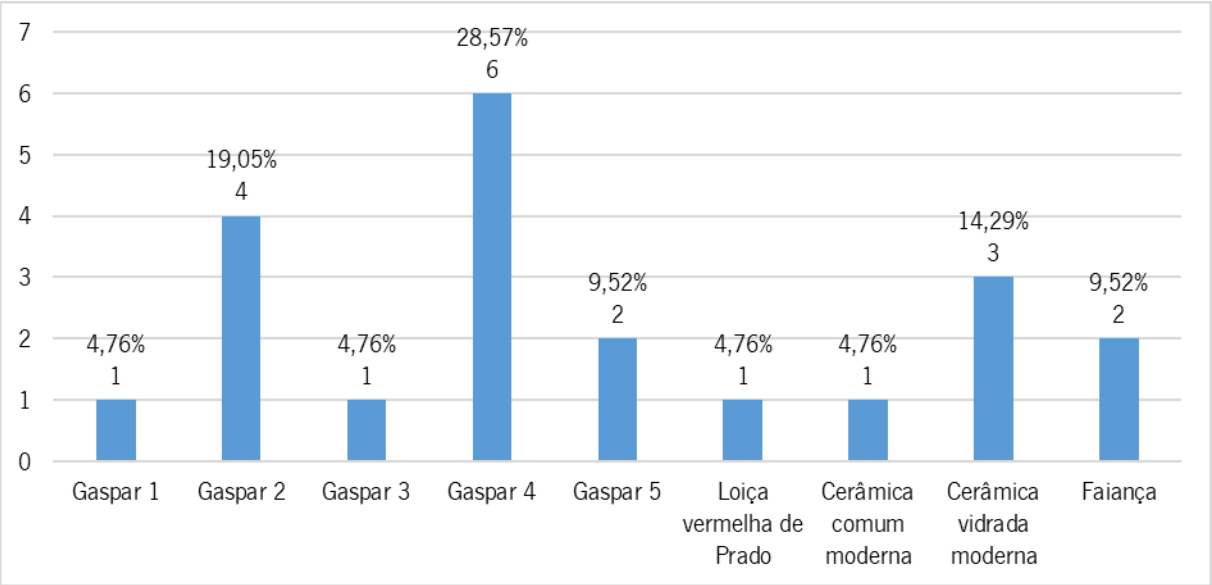


Gráfico 2. Quantidade e percentagem das cerâmicas baixo-medievais e modernas (amostra: 21).

A análise dos fabricos medievais exclusivamente baixo-medievais e modernos procedentes da UE922 (Gráfico 2) assinala um momento de mudança no horizonte de consumo de objetos cerâmicos na cidade de Braga. Com efeito, as produções comuns dos finais da Idade Média aparecem junto aos primeiros objetos que são introduzidos em Braga entre os séculos XIV–XVI, designadamente a loiça vermelha de Prado, os vidrados e a faiança, situação constada na UE922. Não obstante, o fabrico comum de época moderna, que é o resultado de algumas modificações nas técnicas de fabrico e nos acabamentos das manufaturas que o precederam, em especial, os grupos 1 e 2 identificados por Alexandra Gaspar, também se encontra presente nesta camada, embora com apenas 1 fragmento.

Braga
BRA22TR - zona arqueológica do Teatro Romano de Braga
Enchimento que colmata a construção tardo-medieval UC03
TR364 - UE1039

Classe	Produção	Tipo/forma	Completo	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de tradição indígena		Frigideira		1					35,80	0,06	1	1
				2			7		268,30	0,15	9	2
TSH				1					2,20	0,06	1	1
TSHT				1			4	2	13,60	0,05	5	1
TSA					1				3,70		1	1
Ânfora	*Baetica* (Guadalquivir)	Haltern 70				1			180,50		1	1
							3		226,30		3	1
	Lusitania						1		10,00		1	1
	África						1		199,30		1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Principado	Prato	1	1					64,10	0,12	2	1
		Testo		1					7,40	0,04	1	1
							3		17,00		3	1
	Tardio			5			2		78,40	0,25	7	5
Cerâmica comum romana	Fina	Jarro		1			6	1	4,00		1	1
					1	1	7		44,30	0,23	9	1
	Grosseira	Prato	1						83,20	0,19	1	1
		Pote		9	5				231,40	0,85	14	9
		Testo		1				1	0,15	0,08	1	1
				6	11		91	1	1344,00	0,48	109	11
Cerâmica cinzenta tardia	G1						5		31,60		5	1
	G2				2		4		199,10	0,34	6	2
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1			1					10,60	0,11	1	1
	Gaspar 2	Caneca			1				3,80	0,15	1	1
							1		12,30		1	1
	Gaspar 3						1		3,20		1	1
	Gaspar 4						1		20,00		1	1
Cerâmica comum moderna				1			1		12,40	0,07	2	1
Cerâmica vidrada moderna				1			1		9,00	0,06	2	1
Material de construção	Romano	Tijolo/telha					22				22	
		Elemento decorativo					1		112,80		1	1
Totais			2	32	21	2	162	5	3228,45	3,3	214	53

Tabela 2. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1039, TR364, da zona arqueológica da área envolvente do teatro.

O enchimento correspondente à UE1039 (Tabela 2), que recobriu as estruturas tardo-medievais, referenciadas como UC3, apresenta um conjunto ceramológico bastante semelhante ao anteriormente apresentado, referente à UE922. Assim, tal como acontece na UE922, verifica-se um profundo revolvimento das terras, o que mais uma vez consideramos poder explicar-se pela conversão desta área da cidade em terrenos agrícolas, após o abandono das estruturas tardo-antigas, o que poderá ter acontecido já num momento avançado do período tardo-antigo.

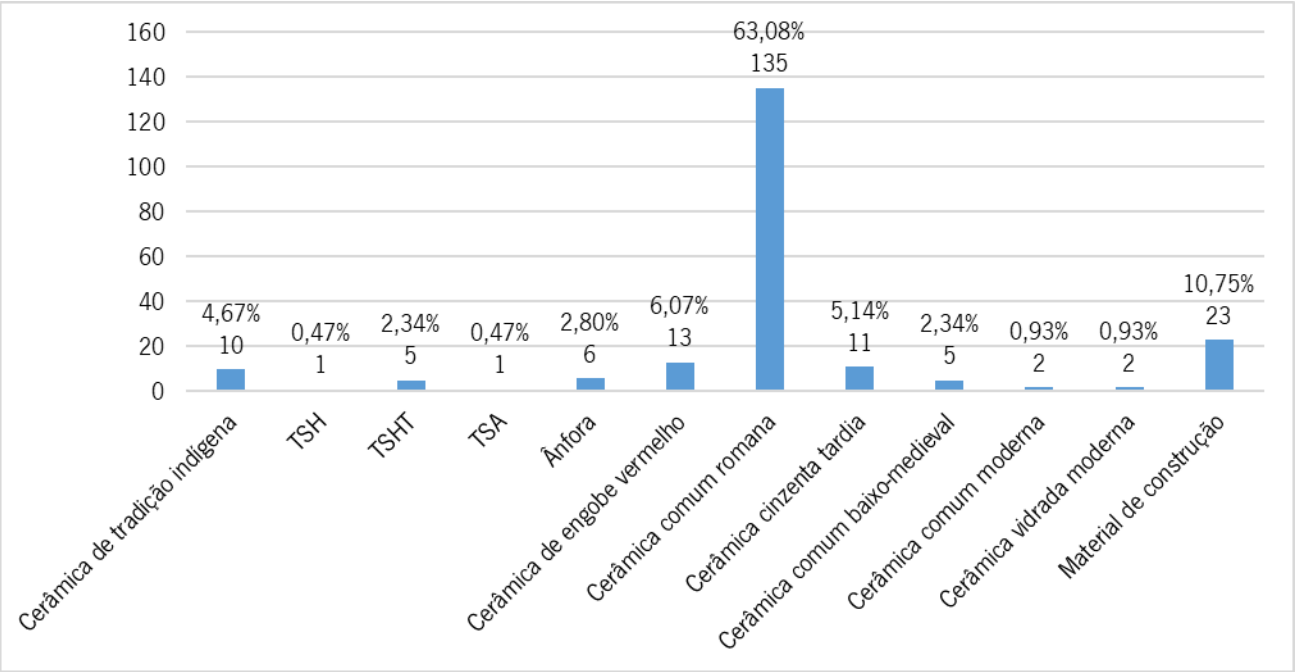


Gráfico 3. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1039, TR364, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga.

O conjunto cerâmico analisado é caraterizado pela presença de materiais romanos em elevadas concentrações, seguido por uma diminuição significativa de materiais do período tardio, por uma completa ausência de exemplares alto-medievais e por alguns objetos tardo-medievais, a que acrescem alguns fragmentos de cerâmica comum moderna e vidrada moderna (Gráfico 3).

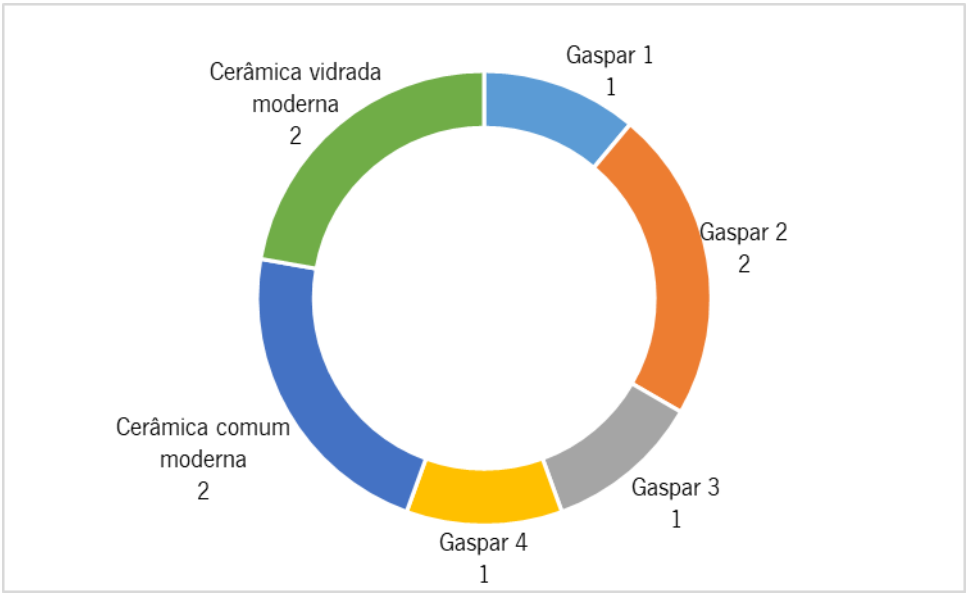


Gráfico 4. Quantidade das cerâmicas baixo-medievais e modernas (amostra: 9).

O grupo das cerâmicas tardo-medievais e modernas, embora diminuto, apresenta uma composição bastante homogénea com as observações que temos verificado noutros níveis de ocupação dos séculos XV–XVI (Gráfico 4). Os fabricos identificados por Alexandra Gaspar estão representados na maioria das peças analisadas, fruto de sua dominância no mercado urbano de Braga, desde o século XIII, pelo que, gradativamente, concorrem com as produções importadas e as novas cerâmicas feitas pelos oleiros de Prado.



Figura 8. Estrutura conhecida por 'Casa da Bica' (©UAUM).

O outro contexto selecionado nesta zona arqueológica corresponde aos níveis de abandono da construção conhecida por "Casa da Bica" (Figura 8), tendo sido analisados três níveis arqueológicos, correspondentes às UEs1026, 1078 e 1211, os quais revelaram uma cronologia tardo-antiga.

Braga										
BRA22TR - zona arqueológica do Teatro Romano de Braga										
Nível de destruição tardio da 'Casa da Bica'										
TR385 - UE1026										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
TSH				1					1	1
TSA	Clara D						1		1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Principado						6		5	1
Cerâmica comum romana	Fina			1			4	1	5	1
	Grosseira			4	5	1	51		61	5
Cerâmica vidrada romana		Almofariz			1				1	1
Cerâmica cinzenta tardia	G1	Hayes 3		3					3	3
	G2						2		2	1
Totais				9	6	1	64	1	79	14

Tabela 3. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1026, TR385, da zona arqueológica da área envolvente do teatro.

O nível de destruição da "Casa da Bica", referenciado com a UE1026 (Tabela 3), apresenta alguns materiais residuais dos primeiros séculos imperiais, designadamente um fragmento de TSH e cinco de engobe vermelho, bem como eventuais fabricos comuns, tanto finos, como grosseiros. Por outro lado, as cerâmicas tardias estão presentes numa variedade significativa, na qual se verifica tanto recipientes importados, como a *terra sigillata* africana, na variante D, como fragmentos de peças produzidas localmente, integráveis nas produções comuns romanas, cinzentas tardias e vidradas (Gráfico 5).

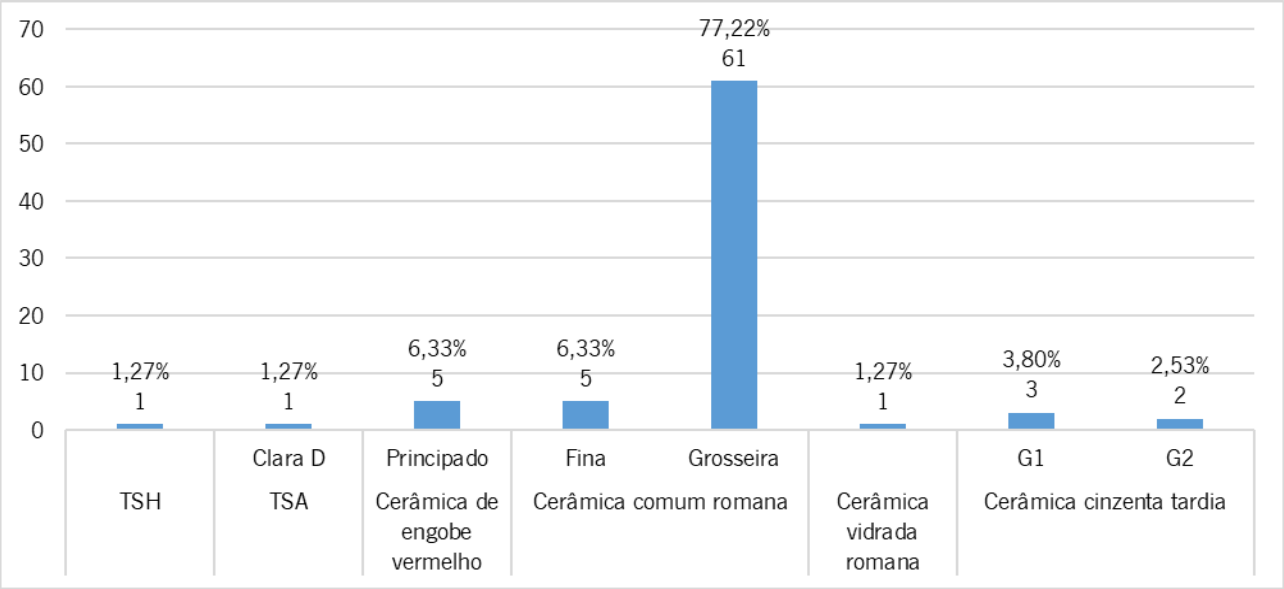


Gráfico 5. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1026, TR385, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga.

As produções comuns grosseiras de época romana são as melhor representadas na UE1026, correspondendo a quase 80% dos fragmentos recuperados, apesar do número máximo de indivíduos ser apenas de 5, a julgar pela quantidade de bordos. Por outro lado, embora as demais produções tardias estejam presentes em bem menos exemplares, vale a pena salientar que a imitação do prato, com a forma Hayes 3, em cinzenta tardia (Grupo 1) está representada por três bordos.

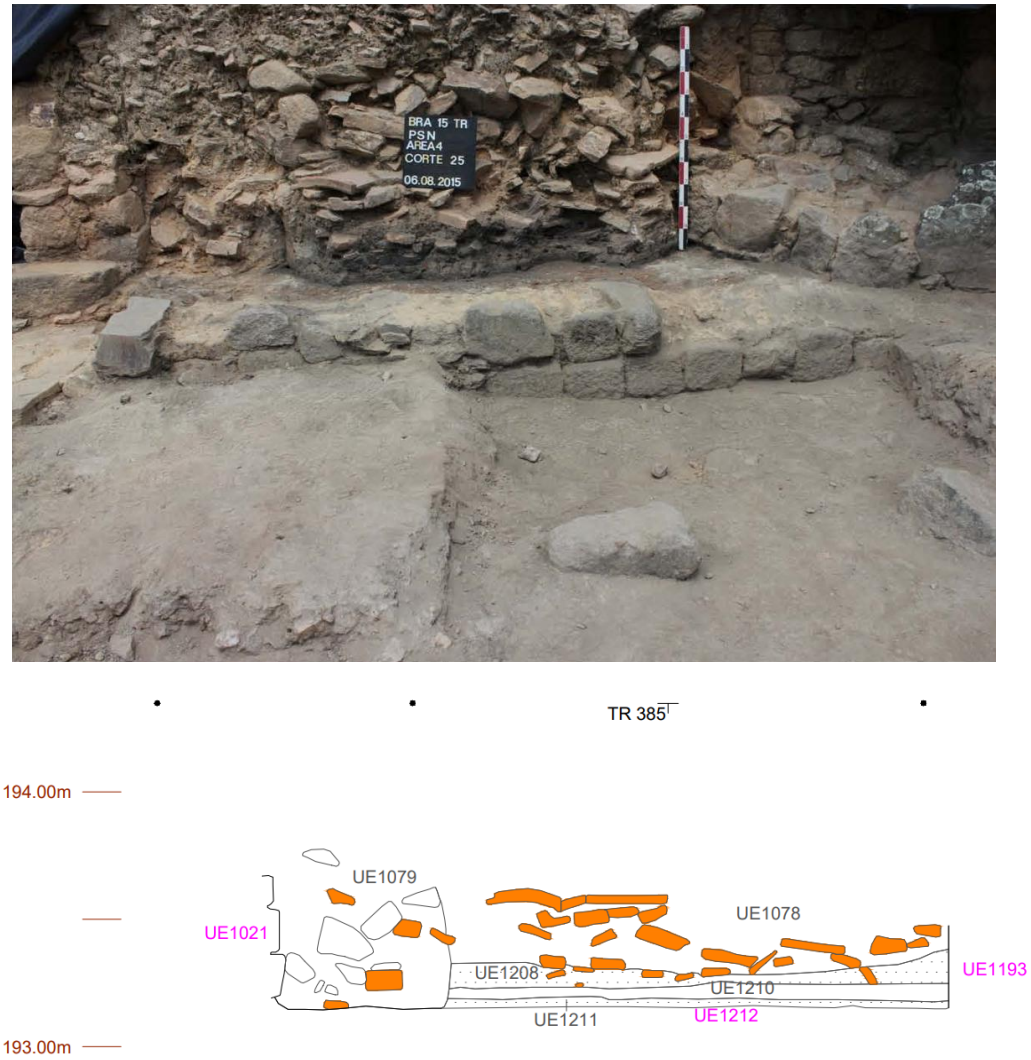


Figura 9. Registo gráfico (inf.) e fotográfico (sup.) do Corte 25, que contém os níveis de derrube representados pelas UEs1078 e 1211 (©UAUM).

Braga										
BRA15TR - zona arqueológica do Teatro Romano de Braga										
Nível de derrube dos muros UEs1019 e 1021 da 'Casa da Bica'										
TR385, 386 - UE1078										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum romana	Grosseira			2			6	1	8	2
	Fina			1			1		2	1
TSHT		Drag. 37t					1	1	1	1
Totais				3			8	2	11	4

Tabela 4. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1078, TR385, 386, da zona arqueológica da área envolvente do teatro.

O derrube dos muros e telhados do compartimento sul da "Casa da Bica" (Figura 9), individualizado com a UE1078 (Tabela 4), encontrava-se sobre um nível de incêndio que colmatou uma derrocada anterior da parede poente da construção, na qual foi identificado um tesouro numismático composto por 371 moedas datáveis entre o século III e o V (Figura 10) (Machado 2017; 2019; 2024b).



Figura 10. Tesouro numismático identificado nos níveis de derrube da 'Casa da Bica' (©UAUM).

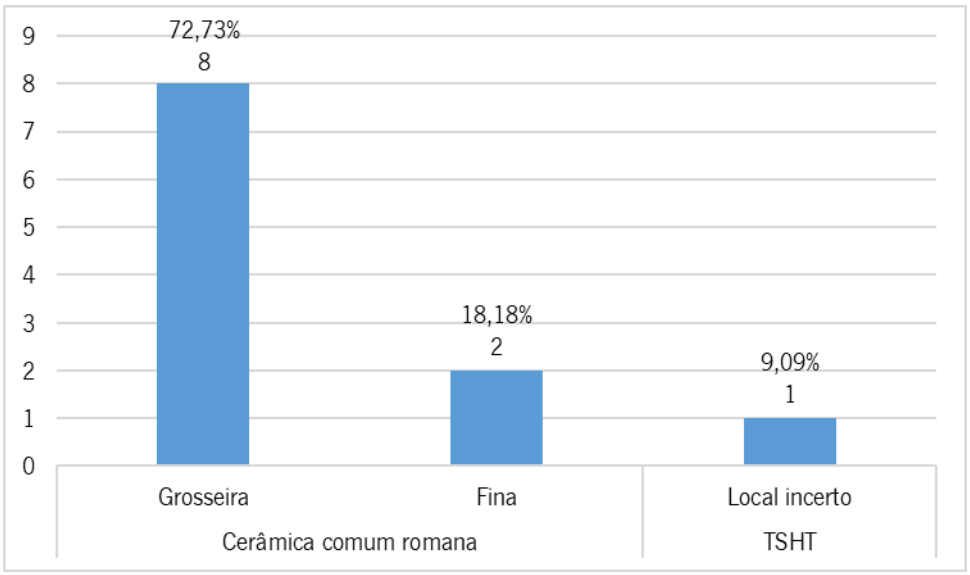


Gráfico 6. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1078, TR385, 386, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga.

As cerâmicas exumadas na camada correspondente à UE1078 dividem-se em fabricos comuns, tanto grosseiros como finos, tendo sido identificado um fragmento de produção de *terra sigillata* hispânica tardia, de uma tigela do tipo Drag. 37t (Gráfico 6). A presença deste tipo de tigelas em níveis de abandono de *Bracara* é algo bastante comum, tendo sido identificadas ao longo das remodelações ocorridas na *domus* das Carvalheiras entre os séculos IV–VI/VII, até o seu abandono (Morais, 2010).

Braga										
BRA15TR - zona arqueológica do Teatro Romano de Braga										
Nível de abandono da 'Casa da Bica'										
TR384, 385 - UE1211										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum romana	Grosseira				1		6		7	1
Cerâmica de engobe branco		Jarro	1						1	1
Totais					1		6	0	7	1

Tabela 5. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE1211, TR384, 385, da zona arqueológica da área envolvente do teatro.

Por sua vez, a UE1211 (Tabela 5), que também integra os níveis de abandono e destruição da "Casa da Bica", apresenta igualmente um número bastante reduzido de produções. Nesta, verifica-se a ausência de peças importadas, registando-se apenas as cerâmicas comuns de época romana e as de engobe branco.

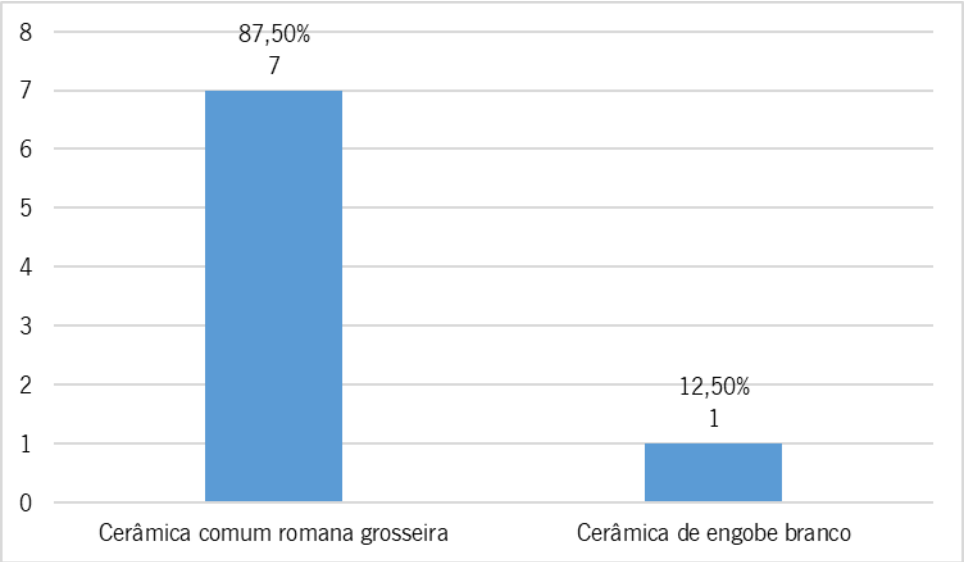


Gráfico 7. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE1211, TR384, 385, da zona arqueológica da envolvente do teatro romano de Braga.

Novamente, a proporção de fragmentos de fabrico comum romano é bastante superior às demais produções, sendo, contudo, importante notar que o número máximo de indivíduos em cada uma das produções é o mesmo, avaliado pela quantidade de bordos, fundos ou asas, com apenas 1 exemplar cada (Gráfico 7). Dentre estes, apenas a cerâmica de engobe branco apresentou uma forma reconhecível, tratando-se de um jarro.

Sintetizando os resultados analisados, podemos considerar que o conjunto dos cinco contextos estratigráficos analisados na ZA da área envolvente do teatro documenta duas realidades distintas. Assim, as UEs 1026, 1078 e 1211 definem o abandono da ocupação tardo antiga da "Casa da Bica", presumivelmente ocorrida ao longo do século VI, enquanto as UEs922 e 1039 documentam a reutilização tardo-medieval e moderna da área, associada à utilização agrícola da Colina da Cividade, que poderá ter justificado uma reutilização precária de algumas das construções, cujas ruínas de estruturas romanas e tardo-antiga deveriam ser ainda pontualmente visíveis ao longo da Idade Média e Moderna a avaliar pelas valas de saque de alguns dos edifícios escavados na referida Colina, como o teatro (Martins *et al.*, 2013) e as termas públicas (Martins, 2005).

3.2 A ZA da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão nºs 166/168

3.2.1 Historiografia

3.2.1.1 Enquadramento espacial

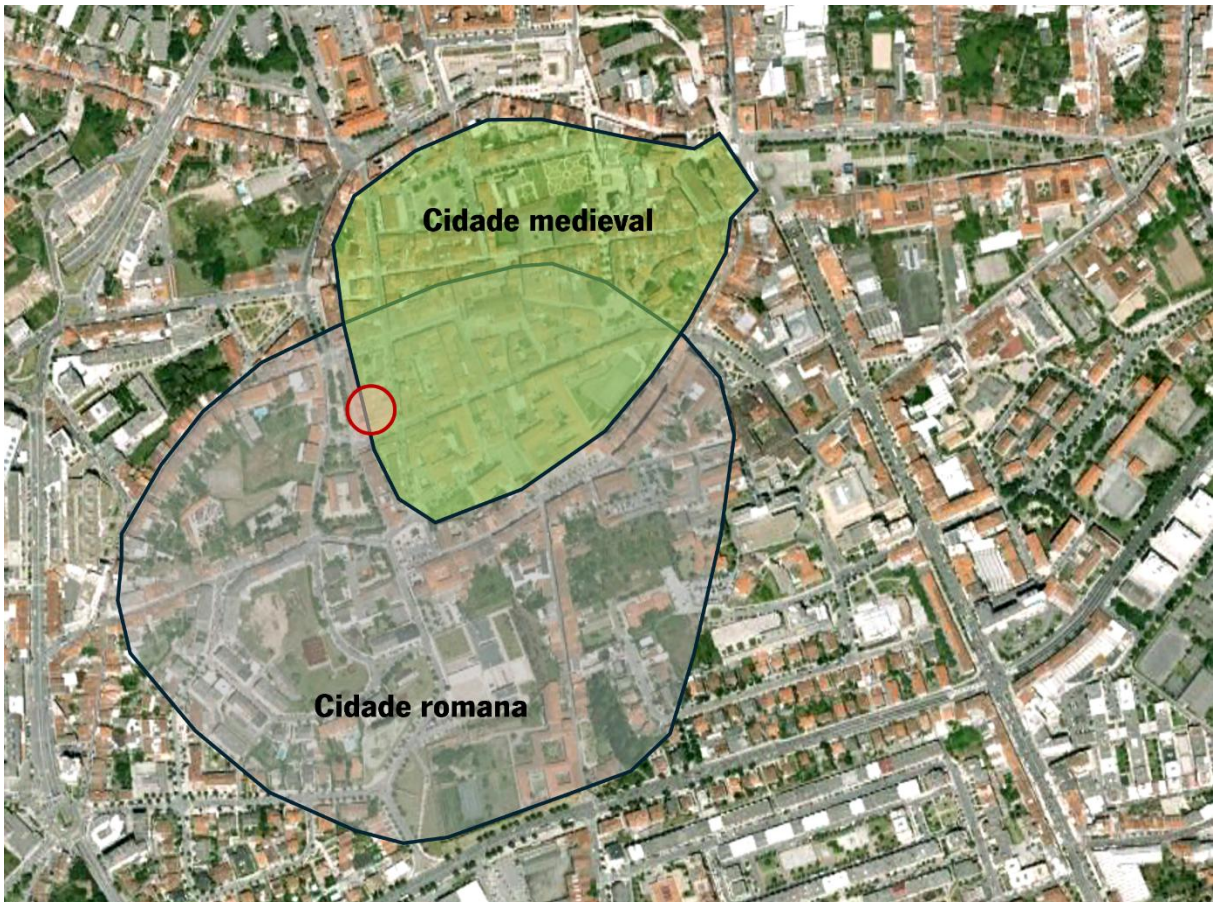


Figura 11. Localização da ZA da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168 (©UAUM).

A zona arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166-168 (Figura 11) situa-se atualmente no cruzamento da rua Afonso Henriques, com a rua Frei Caetano Brandão, em pleno centro histórico de Braga. Tendo em conta a topografia da cidade romana, a zona arqueológica corresponde a um quarteirão romano, ocupado presumivelmente por duas *domus* (Magalhães, 2019), localizado no seu quadrante noroeste, limitado a norte pelo decumano D2, a oeste pelo o cardo máximo da cidade romana que se dispunha a nascente (K9), confrontando a sul com um decumano (D3) e a oeste com o cardo C10 (Martins *et al*, 2017b).

A área correspondente a esta zona arqueológica foi ocupada ininterruptamente entre a época romana e a atualidade, tendo conhecido um primeiro ciclo de vida associado à cidade romana e tardo antiga, entre o século I e o século VII, correspondendo às três primeiras fases de ocupação do local. A ocupação medieval está arqueologicamente representada por duas linhas defensivas medievais que amputaram a extensa cidade romana e tardo antiga, que se dispõem na parte poente da área

arqueológica. Uma dessas defesas corresponde à cerca alto medieval, datável do século VIII/IX, que definiu um novo perímetro defensivo e uma área urbana bem mais restrita, correspondente ao quadrante nordeste da anterior cidade tardo antiga. A construção da nova cerca cortou aproximadamente metade do anterior quarteirão romano, no sentido N/S. Anexa a esta linha de defesa foi construída uma segunda muralha, datada do século XIV/XV, que se faz representar no local por um tramo e um torreão. Esta nova muralha, conhecida por fernandina, alargou o perímetro defensivo anterior para norte, um processo que pode associar-se ao crescimento populacional de Braga no século XIII, na origem de novos bairros extramuros, sobretudo a norte (Ribeiro, 2008, p. 322).

3.2.1.2 Historial das intervenções realizadas

A intervenção arqueológica na zona arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166-168, contemplou a escavação de duas áreas contíguas, ocorrida em momentos diferentes, que forneceram um relevante conjunto de ruínas bem elucidativo da dinâmica evolutiva de Braga ao longo dos seus dois milénios de história.

A intervenção mais antiga incidiu no edifício da antiga Escola Velha da Sé, propriedade da Câmara de Braga, para o qual se projetava construir um auditório, o que implicou a avaliação de impactos sobre o subsolo que já se sabia de elevado potencial arqueológico. Os trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos entre 1998 e 2003, tendo sido coordenados pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, decorrendo ao longo de cinco campanhas, de duração variável, a última das quais concluída em 10/07/2003. No total, foi escavada uma área com cerca de 720 m^2, na qual se identificaram vestígios arqueológicos que cobrem uma longa sequência de ocupação entre o século I e a contemporaneidade. A riqueza arqueológica do local justificou a integral preservação das ruínas, que foram musealizadas pelo município de Braga.

A segunda intervenção na zona arqueológica viria a ocorrer no terreno contíguo, a norte, correspondente ao lote nº 166/168 da rua Frei Caetano Brandão, tendo sido realizada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e decorrido em duas fases. entre os anos de 2015 e 2016. Os objetivos da intervenção destinaram-se a avaliar o impacto do projeto de remodelação do imóvel que aí se pretendia construir. Devido à presença de um número significativo de ruínas, que prolongam para norte os vestígios que haviam sido encontrados na zona da Escola Velha da Sé, a intervenção converteu-se na escavação integral do subsolo do imóvel, tendo sido possível documentar uma ocupação prolongada daquele espaço, entre o século I e a contemporaneidade.

3.2.2 As fases de ocupação

As duas intervenções que dão expressão à zona arqueológica permitiram identificar um total de sete fases de ocupação que recobrem vinte séculos de ocupação continuada da cidade de Braga, entre a fundação romana e o século XX.

A primeira fase de ocupação registada corresponde aos primeiros dois séculos da cidade romana de *Bracara Augusta,* fazendo-se representar pela construção de duas *domus* de peristilo, contíguas, dispostas no sentido E/O, ocupando cada uma metade do quarteirão (Mendonça, 2019; Magalhães, 2019). As fachadas das casas estavam limitadas por um pórtico que acompanhava o percurso do cardo máximo e se abria aos espaços comerciais que se dispunham na parte baixa das casas.

A segunda fase está balizada cronologicamente entre finais do século III/inícios do IV, período que corresponde ao desempenho de *Bracara* como capital da nova província da *Gallaecia*, criada por Diocleciano, que se associa a remodelações generalizadas nas casas de elite da cidade. Os dados arqueológicos disponíveis apontam para que este período corresponde a uma fase de grande dinamismo económico da cidade, reconhecido pelas importações, mas também pelos investimentos feitos nas reformas das *domus*, que assinalam o poder aquisitivo dos seus proprietários (Martins *et al.*, 2016). Este dinamismo está bem representado na área arqueológica analisada, associando-se a uma profunda alteração na organização dos espaços, com uma presumível fusão das duas *domus* anteriores numa única. Regista-se ainda o sacrifício do pórtico nascente, anexo ao cardo máximo, bem como sinais de luxo associados à construção de um balneário privado, parcialmente sacrificado com a construção da primeira cerca medieval.

A terceira fase corresponde aos séculos V-VII, associando-se ao período em que *Bracara* esteve sob domínio suevo e visigótico, continuando a conhecer um forte dinamismo económico, que só esmorece quando a cidade perdeu o seu protagonismo de capital do reino suevo e passou a depender de Toledo. De facto, a partir do século V e até à conquista visigótica, no século VI, *Bracara* foi anexada ao reino suevo, tornando-se sua capital e palco do cristianismo no noroeste peninsular. O registo arqueológico documenta para esta fase uma continuidade de ocupação dos espaços das *domus* do século IV, que deixam, contudo, de funcionar como habitações unifamiliares, registando uma reorganização dos espaços internos, que se ajustam a novas funções, uma tendência já constatada noutras *domus* da cidade ao longo da Antiguidade Tardia (Martins *et al.*, 2016).

A quarta fase, correspondente à Alta Idade Média, entre os séculos VIII-XI, parece evidenciar saques sucessivos às estruturas que definiam a *domus*, sobretudo no setor norte. O deteriorado estado

de conservação dos muros, de que é exemplo a UE262, provocado por uma vala de saque (UE257), com o enchimento correspondente à UE258, onde foram recolhidas cerâmicas cinzentas tardias, exemplifica bem este processo e a procura de material para a construção da muralha. Para além dos saques, associamos a esta fase a UE218, correspondente à destruição da *domus*, unidade sedimentar da qual procede cerâmica cinzenta tardia (imitação Rigoir 22), datada do século V/VI. Sobre esta camada registam-se muros medievais, de que é exemplo a UE036, associado a uma sapata (UE024). A estabelecer um nível de circulação e a respetiva sapata (UE030), encontra-se a UE143 e a sapata identificada com a UE146. A UE169 (continuação da UE126) e UE129 foram implantadas na parte norte do quarteirão, atestando a sobreposição de novas construções medievais na área da antiga *domus*. Para além dos muros de contexto medieval, parece-nos relevante apontar ainda a existência de um poço (UE192), que atesta a procura de água em época medieval, indicando que o aqueduto romano que abastecera a cidade, pelo menos até ao século IV estaria inoperacional, voltando a captação de água intramuros a ser feita através de poços (Ribeiro & Martins, 2012, p. 183). Tendo por base as estruturas alto-medievais, que parecem configurar espaços de habitação, implantados sobre a área da antiga *domus*, podemos considerar a ocupação do local até à construção da primeira cerca medieval no século IX/X.

A construção da primeira cerca medieval concedeu a esta área da cidade uma funcionalidade distinta, que perde o seu caráter habitacional, cedendo lugar ao plano defensivo da cidade. Assim, as construções habitacionais afastam-se da muralha, limitando-se às proximidades da rua Verde que fossilizou o tramo norte de cardo máximo (Martins & Ribeiro, 2013). Entre aquela rua e a muralha deverá ter-se desenvolvido um espaço arborizado. Esta nova lógica urbana da periferia da cidade está marcada pela muralha (UE154), com a sua vala de fundação (UE155) e respetivo enchimento (UE156), onde se encontrou cerâmica cinzenta tardia comum, cuja produção pode ir até ao século VII. No sector da RFCB166-168, verificámos uma correspondência com este perímetro amuralhado, correspondente às UEs 018 e 049, identificando-se vários saques de muros coevos que apontam para o desmonte das construções habitacionais anteriores para reutilização de pedra na construção da muralha.

A quinta fase, correspondente à Baixa Idade Média (séculos XIV/XV), tem como testemunho mais importante a muralha fernandina, que reforça o tramo defensivo já existente. As evidências da muralha estão confinadas ao sector arqueológico da EVS, onde se documentou uma vala de saque da primeira cerca medieval (UE175), provavelmente para a construção da nova muralha. O segmento identificado da muralha está representado pela UE108, que integra o alicerce da estrutura e um torreão

(UE220). A vala de fundação da muralha (UE169) tem um enchimento composto pela UE170, não se tendo recolhido materiais que permitam datar a fundação da estrutura (Mendonça, 2019).

A sexta fase corresponde à época moderna, a partir de finais do século XVI e contempla evidências associadas com a perda de função militar da muralha fernandina, representadas pela reutilização do espaço que assume novamente um caráter habitacional, associando-se ao investimento construtivo registado a partir da centúria de Quinhentos que deixa de estar associado ao *interuallum* e ao caminho de ronda da muralha. A nova funcionalidade da área envolvente da muralha está bem documentada no *Mapa de Braunio,* dos finais do século XVI, através da representação de construções adossadas ao lado externo da estrutura, mas também no *Mapa da cidade de Braga Primas,* do século XVIII e no Mapa de Francisco Goullard, datado do século XIX (Mendonça, 2019). Este movimento de agregação de novas construções às antigas muralhas é um fenómeno generalizado por toda a Europa, vinculado à estabilidade social e ao desenvolvimento económico das cidades modernas. Em Braga, este processo inicia-se no tempo de D. Diogo de Sousa e prolonga-se nos séculos seguintes, representando uma dinâmica construtiva que faz surgir novas ruas e alargar as existentes, mas também novas praças, intra e extramuros (Ribeiro, 2008, p. 194; Martins *et al.*, 2021).

Os dados arqueológicos apontam para vários saques datados desta fase, documentados entre outros pela vala de saque identificada com a UE205, cujo enchimento (UE204) forneceu materiais deste período. Na parte do setor da RFCB, foram exumadas algumas estruturas relacionadas com a primeira casa moderna que se instalou na área correspondente à zona arqueológica. As estruturas, referenciadas com as UEs 093 e 090, foram interpretadas como os alicerces dos muros da casa moderna (UEs 089 e 091). Do lado oeste, os muros identificados com as UEs 094, 102 e 107 correspondem a uma ampliação da habitação. O poço (UE062) constitui também uma característica desta fase ocupacional, encontrando-se representado no mapa de F. Goullard, da primeira metade do século XIX.

A sétima fase corresponde ao período contemporâneo a que correspondem alterações urbanas que advém da anulação da Rua Verde/Couto do Arvoredo, com a construção da rua Frei Caetano Brandão, mas também das transformações ocorridas na unidade habitacional até ao seu estado atual. Por sua vez, a destruição das portas da muralha fernandina, acompanhada do prolongamento e alargamento de várias ruas, vai contribuir para a transfiguração total das artérias limítrofes da unidade habitacional. Esta fase também se associa à construção do edifício da escola primária, que instala os seus alicerces nas imediações do atual sítio arqueológico da Escola Velha da Sé. Neste âmbito, assinalamos a UE176, que corresponde como à fachada da estrutura do edifício da escola primária,

tendo como alicerce (UE042), estruturas, orientadas no sentido NO/SO, que aproveitam o alinhamento da muralha medieval (UE154) para se elevar (Mendonça, 2019).

3.2.3 Os materiais

A localização privilegiada da zona arqueológica da Escola Velha da Sé/ rua Frei Caetano Brandão, nº166/168, em pleno Centro Histórico da cidade de Braga, fornece contextos muito interessantes para o estudo do espólio ceramológico no arco cronológico que nos interessa neste trabalho, designadamente, os períodos tardo-antigo e medieval (Figura 12). Nesse sentido, selecionamos um conjunto de níveis arqueológicos que remetem para momentos bastante diferentes da ocupação daquele setor urbano, entre as reformas que ocorreram na *domus* nos séculos IV e V, o impacto da construção da muralha alto-medieval e as transformações desse lote nos finais da Idade Média (Machado *et al.*, 2024).



Figura 12. Perspetiva geral da intervenção na rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168 (©UAUM).

Assim, foram selecionados para análise vários contextos, correspondentes a diferentes cronologias e fases identificadas nas escavações, entre o século IV e XIV/XV, a saber: a UE179, correspondente a um nivelamento associado à reforma da *domus* do Alto Império, realizada no século IV (Fase 2); as UEs047, 152 e 213, por estarem associadas à remodelação tardia da anterior habitação, ao longo dos séculos V/VI (Fase 3); as UEs 218, 258 e 275 que correspondem a um enchimento associado à construção da muralha alto medieval dos séculos VIII/IX (Fase IV); a UE075 e a UE193 por

definirem contextos anteriores ao século XVI, podendo, por isso, corresponder à associada à construção da muralha fernandina (Fase 5).

Braga												
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote n°s 168-168 da rua Frei Caetano Brandão												
Enchimento de nivelamento associado à reforma do século IV da *domus* da Escola Velha da Sé												
S10 - UE179												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Ânfora	*Gallia*						2		689,70		2	1
Cerâmica comum romana	Fina				1	1	6		106,40	0,29	8	1
	Grosseira	Jarro		1					33,00		1	1
		Pote		2					77,30	0,32	2	2
		Prato	1						15,00	0,15	1	1
		Tigela		1					76,40	0,14	1	1
				3	9	3	55		1613,80	1,48	70	9
Totais			1	7	10	4	63		2611,60	2,37	85	16

Tabela 6. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE179, S10, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

As transformações na *domus* da Escola Velha da Sé no século IV são relativamente bem conhecidas, mau grado a implantação da muralha alto-medieval que arrasou a parte poente da *domus* (Mendonça, 2019). Nesse momento, as duas casas de elite, de cronologia alto-imperial, que ocupavam esse quarteirão da cidade, terão sido adquiridas por um único proprietário que realizou um conjunto de obras a fim de unificar as casas anteriores e transformá-las numa única habitação unifamiliar, onde se implantou um balneário privado (Magalhães, 2019). É nesse contexto de reformas que se insere o enchimento individualizado com a UE179 (Figura 13).

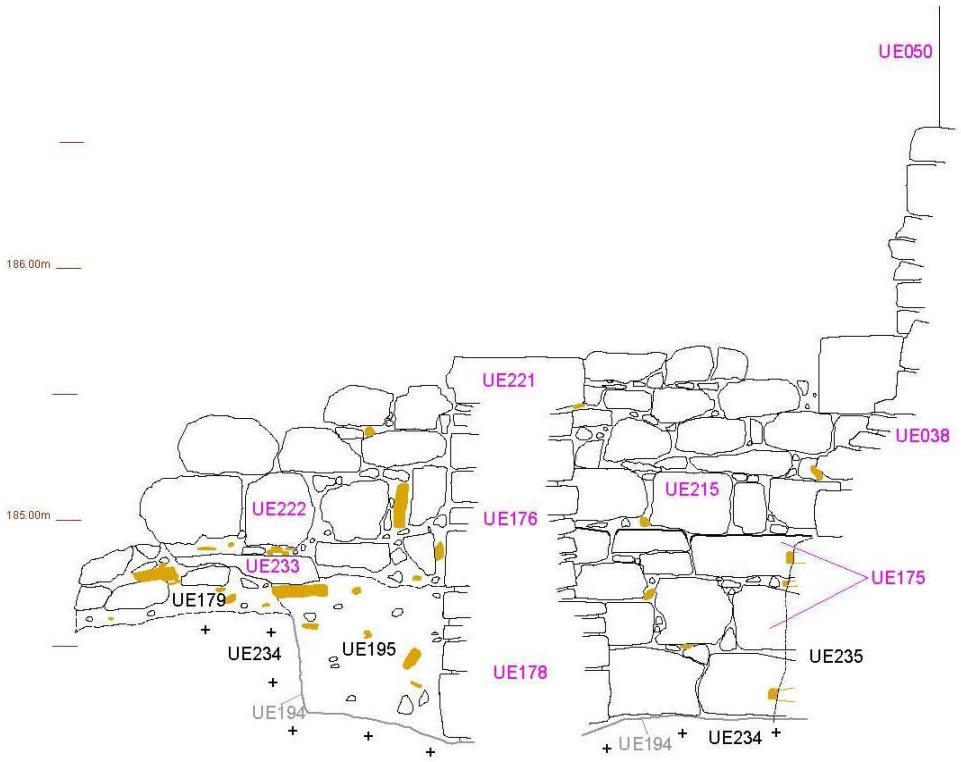


Figura 13. Corte no sentido E-O onde está registado o nível UE179 (©UAUM).

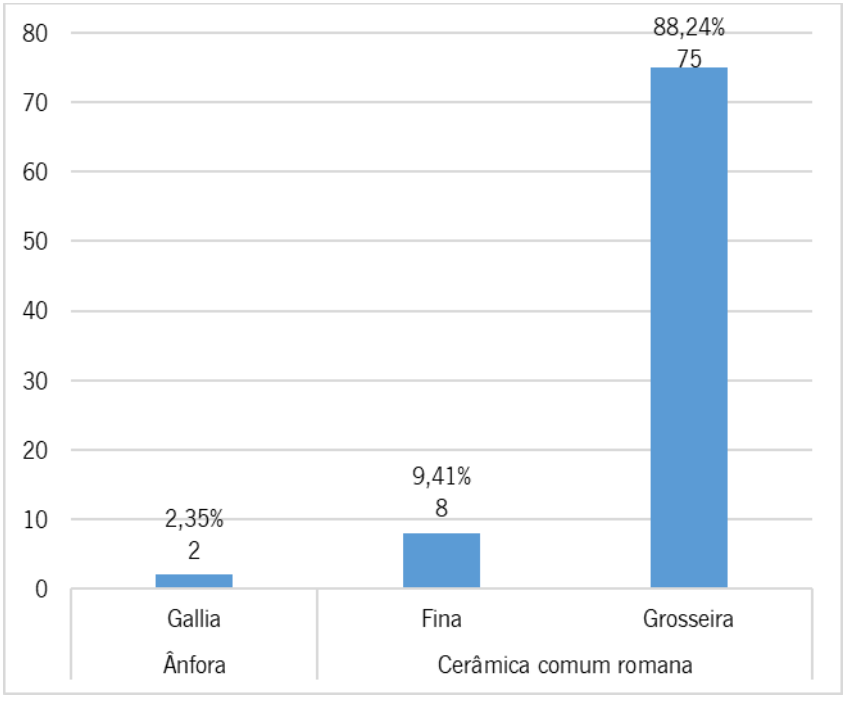


Gráfico 8. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 85).

A UE179 (Tabela 6) apresenta apenas ânforas e cerâmicas comuns de época romana, tanto finas como grosseiras (Gráfico 8). Embora não contenha um número elevado de fragmentos, apenas 85,

a ausência de fabricos datáveis do século IV, como as *terrae sigillatae* Clara C, TSHT, ou os engobes vermelhos, aponta para uma cronologia de inícios dessa centúria, interpretação que concorda com a associação desta reforma com o alargamento das possibilidades políticas das elites bracarenses com a promoção da cidade a capital da *Gallaecia* (Martins *et al.*, 2016).

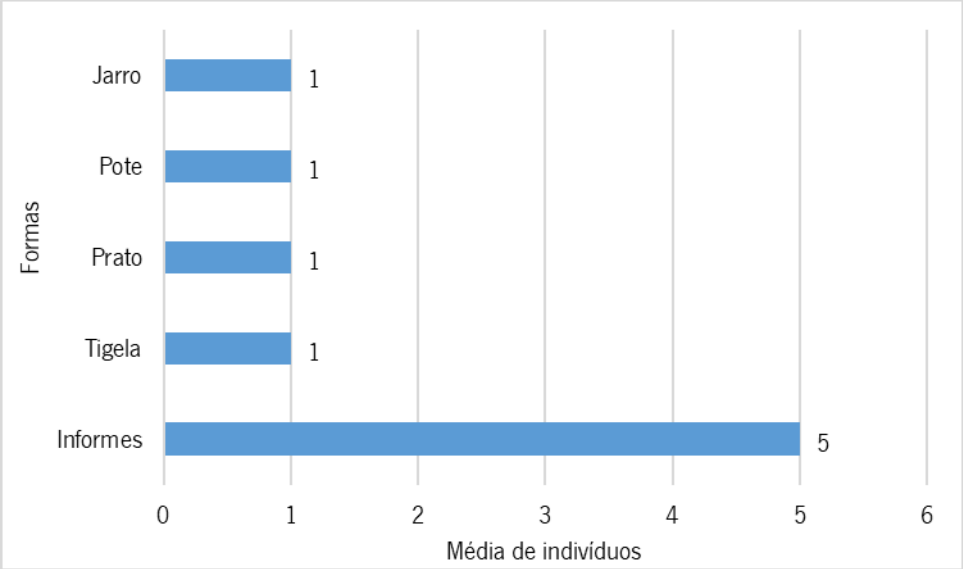


Gráfico 9. Média de indivíduos das cerâmicas comuns grosseiras romanas por formas (amostra: 9).

A variedade morfológica do material cerâmico do contexto representado pela UE179 recobre um conjunto de peças destinadas à mesa e despensa bastante interessante, tendo sido possível reconhecer jarros, potes, pratos e tigelas, com uma média de um indivíduo por forma, assim como 5 fragmentos informes (Gráfico 9).

Braga												
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão												
Reforma tardia da *domus* da Escola Velha da Sé												
S2 - UE047												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum romana	Grosseira	Pote		3					105,70	0,53	3	3
				2	2		33		412,80	0,32	37	2
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2			1	3		5		205,40	0,60	8	3
Totais				6	5		38		723,90	1,44	48	8

Tabela 7. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE047, S2, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

A camada individualizada com a UE047 (Figura 14) associa-se ao contexto de alterações que a residência sofreu no período tardio e que tiveram lugar nos finais do século IV ou inícios do V, a julgar

pela presença de cerâmicas comum romanas e cinzentas tardias, produções que coexistiram nessas centúrias. Os profundos saques registados nas escavações, associados à construção da muralha alto-medieval (séculos VIII/IX), bem como as dinâmicas construtivas das épocas moderna e contemporânea, impedem uma boa caracterização das estruturas associadas aos novos espaços domésticos, implantados no período suevo-visigótico.

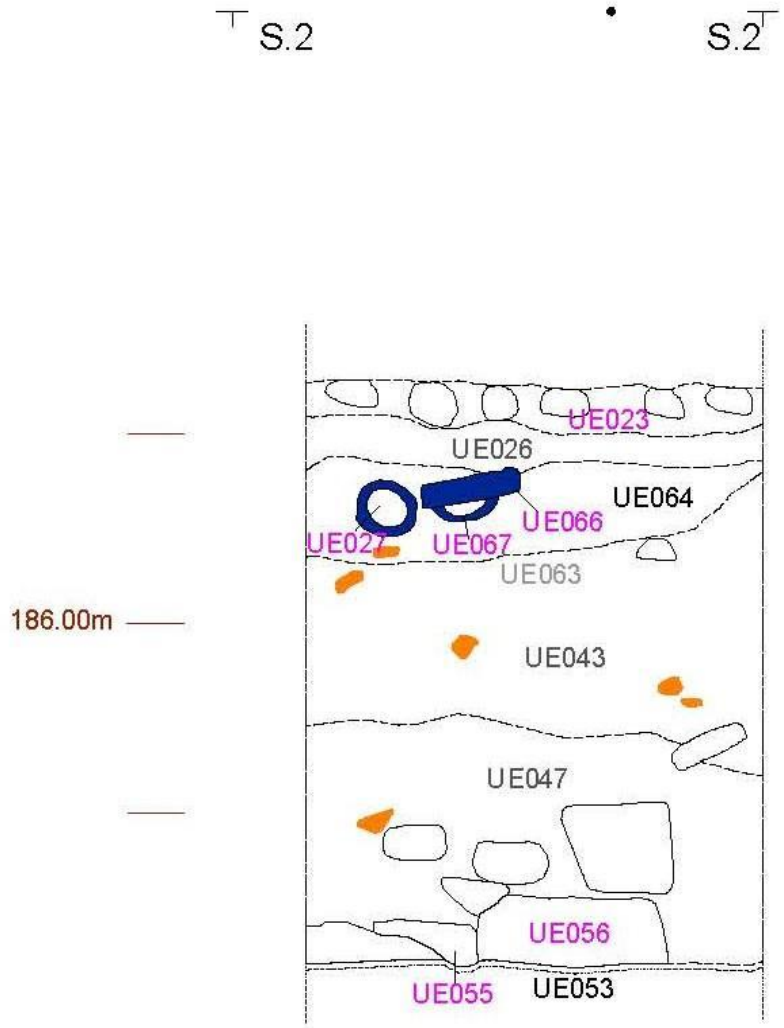


Figura 14. Registo do perfil este da sondagem 2, onde está documentada a UE047 (©UAUM).

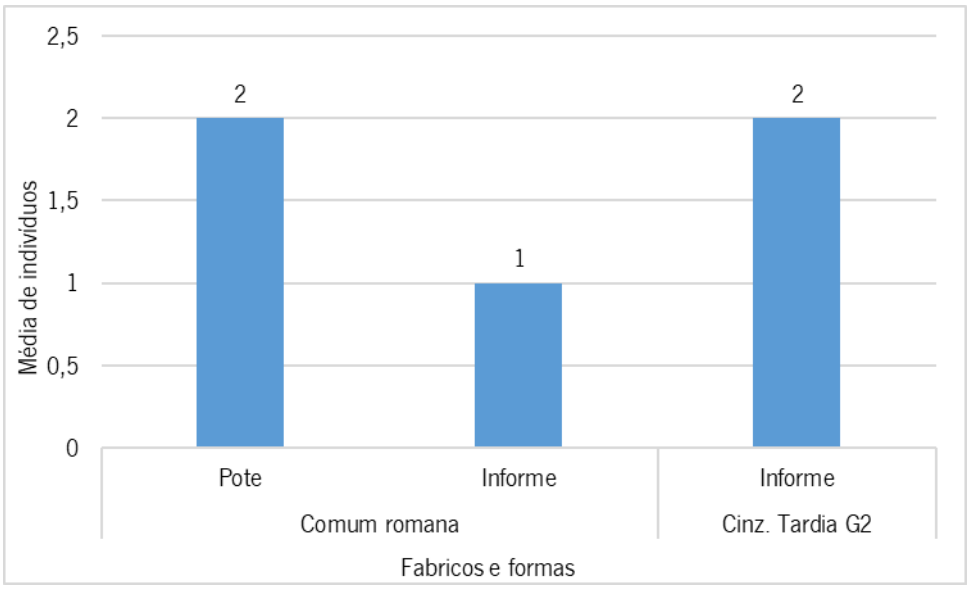


Gráfico 10. Média de indivíduos por fabrico e formas (amostra: 5).

O reduzido o número de indivíduos identificados neste contexto (UE047) (Tabela 7), não permite realizar grandes ilações, ainda que a distribuição quase equitativa entre os fabricos comuns de época romana e as cinzentas tardias, possa apontar para um mundo em que as mudanças foram graduais. Em termos morfológicos, destaca-se a presença de dois potes (Gráfico 10).

Braga												
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão												
Reforma tardia da *domus* da Escola Velha da Sé												
S12 - UE213												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Ânfora							1		14,70		1	1
Cerâmica comum romana	Fina						1	1	1,8		1	1
	Grosseira	Pote		7					123,00	1,04	7	7
					5	2	18	2	384,20	0,56	25	5
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1				1		2		17,90	0,14	3	1
	Grupo 2			1	1		3		196,20	0,60	5	1
Totais				8	7	2	25	3	737,80	2,34	42	16

Tabela 8. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE213, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

Ainda associada ao contexto construtivo da Fase 3 (Figura 15), correspondente às reformas do século V, temos a UE213 (Tabela 8), que oferece um conjunto de 42 fragmentos cerâmicos que se repartem pela produção comum de época romana, incluindo peças de fabrico finos e grosseiro e pelas cinzentas tardias, dos grupos 1 e 2. Foi ainda identificada uma parede de ânfora, cuja origem não foi possível definir.

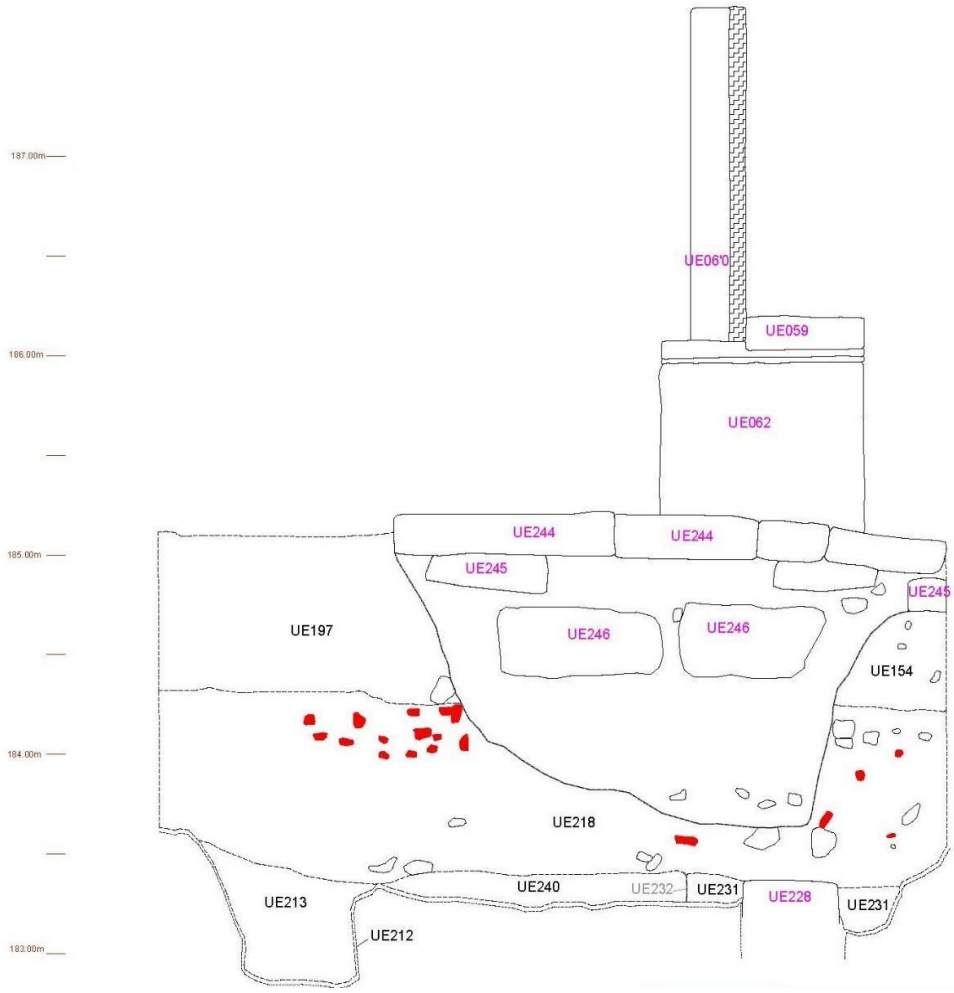


Figura 15. Corte onde está registado o nível UE213 e o enchimento UE218 (©UAUM).

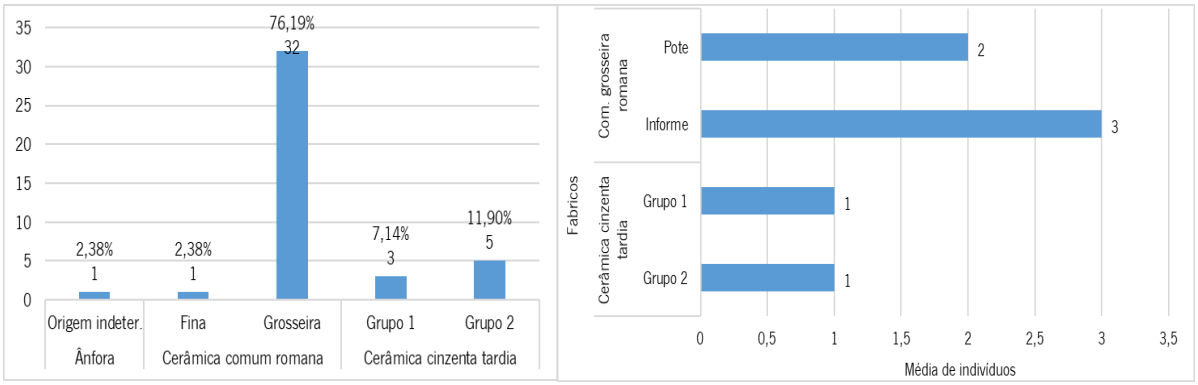


Gráfico 11. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das cerâmicas por fabricos e formas (amostra: 42 e 7, respetivamente).

A distribuição entre os fragmentos de produção comum romana e as cinzentas tardias assinala, novamente, um processo de mudanças graduais no consumo de recipientes cerâmicos por parte da

população bracarense, verificando-se uma concorrência entre os dois fabricos. Só foi identificada uma forma, representada por potes, correspondentes a 2 indivíduos (Gráfico 11).

Braga
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão
Nivelamento tardo-antigo - desmantelamento da *domus* da Escola Velha da Sé
S7 - UE152

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
TSHT		Hispanica 4		1					10,90		1	1
							1	1	13,40		1	1
TSA	Clara D	Hayes 105		1					6,00	0,06	1	1
		Hayes 106		1					73,30	0,06	1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Tardio	Hayes 59B	1						75,10	0,10	1	1
					1				27,80	0,33	1	1
Ânfora	*Gallia*						1		6,30		1	1
	Africa						1		20,30		1	1
							1		13,10		1	1
Cerâmica comum romana	Grosseira	Jarro		1					30,10	0,10	1	1
		Pote		7					34,00	0,80	7	7
		Tigela		1					19,20	0,06	1	1
					8	3	35		779,00	0,99	46	8
Cerâmica vidrada romana		Almofariz					1		53,10		1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1	Rigoir 22		1					53,10	0,06	1	1
	Grupo 2	Bilha		1					26,10	0,20	1	1
		Prato	1						23,40	0,03	1	1
				1	1		2		44,20	0,05	4	1
Totais			2	15	10	3	42	1	1308,40	2,81	72	31

Tabela 9. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE152, S7, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

O enchimento referenciado com a UE152 (Fase 3), correspondente a transformações arquitetónicas da anterior *domus* do século IV, documenta que o período entre os séculos V/VI registou um assinalável dinamismo comercial e produtivo, oferecendo um repertório ceramológico bastante variado. O processo construtivo associado a este contexto, que resultou em novas realidades ocupacionais, é mal conhecido nesta área arqueológica, estando melhor documentado noutras áreas da cidade (Martins *et al.*, 2016).

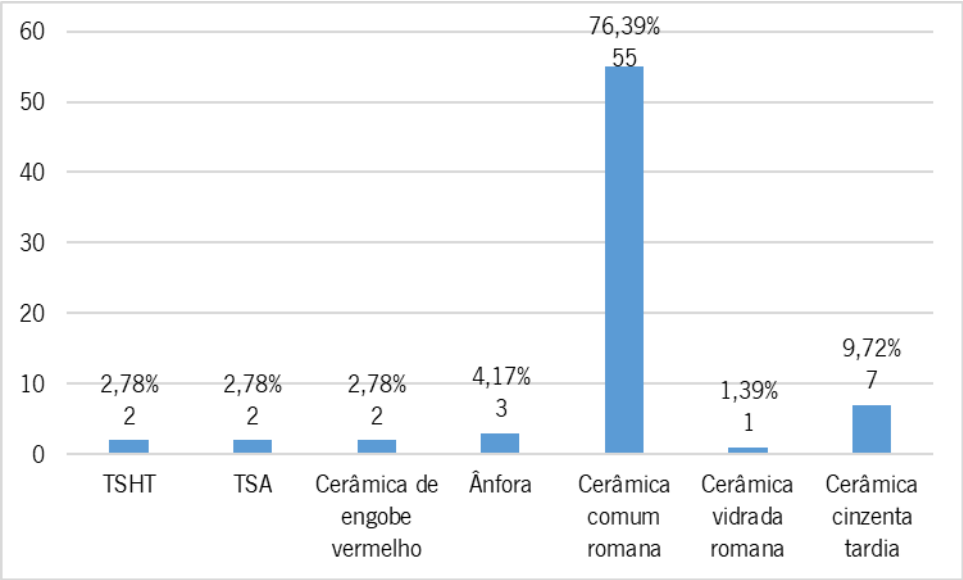


Gráfico 12. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 72).

Uma vez que a UE152 (Tabela 9) corresponde a um enchimento, é presumível que fragmentos de níveis inferiores tenham sido remobilizados, designadamente as cerâmicas comuns romanas. Contudo, dada a homogeneidade do material recuperado, acreditamos que estamos perante peças que foram produzidas num arco temporal seguramente datável entre os séculos IV–VI. Apesar disso, o que fica claro ao analisarmos este contexto é a diversidade de fabricos que compunham os mercados tardios, seja pelas importações, vindas das *Galliae*, *Africa* e outras regiões da *Hispania*, seja pelos produtos locais, que seriam produzidos na cidade (Gráfico 12).

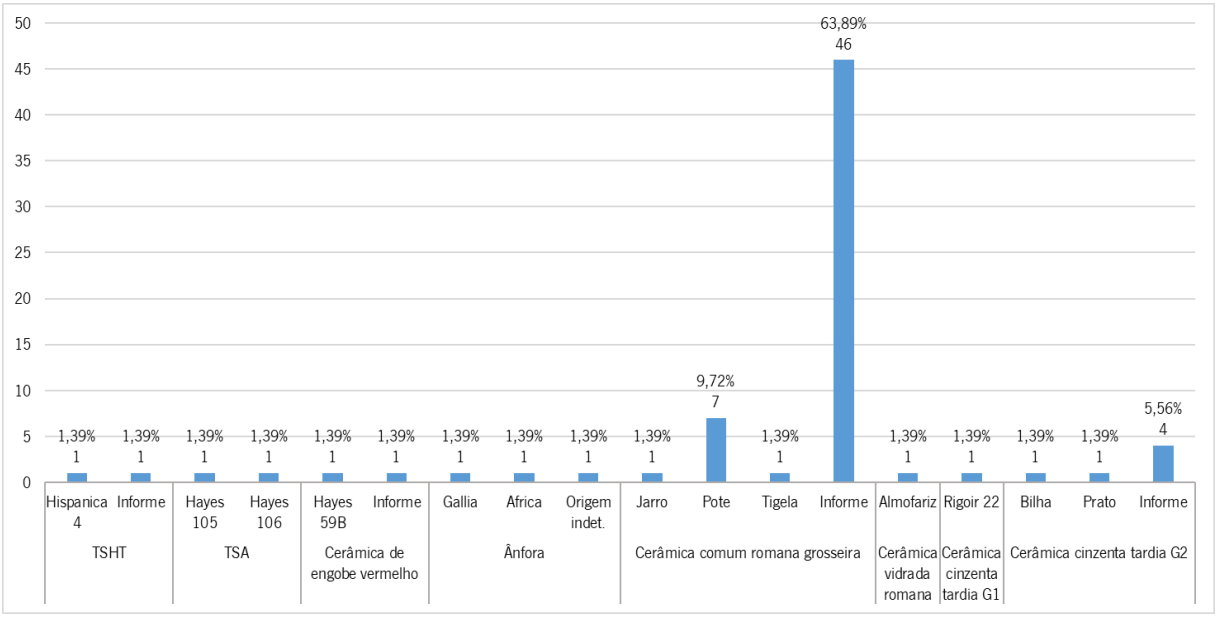


Gráfico 13. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos e formas (amostra: 72).

O contexto revela quadro morfológico diversificado, integrando um repertório que inclui bilhas, pratos e uma imitação de tigela, com a forma Rigoir 22, em cerâmica cinzenta tardia, um almofariz revestido com vidrado na parte interna, jarros, potes e tigelas, em cerâmica comum romana, uma imitação de prato com a forma Hayes 59B, em cerâmica de engobe vermelho, dois pratos em *terra sigillata* africana nas formas Hayes 105 e 106 e, por fim, uma taça em *terra sigillata* hispânica tardia na forma Hisp. 4 (Gráfico 13).

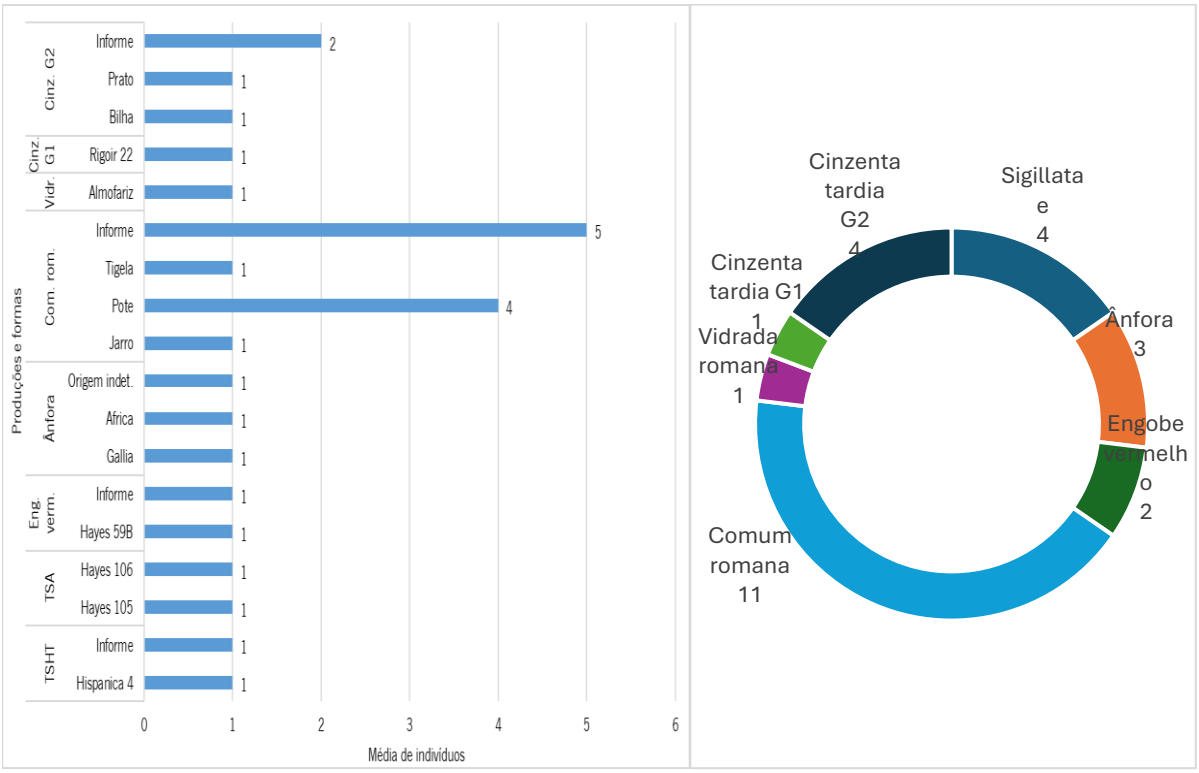


Gráfico 14. Média de indivíduos por fabricos e formas (amostra: 26).

Com os devidos ajustes das quantidades de fragmentos a partir da proposta de restituição da média de indivíduos reconhecemos um cenário mais ajustado ao que poderia ter sido a composição da baixela doméstica de *Bracara* no período tardio. O serviço de despensa, associado, sobretudo, ao armazenamento e preparo de géneros alimentícios, seria assegurado pelos recipientes cerâmicos de produção comum e pelos do grupo 2 das cinzentas tardias, enquanto os objetos para uso individual ou coletivo à mesa seriam obtidos com as importações de *terrae sigillatae*, as imitações em engobe vermelho, nem como pelo grupo 1 das cinzentas tardias (Gráfico 14).

Braga												
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão												
Enchimento que recobre a habitação tardia para a implantação da muralha medieval												
S12 - UE218												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de tradição indígena					1		2		53,80	0,08	3	1
TSHT				1					9,30	0,18	1	1
TSA	Clara D	Hayes 104B		1					30,10	0,06	1	1
LRC							1		12,60		1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Tardio				1				100,80	1,00	1	1
Ânfora	*Africa*						2		26,20		2	1
	Gallia			1		1			60,90		1	1
							3		54,70		3	1
Cerâmica comum romana	Fina	Copo		1					1,50	0,07	1	1
	Grosseira	*Dolium*		1					171,60	0,13	1	1
		Pote		6					95,40	0,69	6	6
		Prato		1					39,40	0,12	1	1
					5	2	26		582,40	1,37	33	5
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1	Hayes 52B		1					17,10	0,18	1	1
		Rigoir 22		2					29,80	0,17	2	2
		Forma 8		1					27,20	0,08	1	1
	Grupo 2	Tigela		1					27,10	0,08	1	1
				2	4		10	1	383,40	0,90	16	4
Cerâmica de engobe branco							1		5,90		1	1
Material de construção	Romano						1		35,10		1	1
Totais				19	11	3	46	1	1764,30	5,09	78	33

Tabela 10. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE218, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

O enchimento correspondente à UE218 define um nivelamento associado à construção da muralha alto-medieval, referenciada à Fase 4. Este contexto apresenta materiais bastante semelhantes aos do contexto anteriormente analisado (UE152), o mesmo acontecendo com os outros dois contextos que analisaremos de seguida (UE258 e 075), cujos materiais podem ser genericamente datados dos séculos V e VI. Trata-se de um conjunto de aterros que se sobrepõem às ruínas da habitação tardo-antiga para a criação do *interuallum* interno da muralha alto-medieval, presumivelmente construída entre os séculos VIII/IX (Figura 16).

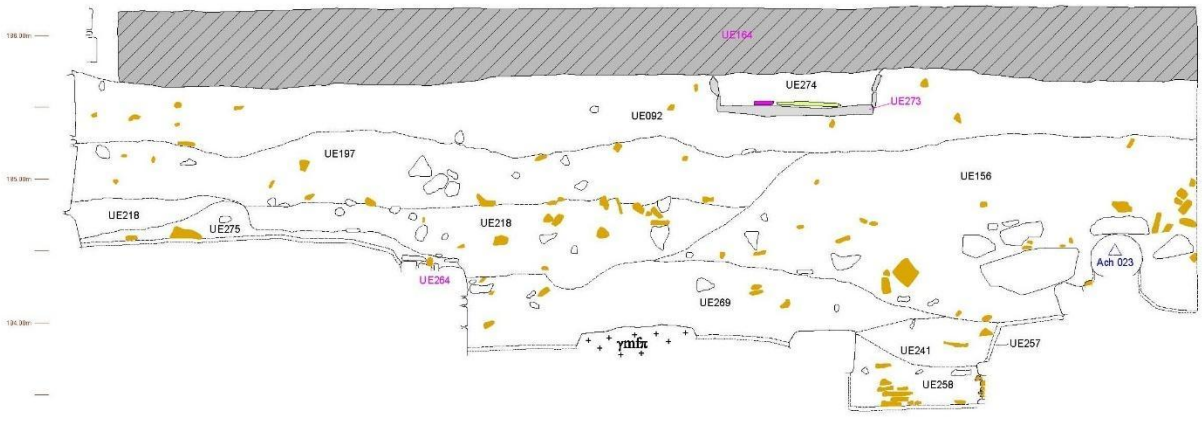


Figura 16. Corte onde estão registados os contextos UE218, 258 e 275 (©UAUM).

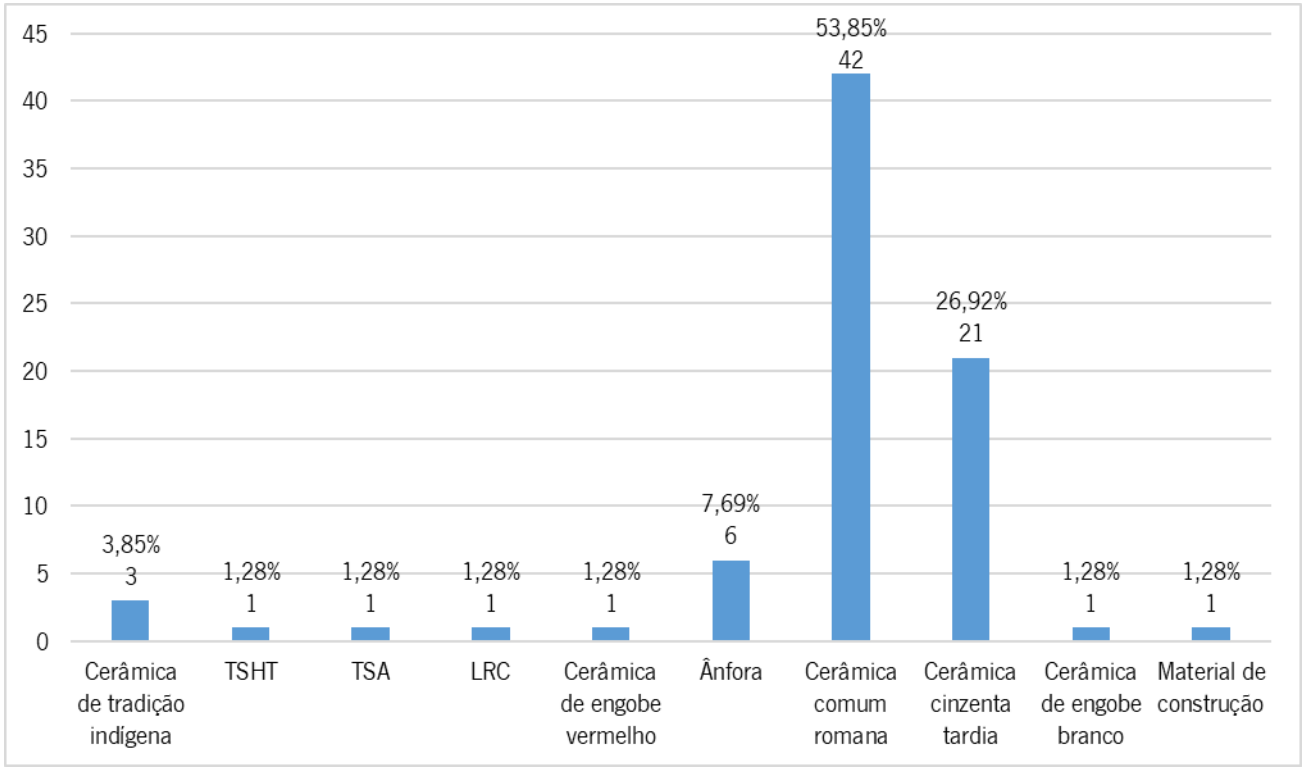


Gráfico 15. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 78).

O contexto referenciado com a UE218, que sela a destruição da *domus* para a construção da muralha alto medieval, define um importante momento da história evolutiva de cidade de Braga e da notável sequência de ocupação desta zona arqueológica, uma vez que marca o fim do ciclo da cidade clássica e pós-clássica.

O conjunto ceramológico presente no contexto analisado é bastante diversificado (Tabela 10), registando algumas diferenças em relação aos materiais vistos anteriormente. Assim, destaca-se a presença de cerâmica de tradição indígena e de cerâmica romana comum fina que revela alguma remobilização de terras correspondentes a níveis mais antigos, associados, presumivelmente à fundação da *domus*, perfeitamente justificável pela natureza de enchimento de aterro da UE218. O enchimento forneceu ainda fragmentos de outros fabricos tardios, designadamente as LRC e engobes brancos (Gráfico 15).

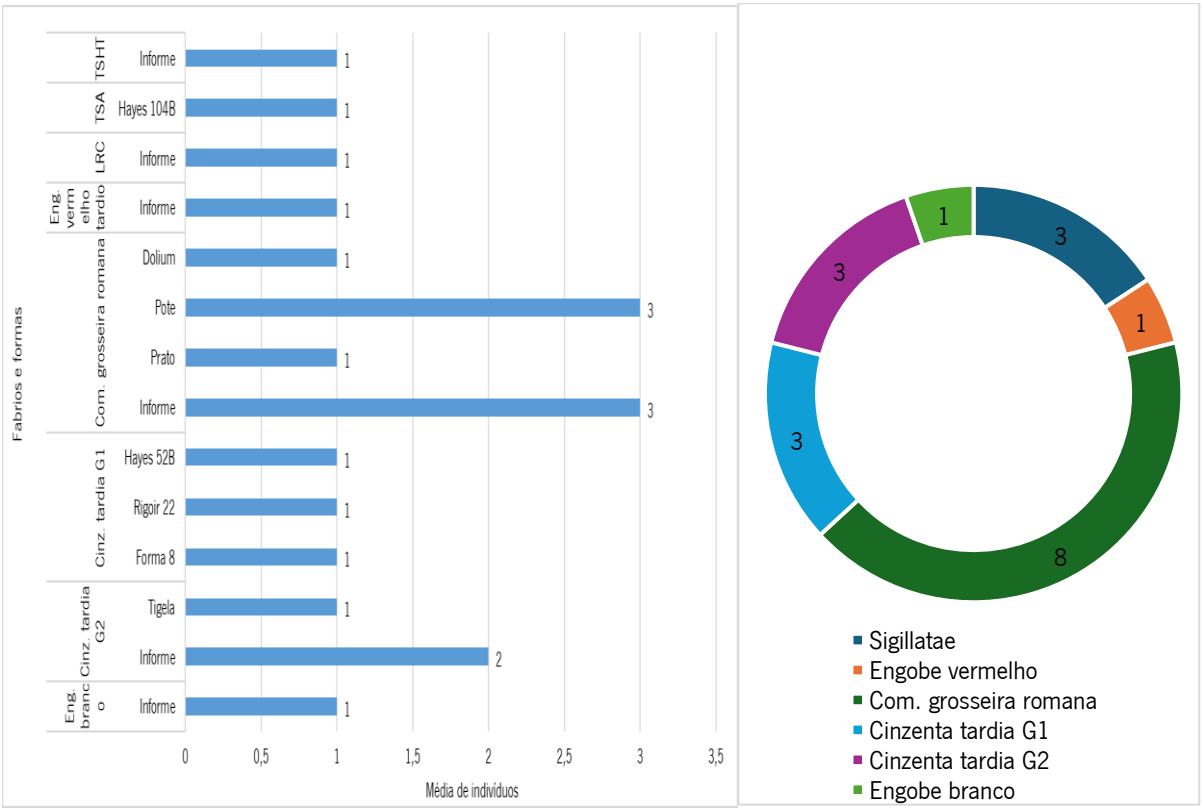


Gráfico 16. Média de indivíduos dos fabricos tardios e formas (amostra: 68 e 20, respetivamente).

O repertório formal que se articula ao contexto UE218 é igualmente significativo. Enquanto as produções comuns romanas continuam a dominar os recipientes destinados ao armazenamento, como os potes e os *dolia*, verifica-se também a ocorrência de pratos da mesma produção, assim como em TSA, com a forma Hayes 104B, tigelas em cerâmica cinzenta tardia, do grupo 2 e imitações de taça, fragmentos de formas Hayes 52B e Hisp. 8, bem como uma tigela, de forma Rigoir 22, em cerâmica cinzenta tardia grupo 1 (Gráfico 16).

Braga
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão
Enchimento que recobre a habitação tardia para a implantação da muralha medieval
S12 - UE258

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de tradição indígena					2		2		42,60		4	2
TSHT		Forma 8		1					27,20		1	1
		Taça		1					11,10	0,06	1	1
							2		6,70		2	1
TSA	Clara D	Objeto lúdico	1						28,50		1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Principado						1		14,40		1	1
	Tardio						1		3,30		1	1
Cerâmica de engobe branco							1		4,10		1	1
Ânfora	*Gallia*						1		32,70		1	1
Cerâmica comum romana	Fina	Jarro		1					70,40	0,25	1	1
							6	2	36,20		6	1
	Grosseira	Almofariz		1					169,80	0,12	1	1
		Bilha		1					33,70	0,10	1	1
		Dolium		1					296,80	0,06	1	1
		Jarro		3					23,60	0,18	3	3
		Pote		17					2602,30	2,89	17	28
		Prato	2	3					388,60	0,51	5	3
				1	16	2	140		3089,30	2,71	159	16
Cerâmica vidrada romana		Almofariz			1				691,50	0,45	1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1	Hayes 59B	1						28,10	0,06	1	1
		Hayes 97	1						46,20	0,18	1	7
	Grupo 2	Tigela		1					12,30	0,07	1	1
					1		1		21,40	0,08	1	2
Material de construção	Romano	Peso	1						386,80	0,83	1	1
Totais			6	31	20	2	155	2	8067,60	8,52	213	78

Tabela 11. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE258, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

O enchimento correspondente à UE258, corresponde à mesma ação do anteriormente analisado (UE218), referente à implantação da muralha alto medieval, correspondendo à Fase 4. O contexto (Tabela 11) revela a mesma diversidade morfológica e produtiva que temos vindo a verificar noutros contextos suevos e visigodos. Excluindo-se os fabricos que podem ser provenientes de níveis mais antigos, datáveis dos dois primeiros séculos imperiais, como as cerâmicas de tradição indígena, comum fina romana e os engobes vermelhos do Principado, as demais produções possuem uma cronologia de manufatura associada exclusivamente ao período tardo-antigo, designadamente cerâmica vidrada, engobe vermelho, cinzentas tardias e sigilatas hispânicas e africanas.

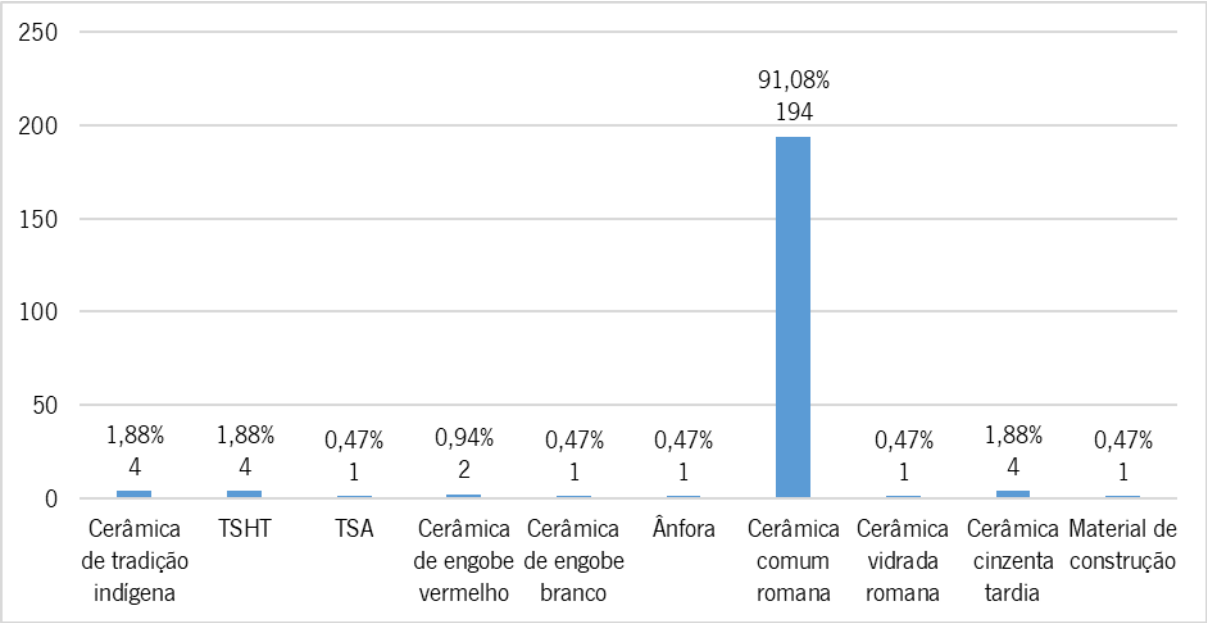


Gráfico 17. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 213).

Como temos verificado, a predominância da cerâmica comum romana é transversal aos contextos dos séculos V/VI, já observada na UE218 da Fase 4 e na UE152 da Fase 3. A essa circunstância podemos associar uma outra, relacionada com a abundante presença de grandes fragmentos de peças de armazenagem, representados por potes e *dolia* (Gráfico 17).

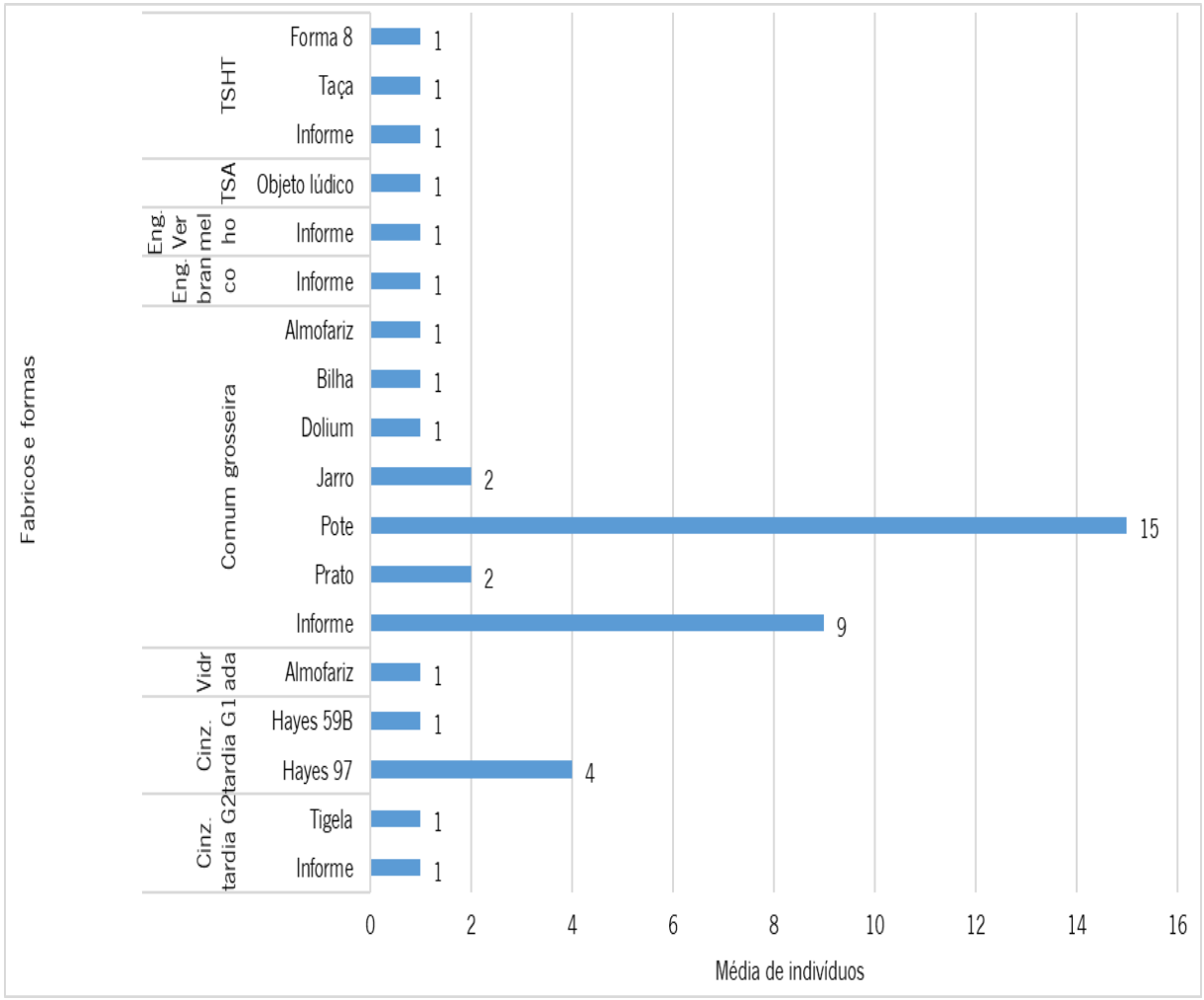


Gráfico 18. Média de indivíduos das cerâmicas tardias por fabricos e formas (amostra: 45).

Diferentemente dos contextos anteriores, a UE258 apresentou um conjunto de recipientes de mesa produzidos em cerâmica comum romana, no qual estão incluídos os pratos, jarros e bilhas, assim como peças que se adequam maiormente à função de armazenamento, como os potes e *dolia* e recipientes de preparação de alimentos, designadamente os almofarizes, que se encontram representados nas variantes com e sem o revestimento vidrado interno. O restante material assinala a baixela destinada ao consumo individual ou coletivo, registando-se uma variedade bastante interessante e reconhecendo-se uma imitação de prato na forma Hayes 59B e de tigela na forma Hayes 97, em cinzenta tardia, grupo 1, enquanto o grupo 2 está representado por uma tigela. O único fragmento de sigilata de origem africana, em Clara D, foi reaproveitado como um objeto lúdico, enquanto as hispânicas tardias estão presentes em duas taças, uma delas com a forma Hisp. 8 (Gráfico 18).

Braga												
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão												
Enchimento que recobre a habitação tardia para a implantação da muralha medieval												
S12 - UE275												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2	Bilha		1					40,00	0,19	1	1
Totais				1					40,00	0,19	1	1

Tabela 12. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE275, S12, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

O contexto definido pela UE275 (Tabela 12), também enquadrado na Fase 4, corresponde ainda ao enchimento que recobre as ruínas da *domus* para a implantação da muralha alto-medieval. Ao contrário das UEs 218 e 258, este contexto apresenta, exclusivamente, um fragmento de bilha associada ao grupo 2 da cerâmica cinzenta tardia.

Braga												
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão												
Nível de destruição das estruturas medievais.												
S3 - UE075												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de tradição indígena						2	2		175,20		4	2
TSH					1		1		11,00		2	1
TSA	Clara D				1				10,30	0,12	1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Principado						1		3,80		1	1
	Tardio				1				20,10	0,38	1	1
Ânfora	*Baetica*	Haltern 70			1				190,40		1	1
							3		264,30		3	1
	Lusitania			1					44,20		1	1
Cerâmica comum romana	Fina						3	1	17,30		3	1
	Grosseira	Jarro		2					45,00	0,16	2	2
		Objeto lúdico	1						22,20	0,58	1	1
		Pote		8					62,30	0,67	8	8
					8	1	39		771,20	1,10	48	8
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2			1	1		3		63,30	0,10	5	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1				1		3		66,70		4	1
	Gaspar 2				1		3		39,80	0,08	4	1
	Gaspar 3						4		14,60		4	1
	Gaspar 4						1		4,90		1	1
	Gaspar 5				1				25,80	0,28	1	1
Material de construção	Romano						4		4,90		4	4
Totais			1	12	16	3	67	1	1857,30	3,45	99	39

Tabela 13. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE075, S3, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

Ainda que algumas estruturas medievais tenham sido identificadas nesta zona arqueológica, correspondendo a paredes implantadas sobre muros romanos, a construção da habitação moderna e, muito provavelmente, as transformações no tecido urbano deste setor da cidade, que ocorrem com a criação da rua Frei Caetano Brandão, estarão na origem de profundos remeximentos de terras para a

implantação das novas fundações e dos sistemas de abastecimento e drenagem (Martins & Ribeiro, 2013). Isso levou a que os contextos medievais dessa zona arqueológica tivessem sido profundamente perturbados, impossibilitando qualquer seleção de níveis correspondentes ao período entre o século VIII e aos inícios da Baixa Idade Média.

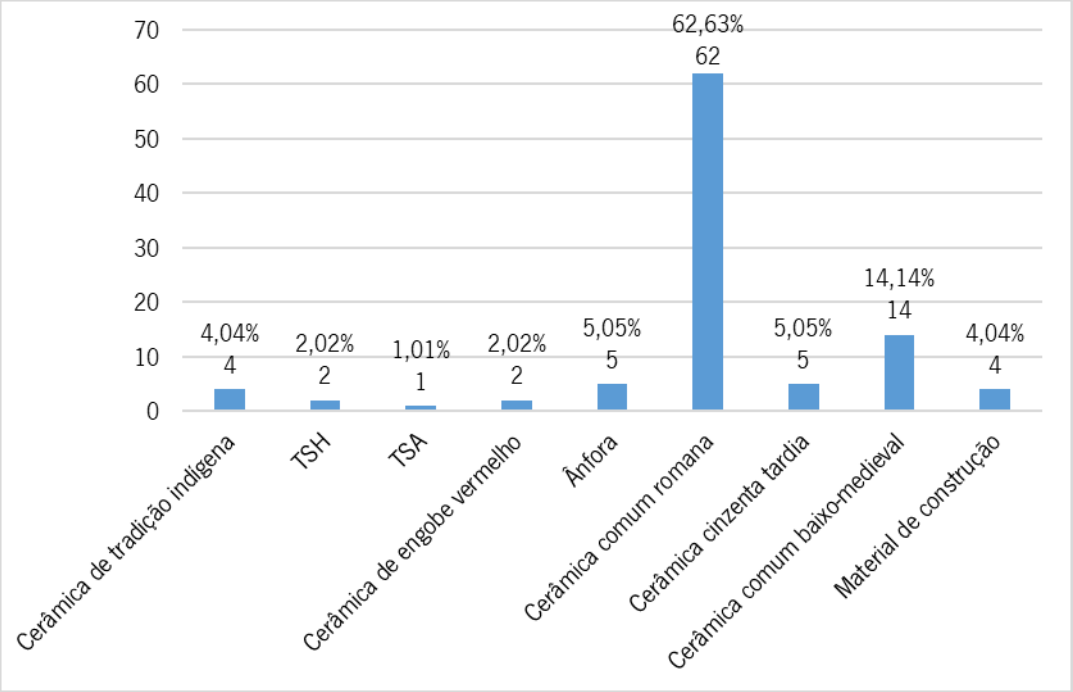


Gráfico 19. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 99).

No entanto, foi possível individualizar dois contextos associados a reformas tardo-medievais. O primeiro deles, corresponde a um nível de destruição das estruturas medievais (UE075) (Figura 17), que apresenta um espólio ceramológico que evidencia esses remeximentos de níveis anteriores (Tabela 13), percetível pela presença de cerâmicas produzidas entre os momentos fundacionais da cidade e a Antiguidade Tardia, a que se somam elementos tardo-medievais (Gráfico 19).

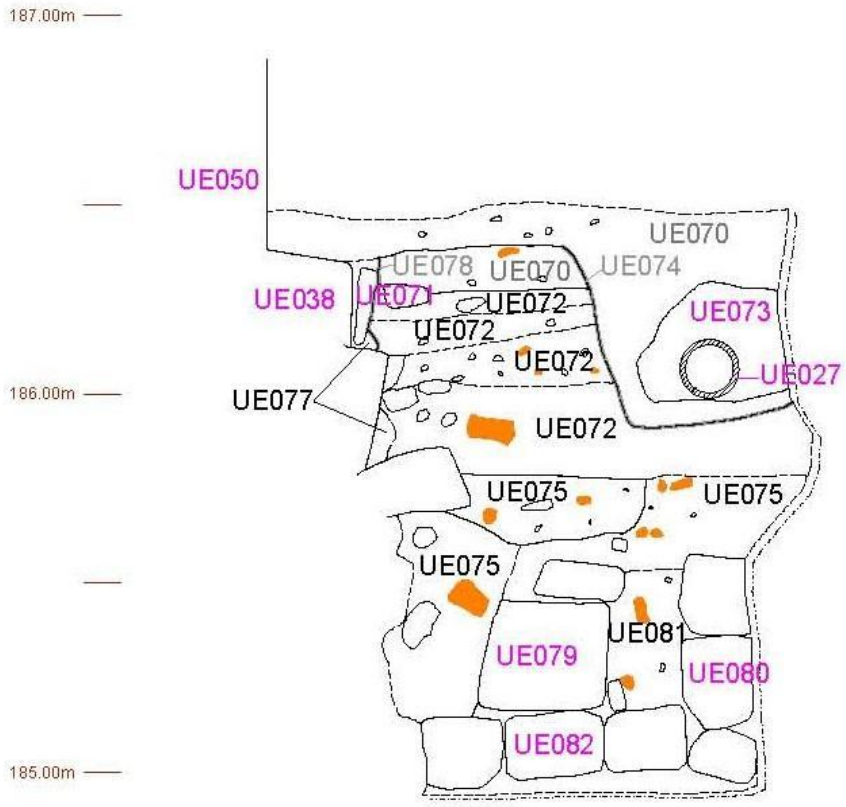


Figura 17. Registo do perfil oeste da sondagem 3, onde está documentada a UE075 (©UAUM).

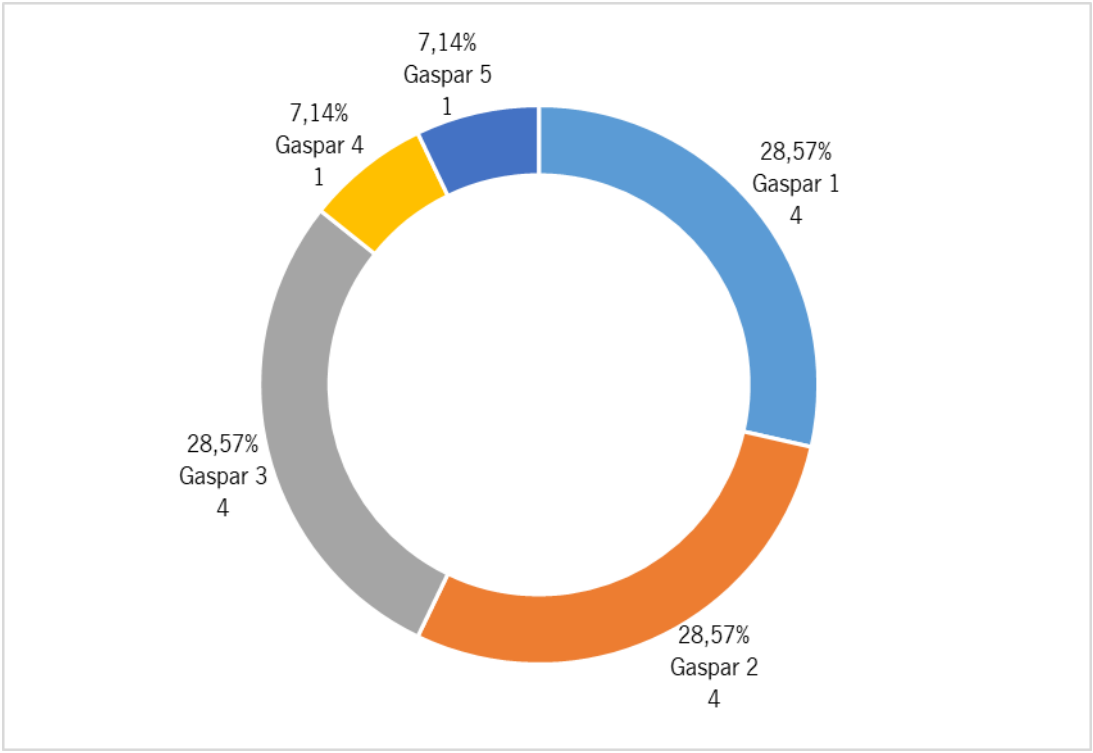


Gráfico 20. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico tardo-medievais (amostra: 14).

No que concerne aos materiais tardo-medievais, que correspondem à Fase 5, o contexto da UE075 fornece 14 fragmentos enquadráveis nos fabricos identificados por Alexandra Gaspar. Nessa coleção estão presentes todos os cinco grupos, ainda que pouco representados, com um máximo de 1 indivíduo cada (Gráfico 20). Fica registado, entretanto, a ausência das peças que foram introduzidas na cidade ao longo do século XV e, principalmente no século XVI, como os vidrados, faianças e as loiças vermelhas.

Braga												
BRA16RFCB166-168 - escavação no lote nºs 168-168 da rua Frei Caetano Brandão												
Enchimento de uma fossa com função desconhecida.												
S8, S10 - UE193												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
TSH							1		8,20		1	1
TSA	Clara D	Hayes 91D		1					14,00	0,08	1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Principado						1		12,20		1	1
	Tardio						1		4,80		1	1
Ânfora	*Baetica*	Haltern 70				1			251,20		1	1
							1		32,90		1	1
Cerâmica comum romana	Grosseira	Dolium					1		224,40		1	1
		Objeto lúdico	2						17,3		2	2
		Jarro		1					5,10		1	1
		Talha					1		286,20		1	1
				2	2	1	14	1	274,20	0,29	19	2
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 2			1			3	3	38,70	0,06	4	1
	Gaspar 3			2	5	1	7		264,80	0,70	15	5
	Gaspar 4				2		9	2	178,90	0,13	13	2
Material de construção	Romano	Molde					1		431,10		1	1
							1				1	1
Totais			2	7	9	3	41	6	2044,00	1,25	64	23

Tabela 14. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE193, S8, S10, da zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

O enchimento UE193 está associado a uma fossa de funcionalidade desconhecida (Figura 18) que forneceu materiais em tudo bastante semelhantes ao contexto anteriormente analisado (UE075), apresentando um conjunto de materiais bastante diversificado, cujo amplo arco cronológico evidencia profundas movimentações de terras provenientes de níveis mais antigos (Tabela 14). Com efeito, para além das cerâmicas tardo-medievais, foram identificados fragmentos de *terrae sigillatae* e de peças de engobe vermelho, produzidas tanto no Principado como no período tardo-antigo, bem como fragmentos de ânforas, de materiais de construção e de diferentes recipientes em cerâmica comum romana (Gráfico 21).

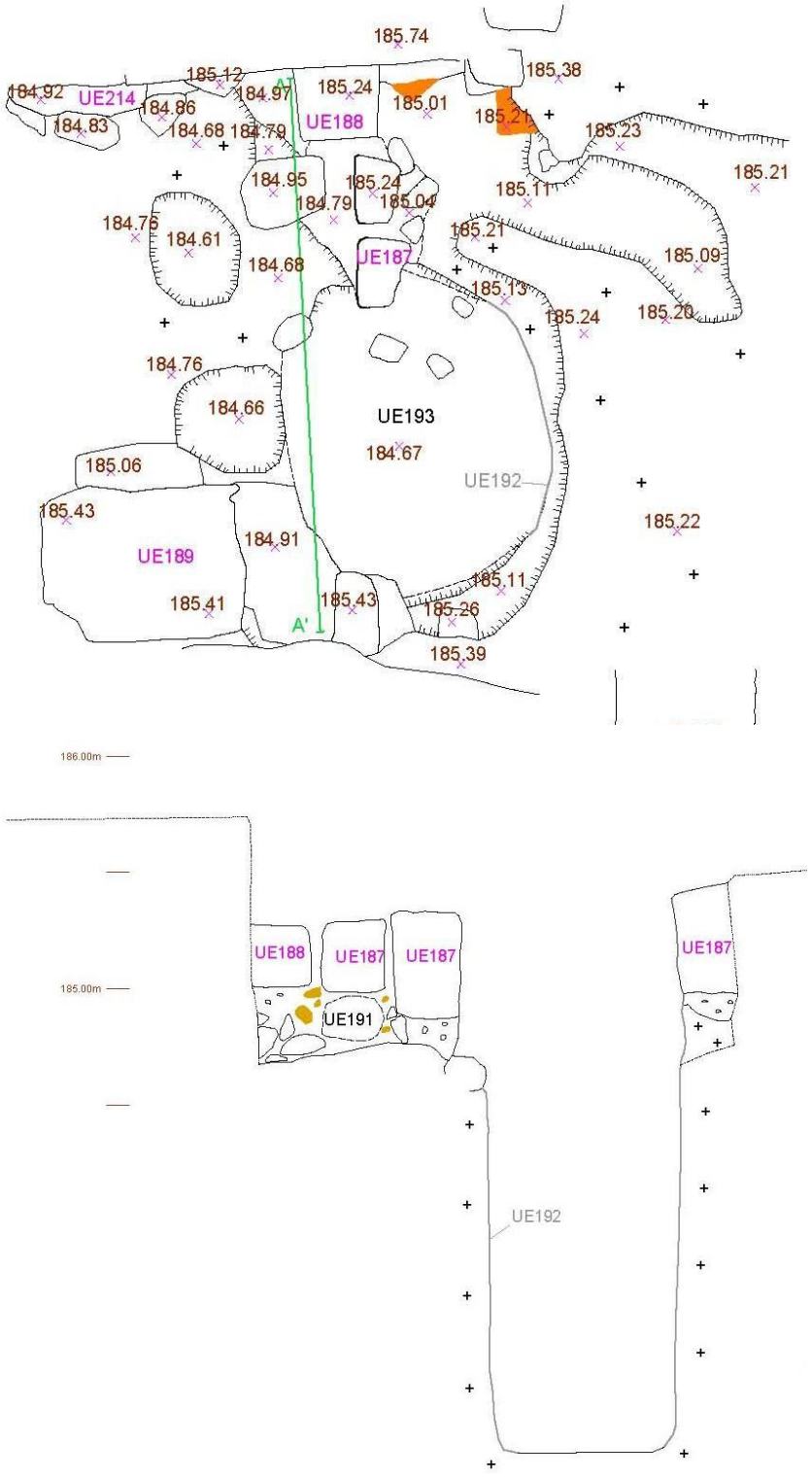


Figura 18. Plano (sup.) e corte (inf.) com a fossa UE192, cujo enchimento foi individualizado com a UE193 (©UAUM).

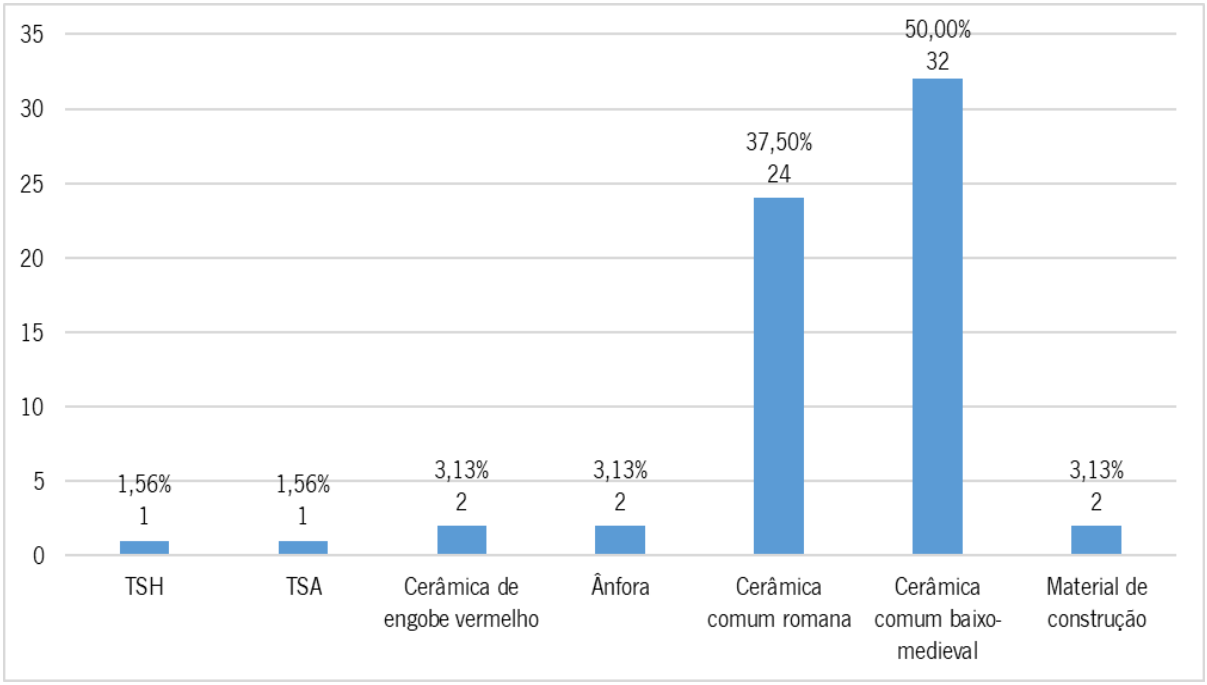


Gráfico 21. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 64).

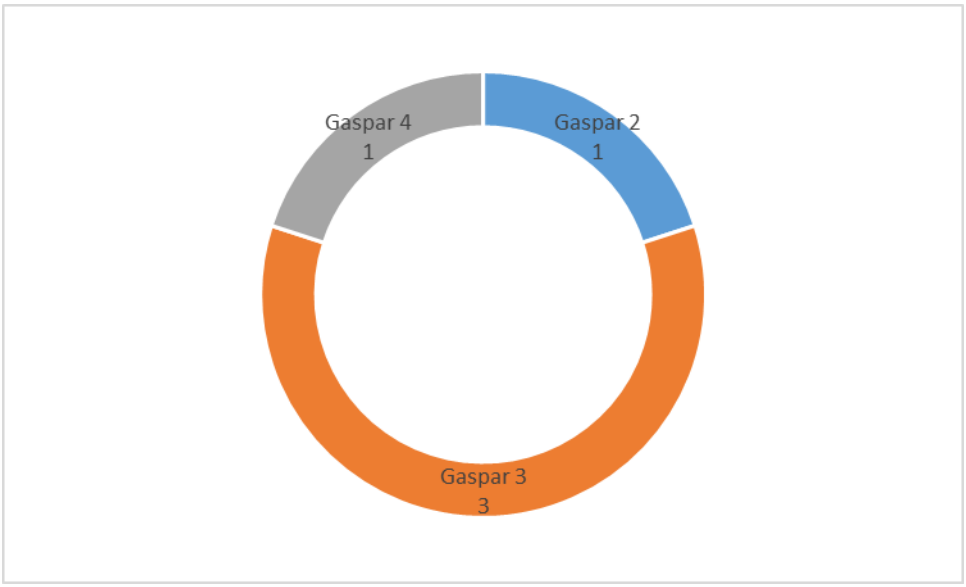


Gráfico 22. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais por grupos de fabrico (amostra: 5).

Por sua vez, as cerâmicas tardo-medievais exumadas no contexto da UE193 estão associadas apenas aos grupos de fabrico 2, 3 e 4 identificados por Alexandra Gaspar. Importa referir a mesma observação que fizemos sobre o contexto UE075, anteriormente avaliado, relativamente à ausência de recipientes vidrados, faianças e loiça vermelha, circunstância que sugere para os dois contextos uma cronologia anterior ao século XVI, a qual poderá relacionar-se com a Fase 5, datada dos séculos XIV/XV e associada às transformações decorrentes da construção da muralha fernandina (Gráfico 22).

3.3 A ZA do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago

3.3.1 Historiografia

3.3.1.1 Enquadramento espacial

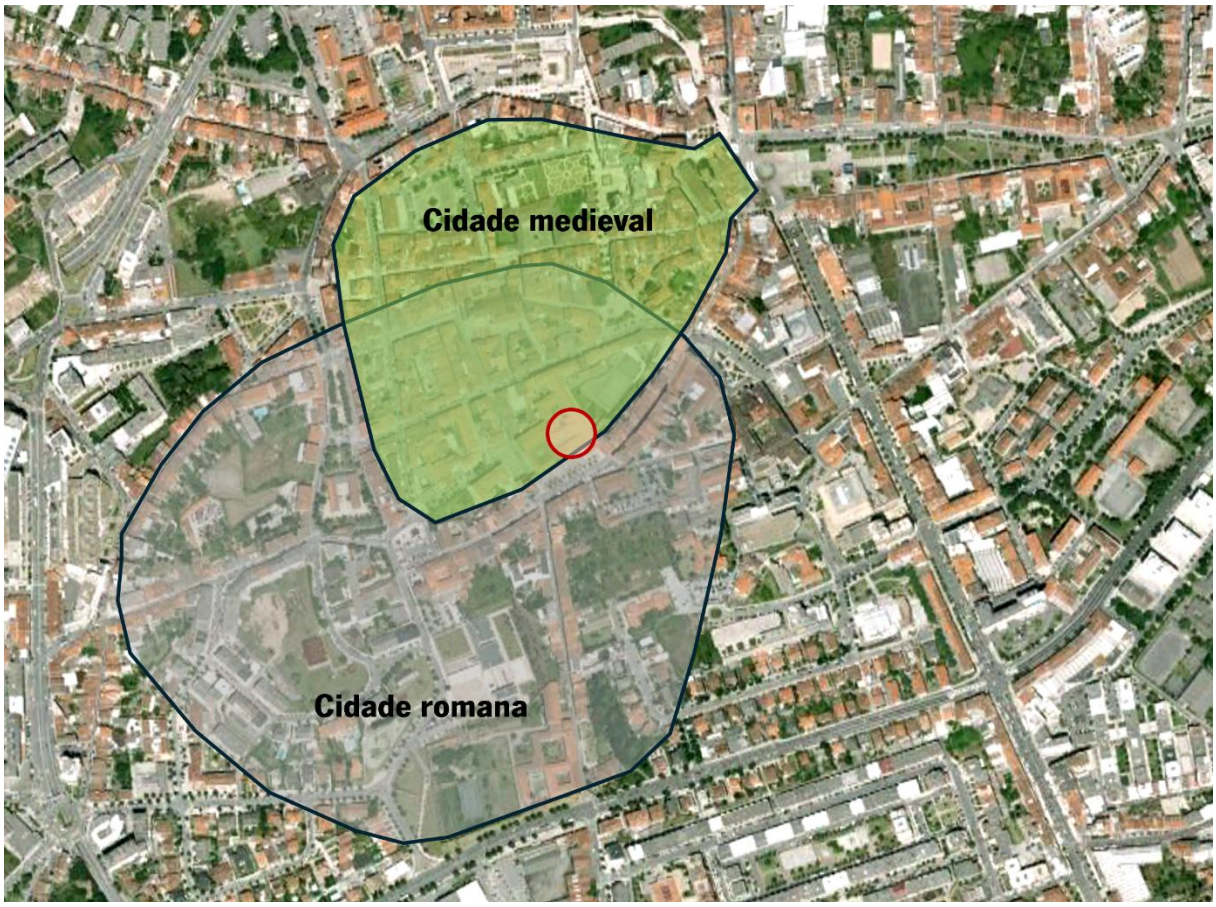


Figura 19. Localização da ZA do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago (©UAUM).

A zona arqueológica conhecida por Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo e Museu Pio XII, também referido por Seminário de Santiago (Figura 19), corresponde aos terrenos da cidade de Braga, integrados naquele Seminário e no anexo Museu Pio XII, que se dispõe a nascente, um imponente e valioso conjunto de equipamentos construídos no Largo de Santiago, um dos campos abertos por D. Diogo de Sousa, nos inícios do século XVI.

O edifício do Seminário Conciliar recobre terrenos que se integravam no quadrante nordeste da cidade romana e tardo antiga, sendo delimitado a sul pelo segmento oriental do decumano máximo romano, que se encontra fossilizado na atual rua do Alcaide, eixo que ficou fora da cidade medieval. Na verdade, a linha da cerca medieval foi integrada no edifício do Seminário, tendo dela sido encontrados vestígios nas escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia na cerca do Seminário, a nordeste do conjunto edificado (Ribeiro, 2008).

As evidências arqueológicas conhecidas do Seminário, que recuam aos anos 60 de século XX, testemunham que o amplo edifício assenta sobre importantes restos de construções romanas, que terão conhecido também uma ocupação tardo antiga, documentando ainda a ausência de ocupação medieval sobreposta àqueles vestígios.

3.3.1.2 Historial das intervenções realizadas

Em 1966, o Cónego Luciano dos Santos, então Reitor do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo, identificou ruínas romanas no decorrer de obras de melhoramento do claustro daquele Seminário, tendo procedido então a amplos desaterros do sítio, que puseram a descoberto as estruturas atualmente visíveis, correspondentes ao peristilo de uma *domus* romana. Posteriormente, entre 1984 e 1985, foram realizados novos trabalhos arqueológicos no local, dirigidos por Manuela Delgado e Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM), que visaram a limpeza e consolidação das estruturas o claustro, tendo sido realizado um levantamento topográfico rigoroso das ruínas descobertas até então. A área arqueológica, com cerca de 224m^2, apesar de pequena, oferece um interessante conjunto de estruturas bem preservadas e de fácil compreensão, que correspondem ao peristilo de uma *domus*, com um tanque central que possuía um mosaico com representações de fauna marinha. São igualmente visíveis os vestígios do pórtico que rodeava a área aberta do peristilo e os indícios de um compartimento aquecido que foi identificado aquando dos trabalhos arqueológicos de 1984/85. Os restantes espaços da *domus* encontram-se sob o atual edifício do Seminário, como viria a ser documentado com as sondagens realizadas em 2016.

Em outubro de 2011, os responsáveis do Seminário decidiram realizar a requalificação do claustro e dos vestígios romanos que nele se encontravam, tendo para o efeito solicitado a colaboração da UAUM para a indispensável realização de trabalhos de valorização e interpretação das ruínas, tendo em vista a sua mais adequada visitação.

Alguns anos mais tarde, em 2015, surgiu a ideia de se realizar um acesso às ruínas do claustro através do Museu Pio XII, hipótese que implicava a avaliação da natureza dos vestígios conservados no subsolo do corredor por onde se pretendia fazer a articulação entre os dois espaços, o que foi garantido através de prospeção geofísica e posteriores sondagens arqueológicas. A prospeção geofísica evidenciou anomalias correlacionáveis com a presença de estruturas arqueológicas, cuja caraterização específica implicou a realização de sondagens arqueológicas, que decorreram entre fevereiro e março de 2016.

Assim, os trabalhos arqueológicos de 2016 inseriram-se no âmbito de um ambicioso 'Projeto de Reabilitação do Claustro e da *domus* romana no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo', que

pretendia assegurar a revalorização do conjunto de ruínas romanas do claustro, através de uma nova cobertura e de uma adequada contextualização dos vestígios, tendo em vista torná-los mais compreensíveis para o público, através da criação de um núcleo arqueológico interpretado. O projeto pretendia ainda criar uma maior articulação entre as ruínas e o acervo arqueológico do Museu Pio XII, garantindo uma adequada integração dos dois conjuntos patrimoniais, sob tutela da Arquidiocese de Braga.

3.3.2 As fases de ocupação

Os dados fornecidos pelas 8 sondagens arqueológicas realizadas na zona arqueológica em 2016 foram objeto de uma análise detalhada, tendo a sua interpretação e cronologia sido sistematizada e contextualizada com o conhecimento disponível sobre a ocupação romana do quadrante nordeste da cidade romana e com a documentação textual e cartográfica moderna e contemporânea, disponível para aquela zona da cidade (Figura 20). De particular interesse foi a cartografia histórica bracarense que permitiu analisar as modificações arquitetónicas no edificado daquela área da cidade. Os resultados da intervenção arqueológica foram vertidos do relatório final dos trabalhos, editado em acesso aberto (Martins *et al.*, 2017c).



Figura 20. Planta interpretada da zona arqueológica do Seminário de Santiago (©UAUM).

A primeira fase identificada nas escavações corresponde aos finais do século III, inícios do IV, estando associada à remodelação da *domus,* parcialmente identificada nos anos 60 do século XX, cujos vestígios se encontram visíveis no claustro do Seminário. Referimo-nos a três muros (UE140, 150 e 181) e dois pavimentos (UE122 e 125). Nesta fase a *domus* conheceu uma reforma do peristilo e beneficiou da construção de um balneário privado, reconhecido no setor nordeste do claustro, tendo por base os vestígios identificados de um hipocausto (Magalhães, 2019). A construção de um *balneum* anexo ao peristilo terá implicado uma profunda alteração morfológica da área norte envolvente do peristilo, que foi reestruturado, tendo sido encerrado o pórtico nascente.

A segunda fase corresponde cronologicamente aos séculos VIII-XII, ou seja, à alta Idade Média, associando-se ao abandono da área da antiga *domus*, que deverá ter sido ocupada ainda com funções residenciais entre os séculos V e VII, tendo em conta os materiais presentes na camada de nivelamento

que recobria o enchimento da vala de saque (UE142) do muro UE140 (sondagem 1), onde se registou um conjunto diversificado de espólio cerâmico com cronologia baixo-imperial e tardo antiga. Também os níveis de destruição (UE191) e de incêndio (UE189), identificados na sondagem 7, estão associados ao abandono do espaço da antiga *domus*. Associado ao período de transição entre o mundo antigo e o medieval temos um pavimento (UE112), identificado na sondagem 2, constituído por seixos de pequena e média dimensão e fragmentos de material de construção, o qual assentou sobre o pavimento (UE125) de um eixo viário, repavimentação que sugere que o mesmo continuou a ser utilizado ao longo do período tardo-antigo e alto medieval.

O espólio cerâmico associado a esta fase permite datar o abandono da área ocupada pela *domus* de Santiago posteriormente ao século VII, cronologia que se coaduna com os dados disponíveis para outras zonas arqueológicas, designadamente da Escola Velha da Sé (Mendonça, 2019), ou do ex-Albergue Distrital (Torres, 2014), onde o abandono definitivo dos quarteirões e das unidades habitacionais terá ocorrido a partir do século VIII, estando assinalado por grandes saques das estruturas, destinados a obter material de construção para a construção da muralha alto medieval, datada presumivelmente dos séculos VIII/IX (Ribeiro & Fontes, 2015, p. 37).

A terceira fase corresponde à construção da muralha fernandina nos séculos XIV/XV. Embora a muralha não tenha sido diretamente identificada, pois o seu traçado coincide com a atual fachada do Seminário, virada ao Largo de Santiago, foi possível reconhecer níveis de ocupação com ela correlacionados cronologicamente. Assim, acontece com a UE095, correspondente a um nível de pavimentação de um eixo viário que corria do lado interior da muralha, que tem como enchimento de nivelamento a UE097, com materiais cerâmicos datáveis entre o período romano e o medieval. A esta fase atribui-se a construção do muro representado pela UE133, de cronologia baixo medieval evidenciada pelo enchimento da sua vala de fundação (UE118). A esta fase pertence também um piso em argila (UE113), um possível nível de circulação ao qual se associam diversos enchimentos de nivelamento (UEs115, 116, 117), articulado com o muro identificado com a UE133.

A quarta fase de ocupação está associada à construção do Colégio de S. Paulo, correspondente ao século XVI, representado no Mapa de Braunio, de 1594, que possuía uma localização privilegiada, situando-se junto a uma das entradas principais da cidade, a Porta de Santiago. Fundado em 1509 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, com o propósito de albergar os Estudos Públicos da cidade, iniciados em 1531 (Soares, 2011: 547), o seu programa só se viria a concretizar-se plenamente graças ao arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, responsável pela construção da maior parte do complexo edificado. Do original edifício quinhentista identificaram-se vestígios correspondentes aos muros das fachadas este e

norte, caracterizados, respetivamente, pela UE013 (sondagem 3) com orientação S/N e pela UE084 (sondagem 2), orientado O/E. A estas fases podem ainda ser atribuídas algumas estruturas hidráulicas associadas ao sistema de drenagem do colégio, referenciadas pelas UEs 017, 018 e 019 (sondagem 5), pelas UEs060, 061, 062 (sondagem 8) e pelas UEs169 e 170 (sondagem 7).

A quinta fase de ocupação corresponde aos finais do século XVI/XVII, associando-se à ocupação da área envolvente da igreja de S. Paulo, cuja construção foi iniciada em 1567, tendo sido consagrada em 1588 (Guerreiro *et al.,* 2011, p. 15). O referido edifício encontra-se representado no Mapa de Braunio, onde aparece articulado com o Colégio de S. Paulo, conjunto que desenha uma planta em U, sendo fechado a norte pela igreja de S. Paulo e a sul pela muralha medieval. A esta fase pertencerá uma calçada (UE026) que se sobrepõe a um outro nível de pavimentação mais antigo (UE058). Ambas devem corresponder a repavimentações de uma rua que ladeava a igreja de S. Paulo pelo lado sul.

A sexta fase corresponde ao século XIX, associando-se com os vestígios relacionados com as obras efetuadas em 1880, quando o Colégio de S. Pedro foi transferido do Campo da Vinha para o Colégio de S. Paulo, passando a chamar-se de Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo, transferência que decorreu na prelatura de D. João Crisóstomo, tendo sido realizadas obras de restauro nos edifícios pré-existentes (Costa, 1984, p. 164). Estes factos associam-se à mudança na tutela dos edifícios do Colégio de S. Paulo, ocorrida o ano de 1759, devido à extinção da Companhia de Jesus, tendo aí sido instalado o colégio feminino da Ordem das Ursulinas, que aí teve assento entre 1785 e 1878 (Guerreiro *et al.*, 2011, p. 11). Em 1884, D. António Freitas Honorato promulgou o edital que obrigava os alunos do Seminário ao regime de internato, o que implicou uma ampliação do edifício (Costa, 1984, p. 164) para norte, relacionando-se esta reestruturação com a abertura da rua d'El-Rei, entre as décadas de 80 e 90 do século XIX, passando o limite norte do Seminário a confrontar a nova rua (Bandeira, 2002).

As únicas evidências arqueológicas detetadas nas escavações associadas a esta fase correspondem a um muro orientado S/N, que representa o limite nascente da área do jardim do novo seminário, referenciado com a UE045 e com um alicerce (UE071) (sondagem 4). A sua vala de fundação (UE069) com o enchimento (UE070) providenciou materiais cerâmicos que podem ser datados do século XIX.

A sétima fase corresponde às obras realizadas no século XX, posteriores à implantação da República, em 1910. A alineação dos bens da Igreja levou a que o edifício do Seminário tivesse passado a albergar o Regimento de Infantaria 29, entre 1911 e 1940 (Costa, 1984, p. 165). Em 1948, o conjunto do Seminário foi devolvido à Igreja, tendo beneficiado com um programa de obras de recuperação nos finais dos anos 60. Associadas às obras efetuadas ao longo do século XX, identificaram-se infraestruturas

hidráulicas, relacionadas com o sistema de saneamento e abastecimento e outras associadas com a condução de cabos elétricos. Foram ainda identificados aterros (UEs022 e 023) que se relacionam com as obras realizadas no edifício do Seminário Conciliar de S. Paulo e S. Pedro. Na área do claustro foram individualizados aterros relacionados com as escavações efetuadas pelo Cónego Luciano dos Santos, em 1966, as quais permitiram exumar os vestígios de um peristilo de uma *domus* romana, que é conhecida por *domus* de Santiago.

A oitava fase corresponde à reforma dos jardins do Seminário que decorreu em 2000, relacionando-se com reestruturação das áreas abertas, abrangendo o jardim do Seminário e o jardim do Museu Pio XII. Assim, os níveis arqueológicos mais recentes, identificados nas escavações, correspondem à área ajardinada do Museu Pio XII, tendo sido identificados pisos e infraestruturas articuladas com a instalação de um conjunto de canteiros elaborados em granito.

3.3.3 Os materiais

Da longa sequência estratigráfica identificada na zona arqueológica do Seminário de Santiago, selecionamos três contextos que importa valorizar. Trata-se dos níveis que abandono e entulhamento da *domus* romana, de repavimentações de um *decumanus*, no período tardo-antigo, de estruturas relacionadas com a construção da muralha fernandina, na Baixa Idade Média e da construção do Colégio de S. Paulo, no século XVI, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa.

Os contextos analisados correspondem: à UE111, um nível de aterro que inutilizou as estruturas do peristilo da *domus* entre os séculos VI–VIII; à UE123, que define uma repavimentação do *decumanus* D5, datável do mesmo período; às UEs097 e 116, que são equivalentes, correspondendo a enchimentos de preparação para assentar um pavimento (UE095) de um eixo viário que corria do lado interior da muralha fernandina, datáveis dos séculos XIV/XV; à UE118 que define o enchimento da vala de fundação de um muro medieval (UE133), com a mesma cronologia; e à UE092, atribuída a um muro do Colégio de S. Paulo que pode ser datado dos inícios do século XVI.

Braga
BRA16SST - Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago
Nível que recobre o peristilo da *domus* do Seminário de Santiago
S1 - UE111

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de tradição indígena							2		40,40		2	1
TSH		Dragendorff 35		1					2,30	0,08	1	1
				1			1		2,50		2	1
TSA	Clara C	Lamb 40		1					31,40	0,11	1	1
							1		15,70		1	1
Cerâmica cinzenta fina polida		Jarro		1					5,20	0,15	1	1
		Tigela		1					5,00	0,09	1	1
							3		10,10		3	1
Cerâmica de engobe vermelho	Tardio			1	1				21,10	0,07	2	1
Cerâmica de engobe branco							1		3,70		1	1
Ânfora	*Baetica* (Guadalquivir)	Haltern 70					3		179,60		3	1
	Asia Minor	LRA					1		20,30		1	1
Cerâmica comum romana	Fina				1				39,10	0,28	1	1
	Grosseira	Pote		5	1				118,6	0,25	6	5
		Testo		1					33,4	0,13	1	1
				1	1	4	26		322,8	0,06	32	4
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2	Caçarola		1					123,80	0,08	1	1
		Jarro		1					13,90	0,05	1	1
		Talha		1					106,40	0,05	1	1
					3	1	28		519,00	0,16	32	3
Material de construção	Romano						4		60,80		4	4
Totais				16	7	5	70		1675,10	1,54	98	33

Tabela 15. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE111, S1, da zona arqueológica do Seminário de Santiago.

Os contextos tardios que selecionámos para análise documentam as transformações arquitetónicas e urbanísticas que essa área da cidade sofreu durante o período suevo e visigodo, correspondente à Fase 2 da sequência analisada no ponto anterior deste trabalho, correspondente ao século IV. O espaço melhor conhecido da *domus* de Santiago é o peristilo, no centro do qual foi identificado um tanque revestido a mosaico com temas marinhos e em cujas salas laterais foi implantado um balneário no século IV, um testemunho da dinâmica de enriquecimento das *domus* naquele período, a que sucedem profundas alterações dos espaços na Antiguidade Tardia, sistematicamente desmantelados para dar origem a novas expressões construtivas residenciais, que são ainda mal conhecidas.

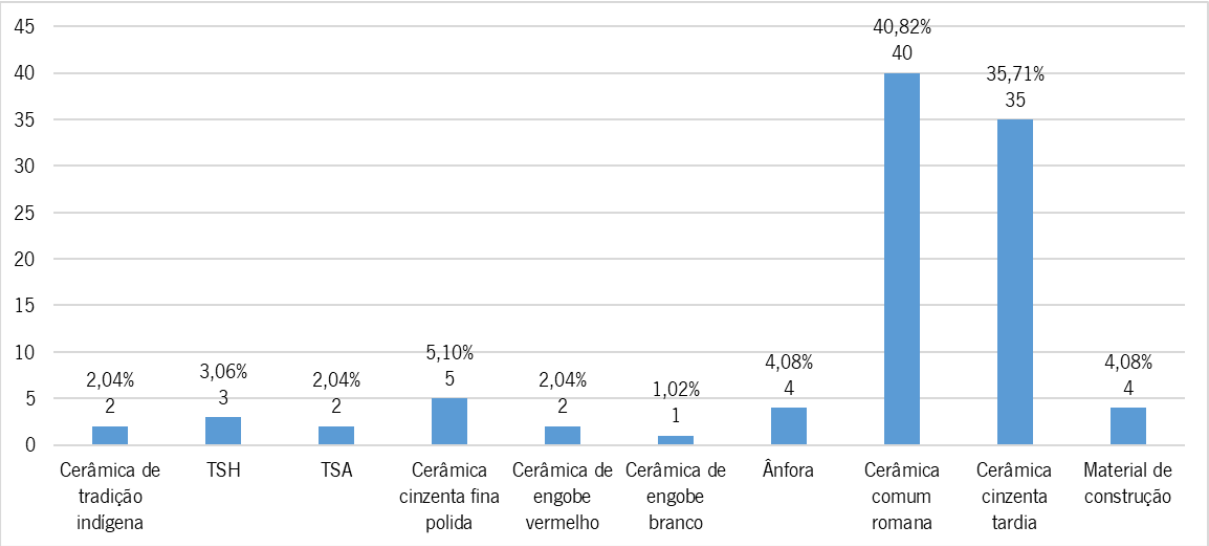


Gráfico 23. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 98).

O nível arqueológico registado como UE111 está associado a um grande aterro que colmatou as estruturas do peristilo da *domus* de Santiago (Figura 21). Esse processo envolveu algum revolvimento (Tabela 15), certamente fruto do desmonte de muros que foram descartados e cujas pedras seriam necessárias às novas construções, tendo em vista a presença de cerâmicas produzidas em épocas bastante antigas, como as de tradição indígena, cinzentas finas polidas e *terrae sigillatae* hispânicas, junto às tardo-antigas, o que pode sugerir que o aterro possa situar-se entre os séculos VIII–IX, quando se constrói a muralha alto-medieval (Gráfico 23).

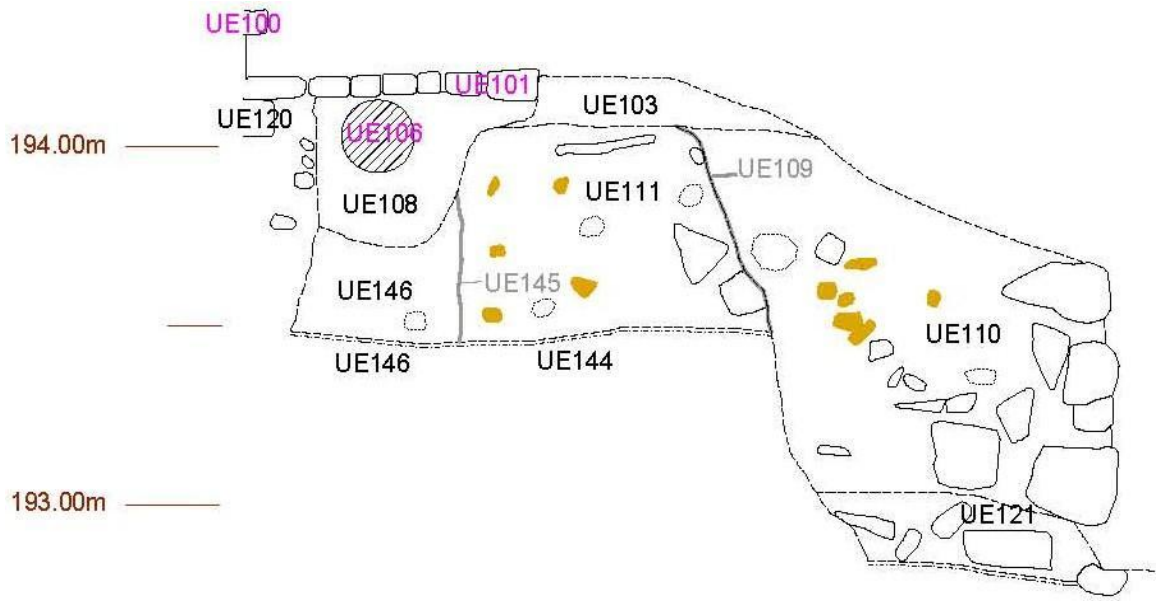


Figura 21. Perfil este da sondagem 1, onde está registada a camada UE111 (©UAUM).

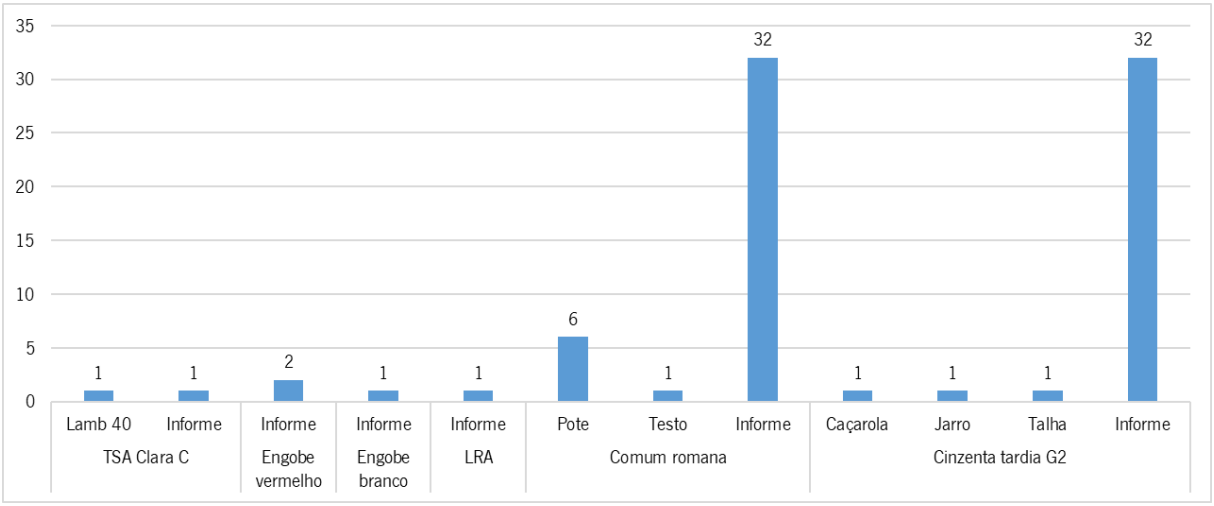


Gráfico 24. Quantidade e percentagem das cerâmicas tardias por fabricos e formas (amostra: 80).

Entre o espólio ceramológico tardio verificámos um quadro cronológico de produções entre os séculos IV–V, no qual estão presentes as sigillatas africana Clara C, engobes vermelhos e comuns romanas, mas, igualmente, os engobes brancos, as LRA e as cinzentas tardias. O repertório formal, por sua vez, apresenta recipientes tipicamente de despensa, como potes e talhas, mas também de mesa, como jarros, caçarolas e pratos (Gráfico 24).

Braga
BRA16SST - Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago
Repavimentação tardia de um *decumanus*
S3 - UE123

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de tradição indígena							4		47,50		4	1
TSH		Dragendorff 15-17		2			3		23,00	0,06	5	2
		Dragendorff 33		1					10,10	0,05	1	1
		Dragendorff 37		1					2,40	0,08	1	1
		Objeto lúdico	1						5,90	0,40	1	1
				8	17		49		229,50	1,38	78	17
Cerâmica bracarense		Lucerna					1		1,40		1	1
				1		1	4		20,80	0,15	6	1
Cerâmica de engobe vermelho	Principado	Pote		2			1		27,00	0,15	3	2
		Prato		1					15,30	0,06	1	1
		Taça		1					25,40	0,03	1	1
					3		2		41,50		5	3
	Tardio	Pote		1					8,10	0,08	1	1
		Púcaro		1					4,70	0,11	1	1
				1	2	2	15		151,60	0,06	2	2
Ânfora	*Baetica*						4		359,00		4	1
Cerâmica comum romana	Fina			13	14	11	122	5	1071,80	3,92	161	14
	Grosseira	Almofariz		1					172,60	0,18	1	1
		Dolium		2	2		5		2477,80	0,39	9	2
		Jarro		3					35,70	0,20	3	3
		Peso	4						1100,50		4	4
		Pote		15					146,30	0,94	15	15
		Prato		1					145,10	0,13	2	1
		Talha		1					121,00	0,08	2	1
		Testo	4						46,90	0,24	7	4
		Tigela		1					135,80	0,21	2	1
					17	8	249		3962,80	2,88	275	17
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1						2		6,00		2	1
	Grupo 2	Prato		1					54,00	0,06	1	1
Material de construção	Romano						2		1529,60		2	1
Totais			9	58	55	22	463	5	11979,10	11,80	601	103

Tabela 16. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE123, S3, da zona arqueológica do Seminário de Santiago.

Outro fenómeno tardio documentado nessa zona arqueológica foi a repavimentação de um eixo viário, o *decumanus* D5 (Figura 22), uma das ruas que ladeava o *forum* a norte (Martins *et al.*, 2017). A manutenção daquele eixo em época tardo-antiga justifica-se considerando que a cidade se encontrava ainda extensamente ocupada, muito embora o fim da administração romana dos inícios do século V tenha determinado a perda de importância das áreas próximas do fórum, anterior centro político e jurídico, em benefício do novo centro de poder que terá emergido nas imediações da basílica, na periferia nordeste da cidade, o que levou a uma condenação a prazo de parte significativa da cidade (Martins *et al.*, 2018).

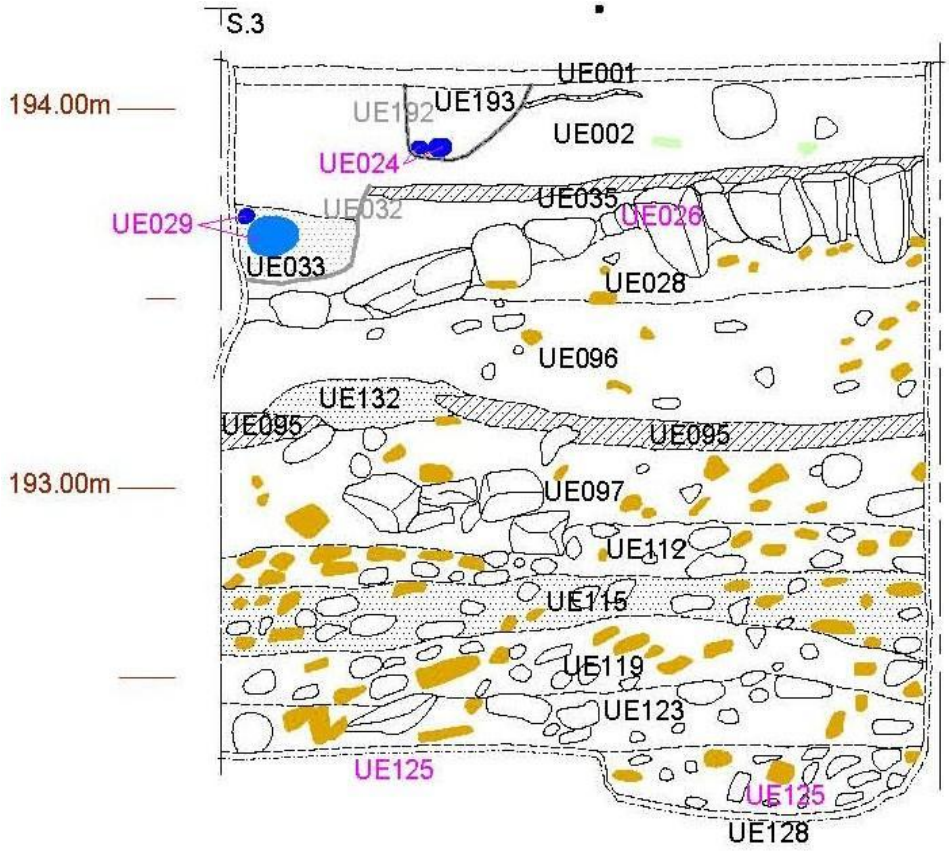


Figura 22. Corte onde estão registados os contextos UEs097 e 123 (©UAUM).

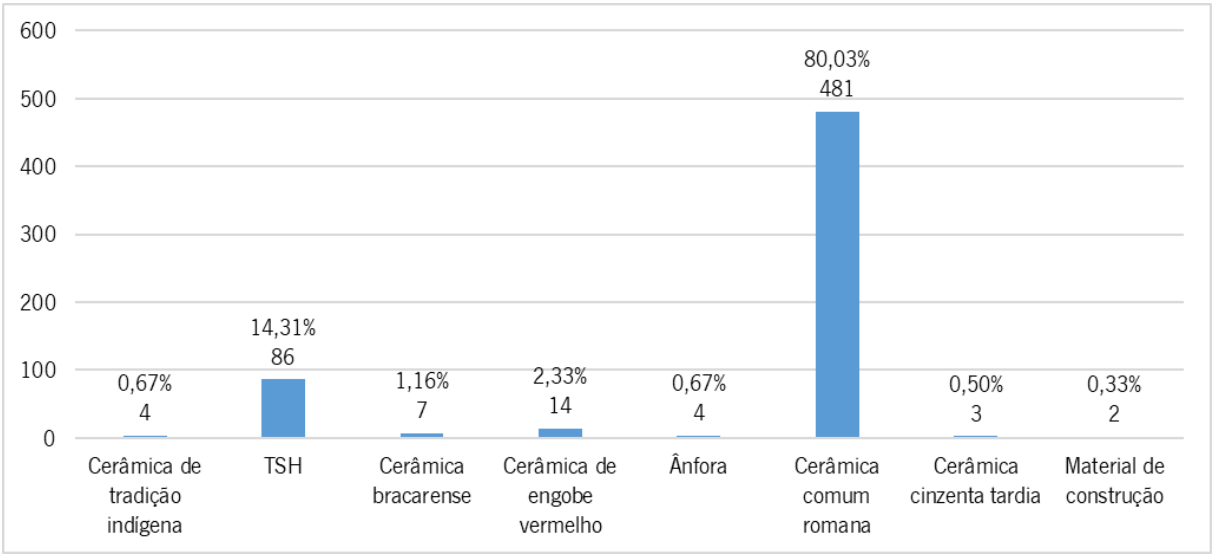


Gráfico 25. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 601).

O espólio ceramológico proveniente de um dos níveis de preparação associado à uma repavimentação do *decumanus*, individualizado com a UE123 (Tabela 16), apresenta uma coleção bastante interessante de materiais. De facto, se deixarmos de lado as peças mais antigas, que apenas

reiteram os movimentos de terra no âmbito da atividade construtiva, como as cerâmicas de tradição indígena, bracarenses e TSH, dispomos nesta camada de um grupo de fragmentos de peças, datáveis dos séculos IV e V, como os engobes vermelhos, as produções comuns romanas e as cinzentas tardias (Gráfico 25).

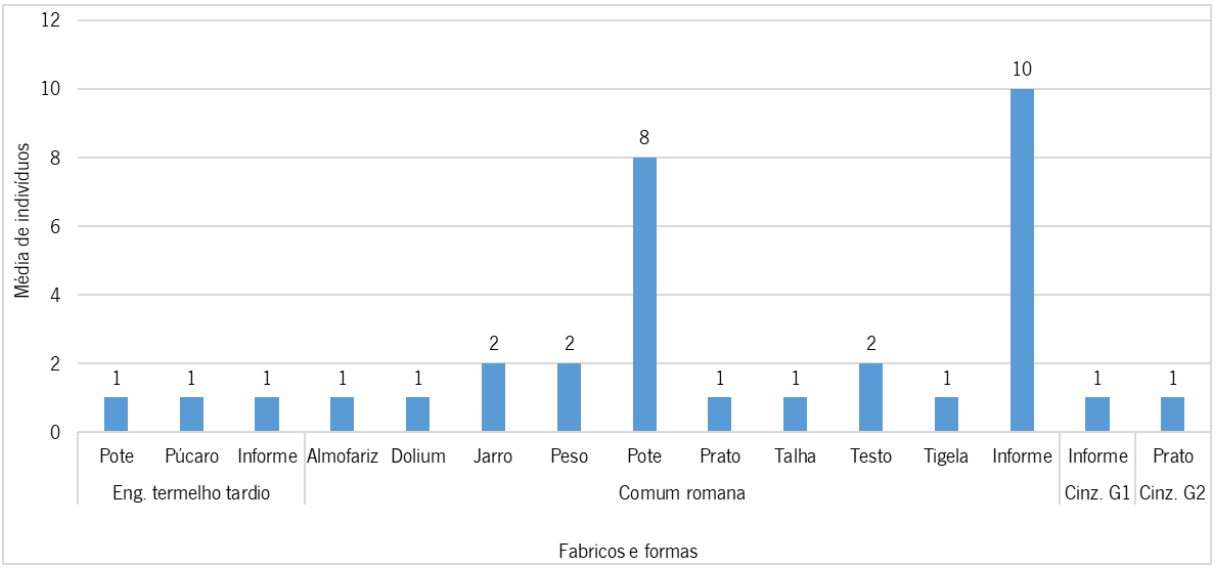


Gráfico 26. Média de indivíduos das cerâmicas tardias por fabricos e formas (amostra: 34).

A média de indivíduos representados demonstra o claro predomínio das produções comuns romanas, com 29 peças, enquanto os engobes vermelhos e as cinzentas tardias são mais residuais, com apenas 3 exemplares e 2, respetivamente. Não obstante, as formas das cerâmicas comuns assinalam a versatilidade dos oleiros que produziram esses recipientes, tendo sido identificados pesos de tear, almofarizes, *dolia*, talhas, potes, jarros, pratos e tigelas, enquadrando, assim, quase todas as categorias do material cerâmico, como armazenamento, cozinha, mesa, despensa e funcional. Por sua vez, os demais fabricos apresentam objetos sobretudo associados ao uso de mesa, como um prato, em cinzenta tardia G2 e um púcaro, em engobe vermelho, mas também armazenamento, definido pelo pote igualmente em engobe vermelho (Gráfico 26).

Braga
BRA16SST - Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago
Nível de preparação de um piso de acesso à muralha fernandina
S3 - UE097

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
TSH				1			3		5		4	1
TSHT		Paz Peralta 83		1					10,10	0,12	1	1
Cerâmica bracarense		Lucerna		1					1,50		1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Principado						6		40,40		6	1
Cerâmica de engobe branco					1				0,20	0,10	1	1
Cerâmica comum romana	Tarraconense	Testo					1		18,10		1	1
	Fina			1	1		6		37,90	0,30	8	1
	Grosseira	Pote		4					23,30	0,25	4	4
		Talha		1					111,40	0,08	1	1
				2	9	1	48		830,20	1,12	60	9
Cerâmica vidrada romana		Almofariz					1		5,90		1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1	Prato			1				29,10		1	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1			1	1		1	1	15,70	0,05	3	1
	Gaspar 2	Púcaro		1					4,00	0,03	1	1
							5	2	25,50		5	1
	Gaspar 3						2		7,60		2	1
	Gaspar 4	Pote médio		1					3,50	0,04	1	1
				1			4	1	23,80	0,05	5	1
	Gaspar 5						3	1	9,90	0,18	3	1
Material de construção	Romano						1		52,60		1	1
Totais				15	13	1	81	5	1255,70	2,30	110	31

Tabela 17. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE097, S3, da zona arqueológica do Seminário de Santiago.

A muralha fernandina, construída por fases entre os séculos XIII e XV, representou um grande e importante investimento nas defesas medievais da cidade, transformando a sua morfologia urbana ao integrar no seu perímetro o bairro de S. João do Souto (século XIII) e os terrenos a norte da catedral, onde foi implantado o novo Paço dos Arcebispos (século XIV) (Ribeiro, 2008; Martins *et al.*, 2021). Igualmente significativo foi o investimento realizado para reforçar do troço sul da muralha alto-medieval, que recebeu um novo pano e torreões quadrados (Mendonça, 2019), alguns dos quais só construídos no século XV, como aconteceu com a torre de Santiago, situada na proximidade da zona arqueológica em análise (Ribeiro, 2008).

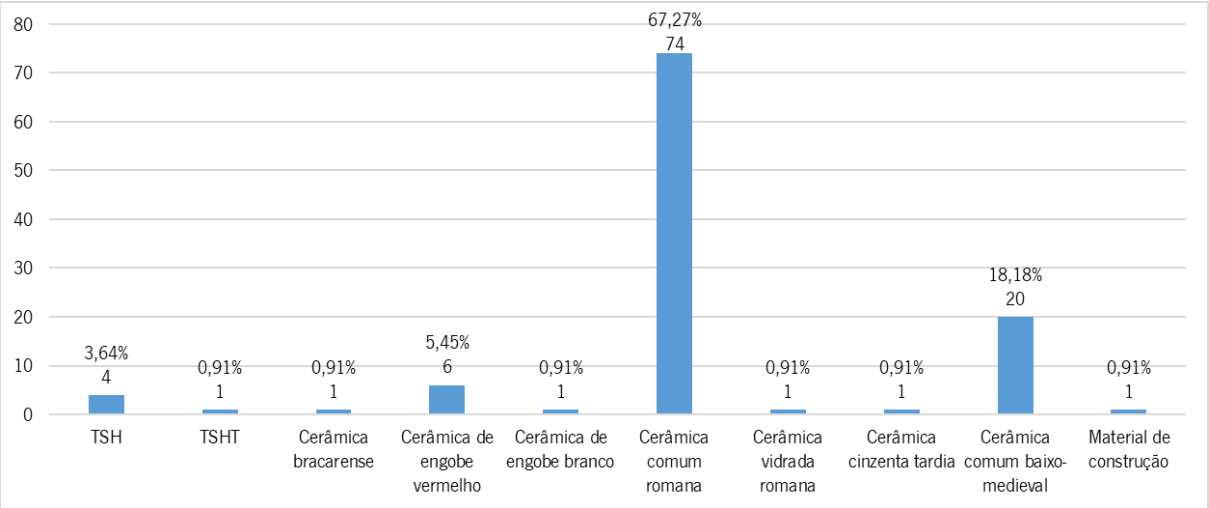


Gráfico 27. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 110).

O amplo movimento reformador da estrutura defensiva de Braga nos finais da Idade Média promoveu ainda um conjunto de ações reparadoras nos caminhos que davam acesso às portas da cerca, como foi documentado nesta zona arqueológica. No nível de preparação para assentar um piso (Figura 22), registado com a UE097 (Tabela 17), junto aos materiais baixo-medievais foram identificadas cerâmicas datáveis do período romano e tardo-antigo, como TSH, TSHT, cerâmica bracarense, engobes vermelho e branco, vidradas, cinzentas e fragmentos de peças de fabricos comuns (Gráfico 27).

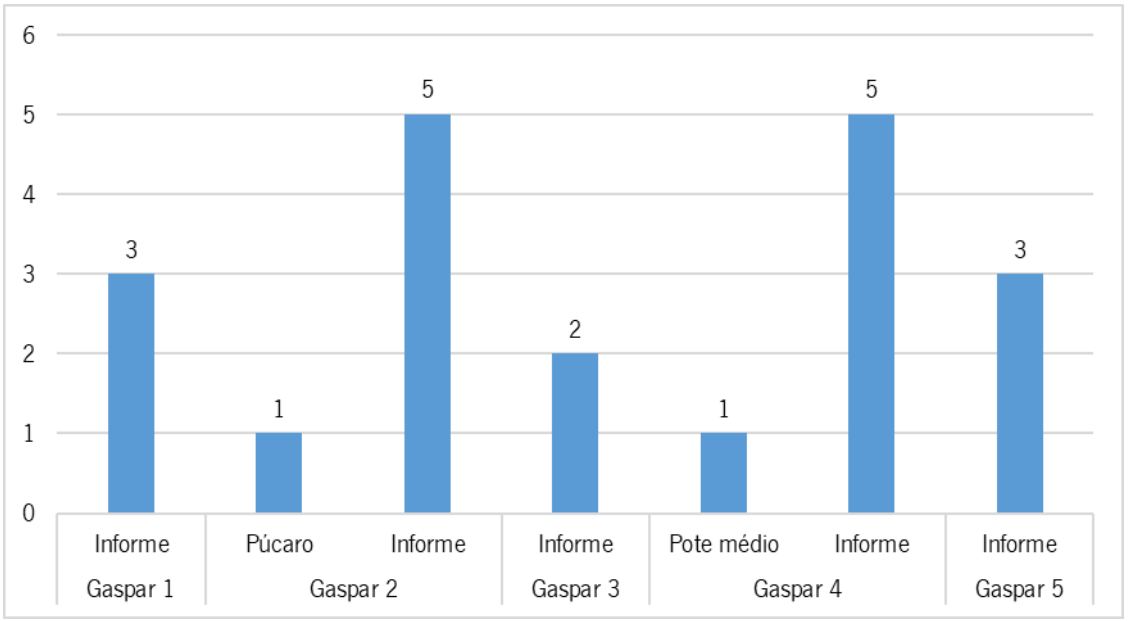


Gráfico 28. Quantidade das cerâmicas tardo-medievais por fabricos e formas (amostra: 601).

A presença exclusiva de peças enquadradas nos grupos de fabrico identificados por Alexandra Gaspar permite inferir uma cronologia baixo-medieval para essa repavimentação, uma vez que todos os cinco grupos propostos estavam presentes na UE097, apesar do baixo número de exemplares de cada um deles. Dentre as formas analisadas, apenas duas foram reconhecidas, designadamente um púcaro, da produção referenciada por Gaspar 3 e um pote médio de fabrico Gaspar 4 (Gráfico 28).

Braga
BRA16SST - Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago
Enchimento de nivelamento para assentar um piso associado à muralha fernandina
S2 - UE116

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum romana	Grosseira					2	6		125,50		8	2
Cerâmica comum alto-medieval				1			1		10,10		2	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1						3	2	11,30		3	1
	Gaspar 2				1	1	4		22,50		6	1
	Gaspar 3	Pote médio		1					8,50	0,09	1	1
							2	2	9,60		2	1
Loiça vermelha	Prado						1		3,80		1	1
Material de construção	Romano						1		30,60		1	1
Totais				2	1	3	18	4	221,90	0,09	24	9

Tabela 18. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE116, S2, da zona arqueológica do Seminário de Santiago.

Na sondagem 2 foi novamente registado um pavimento de acesso à muralha fernandina, razão porque selecionámos para a análise a UE116, correspondente a um enchimento congénere ao anterior (Figura 23). Paralelamente aos materiais de cronologia romana e alto-medieval, enquadrados em fabricos comuns desses períodos, o espólio ceramológico baixo-medieval apresenta diferenças em relação ao verificado na UE097 (Tabela 18).

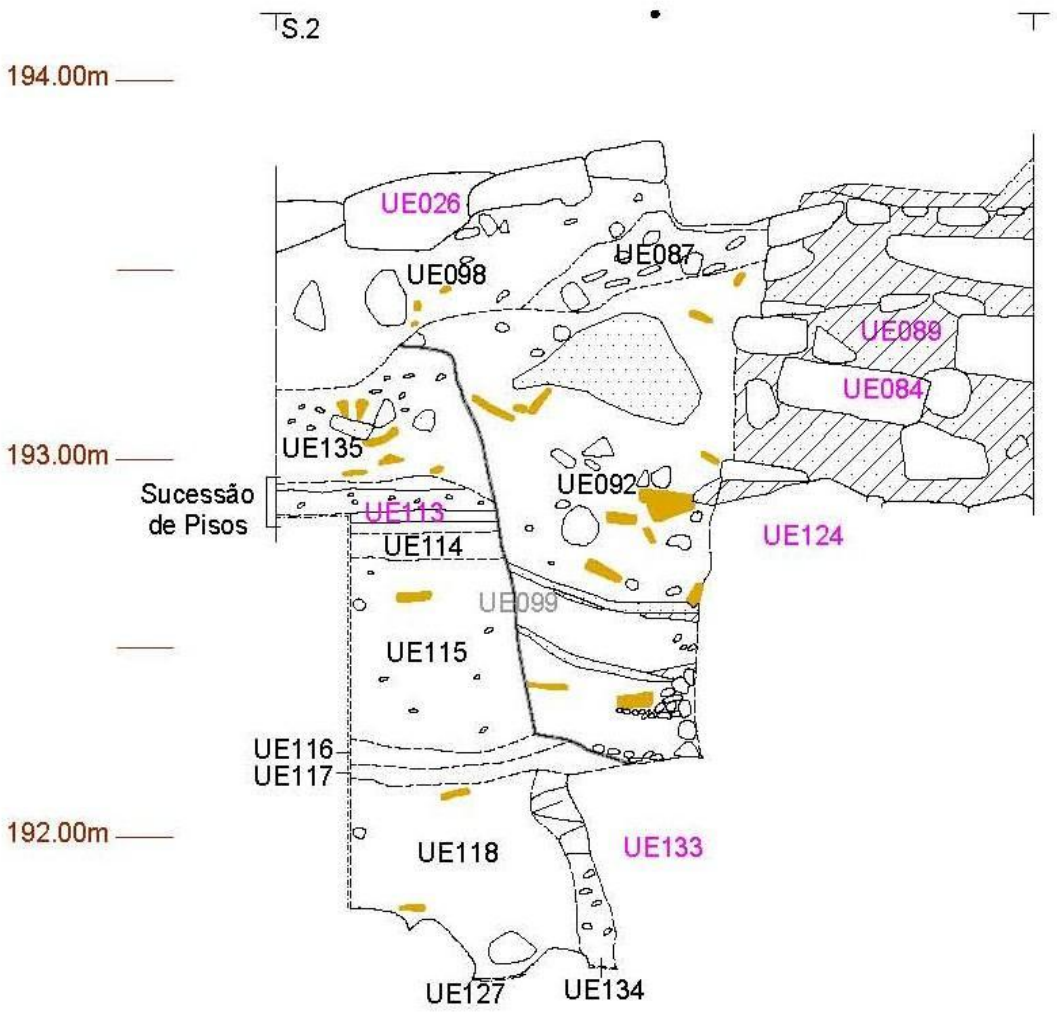


Figura 23. Corte com o registo dos níveis UEs092, 116 e 118 (©UAUM).

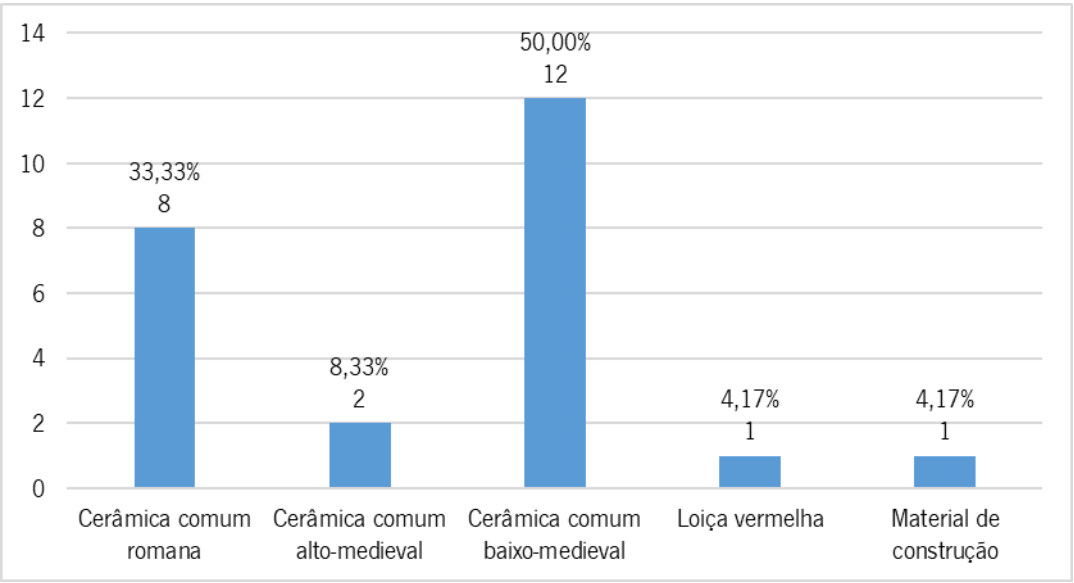


Gráfico 29. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 24).

Embora a quantidade de fragmentos seja diminuta, a composição das cerâmicas dessa camada é bastante interessante (Gráfico 29). Deixando as peças comuns romanas e medievais e os materiais de construção de lado, a presença de cerâmica comum baixo-medieval e loiça vermelha de Prado revela, pelo menos, dois aspetos importantes deste contexto. Por um lado, apesar de único, o exemplar de loiça vermelha permite inferir uma cronologia mais tardia do que se suporia para a repavimentação dessa rua, podendo-se apontar para meados do século XV, sensivelmente. Não obstante, isso possibilita resolver uma dúvida que se colocava sobre o início da produção desse fabrico, ao qual podemos apontar para os inícios do século XV.

Braga												
BRA16SST -Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago												
Enchimento da vala de fundação de um muro associado à muralha fernandina												
S2 - UE118												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
TSH							1		4,80		1	1
Ânfora	*Baetica* (Guadalquivir)	Haltern 70					1		16,60		1	1
Cerâmica comum romana	Grosseira						1		62,80		1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2			1					8,00		1	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1	Jarro		1					18,60	0,25	1	1
		Pote médio		1				1	38,90	0,13	3	1
					1	2	18	10	173,80	0,09	21	2
	Gaspar 2	Pote			1				30,50	0,06	1	1
					1	1	15		96,60	0,08	17	1
	Gaspar 3	Pote		2					31,30	0,30	2	2
		Testo		1					4,00	0,05	1	1
							7	7	35,90		8	1
	Gaspar 4	Pote			1				61,30	0,54	1	1
							5		32,20		5	1
	Gaspar 5					1	5		33,60		6	1
Faiança					1				1,40		1	1
Totais				6	5	4	53	18	650,30	1,49	71	18

Tabela 19. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE118, S2, da zona arqueológica do Seminário de Santiago.

O contexto UE118 é em tudo bastante semelhante aos contextos anteriores, tendo a composição do espólio ceramológico proveniente deste enchimento (Tabela 19), correspondente à vala de fundação de um muro associado à ocupação medieval, registado, uma vez mais, materiais que resultam de revolvimento de níveis anteriores, a julgar pela presença de material de época romana e tardo-antiga junto com as produções baixo-medievais (Gráfico 30).

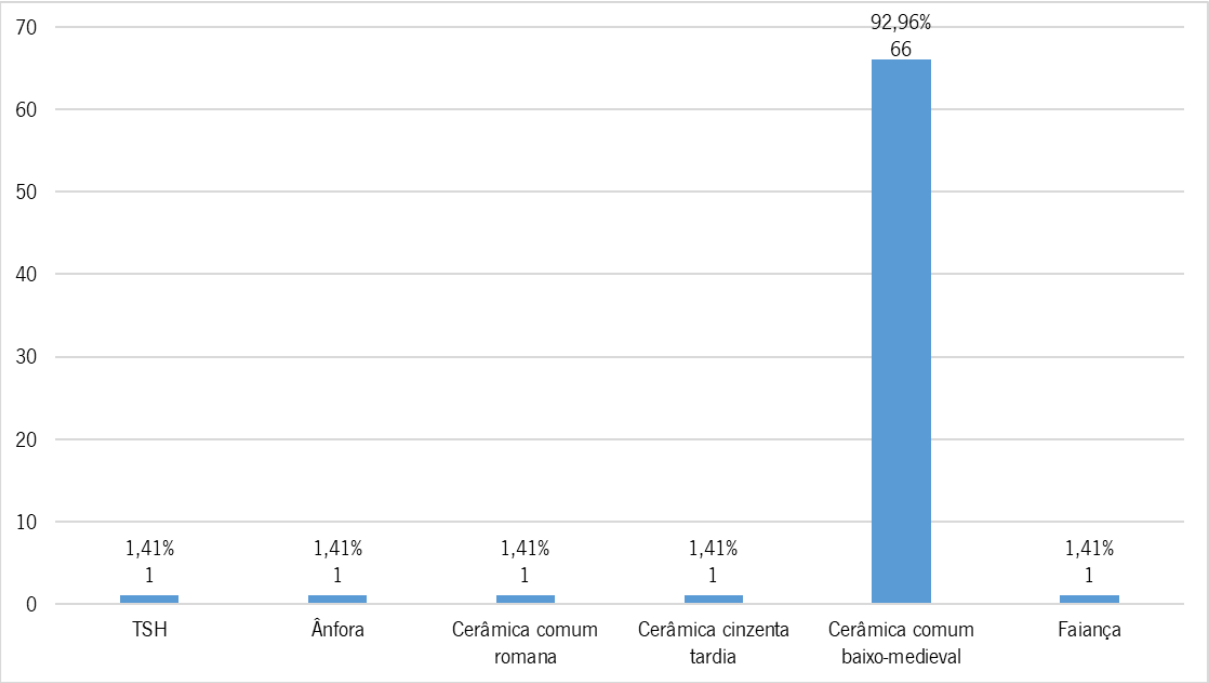


Gráfico 30. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 70).

Sobressai, entretanto, o caráter bem mais residual dos fragmentos correspondentes à Antiguidade Tardia, representados por apenas 4 fragmentos, o que corresponde a cerca de 5% do total de fragmentos deste contexto. Por sua vez, o material que nos interessa nesse contexto, as cerâmicas baixo-medievais, encontra-se bem representado, tendo sido reconhecidos os cinco grupos de fabrico identificados para esse período.

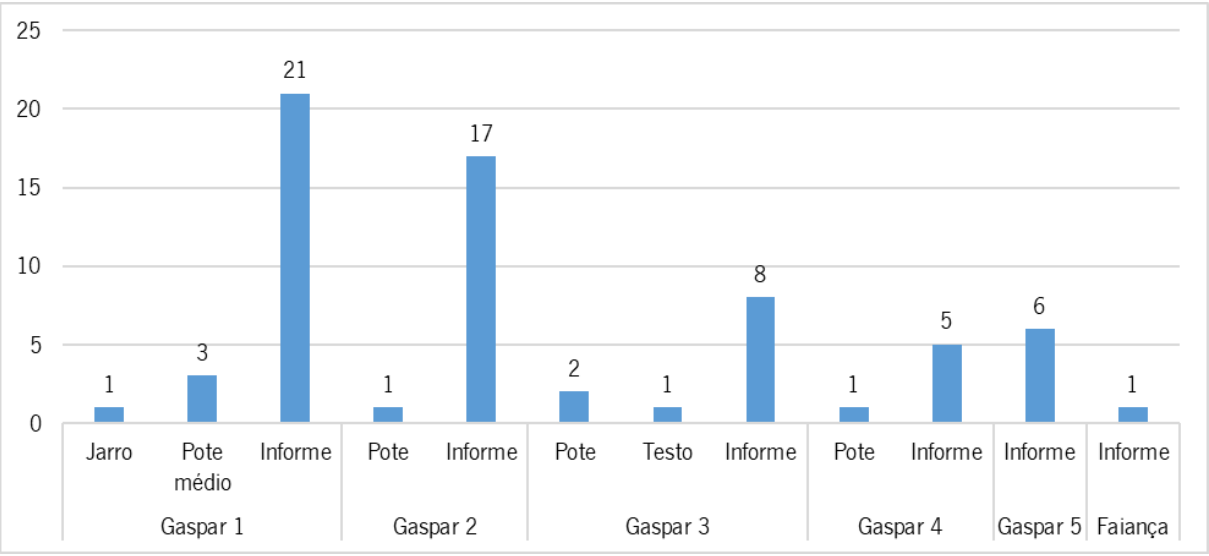


Gráfico 31. Quantidade das cerâmicas baixo-medievais por fabricos e formas (amostra: 66).

A análise das peças baixo-medievais confirma as tendências que temos verificado, designadamente o consumo indiscriminado dos cinco grupos de fabrico, apesar de suas diferenças tecnológicas e de acabamento. Com efeito, embora possamos identificar um maior cuidado e investimento nas peças correspondentes aos grupos 1 e 2, isso não significa que os demais deixam de ser adquiridos pela população que os consome. No que concerne às formas das cerâmicas, os potes afiguram-se como as peças mais numerosas e diversificadas, tendo sido reconhecido exemplares dos grupos Gaspar 1, 2, 3 e 4, assim como um jarro em Gaspar 1 e ainda um testo do grupo Gaspar 3 (Gráfico 31).

Braga
BRA16SST - Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago
Enchimento da vala de fundação do alicerce de um muro do Seminário de D. Diogo de Sousa
S2 - UE092

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
TSA	Clara D				1				14,20		1	1
Cerâmica de engobe vermelho	Tardio			1			1		15,40	0,04	2	1
Cerâmica comum romana	Fina						1		3,20		2	1
	Grosseira	Pote		2	1				15,00	0,27	3	2
				3			13		202,20	0,07	16	3
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2					1	7		69,90		8	7
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1	Jarro			1				50,40	0,16	1	1
		Tigela	1						51,70	0,07	1	1
				3			18	7	127,60	0,19	21	3
	Gaspar 2			2			11	2	83,40	0,20	13	2
	Gaspar 3	Pote médio		1					7,70	0,11	1	1
							8	3	38,10		8	1
	Gaspar 4				1	1	6	1	34,30		8	1
	Gaspar 5				1		8	1	47,20	0,05	9	1
Cerâmica vidrada moderna	Barcelos						3		3,10		3	1
Material de construção	Romano						1		27,10		1	1
Totais			1	12	5	2	77	14	790,50	1,14	98	28

Tabela 20. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE092, S2, da zona arqueológica do Seminário de Santiago.

Por fim, o último contexto selecionado da zona arqueológica do Seminário de Santiago, correspondente à UE092, está associado à construção do Colégio de S. Paulo, obra realizada por D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga entre 1461–1532, fundado em 1509 e que entrou em funcionamento em 1531 (Soares, 2011, p. 547). Posteriormente, o colégio foi amplamente alargado pelos investimentos de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, prelado bracarense entre 1559–1582, que queria aplicar as decisões do Concílio de Trento no ensino religioso de sua arquidiocese, tendo entregue a instituição educacional à Companhia de Jesus (Pereira, 2017).

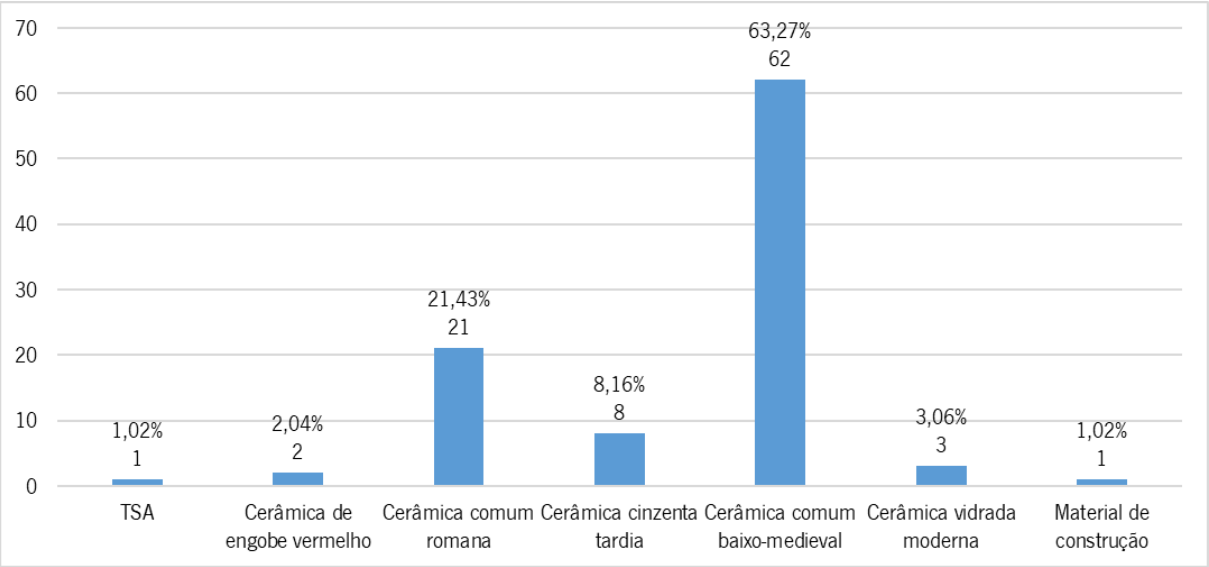


Gráfico 32. Quantidade e percentagem das cerâmicas por fabricos (amostra: 98).

Desse momento, destacamos o enchimento da vala de fundação de um dos muros do Colégio de S. Paulo (UE092) (Tabela 20), cuja fundação, como referimos, data de 1509. Sem grande surpresa, o espólio ceramológico dessa camada apresenta materiais de cronologia antiga, como TSA, engobe vermelho, comum romana e cinzenta tardia, algo bastante comum nos níveis associados às atividades construtivas que envolvem constantemente o revolvimento de terras, perturbando os contextos mais antigos e remobilizando os artefactos nelas presentes (Gráfico 32). De cronologia efetivamente baixo-medieval foram identificados fragmentos de cerâmica comum baixo medieval e vidrada.

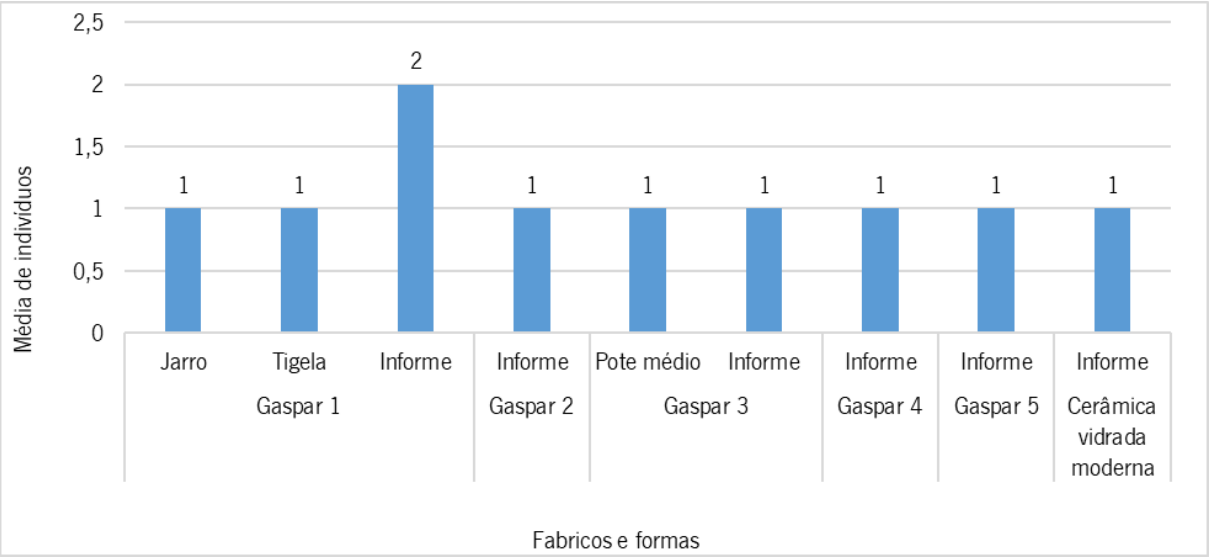


Gráfico 33. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais e modernas por fabricos e formas (amostra: 10).

As cerâmicas baixo-medievais estão representadas pelos típicos fabricos comuns identificados por A. Gaspar, dos quais reconhecemos todos os cinco grupos, mas igualmente por 3 fragmentos de paredes em cerâmica vidrada. No que toca às formas das peças, mau grado o alto grau de fragmentação dos objetos, foram reconhecidos jarros e tigelas, em produção do grupo 1 e um pote médio, em produção do grupo 4 (Gráfico 33). Não obstante, a presença de cerâmica vidrada constitui uma ocorrência significativa e importante para este estudo. Por comparação com as análises petrográficas realizadas a outros fragmentos vidrados, podemos assumir que essas peças tenham sido produzidas a partir da região de Prado, a julgar pela composição das pastas, temperaturas de cozedura e técnica de produção dos recipientes e seus vidrados. Nesse sentido, a cronologia para o início da produção de cerâmica vidrada em Prado pode ser recuada para o século XV, provavelmente para meados dessa centúria.

3.4 A ZA da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10

3.4.1 Historiografia

3.4.1.1 Enquadramento espacial

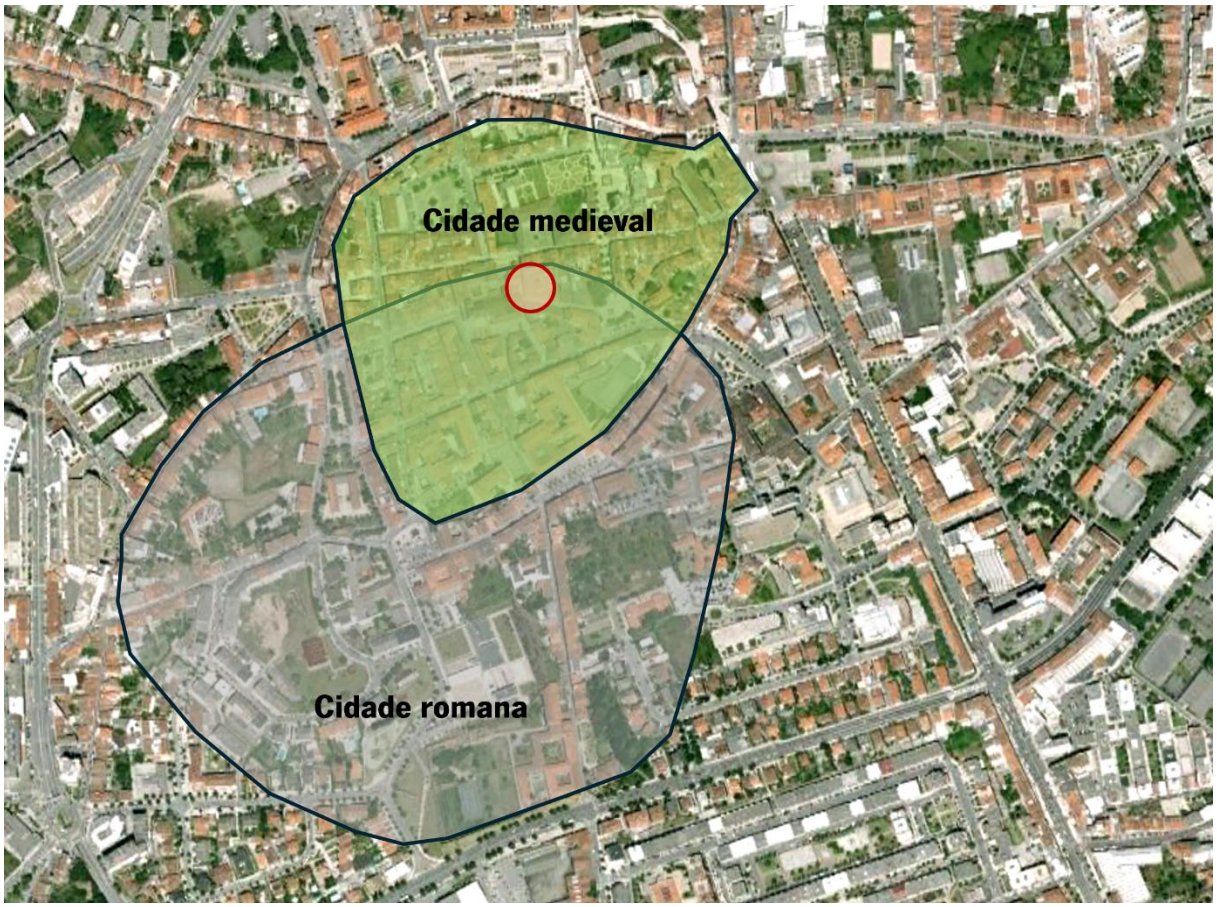


Figura 24. Localização da ZA da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10 (©UAUM).

A rua Nossa Senhora do Leite localiza-se nas traseiras da Sé, assegurando a ligação N/S entre a rua Afonso Henriques e a rua do Souto (Figura 24), constituindo, por isso, uma importante artéria do centro histórico de Braga. Trata-se de um eixo viário que se sobrepôs a terrenos arqueológicos que correspondem a uma área periférica da cidade romana de *Bracara Augusta*, situada a nordeste, fora da área planificada, que ficou conhecida a partir das escavações realizadas na década de 80 do século XX, as quais permitiram identificar importantes vestígios arqueológicos (Gaspar, 1985).

A artéria que deu origem à atual rua de Nossa Senhora do Leite teria já alguma expressão na topografia da cidade tardo antiga, pois, de acordo com os dados arqueológicos disponíveis, bordejaria a fachada porticada da basílica paleocristã, construída no século V, que terá reaproveitado o edifício de um *macellum*, construído na época flávia, identificado nas escavações realizadas na referida rua, entre 1983 e 1984 e no interior da catedral, nos anos 90 do século XX (Fontes *et al.*, 1989–90). O eixo viário terá mantido alguma importância na cidade alto medieval, embora menor, pois a entrada da Sé românica estava aberta a poente.

A artéria medieval terá ganho maior centralidade nos séculos XIV/XV, quando a Sé passou a constituir-se como o centro da cidade tardo medieval, constituindo um eixo de circulação fundamental na articulação da rua das Travessas, a área residencial da cidade, com o paço dos arcebispos, cuja construção se iniciou com D. Gonçalo Pereira e prosseguiu com D. Fernando da Guerra (Martins *et al.*, 2021). Na época moderna a rua afirmou-se como um eixo viário de importância crescente na cidade de Braga, com a abertura da rua de S. João do Souto e a consolidação da rua do Souto, prolongada na rua Nova, obra do arcebispo D. Diogo de Sousa, nos inícios do século XVI.

3.4.1.2 Historial das intervenções realizadas

As primeiras escavações que tiveram lugar na rua de Nossa Senhora do Leite foram realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, aproveitando o levantamento da calçada da rua para efeitos de modernização do pavimento. Inicialmente circunscrita nos objetivos e na área, a intervenção viria a durar quase dois anos, tendo sido iniciada em 1983 e concluída em 1984. As sondagens abertas permitiram documentar uma longa sequência de ocupação do sítio, associada a um edifício com pórtico virado a nascente, com uma ocupação alto-imperial e tardo-antiga. A ocupação medieval foi registada por níveis sedimentares alguns dos quais de grande relevância, pois permitiram reconhecer uma fossa de descarte, onde foi recolhido um importante conjunto cerâmicas tardo medievais, até então desconhecido (Gaspar, 1985).

Em 1989 o antigo Serviço Regional de Arqueologia (SRAZN) realizou sondagens na área do altar mor da Sé, onde se identificaram vestígios associados ao edifício, cujo pórtico havia sido registado nas escavações de 1983-84 (Rodrigues *et al.*, 1990). Por sua vez, em 1992 foram realizadas sondagens no interior da Casa da Roda, situada no gaveto entre a Rua Nossa Senhora do Leite e a Rua de S. João do Souto, da responsabilidade do antigo SRAZN, que permitiram identificar restos de uma habitação, cujos pavimentos eram revestidos de mosaicos (Abraços, 2019).

Já na década de 90, entre 1996 e 1998, a Unidade de Arqueologia realizou várias sondagens no interior da catedral, que tiveram em vista a minimização de impactos para instalação de drenagens, as quais permitiram identificar mais vestígios associados ao edifício romano, adaptado a basílica paleocristã, bem como outras estruturas associadas às diferentes obras da catedral, sagrada em 1089 (Fontes *et al.*, 1997-98).

Mais recentemente, em 2022, a Unidade de Arqueologia foi solicitada a realizar uma intervenção num terreno privado localizado nos números 8-10 da rua Nossa Senhora do Leite. Os ensaios geotécnicos realizados no local permitiram verificar que, a uma profundidade de 2 metros do solo atual e por toda a área do lote, se identificava um sinal que documentava a existência de solo firme, o que determinou a realização de sondagens arqueológicas de avaliação, as quais foram concretizadas em 2023. As escavações foram suspensas para viabilizar a construção, prevendo-se a sua retoma em data ainda incerta.

3.4.3 As fases de ocupação

Tendo por base os dados arqueológicos disponibilizados pelas sondagens 4, 5 e 6, podemos apenas estabelecer um faseamento hipotético da ocupação do sítio, tendo por base o importante marco construtivo representado por um piso de *opus signinum*, revestido com mosaicos, que recobre toda a área sondada, os muros periféricos daquele piso, bem como a análise estratigráfica e construtiva conhecida até ao momento para áreas próximas, em resultado das intervenções arqueológicas realizadas na envolvente (Figura X). A principal dificuldade na determinação das fases de ocupação do local, resulta da circunstância de ser ainda desconhecida a data da fundação do edifício encontrado nesta zona arqueológica, por não ter sido possível escavar nenhuma vala de fundação, ou enchimentos datados de momentos anteriores. Todavia, foi recolhido um conjunto elevado de amostras de argamassas, cuja datação se encontra em curso, o que poderá permitir definir as várias fases do edifício.

Face a dados registados nas escavações da Sé Catedral e na própria rua da Nossa Senhora do Leite, é plausível aceitar a existência de uma primeira fase de ocupação do local associada ao primitivo

edifício romano, que se encontra sob a Sé, presumivelmente um *macellum*, datado da época flávia, cuja proximidade com os vestígios do edifício referenciado nas sondagens de 2023 no lote 8–10, sugere que esta zona possa ter uma ocupação da mesma fase.

Uma segunda hipotética fase poderá associar-se à transformação do *macellum* em basílica paleocristã, datável entre finais do século IV e inícios do século V (Fontes *et al.*, 1997–98).

A terceira fase corresponderá à construção de um edifício frontal à basílica, que devido à sua magnitude fará certamente parte do complexo episcopal. Para já, o edifício é percebido como uma estrutura retangular com orientação E/O, com pavimento de mosaico e um batistério situado numa ala disposta a norte, que sofreu uma remodelação, que configura uma possível quarta fase. Face aos dados disponíveis parece aceitável que esta fase date do século V e que a remodelação, associada à reforma do batistério, corresponda ao século VI.

A quinta fase datará do período de abandono do local que se associará à deslocação do bispo e das elites religiosas bracarenses para Mondonhedo, em Lugo, após a invasão muçulmana de Braga, no século VIII. O edifício terá paulatinamente entrado em colapso ao longo do período de vacatura, entre os séculos VIII e a restauração da diocese de Braga, no século XI, em 1070, o que terá justificado a construção de uma nova residência episcopal para o bispo D. Pedro e sua corte, cuja localização desconhecemos, embora se devesse localizar na área envolvente da Sé.

3.4.3 Os materiais

Os níveis mais antigos da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8–10, presumivelmente associados ao complexo episcopal, forneceram uma quantidade bastante reduzida de cerâmicas, o que perece compreensível pelo facto deste importante edifício ter conhecido uma curta vida, entre o século V e os inícios do século VIII, momento em que parece ter sido destruído. Por conseguinte, os destroços dos telhados e muros recobriram os pavimentos do edifício, não havendo, assim, o lento processo de ruína que as estruturas abandonadas sofrem e que acabam por reunir materiais que antes estavam dispersos. Como teremos a oportunidade de avaliar foram encontradas mais cerâmicas na decapagem dos níveis tardo-medievais.

Para caracterizar os materiais correspondentes à sequência estratigráfica e cronológica desta zona arqueológica analisámos um conjunto de cinco contextos: a UE239, correspondente ao enchimento da vala de fundação do baptistério; a UE232 e a UE142 que correspondem a níveis de destruição sobre o pavimento; a UE126 que pode ser interpretada como contexto de abandono e a UE185 que identifica

um enchimento de regularização do solo para assentar um pavimento de um casa moderna, talvez dos inícios do século XVI.

Braga												
BRA22RNSL8-10 - escavação nos números 8-10 da rua Nossa Senhora do Leite												
Enchimento da vala de fundação de um dos muros do batistério												
S2/4 - UE239												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica de engobe vermelho	Tardio				1		1		28,80	0,25	2	1
Cerâmica comum romana	Grosseiro			1					4,2	0	1	1
Totais				1	1		1		33,00	0,29	3	2

Tabela 21. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE239, S2/4, da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10.

Dado o carácter limitado da escavação, não foi possível intervencionar os níveis anteriores ao complexo episcopal. Nesse sentido, desconhecemos a natureza da ocupação daquele sítio até, sensivelmente, ao século V, bem como as soluções tomadas para a transformação do edifício anterior no equipamento cristão. Selecionamos, entretanto, o enchimento da vala para a implantação de um dos muros que conformavam o batistério (Figura 25), registado com a UE239, camada que apresenta apenas três fragmentos cerâmicos (Tabela 21). Apesar do baixíssimo número de fragmentos, a sua composição é interessante pela presença exclusiva dos dois fabricos mais frequentes do século IV, designadamente a produção de cerâmica comum romana e de engobe vermelho, importando assinalar a ausência de produções que sugerem uma cronologia mais avançada, como as cinzentas tardias, que se generalizam no século V.



Figura 25. Registo fotográfico do baptistério (2023) (©UAUM).

Braga												
BRA22RNSL8-10 - escavação nos números 8-10 da rua Nossa Senhora do Leite												
Destruição do telhado do complexo episcopal												
S1/2/4 - UE232												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum romana	Grosseira						1	1	8,5		1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1						1	1	2,90		1	1
Material de construção	Tardo-antigo						1		28,20		1	1
Totais							3	2	39,60		3	3

Tabela 22. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE232, S1/2/4, da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10.

Diferente cenário encontramos nos níveis associados à destruição do edifício, não tanto pela quantidade de cerâmicas, que permanece bastante reduzida, mas pelos fabricos identificados. Com efeito, a UE232 (Tabela 22), referente à destruição do telhado do edifício, forneceu 3 fragmentos cerâmicos, tendo um deles sido reconhecido como um material de construção tardo-antigo, ao qual deveriam juntar-se outros que não foram armazenados, mas apenas pesados em campo. Os outros dois fragmentos correspondem à produção comum romana e cinzenta tardia. Considerando que o fabrico

comum de época romana terá cessado ao longo do século VI, a presença de um fragmento dessa produção no contexto de abandono do edifício, pode estar associada à sua inclusão involuntária nas estruturas do edifício, como nos interstícios das paredes. Por outro lado, é possível considerar o prolongamento da circulação de peças ainda ao século VII, ainda que em menor número.

Braga												
BRA22RNSL8-10 - escavação nos números 8-10 da rua Nossa Senhora do Leite												
Nível de incêndio/destruição do complexo episcopal												
S4(AL) - UE142												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1						1		6,50		1	1
Cerâmica comum alto-medieval							1	1	8,60		1	1
Totais							2	1	15,10		2	2

Tabela 23. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE142, S4 (AL), da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10.

A UE142 corresponde a um outro nível de destruição do edifício, desta feita associado a um incêndio, que forneceu também um escasso número de fragmento cerâmicos (Tabela 23). Trata-se de apenas de 2, que documentam mudanças técnicas, especialmente associadas aos acabamentos, que deram origem às cerâmicas comuns alto-medievais.

Braga												
BRA22RNSL8-10 - escavação nos números 8-10 da rua Nossa Senhora do Leite												
Abandono do complexo episcopal após a sua destruição												
S4(AL) - UE126												
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum romana	Grosseira				1		3		35,30	0,06	4	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2						4		13,60		4	1
Cerâmica comum alto-medieval					1		4		22,60	0,05	5	1
Totais					2		11		71,50	0,11	13	3

Tabela 24. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE126, S4 (AL), da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10.

O cenário anteriormente observado parece mais evidente face à informação fornecida por um fino nível de abandono, identificado sobre o nível de destruição do edifício, um contexto deveras interessante, pois corresponde a uma camada que se formou logo após a destruição do edifício, sendo, porém, anterior ao robusto enchimento que recobriu essa área e nivelou o terreno, presumivelmente no século IX.

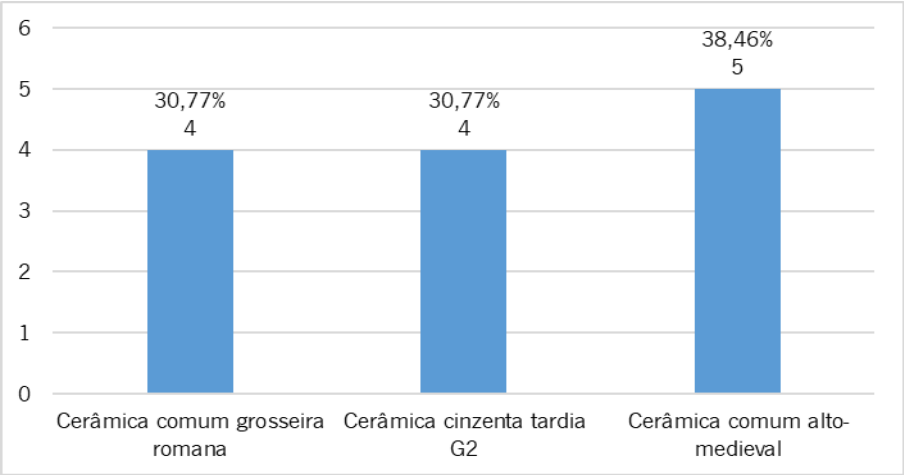


Gráfico 34. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 13).

No contexto UE126 (Tabela 24), que regista esse nível de abandono, foram identificados 13 fragmentos cerâmicos, divididos entre três fabricos distintos, com proporções bastante homogéneas, estando representadas as cerâmicas comuns romanas e alto-medievais, assim como cinzentas tardias do grupo 2 (Gráfico 24). Se, como acreditamos, o grau de revolvimento desse nível é baixo, o que reduz significativamente a intrusibilidade de fragmentos provenientes de estratos anteriores, então devemos repensar a cronologia do término do fabrico que designamos por cerâmica comum romana pois, eventualmente, ele pode ter-se prolongado até ao século VII.

Braga
BRA22RNSL8-10 - escavação nos números 8-10 da rua Nossa Senhora do Leite
Preparação para assentar um pavimento da casa moderna
S4(AL) - UE185

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	EEV	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum romana	Fina				1		1		19,1	0,40	2	1
	Grosseira	Cadinho			1				300,20	1,00	1	1
		Cossoiro	1						4,50	1,00	1	1
		Pote		1					18,80	0,15	1	1
					2		3		57,70	0,40	5	2
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2						10		119,10		10	1
Cerâmica comum alto-medieval							7		72,00		7	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1	Alguidar		1					52,00	0,13	1	1
		Bacia		1					51,60	0,10	1	1
		Pote grande			1				112,50	0,17	1	1
		Testo					5		90,10		5	1
				4	5	4	14		418,80	0,40	27	5
	Gaspar 2	Alguidar		1					23,10		1	1
		Pote médio		3					58,00	0,39	3	3
				2	3	3	8	5	279,40	0,41	21	3
	Gaspar 3	Pote		4					102,00	0,66	4	4
				1	1		9	5	73,50	0,08	11	1
	Gaspar 4	Pote médio		4					103,50	0,58	4	4
					2		5		154,80	0,16	7	2
	Gaspar 5	Pote médio		3					44,00	0,15	3	3
		Pote grande		2					62,10	0,19	2	2
					4		10	1	168,90	0,18	15	4
Loiça vermelha	Prado				1				77,60	1,00	1	1
Cerâmica comum moderna						1			26,40		1	1
Cerâmica vidrada moderna				1		1	2		91,90	0,08	4	1
Faiança					2		1		62,10	0,78	3	2
Totais			1	28	23	9	75	11	2643,70	8,39	142	49

Tabela 25. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE185, S4 (AL), da zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10.

Após um grande hiato construtivo, sensivelmente desde a destruição do complexo episcopal, no século VIII e até os finais da Idade Média, os terrenos traseiros à Sé Catedral foram ocupados com habitações, talvez a partir do século XIV, quando o troço norte da muralha foi desmantelado para permitir o crescimento da cidade para norte (Fontes *et al.*, 1997–98; Martins *et al*, 2021). A ampliação da área intramuros da cidade para norte possibilitou ao arcebispo D. Gonçalo Pereira construir um novo paço arquiepiscopal (Martins *et al.*, 2021), ampliando também o espaço nas traseiras da basílica, libertando-o para a construção de edifícios que estão na génese das ruas do Souto e de Oussias, que depois passou a ser designada por rua Nossa Senhora do Leite.

A ocupação tardo-medieval dos séculos XIV–XV, encontra-se muito mal preservada, tendo apenas sido identificado um pavimento constituído por lajes irregulares de granito, cuja datação é sugerida pela presença de uma moeda de D. Fernando (Magalhães *et al.*, 2023), o qual certamente estaria associado às fossas para descarte de material cerâmico identificadas por Alexandra Gaspar nas escavações da rua Nossa Senhora do Leite, em 1983 (1985). A urbanização dessa área teria sido a responsável por selar, definitivamente, esses níveis.

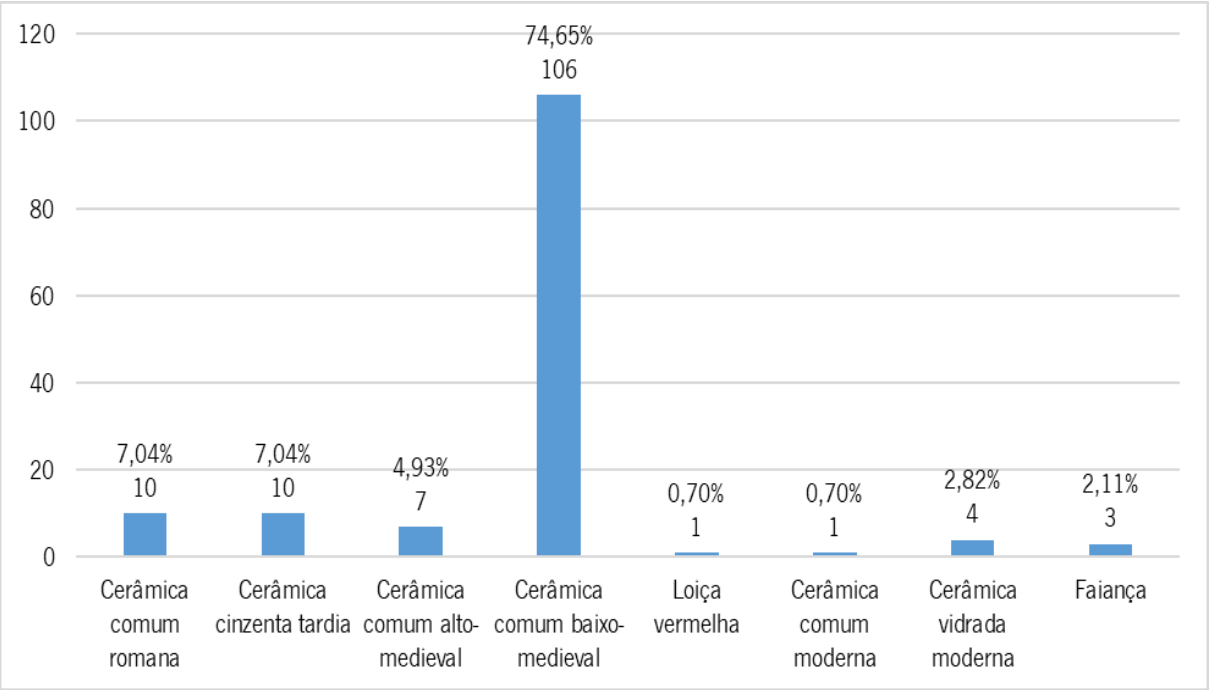


Gráfico 35. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 142).

Para a análise do material cerâmico, selecionámos um contexto correspondente a um nível de preparação para assentar um pavimento da casa moderna, individualizado com a UE185 (Tabela 25). Essa habitação é já posterior à ação urbanizadora de D. Diogo de Sousa nas traseiras da Sé Catedral, com a abertura da rua de São João, destinada a desafogar a área junto à capela-mor da basílica, em cuja esquina foi construída a Casa dos Paiva Marinho (depois Casa da Roda), um edifício inspirado na arquitetura florentina renascentista (Ribeiro, 2008). O contexto UE185 forneceu um significativo espólio ceramológico (142 elementos), que inclui fragmentos de produções com cronologias mais antigas, designadamente as cerâmicas comuns romanas e alto-medievais e as cinzentas tardias, grupo 2. Contudo, vale a pena notar que, diferentemente de outros níveis estudados, em que se verificava algum remeximento de estratos mais antigos, fruto da ação construtiva, a quantidade de material tardo-antigo presente neste contexto não é elevada, especialmente as produções comuns romanas, que costumam estar presentes em grandes quantidades nesse tipo de contextos (Gráfico 35). Os valores encontrados concordam com a leitura que temos feito acerca da estratificação dessa zona arqueológica, à semelhança dos níveis tardo-antigos antes analisados.

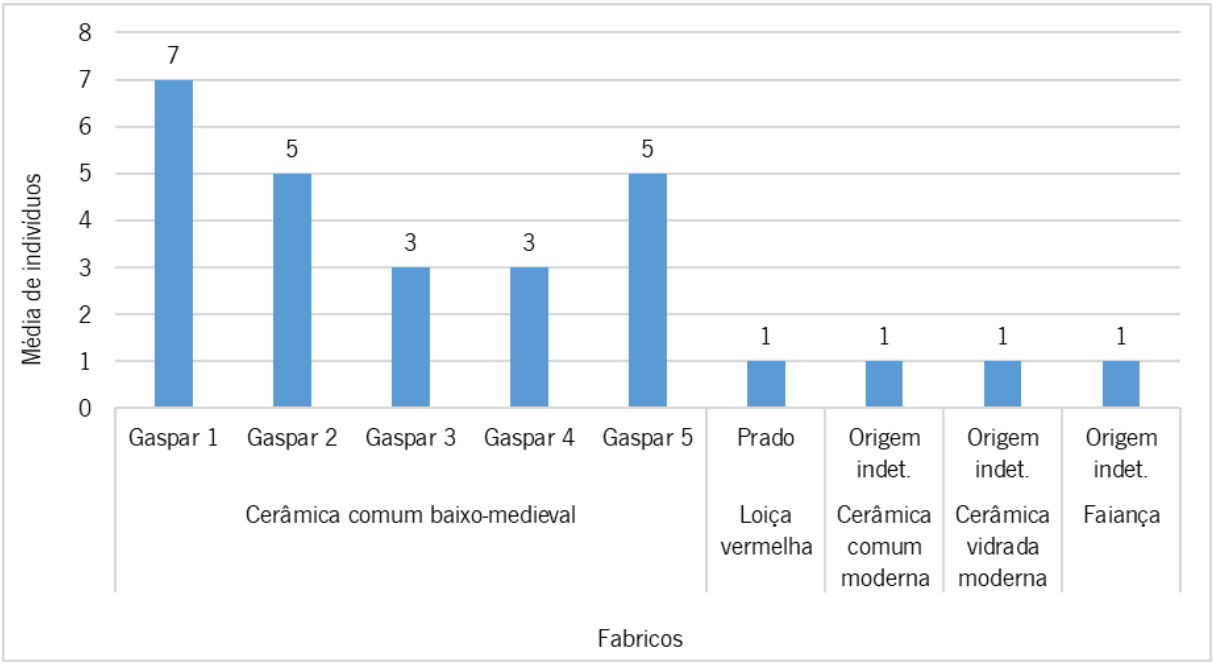


Gráfico 36. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais e modernas por fabricos (amostra: 27).

As cerâmicas tardo-medievais ou modernas estão representadas pelos cinco grupos de fabrico identificados por Alexandra Gaspar, concretamente pela loiça vermelha de Prado, faiança e as produções comuns e vidradas de época moderna (Gráfico 36). Trata-se de uma coleção bastante interessante, pois apresenta as principais produções que documentam as mudanças registadas no consumo ao longo do século XV, quando cessa a exclusividade das produções comuns baixo-medievais e os mercados passam a exibir, igualmente, as demais produções.

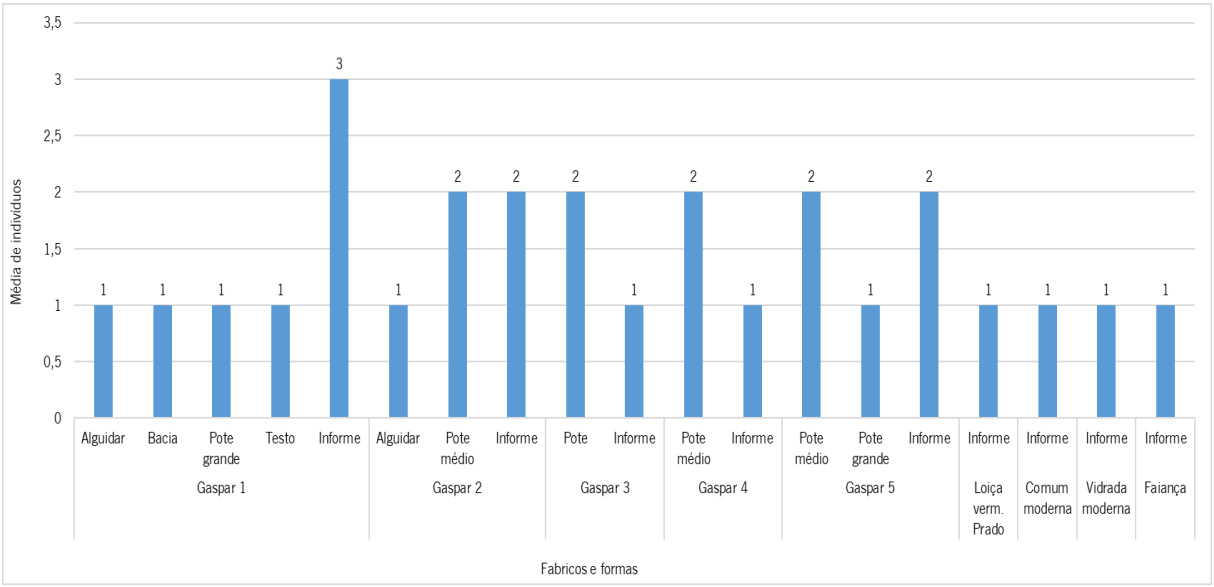


Gráfico 37. Média de indivíduos das cerâmicas baixo-medievais e modernas por fabricos e formas (amostra: 27).

A média do número de indivíduos reconhecidos torna ainda mais evidente esse processo de disputa entre os diferentes fabricos, pois se é verdade que a exclusividade das cerâmicas comuns baixo-medievais estaria terminada, a sua presença ainda é maioritária, representando 85% das unidades.

O quadro morfológico associado às produções, mau grado a impossibilidade de reconhecer as formas da loiça vermelha, comuns modernas, vidradas e faianças, representa a diversidade do repertório baixo-medieval. Os potes predominam entre os exemplares, com 10 recipientes, de diferentes tamanhos, manufaturados em todos os cincos grupos de fabrico conhecidos. Não obstante, foram reconhecidos ainda 2 alguidares e uma bacia, o que nos leva a crer que os fabricos sem formas identificadas poderiam produzir peças destinadas ao uso à mesa, muito embora uma significativa quantidade de peças baixo-medievais, designadamente 9 indivíduo, não tenham permitindo igualmente uma identificação morfológica (Gráfico 37).

3.5 A ZA da rua D. Afonso Henriques, nºs 20–28

3.5.1 Historiografia

3.5.1.1 Enquadramento espacial

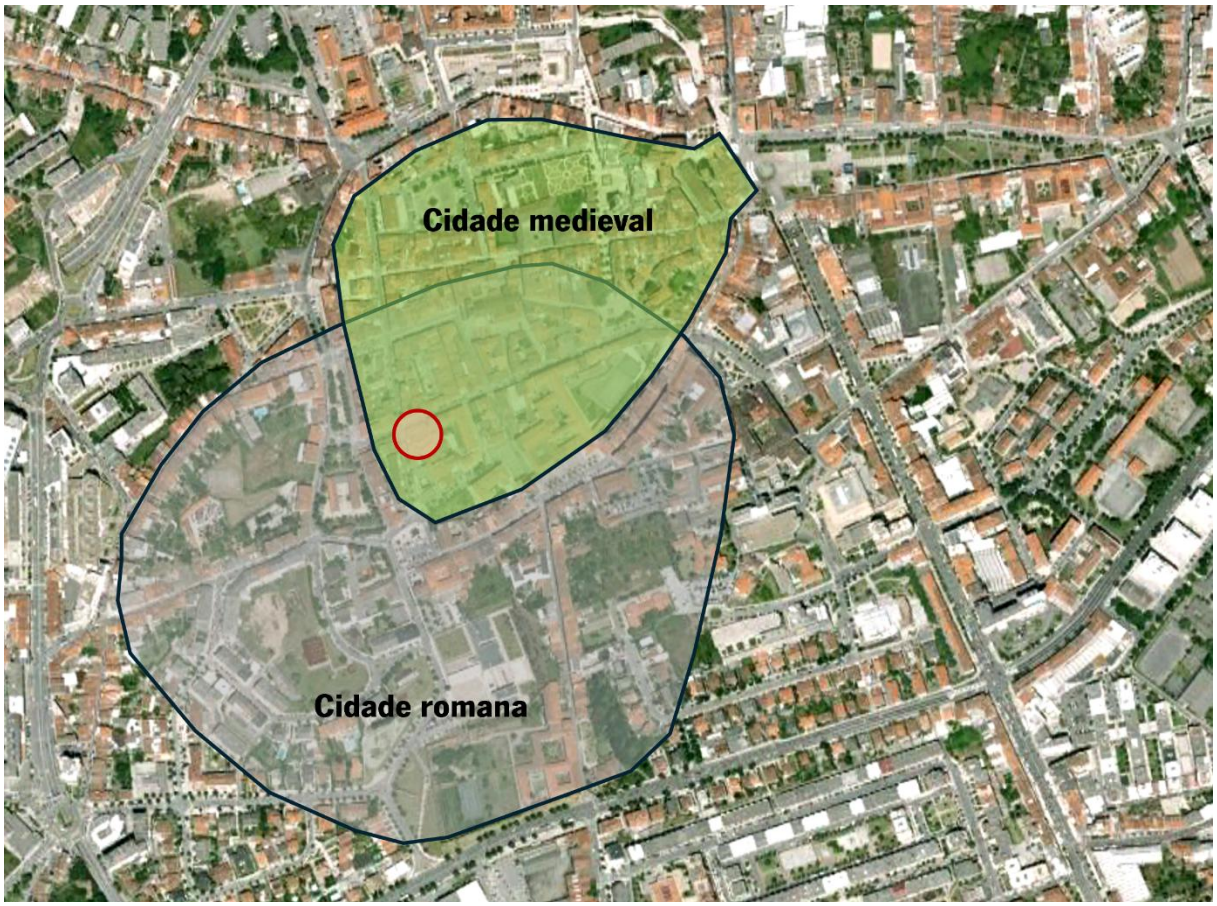


Figura 26. Localização da ZA da rua D. Afonso Henriques, n°s 20/28 (©UAUM).

A zona arqueológica designada por rua D. Afonso Henriques nºs 20–28 (Figura 26) corresponde à área localizada no gaveto da rua Afonso Henriques (nºs 20–28) com a rua Santo António das Travessas (nºs 1–3), em pleno Centro Histórico de Braga, intervencionada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, entre 2008 e 2009. O local corresponde a um imóvel construído por volta de 1892, após o alargamento da antiga rua Travessa das Chagas, ano em que recebeu o nome de rua Nova d'El Rei, mantido até 24 de fevereiro de 1944, quando a artéria foi rebatizada pelo atual nominativo de rua D. Afonso Henriques.

As escavações realizadas no local permitiram identificar vários muros, cujos aparelhos dão conta da evolução arquitetónica registada naquela área da cidade de Braga, entre o século XVI e a primeira metade do século XIX, quando o edifício foi reconfigurado devido ao alargamento da rua. Assim, a face externa do edifício que se dispõe a sul do imóvel, com fachada para a rua Santo António das Travessas, exibe um aparelho datável do século XVI/XVII, momento que assinala as primeiras edificações modernas neste local da cidade. Já a fachada posterior que limitava o logradouro do imóvel intervencionado (nºs 20-28), disposta a norte, tinha como alicerce um muro de suporte datado dos séculos XVIII/XIX (Leite *et al.*, 2012).

A zona arqueológica corresponde a parte de um importante quarteirão da antiga cidade romana de *Bracara Augusta*, que se dispunha a nascente do segmento norte do cardo principal da cidade romana, arqueologicamente identificado nas escavações do ex Albergue Distrital (Martins *et al.*, 2017b). Neste contexto, estamos perante uma zona arqueológica fundamental para compreender a evolução da cidade romana e tardo antiga para a ocupação medieval, uma vez que se situa no quadrante nordeste da antiga cidade de *Bracara,* núcleo que esteve na origem da cidade medieval e moderna de Braga (Ribeiro, 2008). Esse núcleo alto-medieval terá sido cercado, presumivelmente nos séculos VIII/IX, por uma linha defensiva que se dispunha a sul e abraçava a parte nordeste da antiga muralha romana, construída em finais do século III.

A privilegiada localização desta zona arqueológica justifica a longa sucessão de fases de ocupação entre a época romana e moderna, identificada nas escavações realizadas no local, no âmbito da obra de remodelação do imóvel, para instalação de uma unidade hoteleira (Leite *et al.*, 2012). Entre os vestígios identificados destacam-se as ruínas de parte de um grande edifício público, aparentemente de natureza termal, de cronologia antonina, que ocuparia dois quarteirões da cidade, dispersando-se por uma vasta área compreendida atualmente entre a atual rua Frei Caetano Brandão e a rua de Santiago, mencionado no ponto 3.6. deste trabalho (Martins *et al.*, 2011; Martins, 2015).

3.5.1.2 Historial das intervenções realizadas

A única intervenção arqueológica realizada nesta zona arqueológica teve lugar entre outubro de 2008 e março de 2009, em resultado das condicionantes arqueológicas existentes para o local, devido à sua reconhecida longa ocupação e decorrente alta sensibilidade arqueológica, determinada pela conhecida presença de ruínas arqueológicas de época romana e medieval, presentes nas imediações, designadamente na área arqueológica da rua Santo António da Travessas/Frei Caetano Brandão.

Uma vez que se desconhecia, quer a potencialidade dos sedimentos nos vários setores do imóvel a intervencionar, que se dispunha em duas plataformas desniveladas, quer o valor patrimonial dos eventuais vestígios que poderiam conservar-se no subsolo, os trabalhos foram projetados em várias fases de intervenção, a fim de se assegurar a progressiva disponibilização dos terrenos para a realização de sondagens arqueológicas. Deste modo, a intervenção arqueológica teve em conta os elementos do projeto, com impacto diferenciado entre a zona de implantação da cave, que se dispunha a sul, o que implicou a remoção de terras até cerca de 3m de profundidade e a restante área do edifício, disposta a norte, cujo subsolo se constatou ter sido revolvido até cerca de 1.2m de profundidade (Leite *et al.*, 2012).

Assim, numa primeira fase documentou-se o edifício existente, em ruína parcial, tendo-se procedido à demolição de parte das paredes do imóvel que não ofereciam segurança. Numa segunda fase, procurou-se avaliar o nível de destruição causado pela construção do edifício moderno, o que foi conseguido pela abertura de 6 sondagens prospetivas, distribuídas por toda a área, tendo sido escavadas integralmente as sondagens 1, 3, 5 e 6, situadas na plataforma inferior norte, à cota média de 188.70m (Leite *et al.*, 2012). Na plataforma superior sul, com cota média de 192.50m, foram igualmente escavadas parcialmente as sondagens 2 e 4, até uma profundidade próxima de 1.50m. Uma vez avaliada a potencialidade estratigráfica e arqueológica conservada na plataforma meridional, mais elevada, avançou-se para a terceira fase dos trabalhos, que consistiu na escavação integral da área destinada à construção da cave do futuro edifício, correspondente às sondagens 7, 8 e 9, tendo sido implantadas 2 novas sondagens contíguas e escavada uma área total com cerca de 60 m2 (Leite *et al.*, 2012).

Na última fase dos trabalhos foi identificado um conjunto de vestígios correspondentes a uma pequena parte de um grande edifício romano, com criptopórtico, cuja relevância justificou a sua conservação *in situ,* tendo sido integrados no atual átrio do hotel Burgos, construído no local (Leite *et al.*, 2012).

No decorrer das demolições das paredes foram identificados inúmeros elementos pétreos reaproveitados, entre os quais se encontram um cipo funerário romano e um fragmento de lintel

moderno, ambos com inscrição, materiais que devem ser oriundos de outros locais da cidade (Leite *et al.*, 2012).

No total realizaram-se 9 sondagens, distribuídas pelas duas plataformas, 4 na plataforma inferior norte (1, 3, 5 e 6) e 5 na zona do logradouro, correspondente à plataforma superior sul (2, 4, 7, 8 e 9). As sondagens 7, 8 e 9, abertas na segunda fase de trabalhos, incidiram e abarcaram a área das sondagens 2 e 4. Com exceção de algumas áreas da sondagem 7 (UEs 128, 149 e 161), a escavação atingiu sempre o substrato rochoso (Leite *et al.*, 2012).

Os resultados obtidos nas escavações revelaram-se diferenciados entre as duas plataformas. Assim, na plataforma inferior, apenas se identificaram vestígios que se dispunham abaixo da superfície do substrato rochoso, designadamente negativos de possíveis muros (UEs 021, 059 e 060), os restos de uma conduta (UE072), um poço/fossa (UE039) e os alicerces da fachada principal (UE044), da fachada nascente (UE 102) e da parede mestra E/O (UE019). Foi assim possível perceber que a reedificação do primeiro quartel do século XX implicou o desaterro, até ao substrato geológico, da parte norte do terreno, destruindo quaisquer vestígios arqueológicos que se pudessem existir acima da superfície da arena de alteração granítica. Na plataforma superior sul, pelo contrário, conservou-se uma significativa sedimentação, com cerca de 3.8 m de espessura, associada a um conjunto de vestígios arqueológicos relacionados com a longa ocupação do local, desde a época romana até à atualidade. A circunstância daquela zona ter funcionado como logradouro interior, pelo menos a partir do século XV, terá contribuído para a conservação dos solos de diferentes épocas, sucessivamente aterrados.

3.5.2 As fases de ocupação

As estruturas registadas nas escavações desta zona arqueológica foram analisadas e interpretadas pelos responsáveis da intervenção, tendo a sua interpretação sido divulgada através da edição em acesso aberto do respetivo relatório (Leite *et al.*, 2012).

Os dados recolhidos nas 9 sondagens realizadas, a par do levantamento arquitetónico dos muros permitiram restituir a sequência construtiva do edificado presente no local e sequenciar a sua longa ocupação, desde a época romana. Como eixo estruturante da sequenciação, foi utilizado o registo da estratigrafia sedimentar e construtiva, que permitiu estabelecer cronologias relativas, com base nos materiais cerâmico e numismático, exumados das valas de fundação, níveis de circulação, ocupação, abandono, revolvimento e entulhamento. No conjunto, estabeleceu-se um total de dez fases, que abarcam a ocupação mais ou menos continuada do sítio.

A primeira fase, balizada entre os séculos I/III, representa-se por um conjunto de elementos construtivos e sedimentares registado nas sondagens 1, 5, 7, 8 e 9, articulado com a ocupação romana dos séculos I e II, representada pelas fundações e restos de muros ortogonais (UEs153, 165, 181, 190 e 191), correlacionados com estruturas hidráulicas de adução e drenagem de águas (UEs039, 060, 072, 096, 150 e 156). O conjunto de estruturas desta fase fossilizou a perfeita adaptação à topografia do local, que regista um grande declive SE/NO, que justificou a estruturação romana de duas plataformas, delimitadas pelos muros ortogonais, a UE153, com orientação E/O e a UE165, com direção S/N, que delimitava o quarteirão romano a nascente. A UE150 corresponde a uma drenagem do complexo termal, identificada aquando dos trabalhos de escavação realizados em 1998, no edifício nº 42-56 da rua Afonso Henriques, conhecido por "Casa do Penhorista". Pela sua orientação, é possível que drenasse para a conduta correspondente à UE156, substituída, no século IV, por uma outra (UE141), que terá funcionado com dreno perimetral do quarteirão. A noroeste dos muros correspondentes às UEs 153 e 165, existiria um criptopórtico, sugerido pela presença de exemplares de *opus latericium* em posição oblíqua, montados no topo do cunhal de silhares almofadados que se dispõem na extremidade poente do muro representado pela UE153. Desenhando uma espécie de saimel, os tijolos denunciam a presença de um arco, através do qual se acederia a um espaço de cave, situado a sul do muro. A esta fase pertence também um poço/caixa de retenção, identificado com a UE039, cuja implantação coincide com a presumível confluência das ruas que limitariam o quarteirão romano a norte e nascente. Este poço terá permanecido ativo até ao século XV, pois o seu entulhamento não inclui materiais posteriores aos séculos XIV/XV (Leite *et al.*, 2012).

A segunda fase (séculos III/IV) assinala algumas alterações que afetaram as estruturas da fase anterior, denunciando uma clara continuidade de ocupação do sítio entre os séculos III e IV. Em particular cabe destacar as reformas correspondentes ao período da dinastia Constantiniana (284-363), um período de grande dinamismo construtivo da cidade romana, promovida por Diocleciano a capital da nova província da *Gallaecia*.

As reformas do espaço estão associadas com o encerramento de uma abertura (possível porta), situada na extremidade nascente da UE153, fechada com a construção do muro correspondente à UE180, que se desenvolvia até ao limite nascente do quarteirão (UE165). Também o criptopórtico conheceu uma nova compartimentação, construindo-se uma parede com orientação N/S (UE158), adossada ao grande muro definido pela UE153, através de uma pilastra constituída por três grandes blocos graníticos. Também o sistema de condutas foi reconfigurado. Assim, a conduta referida com a UE150 foi desativada, implantando-se duas novas canalizações (UEs137 e 141). A UE137 drenaria águas

residuais do complexo termal situado a nascente, datável do século II, recebendo águas da UE156. Já a UE141 terá sido utilizada até aos séculos VI/VII, datando o seu desmantelamento dos séculos XIV/XV, conforme se depreende dos materiais presentes na sua vala de saque (UE128). Restos de alicerces e de sapatas (UEs 136, 147 e 161), implantam-se sobre as condutas, chegando a sapata correspondente à UE161 a inutilizar a conduta UE150, o que denuncia a expansão construtiva para o espaço da rua que delimitava o quarteirão romano a nascente (Leite *et al.*, 2012).

Sem que se possa estabelecer uma relação direta com as remodelações desta fase, merece destaque a recolha de inúmeros fragmentos de mosaicos polícromos que terão pertencido aos espaços do edifício, depositados com entulhos da fase seguinte.

A terceira fase, balizada entre os séculos V/X, está documentada pela estrutura correspondente à UE125, um muro com orientação SE/NO, que se associa a uma reorganização do espaço a sul do muro identificado com a UE153, construído na da fase I. O facto de lhe estar adossado a este, apresentando apenas faceado no paramento oeste, significa que o espaço a sudeste foi inutilizado por aterros com materiais de construção romanos, incluindo abundantes blocos talhados e fragmentos de *tegulae* e de mosaicos, enquanto a área a sudoeste poderá ter continuado a funcionar como criptopórtico. Esta nova parede testemunha alterações da organização do edificado existente que, apesar de manter alguns alinhamentos da edificação primitiva, terá conhecido uma profunda reconversão, de funcionalidade desconhecida, na parte situada a sudeste e sudoeste do muro fundacional (UE153) (Leite *et al.*, 2012).

Considerando a sequência estratigráfica, a orientação e o aparelho discordante de todos os outros muros, bem como o material cerâmico exumado da unidade estratigráfica de assentamento do muro (UE155), com produções do século IV, esta fase de remodelação corresponde à transição da Antiguidade Tardia para a Alta Idade Média (séculos VII a X). Trata-se de uma fase de profundas transformações do tecido urbano bracarense, decorrentes das incursões muçulmanas dos inícios do século VIII, que terão justificado a contração da área urbana, que se reduziu a um pequeno núcleo de 12 hectares, concentrado na área nordeste da anterior cidade romana, na origem de um novo perímetro defensivo que se ligaria a noroeste e a sudeste ao troço setentrional da muralha romana (Fontes, 2011).

A quarta fase corresponde aos séculos XIII/XIV, tendo como principal evidência material uma conduta (UE120), implantada cerca de 0.30m sob uma calçada (UE025), datada entre os séculos XII e XIV. Com funções de drenagem de águas residuais e/ou pluviais, terá sido desativada, antes ou aquando da construção da referida calçada que a sobrepõe, a que se atribui uma cronologia em torno dos séculos XV/XVI. Ao contrário de outras zonas arqueológicas conhecidas em Braga, não se identificaram outros

vestígios construtivos medievais, datáveis desta fase, sendo a ocupação medieval inferida apenas pela recolha, em aterros indiferenciados, de materiais cerâmicos datáveis desse período, designadamente cerâmicas do tipo "Senhora do Leite" (Gaspar, 1985).

A quinta fase, datada entre os séculos XV/XVI, está representada por vestígios arqueológicos e por elementos construtivos que subsistem no edificado atual. Entre os vestígios destacam-se o murete (UE011), que inutilizou o antigo poço UE039, ombreiras de portas (UEs 023, 085 e 105), que reutilizam silhares almofadados e uma calçada (UE025), blocos graníticos e aparelho tipo "calçada portuguesa", sob a qual e em cujos interstícios se recolheram cerâmicas datadas dos séculos XIV a XVII, respetivamente. A calçada terá sido utilizada até finais do século XVII, ou inícios do XVIII, altura em que terá sido desativada, com a elevação do nível de circulação (ver Fases 6 e7). Quanto aos elementos construtivos merecem referência: i) o tramo mais a sul do alinhamento avançado da fachada poente, voltada para a rua de Santo António das Travessas, que compreende a UE115, correspondente à soleira da porta de acesso ao logradouro interior e a UE116, que define o alicerce da parede; II) o segmento de 7.65 m mais a norte do edifício, ortogonal ao tramo referido, que integra os muros identificados com as UEs 187, 189 e 195, registados na sondagem 8; iii) o tramo ortogonal de um muro com 2.15m, que entronca no limite nascente daquele e que se desenvolve para sul, bem como o segmento de 1.30m que lhe é ortogonal (Leite *et al.*, 2012). A cronologia proposta para esta fase, situada entre os séculos XV-XVI, fundamenta-se na sequência estratigráfica e nos materiais exumados nas unidades estratigráficas sedimentares, inscrevendo-se num período de grande transformação do tecido urbano de Braga, na transição da Idade Média para a Época Moderna, período indissociável da atuação urbanística de D. Diogo de Sousa (Costa, 1993; Oliveira, 1982; Fontes *et al.*, 2010).

Nas imediações da zona arqueológica, na atual Rua de Santo António das Travessas, registaram-se importantes alterações, decorrentes, designadamente, da transferência dos judeus para a antiga rua da Triparia, a partir de 1466, rua que passou então a designar-se por rua da Judiaria Nova. Após a expulsão dos judeus, em 1496, a rua passou a chamar-se de Santo António, acrescentando-se-lhe em 1942 o topónimo Travessas (Oliveira, 1982; Vasconcelos, 2008).

A sexta fase, cobre o período entre os séculos XVII/XVIII, cronologia a que se reportam vários elementos construtivos, designadamente, um muro que terá desempenhado funções de limite do logradouro ou de propriedade da casa, representado pela UE112, uma base de coluna, de funcionalidade imprecisa (UE107) e um conjunto de três blocos, que definem uma possível soleira de acesso a um compartimento localizado a sul (UE106), elementos que se sobrepõem ou romperam a calçada, definida pela UE025. A edificação do muro referenciado pela UE112 sobre a referida calçada, indicia o seu

abandono e uma nova reorganização espacial naquela área, no âmbito de um qualquer processo de fragmentação do parcelário urbano, que está representado no *Mappa das Ruas de Braga*, de 1750. A zona intervencionada corresponde aí às parcelas 1 a 4, sendo que a 4, mais a sul, se desenha como edifício arruinado e a parcela 3, contígua a norte, como um logradouro não edificado. Admite-se que os tramos central e meridional da atual fachada poente poderão corresponder, pelo menos nas suas fundações e piso térreo, às paredes da parcela 4 desenhada em 1750 no *Mappa das Ruas de Braga* (Leite *et al.*, 2012).

A sétima fase**,** datada entre finais século XVIII/inícios século XIX corresponde à construção de vários elementos, designadamente da parede mestra transversal (E/O), ao nível do rés-do-chão, o embasamento da fachada tardoz do edifício (UE111), o tramo central do alinhamento avançado da fachada oeste, o trecho central da fachada este, bem como o segmento paralelo a nascente, que fecha no extremo este do muro de suporte (UE111) e a um muro ortogonal que liga estes dois últimos muros, identificado nas terraplanagens. As cerâmicas recolhidas no miolo e vala de encosto do embasamento (UE111) da fachada tardoz, que funcionava como muro de suporte do logradouro meridional, apontam para uma cronologia genérica da transição da Idade Moderna para a Contemporânea, que se admite poder alargar-se aos inícios do século XIX, um momento de renovação construtiva das parcelas desenhadas no *Mappa das Ruas de Braga*, cujos contornos globais nos escapam, mas que terá implicado grandes remodelações e ampliações no edificado existente.

A oitava fase, datada do século XIX relaciona-se com obras de remodelação operadas no edificado ao longo de todo aquele século XIX, designadamente na parte sul da fachada nascente, no tramo este do edifício contíguo a sul e no segmento ortogonal que faz cunhal com este, desenvolvendo-se para norte, fechando no extremo este do muro de suporte (UE111) que funciona como limite do logradouro.

A nona fase, corresponde aos finais do século XIX/século XX e associa-se ao processo de renovação urbana implementado nos finais do século XIX e inícios do século XX, marcado pela abertura da rua D. Frei Caetano Brandão e pela regularização da rua D. Afonso Henriques, como bem documentam os edificados e a cartografia histórica da cidade, com destaque para o mapa desenhado por Francisco Goulard, em 1883-84. Neste último percebe-se o alargamento da Travessa das Chagas, que recebeu o nome de rua Nova d'El Rei (Oliveira, 1982), operação urbanística, operada depois de 1892, que implicou a demolição do edifício correspondente à parcela n.º 1 desenhada no anterior *Mappa das Ruas de Braga*, de 1750, edificando-se então o edifício onde se realizou a intervenção arqueológica. Aproveitando parte do edificado existente, a sul, o novo edifício corresponde ao corpo norte, do qual se

conservaram as fachadas norte, este e oeste, bem como a parede central, a partir do primeiro piso (Leite *et al.*, 2012).

3.5.3 Os materiais

Do vasto espólio recuperado nessa intervenção selecionámos aquele que se associa às estruturas integradas em duas importantes fases de ocupação desta zona arqueológica, concretamente, aquela que se associa ao encerramento de parte do criptopórtico, no século V e aquela que podemos associar às transformações necessárias à implantação da habitação moderna, em finais do século XVI. Assim, foram analisados os contextos referenciados com a UE154, que corresponde ao entulhamento de parte do criptopórtico das termas antoninas, com a UE121, um enchimento de uma estrutura hidráulica e com as UEs035 e 117 que compõem os níveis de preparação de uma calçada em granito polido (UE025) e um muro coetâneo (Figura 27).



Figura 27. Registo fotográfico das estruturas identificadas sob a calçada UE025, S7, 8 e 9 (©UAUM).

O enchimento individualizado com a UE154 corresponde ao entulhamento de parte da estrutura porticada, ação que ocorreu no século V (Figura 28). Essa camada forneceu um elevado número de moedas, cerca de 100, sendo a mais antiga cunhada por *Hadrianus*, em 137, sendo outra

de *Claudius* (270) e todas as demais tardias, posteriores à reforma monetária de *Diocletianus*, concentradas, sobretudo, nas décadas de 330–360, produzidas com os *signa* dos filhos de *Constantinus*, sobretudo *Constans* e *Constantius II* (Leite *et al.*, 2012).

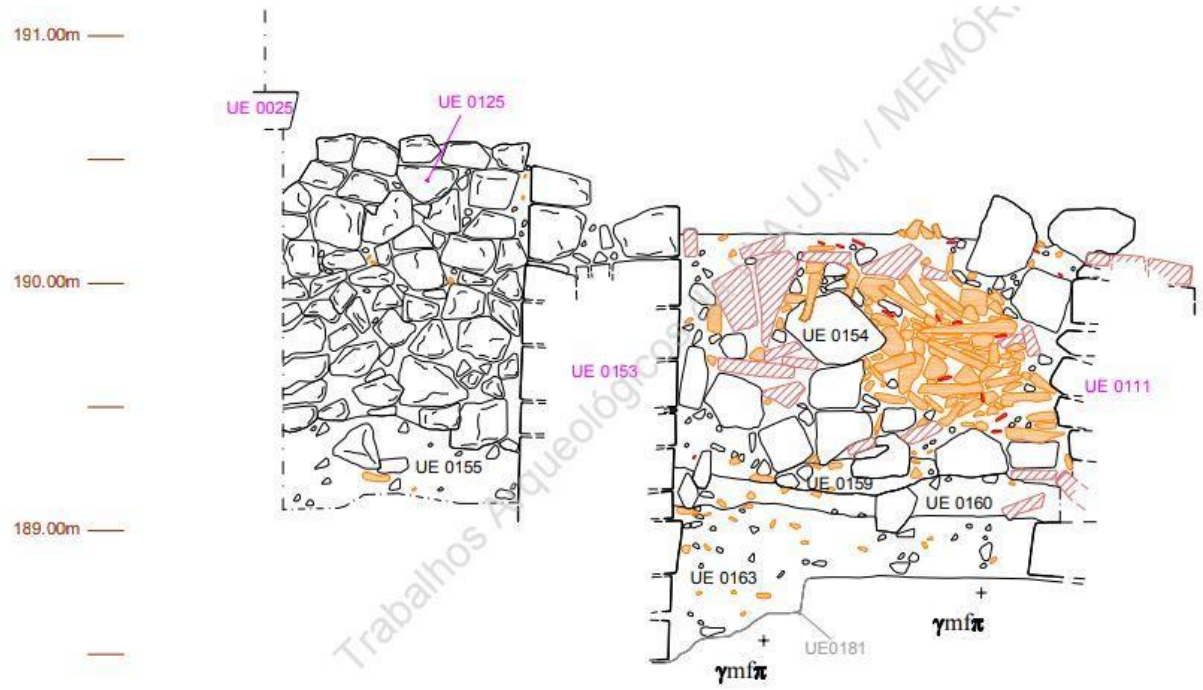


Figura 28. Corte estratigráfico com o enchimento correspondente à UE154 (©UAUM).

Braga
BRA08-09RAH20-28 - escavação no gaveto das ruas Afonso Henriques e Santo António das Travessas
Enchimento que entulhou parte do criptopórtico em época tardo antiga.
Superfície da escavação 110m2
Volume da escavação 225m3
Sondagens 8/9 - UE154
Superfície da camada 9,92m2
Volume da camada 6,94m3
Índice de fragmentação 0,14

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	Dens.	EEV	Total Frags.	NMI	MF
Cerâmica de tradição indígena	Prado	Taça		1					2,3	0,331	0,1	1	1	0,11
							1		5,3	0,764		1	1	
Engobe vermelho	Tardio	Cossoiro	1						2,9	0,418		1	1	
							3		64,2	9,251		3	1	
Cerâmica comum romana	Grosseira	Pote		4	1		2		251,8	36,282	0,4	14	4	0,10
		Testo	1				2	1	122,3	17,622	0,2	3	1	0,16
				2	2		105		732,8	105,591	0,3	111	2	0,13
Cinzenta tardia	Comum (G2)	Pote		5	1				93,4	13,458	0,8	6	5	0,15
		Prato	1						93,8	13,516	0,2	2	1	0,15
		Tigela		1					48	6,916	0,3	2	1	0,30
					3		11		745,7	107,450	0,2	16	3	0,07
Totais			3	13	7		124	1	2162,5	311,599	2,3	160	21	0,14

Tabela 26. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE154, sondagens 8 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28.

O contexto UE154 (Tabela 26) forneceu material cerâmico diversificado, que inclui fragmentos de produções de tradição indígena, datadas entre 15 a.C. e 50, um dos quais correspondente a uma taça, cuja presença neste contexto resulta de processos de remobilização de terras, que carregam consigo objetos mais antigos. Entre os materiais datáveis dos séculos IV/V, mais próximos do momento de formação daquele contexto (UE154), foram recuperados fragmentos de peças em cerâmica de engobe vermelho tardio, comum romana e cinzenta tardia comum (G2). Menos representadas está a produção engobada, com apenas dois elementos, um deles reaproveitado como um cossoiro (Gráfico 38).

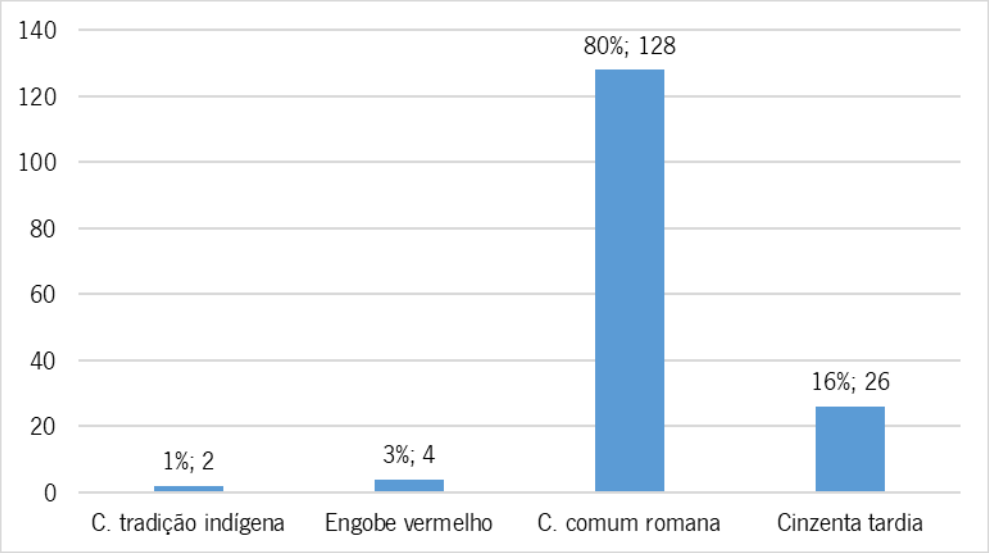


Gráfico 38. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE154, sondagens 8 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28.

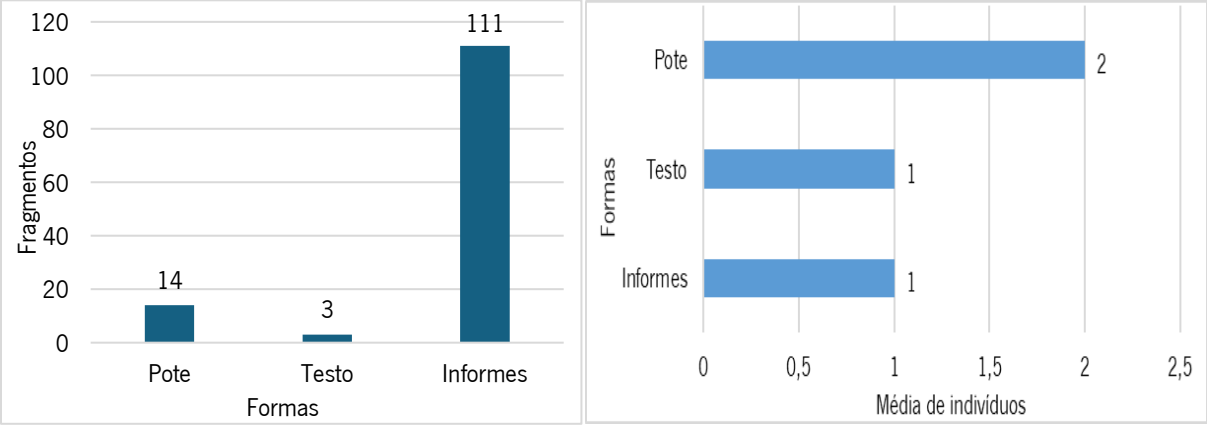


Gráfico 39. Quantidade e média de indivíduos das formas de cerâmica comum romana (amostra: 128 e 4, respetivamente).

Os fabricos comuns de época romana encontram-se bem representados pelos 128 fragmentos de peças, correspondendo a maioria paredes. No entanto, foi possível individualizar 2 potes e 1 testo, peças que são expectáveis num ambiente termal (Gráfico 39).

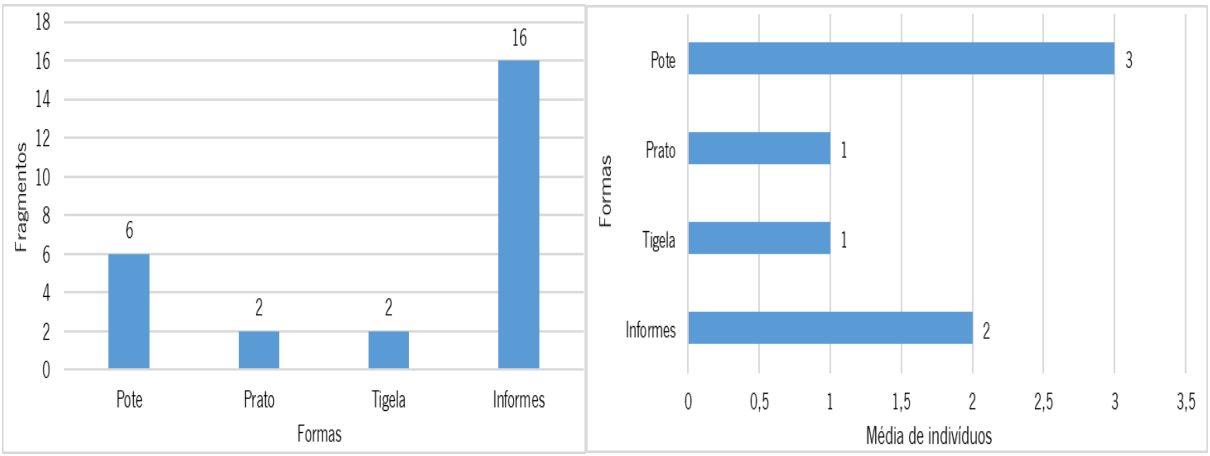
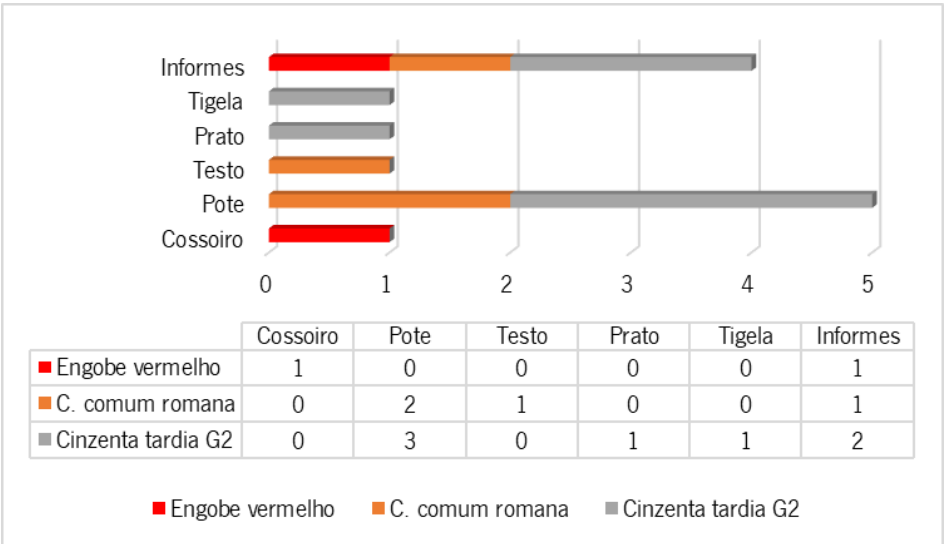


Gráfico 40. Quantidade e média de indivíduos das formas de cerâmica cinzenta tardia (amostra: 26 e 7, respetivamente).

As cerâmicas cinzentas tardias encontram-se menos representadas neste contexto, embora mais formas tenham sido identificadas, como destaque para os potes (6), os pratos (2) e as tigelas (2) (Gráfico 40). Assim, de um modo geral, podemos afirmar que o contexto representado pela UE154 apresenta um conjunto uniforme de peças, em termos de fabricos e repertório formal, revelando um equilíbrio entre as cerâmicas de engobes vermelhos tardios, comuns romanas e cinzentas tardias do grupo 2, que é comum em níveis do século V (Gráfico 41).



	Cossoiro	Pote	Testo	Prato	Tigela	Informes
Engobe vermelho	1	0	0	0	0	1
C. comum romana	0	2	1	0	0	1
Cinzenta tardia G2	0	3	0	1	1	2

Gráfico 41. Quantidade de fragmentos das formas de cerâmica tardia identificada na UE154 (amostra: 28).

O outro contexto selecionado para análise relaciona-se com as alterações ocorridas nesta área da cidade em momentos finais da Idade Média, sensivelmente ao longo do século XVI, embora em dois momentos distintos. O primeiro contexto, individualizado com a UE121 (Figura 29), corresponde ao enchimento que colmata o leito de uma conduta, fornecendo materiais relacionados com o fim do seu uso. Já o segundo contexto está associado à implantação de uma habitação moderna, que se encontra representada no Mapa de Braga de Georg Braun, de 1594.

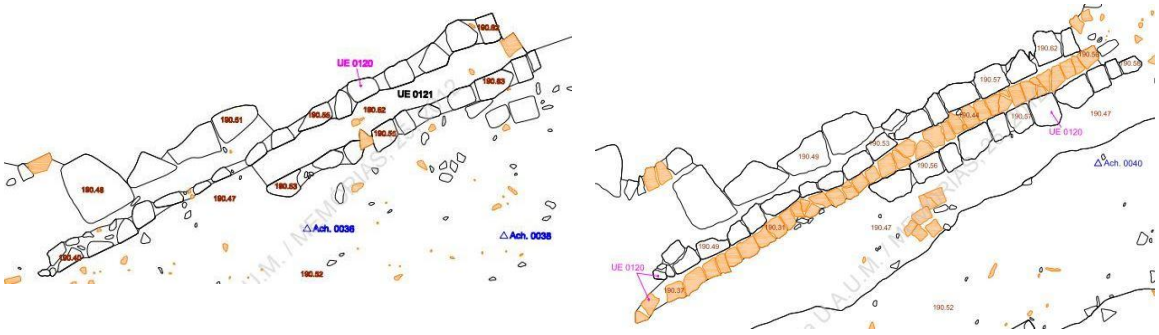


Figura 29. Registo em plano do enchimento UE121 (©UAUM).

A conduta UE120 faz parte das estruturas hidráulicas associadas à habitação medieval, que foi completamente arrasada nos finais do século XVI, certamente após um hiato em que o edifício esteve abandonado. Nesse período, o interior da canalização foi preenchido com sedimentos (UE121) que se acumularam onde antes corria a água, que incluem um conjunto bastante interessante de cerâmicas.

Braga
BRA08-09RAH20-28 - escavação no gaveto entre a rua D. Afonso Henriques e a rua de Santo António das Travessas
Enchimento do interior de uma conduta tardia que permaneceu em uso até o século XVI
Superfície da escavação 110m2
Volume da escavação 225m3
Sondagem 8 - UE121
Superfície da camada 0,55m2
Volume da camada 0,04m3
Índice de fragmentação 0,09

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	Dens.	EEV	Total Frags.	NMI	MF
Cerâmica comum romana	Grosseira				4		9		75,6	1890,00	0,2	13	4	0,05
Cinzenta tardia	Grupo 2				1	1	4		35,4	885,00		6	1	
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar G1	Alguidar		1				1	6,7	167,50	0,1	1	1	0,09
		Caneca			1				9,3	232,50	0,2	1	1	0,24
		Jarro			1				8	200,00	0,1	1	1	0,09
		Pote pequeno		1				1	2,8	70,00	0,1	1	1	0,12
				1	2	1	37	13	128,6	3215,00	0,1	41	2	0,04
	Gaspar G2	Alguidar		1				1	7,6	190,00	0,1	1	1	0,11
		Bacia		1				1	9,3	232,50	0,1	1	1	0,06
		Jarro			1			1	7,7	192,50	0,1	1	1	0,06
		Pote médio		1				1	11,6	290,00	0,1	1	1	0,08
					2		22	3	65,8	1645,00	0,2	24	2	0,09
	Gaspar G3	Pote médio		5					30,7	767,50	0,4	5	5	0,07
				1			11	3	33,4	835,00		12	1	
	Gaspar G4	Jarro			1			1	10,5	262,50	0,1	1	1	0,08
		Pote médio		2				1	6,3	162,50	0,1	2	2	0,05
							8		15,6	390,00		8	1	
	Gaspar G5						13		42,4	1060,00		13	1	
Totais				14	13	2	104	27	507,3	12687,50	1,8	133	28	0,09

Tabela 27. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE121, sondagem 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28.

O universo dos fabricos identificados no contexto UE121 (Tabela 27) contempla um número bastante diminuto de cerâmicas com cronologia bastante antiga, cuja presença é fruto dos processos de revolvimento e por um grupo quantitativamente mais expressivo de materiais que reúne as peças em circulação no momento de formação do enchimento (Gráfico 42). O primeiro conjunto está representado por 19 fragmentos, dos quais 13 em cerâmica comum romana e 6 em cinzenta tardia. Por sua vez, o segundo grupo, integra uma significativa quantidade de fragmentos de cerâmicas baixo-medievais, como se percebe pelos altos valores registados na densidade das formas. Trata-se de um conjunto de 114 fragmentos, entre os quais estão presentes todos os cinco grupos de fabrico identificados por Alexandra Gaspar, dos quais 16 forneceram dados que permitem a restituição da forma (Gráfico 43).

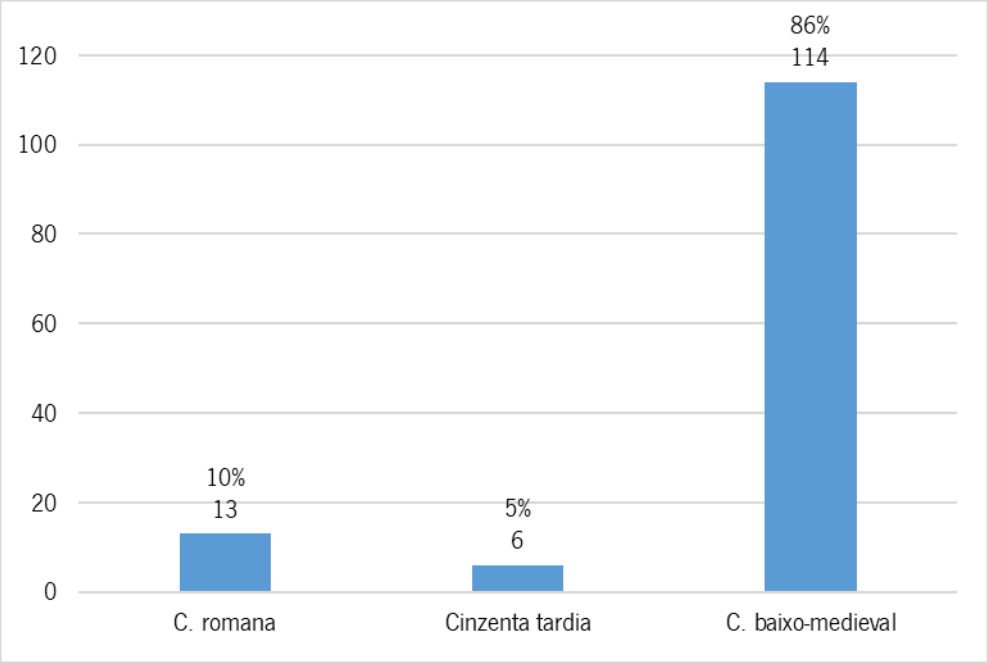


Gráfico 42. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE121, sondagem 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28.

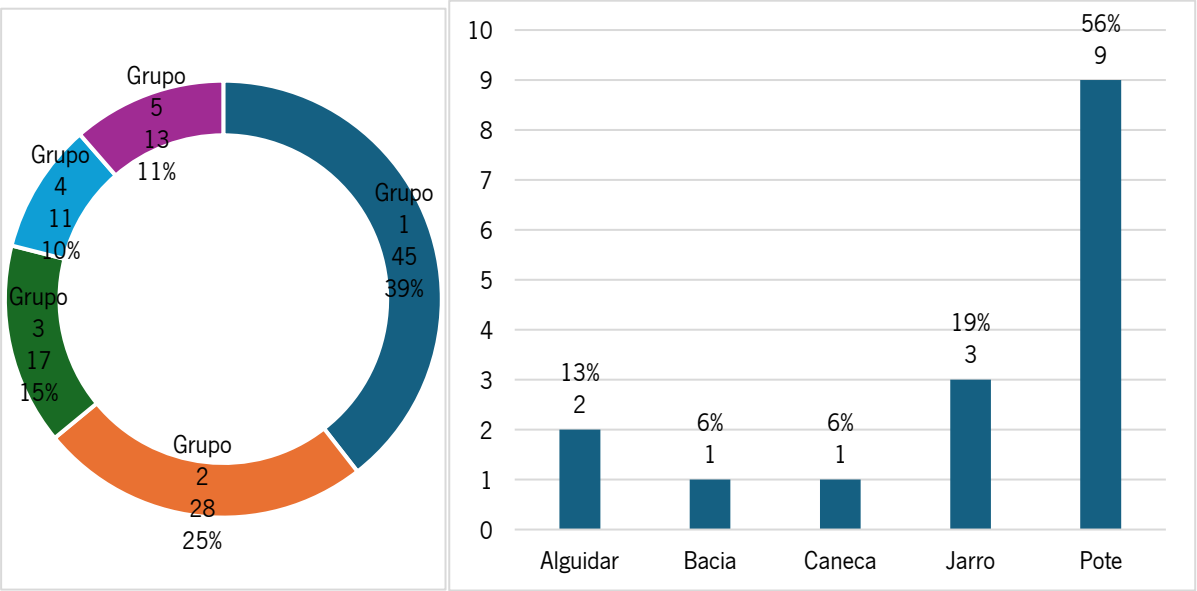


Gráfico 43. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico e formas (amostra: 114 e 16, respetivamente).

A distribuição dos materiais por fabricos é bastante heterogénea, com uma grande prevalência do Grupo 1, que representa 39% da amostra, secundado pelo Grupo 2, com 25%. Os demais fabricos possuem uma distribuição mais homogénea, com valores médios entre os 10 e os 15%. O repertório formal não apresenta elementos novos e as quantidades de formas reforçam, em grande medida, a tendência já anteriormente verificada, em que os potes possuem uma forte presença, enquanto os

demais recipientes, especialmente aqueles associados ao serviço de mesa, estão representados por quantidades menores e mais aproximadas (Gráfico 43).

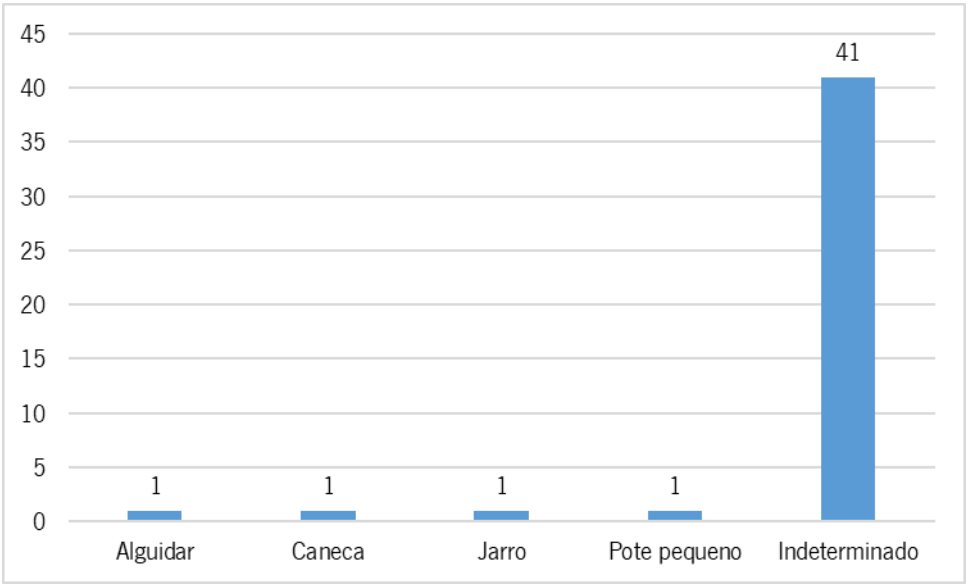


Gráfico 44. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 1 (amostra: 45).

Mau grado o Grupo 1 representar uma elevada quantidade de fragmentos, 82% deles correspondem a paredes, o que dificulta significativamente o reconhecimento das formas, representadas por um único exemplar. Nesse sentido, o repertório formal está representado por 1 alguidar, 1 caneca, 1 jarro e 1 pote pequeno (Gráfico 44).

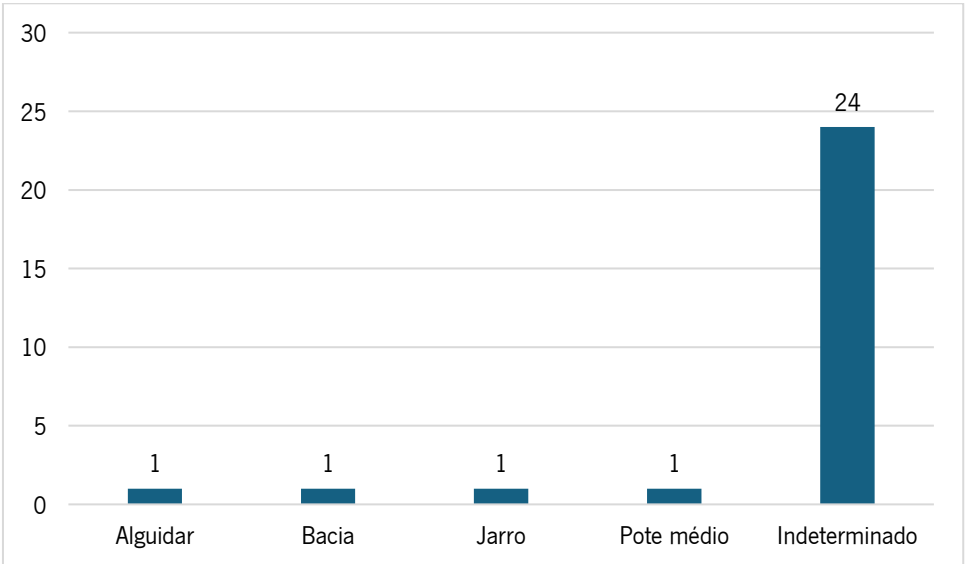


Gráfico 45. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 2 (amostra: 28).

Um panorama bastante semelhante foi o constatado para a produção definida pelo Grupo 2. Embora com uma quantidade de fragmentos mais reduzida, regista-se uma presença maioritária de paredes (79%) (Gráfico 45). Foi ainda possível diferenciar quatro recipientes com morfologias diferentes, nomeadamente 1 alguidar, 1 bacia, 1 jarro e 1 pote médio. Ligeiramente distinto é o conjunto de fragmentos do Grupo 3, que apresenta um repertório formal deveras reduzido, apenas representado por potes médios (Gráfico 46).

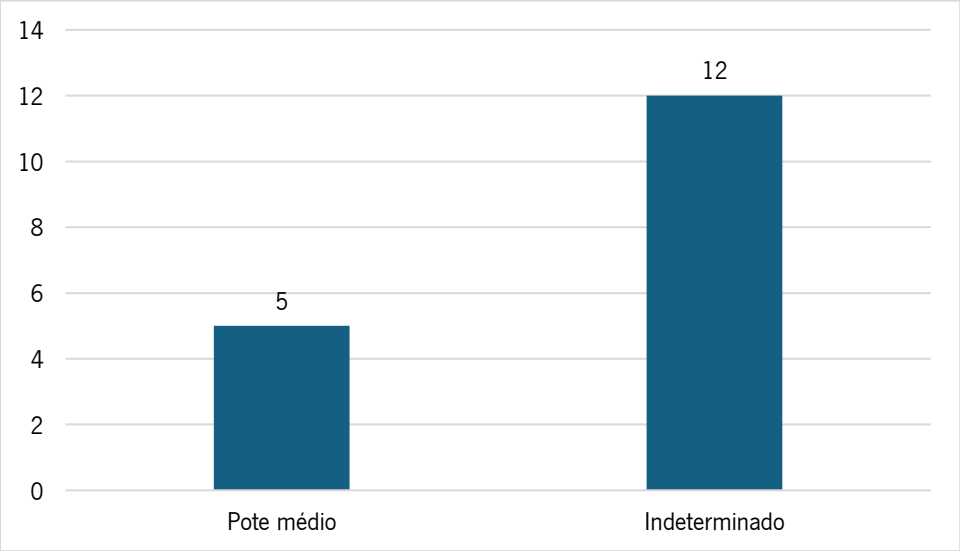


Gráfico 46. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 3 (amostra: 17).

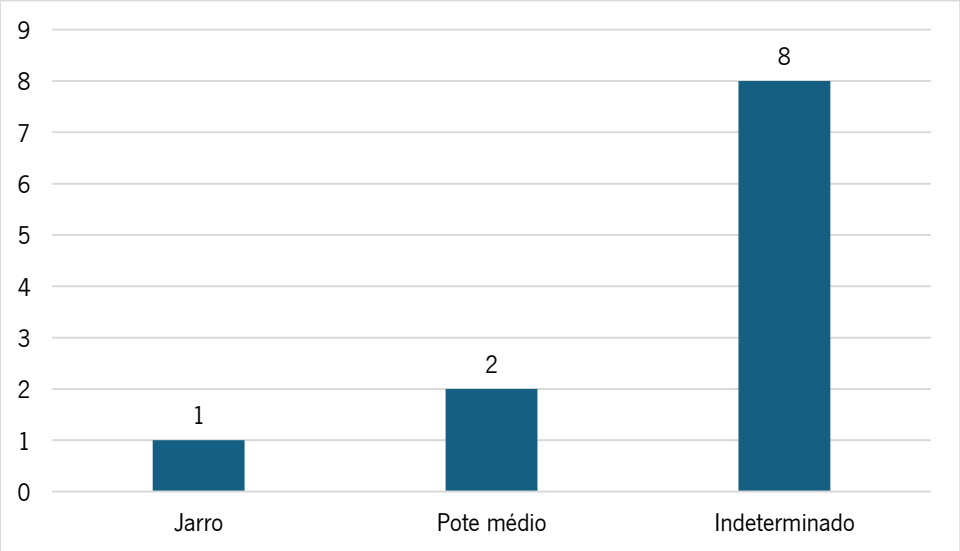
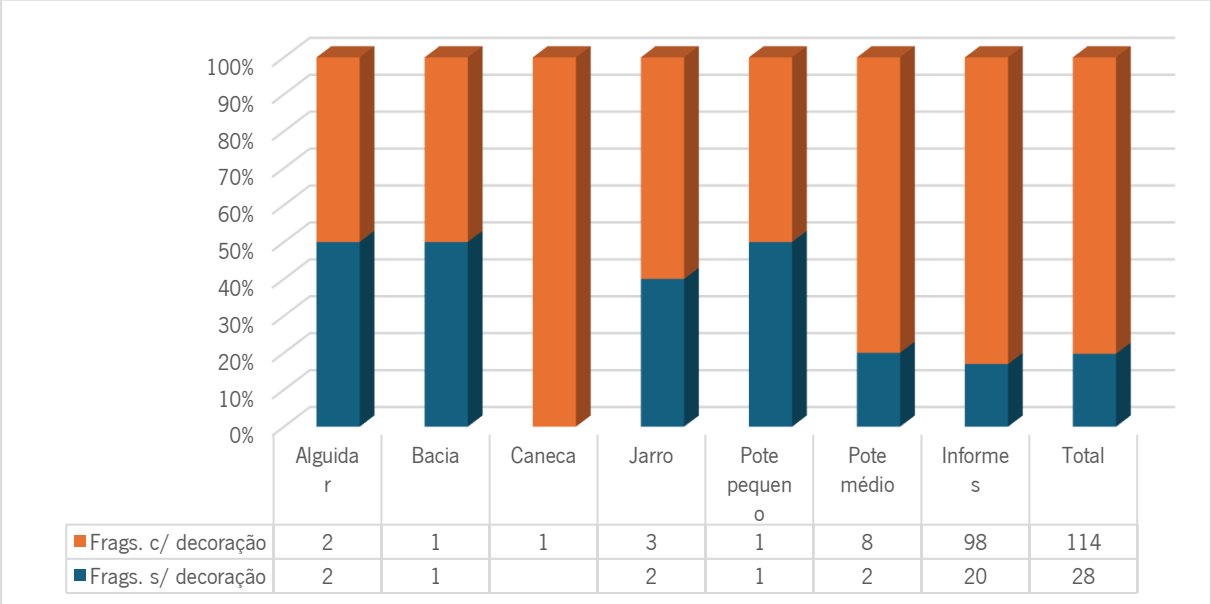


Gráfico 47. Quantidade de indivíduos das formas do Grupo 4 (amostra: 17).

O Grupo 4, igualmente pouco representado, integra apenas 11 fragmentos de cerâmica, dentre os quais foram individualizados 1 jarro e 1 pote médio (Gráfico 47). Por sua vez, o Grupo 5 está representado por 13 paredes informes.



	Alguidar	Bacia	Caneca	Jarro	Pote pequeno	Pote médio	Informes	Total
Frags. c/ decoração	2	1	1	3	1	8	98	114
Frags. s/ decoração	2	1		2	1	2	20	28

Gráfico 48. Quantidade e percentagem de fragmentos com decoração (amostra: 142).

O conjunto de fragmentos analisado regista uma grande concentração de elementos informes não decorados, tendo sido possível reconhecer, com maior frequência, elementos decorativos nos fragmentos que forneceram forma. O quadro que se apresenta no Gráfico 48 demonstra uma maior atenção dos oleiros aos bordos e fundos, as partes da peça que melhor possibilitam a identificação da forma do recipiente, enquanto as paredes, mantiveram-se em grande medida sem decoração.

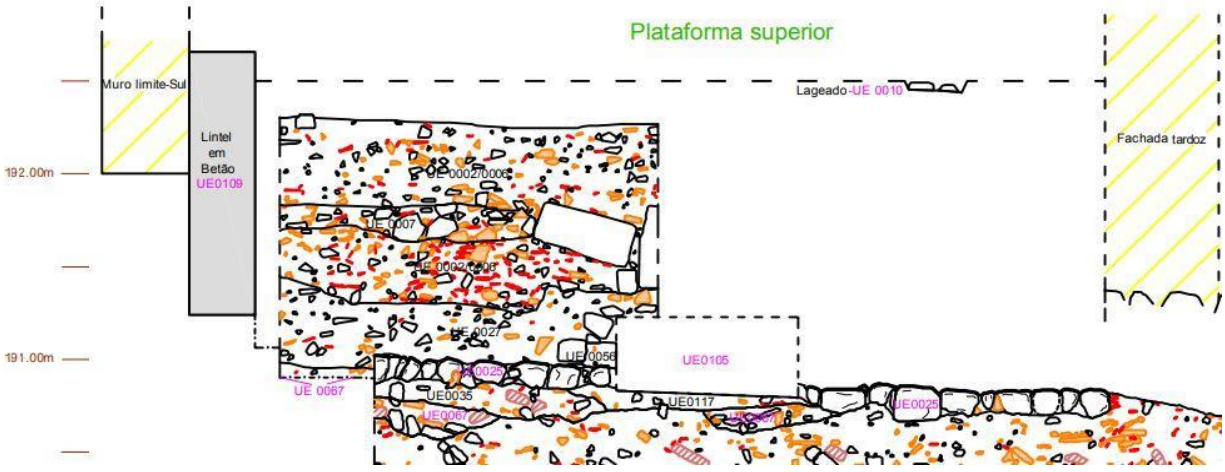


Figura 30. Registo em corte dos enchimentos UEs035 e 117 e da calçada UE025 (©UAUM).

Após um período em que o lote correspondente aos números 20–28 da rua D. Afonso Henriques se encontrou abandonado, sensivelmente nas décadas centrais do século XVI, o que está documentado pela formação do enchimento do interior da canalização anteriormente referido (UE121), terá sido construído um novo edifício, que se encontra representado no mapa de Georg Braun, de finais do século XVI. Deste contexto construtivo, tendo em vista a análise dos materiais, selecionamos os níveis de preparação para a implantação de uma nova calçada em granito polido e um muro coetâneo, correspondente às UEs 117 e 035 (Figura 30),

Braga
BRA08-09RAH20-28 - escavação no gaveto das ruas Afonso Henriques e Santo António das Travessas
Preparação para a implantação de um muro associado à casa de finais do século XVI.
Superfície da escavação 110m2
Volume da escavação 225m3
Sondagens 7/9 - UE117
Superfície da camada 2,52m2
Volume da camada 0,25m3
Índice de fragmentação 0,08

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	Dens.	EEV	Total Frags.	NMI	MF
Cerâmica comum romana	Fina			1			1		7,6	30,400	0,1	2	1	0,06
	Grosseira				2		9		78,2	312,800		11	2	
Cinzenta tardia	Imitação (G1)						1		5,7	22,800		1	1	
	Comum (G2)				2		4		58,1	232,400	0,2	6	2	
Cerâmica comum alto-medieval	Prado	Pote		1					33,8	135,200	0,1	1	1	0,10
							1	1	3	12,000		1	1	
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar G1			2	1		1		52,1	208,400	0,1	4	2	0,10
	Gaspar G2						6	2	13,1	52,400		6	1	
	Gaspar G3						5		18,2	72,800		5	1	
	Gaspar G4						14	2	84	336,000		15	1	
	Gaspar G5						1		3,6	14,400		1	1	
Faiança		Prato		1	1			2	3,6	14,400	0,1	2	1	0,05
							1	1	1,3	5,200		1	1	
Totais				5	6		44	8	362,3	1449,200	0,5	56	16	0,08

Tabela 28. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE117, sondagens 7 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28.

A UE117 corresponde a um nível de preparação da calçada, correspondente à UE025, que regista materiais cerâmicos de distintas produções e cronologias (Tabela 28), uma característica dos níveis de enchimento, que resultam de revolvimentos de terras com diferentes origens (Gráfico 49). O contexto apresenta um significativo número de peças com cronologia romana, tardo-antiga e alto-medieval, correspondente a 22 fragmentos, o que perfaz 40% da amostra.

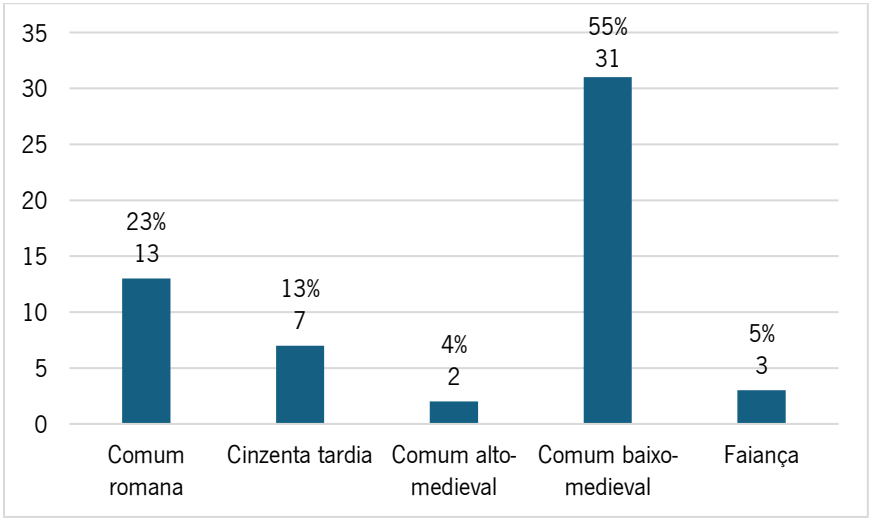


Gráfico 49. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE117, sondagens 7 e 9, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28.

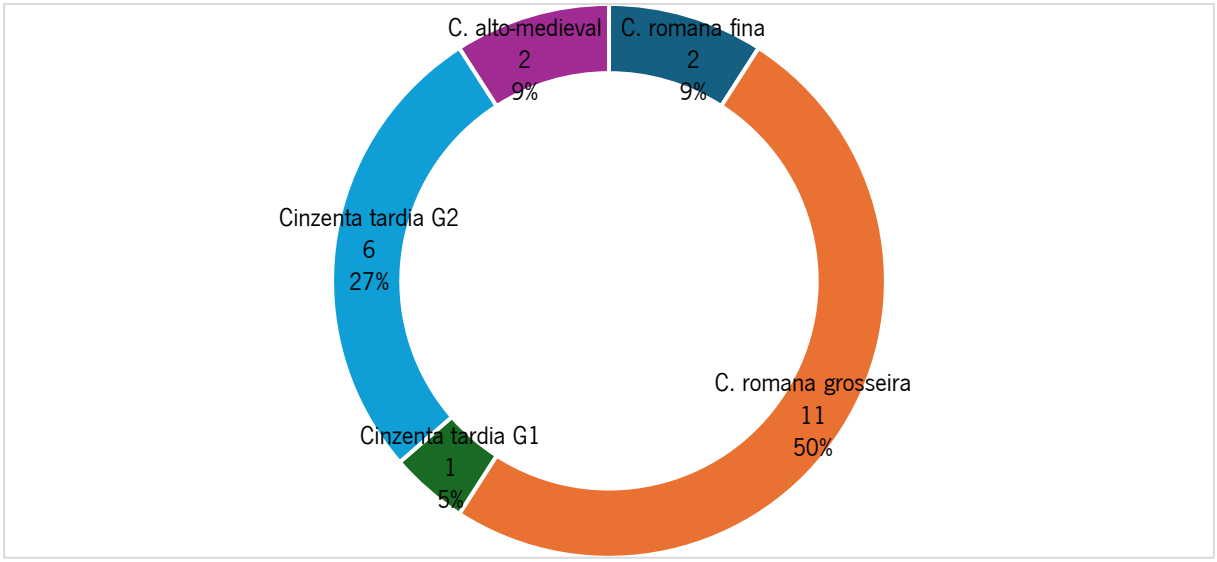


Gráfico 50. Quantidade e percentagem das cerâmicas romanas, tardo-antigas e alto-medievais (amostra: 22).

Entre os materiais com cronologias mais antigas, cujos fabricos distam do momento de formação deste contexto, foram identificadas peças em cerâmica comum romana, tanto na variante grosseira como fina, cinzentas tardias dos grupos 1 e 2 e cerâmica comum do período alto-medieval (Gráfico 50).

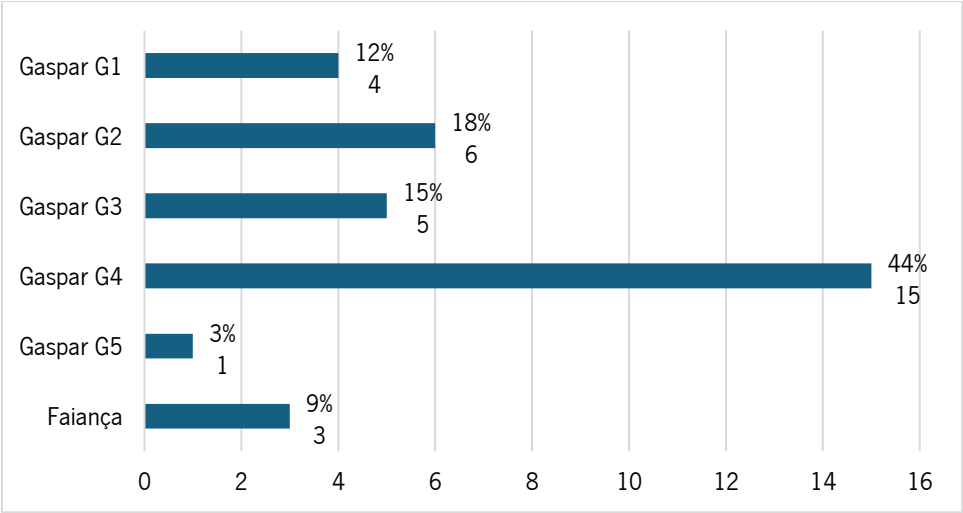


Gráfico 51. Quantidade e percentagem das cerâmicas comuns baixo-medievais e faianças (amostra: 34).

Os materiais cerâmicos deste contexto não forneceram dados morfológicos, com a exceção de dois fragmentos de faiança associados a um prato. Foram, contudo, recuperados 2 bordos e 1 fundo de peças de cerâmica comum tardo-medieval, pertencente ao grupo de fabrico 1, não tendo sido possível definir claramente a funcionalidade das peças a que pertenceriam os bordos. Quantitativamente, as percentagens de peças dos grupos de fabrico tardo-medievais apresentam valores que se afastam um pouco dos habituais, evidenciando-se uma concentração de peças do grupo 4, seguido pelos grupos 1, 2 e 3, enquanto o grupo 5 encontra-se deveras subrepresentado, apenas por 1 fragmento (Gráfico 51).

Braga
BRA08-09RAH20-28 - escavação no gaveto entre a rua D. Afonso Henriques e a rua de Santo António das Travessas
Nível de preparação para assentar uma calçada em finais do século XVI
Superfície da escavação 110m2
Volume da escavação 225m3
Sondagens 2/7/8 - UE035
Superfície da camada 2,3m2
Volume da camada 0,12m3
Índice de fragmentação 0,13

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	Dens.	EEV	Total Frags.	NMI	MF
Cerâmica comum tardo-medieval	Gaspar G2				1				15,5	129,167	0,1	1	1	0,09
Cerâmica vidrada tardo-medieval	Barcelos	Alguidar					1	1				1	1	
	Manises	Prato					1	2	68,8	573,333		1	1	
		Alguidar		1				1	25,3	210,833	0,1	1	1	0,14
					1		7	8	37	308,333	0,2	8	1	0,17
Faiança	Sevilha						1	1				1	1	
	Manises						2	2				2	1	
		Prato		2				2	28,7	220,769	0,1	2	2	0,06
				1			6	7	26,5	203,846		7	1	
Porcelana	Kraak						1	1	1,1	8,462		1	1	
Totais				4	2		19	25	146,6	1221,667	0,4	25	11	0,13

Tabela 29. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE035, sondagens 2, 7 e 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nºs 20–28.

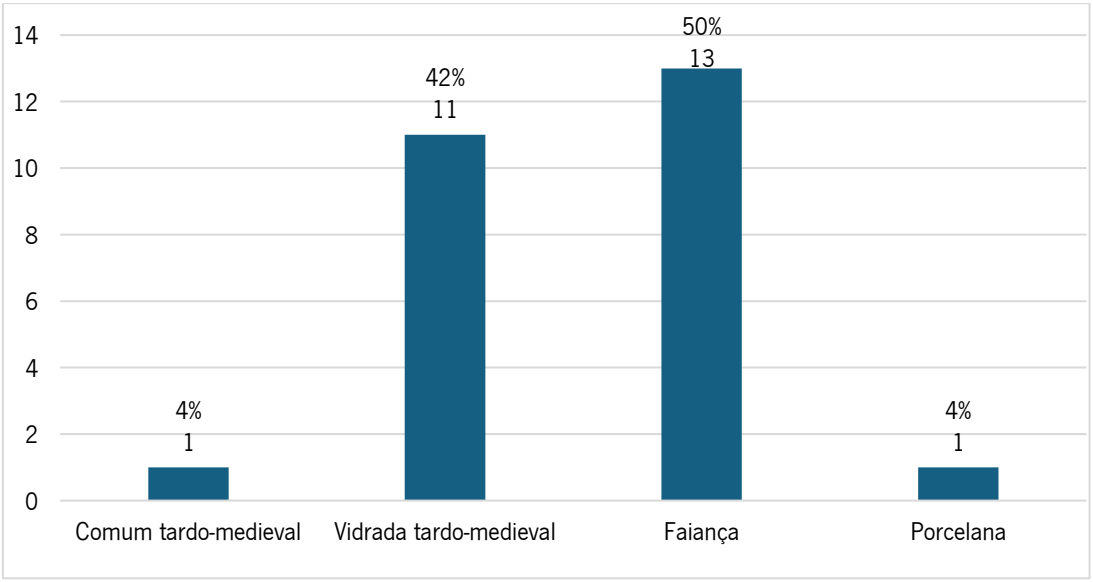


Gráfico 52. Distribuição dos fabricos cerâmicos provenientes da UE035, sondagens 2, 7 e 8, da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 20–28.

De um momento contemporâneo do contexto da UE117, é a UE035, igualmente um nível de preparação para assentar uma calçada (UE025), em finais do século XVI. O contexto apresenta um conjunto ceramológico cronologicamente bastante homogéneo (Tabela 29), tendo sido identificadas cerâmicas comuns e vidradas tardo-medievais, faianças e porcelanas, um conjunto que remete para fabricos produzidos ao longo dos séculos XV e XVI (Gráfico 52).

As cerâmicas comuns tardo-medievais e as porcelanas estão representadas exclusivamente por um fragmento cada e, em nenhum dos casos, foi possível identificar a forma dos recipientes. Trata-se de um fundo associado ao Grupo 2, plano e sem decoração, que pode corresponder a diferentes vasos. A porcelana, por sua vez, é de origem chinesa, genericamente classificada como Kraak, remontando aos contactos entre os portugueses e o Oriente, designadamente o Império Chinês da dinastia Ming.

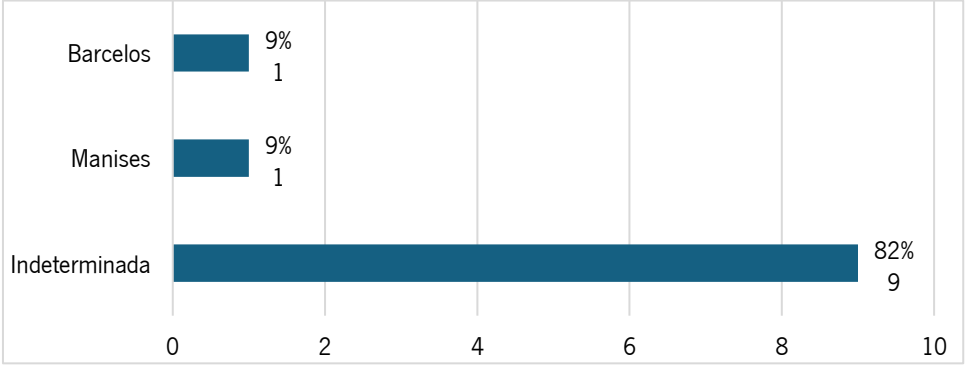


Gráfico 53. Quantidade e percentagem das origens das cerâmicas vidradas (amostra: 11).

As produções cerâmicas vidradas recuperadas na UE035 correspondem a recipientes produzidos em Barcelos e Manises, existindo algumas peças cuja proveniência não conseguimos determinar (Gráfico 53). Em relação ao repertório formal, vale destacar a identificação de 2 alguidares, um deles fabricado com as argilas de Prado e 1 prato, com origem nas olarias de Manises.

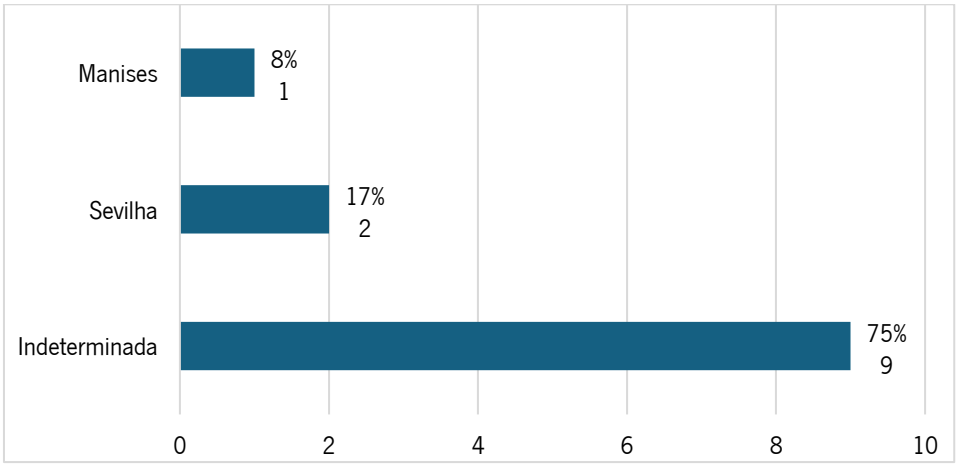


Gráfico 54. Quantidade e percentagem das origens das faianças (amostra: 12).

Por sua vez, as faianças encontram-se representadas em 12 fragmentos, embora em 75% dos indivíduos tenha sido impossível identificar a proveniência (Gráfico 54). Entre aqueles em que a origem foi determinada, vale a pena salientar a exclusividade das peças produzidas no Reino de Espanha, em Manises e Sevilha. No que toca às formas dos recipientes, apenas foi reconhecido 1 prato entre os objetos sem procedência diferenciada.



Gráfico 55. Média de indivíduos das formas identificadas nas cerâmicas vidradas e faianças (amostra: 5).

O universo formal das faianças e recipientes vidrados está representado por pratos e alguidares (Gráfico 55). Embora a média identificada de indivíduos seja deveras reduzida para possibilitar qualquer interpretação definitiva, vale a pena destacar que as peças vidradas estão associadas apenas a alguidares, exemplares relacionados com a transformação dos alimentos ou lavagem, enquanto os pratos encontram-se restritos às faianças e à loiça dourada de Manises, uma produção que conheceu um

reconhecimento bastante significativo e um destaque importante no consumo de objetos ceramológicos nos finais da Idade Média (Coll Conesa, 2009, pp. 81–93).

3.6 A ZA da rua D. Afonso Henriques nºs 42–56

3.6.1 Historiografia

3.6.1.1 Enquadramento espacial

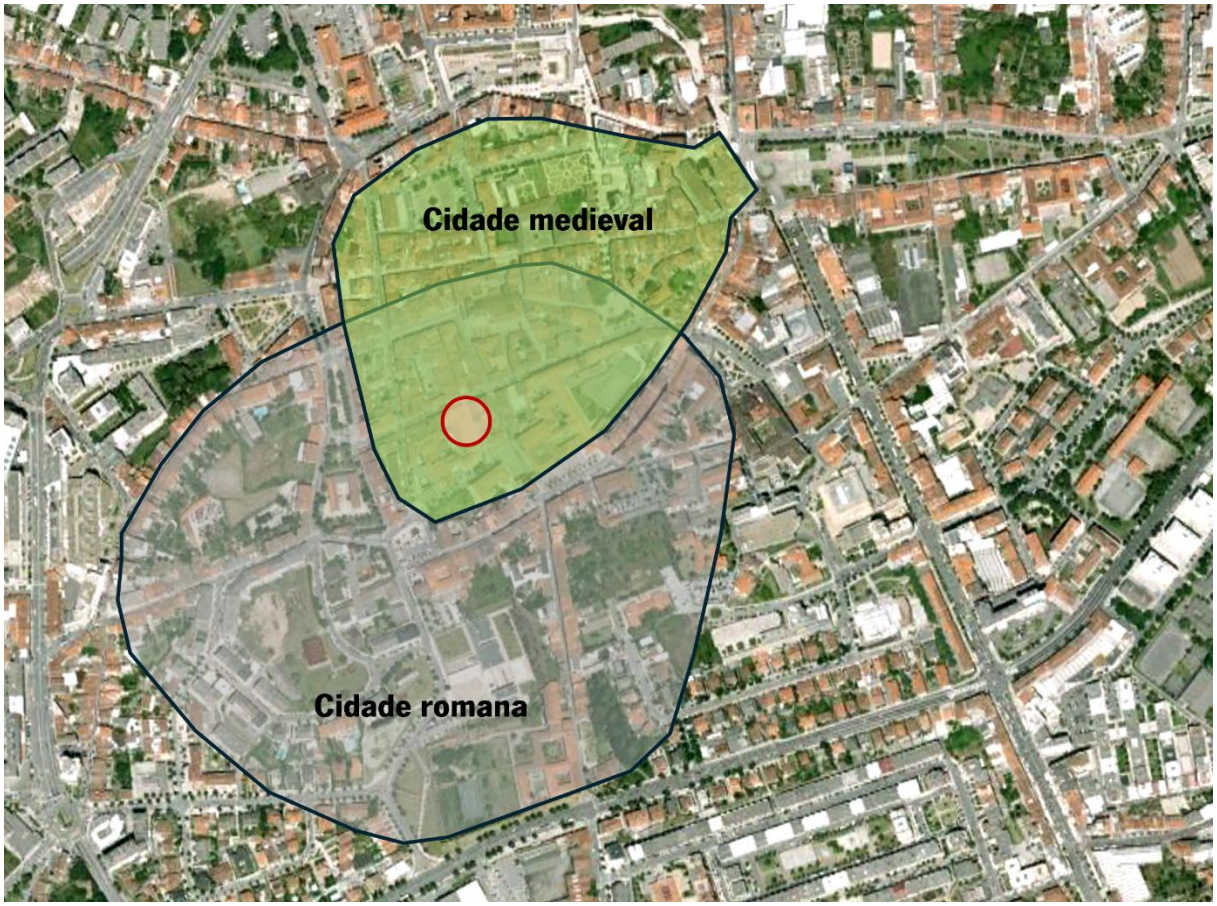


Figura 31. Localização da ZA da rua D. Afonso Henriques, nºs 42–56 (©UAUM).

A zona arqueológica designada por rua D. Afonso Henriques nºs 42–56 (Figura 31) corresponde ao miolo de um quarteirão moderno da cidade de Braga, delimitado a norte pela rua D. Afonso Henriques, a este pela rua de Santiago, a sul pela rua de S. Paulo e a oeste pela rua de Santo António das Travessas. Este espaço foi objeto de duas intervenções arqueológicas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, em 1998 e 2002, tendo sido referenciado arqueologicamente como rua D. Afonso Henriques, nºs 42–56, uma vez que se situa nas traseiras dos prédios referidos, tendo a limitá-lo, a nascente, o edifício com os nºs 2 a 12 da rua de Santiago (Cunha *et al.*, 2013).

Essa zona recobre uma área integrada no Centro Histórico de Braga, cuja localização no quadrante nordeste da cidade romana e tardo antiga determinou a continuidade da sua ocupação devido à sua proximidade com a basílica paleocristã, construída no sítio da atual catedral. O terreno intervencionado oferece, por isso, uma notável sedimentação histórica, que recobre a evolução da cidade, entre a sua fundação romana e a contemporaneidade, oferecendo semelhanças estratigráficas com as áreas próximas, designadamente, com zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques, nºs 20–28 (v. ponto 3.5), que lhe é contígua e com a zona arqueológica do ex Albergue Distrital (v. ponto 3.7).

O lote corresponde a uma parte significativa de um quarteirão da antiga cidade de *Bracara Augusta*, com ocupação reconhecida desde meados do século I, registando a sucessão de estruturas de natureza privada, datáveis de época flávia, parcialmente reutilizadas num equipamento público termal, datado do século II, com sucessivas remodelações até à Antiguidade Tardia (Martins *et al.*, 2013). O local regista um abandono na área que corresponde ao miolo do atual quarteirão, com ocupação periférica a partir da Idade Média, um processo que foi observado na contígua zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques nºs 20–28 (v. ponto 3.5). A importância do medieval bairro das Travessas, como é conhecido este setor da cidade medieval, a sul da Catedral, justifica a sua plena construção ao longo do então principal eixo vário E/O, que estruturava a zona habitacional e comercial da cidade medieval, cuja estrutura nos é restituída pelo Mapa de Braunio, de 1594 (Ribeiro, 2008). A morfologia dos quarteirões será apenas alterada nos seus limites a partir dos finais o século XVIII, mas sobretudo no XIX, com o alargamento das ruas que implicou o recuo das fachadas dos edifícios, processo bem documentado na zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques nºs 20–28 (v. ponto 3.5).

3.6.1.2 Historial das intervenções realizadas

As intervenções arqueológicas que foram realizadas nesta zona arqueológica, em 1998 e 2002, enquadraram-se no âmbito de ações preventivas, devido à intenção de se proceder à remodelação do imóvel moderno com fachada para a R. de Santiago (nºs 2–12), local com condicionantes impostas pela CMB, determinadas pela elevada probabilidade de se referenciarem vestígios arqueológicos, O projeto imobiliário implicava a remoção de terras no interior do quarteirão, suscetíveis de afetar possíveis ruínas arqueológicas, sugeridas pelas ocorrências de vestígios, documentados em 1993, numa intervenção realizada num logradouro anexo, correspondente às traseiras do prédio nº36–40 da R. Afonso Henriques. As estruturas então identificadas sugeriam a existência de um balneário romano, o qual veio a ser plenamente confirmado com as escavações de 1998 e 2002.

Os trabalhos arqueológicos decorreram em duas fases distintas. A primeira teve lugar entre maio e novembro de 1998 e consistiu na escavação de um conjunto de 6 sondagens de 4x4m, abertas em xadrez, a fim de se cobrir a totalidade da área que seria afetada pelas obras projetadas. Os trabalhos arqueológicos puseram a descoberto vários muros romanos, situados a uma profundidade de cerca de 2,5 m, correspondentes a um balneário romano ao qual pertenciam também os vestígios exumados no logradouro anexo, em 1993. As dificuldades sentidas na remoção das terras, em resultado da profundidade a que se situavam os vestígios arqueológicos, levou à interrupção dos trabalhos em 1998, tendo os mesmos sido retomados em 2002 para se completar a escavação da totalidade do terreno (Cunha *et al.*, 2013). Os resultados das duas intervenções, articulados com os obtidos no logradouro anexo (R. Afonso Henriques, nº36–40), permitiram identificar uma longa sequência de ocupação, balizada entre os inícios do século I e a atualidade (Martins *et al.*, 2013).

Os resultados da escavação desta área arqueológica revestem-se de grande significado para analisar, tanto da dinâmica evolutiva da cidade romana e tardo antiga, como da evolução do tecido urbano bracarense ente a Idade Média e a contemporaneidade deste setor da cidade de Braga. A sua compreensão beneficiou do conjunto de dados arqueológicos identificados noutras zonas arqueológicas, escavadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, desde 1976, mas também da reflexão contínua que foi sendo realizada sobre a planimetria da cidade de *Bracara Augusta*, sucessivamente consolidada a partir do cruzamento dos dados arqueológicos facultados pelas largas dezenas de escavações (Martins *et al.,* 2017b). Também, a compreensão das estruturas exumadas e da organização funcional das construções é devedora do conhecimento adquirido no estudo dos quarteirões limítrofes ou dos edifícios similares, designadamente de banhos públicos (Martins, 2005; 2015; *et al.,* 2011).

3.6.2 As fases de ocupação

As estruturas registadas nas escavações da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques nºs 20–28 foram objeto de uma análise detalhada alguns anos depois da realização da intervenção, tendo a sua interpretação e cronologia sido divulgadas através do relatório final dos trabalhos, editado em acesso (Cunha *et al.*, 2012).

Os dados arqueológicos disponibilizados pelas intervenções de 1998 e 2002 permitiram restituir a evolução construtiva do edificado romano e tardo antigo e sistematizar a longa da ocupação do quarteirão, desde a época romana (Figura 32). A análise do registo da estratigrafia sedimentar e construtiva constituiu o eixo estruturante da sequenciação cronológica e cultural, definida com base no estudo dos materiais cerâmicos e numismáticos procedentes de valas de fundação, níveis de circulação,

ocupação, abandono, revolvimento e entulhamento (Ribeiro *et al.*, 2013; Martínez Peñín *et al.*, 2013). A contextualização dos dados obtidos foi ainda devedora do conhecimento propiciado por outras intervenções arqueológicas contíguas, designadamente do ZA do ex-Albergue Distrital (v. ponto 3.7) e da ZA da rua Afonso Henriques nºs 20–28 (Leite *et al.*, 2012) (v. ponto 3.6). bem como da análise da cartografia histórica de Braga (Ribeiro, 2008).



Figura 32. Perspetiva geral das estruturas identificadas na rua D. Afonso Henriques, nºs 42/56 (©UAUM).

No conjunto foram identificadas 10 fases, que definem uma ocupação mais ou menos continuada do local.

A primeira fase, correspondente à 1ª metade do século I, inicia-se com a fundação da cidade romana, estando representada por um conjunto de valas de implantação de silhares, fossas e por um pavimento de terra batida. Embora seja difícil esclarecer a natureza exata das atividades realizadas no quarteirão, sabemos que essa situação ocorreu noutros quarteirões limítrofes, a poente (ZA FCB/SAT) e a noroeste (ZA ex-Albergue Distrital).

A segunda fase, situada entre meados do século I e meados do II, corresponde à primeira urbanização do quarteirão romano ocupado por uma *domus* de peristilo (Magalhães, 2019). Na parte sul da área escavada situa-se o muro da fachada sul do edifício (UE022), que possuiria uma abertura limitada por um silhar (UE040), que assinalava uma entrada a partir do pórtico com acesso a um corredor de circulação interno. Outros muros sugerem a existência de vários compartimentos de uma *domus*, com características similares às reconhecidas no quadrante nordeste da cidade romana (Cunha *et al.*, 2013; Martins *et al.*, 2013).

A terceira fase, corresponde à transformação funcional da área escavada associada à construção de um balneário romano de carácter público, em meados do século II. A edificação deste equipamento implicou uma alteração morfológica da área sul do quarteirão, sendo, contudo evidente que grande parte dos muros construídos na fase anterior, sobretudo na parte central e norte, foram reaproveitados para estruturar as diferentes áreas funcionais do edifício. As escavações permitiram identificar também um conjunto variado de estruturas que ajudam a compreender o sistema hidráulico do balneário. Aparentemente, podemos estar em face de um equipamento que se estruturava em duas áreas mais ou menos autónomas, separadas pelo corredor, hipótese sugerida por Manuela Martins (2015), sendo possível que tivesse uma entrada a nordeste. No entanto, o desconhecimento dos limites do edifício a norte, este e oeste, impedem a confirmação desta hipótese, enquanto a entrada por sul se encontra arqueologicamente documentada, oferecendo uma articulação com o decumano sul.

A quarta fase corresponde a uma 1ª remodelação do balneário, realizada entre finais do século III/ inícios do IV, período em que se registam algumas importantes transformações da funcionalidade de alguns espaços, o que implicou o entulhamento de alguns hipocaustos e áreas de serviços, bem como a generalizada repavimentação dos espaços frios e quentes, que receberam novos pavimentos musivos, testemunhados pelos restos de tesselas encontrados nas várias salas. No entanto, o edifício parece ter mantido a estrutura formal básica, herdada do período anterior, mantendo-se os seus limites conhecidos (Martins, 2015).

A quinta fase (séculos IV–V/VII) inicia-se com a 2ª remodelação do balneário, entre meados e finais do século IV, a que se associam a algumas pequenas reformas. Tanto quanto é possível avaliar pela área escavada, o edifício manteve a estrutura herdada da fase anterior, sendo de destacar que apenas se terá mantido em funcionamento uma área quente (área 9), situada na parte norte, sendo os restantes espaços quentes da fase anterior sido convertidos em compartimentos frios. Tudo indica que o balneário tenha permanecido em uso ainda no século V, sendo presumível que o espaço do edifício tenha sido utilizado, ainda que só parcialmente e, certamente com outra função, durante o século VI/VII. Neste período se inserem os níveis de enchimento de algumas estruturas, como é o caso da piscina construída no século IV na área 7, que revela dois níveis distintos, um com materiais do século IV (UE261) e outro com materiais datáveis entre finais do século IV/primeira metade do século V, correspondendo ao seu abandono (UE361) (Cunha *et al.*, 2013).

A sexta fase decorre entre os séculos VIII/IX–X/XII, correspondendo a um definitivo abandono do edifício e aos primeiros saques dos muros e outras estruturas, cujos enchimentos reportam materiais tardo-antigos. Também a inutilização de várias canalizações, designadamente da CAN3 de adução de

água e das CAN1 e CAN2 de drenagem, pode ser datada de um momento posterior aos séculos V–VII. Assim, o registo arqueológico parece assinalar uma ausência de atividades construtivas posteriormente ao século VII, evidenciando o saque das estruturas pertencentes ao balneário romano, ou abandono de outros equipamentos associados ao sistema hidráulico, o que indica que o setor escavado parece ter-se transformado no miolo de um novo quarteirão integrado na estrutura urbana do medieval bairro das Travessas, cuja génese poderá corresponder a esta fase (Cunha *et al.*, 2013).

Tendo por base os conhecimentos disponíveis e a localização da área arqueológica relativamente ao núcleo urbano de Braga, que persistiu ocupado no quadrante nordeste da anterior cidade tardo antiga, julgamos que o saque dos muros poderá associar-se com a necessidade de pedra para a construção da primeira cerca medieval, cujo traçado coincide com o da muralha fernandina, mas que sabemos que teria como limite norte a muralha romana (Martins & Ribeiro, 2013). Cabe ainda sublinhar que os materiais cerâmicos dos séculos intermédios da Idade Média estão presentes em várias unidades sedimentares associadas a enchimentos de numerosas valas de saque de muros, para obtenção de material de construção, o que pode indicar uma ação de obtenção de pedra, necessária à construção cidade medieval (Cunha *et al.*, 2013).

A sétima fase corresponde aos séculos XIV–XV, caracterizando-se por novas atividades de saque das estruturas do grande edifício termal. A abundância de cerâmicas baixo-medievais, nalguns casos associadas a numismas datados do seculo IV, como acontece na UE325, documenta os profundos revolvimentos do solo operados na busca de pedra, talvez necessária para a construção da muralha fernandina, ou do Paço arquiepiscopal, dois grandes empreendimentos urbanos de Braga dos séculos finais da Idade Média (Marques, 1983; Martins *et al.*, 2021).

A oitava fase (séculos XVI–XVIII) associa-se a evidências arqueológicas que documentam a utilização moderna do espaço como logradouro, um processo seguramente posterior ao século XV. Assim, registam-se alguns saques pontuais (UE243), bem como a formação de níveis sedimentares, relativamente potentes, que tendem a regularizar o terreno, como acontece com a UE375, bem como algumas raras ações construtivas. Destas destacamos a implantação de uma estrutura muito tosca (UE198), com cerca de 1,40 m de largura, assente sobre a UE274, que forneceu materiais dos séculos XIII-XIV/XV (Cunha *et al.*, 2013).

A nona fase corresponde ao período contemporâneo (séculos XVIII–XIX), associando-se a atividades de regularização do terreno, iniciadas na fase anterior e a uma considerável subida de cota entre os níveis de ocupação romanos e o solo atual, algo que resulta de significativos aterros que

integraram abundantes materiais datáveis entre o período moderno e contemporâneo, representados pelas UEs 445 e 174.

Finalmente, a décima fase corresponde ao século XX, pautada por ações construtivas associadas à implantação de canalizações no logradouro do quarteirão.

3.6.3 Os materiais

Apesar da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques, nºs 42–56 documentar níveis bastante interessantes sobre a ocupação romana e, sobretudo, tardo-antiga daquela área da cidade de Braga, preferimos focar-nos nos contextos baixo-medievais desta zona arqueológica, uma vez que as cerâmicas associadas à construção, reformas e abandono do edifício termal foram detalhadamente estudadas por uma equipa liderada por Jorge Ribeiro (*et al.*, 2014), pelo que entendemos mais vantajoso dedicar-nos a aprofundar as análises do material baixo-medieval realizadas por Raquel Martínez Peñín (*et al.*, 2014).

Nesse sentido, identificamos três contextos que documentam as transformações ocorridas neste setor da cidade durante os finais da Idade Média, designadamente um conjunto de saques e de fossas (UEs211 e 249), presumivelmente no século XIII–XIV, a destruição de estruturas tardo-medievais, que teria ocorrido no século XV (UE222) e, finalmente, a construção da habitação moderna, já em meados da centúria seguinte (UE108) a que se associam várias canalizações (UEs113 e 229), um pavimento (UE241) e um nivelamento para assentar outras estruturas modernas (UE274).

Braga
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos nºs 42-56 da rua D. Afonso Henriques
Enchimento da vala de saque de uma estrutura desconhecida
Qd. 419 - UE211

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2	Bilha		1					1	1
		Tigela		1					1	1
							5		5	1
Cerâmica comum pleno-medieval							1		1	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1					1			1	1
Totais				2		1	6		9	5

Tabela 30. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE211, Qd. 419, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Desconhecemos a natureza das construções alto-medievais que foram implantadas nesta zona arqueológica, cuja utilização justificaria os estratos que foram atribuídos ao século XIII e que apontam

para uma grande necessidade de obter pedras para as construções baixo-medievais. Assim parece acontecer com a UE211 que documenta essa busca por materiais pétreos, tratando-se do enchimento de uma vala de saque, desconhecendo-se, contudo, a estrutura que foi desmontada (Figura 33).

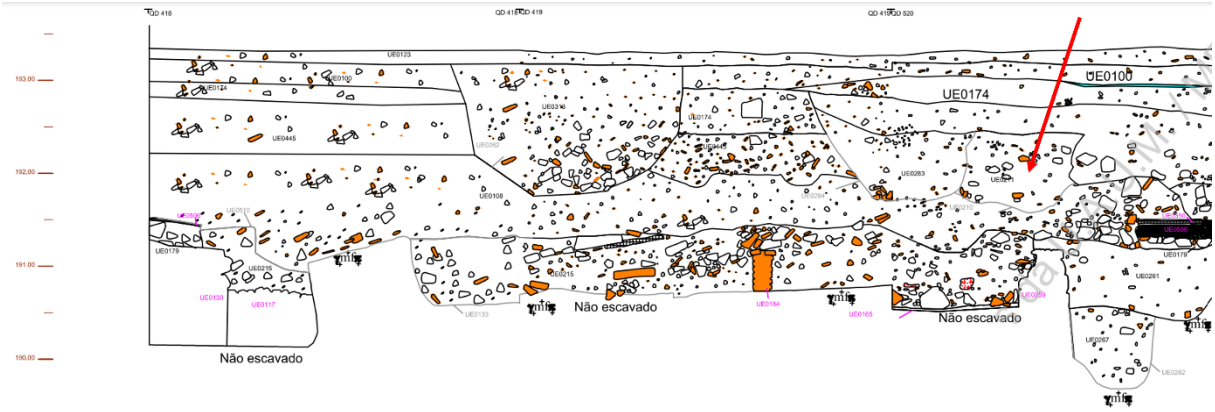


Figura 33. Pormenor de um corte da intervenção com a indicação do enchimento UE211 (©UAUM).

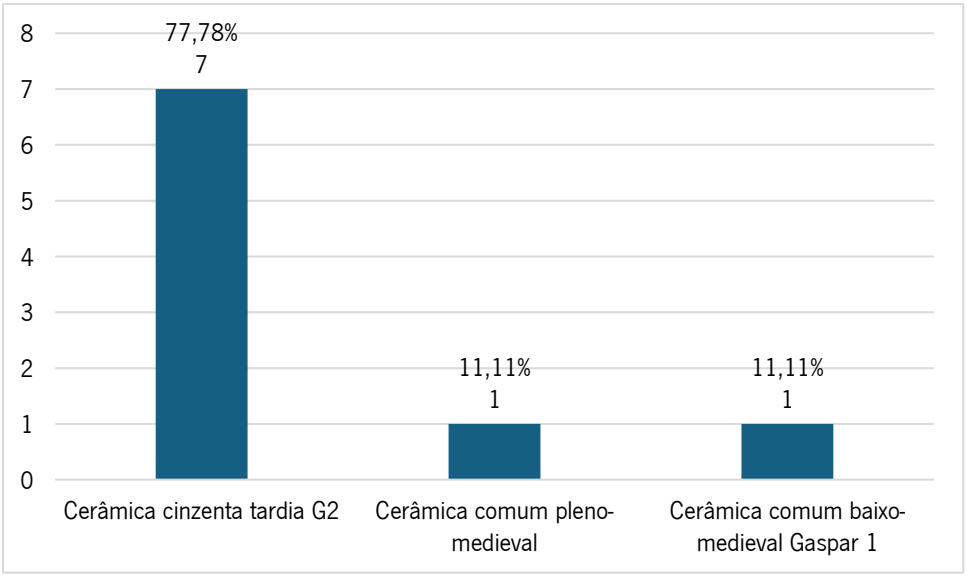


Gráfico 56. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 9).

A UE211 (Tabela 30) revelou materiais tardo-antigos do grupo 2, cuja intrusão no nível arqueológico é compreensível pela ação perturbadora do saque, mas também fragmentos de cerâmicas comuns de época pleno e baixo-medieval, associados ao fabrico Gaspar 1 (Gráfico 56). Nos estudos realizados por Raquel Martínez Peñín sobre a cerâmica desta zona arqueológica foi detetado um conjunto de fragmentos com caraterísticas distintas das verificadas por Alexandra Gaspar para as produções alto-medievais de Dume (Fontes & Gaspar, 1997) e baixo-medievais da rua Nossa Senhora do Leite (Gaspar,

1985), o que a levou a propor uma classificação pleno-medieval para essa produção. Trata-se de peças produzidas em ambiente redutor, cujas pastas apresentam quartzos de diferentes tamanhos, pouca mica e cerâmica moída ou restos orgânicos. A identificação desta produção, classificável como pleno-medieval é de fundamental importância para a compreensão do período central da Idade Média em Braga, o qual compreende os séculos XI–XII, quando a diocese bracarense foi restaurada, pelo bispo D. Pedro. Infelizmente, a dificuldade em se encontrar contextos seguramente datáveis desse período tem impossibilitado que se produza uma melhor caraterização daquela produção.

Braga										
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos nºs 42-56 da rua D. Afonso Henriques										
Enchimento da vala de saque de um dos muros do *hipocaustum* do balneário.										
Qd. 420 - UE222										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1						1		1	1
	Gaspar 4						3		3	1
Totais							4		4	2

Tabela 31. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE222, Qd. 420, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Dentro do movimento geral de abertura de valas para a obtenção de materiais pétreos necessários às construções, merecem destaque os saques dos muros romanos que ainda se preservavam mais ou menos conservados, pelo menos ao nível dos alicerces. A UE222 (Tabela 31) corresponde a um desses contextos de saques, correspondendo ao enchimento de uma vala de saque, cuja ação incidiu sobre as estruturas do *hipocaustum* do balneário.

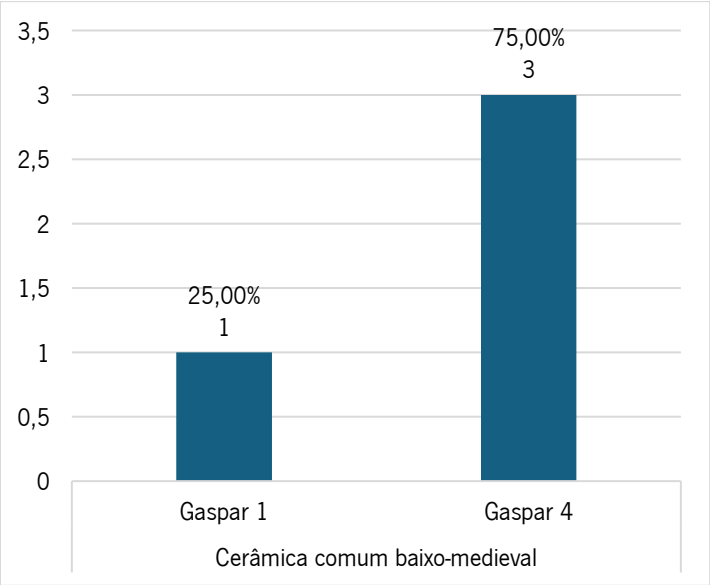


Gráfico 57. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 4).

A UE222 forneceu apenas 4 fragmentos cerâmicos, todos associados aos fabricos baixo-medievais, designadamente uma de Gaspar 1 e três de Gaspar 4 (Gráfico 57).

Braga										
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos nºs 42-56 da rua D. Afonso Henriques										
Enchimento de uma fossa com funcionalidade indeterminada.										
Qd. 619 - UE249										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2						1	1	1	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 2				1		4		5	1
Totais					1		5	1	6	2

Tabela 32. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE249, Qd. 619, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Se os níveis anteriores são mais ou menos conhecidos, sendo associados a valas de saque para obtenção de material pétreo, o contexto correspondente à UE249 não tem uma interpretação tão segura, pois corresponde ao enchimento de uma fossa, cuja função é completamente desconhecida. Os materiais aí exumados são bastante diminutos (Tabela 32), tendo sido identificados apenas 6 fragmentos cerâmicos de cronologia tardo-antiga, correspondendo 1 a uma peça produzida em cinzenta tardia, Grupo 2, enquanto os outros 5 correspondem a uma produção baixo-medieval, inserível no grupo de fabrico Gaspar 2 (Gráfico 58).

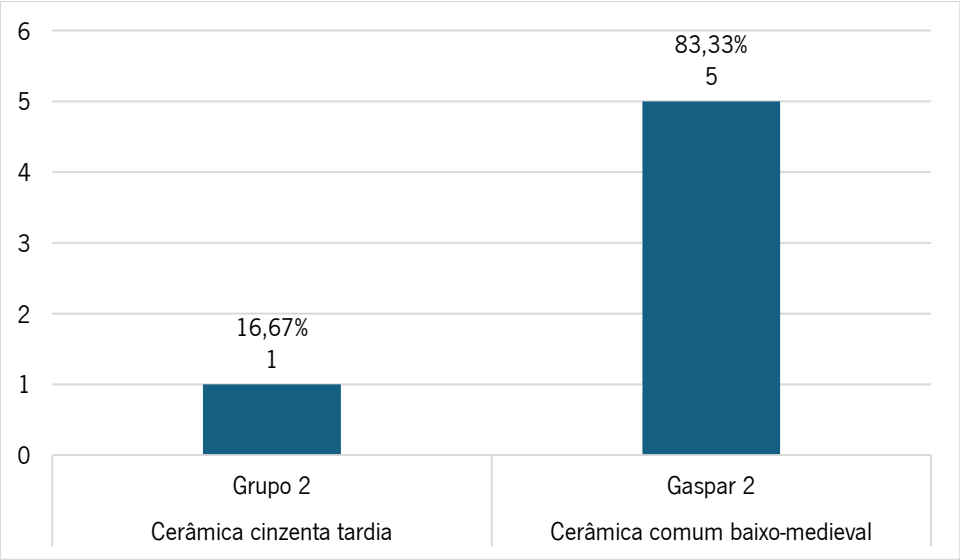


Gráfico 58. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 6).

Braga										
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos nºs 42-56 da rua D. Afonso Henriques										
Nível de destruição de estruturas baixo-medievais										
Qd. 420 - UE108										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica cinzenta fina polida				2					2	2
Ânfora	*Baetica* (Guadalquivir)	Haltern 70					1		1	1
Cerâmica comum romana	Fina						2		2	1
	Grosseira	Prato		1					1	1
				6	2	1	21		30	6
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1			1			1		2	1
	Grupo 2	Pote		1					1	1
				8	6	7	21		42	8
Cerâmica comum alto-medieval		Pote		1					1	1
							1		1	1
Cerâmica comum pleno-medieval							4	4	4	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1					1	1		1	1
	Gaspar 2	Testo		1				1	1	1
							1		1	1
	Gaspar 4						2		2	1
Cerâmica comum moderna					1	1	2		4	1
Totais				21	9	10	57	5	96	29

Tabela 33. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE108, Qd. 420, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Significativamente mais numerosas são as cerâmicas provenientes de um nível de destruição de estruturas baixo-medievais, o qual conformou um robusto nível sobre o qual viria a ser implantada a habitação moderna, um contexto sinalizado com a UE108 (Figura 34). Uma vez mais, desconhecemos as características dessa construção, que seria também uma casa, a julgar pela sua localização no Bairro das Travessas, a principal zona habitacional da Braga medieval (Ribeiro, 2008).

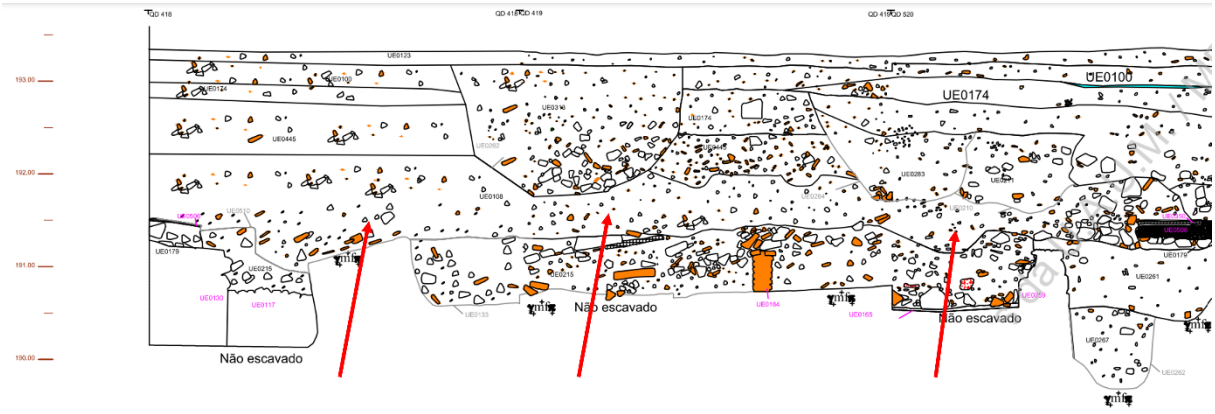


Figura 34. Pormenor de um corte da intervenção com a indicação do enchimento UE108 (©UAUM).

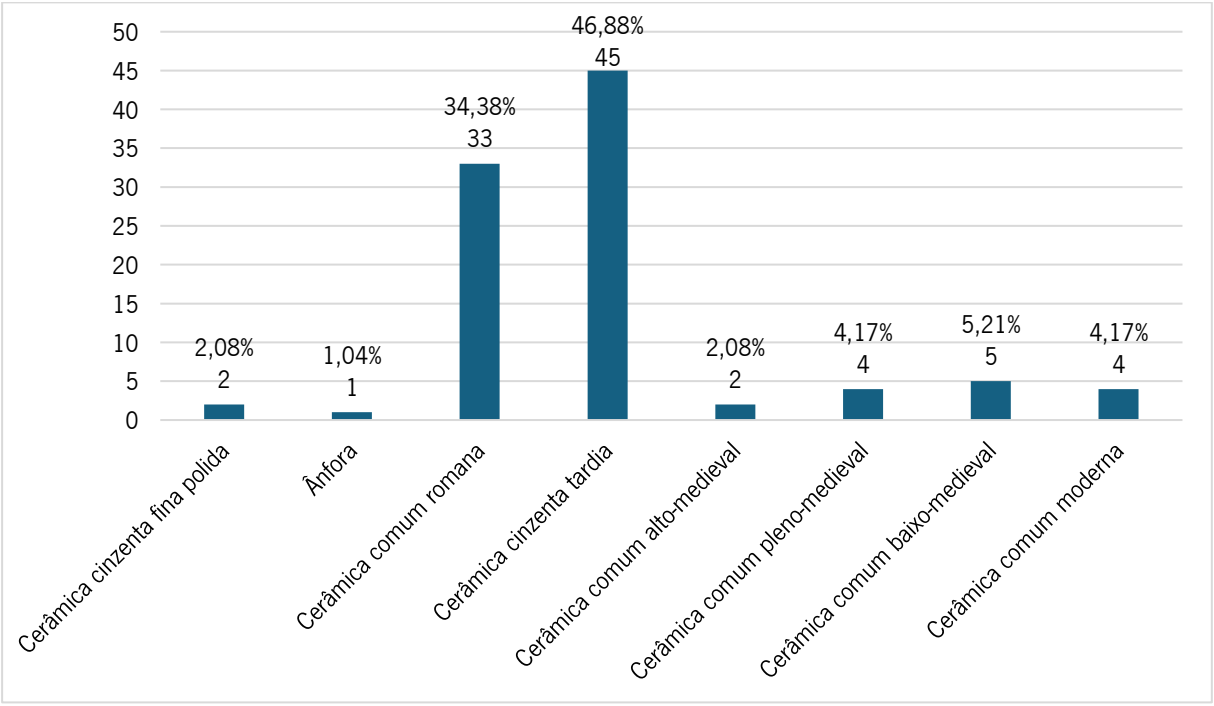


Gráfico 59. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 96).

O espólio ceramológico analisado do contexto UE108 (Tabela 33) revela intrusões de materiais bastante antigos, elementos que apontam para revolvimentos profundos em níveis romanos e tardios. Com efeito, foram identificados fragmentos de ânforas, de cinzentas tardias e de peças de fabricos comuns de época romana. Não obstante, foram igualmente reconhecidos alguns poucos fragmentos de recipientes alto e pleno-medievais (Gráfico 59).

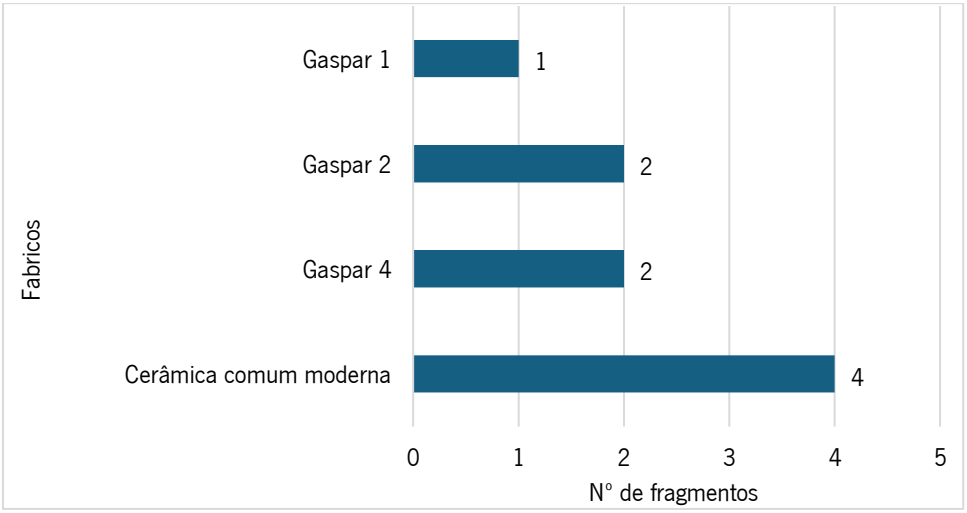


Gráfico 60. Quantidade das cerâmicas tardo-medievais por grupos de fabrico (amostra: 9).

A UE108 possui cerâmicas fabricadas nos finais da Idade Média que perfazem um total de 9 fragmentos, correspondentes a exemplares comuns baixo-medievais dos grupos de fabrico Gaspar 1, 2 e 4, contando com fragmentos de produções comuns modernas (Gráfico 60).

Braga										
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos n°s 42-56 da rua D. Afonso Henriques										
Enchimento da vala de fundação de uma canalização moderna										
Qd. 419 - UE113										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 2	Jarro		1				1	1	1
	Gaspar 4						1		1	1
Totais				1			1	1	2	2

Tabela 34. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE113, Qd. 419, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Sobre a sequência de enchimentos de saques e regularização do solo que inutilizou as estruturas medievais foi implantada uma habitação, já em época moderna, que surge representada no mapa de Braunio de 1594. Desse contexto, selecionámos alguns contextos para análise dos materiais. Um deles (UE113) corresponde a um enchimento da vala de fundação de uma canalização de drenagem, com reduzido espólio ceramológico. As peças identificadas estão resumidas a 1 jarro (Gaspar 2) e a 1 parede informe (Gaspar 4) (Tabela 34).

Braga
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos nºs 42-56 da rua D. Afonso Henriques
Enchimento da vala de fundação de uma canalização moderna
Qd. 619 - UE229

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Ânfora	*Asia Minor*	LRA3					1		1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 1	Rigoir 16					1	1	1	1
		Rigoir 22		1					1	1
		Tigela		1				1	1	1
				1			1		2	1
	Grupo 2	Prato		1					1	1
					1		7		8	1
Cerâmica comum alto-medieval		Pote		1					1	1
				1			2		3	1
Cerâmica comum pleno-medieval							2		2	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 5						3		3	1
Totais				6	1		17	2	24	11

Tabela 35. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE229, Qd. 619, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Outro contexto está representado pela UE229, que é também o enchimento de uma vala de fundação de uma canalização, mais robusta e melhor preservada, assim como mais profunda. O espólio cerâmico inclui fragmentos de períodos anteriores devido ao remeximento de sedimentos em níveis mais profundos (Tabela 35).

As peças tardo-antigas são constituídas por uma ânfora LRA 3 e por produções em cinzenta tardia, entre as quais foram reconhecidas algumas formas interessantes, designadamente uma forma Rigoir 16 e 22 e uma tigela enquadrável no grupo 1 e um prato no grupo 2. Outras intrusões são provenientes de níveis alto e pleno-medievais. As peças efetivamente baixo-medievais, apesar de muito pouco representadas, com apenas 3 fragmentos, estão associadas exclusivamente ao grupo de fabrico Gaspar 5 (Gráfico 61).

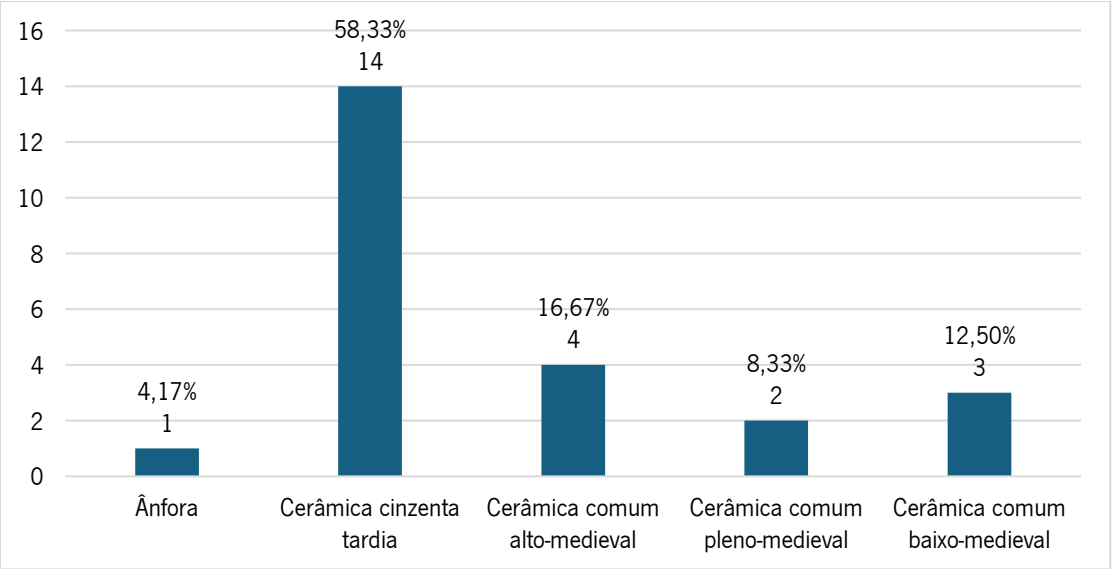


Gráfico 61. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 24).

Braga										
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos nºs 42-56 da rua D. Afonso Henriques										
Pavimento em terra batida										
Qd. 618 - UE241										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2	Bilha		1					1	1
							2		2	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 2						2		2	1
	Gaspar 4						2		2	1
Totais				1			6		7	4

Tabela 36. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE241, Qd. 618, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Outro nível que nos remete para a ocupação moderna está representado por um pavimento em terra batida (UE241). Geralmente, evitamos a valorização desse tipo de estratos dada a possibilidade dos materiais presentes serem introduzidos durante o seu uso. Contudo, uma vez que esse piso se encontrava na área interna de uma construção, as probabilidades de tal ocorrer pareceram-nos francamente menores (Tabela 36).

O espólio ceramológico do contexto está representado por cerâmicas comuns baixo-medievais dos grupos de fabrico Gaspar 2 e 4 e ainda por produções mais antigas, como as cinzentas tardias, grupo 2, tendo sido reconhecida 1 bilha (Gráfico 62).

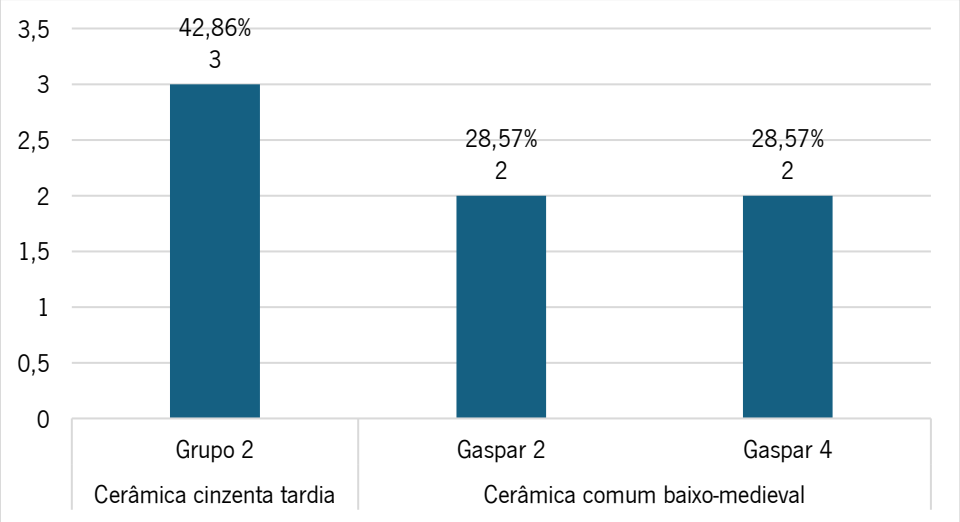


Gráfico 62. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 7).

Braga										
BRA98RDAH42-56 - intervenção nos nºs 42-56 da rua D. Afonso Henriques										
Enchimento de nivelamento para assentar as estruturas modernas										
Qd. 422 - UE274										
Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Total Frags.	NMI
TSH		Dragendorff 39					1		1	1
Ânfora	*Africa*	Africana Grande B					1		1	1
							6		6	1
	Asia Minor	LRA					3		3	1
		LRA 1					1		1	1
	Lusitania	Almagro 51C		1					1	1
Cerâmica cinzenta tardia	Grupo 2	Jarro		6					6	6
		Tigela		4					4	4
				2	5	5	27		39	5
Cerâmica comum alto-medieval		Bilha				1			1	1
		Pote		1					1	1
							4	2	4	1
Cerâmica comum pleno-medieval					1				1	1
Cerâmica comum baixo-medieval	Gaspar 1						10	2	10	1
	Gaspar 2	Pote		1				1	1	1
							6	2	6	1
	Gaspar 3						1		1	1
	Gaspar 4	Pote		1					1	1
		Tigela		2					2	2
					1	1	34	1	37	1
	Gaspar 5	Pote		9					9	9
					1		1		2	4
Totais				27	8	7	95	8	138	46

Tabela 37. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE274, Qd. 422, da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 42–56.

Por fim, foi analisado um contexto, correspondente a um robusto enchimento que nivelou o terreno, referenciado com a UE274 (Tabela 37). Como é comum nesse tipo de camadas, a sua composição é bastante heterogénea, sendo o resultado de um conjunto de revolvimentos, cujas terras

terminam por ser utilizadas no grande enchimento, cuja heterogeneidade é percetível na caraterização dos sedimentos que o constituem, mas, igualmente, nos materiais que neles foram exumados.

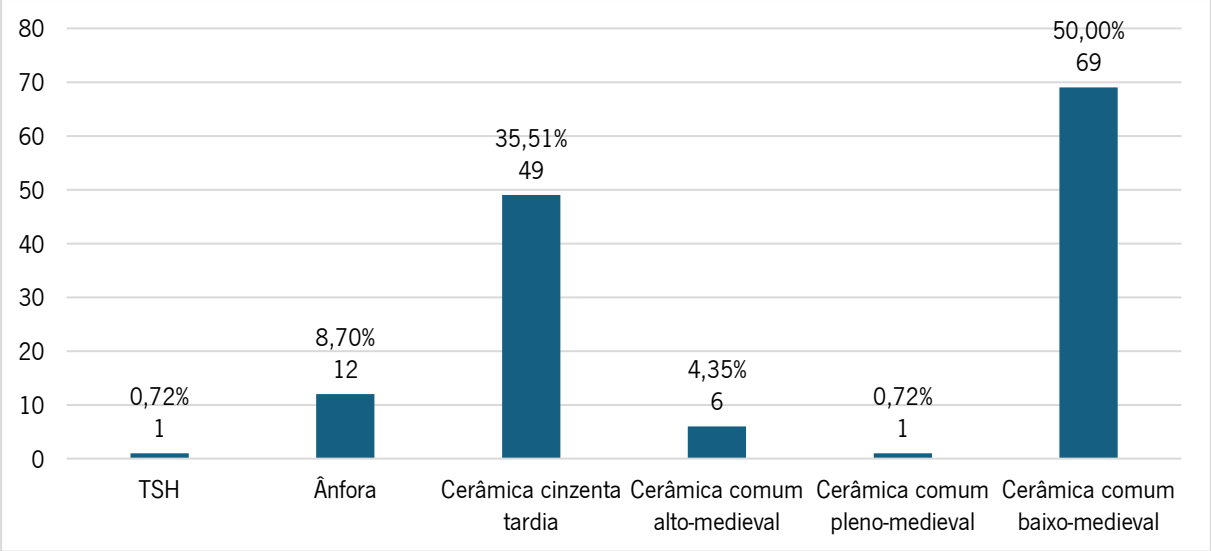


Gráfico 63. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 138).

Embora 50% das cerâmicas recuperadas na UE274 sejam baixo-medievais, a restante percentagem revela uma diversidade bem expressiva de produções romanas, tardo-antigas alto e pleno-medievais. Quantitativamente, entre as intrusões, temos uma grande presença de cinzentas tardias, todas do grupo 2, mas igualmente ânforas variadas, provenientes dos centros produtores africanos, asiáticos e lusitanos. Embora subrepresentado, com apenas 6 fragmentos, está o grupo de produções alto-medievais, no qual se reconheceram exemplares de potes e tigelas (Gráfico 63).

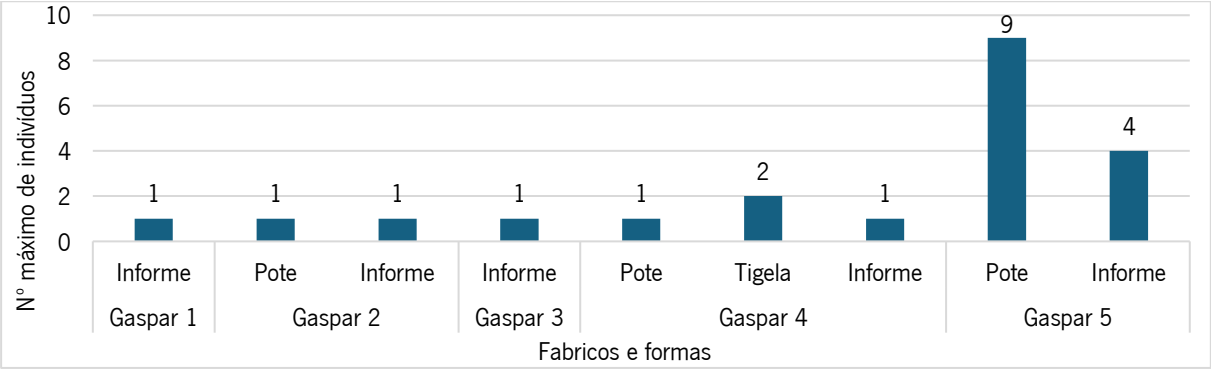


Gráfico 64. Média de indivíduos das cerâmicas por grupos de fabrico e formas (amostra: 21).

Por sua vez, as cerâmicas baixo-medievais revelam a diversidade que temos vindo a constatar nesses contextos, onde os diferentes grupos de fabricos identificados por Alexandra Gaspar coexistem e

as formas das peças são comuns a todos esses grupos. Com efeito, se deixarmos de lado os fragmentos da produção Gaspar 1 e 3, que não apresentaram formas, entre os demais vemos os potes estão muito bem representados, com um claro destaque para o número máximo de 9 indivíduos enquadráveis na produção Gaspar 5, repertório que é completado, ainda, com algumas tigelas do grupo Gaspar 4 (Gráfico 64).

3.7 A ZA do Ex-Albergue Distrital

3.7.1 Historiografia

3.7.1.1 Enquadramento espacial

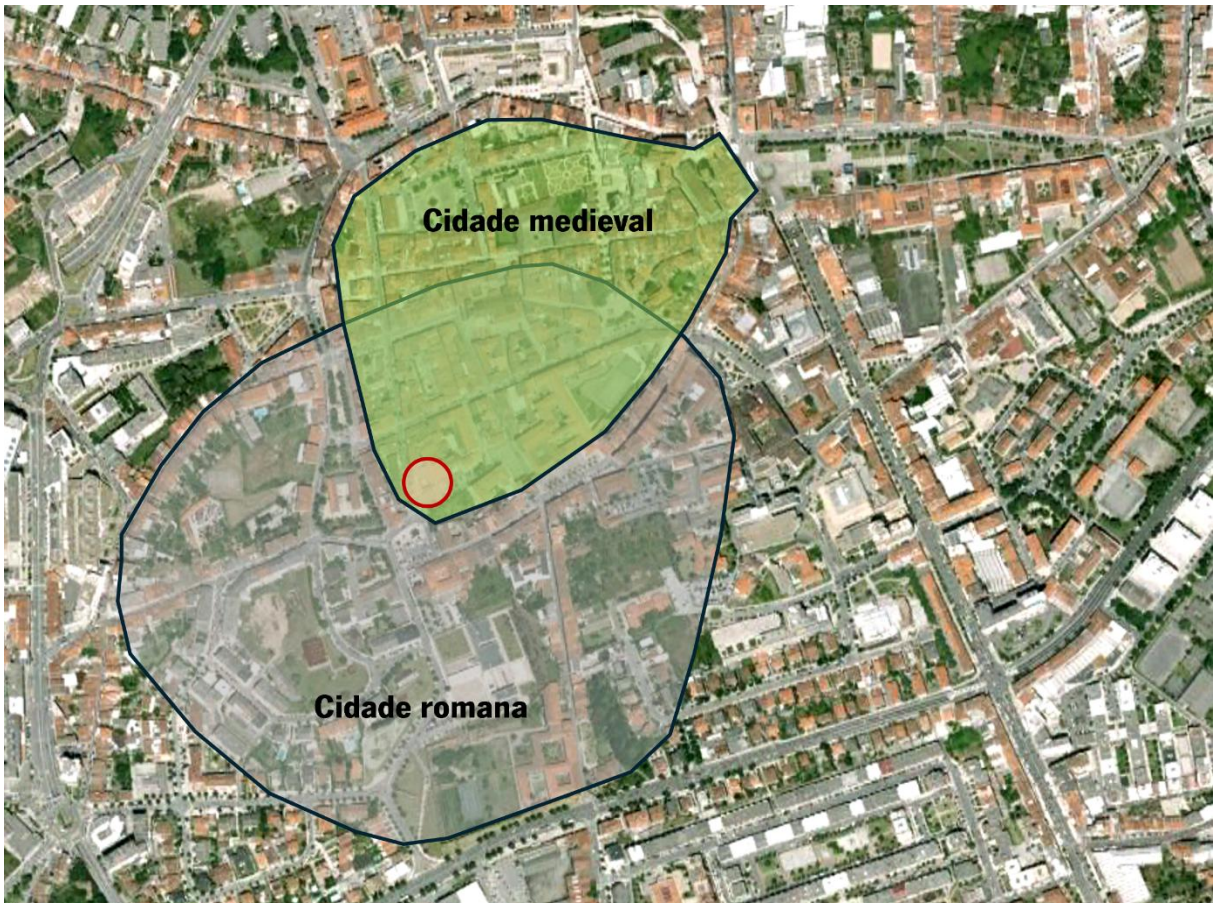


Figura 35. Localização da ZA do ex-Albergue Distrital (©UAUM).

A zona arqueológica designada por Ex-Albergue Distrital (Figura 35) está localizada no limite sul da rua Frei Caetano Brandão, na esquina com a rua de São Paulo, em pleno Centro Histórico de Braga. A zona arqueológica corresponde a uma parte do quarteirão a nascente do segmento norte do cardo principal, eixo romano que limitava o *forum* da cidade romana, o qual permaneceu no interior do perímetro amuralhado em época medieval, até a desmontagem da cerca, no século XIX (Martins & Ribeiro, 2013). Parte das ruínas identificadas nesta zona arqueológica foram sacrificadas, ou estão

conservadas na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, imóvel cuja construção justificou a realização das escavações.

O posicionamento desse sítio na malha urbana romana, imediatamente a nordeste do foro foral e junto ao *kardo maximus*, sugere um local de elevada importância na cidade, facto que veio a ser comprovado com as intervenções arqueológicas realizadas entre as décadas de 1980 e 1990 e que permitiram evidenciar a sua ocupação desde momentos muito precoces da vida da cidade romana, que podem ser associados a equipamentos artesanais dado o tipo de materiais presentes nos níveis anteriores a Cláudio-Nero (Morais, 2005; Martins *et al.*, 2012b, p. 44). No quarteirão a nascente do referido cardo, foi implantada, período flávio, uma *domus* de peristilo disposta em dois patamares, desnivelados no sentido N/S, em cujas fachadas sul e oeste, se dispunham *tabernae*, uma das quais, eventualmente, poderia corresponder a uma *cauponae*. No período tardio, essa casa passou por profundas alterações que evidenciam o completo abandono do conceito de *domus*, constituindo-se como conjunto de unidades habitacionais nucleares e com tamanhos reduzidos, organizadas em torno de um possível pátio, que corresponderia ao anterior peristilo. Essas novas expressões construtivas assentam na dissolução do peristilo como área central e na fragmentação dos espaços, assumindo-se que os princípios de representação e diferenciação social que marcavam as casas das elites urbanas romanas deram lugar, na Antiguidade Tardia, a uma lógica de ocupação que privilegiou soluções construtivas pragmáticas, com um largo recurso à reutilização de materiais (Martins *et al.*, 2016). Essa tendência de reduzir os custos da construção e aproveitar os elementos de estruturas anteriores prolongou-se nos séculos subsequentes, durante a Alta Idade Média, tendo sido identificados vários saques aos muros que subsistiam, assim como a implantação de novas estruturas, cuja funcionalidade é desconhecida (Martínez Peñín *et al.*, 2018b).

A primeira referência que temos sobre a habitação que ali existia na Baixa Idade Média remonta a meados do século XIV, sendo seu proprietário D. Pedro Anes, cónego de Braga e arcediago do Barroso. Tratava-se de uma casa com uma torre voltadas à rua de Santo António que, em 1369, foi unida a outras que se localizavam imediatamente atrás, defrontadas à rua Verde, por Maria Lopez, que se tornou a possuidora desses prazos (Vasconcelos, 1992/93). Na segunda metade do século XV, naquele lote funcionou a sede da comunidade judaica, onde a sinagoga foi instalada. Com a crescente ascensão do anti judaísmo e a derradeira expulsão dos judeus do reino, por ordem de D. Manuel, em 1496, a rua medieval, que se chamava rua da Judiaria Nova, passou a chamar-se rua de Santo António das Travessas, e a casa, que antes fora o local de culto semítico, foi comprada pelo arcediago de Braga, D. Diogo Gomes de Abreu (Marques, 1983; Vasconcelos, 1992/93).

Entre os séculos XVI e XVIII, a Casa Grande de Santo António das Travessas passou por algumas remodelações e acrescentos, tanto no edifício residencial como no amplo logradouro que possuía, documentados nos registos dos emprazamentos, cujo estudo foi realizado por Maria da Assunção Vasconcelos (1992/93). Contudo, alterações verdadeiramente significativas ocorreram no século XIX, quando um grande volume de obras foi realizado por toda a cidade de Braga para o alargamento dos eixos viários. Particularmente, na área da zona arqueológica em causa, merece destaque o desmonte do Arco do Postigo, em 1878 e a destruição das ruínas romanas dos quarteirões que confrontavam a este e oeste com o antigo cardo principal, único eixo romano fossilizado na cidade medieval na rua Verde/Couto do Arvoredo, destruído pela abertura, entre 1878–1881, da rua D. Frei Caetano Brandão (Cruz, 1980; Martins & Ribeiro, 2013). Este processo de modernização do sistema viário bracarense, que regularizou os traçados viários, não só sacrificou uma boa parte das ruínas romanas do subsolo, como levou a profundas mudanças no ordenamento de fachadas, edifícios e logradouros.

No entanto, apesar das alterações, a Casa Grande de Santo António das Travessas manteve a sua função residencial até 1941, quando foi ali sedeado o Albergue Distrital. Em 1990, o edifício foi cedido à Universidade do Minho para a implantação do projeto Bibliopolis, que deu origem à Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva (Nunes, 1992).

3.7.1.2 Historial das intervenções realizadas

Nos inícios da década de 1980, com a implantação da reitoria da Universidade do Minho no antigo Paço dos Arcebispos de Braga, o Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa precisou que novos espaços lhe fossem atribuídos, pois teve que abandonar os que ocupava no Largo do Paço, desde 1918. Nesse sentido, ponderou-se que essa instituição cultural ocupasse o edifício do Albergue Distrital, na Casa Grande de Santo António das Travessas, que se encontrava encerrado à altura. Embora esse projeto não tenha obtido sucesso, visto que os espaços não pareciam adequados para as salas do museu, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho foi solicitada a realizar trabalhos arqueológicos no logradouro, que decorreram entre julho e setembro de 1982 (Lemos & Leite, 2000).

Em 1988, o Instituto Português do Livro e da Leitura lançou o projeto Bibliopolis (Secretaria de Estado da Cultura, 1988), através do qual a cidade de Braga seria contemplada com a instalação de uma nova biblioteca, tendo sido assinado um acordo entre o IPLL, a Câmara Municipal de Braga e a Universidade do Minho, com o objetivo de formalizar a construção da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, que ocuparia a Casa Grande de Santo António das Travessas e o amplo logradouro desse lote (Nunes,

1992) (Figura 36). Uma vez que a implantação do edifício implicava a utilização da vasta área não construída entre a Casa e as ruas de S. Paulo e D. Frei Caetano Brandão, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho voltou a realizar trabalhos arqueológicos naquele lote, em 1992. A ampla área de logradouro intervencionada nos terrenos do Ex-Albergue Distrital, com cerca de 700m^2, revelou construções associadas a uma *domus* e vestígios do sistema viário da cidade romana, evidenciando também a perturbação das ruínas romanas, que foram alvo de consecutivos saques, desde o período tardo antigo, embora a cloaca que corria sob o *kardo maximus* tenha sido poupada das valas para obtenção de pedra, designadamente da muralha medieval (Lemos & Leite, 2000).



Figura 36. Logradouro do ex-Albergue Distrital (©BLCS).

Os trabalhos arqueológicos associados à construção da biblioteca foram divididos em fases, de acordo com o avanço da obra. Assim, em 1995–1996, para a implantação de uma garagem, foi realizada nova campanha de escavações e outra ainda em 1997, destinada a avaliar algumas áreas antes inacessíveis tendo então sido escavada a área envolvente do muro que circundava o logradouro (Lemos & Leite, 2000; Torres, 2014) (Figura 37).

3.7.2 As fases de ocupação

As estruturas registadas nas escavações no Ex-Albergue Distrital foram sistematizadas pelos diretores da intervenção, trabalho que foi alvo de uma publicação na revista *Forum*, em 2000 (Lemos & Leite, 2000), tendo, posteriormente, sido realizado um estudo mais aprofundado no âmbito da dissertação de mestrado de Ana Catarina Torres, apresentada na Universidade do Minho, em 2014, onde foram valorizados os dados contextuais e materiais.



Figura 37. Perspetiva geral da escavação no logradouro do ex-Albergue Distrital (©BLCS).

Os níveis mais antigos, balizados entre Augusto e a época flávia, que definem uma primeira fase, documentam a implantação das estruturas urbanísticas e de saneamento de *Bracara Augusta*, designadamente, o embasamento dos pórticos que definiam os *rigores* dos quarteirões da cidade e a cloaca sob o *kardo maximus*. Não obstante, foram igualmente individualizados alguns muros que certamente formalizavam uma estrutura, da qual pouco se consegue definir, dados os limites da área intervencionada, mas que seriam associados a uma oficina metalúrgica, a julgar pelo aparecimento de moldes bivalves para a produção de placas de bronze (Torres, 2014). As dificuldades em se restituir a planimetria desse equipamento devem-se, ainda, a um profundo arrasamento que as estruturas sofreram com a implantação, no período flávio, de uma *domus* de peristilo que teria ocupado a totalidade do

quarteirão, o qual possuía um passeio porticado junto às ruas, embora só se conheça a sua parte poente. Trata-se de uma habitação, que se desenvolvia no interior dessa *insula*, em cujos limites foram construídas *tabernae*, cuja cronologia flaviana define uma segunda fase de ocupação do sítio que se desenvolvia no interior dessa *insula*, em cujos limites foram construídas *tabernae* (Torres, 2014; Magalhães, 2019).

As transformações que a casa certamente sofreu ao longo dos séculos II e III não foram documentadas, dado o estado bastante saqueado das estruturas, algumas das quais apenas registadas a nível dos alicerces ou valas de fundação. Todavia, foi reconhecida uma grande reforma no edifício, datada entre os finais do século III e os inícios do IV, quando a área interna da habitação foi ampliada através do avanço dos espaços comerciais sobre a área porticada ao redor do quarteirão, que corresponde a uma terceira fase de ocupação do sítio (Magalhães, 2010; Torres, 2014).

Se no período tetrárquico a unidade habitacional ainda manteve a sua forma enquanto uma *domus*, uma casa de elite do período romano, esse tipo de residência deixa de existir no século V, quando *Bracara* estava inserida no reino suevo. Com efeito, o elemento ordenador dos espaços domésticos, o peristilo, que era, simultaneamente, um importante instrumento de representação e projeção social, foi completamente desmantelado, assim como alguns muros dos compartimentos que compunham a *domus*, enquanto outros foram construídos e algumas portas abertas, resultando num edifício que apresentava uma configuração arquitetónica radicalmente distinta. A ocupação do local no século V e talvez também no VI define uma 4ª fase de ocupação do quarteirão, contemporânea do desmembramento da anterior *domus* em pequenas unidades habitacionais, que aproveitaram os materiais construtivos disponíveis dos saques dos muros que não se adequavam ao novo modelo residencial (Martins *et al.*, 2016). Os obstáculos antes encontrados na identificação das alterações nessas construções, permanecem para os séculos V–VII, embora seja possível destacar a permanência do caráter frustre das estruturas.

Em momentos posteriores, cuja precisão é difícil de estabelecer, mas que se daria entre os séculos VIII–IX, que corresponderá a uma quinta fase de utilização do local, foram registados grandes saques de muros, embasamentos e pilares dos pórticos, balcões de espaços comerciais e canalizações que teriam sido aproveitados para a construção da primeira muralha medieval, cujo setor sudoeste se encontrava nas proximidades dessa zona arqueológica (Martins & Ribeiro, 2013). De facto, esta área da cidade não foi completamente abandonada, como demonstram alguns enchimentos que tanto nivelaram o terreno, como foram utilizados para se assentar novos muros, cuja funcionalidade não é possível precisar (Torres, 2014).

Em algum momento, que não nos é possível determinar, mas que seria anterior a 1369, esse conjunto de estruturas formalizou a versão primitiva da chamada Casa Grande de Santo António das Travessas, que corresponde a uma sexta fase de ocupação do local. Essa edificação alterou, igualmente, o logradouro, que foi cercado com um muro e recebeu novas estruturas, o que implicou, uma vez mais, saques das construções anteriores, sobretudo romanas (Torres, 2014).

As transformações sofridas pela Casa Grande são de difícil análise, especialmente pelas profundas alterações que sofreu no século XVIII, sendo de destacar, novamente, o artigo de Maria da Assunção Vasconcelos (1992/93), que traz os emprazamentos desse imóvel entre os séculos XVI–XVII, nos quais é possível vislumbrar as reformas na habitação. Referente à sinagoga bracarense dos finais do século XV, pode-se ainda salientar a identificação de uma inscrição em hebraico presente num elemento de arco em ogiva, que provavelmente integraria uma das entradas do templo judaico, recolhido junto a outras pedras dispostas no logradouro do Ex-Albergue Distrital, por Eduardo Oliveira, em março de 1981 (Dias, 1985).

A sétima fase de ocupação dessa zona arqueológica, grosso modo, balizada entre o século XV e a primeira metade do XIX, reúne dois conjuntos de ações bastante distintos. Por um lado, sabe-se que na área externa ao lote da Casa Grande de Santo António das Travessas, foram registados níveis de repavimentação da rua Couto do Arvoredo, sabendo-se, que houve alterações na fisionomia e funcionalidade do logradouro da habitação, das quais só é possível compreender, com maior segurança, aquela que implicou a implantação de um forno (Torres, 2014).

A cronologia da referida estrutura de combustão assume uma importância central no trabalho que aqui desenvolvemos, dada a sua implantação ter colmatado uma fossa detrítica que continha uma elevada quantidade de materiais cerâmicos. Nesse sentido, vale a pena retornar aos emprazamentos (*cf.* Vasconcelos, 1992/93). A descrição mais antiga do edifício e do seu logradouro encontra-se pormenorizada na renovação do prazo feito pelo Cabido da Sé de Braga, em 1535, ao Dr. João Bravo, que trabalhava como Escrivão dos Orfãos. Nesse documento[50], é referida a existência de um jardim e pátio, nos quais existiria um poço e chafariz, assim como um grande quintal que se estendia a norte,

[50] "Item huma torre de dous sobrados olivelada novamente com sua gardarroupa he dispenseira de baixo e a cozinha de tras e tudo da banda de sul com casas do cabido em que ora vive Beatriz Fernandes e da parte do poente com o jardim das ditas casas e da parte do nascente com o terreiro e todas estas casas tem suas logas de baixo na mesma rua que ora dava e logojunto desta torre huma sala grande que da banda do nascente partem com a rua e do norte com casas de Alvaro Pires, casa propriedade do cabido, e na saída desta sala e testa das mesmas casas de Alvaro Pires ha varanda com tres camaras e debaixo estrabarias e hum palheiro que parte com a estrebaria e tudo vai entestar no jardim das ditas casas e antre a estrebaria e casas e cosinha esta um pateo com hum poço e chafariz e na testa das ditas casas, contra o poente, está um quintalgrande o qualparte dopoente com a viela que vai da rua Verde para o postigo e do norte no quintal da casa que he do mosteiro do Bouro e da parte do sul noho rossio do postigo e vai ao direito e contra o nascente e entestando por vinha com as casas e enxido do abade de Goães(?) e de Beatriz Fernandes e de Álvaro Pequeno e o enxido e quintal que foi do Falcão serralheiro parte do nascente com a viela e rossio que vai da rua Verde para o postigo e do poente e do sul com o muro e do norte com uma casa dos clerigos do Bouro a qual casa não tem a porta ao presente para o dito quintal só tem a leira da mesma largura da dita casa no enxido a qual vai entestar no muro e o mais é do cabido" (A.D.B. – Liv. 13°. dos Prazos do Cabido, fl. 321v. e ss. *apud* Vasconcelos, 1992–93, p. 19).

rumo ao Postigo. Entretanto, ao avaliarmos o emprazamento realizado em 1594 ao Dr. Sebastião Alfaro, cuja profissão era a de secretário do arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus e oficial do Registo Geral, significativamente mais extenso, é possível perceber as alterações realizadas pelos seus proprietários tanto na habitação como no logradouro. Com efeito, esse registo[51] apresenta um quintal já modificado, no qual se regista a construção de umas casas sobradadas em taipa, um tanque junto ao poço, e uma estrutura designada por "casa do forno". Portanto, podemos situar a implantação do referido forno posteriormente a 1535 e antes de 1594, pelo que podemos inferir um *terminus ante quem* à referida fossa detrítica em meados do século XVI.

Por fim, as alterações mais recentes nessa zona arqueológica podem ser associadas às transformações do plano urbanístico de Braga, no século XIX, quando a forma urbana bracarense se despe completamente dos resquícios ideológicos que conformavam a cidade medieval, designadamente os tramos da muralha e as suas portas que ainda subsistiam, processo que foi terminado apenas nos inícios do século XX com a desmontagem do castelo (Marques, 1986; Martins & Ribeiro, 2013). Essa nova morfologia urbana implicou, na zona arqueológica do Ex-Albergue Distrital, a abertura da rua D. Frei Caetano Brandão, em 1878, o encerramento da rua Couto do Arvoredo e a adequação das construções a essa nova configuração viária, o que implicou as alterações de fachadas e logradouros, dada a nova forma e dimensão dos lotes (Torres, 2014) (Figura 38).

[51] "Primeiramente humas casas grandes e nobres toda a frontaria delas de pedraria de esquadria com seus aljeroses de pedraria e com ameias de pedra sobre o algeros. Item: asy as casas seguintes huma sala grande que tem duas janelas grandes e rebates sobre a rua e rossio e logo junto huma camara com outra janela sobre o dito rossio e a sala e camara tem de ancho na face da rua e rossio onze varas e hum palmo de cinco palmos cada vara a fora a grossura das paredes e sobre a dita camara huma casa torre com duas janelas sobra o dito rossio huma delas raza com suas grades de ferro e no canto sobre a rua de Santo António outra janela de canto e huma chaminé na dita sala e na camara outra e na torre outra e junto à dita casa torre pera contra a vendaval outra casa que serve de desirom(?) com huma janela para a dita parte do vendaval. Item: para baixo da dita sala huma serventia que vai da rua e rossio para huma torre e por baixo da sala e camara huma sotea boa e grande com outrajanela de grades de ferro e da outra parte huma casa que serve de adega debaixo da camara para a parte do sul com suas tulhas e nesta testada tem estas casas terreas de anchura da sala e camara de onze varas e hum palmo. Item: diante da dita serventia pera contra o poente humas portas fronhas e logo hum terreiro apedrado grande e huma escada grande de pedra e coberta por onde se servem per as ditas casas eporta e da sala e do dito portal da sala hão humas varandas sobre o dito terreiro e quintal da banda do poente onde tem huma janela sobre o quintal e tres camaras repartidas de tijolo que tem a serventia pera as varandas huma delas olivelada e debaixo das ditas camaras uma casa que serve de estrebaria da grandura e anchura das camaras que tem a serventia para baixo da varanda pera o terreiro e junto da serventia da estrebaria hum poço apedrado com seu bocal e hum tanque junto dele e da outra parte do dito terreiro contra o sul humas casas sobradadas de taipa com trêsjanelas sobre o terreiro que servem de despejo e depousarem e cozinha com sua lareira e na dita cozinha huma janela sobre o quintal as quais casas na dianteira são de pedraria até ao sobrado e do sobrado para o telhado de taipa e para baixo destas casas suas logeas que servem de ter lenha e galinhas e o que mais querem; as quais casas sam contra o terreiro se media de sa porta principal da rua athe a parede que vai do quintal junto ao poço e he de comprido de nascente a poente dezoito varas e tres palmos e de ancho na testada do poente athe o cunhal da casa do forno saye huma casa com hum recanto que ha de comprido de nascente a poente quatro varas menos meio palmo e de ancho, do norte a sul, até à parede que vai das casas de Filipe Carvalho, quatro varas menos quatro dedos, a fora a grossura da dita parede de Filipe Carvalho e esta casa fica mistica com a casa da cozinha e casas debaixo da cozinha com seus altos enquanto nesta parte tomam as casas que são da mulher de Jerónimo Pereira que Deus tenha na gloria, orfão que ficou dos orfãos. Item: detrás da dita casa da estrebaria huma casa derruida que servia de palheiro que tem de comprido de nascente a poente cinco varas e duas terças e de ancho quatro varas e quarta, e parte este palheiro de nascente e norte com casas e balcão que possui Maria de Freitas que são propriedade do mosteiro do Bouro e das mais partes com estas casas e quintal. Item: o quintal destas casas está cerrado sobressi de paredes e he de comprido do norte a sul athe a parede que dividiu o quintal de Guiomar de Barros mulher que ficou de Ambrosio Navio que outrossi he propriedade do dito cabido trinta e uma varas e de ancho do norte a sul quinze varas ao longo da parede e taipa tem do quintalda dita Guiomarde Barros e da banda do sul faz este quintal hum recanto que vai entestar no rossio do postigo que he de comprido dez varas e terça e de ancho da parede do dito quintal athe a viela serventia pública seis varas esforçadas e partem as ditas casas todas e suas pertenças da parte do nascente com rua pública e rossio de ancho antorno e do poente com o quintal destas casas e do norte com casas do dito cabido que possui Miguel Afonso, alfaiate, e do sul com casas propriedade do dito cabido que possui a mulher do dito Jerónimo Pereira, e o quintalparte da banda do nascente com as ditas casas e terreiro e do ponte com a viela que vem da rua pública e de pera o postigo de S. Sebastião e do sul com o rossio que está diante do dito postigo da banda de dentro e do norte com quintal da dita Maria de Freitas, do mosteiro do Bouro" (A.D.B. – Liv. 40°. dos Prazos do Cabido, fl. 120. e ss. *apud* Vasconcelos, 1992–93, pp. 19–21).



Figura 38. Cerca que delimitava o logradouro do ex-Albergue Distrital; foto tirada desde o largo Paulo Orósio, à esquerda a rua Frei Caetano Brandão e à direita a rua de São Paulo (©BLCS).

3.7.3 Os materiais

As escavações realizadas na zona arqueológica do ex-Albergue Distrital (Figura 40) revelaram um conjunto de contextos bastante diversificado, apresentando uma sequência cronológica que recobre os últimos dois mil anos de ocupação do sítio de Braga. Apesar de haver níveis datados do período tardo-antigo, associados às reformas da casa datadas dos séculos III/IV e a desestruturação do modelo de *domus*, nas centúrias seguintes, assim como dos inícios da Idade Média, embora maioritariamente relacionados aos saques de estruturas romanas, essas camadas não foram integradas nesse trabalho, dado que se encontravam bastante perturbadas, com claros e severos impactos pós-deposicionais. Desse modo, utilizámos apenas os materiais provenientes de uma fossa detrítica tardo-medieval, um enchimento que se apresentava íntegro e bem preservado.



Figura 40. Perspetiva geral da intervenção no logradouro do ex-Albergue Distrital (©BLCS).

No logradouro da Casa Grande de Santo António, onde igualmente havia outras habitações, parte da área não construída foi utilizada como local de despejo daquilo que era consumido por seus habitantes. Em meados do século XVI foi implantada naquele espaço uma estrutura coberta que abrigava um forno. Sob essa estrutura de combustão foi identificada uma grande fossa (UE858) (Figura 41), cujo enchimento revela o seu aproveitamento para descartar os resíduos rejeitados que se encontravam no logradouro.

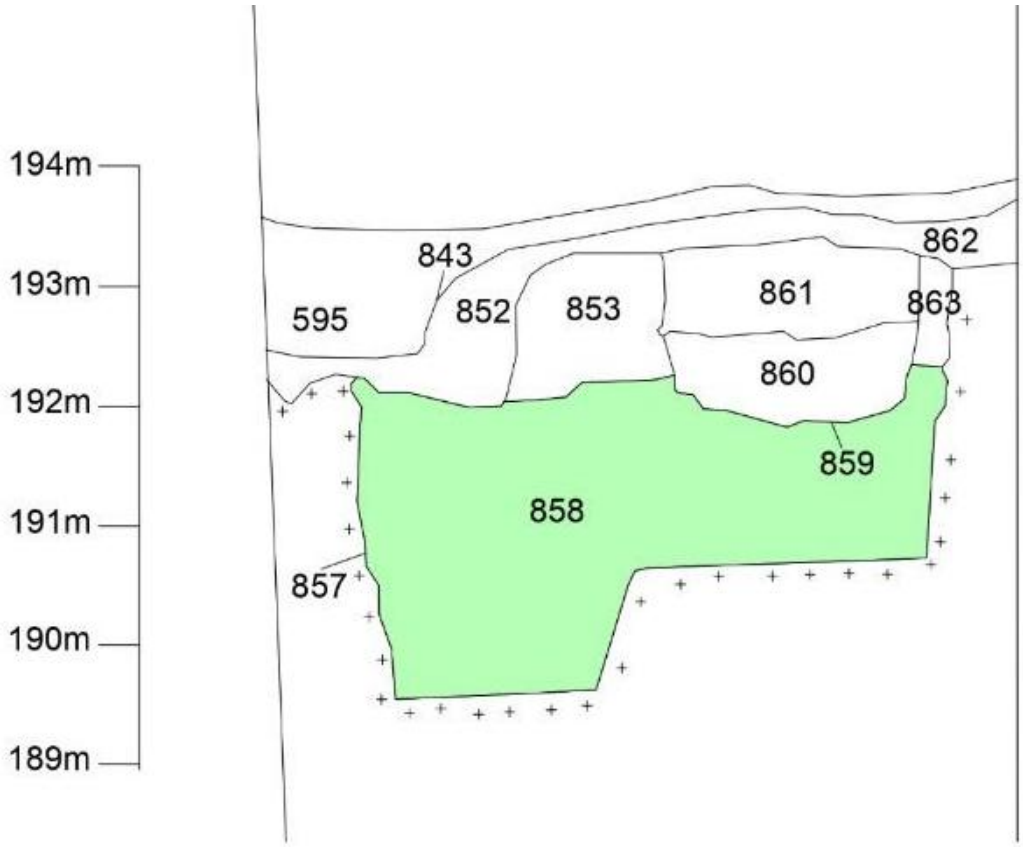


Figura 41. Corte estratigráfico com a fossa detrítica UE858 (©UAUM).

Trata-se de um contexto selado do qual procedem materiais consumidos ao longo do século XV e nos inícios do século XVI, que apresenta um elevadíssimo número de fragmentos cerâmicos, mas também alguns poucos vidros, dentes de javali e um selo em chumbo do Papa Bonifácio IX (1389–1404) (Lemos & Leite, 2000; Gouveia, 2010). Os fragmentos de vidros encontrados pertencem a um copo verde, um objeto bastante conhecido da produção vítrea medieval, cuja origem provável será Veneza, ou as oficinas da floresta negra, na atual Alemanha (Figura 42).

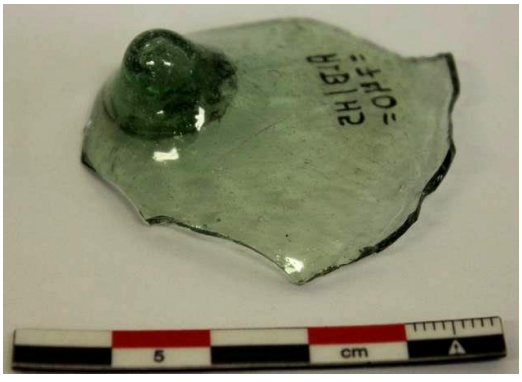


Figura 42. Fragmento de copo de vidro verde da UE858.

Braga
BRA95ALB - escavação no logradouro do Ex-Albergue Distrital, Braga, em 1995.
Fossa detrítica no logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas e de um conjunto de residências selada em meados do século XVI.
Superfície da escavação 700m2
Volume da escavação 1750m3
Quadrados H5-I5 - UE858
Superfície da camada 14m2
Volume da camada 35m3
Índice de fragmentação 0,17

Classe	Produção	Tipo/forma	Completos	Bordos	Fundos	Asas	Paredes	Decor.	Peso	Dens.	EEV	Total Frags.	NMI	MF
Material de Construção	Romana						21		603,2	17,234		21	21	
	Medieval						40		1091,9	31,197		40	40	
Ânfora	*Baetica* (Guadalquivir)	Haltern 70				1		1	189,4	5,411		1	1	
	Africa Proconsularis					1			28,7	0,820		1	1	
Cerâmica comum tardo-medieval	Gaspar G1	Alguidar		2				1	33,4	0,954	0,1	2	2	0,05
		Caneca	1					1	146,5	4,186	1,0	16	1	1,00
		Jarro			4	1		3	135,4	3,869	1,1	7	4	0,28
		Pote pequeno		9				5	77	2,200	1,4	10	9	0,15
		Pote médio		16				12	228,6	6,531	1,7	16	16	0,10
		Pote grande		5				3	250,6	7,160	0,6	5	5	0,12
		Prato	3						183,4	5,240	0,9	9	3	0,30
		Pucarinho		6		2		5	99,4	2,840	1,0	10	6	0,17
		Púcaro		5		2		7	525,6	15,017	0,6	8	5	0,12
		Testo					3	2	59,7	1,706		4	3	
		Tigela		1					11,5	0,329	0,1	1	1	0,13
					61	16	528	172	5995,2	171,291	7,2	640	61	0,12
	Gaspar G2	Alguidar		10				10	456,5	13,043	1,7	11	10	0,17
		Caçarola		1					23,4	0,669		1	1	
		Jarro			4				46	1,314	0,5	4	4	0,14
		Pote médio		3				1	14,4	0,411	0,2	3	3	0,05
		Pote grande		3				1	143,7	4,106	0,1	9	1	0,02
		Púcaro		3		1		4	376,5	10,757	0,8	18	4	0,27
		Testo					1	1	18,9	0,540		1	1	
		Tigela		6				6	127,1	3,631	0,7	6	6	0,12
					12	4	145	65	1562,6	44,646	1,0	163	12	0,09
	Gaspar G3	Bacia		1				1	7,2	0,206	0,1	1	1	0,10
		Pote pequeno		2					96	2,743	0,3	5	2	0,15
		Pote médio		20					199,6	5,703	1,8	23	20	0,09
		Pote grande		15					581,1	16,603	2,3	21	15	0,15
		Púcaro		1					13,7	0,391	0,2	1	1	0,15
		Testo					5	5	60	1,714		8	5	
					40	4	279	54	1839,88	52,568	5,1	336	40	0,13
	Gaspar G4	Pote médio		35				1	367,3	10,494	3,8	39	35	0,11
		Pote grande		8					177,8	5,080	0,7	9	8	0,09
		Púcaro		2				1	78,8	2,251	0,3	2	2	0,16
		Testo					3	3	34,1	0,974		4	3	
					30	4	290	36	2711,5	77,471	3,1	327	30	0,10
	Gaspar G5	Pote médio		8					130,1	3,717	0,9	8	8	0,11
		Pote grande		16					345	9,857	1,4	19	16	0,09
		Prato	1					1	54	1,543	0,3	3	1	0,30
		Testo					1	1	62,6	1,789		2	1	
					30		265	28	3472,2	99,206	5,2	335	30	0,17
Loiça vermelha	Prado (vermelha)	Tigela		1	1				64,3	1,837	0,5	2	1	0,53
		Testo	2						40,2	1,149	0,3	2	1	0,17
Cerâmica vidrada tardo-medieval	Sevilha	Testo	1						15,2	0,434	0,2	1	1	0,18
	Málaga	Tigela					2		37,5	1,071		2	1	
	Manises	Prato			1		1		68,8	1,966	1,0	2	1	
				1				1	57,4	1,640	0,1	1	1	0,09
Totais			8	180	183	36	1584	432	22942,9	655,511	48,2	2160	445	0,17

Tabela 38. Ficha de registo da quantificação das cerâmicas provenientes da UE858, quadrados H5–I5, da zona arqueológica do Ex-Albergue Distrital.

O vasto conjunto cerâmico procedente da UE858 apresenta 2160 fragmentos, dentre os quais a grande maioria pode ser enquadrada nos fabricos comuns tardo-medievais da região bracarense (2084), distribuídos entre os cinco grupos propostos por Alexandra Gaspar (1985). As restantes

cerâmicas aparecem de modo residual (Tabela 38). As ânforas (2) e os materiais de construção de época romana (21) presentes na camada são o resultado dos movimentos de terra que marcam a atividade construtiva urbana, a qual revolve os níveis mais antigos e trazem à superfície os seus materiais. De cronologia tardo-medieval, o contexto UE858 integra as cerâmicas de fabrico comum bracarense, materiais de construção medievais (40), loiça vermelha de Prado (4) e peças vidradas importadas do reino de Espanha (6)[52].

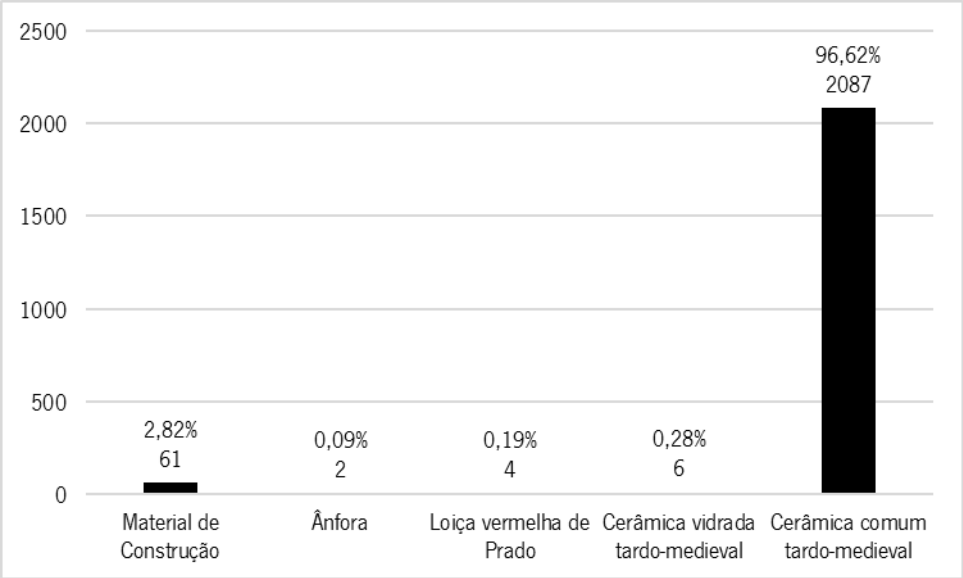


Gráfico 65. Quantidade e percentagem das cerâmicas por grupos de fabrico (amostra: 2160).

A UE858 forneceu um conjunto de fragmentos de cerâmica comum baixo-medieval bastante elevado e permitiu registar a presença dos cinco grupos de fabrico sistematizados por A. Gaspar, bem como várias formas (Gráfico 65). O Grupo 1 é o mais numeroso, com 728 fragmentos (35%), seguido pelos Grupos 3, 4 e 5, com valores bastante próximos, respetivamente 395 (19%), 381 (18%) e 367 (18%), e por fim o Grupo 2, menos representado, com apenas 208 (10%). O quadro morfológico é bastante diversificado e quantitativamente heterogéneo, apresentando uma clara predominância dos potes, que representam quase 60% dos fragmentos que permitiram restituir a forma, enquanto os demais recipientes possuem um número bem menor de exemplares. O número de peças classificadas como bacias e caçarolas está limitado a 1 unidade cada, enquanto as tigelas estão representadas por 7 fragmentos. Ligeiramente mais elevado é o número de fragmentos de alguidares (13) e pucarinhos (10), enquanto os jarros e púcaros estão representados por 11 elementos cada. Foram ainda identificados 16 fragmentos de canecas 16 e 19 de testos.

[52] Agradecemos ao Doutor Jaume Coll Conesa (*Museo Nacional de Cerámica*, Valencia) pelo auxílio na classificação dos fabricos vidrados espanhóis.

Contudo, vale notar que a identificação das formas só foi possível em 286 fragmentos, o que corresponde a 14% dos fragmentos registados. Grosso modo, todos os perfis completos e bordos puderam ser classificados, enquanto apenas parte das asas e fundos o foram. Isso deve-se à hipotética semelhança entre muitas das peças, a exemplo de potes e púcaros, ou alguidares e bacias, o que nos levou a uma maior dificuldade em classificar, com alguma certeza, os fragmentos dessas peças (Gráfico 66).

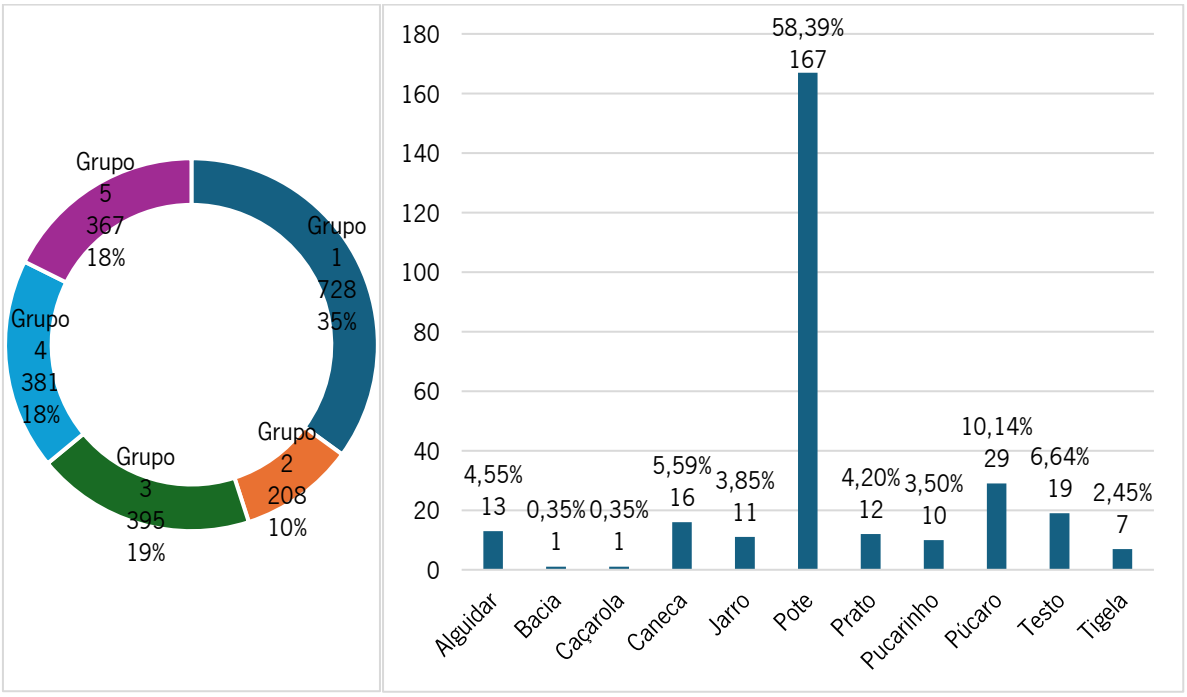


Gráfico 66. Quantidade e percentagem das cerâmicas baixo-medievais por grupos de fabrico e por formas (amostra: 2079 e 286, respetivamente).

O Grupo 1 é o mais representado e diversificado. Apesar do elevado número de fragmentos correspondentes a este fabrico (728), apenas em 88 deles foi possível identificar a forma das peças. A alta quantidade de fragmentos informes (640), é acompanhada por um igualmente significativo número de elementos com decoração (214), que corresponde a 29% do total de fragmentos integrados no Grupo 1 (Gráfico 67).

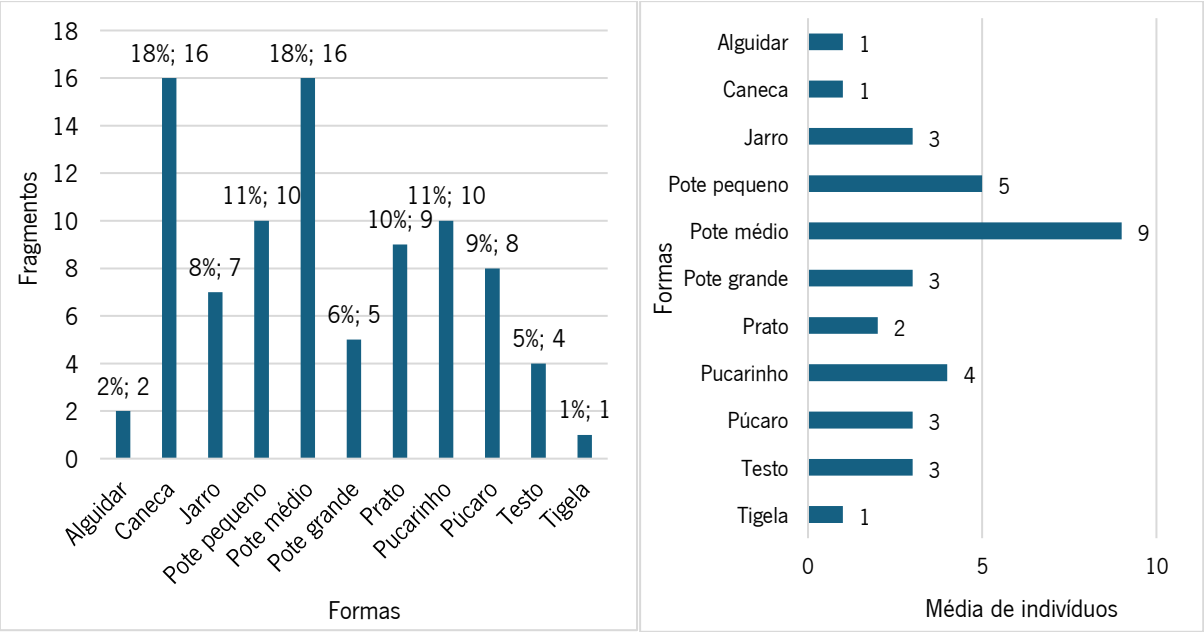


Gráfico 67. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 1 (amostra: 88 e 35, respetivamente).

Os elementos classificáveis como potes são os mais numerosos, contabilizando 31 fragmentos. O estabelecimento da média de indivíduos, calculada a partir da soma dos EEV e o NMI e a sua posterior divisão por dois, com o devido ajuste, quando necessário, para obter um número inteiro, reforça a presença significativa da variante média desses potes, enquanto os pequenos e grandes adquirem valores mais próximos a outras formas. Os potes revelam bordos bastante semelhantes, variando, contudo, a nível do remate, alguns apresentando um reforço junto ao lábio ou, ainda mais comum, uma aba horizontal ou vertical.

Esta contexto revela três formas novas, representadas em sete indivíduos, que não foram identificadas por Alexandra Gaspar entre os materiais dos séculos XIII e XIV (1985; 1991; 1995). A primeira, com 4 exemplares reconhecidos, classificamo-la como um pucarinho, uma vez que apresenta uma morfologia semelhante aos púcaros, *i.e.*, fundos planos, paredes em "S", bordos esvasados e asas de secção retangular, possuindo, contudo, dimensões significativamente menores, com diâmetros do bordo variáveis entre 6 e 8cm, assim como um acabamento bem mais cuidado. A segunda forma, menos representada, com apenas 2 indivíduos, apresenta uma morfologia aberta e baixa, com paredes esvasadas, bordo arredondado e um diâmetro de 18cm, fundo plano, com um diâmetro ligeiramente menor, de 13 cm, e uma reduzida altura com apenas 2,5 cm. Trata-se de um prato, um utensílio particularmente associado ao uso à mesa. A terceira forma corresponde a uma que, apesar de estar representada em 1 único exemplar, os 16 fragmentos recuperados possibilitaram a restituição de seu perfil completo, facto que levou à equipa do Museu D. Diogo de Sousa realizar o seu restauro integral.

Trata-se de uma peça com paredes retas, rematadas num lábio arredondado e uma base plana, ambos com 7,5 cm de diâmetro, profusamente decorada em toda a superfície externa, com exceção da asa.

Entre as formas registadas na rua Nossa Senhora do Leite reconhecemos um jarro que não exibe grandes alterações face aos que foram recuperados por Alexandra Gaspar. São peças muito elaboradas, com corpos estrangulados na base e colo, profusamente decorados, revelando grande investimento técnico. Os púcaros, contrariamente, representados apenas por três exemplares, registam um aumento do diâmetro do bordo, que diverge entre 14 e 18cm. Os testos, igualmente muito decorados, estão também representados por 3 exemplares. Verdadeiramente residuais são os alguidares e as tigelas, que surgem apenas representados por um exemplar de cada.

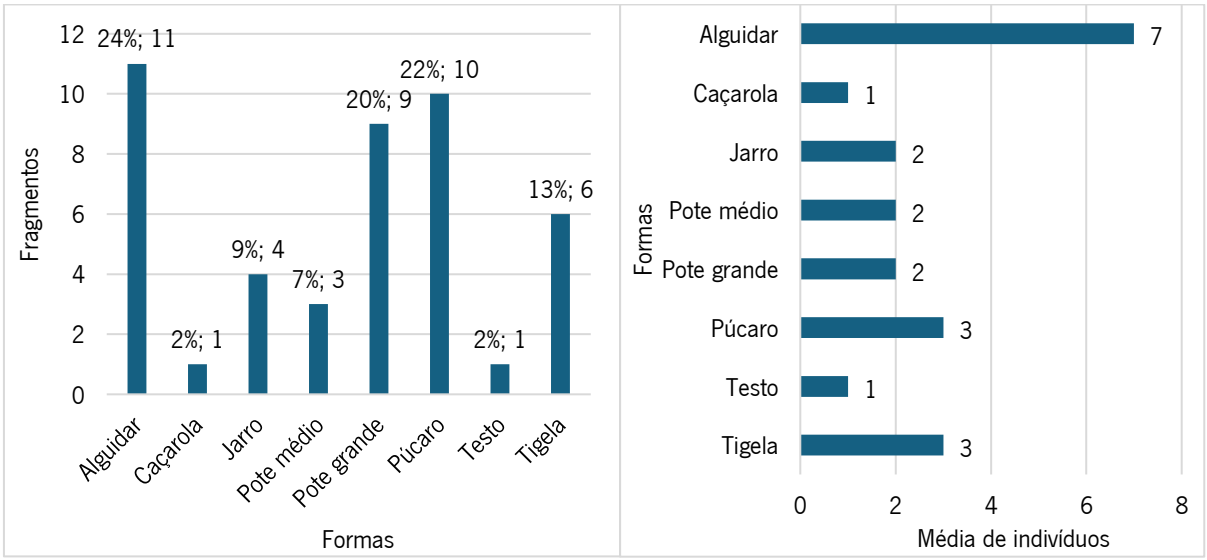


Gráfico 68. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 2 (amostra: 45 e 21, respetivamente).

O Grupo 2 está pouco representado, com apenas 192 fragmentos, o que perfaz 9% dos materiais da fossa. Contudo, uma proporção significativa forneceu forma, o que corresponde a 15% das cerâmicas identificadas no contexto (Gráfico 68).

Apesar de se ter reconhecido um conjunto bastante diversificado de formas, assiste-se a um quadro morfológico quantitativamente distinto do grupo anterior. Os potes continuam presentes, mas não foi identificado nenhum de tamanho pequeno, apenas médios e grandes, representados por apenas dois indivíduos cada. Por sua vez, os jarros e púcaros, apresentam valores algo semelhantes, o primeiro com dois exemplares e o outro com três.

Os testos estão representados por um indivíduo, tendo sido reconhecidos 7 exemplares de alguidares e 3 de tigelas. É de se destacar, ainda, a identificação de um recipiente cuja morfologia não consta das formas rastreadas Alexandra Gaspar (1985; 1991; 1995). Trata-se de uma peça aberta, com

paredes verticais e uma forma tendencialmente retangular, com arestas chanfradas, que classificamos como uma caçarola. Apenas foi reconhecido 1 indivíduo com essa forma.

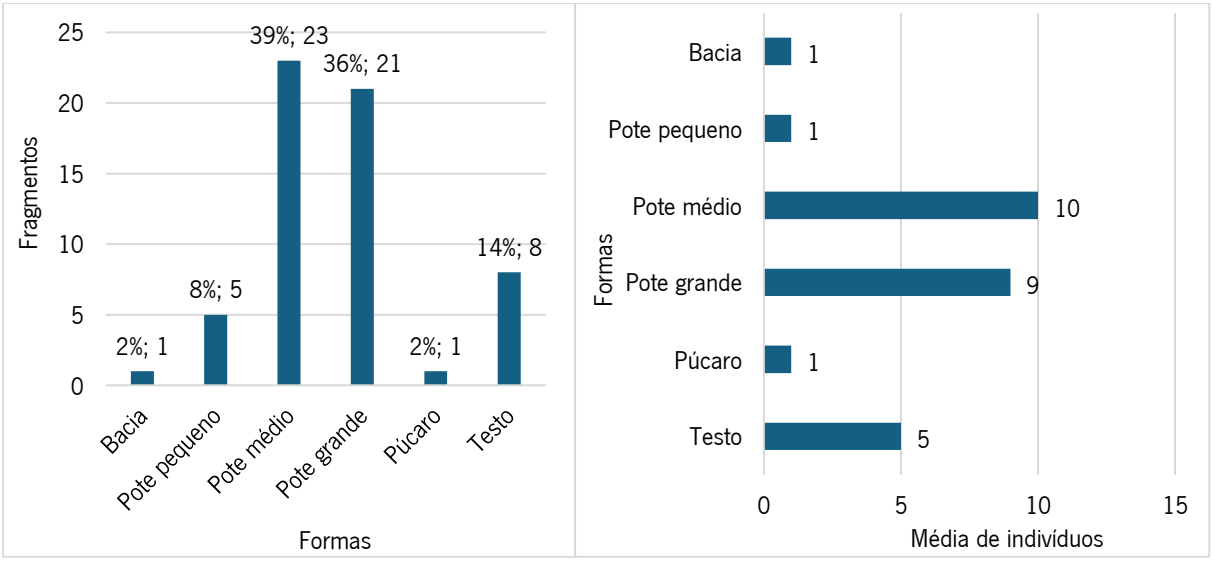


Gráfico 69. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 3 (amostra: 59 e 27, respetivamente).

As formas identificadas no Grupo 3 revelam bastante semelhança com o repertório verificado nos demais (Gráfico 69). Os potes, bastante numerosos, aparecem nas três variedades dimensionais, embora com uma clara predominância dos tamanhos médio e grande, que juntos contabilizam 19 exemplares, número que perfaz 70% das formas reconhecidas. Se associarmos, do ponto de vista funcional, os potes aos testos, elementos que estão representados em 5 objetos, verificamos que esses produtos correspondem a 89% desse fabrico. Os 11% restantes estão distribuídos entre três formas claramente residuais, com apenas 1 indivíduo identificado em cada uma delas. Trata-se de 1 púcaro, 1 pote médio e o único exemplar de bacia recuperado nesta fossa.

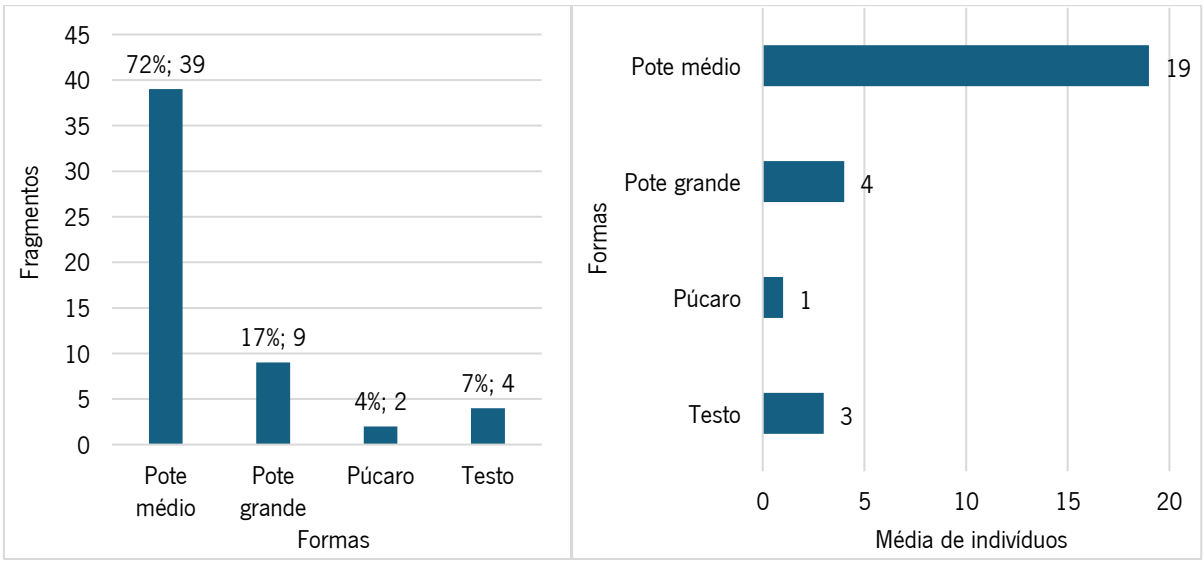


Gráfico 70. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 4 (amostra: 54 e 27, respetivamente).

O Grupo 4 apresenta um quadro formal mais restrito, em comparação aos anteriores. Os potes continuam a afigurar-se como os recipientes com maior presença numérica, desta feita com um expressivo predomínio da variante média, que representa 70% do total de indivíduos identificados, enquanto os potes grandes correspondem apenas 15%. Como temos vindo a verificar, a presença de potes parece estar relacionada com os testos, não tendo sido diferente nesse fabrico, no qual foram individualizados 3 desses objetos. Bastante sub-representados estão os púcaros, dentre os quais só foi possível reconhecer 1 indivíduo (Gráfico 70).

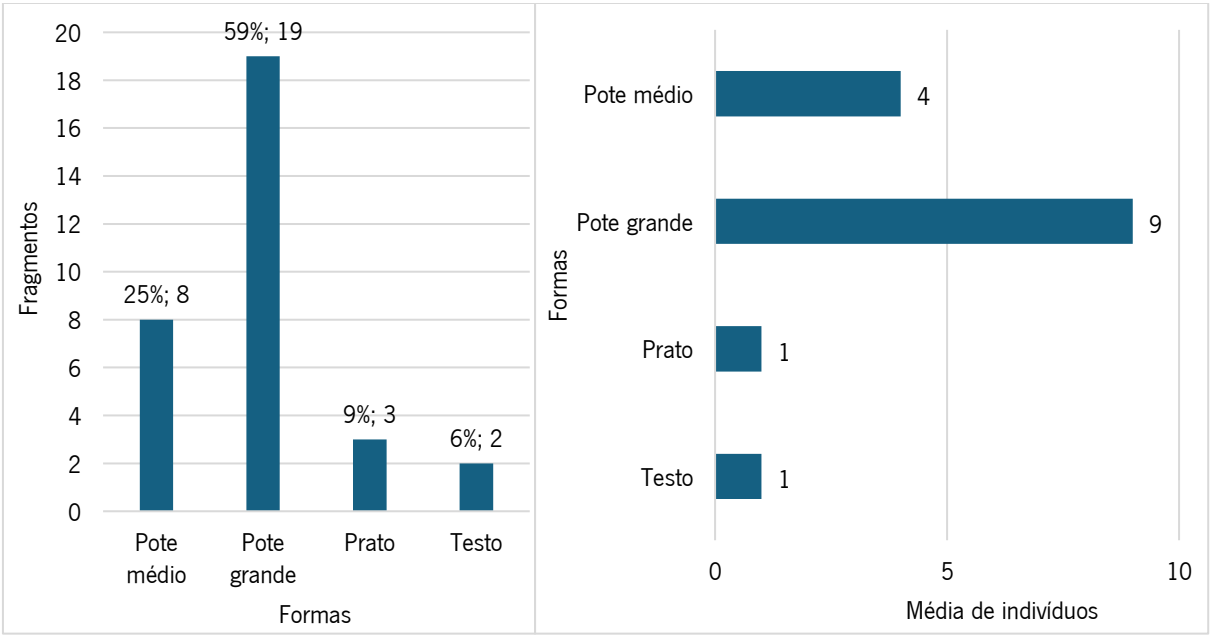


Gráfico 71. Quantidade, percentagem e média de indivíduos das formas do Grupo 5 (amostra: 32 e 15, respetivamente).

Por fim, o Grupo 5 que apresenta uma quantidade de fragmentos bastante próxima aos dois anteriores, possuindo um número de exemplares com forma reconhecida bem abaixo dos demais. Com efeito, apenas 15 indivíduos foram identificados, a maioria potes, sendo 9 deles grandes e 4 médios. Bem menos representados estão os testos e os pratos, com um exemplar cada (Gráfico 71).

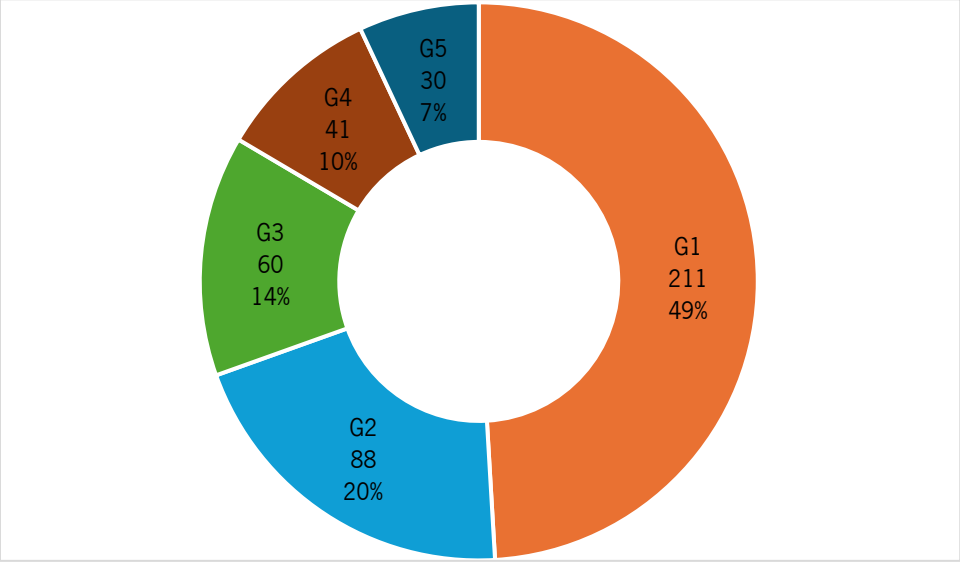
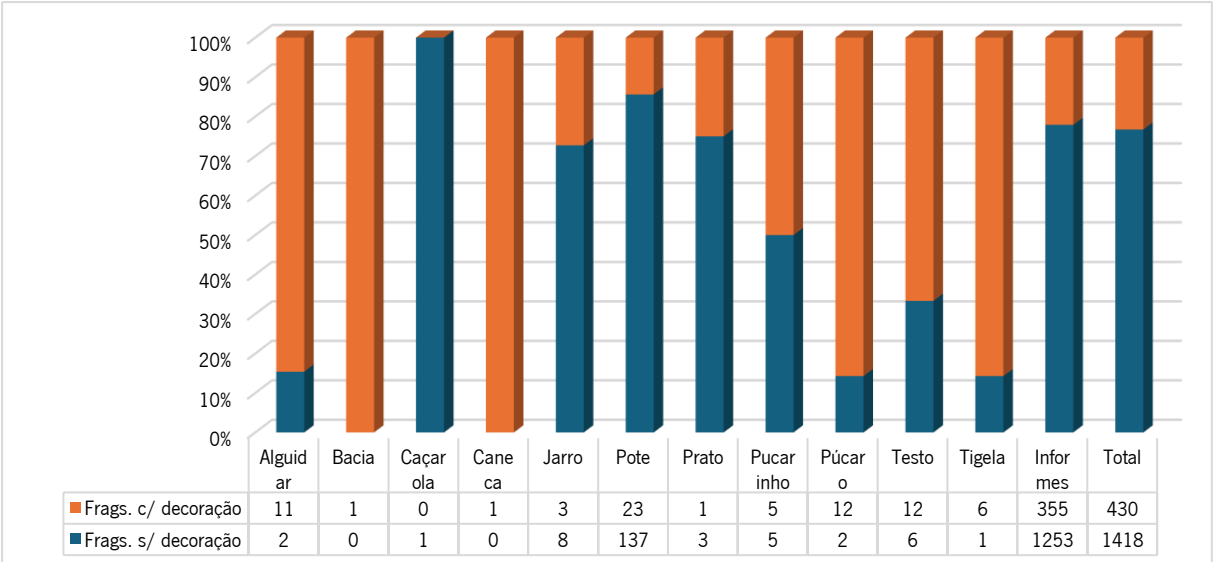


Gráfico 72. Quantidade e percentagem de fragmentos com decoração (amostra: 430).



	Alguidar	Bacia	Caçarola	Caneca	Jarro	Pote	Prato	Pucarinho	Púcaro	Testo	Tigela	Informes	Total
Frags. c/ decoração	11	1	0	1	3	23	1	5	12	12	6	355	430
Frags. s/ decoração	2	0	1	0	8	137	3	5	2	6	1	1253	1418

Gráfico 73. Quantidade e percentagem de fragmentos com decoração por forma (amostra: 1848).

Os fragmentos que apresentam alguma decoração correspondem a 23% dos elementos analisados na UE858, registando algumas concentrações dignas de nota. É bastante evidente a alta presença de exemplares decorados no Grupo 1, caraterística que acompanha, sem grande

estranhamento, o elevado volume de peças desse fabrico. Contudo, ao analisar os outros grupos, essas tendências já apresentam significativas disparidades. O Grupo 2, com menos indivíduos que os demais, apresenta um número de elementos decorados superior aos fabricos 3, 4 e 5. Esses, por sua vez, perdem a regularidade numérica verificada a nível da contabilização dos fragmentos e apresentam diferentes somas de peças que receberam alguma decoração, na qual o Grupo 3 apresenta o dobro de exemplares do Grupo 5, enquanto o Grupo 4 ficou a meio dos dois (Gráfico 72).

Por sua vez, a apreciação dos objetos decorados a partir das suas formas (Gráfico 73), revela uma maior atenção, por parte dos oleiros, aos bordos, fundos e asas, verificando-se um valor bastante aproximado de elementos informes, que na sua maioria absoluta são paredes. No que respeita às formas dos recipientes, classificação associada sobretudo aos fragmentos de bordo e, menos frequentemente, a asas ou fundos, circunstância que reduz a nossa capacidade de reconhecer o tipo de recipiente, verificamos uma presença bastante significativa de peças que receberam algum tipo de decoração na generalidade dos objetos, apenas se encontrando uma sub-representação nos potes e nos bordos dos jarros, enquanto as caçarolas só estão representadas por um único e pequeno fragmento de bordo, igualmente não decorado, que pouco nos diz sobre a peça. Vale destacar, ainda, que entre os pratos registados nessa camada, aqueles associados ao grupo de fabrico 1 não apresentaram decoração, enquanto o exemplar do grupo de fabrico 5 ostentava perfurações ao longo de toda a parte superior da parede.

PARTE III

Discussão dos resultados e sistematização das produções cerâmicas

Introdução

Uma vez apresentadas as zonas arqueológicas que foram selecionadas no âmbito deste estudo, os contextos e o espólio ceramológico analisados, julgamos ser necessário ordenar esse vasto material de modo a torná-lo mais compreensível e útil para o estudo da cidade de Braga no período em análise, entre a Antiguidade Tardia e os finais da Idade Média. Este exercício permite, também, sintetizar um primeiro nível de resultados deste projeto, associado ao estudo da cerâmica através da caraterização dos diferentes fabricos e consumos. Nesse sentido, a Parte III será organizada tendo como eixo principal as produções cerâmicas identificadas em Braga no período em análise, seguindo uma ordem cronológica. O objetivo é recuperar a bibliografia já produzida sobre os diferentes fabricos encontrados na cidade e esquematizar o alargamento do conhecimento sobre essas produções, possibilitado pela nossa investigação.

Cada produção cerâmica aqui apresentada será avaliada em função das características das pastas e das formas, elementos maioritariamente recuperados dos trabalhos monográficos já realizados sobre os diferentes fabricos bracarenses, pontualmente ampliados a partir de novas formas ou variantes identificadas nas zonas arqueológicas que foram selecionadas para análise. Os elementos referidos permitirão uma caracterização geral das produções, tendo em vista discutir os novos dados resultantes deste estudo, em relação com os contextos estratigráficos analisados na Parte II deste trabalho. Entre os principais temas que serão analisados, destacamos, pela sua importância, a cronologia dos fabricos, especialmente nos momentos de mudança, como acontece com a transição do Principado para a Antiguidade Tardia, ou o século V e o fim do domínio romano no NO da Hispânia, a desarticulação política da Península Ibérica face à conquista muçulmana, no século VIII, ou ainda os momentos de transformação da sociedade medieval europeia, mas sobretudo o Reino de Portugal e a cidade de Braga.

A partir da análise das cerâmicas, analisadas no âmbito de cada fabrico, primeiro em separado e depois em conjunto, explorando as relações entre as diferentes peças em circulação, julgamos ser possível inferir ilações sobre a sociedade bracarense, identificando momentos de estabilidade e conservadorismo e avaliando os momentos de mudança e as suas expressões ceramológicas, principalmente os seus ritmos e intensidades.

1 As cerâmicas tardo-antigas

O designativo de cerâmicas tardo antigas refere-se a um conjunto de produções que inclui a continuidade das produções romanas comum grosseiras e finas, as produções de engobe vermelho e branco e a produção dos dois grupos de cinzentas tardias, as quais revelam continuidade de fabricos

relativamente ao século IV (Delgado & Morais, 2009; Fernández & Morais, 2012, p. 131-174). No entanto, sendo característica do período entre os séculos V e VII, estas produções revelam comportamentos distintos ao longo desse período de dois séculos que de algum modo dão conta das mudanças políticas e sociais ocorridas na cidade associadas ao domínio suevo, entre os séculos V e VI e posteriormente visigótico. Por isso, importa compreender o contexto histórico e as suas dinâmicas económicas e sociais para podemos compreender a evolução da cerâmica tardo-antiga, destacando as permanências e as mudanças que ocorrem na cidade de *Bracara* nos séculos que sucedem ao fim do domínio romano da *Hispania*.

A arqueologia urbana de Braga tem vindo a documentar que a cidade tardo antiga conheceu uma intensa atividade construtiva, associada com grandes reformas do parque habitacional, com reutilização de edifícios públicos, especialmente termais, mas também com a implantação de novas realidades arquitetónicas, de que são exemplo a muralha, a basílica e eventualmente o paço episcopal, estando igualmente documentados equipamentos artesanais associados à produção secundária de vidro (Martins, 2018; *et al.*, .2018; & Magalhães, 2021). Esse dinamismo construtivo resultou em processos de estratificação sedimentar bastante importantes, cujos contextos, especialmente entre os séculos IV e VI, estão bem representados na generalidade das intervenções arqueológicas realizadas em Braga, algumas das quais tivemos oportunidade de analisar na Parte II deste trabalho.

No horizonte de zonas arqueológicas selecionadas para esse trabalho, os contextos tardo-antigos são, de facto, bastante abundantes e diversificados. Na rua Nossa Senhora do Leite 8/10 (cf. ponto 3.4 Parte II) datará muito provavelmente ainda do século IV a primeira fase do equipamento cristão que ali foi implantado, o qual já contava com um baptistério (UE239).

É ainda no século IV que se regista uma reforma na *domus* de Santiago, na zona arqueológica do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago (cf. ponto 3.3 Parte II), associada à transformação do peristilo, com instalação de um tanque e alterações na envolvente, onde se instala uma área aquecida privada (Martins *et al.*, 2016). Nos séculos seguintes registam-se transformações substantivas das *domus* do século IV, que perdem o carácter de residências de elite, de carácter unifamiliar para se transformarem em áreas habitacionais partilhadas por vários locatários, um processo, cujas características não se encontram ainda completamente esclarecidas, mas documentado na *domus* do Albergue Distrital (cf. ponto 3.7 Parte II), ou na *domus* da Escola Velha da Sé (cf. ponto 3.2 Parte II) (Martins *et al.*, 2018).

As mudanças registadas nas habitações bracarenses posteriores ao século IV evidenciem o generalizado abandono da grande casa de elite romana, um testemunho das transformações sociais e

culturais da cidade nos séculos V e VI, que registam a mudança material e simbólica do modo de vida romano e, particularmente, das formas urbanas de habitar de sua população, sinalizando o fim do ciclo do domínio romano na Hispânia, decorrente da instalação dos povos germânicos naquele território, a partir de 411. No entanto, a transformação dos espaços habitacionais inscreve-se ainda num tecido urbano que permanecerá na *Bracara* sueva estando as continuidades em relação ao período anterior registadas no traçado viário, como se confirma pela repavimentação de um *decumanus* (D5), documentado na zona arqueológica do Seminário de Santiago (UEs119, 123) (v. ponto 3.3 Parte II).

Os cenários de descontinuidade parecem ser mais frequentes quando observamos as áreas que se foram tornando progressivamente periféricas com a perda de funções do *forum*, face ao fim da administração romana, tendo a basílica paleocristã, adaptada de um possível *macellum*, construído na periferia nordeste, assumido o papel de novo epicentro da cidade. Um bom exemplo da perda de funções dos espaços e edifício está representado pela construção e ocupação nos séculos VI–VII, das unidades construídas que foram implantadas na área do teatro romano, que parasitaram os muros daquele edifício (cf. ponto 3.1 Parte II) (Martins *et al.,* 2015). Também aí se registam descontinuidades de ocupação, ligeiramente mais tardias, decorrentes da invasão muçulmana, nos inícios do século VIII, representadas na chamada "Casa da Bica" (UEs1026, 1078 e 1211) (cf. ponto 3.1 Parte II), mas também na parte nordeste da cidade que vai sobreviver. O entulhamento de parte de um criptopórtico, reconhecido na zona arqueológica da zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques 20–28 (UE154) (cf. ponto 3.4. Parte II) regista esse momento, bem como a descontinuidade de vida das estruturas pré-existentes.

De modo geral, encontramos grandes dificuldades em caraterizar as mudanças ocorridas na cidade durante o período suévico e visigótico e em afinar as cronologias dos níveis tardo-antigos, especialmente entre os séculos V e VIII, seja pelo caráter fragmentário e baixa preservação das estruturas, seja pelo magro repertório das produções cerâmicas locais, conhecidas até ao momento para esse período, especialmente representadas pela cerâmica comum romana, ou pelo grupo 2 da produção cinzenta tardia, a que se soma, naturalmente, a baixa importação, ainda garantida no século V e na primeira metade do VI, através da manutenção das rotas comerciais com o Mediterrâneo. A redução das importações e a ausência de materiais numismáticos, posteriores a meados do século V (Machado, 2024b), tornam particularmente difícil a datação dos contextos.

Apesar disso, a *Bracara* do período que vai do século III ao VII é marcada por uma assinalável continuidade das estruturas do mundo romano anterior, representada, desde logo, na malha urbana, que sofre alterações, mas mantém ainda a sua traça ortogonal de matriz fundacional, estando igualmente representada na morfologia dos grandes equipamentos públicos, de que são exemplo os edifícios das

termas do Alto da Cividade e as da rua Afonso Henriques (cf. ponto 3.6 Parte II), que deixaram de funcionar no século V, tendo sido adaptadas a outros usos (Martins, 2020). Essa persistência de uso de alguns antigos edifícios públicos, que se adaptam a novas funcionalidades, está também representada no edifício periférico do *macellum*, identificado na zona arqueológica da rua Nossa Sra. do Leite, que foi utilizado para erguer uma basílica intramuros, nos inícios do século V (cf. ponto 3.4 Parte II) (Fontes *et al*, 1997–98).

Bastante distinto é o cenário que se desenvolve a partir dos finais do período suevo-visigótico, designadamente a partir dos inícios do século VIII. De facto, a conquista muçulmana do reino visigodo produziu alterações significativas na vida da população hispânica, que se fizeram também sentir no território bracarense. Se a hipotética destruição do complexo episcopal, identificado na rua Nossa Senhora do Leite, nº 8/10 (UEs126, 142 e 232) (cf. ponto 3.4 Parte II), que pode ser um forte testemunho da passagem dos conquistadores pela cidade de *Bracara*, a construção de uma nova muralha para defender um núcleo urbano mais reduzido e concentrado evidencia as transformações que a cidade sofreu na sequência da incursão muçulmana, na origem de uma nova realidade urbana que caracterizará a Braga da Alta Idade Média, como se documentou na zona arqueológica da Escola Velha da Sé (cf. ponto 3.2 Parte II), com o abandono de anteriores espaços habitacionais, sacrificados para a implantação da nova cerca defensiva e do caminho de ronda interno (UEs218, 258 e 275), estrutura que determinou a destruição da habitação que ali havia (UE152).

1.1 A produção comum grosseira

1.1.1 As pastas

As cerâmicas comuns grosseiras de época romana são o fabrico mais abundante na cidade de Braga, entre os séculos I e V, mantendo-se ainda bastante frequentes entre os séculos VI e VII. Essa produção encontra-se bem caraterizada química e petrograficamente, sabendo-se que as suas argilas são provenientes dos barreiros localizados na zona de Prado/ Ucha/ Cabanelas, nos atuais municípios de Vila Verde e Barcelos, a poucos quilómetros de Braga, embora eventualmente também se possam ter utilizado matérias-primas provenientes de outras localidades ao longo do rio Cávado. Ricas em sílica, alumínio e ferro, as cerâmicas produzidas com essas argilas apresentam desengordurantes como muscovite, feldspato e quartzo, pontualmente biotite, associados ao substrato granítico da região (Castro, 1998) (Figuras 43 e 44).



Figura 43. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum grosseira romana (©MDDS).



Figura 44. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum grosseira romana (©MDDS).

A produção comum grosseira de época romana apresenta, portanto, pastas pouco depuradas, em que largamente se identifica a presença de elementos não-plásticos, de calibre variado, compostos sobretudo por quartzo e mica, mas também por cerâmica moída e material orgânico carbonizado. Os reduzidos cuidados que as pastas apresentam também estão presentes nas superfícies, geralmente bastante grosseiras e ásperas, assim como nas paredes espessas, o que também deriva das características do vasilhame produzido neste fabrico. Também a cozedura, que podia ser realizada tanto em ambientes oxidantes, como redutores, comumentemente revela um baixo controlo da temperatura, resultando em colorações variáveis dentro da mesma peça (Delgado & Morais, 2009).

1.1.2 As formas

As formas das cerâmicas comuns grosseiras de época romana foram estudadas, sobretudo, por Manuela Delgado e Rui Morais (2009), tendo sido sistematizadas no Guia das cerâmicas de produção local de *Bracara Augusta*. Trata-se de um repertório muito amplo e diversificado, integrando peças associadas ao uso à mesa e na cozinha, bem como ao armazenamento e transporte. De modo geral, estão identificados recipientes como pratos, frigideiras, tigelas, tachos, alguidares, almofarizes, cadinhos, bacias, tigelas, taças, jarros, bilhas, panelas, potes, caçarolas e assadores, assim como alguns testos. Não obstante, esse fabrico também integrava a produção de grandes recipientes de armazenamento, designadamente talhas e *dolia*.

Além desses objetos relacionados com o mundo doméstico, também foram feitas peças destinadas a outros usos em cerâmica comum grosseira. Referimo-nos aos utensílios necessários à colheita e armazenagem do mel, atividade denominada aos *melaria*, um produto fundamental na alimentação romana, tanto na forma pura, como para adoçar outros alimentos, como o vinho. Nesse horizonte, foram identificados na zona arqueológica da *domus* das Carvalheiras potes meleiros e colmeias em cerâmica comum (Delgado, 1996/1997; Morais, 2006).

1.1.3 Caracterização geral da produção

As cerâmicas comuns grosseiras, produzidas com as argilas recolhidas na região de Barcelos/Vila Verde, constituem os principais e mais longevos fabricos de vasilhame cerâmico de *Bracara Augusta*. O início de sua produção remonta, sensivelmente, a meados do século I, como resultado de transformações ocorridas nas olarias que tradicionalmente manufaturavam cerâmicas de tradição indígena, pois apresentam as caraterísticas técnicas e formais que evidenciam a continuidade dos fabricos dos finais da Idade do Ferro na região do Cávado (Martins, 1990; Ribeiro, 2015). Infelizmente, esse processo encontra-se ainda mal compreendido, sendo desconhecida, quer a natureza, quer os ritmos dessas transformações, mas que podem estar associados a diferentes gerações de oleiros que trabalharam na região, sendo a introdução do novo fabrico um hipotético resultado da chegada de novos artistas à cidade (Machado & Martins, 2024).

Na verdade, a produção de cerâmicas comuns grosseiras ainda não foi objeto de um necessário estudo sistemático e aprofundado. Dada a diversidade formal e técnica que essas cerâmicas apresentam, assim como as enormes diferenças nos acabamentos, alguns dos quais com uma aguada avermelhada, e, sobretudo, o amplíssimo arco cronológico associado à produção de cerâmicas comuns grosseiras, ao longo de praticamente sete séculos, desde o final do período júlio-cláudio até os finais do reino visigodo,

parece-nos fundamental estabelecer grupos, subgrupos e fases que assinalem a natureza e os ritmos dos movimentos de inovação que esse fabrico terá conhecido ao longo de séculos.

Nos contextos que foram analisados no âmbito desse trabalho, a presença dessas cerâmicas nas camadas tardo-antigas, especialmente naquelas datáveis dos séculos IV e V, mas também em revolvimentos posteriores, que atravessam todo o período medieval, documenta quantitativamente o elevado volume dessa produção. Contudo, a diversidade morfológica que se verifica para os séculos I–II, sobretudo no que toca aos recipientes mais pequenos e associados ao uso de mesa, como taças, tigelas, jarros e bilhas, apresenta uma clara tendência de gradual diminuição e mesmo de desaparecimento, centrando-se a produção em recipientes maiores, especialmente voltados para o armazenamento, como potes e talhas, mas também alguns pratos. Essa mudança na produção está particularmente documentada quando comparamos os contextos que foram estudados neste trabalho, que registam materiais remobilizados de níveis alto-imperiais, como aconteceu com a UE123, associada à repavimentação do *decumanus* D5, na zona arqueológica do Seminário de Santiago (cf. ponto 3.3 Parte II), ou com o enchimento para a criação do caminho de ronda interno da muralha alto-medieval, registado na zona arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão 166/168 (UE258), ou ainda com os contextos enquadráveis no século III e inícios/meados do IV, de que é exemplo uma reforma da *domus*, documentada naquela zona arqueológica, associada à UE179 (cf. ponto 3.2 Parte II).

O direcionamento deste fabrico para a produção de grandes peças, designadamente de armazenagem, reduz a nossa capacidade de classificar morfologicamente os fragmentos exumados nas escavações, dada a maior presença de paredes entre os elementos recuperados. Da mesma forma, o peso desse espólio também aumenta, dada a espessura dos recipientes.

O início da produção de cerâmicas comuns grosseiras romanas resulta da perca de protagonismo da cerâmica local de tradição indígena, em meados do século I, uma produção morfologicamente pouco diversificada, cozida em ambiente redutor, que conheceria a generalizada preferência entre as populações de estrato indígena regional, que se haviam instalado na cidade a partir de finais do século I a.C. A substituição desta produção pela cerâmica romana comum grosseira estará ultimada em meados do século I, quando a produção de tradição indígena desaparece, tanto na cidade, como nos povoados indígenas que subsistiam ocupados na região (Martins, 1990). Isso significa que naquela cronologia as olarias de *Bracara Augusta* produziam um variado vasilhame de fabrico comum grosseiro, predominantemente cozido em ambiente oxidante.

A extensão temporal da produção comum grosseira é difícil de precisar, sobretudo devido à sua frequente presença em contextos tardios, resultante do revolvimento dos níveis arqueológicos mais antigos, decorrentes da atividade construtiva. Aquando da publicação do Guia das cerâmicas de produção local de *Bracara Augusta* (2009), M. Delgado e R. Morais atribuíram ao século V o *terminus ante quem* dessas cerâmicas, pois observamos um decréscimo significativo dessa produção no registo arqueológico de Braga, a partir do século VI. No entanto, julgamos importante destacar que é também nesse contexto tardio que se reduz a presença das produções cinzentas do Grupo 1 e 2, bem como das ânforas e *sigillatae* importadas. Essa diminuição global das cerâmicas dos contextos arqueológicos de *Bracara*, pode também ter afetado a produção da cerâmica comum romana grosseira, sem que tal signifique o fim desta produção.

A este propósito, merecem destaque os contextos que foram analisados neste trabalho, associados com a destruição do paço episcopal, na rua Nossa Senhora do Leite 8–10 (UEs126 e 232) (cf. ponto 3.4, Parte II), que revelaram a presença de cerâmicas comuns grosseiras romanas, a par de cinzentas tardias e alto-medievais, cuja datação não poderá ser anterior ao início do século VIII. Esta circunstância parece documentar a sobrevivência da produção comum grosseira até momentos mais tardios que o século V, um cenário que parece igualmente corroborado no contexto do desmantelamento da *domus* da Escola Velha da Sé (UE152), cuja intrusão de elementos mais antigos seria baixa, e onde a cerâmica comum grosseira surge associada aos séculos V–VI.

Face ao exposto, salvaguardando a necessidade de estudos sistemáticos, julgamos possível afirmar que a produção de peças de cerâmica comum grosseira romana, poderá ter-se estendido até o século VII, apresentando, na fase final, um repertório formal diminuto, composto, sobretudo, por potes, almofarizes e talhas, sendo quantitativamente mais reduzido e competindo com outras produções que emergem de tendências e gostos distintos.

1.2 A produção comum fina

1.2.1 As pastas

A diferença entre a produção de cerâmicas comuns grosseiras e produção comum fina de época romana prende-se com o nível de depuração das pastas. De facto, ambas produções utilizaram as argilas provenientes dos barreiros presentes no curso médio do rio Cávado, especialmente na região dos atuais municípios de Vila Verde e Barcelos, provenientes da zona de Prado/Ucha/Cabanelas (Delgado & Morais, 2009).



Figura 45. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum fina romana (©MDDS).

O fabrico fino local apresenta pastas arenosas onde estão presentes elementos não-plásticos caraterizados sobretudo por quartzos, às vezes por alguns feldspatos, de calibre pequeno e, raramente, médio (Figura 45). A cozedura é maioritariamente oxidante, por vezes com um cerne acinzentado, resultando em fraturas beges ou castanho-claros, coloração que se encontra presente igualmente nas superfícies internas e externas, cujo toque revela um investimento significativo no alisamento das peças.

1.2.1 As formas

O repertório formal das cerâmicas comuns finas romanas distingue-se morfologicamente da variante grosseira sobretudo pela maior produção de recipientes destinados ao uso à mesa, como copos, púcaros, taças, tigelas, pratos, jarros e bilhas, mas também de outras formas que poderiam igualmente ter um uso associado ao armazenamento, como os potes e potinhos. A maior depuração das pastas, como referimos anteriormente, possibilitou igualmente a produção de peças mais elegantes, com paredes menos espessas, cuja potencialidade foi aproveitada, em alguns casos, para imitar formas de *sigillata*, a exemplo das formas Ritt. 5, Hisp. 4, 8 e 56, bem como o fabrico de objetos de caráter votivo (Delgado & Morais, 2009).

Importa ainda referir a frequente utilização de recipientes destinados ao uso domiciliar, especialmente copos, potinhos, bilhas e púcaros, presentes na composição de *spolia funebris* e do mobiliário funerário de algumas sepulturas. De facto, não existe uma produção especificamente orientada para esse uso, dada a identificação de formas iguais nos dois contextos. Por outro lado, as análises traceológicas permitem averiguar que as peças presentes em contexto tumular não parecem corresponder a recipientes domésticos da família do falecido, uma vez que não possuem marcas de outro uso, podendo ser peças adquiridas especificamente para essa finalidade, talvez privilegiando produtos com pequenos defeitos de fabrico, que eventualmente prejudicariam a sua utilização à mesa, mas que serviriam bem o fim funerário (Braga, 2018).

1.2.2 Caracterização geral da produção

O modo como as variantes fina e grosseira da cerâmica comum romana de *Bracara Augusta* evoluiu ao longo do período imperial é bastante semelhante. A ampla variedade de formas produzidas desde meados do século I até ao III, que cobriam um conjunto de usos bastante diversos, como o serviço de mesa e despensa, foi bastante reduzida no início da Antiguidade Tardia. Nesse momento, as peças associadas ao consumo de bebidas, como copos e taças, deixam de ser produzidas neste fabrico, subsistindo, contudo, as formas maiores, como jarros e potes (Delgado & Morais, 2009).

Se o quadro geral dos dois fabricos comuns (grosseiro e fino) parece semelhante, ao analisarmos os pormenores das cerâmicas finas, tornam-se deveras significativas as diferenças entre as duas produções. Assim, quantitativamente, a produção fina não era tão expressiva como a grosseira e as suas peças estavam sobretudo voltadas para o serviço de mesa, o que gerou um cenário bastante distinto no período tardio, representado pela expressiva queda de exemplares em circulação da produção comum fina, sensivelmente, até ao século V, o que terá sido compensado pelas produções cinzentas tardias.

Os contextos arqueológicos que analisámos na Parte II desse trabalho documentam uma presença muito residual de cerâmicas comuns finas, o que constitui uma regra na generalidade dos contextos analisados que testemunham a brutal diminuição dessa produção. As formas identificadas correspondem a um jarro e a uma lucerna, presentes em níveis tardo-medievais da zona arqueológica do teatro romano (UE922 e 1039), uma presença essencialmente explicável pela remobilização de materiais de níveis mais antigos. Foi igualmente encontrado um jarro no contexto arqueológico que assinala a repavimentação do *decumanus* no Seminário de Santiago (UE119), bem como um copo e um jarro identificados nos enchimentos associados à implantação da muralha alto-medieval (UE218 e 258), na zona arqueológica da Escola Velha da Sé. Mas, também nestes contextos, a presença de produções de cerâmica comum fina se explica por revolvimento de níveis anteriores.

Assim, considerando a amostragem desta produção nos contextos que foram estudados, parece-nos bastante incerta qualquer afirmação que possamos fazer sobre a cronologia de produção das peças analisadas, uma vez que os contextos de onde precedem apresentam claros sinais de integrarem materiais remobilizados por profundos revolvimentos.

1.3 A produção de engobe vermelho

1.3.1 As pastas

As análises químicas realizadas às cerâmicas de engobe vermelho encontradas em Braga revelaram três grupos bastante distintos desta produção (Oliveira *et al.*, 2005). Por um lado, temos importações de *Pompejanish-roten Platen*, originárias da Campânia, Itália (Peacock, 1977), existindo dois conjuntos de produções de imitação, uma produzida em Lugo, imitando peças pompeianas (Alcorta Irastorza, 2001; & Bartolomé Abraira, 2012) e as imitações locais devidas aos oleiros bracarenses (Delgado, 1993–94).

O primeiro grupo de produção de engobe vermelho corresponde, naturalmente, a peças datáveis do século I, período em que as cidades campanienses, especialmente Pompeia, ainda não haviam sido soterradas pelos detritos do Vesúvio, em 79, pelo que escapam completamente à nossa análise. Por sua vez, as produções de imitação de cerâmicas de engobe vermelho podem ser subdivididas em três grupos, correspondendo um deles a uma produção de imitação de *Pompejanish-roten Platen*, balizada entre o período júlio-cláudio e os inícios da dinastia flaviana. Os outros dois grupos dizem respeito a produções de peças comuns e imitações de *sigillatae* hispânicas e africanas, apresentando tonalidades de vermelho bastante distintas, a depender do momento em que as peças foram produzidas. Aquelas datáveis dos primeiros séculos da época imperial, *i.e.*, do Principado ou Alto Império, ostentam um vermelho com tonalidade forte e bem marcante, enquanto os engobes tardios apresentam uma coloração mais alaranjada (Delgado & Morais, 2009).

Os estudos químicos sobre a proveniência das produções locais de engobe vermelho revelaram a alta semelhança entre a composição das argilas desse fabrico com as cerâmicas comuns, cujos barreiros estariam localizados ao longo do curso médio do rio Cávado, na área dos atuais municípios de Barcelos e Vila Verde. A principal diferença química entre essas distintas produções é o teor de ferro, que se apresenta mais elevado nos engobes, fenómeno que está associado à fina camada de argila mais líquida que era aplicada na superfície das peças para adquirir o acabamento engobado desejado, que seria rica em óxidos de ferro (Prudêncio, 2008).

As cerâmicas de engobe vermelho tardias apresentam pastas com caraterísticas típicas das produções comuns, dado que utilizam os mesmos barreiros para a aquisição das argilas. Com um grau de depuração bastante variável, que depende, sobretudo, da espessura das paredes, elemento que está diretamente associado à forma das peças, essas cerâmicas apresentam desengordurantes como quartzos, feldspatos e, em alguns casos, micas, geralmente de calibre pequeno e, em alguns exemplares, médios (Figura 46).



Figura 46. Pormenor da pasta de uma cerâmica de engobe vermelho tardia (©MDDS).

O ambiente de cozedura das peças incluídas nesta produção é sempre oxidante, com pastas beges ou castanho claras. Essa exigência técnica está relacionada com os objetivos finais do fabrico, a obtenção do caraterístico engobe rubro, que geralmente é de boa qualidade e com boa fixação às superfícies.

1.3.2 As formas

O horizonte morfológico das cerâmicas de engobe vermelho é bastante amplo. Com efeito, a par dos pratos que imitam os exemplares pompeianos, designadamente Oberaden 21, foram reconhecidas tigelas, taças, púcaros, bilhas, frigideiras, tachos, assim como outros pratos e pratéis. Essa diversidade de formas está presente tanto nas formas locais, semelhantes aos fabricos comuns, como nas imitações de objetos importados, designadamente *terrae sigillatae* africana, hispânica e gálica. Acrescenta-se ainda uma *phiále* (pl. *phiálai*), um prato de libação proveniente do mundo grego, semelhante às *paterae* latinas, datável do século I (Delgado & Morais, 2009).

Interessa-nos aqui, dado o recorte cronológico do trabalho, as imitações de peças importadas e as formas comuns tardo-antigas. As imitações especialmente de *terrae sigillatae* hispânicas tardias e africanas, apresentam um repertório formal constituído maioritamente por pratos, de que são exemplo as formas Dragendorff 15/17t, Hayes 42, 58, 58B, 59B, 61A/B, 61B, 63, 76, Forma 83B, entre tantos outros, mas também algumas poucas tigelas Ritterling 8, taças Dragendorff 37t, Delgado 1968, Sérif 1970. As peças comuns apresentam formas mais variadas, nas quais estão incluídos igualmente os recipientes destinados ao uso à mesa, como pratos, púcaros e pratéis, ou à cozinha, o que acontecia, designadamente, com os tachos e frigideiras, mas também com os potes (Delgado & Morais, 2009).

Por fim, vale a pena notar que apesar da grande variedade de formas de recipientes fabricados na produção de engobe vermelho, os pratos são a principal produção desse fabrico, especialmente no

período tardo-antigo, seja em exemplares que imitam, ou são influenciados por peças forâneas, seja em criações locais.

1.3.3 Caracterização geral da produção

Diferentemente dos fabricos comuns, as cerâmicas de engobe vermelho, assim como outras produções locais de *Bracara Augusta*, já foram alvo de estudos que nos permitem uma melhor caracterização desta produção. Trata-se de uma das mais longevas produções bracarenses, com uma cronologia que vai de meados do século I até aos finais da quinta centúria, em cujas peças são reconhecidas mudanças técnicas e decorativas que permitem inferir leituras mais aprofundadas sobre os gostos e as exigências da população urbana que as adquiria.

Do ponto de vista morfológico, essas peças integravam um nicho estritamente doméstico, com exceção da *phiále*, voltadas sobretudo para as funções de comensalidade e preparação de alimentos. Se nos primeiros séculos da época imperial essas cerâmicas competiam com outras produções finas bracarenses que imitavam peças exógenas, como a conhecida produção bracarense, paredes finas e cinzenta fina polida, entre os séculos III e IV a produção de engobe vermelho assumiu o monopólio dessa franquia nos mercados da cidade.

O sucesso dessas cerâmicas deve-se também à capacidade de os oleiros darem uma resposta competitiva às necessidades e desejos dos consumidores, o que revela a sua capacidade de adaptação. Ao analisarmos as alterações na tonalidade do engobe na viragem do século II para o III, verificamos que essa mudança acompanha a diferença na coloração das *sigillatae* hispânicas e africanas. Nesse sentido, a grande presença de peças que imitam os pratos africanos, especialmente de Clara D (Machado, 2010), feitas em cerâmica de engobe vermelho, parecem mimetizar não apenas a forma, mas também a coloração das suas superfícies (Machado *et al.*, 2020).

O alcance comercial dessa produção é também testemunha de seu sucesso no mercado. Largamente difundidas por toda a área do *conuentus bracaraugustanus*, as cerâmicas de engobe vermelho bracarense disputavam os mercados diretamente com as produções lucenses (Alcorta Irastorza, 2018), sobretudo nos limites setentrionais do convento e, a sul, com as produções conimbricenses (Delgado, 1975; Fernández Fernández, 2018).

Os estudos, realizados por A. Fernández Fernández, sobre as cerâmicas de engobe vermelho encontradas nos níveis tardios de Vigo, na Galiza, um importante porto atlântico que se manteve associado às rotas comerciais com o Mediterrânio (Naveiro López, 1991a; Fernández Fernández, 2013), especialmente na *uilla* de Toralla, revelam a capacidade de disputa nos mercados regionais da cerâmica

de engobe vermelho bracarense, que conheceu o seu auge produtivo e comercial durante as décadas centrais do século V, momento em que o abastecimento de *terra sigillata* africana se encontrava duramente comprometido devido à conquista vândala do norte da África (Fernández Fernández *et al.*, 2008; Fernández Fernández, 2013; 2018). A recuperação do comércio com o reino Vândalo marcou, portanto, o início do declínio da produção de cerâmicas de engobe vermelho.

O poder de penetração das cerâmicas de engobe vermelho nos mercados regionais, bem como a qualidade técnica de peças, levou A. Fernández Fernández e R. Morais (2012) a propor a sua classificação como *terra sigillata* bracarense tardia (TSBT), num longo e aprofundado estudo em que identificam três fases para a evolução daquela produção, nas quais confluem as formas comuns e as imitações do ponto vista das transformações endógenas no seu quadro morfológico. Embora não tenhamos utilizado a nomenclatura sugerida por aqueles autores, preferindo a designação mais clássica de produção de "cerâmica de engobe vermelho", julgamos que o estudo por eles realizado é da maior importância no seio das discussões sobre a classificação e seriação dos materiais cerâmicos, pois parte de um aspeto estritamente interno, correspondente à sua evolução no tempo, abandonando as tradicionais propostas que separam o fabrico entre "local" e a "imitação". De facto, do ponto de vista dos oleiros que produziam essas peças, pouca diferença devia fazer se o prato tinha um lábio ou bordo igual ao de uma *sigillata* qualquer, assim como pouco deveria importar, para os produtores locais, quais os motivos decorativos que seriam puncionados após a modelagem do objeto, não sendo, portanto, um elemento distintivo tão relevante que justificasse uma separação da produção.

As cerâmicas de produção de engobe vermelho foram reconhecidas em diversos dos contextos analisados na Parte II, a maioria dos quais em níveis de revolvimento. Contudo, em dois níveis podemos ver esse fabrico em contexto síncrono com a sua produção. Isso acontece no contexto associado à reparação do *decumanus* D5, identificado na zona arqueológica do Seminário de Santiago (UE123), onde foram identificados alguns exemplares de recipientes com engobe vermelho tardio, designadamente um pote e um púcaro, em simultâneo com formas comuns, a que se somam ainda 20 fragmentos informes. Por sua vez, do desmantelamento da *domus* da Escola Velha da Sé (UE152) ficou preservado um nível selado, composto por um espólio cronologicamente bastante homogéneo, representado exclusivamente por peças que circulavam na cidade no período tardo-antigo, dentre as quais contamos com um bordo de prato que imita a forma Hayes 59B, cuja fonte de inspiração era uma *terra sigillata* africana datável de 320–420 e um fundo informe.

1.4 A produção de engobe branco

1.4.1 As pastas

Apesar do nome dessa produção variar, em relação à anterior, apenas na cor do engobe, que constitui um possível acabamento das peças, a verdade é que outras distinções também são verificáveis, justificando assim a sua individualização como fabrico próprio e não uma mera variação de seu congénere vermelho. Mesmo o engobe que reveste as peças desta produção é distinto do engobe rubro, apresentando uma composição mais densa, embora com uma menor aderência, ainda que seja um revestimento de significativa qualidade (Delgado & Morais, 2009).



Figura 47. Pormenor da pasta de uma cerâmica de engobe branco (©MDDS).



Figura 48. Pormenor da pasta de uma cerâmica de engobe branco (©MDDS).

As pastas são muito semelhantes às da cerâmica comum romana fina, tanto a nível dos desengordurantes, designadamente quartzos e raras micas, de pequeno calibre e coloração bege, algo esbranquiçada e aspeto arenoso, quanto ao grau de depuração (Figuras 47 e 48). Entretanto, algumas peças revelam a utilização de argilas caulíticas provenientes do litoral atlântico do noroeste ibérico. As cozeduras são igualmente realizadas em ambiente oxidantes, por vezes apresentando um cerne acinzentado, que pode ser associado a um aquecimento rápido e elevado (Morais *et al.*, 2014).

1.4.2 As formas

O repertório formal da cerâmica de engobe branco assume, nitidamente, uma proposta de serviço de mesa, no qual são reconhecidos cálices, jarros, taças e bilhas, mas também potes. Esse fabrico encontra-se pouco estudado, o que dificulta o aprofundamento da sua caracterização e compreensão. A falta de uma sistematização desta produção leva também a não percebermos bem a eventual relação entre as formas, as pastas e as argilas e barreiros, designadamente de Prado ou do litoral, bem como a hipotética associação entre as decorações e as formas ou argilas, questões que exigem um aprofundamento do estudo desta produção.

Nota-se, entretanto que se trata de uma produção característica de peças elegantes, bem concebidas, com uma morfologia geralmente pouco frequente nesse período e noutros fabricos.

1.4.3 Caracterização geral da produção

Em linhas gerais, as cerâmicas de engobe branco correspondem a um fabrico mal conhecido na cidade de Braga. A nível peninsular, essa produção também se apresenta um pouco distinta, como acontece com a sua congénere, fabricada em *Conimbriga*, onde essas peças revestidas com uma fina camada alva estão associadas aos contextos dos primeiros séculos da época imperial romana, cujo repertório formal se resume a potes de duas asas e jarros (Alarcão, 1976). Em *Bracara Augusta*, foi identificado, entretanto, um único exemplar desse período, designadamente, representado por um pé e parte das paredes de um pequeno cálice (Delgado & Morais, 2009, nº 173).

O conjunto que nos interessa, de cronologia mais tardia, é aquele produzido, sensivelmente, na primeira metade da Antiguidade Tardia, entre os finais do século III e o VI. Trata-se de uma produção com quantidades bastante diminutas, com cerca de pouco mais de meia centena de exemplares identificados na cidade, segundo um estudo liderado por R. Morais (*et al.*, 2014).

Apesar do reduzido volume dessa produção, é notável a sua penetração no mercado regional, tendo sido identificadas peças de engobe branco por grande parte da área conventual, ainda que poucas e raras. Em Vigo, Galiza, na *uilla* de Toralla, esse fabrico encontra-se presente em níveis dos finais do século IV (Fernández Fernández, 2013).

Nos contextos analisados neste trabalho, a situação não foi diferente. Se, por um lado, foram poucos os fragmentos de peças de engobe branco reconhecidos nos contextos analisados, a maior parte deles encontrava-se em níveis de revolvimento ou, quando *in situ*, constituídos por exemplares informes, a exemplo daquele proveniente do nível que colmatou o peristilo da *domus* do Seminário de Santiago (UE111) (*cf.* ponto 3.3. Parte II). A única exceção que temos a esse cenário é o jarro identificado no nível

de abandono da "Casa da Bica", na zona arqueológica do teatro romano de Braga (UE1211) (*cf.* ponto 3.1 Parte II), cuja datação será posterior à primeira metade do século V.

1.5 A produção de cinzenta tardia (Grupo 1)

1.5.1 As pastas

As cerâmicas cinzentas tardias são, eventualmente, os fabricos tardo-antigos melhor conhecidos da cidade de Braga. Tal deve-se à investigação dessa cerâmica, desenvolvida por Alexandra Gaspar, no âmbito da sua dissertação de mestrado em Arqueologia, realizada na Universidade do Minho, sob a orientação de Manuela Martins e Isabel Prudêncio, intitulada *Contribuição para o estudo das Cerâmicas Cinzentas dos séculos V–VI d.C. de Braga*, defendida em 2000. Visualmente, são identificáveis nessa produção dois grupos bastante distintos: um melhor acabado, com peças finas, melhor trabalhadas e formas que imitam ou se inspiram em exemplares importados, especialmente *terrae sigillatae* africanas, focenses e gálicas; e um outro, produzido com argilas menos depuradas, superfícies mais ásperas, espessura mais grossa e um repertório de formas comuns (Delgado & Morais, 2009).

Como A. Gaspar referiu em seu estudo, as cerâmicas cinzentas de cronologia tardo-antiga foram identificadas pela primeira vez nas escavações realizadas na rua Nossa Senhora do Leite, em 1983, embora em reduzida quantidade, o que não permitiu realizar a sua sistematização (Gaspar, 1985), reconhecendo-se, todavia, o seu paralelismo com os conjuntos cerâmicos tardios de *Conimbriga* (Delgado, 1976). Outras publicações posteriores referentes a contextos tardios, designadamente de Lugo (Rodríguez Colmenero, 1995) e Coruña (Vázquez Gómez, 1996), bem como os resultados das escavações realizadas na *uilla* e basílica paleocristã de Dume, dirigidas por Luís Fontes, trouxeram à luz do dia um volume significativamente maior de exemplares de peças de produção cinzenta, de cronologia tardo-antiga, especialmente dos séculos V–VI (Fontes, 1991–92). Também a identificação de um considerável conjunto de cerâmicas cinzentas tardo-antigas num nível de derrube da *uilla* da Póvoa de Lanhoso, identificadas nas escavações aí realizadas por Manuela Martins, no início da década de 1990 (Delgado, 1993–94), ajudou a ampliar o acervo de exemplares daquela produção que justificou a realização de estudos arqueométricos, tendo em vista caraterizar o fabrico do pondo de vista químico e petrográfico e identificar a origem dos barreiros utilizados (Gaspar, 2000).

Os resultados desse importante estudo de A. Gaspar permitiram concluir que as cerâmicas cinzentas tardias comuns e de imitação identificadas em *Bracara* foram produzidas a partir de argilas provenientes dos barreiros da região de Prado, com uma caraterização das pastas bastante semelhante às que se encontram nas cerâmicas comuns de época romana e noutras produções bracarenses (Figuras

49 e 50). Entre os demais exemplares analisados nesse trabalho, foi possível caracterizar peças de cinzenta tardia de Lugo e de Conimbriga. A amostra de *Conimbriga*, associada às imitações de peças forâneas, revelou afinidades químicas e petrográficas com as produzidas em *Bracara* (Gaspar, 2000).

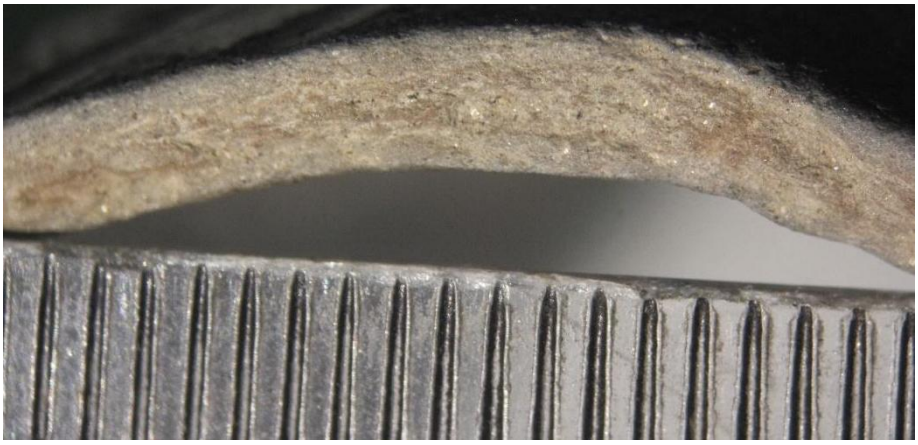


Figura 49. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 1 (©UAUM).

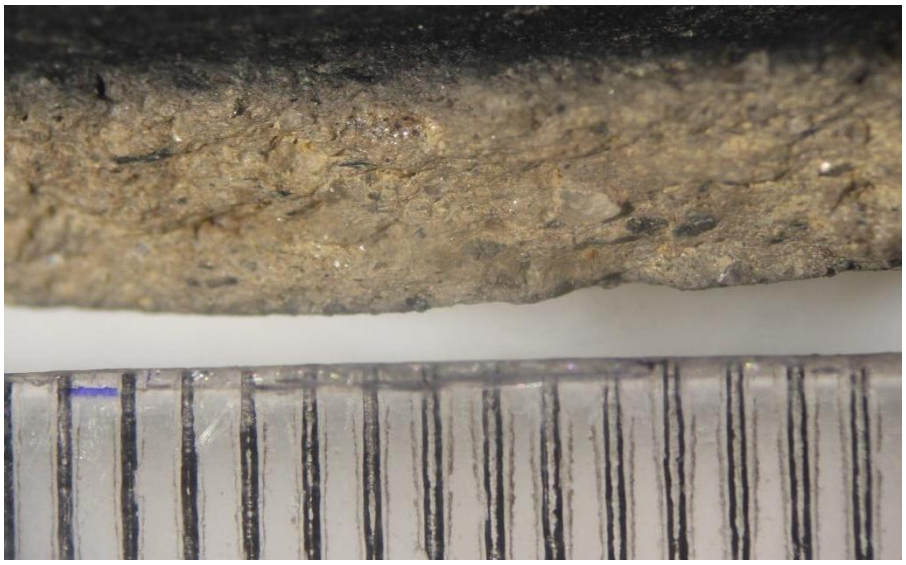


Figura 50. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 1 (©UAUM).

Trata-se, portanto, de um fabrico com caraterísticas bastante próximas, do ponto de vista técnico e da composição das pastas, às demais produções locais de Braga, realizadas em ambiente de cozedura redutora. Assim, as pastas das peças de produção de cinzenta tardia, associado ao Grupo 1, definem-se pela sua matriz arenosa, relativamente depurada, com desengordurantes constituídos principalmente por quartzos, feldspatos, grãos ferruginosos, cerâmica moída e material orgânico, sempre de baixo calibre. As superfícies, sempre alisadas, contrastam com a pouca presença das decorações, geralmente restritas a incisões e punções nas abas (Gaspar, 2000; Delgado & Morais, 2009).

1.5.2 As formas

O Grupo 1 das cerâmicas cinzentas tardias é caraterizado, para além da maior depuração das pastas e melhor tratamento das superfícies, relativamente ao Grupo 2, pelo seu repertório formal definido pela imitação ou inspiração de peças forâneas. Nesse sentido, morfologicamente as peças desse fabrico são constituídas por tigelas, taças, pratos e almofarizes, inspirados originalmente em *terrae sigillatae* africana (ARSW), focense (Late Roman C) e gálica (DSP) (Gaspar, 2000; Delgado & Morais, 2009).

As imitações de peças africanas (ARSW) estão representadas pelas tigelas Hayes 73 e 97 e pelo grande prato Hayes 76, enquanto as inspirações focenses, de Late Roman C, resumem-se a um prato Hayes 3. Por sua vez, as peças cujos originais provêm das *Galliae* (DSP) são muito mais numerosas, destacando-se os pratos Rigoir 1, 3C, 6A, 8 e 11, as taças Rigoir 5A, 5B, 7 e 13/14, as tigelas Rigoir 6B, 16 e 22, assim como os almofarizes Rigoir 29 (Gaspar, 2000).

As formas originais das peças que as cinzentas tardias procuraram imitar correspondem a recipientes que foram produzidos entre os séculos IV e VI, como se pode observar na tabela seguinte (Tabela 39), onde se detalham as cronologias atribuíveis a cada uma dessas formas. Para a conceção da tabela utilizámos duas referências bibliográficas. Assim, as datas que aparecem referenciadas em séculos são provenientes do *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*, de M. Delgado e R. Morais (2009), enquanto que as datações em anos foram retiradas do estudo realizado por L. Lavan (2020), no qual o autor propõe um período de produção de cada forma, baseando-se na integração das propostas cronológicas dos catálogos de referência, designadamente o *Late Roman Pottery*/LRP (Hayes, 1972), Atlante (1981), DCAMNO (1993) e Bonifay (2004).

Africana		
Hayes 73	Tigela	385-475
Hayes 76	Prato	425-475
Hayes 97	Tigela	400-550
Focense		
Hayes 3	Prato	400-550
Gálica		
Rigoir 1	Prato	400-500
Rigoir 3C	Prato	V/VI
Rigoir 5A	Taça	370-500
Rigoir 5B	Taça	370-500
Rigoir 6A	Prato	370-500
Rigoir 6B	Tigela	370-500
Rigoir 7	Taça	V/VI
Rigoir 8	Prato	370-500
Rigoir 11	Prato	IV/V
Rigoir 13/14	Taça	V/VI
Rigoir 16	Tigela	370-500
Rigoir 22	Tigela	V/VI
Rigoir 29	Almofariz	VI

Tabela 39. Formas das *sigillatae* imitadas pelas cerâmicas cinzentas tardias grupo 1 e as suas cronologias (Delgado & Morais, 2009; Lavan, 2020).

1.5.3 Caracterização geral da produção

As cerâmicas cinzentas tardias são a principal expressão de olaria da *Bracara* sueva. Apesar da grande concorrência com outras produções locais, como os engobes vermelhos e brancos, bem como dos produtos cerâmicos importados, em que se incluem as *sigillatae* procedentes de diferentes centros de fabrico, a quantidade de peças de cinzenta tardia encontradas em Braga documenta a vitalidade desse fabrico, especialmente do Grupo 2, que veremos a seguir, bem como o seu sucesso comercial. As imitações de peças importadas, caraterística que, junto à qualidade dos acabamentos e depuração das pastas, define o Grupo 1 das cinzentas tardias, revelam o dinamismo económico da cidade pós-romana, particularmente ao longo do século IV, na qual estariam presentes diferentes grupos sociais, com capacidades financeiras e gostos distintos, que recorriam, assim, a uma variada oferta de diferentes produtos existentes no mercado (Machado *et al.*, 2024). Esta tendência terá perdurado ainda nos séculos V–VI, ainda que este período tenha conhecido uma reconfiguração das elites residentes, então mais limitadas à corte episcopal.

Tal como aconteceu com as cerâmicas de engobe vermelho, também o Grupo 1 das cinzentas tardias abasteceram os mercados regionais do antigo *conuentus* bracaraugustanus, competindo no seu limite norte com as produções congéneres de *Lucus*. No entanto, a sua penetração a sul foi mais eficaz, ultrapassando as fronteiras do *conuentus*, pois os produtos bracarenses estão presentes em *Conimbriga*, no centro do atual território português, integrado no reino suevo nos séculos V e VI e em *Troia*, a sul do Tejo (Gaspar, 2000; Morais & Fernández Fernández, 2014). O reconhecido sucesso comercial deste fabrico justificou mesmo a proposta, feita em 2014, por R. Morais e A. Fernández Fernández para renomear o Grupo 1 das cinzentas tardias como *terra sigillata* bracarense tardia cinzenta, com a sigla TSB-Tg (Morais & Fernández Fernández, 2014). Apesar de termos optado pela nomenclatura tradicional para designar a produção de cerâmica cinzenta tardia, Grupo 1, tal como foi proposta por A. Gaspar (2000), consignada no *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta* (Delgado & Morais, 2009), compreendemos e concordamos com os motivos, bastante plausíveis, que levaram aqueles autores a propor o termo *sigillata* para essa produção.

Nos contextos analisados no ponto 3 da Parte II, as cerâmicas cinzentas tardias do Grupo 1 representam um fabrico bastante frequente nos níveis tardo-antigos da cidade de Braga. Apesar de grande parte dos fragmentos corresponder a paredes, foi possível reconhecer diversas formas, ainda que algumas delas descontextualizadas, como as tigelas inspiradas nas formas de tigelas Rigoir 6B 16 e 22, de DSP, identificadas no enchimento da vala de fundação da canalização moderna da rua Afonso Henriques 42–56 (UE229). Por outro lado, são particularmente numerosas as peças provenientes de contextos tardo-antigos. Assim, na ZA do teatro romano de Braga, no nível de abandono da "Casa da Bica" (UE1026), identificou-se um prato que imita a forma Hayes 3 de LRC. Já na rua Frei Caetano Brandão, nº 166/168, do nível de desmantelamento da *domus* da Escola Velha da Sé (UE152) procede uma tigela com inspirada na forma Rigoir 22, de DSP, enquanto no contexto dos níveis de aterro para a criação do caminho de ronda interno da muralha alto-medieval (UEs218 e 258) foram recolhidas peças inspiradas nas formas de sigillata africana Hayes 97; 52B; 59B (ARSW) e gálica Rigoir 22 (DSP).

As imitações de peças importadas reconhecidas nesses contextos forneceram alguns exemplares que ainda não haviam sido documentados em Braga. Com efeito, a tigela Hayes 52B e o prato Hayes 59B, originalmente em *terra sigillata* africana (ARSW), assim como a tigela com a Forma 8, com inspiração em *terra sigillata* hispânica (TSHT), constituem, até ao momento, novas formas que compõem o repertório das cinzentas tardias do Grupo 1. Não obstante, é importante notar que, para além da novidade no que toca às formas imitadas, a tigela com a Forma 8 foi, ao que pudemos constatar, uma das primeiras peças imitadas cujo original foi produzido nas olarias hispânicas, a par de uma tigela

Palol 9/11 identificada no teatro (Martínez Peñín *et al.*, 2014, p. 17). A seguir, apresentamos uma tabela com as cronologias propostas por L. Lavan (2020) para essas peças, o qual utilizou, para as sigilatas hispânicas, as cronologias apresentadas por J. Paz Peralta (2008) (Tabela 40).

Africana		
Hayes 52B	Tigela	280-400
Hayes59B	Prato	320-420
Hispânica		
Forma 8	Tigela	250-510

Tabela 40. Formas das *sigillatae* imitadas pelas cerâmicas cinzentas tardias grupo 1 e as suas cronologias provenientes dos contextos analisados.

1.6 A produção de cinzenta tardia (Grupo 2)

1.6.1 As pastas

A diversidade formal e técnica desta produção, bem como as elevadas quantidades de fragmentos de cerâmica cinzenta tardia recolhidos nos níveis tardios das escavações em Braga, sentenciaram a realização de análises para determinar a procedência das argilas usadas no seu fabrico, tendo sido possível determinar a localização, em Prado, dos barreiros utilizados para essa produção, tanto na variante de imitação de peças importadas (Grupo 1), como de peças de comuns (Grupo 2) (Gaspar, 2000).

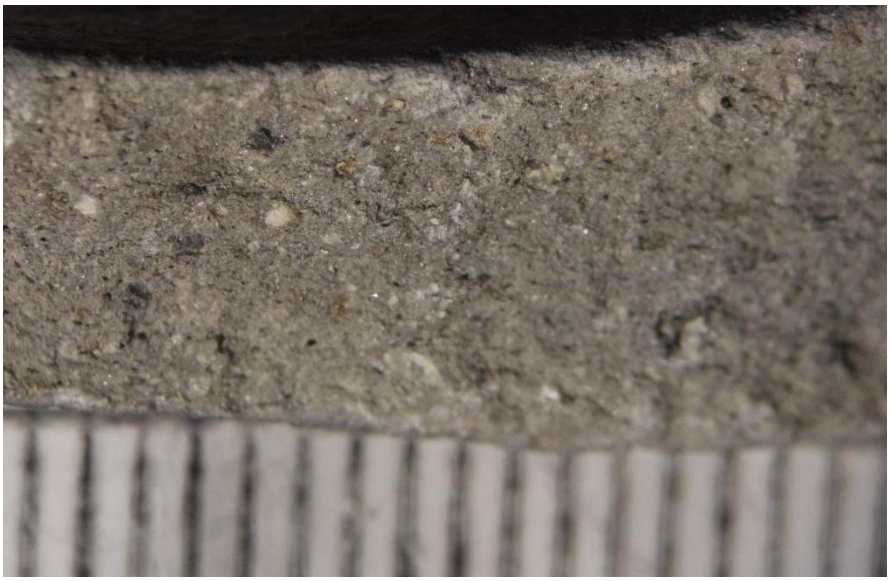


Figura 51. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 2 (©UAUM).

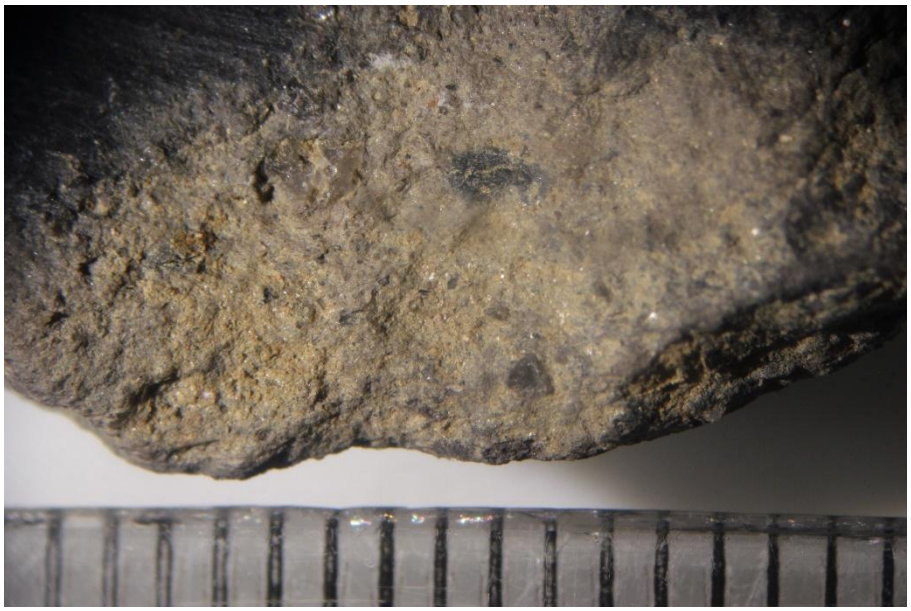


Figura 52. Pormenor da pasta de uma cerâmica cinzenta tardia grupo 2 (©UAUM).

O Grupo 2 das cerâmicas cinzentas tardias caracteriza-se como uma produção que apresenta pastas arenosas, pouco depuradas, especialmente ao compararmos com o Grupo 1, o que resulta na presença de desengordurantes de pequeno e médio calibre constituídos por quartzos, feldspatos, cerâmica moída e material orgânico (Figuras 51 e 52). As paredes são grossas, as peças pesadas e as superfícies registam variados graus de acabamento, a depender das formas, de que resultam recipientes com superfícies tanto rugosas, como polidas, ou muito polidas (Delgado & Morais, 2009).

1.6.2 As formas

Para além das suas caraterísticas técnicas especificas, a produção do Grupo 2 das cerâmicas cinzentas tardias define-se pelo seu repertório formal constituído por peças de uso comum, destinadas às funções de armazenamento, mesa, despensa e cozinha. Trata-se de um quadro morfológico bastante amplo, cujas peças dão conta de parte significativa das atividades diárias que tinham os recipientes cerâmicos como instrumento (Delgado & Morais, 2009).

Os potes são as formas mais abundantes, apresentando dimensões bastante variadas, embora se verifique uma maior distribuição de peças com tamanho médio. Outros recipientes associados ao uso na despensa e cozinha, embora menos representativos, são os almofarizes, os alguidares e as panelas de asa interior, estas últimas claramente uma reminiscência dos exemplares da mesma forma, característicos da II Idade do Ferro da região. Por sua vez, as peças que teriam um uso também vinculado com o serviço de mesa estão representados por terrinas, travessas, pratos e tigelas (Gaspar, 2000).

1.6.3 Caracterização geral da produção

Se podemos considerar a cerâmica comum grosseira de época romana a produção central dos primeiros quatro séculos da ocupação romana, dada a sua imensa versatilidade formal, que se supõe igualmente no âmbito funcional, justificando a ampla penetração que teve nos mercados da cidade, parece indiscutível que a produção de cerâmica cinzenta tardia (Grupo 2) assumiu claramente esse lugar entre os séculos IV-VII. De facto, nenhuma outra produção se adaptou à execução de peças com caraterísticas morfológicas tão amplas, de forma a cobrir as diversificadas necessidades das diferentes áreas de atividade doméstica quotidiana da população, como o preparo e o armazenamento de alimentos, ou o serviço à mesa.

As argilas usadas continuaram a ser oriundas dos barreiros localizados nas margens do curso médio do Cávado, especialmente entre Prado e Barcelos, e as técnicas de produção variaram entre o torno lento e a execução manual, muito embora existam também peças elaboradas com torno rápido, uma produção claramente minoritária (Delgado & Morais, 2009).

Não é estranho, portanto, verificar a elevada presença desta produção nas escavações bracarenses, em níveis arqueológicos datáveis a partir do século IV. Com efeito, nos contextos que analisamos no ponto 3, foram reconhecidas cinzentas tardias Grupo 2 na generalidade dos contextos associados ao período tardo-antigo, assim como em boa parte daqueles que possuem cronologia medieval, embora possam documentar materiais remobilizados. Apesar da maior parte dos fragmentos serem informes, correspondendo a paredes, foi possível reconhecer algumas formas desta produção, melhor reconhecidas nos contextos tardo-antigos.

Os contextos tardo-antigos que foram analisados revelaram diferentes peças desta produção. Uma vez que os contextos selecionados na rua Frei Caetano Brandão, nº 166/168 reúnem um número significativo de níveis tardo-antigos, não é estranha a abundância de cerâmica cinzenta tardia do Grupo 2 naquela zona arqueológica. Com efeito, o desmantelamento da *domus* da Escola Velha da Sé (UE152) forneceu uma interessante diversidade de formas e fabricos, dentre os quais uma bilha e um prato desta produção. Nos três estratos que recobriram as ruínas da habitação, destinados a nivelar o terreno e a implantar o caminho de ronda interno da muralha (UEs218, 258 e 275) foi exumado igualmente uma bilha, mas também duas tigelas. Já contexto que podemos associar ao nível que colmatou o peristilo da *domus* de Santiago (UE111) revelou cerâmicas cinzentas tardias com um quadro morfológico distinto, representado por exemplares de caçarola, jarro e uma talha. No contexto que define a repavimentação do *decumanus* D5 (UE123), daquela mesma zona arqueológica, foi identificado um prato. Por outro lado,

o enchimento que entulhou parte do criptopórtico, detetado na zona arqueológica da rua Afonso Henriques, nº 20/28 (UE154) forneceu um prato, uma tigela e cerca de três potes.

Os materiais dos contextos analisados contribuíram também para uma melhor perceção dos limites cronológicos da produção 2 de cinzenta tardia, bem como dos ritmos dessa produção.

Relativamente aos limites cronológicos da produção, cabe referir o contributo da análise realizada na ZA da rua Frei Caetano Brandão 166/168, decorrente dos materiais presentes nos níveis associados às duas reformas da *domus* da Escola Velha da Sé, uma datada dos inícios do século IV (UE179), quando houve a unificação dos lotes naquele quarteirão e, outra, muito mal conhecida, dos finais dessa centúria, ou inícios da seguinte (UE213). Dadas as cronologias daquelas fases de ocupação, os materiais datantes remetem, respetivamente, para peças consumidas nos finais do século III/inícios do IV e em meados/finais do século IV. Na primeira reforma, as cinzentas tardias estão completamente ausentes do contexto da UE179, aparecendo na UE213, onde se fazem representar com 3 fragmentos do Grupo 1 e 5 do Grupo 2, todos informes. Esta análise permite considerar que as cinzentas tardias representam uma produção que emerge e se afirma no século IV, tornando-se maioritária nos séculos seguintes.

Em relação aos ritmos da produção, salientamos a baixa presença de cinzentas tardias nos níveis dos séculos IV e VII. Esse fenómeno pode ser observado na já referida reforma em finais do século IV/inícios do V da *domus* da Escola Velha da Sé (UE213), que apresenta uma média de apenas 1 indivíduo desta produção, o mesmo acontecendo noutro contexto associado a essa mesma fase de ocupação (UE047). Para os momentos mais tardios, já do século VII, tomamos por referência os níveis associados à destruição do complexo episcopal, documentados na zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8–10 (UE126), que terá ocorrido nos inícios do século VIII, onde foi recolhido também um único indivíduo. Inversamente, o período que preenche o hiato entre esses dois momentos, designadamente os séculos V e VI, apresentam uma quantidade mais significativa de cerâmicas cinzentas tardias do Grupo 2. Podemos avaliar esse cenário no contexto correspondente ao nível que recobre o peristilo da *domus* de Santiago (UE111), no qual foram encontrados 5 indivíduos daquela produção, bem como no contexto referente ao entulhamento de parte do criptopórtico na rua Afonso Henriques 20–28 (UE154), onde foram identificados 7 indivíduos. Essa maior presença de cerâmicas cinzentas tardias nos séculos V e VI, em comparação com o IV e o VII, já havia sido assinalada por outros investigadores (Delgado & Morais, 2009).

1.7 A produção vidrada

1.7.1 As pastas

O fabrico correspondente à cerâmica vidrada tardo-antiga apresenta pastas em tudo idênticas às das cerâmicas comum grosseiras de época romana, sendo produzidas com as argilas extraídas dos barreiros de Prado A composição da pasta é arenosa e pouco depurada, revelando inclusões de elementos não-plásticos, como quartzos, feldspatos e micas, com calibre variado (Figura 53). O que diferencia a produção vidrada da produção romana comum grosseira é a aplicação na superfície interna das peças de um vidrado plumbífero, com uma coloração verde-acinzentada (Delgado & Morais, 2009).

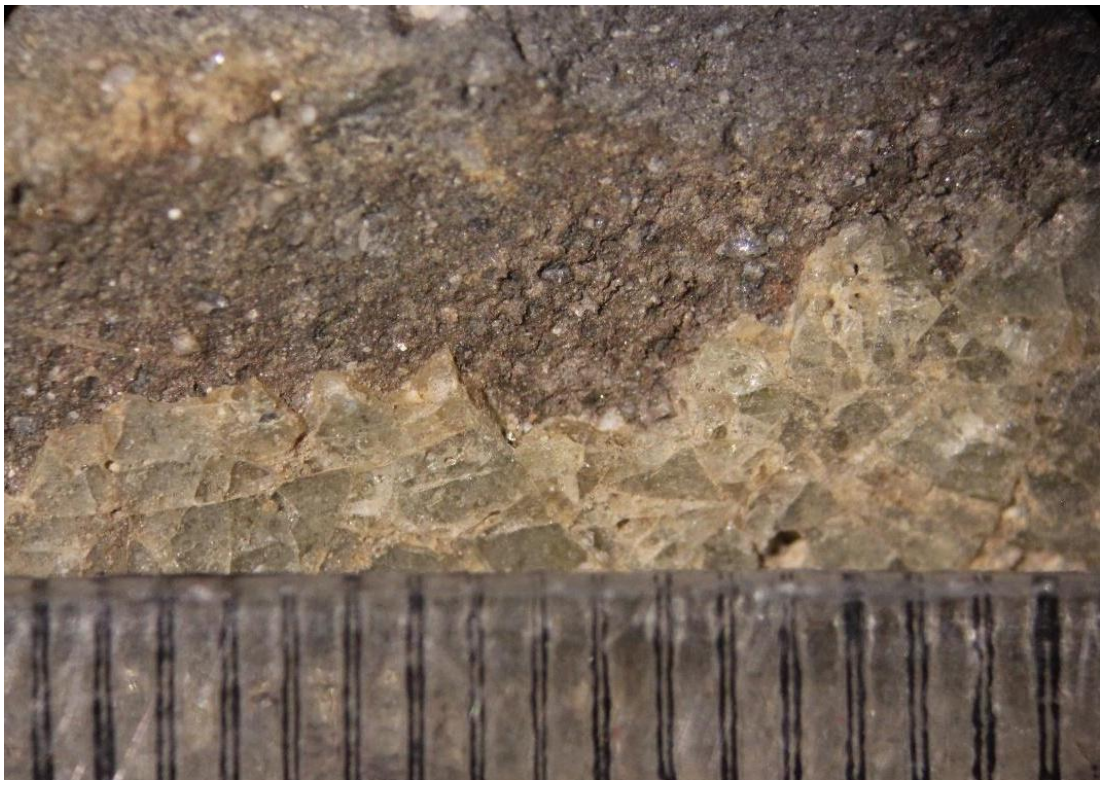


Figura 53. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada romana (©UAUM).

1.7.2 As formas

Até ao momento, o almofariz é a única forma que fode ser atribuída a esta produção na cidade de *Bracara*. Trata-se de um recipiente aberto, que pode ter dimensões variadas, em termos de altura e largura, apresentando todos o caraterístico bico vertedor que permite um maior controlo no despejo de líquidos (Delgado & Morais, 2009).

1.7.3 Caracterização geral da produção

Os almofarizes vidrados tardo-antigos são as peças menos conhecidas dentro do conjunto das produções tardo antigas. Embora não tenhamos dificuldades em estabelecer a origem das argilas usadas no seu fabrico, ou o local da sua produção, assim como o escasso repertório formal, resumido aos almofarizes, a restrição da aplicação do vidrado apenas nesse tipo de recipientes abre um conjunto de questões, para as quais ainda não encontramos resposta.

Numericamente, essas peças correspondem a um reduzido número de exemplares identificados, mas aparecem transversalmente ao longo de todo o período tardo-antigo, à semelhança das produções cinzentas tardias, especificamente entre os séculos IV–VII. Nos contextos analisados na Parte II, a forma está presente em três das sete zonas arqueológicas. Na rua Frei Caetano Brandão 166/168, identificaram-se dois exemplares, um deles procedente do contexto que documenta o desmantelamento da *domus* da Escola Velha da Sé (UE152) e outro do contexto que recobriu a habitação, aquando da construção da muralha alto-medieval (UE258). A mesma quantidade foi exumada na destruição da "Casa da Bica", localizada na área do teatro romano de Braga (UE1026), assim como em níveis tardo-medievais, fruto de revolvimentos, designadamente na destruição da estrutura baixo-medieval, nessa mesma zona arqueológica (UE922), ou ainda num contexto associado à preparação de um piso de acesso à muralha fernandina, identificado na zona arqueológica do Seminário de Santiago (UE097).

Dada a pequena quantidade de exemplares identificados, alguns investigadores sugeriram o carácter de exceção dos almofarizes, com um elevado valor de mercado, o que reduzia o número de potenciais consumidores com poder aquisitivo para acesso a esses recipientes. Poderia também tratar-se de um equipamento destinado a um uso específico, associado ao manejo de líquidos ácidos, como o vinho e o azeite, com temperaturas elevadas, como as gorduras (Delgado & Morais, 2009). Dentre esses cenários, acreditamos que o segundo, associado à especificidade ao seu uso, seja mais plausível, dada a identificação de alguns exemplares deste tipo de recipientes em níveis de abandono e remeximento das estruturas que parasitaram a envolvente do teatro romano, associado a uma ocupação que em nada revela sinais de distinção ou de luxo. Assim julgamos que será de excluir uma interpretação desta produção associada ao alto valor das peças.

Esta produção parece ter conhecido um mercado que extrapola a cidade de *Bracara*, tendo sido reconhecidas peças de almofarizes vidrados em diversas regiões do antigo *conuentus* bracaragustano, a exemplo do Monte Castêlo, em Matosinhos e do Monte Mózinho, em Penafiel (Varela & Morais, 2014), mas igualmente presentes na *uilla* de Toralla, em Vigo (Fernández Fernández, 2014).

A área de dispersão dessas cerâmicas coincide, portanto, com os mercados que consumiram as outras produções finas bracarenses, como as peças de engobe vermelho, ou as do Grupo 1 da cinzentas tardias.

1.8 As produções importadas

1.8.1 As pastas

As importações de cerâmicas tardo-antigas identificadas nas escavações de Braga estão associadas a dois grupos principais: as ânforas e as sigilatas. Trata-se de dois grupos cerâmicos bastante conhecidos, remetendo o primeiro para os contentores que transportavam diversos produtos alimentares, entre sólidos e líquidos, enquanto o outro diz respeito a loiças finas, sobretudo de mesa, mas ainda uma minoria de cozinha, produzidas em centros de fabrico sobretudo hispânicos e africanos.

Uma grande quantidade de ânforas exumadas em Braga foi objeto de um estudo pormenorizado, especialmente a nível das pastas e tipologias, no âmbito da dissertação de mestrado de R. Morais (1998). Esse investigador identificou uma enorme variedade de contentores, especialmente, na *domus* das Carvalheiras, o que lhe possibilitou uma análise bastante pormenorizada dos fabricos, dos centros de produção, bem como dos produtos que esses recipientes carregavam.

Entre os exemplares analisados destacam-se os béticos de época tardia, com uma pasta referenciada como B3, apresentando uma coloração que varia entre o ocre claro e o rosado, possuindo uma textura branda e muito esponjosa e uma pasta com abundantes elementos não-plásticos, designadamente grãos de quartzo, hematites e micas (Morais, 1998, p. 38) (Figura 54).

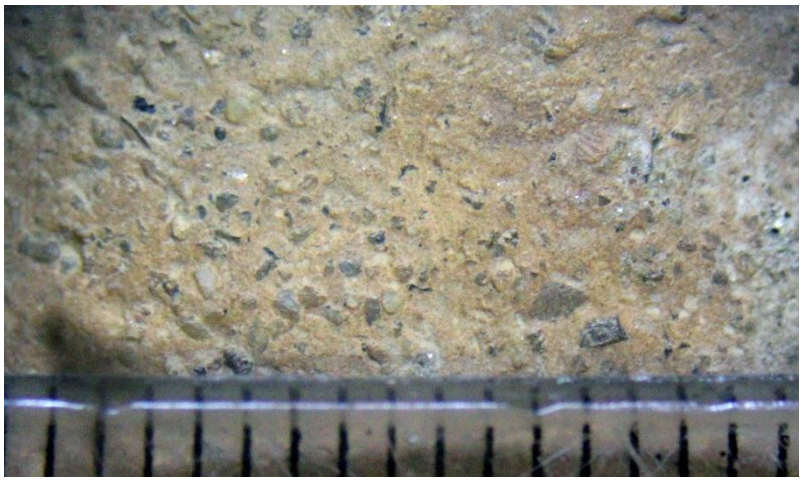


Figura 54. Pormenor da pasta de uma ânfora bética (©UAUM).

Já no grupo das ânforas lusitanas, o autor identificou 4 pastas distintas. Aquela registada como L1 distingue-se por ter a cor laranja-amarelada, ser pouco dura e esponjosa e incluir quartzos angulosos de tamanho médio-grande e rolados de pequeno calibre (Morais, 1998, p. 38) (Figura 55).



Figura 55. Pormenor da pasta de uma ânfora lusitana (©UAUM).

O grupo de ânforas gálicas, menos diversificado, inclui 3 pastas. Destacamos a G1, caraterizada pela cor creme, dura e compacta, com algumas fissuras e vacúolos e escassas inclusões de quartzo, de partículas negras, castanhas e brancas, enquanto a superfície é alisada (Morais, 1998, p. 38) (Figura 56).

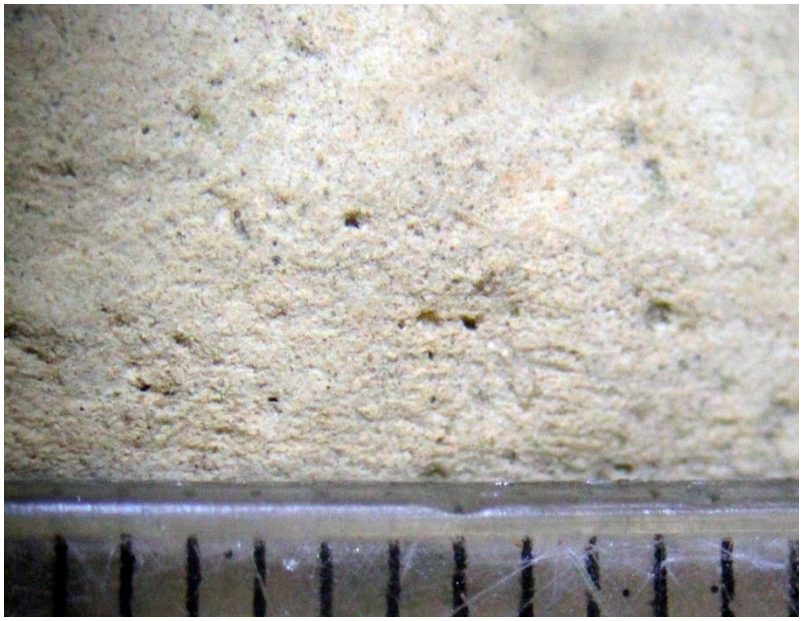


Figura 56. Pormenor da pasta de uma ânfora gálica (©UAUM).

Por fim, as ânforas africanas estão resumidas apenas a 4 pastas de origem tunisina e 1 tripolitana. Aquela associada à sigla A3, referente à produção da Tunísia, possui uma coloração que varia entre o vermelho-acastanhado e o vermelho-inglês, com pasta dura, com vacúolos arredondados e elevadas quantidades de inclusões calcárias de pequena e média dimensões, assim como alguns quartzos rolados de pequeno calibre e raras micas. A sua superfície externa apresenta um engobe branco (Morais, 1998, p. 39) (Figura 57).



Figura 57. Pormenor da pasta de uma ânfora africana (©UAUM).

As *sigillatae* tardias revelam pastas bastante distintas das produções locais. De entre as, produções presentes em *Bracara***,** destacamos as oriundas da Gália, designadas de DSP (*dérivées des sigillées paléochrétiennes*), caraterizadas por uma matriz muito fina de tipo granular, coloração amarelo-acastanhada, poucos e muito pequenos quartzos, feldspatos e calcite, sendo este último um elemento que diferencia, de modo definitivo, das produções locais, nas quais esse mineral está ausente (Gaspar, 2000, p. 64).

Outras importações encontradas na cidade fazem-se representar pelas sigilatas orientais, produzidas em *Phokaia/ Phocaea* (Late Roman C), com as pastas 2a e 2b, seguindo os estudos de J. Quarema e R. Morais (2012), sendo a primeira caracterizada pela coloração vermelho-acastanhado e um engobe da mesma cor, com uma matriz muito fina e, por vezes, inclusões brancas resultantes da decomposição do calcário (Figura 58). Por sua vez, as sigilatas hispânicas tardias (TSHT) apresentam uma pasta laranja-avermelhada e um engobe mais avermelhado, por vezes mal aderente, com elementos não-plásticos pequenos, constituídos, principalmente, por quartzos e feldspatos (Figura 59).

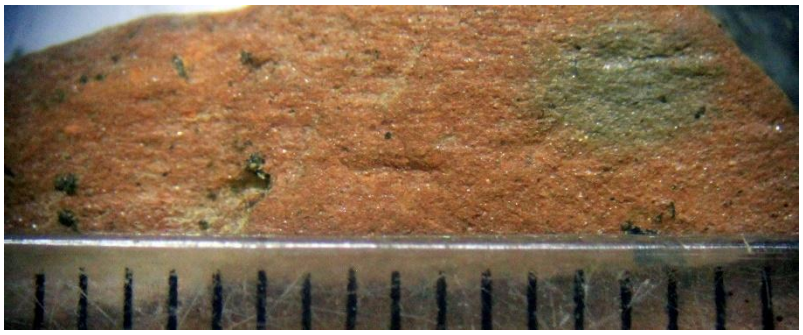


Figura 58. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata* focense (©UAUM).

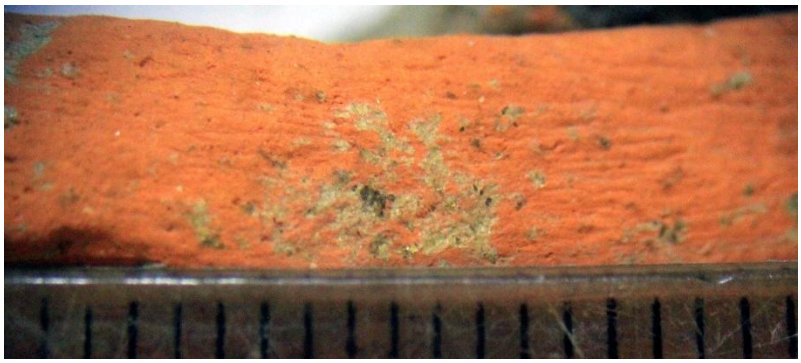


Figura 59. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata* hispânica tardia (©UAUM).

Dentre os fabricos africanos, dois são particularmente numerosos em Braga. Falamos das chamadas produções Clara C e D. As primeiras, mais antigas, apresentam pastas ligeiramente mais granulosas do que as anteriores sigilatas, mas ainda assim fina, com pequenos e abundantes desengordurantes constituídos sobretudo por mica, quartzo e feldspato, e uma coloração vermellho-clara com um tom alaranjado (Figura 60). Já as peças de Clara D diferenciam-se por pastas algo mais granulosas, desengordurantes mais frequentes, e uma coloração em que o tom alaranjado se torna mais marcante (Figura 61).

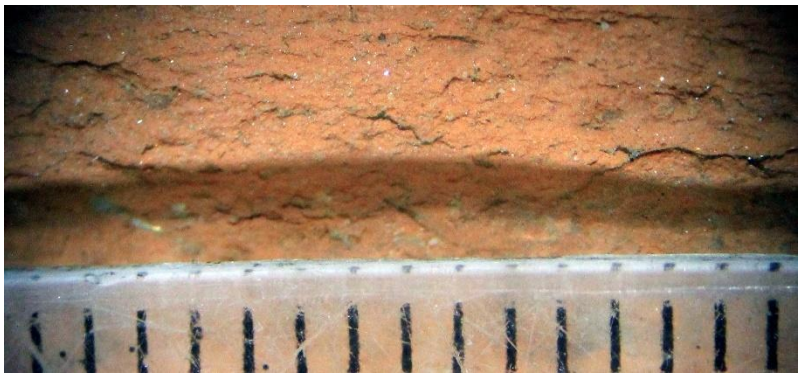


Figura 60. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata* africana Clara C (©UAUM).



Figura 61. Pormenor da pasta de uma *terra sigillata* africana Clara D (©UAUM).

1.8.2 As formas

Existe uma extensa bibliografia sobre as produções anfóricas, quer relativa aos fabricos e aos aspetos produtivos, quer pelo seu valor comercial e cultural, dada a sua importância no âmbito do comércio mediterrânico e atlântico e pelos produtos que transportavam, tema de investigação que conheceu um grande impulso com as análises dos resíduos orgânicos aderentes às superfícies das peças (Pecci *et al.*, 2010; 2017; Oliveira *et al.*, 2013; Morais, 2018; Brughmans & Pecci, 2020). Outros autores privilegiaram, contudo, uma abordagem tipológica destes recipientes (Raepsaet, 1994; Tchernia, 2016). Deste modo, dispomos de uma extensa informação para a maioria das produções dos contentores anfóricos, especialmente aquelas que conheceram um grande sucesso comercial, dispondo-se de catálogos verdadeiramente impressionantes, que dão conta das variações morfológicas de bordos, asas, panças e bases, com cronologias atribuídas às mínimas alterações no seu fabrico (Peacock & Williams, 1986), a que se soma um sistemático estudo dos *tituli picti*, selos e grafitos, uma documentação que fornece dados extraordinários sobre a produção e o transporte dos recipientes e dos seus respetivos conteúdos transportados e armazenados (Remesal Rodríguez, 2014; 2022; & Aguilera Martins, 2014; *et al.*, 2014).

Para as ânforas identificadas nas escavações em Braga, o cenário não é diferente. Para além da já referida publicação de R. Morais (1998), fruto de sua dissertação de mestrado, existem outros estudos, menos sistemáticos, mas que fornecem um quadro geral dos contentores que chegavam a *Bracara Augusta* com os bens alimentares que transportavam. No período tardio, foram identificados exemplares de ânforas gálicas vinárias, Galouise 4, béticas oleícolas Dressel 20 e tunisinas oleícolas Keay XXV A, orientais oleícolas *Late Roman Amphora* 1, piscícolas lusitanas Almagro 51 C, piscícolas béticas Beltrán 72, piscícolas lusitanas e béticas Almagro 50, bem como outras cujo conteúdo

transportado não foi ainda determinado, como as orientais *Late Roman Amphora* 3 (Morais, 1998) e as piscícolas galegas de San Martiño de Bueu (Fernández Fernández & Morais, 2017).

Por sua vez, as *sigillatae* são significativamente mais diversificadas. Embora o repertório formal dessas importações seja, em grande medida, caraterizado por pratos, tigelas e taças, esses recipientes estão representados por uma impressiva variedade morfológica, com destaque para as formas Hayes 59, 61, 67, 73 e 91, produzidas nas olarias africanas (Delgado *et al.*, 2014). Entre as sigilatas focenses, destaca-se a forma Hayes 3 em várias das suas variações, mas também os pratos Hayes 5A e B (Quaresma & Morais, 2012).

Diferentemente das produções anteriores, as *sigillatae* tardias da Hispânia e da Gália não foram alvo de estudos específicos. As primeiras, entretanto, são bastante frequentes nos contextos bracarenses dos séculos IV–V, especialmente em taças Drag. 37T e Ritt. 8 (Ribeiro *et al.*, 2014). Já as DSP (derivadas de sigilatas paleocristãs), de origem gálica, além de muito raras em *Bracara*, estão representadas por pratos Rigoir 1, tigelas Rigoir 3 e taças Rigoir 6 (Gaspar, 2000).

1.8.3 Caracterização geral das produções

O fluxo de ânforas que chegou à cidade durante os dois primeiros séculos do período imperial, especialmente representado por contentores vinários Haltern 70, decaiu consideravelmente a partir do século III (Morais, 2005). Apesar da significativa diminuição, esses produtos continuaram a ser comercializados na cidade até aos séculos VI–VII (Fontes, 2011). O conteúdo transportado, entretanto, sofreu algumas mudanças. A primazia do vinho foi substituída pelos preparados piscícolas, enquanto as ânforas oleícolas deixaram de aparecer nos mercados. Outra importante alteração no fluxo destes produtos diz respeito à origem dos contentores, verificando-se uma predominância das produções locais e regionais sobre as provenientes de áreas mais distantes de *Bracara* (Morais, 2005).

Mau grado pouco sabermos sobre as ânforas locais, cujo estudo sistemático ainda está por fazer, merecem destaque as ânforas associadas ao transporte dos produtos marítimos provenientes de Bueu, na ría de Pontevedra, Galiza. As escavações nesse sítio têm vindo a revelar fornos de ânforas e zonas de descarte de material defeituoso, a que se soma, naturalmente, uma elevada quantidade de fragmentos desses contentores que abasteciam os locais de produção dos preparados piscícolas das rías de Pontevedra, Arousa e Vigo (Fernández Fernández & Morais, 2017). Esses produtos marítimos eram exportados para toda a *Gallaecia*, mas também para a *Lusitania* e *Baetica* e, possivelmente, para a *Britannia e Galliae*, tendo conhecido um grande sucesso comercial, representando cerca de 75% das ânforas piscícolas consumidas em *Bracara* (Fernández Fernández, 2016; & Morais, 2017).

Os contextos que selecionámos para a análise do espólio cerâmico tiveram como principal objetivo analisar e caracterizar a diversidade das produções, as suas cronologias e, sobretudo, identificar as produções que assinalam as mudanças no consumo bracarense, especialmente associado às produções locais. Nesse sentido, os locais privilegiados de consumo ou descarte de contentores anfóricos, como *tabernae* ou fossas detríticas, não foram alvo particular de atenção neste trabalho, pelo que as ânforas da nossa amostra, assinaladas pela análise efetuada na Parte II, embora em número elevado, estão sobretudo representadas por fragmentos de paredes informes.

Com efeito, os contentores anfóricos que foram identificados em quase todas as zonas arqueológicas analisadas encontram-se maioritariamente associados a contextos que registam remobilizações de materiais do Principado, fruto de revolvimentos. Um recipiente que bem representa essa intrusão são as ânforas béticas Haltern 70, com um enorme volume de importação, entre o século I e os inícios do II (Morais, 1997/1998b; 1998; 2000; 2005). Essas ânforas estão presentes em contextos como aquele que colmatou o peristilo da *domus* de Santiago (UE111), no contexto que caracteriza o enchimento de uma vala associada à muralha fernandina (UE118), no Seminário de Santiago, ou ainda nos contextos associados aos níveis de destruição das estruturas baixo-medievais (UE108), da zona arqueológica da rua Afonso Henriques 42–56, no nível que recobriu a construção tardo-medieval (UE1039), entre outros. Há igualmente ânforas de cronologia tardia presentes em contextos tardios, como acontece com os contentores gálicos e africanos presentes no nível que recobriu a *domus* da Escola Velha da Sé (UE218 e 258), ou os béticos, integrados no contexto correspondente à repavimentação tardia do *decumanus* D5 (UE123), identificado na zona arqueológica do Seminário de Santiago. Não obstante, há ainda um terceiro grupo de materiais anfóricos que merece destaque, que são as ânforas seguramente tardias presentes em níveis posteriores, cujos melhores exemplos são os enchimentos associados à casa moderna construída na rua Afonso Henriques 42–56 (UEs229 e 274), nos quais foram identificados fragmentos de contentores do Oriente, LRA, LRA1 e LRA 3, de África, Africana Grande B, e da Lusitânia, Almagro 51C.

Bastante diferente é o caso das sigilatas (Tabela 41). Estando essas peças associadas a um consumo por parte de um grupo social financeiramente mais abastado, junto aos recipientes em metais, será expectável que os contextos tardios, sobretudo associados ao abandono de peristilos de *domus*, a habitação típica da elite romana, favoreçam a análise desse espólio.

Os estudos sobre as importações de cerâmicas finas na *Bracara* tardo-antiga revelam uma alteração dos mercados em relação ao anterior período do Principado. Ao longo dos dois primeiros séculos da época imperial, a cidade recebeu, inicialmente, recipientes itálicos, gálicos e, sobretudo,

hispânicos, que dominaram o consumo de *sigillatae* a partir de meados do século I (Delgado & Santos, 1984; Delgado, 1985). A partir do século III, mas, sobretudo, entre a segunda metade do IV e o V, os mercados bracarenses foram inundados com a loiça fina importada dos centros produtores africanos e hispânicos e, em bem menor número, focenses (Machado *et al.*, 2020; 2024), produções que foram reconhecidas nos níveis estudados na Parte II. Por sua vez, as sigilatas gálicas constituem um produto bastante minotário nos mercados bracarenses, assim como as cipriotas e çandarli, que não representam nem 1% do total de loiça fina importada no período tardio (Delgado *et al.*, 2014), nenhuma das quais identificadas nos contextos que analisados.

Africana - Clara C		
Lamb 40	Prato	300-360
Africana - Clara D		
Hayes 70	Tigela	385-450
Hayes 91D	Taça	600-650
Hayes 104B	Prato	540-600
Hayes 105	Prato	585-700
Hayes 106	Prato	600-660
Hispânica		
Drag. 37T	Taça	250-380
Hispânica 4	Prato	300-510
Forma 8	Tigela	250-510
Paz Peralta 83	Prato	385-510

Tabela 41. Formas das *sigillatae* e as suas cronologias[53] provenientes dos contextos analisados.

No contexto de derrube dos muros da "Casa da Bica" (UE1078), na área envolvente do teatro romano de Braga, foi exumada uma taça em Drag. 37T, em TSHT. Na zona arqueológica do Seminário de Santiago, o contexto que recobriu o peristilo da *domus* (UE111) forneceu um prato de forma Lamb 40, em TSA Clara C, enquanto o contexto associado à preparação de um piso de acesso à muralha fernandina (UE97) e aquele que representa um enchimento para a construção do Seminário, documentam intrusões de sigilatas, designadamente de um prato Paz Peralta 83, em TSHT, tigelas Hayes 70, em TSA Clara D, e Forma 8, em TSHT e ainda de uma taça Drag. 37T, também de produção hispânica.

Com um número mais significativo de peças em contexto estão os contextos que selaram as ruínas da *domus* da Escola Velha da Sé, para a implantação do caminho de ronda interno da muralha

[53] Novamente, seguimos as cronologias propostas por L. Lavan (2020).

alto-medieval (UE152, 218 e 258), que incluíam pratos Hayes 104B, 105 e 106, em TSA Clara D e Hispânica 4, em TSHT, assim como uma tigela Forma 8 e uma taça, ambas igualmente de origem hispânica. Não obstante, o enchimento de uma fossa com função indeterminada, mas datável dos finais da Idade Média, forneceu uma taça Hayes 91D em sigilata africana.

A análise das *sigillatae* provenientes dos contextos analisados apresenta pontos de convergência e de divergência em relação aos estudos já realizados. Por um lado, nota-se a alta importação de cerâmicas finas em dois momentos principais: entre os finais do século IV e os inícios do V, período em que as peças africanas Clara C chegam ao seu término e as hispânicas e africanas Clara D invadem os mercados bracarenses com uma altíssima quantidade de recipientes; e entre os finais do século V e os inícios do VI, quando esse fabrico tunisiano domina o horizonte da loiça fina consumida em *Bracara*, entretanto numericamente inferior. Esse cenário é concordante com os estudos já realizados sobre as sigilatas na cidade (Delgado *et al.*, 2014; Ribeiro *et al.*, 2014; Machado *et al.*, 2020; 2024), assim como com aqueles com uma escala que privilegia a *Gallaecia* e o reino suevo (Fernández Fernández, 2018). Ainda com base nesses estudos, a composição do quadro de importações finas desse período contaria, ainda, com as *sigillatae* focenses, das quais foi identificado um fragmento no nível que recobre o peristilo da *domus* da Escola Velha da Sé (UE218). Na impossibilidade de identificar a forma, nada podemos afirmar sobre a sua cronologia, a qual, eventualmente, poderá concordar com o momento de pico da entrada desse fabrico na cidade, designadamente as primeiras décadas do século V (Quaresma & Morais, 2012).

Por outro lado, a identificação dos pratos Hayes 105 e 106 diverge das leituras feitas sobre as importações de sigilata para *Bracara.* De facto, o importante estudo intitulado *Una aproximación a la terra sigillata africana de Bracara Augusta (Braga, Portugal)*, com a autoria de M. Delgado, A. Fernández Fernández, J. Quaresma e R. Morais (2014), teve como objetivo analisar as importações africanas em *Bracara* durante a Antiguidade Tardia e compará-las com as outras produções de sigilata que chegaram à cidade e com os valores e tipos formais registados noutras cidades. Os resultados obtidos, com base na análise de mais de 2200 peças, permitiram a criação de um quadro dos fluxos de importações e composição dos mercados ao longo dos séculos III a VI, em que se verifica um conjunto de panoramas, que já salientamos, como os dois picos de consumo na viragem dos séculos IV/V e V/VI, com a retração das africanas durante esse hiato, e o caráter residual das focenses, cipriotas, çardali e gálicas. Contudo, a ausência de peças do século VII na amostra que os autores utilizaram levou a que apontassem o fim das importações africanas para meados do século VI. Nesse sentido, a presença dos pratos Hayes 105, produzido entre 585–700, e Hayes 106, com uma cronologia balizada entre 600–660, representa uma

alteração importante nesse quadro de importações para *Bracara*, aproximando-a de contextos costeiros, como Vigo, Tarragona e Cartagena, onde o fluxo comercial com o Norte da África se manteve ativo por mais tempo, entrando no século VII (Fernández Fernández, 2013).

Vale a pena salientar, por fim, a semelhança quantitativa das importações em comparação com as peças produzidas localmente. Em ambos os casos, o período que vai de finais do século IV até os inícios do VI representa um momento de enorme consumo de recipientes cerâmicos na cidade, atestando o dinamismo da cidade, que vai conhecer uma queda significativa decaimento no século e meio final da Antiguidade Tardia.

2 A cerâmica medieval

Nos inícios do século VIII, os islâmicos, vindos do Norte da África, conquistaram grande parte da Península Ibérica. Em Braga, esses invasores terão chegado em 715, sendo as consequências desse facto para as estruturas da cidade ainda muito mal conhecida. No entanto, a arqueologia documentou destruições na muralha (Lemos *et al.*, 2008; Pereira, 2018) e, mais recentemente, em equipamentos cristãos (Martins *et al.*, 2021; no prelo), sendo possível considerar que a incursão muçulmana terá determinado o abandono de antigas áreas residenciais (Magalhães, 2010; Fernandes, 2018). Do ponto de vista político, as mudanças são mais evidentes. O bispo bracarense, junto com o alto clero, abrigou-se em Mondonhedo (Lugo), onde os prelados permaneceram até os finais do século XI.

Mau grado a imensa dificuldade em se conhecer os momentos finais do período tardo-antigo e os inícios do período medieval, sabemos que a cidade de Braga permaneceu ocupada após a incursão muçulmana de 715, uma conclusão documentada pelos dados arqueológicos. A atestar essa ocupação está a construção de um novo perímetro defensivo, ocorrido em momento incerto, entre o século VIII e IX, o qual reduziu drasticamente o perímetro da anterior cidade (Ribeiro, 2008), certamente para facilitar a sua defesa, tendo sido também reconstruída a basílica do século V (Gaspar, 1985; Fontes *et al.*, 1997–98). Estes eventos poderão relacionar-se com os importantes factos políticos associados ao reinado de Afonso III das Astúrias, no âmbito da expansão para as terras a sul do Minho, a partir de 866. Na verdade, parece tentador considerar que a construções de uma nova cerca defensiva em Braga, bem como a reconstrução da basílica, possam representar uma consequência da reunião do concílio da cúria régia, ocorrida em lugar incerto da região do Minho, entre 868 e 873, destinada a delimitar o termo de Braga, a qual terá contado com a presença do rei e de nobres asturianos (Costa, 1997). Assim, os finais do século IX podem configurar o momento em que foi materializado o novo centro urbano medieval de Braga, definido pelos limites da nova cerca.

A definição das zonas arqueológicas que foram analisadas na Parte II pretendeu contemplar espaços que se inserissem dentro e fora da diminuta cidade medieval que terá emergido entre os séculos VIII/IX, de modo a melhor avaliar os contextos em que se verificou a continuidade de ocupação da anterior cidade tardo-antiga, de que são exemplo as zonas arqueológicas do Ex-Albergue Distrital, da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão 166/168, da rua Nossa Senhora do Leite 8/10, da rua Afonso Henriques 20/28 e 42/56 e do Seminário de Santiago. Os espaços que foram convertidos em campos agrícolas estão representados pela ZA do teatro romano de Braga, situado na área preservada da Colina da Cividade, que ficou fora do perímetro defensivo da cidade alto-medieval.

No entanto, não foi possível identificar nenhum nível de ocupação claramente atribuível à Alta Idade Média, facto que nos obrigou a questionar os resultados arqueológicos mais globais conhecidos para a cidade. Na verdade, o exercício reflexivo que fazemos sobre este fenómeno, reconhecido nas larguíssimas dezenas de intervenções arqueológicas já realizadas em Braga, é que as destruições dos invasores islâmicos e a reorganização do centro urbano no século IX, terão alterado significativamente a topografia bracarense, que se restabeleceu sobre os escombros das estruturas tardias. Um outro fator que pode explicar esta situação resulta da natureza da ocupação posterior, em particular das transformações datadas do período baixo-medieval e moderno, que terão afetado profundamente as estruturas dos primeiros séculos do Medievo. Neste sentido, os poucos testemunhos dessas construções estão resumidos a alguns alicerces de edifícios públicos, como acontece com a basílica pré-românica, sob a catedral, enquanto as habitações utilizadas pela população, que seriam de menor qualidade construtiva, que teriam, presumivelmente, fundações mais superficiais, tendo sido erguidas sobre os escombros das construções tardo-antigas, podem não ter resistido às valas rasgadas no solo e às movimentações de terra que terão caracterizado as novas construções a partir dos séculos XIII/XIV.

De facto, é precisamente nesses níveis dos finais do período medieval, ou ainda posteriores, associados às destruições das estruturas tardias, que vamos encontrar as cerâmicas que podemos atribuir à Alta Idade Média, situação que limita o nosso estudo, especialmente em relação a qualquer análise estratigráfica, que poderia fornecer dados importantes sobre os processos de mudança social e económica da cidade, sobretudo num momento em que a documentação textual muito pouco tem a contribuir.

2.1 A produção comum alto-medieval

2.1.1 As pastas

Os fabricos comuns alto-medievais de Braga são de difícil caraterização. Isso deve-se à continuidade da utilização dos mesmos barreiros, localizados na região de Barcelos e Vila Verde, para a obtenção das argilas, assim como à persistência das cozeduras redutoras, já dominantes na cerâmica tardo-antiga, bem como de um reportório de formas comuns, a que se associa o baixo investimento na depuração das pastas e no alisamento das superfícies, elementos que, em tudo, aproximam a produção comum medieval da produção de cinzentas tardias do Grupo 2 (Machado *et al.*, 2024; & Martins, 2025).

O estudo feito por L. Fontes e A. Gaspar (1997) sobre as cerâmicas dos séculos VIII–XI de Dume e do Castelo de Penafiel de Bastuço já evidenciava esse fenómeno, tendo os autores identificado 7 variedades de pastas entre as peças dumienses, 4 delas representando uma clara continuidade em relação ao período tardo-antigo, sendo 3 outras novas. Genericamente, o que distingue esses novos grupos de fabrico alto medievo é a cor das pastas, com uma coloração entre o castanho, o castanho acinzentado e o cinzento, bem como uma maior ou menor concentração e calibre de elementos não-plásticos, os quais são sempre constituídos por quartzos, micas e feldspatos e o acabamento final dado aos recipientes, que ora são ásperos, ora simplesmente alisados. As cozeduras, embora sempre redutoras, frequentemente são irregulares, resultando em peças com manchas nas superfícies ou no interior das pastas.

2.1.2 As formas

O repertório formal das cerâmicas comuns alto-medievais é bastante restrito, estando melhor representado em contextos arqueológicos exteriores à cidade, documentados em Dume e no Castelo de Penafiel de Bastuço.

Em Dume, em níveis datáveis dos séculos VIII–XI, foi possível identificar um conjunto de recipientes que se agrupam funcionalmente em dois grupos. Num grupo inclui-se um conjunto de peças reservados à armazenagem e à preparação de alimentos, em que se incluem os potes, panelas e alguidares, enquanto o outro é composto por pratos e bilhas, parecendo ter um uso mais associado à mesa (Fontes & Gaspar, 1997).

No Castelo de Penafiel de Bastuço, o acervo cerâmico documentado, que se centra entre os séculos X e XI, está representado basicamente por potes e tijelas, o que talvez se deva à natureza reduzida da amostra, ou à cronologia, ou ainda ao distinto contexto funcional do sítio, (Fontes & Regalo, 1997).

2.1.3 Caracterização geral da produção

Os momentos finais da produção de cinzentas tardias são difíceis de precisar. Com efeito, são significativas as semelhanças do ponto de vista técnico, entre esse fabrico e aquele que se convencionou chamar de produção comum alto-medieval, identificado em Dume e no Castelo de Penafiel de Bastuço, também presentes em níveis arqueológicos da cidade Braga, onde surge em contextos construtivos posteriores, que integram peças remobilizadas de níveis de uso anteriores.

De facto, a situação dificilmente poderia ser diferente, considerando a continuidade da utilização das argilas de Prado (Vila Verde e Barcelos), bem como a manutenção das cozeduras redutoras e a persistência do torno lento e do fabrico manual, características que resultaram em na produção de peças com uma enorme similaridade. As diferenças existem, mas são realmente pequenas.

Como já referimos, os contextos selecionados para esse trabalho não forneceram nenhum nível de ocupação claro, datável com segurança entre os séculos VIII–XII. Essa dificuldade havia já sido referenciada na década de 1990 pelos primeiros arqueólogos que se dedicaram ao estudo do Medievo bracarense, designadamente A. Gaspar e L. Fontes (*cf.* Gaspar, 1995; Fontes & Gaspar, 1997). Foi, contudo, possível identificar um nível que, não estando associado à uma ocupação alto-medieval, documenta uma destruição acontecida nesse momento, designadamente no primeiro quartil do século VIII. Referimo-nos ao colapso do edifício que, ao que tudo indica, albergava o complexo episcopal tardo-antigo, localizado a nascente da basílica, atualmente sob a Sé Catedral. A intervenção realizada na rua Nossa Senhora do Leite 8/10, lote da cidade atual que encerra, sob os seus pavimentos, parte das ruínas desse equipamento religioso, permitiu que se documentassem dois níveis distintos que atestam a destruição do edifício (UE142) e o abandono que lhe sucedeu.

Julgamos que essas camadas não foram alvo de grande remeximento, pelo que as cerâmicas nelas presentes não devem ser fruto da intrusão de materiais mais antigos. Por isso, cronologicamente, pensamos ser seguro apontar a destruição do edifício nos inícios do século VIII. O nível que documenta o abandono do edifício (UE126), uma fina camada que se sobrepôs aos escombros do edificado, ter-se-ia formado imediatamente após a sua destruição, em poucas décadas, pois foi colmatado com um enchimento que nivelou aquela área à cota de circulação da cidade alto-medieval, que se teria elevado cerca de 1/1,5m, a julgar pelas fundações da basílica pré-românica identificada sob a Sé Catedral (Fontes *et al.*, 1997–98), adjacente ao complexo litúrgico tardo-antigo. Os dois contextos referidos (UE142 e UE126) forneceram uma quantidade bastante reduzida de cerâmicas, como seria espectável. Mas o que nos interessa são os diferentes fabricos presentes no contexto referenciado pela UE126, designadamente as produções comuns romanas, as cinzentas tardias e as comuns alto-medievais. A

presença dessas três produções nesse momento documenta que os processos de mudança na manufatura das peças que vigoraram no século VII, anteriormente à invasão muçulmana, não despontaram por causa desse facto histórico, pois já se anunciavam previamente. Trata-se de uma ilação que deverá merecer uma investigação mais aprofundada.

2.2 A produção comum pleno-medieval

O conceito de Idade Média Central, ou Plena Idade Média está relacionado com a divisão do Medievo em três momentos, correspondendo o bloco central aos séculos X/XI–XIII. Em Portugal, essa proposta de periodização teve uma reduzida aceitação.

Embora este não seja o local para se refletir sobre a historiografia medieval portuguesa, hipotetizamos que a ausência da identificação de um momento central da História Medieval portuguesa, se deve à primordial importância dada à fundação do reino de Portugal, por D. Afonso Henriques, em 1143. O longo discurso sobre as "origens" ou o "nascimento"de Portugal" constitui um tema central e recorrente tanto na academia como fora dela, tendo sido largamente impulsionado pelo Estado Novo, o que pode justificar a inexistência desse bloco central da Idade Média, que corresponde, afinal, ao período em que o reino português foi fundado. Nesse sentido, esse período marcaria o início e não o meio do período medieval português.

Fora da historiografia portuguesa, entretanto, o cenário é bastante diferente. Entre os investigadores espanhóis, ingleses, franceses, ou de outras academias europeias, é comum a utilização dessa divisão cronológica, reconhecendo-se esses séculos centrais do Medievo, entre o ano mil e a Peste Negra, como um momento particular da História Medieval. Esses três séculos, inaugurados logo após o apocalíptico ano mil (Duby, 2002), seriam marcados por uma grande renovação política, social, económica e cultural. Segundo Jacques Le Goff:

> Este tempo viu nascer a cidade (a cidade medieval difere da antiga, tal qual a da revolução industrial diferirá dela) e a aldeia, o verdadeiro arranque de uma economia monetária, as inovações tecnológicas que capacitaram a exploração rural, o artesanato pré-industrial e a construção em larga escala (charrua dissimétrica de rodas e aiveca, instrumentos de ferro, as aplicações do moinho d'água e do moinho de vento, o sistema das rodas dentadas, o ofício da tecelagem, aparelhos para levantar pesos, sistema de atrelagem "moderno"). Com o aparecimento da máquina com fins utilitários (e não apenas com finalidade lúdica ou militar), elaborou-se

> também novos modos de domínio do espaço e do tempo, principalmente do espaço marítimo, com a invenção do leme de cadaste, a adoção da bússola, de novos tipos de embarcação, o progresso na marcação das distâncias, a noção das horas e a fabricação de relógios para medi-las e anunciá-las. [...] Um novo tipo de ensino e de conhecimento, a escolástica, apoiada numa instituição nova, a universidade, continua a ser clerical, mas desenvolve o espírito crítico e favorece em suas margens o desenvolvimento de saberes e competências jurídicas e médicas que escaparão ao controle da Igreja. (Le Goff, 2018, pp. 9–10).

Em Braga, as primeiras décadas desse recorte cronológico foram marcadas por grandes continuidades em relação ao período anterior, que integramos na Antiguidade Tardia. Mas, nos finais do século XI, a reorganização da diocese bracarense, por D. Pedro, certamente trouxe nova vida à cidade. De facto, o retorno a Braga do alto clero, que havia permanecido em Mondonhedo, por mais de três centúrias, terá produzido mudanças políticas, pela proximidade do bispo, mas também económicas, impulsionadas pela elite que passou a residir em Braga, com impacto na sociedade pois contribuía para dinamizar a população que habitava o centro urbano. Contudo, a arqueologia tem tido grandes dificuldades em identificar esse momento dos finais do século XI. Os motivos são os mesmos já apresentados para a Alta Idade Média: as destruições causadas pelas construções posteriores.

Apesar das dificuldades da documentação arqueológica disponível para se estudar o período pleno-medieval, decidimos inclui-lo nesta abordagem, por um motivo. Aquando da estadia em Braga de R. Martínez Peñín, no âmbito de seu pós-doutoramento (2012–2017), uma de suas principais atividades, fruto de seu interesse e especialização em cerâmicas tardo-antigas e medievais, foi o estudo de várias coleções exumadas nas escavações de Braga, Dume e do Convento de S. Francisco de Real. Entre as dezenas ou centenas de milhares de peças que essa investigadora estudou, parte das quais integradas neste trabalho, chamou-nos à atenção os comentários realizados sobre determinados exemplares provenientes da rua Afonso Henriques 42–56, para os quais propôs a cronologia pleno-medieval[54].

[54] Aproveitamos esse momento para saudar e agradecer, profundamente, o excelente trabalho realizado pela Doutora Raquel Martínez Peñín durante a sua estadia em Braga. Ao longo desses cincos anos, entre 2012 e 2017, a investigadora impulsionou a investigação sobre as cerâmicas tardo-antigas e medievais, área que se encontrava algo parada desde os últimos trabalhos de Alexandra Gaspar sobre o tema, nos inícios da década de 2000. Não obstante, Raquel Martínez Peñín foi igualmente atuante nas escavações realizadas na cidade de Braga, pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, bem como no ensino de Arqueologia e nos módulos de materiais dos Seminário de Investigação do Mestrado em Arqueologia. Agradeço ainda, particularmente, por ter sido seu aluno, devendo-lhe o primeiro contacto com o mundo das cerâmicas tardo-antigas e medievais.

2.2.1 As pastas

Ao analisar as pastas das cerâmicas provenientes de níveis tardo-medievais, R. Martínez Peñín identificou um conjunto de fragmentos procedentes da ZA da rua Afonso Henriques 42–56, para os quais propôs uma cronologia pleno-medieval. Essas peças apresentam colorações e desengordurantes que, à primeira vista, se assemelham às cerâmicas comuns alto-medievais ou, em alguns casos, às baixo-medievais. Trata-se de peças executadas com argilas mal depuradas, com elementos não-plásticos de tamanho pequeno ou mediano, constituídos por quartzos, micas, restos orgânicos e cerâmica moída, cozidos em ambientes redutores.

2.2.2 As formas

Os poucos fragmentos identificados desta produção remetem, maioritariamente, para paredes, algumas das quais decoradas com linhas incisas, tendo sido reconhecida uma base plana. Assim, o repertório formal desta produção é desconhecido, dado o caráter preliminar e bastante incipiente do seu estudo. Entretanto, julgamos seguro afirmar que os potes/panelas deviam ser a principal forma dessas cerâmicas, dada a grande presença desses recipientes ao longo da Idade Média.

2.2.3 Caracterização geral da produção

Pouco podemos dizer sobre esta produção, pois trata-se de um fabrico que carece de uma mais alargada caracterização. Contudo, a ideia de uma mudança nas manufaturas de Prado durante esse período parece-nos bastante natural face às transformações que se iam realizando por toda a Europa e que terão acontecido também em Braga, pelo menos a partir dos finais do século XI.

Em linhas gerais, as alterações no modo de fabrico das peças estariam associadas a um melhor preparo das argilas através da adição de elementos não-plásticos com o intuito de produzir cerâmicas mais resistentes. Esse investimento técnico nas manufaturas ceramológicas na Plena Idade Média, especialmente entre os séculos XI e XII, está bem documentado na produção cerâmica da Galiza (Alonso Toucido, 2021).

Assim, apesar dos reduzidos dados disponíveis, julgamos ser possível apresentar uma hipótese, tendo em conta a comparação dos fragmentos pleno medievais da ZA da rua Afonso Henriques, nº 42/56 e as peças estudadas por A. Gaspar, L. Fontes e H. Regalo (*cf.* Fontes & Gaspar, 1997; & Regalo, 1997). Na verdade, dentro do quadro dos fabricos identificados em Dume e no Castelo de Penafiel de Bastuço, verifica-se que uma parte das peças, ainda que reduzida, apresenta pastas que, à partida, parecem aproximar-se da produção pleno-medieval bracarense. Dado que a cronologia dos níveis a que

correspondem os materiais em Dume e no Castelo de Bastuço se situa entre o século VIII e o XI, essas cerâmicas, semelhantes às reconhecidas em Braga, por R. Martínez Peñín, poderiam corresponder aos momentos finais desse período, o que iria de encontro com esses novos recipientes.

2.3 A produção comum tardo-medieval

A Europa da Idade Média Central conheceu um período de grande desenvolvimento nas mais diversas atividades da sociedade, tendo sido aquela que viu o surgimento da Universidade, mas também que incitou centenas de milhares de pessoas a guerrear no Próximo Oriente, sob o mando do Papa, nas Cruzadas contra os muçulmanos. Em Portugal, como já evidenciou J. Mattoso, o século XIII marcou o fim do modelo económico centrado na atividade guerreira e o início de um novo ciclo baseado na produção e na troca, uma vez terminada a Reconquista Cristã e o estabelecimento das fronteiras do reino até ao Algarve (Mattoso, 1983), território que permanece sensivelmente até hoje.

Essa nova configuração económica do reino de Portugal, na qual as elites clericais e nobiliárquicas tinham a sua riqueza e estatuto, aproveitou-se, em larga medida, das melhores condições climatéricas que a Europa experienciou, entre 1100–1300 (Lamb, 1995), quando as temperaturas médias se encontravam mais elevadas, o que permitia ampliar as produções agrícolas, impulsionadas também pelo desenvolvimento tecnológico, e, consequentemente, por maiores excedentes produtivos, que proporcionam o desenvolvimento de circuitos comerciais mais dinâmicos. Esse novo contexto foi fundamental para a ampliação do mundo urbano na Idade Média Central, tendo produzido um novo quadro económico e social nos velhos centros urbanos e nos novos burgos, facto que levou à Coroa portuguesa a instaurar instrumentos de controlo constantes entre os séculos XIII–XIV, as Inquirições Gerais (Sottomayor-Pizarro, 2013).

Em Braga, esse novo ciclo económico encontra-se bem retratado na ação do arcebispo D. Gonçalo Pereira (1326–1348). As estruturas que subsistiam do segmento da muralha romana a norte da catedral foram desmanteladas e implantadas duas novas construções, em 1332–1334, a Capela de Nossa Senhora da Glória e a torre anexa, esta última construída exatamente sobre a antiga muralha tardo-antiga (Fontes *et al.*, 1997–98, p. 139). O alargamento do perímetro amuralhado da antiga cidade possibilitou, ainda, a implantação de uma nova morada para os Arcebispos bracarenses, tendo D. Gonçalo Pereira aproveitado essa situação e mandado construir uma *domus fortis* entre a rua do Souto e o limite norte da nova cerca fernandina (Martins *et al.*, 2021, p. 19). A implantação do novo paço episcopal fortificado foi realizada mediante autorização régia, uma vez que esse tipo de habitação, cuja génese se deu nos finais do século XII, foi associado à afirmação do poderio nobiliárquico, tendo a sua

construção sido regulada pelo rei, a partir de D. Dinis (Barroca, 1998). Dado que o Senhorio de Braga, desde a confirmação de D. Afonso Henriques, esteve sob o mando dos Arcebispos, os Senhores bracarenses acumulavam o poder religioso e secular no termo, facto que deve ter exercido uma forte influência na escolha desse tipo de arquitetura doméstico-militar para a implantação da habitação arquiepiscopal, decisão que também foi tomada por D. Fernando da Guerra (1418-1467), cuja expansão do Paço reproduziu esse tipo de construção, à qual foi acrescentado um corpo retangular alongado com dois andares, perpendicular às torres, igualmente encimado por ameias (Martins *et al.*, 2021, pp. 37-40).

O lugar onde o Paço foi implantado contava ainda com uma ampla área não construída, a qual possibilitou, por um lado, a ampliação que o conjunto arquitetónico veio a conhecer em época moderna e contemporânea e, por outro, a constituição de espaços dedicados à plantação ou criação ou exibição de animais, bem como o seu uso em atividades lúdicas, como cavalos ou touros.

O quadro evolutivo da cidade, com base na atividade construtiva dos prelados que senhorearam Braga entre os séculos XIV–XV, sugere um bom aproveitamento das melhores capacidades produtivas até 1300, por um lado, mas também uma recuperação algo célere da profunda crise que as epidemias de peste bubónica causaram, particularmente a de 1348, conhecida por Peste Negra. De facto, embora os ciclos epidemiológicos tenham sido drásticos e a mortandade significativamente elevada, especialmente a partir do verão-outono de 1348, quando o Norte foi mais atingido, a economia produtiva não sofreu aparentes abalos críticos, tendo, contrariamente, recuperado os seus quadros de trabalhadores (Silva, 2021), apesar do efeito mais disruptivo para as pequenas instituições, como alguns mosteiros, que encerraram as suas atividades (Marques, 1988).

Desse momento de franca expansão económica de Braga, a que, naturalmente, se seguiu também um grande dinamismo social, foi identificado um conjunto interessante e bastante diversificado de contextos entre as zonas arqueológicas selecionadas. Na rua Afonso Henriques 42–56, todos os níveis analisados remontam a esse período. Com efeito, a atividade construtiva lá realizada documenta saques às estruturas romanas (UE222) e tardo-antigas/pleno-medievais (UE221), fossas com funcionalidade indeterminada (UE249) e um pavimento (UE241), que remontam aos séculos XIII–XIV. Essas construções baixo-medievais, que permanecem muito mal conhecidas, foram desmanteladas (UE108) e deram lugar a novas habitações no século XVI (UEs113, 229 e 274).

Na zona arqueológica do Seminário de Santiago foram igualmente detetadas alterações, tanto arquitetónicas como urbanísticas. Umas estruturas baixo-medievais desconhecidas foram destruídas, sensivelmente pelos séculos XIV–XV, momento em que se verificou um melhoramento nos acessos à

muralha fernandina (UEs97, 116 e 118). Entretanto, transformações realmente significativas ocorreram apenas nos inícios do século XVI, com a construção do Colégio de S. Paulo, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, que entrou em funcionamento em 1531 (UEs92 e 180).

Já na ZA da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão 166/168, foram individualizados dois níveis importantes para esta cronologia. Um deles diz respeito a uma fossa com função indeterminada, mas datável do século XIII (UE193), enquanto o outro está associado à destruição das estruturas baixo-medievais, no século XV (UE75). Igualmente referente a destruições de estruturas dos finais da Idade Média, porém na área extramuros da cidade, selecionamos algumas camadas da zona arqueológica do teatro romano de Braga em que se verificou uma reocupação das construções tardo-antigas (UE922 e 1039).

Se voltarmos às atividades construtivas realizadas entre os séculos XV–XVI temos a referir, na ZA da rua Afonso Henriques 20–28, após um pequeno nível de abandono (UE121), a edificação de uma habitação, nos finais do mil e quinhentos (UEs25, 35 e 117). Sensivelmente da mesma época, estão igualmente documentadas as fundações de uma unidade doméstica na ZA da rua Nossa Senhora do Leite 8/10 (UE185).

Por fim, destacamos o enchimento de uma ampla fossa detrítica aberta no logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, na zona arqueológica do Ex-Albergue Distrital, local onde existia, no século XVI, um conjunto de residências e espaços de serviço (Vasconcelos, 1992/93). Em meados dessa centúria, essa fossa foi selada pela construção de um forno (UE858), do qual só foi identificada a base, mas que reuniu, sob ele, um amplo conjunto de cerâmicas antes consumidas pelos habitantes daquele lote da cidade, entre o século XV e os inícios do XVI.

2.3.1 As pastas

O estudo das cerâmicas comuns da época baixo-medieval de Braga tem uma data de nascimento bem sinalizada e conhecida. A intervenção realizada na rua Nossa Senhora do Leite, em 1983, sob a direção de A. Gaspar revelou uma potente sequência estratigráfica, assim como um espólio ceramológico bastante interessante, datável dos séculos XIII–XIV, o que levou a uma síntese desses fabricos, publicada em 1985. O estudo do material foi realizado através de uma análise macroscópica que teve como finalidade o estabelecimento de grupos semelhantes, cujos critérios de classificação utilizados prenderam-se aos elementos visuais identificados nas pastas, como a presença, calibre e dispersão de elementos não-plásticos e a coloração das superfícies e do cerne, bem como caraterísticas táteis, representadas pelos acabamentos e marcas relacionadas com a tecnologia de produção ao torno

ou manual. Dessa forma, foram individualizados cinco grupos de fabrico, os quais, apesar de não necessariamente corresponderem a produções distintas, visto que tal afirmação exigiria outros tipos de análise, como as de foro arqueométrico, permitem ordenar o material. São eles (Gaspar, 1985, pp. 67–68):

Grupo 1: a pasta é dura, de toque sonoro, com coloração que varia entre o bege e o castanho avermelhado com desengordurantes abundantes constituídos por cerâmica moída, mica e quartzo. Pode apresentar manchas irregulares nas superfícies, as quais são bem alisadas (Figura 62).



Figura 62. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 1 (©UAUM).

Grupo 2: a pasta é dura, com coloração creme e cerne acinzentado e apresenta desengordurantes constituídos por mica, quartzo e matéria orgânica carbonizada. As superfícies, que são bem alisadas, exibem a mesma cor da pasta (Figura 63).



Figura 63. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 2 (©UAUM).

Grupo 3: a pasta é muito dura, com coloração cinzenta acastanhada e desengordurantes compostos por mica e quartzo. As paredes geralmente apresentam a cor negra (Figura 64).



Figura 64. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 3 (©UAUM).

Grupo 4: a pasta é pouco dura, algo esponjosa, tem coloração cinzenta escura e desengordurantes constituídos por mica, quartzo e matéria orgânica carbonizada. As superfícies, apesar de bem alisadas, são rugosas, e apresentam um brilho provocado pelo alisamento associado à acumulação de micas (Figura 65).



Figura 65. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 4 (©UAUM).

Grupo 5: a pasta é pouco dura e bastante esponjosa, com uma coloração cinzenta e desengordurantes caraterizados por moscovite, biotite e quartzo. As peças, geralmente, são mal alisadas, apresentando um toque mesmo rugoso, e as superfícies variam entre o cinzento claro e o quase negro (Figura 66).

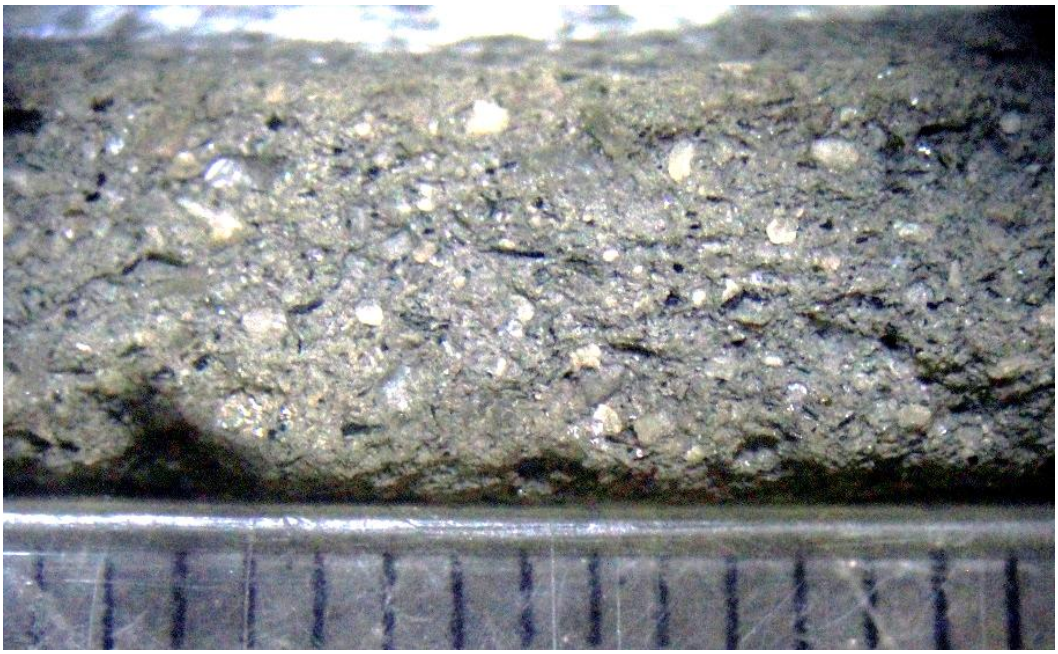


Figura 66. Pormenor da pasta de uma cerâmica comum baixo-medieval Gaspar 5 (©UAUM).

O estudo arqueométrico recentemente realizado sobre esses fabricos, conduzido pelo Laboratório HERCULES (2022), revelou dois grupos distintos para esse material, segundo as análises por difração de raios X (DRX). A diferença entre esses dois conjuntos é expressa pela presença de biotite na composição das pastas dos fabricos 1 e 5 e a sua ausência nos fabricos 2, 3 e 4. Destaca-se ainda as temperaturas de cozedura das peças. O fabrico 1 recebeu temperaturas altíssimas, superior aos 1200°C, devido à presença de mullite em sua composição, enquanto a cozedura do 5 teria ficado pelos 1000°C. Por sua vez, os fabricos 2, 3 e 4 foram cozidos em fornos cujas temperaturas não excederiam os 750°C, face à alta presença de muscovite. De qualquer das formas, a análise das componentes químicas que constituem as argilas utilizadas nesses fabricos permite a atribuição dos mesmos barreiros para a produção dessas peças, apesar das diferenças técnicas antes relatadas, que estariam associadas às variações na composição da matéria-prima ao longo das margens do Cávado.

2.3.2 As formas

Para além da estratigrafia cronologicamente bem sequenciada, a escavação na rua Nossa Senhora do Leite documentou ainda, entre os contextos baixo-medievais, algumas valas abertas para a obtenção de pedras dos muros tardo-antigos, cujos enchimentos serviram como lixeira para os materiais defeituosos, comercializados certamente na adjacente rua da Olaria (Gaspar, 1985). Uma vez que foi possível exumar, dentre os milhares de fragmentos, alguns perfis completos, a restituição de diversas formas proporcionou um quadro muito mais rico desses fabricos. Trata-se de um repertório bastante

variado, no qual estão presentes potes de tamanho pequeno (bordos com menos 10cm de diâmetro), médio (Ø11–19cm) e grande (Ø20cm ou mais), púcaros, jarros, baldes, bacias, alguidares e tigelas, bem como tampas.

Embora não tenha havido nenhuma relação direta entre as formas e os fabricos, verificou-se algumas tendências. O grupo 1 é o mais diversificado, apresentando potes de todos os tamanhos, púcaros e jarros, bem como os únicos exemplares de baldes e alguidares recuperados. O grupo 2 também proporcionou os recipientes identificados no anterior, bem como as únicas tigelas e bacias encontradas. Por sua vez, o grupo 3 apresentou potes médios e grandes, jarros e púcaros, enquanto o 4 apenas potes pequenos e grandes e jarros. Já o grupo 5, bem menos representado, apenas proporcionou potes médios.

Não obstante, aquando do *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, A. Gaspar apresentou uma comunicação sobre as cerâmicas tardo-antigas e baixo-medievais de Braga. Nas atas desse encontro a autora revela que, ao quadro morfológico verificado na rua Nossa Senhora do Leite, 1983, apenas se somam algumas variantes a nível de bordos, fundos e decorações, sem reconhecer, entretanto, novas formas (Gaspar, 1995).

2.3.3 Caracterização geral da produção

O estudo de A. Gaspar continua a ser uma referência para a caracterização e compreensão das cerâmicas baixo-medievais de Braga. Nesse sentido, a nossa proposta, do ponto de vista dos conhecimentos sobre esses fabricos, é aprofundar, cotejar e comparar os dados de outras coleções com aqueles por ela estudados. A sua proposta de datação para esse material, com base na estratigrafia reconhecida na rua Nossa Senhora do Leite, circunscreve essa produção entre os séculos XIII–XIV (Gaspar 1985; 1995). Contudo, ao verificarmos os contextos formados no século XVI, verificamos a presença dessas peças, o que nos permite ampliar a cronologia de A. Gaspar para o século XV e mesmo inícios do XVI, a exemplo da fossa no Ex-Albergue Distrital (UE858) (Machado, 2025), da habitação na rua Nossa Senhora do Leite 8/10 (UE185) ou das fundações do Colégio de S. Paulo, no Seminário de Santiago (UE92). Esses fabricos, ao longo do século XV, não apresentam significativa variação técnica em relação às manufaturas do período anterior. Nesse sentido, os cinco grupos identificados por A. Gaspar continuam a funcionar como um útil e importante instrumento de classificação (Tabela 42).

Rua Nossa Senhora do Leite	Gaspar 1	Gaspar 2	Gaspar 3	Gaspar 4	Gaspar 5
Alguidar	x				
Bacia		x			
Balde	x				
Jarro	x	x	x	x	
Pote pequeno	x	x		x	
Pote médio	x	x	x		x
Pote grande	x	x	x	x	
Púcaro	x	x	x		
Tigela		x			

Tabela 42. Tabela com as formas por grupos de fabrico da cerâmicas comuns baixo-medievais (Gaspar, 1985).

As diferenças em comparação com o material estudado por A. Gaspar, são de natureza morfológica, associando a novas formas, reconhecidas nalguns dos contextos analisados (Tabela 43). Trata-se de quatro recipientes distintos enquadráveis no serviço de mesa, designadamente uma peça grande, aberta, com forma retangular, cantos boleados e paredes verticais, que classificámos como uma caçarola, a partir de um fragmento de recipiente produzido no fabrico Gaspar 2, presente no contexto referente ao enchimento da fossa identificada na ZA do Ex-Albergue Distrital (UE858). Dois outros recipientes são peças pequenas e fechadas, com uma pequena asa na lateral, um deles apresentando um perfil em S e bordo em aba soerguida, em tudo semelhante a um púcaro com dimensões reduzidas, pelo que o classificamos como um pucarinho, procedente do mesmo contexto (UE858), embora integrado no fabrico Gaspar 1. Uma outra forma distingue-se pela verticalidade das paredes, de modo que o diâmetro do bordo é sensivelmente igual ao fundo, o que nos levou a referenciá-la como uma caneca, da qual foram identificados três indivíduos, um em Gaspar 2, exumado no enchimento que colmata a construção tardo-medieval UC03, na zona arqueológica do teatro romano de Braga (UE1039) e os outros dois em Gaspar 1, recolhidos na fossa do Ex-Albergue Distrital (UE858) e no interior de uma conduta inutilizada no século XVI, na ZA da rua Afonso Henriques, nº 20/28 (UE121). A quarta forma é um recipiente aberto, baixo, com paredes troncocónicas que rematam em bordos esvasados, para os quais atribuímos a classificação de pratos, a partir dos exemplares identificados em fabricos Gaspar 1 e 5, no contexto da fossa do ex-Albergue Distrital (UE858). Dada a ausência dessas formas nos níveis estudados por A. Gaspar e a sua presença apenas em contextos do século XVI, associamos essas peças a uma ampliação do repertório formal do século XV.

Não obstante, os contextos analisados também possibilitaram a identificação de formas já conhecidas em grupos de fabrico diferentes daqueles reconhecidos por A. Gaspar. Os potes grandes, que só haviam sido identificados em fabricos 1, 2, 3 e 4, foram igualmente ampliados ao grupo 5, com

peças provenientes do contexto de enchimento da fossa identificada na zona arqueológica do Ex-Albergue Distrital (UE858) e do contexto (UE185) referente à preparação para assentar um pavimento da casa moderna, identificada na rua Nossa Senhora do Leite, nº 8/10. Os potes médios, antes enquadrados apenas nos fabricos 1, 2, 3 e 5, apresentaram indivíduos também em fabrico 4, encontrados no enchimento do interior da conduta moderna, na rua Afonso Henriques, nº 20–28 (UE121), na fossa do Ex-Albergue Distrital (UE858), na preparação do pavimento moderno, na rua Nossa Senhora do Leite 8/10 (UE185) e sob uma calçada de acesso à muralha fernandina, no Seminário de Santiago (UE97). Os potes pequenos, ausentes nos grupos de fabrico 3 e 5, foram reconhecidos, na fossa do Ex-Albergue Distrital (UE858), apenas no fabrico 3.

A referida fossa (UE858) forneceu um púcaro produzido em fabrico Gaspar 4, o que vem ampliar a caracterização dessa forma, anteriormente identificada apenas nos fabricos 1, 2 e 3. Já as bacias, cujo único exemplar conhecido fora produzido em Gaspar 2, revelam também uma maior diversidade, tendo sido reconhecida essa forma no fabrico Gaspar 1, identificada na preparação do pavimento, na rua Nossa Senhora do Leite, nº 8/10 (UE185), mas também no fabrico Gaspar 3, tendo em conta o fragmento identificado na fossa do Ex-Albergue Distrital (UE858). Os alguidares, antes apenas associados ao fabrico 1, foram igualmente exumados em Gaspar 2, no contexto da UE121, que corresponde ao enchimento interno de uma conduta, presente na ZA da rua Afonso Henriques, nº 20/28, bem como sob um pavimento moderno, identificado na rua Nossa Senhora do Leite, nº 8/10 e na fossa do Ex-Albergue Distrital (UE858). Merece ainda destaque o facto daqueles contextos, especialmente o enchimento da fossa (UE858), terem fornecido uma maior quantidade de alguidares em fabrico Gaspar 2 do que em Gaspar 1, com uma média de indivíduos de 8 e 3, respetivamente. Por fim, as tigelas também revelaram uma maior amplitude de fabricos. Nos estudos anteriores essa forma estava restrita a peças produzidas em fabrico Gaspar 2, tendo-se constatado a sua produção no fabrico 1, tendo por base o material da fossa do Ex-Albergue Distrital (UE858) e das fundações do Colégio de S. Paulo, na zona arqueológica do Seminário de Santiago (UE92) e no fabrico 4, presente no enchimento para nivelar as estruturas moderna, na rua Afonso Henriques 42–56 (UE274).

Em linha gerais, o que podemos concluir com os exemplares de cerâmica comum baixo-medieval identificados nos contextos analisados é um quadro ainda mais complexo desses fabricos, em linha com as observações de A. Gaspar, muito assertivas em assinalar que as formas por ela identificadas não correspondiam a grupos de fabrico específicos.

	Gaspar 1	Gaspar 2	Gaspar 3	Gaspar 4	Gaspar 5
Alguidar	x	x			
Bacia	x	x	x		
Balde	x				
Caçarola		x			
Caneca	x	x			
Jarro	x	x	x	x	
Pote pequeno	x	x	x	x	
Pote médio	x	x	x	x	x
Pote grande	x	x	x	x	x
Prato	x				x
Pucarinho	x				
Púcaro	x	x	x	x	
Tigela	x	x		x	

Tabela 43. Tabela com as formas por grupos de fabrico das cerâmicas comuns baixo-medievais, a partir dos contextos analisados.

2.4 A produção tardo-medieval vermelha de Prado

2.4.1 As pastas

A loiça vermelha de Prado é uma produção não-vidrada, que utiliza argilas provenientes dos barreiros localizados no atual município de Barcelos, caraterizando-se por pastas arenosas, de cor avermelhada, que varia entre o cerne e as superfícies com tonalidades rosadas e beges a acastanhadas (Figura 67).



Figura 67. Pormenor da pasta de uma cerâmica vermelha de Prado (©UAUM).

Um elemento de distinção entre esse fabrico e o vermelho de Ovar/Aveiro, uma manufatura que igualmente conheceu uma grande penetração nos mercados do Norte, é o característico engobe avermelhado que as peças ovarenses recebem (Dordio *et al.*, 2018), identificável macroscopicamente. Um outro elemento distintivo, a nível químico, é a alta presença de illite (Alves *et al.*, 1998).

2.4.2 As formas

O repertório formal da loiça vermelha de Prado carateriza-se por um conjunto de recipientes associados ao uso na cozinha e despensa, especialmente para o armazenamento e preparação de líquidos e alimentos, e, embora menos frequente, por peças de uso à mesa. Com efeito, os exemplares identificados na Casa do Infante, para os séculos XVI–XVIII, incluem peças como cântaros, panelas, caçoilas, alguidares e tigelas (Barreira *et al.*, 1998).

2.4.3 Caracterização geral da produção

Os contextos arqueológicos analisados na Parte II forneceram uma quantidade bastante reduzida de loiça vermelha de Prado. Com efeito, mesmo nos níveis dos séculos XVI a presença desse fabrico apresenta-se reduzida e morfologicamente pouco diversificada. Os exemplares identificados não apresentaram formas novas, tendo sido reconhecido testos e tigelas na fossa da ZA do ex-Albergue Distrital (UE858) e elementos informes na preparação do pavimento da casa moderna na ZA da rua Nossa Senhora do Leite (UE185), nos níveis de destruição da estrutura tardo-medieval zona arqueológica do teatro romano de Braga (UE922) e no enchimento para assentar uma calçada que permitia o acesso à muralha fernandina, na ZA da Escola Velha da Sé/ Seminário de S. Pedro e S. Paulo (UE116).

Contudo, o maior contributo dos níveis estudados para a caracterização desta produção situa-se no âmbito cronológico. De facto, a loiça vermelha de Prado é uma produção pouco estudada, à semelhança do que acontece com grande parte das cerâmicas tardo-medievais, mas também modernas. Devido à publicação do espólio da Casa do Infante, assim como de algumas poucas, sobre os materiais provenientes de camadas dos séculos XVI–XVIII, momento de grande atividade construtiva nas cidades, o fabrico vermelho de Prado foi sempre associado a contextos modernos. Porém, a presença de peças desta produção no enchimento de preparação para a implantação de uma calçada associada à muralha fernandina, na zona arqueológica do Seminário de Santiago (UE116), permite que antecipemos o início da sua produção para o século XV, uma vez que o referido pavimento é anterior à construção do Colégio de São Paulo, uma instituição educacional edificada por D. Diogo de Sousa, em 1509.

2.5 A produção tardo-medieval vidrada de Prado/Barcelos

2.5.1 As pastas

O fabrico que denominamos por Vidrado de Barcelos constitui uma interessante produção proveniente das olarias do antigo município de Prado, uma divisão administrativa que hoje já não existe e cujas terras se encontram repartidas entre os municípios de Barcelos, Vila Verde e Braga. Trata-se de

uma produção que aproveita as argilas dos barreiros locais, resultando em peças que apresentam pastas claras, geralmente finas e homogéneas, com presença de mica, nódulos de ferro e, por vezes, pequenos quartzos (Barreira *et al.*, 1998).

Em fase de acabamento, essas cerâmicas recebiam um vidrado em chumbo transparente ou, por vezes, com a cor verde, conseguida pela adição de óxido de cobre. O vidrado está, normalmente, presente apenas na superfície interna das peças, enquanto a parte externa é apenas alisada e apresenta manchas acastanhadas ou acinzentadas, muitas vezes associadas à concentração de nódulos de ferro ou a variações de temperatura e fumos durante a cozedura, fenómeno que torna a superfície vitrificada, especialmente se transparente, igualmente com tonalidades heterogéneas (Barreira *et al.*, 1998).

2.5.2 As formas

O repertório formal das cerâmicas vidradas de Barcelos encontra-se melhor conhecido para as manufaturas dos séculos XVI–XVIII, sobretudo graças ao importante estudo realizado sobre o espólio recuperado nas escavações na Casa do Infante, no Porto (Real *et al.*, 1995). Nesses contextos, foram reconhecidas oito formas distintas, designadamente caçoilas, sertãs, pratos, tigelas, alguidares, vasos de noite, testos e potes. Para além da diversidade morfológica desse fabrico, os níveis dos séculos XVI–XVIII da antiga Casa da Moeda e depois Alfândega na cidade portuense revelam um crescimento bastante significativo do consumo dessas peças a partir do século XVII, embora a sua presença também esteja documentada desde a centúria antecedente (Barreira *et al.*, 1998).

2.5.3 Caracterização geral da produção

Os estudos sobre o início da produção de cerâmica vidrada de Barcelos são escassos, ou mesmo inexistentes. Apesar de não ser descabido reconhecermos um interesse etnográfico, histórico e mesmo arqueológico pela produção oleira de Prado desde, pelo menos, os finais do século XIX com a publicação de *As Olarias de Prado*, de Rocha Peixoto (1900), pouco se avançou sobre as origens dos fabricos, especialmente em termos cronológicos.

Em linhas gerais, a identificação arqueológica dos vidrados de Barcelos está sobretudo associada a um recorte temporal moderno, a partir do século XVI e, especialmente, do XVII, ao que se remete, com bastante frequência, a documentação jurídica da época, sendo o aforamento das sisas das herdades do Porto, de 1628, um excelente exemplo. Neste documento, é referida a existência de dois tipos distintos de cerâmicas provenientes de Prado, a louça vidrada e não vidrada, para as quais eram aplicadas taxas diferentes, respetivamente de 100 e 80 reis por carro (Silva, 1985, pp. 983–984). Para

além das questões fiscais, observa-se, já nos inícios do século XVII, o reconhecimento nominal dos fabricos pradenses, ao que se supõe uma igual aplicação comercial. Não obstante, entre as demais mercadorias que afiguram nessa lista, apenas outra apresenta a designação vidrada, designadamente a louça vidrada de Sevilha e Levante, para a qual, curiosamente, havia isenção na taxa de importação (Silva, 1985: pp. 984).

É igualmente de se salientar que, no rol das investigações sobre as cerâmicas de época moderna, tem-se dado muito mais atenção às faianças e porcelanas (*cf.* Casimiro, 2013; Sebastian, 2015; 2020), sobretudo em termos decorativos e morfológicos, relegando-se as produções comuns e vidradas para segundo plano. Contrariando essa corrente, destacamos os estudos sobre as cerâmicas comuns e vidradas de Lisboa (Bugalhão & Coelho, 2017) e o recente estudo sobre o papel social das faianças e porcelanas em Portugal (Portocarrero, 2024). No que toca às olarias do norte de Portugal, especialmente as de Prado e Barcelos, foram realizados bons estudos, especialmente de caráter etnográfico, como o já referido trabalho de Rocha Peixoto (1900), ou as publicações de Isabel Fernandes (2003; 2013).

Desse modo, não podemos contar com muita informação para as cerâmicas vidradas de Barcelos anteriormente ao século XVI. Contudo, entre os contextos valorizados e estudados neste trabalho, foi possível identificar um exemplar desse fabrico, mau grado o estado de fragmentação e a sua exposição ao fogo após a fratura, presente no enchimento da vala de fundação de um dos muros do Colégio de S. Paulo, na zona arqueológica do Seminário de Santiago (UE92). Essa instituição educacional foi construída no tempo do arcebispo D. Diogo de Sousa, em 1509, pelo que defendemos uma datação dos finais do século XV para os materiais provenientes do enchimento das fundações do edifício, o que sugere, a título de hipótese, que a produção de cerâmica vidrada de Barcelos já existisse em meados daquela centúria.

2.6 As produções tardo-medievais importadas

2.6.1. Pastas

Pelos motivos antes expostos, que se prendem às dificuldades em se identificar bons contextos construtivos dos séculos XIV–XV, face à intensa atividade construtiva que caracterizou a cidade nos inícios do século XVI, por um lado e, por outro, ao maior interesse pelas faianças e porcelanas, as importações de cerâmicas baixo-medievais são ainda muito mal conhecidas. Contudo, é sabido que o reino de Portugal recebeu peças provenientes do Levante espanhol, especialmente de Málaga, Sevilha e Valência, bem como de França, particularmente Saintonge e Paris-Rouen, desde o século XIII (Real *et al.*, 1995).

Se essas importações são mal conhecidas em Portugal[55], em Braga elas eram desconhecidas até agora. De facto, o conhecimento atual das cerâmicas baixo-medievais na "cidade dos arcebispos" está resumido aos estudos realizados por A. Gaspar (1985; 1995) sobre a produção comum local, que caracterizou essa produção, agrupada em grupos de fabrico, que continuam a nortear ainda hoje a classificação das peças exumadas nas intervenções arqueológicas realizadas na cidade.

Em relação às importações baixo e pós-medievais, merece referência o estudo realizado por J. Tomé, inserido no âmbito do relatório da escavação realizada na ZA da rua Afonso Henriques 20–28 (Leite *et al.*, 2012). Nesse trabalho, foi feita uma seleção de peças vidradas, vermelhas e pretas que foram submetidas a análise arqueométricas para se identificar a composição químicas das pastas e assim conseguir uma melhor aproximação à proveniência das argilas utilizadas. Esse estudo revelou um conjunto significativo de recipientes vidrados produzidos em olarias de diversas partes do reino de Portugal, designadamente em Prado e Aveiro, bem como no sul da Península Ibérica, a que se somam as faianças, classificadas a partir dos dados estilísticos, provenientes de Vila Nova, Coimbra e Lisboa, no reino de Portugal, e importações de Talavera de la Reina, Sevilha e Delft[56]. Destacamos uma pequena referência presente no relatório de uma intervenção arqueológica realizada na rua D. Paio Mendes 67–75 (Fontes, 2014), a propósito de um grupo de cerâmicas vidradas importadas de Paris-Rouen e Saintonge, datáveis dos séculos XIII–XIV, e de um fragmento de cerâmica vermelha pintada a branco, típica das olarias galegas e leonesas do século XIII. Esse material foi identificado num nível bastante interessante, pois recobre o troço nordeste da muralha romana, que subsistiu até ao seu desmonte, realizado no século XIV, a mando do arcebispo D. Gonçalo Pereira, com o fim de ampliar a cidade para norte (Martins *et al.*, 2021).

Finalmente, merece particular destaque o grupo de produções do Levante espanhol, especificamente das cidades de Málaga, Sevilha e Manises, identificadas nos contextos baixo-medievais por nós estudados[57]. As cerâmicas malaguenhas, sevilhanas e maniseras apresentam pastas calcáreas e ferruginosas bem depuradas, às quais se adicionaram elementos desengordurantes, especialmente quartzo, mica e cal, que, ao serem levados a ambientes de cozedura oxidante resultaram em peças cujo

[55] Para o sul do atual território português vale destacar o trabalho que está a ser desenvolvido por Andreia Rodrigues, cuja tese de doutoramento (na Universidade de Évora), atualmente em curso, tem como objetivo a sistematização tipológica, cronológica e as proveniências das cerâmicas entre os séculos XIII–XV.

[56] Se as porcelanas e faianças, do ponto de vista estilístico, são bem conhecidas, com quadros tipológicos e cronológicos bem caraterizados, o mesmo não é verdade em relação aos fabricos comuns e vidrados. Nesse sentido, é imperativo que se busque contextos bem estratigrafados, uma vez que as caraterísticas técnicas dificilmente fornecerão uma datação confiável. O estudo das cerâmicas da rua Afonso Henriques 20–28 reproduz, nesses casos, as cronologias dos estratos de onde essas peças saíram, ou uma aproximação aos demais materiais encontrados nas camadas, o que induz, necessariamente, a um horizonte dos séculos XVII–XVIII para a generalidade das peças, sem, contudo, levar em consideração um fabrico mais antigo. Os limites dessa análise são bastante claros, especialmente porque pouco revelam sobre os processos históricos, especialmente sociais e económicos, que levam às mudanças na produção e no consumo, restringindo os resultados desses estudos a uma mera apresentação de formas e fabricos que circularam na cidade ao longo de séculos (*e.g.* XVI–XVIII, ou ainda, XIV–XVIII), que pouco contribuem para o conhecimento da sociedade bracarense ao longo desse(s) período(s) (*cf.* Fernandes *et al.*, 2023).

[57] Agradecemos, novamente, ao Doutor Jaume Coll Conesa pela classificação das peças identificadas nos contextos analisados.

interior apresenta uma coloração entre o bege claro e o rosa (Coll Conesa, 2009; 2020) (Figuras 68, 69 e 70).



Figura 68. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada de Málaga (©UAUM).

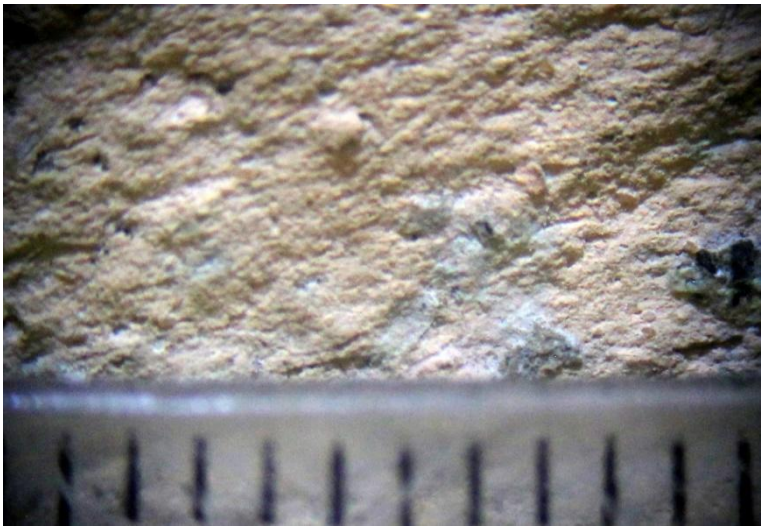


Figura 69. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada de Manises (©UAUM).

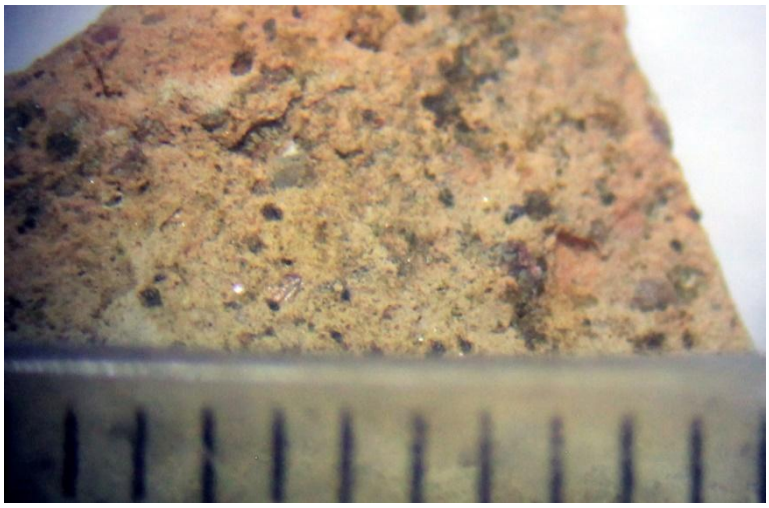


Figura 70. Pormenor da pasta de uma cerâmica vidrada de Sevilha (©UAUM).

2.6.2 As formas

As olarias valencianas e andaluzes dedicaram-se à produção de cerâmicas vidradas com um amplo repertório formal. Trata-se, sobretudo, de uma produção de loiça fina, predominantemente de mesa, em que se reconhecem pratos, tigelas, jarros e escudilhas, mas também potes, cântaros e azulejos (Coll Conesa, 2009; 2020).

2.6.3 Caracterização geral da produção

Face à ausência de estudos sobre a importação bracarense de cerâmica baixo-medieval, assim como de trabalhos relativos à cronologia das cerâmicas vidradas, assumimos como impossível a elaboração de qualquer proposta de caraterização dessas produções, sendo apenas possível realizar uma síntese dos conhecimentos.

Os fabricos importados presentes nos contextos dos séculos XIII–XV da Casa do Infante (Real *et al.*, 1995) têm vindo a ser progressivamente reconhecidos em Braga, com destaque para aqueles identificados por L. Fontes, na ZA da rua D. Paio Mendes, provenientes dos reinos de França, Galiza e Leão (Fontes, 2014), a que se somam agora as peças, com origem no Levante espanhol, em que se incluem exemplares malaguenhos, sevilhanos e maniseros, identificados no nível de preparação para assentar uma calçada, em finais do século XVI, na ZA da rua Afonso Henriques 20–28 (UE35), mas também presentes numa fossa de meados do século XVI, analisada na ZA do ex-Albergue Distrital (UE858).

Assim, é indiscutível a presença em Braga das importações baixo-medievais, que, apesar do número limitado de exemplares, representam um conjunto de produtos bastante diversificado, no que

toca à proveniência e antiguidade, pois remonta ao século XIII, ampliando progressivamente a sua presença a partir do século XV.

PARTE IV

Dinâmicas económicas e sociais de Braga entre os séculos III a XV: o contributo da arqueologia

Introdução

O longo exercício de sínteses e as análises do vasto espólio cerâmico que fizemos até aqui justifica uma reavaliação da imagem construída sobre a evolução da sociedade bracarense entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, ou seja, entre a *Bracara* capital de província da *Gallaecia* e a Braga dos finais do período medievo. Embora muito já se tenha dito sobre a evolução da cidade, foram escassos os esforços para relacionar as perspetivas proporcionadas pelos diferentes *corpora* documentais que nos chegaram. Com efeito, embora se disponha de um quadro das transformações na morfologia urbana, que muito bem enquadra a descaracterização da cidade clássica, os impactos urbanísticos decorrentes da construção das muralhas, as novas realidades construtivas e o crescimento orgânico do interior dos seus perímetros, ao longo dos séculos que perfazem a história da cidade, assim como a sua abertura física e simbólica nos séculos mais recentes (Ribeiro, 2008; Martins & Ribeiro, 2013; Ribeiro & Martins, 2018), a nossa capacidade de relacionar esses fenómenos com as mudanças sociais e económicas do corpo cívico bracarense é ainda bastante reduzida.

A reversão desse cenário é, em último caso, o objetivo de nosso trabalho: produzir um novo discurso sobre as transformações da cidade de Braga incorporando as inferências facultadas pelos dados cerâmicos. Nesse sentido, lançaremos mão, nesta Parte IV, do vasto conjunto de análises do espólio ceramológico procedente das escavações de Braga, realizadas previamente, na Parte III, tirando partido das mudanças verificadas na produção das peças, especialmente de natureza técnica, morfológica e decorativa, bem como no consumo dos recipientes pelos habitantes da cidade, reveladores dos seus gostos e preferências, das disponibilidades e capacidades de aquisição dos mesmos, o que pode ser avaliado pela representatividade dos diferentes fabricos oleiros consumidos pelos habitantes da cidade.

A discussão e interpretação desses dados encontram as suas bases teóricas e conceptuais nas discussões que realizamos na Parte I. Se as cidades, enquanto produto da ação humana, são caraterizadas pela sua estabilidade, representada pela perpetuação dos elementos urbanísticos e construtivos nelas presentes, os quais produzem a imagem dos centros urbanos em determinados momentos (Thomas, 2001; Augé, 2012), também o seu dinamismo, próprio dos interesses individuais e coletivos dos grupos humanos que as habitam, constitui um elemento incontornável da definição dessa realidade (Bakhtin, 1987; Certeau, 1998). Portanto, permanência e mudança, não são um episódio isolado na vida das cidades, mas a sua condição primordial associada à mudança, tal como acontece com tudo o que se refere à experiência humana, pelo menos nos últimos 9000 anos, para os quais dispomos de uma maior quantidade de dados arqueológicos.

Ao pensarmos na relação entre o dualismo permanência – mudança e a cultura material produzida pelas sociedades, buscamos os contributos das discussões sobre o tempo na Filosofia (Machado & Martins, 2024). A fabricação de determinadas peças cerâmicas, como os potes ou os pratos, com formas, dimensões, acabamentos e decorações muito semelhantes entre si, que usam os mesmos barreiros e técnicas de preparo das argilas, modelação e cozedura, um processo produtivo que representa o trabalho diário de uma qualquer olaria, em qualquer época, cria uma ideia de estabilidade e realidade marcadas pela *repetição* das atividades e produtos, fenómeno que aproximamos à proposta de David Hume (2000) sobre o papel da sucessão e duração na constituição do tempo enquanto estrutura mental que apreende a realidade. Já a mudança, que pode existir em cada um dos processos que referimos sobre o fabrico de uma qualquer peça cerâmica, ou num conjunto delas, surge do confronto entre a tradição (*repetição*) e a *diferença*. De facto, a introdução de um produto forâneo, ou de uma nova técnica, exige alterações no modo de produzir os recipientes, tal como o início de uma nova atividade que impõe o uso de peças com caraterísticas distintas ou uma distinta apreciação das cerâmicas pelos consumidores, como uma nova moda, pressupõem um constante diálogo com a tradição, o passado, que associamos ao conceito de memória de Henri Bergson (1999). *Diferença e repetição*, como desenvolveu Giles Deleuze (2000), não são opostos, mas complementares, no sentido que cada repetição não é a produção do mesmo, mas do semelhante, carregando nela, portanto, a diferença.

E o que isso tem a ver com as sociedades e, em particular, a cidade de Braga? Ao abordarmos a produção e o consumo de cerâmicas a partir das ideias deleuzianas deixamos de nos prender aos processos de mudança nos fabricos através do enquadramento da sucessão das mesmas, supostamente associáveis às transformações na sociedade, cenário que, invariavelmente, relaciona a produção das mudanças com os *eventos*, e passamos a refletir sobre as *conjunturas*, nas quais os materiais cerâmicos estão inseridos, possibilitando, ainda, aceder às *estruturas*, cujas fixações e alterações exigem períodos mais longos (Braudel, 1969; 1983–1984). De facto, julgamos que esse tipo de abordagem permite uma melhor avaliação da sociedade bracarense ao possibilitar a sua análise em diferentes escalas, bem como a transição entre fenómenos particulares e outros mais gerais (Revel, 1998a).

Permanências e mudanças na composição urbana de Braga, bem como a sua aferição nos fabricos cerâmicos, evidenciam as complexidades dessa sociedade no decurso dos períodos tardo-antigo e medieval ao revelarem ritmos distintos nas transformações da cidade, cuja compreensão exige, muitas das vezes, um olhar mais atento para diferentes contextos, como as relações com a região ou a movimentação de grupos e ideias. A manutenção de determinados produtos, práticas ou equipamentos

no tempo não é um sinal de estabilidade total da sociedade, podendo facultar novas expressões físicas e simbólicas daquela realidade. Ou, retomando as ideias de Nadia Bartolini (2014; 2021), junto à sucessão de camadas que compõem o palimpsesto dos centros urbanos históricos encontramos inúmeras brechas, elementos do passado que, como nos sonhos freudianos, são reorganizados no presente, integrando-se momentaneamente no fluxo oscilante e metamorfoseante que são as experiências urbanas.

Mau grado as orientações que pretendemos dar a este trabalho não abriremos mão das periodizações. Assim, apesar da revisão da periodização, feita a partir da arqueologia, propor o abandono das nomenclaturas tradicionais os períodos históricos consagrados para o período compreendido entre os séculos III–XV, designadamente Antiguidade Tardia e a Idade Média (e suas "concorrentes", como expomos em I.2.2), esses recortes cronológicos guardam em si uma certa homogeneidade social, política, económica e cultural que, para além do seu potencial pedagógico, mostra-se deveras útil para a generalidade dos estudos (Finley, 1989), incluindo o nosso. Porém, longe de blocos cronológicos monolíticos, que encerram um conjunto de séculos no seu interior e impedem qualquer transposição ou diálogo fora deles, acreditamos que ao realizar uma análise que privilegia as conjunturas e as estruturas, os limites entre os períodos históricos tornam-se muito mais fluidos e deslocáveis e, em certas perspetivas, desnecessários, uma afirmação que exploraremos mais adiante.

1 A Braga tardo antiga e medieval e a produção e consumo de cerâmicas

1.1 *Bracara* capital da *Gallaecia* e do Reino Suevo (séculos III–VI)

A formação e o desenvolvimento da cidade de *Bracara Augusta* nos dois primeiros séculos da época imperial, sobre a qual tivemos a oportunidade de elaborar uma síntese anteriormente, com base na investigação realizada nos últimos 50 anos por diversos investigadores (I.2.3.2), resultaram numa urbe social e economicamente dinâmica, expressa numa atividade construtiva e artesanal pujante, assim como num comércio bastante intenso, documentado nos produtos importados de todas as partes do Mediterrâneo (Morais, 2005; Martins & Magalhães, 2021). Tal desenvolvimento esteve assente numa significativa capacidade de exploração dos recursos naturais disponíveis no território do convento bracarense, especialmente a agricultura, a pecuária e a mineração, fenómeno que podemos associar ao aproveitamento dos recursos tecnológicos que a incorporação da região no Império Romano tornou disponível, em resultado da construção de uma densa rede viária, da organização do território em *ciuitates*, ou da expansão das *uillae* e *vici*, o que tornou a economia conventual plural e diversificada e,

assim, mais resistente às oscilações e crises (Martins, 1992; & Magalhães, 2023; Machado & Dias, no prelo).

Esse cenário particularmente positivo para o convento bracaraugustano e para a sua capital, *Bracara Augusta*, é igualmente verificado, genericamente, para toda a Península Ibérica. Os dois primeiros séculos foram, efetivamente, um momento de grande desenvolvimento económico das *Hispaniae*, revelado, especialmente, pelos estudos realizados sobre as cidades que capitalizavam as províncias e os *conuentus* (Nogales Basarrate, 2021), mas também aquelas de menor expressão administrativa, associadas às *ciuitates*, que conheceram programas arquitetónicos grandiosos, tanto públicos como privados (Nogales Basarrate, 2021; 2022; Mateos *et al.*, 2022). Do ponto de vista político, gostaríamos de assinalar o papel da Hispânia no cenário imperial nesses séculos, tendo fornecido dois imperadores, provenientes de *Italica*, na *Baetica*, designadamente Trajano (98–117) e Adriano (117–138), que governaram o Império por 40 anos. O facto dessa província ter gerado os primeiros *princepes* externos à Itália documenta, ainda, a capacidade de atuação das redes de *patrocinium* e *clientela* das elites hispânicas e a sua penetração na política itálica, ou seja, imperial (Wallace-Hadrill, 1989; Nicols, 2014).

Contudo, esse quadro político sofreu grandes alterações nos finais do século II. Com a ascensão de Cómodo, filho do imperador Marco Aurélio, o sucesso administrativo da dinastia nerva-antonina chega ao fim. De facto, o governo de *Commodus* mostrou-se amplamente ineficaz, tendo a megalomania do *princeps*, além de claramente prejudicial a Roma e ao Império, constituído um dos principais elementos que levaram ao seu assassinato, em 192 (Hekster, 2002; Grainger, 2024). O fim dos imperadores nerva-antoninos representou, igualmente, uma mudança nas redes políticas, militares, sociais e económicas que sustentavam o poder em Roma. Após um momento de revoltas, Septímio Severo, um ex-governador da Panónia, oriundo de Léptis Magna, na *Africa Proconsularis*, assumiu o Império e conseguiu, após apaziguar as insurreições em algumas províncias, fundar uma nova dinastia que se prolongaria pelos seus filhos (De Blois, 2019).

Essa mudança dinástica representou, igualmente, uma alteração nas bases do poder imperial, que passou a privilegiar o norte da África e, por consequência, um menor protagonismo da Hispânia. Essa nova configuração política do Império atingiu a economia hispânica de forma pungente, sobretudo em regiões cuja relação (ou mesmo a dependência) com Roma era maior, como se verifica na parte oriental da Tarraconense, *Baetica* e em parte da *Lusitania* (Andreu Pintado & Blanco-Pérez, 2019), mas também no Noroeste hispânico, bem documentado em *Asturica Augusta* (Sevillano Fuertes, 2014). Em *Bracara Augusta*, essas transformações não parecem ter gerado tantas crises como nos casos que

mencionamos anteriormente. Mudança maior, mas de difícil análise e compreensão, parece ter ocorrido em *Lucus Augusti*, durante o governo de Caracalla, filho de Septímio Severo, quando foi criada uma nova província, que abarcava o território galaico, presumivelmente com capital em Lugo, denominada *Hispania Citerior Noua Antoninianae*, nome que foi usado apenas provisoriamente, tendo-se fixado em *Hispania Citerior Superior* (Alföldy, 2000). Essa província pouco durou, estando já em 235 reincorporada na *Tarraconensis* (Oscáriz Gil, 2007).

Não sabemos os motivos pelos quais Caracalla decidiu pela criação dessa *Hispania Superior*, nem os motivos para o seu fim, por Maximino Trácio. Mas, nos finais desse mesmo século, Diocleciano promoveu uma nova divisão administrativa da Tarraconense, na qual o Noroeste, uma vez mais, foi separado do restante território, formando a *Gallaecia*, uma reforma que é melhor conhecida, correspondendo a uma ação multiplicadora de províncias, por fragmentação de outras, decorrente de um grande receio de novas insurgências contra o *dominus noster*, em Roma, razão pela qual foi decretado o fim da administração senatorial e o controlo direto do Império pelo Imperador (Reid, 1911; Mendes & Silva, 2004). É neste quadro que se explica a definitiva separação do Noroeste hispânico, desta vez incluindo o território do *conuentus asturum*. Porém, diferentemente do que ocorrera nos inícios do século III, com a província *Hispania Citerior Superior*, cuja capital seria *Lucus Augusti*, a província da *Gallaecia* teve como capital a cidade de *Bracara*.

Novamente, desconhecemos os motivos pelos quais *Bracara*, e não *Lucus*, recebeu a capitalidade da Galécia. Na verdade, o século III é um dos momentos menos documentados da História Romana, certamente devido à severa crise política e militar que assolou o Império naquele século (Hekster, 2008). Por isso, os dados arqueológicos assumem um papel fundamental para compreender a dinâmica das cidades nesse período, mas também para caracterizar as grandes mudanças sociais e económicas que irão ocorrer em resultado das reformas de Diocleciano, nos finais daquele século. A performance do exercício do poder perde o seu caráter público e urbano, representado pelos edifícios de espetáculo dos inícios do século II, assumindo uma perspetiva privada e doméstica, na qual as *domus* e *uillae* receberam poderosos investimentos nos seus programas decorativos. Essa mudança deve estar associada, primeiramente, às alterações efetuadas por Caracalla na cidadania romana, mas também com a criação da nova província, situação que, paradoxalmente, diminuiu a concorrência pelos cargos administrativos, através da sua multiplicação, mas aumentou a disputa dos mesmos pela proximidade entre as elites locais e provinciais que teve por palco a cidade de *Bracara*.

A integração do Noroeste hispânico na nova província da *Gallaecia* acompanhou igualmente um programa de obras públicas comum às três capitais conventuais da região, cujo resultado foi a

implantação de muralhas para defesa das cidades, uma medida determinada por Diocleciano no quadro da política de defesa do Império ocidental (Pereira, 2018). O impacto financeiro da construção dessas estruturas defensivas está mal avaliado, embora diga bastante da capacidade que as cidades possuíam para erguer essas construções, que implicaram nalguns casos o desmonte, pelo menos parcial de edifícios públicos, como terá acontecido em Braga com o teatro e o anfiteatro, que terão deixado de funcionar precocemente (Martins, 2025). O impacto da muralha foi também significativo a nível simbólico e social, visto que as cidades, anteriormente abertas, passaram a possuir um elemento físico e bastante robusto que delimitava as suas áreas internas, rompendo-se o *continuum* visual e espacial que caraterizava as cidades, ao longo dos três primeiros séculos da época imperial, determinando alterações na circulação e no protagonismo das ruas sem ligação ao exterior, na origem de alterações na organização interna das cidades.

Graças à arqueologia conhecem-se algumas das alterações topográficas e urbanísticas, especialmente nas cidades de *Bracara* e *Lucus*. Na verdade, a construção da muralha alterou a hierarquia do espaço urbano e suburbano, valorizando determinadas áreas em detrimento de outras. Na parte intramuros, documenta-se o avanço das construções sobre espaços de domínio público, como os pórticos e alguns eixos viários, enquanto outros com acesso às portas da muralha não parecem ter sido tão afetados, mantendo-se nalguns casos os pórticos que configuravam o plano urbanístico fundacional das cidades (Martins *et al.*, 2016; 2018c; Folgueira Ríos, 2020). Paralelamente, assistimos a uma maior valorização dos espaços urbanos intramuros em relação aos externos, processo bem documentado na transferência de determinados equipamentos para fora das muralhas, designadamente os centros de produção oleira e vítrea, o que foi documentado em *Bracara* e *Lucus* (Cruz, 2009; Folgueira Ríos, 2020). Em *Bracara* documenta-se uma alteração funcional do *macellum*, identificado sob a atual Sé Catedral, que foi adaptado a basílica paleocristã, em finais do século IV/inícios do V (Fontes *et al.*, 1997–98).

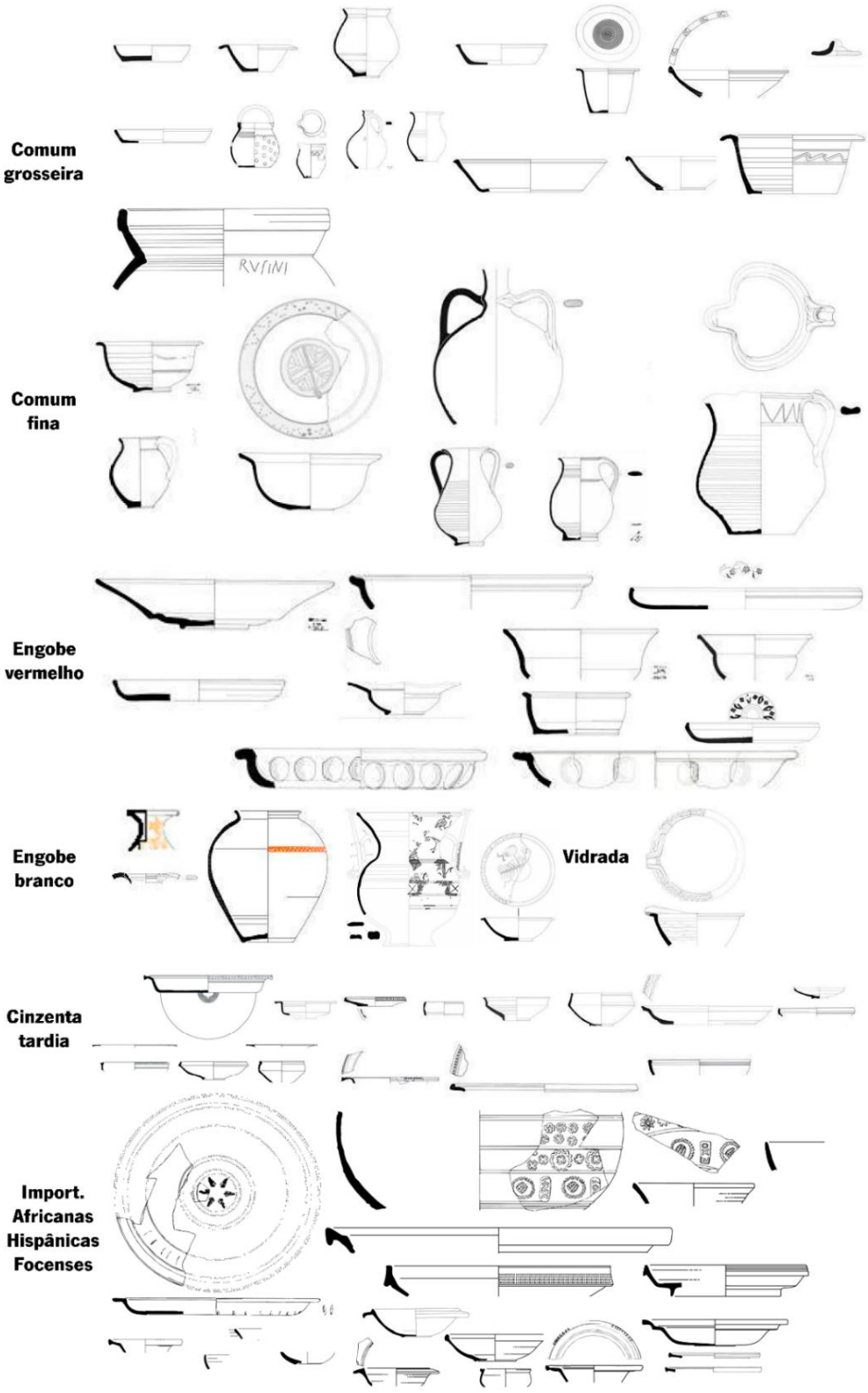


Figura 71. Quadro com os fabricos e formas na cidade entre os séculos III–VI[58].

[58] O quadro não apresenta a totalidade das formas identificadas na cidade, pois isso seria impossível no espaço disponível. A composição realizada tem por objetivo uma aproximação à diversidade produtiva e morfológica das cerâmicas entre os séculos III–VI (©Lia Santos/MDDS; Quaresma & Morais, 2012; Delgado *et al.*, 2014; Morais *et al.*, 2014).

A nova localização do mercado bracarense permanece desconhecida, acreditando-se que o mesmo foi transferido para um sítio extramuros, situação que nos parece bastante provável face à continuidade da intensa ocupação da cidade nos séculos subsequentes, à manutenção das importações de géneros alimentícios, sobretudo os preparados piscícolas e às reconhecidas vantagens em se ter esses equipamentos em locais com fácil acesso, geralmente próximo às vias principais (Hoffelinck, 2021).

Temos muita dificuldade em relacionar as mudanças topográficas e construtivas registadas na cidade de *Bracara* a partir dos finais do século III, com aquelas verificadas no consumo de cerâmicas (Figura 71). Se olharmos para as importações nesse período, vemos uma brutal diminuição de *sigillatae* que circulavam no século III e um aumento significativo no consumo de peças de origem hispânica e africana, a partir do século IV. Porém, não nos é possível definir até que ponto isso se deve a comportamentos específicos das elites bracarense na sua busca pelos cargos políticos de gestão da província, uma vez que a retração dos produtos africanos nos mercados no século III e a sua retomada no IV é um fenómeno imperial, tendo sido identificado fluxos de importação bastante semelhantes na generalidade das províncias (Fentress & Perkins, 1988).

Entretanto, ao analisarmos a produção e, sobretudo, as formas das peças cerâmicas que circularam na cidade no século III, podemos notar sinais significativos de mudanças sociais. De facto, paralelamente à diminuição dos produtos importados, os fabricos locais finos também diminuem, seja no que se refere às peças que imitam as *sigillatae*, seja às paredes finas, ou a formas não estandardizadas. A retomada comercial, no século IV, reverteu esse cenário, apesar de algumas peças não terem tornado a ser produzidas, especialmente aquelas que acreditamos estar associadas à ingestão de líquidos à mesa. Com efeito, só foi identificado um fragmento de copo, em cerâmica comum fina, encontrado numa camada de revolvimento (rua Frei Caetano Brandão, UE218), facto que não nos permite definir se é tardio, ou corresponde a uma intrusão, enquanto as taças de serviço de mesa são residuais, documentadas em peças em *terra sigillata* hispânica tardia, de 250–380, Drag. 37T (Teatro, UE1078; Seminário de Santiago, UE180), e africana, de 600–650, Hayes 91D (rua Frei Caetano Brandão, UE193), embora esses recipientes também possam estar relacionados com o serviço de alimentos.

Na verdade, é possível perceber a formalização de um novo serviço de mesa, a partir do século IV, que seria destinado às classes ricas que habitavam as cidades, mas também o território, com presença nas luxuosas *uillae* que caracterizam esse período. No entanto, o novo repertório só pode ser verdadeiramente compreendido quando relacionamos as peças de cerâmica com as vítreas e metálicas,

que em conjunto compunham um luxuoso enxoval de comensalidade, que nem sempre se preservou. No caso do registo arqueológico bracarense reconhece-se uma complementaridade entre os utensílios cerâmicos, constituídos por pratos, jarros e tigelas, em diferentes fabricos e os vítreos, cuja composição típica estaria representada por taças e copos, em significativa quantidade, mas também jarros, garrafas e, residualmente, algum prato ou boião. Embora o quadro formal das cerâmicas não se altere nos séculos V e VI, os vidros tendem a tornar-se mais expressivos, com maior número de peças, generalizando-se, especialmente, as taças e os pequenos boiões piriformes, enquanto os copos desaparecem. Cabe ainda destacar em *Bracara* a existência de uma variação nas decorações dos jarros, que registam algumas experimentações com fios simples ou em espirais e cordões aplicados sobre o bordo e, ocasionalmente, sobre o corpo, registando-se duas produções distintas, uma em vidro verde amarelado e outra, aparentemente de luxo, com vidro incolor esverdeado (Cruz, 2009).

A especialização da economia oleira e vítrea em *Bracara* no século IV revela uma sociedade cujos hábitos à mesa, e certamente aqueles relacionados com a armazenagem de alimentos e líquidos, permitem inferir regras sociais mais performativas. É significativo que esse processo de mudança na forma como a classe dirigente se apresenta tenha grande impacto nas atividades comensais, pois os espaços onde as práticas simposiásticas aconteciam, as grandes salas de receção das *domus*, também conhecem uma grande renovação arquitetónica e decorativa nesse momento (Magalhães, 2019; Machado *et al.*, 2020), o que também acontece nas *uillae* do território bracaraugustano (Ribeiro, 2018; Machado & Dias, no prelo).

Trata-se, com efeito, de um processo de concetualização e generalização de novas performances públicas, associadas à afirmação de novos espaços de promoção do estatuto dos grupos sociais mais proeminentes, que deixam de ser os edifícios públicos do *forum*, ou de espetáculo, como o teatro, passando para o interior das habitações, que se dispersam pelos quarteirões residenciais. Com isso, foram investidas avultadas somas de dinheiro nas ricas *domus* da cidade, para reformar os seus espaços de aparato e convivialidade, fosse por via do aumento das áreas a eles dedicadas ou pela implantação de balneários privados, que implicavam ampliar as áreas de construção anteriores, fosse pelo investimento no embelezamento daqueles espaços com estuques e mosaicos (Magalhães, 2019; *cf.* Ribeiro & Martins, 2013; Ribeiro *et al.*, 2015). A expansão da área construída está documentada na *domus* da Escola Velha da Sé, cujo *dominus* adquire o lote contíguo passando a ocupar todo aquele quarteirão da cidade (Mendonça, 2019), assim como na generalidade das casas bracarenses que invadem o espaço público, avançando sobre os passeios porticados que antes delimitavam a área construída dos quarteirões (Martins *et al.*, 2016; Machado *et al.*, 2020).

O século IV compagina à luz dos dados topográficos e construtivos a presença de uma nova elite na cidade de *Bracara* que se compreende e apresenta a si própria com traços do sistema simbólico, presentes nos espaços e na sua decoração, mas também nos artefactos que possuíam e utilizavam, como o mobiliário cerâmico, vítreo e metálico. O *habitus* que dá conteúdo gnosiológico a essas famílias social e politicamente destacadas reveste-se formal e instrumentalmente de elementos diversos, que as definem e simultaneamente projetam a sua imagem no espaço e nos comportamentos que neles ocorriam. Como definiu o sociólogo Pierre Bourdieu na primeira síntese sobre os sistemas simbólicos:

> "Os símbolos são os instrumentos por excelência da «integração social»: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...] eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração «lógica» é a condição da integração «moral» (Bourdieu, 1989, p. 10).

As casas dessas elites políticas, portanto, seja em meio urbano (*domus*) ou aquelas espalhadas pelo território do *conuentus bracaraugustanus* e relacionadas com a exploração dos recursos agropecuários (*uillae*), foram revestidas de símbolos vários que criavam o grupo social e afirmavam a sua posição na sociedade bracarense. A forma das habitações não são tanto o desejo individual de seus habitantes, mas os desejos coletivos do grupo, cujos valores simbólicos tornam reais as suas ideias e sentimentos, criando significados nos objetos, cujo uso permitia a sua comunicação social e cultural (Rapoport, 1969, p. 47; 1990, p. 183).

No século IV, esse sistema simbólico expressava-se à mesa, inicialmente pelo uso de copos e depois de taças e boiões piriformes, em vidro, bem como de pratos e tigelas, em cerâmica. Por sua vez, os recipientes utilizados para servir/armazenar, estavam representados pelas garrafas vítreas, mas, sobretudo, pelos jarros, que aparecem em diferentes fabricos cerâmicos, designadamente de produção comum grosseiras e fina e pelas cinzentas tardias, grupo 2, mas também em vidro, extensível aos alimentos consumidos.

A análise das ânforas identificadas em Braga ao longo de todo o período imperial e tardo-antigo permite que avaliemos a organização das estruturas de exploração agrícolas e pecuárias do *ager* da cidade e da área conventual. Num momento inicial, ainda no século I, *Bracara Augusta* era uma grande importadora dos mais variados produtos, dentre os quais o vinho liderava, dado o enorme volume da produção de Haltern 70, proveniente da *Baetica*, encontrando-se igualmente quantidades expressivas de

contentores piscícolas e oleícolas (Morais, 2005). Esse cenário conheceu uma grande alteração ao longo do século II, dando origem a um novo padrão de produção e consumo que define a economia produtiva da cidade de *Bracara* na Antiguidade Tardia. No território, regista-se um comportamento similar que acompanhou a densificação da ocupação, com o surgimento de inúmeros *uici*, distribuídos ao longo das vias e as unidades de exploração agrícola espalhadas pelo *conuentus* a evoluir de simples casais para *uillae*, que atingem o seu apogeu no século IV, altura em que se monumentalizam nas suas partes residenciais (Carvalho, 2008; Ribeiro, 2018). Dentre os produtos cultivados, podemos supor que as vinhas devem ter conhecido alguma presença entre os *fundi*, pelo menos a partir do século II, a julgar pela generalização da produção de vinho no Douro (Pereira, 2023) e na *Lusitania* (Pereira, 2017), nessa mesma época, tendência que vai de encontro ao que ocorreu noutras províncias ocidentais, como resposta ao golpe sofrido pelos produtores itálicos com a erupção do Vesúvio, em 79, que arrasou com as ricas e produtivas *uillae* da bacia de Nápoles (Tchernia, 2006), fenómeno particularmente bem estudado nas *Galliae* (Luley, 2020). Além do vinho, podemos acreditar que o azeite também terá começado a ser produzido, apesar de apenas uma vinha ter sido identificada, até ao momento, no *ager* bracaraugustano (Fontes & Magalhães, 2019; *et al.*, 2022), ao que somamos um lagar reconhecido em Briteiros (Cruz & Antunes, 2019; Cruz, no prelo), assim como cereais, frutas e legumes, para os quais não possuímos dados. Entretanto, a expressiva diminuição da importação de ânforas permite inferir uma satisfatória produção local e regional dos alimentos necessários ao consumo do *conuentus*, tanto no âmbito da capital, *Bracara*, como do território (Machado & Dias, no prelo).

Os contentores anfóricos que chegaram a *Bracara* na Antiguidade Tardia revelam duas tendências que merecem referência. Em primeiro lugar, destaca-se o gosto da população urbana pelo consumo de produtos piscícolas, documentado, desde logo, pela imensa quantidade de espinhas de peixe identificadas nos níveis de abandono do *macellum*, que se ergueu, nos finais da época flávia na periferia nordeste da cidade, no local onde se ergueu a Catedral (Fontes *et al.*, 1997–98), bem como pela elevada representação das ânforas regionais, originárias de Bueu, que constituem 75% dos contentores reconhecidos em *Bracara* entre os séculos II/III–V (Fernández Fernández, 2016; & Morais, 2017). Paralelamente ao consumo de peixe, há outro que, certamente seria mais reduzido, dado as especificidades associadas à sua exploração e transporte, que elevaria o seu valor nos mercados, que está representado pelas ostras (Figura 73). A importância dos produtos piscícolas, relacionada com o *habitus* da elite provincial, justificaria a reverberação dessa linguagem noutros elementos do sistema simbólico dessa classe, representados pelos motivos de fauna marinha e pelas divindades aquáticas representadas nos mosaicos que revestiam os pavimentos de *domus* e *uillae* (Abraços, 2019; Garrido

Ramos, 2019; Machado & Folgueira Ríos, no prelo). Neste contexto, merecem referência alguns painéis musivos que ornamentaram tanques de *domus* de *Bracara*, remodeladas nos finais do século III, inícios do IV, quando a cidade se afirma como capital administrativa da província da *Gallaecia.* No caso da *domus* de Santiago, cabe destacar o mosaico do tanque do peristilo da casa, decorado com peixes e ostras. Também o tanque integrado num conjunto balnear de uma casa privada, identificada nos terrenos da antiga fábrica do Cardoso da Saudade, exibia uma ornamentação de fauna marinha (Ribeiro, 2011; Martins *et al*, 2017).

Quando ampliamos a análise para a área conventual, encontramos outros exemplares de pavimentos revestidos com mosaicos, cujos motivos decorativos remetem à fauna marinha, como as *uillae* do Alto da Fonte do Milho, em Peso da Régua, de Panxón, em Pontevedra, e de Parada de Outeiro, em Ourense (Abraços, 2019; & Wrench, 2024; Machado & Folgueira Ríos, no prelo) (Figura 72).

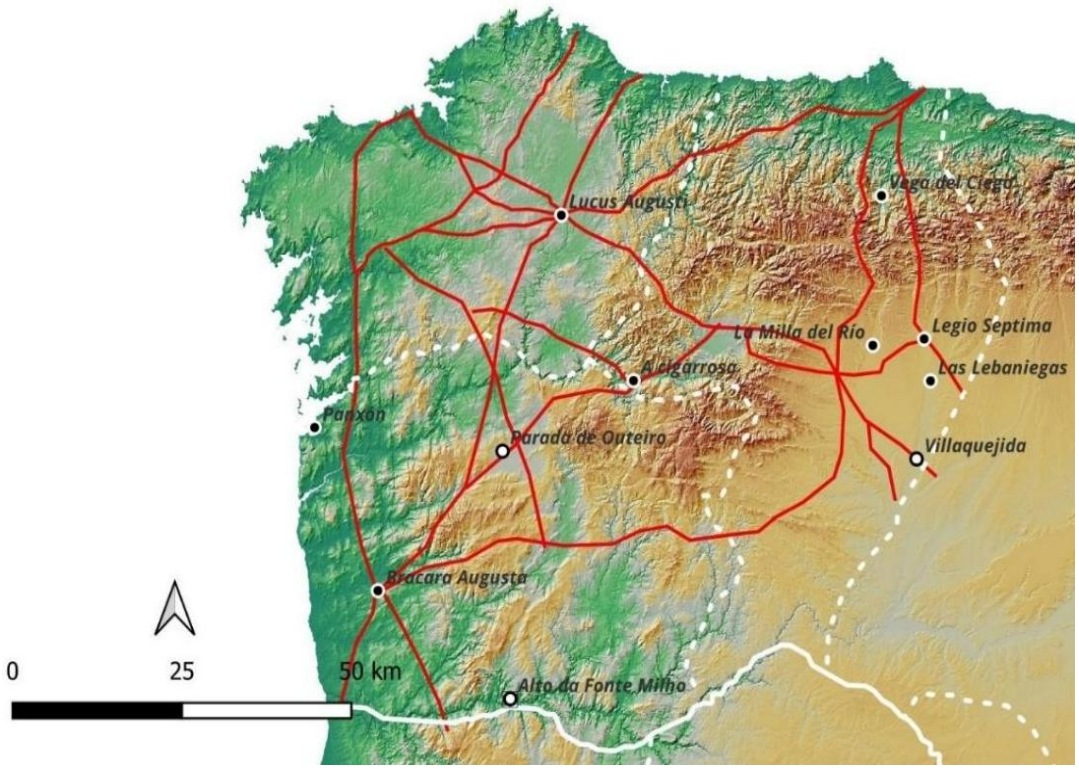


Figura 72. Sítios na *Gallaecia* onde foram identificados pavimentos revestidos com mosaicos com temas marinhos (Machado & Folgueira Ríos, no prelo).

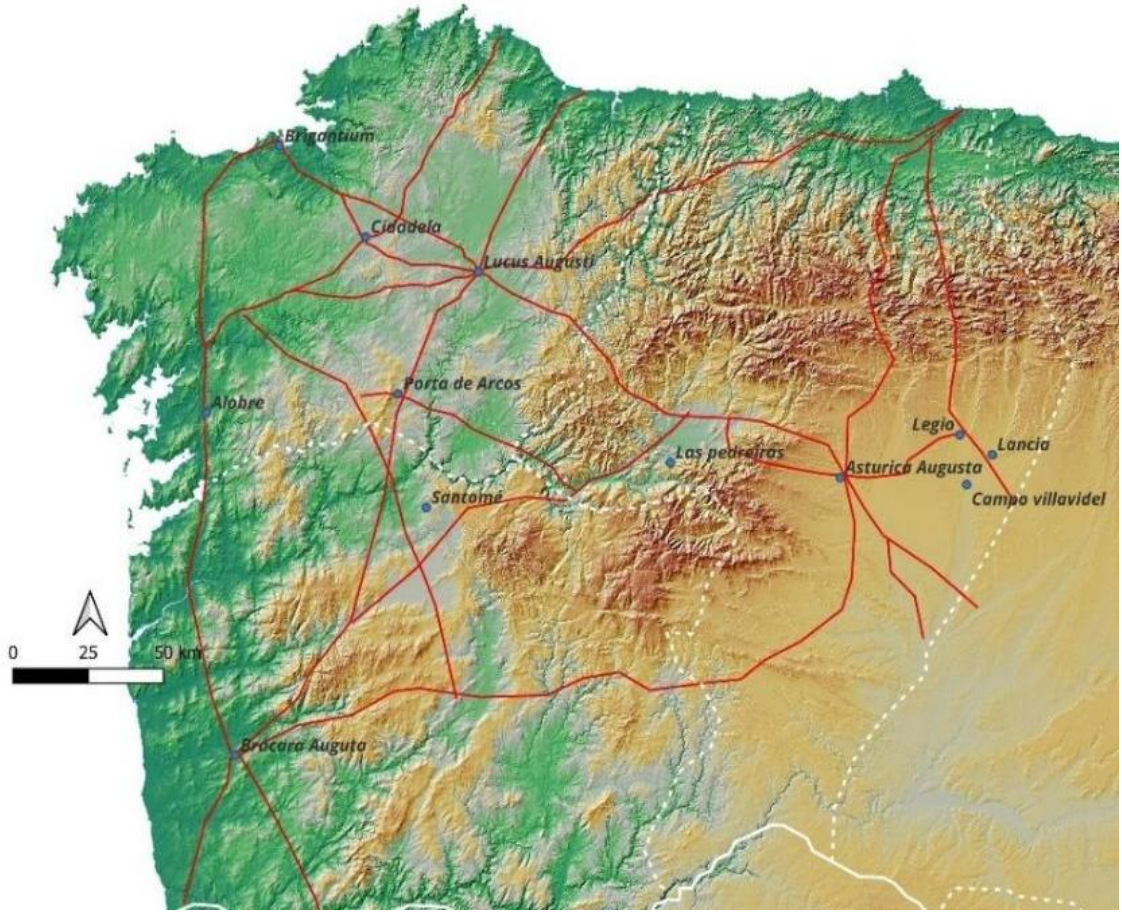


Figura 73. Sítios na *Gallaecia* onde foram identificadas ostras em contextos romanos (Machado & Folgueira Ríos, no prelo).

A segunda tendência que identificamos diz respeito aos demais tipos de contentores anfóricos tardios que foram identificados em *Bracara*, com destaque para aqueles que transportavam vinho. A permanência desse tipo de importação na cidade, ainda que em quantidades significativamente menores, parecendo contrariar a interpretação previamente realizada sobre a autossuficiência do *conuentus*, está antes a revelar a permanência na cidade de uma clientela particular, até aos séculos VI–VII, que continuava a ser abastecida de vinho, que circulava de forma residual através das ânforas vinárias Galouise 4, juntamente com outras oleícolas, ou com um conteúdo indeterminado (Fontes, 2011b; Morais, 1998). Estes produtos, que continuaram a chegar à cidade através da rota atlântica, permitem-nos inferir uma imagem da cidade, no período tardo-antigo, que se assemelharia àquela representada no poema do mausoléu de *Titus Flauius Secundus*, de finais do século II, em *Cilium*, no norte da África, atualmente a cidade de Kasserine, na Tunísia:

> Que a fúria verá o que é conduzido pelo excesso de ouro
> Que o brilho da prata à venda arrasta no sangue;
> A glória errante do luxo esbanjado em desejos vãos

> Também a verá, a qual nos ensinou a procurar roupas estrangeiras e pedras preciosas, que agradam pelo seu grande esplendor,
> ou presentes vindos do Mar Vermelho,
> que as nações amarram em diversas competições por bens:
> A Grécia com os meninos, a Espanha com o uso do azeite,
> a Líbia com a caça, a terra do oriente com a especiaria,
> o Egipto com as delícias dos faraós,
> a Gália com o seu artesanato, a Campânia com o seu vinho.
> Estes rapidamente fracassam e têm a breve recompensa da moda.
> (CIL 8.212-3 21-31; CLE 1552)[59]

Trata-se de um longo poema, o mais extenso gravado em pedra que se tem notícia, com 110 linhas, que faz um grande elogio a T. Flávio Segundo, um colono que se estabeleceu em *Cilium*. Em um trecho, entre as linhas 21–31 (CIL 8.212–3), o texto advoga pelo caráter vão (*uanis*) de diversos produtos que seriam importados pela cidade, começando pelo ouro, prata, roupas e pedras preciosas, e seguindo com um conjunto de elementos e a sua proveniência, designadamente os meninos (prostitutos?) da Grécia, o azeite da Hispânia, os animais de caça da Líbia, as especiarias do oriente, as *sigillatae* da Gália, o vinho da Itália e as delícias dos faraós, vindas do Egipto, sem especificar quais seriam. A referência a esses produtos, bem como ao seu local de origem, revela o seu conhecimento pela população local, que os conseguiria identificar ou ao menos saber de sua presença nos mercados. O autor do texto, presumivelmente T. Flávio Segundo, que o teria mandado fazer antes de sua morte, sentencia o fracasso desses bens alimentícios, cerâmicos e humanos, que não passariam de uma moda efémera. Trata-se de um recurso discurso que rejeita esse conjunto e elogia claramente a produção local, referindo-se, particularmente, àquela proveniente das terras possuídas e exploradas pelos *Flauii*, que se apresentariam como importantes membros da comunidade, aqueles que garantem a sua subsistência.

[59] CIL 8.212-3 21-31; CLE 1552
VIDERIT ILLE FVROR NIMIO QVI DVCITVR AVRO
QVEM TRAHIT ARGENTI VENALIS SANGVINE CANDOR
VIDERIT ET FVSAE VANIS IN AMORIBVS ERRANS
GLORIA LVXVRIAE PEREGRINAS QVAERERE MAGNO
QVAE DIDICIT VESTES GEMMASQ(VE) NITORE PLACENTES
AVT AB AERVTHREO VENIENTIA MVNERA FLVCTV
QVAM LAEDVNT GENTES VARIO CERTAMINE RERVM
GRAECIA CVM PVERIS, HISPANIA PALLADOS VSV
VENATV LIBYAE TELLVS ORIENTIS AMOMO,
AEGYPTOS PHARIIS LEVITATIBVS, ARTIBVS ACTIS
GALLIA SEMPER OVANS, DIVES CAMPANIA VINO.
HAEC CITO DEFICIVNT ET HABENT BREVE MVNVS MORIS

Apesar da investidura contra as importações, temos bastante clareza que isso é apenas uma construção retórica para defender os seus próprios interesses, visto que está no consumo de produtos "exclusivos" parte significativa dos mecanismos de individualização e de competição das classes financeiramente mais elevadas (Veblen, 2018). Nesse sentido, associamos o vinho e o azeite forâneos, ainda que apenas presentes de forma residual no contexto arqueológico bracarense tardo-antigo, a um instrumento de diferenciação social de uma elite que permanece na cidade de *Bracara*, posteriormente à instalação dos suevos na região e que estaria também associada à sobrevivência de algumas *uillae* que terão permanecido ocupadas nos séculos V e VI.

Nesse aspeto, nem a oficialização do cristianismo, em 380, por Teodósio, nem a desarticulação da administração imperial na Península Ibérica, particularmente com a invasão sueva, em 411, parece ter provocado alterações significativas no modo como as elites urbano-rurais bracarenses se definiam e apresentavam. Uma situação que se explica pelo alto grau de permanência dos quadros políticos, sociais e económicos da sociedade galaico cristã, tanto na cidade como no território, sem que a tutela sueva pareça ter alterado significativamente essa realidade. A natureza da cerâmica que caracteriza o período de domínio suevo, revela igual continuidade, seja a nível das formas, seja das decorações das peças de produção local, mantendo-se ativas as rotas comerciais que ligavam o Mediterrâneo à costa atlântica. Em outras palavras, os serviços de mesa, cozinha, despensa e transporte de *Bracara* continuaram a integrar as mesmas peças e fabricos, cujas diferenciações a nível técnico e de acabamento, como os engobes ou polimentos, não se alteraram com as mudanças, quer religiosas, a nível do Império, quer administrativas, no âmbito da Galécia, território que passou a formalizar o reino suevo dos séculos V e VI. No entanto, a atuação dos monarcas e da elite sueva na cidade de *Bracara* é, até ao momento, materialmente muito pouco conhecida. De facto, a documentação escrita que nos chegou sobre o *regnum sueuorum* está restrita às crónicas de Idácio de Chaves, que apresentam um *terminus* na narrativa em 469, pelas obras de S. Martinho de Dume, no terceiro quartil do século VI e pelos relatos externos ao reino, como a *Historia de regibus Gothorum, Vandalorum et Sueuorum*, de Isidoro de Sevilha, já do século VII.

Assim, os vestígios materiais datáveis dos séculos V–VI oferecem-se como documentos fundamentais para caracterizar aquele período, sendo possível que as variações que se identificam nas cerâmicas do período tardo antigo possam refletir a heterogeneidade dos grupos que constituíam a sociedade bracarense, apresentando-se a cidade como um e dinâmico centro urbano de apreciável dimensão, onde estariam em confronto dois poderes com as respetivas elites. Falamos do poder e da

elite episcopal, católica e do poder e da elite sueva, maioritariamente ariana e tardiamente convertida ao catolicismo niceno.

Na ausência de fontes documentais, as expressões da relação entre cristãos (dominantes) e arianos (minoritários) estão ainda por determinar, cabendo à arqueologia a valorização das materialidades do período correspondente ao domínio suevo. Neste contexto, merecem destaque dois sítios do território que registam evidências de investimentos construtivos que poderão articular-se com a corte sueva. Falamos do monte de Santa Marta das Cortiças/Falperra, um sítio sobranceiro à cidade, escavado entre os anos de 1950 e 1980, onde se construiu uma basílica, um edifício áulico e um outro edifício, com uma cronologia dos séculos V/VI (Fontes, 2018; Barroca *et al.*, 2018) e de Dume, onde se fundou um mosteiro e se ergueu uma basílica na segunda metade do século VI, por ação de S Martinho, que foi bispo de Dume e Braga (Fontes, 2008; 2017; 2020).

Os poucos estudos realizados sobre as cerâmicas recuperadas nas escavações do edifício palatino e na basílica, ambos implantados no Monte de Santa Marta das Cortiças/Falperra, especialmente nas campanhas das décadas de 1950–1970, sob a direção de Russell Cortez e Rigaud de Sousa, revelam uma enorme proximidade com os materiais encontradas na cidade de Braga, na mesma época, designadamente a nível da diversidade de importações e de produções locais (Morais & Barroca, 2018). As diferenças entre os materiais da Falperra e os de Braga residem na distribuição quantitativa entre as origens das importações, com uma presença mais elevada de *sigillatae* focenses, que domina o horizonte cronológico dos finais do século V e inícios do VI, enquanto as demais produções, designadamente as peças finas hispânicas e africanas, estão relacionadas com os momentos iniciais do século V e os meados/finais do VI, respetivamente (Barroca *et al.*, 2018). Para o período de maior presença de *sigillatae* na Falperra, os finais do século V e inícios do VI, os textos antigos reservam um grande silêncio sobre o reino, com a exceção de algumas curtas e pouco fiáveis listas de reis que teriam governado o Noroeste hispânico.

A ausência de textos coevos sobre o reino suevo pode estar associada aos problemas de preservação da documentação, um problema comum à generalidade dos períodos históricos, enquanto a falta de referências em obras produzidas por outros povos deve-se, eventualmente, à falta de contactos entre essas sociedades, a exemplo do que aconteceu com os visigodos e os francos que disputavam territórios no Pirinéus (Azkarate Garai-Olaun, 2005). Esse silêncio permite mesmo inferir um momento de paz entre os suevos e, consequentemente, a sua maior presença na cidade, ou nas suas imediações, o que justifica o aumento das cerâmicas no edifício palatino da Falperra (Barroca *et al.*, 2018).

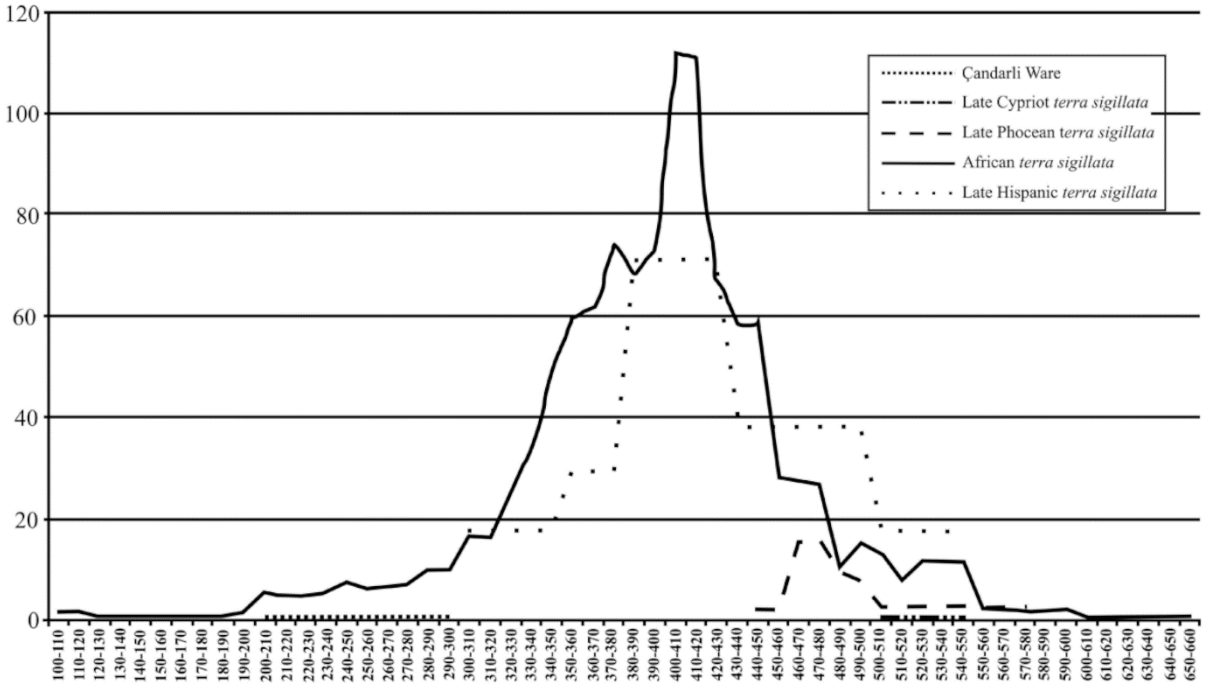


Gráfico 74. Evolução das sigilatas em *Bracara* (Delgado *et al.*, 2014).

Contudo, as diferenças entre a quantidade de peças importadas na cidade de *Bracara* e aquelas que foram registadas na Falperra acentuam-se, ainda, a nível dos momentos de maior presença desse material. Segundo o estudo realizado por M. Delgado, A. Fernández Fernández, J. Quaremas e R. Morais (2014, p. 679), no qual os autores avaliaram um volume bastante elevado de sigilatas provenientes das escavações de Braga, o momento de ápice das importações verifica-se entre 360 e 440, quando os valores de indivíduos ultrapassavam os 60 por década, decaindo vertiginosamente até meados do século VI, quando se verifica uma nova porém rápida estabilização, em valores bem menores, com cerca de 18 indivíduos por década, tornando a decair com a conquista visigoda em 585 (Gráfico 74).

Esse momento de maior presença das elites suevas na cidade representou uma mudança significativa na forma como os monarcas geriam o reino. Se tomarmos como referência as crónicas do bispo de Chaves, com as devidas ponderações, verificamos que as primeiras seis décadas foram marcadas, *grosso modo*, por uma intensa atividade bélica e de pilhagens, por parte dos suevos, em boa parte da zona ocidental da Península Ibérica, pelo que pouco deviam ter estado na capital do reino. Nesse sentido, acreditamos que no período de maior permanência da corte sueva em *Bracara*, mau grado a falta de documentação textual, uma nova forma de exercício de poder deve ter sido instalada. Esse contexto histórico de maior fixação dos suevos no território bracarense, a partir de meados do século V, poderá justificar as alterações verificadas na toponímia do Noroeste, registadas no *Parochiale*

Sueuorum e em textos posteriores, mas ausentes na obra idaciana, onde se observa uma maior germanização do território (Fernandes, 1997; *cf.* Piel, 1936; 1945).

Se, apesar das imensas dificuldades, conseguimos propor um cenário global das mudanças administrativas e políticas do reino suevo nos finais do século V/inícios do VI, reconhecemos uma maior dificuldade em se avaliar os aspetos sociais e económicos nesse período, pelo que retornamos à análise das cerâmicas.

Paralelamente às alterações nas importações de peças finas que abasteceriam a elite, as produções locais também registam algumas variações. Assim, embora alguns fabricos conheçam continuidades aparentemente sem perturbações, como as cinzentas tardias, outras conhecem uma significativa redução de quantidades, como acontece com as produções comuns romanas. Contudo, a maior mudança reside na produção das cerâmicas engobadas, tanto as vermelhas como as brancas, que desaparecem aos finais do século V. O fim da manufatura de peças de engobe branco marca, igualmente, o abandono dos barreiros caulinícticos da costa atlântica, cujas argilas foram utilizadas na produção da cerâmica bracarense e pintada desde o século I (Delgado & Morais, 2009; Gomes, 2000).

Estamos perante um cenário bastante interessante. De facto, a manutenção das importações, sobretudo de *sigillatae* destinadas ao consumo dos ocupantes do monte da Falperra e, secundariamente, da cidade, assim como de ânforas, associadas igualmente às elites urbano-rurais, a que se somariam ainda as imitações das loiças finas gálicas, focenses e africanas, em cinzenta tardia do grupo 1, documentam a permanência de um grupo de população abastada na cidade de *Bracara* e no seu território imediato, pelo menos durante a primeira metade do século V. Entretanto, a maior presença da monarquia sueva parece ter resultado na perda do poder de compra de determinados setores da população urbana e rural, acentuando a distância social entre essa elite mais reduzida e os demais habitantes da cidade, visto que um conjunto importante de fabricos, representados pelos engobes vermelhos e brancos, desaparece, ao passo que as produções comuns, como o grupo 2 das cinzentas tardias, não sofrem alterações significativas na sua produção.

Esse processo de mudanças sociais em *Bracara* e no seu território imediato, ocorrido nos finais do século V, reverbera igualmente na produção artesanal e nas características das habitações da cidade que têm vindo a ser interpretadas a partir da arqueologia (Cruz, 2009; Martins *et al.*, 2015; 2016; 2018a).

Assim, sabemos que as duas oficinas de vidro tardo-antigas identificadas na cidade, designadamente no Fujacal, junto ao perímetro sudeste da cidade, bem como na zona arqueológica dos CTT, área associada à saída este da cidade, nas imediações da via XVII, conheceram o fim da sua

atividade produtiva nos finais do século V (Cruz, 2009). Por sua vez, as *domus* que se conhecem de *Bracara*, que foram remodeladas e monumentalizadas no século IV, começam a sofrer grandes alterações da sua estrutura interna que fazem colapsar o modelo clássico e unifamiliar de casas de elite, centradas em peristilos ou átrios, rodeados de um número variável de dependências que asseguravam a interação social e a vida familiar. A sua reocupação por uma população menos abonada e incapaz de fazer face ao restauro e manutenção de casas tão grandes, relaciona-se com a fragmentação interna dessas construções da qual resulta uma nova expressão construtiva de carácter eminentemente orgânico, conseguida através do desmembramento dos edifícios anteriores. As áreas habitadas das anteriores construções eram pequenas, aproveitando excecionalmente os peristilos e os átrios como elementos distribuidores de luz e circulação (Martins *et al.*, 2016), estando o seu progressivo abandono registado a partir da segunda metade do século V, momento em que também se abandonam os equipamentos termais do Alto da Cividade e da rua Afonso Henriques 42–56, que ainda conheceram ocupações parasitárias com outras funções. Os primeiros saques dos edifícios datam dos séculos VI–VII, posteriores a 585, ou seja, ao fim do domínio suevo (Martins, 2005; 2015; *et al.*, 2014).

De uma determinada perspetiva, a cidade clássica de *Bracara*, herdeira direta de *Bracara Augusta*, tem o seu fim enquanto experiência social e cultural nesse momento. Um dos principais pilares da cidade antiga, desde as *poleis* gregas até as *urbes* latinas, como muito bem demonstrou Mikhail Rostovtzeff (1977; 1983), no início do século XX, ou os estudos sobre a economia e o mercado financeiro romano realizados por Jean Andreau (1999; 2010), é a diversidade do seu corpo cívico, no qual coabitavam diferentes classes ou grupos sociais, o que a diferenciaria das cidades palacianas da Idade do Bronze, como Micenas ou Cnossos, ou dos núcleos urbanos medievais inseridos no *ethos* feudal (Le Goff, 1998; Zuiderhoek, 2017). A retomada desse cenário algo mais livre e dinâmico na experiência urbana ocidental, onde os laços de parentesco ou a origem social não são determinantes na condução da vida, apenas se deu no final da Idade Média e, sobretudo, com a afirmação da burguesia e as suas revoluções, em 1640, 1648 e 1789, bem marcado ainda na ideologia que subjaz à expansão norte-americana para o oeste, logo após a sua independência, em 1783.

A contínua ocupação das *domus* ao longo do século IV até, pelo menos, meados do século V, supõe alguma estabilidade das elites que as possuíam. Nesse sentido, o *evento* do decreto que torna o cristianismo a religião oficial do Império, nos finais do século IV, ou a chegada dos suevos à região em 411, não produziram novas realidades imediatas, dado que as *conjunturas* sociais e económicas que as antecederam foram mantidas até a segunda metade do século V. De facto, os processos de mudança das sociedades são lentos e gradativos, o que, por definição, foge aos *eventos*, cuja capacidade de

alteração das realidades reside, apenas, no plano macropolítico, pois culturalmente (no sentido amplo e não restrito às expressões artísticas e materiais) os grupos humanos estão imersos em *estruturas* que, dada a sua *repetição* no tempo, produzem o real vivido e sentido, cujos movimentos extrassomáticos as tornam inteligíveis material e simbolicamente.

Contudo, apesar de estarmos a analisar essas transformações à escala da cidade de *Bracara*, elas não se encontram isolados, antes replicam processos que ocorrem na generalidade das cidades provinciais do Império Romano que se vai progressivamente reorganizando na sequência de uma sucessão de eventos que se inicia no século III. Num importante artigo publicado em 1988, Simon Ellis propôs que o fim da casa romana, entendido como o desaparecimento do peristilo enquanto elemento arquitetónico, representasse o fim do mundo antigo e do seu modo de vida. Nesse estudo, o autor apresenta um conjunto de dados associados às transformações das habitações de elite em diversas partes do Império Romano, assinalando que o último peristilo construído dataria de 550, designadamente na *uilla* do Falcoeiro, em Argos, a que se somaria a reconstrução parcial realizada nos finais do século VI na *uilla* dos *Meïntani*, em *Hermione*. Para além da aproximação cronológica dos exemplos referidos, outros elementos apresentados nesse texto são particularmente interessantes para a análise da cidade de *Bracara* na Antiguidade Tardia. S. Ellis (1988) assinala o fim do modo de vida antigo às mudanças na arquitetura doméstica através de dois movimentos. Em primeiro lugar, a concentração da riqueza entre um grupo cada vez mais reduzido de pessoas e o afastamento do exercício da política do espaço público, levaram a um maior investimento nas habitações, fenómeno que identificamos em *Bracara* para o século IV e até meados do V. Por outro lado, a diminuição do corpo de elite que se refugia nas suas ricas casas rurais levou a uma progressiva subdivisão do anterior espaço das *domus* em unidades domésticas menores através da implantação de novas paredes ou ao encerramento de portas que transformaram as antigas grandes casas em conjuntos de pequenas habitações, acessíveis aos rendimentos de uma população urbana mais pobre. Este processo, que se regista em várias cidades hispânicas, está documentado em *Bracara* na segunda metade do século V (Martins *et al.,* 2016).

Para além daquilo que a documentação arqueológica permite inferir, e que buscamos sintetizar anteriormente, o período entre 469, o ano da morte de Idácio de Chaves, e os finais da segunda metade do século VI, quando Martinho de Dume chega a *Gallaecia*, apresenta-se maiormente desconhecido. Segundo a *Historia* de Isidoro de Sevilha, nesse período teria havido uma sucessão de diferentes reis, todos eles arianos. Embora vaga e largamente imprecisa, visto que a lista de monarcas desse bispo sevilhano é discordante, quando comparada com outros documentos (Arias, 2007), o credo arianista dos reis ao longo dessas décadas parece bastante plausível, considerando a ausência de textos preservados,

que teriam sido posteriormente considerados heréticos e por isso destruídos (Sánchez Chouza, 2017), o papel de Martinho de Dume como evangelizador, mas também o silêncio sobre os seguidores de Ário nos concílios bracarenses, ou o terceiro ponto da carta do papa Vigílio ao bispo Profuturo, sensivelmente em 540, que trata da conversão de alguns nicenos ao arianismo através de um novo baptismo (Vigilio, *Epistola*, III).

Portanto, apesar de muito mal conhecida, podemos conjeturar que a relação entre a igreja bracarense e a monarquia sueva, entre os finais do século V e a primeira metade da centúria seguinte, deve ter conhecido alguns atritos, ao menos de foro religioso. Ao alterarmos o foco da análise para os subúrbios da cidade, incorporando a área rural imediata, identificamos um conjunto de transformações importantes, ainda que difíceis de precisar cronologicamente. Embora as necrópoles conheçam globalmente um quadro de continuidade de utilização, observa-se a generalização das práticas de inumação dos corpos, abandonando-se paulatinamente o ritual da cremação, que começa a decair significativamente a partir do século III (Braga, 2018), assim como alterações microtopográficas na disposição desses espaços, que se afastam do eixo das vias e se estendem para locais mais longe das portas da cidade (Fontes & Magalhães, 2019). Essas pequenas mudanças associadas às práticas funerárias certamente estavam associadas às transformações que decorrem da topografia cristã que se impõe progressivamente na envolvente da cidade onde foram sendo implantadas algumas basílicas cemiteriais articuladas com os eixos das antigas vias que partiam da cidade, a exemplo de S: Victor, a este, S. Vicente, a norte, S. Pedro de Maximinos, a poente e S. Clemente, a sudeste (Fontes *et al.*, 2010; Fontes, 2017).

Essas basílicas, para além da sua função cemiterial, funcionavam também como polos agregadores da população, numa cidade e num território que conhece significativas alterações no seu povoamento. No âmbito rural, verifica-se que algumas das luxuosas *uillae* implantadas no território, que no século IV receberam grandes investimentos construtivos e decorativos, à semelhança das *domus* na cidade, foram abandonadas entre os séculos V e VI, como aconteceu com a *uilla* de Via Cova, na Póvoa de Lanhoso (Ribeiro, 2018), a de Sendim, em Felgueiras (Pinto, 2008), a da Quinta do Velho do Paço, em Ponte de Lima (Almeida, 2007), a do Alto de Martim Vaz (Almeida, 1972b) ou a Vila Mendo (Gomes, 1996), na Póvoa de Varzim. Por sua vez, a *uilla* do Paço, em Barcelos, embora tenha permanecido ocupada durante a Idade Média, sofreu grandes transformações no século VI que descaraterizaram completamente a sua estrutura domiciliar (Almeida & Silva, 1997).

A verdade é que os estudos sobre as *uillae*, em particular, e os do povoamento rural romano, no norte de Portugal, no geral, são ainda muito deficitários. Helena Carvalho, em 2008, ao defender a

sua tese de doutoramento, realizou talvez o contributo mais significativo para essa temática, sobretudo pelo intento de reunir um conjunto muito diversificado, disperso e heterogéneo de dados cuja qualidade de registo era deveras variado e, em muitos dos casos, francamente insuficiente ou mesmo inexistente. Mesmo as *uillae*, uma estrutura de matriz romana que recorrentemente recebe a atenção dos investigadores, encontram-se largamente sub-representadas no discurso sobre a ocupação romana do território do convento, devido ao reduzido número de intervenções arqueológicas realizadas no Entre Douro-e-Minho, onde menos de 10% dos locais classificados como *uilla* foram alvo de escavações (Carvalho, 2008, pp. 226–233).

Talvez o exemplar melhor conhecido desses equipamentos seja a *uilla* de Dume, na qual foi desenvolvido um projeto de escavação e estudo, dirigido por Luís Fontes, que se iniciou há cerca de 30 anos. Entretanto, Dume apresenta-se como um caso distinto daqueles verificados nas demais *uillae*, pelo que a sua integração na análise do povoamento tardo-antigo do norte português reforça a heterogeneidade das dinâmicas de ocupação que foram características desse período.

A *uilla* de Dume, localizada a 2,5km da cidade, foi construída ainda no século I, embora seja melhor conhecida uma reforma realizada nos finais do século III/inícios do IV, quando foi construído um conjunto balnear, com pavimentos revestidos a mosaicos (Fontes, 2011b; & Andrade, 2015). Dentre as epígrafes que se atribuem a Dume destaca-se a de um indígena chamado *Camalo*, filho de *Melgeco*, que foi sacerdote do culto imperial no convento bracaraugustano (CIL II 2426) e que poderá ter sido o fundador da *uilla*, ou um descendente do mesmo. Os estudos genealógicos sobre a presença e atuação de personagens e famílias em *Bracara Augusta* e a sua dispersão na área conventual permitem enquadrar os *Camali* como destacados membros da elite indígena da região, provenientes da Citânia de Briteiros, um *oppidum* da Idade do Ferro Final, que permaneceu ocupado ao longo do período imperial e onde foram identificadas algumas inscrições que referem a diversos membros dessa *gens*, como *Camalus*, *Caturus*, *Medamus*, entre outros (CIL II 5588; 5589; 5590; 5592; 5594; 5595; 5601a; 5601C; 5604b).

Apesar das imensas dificuldades em se restituir os *fundi* das *uillae*, especialmente devido ao caráter efémero da generalidade dos marcos de propriedade (Orejas Saco del Valle e Olesti Vila, 2022), que recorriam aos recursos naturais ou antrópicos observáveis (Front., *De agr. qual.* II) e a elementos bastante mais discretos, como árvores ou rochas, por vezes marcados com letras ou número, podendo inclusivamente serem enterrados (Hyg. Grom., *De gen. contr.* IV), o caso de Dume é uma exceção. A restituição da delimitação do termo da diocese de Dume, em 911, realizada por L. Fontes e H. Carvalho, evidencia a utilização desses tipos de marcos previamente referidos, como vias, montes, *archae petrinae*,

petras fictas, assim como apresenta uma forma constituída tendencialmente por quadrados, cuja georreferenciação revela a sua adequação à centuriação de *Bracara Augusta* (Carvalho, 2008; Fontes *et al.*, 2010; Botica *et al.*, 2016). A permanência do perímetro com feições aproximadas ao cadastro, assim como a ausência de grandes alterações após a conversão da *uilla* em mosteiro, no século VI, sugerem a fossilização da área do antigo *fundus* da estrutura romana de exploração agrária no novo equipamento religioso. Trata-se de uma propriedade de grandes dimensões, com cerca de 600 hectares, uma área superior à generalidade dos *fundi* de *uillae* romanas conhecidos, especialmente no Egipto dada a excecional conservação da documentação papirológica, a exemplo de cidades com uma demografia mediana, como *Hermopolis* (Bowman, 1985), mas ainda muito distante dos gigantescos latifúndios, como aqueles localizados na região do Fayum, muitos deles com mais de 1000 hectares (Bowman, 2009).

Ainda que não seja possível restituirmos a evolução da posse da *uilla* de Dume entre o século II e o VI, isto é, entre os *Camali* e a chegada de S. Martinho, sabemos que foi uma próspera propriedade, que pode ter pertencido, num momento mais indeterminado, a uma sacerdotisa do culto imperial de nome *Pro Nigrina*, cuja onomástica revela a sua origem indígena (CIL II 2427), e a uma *Apronia* (ou *Abronia*) *Quinta Reburo*, filha de *Apronius* (ou *Abronius*), indivíduos igualmente de origem indígena mas que apresentam os *tria nomina* romanos (AE 1983, 582).

O sucesso da *uilla* de Dume terá estado associado à sua proximidade com *Bracara*, bem como do traçado da via XIX que favorecia a circulação dos produtos e constituiria, certamente, o principal mercado consumidor da produção (Machado & Dias, no prelo). Por outro lado, ao contrário de outras, a *uilla* deverá ter aumentado a dimensão do seu *fundus* à custa daqueles que integrariam outras *uilla*, um processo que pode remontar aos inícios do IV, na sequência da reforma fiscal de Diocleciano, o que justifica a dimensão excecional de cerca de 600 ha do termo de Dume, de 911, que pode ter fossilizado o termo do convento do século VI, herdado da *uilla* do século V (Andrade, 2015).

Não sabemos as circunstâncias que levaram às profundas mudanças arquitetónicas na *uilla* que se transformou em mosteiro e onde foi construída uma basílica na segunda metade do século VI, à qual está ligada a ação de S. Martinho. O mosteiro terá resultado da completa adaptação da *pars urbana* da *uilla,* desconhecendo-se, contudo, se a propriedade construída e rural da unidade de exploração agrária de matriz romana foi comprada, doada, adquirida ou conheceu qualquer outra forma de mudança de posse. Apesar do seu caráter excecional relativamente a outras *uillae* conhecidas, a transformação da *uilla* de Dume em mosteiro e a continuidade de sua ocupação na Idade Média concorda com as teses formuladas por Alberto Sampaio sobre a generalização das *uillae* como modo de exploração agrário no

período romano e a sua ocupação continuada estar na génese da propriedade rural medieval, cujos estudos aproveitaram as *Diplomata* e *Chartae*, compiladas no *Portugal Monumenta Historica*, e foram publicados ao longo da década de 1890 nas Revistas de Portugal (1892), de Sciencias Naturaes e Sociaes (1895) e, sobretudo, de Guimarães (1893–1897), posteriormente compilados na série Estudos Históricos e Económicos (1979). Como bem assinalaram M. Martins (1995) e H. Carvalho (2008), apesar de altamente estimulantes, as teses de A. Sampaio suscitam mais questionamentos do que certezas. Na verdade, apesar do estado atual da investigação sobre a ocupação rural do norte de Portugal ser ainda bastante deficitário, parece ser hoje seguro afirmar que parte das estruturas agrárias romanas não foram transformadas em paróquias medievais, tendo-se registado o seu abandono desde o século IV, com as suas propriedades a serem integradas em *uillae* maiores e mais sustentáveis, como claramente terá acontecido com Dume.

Aquilo que a documentação textual refere sobre a chegada de S. Martinho à *Gallaecia* está associado à sua relação com o rei suevo e à conversão ao cristianismo niceno que operou nos monarcas suevos. Segundo Gregório de Tours, Martinho teria exigido a conversão religiosa do rei Charrarico em troca da cura, através das relíquias de S. Martinho de Tours, de seu filho que havia sido vítima de uma epidemia de lepra que assolara a região (Greg., *De Miraculis*, I.XI). Contudo, na *Historia* de Isidoro de Sevilha não se encontra nenhuma referência a Charrarico, tendo a conversão da monarquia sueva ocorrido, segundo esse bispo hispânico, sob o rei Theodomiro (Isid., *Historia*, 90–91). Invariavelmente, o que fica patente da leitura da escassa documentação escrita, é a rápida afinidade entre Martinho e a realeza governante do reino suevo, fenómeno que certamente esteve relacionado como a sua fixação numa *uilla* importante do território imediato de *Bracara*, onde fundou um mosteiro que adaptou a *pars urbana* da antiga estrutura de exploração e construiu uma basílica, consagrada a S. Martinho de Tours, tendo-se tornado bispo de Dume. Essa relação de grande proximidade entre o prelado e o monarca foi igualmente defendida por L. Fontes ao analisar as dimensões da basílica e a sua forma orientalizante, que incorpora os ritos bizantinos e o uso desses cenários arquitetónicos como plataforma de promoção performática do poder e da influência da monarquia sueva e do bispado de Dume, aquando da visita do rei Miro (Fontes, 2015a).

Para além dos importantes equipamentos eclesiásticos fundados em Dume, a ação de S. Martinho no território bracarense resultou na criação de outros mosteiros, muito mal conhecidos, mas que permitem o enquadramento de uma escola monástica formada por esse prelado, no seio da qual foi necessário traduzir do grego para o latim as *Sententiae Patrum Aegyptiorum* (Nascimento, 2006), assim como as *Interrogationes et responsiones Graecorum patrum*, por Pascácio de Dume, um monge que foi

aluno de Martinho (*Iberian Fathers*, vol. 1). Contudo, a sua principal atividade na organização do povoamento rural do reino suevo encontra-se, sem dúvidas, na elaboração e edição do *Parochiale Sueuorum*, organizado aquando do II Concílio de Braga, em 572, quando Martinho já era bispo metropolita dessa diocese (Fontes, 2009).

Em *Bracara*, os contextos associados à ação de S. Martinho não são tão evidentes. Apesar da falta de dados, julgamos que o programa decorativo implantado no palácio episcopal do século VI, localizado junto à basílica paleocristã, identificado nas escavações da rua Nossa Senhora do Leite nºs 8–10 (Magalhães *et al.*, 2023), devam corresponder a esse momento em que a igreja bracarense conheceu um grande apoio da monarquia sueva, presumivelmente coincidente com o II Concílio de Braga. Esse edifício recebeu um programa decorativo que incluiu o revestimento dos pavimentos com mosaicos policromáticos, pinturas nas paredes, colunelos e soleiras em gesso, assim como uma cancela em xisto decorado a trepano com heras, pássaros e cachos de uva, com padrões genericamente atribuíveis ao século VI no contexto da Península Ibérica, a que se somam os arcos em ferradura identificados na lateral de um túmulo em gesso, elemento igualmente difundido nessa centúria (Almeida, 1962). Não obstante, a época da prelatura de S. Martinho em Dume e em Braga foi, reconhecidamente, um momento de grande florescer cultural, cenário que podemos inferir, sobretudo, pelo seu empenho em escrever e traduzir obras filosóficas, doutrinárias, poéticas e morais (Nascimento, 2006). Dentre estas, destacamos as *Formula uitae honestae*, uma obra de cunho moral e formativo, que S. Martinho produziu para o rei Miro, em 570 (Martinho, *FVH*), cujo valor histórico e historiográfico é bastante significativo, representando a aproximação entre a igreja bracarense e a monarquia sueva, cristianizando e "domesticando" o rei e dotando a diocese de amplos meios políticos e financeiros que antes não eram tão presentes. Essa relação implicou, necessariamente, em algumas cedências por parte do bispo, como o já referido silêncio sobre o arianismo nos concílios realizados em Braga, apesar de se verificar, no II Concílio, presidido por Martinho, metropolita bracarense, uma série de regulamentações sobre as práticas funerárias, ordenando o corpo cívico junto aos preceitos estabelecidos por Roma e afastando-os de hábitos antigos, considerados heréticos (Braga, 2018). As relações, embora melhores, certamente incorporavam alguns atritos, mas o resultado parece ter sido bastante benéfico para ambos os lados (Silva, 2018).

Este cenário, aparentemente pacífico, encontra-se refletido na estabilização das importações de *sigillata*, em meados do século VI, após algumas décadas de significativa redução dos produtos identificados na cidade, embora em valores bem menores daqueles que foram atestados para os finais do século IV e, principalmente, a primeira metade do V (Delgado *et al.*, 2014). O consumo dessas peças

pela corte sueva, instalada no edifício palatino localizado no monte da Falperra, parece manter os ritmos de importação que foram verificados desde meados do século V (Barroca *et al.*, 2018).

Para entender melhor o quadro produtivo das cerâmicas da *Bracara* sueva importa ter em conta as potenciais relações da cidade com um território, que deixou de ser romano para integrar o reino suevo, cuja extensão, sobretudo a partir da segunda metade do século V, quando se lhe reconhece alguma estabilidade, integraria o território da antiga província da *Gallaecia* e da parte norte da *Lusitania*, compreendendo nesta, sobretudo, o antigo *conuentus scallabitanus*. Dentro desse espaço as produções cerâmicas dos séculos V e VI registam um quadro algo heterogéneo, especialmente quando comparamos os contextos costeiros e os do interior, sendo de sinalizar também muitas semelhanças regionais.

A zona a sul do rio Douro, onde hoje está localizado o centro do território português, conhece um verdadeiro silêncio historiográfico sobre esse período na região do Alto Mondego, onde é reduzido o número de sítios conhecidos dessa época e ainda mais raras as intervenções arqueológicas, ainda que alguns possam ser sugeridos ao longo da via que ligava Viseu a Idanha através da Serra da Estrela, e na rede de caminhos a ela associada (Tente, 2010). Melhor conhecidas são as ocupações de sítios localizados mais próximos ao Atlântico ou ao rio Douro, onde o *Parochiale Sueuorum* regista um conjunto de dioceses, designadamente Viseu (*Viseo*), Lamego (*Lamaecus*), *Conimbriga* e Idanha-a-Velha (*Igaedis*), igualmente referidas nos Concílios de Braga da época (David, 1947; Vives y Marín, 1963), cuja ligação com o norte galaico e o sul lusitano era assegurado com as vias que ligavam *Bracara* a *Olisipo* e a *Emerita* (Mantas, 2019).

As cerâmicas identificadas nessa região apresentam uma forte componente local, especialmente no caso conimbricense, onde a tradição oleira da cidade é bastante antiga e amplamente conhecida, sobretudo o fabrico alaranjado fino (Alarcão & Étienne, 1975), fartamente presente nos níveis tardo-antigos. Por sua vez, as cerâmicas finas, especialmente as sigilatas, conheceram a diversidade que carateriza a generalidade dos contextos tardo-antigos peninsulares, nos quais são identificadas produções africanas, gálicas, hispânicas e focenses importadas entre os séculos IV–VI (De Man, 2004; Silva *et al.*, 2015). Nessa região importa ainda destacar o caso de egitano, cujos materiais provenientes dos níveis tardo-antigos apresentam, igualmente, uma variedade considerável de cerâmicas importadas com origem nos mesmos centros oleiros, sendo reconhecível um claro predomínio das oficinas zamoranas de TSHT, o que podemos associar a um comércio através do Douro e da Meseta (Carvalho *et al.*, 2020; 2022; Souza, 2024). Não obstante, num nível que recobria o abandono de uma casa localizada junto à porta sudoeste de *Igaedis*, foi reconhecido um prato identificado como grupo 1 da cerâmica cinzenta tardia bracarense (Carvalho *et al.*, 2020, p. 87). Ao que os dados disponíveis permitem

averiguar, parece tratar-se da única peça proveniente de *Bracara*, não sendo, por isso, possível considerar qualquer relação comercial entre as duas cidades. Na verdade, acreditamos que, ao menos no âmbito da organização eclesiástica do reino suevo, deveria haver algum trânsito frequente de pessoas entre as dioceses, de modo que a identificação residual de peças produzidas nessas cidades não configuraria, necessariamente, um abastecimento regular, devendo tratar-se antes de itens pessoais para uso próprio, de presentes ou doações.

Situação bastante diferente é a documentada nos sítios com ocupação tardo-antiga localizadas um pouco por todo o antigo *conuentus bracaraugustanus*, em cujos níveis dos séculos IV–VI são frequentemente identificadas cerâmicas locais de *Bracara*, especialmente os engobes vermelhos e as cinzentas tardias, em quantidades que revelam um intercâmbio de natureza completamente distinta (Delgado & Morais, 2009). Um sítio particularmente importante, tanto pela sua função portuária, como pelos estudos ceramológicos realizados sobre os contextos tardios, por Adolfo Fernández Fernández (2013; 2014), é a cidade de Vigo e, em particular, a *uilla* de Toralla. O porto viguês estava localizado, em época romana e tardo-antiga, numa região fronteiriça entre o *conuentus bracaraugustanus* e *lucensis*, constituindo-se assim uma prestigiada zona de entrada de produtos marítimos, em especial os navios que transportavam as sigilatas, de modo que essa cidade representa uma referência deveras importante para se verificar os fluxos comerciais do Noroeste ibérico, em especial da sua parte ocidental.

Durante o século IV está documentado um importante fluxo de cerâmicas importadas provenientes das olarias hispânica, gálicas e, sobretudo, africanas, as quais competiam nos mercados do sul da Galiza com os engobes vermelhos tardios e brancos de *Bracara*. Nas primeiras décadas da centúria seguinte, já num contexto administrativo diferente, associado ao domínio suevo, esse cenário sofreu uma alteração significativa, no qual as sigilatas africanas deixaram de ser comercializadas, devido às turbulências causadas no Norte da África com a conquista vândala. Essa redução dos produtos da costa sul do Mediterrâneo foi aproveitada pelos demais centros produtores, documentando-se um momento de maior presença das TSHT, dos engobes vermelhos bracarenses e das produções engobadas tardias de *Lucus*. Entretanto, uma vez que as relações entre o reino vândalo, Roma e Constantinopla foram apaziguadas, assiste-se a uma retoma da circulação dos produtos africanos, que voltaram a ser descarregados no Noroeste ibérico, tal como acontece também com as cerâmicas focenses e orientais. As gálicas, por sua vez, conheceram uma certa restrição testemunhada em sítios dispostos ao longo do mar cantábrico e na Inglaterra, sendo a sua presença na costa atlântica da Península Ibérica significativamente mais reduzida, embora amplamente imitadas pelas cerâmicas cinzentas tardias do grupo 1 (Gaspar, 2000).

Durante a segunda metade do século V, até o terceiro quartel da centúria seguinte, a área litoral atlântica da *Gallaecia* apresentava três grandes zonas de comércio das cerâmicas locais: a área lucense era abastecida com os recipientes de *Lucus;* a área bracarense com os de *Bracara*, especialmente as cinzentas tardias; na fronteira entre os dois antigos *conuentus*, na zona da ría de Vigo, os dois centros produtores disputavam os mercados das cidades e *uillae* da região (Fernández Fernández & Bartolomé Abraira, 2016). Contrariamente, nesse período, as áreas de interior da *Gallaecia* conheceram, um quadro de ruralização mais acelerado, fenómeno que se estendeu, *grosso modo*, para todo o interior peninsular (Vigil-Escalera Guirado, 2015). Nessas regiões, o abastecimento cerâmico era realizado a partir das produções locais e, em alguns casos, por produtos provenientes de centros produtores de maiores dimensões, como *Bracara* e *Lucus* (Fernández Fernández & Bartolomé Abraira, 2016).

1.2 *Bracara ecclesia*, a capital da *Gallaeciae metropolim diocesis* no Reino visigodo (séculos VI–VIII)

Em 585 o rei visigodo Leovigildo derrotou o rei suevo Andeca e conquistou a *Gallaecia*, pondo fim ao reino suevo. Embora *Bracara* tenha perdido o seu estatuto de capital de reino, a cidade manteve a sua dignidade de diocese metropolitana, o que lhe garantiu uma posição de importância e destaque no mapa administrativo da Península Ibérica, sobretudo no que toca ao ordenamento eclesiástico da Igreja hispânica e, em particular, do noroeste ibérico. Esse fenómeno encontra-se bem testemunhado pela manutenção da cunhagem de moedas em ouro, a julgar pelo *tremisse* com os *signa* do rei Chintila (636–639) recuperado em Dume (Fontes, 2011), na reconhecida vitalidade do complexo episcopal (Magalhães *et al.*, 2023) e da basílica (Fontes *et al.*, 1997–98) e na presença dos bispos bracarenses em diversos concílios realizados em Toledo, como se verifica já em 589, no III Concílio daquela cidade, presidido por Leandro de Sevilha, ou no IV Concílio, datado de 633, sob a liderança de Isidoro de Sevilha, assim como em diversos outros, designadamente o VI (638), VIII (653), X (656), XII (681), XIII (683), XIV (684), XV (688), XVI (693) (Vives & Marín, 1963), a que se soma ainda a organização do III Concílio de Braga, em 675 (Soares, 1997).

Porém, o esvaziamento das funções políticas da cidade resultou em profundas alterações económicas e sociais, com impacto na topografia urbana, na atividade construtiva e na economia. Na verdade, desde os finais do século V, quando a corte sueva assumiu uma postura menos errante e bélica e aumentou a sua presença na capital do reino, verificamos uma transformação entre as elites civis e religiosas da cidade, o que resultou na destituição do estatuto de muitas dessas personagens, que pode

associar-se às mudanças registadas nas casas urbanas de tipo *domus* e a uma consolidação do poder dos germanos no território minhoto, testemunhado na toponímia da região.

Mau grado a dificuldade em se identificar contextos de finais do século VI e do VII, podemos admitir que *Bracara* apresenta sinais de esvaziamento demográfico, uma vez incorporada ao reino visigótico, documentando-se uma significativa diminuição da quantidade de cerâmicas na cidade. De facto, ainda que as rotas comerciais atlânticas continuem a trazer *sigillatae* e ânforas ao Noroeste ibérico, como se encontra bem documentado no porto de Vigo (Fernández Fernández, 2018), o quadro global das peças encontradas em Braga durante o período visigótico denota uma redução considerável do consumo, a registar alterações de comportamento social e demográfico da cidade. Nos contextos que analisamos na Parte II, contamos apenas com dois exemplares de sigilata africana, produzidos no século VII, designadamente uma taça Hayes 91D (600–650) e um prato Hayes 106 (600–660), ambos identificados na rua Frei Caetano Brandão 166/168.

Assim, o decréscimo no consumo de produtos importados parece associar-se a alterações do corpo da elite urbana, com capacidade financeira para os adquirir, registando-se também alterações na produção de peças feitas em fabricos comuns, designadamente nas cerâmicas cinzentas tardias do grupo 2, que também registam um claro declínio (Figura 74). Na verdade, a constatação desse fenómeno encontra-se presente desde os primeiros estudos realizados sobre aquela produção tardia, estudada por A. Gaspar, na sua dissertação de mestrado (2000), como por M. Delgado e R. Morais (2009), autores que reiteram que as cerâmicas cinzentas tardias constituem uma produção balizada cronologicamente entre os séculos IV e VII, particularmente abundantes entre o V e o VI, sendo baixa a quantidade dessas peças no século IV por se tratar dos momentos iniciais dessa manufatura, que se origina na segunda metade daquela centúria. De facto, o momento de auge das cinzentas tardias, seja as do grupo 1, caraterizado por peças que imitam morfologicamente as cerâmicas importadas, seja as do grupo 2, com formas comuns e menor investimento técnico e decorativo, tal como acontece com o sucesso dos engobes vermelhos e brancos, deu-se no período de maior ação das elites bracarenses (genericamente chamadas hispano-romanas, como mecanismo de distinção das suevas), designadamente nos dois séculos que separam a criação da província da *Gallaecia* e o estabelecimento mais duradouro da corte sueva na cidade.

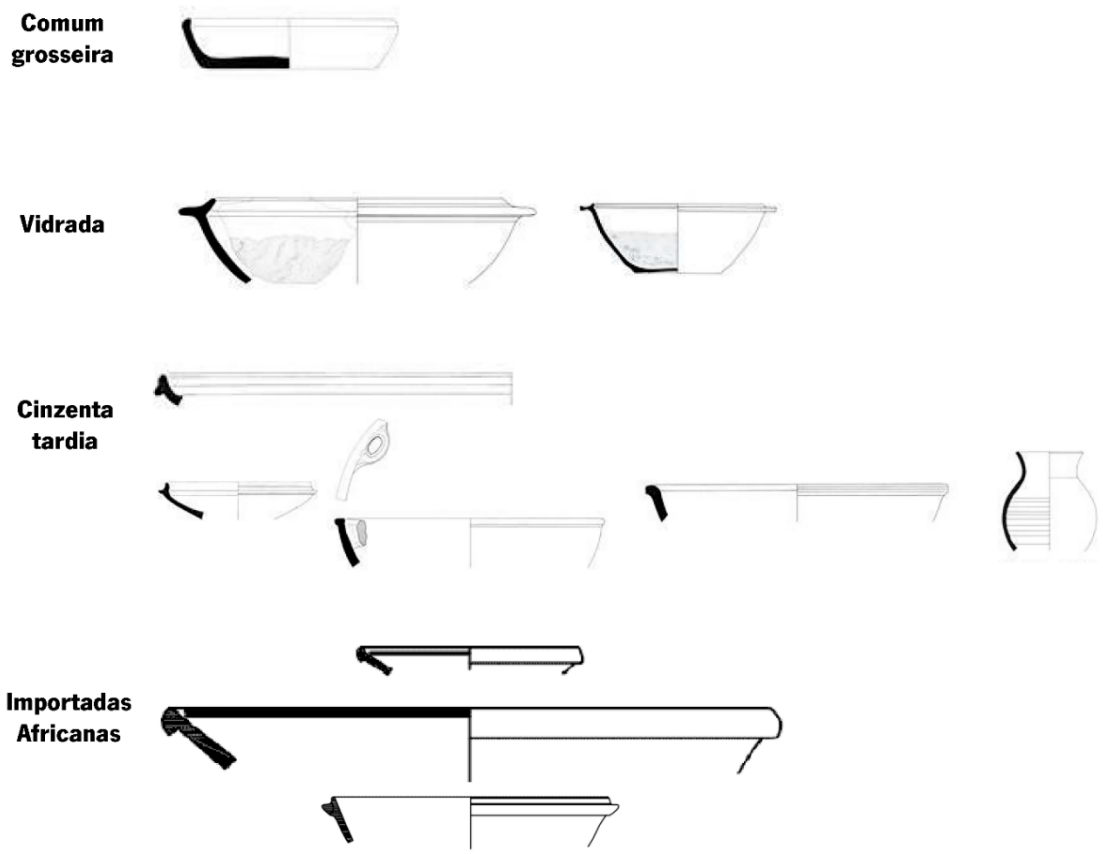


Figura 74. Quadro com os fabricos e formas na cidade entre o século VII e o início do VIII[60].

A desestruturação das elites urbanas locais, nos finais do século V, e das suevas, um século depois, resultou na permanência na cidade apenas do alto clero, enquanto classe responsável pela administração e o exercício político local, ainda que a relevância regional do bispo bracarense apresente grande destaque. A influência regional do bispo metropolitano de *Bracara* parece ter-se mantido sensivelmente constante até meados do século VII, quando as dioceses a sul do Douro, que lhe eram sufragâneas, foram transpostas para a Igreja de Mérida, um processo que parece ter acontecido em 653, aquando do VIII Concílio de Toledo, no âmbito das leis promulgadas pelo rei Recesvinto, justificando que o Concílio de Mérida de 666, dedique grande parte da sua pauta em discussões sobre os limites territoriais das dioceses e sobre a fidelidade dos bispos, o que pode revelar algumas perturbações nas relações entre Braga e Mérida (Vives & Marín, 1963).

Ainda que parte das estruturas simbólicas da cidade pós-clássica tenha sido mantida, a cidade de *Bracara* conhece mudanças significativas nos séculos VI e VII. Seja pelo melhor aproveitamento da superfície da cidade através da redução do tamanho das habitações, seja pela acentuada diminuição da

[60] O quadro não apresenta a totalidade das formas identificadas na cidade, pois isso seria impossível no espaço disponível. A composição realizada tem por objetivo uma aproximação à diversidade produtiva e morfológica das cerâmicas entre o século VII e os inícios do VIII (©Lia Santos/MDDS).

população urbana, eventualmente relacionada, episodicamente, com os ciclos pandémicos que se iniciaram em 543 (Horden, 2006), parece certo que alguns sectores da *urbe* começam a apresentar sinais de abandono. Na parte sudeste do perímetro amuralhado, correspondente à zona arqueológica do Fujacal, havia uma grande área artesanal que produzia vidro, cujas oficinas conheceram o seu termo nos finais do século V, cronologia igualmente apontada para o abandono das estruturas de produção secundária de vidro na oficina situada nas proximidades da via XVII, na zona arqueológica dos CTT (Cruz, 2009), que ainda laborou no século V. Os problemas encontrados para a produção vidreira de Braga prendem-se, por um lado, com as crescentes dificuldades em se obter vidro bruto, matéria prima que era importada dos centros produtores do Egipto e do Levante, situação que se agravou severamente na segunda metade do século VI face às incursões e posterior conquista sassânida dessas regiões, assim como pela afirmação da Igreja Copta de Alexandria, que se apresentava defensora das ideias monofisistas, cuja condenação por heresia já havia ocorrido no Concílio de Calcedónia, em 451 (Gray, 2006; Greatrex, 2006; Donner, 2006).

A área sudeste intramuros da cidade de *Bracara*, mau grado os poucos dados disponíveis, uma vez que se trata do quadrante menos conhecido, não parece ter sido ocupada nesse período, pelo menos de forma extensa. Na verdade, as partes das *domus* que foram analisadas nesse sector da cidade não documentam estruturas posteriores aos investimentos do século IV, ou seja, não tendo sido detetadas as desarticulações das casas de elite em habitações menores, como se verificou em diversos outros quarteirões da cidade (Martins *et al.*, 2016; Fernandes, 2018). Apesar da carência de dados e de escavações em área, acreditamos que a transformação desses terrenos em campos agrícolas possa ter iniciado ainda no século VI, que se disporiam, portanto, num sector mais afastado do polo de atração exercido pela basílica, mas ainda protegido no interior da muralha, que regista reparações que presumimos motivadas por destruições causadas aquando da conquista visigoda, nos finais do século VI (Pereira, 2018).

Igualmente abandonadas nessa época terão sido as unidades construídas na zona arqueológica do teatro romano. A estrutura que parasitou a basílica norte do edifício de espetáculos, designada por UC1, assim como aquelas que se adossaram ao muro perimetral, na plataforma superior da colina, referenciadas como UC2 e UC3, apresentam materiais que permitem considerar o seu abandono em finais do século VI (Martins *et al.*, 2015; 2018b; Martínez Peñín, 2018a). Por sua vez, os níveis de abandono e destruição da Casa da Bica, logo a este da UC3, apresentam como materiais datantes um conjunto de peças de fabricos e formas com cronologias entre os séculos V e VI, designadamente engobes brancos e cinzentas tardias do grupo 1, que imitam os pratos focenses Hayes 3 (400–550), ao

que se soma peças em sigilata africana Clara D, sigilata hispânica Drag. 37t (250–380) e cinzentas tardias dos grupos 1 e 2, cerâmicas produzidas na Antiguidade Tardia, cuja datação, com exceção da taça hispânica, abrange vários séculos. Dadas essas realidades, podemos assumir que as estruturas tardias implantadas na zona arqueológica do teatro foram igualmente abandonadas, sensivelmente, em finais do século VI, presumivelmente após o ataque visigodo à cidade, em 585.

Se, eventualmente, os sinais de abandono detetados no setor sudeste da cidade podem ser enquadrados como situações pontuais e localizadas, sem expressão no conjunto do tecido urbano bracarense, outros elementos advogam pelo caráter global do fenómeno que temos vindo a apresentar. A diminuição no número de peças cerâmicas e de vidro em todos os contextos datados do século VII é, sem dúvidas, um bom indicador da queda da demografia no corpo cívico da cidade, também corroborada nos contextos funerários, onde se observam mudanças do mesmo processo social.

Apesar das imensas dificuldades em datar as sepulturas tardias nos núcleos de necrópoles identificados nas imediações das vias que saíam de *Bracara*, devido à ausência de qualquer tipo de espólio nos enterramentos, o exaustivo e, por isso, extraordinário estudo realizado por Cristina Braga (2018) forneceu um quadro bastante completo das dinâmicas funerárias na cidade entre os momentos fundacionais e os finais da Antiguidade Tardia. No que toca ao período tardio, documenta-se uma generalizada redução do número de enterramentos, datáveis entre os séculos V–VII. Na verdade, apesar desse bloco cronológico apresentar valores bastante semelhantes ao número de sepulturas verificado para o século II, sensivelmente 70 sepulturas, entre os núcleos identificados, esse valor corresponde a um período três vezes maior.

O estudo das mudanças no mundo funerário requer uma maior atenção, pois apresenta especificidades espaciais que os divergem de outros contextos, constituindo um contexto que revela maiores dificuldade de enquadramento e compreensão no quadro da Arqueologia Urbana, tendo em conta que os limites das intervenções arqueológicas em meio urbano são determinados não pelos espaços da cidade antiga, mas pelas dimensões de lotes e espaços que conformam a malha das cidades na atualidade, o que resulta, no conhecimento parcelar de estruturas antigas, dificultado no caso das necrópoles que se dispunham em torno das cidades romanas. Estas circunstâncias são percetíveis a partir do conhecimento da cidade romana de *Bracara Augusta*, cuja atividade arqueológica permitiu por a descoberto um amplo conjunto de estruturas e contextos, especialmente nos últimos cinquenta anos, no âmbito do "Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*" (Martins *et al.*, 2013b).

Embora a escavação ou restituição completa dos contextos arqueológicos não tenha sido possível na maioria das situações, em particular no Centro Histórico de Braga, verifica-se que os

edificados, embora apenas parcialmente identificados, ocupam áreas bem definidas e conhecidas graças à restituição da malha urbana bracaraugustana (Martins *et al.*, 2017a; 2017b), possuindo plantas com formas padronizadas que facilitam ensaios de projeção de muros e pavimentos não escavados ou preservados. A proposta de planta do teatro romano de *Bracara Augusta*, cuja escavação ainda se encontra em curso, é um bom exemplo desse fenómeno (Martins *et al.*, 2013a), assim como o conhecimento das *domus*, cuja evolução tem vindo a ser restituída a partir de um número limitado de vestígios (Magalhães, 2019; Mendonça, 2019).

Se os edifícios, públicos ou privados, têm a vantagem de serem inseridos na malha urbana e terem plantas aproximadas a um modelo, o que os torna mais suscetíveis a serem restituídos a nível planimétrico e volumétrico, outros contextos são significativamente mais limitados e difíceis de inferir, como acontece com as necrópoles. Embora alguns dos espaços sepulcrais bracaraugustanos já tenham sido alvo de análise aprofundada, especialmente aqueles associados à via XVII, nas proximidades das portas da cidade (Braga, 2010), é deveras difícil estabelecer os limites precisos dessas áreas, destinadas aos enterramentos, principalmente quando não é possível a sua total escavação. Por esse motivo, faz-se necessário realizar análises que reúnam os vestígios identificados em diferentes intervenções com o intuito de estabelecer uma leitura espacialmente mais ampla, para melhor perceber as práticas funerárias, quanto à sua distribuição, cronologia e caraterísticas, apesar da certeza da parcialidade do objeto de estudo e da dúvida sobre qual a percentagem conhecida de um todo impossível de rastrear.

A imagem que conseguimos produzir sobre os aspetos sociais, económicos e urbanísticos a partir dos dados disponíveis sobre *Bracara*, entre os finais do século III e os inícios do V, não apresenta nenhum sinal seguro de esvaziamento demográfico crítico ou significativo (Martins & Magalhães, 2021), muito embora, paradoxalmente, o número de sepultamentos nos núcleos de necrópoles conhecidos decaia bruscamente nesse período. Em valores, durante a dinastia nerva-antonina foram individualizadas cerca de 63 sepulturas, somando-se inumações e cremações, quantidade que se reduz para menos de 10 no período dos severos, subindo para sensivelmente 20 na primeira tetrarquia e 30 ao longo do século IV (Braga, 2018).

Ora, é justamente no século IV que se documenta uma maior pujança da cidade, quando *Bracara* se torna capital de província romana. A diferença entre os números verificados de sepulturas no mundo funerário e a expectativa do seu possível crescimento, face ao dinamismo urbano, pode explicar-se pela possível emergência de novos núcleos das necrópoles, cuja localização é desconhecida e cuja preferência é, por conseguinte, impossível de avaliar. Na verdade, como bem salientou C. Braga (2018), no primeiro momento, sensivelmente nos dois primeiros séculos da época imperial, os espaços

dedicados aos sepultamentos expandiram-se ao longo das vias, afastando-se da cidade, enquanto na fase seguinte observa-se uma nova estratégia que privilegia o afastamento em relação à via, o que implicou áreas de tumulação cada vez mais amplas e, portanto, mas difíceis de serem completamente registadas face aos diferentes e bastante heterogéneos impulsos construtivos da cidade de Braga na atualidade.

Não obstante, a partir do século III observa-se ainda outras alterações no modo como os defuntos eram dispostos nas necrópoles bracarenses. Nesse momento, verifica-se o protagonismo das orientações O/E, ONO/ESE e OSO/ENE e a intensificação da escolha de não depositar espólios nos enterramentos, modalidade de prática funerária que começa, nesse período, a tornar-se maioritária (Braga, 2018). Nesse sentido, o reduzido número de sepulturas identificadas, entre os séculos III e IV, não estaria associado à diminuição da população bracarense, registando-se justamente o oposto, atendendo a que o aumento da demografia no início da Antiguidade Tardia exigiu que se ampliassem as áreas destinadas aos sepultamentos, que nesse momento estão dispostas em locais ainda mais distantes da cidade e do eixo das vias, fenómeno muito bem inferido a partir do setor localizado na Cangosta da Palha, correspondente ao alargamento da necrópole da via XVII, em finais do século II (Martins & Delgado, 1989/90), sendo conhecidos outros núcleos da mesma necrópole, na rua 25 de abril, no largo da Senhora-a-Branca (Fontes *et al.*, 2019; 2022) e em S. Vitor (Braga, 2018).

Projetando-se, portanto, uma área destinada aos enterramentos, no período tardio, muito mais ampla daquela que temos documentada, com uma quantidade de sepulturas datáveis dos séculos III e IV significativamente mais elevada, julgamos que o grande bloco cronológico dos séculos V–VII, quando se verifica uma recuperação numérica dos enterramentos, pode ser dividido, virtualmente, em dois momentos. O primeiro, relaciona-se com o século V que apresenta um quadro global de grandes continuidades sociais e económicas, ainda que não macropolíticas, pelo que julgamos não ter havido significativas alterações quantitativas no uso das necrópoles, o que justifica, no século VI, a ação dos bispos em regulamentar espacialmente e, depois, liturgicamente os sepultamentos, respetivamente no I e II Concílio de Braga (Vives & Marín, 1963). O segundo momento, a partir dos finais do século VI, regista uma redução no número de sepulturas, acompanhando a diminuição da população urbana. Na verdade, no seguimento do quadro que antes apresentámos, sobre o afastamento dos núcleos de necrópole em relação à cidade e ao eixo da via, assim como as considerações sobre a redução da população urbana de *Bracara*, vemos uma maior presença populacional no território bracarense, seja em locais bastante próximos, como nas áreas suburbanas de S. Victor e S. Vicente, ambas com enterramentos tardios identificados (Braga, 2018), onde se ergueram basílicas martiriais. No que toca a S. Vicente, cabe

destacar o importante testemunho documentado numa inscrição dos inícios do século VII, que regista uma mudança promovida pela ação clerical. Falamos da epígrafe que se encontra adossada à Igreja de S. Vicente que regista a morte de Remismuera, no dia 1 de maio de 618, indicando-se que se trata de uma segunda-feira, expressão que concorda com as alterações no calendário promovidas por S. Martinho (Fontes, 2008).

Apesar de darmos ênfase às dinâmicas sociais e económicas na formulação da argumentação hermenêutica do desenvolvimento de *Bracara* no período tardio, importa destacar um evento extra-humano, para além da Praga de Justiniano, que pode ter promovido, em algum grau, esse processo de redução demográfica da cidade. Mau grado as imensas dúvidas sobre a origem do período de "escuridão" que assolou boa parte do hemisfério norte em 535, cujas hipóteses de causa repousam, no momento, em atividades vulcânicas coetâneas, ou o impacto de um cometa (MacIntyre, 2002; Rigby *et al.*, 2004; Sigl *et al.*, 2015), a verdade é que uma imensa nuvem de poeira recobriu os céus ao longo desse ano, evento que foi referenciado por autores da época, como Procópio de Cesareia e Cassiodoro, tendo afetado todo o continente europeu, a América do Norte e a Ásia, e, possivelmente, a América Central e do Sul, a África e a Austrália (Keys, 1999; Gunn, 2000). Os efeitos desse evento natural foram diferentes e, muitas vezes, bem locais ou pontuais, mas sempre presentes. Na Europa e, particularmente, na parte ocidental, a falta de luz solar afetou as plantações e provocou fome por vários anos ou mesmo décadas (Young, 2000). Não nos é possível mensurar os efeitos da falta de sol em 536–537, ou os da considerada Peste de Justiniano em *Bracara*. Contudo, face ao caráter pontual desses momentos de crise, acreditamos que o seu impacto nas estruturas ou conjunturas sociais e económicas da cidade não tenha sido globalmente significativo, ainda que isso não represente danos e oscilações diretas em determinados momentos ou locais, como as mudanças de proprietários na área urbana ou rural, designadamente de equipamentos, desocupados por falência ou pela morte das famílias. Contudo, em algumas décadas, esses momentos de crise teriam sido superados, ainda que a Peste de Justiniano tenha conhecido alguma ciclicidade ao longo de dois séculos. A isso se deve o frequentíssimo hábito das mais diversas sociedades em esquecer os tempos pandémicos ao superá-los[61].

A cidade de *Bracara* no século VII apresentava-se bastante diferente das experiências urbanas que a antecederam. Com a conquista visigoda e a perda de uma nobreza política, subsistiu no centro urbano apenas a elite clerical, o que justifica a expressiva queda dos fluxos comerciais externos e, certamente também, a decadência de serviços ofertados por falta de consumidores. A incapacidade de

[61] Esse tema hoje é particularmente visível nos estudos sobre a memória da Gripe Espanhola, de 1918 e a pandemia de Covid–19, em 2020–2021 (Esteves, 2020), ainda que os seus efeitos perdurem por mais tempo, inclusivamente os de natureza médica (Esteves, 2022). Em algumas décadas a tendência é de se esquecer os horrores das crises epidémicas, facto que se revela bem assente na comum ausência de preparos e cuidados no sentido de impedir ou diminuir as possibilidades de futuras doenças de alto contágio.

garantir a reprodução social e económica face à perda de função de um conjunto de pessoas levou ao êxodo de indivíduos e famílias para as zonas rurais das dioceses que constituem o território associado ao metropolita bracarense.

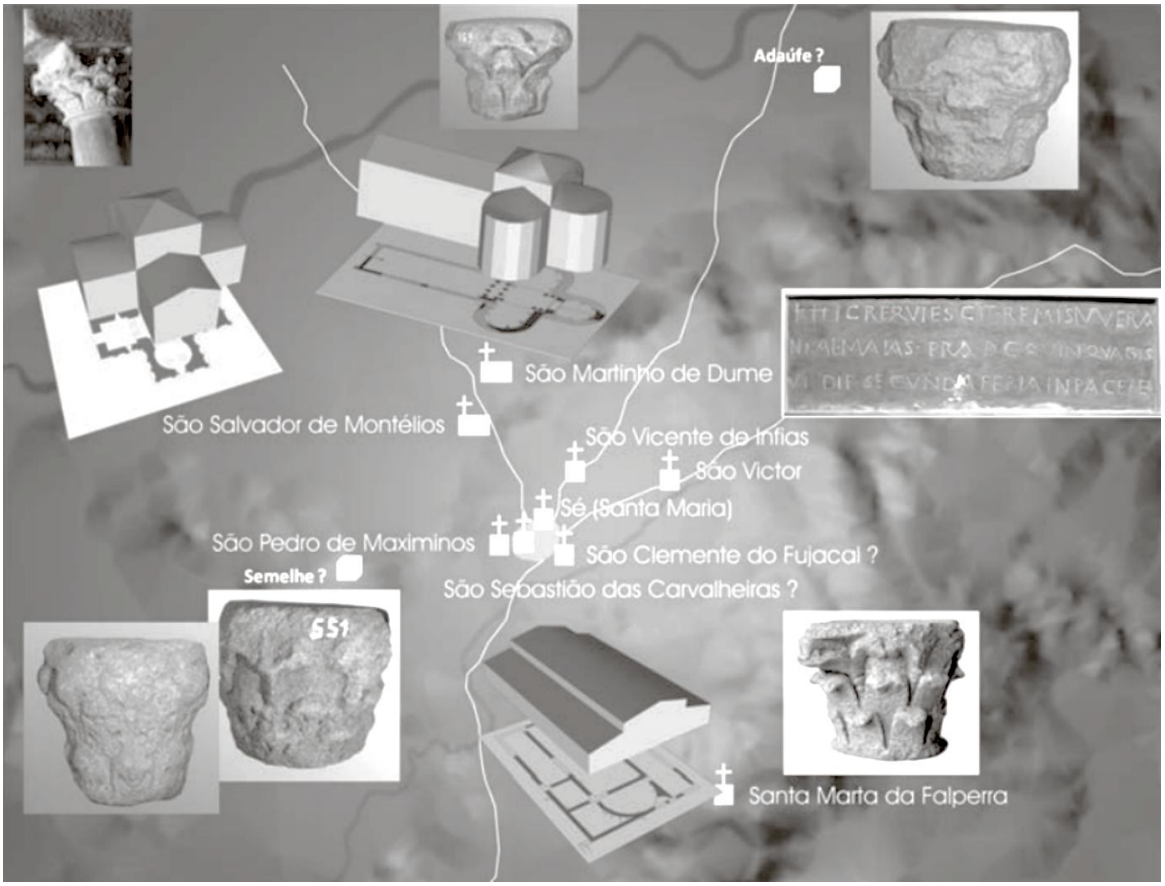


Figura 75. Topografia cristã da periferia de *Bracara* na Antiguidade Tardia (Fontes & Andrade, 2018).

Embora não seja possível vislumbrar os ritmos da saída de pessoas da cidade, face aos dados disponíveis, o mais provável é que tenha sido algo gradual ao longo da primeira metade do século VII, mas que já apresentaria um considerável incremento na população rural em meados dessa centúria (Figura 75). De facto, ao analisarmos a ação episcopal na década de 660, em particular do bispo S. Frutuoso, verificámos uma elevada atenção ao povoamento da região, movimento que se encontra bem documentado na fundação de novos mosteiros e igrejas por toda o Minho, dentre os quais o de S. Salvador, a cerca de 2 km de *Bracara*, é dos mais conhecidos devido ao mausoléu que o bispo mandou construir, junto ao mosteiro, um objeto arquitetónico que tem recebido a maior das atenções nos estudos sobre a arte pré-românica em Portugal (Fontes, 2008).

Mais significativo na obra de S. Frutuoso é o seu grande empreendimento em regulamentar a vida e a economia monásticas. Certamente que a sua inspiração veio do mosteiro que fundou em

Compludo, nas terras que pertenciam à sua família, perto de *Asturica*, antes de se assumir como bispo de Dume e Braga, tendo redigido, entre 630–635, a *Regula monachorum Complutensis*, um manual bastante amplo sobre as liturgias, as práticas comensais, o trabalho, a resposta aos crimes e o trato com os idosos no seio da comunidade monacal, no qual se observa a manutenção das doutrinas provenientes dos textos dos padres do deserto e a ausência dos postulados de S. Bento (*Iberian Fathers*, vol. 2).

Na sequência da positiva experiência em *Compludo*, Frutuoso fundou outros mosteiros em diversos locais da *Gallaecia*, *Lusitania* e *Baetica*, até ser ordenando bispo de Dume e, durante o X Concílio de Toledo, quando foi eleito bispo metropolitano de Braga (*Fructuosum ecclesiae Dumiensis episcopum conmuni onmium nostrorum electione constituimus ecclesiae Bracarensis gubernacula continere*) e na sequência da punição aplicada a Potámio pela confissão de quebra do celibato (*Potamius Bracarensis ecclesiae episcopus de factis propriis suis uerbisque adnotarat articulis* [...] *confessionem eius agnito quod tanto foemineo sorduisset stupro*) (Vives y Marín, 1963). Embora difícil de precisar, mas sensivelmente por esse momento, S. Frutuoso teria escrita um novo regulamento sobre a vida monástica, desta feita, direcionado a todos os equipamentos monacais. A *Regula Monastica Communis* compreende um conjunto de regras bem maior que aquela destinada ao mosteiro complutense, sobretudo no que toca ao controlo da fundação e gestão dos mosteiros. O primeiro capítulo dessa *regula* estipula que ninguém pode criar mosteiros sem a autorização do bispo, proibição que no capítulo 2 se estende igualmente aos membros do clero secular. No que toca aos indivíduos que desejam integrar a comunidade religiosa, as regras frutuosianas determinam que sejam despojados de todos os bens e esses doados à Igreja ou aos pobres, renunciando, portanto, aos herdeiros de qualquer tipo (capítulo 4), enquanto aqueles que fugissem do monastério podiam ser capturados e trazidos a força e, caso se reunissem com as suas famílias, todo o agregado seria excomunhado e expropriado (capítulo 20). No plano social, que ocupa a maior parte da *regula*, encontram-se regras pormenorizadas sobre todos os aspetos diários, como os horários dedicados ao trabalho e às orações, a alimentação, o trato com os idosos e enfermos, a divisão de tarefas e responsabilidades, entre monges, deões, priores e abades, as punições etc., assim como os casos extraordinários ou específicos, como a presença de mulheres e homens no mesmo mosteiro, a receção a famílias com crianças menores de 7 anos ou o protocolo inerente à visita de monges a comunidades femininas (*Iberian Fathers*, vol. 2).

As reformas realizadas nos ordenamentos monásticos, sobretudo acerca da estreita relação com a *sedes Bracarensis*, através do papel central dos bispos na fundação das comunidades e a aquisição de bens e propriedades dos ingressos e dos monges desertores, ampliaram significativamente o poder da Igreja e dos prelados de *Bracara* na área diocesana. A relação entre a cidade e o território

seria refletida na apropriação e no uso simbólico do espaço e na instalação de centros cristãos nas periferias urbanas e nas áreas rurais, como igrejas e mosteiros, enquanto uma estratégia para consolidar a presença e a influência do Metropolita sobre o território.

Os regulamentos estipulados pela *regula* de S. Frutuoso, ao que se inclui também a *Regula Monachorum* de Isidoro de Sevilha (Isid. *Reg. Monac.*), possuíram um papel económico e jurídico, cuja oficialidade e sacramentalidade foram instrumentalizadas através de um acordo que devia ser assinado pelo abade, prior, deão e demais membros masculinos e femininos da comunidade monacal, conhecido como o *Pactum* (Bishko, 1948; *Iberian Fathers*, vol. 2). Desse modo, os metropolitanos bracarenses possuíam um controlo bastante expressivo do território, através de mosteiros e paróquias rurais.

Mau grado a dificuldade em se definir a fundação da grande maioria dos elementos que constituíam o povoamento, cujos materiais ou referências na documentação textual apenas possibilitam o seu enquadramento entre os séculos V–VII, a imagem que temos do território do entre-Douro-e-Minho, nos finais da Antiguidade Tardia, é de uma rede que se apresenta bastante integrada (Fontes, 2008; 2009). De facto, a interligação entre os diferentes aglomerados que conformavam a paisagem minhota era garantida por meio da manutenção da rede viária que recortava a região (Fontes, 2020).

Ora, o movimento monástico que ocorreu no Noroeste ibérico no período visigótico, mas igualmente presente no resto do território, e, sobretudo, a necessidade de se regulamentar as comunidades religiosas advém do gradual êxodo urbano experienciado desde, pelo menos, os finais do século VI. A atenção dada pelos bispos bracarenses a esta questão em aprimorar as relações com as paróquias rurais e os mosteiros justifica-se pelo crescente número de indivíduos que para lá migraram, uma vez que o fim do reino suevo alterou significativamente o quadro social das cidades, especialmente de *Bracara*, face à perda de função de um conjunto de pessoas que estariam ligadas a atividades agora extintas, seja pela sua associação à destituída corte sueva, seja pela sua ligação às atividades económicas comerciais, particularmente às importações, que conheceram uma redução brutal.

Mas a cidade, definitivamente, continuou ocupada ao longo de todo o século VII. Enquanto sede de diocese metropolitana, *Bracara* manteve-se, junto a *Emerita*, *Toleto/ Urbis Regiae*, *Hispalis*, *Narbo* e *Tarraco*, como uma das principais cidades no quadro administrativo da Península Ibérica, assegurando a capitalidade da província da *Gallaecia* no reino visigodo. Desse modo, havia uma elite que habitava a cidade, composta pelo bispo e demais membros do alto clero, assim como outros grupos sociais, como representantes comerciais de mosteiros, bem como uma população, embora mais diminuta, que garantia a continuidade da generalidade das funções urbanas. A *Bracara* desse período já apresentaria sinais de redução espacial, tendendo a concentrar-se em redor da basílica e do complexo episcopal, enquanto os

terrenos da parte sul do perímetro amuralhado, seja nos subúrbios, teriam sido progressivamente transformados em campos agrícolas. Esse processo de redução urbana encontra expressão nos dados arqueológicos de natureza construtiva, mas também no contexto dos materiais cerâmicos que eram consumidas na cidade. De facto, os contextos datáveis desse período apresentam apenas dois fabricos, um comum, tanto em cinzenta tardia do grupo 2 como em manufaturas de cerâmica comum romana e outro bastante residual associado a importações de sigilatas. O repertório formal das peças comuns dessa época, bem como o pouco investimento na realização de acabamentos e decorações, regista o caráter homogéneo e conservador da maioria da população bracarense, sendo representado, sobretudo, por objetos fechados, como potes, bilhas e vasos de armazenagem, todos associados ao armazenamento, enquanto os abertos, menos frequentes, apresentam tachos de asa interior para a preparação dos alimentos, pratos e tigelas, destinados ao consumo individual, bem como travessas, que revelam hábitos comensais coletivos.

Por outro lado, a presença das *sigillatae* no registo arqueológico (Figura 76), em quantidades bastante escassas, reiteram tanto a manutenção de uma elite eclesiástica na cidade, como a reduzida quantidade de seus membros. Igualmente significativa é a identificação de duas formas distintas entre os fragmentos de cerâmica importada, designadamente um prato Hayes 106 e uma taça Hayes 91D, ambos na zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168, pois revelam a permanência de práticas comensais, supostamente entre os membros da elite religiosa, que já não seriam partilhadas por parte do restante da população, tendo em conta a diminuição da quantidade de pratos e a completa ausência de taças nos fabricos de cerâmica comum.

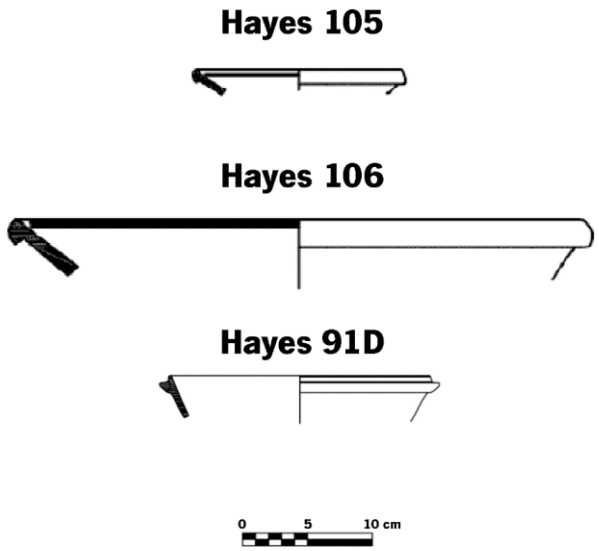


Figura 76. Desenho dos pratos Hayes 105 e 106 e da taça Hayes 91D identificados na zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão 166/168.

Entretanto, é preciso considerar que parte da loiça que seria utilizada pelo alto clero, sobretudo pelo bispo, devia ser metálica. Apesar da completa falta de dados arqueológicos que suportem o uso de prata ou bronze no serviço de mesa dos prelados, no III Concílio de Braga, presidido por Leodegísio Julião, em 675, foi discutido, entre outros pontos, que alguns bispos utilizariam os vasos consagrados para uso próprio, fora das atividades eclesiásticas (*sacerdotum sacrilega temeritate praecipites uasa Domini in proprios usus*). Em outro ponto das atas do mesmo concílio, quando se condenava o uso do leite e a prática de molhar o pão no vinho, durante a comunhão eucarística, o texto revela a presença de cálices entre os *uasa diuina* das igrejas (*uinum in sacramento dominici calicis offerre* [...] *seorsum enim panis et seorsum calicis comendatio*). Contudo, o ponto acerca da profanação dos objetos sagrados reforça, por argumentos teológicos, o uso desses *uasa Domini* para a ingestão de alimentos e, em particular, de carne (*et ibi esum carnium crapulatus adsumat, ubi divina uisus est celebrasse mysteria*), pelo que podemos considerar um repertório mais amplo, constituído também por peças abertas (Vives y Marín, 1963). Nesse sentido, podemos acreditar que haveria na cidade objetos litúrgicos com formas distintas daquelas verificadas no repertório cerâmico, provavelmente em metal, o que não impede que outras peças, sem função religiosa, igualmente figurassem na mesa da elite eclesiástica, promovendo a diferenciação social entre esse grupo e os demais residentes urbanos (Veblen, 2018).

A arqueologia permite documentar mudanças na composição do repertório cerâmico noutras áreas da *Gallaecia* integradas no reino visigodo, sendo importante reiterar que as dioceses sufragâneas situadas a sul do rio Douro, como Idanha, Lamego e *Conimbriga* foram transpostas para o Metropolita de Mérida desde meados do século VI, de modo que a rede eclesiástica liderada pelo bispo bracarense

ficou restrita às dioceses do Porto, Tui, Astorga, Britania, Ourense, Lugo e Iria, todas a norte do Douro, como se deduz dos bispos presentes no I Concílio de Mérida, em 666 e no III Concílio de Braga, em 675 (Vives y Marín, 1963). A relação entre Mérida, o território do centro português e o Alentejo encontram-se refletidas nos diálogos entre os grupos escultóricos da arte visigoda presentes nessas regiões (Wrench, 2008), muito embora o material disponível para o enquadramento da escultura arquitetónica do Minho, para esse período, seja ainda muito deficitário, o que impede o estabelecimento de eventuais contactos entre o Norte e o Centro. Nesse sentido, julgamos fundamental proceder a uma caraterização mais satisfatória dos elementos decorativos em gesso, xisto e granito que foram identificados recentemente na rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10 (Magalhães *et al.*, 2023), presumivelmente correspondentes ao paço episcopal tardo-antigo bracarense.

Tentando perspetivar a produção cerâmica no Noroeste da Península Ibérica após o fim do reino suevo, é importante revisitar novamente o porto de Vigo que nos fornece dados deveras interessantes sobre os fluxos comerciais atlânticos e mediterrânicos, registando-se uma significativa queda o volume de importações, desde os finais do século VI, uma tendência que persiste ao longo de todo o século VII, que regista níveis ainda mais reduzidos de importações (Fernández Fernández & Bartolomé Abraira, 2016). Nesse período, documenta-se nas zonas costeiras da *Gallaecia* um maior consumo de sigilatas orientais, enquanto o Exarcado de Cartago privilegiou as relações comerciais com as possessões bizantinas na Itália e com a Gália franca, que desde os finais do século VI já havia conquistado a Provença e nela o importante porto de Marselha, registando-se uma certa estabilidade das relações dos merovíngios em vários momentos ao longo desse período, designadamente com os visigodos do Levante ibérico (Kaegi, 2003; Bonifay, 2004).

As diferenças entre os contextos costeiros e os do interior acentuam-se nesse momento. Os estudos sobre a dispersão das produções locais, ainda que bastante insuficientes, têm apontado para uma regionalização das cerâmicas em áreas cada vez mais reduzidas em comparação com o período suevo, assim como uma gradativa alteração nas peças produzidas, cujo repertório formal e decorativo sofreu uma diminuição considerável, predominando os recipientes do tipo pote/panela, enquanto as caraterísticas técnicas e os acabamentos conhecem um menor investimento, aumentando-se os fabricos a torno lento ou manuais com superfícies mais rugosas ou ásperas (Tejerizo-García, 2020). Na área abastecida pela produção bracarense, por exemplo, assiste-se a uma maior presença das cerâmicas do grupo 2 das cinzentas tardias.

Nos momentos finais da Antiguidade Tardia, cidade de *Bracara* apresenta-se como um importante centro administrativo e económico do território galaico, preservada que foi a sua dignidade

de diocese metropolitana, embora a perda de funções políticas tenha resultado na diminuição do seu corpo cívico e em grandes mudanças na sociedade, particularmente visíveis na maior diferença entre as classes que a compunham. Fisicamente, a cidade ainda possuía traços que lembravam a sua capitalidade da província romana da *Gallaecia*, no século IV e do reino suevo, nos séculos V e VI, como a muralha, que continuava a definir um vasto perímetro urbano, a basílica e o complexo episcopal, persistindo ativos alguns eixos viários da matriz romana, como acontecia com o cardo e decumano principais, que ligavam às principais portas da cidade e às vias que asseguravam a articulação da cidade com o território (Ribeiro, 2008; Martins & Ribeiro, 2013; Machado *et al.*, 2020). Contudo, a secção sul do centro urbano já se encontraria bastante descaracterizada, com um avançado nível de abandono da generalidade das habitações, dos edifícios termais e de espetáculo, do *forum* e das zonas artesanais, cujos saques dos materiais construtivos se iniciaram ainda nos séculos VI–VII (Martins, 2005). Uma parte significativa dessa área ter-se-ia transformado em campos agrícolas ao longo do século VII. Simbolicamente, porém, a manutenção da sede metropolitana e da capitalidade da província (visigótica) da *Gallaecia* conferia à figura dos bispos uma imagem de sucessores do governo da cidade e da região, ainda que com alguns conflitos localizados no campo moral, que exigiam uma ação mais expressiva dos prelados e demais membros do clero e, no campo legal, sobretudo associado com disputas de terras que paulatinamente eram incorporadas nos termos de mosteiros, paróquias e *comes*/condados. Não obstante, a forma como essa elite eclesiástica se apresentava, em particular os bispos, supunha igualmente um conteúdo *tradicional* e, portanto, perfeitamente reconhecível, que remetia às elites provinciais romanas e depois suevas, em que se verificava a manutenção de determinados hábitos alimentares e comensais, o que, concomitantemente, reforçava a sua diferenciação da restante da população, como bem documentam os materiais cerâmicos, mas também o conteúdo das atas dos concílios regionais.

1.3 De diocese sem bispo a província eclesiástica do Reino de Portugal: *Bracara* na Alta Idade Média (séculos VIII–XIII)

Nos inícios do século VIII regista-se uma mudança radical do cenário político da Península Ibérica. A entrada dos muçulmanos naquele território e o modo como nele penetraram rapidamente documenta uma profunda desestruturação no reino visigótico, que findou com a conquista da capital, Toledo. O rápido e o amplo sucesso da campanha invasora encontram explicações entre os problemas internos das elites visigóticas e na significativa redução populacional do território, face às crises pandémicas, que provocaram fomes pontuais e quedas demográficas um pouco por toda a Península

(*Akh. maj.*, 7.BkS; Mattoso, 2009a), ao que poderia somar-se, eventualmente, no cenário urbano do Noroeste ibérico, a dispersão da população em pequenos núcleos dispostos pelo território, com cidades mais esvaziadas, situação que pode ter apresentado uma dificuldade acrescida aquando da necessidade de defender os aglomerados face aos exércitos invasores.

Embora a campanha muçulmana não tenha sido capaz de dominar toda a Península Ibérica, dada a resistência asturiana e os eventos que obrigaram os exércitos muçulmanos a recuar, o que determinou o estabelecimento da fronteira noroeste do Garb Al-Andalus, no rio Douro, a igreja bracarense foi severamente afetada pela invasão da cidade em 715. Ainda que não nos seja possível determinar a ação dos invasores na cidade, sabemos que houve alguma destruição, ainda que, eventualmente, pontual. De facto, assinala-se uma reforma no século IX da basílica de *Bracara* e a demolição e posterior abandono do complexo episcopal (Fontes *et al.*, 1997–98; Martins *et al.*, 2022), assim como a necessidade de se construir uma nova muralha (Ribeiro, 2008), factos que documentam a passagem dos muçulmanos pela cidade. Seja pelo impacto físico dos invasores, seja pelo temor de novas incursões, o alto clero das dioceses localizadas na metade sul da província da *Gallaecia* exilou-se nos territórios a norte, designadamente o de *Bracara* (Dume e Porto) e Ourense, em Lugo e o de Tui, em Iria.

A fuga do bispo bracarense e da sua corte traduziu-se, na prática, na ausência de qualquer elite administrativa na cidade, embora a figura jurídica da diocese de *Bracara*, inclusivamente o seu caráter metropolitano, tenham sido mantidos enquanto o prelado residia em Mondonhedo (Lugo). Porém, a cidade permaneceu ocupada, conforme se pode inferir dos parcos, frágeis e muito mal preservados vestígios arqueológicos dessa época, que permitem vislumbrar a permanência de uma população, ainda que reduzida e voltada à sua própria subsistência.

Os edifícios destruídos pela passagem dos muçulmanos pela cidade, em particular a muralha, a basílica e o complexo episcopal, conheceram trajetórias bastante distintas e documentam a nova realidade do centro urbano. A cerca precisava de ser reparada, mas faltava capacidade de gestão e meios financeiros para realizar o empreendimento. Também o seu vasto perímetro era excessivo para albergar um pequeno núcleo de população residente, o que determinou a sua redução, realizada através da manutenção do tramo norte e nordeste e a construção de um novo muro na secção sul e oeste, conformando um novo perímetro amuralhado que correspondia, sensivelmente, ao quadrante nordeste da anterior cidade romana e tardo-antiga, ou, em termos urbanísticos, aproximadamente *ultra decumanus maximus* e *dextra kardo maximus*, ainda que o seguimento norte do cardo tenha sido integrado no centro medieval (Martins & Ribeiro, 2013). Essa nova muralha foi construída de modo apressado e com recurso a materiais reaproveitados de construções que haviam já sido abandonadas,

caraterísticas que revelam a falta de um corpo administrativo capaz de ordenar e planear a sua execução. Este processo encontra-se muito bem se documentado na zona arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão 166/168, onde foram identificados amplos saques associados à implantação da nova cerca, construída com blocos graníticos de diferentes dimensões, muitos dos quais partidos, dispostos de modo desordenado, reaproveitando elementos materiais variados, como mós e tijolos (Mendonça, 2019).

A basílica conheceu uma trajetória algo semelhante. Embora não nos seja possível comparar, em termos de dimensão e volume, o edifício tardo-antigo e o pré-românico, julgamos que tenham sido algo aproximados, visto que as fundações do limite norte foram registadas em posições e orientações, *grosso modo*, similares, não obstante, a basílica alto-medieval revela, a par da reutilização de diversos blocos graníticos provenientes de construções romanas e tardo-antigas, alguns elementos estilisticamente enquadráveis na arte pré-românica (Gaspar, 1985; Fontes *et al.*, 1997–98). A introdução na cidade de elementos construtivos das correntes arquitetónicas medievais é reveladora da permanência de algum contacto externo, o que julgamos estar associado à formação do baixo clero que atuava em *Bracara*. De facto, a reconstrução da basílica, apesar da ausência do bispo, documenta a existência de uma comunidade residente que se reunia na *ecclesia*.

Contrariamente, o complexo episcopal teve um destino bastante distinto. Após a sua destruição, não parece ter havido o intento de reconstruir ou reparar o edifício, não tendo sido documentado nenhum saque ou nova construção, na zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite 8/10, até, pelo menos, ao século XIV (Martins *et al.*, 2022). De facto, o abandono do complexo episcopal e a transformação do espaço onde se encontrava em área desocupada é perfeitamente compreensível face à ausência do bispo, reforçando, de certa forma, o caráter reduzido e produtivo da população residente que persistiu a habitar a cidade, que não investiu energia, tempo e materiais num edifício, cujo uso seria improvável, dada a permanência do alto clero bracarense em Mondonhedo (Lugo). Podemos, ainda, presumir algum trauma inicial pelo evento destrutivo e um silêncio posterior em relação à perda da residência episcopal, sugerida pela completa ausência de qualquer referência a esse edifício em documentações posteriores como o mapa de Braunio, do século XVI, ou os estudos realizados por D. Rodrigo da Cunha (1634a) e Jerónimo Contador de Argote (1738) sobre a história da cidade e da igreja de Braga.

Os materiais presentes no nível de abandono do complexo episcopal documentam três fabricos cerâmicos, designadamente comum romana, cinzenta tardia do grupo 2 e comum alto-medieval (rua Nossa Senhora do Leite 8/10, UE126). Aparentemente, aquele nível formou-se ao longo de poucas décadas após a destruição do edifício, sendo rapidamente recoberto por um enchimento que regularizou

a cota de circulação da área atrás da basílica, o que pode ter acontecido ainda em meados do século VIII. Ainda que não nos seja possível restituir os ritmos das mudanças técnicas que, embora pequenas, assinalam uma produção cerâmica ligeiramente diferente na Alta Idade Média, os materiais presentes no nível de abandono desse edifício reforçam a manutenção de uma população residente em *Bracara* após o ataque muçulmano.

A cidade alto-medieval apresenta, portanto, uma rutura simbólica bastante significativa em relação àquela que podemos inferir para o século VII, a qual se veicula à ausência na cidade de uma elite política e religiosa, ainda que, no plano administrativo dependesse do bispo metropolitano, que mantinha um parco e distante controlo a partir de Lugo e mantivesse uma ligação ao reino das Astúrias, que ainda no século VIII iniciou algumas investidas na Galiza e no Minho para assegurar o domínio cristão a norte do Douro. De facto, a sociedade bracarense estava restrita a indivíduos comuns que residiam no interior do núcleo amuralhado restaurado e cultivava os campos à volta, dispostos sobre as antigas ruínas da antiga área interna à cerca tardo-antiga (Pacheco, 2017; Fernandes, 2018).

Embora seja certo que as destruições muçulmanas e a subsequente ausência do alto clero tenham transformado, em diferentes níveis, a vida da população bracarense, materialmente houve um quadro geral de continuidade em determinados grupos sociais e nas suas atividades. *Mutatis mutandis*, regista-se uma intensificação do processo de ruralização observado no século VII, que vai afetar tanto a cidade como os subúrbios, designadamente as paróquias e mosteiros da região. Esse fenómeno encontra-se particularmente bem documentado nas transformações da produção cerâmica comum tardo-antiga (o grupo 2 das cinzentas tardias) para a alto-medieval.

Mau grado as dificuldades em se identificar níveis estratigráficos seguramente datados dos séculos VIII-XI em Braga, apesar de se identificarem produções desse período em níveis de revolvimento posteriores, fenómeno já discutido por outros investigadores (Gaspar, 1995; Fontes & Gaspar, 1997), não nos foi possível reverter essa situação, pelo temos necessariamente que recorrer às intervenções realizadas em sítios arqueológicos próximos da cidade de Braga, para caracterizar as produções alto-medievais. Falamos do da igreja de S. Martinho de Dume (2 km de Braga) e do castelo de Penafiel de Bastuço (6 km de Braga), que fornecem contextos melhor datados. A presença em Braga de peças que apresentam uma clara semelhança com as encontradas nos locais referidos, em contextos relativamente bem datados, permite o estabelecimento de um quadro de referência da circulação dos recipientes que abasteceram a região entre os séculos VIII-XI (Figura 77).

Os recipientes identificados em Dume são caraterizadas maioritariamente por formas fechadas e algumas poucas abertas, de médias dimensões, produzidas em argila micácea, com desengordurantes

visíveis de tamanhos variados, representados, sobretudo, por quartzos, feldspatos e cerâmica moída, apresentando colorações que variam entre o castanho e cinzento. As suas propriedades semânticas e culturais, expressas através da relação forma e função, permitem classificar as peças como potes, panelas, alguidares e talhas e classificá-las como recipientes associados à armazenagem e preparação de alimentos. Já as peças como as bilhas e pratos, menos representadas no registo arqueológico, estariam relacionados com o serviço de mesa (Fontes & Gaspar, 1997). À semelhança do que acontece com os objetos identificados em Dume, aqueles que são provenientes do castelo de Penafiel de Bastuço, recuperados em camadas datáveis dos séculos X-XI, apresentam pastas igualmente micáceas e desengordurantes com calibre entre o pequeno e o médio, exibindo superfícies com tonalidades castanhas e acinzentadas. Já as formas identificadas parecem revelar uma variedade significativamente menor, tendo sido reconhecidos apenas potes ou panelas, um resultado que pode dever-se ao alto grau de fragmentação das peças (Fontes & Regalo, 1997).

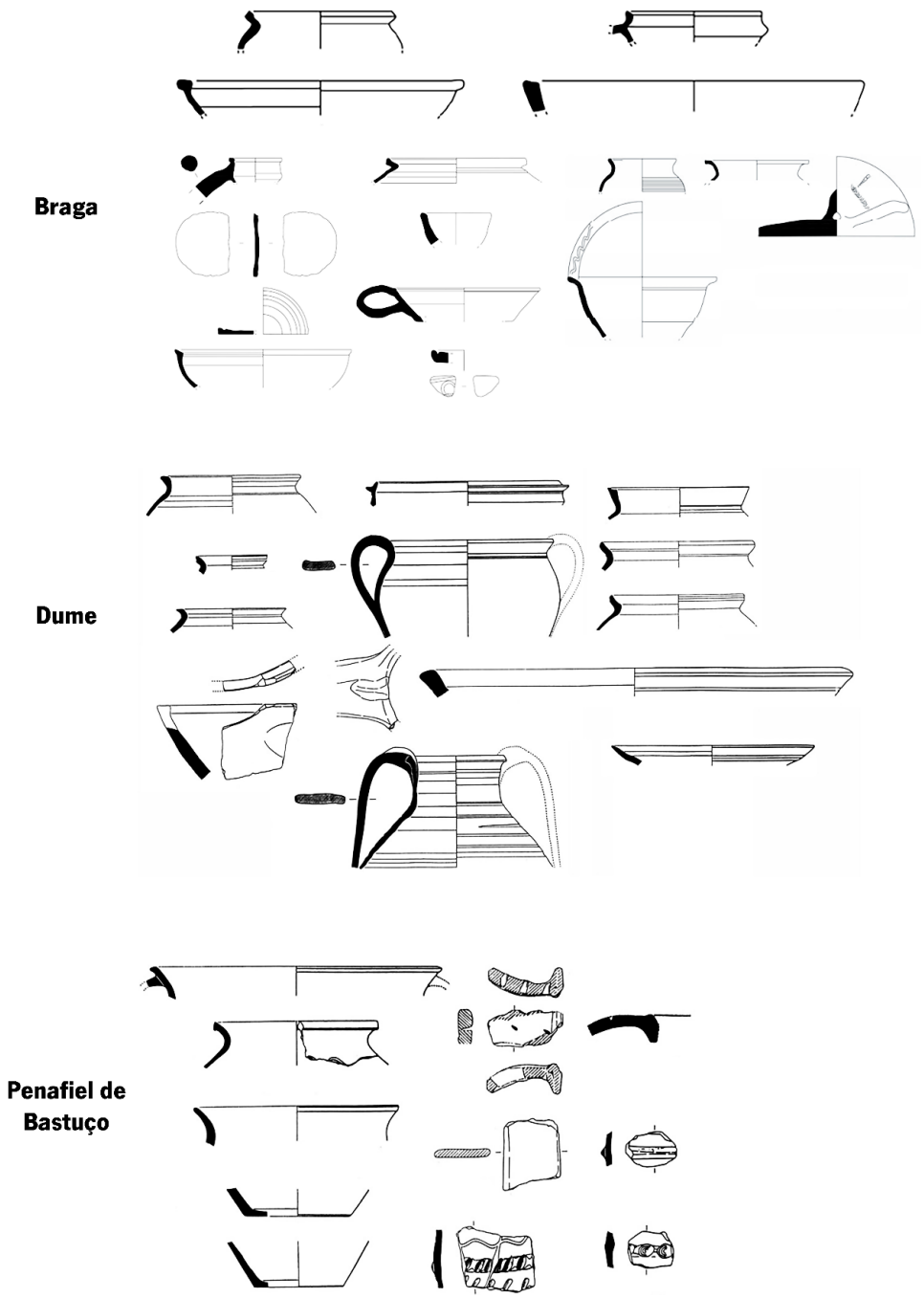


Figura 77. Quadro com os fabricos e formas na cidade e no território entre os séculos VIII–XII[62].

A análise dessas produções a partir de sua "*indexicalidade*", ou seja, dos possíveis índices que conseguimos estabelecer, permitem a proposição de algumas inferências. Assim, a caraterização das pastas e dos elementos não-plásticos alude a argilas e modos de fabrico típicos da região bracarense, particularmente de barreiros localizados na zona de Prado/Ucha. Com efeito, são verificadas grandes

[62] O quadro não apresenta a totalidade das formas identificadas na cidade, pois isso seria impossível no espaço disponível, estando mais completo para o espólio proveniente de Dume e do castelo de Penafiel de Bastuço. A composição realizada tem por objetivo uma aproximação à diversidade produtiva e morfológica das cerâmicas entre os séculos VIII–XII (Gaspar, 1995; Fontes & Gaspar, 1997; Fontes & Regalo, 1997; Martínez Peñín, 2013; *et al.*, 2014; Martínez Peñín & Martins, 2016; Martínez Peñín *et al.*, 2018c).

semelhanças entre esses fabricos e os que caracterizam a produção de cerâmica cinzenta tardia do grupo 2 (Delgado & Morais, 2009, pp. 61; 68–69), cujos estudos analíticos confirmaram a sua origem na referida região (Gaspar, 2000, pp. 81–85). Não obstante, para além dessa semelhança do fabrico, podemos assinalar uma contiguidade a nível formal. As cerâmicas cinzentas tardias do grupo 2 caraterizam-se por um repertório eminentemente comum, no qual estão presentes recipientes fechados, como potes, bilhas e vasos de armazenagem, e abertos, de que são exemplo as tigelas, pratos, travessas e tachos de asa interior, peças produzidas ao torno ou manualmente, através da técnica do rolo, apresentando paredes espessas e as superfícies apenas alisadas ou escovadas, acabamento que, geralmente, se restringe ao exterior da peça (Gaspar, 2000; Delgado & Morais, 2009, p. 61). Nesse sentido, atestam-se contiguidades nas caraterísticas visuais, associadas às formas e coloração das superfícies, mas também nas táteis, ambas revelando um acabamento pouco cuidado e superfícies rugosas, podendo ainda ser estendidas às técnicas de fabrico, ambiente de cozedura e área de circulação, que corresponde, *grosso modo*, à região de Braga.

No que toca à "*factoralidade*", ou seja, à análise que leva em conta as relações do signo enquanto uma sinédoque, uma parte de um todo, salientamos novamente o quadro morfológico recuperado dos fabricos comuns em circulação nos inícios da Idade Média, que, além de reiterar a baixa variedade formal dos recipientes, indica também a desproporcionalidade entre as formas reconhecidas. Assim, os potes e bilhas representam cerca de 88% de todo o conjunto cerâmico identificado em Braga e em Dume, enquanto os outros recipientes, designadamente os vasos de armazenagem, tigelas, pratos, travessas e tachos de asa interior, ficam reduzidos a, sensivelmente, cerca de 12% das peças consumidas (Fontes & Gaspar, 1997, p. 206). Também a presença maioritária de objetos associados ao armazenamento de géneros alimentícios e líquidos por oposição àqueles que teriam uma função de serviço de mesa pode simbolizar um hábito de consumo associado a práticas de partilha de alimentos e de comensalidade em grupo, na qual é deveras reduzida a necessidade de pratos, tigelas, taças, copos, púcaros, malgas ou demais loiças que configuram uma individualidade mais expressiva à mesa.

Como vimos, a manutenção no século VII dos hábitos "romanos" de comensalidade, parece representar uma realidade que estaria associada às elites religiosas, inclusivamente com uso de cerâmicas importadas. Em relação à restante população, já vislumbrávamos uma alteração significativa nas atividades diárias e, sobretudo, um corpo cívico onde as capacidades de valorização e mobilidade dos grupos sociais se encontrava bastante reduzida. Essa profunda alteração do modo de conceber as relações entre as pessoas e as práticas de comunhão dos alimentos, que assinala uma marca da individualidade perante os hábitos alimentares, é deveras expressiva do contexto social e económico,

refletindo, na microescala, o modo de vida e a conceção de práticas de comensalidade. Contudo, ao alterarmos a escala de análise, ou passarmos de uma abordagem material para a superestrutura social, vemos como as transformações nas relações entre pessoas e os recipientes cerâmicos utilizados na cozinha, despensa e mesa, funcionam como uma sinédoque do quadro geral da economia e dos grupos sociais que atuavam na cidade.

Na Alta Idade Média registou-se uma transformação estrutural da sociedade bracarense, que se viu empobrecida e política e socialmente fragilizada depois da invasão muçulmana, dos inícios do século VIII. A insegurança que levou à transferência do alto clero para Lugo e as dificuldades no controlo dos territórios minhotos, na ausência de um poder político residente e certamente também da diáspora das elites urbanas, enfraqueceu a cidade, o que se encontra testemunhado numa retração bastante expressiva de natureza populacional e urbanística (Ribeiro, 2008; Martins *et al.*, 2016), facto que se refletiu na reconfiguração do tecido social da cidade alto medieval muito menos hierarquizado em comparação ao período precedente. As mudanças nas condições políticas, económicas e comerciais, que se tornaram, necessariamente, mais regionais, sem a pujança da integração do mundo atlântico e mediterrânico, ou mesmo à escala da província da *Gallaecia* ou do reino visigótico, produziu uma sociedade bastante diferente, seja na relação entre as pessoas, seja na relação destas com os objetos que consumiam e na forma como o faziam. Contudo, apesar de advogarmos por um grupo residente em *Bracara* que se apresenta materialmente homogéneo, certamente não se tratava de uma comunidade completamente igualitária. Na verdade, seja pela atuação do baixo clero, que seguiria as normativas emitidas pelo bispo, aprendidas em sua formação eclesiástica e reforçadas a cada homilia, seja pela própria natureza dos contactos humanos, as relações de poder permeiam todas as tramas das sociedades (Foucault, 1979)

A ação sustentada da corte asturiana na região bracarense só aconteceu em finais do século IX, destacando-se a presúria de *Portucale*, ordenada a Vimara Perez, em 868, e um pouco mais tarde a confirmação de *Bracara* ao bispo Flaviano Recaredo, em 905–910, e a delimitação do termo de Dume, em 911, embora desde 877 a diocese tenha sido extinta e as terras sido incorporadas na diocese de Mondonhedo (Ferreira, 1908; Fontes, 2015b).

A formulação de hierarquias provenientes das relações estabelecidas no interior de uma classe que se apresenta materialmente igual, pelo menos naquilo que os contextos e materiais arqueológicos preservados permitem inferir, certamente impulsionou, a partir do século IX e, sobretudo, nos séculos X–XI, a formação de uma nobreza reconhecida em termos de poder, terra e, sob o espectro da "reconquista", guerra (Mattoso, 2009b). Sobre a área bracarense, verifica-se, nesse momento, um amplo

território associado à diocese de Santa Maria (de Braga), embora internamente se encontre repartido em diferentes jurisdições reveladas pela presença de juízes e governadores que detinham distintas instâncias de poder sobre essas terras (Merêa & Girão, 1948).

As mudanças mais expressivas em *Bracara* só ocorreram, efetivamente, a partir do século XI. Eventualmente, podemos inserir esse movimento bracarense nas ondas de transformações mais amplas, ocorridas por todo o continente europeu, a partir do ano mil, identificadas por George Duby (2002), cujos resultados mais expressivos foram muito bem estudados por Jacques Le Goff (2018), num maior dinamismo económico, especialmente associado ao desenvolvimento efetivo de uma economia monetária e a alguns avanços tecnológicos que possibilitaram uma maior produção agrícola, a qual sustentou uma experiência urbana mais ampla, que viu o nascimento das universidades europeias, bem como uma renovação comercial entre os reinos. Trata-se, em suma, de um momento de melhoria climática e de redução das guerras entre os cristãos, ainda que, contrariamente, se verifique um aumento dos confrontos contra os muçulmanos, tanto na Península Ibérica como na Terra Santa, respetivamente, no âmbito da Reconquista e das Cruzadas. Nesse momento, designadamente em 1070, a alto clero bracarense retorna de Lugo e, sob a prelatura do bispo D. Pedro, a diocese de Braga foi restaurada.

A restauração da diocese de *Bracara* não foi um empreendimento fácil e pacífico, pois a prolongada ausência do alto clero das terras bracarenses produziu um quadro administrativo e político distinto, no qual as nobrezas leigas se foram afirmando e as ações dos bispos galegos, inicialmente de Lugo e depois de Compostela e Mondonhedo, foram restringindo o antigo território associado ao metropolita bracarense. Nesse sentido, uma das primeiras ações do bispo D. Pedro foi a organização do censual de Braga e a criação da escola catedralícia, em 1072, iniciativas que documentam a existência de um Cabido numeroso e atuante ainda em 1071, o que possibilitou a sagração da nova basílica, em 1089, implantada sobre o antigo templo pré-românico (Costa, 1956; 1997).

Os atritos entre os prelados de *Bracara* e os seus congéneres galegos, assim como as forças leigas presentes no território bracarense, não se resolveram durante os finais do século XI. Com efeito, nos inícios da centúria seguinte verificamos ainda algumas disputas territoriais por parte da diocese de *Bracara*. Uma delas é pela antiga diocese de Dume, que desde 877 se encontrava associada a Mondonhedo, cuja resolução só aconteceu 1103 por meio de uma bula do Papa Pascoal II dirigida ao bispo D. Gonçalo, quando Dume passou a estar definitivamente integrada na diocese de Braga (Ferreira, 1908). Mas, a ação do bispo D. Gonçalo, posteriormente beatificado e hoje S. Gonçalo, padroeiro da cidade de Braga, não se restringiu à reaquisição dumiense, tendo também providenciado à restauração da dignidade metropolitana da diocese de *Bracara*, assim como diversas reformas, sobretudo a nível

moral mas também a respeito da formação do clero bracarense, como se advém do importante documento *De Vita Sancti Geraldi*, escrito por Bernard, um amigo seu dos tempos de sua formação no mosteiro cluniacense de Moissac (*Vita Sancti Geraldi*; Lay, 2015).

O retorno do alto clero a *Bracara* em finais do século XI e a organização do corpo capitular da diocese, que implantou nos territórios bracarenses, uma vez mais, uma rede administrativa centrada no bispo e radiada pelas paróquias e mosteiros, certamente estimulou economicamente a cidade, tendo produzido efeitos na produção e no consumo de cerâmicas, na origem de um mercado mais diversificado e que se foi ampliando gradualmente. As mudanças na produção oleira terão sido inicialmente pequenas, tendo em conta que a maior parte da população não teria conhecido alterações nos seus modos de vida e nas atividades quotidianas, sendo também muito mal reconhecidas.

Na verdade, uma das caraterísticas mais marcantes da produção cerâmica alto-medieval nos reinos do Noroeste ibérico é a sua relação direta com as necessidades e o modo de vida das populações que abasteciam, sendo essa circulação restrita a um mercado regional, o que propiciava a criação de diferentes expressões oleiras neste território, cuja interação inter-regional se dava, *grosso modo*, nas zonas de contacto entre essas circunscrições. Nesse sentido, julgamos importante avaliar, ainda que em linhas gerais, a caraterização dos grupos cerâmicos alto-medievais na área ao redor do território bracarense.

As terras dispostas entre os rios Tejo e Douro configuravam uma zona de transição entre o mundo cristão do Norte e o Garb Al-Andalus. De facto, só muito raramente, e sempre de forma pontual, têm sido encontradas peças cerâmicas islâmicas a norte do rio Douro, como acontece com um candil do século X, proveniente da Croca, em Penafiel, ou com os púcaros de bordo direito arredondado e colo reto e um jarro de colo alto, ambos com moldura carenada, identificados em níveis do século VIII da Quinta do Paço Velho, em Ponte de Lima (Santos *et al.*, 2020). Nesse vasto território que hoje compreende o Centro português, o estudo das cerâmicas identificadas nos contextos do período emiral (sécs. VIII–IX) e califal (sécs. X–XI) revelam o contacto entre as influências nortenhas, sulistas e mesetanas na constituição do repertório formal das peças e os investimentos tecnológicos e decorativos empenhados na sua manufatura (Cavaco *et al.*, 2013). A análise do espólio ceramológico da região do Alto Mondego, onde está localizada a cidade de Coimbra, sublinha essa relação entre as diferentes expressões produtivas, na qual se reconhecessem, entre as cerâmicas locais, as influências do mundo islâmico, a sul, e da Meseta, a este. Essa produção carateriza-se pela presença maioritária de peças fechadas, com um claro predomínio dos potes/panelas de colo estrangulado, embora também se

verifique a presença de alguns exemplares abertos, como o caraterístico alguidar de base em disco (Tente, 2010; & De Man, 2016).

Contudo, o quadro das produções cerâmicas no Entre Tejo e Douro é bastante heterogéneo, certamente devido às diferentes intensidades da presença das populações islâmicas, que controlavam esse território (Figura 78). A área do Fundão, relacionada com a antiga Egitânia romana, também paróquia sueva, onde hoje está a povoação de Idanha-a-Velha, apresenta um consumo ceramológico no qual não se verifica nem as influências islâmicas, nem as mesetanas e nem paralelos com a produção cristã do Norte, estando ausentes as típicas punções, tão comuns nos exemplares nortenhos, nem a pintura a branco, que se manifesta de modo largamente difundido nas peças sulistas. Entretanto, o repertório formal reitera o caráter geral dos modos de vida das populações ibéricas periféricas aos centros de poder islâmicos, nas quais as peças fechadas dominam a produção, como os potes/panelas de diferentes tamanhos (Santos & Albuquerque, 2014).

Conforme avançamos para o norte, especialmente ao longo do rio Douro e nos seus afluentes da região alta, como o Côa e o Sabor, o cenário de trocas culturais parece bem marcado nas produções cerâmicas, fenómeno que certamente está associado à importante navegabilidade dessa bacia hidrográfica. De facto, as cerâmicas recuperadas no Castelo de Crestuma, em Vila Nova de Gaia, embora apresentem um claro predomínio da cozedura oxidante, fenómeno que distingue das produções coetâneas bracarenses, a morfologia das peças encontra um diálogo bastante próximo com os fabricos nortenhos, prevalecendo as formas fechadas, como potes/panelas, sobre as abertas, a exemplo dos alguidares (Silva & Sousa, 2014). Por sua vez, o espólio ceramológico proveniente da área de Arouca e Castelo de Paiva apresenta uma mistura de expressões produtivas islâmicas, como os vidrados melados e candis, mas também cristãs, especialmente quanto ao repertório formal e decorativo (Lima, 2014; Silva & Ribeiro, 2014).

Embora com uma cronologia um pouco posterior àquela que estamos abordando, nomeadamente entre os séculos XII–XIII, os estudos realizados por Miguel Rodrigues (1994) sobre as cerâmicas medievais da região de Moncorvo apresentam um conjunto de indícios bastante significativos e úteis para a análise que nos propomos. Nesse trabalho, o autor analisou o espólio ceramológico de dois sítios bastante diferentes, a torre roqueira do Baldoeiro e a vila de Santa Cruz da Vilariça. Embora os materiais provenientes dos dois locais apresentem grandes semelhanças, como o uso de cozeduras redutoras, o predomínio das formas fechadas, especialmente os potes/panelas, mas também a presença de alguidares com fundo em disco, foi igualmente assinalado um conjunto de diferenças entre as cerâmicas provenientes de cada um desses locais.

O povoado roqueiro do Baldoeiro foi um equipamento implantado no século XI, aquando da ampliação a sul do domínio cristão, tendo permanecido em funcionamento até a centúria seguinte, de modo que a sua ocupação está, sobretudo, associada à defesa do território conquistado, o que não impedia um uso doméstico secundário. As cerâmicas identificadas nos níveis de abandono dessa estrutura revelam fabricos bastante distintos e um repertório formal mais restrito, o que parece estar associado à ausência de um centro oleiro único que abasteceria a torre.

Por outro lado, a vila nova de Santa Cruz da Vilariça foi um povoado implantado por ordem do rei Sancho I, nos finais do século XII, que recebeu uma carta de foral em 1225, por Sancho II, cujo processo de despovoamento se iniciou ainda nos finais do século XIII, quando as funções político-administrativas foram transferidas para Torre de Moncorvo, tendo o completo abandono do povoado ocorrido ao longo do século XIV. O espólio ceramológico lá identificado revela uma maior homogeneidade de fabricos, fenómeno que sugere a instalação, nas proximidades, de um centro oleiro que teria aproveitado o mercado que a vila proporcionava, assim como a variedade de formas, especialmente no que toca às peças associadas ao serviço de mesa, como pratos, tigelas, púcaros e taças, denota um caráter mais urbano de seus consumidores e que condiz, em linhas gerais, como a multiplicação de formas verificadas um pouco por todo o território do Reino de Portugal a partir do século XIII.

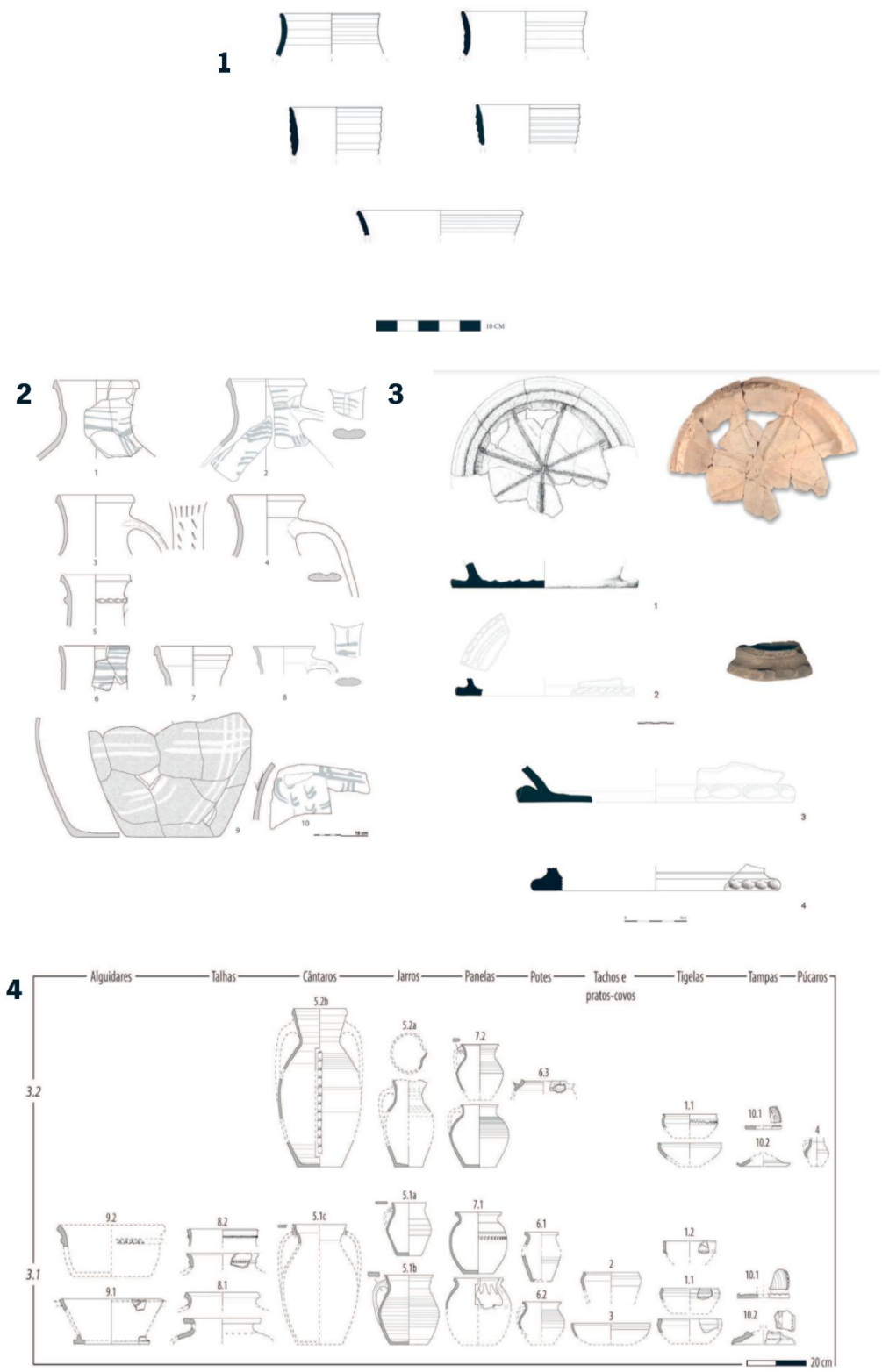


Figura 78. Expressões oleiras alto-medievais do Centro de Portugal: 1) púcaros de Conímbriga, séculos IX–XI (De Man *et al.*, 2014); 2) cântaros pintados de *Aeminium*, séculos X–XI (Silva, 2014); 3) alguidares de fundo em disco de Arouca, séculos X–XI (Silva & Ribeiro, 2014); 4) repertório formal da cerâmica de Viseu, século XIII (Rodrigues, 2014).

A relação entre os centros oleiros e os seus mercados consumidores, embora pouco frequente na bibliografia medieval, encontra alguns estudos para a região do Entre Douro e Minho. Num importante

trabalho, publicado em 1993, Mário Barroca fez o levantamento das referências aos centros oleiros e telheiros presentes nas Inquirições de 1220 e de 1258, e em algumas coleções documentais disponíveis à época, produzindo a primeira cartografia dessas zonas artesanais na região. Invariavelmente, para que uma olaria fosse implantada seria necessário um conjunto de matérias-primas disponíveis nas proximidades, ou facilidades de transporte para as argilas, mas também para madeira e água, existindo outros fatores que determinam a existência de olarias, como um mercado consumidor acessível, seja nas imediações, seja através de vias e caminhos (Figura 79).

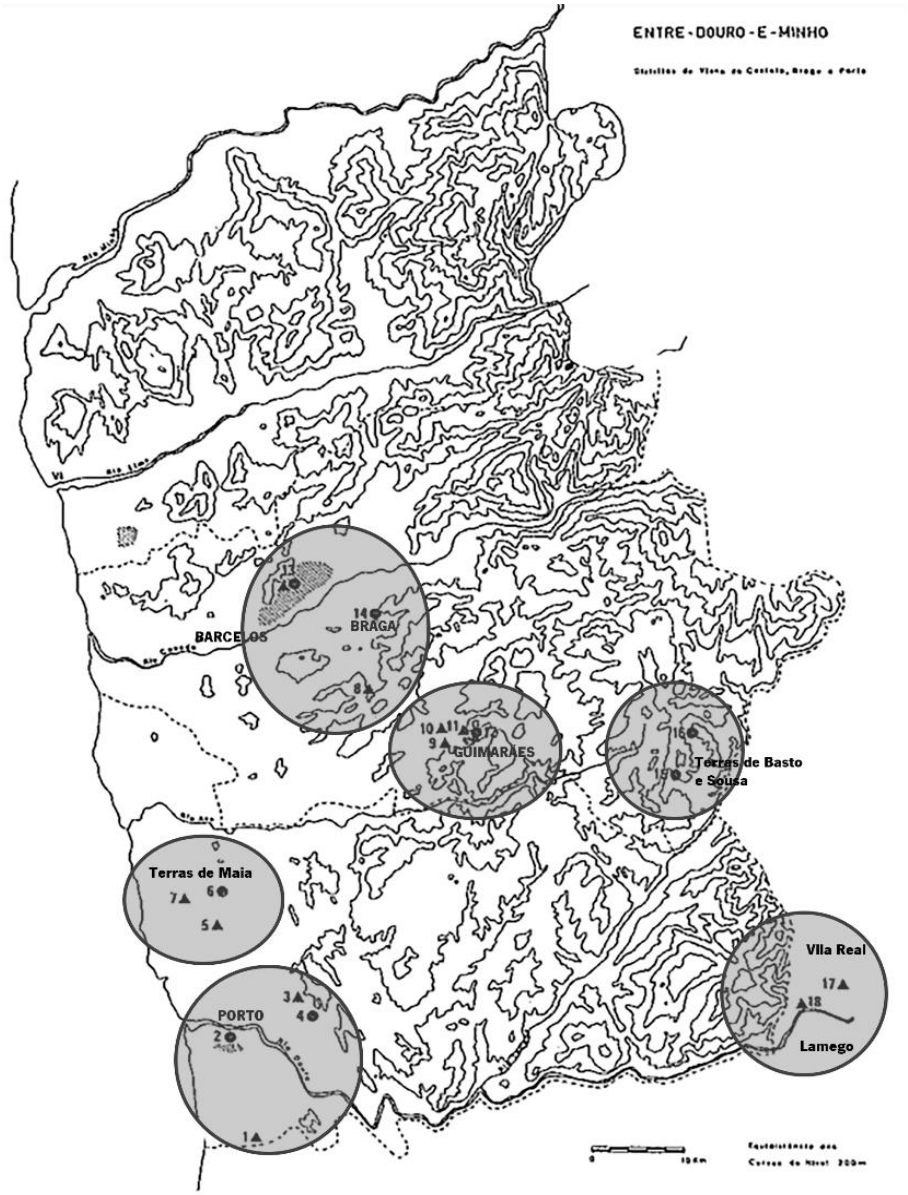


Figura 79. Centros oleiros no Entre Douro e Minho (adapt. Barroca, 1993).

A existência de um mercado consumidor acessível torna-se particularmente evidente quando analisamos a cartografia dos centros oleiros no Entre Douro e Minho, na qual se destacam seis zonas de concentração desses equipamentos: Porto, Braga/Barcelos, Guimarães, Terras de Basto, Terras da Maia e Baixo Corgo (Barroca, 1993).

O abastecimento das cidades do Porto e de Braga, assim como as vilas de Guimarães e Barcelos, naturalmente exigia um número significativo de peças cerâmicas a serem comercializadas regularmente nesses centros urbanos, o que condiz perfeitamente com as múltiplas referências encontradas na documentação textual. Situação similar, embora numa escala certamente menor, encontramos nas olarias localizadas na Maia (Moreira e Quiraz) e em Vila do Conde (Vilar do Pinheiro), inseridos nas terras da Maia, em Celorico de Bastos (Infesta e Vale de Bouro), associadas à importante povoação nas terras de Basto e Sousa e em Peso da Régua e Mesão Frio, que abasteceriam Vila Real e, certamente em conjunto com outras a sul do Douro, a diocese de Lamego.

No caso de Braga, que usava argilas de Prado desde a época romana, julgamos que a dependência da cidade relativamente aos centros oleiros de Prado poderá ter sido pouco significativa e, potencialmente, diferenciada em termos cronológicos. Assim, haverá que ter em conta a toponímia da cidade medieval, especificamente referenciada nas ruas da Olaria e do Forno, situadas nas imediações da Catedral, como indicadora de produção oleira na Braga medieval (Ribeiro, 2008), testemunhada também pela fossa de descarte encontrada nas escavações da rua de N. Senhora do Leite (Gaspar, 1985). Tal não significa que Braga não pudesse importar algumas peças dos centros oleiros, muito embora seja ainda desconhecida a especificidade dessa produção. Na verdade, segundo Mário Barroca (1993), os centros oleiros de Prado constituiriam, potencialmente, a mais importante zona de produção de cerâmica do norte de Portugal, que se estendia, sensivelmente, desde Cervães (Vila Verde) até Galegos e Areias de Vilar (Barcelos). O grande volume dessa produção, assim como a reconhecida qualidade das peças, levou a que os oleiros do Julgado de Prado tivessem que pagar os foros a duas entidades, a Arquidiocese de Braga e à Monarquia do Reino de Portugal.

Os produtos manufaturados em Prado chegaram a grande parte dos centros consumidores do Norte, designadamente as localidades de Braga, Porto, Santo Tirso, Vila do Conde, Barcelos, Esposende, Guimarães, Amares, Vila Verde e Viana do Castelo, lista que certamente é mais extensa, mas cuja restrição se dá pela informação disponível, além de terem sido comercializadas na importante feira de Prado, que se reunia quinzenalmente, pelo menos desde os inícios do século XIV (Barroca, 1993). Não obstante, é válido reiterar que as zonas produtoras de Prado permaneceram ativas até ao século XX (Fernandes, 1996; 2013), mantendo a distintiva qualidade de suas peças, sobre as quais encontram-se

elogiosas referências, ainda no século XVIII, como se verifica na obra *Corografia Portugueza*, reconhecendo-se que "tem bom barro de que fazem telha e louça ordinária, que vão vender por toda a Província [de Entre Douro e Minho]" (Costa, 1706, p. 247).

O caráter altamente regional da cerâmica medieval, em particular a bracarense, é um instrumento deveras importante para tentar colmatar as dificuldades em se identificar contextos bem datados da Alta Idade Média na cidade. No entanto, importará no futuro destrinçar a produção de Prado, que chegava aos mercados da cidade de Braga, daquela que era produzida pelos oleiros urbanos. A mesma questão se coloca relativamente aos materiais alto-medievais do mosteiro de S. Martinho de Dume (Martínez Peñín *et al.*, 2016b) e do castelo de Penafiel de Bastuço (Fontes & Regalo, 1997), que colhem paralelo nos contextos bracarenses por nós analisados, exibindo formas, produções e decorações iguais às encontradas em Braga para o mesmo período (Fontes & Gaspar, 1997; Gaspar, 2003). Por isso, é importante procurar definir as características que individualizavam, ou não, os dois centros de produção de Prado e de Braga.

As diferenças entre as cerâmicas identificadas nos níveis de abandono do castelo de Penafiel de Bastuço e no mosteiro de S. Martinho de Dume reproduzem aquelas observadas para a torre do Baldoeiro e a vila de Santa Cruz da Vilariça, em Moncorvo (Rodrigues, 1994). No primeiro, o repertório formal é bastante reduzido e a restituição das peças encontra-se severamente prejudicada pelo alto nível de fragmentação do espólio, mas está representado pelo predomínio absoluto dos potes/panelas e, residualmente, pelos jarros (Fontes & Regalo, 1997, pp. 208–217). Por sua vez, o material ceramológico recuperado no mosteiro de S. Martinho de Dume é significativamente mais numeroso e apresenta uma igualmente superior diversidade morfológica, na qual são verificadas tigelas, pratos, travessas e cadinhos, para além dos típicos potes/panelas e das jarras (Martínez Peñín *et al.*, 2016a).

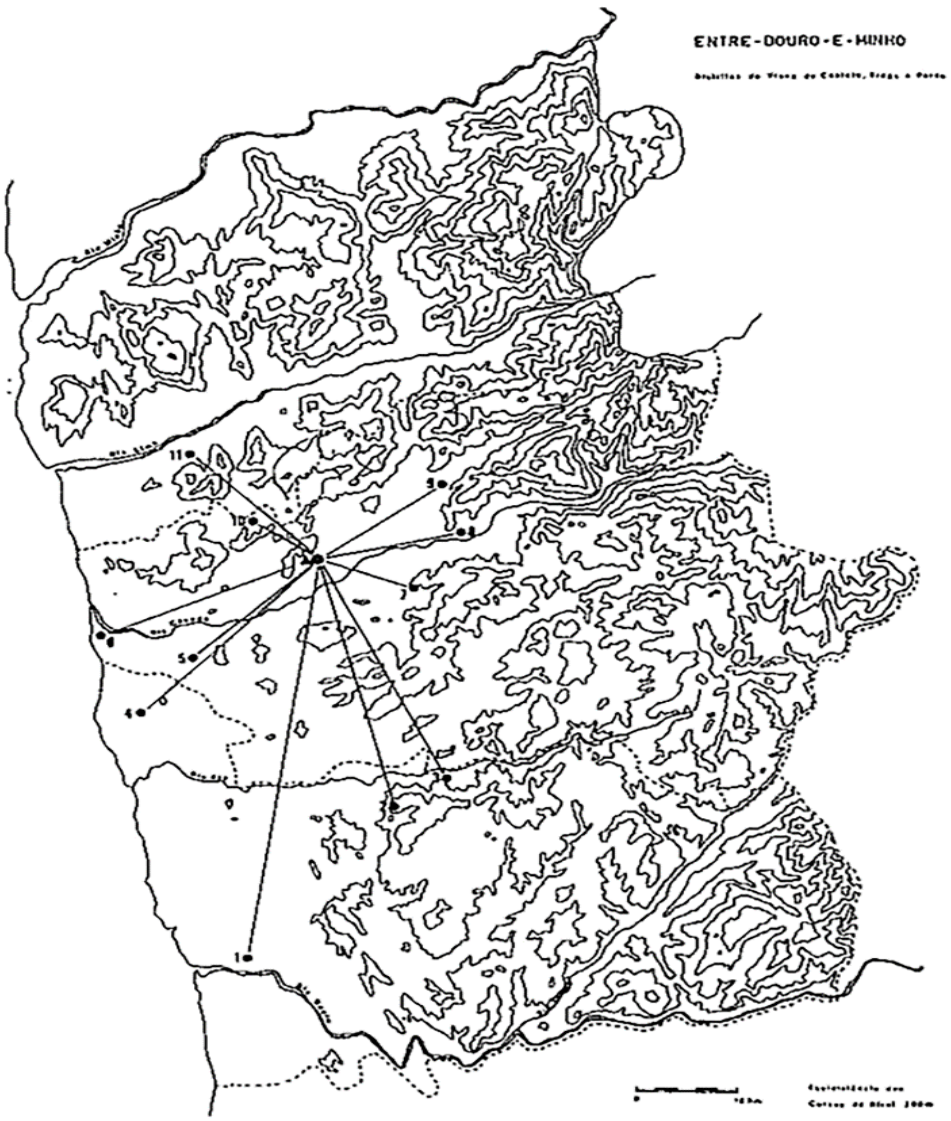


Figura 80. Sítios com cerâmica medieval de Prado documentada (Barroca, 1993).

Mau grado a falta de estudos sobre as cerâmicas alto-medievais de grande parte do norte português, cujo potencial comparativo seria fundamental para melhor explorarmos as redes comerciais dos diferentes centros oleiros, contamos com um estudo que merece particular atenção. Na sua dissertação de mestrado, Lília Freitas (2013) realizou a análise das cerâmicas comuns provenientes de contextos estratigrafados do mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, a 1,3km a leste da vila medieval, implantado provavelmente no século X, sobre um antigo templo de origem suevo-visigótica, mas que sofreu grandes reformas e ampliações entre os séculos XII–XVI, quando foi controlado pela ordem religiosa dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. A análise do espólio ceramológico veio a corroborar a hipótese da anterioridade tardo-antiga da referida estrutura, uma vez que foram reconhecidas peças em cinzenta tardia, grupo 2 (fabrico 1). Sobre o conjunto alto-medieval, a autora individualizou 5 fabricos distintos (2–6), cuja caraterização das pastas e dos acabamentos possibilitaram

a identificação de paralelos em 4 deles: os fabricos 2, 3, 5 e 6 assemelham-se aos exemplares recolhidos em Dume, Penafiel de Bastuço, Tibães, no Castelo de Lindoso e, sobretudo, na cidade de Braga. Contrariamente, a autora não encontrou paralelos para o fabrico registado com o número 4, que representa um grupo pouco numeroso, constituído por panelas com bordo ligeiramente esvasado e lábio biselado que apresentam duas asas de fita de preensão vertical e secção aplanada, cujo arranque dá-se na altura do colo (Freitas, 2013; & Real, 2014).

É significativo, pois, que um mosteiro tão próximo a Guimarães e, por conseguinte, dos centros oleiros dispostos nas imediações da vila, apresente um consumo tão elevado de cerâmicas provenientes da zona bracarense. Seja pela incapacidade das olarias vimaranenses de produzir a quantidade necessária para proporcionar um excedente às necessidades de Guimarães, seja por gosto da comunidade monacal, ou por acordos entre os produtores de Prado e o Mosteiro de Santa Marinha da Costa, fica claro que a cerâmica proveniente dos centros oleiros instalados em Prado conheceram um significativo sucesso na aquisição de mercados suprarregionais, sendo o vimaranense apenas um exemplo (Figura 80). Esta tendência é complementada, por exemplo, com a cerâmica bracarense encontrada na cidade do Porto, a qual parece estar restrita, sobretudo, a produtos finos, como os "pichees" bragueses dos séculos XIII–XV (Barroca, 1993), que correspondem a jarros produzidos com os fabricos Gaspar 1 e 2, de forma bastante elaborada, que apresentam um acentuado estrangulamento na zona entre a parede e a base e fundos e um diâmetro proporcionalmente reduzido, enquanto as paredes são muito finas em toda a extensão da peça e as superfícies bem alisadas e profusamente decoradas com incisões, digitais, perfurações, caneluras e aplicações plásticas de cintas verticais (Gaspar, 1985, pp. 70–71).

O caso bracarense, no quadro das expressões cerâmicas medievais portuguesas, é bastante particular. As oficinas oleiras da zona de Prado, tal como acontecia com as produzidas pelo oleiros da cidade, apresentam uma identidade produtiva muito própria, na qual não se verifica qualquer influência das peças do sul islâmico a nível decorativo e tecnológico, como as pinturas a branco ou os vidrados, que só foram introduzidos nas olarias bracarenses no século XV, embora seja possível assumir alguma residualidade a nível do repertório formal, face à identificação de um alguidar com fundo em disco na rua Nossa Senhora do Leite (Gaspar, 1985, pp. 71–72, Est. XVI, 5). Trata-se de uma peça bastante típica do período alto-medieval do centro português, porém com uma cronologia já baixo-medieval e com uma decoração golpeada que introduz nessa peça "exógena" a expressão identitária das cerâmicas da região bracarense. Um exemplar em tudo bastante semelhante dessa peça foi igualmente identificado no Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Freitas, 2013, p. 73, Est. 6) (Figura 81).

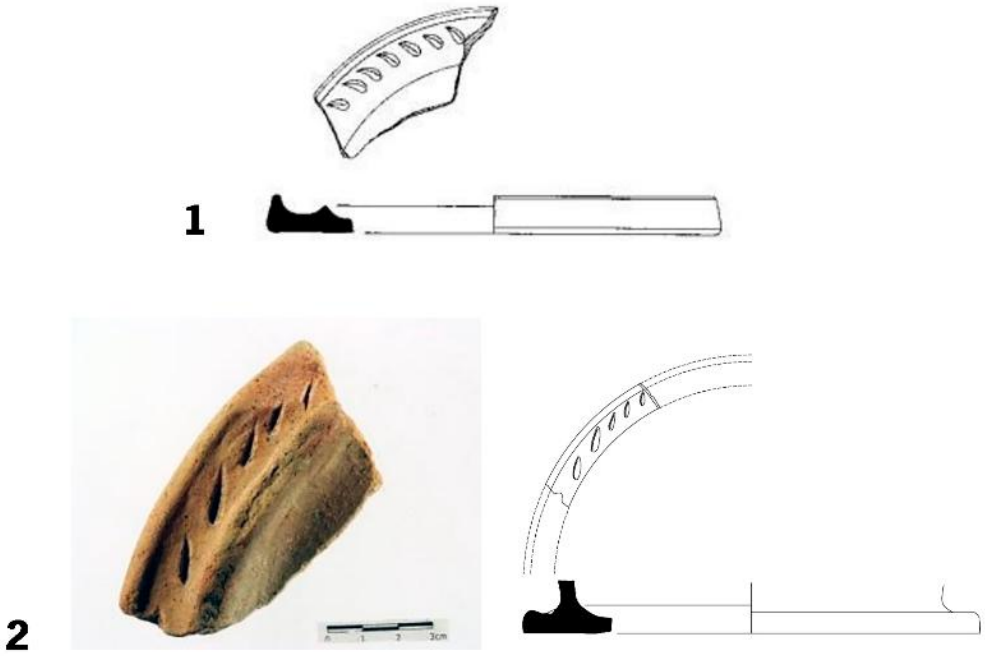


Figura 81. Alguidares de fundo em disco provenientes das olarias de Prado identificados em: 1) Braga (Gaspar, 1985, pp. 71–72, Est. XVI, 5) e; 2) Guimarães (Freitas, 2013, p. 73, Est. 6).

A ausência dessa forma nas camadas dos séculos XIV–XVI, analisadas na Parte II, leva-nos a considerar que, além da residualidade dessa peça em contextos bracarenses, o seu fabrico deu-se nos momentos iniciais da produção baixo-medieval de Prado, entre os finais do século XIII e os inícios do século XIV. Contudo, a existência dessa forma é significativa por, pelo menos, dois motivos. Em primeiro lugar, ela documenta a capacidade de adaptação dos oleiros bracarenses às novas exigências que, eventualmente, os consumidores terão passado a ter, demonstrando com bastante eficácia a capacidade de se adaptarem a produzir novos recipientes. Por outro lado, é importante notar que não se trata de uma mera reprodução de uma nova forma. Os alguidares de base em disco encontrados tanto em Braga, na rua Nossa Senhora do Leite, como em Guimarães, no Convento de Santa Marinha da Costa, apresentam caraterísticas técnicas que documentam o seu perfeito enquadramento no grupo de fabrico Gaspar 1, enquanto a decoração da superfície externa, apesar dos fragmentos recolhidos estarem restritos ao fundo e arranque da parede, é reveladora da apropriação cultural dessas peças por parte dos oleiros locais, que ressignificaram simbolicamente algo "externo", no que toca à forma, a partir da introdução de elementos da gramática decorativa bracarense. Porém, a fraca presença dessas peças nos contextos baixo-medievais da cidade, bem como a sua aparente circunscrição aos finais do século XIII e inícios do XIV, parece-nos suficiente para sugerir uma certa reprovação desses alguidares entre os consumidores das cerâmicas de Prado, o que teria motivado o abandono do seu fabrico. Não obstante, importa ressaltar que os alguidares com fundo em disco (barcais), típicos da área a sul do Douro e

bastante residuais em Braga, também não conhecem uma presença significativa na Galiza (Alonso Toucido, 2021, p. 792).

Apesar das particularidades das oficinas de Prado e de Braga, são percetíveis alguns diálogos externos das suas produções com influências de outras regiões, não do sul islâmico ou do centro mesetano, mas do norte galego. O estudo realizado por Francisco Alonso Toucido (2021) aquando da sua tese de doutoramento incidiu sobre um largo conjunto de intervenções, localizadas um pouco por toda a Galiza, cujos contextos permitiram a análise das cerâmicas de forma sequenciada entre os séculos VIII–XV. A evolução do repertório formal reconhecido nesse período é deveras semelhante àquele que temos verificado em Braga. Entre os séculos VIII–XII documenta-se um claro predomínio das formas fechadas, sobretudo os potes/panelas, e um reduzido número de jarros, sendo as demais peças bastante residuais, enquanto se assiste, na Baixa Idade Média, ao progressivo aumento das formas de mesa e transporte, como os jarros e os cântaros, em diferentes tamanhos, registando-se também o início das importações, a partir do século XIII, que aumenta gradativamente ao longo das centúrias subsequentes. Portanto, um contexto produtivo bastante similar ao encontrado em Braga.

As semelhanças entre as duas produções são igualmente verificadas a nível dos acabamentos micromorfológicos dos potes/panelas, as peças mais numerosas em ambas as regiões, nas quais se verifica um acentuado estrangulamento do colo e um quadro geral de evolução dos bordos e, particularmente, dos lábios.

A análise comparada dos potes bracarenses e galegos ao longo da Alta Idade Média revela um período de experimentações, especialmente a partir do século X, quando o acabamento superior das peças começa a ser mais intensamente trabalhado, produzindo-se uma protopestana, em alguns casos e, noutros, um bordo horizontal côncavo (Fontes & Gaspar, 1997; Alonso Toucido, 2021). Esse cenário de grande criatividade dos oleiros bracarenses e galegos acentua-se na Baixa Idade Média, quando se reconhece uma ampla variedade de acabamentos tanto nos bordos em pestana, como nos horizontais côncavos, como se verifica no espólio ceramológico proveniente da rua Nossa Senhora do Leite (Gaspar, 1985) e da fossa do ex-Albergue Distrital (Machado, 2024c), em Braga (Figura 82), bem como de diferentes áreas da Galiza (Figura 82), distribuídas entre as províncias de A Coruña, Lugo, Ourense e Pontevedra (César Vila *et al.*, 2010; Alonso Toucido, 2021) (Figura 83). Esse desenvolvimento tecnológico, associado ao arremate superior das peças, parece estar associado à melhor fixação das tampas nesses potes/panelas (César Vila & Bonilla Rodríguez, 2003; Bonilla Rodríguez & César Vila, 2005).

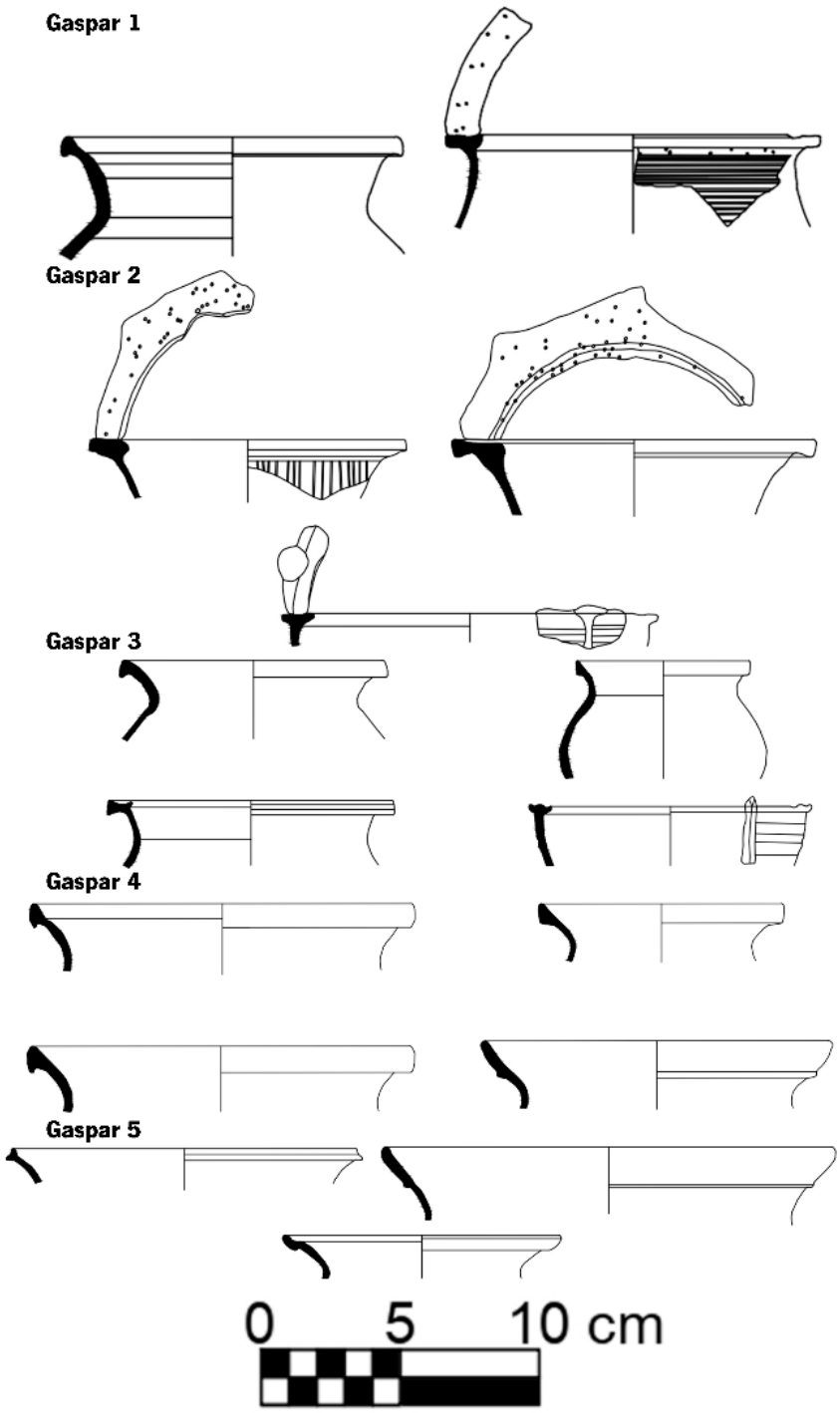


Figura 82. Diversidade de bordos registados na fossa do ex-Albergue Distrital (UE858) (adapt. Machado, 2024c).

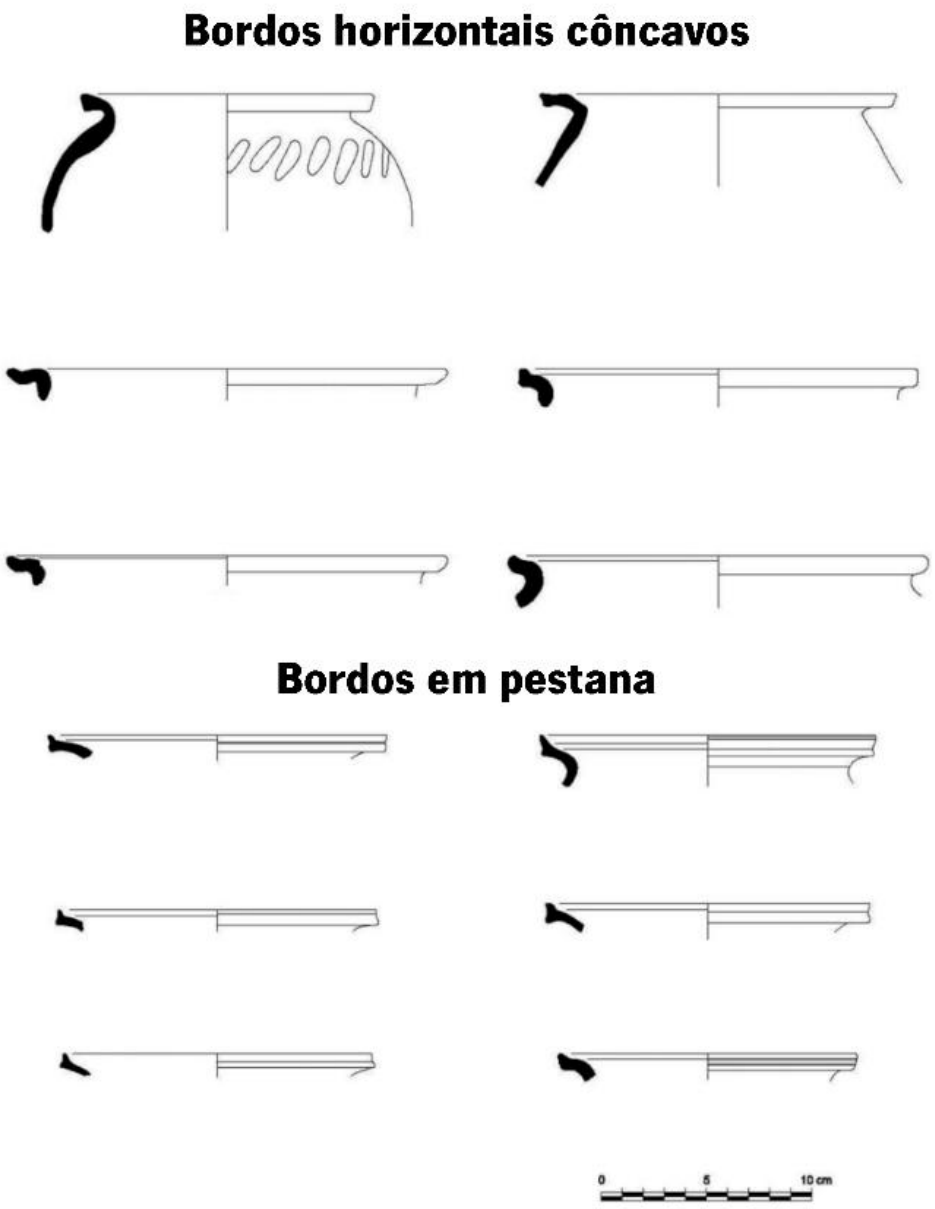


Figura 83. Diversidade de bordos registados em contextos galegos (César Villa *et al.*, 2010).

Apesar das grandes similitudes entre as cerâmicas bracarenses e galegas, importa igualmente destacar as diferenças entre as expressões oleiras dessas duas regiões. Se os potes/panelas são peças que podem revelar um contacto entre os centros oleiros minhotos e da Galiza, especialmente no que toca à experimentação de diferentes bordos, os jarros conhecem uma trajetória completamente distinta. Embora o aparecimento dessa forma no registo arqueológico remonte, sensivelmente, a contextos com cronologias aproximadas, nomeadamente a partir do século XI–XII, os caraterísticos "pichees" bragueses com bico (Gaspar, 1985; 1991) não possuem paralelos nas formas galegas, cujos jarros apresentam bordos trilobulados, quadrilobulados e troncocónicos (Alonso Toucido, 2021) (Figura 84).

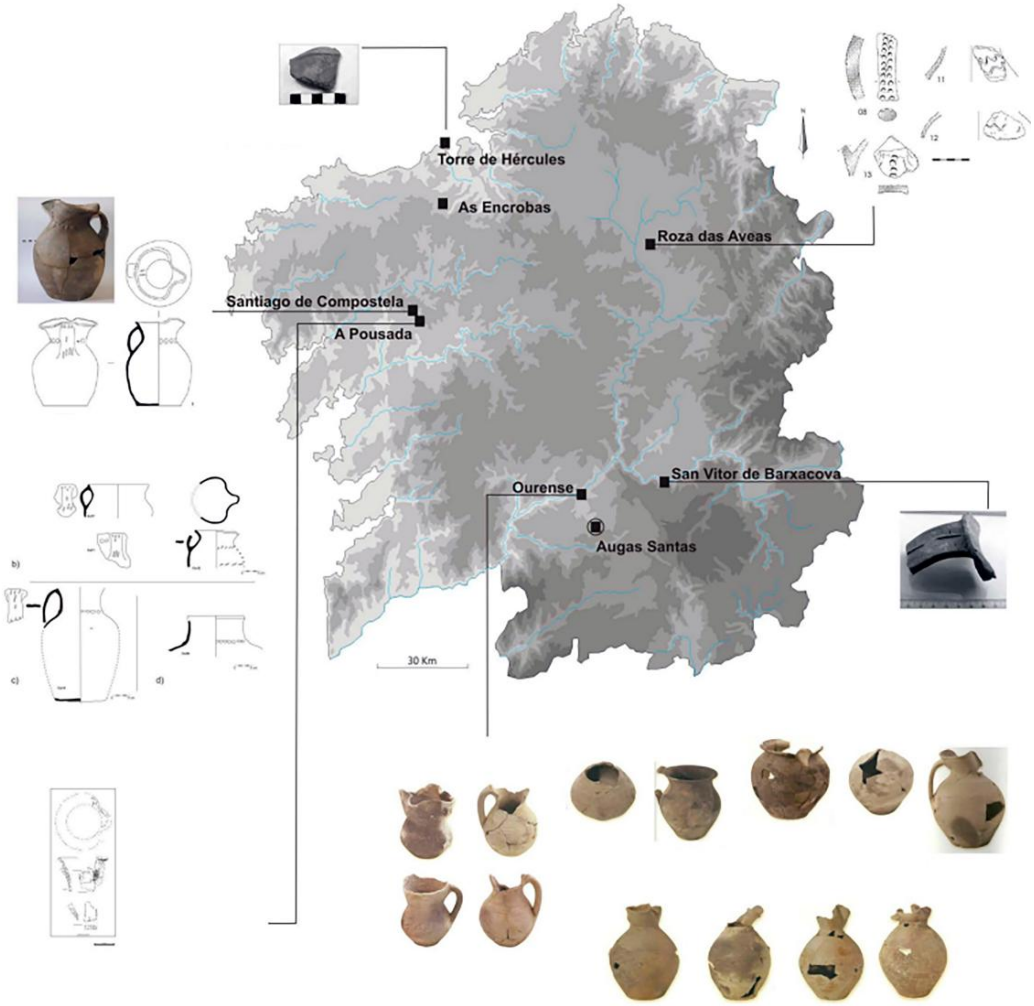


Figura 84. Diversidade dos jarros galegos (Alonso Toucido *et al.*, 2018).

Não deixa de ser significativo, pois, que o período em que se verifica uma diferenciação entre as expressões oleiras das oficinas galegas e minhotas, no que toca aos jarros, coincida cronologicamente com a organização da diocese de Braga pelo bispo D. Pedro, nos finais do século XI, e a afirmação do Reino de Portugal, nos inícios da centúria seguinte, momento em que as Igrejas bracarense e compostelana entram num processo de embate direto no seio da estrutura eclesiástica ibérica, associado ao controlo das dioceses sufragâneas. As diferenças nas formas dessas peças parecem reproduzir, do ponto de vista material, a separação das duas dioceses e do seu clero no campo político e eclesiástico.

A análise das expressões oleiras da zona leonesa, por sua vez, apresenta grandes diferenças em relação à produção cerâmica bracarense. A posição geográfica de grande parte do Reino de León, situado na porção norte da Meseta Central, certamente foi um fator de promoção de contactos mais dinâmicos com o centro peninsular, fenómeno que se encontra bem documentado nas cerâmicas com influências andaluzes e mesetanas, desde o século VIII–IX (Gutiérrez González & Miguel Hernández, 2009). Desse modo, a expressão oleira verificada na região leonesa é bastante distinta das peças

produzidas na parte mais ocidental do noroeste ibérico, seja do ponto de vista decorativo, com a presença de pinturas a branco, seja morfológico, com o uso preferencial de bordos moldurados e lábios triangulares nos potes e jarros com perfis mais globulares, como se documenta em cidades como Zamora (Larrén Izquierdo & Turina Gómez, 1995), Toro (Larrén Izquierdo, 1992), León (Gutiérrez González & Miguel Hernández, 2009; Martínez Peñín, 2011) ou nas Astúrias (Requejo Pagés, 2016).

Apesar das diferenças entre as expressões oleiras que se desenvolveram no alto-medievo ibérico, com os seus distintos contactos, ora pontuais, ora bastante prolongados, em todas as produções foram verificadas mudanças nas cerâmicas, a partir do século XI, que revelam experimentações formais, especialmente nos bordos, nas decorações e nas asas das peças, mas também mudanças tecnológicas, quando se documentam alterações na composição das pastas, com a utilizações de novos desengordurantes, ou num maior investimento nos acabamentos. Esse movimento de mudanças na produção cerâmica torna a acontecer, igualmente em todas as expressões oleiras ibéricas, no século XIII, quando novamente se documenta um maior dinamismo comercial e a presença de peças importadas nas cidades do ocidente peninsular, provenientes sobretudo das oficinas de Paris-Rouen, Saintonge e da região levantina espanhola. Esse fenómeno, infelizmente, está ainda bastante mal compreendido entre os fabricos cerâmicos de Braga.

Contudo, e face aos apontamentos realizados por Raquel Martínez Peñín quando realizou uma análise preliminar do espólio ceramológico de algumas escavações de Braga, embora ainda não caraterizados e publicados, parece perceber-se um conjunto reduzido de mudanças pontuais de natureza tecnológica no fabrico das cerâmicas nesse período, sendo possível identificar novos desengordurantes, cuja função nessas peças seria torná-las mais resistentes e com uma cozedura mais uniforme, sendo os acabamentos ligeiramente mais cuidados

Do ponto de vista do quadro evolutivo das olarias de Prado e de Braga, podemos identificar nessas cerâmicas uma fase de transição entre as produções da Alta e da Baixa Idade Média, na qual são verificadas grandes continuidades formais e tecnológicas do primeiro momento e, paulatinamente, a introdução das caraterísticas que definirão as cerâmicas do segundo grupo.

A vitalidade da restaurada arquidiocese de *Bracara*, nos inícios do século XII, encontrou importantes adversários no plano administrativo da Igreja na Península Ibérica. Regionalmente, mantinham-se velhas rivalidades, assim como novos interesses, sobretudo associados à diocese de Santiago de Compostela, elevada a Arquidiocese pouco tempo antes, em 1095, e a Metropolitana, em 1120, não viram com bons olhos a restauração das dignidades da sua congénere bracarense, sobretudo pela antiguidade da prelatura de *Bracara*, que em muito antecedia a antiga diocese de *Iria*. A relação

entre as duas Igrejas do Noroeste conheceu um progressivo agravamento em 1102, quando o prelado compostelano Diego Gelmírez promoveu o que a obra *Historia Compostelana*, de meados do século XII, designou por *translatio* das relíquias de santos bracarenses, nomeadamente S. Frutuoso, S. Silvestre, S. Cucufate e S. Susana, mas que veio a ser conhecido como "pio latrocínio" dado o caráter criminoso com que esse ato foi concebido (*Historia Compostelana*, XV; Reilly, 1969; Barros, 2018), ao que somamos ainda a tentativa de Gelmírez de retirar a dignidade metropolitana a *Bracara*, em 1118 (Marques, 2000, p. 137). Por outro lado, a conquista cristã da cidade de Toledo, em 1085, pelas tropas castelhano-leonesas do rei Alfonso VI, possibilitou a reorganização da diocese toletana, elevada a Arquidiocese Metropolitana já em 1088, com Bernardo de Cluny como seu primeiro prelado. O importante papel de Toledo, no plano político e logístico da guerra contra os muçulmanos, o de Bernardo, como legado papal, bem como dos arcebispos subsequentes, cujas relações com o Bispo de Roma eram bastante estreitas, especialmente dado o interesse da Igreja em resolver o problema dos muçulmanos na Península Ibérica, favoreceu largamente os planos de Toledo em subjugar as demais dioceses peninsulares, fenómeno bem atestado nas disputas com Braga pela Primazia das Espanhas (Marques, 1999) e nos consecutivos privilégios reais concedidos nas décadas que sucederam à conquista da cidade, que se prolongam por toda a Idade Média (Izquierdo Benito, 1990).

A necessidade da igreja bracarense de se afirmar independente ganhou o apoio jurídico com os condes portucalenses Henrique de Borgonha e D. Teresa de Leão, que outorgaram o couto de *Bracara* à Sé e ao Cabido, doação posteriormente confirmada por D. Afonso Henriques. Na verdade, foi com o D. Afonso Henriques que o Senhorio de Braga conheceu um avultado número de privilégios, designadamente vendo o seu couto ser ampliado com novos mosteiros e castelos que antes não estavam incluídos, ganhando também o direito de cunhar moeda, passando o prelado a usar o título de chanceler. A esse vasto conjunto de regalias somava-se o poder administrativo, económico judicial e militar sobre a cidade e o território, privilégio decorrente da posse da cidade e do couto por parte do Arcebispo e do Cabido (Costa, 1997; Marques, 2000). Assim, o Arcebispo reunia em si as funções religiosas, associadas à sua prelatura na sede metropolitana, estendendo-se pelo conjunto de dioceses sufragâneas e enquanto Primaz das Espanhas, subordinado aos desígnios morais da autoridade papal, acumulando funções políticas, administrativas, económicas e jurídicas que cabiam ao Senhorio de Braga, compreendido territorialmente pela cidade e pela área do couto. Enquanto ordenador espiritual e secular de *Bracara*, "os dois corpos do Arcebispo"[63] possuíram um papel fundamental tanto na gestão da cidade e do território

[63] A dupla imagem do Arcebispo e Senhor de Braga, que reunia uma face religiosa, ligada à Igreja e uma face mundana, que o associava aos nobres feudais, leva-nos a pensar na magnífica obra do historiador alemão Ernst Kantorowicz (1998), "Os dois corpos do rei", sobre a dualidade divina e humana da realeza medieval, especialmente explorada por William Shakespeare, em Ricardo II. A expressão que usamos, "os dois corpos do Arcebispo", é, portanto, um diálogo com esse livro seminal sobre a teologia política medieval.

bracarense, como na afirmação e reconhecimento do Reino de Portugal, tendo estado presente em momentos fundamentais para o nascimento da nova unidade política, com destaque para D. Paio Mendes (1118 -1137), que assistiu ao Tratado de Tui e D. João Peculiar (1138-1175), que atuou nas tréguas em Valdevez, assistiu ao Tratado de Zamora e assinou, como primeiro confirmante, a carta de enfeudamento de Portugal à Santa Sé (Marques, 2000).

O Arcebispo, enquanto Senhor de Braga assumia, também, o seu papel de nobre do Reino de Portugal. Contudo, trata-se de uma nobreza distinta e amplamente sujeita a alterações no modo como se relacionava com a realeza. Dado que a prelatura não possui nenhum caráter hereditário, a origem dos arcebispos era bastante diversificada, alguns provenientes de ricas e nobres famílias do Minho, como D. Paio Mendes, outros estrangeiros, como D. Gonçalo Pereira, mas a maioria provinha de linhagens e origens desconhecidas. (Mattoso, 1975). Talvez pelas diferentes formações, talvez pelas circunstâncias do momento, a relação entre os arcebispos e os reis sofreu constantes variações ao longo do período entre os séculos XII e XV, sendo possível verificar, na generalidade dos casos, o seu papel de Senhor, naquilo que caraterizava a nobreza dos dois primeiros séculos do reino.

Como já referimos, entre os séculos XII e XIII a nobreza portuguesa afirma-se através de três eixos: o poder sobre uma população, o domínio sobre a terra e a participação na guerra (Mattoso, 2009b). Para o caso bracarense, os dois primeiros são bastante "naturais" para o arcebispo e o senhor que recebeu a doação do couto, pelo que era fundamental para a manutenção simbólica do estatuto hierárquico a participação do prelado em confrontos bélicos. Esse fenómeno pode ser verificado na biografia de diversos arcebispos, como D. Paio Mendes e D. João Peculiar, nos confrontos que levaram à independência, ou D. Gonçalo Pereira, na Guerra do Salado, entre outros (Mattoso, 1975; Marques, 2000).

Esse cenário, contudo, vai sofrer alterações ao longo do século XIII, ainda que não termine a primazia da guerra na constituição da nobreza e, sobretudo, da realeza, enquanto o seu *primus inter pares*. Na verdade, como muito bem demonstrou Norbert Elias em sua magistral obra *O Processo Civilizador* (1994a; 1994b), depois sistematizado em *A Sociedade de Corte* (2001), o abandono do *ethos* guerreiro e a afirmação da etiqueta, ou dos costumes, como instrumento de afirmação e manutenção do estatuto social é o resultado de um longo processo de domesticação dos hábitos, ou civilização social, que apenas terá lugar nos finais do século XVII. A imagem do rei guerreiro e, por extensão, da nobreza guerreira foi fundamental para a criação desse grupo ao longo de toda a Idade Média, até ao século XVII, cujos exemplos recobrem a generalidades dos reinos europeus, como Ricardo I Coração de Leão (1157–1199), na Terceira Cruzada, Luís IX (1214–1270), na Sétima Cruzada, Henrique V (1386–1422), na

Guerra das Duas Rosas e na Guerra dos Cem Anos, Fernando II o Católico (1452–1516), na Conquista de Granada, presente ainda em grande parte das peças históricas de Shakespeare, como Henrique IV, Henrique V, Ricardo III e Macbeth. Em Portugal, os reis-guerreiros também constituem partem importante das biografias dos monarcas dos Reino, como D. Afonso Henriques (1106–1185), na Batalha de S. Mamede e em diversas outras associadas à Reconquista, Afonso III (1210–1279), na Conquista do Algarve, D. João I (1357–1433), na Batalha de Aljubarrota, D. Sebastião I (1554–1578), na Batallha de Alcácer-Quivir, ao que se somaria, naturalmente, diversos nobres, dos quais destacamos Nuno Álvares Pereira (1360–1431), que participou com o irmão Diogo na batalha de Aljubarrota e após a morte deste na Tomada de Ceuta, e o Infante D. Henrique (1394–1460), que lutou nesta última.

A transformação da nobreza portuguesa que se verifica no século XIII, tema vastamente estudado pelo historiador José Mattoso (1970; 1975; 1981; 2009a; 2009b), dá-se em dois sentidos principais: por um lado, a falência da antiga nobreza portucalense e a sua dissolução entre os ramos secundários, bastardos ou sacrílegos das grandes famílias que detinham as terras do Minho aquando da independência do Reino; por outro, o reequilíbrio dos pilares que sustentava essa nova nobreza, verificando-se um peso virtualmente maior à terra e ao poder em detrimento da guerra, dado que essa componente diminui, após a Reconquista, apesar de retornar pontualmente ao longo dos séculos subsequentes. Interessa-nos o segundo dos sentidos referidos, tendo em vista que a participação do prelado bracarense em confrontos bélicos não era o que constituía primordialmente o seu estatuto, especialmente pelo caráter não hereditário do cargo e a variadíssima origem dos Arcebispos, assim como, é claro, o tempo que demanda o seu papel enquanto líder religioso e espiritual, incluindo as viagens a Roma.

1.4 Braga, a Cidade dos Arcebispos *Hispaniarum Primati* (séculos XIII–XVI)

No século XIII a cidade de Braga conheceu um grande e importante desenvolvimento urbano promovido pelo alto clero dirigente, extensível à toda a população uma vez que a afirmação simbólica e material da nobreza, enquanto classe, se volta paulatinamente "para dentro", isto é, para os mecanismos e instrumentos de ordenação política, económica e social de suas terras, reduzindo-se o enfoque "para fora", associado à guerra. Contudo, a relação entre os arcebispos e os monarcas desse período nem sempre foi simples, existindo momentos de grandes atritos.

Uma vez superadas as dificuldades encontradas por D. Afonso Henriques para a independência portuguesa e a fundação do Reino de Portugal, na qual, como já evidenciamos, o papel dos prelados bracarenses foi bastante importante, especialmente para o seu reconhecimento pelo Sumo Pontífice e

para garantir o apoio estratégico, político e financeiro do Minho nas guerras, as generosas doações e os avultados benefícios recebidos pela Arquidiocese de *Bracara* foram recorrentemente contestados pelos Reis a partir do segundo quartel do século XIII. É nesse contexto de tentativa de centralização política e redução do poder do clero, especialmente do bracarense, que nesse momento era o único com a dignidade metropolitana, que começam poderosas investidas de caráter administrativo, mas altamente persecutórias, por parte do monarca D. Afonso II com as suas Confirmações ou Inquisições Gerais, iniciadas em 1220. A situação agrava-se nas décadas seguintes, ao ponto de no reinado de D. Afonso III o papa Gregório X ter promulgado a bula *De Regno Portugaliae*, onde condena as ações dos reis portugueses contra a Igreja, incluindo as perseguições a religiosos, ordenando o restabelecimento das benesses antes concedidas à Arquidiocese de *Bracara* sob o risco de excomunhão e deposição do monarca (Marques, 1995/96). Apesar da situação ter sido provisoriamente resolvida, as Inquirições Gerais continuaram a ser um instrumento de poder dos reis posteriores, designadamente D. Dinis e de D. Afonso IV, especialmente na transição do século XIII para o XIV (Sottomayor-Pizarro, 2013).

Paralelamente aos problemas entre prelados e monarcas, a cidade de Braga conheceu um reconhecível dinamismo e desenvolvimento social e económico ao longo do século XIII, que se expressa num aumento produtivo e demográfico que exigiu novas formas de divisão e organização do território, pelo que se verificou uma multiplicação considerável no número de paróquias (Marques, 2003), no crescimento da riqueza dos membros do alto clero, bem documentada nas diversas doações em moedas e loiças de ouro e prata e imóveis familiares, referidas nos seus testamentos (Morujão, 2010), a que se soma a estruturação do Cabido de Braga, enquanto instituição criada (ou recriada) pelo bispo D. Pedro, nos finais do século XI, da sua Escola e dos seus Estatutos (Vaz, 1971).

Significativo do cenário de amplo desenvolvimento económico e social experimentado ao longo do século XIII são os grandes investimentos realizados na produção cerâmica de Prado. Com efeito, é no âmbito do dinamismo verificado em finais dessa centúria que se enquadram os cinco grupos de fabrico que foram identificados por Alexandra Gaspar (1985) para a produção baixo-medieval bracarense, fruto de uma realidade urbana mais segura e economicamente florescente que permitiu uma verdadeira revolução das olarias da cidade de Braga, que evidenciam a perda dos traços rurais alto-medievais, afirmando-a como um centro artesanal transformador e plural (Figura 85).

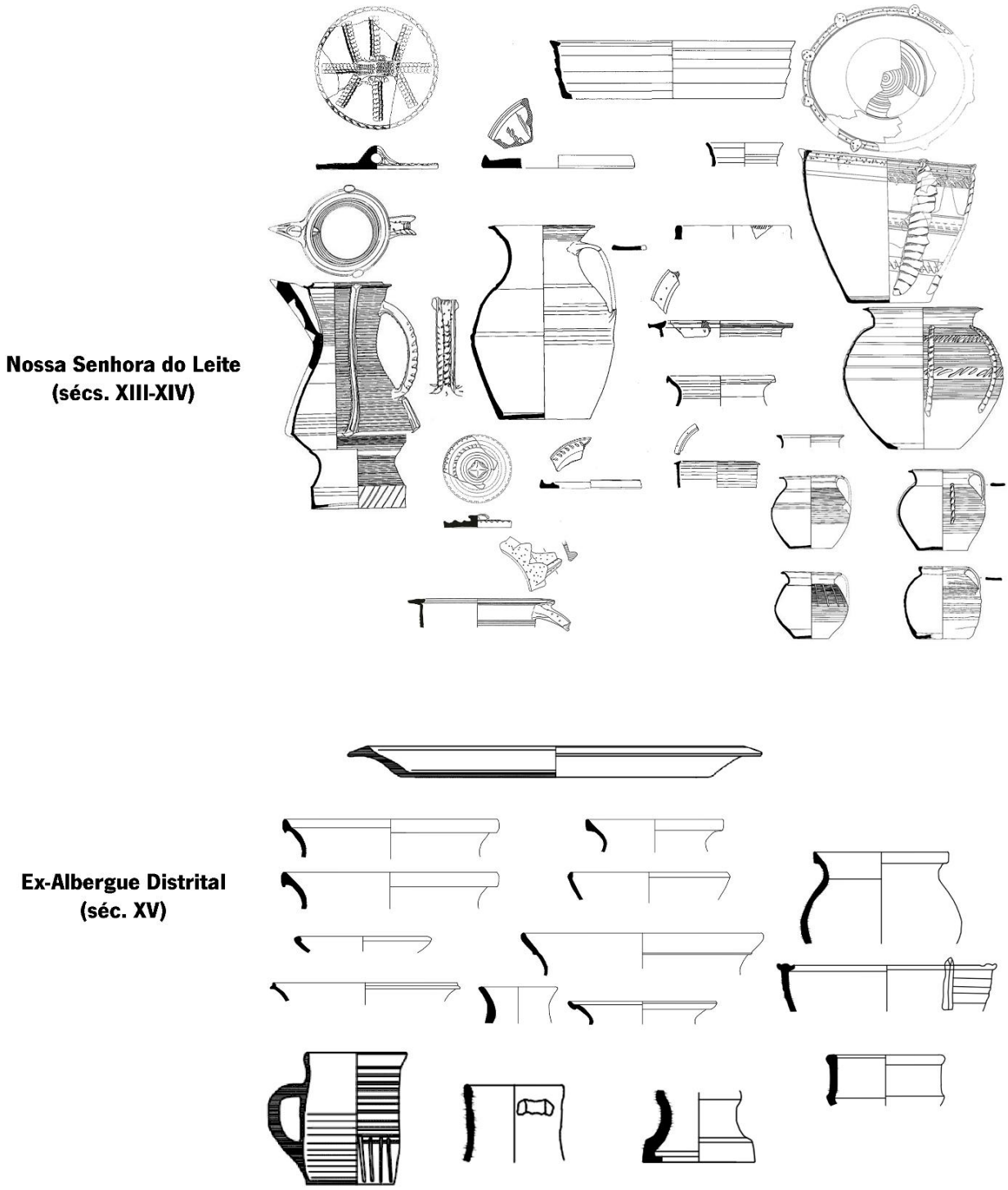


Figura 85. Quadro com os fabricos e formas na cidade entre os séculos XIII–XV[64].

A transformação urbanística da cidade de Braga a partir dos finais do século XIII encontra-se muito bem documentada em dois elementos de natureza distinta, um de natureza demográfica e outro

[64] O quadro apresenta a totalidade das formas registadas nas duas zonas arqueológicas, designadamente a rua Nossa Senhora do Leite e ex-Albergue Distrital, mas não reproduz as variações morfológicas, especialmente a nível dos bordos e asas, e decorativas, pois isso seria impossível no espaço disponível. A composição realizada tem por objetivo uma aproximação à diversidade produtiva e morfológica das cerâmicas entre os séculos XIII–XV (Gaspar, 1985; Machado, 2024c).

urbanística. Assim, verifica-se que a sociedade bracarense conheceu uma expansão demográfica naquele século, o que implicava, igualmente, a urbanização de novas áreas que antes haviam conhecido uma conformação distinta, como foi muito bem estudado por José Marques (1982), através dos pergaminhos da Confraria de S. João do Souto, uma paróquia suburbana instalada às portas da cidade de Braga. Por outro lado, por iniciativa arquiepiscopal, nos inícios do século XIV, a cidade conheceu uma expansão física de seus limites, ação que incluiu ainda a construção de uma nova muralha de modo a conformar um espaço urbano mais alargado, que praticamente duplicou no sentido norte.

Tal como referimos na Parte I, as mudanças relativas às transformações urbanísticas de Braga nos inícios do século XIV são bem conhecidas, enquadrando-se nesse processo o desmonte do setor norte da muralha, com origem romana, que integrou parte da cerca tardo-antiga e se havia mantido na Alta Idade Média. Esse desmonte terá sido realizado por iniciativa do arcebispo D. Gonçalo Pereira (1326–1348) e, possivelmente, do rei D. Dinis (1279–1325), estando arqueologicamente documentado na torre anexa à capela da Gloria, que o arcebispo mandou construir (Fontes *et al.*, 1997–98). Por parte da monarquia, foi construído um castelo, a nordeste da cidade, que serviu igualmente de sede da confraria de S. João do Souto, posteriormente transferida para a Igreja de S. João Baptista (Marques, 1982; 1986). Por sua vez, a ação do arcebispo deu-se no sentido de urbanizar a nova área inserida no novo perímetro amuralhado, a norte da catedral, através da implantação do novo paço arquiepiscopal (Martins *et al.*, 2021), cabendo destacar a sua forma em torre, simbolicamente articulada com a afirmação da nobreza quer na paisagem rural, quer urbana. De facto, as *domus fortis* são uma das mais importantes expressões arquitetónicas nobiliárquicas, difundidas por todo o continente europeu durante a Baixa Idade Média, cuja presença no Entre Douro e Minho foi inaugurada ainda nos finais do século XII, generalizando-se na centúria seguinte a tal ponto que o rei D. Dinis ordenou que as novas torres só podiam ser construídas, ou mesmo reformadas, por exemplo com a adição de ameias, com a sua expressa autorização, mandando derrubar aquelas que considerava ilegais (Barroca, 1989; 1998).

Nesse sentido, o paço construído a mando de D. Gonçalo Pereira reforçava a posição nobiliárquica do Senhor de Braga, representando a necessidade de dotar, simbólica e materialmente, "os dois corpos do Arcebispo" de elementos que afirmassem, o mais inquestionavelmente possível, a posição e dignidade de prelado e do nobre. No rol das iniciativas que promovem essa imagem encontramos, a partir da segunda metade do século XIV, o uso pelos arcebispos do título de Primaz das Espanhas, prática que foi iniciada por D. João de Cardaillac (1361–1371) e mantida pelos seus sucessores (Marques, 1999). Eventualmente, podemos associar a vinculação da Primazia aos títulos dos arcebispos bracarenses às movimentações dos bispos de Lisboa no sentido de organizar o território

paroquial da região, desde os inícios do século XIV, que acabariam por resultar na promoção da diocese lisboeta a arquidiocese nos finais dessa centúria (Farelo, 2023). Da mesma forma, verificamos entre as transformações conhecidas do paço dos arcebispos a manutenção do uso das torres nobiliárquicas até o século XV (Barroca, 1998), bem evidenciada pela construção da torre de D. Fernando da Guerra (1416–1467), que se anexou a poente da anterior, articulada com um corpo alongado com dois andares, cuja forma reflete a evolução das *domus fortis* (Martins *et al.*, 2021).

Contudo, se é verdade que conseguimos identificar, no plano urbanístico e arquitetónico, uma grande transformação da cidade de Braga no século XIV, no plano social essas mudanças aconteceram, ou pelo menos foram iniciadas, na centúria anterior. O aumento demográfico associado a um novo tipo de organização do corpo cívico, documentado nos pergaminhos da Confraria de S. João do Souto (Marques, 1982) e, sobretudo, as alterações mais amplas no modo como a sociedade bracarense era constituída, refletem-se, também, nas profundas transformações na produção e consumo de cerâmicas, no século XIII, estando essas produções representadas por cinco grupos de fabrico, identificados por Alexandra Gaspar a partir dos materiais encontrados nas escavações na rua Nossa Senhora do Leite (Gaspar, 1985).

A análise dessas produções a partir de sua "*indexicalidade*", ou seja, dos possíveis índices que conseguimos estabelecer, permite considerar que as pastas e os elementos não-plásticos foram obtidos a partir da exploração das argilas exploradas na zona de Prado/Ucha, desde, pelo menos, o século I, tendo usado modos de fabrico típicos da região bracarense, (Gaspar, 2000; Delgado & Morais, 2009). Trata-se, portanto, de uma natural e tendencial evolução da produção local/regional das peças cerâmicas.

No que toca à "*factoralidade*", ou seja, à análise que leva em conta as relações do signo enquanto uma sinédoque, uma parte de um todo, salientamos os aspetos formais dos recipientes, sendo bastante significativo que os fabricos que se expressam num repertório formal mais variado, incluindo peças abertas e fechadas, associadas a distintas funções e usos, são aqueles que denotam maior habilidade técnica de seus produtores, especialmente a nível do uso do torno, resultando em peças com paredes mais finas e toque sonoro, algo metálico, assim como um maior cuidado nos acabamentos e decorações, o que é particularmente visível nos grupos 1 e 2. Por outro lado, nos grupos 3, 4 e 5, nos quais as propriedades técnicas e decorativas destacadas nos anteriores estão significativamente reduzidas, ou mesmo ausentes, registam-se recipientes especialmente voltados para o armazenamento de alimentos, ainda que restritos aos potes de tamanhos variados e a um número bem menor de objetos que comporiam o serviço de mesa, limitados a jarros e púcaros (Gaspar, 1985).

Após um período de significativa redução na diversidade da produção cerâmica de Prado, no qual os recipientes se caraterizavam por uma maior homogeneidade técnica e formal e a quase ausência de elementos decorativos ou cuidados nos acabamentos, fruto da enorme retração política e social que Braga sofreu, na Alta Idade Média (Fontes & Gaspar, 1997; Machado & Martins, 2023), os recipientes cerâmicos que começam a ser consumidos na cidade, a partir do século XIII, parecem configurar um quadro económico e social renovados, apontando para que as possibilidades financeiras e os gostos dos consumidores urbanos tenham incentivado os oleiros a inovarem e a investir numa maior diferenciação dos produtos. Isso explicaria a utilização de diferentes técnicas e recursos que resultou no aparecimento de recipientes mais refinados, que apresentavam claras distinções visuais, táteis e sonoras, que coexistiram com outros que mantiveram, *grosso modo*, as caraterísticas de fabrico da cerâmica do período anterior, designadamente o ambiente de cozedura redutor, acabamentos pouco cuidados, aplicados a um reduzido repertório formal, um indicador de uma clientela de baixa exigência e poder de compra.

Parece-nos significativo considerar como fundamentais no desenvolvimento da cidade de Braga dois importantes eventos que induziram transformações no tecido social bracarense nos finais do século XI e inícios do XII. Falamos naturalmente do retorno de Lugo do Alto Clero bracarense, em 1070, associado à restauração da diocese de Braga, pelo bispo D. Pedro e a doação do couto e termo de Braga, feita pelos condes D. Henrique e D. Teresa, ao arcebispo de Braga D. Mauricio e a seus sucessores, bem como à Igreja de Braga, em 1112, posteriormente confirmada por D. Afonso Henriques, em 1128 (Martins *et al.*, 2021). Também a estabilidade promovida pelas mudanças políticas no ocidente ibérico, entre os séculos XI e XII, possibilitaram o desenvolvimento urbano de Braga que no século XIII que, paulatinamente, atrairá mais população e criará novas exigências de consumo, que se associam a uma maior diversidade social, capaz de mobilizar uma maior dinâmica produtiva e maior criatividade dos oleiros que foram estimulados a satisfazer as necessidades materiais e os gostos da população. Uma maior heterogeneidade dos grupos sociais presentes na cidade do século XIV deveria traduzir-se em hábitos de consumo mais variados, exigindo um repertório mais diversificado de peças que, certamente, teriam funções mais específicas e diferenciadoras em resposta a novos hábitos de consumo. Nesse sentido, as grandes transformações no tecido urbano e na arquitetura de Braga ao longo do século XIV, intimamente associadas à ação de arcebispos e monarcas, deve, necessariamente, ser enquadrado num cenário mais amplo e, sobretudo, anterior de desenvolvimento económico da sociedade bracarense. Ou, em outras palavras, as grandes atividades construtivas documentadas para o século XIV deverão ser percebidas como o resultado mais expressivo de um movimento de organização e mobilização social

protagonizado pelo conjunto cívico bracarense, largamente anónimo, mas verdadeiramente atuante na formação de um centro urbano cada vez mais dinâmico e atrativo.

Aquilo que a análise da morfologia urbana do mil e trezentos revela, com a ampliação da cidade e a instalação de equipamentos religiosos, residenciais e defensivos, como o paço arquiepiscopal, o castelo e a muralha, alargada e revestida de novos torreões (Ribeiro, 2008; Martins *et al.*, 2021), à luz dos dados cerâmicos, representa um segundo movimento no desenvolvimento social de Braga na Baixa Idade Média. Com efeito, é a partir do século XIV que se começa a identificar a presença de cerâmicas importadas na cidade, documentada por aquelas que foram recuperadas nos níveis que recobriam o troço da muralha romana na rua D. Paio Mendes 67–75, dentre as quais se afiguram peças vidradas produzidas no reino de França, nas olarias de Paris-Rouen e Saintonge, bem como cerâmicas vermelhas pintadas a branco, oriundas do reino de Leão, provenientes dos centros produtores galegos e leoneses (Fontes, 2014), ao que se soma, naturalmente, o comércio de outros produtos, especialmente de alimentos, iniciado ainda no século XIII (Marques, 1978b; 2009).

A abertura da cidade às trocas externas mais intensas, especialmente ao longo do século XV, ampliou a oferta de cerâmicas nos mercados bracarenses. Como pudemos verificar no enchimento de uma fossa detetada nas escavações da zona arqueológica do ex-Albergue Distrital (UE858), ao longo dessa centúria os contactos comerciais com o levante espanhol levaram a que as peças vidradas produzidas em Sevilha, Málaga e Manises abastecessem a cidade, âmbito em que podemos, eventualmente, também incluir o copo de vidro verde, cuja origem possivelmente será a ilha de Murano, em Veneza, ou as oficinas vítreas localizadas na Floresta Negra da atual Alemanha, os *waldglases* (Machado, 2024c). Embora não tenhamos como afirmar a procedência do copo em vidro, tendencialmente acreditamos que a sua origem seja as oficinas de Murano, dadas as relações, no século XV, entre a cidade de Braga e algumas localidades da península itálica, especialmente Florença e Veneza, que levaram à presença de escritores italianos no Alto Minho (Marques, 2004).

Como já tivemos a oportunidade de sinalizar anteriormente, é possível identificar um movimento generalizado, bastante semelhante um pouco por todo o Reino de Portugal e da Galiza, no que toca à produção e ao consumo de cerâmicas entre os séculos XIII e XV, registando-se um importante investimento na produção oleira, do qual resultam peças cujos acabamentos e elementos técnicos, como o melhor alisamento das superfícies e o uso do torno rápido, gradativamente conhecem uma maior presença. Ao mesmo tempo, é a partir do século XIII que se reconhecem a retoma de importações de peças cerâmicas nas grandes cidades medievais.

Assim, desde o século XII que as relações entre os produtores do Entre Douro e Minho e da Galiza conhecem um distanciamento, depois de um período de proximidade na Alta Idade Média. As diferenças entre essas duas expressões oleiras deu-se na forma e na gramática decorativa de um conjunto de peças, cuja generalização produtiva teve origem em resposta às transformações que a sociedade pleno-medieval conheceu, as quais podem ter conhecido alguma dissimetria nos dois territórios. A reorganização da diocese de *Bracara* e a independência do reino de Portugal terá acirrado os embates entre o Alto Clero bracarense e o compostelano e entre a nobreza portucalense e a leonesa, respetivamente. Esse atrito entre as classes hierarquicamente mais destacadas das duas unidades políticas e eclesiásticas parece refletir-se nas diferenças nos elementos sociais e culturais que compõem os acabamentos e decorações das novas formas das cerâmicas desse momento, dentre as quais os jarros, que assumem uma grande importância no serviço de mesa da sociedade baixo-medieval. Contrariamente, o fértil período de experimentações na produção dos potes/panelas ao longo do período alto-medieval, fenómeno que aproximou as expressões oleiras minhotas e galegas, permanece até aos finais da Idade Média nas duas regiões, tendo como resultado a fixação dos bordos horizontais côncavos e em pestana, seja por razões funcionais, associadas ao uso de tampas, seja por não se tratar de um elemento socialmente diferenciador.

Trata-se de um período de melhoria das condições climatéricas, no sul europeu, que promoveu um significativo crescimento das capacidades económicas das regiões, cujos excedentes possibilitaram o sustento de um maior de pessoas sem dependência da produção primária, o que promoveu experiências urbanas mais dinâmicas nos aglomerados populacionais. Esse novo corpo social mais urbanizado estaria dedicado a um conjunto algo alargado de atividades secundárias, bem patente, especialmente a partir do século XIV, nas regulamentações dos mesteres (Melo & Sequeira, 2022), com um reflexo muito claro na toponímia das cidades (Ribeiro, 2008), registando-se ainda uma minoria associada às atividades terciárias. Neste sentido, julgamos bastante seguro associar esse novo perfil das populações urbanas às novas necessidades materiais, designadamente o maior repertório cerâmico de mesa, mas igualmente os investimentos realizados na morfologia dos bordos dos potes para melhor encaixar as tampas, que sinalizam a necessidade de tornar mais eficiente e segura a armazenagem dos alimentos.

Esse cenário de melhoria das condições de vida na Plena Idade Média fomentou, igualmente, um trânsito maior de pessoas pelos reinos, dinamizando as trocas culturais, sociais e materiais. Dada a generalizada insuficiência dos estudos cerâmicos medievais em Portugal, temos muita dificuldade em

diferenciar, com segurança, as relações comerciais com centros oleiros externos e a presença ocasional de peças exógenas devido à mobilidade individual ou coletiva de pessoas.

Todavia, e de um modo geral, regista-se, entre os séculos XIII e XV, um aumento gradativo no número de cerâmicas provenientes de olarias estrangeiras nas cidades portuguesas. Nos níveis baixo-medievais da Casa do Infante, no Porto, foram identificadas cerâmicas vidradas com pintura polícroma e pastas brancas, associadas aos típicos picheis de Saintonge (Barton, 1963), ao que se somam escudelas e outros recipientes de Paterna-Manises (Real *et al.*, 1995). Os dados provenientes de Lisboa, por sua vez, oferecem uma variação e quantidade mais significativas. Durante algum tempo acreditou-se que o ponto mais ocidental no continente europeu a receber cerâmicas de Saintonge seria a cidade do Porto, dadas as amplas relações económicas entre o porto de La Rochelle e o Norte da Europa, que incluía a Inglaterra e o Mar Cantábrico, chegando às costas galegas e ao Douro, uma interpretação que viria a ser reforçada pela identificação dos picheis na Casa do Infante. Contudo, o estudo do material ceramológico proveniente de uma fossa de despejo na rua dos Correeiros, na Baixa de Lisboa, permitiu a identificação de dois picheis de Saintonge, um deles decorado com um pássaro verde sobre o fundo branco, datáveis entre meados do século XIII e meados do século XIV, o que exigiu o alargamento da zona de influência dos produtos sântones para a capital do Reino (Gaspar & Amaro, 1997).

Num estudo mais recente, um conjunto de autores analisou as cerâmicas provenientes da rua das Pedras Negras n.ºs 22–28/Travessa do Almada/rua de São Mamede ao Caldas n.º 23, recolhidas aquando de uma obra realizada em três edifícios contíguos situados nesses lotes, cuja localização, em plena Colina do Castelo, suscitava grandes expectativas. Esse trabalho revelou um quadro de cerâmicas importadas deveras amplo e diversificado, no qual estão presentes as peças de Saintonge, mas também de outras regiões francesas, como Rouen e Flandres, das oficinas flamengas de Bruges e Antuérpia, inglesas de Londres e hispânicas de Granada, Valença e Sevilha (Oliveira *et al.*, 2017). Além da variedade, destaca-se nesse conjunto ceramológico a quantidade de peças, que totaliza 33 indivíduos, um número significativo para um arco cronológico entre os finais do século XIII e o XIV, ao que se soma o importante grupo de produções vidradas importadas, identificadas na área do teatro romano de Lisboa, dos quais 16 são provenientes do Reino de França, sendo outros 5 de origem não foi identificada (Fernandes *et al.*, 2008). Podemos, portanto, pensar num comércio de cerâmicas mais organizado, entre os produtores do norte europeu e a cidade de Lisboa, que não deixaria de aproveitar os portos mais pequenos, dispostos no caminho, como Porto e Braga.

Essa maior abertura comercial de peças cerâmicas levou, igualmente, a alterações na olaria local, que se viu obrigada a produzir objetos que atendessem às novas demandas da sociedade

bracarense. Dentre os contextos que analisámos na parte II, há dois que documentam o início dessas novas produções tardo-medievais, ambos provenientes da zona arqueológica do Seminário de Santiago. Num nível de preparação para assentar um piso associado à muralha fernandina (UE116), que julgamos datável da primeira metade do século XV, foi recolhido um fragmento informe de loiça vermelha de Prado, enquanto no enchimento da vala de fundação de um dos muros do Colégio de S. Paulo, construído em 1509, por D. Diogo de Sousa, foram recuperados 3 fragmentos, igualmente informes, de cerâmica vidrada de Barcelos.

Apesar da quantidade diminuta, quase residual daquelas produções, é deveras significativa a presença desses fabricos em níveis anteriores ao século XVI. *Grosso modo*, a historiografia sobre a transição da passagem do período medieval para o moderno, em Braga, encontra-se intimamente associada à ação do arcebispo D. Diogo de Sousa (1505–1532) e ao seu amplamente reconhecível movimento de transformação urbanística da cidade, com a abertura de praças, campos e largos, da rua Nova, posteriormente rua D. Diogo de Sousa, da Porta Nova, com o emblemático Arco da Porta Nova, numerosas intervenções nos edifícios religiosos bracarenses de que são exemplo a construção de uma nova capela-mor na Sé Catedral, a construção da Igreja de Nossa Senhora-a-Branca, que rematava o Campo de Santana, elemento fundamental na integração da paróquia de S. Victor no centro urbano, ou ainda a renovações no Paço dos Arcebispos (Ribeiro, 2008; Martins *et al.*, 2021), entre outras iniciativas tanto de natureza arquitetónica como relativas à promoção do ensino em Braga (Silva, 2009).

A cidade de Braga no século XV apresentava-se já bastante diferente daquele reduzido centro urbano alto-medieval vocacionado para a atividade rural. A organização de uma experiência verdadeiramente urbana, processo que se iniciou ainda no século XIII, mas que, devido às sucessivas crises pandémicas do XIV só parece ter-se afirmado de modo mais estável no mil e quatrocentos. O dinamismo social e económico que documentam os dados ceramológicos do século XV expressava o corpo cívico que habitava a cidade nesse período, em que se verifica um grupo bastante reduzido de indivíduos que se dedicavam às atividades primárias e uma primazia incontestável dos setores secundários e terciários no conjunto de profissionais que trabalhavam e residiam em Braga, como se documenta no Tombo do Cabido, de finais do século XIV, e na toponímia dos eixos viários bracarenses, patente no mapa de Braunio, de finais do século XVI (Ribeiro & Melo, 2012; Ribeiro, 2019b). Na verdade, o desenvolvimento urbanístico de Braga nos finais da Idade Média aproxima-se, salvaguardando a sua escala, da renovação do mundo urbano experienciado por todo o continente europeu (Le Goff, 1992; 2018), fenómeno que carregou consigo, igualmente, a intensificação da atividade comercial através do Atlântico e do Mediterrâneo, como bem se documenta nas importações de cerâmicas que já referimos.

Um excelente exemplo da efervescência da sociedade bracarense no século XV é a importante comunidade judaica que nela residia. Embora tenhamos grandes dificuldades em caraterizá-la anteriormente aos finais do século XIV, sabemos que, nos inícios do mil e quatrocentos os judeus constituíam um conjunto de indivíduos bastante ativo no centro urbano, envolvidos em atividades como a sapataria, a ourivesaria e a medicina (físicos), ao que se somaria, eventualmente, a usura, mas certamente também o comércio (Lobo, 1903), inclusivamente com outros reinos europeus (Meyerson, 2004), encontrando-se dispersos por diversas ruas da cidade, mas igualmente concentrados na rua da Erva, onde posteriormente foi estabelecida a Judiaria Velha (Ribeiro, 2019a).

Acreditamos que a grande liberdade experienciada pelos judeus em Braga, na primeira metade do século XV, se deve a dois importantes motivos. Em primeiro lugar, foi assinado em 1402 um acordo que realizava a transferência da jurisdição do Senhorio de Braga para a Coroa do Reino, no qual a Arquidiocese recebia enormes quantias monetárias pela cedência da cidade e do Couto (Marques, 1995/96). Desse modo, com exceção do judicio eclesiástico, destinado ao clero e aos assuntos internos da Igreja, o poder jurídico de Braga estava nas mãos dos funcionários régios, devidamente empossados pelos monarcas. Com essa particular situação da cidade nesse período, chegamos ao segundo motivo, que se relaciona com as relações entre a Coroa e os judeus. Até aos finais do século XV, parece ter havido no Reino de Portugal uma boa relação com as comunidades judaicas, especialmente em termos legais e económicos, com diversos indivíduos que professavam a fé judaica associados diretamente a monarcas, ou mesmo sendo pontualmente incentivada à instalação dessas pessoas em centros urbanos que careciam de determinados profissionais (Soyer, 2007).

Nesse sentido, não podemos deixar de sugerir, embora, de facto, carecemos de documentos que melhor o esclareçam, a relação entre o desenvolvimento comercial de Braga com o desenvolvimento social e económico vivenciado na primeira metade do século XV, no qual os judeus devem ter tido um papel de significativa importância. Vale notar, ainda, que a Judiaria Velha, localizada na rua da Erva, estava situada numa artéria viária de grande importância, no coração da área residencial da cidade, que fazia a ligação direta entre a Sé Catedral e uma das saídas da cidade, pela Porta de Santiago, cruzando a rua das Travessas, o principal eixo que estruturava a área residencial bracarense, o Bairro das Travessas (Ribeiro, 2019a).

A associação entre a maior e mais livre presença judia e a retirada do poder judicial da Arquidiocese e do Cabido bracarenses parece ser justificada quando analisamos as décadas finais do século XV. Durante o terceiro quartel dessa centúria, a administração da cidade encontrava problemas bastante significativos, dentre os quais a insuficiência financeira, por parte da vereação, para dar

respostas às despesas quotidianas, assim como os gastos com a manutenção da muralha, facto que levou o rei D. Afonso V, em 1472, a reverter a jurisdição do senhorio de Braga, que retornaria ao Arcebispo (Marques, 1995/96). Um pouco antes desse novo contrato, em 1466–1467, foi realizado um acordo entre o Cabido e a comuna judaica que levou ao encerramento da Judiaria Velha e à reunião de todos os judeus da cidade num único espaço, o tramo sul da rua da Triparia, que passou a ser designada por Judiaria Nova, localizada no canto sudoeste de Braga, entre a rua das Travessas e a rua do Postigo, que fazia a ligação ao postigo de S. Sebastião (Ribeiro, 2019a). Segundo José Marques, a mudança do local de instalação da comunidade judaica foi vista tanto positiva como negativamente, uma vez que possibilitou a membros do Cabido residirem próximos à Sé Catedral, designadamente na rua da Erva (onde estava a Judiaria Velha), ao passo que desagradou ao pároco da igreja de Santiago pelo aumento do número de não-cristãos na sua área de atuação paroquial, o que diminuía as rendas da sua igreja, situação que foi resolvida numa contenda do Cabido contra os judeus, resultando na obrigação desses indivíduos pagarem o solicitado, independentemente de sua religião (Marques, 1983).

Porém, o retorno do senhorio eclesiástico de Braga, em 1472, não significou a completa reconversão dos quadros políticos e sociais anteriores a 1402, vigorando ainda a ação da Coroa, da Nobreza urbana e rural da região, do Concelho e, naturalmente, também do Cabido e do Arcebispo, instituições que se conectavam organicamente, ao passo que seus membros, reiteradamente, estavam inseridos em variadas relações prosopográficas (Martins, 2015). Não é de se estranhar, nesse sentido, que o período entre 1472–1474 fosse marcado por casos de rebeliões que visavam a contestar os poderes vigentes, mas que vieram a ser reequacionados num modelo que, se teoricamente recuperava o que vigorava até os finais do século XIV, com o Arcebispo como Senhor da cidade do Couto de Braga, na prática se encontrava mais flexível e adaptado à nova ordem que se impunha (Martins, 2018; 2024).

A cidade de Braga nos finais do século XV apresentava uma sociedade política e economicamente bastante dinâmica, um resultado do desenvolvimento de uma formação histórica mais antiga, datável do século XI, mas que é potenciada nos finais do século XIII, pela emergência de um corpo social mais diversificado e características mais urbanas. O consumo da cerâmica nesse período é deveras revelador desse processo, evidenciando as transformações realizadas nas olarias da zona de Prado em resposta às mudanças de hábitos de consumo que ocorriam no tecido urbano, incorporando, a partir do século XV, as exigências técnicas inauguradas com a introdução no mercado de materiais importados, de cerâmicas vidradas e vermelhas.

Contudo, importa ressaltar que o aumento do comércio externo e, com ele, a chegada à Braga de cerâmicas com elementos tecnológicos e decorativos diferentes, não representou, em absoluto, a

completa transformação da produção oleira local. Apesar dos produtores do Julgado de Prado terem incorporado o revestimento vidrado a algumas cerâmicas, enquanto outras receberam óxidos de ferro na composição das pastas, com o intuito de produzir peças cujas superfícies apresentassem a cor vermelha após o seu cozimento em ambientes oxidantes, os 5 grupos de fabrico das cerâmicas baixo-medievais identificados por Alexandra Gaspar continuaram a ser largamente produzidos ao longo do século XV.

Na verdade, se podemos atribuir às importações algumas modificações na produção bracarense, especialmente em termos de mudança tecnológica, a evolução dos fabricos baixo-medievais é devedora, sobretudo, do desenvolvimento das relações simbióticas entre produtores e consumidores, pautadas nas redes que interligam os produtos às necessidades da população. As transformações das necessidades e desejos da população de Braga é a métrica para definir a atividade dos oleiros, que eram guiados pela exigência de novas formas, pelo desenvolvimento cultural, expresso na gramática decorativa, ou pelo gosto em relação aos acabamentos. A posição dos oleiros nessa rede, na verdade, é bastante particular, uma vez que esse grupo está duplamente inserido nessa trama enquanto produtores e consumidores ou, por outras palavras, são mãos que *produzem* as cerâmicas ao passo que são *produzidas*, socialmente, por elas (Malafouris, 2021).

Mau grado não nos ser possível caraterizar satisfatoriamente os ritmos das mudanças dessa produção, uma vez que carecemos de boas coleções de peças provenientes de contextos datáveis de finais do século XIV, ou dos inícios do XV, conseguimos vislumbrar parte das alterações desse fabrico nos seus momentos iniciais e finais. Como argumentámos anteriormente, as olarias bracarenses sofreram uma significativa transformação na segunda metade do século XIII, quando surgem os grupos de fabrico identificados por Alexandra Gaspar (1985), que refletem materialmente as mudanças sociais e culturais experienciadas em Braga nesse período. Essa produção é liminarmente marcada pela diversidade morfológica, tecnológica e decorativa das peças, que rompem com o quadro restrito e ruralizante do repertório que as antecederam (Machado, 2024c), bem como pela capacidade criativa e inventiva dos oleiros, na origem da experimentação de novas formas, como o alguidar de fundo em disco, os novos acabamentos, como o formato dos bordos e lábios e uma ampla, variada e complexa gramática decorativa para a qual contribuem diversas técnicas, motivos e padrões. Os ritmos das experimentações na produção baixo-medieval, ao longo do século XIV e XV, escapam-nos completamente, embora seja um tema deveras profícuo para o enquadramento da evolução económica e social de Braga. Contudo, ao compararmos os dados provenientes da análise quantitativa (Tabela 44) e morfológica (Tabelas 45 e 46) dos grupos de fabrico das cerâmicas recuperadas na rua Nossa Senhora do Leite (séculos XIII–XIV) e na

fossa do ex-Albergue Distrital (século XV) verificamos variações que, certamente, são um reflexo dessas transformações, apesar de largamente desconhecidas.

Rua Nossa Senhora do Leite			Ex-Albergue Distrital		
Grupo 1	701	42,96%	**Grupo 1**	657	34,05%
Grupo 2	450	27,55%	**Grupo 2**	193	10,00%
Grupo 3	145	8,87%	**Grupo 3**	359	18,61%
Grupo 4	210	12,85%	**Grupo 4**	373	19,33%
Grupo 5	127	7,77%	**Grupo 5**	347	17,98%
Totais	1633	100,00%	**Totais**	1929	100,00%

Tabela 44. Quantidades de cerâmicas dos diferentes grupos de fabrico da rua Nossa Senhora do Leite e do ex-Albergue Distrital (Machado, 2024c, p. 163).

O espólio ceramológico recuperado nos níveis baixo-medievais da rua Nossa Senhora do Leite e na fossa detrítica selada nos inícios do século XVI no ex-Albergue Distrital (UE858), constitui uma coleção cujas quantidades de cerâmicas individualizadas possibilitam a comparação entre os dois conjuntos. Embora os valores totais sejam sensivelmente próximos, ao analisarmos a composição dos diferentes grupos de fabrico verificamos grandes alterações entre os dois períodos. O predomínio de Gaspar 1 e 2 sobre os demais fabricos, com cerca de 70% das cerâmicas nos séculos XIII–XIV, é francamente esbatido na centúria seguinte, quando a soma desses dois grupos não chega sequer aos 50% do total de peças identificadas. O aumento dos demais fabricos é reconhecível em todos os 3 fabricos, mas particularmente destacado nos fabricos 3 e 5, cujo aumento no século XV, em comparação com o período anterior, se deu na ordem dos 209,81% e 231,4%, respetivamente. As mudanças na composição dos conjuntos ceramológicos bracarenses ao longo da Baixa Idade Média é um reflexo, mau grado ainda bastante incompreendido, das movimentações no corpo social da cidade.

Rua Nossa Senhora do Leite	Gaspar 1	Gaspar 2	Gaspar 3	Gaspar 4	Gaspar 5
Alguidar	x				
Bacia		x			
Balde	x				
Jarro	x	x	x	x	
Pote pequeno	x	x		x	
Pote médio	x	x	x		x
Pote grande	x	x	x	x	
Púcaro	x	x	x		
Tigela		x			

Tabela 45. Distribuição das formas das cerâmicas baixo-medievais da rua Nossa Senhora do Leite pelos grupos de fabrico (adapt. Gaspar, 1985).

Ex-Albergue Distrital	Gaspar 1	Gaspar 2	Gaspar 3	Gaspar 4	Gaspar 5
Alguidar	x	x			
Bacia	x	x	x		
Balde	x				
Caçarola		x			
Caneca	x	x			
Jarro	x	x	x	x	
Pote pequeno	x	x	x	x	
Pote médio	x	x	x	x	x
Pote grande	x	x	x	x	x
Prato	x				x
Pucarinho	x				
Púcaro	x	x	x	x	
Tigela	x	x		x	

Tabela 46. Distribuição das formas das cerâmicas baixo-medievais da fossa detrítica do ex-Albergue Distrital (UE858) pelos grupos de fabrico.[65]

A análise comparada do repertório formal da cerâmica baixo-medieval de Braga entre os séculos XIII–XIV e XV apresenta pistas das linhas de força que certamente pautaram a evolução da sociedade bracarense nesse período. Assim, se as transformações no consumo dos recipientes

[65] As tabelas 45 e 46 são uma reprodução das tabelas 42 e 43 apresentadas na Parte III deste trabalho.

cerâmicos no século XIII representou um rompimento com a matriz rural da cidade, o seu desenvolvimento ao longo do século XV reflete um cenário de maior acentuação das caraterísticas plenamente urbanas da população que residia em Braga. Esse corpo cívico que gradativamente aumentava a sua demografia, recuperando-se dos impactos das crises pandémicas do século XIV, exigia uma maior diversidade de recipientes, o que levou a dois resultados: as formas que já eram fabricadas, e que naturalmente conheciam uma procura considerável pela população urbana, foram produzidas em outros fabricos, como as tigelas e as bacias, que só foram reconhecidas no espólio da rua Nossa Senhora do Leite, em fabrico Gaspar 2 e no ex-Albergue Distrital, onde aparecem também em fabricos Gaspar 1 e 4 e Gaspar 1 e 3, respetivamente. Por outro lado, a sociedade bracarense do século XV terá exigido ainda o alargamento do repertório formal das cerâmicas, fenómeno bem documentado com o aparecimento de 4 novas formas, identificadas no contexto da fossa detrítica do ex-Albergue Distrital (UE858), representadas por caçarolas, canecas, pratos e pucarinhos (Figura 86).

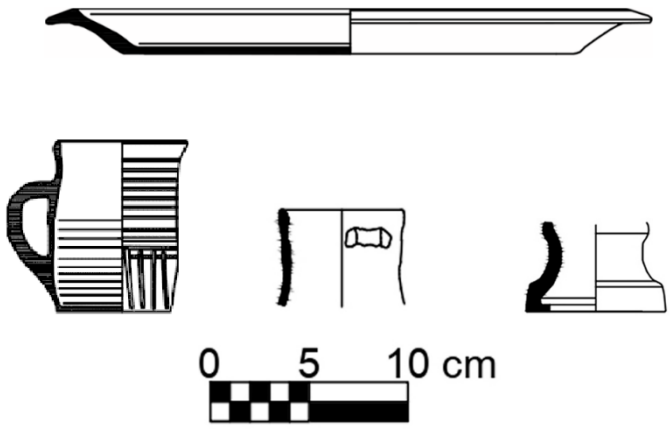


Figura 86. Novas formas das cerâmicas baixo-medievais de Braga, identificadas na zona arqueológica do ex-Albergue Distrital: prato, caneca e pucarinho[66].

A experiência moderna bracarense, que a historiografia identifica a partir do século XVI e associa diretamente à ação do arcebispo D. Diogo de Sousa, é, em larga medida, o resultado do desenvolvimento tardo-medieval. Se é verdade que se deve a esse prelado a adequação da morfologia urbana e das arquiteturas da cidade aos preceitos renascentistas, isso só foi possível pela evolução do corpo social bracarense nos séculos anteriores, que conformou uma sociedade material e simbolicamente aberta às influências externas.

[66] A caçarola identificada nessa camada não foi desenhada devido ao seu reduzido tamanho. A forma retangular desse recipiente é sugerida pelo ângulo reto reconhecido no bordo, com o vértice arredondado, mas as dimensões do fragmento, restrito a uma pequena fração do bordo e da parede, impossibilita qualquer projeção de suas medidas.

2 Entre contextos e objetos: uma reflexão sobre a mudança

Um dos pilares mais importantes na definição da Arqueologia enquanto ciência, desde o século XVIII, é a assertiva de que as *coisas* possuem *historicidade*, ou seja, conforme as sociedades sofrem mudanças, o mundo material também é alterado, o que possibilitaria aos arqueológos inferirem interpretações sobre as realidades do passado a partir da análise das materialidades presentes nos contextos arqueológicos. Esse pressuposto dá corpo científico à Arqueologia desde muito cedo, estando presente, por exemplo, na afirmação de Vere Gordon Childe, ao definir o registo arqueológico enquanto a fossilização dos resultados da ação humana e o papel dos arqueólogos como aqueles que reconstituem essa ação com vistas à compreensão dos pensamentos que a subjazem (Childe, 2015).

Ao longo do desenvolvimento da Arqueologia, o pressuposto da historicidade das coisas sustentou diferentes perspetivas do estudo das materialidades, que a disciplina identifica nos âmbitos dos contextos, cuja relação com as transformações políticas, sociais, intelectuais e culturais da sociedade procurámos demonstrar na Parte I do presente trabalho, mas que urge revisitar novamente.

A inter-relação entre as perspetivas teóricas ou conceptuais e os objetos arqueológicos encontra-se bem-apresentada num instigante estudo sobre as sigilatas gálicas realizado por Astrid Van Oyen (2016). Nessa obra, a autora faz uma interessante e desafiadora afirmação: "as sigilatas nem sempre foram a mesma coisa!"[67]. Essa frase foi utilizada com o intuito de sintetizar a evolução do modo como essas cerâmicas foram analisadas pelos arqueólogos. Segundo Van Oyen, entre os séculos XVIII–XIX as sigilatas eram apresentadas a partir do julgamento estético de suas formas e, principalmente, das decorações, enquanto os estudos realizados nos finais do século XIX e inícios do XX privilegiaram a criação de *corpora* que reunissem um conjunto de peças a partir da sua correlação entre as diferentes formas, decorações e as marcas de oficina, produzindo-se, assim, os primeiros catálogos de sigilatas que ajudaram a promover a estreita associação entre essas peças e a cultura romana, no seio do histórico-culturalismo. Durante o século XX, os *corpora* de sigilatas, cada vez mais afinados e rebuscados no que toca às cronologias das microvariações que as peças sofreram, serviram de base para a datação dos estratos dos mais diversos contextos do Império Romano. De facto, a partir desses quadros cronológicos baseados nas variações micromorfológicas ou microdecorativas das sigilatas, os arqueólogos partiram para as escavações localizadas em distintas geografias imperiais munidos de instrumentos tão poderosos que possibilitaram, em poucas décadas, a afinação da datação dos contextos identificados nesse amplo universo. *Pari passu* a esse uso instrumental das sigilatas como ferramenta

[67] "*Sigillata has not always been the same thing!*" é o título do ponto 2.3.5 do livro *How Things Make History. The Roman Empire and its terra sigillata pottery*, de Astrid van Oyen (2016).

de datação das camadas arqueológicas, na segunda metade do século XX surgiu um grupo de investigadores, particularmente ligados à Arqueologia Processual, que se interessaram em recompor as cadeias operatórias e a organização da produção desses fabricos, inaugurando um campo de trabalho centrado na identificação das oficinas e dos indivíduos associados aos centros produtores (Van Oyen, 2016, pp. 20–32).

Em suma, muito embora o objeto de análise tenha sido o mesmo, o olhar sobre as cerâmicas ao longo dos últimos séculos alterou-se conforme as mudanças de interesses dos arqueólogos, sendo eles também um reflexo da evolução das questões e motivações das sociedades em que vivem. Nesse sentido, parece-nos bastante claro que as bases teóricas que orientam qualquer trabalho científico em Arqueologia são inarredavelmente fundamentais para as possibilidades de interpretação e compreensão das análises empreendidas.

"Teoria" vem do grego *theoría* e significa observação, contemplação ou, de modo mais amplo, o senso da visão (Montanari, 2015, p. 940 – s.v. *theoría*), encontrando na forma verbal *theréo* o ato de ver ou assistir e, figurativamente, julgar ou considerar (Montanari, 2015, p. 940 – s.v. *theréo*). Nesse sentido, os pressupostos teóricos de qualquer trabalho científico definem tão intrinsecamente o seu horizonte de perspetivas e expectativas que, por extensão, definem previamente os limites da análise e da interpretação ou, em outras palavras, os pontos cegos ou obscuros e os silêncios da abordagem. Importa, portanto, revermos os marcos teóricos contemporâneos sobre a análise das materialidades.

Após a II Guerra Mundial, a intelectualidade ocidental, especialmente na Europa e nos EUA, produziu uma sistemática revisão epistemológica das bases que constituíam as mais variadas ciências. Nesse momento, o interesse pela materialidade ganhou um grande fôlego nos estudos antropológicos, sociológicos, históricos e no debate filosófico, particularmente devido à aplicação das ideias marxistas às ciências sociais e humanas. Na verdade, a ideia de uma materialidade que resulta e dá suporte à vida social encontra-se reiteradamente presente nas obras de Karl Marx e Friedrich Engels, para quem "a forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são. [...] Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção" (Marx & Engels, 2002, p. 19). Essa perspetiva apresenta uma importante mudança na forma como a relação homem-materialidade é compreendida, permitindo considerar que a vida material é um *produto* da ação humana, mas, ao mesmo tempo, constitui parte daquilo que os seres humanos *são*.

Um importante contributo para se repensar o papel da vida material na construção cognitiva e social das pessoas é a grande obra *Fenomenologia da Percepção*, de Maurice Merleau-Ponty (1999), onde se enuncia que os mecanismos pelos quais as pessoas apreendem a realidade, necessariamente

através dos cinco sentidos, representam a forma como percebem a si próprios. Os olhos que vêm, vêm-se vendo e, face a uma superfície que possibilite o reflexo, vêm-se a si próprios. O nariz que inala o mundo, inala-se a si próprio. Os ouvidos que ouvem os sons ao seu redor, ouvem-se a si próprio. A língua que sente os sabores daquilo que chega à boca também é capaz de sentir o sabor de si próprio. E as mãos, com as quais verificamos as texturas, as temperaturas e a pressão exercida pelos elementos que compõem o mundo à volta, também é capaz de sentir a si próprio, de tal modo que quando a mão esquerda se une e entrelaça à direita, uma sente a outra, e sente-se sentida, e essa simbiose é tão intensa que a pele deixa de ser o limite entre o interno e o externo, mas a via pela qual o corpo se estende para o mundo e, ao mesmo tempo, traz o mundo para dentro de si. O brilhantismo e a poesia das ideias de Merleau-Ponty levam-nos a compreender que a separação ontológica e radical entre a mente e o corpo/mundo, ou a *res cogitans* e a *res extensa*, como defendia René Descartes, não se sustenta quando analisamos a forma pela qual apreendemos aquilo que nos rodeia e os mecanismos pelos quais constituímos a nossa cognição, identidade e sensibilidade (Damásio, 2012).

A íntima interação entre o pensamento e a ação, para o tema que nos interessa e temos vindo a defender e desenvolver ao longo deste trabalho, encontra um excelente exemplo quando refletimos sobre a produção dos objetos cerâmicos. Um oleiro quando está no torno, ou a modelar manualmente uma peça possui apenas dois instrumentos para verificar o seu trabalho. Por um lado, ele tem uma ideia da forma que a cerâmica deverá ter, as suas dimensões aproximadas e os demais elementos morfológicos como carenas ou estrangulamentos nas paredes. Porém, aquilo que vai definir o sucesso do oleiro em produzir uma peça com a forma desejada não é a projeção da mesma, enquanto o objetivo final no seu cérebro, mas a sua capacidade de interpretar os sinais recebidos pelas suas mãos ao tocar o pedaço de argila a que está a dar forma, e assim realizar as ações necessárias, como adicionar mais água ou argila, controlar o torno, aplicar mais ou menos pressão com os dedos sobre a matéria prima, entre outros (Malafouris; 2021). As mãos do oleiro exercem um papel central na confeção da cerâmica, pois elas são o ponto de interação entre a mente dessa pessoa, que projeta as causas formal e final da peça, em termos da física aristotélica, e as exigências da causa material, sendo o resultado dessa relação a base constituinte da causa eficiente, o próprio oleiro. Não se trata, portanto, de um conhecimento racional a operar as mãos, visto que a velocidade com que as tomadas de decisão precisam ser realizadas, a partir dos microssinais que os dedos detetam, aquando da modelação da peça, não permitem uma racionalização da atividade por parte do artesão, mas uma resposta automática formada a partir da experiência (Malafouris, 2013). O equipamento cerebral, cognitivo e mental do oleiro é construído *através* das suas mãos e da matéria-prima, cuja relação é de tal intimidade que, ao lhe

perguntarmos os motivos que o levaram a adicionar mais ou menos água ou a exercer mais ou menos pressão nos dedos, esse artesão não consegue fornecer uma resposta racional, afinal, essa faculdade humana nunca esteve seriamente envolvida no seu trabalho.

A virada epistemológica que coloca o mundo como parte constituinte da formação do ser insere-se num movimento do pensamento que privilegia formas não-antrópicas de se relacionar com a natureza e o planeta, no qual o centro e o fim da análise deixam de ser exclusivamente os seres humanos e incorporam também os elementos materiais, antrópicos ou não. Essa mudança de paradigma levou à reavaliação, por parte da Antropologia, do papel dos objetos na formação das sociedades, resultando na ampliação do conceito de agência, antes restrito à ação humana, e que passou a incluir a capacidade de os materiais provocarem eventos causais, como defendeu o antropólogo Alfred Gell (1998) em sua obra *Arte e Agência*.

Um excelente exemplo da agência material em prática foi fornecido pelo filósofo Bruno Latour, um crítico voraz do projeto moderno por separar duas categorias ontológicas, Natureza e Cultura/Sociedade, porque, na sua visão, há uma simetria entre essas duas categorias que interagem no que o filósofo propôs como Teoria ator-rede (Latour, 1994). Num artigo intitulado *Technology is society made durable* (Latour, 1990), publicado na revista *The Sociological Review*, Bruno Latour apresenta-nos o caso de um hotel que exigia dos seus hóspedes que deixassem as chaves dos quartos na receção quando saíssem (Figura 87). Para tal, foi instruído ao gerente que anunciasse essa ordem às pessoas, iniciativa que não resultou, pois, a maior parte dos hóspedes esquecia-se de fazê-lo. Em seguida, foram afixados cartazes, na esperança de que essa sinalização visual, somada às palavras do gerente, reverteria a situação, o que, novamente, não se mostrou eficaz. Por fim, foi decidido alterar os porta-chaves, substituindo os anteriores, que seriam pequenos e discretos, ostentando apenas o logo do hotel, por uns elementos metálicos com uma dimensão e peso suficientemente incómodos para desmotivar a qualquer pessoa que os carregasse. Essa iniciativa funcionou satisfatoriamente e a maior parte dos hóspedes passou a deixar as chaves na receção quando saíam do hotel. Essa pequena e simples historieta demonstra que o comportamento humano não é regrado exclusivamente pelo pensamento e ideias, existindo na materialidade uma capacidade de agência que condiciona, restringe, promove e, efetivamente, altera a ação das pessoas, exclusivamente pela sua constituição material. Ou, noutras palavras, dada a simetria existente entre pessoas e coisas, uma vez que a constituição de si é realizada também pela perceção do mundo, a capacidade de agência é uma qualidade atribuída aos dois, de tal forma que o comportamento humano é regulado tanto pela força das ideias (leis, regras, constrangimentos, etc. – o *superego* freudiano) como pela materialidade.

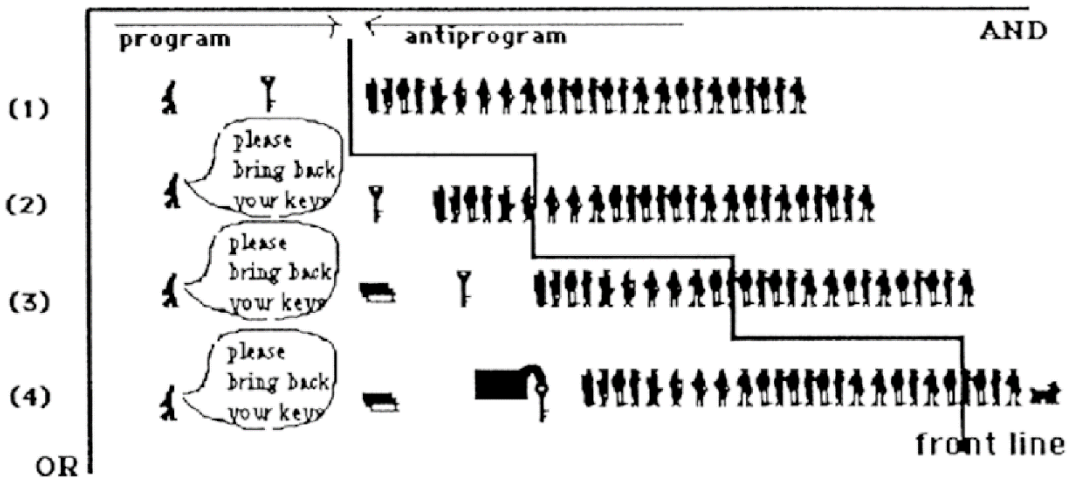


Figura 87. Ilustração do caso das chaves do hotel, de Bruno Latour (1990).

O modo pelo qual a materialidade exerce a sua capacidade de agência é, entretanto, um pouco diferente daquela atribuída às pessoas. Segundo Alfred Gell (1998), os objetos possuem uma agência secundária, pois a sua existência deve-se a uma ação humana prévia responsável pela sua produção. Assim, podemos pensar em dois cenários distintos para as cerâmicas. No primeiro, as demandas e exigências da sociedade e a perícia e habilidade dos oleiros levam a que sejam produzidas uma certa variedade de peças, com um repertório morfológico, técnico e decorativo que busca responder às necessidades materiais da população. Essas cerâmicas, uma vez prontas, são transportadas até os locais onde serão comercializadas, cumprindo, assim, o seu papel ou causa final. O tempo de consumo dessas peças é bastante variado, pois está diretamente condicionado por um conjunto de circunstâncias, associadas ao seu uso, e de contingências, como eventuais acidentes, impossíveis de prever. Considerando-se, entretanto, que invariavelmente em algum momento essas peças sofrerão qualquer tipo de dano que resultará no seu descarte, podendo também ser intencionalmente retiradas do seu uso esperado, como acontece com a sua deposição numa sepultura, ou o aproveitamento da forma para uma outra qualquer atividade diferente daquela para que foi produzida, o hipotético consumidor de cerâmicas terá necessidade de comprar mais peças e, portanto, o nosso oleiro vai produzir mais uma fornada de recipientes. Uma vez que não houve a criação de novas exigências por parte da sociedade entre esse novo conjunto de cerâmicas e o anterior, as peças que o oleiro vai fabricar terão, sensivelmente, os mesmos aspetos morfológicos, técnicos e decorativos. Esse processo repetir-se-á enquanto houver produtores e consumidores de cerâmicas, sucessivas gerações de oleiros, que aprendem uns com os outros, bem como comerciantes e usuários de peças cerâmicas.

Dada a íntima relação entre a sociedade e o consumo de cerâmica, e a partir de uma abordagem simétrica entre as pessoas e os objetos, podemos vislumbrar uma reciprocidade entre a

agência humana que cria as cerâmicas, e a agência material das cerâmicas que, ao cumprir o seu papel, cria a sociedade por meio das potencialidades e das restrições inscritas na sua materialidade (Norman, 1998), assim como pelo seu viés simbólico associado à tradição das formas, ou à gramática decorativa que reverbera as expressões culturais dessa sociedade. A estabilidade e a repetição das atividades produtoras e consumidoras e das formas e dos acabamentos das cerâmicas produzem um ordenamento previsível e presumível da sucessão dos fenómenos que ocorrem à nossa volta e que vão constituir a estrutura mental que possibilita a apreensão da realidade, como propôs David Hume (2000).

Nesse sentido, ao longo das etapas de formação pessoal e social de crianças e jovens, as novas gerações desde cedo interagem com as estruturas que formam a sociedade, nas quais, como argumentamos previamente, estão inseridas as realidades materiais. Por outras palavras, se a sociedade está intimamente associada ao consumo de cerâmicas, isso deve-se às respostas exigidas para produzir a condição material de existência e organização do corpo social, estruturas que são herdadas pelas gerações subsequentes, as quais, embora não tenham sido responsáveis pela criação do modo pelo qual a sociedade se reproduz, são inseridas nessa realidade. Assim, o papel ativo da agência material das cerâmicas incorpora uma face pedagógica que educa e adequa os corpos para atuar no meio social.

A evolução tecnológica ao longo do século XX afastou-nos, em larga medida, das cerâmicas enquanto objeto constituinte da realidade material e social, o que não deve fazer-nos perder a perspetiva do seu valor histórico. Hoje em dia, as nossas atividades quotidianas relacionadas com os hábitos alimentares, assim como com o armazenamento e o transporte de alimentos, conhecem outros materiais, como o plástico, o metal e o vidro, ao passo que as cerâmicas sofreram uma drástica redução no contexto da interação humana. Desse modo, julgamos útil examinar a evolução social recente para melhor aprofundar este tema.

O mundo alterou-se profundamente na segunda metade do século XX. Como já referimos na Parte I do presente trabalho, as promessas do projeto moderno do século XIX, de que através da razão e do progresso tecnológico construiríamos uma sociedade melhor, e que com as bênçãos de Marianne teríamos as tão desejadas liberdade, igualdade e fraternidade, sucumbiu face aos horrores do genocídio e das bombas atómicas. Essa realidade, dura e cruel, é fundamental para compreendermos a vital necessidade de mudança que o mundo carecia.

Desde 1933, quando o partido Nazi assumiu o Reichstag através da eliminação da concorrência, vários campos de concentração foram criados na Alemanha, cujos objetivos eram muito variados, uns destinavam-se ao encarceramento de inimigos políticos, especialmente os comunistas e os anarquistas, e depois aqueles ostracizados como inimigos da pátria, como ciganos, homossexuais,

Testemunhas de Jeová, ou qualquer outro grupo cujo comportamento ou ideia não se enquadravam nos objetivos do governo, enquanto outros desses campos eram destinados à exploração desses indivíduos através do trabalho escravo. Contudo, uma vez que foram verificados os primeiros sinais de um eventual enfraquecimento do avanço alemão, ainda em 1941, quando falhou em conquistar Moscovo e o Eixo perdeu os territórios no Norte da África, apesar da Guerra no Pacífico ter conhecido, nesse momento, ganhos positivos para o Japão, o partido Nazi decidiu criar uma nova modalidade de equipamentos destinados aos inimigos da pátria, cujo único objetivo era o extermínio em massa de pessoas. Entre 1941–1945 vários desses campos de extermínio foram criados, dentre os quais o mais conhecido é Auschwitz-Birkenau e, a partir de 1942 foram aprovados diversos diplomas, sobretudo na Conferência de Wannsee, que introduziram o projeto conhecido por "Solução Final", particularmente associado a Himmler, através do qual os inimigos da Alemanha Nazi, em particular os judeus deveriam ser eliminados. Para além dos aspetos logísticos, como as linhas ferroviárias para o transporte das pessoas, o projeto incluiu ainda elementos que promoviam a redução de traumas nos soldados alemães, causados pelo trabalho que deviam executar, especialmente no que toca à remoção dos corpos. Um dos exemplos dessas soluções é a construção de câmaras herméticas onde gases venenosos eram injetados, o que afastava o ato de matar das mãos dos jovens alemães.

O que nos assusta, verdadeiramente, nesse triste momento da nossa contemporaneidade é o caráter simples, comum e ordinário dos indivíduos que perpetraram um dos maiores horrores que a Humanidade realizou, como muito bem demonstrou a filósofa política Hannah Arendt em seu livro sobre a banalidade do mal (1999), produzido a partir do julgamento de Adolf Eichmann. Um funcionário exemplar, muito trabalhador e ciente dos seus deveres cívicos, um homem honesto, educado e obediente, Eichmann era uma pessoa como tantas outras, como nós próprios. A defesa apresentada por Eichmann em seu julgamento, realizado ao longo do ano de 1961, em Jerusalém, era a de que ele não havia matado ninguém, e nem mesmo assistido qualquer execução, apenas cumpriu as ordens que lhe foram exigidas, pelo que deveria ser exaltado como o bom funcionário que foi, e não acusado de ações que ele não teria cometido. O homem trabalhador e simples era o responsável pela operacionalização dos transportes que levavam os judeus das áreas conquistadas pela Alemanha na Europa até os campos de extermínio, definindo os seus destinos. O funcionário exemplar era apenas um burocrata, o resultado final da racionalização do Estado, que retira às pessoas o seu papel de indivíduos, enquanto seres pensantes e atuantes, tornando-os meros reprodutores de tarefas, cujas consequências não lhes interessam, nem mesmo quando se tratou da morte de cerca de 3 milhões de pessoas. Ele *apenas* cumpria ordens.

O impacto daquele evento foi enorme. A partir de 1945, mas, especialmente, após 1968, assistimos a um significativo movimento científico e popular que clamava por novas formas de se entender e observar o mundo, o que resultou em grandes alterações políticas e epistemológicas no decurso da segunda metade do século XX. Um dos grandes pensadores desse momento foi o geógrafo David Harvey, cujos estudos, sobretudo sobre a geografia urbana e a sociedade capitalista, são referências obrigatórias para se pensar e compreender o mundo atual. Na obra *A condição pós-moderna* (Harvey, 2008), Harvey analisou o modo como a globalização afetou a organização das sociedades, ocupando-se dos efeitos do trânsito de mercadorias à escala mundial e das consequências de uma maior integração do mundo nas estruturas mentais, políticas, sociais e culturais das sociedades.

Com o fim da II Grande Guerra, uma parte considerável do investimento tecnológico militar foi revertido para a indústria civil, o que significou um desenvolvimento enorme em diversos campos, dentre os quais destacamos os transportes e as comunicações. A maior conectividade do mundo na segunda metade do século XX, sobretudo no bloco ocidental da Guerra Fria, alterou o modo como as pessoas percebem e assimilam o tempo e o espaço. A popularização dos aviões para o transporte de civis e dos telefones, seguidos já nos finais da centúria pelos telemóveis, que representaram uma nova realidade, na qual as distâncias se encurtam e o trânsito de pessoas e mensagens fica muito mais célere.

O avanço tecnológico tornou-se exponencial já no XXI promovendo uma redução da perceção do tempo e do espaço. Com a criação dos computadores para uso civil, os chamados *personal computer* (PC), nos anos 1970, e a sua popularização nas décadas seguintes, momento em que, igualmente, os computadores portáteis estavam a ser produzidos e comercializados, a comunicação escrita e o envio de documentos venceram a barreira dos dias ou meses que levavam para que o papel físico chegasse ao seu destino através dos serviços de correio, tornando a comunicação instantânea. Porém, a materialidade dos computadores ainda exige a fixação das pessoas num lugar para o seu uso, especialmente no caso dos computadores pessoais. Mesmo que os portáteis permitam uma maior mobilidade, o seu uso ainda depende de uma considerável estaticidade, embora esse contratempo tenha vindo a ser resolvido com os telemóveis PDA, ainda nas décadas de 1980–1990 e, já no fim dos anos 2000, com os *smartphones iPhones* da *Apple* e *Androids* da *Google*.

Segundo o arquiteto Paul Virilio, o avanço da contração do tempo e do espaço pelo avanço tecnológico nos transportes e nas comunicações levariam ao colapso dessas duas estruturas de perceção da realidade, produzindo uma acronia e uma atopia (Virilio, 1993). Nas palavras da filósofa Marilena Chaui:

> A fragmentação e a globalização da produção económica engendram dois fenómenos contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação, a compressão do espaço – tudo se passa aqui, sem distâncias, diferenças nem fronteiras – e a compressão do tempo – tudo se passa agora, sem passado e sem futuro. [...] A profundidade do tempo e seu poder diferenciador desaparecem sob o poder do instantâneo. Por seu turno, a profundidade de campo, que define o espaço da percepção, desaparece sob o poder de uma localidade sem lugar e das tecnologias de sobrevoo (Chaui, 2008, p. 62).

O mundo inteiro, do ponto de vista espacial, e toda a história, do ponto de vista temporal, estão contraídos e reunidos na tela do *smartphone* que pousa, falsamente inerte, sobre a palma das nossas mãos, onde quer que estejamos. Através de alguns poucos toques com a ponta dos dedos deslocamo-nos a qualquer lugar do mundo, passeamos por ruas, assistimos ao por do Sol, ou a um concerto, percorrendo dezenas, centenas e milhares de quilómetros instantaneamente. Também através de alguns poucos toques podemos saber as últimas notícias de qualquer país do mundo, tendo acesso a livros e obras de arte produzidas pelas sociedades humanas ao longo da História da Humanidade. Tudo isso acontece *aqui* e *agora*, esteja onde estiver, pois o espaço é o *aqui* e o tempo o *agora*.

Os processos históricos que levaram à conformação da sociedade atual resultaram nos *smartphones*, enquanto produto material que responde às necessidades e desejos das pessoas. Não foram os telemóveis e as mais avançadas tecnologias de informação e comunicação que produziram a sociedade, foi a agência humana histórica, portanto, ancorada num tempo e num espaço, que levou ao surgimento desse objeto[68]. Porém, é inegável a imensa capacidade de agência secundária dos telemóveis, sendo um dos elementos constituintes das nossas relações interpessoais, dos processos de trabalho, estudo e formação, de entretenimento, comunicação e informação.

Quantos de nós já não ouvimos ou mesmo dissemos a frase "essa juventude não sai do telemóvel"? Embora possa parecer uma frase simples e talvez quase esvaziada de sentido, dada a intensa repetição, ela revela uma componente importante da relação entre pessoas e os objetos, que ecoa as ideias de Marx, Merleau-Ponty e Latour, a de que a nossa formação pessoal, identitária e social passa, necessariamente, pela realidade material em que estamos inseridos. E como os estudos na segunda

[68] Apesar de, nesse momento, estarmos a fazer um diálogo com aquilo que antes expusemos sobre a ação dos oleiros, não iremos retomar os mecanismos pelos quais os telemóveis são produzidos, em parte porque não é necessário à argumentação, mas, sobretudo, porque isso nos escapa quase por completo.

metade do século XX não se restringiram aos transportes e às comunicações, ou à Filosofia e à Antropologia, aprendemos muito sobre o funcionamento do cérebro, através da Psicologia e das Neurociências, e esse conhecimento, vertido às indústrias que produzem os telemóveis, permitiu desenvolver mecanismos muito eficientes que levam à geração de dopamina no corpo dos usuários, que resulta, em muitos casos, na adicção (Brewer, 2017; Rosaline & Johnson, 2020). Portanto, não se trata apenas do uso funcional e necessário, mas do uso permanente, num incessante "*feed*" de notícias, imagens e mensagens que ocorre, sempre, aqui e agora.

O uso prolongado e, em muitos casos, adictivo dos *smartphones* leva, naturalmente, à intensificação dos quadros previstos por Paul Virilio, designadamente ao colapso das estruturas mentais que apreendem a realidade a partir da perceção do tempo e do espaço. Contudo, podemos observar outros efeitos, como as alterações na forma como se dá o exercício da política e as ameaças às democracias (Hindman, 2018), ou as consequências à saúde mental das pessoas, com o aumento da ansiedade e a drástica redução da capacidade de concentração (Roholt, 2023). Portanto, como negar o papel da materialidade na reprodução da sociedade que a cria?

Por fim, voltamos às cerâmicas. O século XIII assiste a uma verdadeira revolução na produção oleira de Braga, associada ao fabrico de novas peças, diferentes daquelas que até àquele momento eram produzidas e consumidas na cidade, com um repertório formal, uma gramática decorativa e técnicas de fabrico distintas. Esse material foi primeiro identificado e caraterizado por Alexandra Gaspar (1985) quando estudou o espólio proveniente de umas fossas de descarte de material aparentemente danificado, identificadas arqueologicamente na rua Nossa Senhora do Leite, em 1983. Quer o contexto, quer as cerâmicas, detalhadamente analisados por A. Gaspar são deveras interessantes, merecendo uma apreciação mais detalhada do ambiente em que foram encontrados.

A arqueologia tem vindo a registar um importante conjunto de evidências materiais na área da cidade de Braga que se situa nas traseiras da Sé, que correspondia na Alta Idade Média a uma área periférica da cidade, que inclui a atual rua N. Senhora do Leite, herdeira da medieval rua de Oussias, ainda referida na cartografia do século XVIII e XIX. Do ponto de vista urbanístico e construtivo esta é uma área de primordial importância para a compreensão da evolução urbana de Braga, a partir do século IV, pois foi aí que se concentraram os equipamentos mais emblemáticos associados ao culto cristão, que determinaram a organização de um novo polo de poder político e religioso, polarizador e ordenador de uma nova paisagem urbana, apesar de ser uma área excêntrica e periférica da antiga cidade romana e tardo-antiga (Fontes *el al.*, 2010). Os edifícios cristãos que aí se construíram, que formalizaram o complexo episcopal bracarense, correspondem a uma basílica, erguida entre finais do século IV e inícios

do V, que terá reaproveitado um anterior edifício romano, situando-se maioritariamente sob o edifício da atual Catedral (Fontes *et al.*, 1997–98) e um outro edifício, que acreditamos corresponder ao paço episcopal, detetado na intervenção arqueológica realizada nos lotes 8/10 da rua N. Sra. do Leite (Martins *et al.*, 2022; no prelo), que se estenderia, a sul, para a área ocupada pela Casa da Roda, a julgar pela semelhança dos mosaicos tardios encontrados nos dois lotes (Wrench, 2020). A importância histórica e urbanística deste conjunto de equipamentos está bem representada na localização da atual catedral, sagrada em 1089, erguida no mesmo local da primeira basílica paleocristã da cidade, que foi sendo sucessivamente reconstruída, entre meados do século VIII e 1070, data da restauração da diocese bracarense.

Uma história diferente, pode ser inferida a partir dos dados arqueológicos associados ao edifício que interpretamos como paço episcopal, que admitimos ter sido abandonado no século VIII, na sequência de um incêndio que pode corresponder à incursão muçulmana dos inícios do século VIII, que terá determinado o seu abandono. Na verdade, as circunstâncias que se terão sucedido àquela incursão e à saída do bispo, com a sua corte para Lugo, convergem para um cenário de retração e de incapacidade política e económica de reconstrução, pelo menos ao longo do século VIII, o que terá justificado uma significativa redução da população e da área ocupada da cidade, na origem de uma nova cerca defensiva alto-medieval, que reduziu para ¼ a área anteriormente ocupada, correspondente à cidade tardo antiga (Ribeiro, 2008; Fontes *el al.*, 2010).

Nada sabemos sobre a reorganização da área localizada nas traseiras da Catedral, ao longo dos séculos da Alta Idade Média (VIII–XII), sendo certo que o protagonismo do local no tempo de vida do paço episcopal teria determinado uma intensa circulação na área, que justificaria a existência de um arruamento entre os dois edifícios, o qual terá persistido, certamente com mudanças de configuração ao longo dos séculos, estando na origem na atual rua da N. Senhora do Leite.

Tendo em conta o perímetro norte da muralha alto medieval, que reutilizou o traçado da muralha romana, essa artéria estaria limitada, a norte, pela referida linha defensiva, talvez desembocando no caminho de ronda que circundaria internamente a muralha. A sul, a artéria deveria estender-se até à rua das Travessas, já referida no século XII, a qual cruzava a cidade no sentido E/O (Ribeiro, 2008). À artéria alto-medieva terá sucedido a melhor documentada rua das Oussias, igualmente com orientação N/S, que se que ligaria à rua da Olaria, que contornava parcialmente a fachada sul da Sé. No século XIV a rua de Oussias deverá ter adquirido uma nova fisionomia, tendo sido certamente regularizada na sequência da construção da capela de N. S. da Glória e da sua torre anexa, a norte, obra de D. Gonçalo Pereira (1326-1348), que decorre da destruição da parte norte da muralha alto-medieval

que permitiu ampliar a cidade para norte (Martins *et al.*, 2021). A partir de então, a rua de Oussias passou a ligar-se a norte à rua do Souto, que dividia a cidade a meio.

A reconfiguração da rua de Oussias prosseguiu nos inícios do século XVI, com a reconstrução da cabeceira da Sé, por iniciativa de D. Diogo de Sousa, que procedeu também a uma reconfiguração urbanística da área situada a nascente da Catedral, documentada pela abertura da rua de S. João, que ligou a cabeceira da Sé e a rua de Oussias com a Porta de S. João. A nova artéria conferiu um novo protagonismo à rua de Oussias, agora ligada ao exterior da cidade por uma porta da muralha, o que influenciou a sua valorização urbana, também garantida pela sua articulação com a rua do Souto, a principal artéria da cidade medieval e moderna. As novas edificações alinhavam-se do lado nascente da rua, em parte sobre os terrenos onde se situava o paço episcopal, tendo como limite norte a rua do Souto e, a sul, as construções que limitavam a rua dos Cegos, ou rua do Forno, que assegurava a ligação à rua das Travessas.

Data do século XII a primeira referência à medieval à rua dos Cegos, estando, contudo, melhor documentada no século XIV, no *1º Livro do Tombo do Cabido*, onde é descrita como a "*Rua que chama*m *dos Cegos como vai de donde vendem os Santos ataa Cruz Dante o forno da Infanta*". Esta citação fornece-nos um elemento toponímico e topográfico que serviu para referenciar vários espaços da cidade medieval, pelo menos, desde o século XII, o que permite considerar a sua importância na economia da cidade medieval. O "Forno da Infanta" (forno da Infanta D. Sancha), situava-se num local de cruzamento de várias artérias medievais, como a rua das Travessas, a rua dos Cegos, a rua Paio Manta e a rua de Palhas, não muito longe da rua da Olaria. A localização exata do forno é fornecida pelo MRB, correspondendo à casa nº 12 da rua dos Cegos, casa que herdou o nome de "Forno da Infanta", pois aí funcionou, até 1481, o antigo forno (Ribeiro, 2008).

A relação da rua dos Cegos/rua do Forno com a rua de Oussias, que dará origem à rua N. Senhora do Leite, onde em 1983 se detetaram fossas de descarte de material cerâmico, bem como da proximidade destas artérias medievais com a também conhecida rua da Olaria, que corria paralela à fachada sul da Catedral, é sugestiva da existência de um centro oleiro nas imediações da Sé, uma interpretação já sumariamente abordada por outros autores (Ribeiro, 2008). De facto, no século XIV, a toponímia das artérias medievais situadas nas imediações da Sé sugere claramente uma importante atividade comercial naquela área da cidade, representada por um mercado de olarias (rua da Olaria), de arcos (rua Pequena), mas, também, de venda de panelas, na praça das Panelas, referida no *Livro 2 dos Prazos as Propriedades do Cabido*.

A rua da Olaria corresponde aproximadamente ao local onde se situa hoje o largo designado de *Rossio* ou *Largo da Sé*, sendo referida no 1º Livro do Tombo do Cabido, n 121, onde é descrita como *"Rua que se chama da Olaria como vem da porta do sol até ao canto da rua da Erva da mão esquerda*". Tratava-se de uma pequena artéria paralela à fachada sul da Sé, desenvolvendo-se entre a Porta do Sol e a rua chamada da Erva, atual rua D. Gonçalo Pereira. A rua é ainda referida no século XV, no *Livro 2 das Propriedades do Cabido*, no fólio 83v, do ano de 1473, persistindo como uma travessa localizada entre a rua da Erva e a rua Pequena, que seria apenas construída na sua parte sul. O topónimo Olaria deixa de ser usado no século XVI (Ribeiro, 2008, p. 441).

Tendo em conta o local de descarte das cerâmicas defeituosas enterradas em fossas na rua de Oussias (atual rua N. S. do Leite), é legitimo considerar que possam ter sido produzidas nas proximidades, designadamente na rua da Olaria, topónimo que deixou de ser usado no século XVI, o que parece expressivo de uma cessação desse tipo de atividade naquela artéria, decorrente da densificação da população naquela área da cidade que passou de periférica, como acontecia na Alta Idade Média, para se constituir como a área central da cidade, o que acontece a partir de meados do século XIV (Figura 88). Esta mudança de cenário é o resultado do crescimento da cidade para norte e nordeste, iniciado por D. Gonçalo Pereira (1322–1348), a qual passará a integrar a área onde se ergueu o Paço Arquiepiscopal a norte e o bairro de São João do Souto a nascente (Martins *et al.*, 2021). A alteração da área amuralhada da cidade teria contribuído para reabilitar os terrenos localizados nas traseiras da basílica, concretamente na rua de Oussias, o que justifica o encerramento das fossas de despejo das cerâmicas, seladas no decurso do século XIV (Figura 89), a julgar pelo espólio numismático identificado nessas camadas, designadamente dinheiros de D. Dinis (1279–1325), D. Afonso III (1248–1279) e D. Sancho II (1223–1248) (Gaspar, 1985, p. 65).

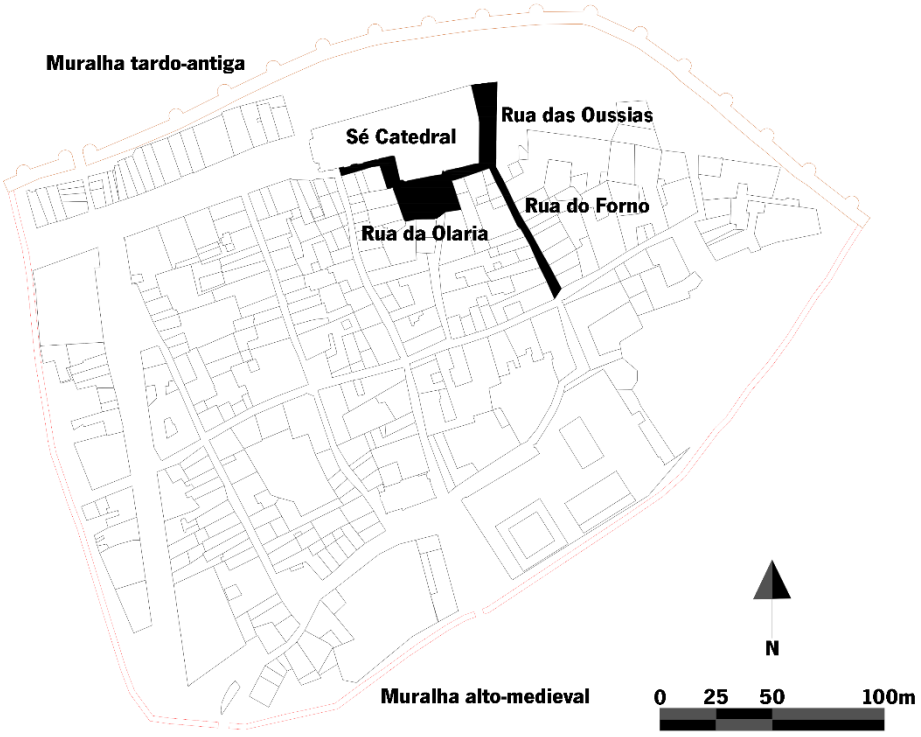


Figura 88. Planta da cidade de Braga nos inícios da Baixa Idade Média (©UAUM).

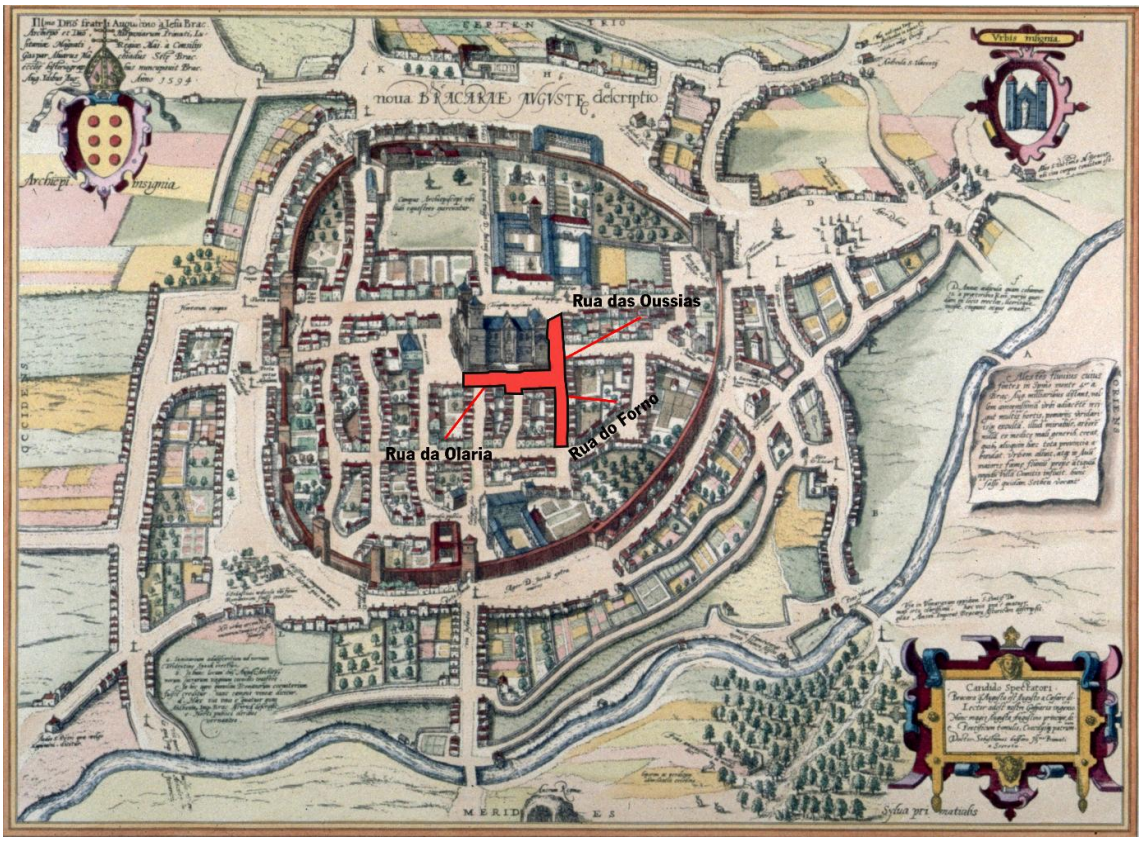


Figura 89. Planta da cidade de Braga nos finais da Baixa Idade Média (adapt. Braun, 1612–1618c, est. 3; ©UAUM).

A revolução da produção oleira de Braga no século XIII, como já argumentamos, antecede às alterações urbanísticas e arquitetónicas da cidade. Nesse sentido, a população bracarense do mil e duzentos conheceu um desenvolvimento económico, cultural e social que criou novas exigências para a atividade oleira bracarense, na origem de uma nova realidade que poderia ter influenciado as oficinas de Prado, que complementariam o abastecimento bracarense, cujas peças se disseminaram por mercados regionais. Juntamente com a circulação e o uso desses produtos deverão ter ocorrido mudanças comportamentais a eles associados, ainda que a sua receção pelos consumidores pudesse conhecer distintas interpretações (Appadurai, 1986; Riggins, 1994).

Se a primeira geração de uma "nova sociedade" de Braga foi a responsável pela introdução de novas cerâmicas na cidade (e no território), aquela que a sucedeu recebeu essa realidade de forma "passiva", como uma herança. A sua relação com essas peças não é mais aquela de adequação entre a necessidade ou o desejo e a condição material de suprir essa exigência, mas a reprodução desse quadro social e material, como as novas gerações que já nasceram num mundo "conectado" e "*online*". Através da sua capacidade de transmitir valores e práticas, ou os eventos causais, provocados por meio de intenções ou desejo, como dizia Alfred Gell (1998), essas cerâmicas exercem a sua capacidade de agência e auxiliam na criação da estabilidade presumível (Hume, 2000) que a sociedade exige para a ordenação do corpo cívico e das instituições.

Considerações finais

Em jeito de conclusão: o futuro

A presente tese de doutoramento em Arqueologia teve como objetivo, ou ambição, constituir um modesto contributo para o estudo da cidade de Braga, entre os finais do século III e os finais da Idade Média, usando os dados arqueológicos e muito particularmente as cerâmicas como elemento indicador das mudanças económicas e sociais ocorridas na cidade e no território. Tratou-se de uma ousadia, dado o largo recorte cronológico de mais de 1000 anos. Mas correspondeu, também, a uma necessidade, que visou a avaliar o contributo histórico dos contextos cerâmicos para a interpretação da sociedade, na longa duração, uma perspetiva que ainda não havia sido trilhada pelos sucessivos estudos relativos à evolução da cidade de Braga, que sempre valorizaram, preferencialmente, os elementos físicos associados ao urbanismo (Ribeiro, 2008; Martins & Ribeiro, 2013), bem como os edifícios que sucessivamente foram moldando o seu tecido urbano, os quais permitem a inserção de Braga nas correntes artísticas regionais, nacionais e europeias, demonstrando a adaptação local das influências externas (Martins *et al.*, 2016; 2021).

Apesar dos dados urbanísticos e arquitetónicos serem igualmente reveladores das dinâmicas económicas de um centro urbano, essa documentação encontra limites bastante claros na análise da organização e constituição social, uma vez que, invariavelmente, os edifícios mais emblemáticos das cidades remetem para as ações do poder político que as governava, seja a nível do ordenamento do espaço público, seja no âmbito da satisfação dos interesses das classes dominantes. Na verdade, da materialidade que se faz presente no urbanismo e na arquitetura, estão normalmente ausentes as realidades dos grupos sociais menos favorecidos, significativamente mais desconhecidas devido à parca preservação dos contextos urbanos e construtivos associados. Contrariamente, os contextos cerâmicos revelados pela arqueologia, são bastante mais "democráticos" em desvendar consumos que podem ser atribuídos a grupos específicos, o que implica uma cuidada valorização e caracterização dos contextos, sobretudo quando a amostra arqueológica faculta materiais que podem ser indexados a distintas categorias sociais.

Assim, o estudo das cerâmicas encontradas em intervenções arqueológicas na cidade de Braga revelou-se uma perspetiva interessante e profícua de análise da realidade económica e social bracarense tardo-antiga e medieval. Mais do que *contribuir*, no sentido positivista do termo, acreditamos que a documentação ceramológica permite o *confronto* com os quadros interpretativos que vem sendo estabelecidos pelo estudo de fontes de outras naturezas, que ora concordam, ora discordam das sínteses produzidas. Em outras palavras, mais do que uma "soma" aos conhecimentos e interpretações arqueológicas ou históricas do passado bracarense, procuramos, sempre que foi possível, valorizar a

"diferença" que esse material permite inferir, com o intuito de criar um olhar mais diversificado e abrangente sobre as mudanças ocorridas na sociedade bracarense entre os séculos III e XV.

A principal marca dessa "diferença" encontra-se demonstrada na Parte I deste trabalho, na qual expusemos um conjunto bastante alargado de perspetivas teóricas, e as suas formações históricas, que conformam uma ferramenta de interpretação das sociedades do passado assumindo as suas complexidades materiais, temporais e espaciais. Se a escala de análise cria o objeto observado, como sublinhou Jacques Revel (1998a), procuramos alterná-las sempre que possível, produzindo olhares que permeassem as intrincadas tramas das diferentes realidades da sociedade bracarense em diferentes momentos, as quais, instrumentalmente, tendemos a repartir em política, economia, ou cultura, que afinal representam, verdadeiramente aquilo que ambicionamos compreender – a sociedade.

Começamos a nossa abordagem na *Bracara Augusta* do século III, que talvez seja a menos conhecida. Embora seja verdade que temos muitas dificuldades em estudar o século I, quando a cidade ainda estava em formação e os contextos tenham conhecido constantes revolvimentos e saques, hoje essas realidades materiais encontram-se melhor sistematizadas e interpretadas (Machado & Martins, 2024). O problema que encontramos na análise de Braga no século III não resulta tanto da falta de materiais, ou mesmo de contextos, mas da dificuldade em posicionar a cidade e o Noroeste ibérico no quadro geral de crise do Império, efeitos foram bastante heterogéneos nas suas diversas regiões. A partir de uma proposição apodítica, ou seja, tendo-se em atenção os efeitos dos fenómenos e não a sua análise *per se*, verificamos um cenário que, apesar das reduções nas importações, ou por causa delas, a produção local de cerâmicas e vidros conheceu uma especialização morfológica que em nada condiz com um eventual cenário de crise, pelo que julgamos seguro afirmar que, no meio das turbulências políticas e económicas imperiais, a sociedade bracarense conheceu uma perfeita continuidade de desenvolvimento nesse período, que aproveitou as potencialidades regionais e a capacidade dos agentes locais. Na verdade, sabemos hoje que a crise do século afetou as três cidades do Noroeste ibérico de forma muito desigual, sendo *Asturica Augusta* aquela que maior retração terá conhecido, uma consequência da desafetação da exploração das minas de ouro das Médulas, que ocorreu ainda no século II. Menos dependente da exploração mineira, a cidade de *Lucus Augusti* parece ter-se mantido extensamente ocupada e economicamente ativa, o que explica a grandeza da área que foi cercada pela muralha dos finais do século III/inícios do IV que incluiu uma ampla área da periferia norte (Folgueira Ríos, 2020).

Relativamente a *Bracara Augusta* sabemos que a cidade se manteve ocupada de modo extenso ao longo do século III, pois no século IV verifica-se uma generalizada intervenção nas habitações

existentes, que conhecem alguns melhoramentos típicos desse período (Martins *et al.*, 2017a; 2018a). Já no que respeita à produção cerâmica e, apesar da generalizada aceitação da ocorrência, no século IV, de uma especialização formal da produção local, uma realidade eventualmente apodítica, não estamos certos que essas mudanças não tenham ocorrido ainda no século III.

Melhores resultados produziram as nossas análises dos materiais dos séculos IV a VII. De facto, o enquadramento do sistema simbólico das elites bracaraugustanas enquanto uma classe, constituída de *habitus*, na perspetiva bourdiana, permitiu conferir a esse grupo uma unidade de discurso, representativa da sua continuidade na cidade no século V, durante e apesar do domínio suevo, situação que se associa à sobrevivência dos traços da cidade clássica, mau grado o fim da administração romana na Hispânia, a partir de 411. Uma situação que persistirá ainda no século VI, modificando-se a partir da conquista visigoda, em 585.

Os contextos construtivos da cidade de *Bracara*, a partir do século V, são ainda mal conhecidos, apesar de terem sido encontradas mudanças no conjunto das *domus* do século IV. Embora os quarteirões residenciais apresentem algumas reformas que documentam o desmembramento das unidades domésticas unifamiliares, sugestivas da sua ocupação por várias famílias (Martins *et al.*, 2016), as motivações e implicações políticas, económicas e sociais desse processo ainda não estão bem compreendidas. A fragilidade da construção e o uso de novos materiais nos muros, que desconstroem as habitações anteriores, dificultam a preservação dos contextos, a que acresce a utilização generalizada de uma cronologia ampla, entre os séculos V–VII, para os datar, que decorre da longa continuidade dos materiais cerâmicos tardo-antigos, designadamente das produções cinzentas tardias. Da mesma forma, são pouco conclusivos os contextos funerários desse período, devido à imensa dificuldade em se datar os enterramentos, uma vez que os solos ácidos não permitem a preservação dos ossos, e à ausência de espólio (Braga, 2018). Nesse sentido, julgamos ter produzido inferências interessantes sobre o quadro social da cidade, tendo por base as análises realizadas a partir da relação entre o contexto doméstico e funerário com os dados ceramológicos. A leitura que realizámos dessas realidades permitiu compreender melhor a evolução do contexto económico e social da cidade, na sua articulação com o contexto político da cidade tardo antiga, primeiro dominada pelos suevos e, a partir de 585 pelos visigodos.

Acreditamos que o nosso esforço para repensar a ocupação tardo-antiga de *Bracara*, ainda não foi o suficiente. Apesar de julgarmos positiva a reavaliação dos dados ceramológicos, antes sistematizados em diversas publicações, carece de bases mais sólidas a hipótese que propusemos de um gradativo abandono da cidade, que se teria iniciado, já nos finais do século VI, o que teria dado origem a um centro urbano mais reduzido, com um corpo cívico diminuto, aquando da invasão

muçulmana, nos inícios do século VIII. De certo modo, terá sido a perda das funções políticas da cidade de *Bracara* após a conquista visigoda, de 585, a que acresce o desprestígio das elites administrativas suevas, ao longo do século VII, que debilita a atratividade do centro urbano, com pesado impacto na diminuição da dimensão populacional, apesar da manutenção da sede da província da *Gallaecia* na figura do metropolita. A investigação futura deverá procurar sistematizar, de forma mais aprofundada, as cronologias das cerâmicas procedentes dos níveis de abandono das zonas arqueológicas, localizadas nas partes sul e oeste da antiga cidade tardo-antiga de modo a permitir confirmar ou rejeitar por completo a nossa proposta.

Não obstante, ao longo da análise desse período, especialmente dos séculos V e VI, procedemos a uma análise comparada dos dados ceramológicos da cidade com aqueles que são referidos nas publicações sobre o espólio da Falperra (Barroca *et al.*, 2018; Morais & Barroca, 2018), o que permitiu reforçar o nosso argumento de uma fraca presença urbana da corte e elite sueva, até aos finais do século V, o que teria permitido a manutenção do poder político e económico da elite cristã que assegurava a gestão da cidade. Uma possível fixação da elite sueva na cidade no século VI, teria revertido o quadro social antes bastante favorável para a velha classe dominante de origem provincial romana. Contudo, a verdade é que os dados disponibilizados nessas publicações sobre a Falperra apenas referem as tipologias e cronologias das produções identificadas, apenas genericamente articuladas com os contextos construtivos, mas sem referenciação estratigráfica. Nesse sentido, a necessidade de sistematização das cerâmicas que indicávamos anteriormente deve incluir os níveis tardo-antigos da estação arqueológica do monte de Santa Marta da Falperra.

Sobre a análise dos materiais tardo-antigos identificados nos sítios localizados no território bracaraugustano, importa ainda que se amplie os estudos sobre as *uillae*, seja para se afinar a cronologia da desafetação ou descaraterização funcional desses equipamentos de exploração agrária, seja para melhor se compreender as elites urbano-rurais de *Bracara* entre os séculos V–VI. É evidente que, em relação às *uillae*, soma-se ainda o problema da maioria desses edifícios não ter sido escavada, enquanto alguns dos que o foram apenas conheceram poucas e reduzidas sondagens (Carvalho, 2008). Entretanto, os estudos de José Moreira (2023) sobre os materiais identificados na *uilla* de Via Cova, na Póvoa de Lanhoso, que privilegiou igualmente a comparação com as cerâmicas encontradas em *Bracara*, reforçam as potencialidades dessa linha de investigação. Na verdade, face ao enorme volume de estudos realizados nas últimas décadas sobre a cidade de *Bracara Augusta* entre o período romano e o tardo-antigo, que produziram um enquadramento das transformações urbanísticas, comerciais e arquitetónicas, bem como um quadro de referência seguro sobre os materiais cerâmicos, vítreos e

numismáticos, julgamos da maior importância que se invista, no futuro, na investigação sobre o território, que se encontra francamente menos conhecido.

Como muito bem argumentou Manuela Martins (2025), a divisão antagónica entre cidade e território deve ser superada, pois confronta duas entidades que são, na verdade, partes de uma mesma realidade política, económica e social. Ontologicamente, é impossível pensar qualquer centro urbano sem a sua relação direta e inarredável com o território económico de onde provém o sustento dos indivíduos que não se dedicam às atividades primárias. Contudo, recorrentemente, os estudos sobre as cidades apresentam os centros urbanos isolados do mundo à sua volta, sendo igualmente frequente caracterizar a evolução das dinâmicas de ocupação do território, a formação das paisagens históricas ou os equipamentos de exploração de recursos naturais sem levar em consideração as realidades urbanas a que estão associados. É também comum assumir a separação estrutural dos contextos urbanos e paisagísticos, como duas realidades distintas, apenas temporalmente coincidentes. Para o Noroeste ibérico, tem vindo a ser realizados alguns estudos que tentam reverter esse paradigma, seja para a área de *Bracara Augusta* (Martins & Magalhães, 2023; Machado & Dias, no prelo), seja para a de *Lucus Augusti* (Folgueira Ríos & Martins, 2025). Entretanto, quando avançamos para o período tardo-antigo e medieval, a região ainda carece de leituras que façam a integração orgânica dos centros urbanos com os seus territórios.

Tentamos, dentre os limites deste trabalho, propor uma leitura nesse sentido para a experiência bracarense, mas julgamos ter ficado aquém do que essas realidades verdadeiramente precisam. Na verdade, o *corpus* documental analisado, constituído pelas cerâmicas provenientes de intervenções arqueológicas realizadas em Braga, carece de ser otimizado com os dados procedentes de sítios arqueológicos externos à cidade, como a Falperra, ou Dume. Isso fica particularmente mais evidente na análise do material ceramológico alto-medieval bracarense. Como já foi declarado por outros autores, desde a década de 1990, temos uma imensa dificuldade em identificar contextos dos séculos VIII–XII em Braga, ainda que as cerâmicas desse período estejam fartamente presentes em níveis posteriores, já baixo-medievais. Neste contexto, importar valorizar a sequência de ocupação de Dume e os seus níveis alto-medievais com vista a compreender a relação deste sítio com a realidade urbana.

As eventuais alterações na produção cerâmica a partir do século XII, que foram propostas por Raquel Martínez Peñín para o material da rua Afonso Henriques 42–56, permanecem sem uma devida análise. Como afirmamos anteriormente, a existência de mudanças tecnológicas nesse momento não nos parece estranho, tendo visto que nos finais do século XI a diocese de Braga foi reorganizada, pelo bispo D. Pedro e com ela o corpo administrativo e o Alto Clero da Igreja bracarense, um grupo certamente

destacado socialmente, que se instalou na cidade. Dada a dificuldade em identificar níveis dessa época na cidade, é importante a análise do espólio ceramológico proveniente do território, embora sejam poucos os sítios escavados. Para além de Dume, cabe referir o material recuperado no castelo de Penafiel de Bastuço, que pode ser uma boa documentação, mas igualmente outros que tiveram alguma ação construtiva aquando das movimentações que levaram à fundação do Reino de Portugal. Também as recentes escavações realizadas no mosteiro de S. Francisco, no âmbito da revitalização daquele monumento, providenciam materiais que podem ajudar a melhor sistematizar as produções tardo-antigas e medievais regionais.

A análise de Braga na Baixa Idade Média à luz do espólio ceramológico contribuiu para uma leitura mais integrada dos estudos económicos já realizados, seja das dinâmicas políticas da Arquidiocese e dos rumos da nobreza feudal do Reino de Portugal, seja das transformações urbanísticas e arquitetónicas que pautaram a evolução da morfologia urbana bracarense. Embora bastante diferentes, essas abordagens sobre a realidade bracarense possuem em comum a abordagem de uma documentação primeiramente associada à ação das classes socialmente destacadas da sociedade, seja o Alto Clero, seja a Nobreza, seja a Realeza. Nesse sentido, a análise das mudanças na produção da cerâmica local, proveniente das olarias urbanas e da zona de Prado, e dos ritmos do seu consumo em Braga constituem um campo privilegiado para o estudo das dinâmicas sociais. De facto, a leitura que propomos da sociedade bracarense entre os séculos XIII e XV corresponde a alguns dos momentos mais destacados da ação das elites da cidade, associando-se, designadamente, à ampliação do centro amuralhado, com a construção do castelo e de uma nova linha defensiva, que duplicou a área urbana, bem como da primeira *domus fortis* do Paço Arquiepiscopal. As diferenças cronológicas entre as mudanças sociais e económicas e as ações nobiliárquicas revelam o caráter dinâmico e atuante dos indivíduos que habitavam a cidade, cujo reflexo na produção cerâmica se inicia, ainda, no século XIII. Esse cenário mais aberto e dinâmico da sociedade bracarense nos finais da Idade Média, condiz genericamente com o quadro europeu de uma assinalável vitalidade das experiências urbanas após o ano mil, sobretudo, a partir do século XII, como muito bem estudou Jacques Le Goff (1992; 1998; 2018).

O quadro apresentado esbarra, entretanto, com alguns problemas metodológicos comuns na prática arqueológica em Braga. O conhecimento sobre as cerâmicas encontradas na cidade é cronologicamente bastante desigual, resultando numa maior eficácia na classificação dos fragmentos romanos e tardo-antigos em detrimento dos referentes aos de época medieval. Como referimos na Parte II, historiograficamente os estudos da cerâmica medieval de Braga conheceram um grande avanço entre as décadas de 1980–1990 associados ao trabalho da arqueóloga Alexandra Gaspar, atividade que sofreu

um grande hiato de quase 20 anos, até ser retomada por Raquel Martínez Peñín, nos anos centrais da década de 2010. Eventualmente devido ao baixíssimo número de trabalhos dedicados a sistematizar e divulgar as caraterísticas produtivas que permitem a identificação dos fabricos tardo-medievais, há uma generalizada dificuldade, por parte dos arqueólogos que atuam em Braga, em classificar esse conjunto de materiais, fenómeno que fica ainda mais evidente quando se trata de contextos posteriores, já dos séculos XVI–XVIII, ou mais recentes, nos quais, muitas vezes, as cerâmicas medievais são registadas como de época moderna (*e.g.*, três púcaros do grupo 1 ou 2 de Alexandra Gaspar, portanto, baixo-medievais, classificados como cântaros em loiça vermelha de Prado com cronologia apontada para os séculos XVII–XVIII na rua Afonso Henriques 20–28, *cf.* Leite, 2012, fotos 11–13).

Por sua vez, outras produções iniciadas ainda nos finais da Idade Média, como a loiça vermelha de Prado e as cerâmicas vidradas de Barcelos, conhecem o mesmo problema. Na verdade, o caso das produções vidradas é ainda pior, uma vez que, quando não se trata de alguidares vidrados romanos, são classificadas automaticamente como "vidrada moderna" (*cf.* Botica *et al.*, 2023), denominação que ignora a possibilidade de ser baixo-medieval, apesar de já ter sido identificada a presença de peças vidradas em contextos dos séculos XIII–XIV (Fontes, 2014).

É imperativo, portanto, caracterizar com maior profundidade as cerâmicas produzidas nas olarias de Braga e diferenciá-las daquelas que podem ter sido produzidas na zona de Prado/Barcelos, sendo de momento impossível distinguir as peças feitas nas olarias urbanas, que abasteciam a cidade, daquelas que, produzidas em Prado/Barcelos, estariam voltadas para o mercado regional, com uma zona de influência que se estendia, pelo menos, do Porto até Viana do Castelo (Barroca, 1993) e que poderiam, caso necessário, complementar o consumo bracarense. Não obstante, essa análise regional deve incidir, igualmente, na identificação das importações de época tardo-medieval, designadamente das cerâmicas vermelhas de León e das peças vidradas vindas dos mares do Norte e do Canal da Mancha, cujo estudo quantitativo será um instrumento fundamental para se definirem os fluxos comerciais com o Reino de Portugal e identificar quando essas peças deixam de ser residuais para se tornar um produto estruturante desse intercâmbio.

O esvaziamento material provocado pelas falhas na classificação do espólio tardo-medieval contribuem, de certo modo, para a reprodução do olhar negativo sobre um dos contextos mais importantes da história europeia, aquele que produziu as Universidades, Abelardo, Averróis, Dante, Petrarca, Gutenberg, Erasmo, Rabelais, Maquiavel e Gil Vicente. É urgente, pois, um amplo trabalho de reclassificação do espólio proveniente das escavações arqueológicas em Braga, sem o qual permanecerão as dificuldades em se produzir uma leitura mais refinada da sociedade bracarense, assim

como um compromisso de trabalhar adequadamente com o material que venha a ser exumado em intervenções futuras.

A proposta de um dinamismo mais acentuado no corpo social de Braga nos finais da Idade Média inaugura, portanto, uma agenda de estudos sobre o desenvolvimento histórico dessa sociedade ao longo dos séculos subsequentes, inserindo-a assim no grande debate entre medievalistas e modernistas, especialmente voltado para os campos de disputa do discurso entre o desenvolvimento económico e intelectual na Baixa Idade Média, que antecede a Modernidade, e o caráter disruptivo do movimento renascentista de cariz humanista. Os séculos XVI–XVII não são, portanto, a génese de um processo de mudança social em Braga que, do ponto de vista das cerâmicas, estaria representado pela retomada das importações e do comércio no Mediterrâneo e no Atlântico e a introdução de novas técnicas nas produções locais, mas sim o desenvolvimento e afirmação de uma sociedade política e economicamente mais heterogénea, cujo reflexo material é o acentuamento do cenário baixo-medieval.

Desse ponto de vista, o estudo do espólio ceramológico do século XVI e XVII e o seu confronto com o dos séculos XVIII e XIX é deveras importante, pois será através dessa comparação que, certamente, será possível avaliar a constituição da Sociedade de Corte proposta por Norbert Elias (2001), na qual a Nobreza do Antigo Regime, e dentro dela a Realeza, em particular, modifica completamente os mecanismos de afirmação da sua classe na hierarquia social, produzindo uma verdadeira revolução dos costumes no decurso de um processo civilizador (Elias, 1994a; 1994b). Segundo esse importante sociólogo alemão, entre os finais da Idade Média e o início da Modernidade, os fundamentos que produziam a Nobreza enquanto classe foram profundamente alterados, abandonando-se o *ethos* guerreiro, intimamente associado à presença de reis e demais nobres em guerras, instituindo-se a etiqueta como instrumento de distinção social. Em outras palavras, acentua-se o processo de "domesticação" dos hábitos, definindo-se regras e protocolos que atravessam todos os aspetos da vida dos indivíduos, como a indumentária, a gastronomia e a gramática. A mudança na base social da afirmação nobiliárquica está relacionada, enquanto evento, com a introdução da pirobalística no arsenal bélico, o que tornou a guerra um território significativamente mais perigoso e exigiu transformações nos mecanismos de defesa, como estudou Rebeca Blanco Rotea (2015) para a Guerra da Restauração, entre Portugal e Espanha, no século XVII.

As implicações da constituição da Sociedade de Corte no consumo de cerâmicas são grandes e definidoras das alterações na produção das peças. Com a transformação dos hábitos e costumes, foi criada uma enorme especialização no uso dos objetos, instituindo-se pratos, taças, tigelas e demais recipientes destinados não a um uso definido pela sua forma, como o consumo de alimentos e bebidas,

mas pela função específica associada às pequenas variações micromorfológicas, como bordos exclusivos para servir carnes, peixes, aves, sopas, caldos, ou qualquer outro alimento. Esse fenómeno, embora parcamente explicado pelos contextos museológicos dos monumentos modernos, encontra-se largamente representado no serviço de mesa das casas de nobres, no qual se verifica a multiplicação de objetos bastante semelhantes destinados a usos específicos, dentre os quais, o *Versailles* de Louis XIV é o melhor exemplo. Nesse ponto de vista, o estudo do consumo ceramológico bracarense em época moderna exige, novamente, a análise das movimentações nobiliárquicas na cidade e no território, especialmente face ao fim do controle jurisdicionário, por parte dos Arcebispos, em 1790, às vésperas das revoltas liberais, momento em que as revoluções burguesas e a criação de novos modelos de Estado enfrentaram grandes debates entre a manutenção de alguns dos códigos de distinção social do Antigo Regime e a completa rutura com esse modelo político, económico e social.

A investigação sobre o consumo de cerâmicas em Braga durante a época moderna é indissociável da análise dos fluxos comerciais dentro do Reino de Portugal, que fizeram chegar à cidade as louças vidradas, as faianças e a cerâmica vermelha de Ovar, mas também as importações de majólicas italianas, porcelanas chinesas, vidrados espanhóis, entre outros produtos. Preferivelmente, esse estudo deve incorporar a análise dos demais materiais que compuseram a baixela de mesa da época, sobretudo os vidros, cuja presença na cidade, após o encerramento das fábricas romanas na Antiguidade Tardia, deu-se ainda nos finais da Idade Média. Na verdade, o consumo de vidros na Idade Moderna portuguesa é um tema de grande interesse para se compreender a constituição da baixela de mesa da época, visto que a sua produção foi iniciada, no Reino de Portugal, ainda no século XV, em Lisboa, Santarém, Palmela e Montijo, no sul do reino, e Oliveira de Azeméis, na região centro, expandindo-se nas centúrias subsequentes a tal ponto que, em 1563, D. Sebastião proibiu a importação do vidro de Veneza com o intuito de proteger a produção reinol (Medici, 2014). Acreditamos, por fim, que tendo por base o conceito bourdiano de *habitus* e tal como realizámos para as elites administrativas da *Bracara* tardo-antiga, será fundamental realizar uma abordagem da baixela moderna, formada sobretudo por cerâmicas e vidros, uma vez que as peças metálicas não costumam figurar no espólio arqueológico, uma perspetiva útil para se pensar a constituição das nobrezas e demais classes bracarenses entre os séculos XVI–XVIII e para pensar as transformações da sociedade de corte.

O estudo da produção cerâmica na longa temporalidade, aqui retratado entre os séculos III e XV, é um exercício tão interessante quanto difícil, que coloca em perspetiva algumas afirmações provenientes da pesquisa parcelar de um momento curto, ou um único fabrico cerâmico. Como referimos na Parte I, a história da Arqueologia enquanto campo científico, no que toca ao estudo dos materiais,

tem o seu início com a hercúlea tarefa de organizar e ordenar os inúmeros fragmentos recuperados nas intervenções arqueológicas, o que permitiu a constituição de quadros evolutivos, temporais e geográficos das cerâmicas. Essa divisão, ainda que extremamente útil, criou uma inevitável distância da experiência temporal humana, pois, na verdade, a perceção da realidade pelas pessoas não se dá de maneira fragmentada, ou seja, por meio de uma organização sequencial dos elementos materiais e simbólicos a partir de causas e efeitos, como uma mudança pontual no modo de confecionar um bordo, mas sim de modo significativamente distinto, em que os diferentes objetos não são realidades separadas e distintas entre si, antes se entrelaçando na composição do presente, como uma banca de produtos numa loja, despensa ou no serviço de mesa numa casa. Não basta a identificação de fabricos, formas, acabamentos e decorações, ainda que essa seja uma fase indispensável, sendo preciso ir além e colocar esse material no seu mundo, em diálogo com os demais elementos materiais e simbólicos que constituem o seu tempo, nas diferentes escalas possíveis.

Ao trazer as dinâmicas sociais e, dentro delas, as económicas para o centro da análise, foi fundamental apresentar o máximo de leituras já produzidas sobre Braga, nos diferentes momentos do recorte cronológico proposto, na tentativa de criar um "laboratório", no qual pudéssemos observar as relações entre as cerâmicas e os demais componentes materiais, simbólicos e culturais. Nesse sentido, aproximamo-nos da perspetiva estruturalista, ou processualista, ao concebermos as mudanças na produção e no consumo das peças cerâmicas como sinais de alterações mais amplas na sociedade, ainda que, por vezes, tenhamos alguma dificuldade em as compreender, mas sem perder o horizonte interpretativo e simbólico, eventualmente mais próximo aos pós-processualistas. De certa forma, almejamos uma posição mais simétrica, na qual as barreiras que separam as diferentes correntes epistemológicas da Arqueologia perdem o sentido ao confluírem análises que aproveitam os diferentes olhares sobre as materialidades arqueológicas.

Os estudos já realizados sobre a evolução histórica da cidade de Braga são bastante heterogéneos. Há, de facto, um acervo historiográfico mais amplo, por parte da Arqueologia, sobre os contextos de época romana e os inícios da Antiguidade Tardia em comparação com o período suevo e visigodo, ou com a Idade Média. Em contrapartida, os estudos centrados nas problemáticas históricas da Braga medieval encontram-se significativamente mais desenvolvidos do que os da cidade na Antiguidade. A isso se deve um conjunto bastante alargado de fatores, particularmente associados à natureza da documentação disponível para cada um desses períodos.

Nas primeiras décadas de estudo da cidade, sobretudo no âmbito do Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*, iniciado em 1976, havia a necessidade urgente de se organizar os materiais

recolhidos nas escavações, tornando-os instrumentos úteis e fundamentais para a datação dos contextos escavados e a compreensão das fases de ocupação identificadas nas diversas zonas arqueológicas de Braga. Julgamos que os principais resultados desse processo, do ponto de vista da aquisição de instrumentos diretos para a análise e interpretação das intervenções arqueológicas, são a restituição da malha urbana fundacional de *Bracara Augusta* (Martins *et al.*, 2017b), que permitiu a projeção das ruínas expectáveis num determinado sítio, e o *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta* (Delgado & Morais, 2009), que reuniu décadas de estudos sobre os diferentes fabricos, formas e decorações dos materiais ceramológicos e, sobretudo, as suas cronologias. Falta, como é natural, o mesmo exercício para as ocupações posteriores, designadamente entre a Idade Média e a Contemporânea, apesar de contarmos, a partir do século XVI, com uma boa cartografia histórica, pelo que os materiais deveriam ser, para esse período, a prioridade. O trabalho de afinar e redesenhar o ordenamento espacial e as cronologias de materiais e fases de ocupação de edifícios e equipamentos públicos é um exercício constante, pautado pelo avanço da atividade arqueológica, por novas técnicas de datação ou por olhares renovados sobre as realidades do passado.

Às vésperas de completar a incrível marca de 50 anos de atividade arqueológica sistemática em Braga, sendo uma significativa parte desse meio século igualmente marcada pela ação investigativa sobre um conjunto muito amplo e variado de temas (Martins, 2020), acreditamos que o Projeto de Arqueologia de Braga apresenta hoje uma base arqueográfica capaz de assegurar reflexões mais complexas sobre o passado da cidade e a sua sociedade. Se buscarmos os mais recentes estudos no campo de Neurologia, vamos perceber que a partir dos 40 anos o sistema nervoso realiza uma completa reconfiguração, reduzindo o consumo de glicose e aprimorando a qualidade das conexões entre as diferentes partes do cérebro, em detrimento do enorme gasto antes realizado pelo desenvolvimento particular de setores específicos (Deery *et al.*, 2024). É nesse sentido que entendemos, metaforicamente, o papel da investigação sobre Braga. A elevada quantidade de intervenções arqueológicas já realizadas, mais de 300, o sistemático estudo do espólio delas proveniente e a integração desse vasto conjunto de dados num sistema de informação constituem uma base que julgamos sólida o suficiente para se conduzir a uma prática investigativa que vai além da classificação ou da definição de fases de ocupação de uma dada construção, documentando a capacidade de cruzar, reunir ou confrontar os diferentes elementos que compõem a sociedade e, assim, aferir problemáticas históricas sobre os mais variados aspetos que conformam a cidade de Braga, seja material, espacial ou simbolicamente.

A análise da sociedade bracarense entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média que aqui propusemos, que tem as mudanças na produção e consumo das cerâmicas como documento de análise,

confrontado com as interpretações das dinâmicas económicas e sociais produzidas a partir de outras leituras, especialmente urbanísticas, arquitetónicas, políticas e culturais, de certa forma, estabelece um diálogo com as ideias defendidas, nos inícios do século XX, por Marc Bloch. Em *Apologia da História*, o grande historiador francês, fundador dos *Annales*, afirmava que:

> Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego. Quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça por atingir os fatos profundos, *menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza*. [...] A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações (Bloch, 2002, pp. 80, 83, grifo nosso).

E, uma vez que toda História é História Contemporânea, como já dizia Benedetto Croce (1939), pois é feita *no* e *para* o presente, temos sempre que nos valer do debate científico atual para pensar o passado, independentemente de qual área científica ou filosófica, sendo ele aquele que melhor nos fornecer os instrumentos necessários para esse exercício analítico ou interpretativo. Pois, como afirmou o arqueólogo britânico Christopher Tilley:

> Qualquer tipo de escrita sobre o passado é inevitavelmente simultaneamente uma domesticação da diferença do passado, uma imposição de ordem. Escrever o passado não é uma leitura inocente e desinteressada de um passado autónomo produzido como imagem. Escrever o passado é atraí-lo para o presente, reinscrevendo-o na face do presente (Tilley, 2004, p. 193).

Em suma, acreditamos que o nosso modesto contributo reflexivo que aqui realizamos, com as suas claras e assumidas limitações, foi um diálogo honesto e contemporâneo. Se há algo que julgamos

ter deixado claro é que a investigação aqui proposta é apenas o início de um conjunto de caminhos possíveis e necessários para o aprofundamento dos conhecimentos sobre o passado e a sua reverberação no presente.

Bibliografia

Abascal Palazón, J., Cebrián, J., Hortelano, I. e Ronda, A. (2008). Baños de la Reina y las villas romanas del Levante y de los extremos de la Meseta sur, In. Fernández Ochoa, C., García-Entero, V. e Gil Sendino, F. (eds.), *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y función*. Gijón: Ediciones Trea, pp. 285–300.

Abraços, F. (coord.) (2019). *O Corpus dos mosaicos romanos do Conventus Bracaraugustanus*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos.

Abraços, F. e Wrench, L. (2024). Os mosaicos romanos do Conventvs Bracaravgvstanvs em território da Hispania, In. Guimier-Sorbets, A., Malek, A., Istria, D. e Poux, M. (dirs.), *La mosaïque en contexte*. XVe colloque de l'Association internationale pour l'étude de la mosaïque antique. Paris: Hermann, pp. 127–136.

Acerbi, J. (2016). La República y sus enemigos: una propuesta para el análisis del contexto político internacional, In. Acerbi, J., Borisonik, H. e Ludueña, F. (comp.), Viviendo la catástrofe: inseguridad, capitalismo y política. Ushuaia: UNTDF, pp. 93–114.

Acuña Fernández, P., Costa Iglesias, A., De la Peñas Santos, A. e Rodríguez Casal, A. (1976). Prospección arqueológica en la «Torre de Meira» (Moaña, Pontevedra). *Boletín Avriense*, tomo VI, pp. 183–205.

Adorno, T. (1998). *Primas. Crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Editora Ática.

Adorno, T. e Horkheimer, M. (2014). *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Adroher Auroux, A., Carreras Monfort, C., Almeida, R., Fernández Fernández, A., Molina Vidal, J., Viegas, C. (2016). Registo para la cuantificación de cerâmica arqueológica: estado de la cuestión y una nueva propuesta. Protocolo de Sevilla (PRCS/14), *Zephyrus*, LXXVIII, pp. 87–110.

Agamben, G. (1995). *Homo sacer. Il potere sovrano e la nuda vita*. Torino: Einaudi.

Aicart i Hereu, F., Llinàs i Pol, J. e Sagrera i Aradilla, J. (1991). Primera aproximació a la disfusió de la Terra Sigillata Lucente al nord-est de Catalunya, *Cypsela*, 9, pp. 197–207.

AIECM3. Association Internationale pour l'Etude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée. (1992/2012–presente). Site oficial: http://aiecm3.com/ (acessado em 01–07–2024).

Akhbār majmūʿa. A History of Early Al-Andalus. David James (trad.) (2012). Oxford/New York: Routledge.

Alarcão, A. (1958). Sigillata Hispânica em Museus do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, n. 68 (3–4), pp. 249–315.

Alarcão, A. (1966). Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta, In. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 8*, pp. 45–50.

Alarcão, J. (1976). Céramique à engobe blanc, In. *Fouilles de Conimbriga VI: Céramiques divers et Verres*. Paris: Éditions de Boccard, pp. 59–64.

Alarcão, J. e Étienne, R. (1975). *Fouilles de Conimbriga V: la cerámique commune locale et régionale*. Paris: Éditions de Boccard.

Albrecht, M., Majorossy, J. e Rau, S. (2023). Typologising Cities: Historical and Methodological Reflections. *Religion and Urbanity Online*, 2/2023. https://doi.org/10.1515/urbrel.24882548.

Alcorta Irastorza, E. (2001). *Cerámica común romana de cocina y mesa hallada en las excavaciones de la ciudad*. Lucus Augusti II. A Coruña: Fundación Pedro Barrie de la Maza.

Alcorta Irastorza, E. (2018). Panorámica breve de los procesos de producción/distribución/ comercialización de materiales cerámicos de Lucus Augusti, In López Quiroga, J. (ed.), *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411–585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 331–342.

Alcorta Irastorza, E. e Bartolomé Abraira, R. (2012). Muestras de cerámica engobada romana de producción local de Lucus Augusti (Lugo), In. Bernal Casasola, D., Ribera i Lacomba, A. (eds.), *Cerámicas hispanorromanas II: producciones regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 699–724.

Alcorta Irastorza, E., Bartolomé Abraira, R. e Folgueira Castro, A. (2015). Producciones cerâmicas engobadas lucenses y su distribución, In. Alcorta Irastorza, E., Esteban Delgado, M. e Martínez Salcedo, A. (orgs.), *Cerámicas de época romana en el norte de Hispania y en Aquitania: Producción, comercio y consumo entre el Duero y el Garona*. Cuadernos de la SECAH, 2. Madrid: La Ergástula, pp. 77-96.

Alföldy, G. (1966). Um "cursus" senatorial de Bracara Augusta, *Revista de Guimarães*, vol. 76, pp. 363–372.

Alföldy, G. (2000). *Provincia Hispania superior*. Schriften der Philosophisch-historischen Klasse, Band 19. Heidelberg: Universitatsverlag C. Winter.

Alföldy, G. (2001). El Nuevo edicto de Augusto de El Bierzo en Hispania. In Grau Lobo, L. e Hoyas Díez, J. (eds.), *El bronce de Bembibre: un edicto del emperador Augusto del año 15 a.C.*. León: Junta de Castilla y León, pp. 17–28.

Almeida, C. (1972a). Cerâmica romana de Fiães, *História. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. 3, n. 1, pp. 191–215.

Almeida, C. (1972b). Achados arqueológicos de Martim (Barcelos). In Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série História, 2, Porto, pp. 319-326.

Almeida, C. (1974). Cerâmica Castreja, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXXIV (1–4), pp. 171–197.

Almeida, C. (1980). Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha, *Arquivo de Ponte de Lima*, vol. 1, n. 3, pp. 3–90.

Almeida, C. (2007). Ponte de Lima. Uma Vila Historica do Minho. Município de Ponte de Lima, Ponte de Lima.

Almeida, C. e Acuña Castroviejo, F. (1996). A Cultura Castreja - ontem e hoje, *Portugalia*, vols. XVII–XVIII, pp. 97–99.

Almeida, C. e Silva, M. (1997). *Barcelos. Património*. 2 vols. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos.

Almeida, F. (1962). Arte visigótica em Portugal, *O Arqueólogo Português*, 2ª série, vol. 4, pp. 5–278.

Alonso Toucido, F. (2021). *Cerámica medieval galega: características, uso e evolución da produción*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento).

Alonso Toucido, F., Prieto Martínez, M. e Rodríguez Paz, A. (2018). Las jarritas de Santa Mariña de Augas Santas (Allariz), una aproximación a su morfologia, *Estudios Humanísticos. Historia*, nº 16, pp. 177–198.

Alves, F., Castro, F. e Labrincha, J. (1998). Physical and Chemical Characterization of Archaeological Ceramics found in a mid-15th Century shipwreck in Ria de Aveiro, In. Faria, L. e Ferreira, M. (eds.), *Conference on Materials in Oceanic Environment*. Lisboa: Euromat '98, pp. 223–232.

Alves, F., Nunes, H., Lemos, F. e Oliveira, E. (1974–1977). Salvamento de Bracara Augusta: 1 - O campo arqueológico da U.M. (Braga). Breve história, organização e objectivos, *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 7/9, pp. 416–423.

Amado Reino, X., Martínez López, M. e Santos Estévez, M. (1998). La Arqueología en la Gasificación de Galicia 5: Corrección de Impacto del Ramal Pontevedra-Ourense. Tapa 7. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela. Amalvi, C. (2002). Idade Média, In Le Goff, J. e Schmitt, J-C. (coords.), *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, Edusc, pp. 537–550.

Amaral, L. (2007). *As moedas das Carvalheiras. Contributo para o estudo da circulação monetária em Bracara Augusta*. Bracara Augusta: Escavações Arqueológicas 3. Braga: UAUM/Narq.

Ando, C. (2006). The Administration of the Provinces. In. Potter, D. (ed.), *A Companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 177–192.

Andrade, F. (2015). *Arquitetura e paisagem monásticas no território bracarense: o caso de Dume (S. Martinho)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Andrade, F. (2023). O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna, In. Arnaud, J.; Neves, C. e Martins, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: AAP, pp. 1159–1167.

Andrade, F. (2025). *Dinâmicas territoriais e poderes na região de Braga entre a Antiguidade Tardia e a Idade Moderna*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Andreau, J. (1999). *Banking and business in the Roman world*. Cambridge: Cambridge University Press.

Andreau, J. (2010). *L'Économie du monde romain*. Paris: Ellipses.

Andresen, S. (2018). *Obra poética*. Rio de Janeiro: Tinta da China.

Andreu Pintado, J. e Blanco-Pérez, A. (eds.) (2019). *Signs of weakness and crisis in the Western cities of the Roman Empire (c. II–III AD)*. PawB, 68. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.

Appadurai, A. (ed.) (1986). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

Aquilué Abadías, J. (2008). Las imitaciones de cerâmica africana en Hispania, In Bernal Casasola, D. e Ribera i Lacomba, A. (coords.), *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Historia y Arte. Monografia 3. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 553–562.

Arce, J. (2002). ¿Hispalis o Emerita? A propósito de la capital de la diocesis hispaniarum en el siglo IV d.C., *Habis*, 33, pp. 501–506.

Arce, J. (2006). Fana, templa, delubra destrui praecipimus: el final de los templos de la Hispania romana, *Archivo Español de Arqveología*, vol. 79, pp. 115–124.

Arendt, H. (1989). *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.

Argote, J. (1725). *Regras da Lingua Portugueza, espelho da lingua latina*. Lisboa: Officina da Musica.

Argote, J. (1738). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*. 5 livros. Lisboa: Sylvianis.

Arias, J. (2007). *Identity and Interaction: the Suevi and the Hispano-Romans*. Charlottesville: University of Virginia (Tese de Doutoramento).

Arias Vilas, F. (1993). Apuntes sobre a ocupación do territorio na Galicia baixorromana, In. *Galicia: da romanidade á xermanización: problemas históricos e culturais*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, pp. 201–208.

Aristóteles. *Física*, livros I e II. Lucas Angioni (trad.) (2009). Campinas: Editora UNICAMP.

Ashery, S. e Stadler, N. (2021). Palimpsests and urban pasts: The janus-faced nature of whitechapel, *PLoS One*, 16(9), e0251064.

Azkarate Garai-Olaun, A. (2005). Sobre los orígines cronológicos de los cementerios cispirenaicos de época tardoantiga, *Munibe*, vol. 57, pp. 405–417.

Azkarate Garai-Olaun, A. e Solaun Bustinza, J. (2012). Tipologías domésticas y técnicas constructivas en la primitiva Gasteiz (País Vasco) durante los siglos VIII al XII d.C., *Arqueología de la Arquitectura*, 9, pp. 103-128.

Atlante (1981). Atlante delle forme ceramiche, vol. 1: ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero). Enciclopedia dell'arte antica, classica e orientale. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana.

Augé, M. (2012). *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus.

Ausonius. Book XI. The Order of Famous Cities. Hugh White (trad.) (1919). London: William Heinemann.

Bailey, G. (2007). Time perspectives, palimpsests and the archaeology of time, *Journal of Anthropological Archaeology*, vol. 26, 2, pp. 198–223.

Bailey, G. e Galanidou, N. (2009). Caves, Palimpsests and Dwelling Spaces: Examples from the Upper Palaeolithic of South-East Europe, *World Archaeology* 41 (2), pp. 215–241.

Bakhtin, M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília.

Bakunin, M. (1984). *Textos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM.

Balil Illana, A. (1969–1970). Excavaciones en «Torres de Oeste» de Catoira (Pontevedra), *Noticiario Arqueológico Hispano*, vols. XIII–XIV, pp. 300–303.

Balil Illana, A. (1977). Torres de Oeste, Catoira (Pontevedra), 1973, *Noticiario Arqueológico Hispano. Arqueología*, vol. 5, pp. 379–385.

Bandeira, M. (2000). D. Diogo de Sousa, o urbanista – leituras e texturas de uma cidade refundada, *Bracara Augusta*, 49, pp. 19–58.

Bandeira, M. (2002). *O espaço urbano de Braga: obras públicas, urbanismo e planeamento (1790-1974). A cidade dos finais do antigo regime ao advento da II República*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The Exercise of Control*. New York: W.H. Freeman and Company.

Barata, M. (2000). Portugal e a Europa na Época Moderna, In. Tengarrinha, J. (org.), *História de Portugal*. Sãu Paulo/Bauru: UNESP/EDUSC.

Barenas Alonso, R. (2012). La cristianización del territorio riojano (II): el espacio rural", *Berceo*, 162, pp. 24–28

Barker, P. (1969). Some aspects of the excavation of timber buildings, *World Archaeology*, 1, pp. 220–235.

Barreira, P., Dordio, P. e Teixeira, R. (1998). 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do século XVIII, In. *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 145–184.

Barroca, M. (1989). Em Torno da Residência Senhorial Fortificada: Quatro Torres Medievais da Região de Amares, *Revista de História*, vol. IX, pp. 9–61.

Barroca, M. (1993). Centros Oleiros de Entre-Douro-e-Minho (Séc. XIII). Contributo para o seu Inventário e Cartografia, *Arqueologia Medieval*, vol. 2, pp. 159–170.

Barroca, M. (1998). Torres, Casas-Torres ou Casas-Fortes. A concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (sécs. XII–XV), *Revista de História das Ideias*, vol. 19, pp. 39–103.

Barroca, M., Arezes, A. e Morais, R. (2018). A basílica paleocristã e o edifício palatino de Sta. Marta das Cortiças (Falperra): as escavações de F. Russell Cortez e de J. J. Rigaud de Sousa, *Arqueologia Medieval*, nº. 14, pp. 129–148.

Barros, J. (2009). Passagens de Antiguidade Romana ao Ocidente Medieval: leituras historiográficas de um período limítrofe, *História*, 28 (1), pp. 547–573.

Barros, M. (2018). *A imagem de "Portugal" na Historia Compostellana (século XII)*. Porto: Universidade do Minho (Dissertação de mestrado).

Barthes, R. (1984). *O Rumor da Língua*. Martins Fontes.

Bartolini, N. (2013). Rome's pasts and the creation of new urban spaces: brecciation, matter, and the play of surfaces and depths, *Environment and Planning D: Society and Space*, vol. 31, pp. 1041–1061.

Bartolini, N. (2014). Critical urban heritage: from palimpsest to brecciation, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 20, n. 5, pp. 519–533.

Bartolini, N. (2021). Brecciation, post-geographies, and spaces in transition, *Dialogues in Human Geography*, 11(3), 483–486.

Barton, K. (1963). The Medieval Pottery of Saintonge, *Archaeological Journal*, 120:1, pp. 201–214.

Baschet, J. (2012). *A Civilização Feudal. Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

Bauman, Z. (2000). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

Beard, M. (2013). *Confronting the Classics. Traditions, Adventures and Innovations*. London: Profile Books.

Beard, M. (2021). *Twelve Caesars. Images of power from the ancient world to the modern*. Princeton/Oxford: Princeton University Press.

Beard, M. e Henderson, J. (1995). *Classics. A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Belino, A. (1895). Inscrições romanas inéditas, *Revista de Guimarães*, 12 (3), pp. 97–102.

Belino, A. (1899). Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 16 (2), pp. 79–90.

Belino, A. (1900a). *Archeologia Christã*. Lisboa: Empreza da História de Portugal.

Belino, A. (1900b). Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 17 (3), 137–147.

Belino, A. (1900c). Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 17 (4), pp. 187–203.

Belino, A. (1901). Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 18 (3–4), pp. 136–155.

Beltrán Lloris, M. (1990). *Guía de la cerâmica romana*. Zaragoza: Pórtico.

Beltrão, C. (2013). O problema da periodização da 'República romana': algumas observações a partir do estudo da religião romana, *NEARCO*, v.1, pp. 115–136.

Beltrão, C. e Horvat, P. (2011). Nietzsche e a História: entre fictio e factio, In Barrenechea, M., Feitosa, C., Pinheiro, P. e Suarez, R. (orgs.), *Nietzsche e as Ciências*. Rio de Janeiro: 7Letras, pp. 164–177.

Benson, R., Constable, G. e Lanham, C. (eds.) (1991). *Renaissance and renewal in the twelfth century*. Toronto, Buffalo e London: Toronto University Press e Medieval Academy of America.

Bergemann, L., Dönike, M., Schirrmeister, A., Toepfer, G., Walter, M. e Weitbrecht, J. (2019). Transformation: A Concept for the Study of Cultural Change, In. Baker, P., Helmrath, J. e Kallendorf, C. (eds.), Beyond Reception. Renaissance Humanism and the Transformation of Classical Antiquity. Berlin/Boston: De Gruyter, pp. 9–25.

Berghe, K. e Maddens, B. (2008). Las imagénes de España, de Franco y de a monarquia en las guías turísticas de Patrimonio Nacional (1959–1987), *Ayer*, n. 70, pp. 241–262.

Berglund, B. (2003). Human impact and climate changes—synchronous events and a causal link?, *Quaternary International*, 105, pp. 7–12.

Bergson, H. (1999). *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes.

Bessa, P. (2013). *O «Paço»: Os Paços Arcebispais de Braga desde o período tardo-medieval e até finais do século XVI*. Braga: Universidade do Minho.

Biddle, M. (1974). The Future of the Urban Past, In. Rathtz, P. (ed.), *Rescue Archaology*. London: Penguin, pp. 95–112.

Binford, L. (1962). Archaeology as anthropology, *American Antiquity*, vol. 28, n. 2, pp. 217–225.

Binford, L. (1978). *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York: Eliot Werner Publications.

Binford, L. (2002). *In Pursuit of the Past: Decoding the Archaeological Record*. California: University of California Press.

Binford, L. e Sabloff, J. (1982). Paradigms, systematics, and archaeology, *Journal of Anthropological Research*, 38, pp. 137–153.

Bishko, C. (1948). The Date and Nature of the Spanish Consensoria Monachorum, *The American Journal of Philology*, vol. 69, n. 4, pp. 377–395.

Bloch, M. (1982). *A Sociedade Feudal*. Lisboa, Edições 70.

Bloch, M. (1998). *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. Prefácio: Jacques Le Goff. São Paulo, Companhia das Letras.

Bloch, M. (2002). *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro, Zahar.

Bloom, H. (1998). *Shakespeare. The invention of the Human*. New York: Riverheads Books.

Bocher de Perthes, J. (1847–1864). *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes*. 3 vols. Paris: Treuttel et Wurtz.

Bomgardner, D. (2000). *The story of the Roman amphitheatre*. Oxford/New York: Routledge.

Bonifay, M. (2004). *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. BAR International Series 1301. Oxford: Archaeopress.

Bonilla Rodríguez, A. (1991). Tipoloxía cerámica medieval: estudio comparativo de vários conxuntos de Galicia, *Arqueoloxía – Informes 2 – Campaña 1988,* pp. 341–345.

Bonilla Rodríguez, A. e César Vila, M. (2005). Excavación arqueológica en área en el solar de la antigua capilla y lazareto medieval de S. Lázaro (Santiago de Compostela, A Coruña), *Gallaecia: revista de arqueologia*, n. 24, pp. 219–242.

Bonilla Rodríguez, A., César Vila, M. e Veiga López, N. (2010). Trabajos de excavación arqueológica y consolidación en el Castelo da Lúa (Rianxo, A Coruña): campaña 2007, *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antigüedade*, n. 29, pp. 263–276.

Botica, N. (2017). Contributo do Sistema de Informação 2ArchIS para o conhecimento das cidades romanas de Braga e Lugo, In Dopico Caínzos, D., Villanueva Acuña, M. (eds.), *In Roma nata, per Italiam fusa, in províncias manat. A cidade romana no noroeste: novas perspectivas*. Lugo: Deputación de Lugo, pp. 387–397.

Botica, N. e Martins, M. (2008). Sistemas de informação em arqueologia - a experiência de Bracara Augusta, *Fervedes*, 5, pp. 79–83.

Botica, N., Andrade, F. e Fontes, L. (2016). Georreferencing historial documents: the case of the Dume boundary, In. Nunes, M., Isaías, P. e Powell, P. (eds.), *Proceedings of the 9th IADIS International Conference Information Systems*. Vilamoura: IADIS Press, pp. 125–129.

Botica, N., Magalhães, F., Machado, D., Fontes, L. (2021). Del sistema de información 2ArchIS al DataRepositóriUM: el estúdio de caso de hallazgos arqueológicos, *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*, 29, pp. 381–396.

Bourdieu, P. (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand.

Bowden, W., Lavan, L. e Machado, C. (eds.) (2004). *Recent research on the late antique countryside*. Late Antique Archaeology vol. 2. Leiden: Brill.

Bowden, W., Gutteridge, A. e Machado, C. (eds.) (2006). *Social and political life in late Antiquity*. Late Antique Archaeology vol. 3. Leiden: Brill.

Bowman, A. (1985). Landholding in the Hermopolite Nome in the Fourth Century A.D., *The Journal of Roman Studies*, vol. 75, pp. 137–163.

Bowman, A. (2009). Quantifying Egyptian Agriculture, In. Bowman, A. e Wilson, A. (eds.), Quantifying the Roman Economy. Methods and Problems. Oxford: Oxford University Press, pp. 177–204.

Braga, C. (2010). *Rituais funerários em Bracara Augusta: o novo núcleo de necrópole da Via XVII*. Braga; Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Braga, C. (2018). *Morte, memória e identidade: uma análise das práticas funerárias de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Braudel, F. (1969). *Escritos sobre a História*. São Paulo, Perspectiva.

Braudel, F. (1983–1984). *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Filipe II*. 2 vols. São Paulo: Martins Fontes.

Braun, G. (1612–1618a). *Civitates Orbis Terrarum*. Vol. 1–2. Coloniae Agrippinae: Petrum à Brachel.

Braun, G. (1612–1618b). *Civitates Orbis Terrarum*. Vol. 3–4. Coloniae Agrippinae: Petrum à Brachel.

Braun, G. (1612–1618c). *Civitates Orbis Terrarum*. Vol. 5–6. Coloniae Agrippinae: Petrum à Brachel.

Brewer, J. (2017). *The Craving Mind. From cigarettes to smartphones to love – why we get hooked and how we can break bad habits*. New Haven: Yale University Press.

Brook, T. (2009). *O Chapéu de Vermeer. O século XVII e o nascimento do mundo global*. Lisboa: Gradiva.

Brown, P. (1971). *The World of Late Antiquity*. London: Thames and Hudson

Brughmans, T. e Pecci, A. (2020). An Inconvenient Truth: Evaluating the Impact of Amphora Reuse through Computational Simulation Modelling. In Duckworth, C. e Wilson, A. (eds.), *Recycling and Reuse in the Roman Economy*. Oxford: Oxford University Press, 191–234.

Bryan, B. (2018). *The Bay of Pigs and the Cuban Missile Crisis*. New York: Cavendish Square Publishing.

Bugalhão, J. e Coelho, I. (2017). Cerâmica moderna de Lisboa: proposta tipológica, In. *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 107–145.

Bullón-Fernández, M. (ed.) (2007). *England and Iberia in the Middle Ages, 12th – 15th century. Cultural, Literary, and Political Exchanges*. New York: Palgrave Macmillan.

Butler, L. (2006). John Gilbert Hurst (1927–2003), *Proceedings of the British Academy*, 138, pp. 147–167.

Burckhardt, J. (1983). *A Civilização do Renascimento Italiano*. Lisboa, Presença.

Caamaño Gesto, J. (1979). Marcas de alfarero en cerámica romana, encontradas en Galicia, *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antiguidade*, n. 5, pp. 63–99.

Caamaño Gesto, J. (1980). Cerámica romana procedente del Castro de Elviña (A Coruña) y de Ciudadela (Sobrado dos Monxes-Coruña), *Brigantium*, vol. I, pp. 131–137.

Caamaño Gesto, J. (1984). Excavaciones en el campamento romano de Cidadela (Sobrado dos Monxes, Coruña). Memoria preliminar de la campaña de 1981, *Noticiario Arqueológico Hispánico*, vol. 18, pp. 223–254.

Caamaño Gesto, J. e López Rodríguez, J. (1984). Sigillatas del castro de Viladonga (Lugo), *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antiguidade*, n. 7–8, pp. 158–177.

Caesar. *Bellum Gallicum*, vol 1, livros I-VII. Wolfgang Hering (ed.) (1987). Berlin: Walter de Gruyter.

Cahen, C. (1989). *Oriente y Occidente en tiempos de las cruzadas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Cairncross, A. e Cairncross, F. (eds.) (1992). *The Legacy of the Golden Age.The 1960s and their economic consequence*. London/New York: Routledge.

Camps, J., Castiñeiras, M., McNeill, J. e Plant, R. (2018). *Romanesque Patrons and Processes. Design and Instrumentality in the Art and Architecture of Romanesque Europe*. London e New York: Routledge.

Capela, J. (1996). A produção cerâmica no Norte (sécs. XII–XX): Estudo histórico, tipológico e laboratorial, *Olaria*, v. 1, pp. 3–10.

Capela, J. e Nunes, H. (coords.) (2019). *Bracarenses na Crise Académica de 1969*. Braga: Editora UMinho.

Cardoso, C. (1988). *Ensaios Racionalistas. Filosofia, Ciências Naturais e História*. Rio de Janeiro, Campus.

Carr, E. (1982). *Que é História?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Carreño Gascón, M. (1995a). Sigillata Africana en Lucus Augusti, In *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*. Vigo, 1993. Vol. 2. Zagaroza: Xunta de Galicia, pp. 297–304.

Carreño Gascón, M. (1995b). A demanda de vaixelas de Luxo com marca comercial de orixe: terra sigillata, In Rodríguez Colmenero, A. (coord.), *Lucus Augusti, urbs romana: as orixes da cidade de Lugo*. Lugo: Concello de Lugo, pp. 85–90.

Carreño Gascón, M. (1997a). *Marcas de alfarero sobre "terra sigillata" halladas en "Lucus Augusti"*. A Coruña: Edicións do Castro.

Carreño Gascón, M. (1997b). Cerámica fina de mesa: a terra sigillata en Galicia, In *Galicia castrexa e romana*. Lugo: Xunta de Galicia, pp. 255–260.

Carreras Monfort, C. (2018). Algunos apuntes sobre la cuantificación: el protocolo de Sevilla (PRCS/14), In Remesal Rodríguez, J., Revilla Calvo, V., Bermúdez Lorenzo, J. (eds.), *Cuantificar las economias antíguas. Problemas y métodos*. Col.lecció Instrumenta 60. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 71–88.

Carreras Monfort, C. e Morais, R. (2012). The Atlantic Roman trade during the Principate: new evidence from the western façade, *Oxford Journal of Archaeology*, 31, pp. 419–441.

Carvalho, T. (1993/1994). As Marcas de Oleiro da Sigillata de Mozinho, *Cadernos de Arqueologia*, II, vol. 10/11, pp. 91–112.

Carvalho, T. (1998). *A Terra Sigillata de Monte Mozinho (contributo para a história económica do povoado)*. Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida II. Cadernos do Museu 3. Penafiel: Museu de Penafiel.

Carvalho, H. (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Carvalho, J. (2007). A Liturgia em Braga, *Didaskalia*, XXXVII, 2, pp. 139–184.

Carvalho, P., Fernández Fernández, A., Cristóvão, J., Dias, P. e Silva, R. (2020). Una primera aproximación a los contextos cerámicos tardoantiguos de Idanha-a-Velha (Egitania). Un ejemplo de importación y producción local en el interior de la provincia Lusitania, In. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 46*. Oxford: Archaeopress, pp. 83–95.

Carvalho, P., Fernández Fernández, A., Redentor, A., Tente, C., Cristóvão, J., Fernandes, L., Silva, R., Lacerda, S. e Cordero Ruiz, T. (2022). Igaedis, In. Nogales Basarrate, T. (ed.), *Ciudades Romanas de Hispania II*. Roma: L'Erma di Bretschneider, pp. 397–416.

Casimiro, T. (2013). Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 16, pp. 351–367.

Cassirer, E. (1992). *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Castro F. (1998). Caracterização físico-química de argilas e amostras etnográfi cas da região de Prado/Vila Verde/Barcelos, *Olaria*, n.º 2, pp. 125–130

Cavaco, S., Covaneiro, J., Fernandes, I., Gómez Martínez, S., Gonçalves, M., Grangé, M., Inácio, I., Lopes, G., Santos, C., Bugalhão, J. e Catarino, H. (2013). Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus. Contextos sócio-territoriais de distribuição, *O Arqueólogo Português*, série V, vol. 3, pp. 349–380.

Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes.

César Vila, M. e Bonilla Rodríguez, A. (2003). Estudio de los materiales cerámicos del «Castelo da Lúa» (Rianxo, A Coruña), *Gallaecia*, nº 22, pp. 297–367.

César Vila, M. e López Pérez, C. (2008). Aportaciones al conocimiento del comercio de sigillata en la fachada atlántica del Noroeste peninsular, *Actes du Congrès de l'Escala-Empúries. Les productions céramiques en Hispanie tarraconaise (IIe siècle avant J.-C. – VIe siècle après J.-C.). Actualité des recherches céramiques*. Marseille: Société française d'étude de la céramique antique en Gaule, pp. 241–254.

César Vila, M., Bonilla Rodríguez, A., e López Pérez, M. (2010). Aportaciones al conocimiento de la cerámica producida en la última fase de la Edad Media en Galicia, Martínez Peñín, R., Crespo Díez, M. (coords.), *Metodología de análisis aplicada a los estúdios de cerâmica tardoantigua y medieval de la Península Ibérica*. León: Lobo Sapiens, pp. 145–160).

Ceserani, G. (2020). Processos e modelos: a arqueologia de Colin Renfrew, *Cadernos do LEPAARQ*, v. XVII, n.34, pp. 345–391.

Chamoso Lamas, M. (1951). Excavaciones en Torres de Oeste (Catoira – Pontevedra), *Cuadernos de estúdios gallegos*, vol. 6, pp. 283–384.

Chaplin, T. e Mooney, J. (eds.) (2018). *The Global 1960s. Convention, Contest and Counterculture*. New York/London: Routledge.

Chaui, M. (2008). Cultura e democracia, *Crítica y emancipación*, n. 1, pp. 53–76.

Chertok, B. (2009). *Rockets and People. Volume III: Hot Days of the Cold War*. Washington: National Aeronautics and Space Administration/NASA.

Childe, V. (1950). The Urban Revolution, *Town Planning Review*, 21, nº 1, pp. 3–17.

Childe, V. (1951). *Man Makes Himself*. New York: Mentor Books.

Childe, V. (2015). *Piecing Together the Past: The Interpretation of Archaeological Data*. London e New York: Routledge.

Christian, K. e De Divitiis, B. (eds.) (2019). *Local antiquities, local identities. Art, literature and antiquarism in Europe, c. 1400–1700*. Manchester: Manchester University Press.

Christie, N. e Stamper, P. (eds.) (2012). *Medieval Rural Settlement: Britain and Ireland, AD 800–1600*. Oxford: Oxbow Books.

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Theodor Mommsen *et al.* (eds.) (1863 – presente). Berlim: George Reimer.

Clanchy, M. (2013). *From Memory to Written Record England 1066–1307*. West Sussex: Wiley-Blackwell.

Clark, E. (2004). *History, Theory, Text. Historians and the Linguistic Turn*. Massachusetts/London: Harvard University Press.

Clemente, E. (2024). *Entre indígenas e romanos. A ocupação pré-flávia do quarteirão das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Coelho, A. (2008). *Portugal na Espanha Árabe*. Alfragide: Editorial Caminho.

Coelho, M. (2019). Herculano, a Academia e os Portugaliae Monumenta Historica, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, tomo XL, vol. II, pp. 333–354.

Coll Conesa, J. (2009). *La Cerámica Valenciana (Apuntes para una síntesis)*. Ribarroja del Túria: Asociación Valenciana de Cerámica.

Coll Conesa, J. (2020). Propuesta de seriación y cronología de las producciones cerámicas mudéjares del Reino de Valencia, In. *En torno a la cerámica medieval de los ss. VIII-XV*. Múrcia: Asociación de Ceramología, pp. 187–213.

Conejo Delgado, N. (2019). *Economía monetaria de las áreas rurales de la Lusitania romana*. Sevilla e Lisboa: Universidad de Sevilla e Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).

Conspectus. Ettlinger, E., Hedinger, B., Hoffmann; B., Kenrick, P., Pucci, G., Roth-Rubi, K.; Schneider, G., Von Schnurbein, S., Wells, C., Zabehlicky-Scheffenegger, S. (1990). Conspectus formarum terrae sigillatae italico modo confectae. Frankfurt am Main: GmbH.

Cortez, R. (1951–54). A Fonte do Ídolo e o Culto de Asklepius em Bracara, *Bracara Augusta*, 4 (1–3), pp. 32–45; 4 (4), pp. 264–280; 5 (1–3), pp. 90–103.

Costa, A. (1706). *Corografia Portugueza*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes.

Costa, A. (1956). A restauração da diocese de Braga em 1070, *Lusitania Sacra*, vol. 1, pp. 17–28.

Costa, A. (1975). O culto mariano em Portugal e sobretudo em Braga, Coimbra e Lisboa, *Acta Congressus-Mariologici Internationalis*, vol. III. Roma: Pontificia Academia Mariana Internationalis, pp. 301–344.

Costa, A. (1983). *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos séculos XV a XVIII*. Theologica, vol. 18.

Costa, A. (1984). *Arquidiocese de Braga. Síntese da sua História*. Dicionário de História da Igreja em Portugal. Vol. III. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, pp. 163–166

Costa, A. (1997). *O bispo D. Pedro e a organização da arquidiocese de Braga*. Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.

Costa, L. (1993). *O templo de Santa Cruz*. Braga: Edição da Irmandade de Santa Cruz.

Crang, M. (1996). Envisioning urban histories: Bristol as palimpsest, postcards, and snapshots, *Environment and Planning A*, vol. 28, pp. 429–452.

Croce, B. (1939). *La Storia como pensiero e come azione*. Bari: Laterza.

Cruz, G. (2015). O surgimento do espaço urbano no Noroeste da Ibéria. Uma reflexão sobre os oppida pré-romanos, In. Martinéz Peñín, R. e Cavero Dominguéz, G. (eds.), *Evolución de los espácios urbanos y sus territórios en el Noroeste de la Peninsula Ibérica*. Leon: IEM, pp. 403–414.

Cruz, G. (no prelo). Sobre uma unidade de produção doméstica romana na Citânia de Briteiros. Transformações económicas no âmbito do processo de romanização, In. *Actas do Congresso Internacional Cidades na História. Economia*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.

Cruz, G. e Antunes, J. (2019). Trabalhos arqueológicos na Citânia de Briteiros: Campanha de 2019, *Revista de Guimarães*, vol. 129, pp. 187–201.

Cruz, M. (1980). Braga no ano de 1882, *Bracara Augusta*, vol. XXXIV, n. 78, pp. 705–710.

Cruz, M. (2001). *Os vidros romanos de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Cruz, M. (2009). *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Cullen, N. (2024). *Radical Basque Nationalist-Irish Republican Relations A History*. London/New York: Routledge.

Cunha, A., Martins, M., Magalhães, F., Braga, C., Martínez Peñín, R., Ribeiro, J., Fernández Fernández, A. e Mendes, D. (2014). *Salvamento de Bracara Augusta. Rua D. Afonso Henriques, 42-56 (BRAGA). BRA-98-R.D.A.Henriques Nº42/56 e BRA-2002-R.D.A.Henriques Nº42/56. Relatório*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, 48. Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Cunha, R. (1623). *Catalogo e historia dos bispos do Porto*. Porto: Ioão Rodriguez.

Cunha, R. (1632). *Tractatus de primatu bracharensis ecclesiae in universa Hispania*. Braga: Ioannis Roderici.

Cunha, R. (1634a). *A Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, e Varoes illustres, que florecerão neste Arcebispado*. 2 partes. Braga: Manoel Cardozo.

Cunha, R. (1634b). *Breviarium bracarense*. Coimbra: Viúva e Filhos de Nicolau Carvalho.

Cunha, R. (1642). *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Manuel da Silva.

Damásio, A. (2012). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro humano*. São Paulo: Editora Schwarcz.

David, N. e Kramer, C. (2001). *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge: Cambridge University Press.

David, P. (1947). *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle*. Lisboa/Paris: Belles Lettres.

D'Amico, J. (1983). *Renaissance humanism in papal Rome. Humanists and Churchmen on the Eve of the Reformation*. Baltimore: The John Hopkins University Press.

DCAMNO (1993). *Dictionnaire des Céramiques Antiques en Mediteranée Nord-Occidentale*. Lattara 6. Lattes: Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental.

De Blois, L. (2019). *Image and Reality of Roman Imperial Power in the Third Century AD: The Impact of War*. London and New York: Routledge.

Déchelette, J. (1904). *Les vases céramiques ornés de la Gaule Romaine (Narbonnaise, Aquitaine et Lyonnaise)*. Paris: Picard & Fils.

Deleuze, G. (1985). *Cinema 1. A imagem-movimento.* São Paulo: Editora Brasiliense.

Deleuze, G. (1999). *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G. (2000). *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio D'Água.

Deleuze, G. (2005). *Cinema 2. A imagem-tempo.* São Paulo: Editora Brasiliense.

Delgado, M. (1975). Les sigillées claires, In. *Fouilles de Conimbriga IV: Les sigillées*. Paris: Éditions de Boccard, pp. 249–313

Delgado, M. (1976). Les céramiques grises du Bas-Empire, In. *Fouilles de Conimbriga VI: Céramiques divers et Verres*. Paris: Éditions de Boccard, pp. 65–69.

Delgado, M. (1985) Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga II, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 2, pp. 9–40.

Delgado, M. (1988). Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal, *Cadernos de Arqueologia*, n. 5, pp. 35–49.

Delgado, M. (1993–94). Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 10–11, pp. 119–149.

Delgado, M. (1996/1997) Potes meleiros de Bracara Augusta, *Portugalia*, vols. XVII-XVIII, pp. 149–165.

Delgado, M. e Santos, L. (1984). Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga I, *Cadernos de Arqueologia*, série II, n. 1, pp. 49–70.

Delgado, M. e Morais, R. (2009). *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: CITCEM.

Delgado, M., Fernández Fernández, A., Quaresma, J. e Morais, R. (2014). Una aproximación a la terra sigillata africana de Bracara Augusta (Braga, Portugal), In *Rei Creatariae Romanae Fautorum Acta 43*. Bonn: GmbH, pp. 671–680.

De Man, A. (2004). Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, n. 2, pp. 459–471.

Démians d'Archimbaud, G. (1962). L'archéologie du village médiéval: exemple anglais et expérience provençale, *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, 17–3, pp. 477–488.

Démians d'Archimbaud, G. (1980). *Les fouilles de Rougiers. Contribution à l'archéologie de l'habitat rural médiéval en pays méditerranéen*. Paris: Editions du CNRS.

De Quincey, T. (2019). *Suspiria de Profundis*. New York: Dover Publications.

Derrida, J. (2005). *The Politics of Friendship*. London/New York: Verso.

Descartes, R. (2001). *Discurso sobre o Método*. São Paulo: Martins Fontes.

Descartes, R. (2004). *Meditações sobre a Filosofia Primeira*. Campinas: Editora UNICAMP.

Diarte-Blasco, P. (2018). Late Antique and Early Medieval Hispania Landscapes without Strategy? An archaeological approach. Oxford: Oxbow.

Dias, B. (2024). *Proposta de valorização do vale do Rabagão. Catalogação da paisagem na Idade do Ferro ao Período Romano*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Dias, B.; Blanco Rotea, R. e Magalhães, F. (2023). A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários, In. Arnaud, J.; Neves, C. e Martins, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: AAP/UC, pp. 941–951.

Dias, G. (1985). Inscrição hebraico-medieval em Braga, *Revista de Guimarães*, n. 95, pp. 206–212.

Dias, M., Prudêncio, M. (2007). Neutron activation analysis of archaeological materials: an overview of the ITN NAA laboratory, Portugal, *Archaeometry*, vol. 49, n. 2, pp. 383–393.

Díaz, P. (2015). La organización del espacio y el control del territorio en la Gallaecia germánica, In. Pereira-Menaut, G. e Portela Silva, E. (eds.), *El territorio en la historia de Galicia. Organización y control. Siglos I-XXI.* Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 37–95.

Díaz-Andreu, M.; Champion, T. (eds.) (1996). *Nationalism and archaeology in Europe*. London e New York: Routledge.

Díaz Andreu, M. (2007). *A World History of the Nineteenth-Century Archaeology. Nationalism, Colonialism and the Past*. Oxford: Oxford University Press.

Diodorus Siculus. *Bibliotheca Historica*, vol. II, livros V-XII. Friedrich Vogel (ed.) (1985). Stuttgart: Teubner.

Dobb, M. (1971). *Estudios sobre el desarollo do capitalismo*. Buenos Aires: Siglo XXI.

Donner, F. (2006). The Background to Islam, In. Maas, M. (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 510–533.

Dopico Caínzos, D. (2016). Os inicios da urbanización no Noroeste: as capitales conventuais, In Dopico Caínzos, D. e Villanueva Acuña, M. (eds.), *Clausus est Ianus. Augusto e a transformación do noroeste hispano*. Lugo: Deputación de Lugo, pp. 259–284.

Dopico Caínzos, D.; Redentor, A. e Santos Yanguas, J. (2018). Las ciudades de Callaecia y la creación de un nuevo espacio administrativo: la aportación de la epigrafía, In. Dopico Caínzos, D. e Vilanueva Acuña, M. (eds.), Sine iniuria in pace vivatur: A construción do Imperio durante os xulio-claudios. Philtáte 3. Lugo: Diputación de Lugo, pp. 313–343.

Dordio, P., Silva, A., Teixeira, R., Couto, M. e Rodrigues, M. (2018). Louça vermelha de Aveiro e de Ovar: ensaio de uma síntese atualizada, In. *3.7. Olaria de Ovar – Catálogo da Exposição*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, pp. 4–43.

Douglas, M. e Isherwood, B. (1979). *The World of Goods. Towards an Anthropology of Consumption*. London: Routledge.

Dowling, A. (2005). Convergència i Unió, Catalonia and the new Catalanism, In Balfour, S. (ed.), *The Politics of Contemporary Spain*. London/New York: Routledge, pp. 106–120.

DPRR – Digital Prosopography of the Roman Republic: https://romanrepublic.ac.uk/

Dragendorff, H. (1894). *De Vasculis Romanorum Rubris capita selecta*. Bonn: Typis C. Georgi.

Duby, G. (1979). *O Tempo das Catedrais. A Arte e a Sociedade. 980–1420*. Lisboa: Editorial Estampa.

Duby, G. (1982). *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Ed. Estampa.

Duby, G. (2002). *O Ano Mil*. Lisboa: Edições 70.

Duchesne, L. (1900). *Saint Jacques en Galice*. Tolouse: Edouard Privat.

Elena, A., Mar, R. e Martins, M. (2008). *A fonte do ídolo: análise, interpretação e reconstituição do santuário*. Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 4. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/Núcleo de Arqueologia.

Elias, N. (1994a). *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Elias, N. (1994b). *O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização*. Volume 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Elias, N. (2001). *A Sociedade de Corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ellis, S. (1988). The End of the Roman House, *American Journal of Archaeology*, vol. 92, n. 4, pp. 565–576.

Erdkamp, P. (2001). Beyond the limits of the 'Consumer City'. A Model of the Urban and Rural Economy in the Roman World, *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 50, H.3, pp. 332–356.

Estatutos da Universidade de Coimbra (1772). 3 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Esteves, A. (2020). As epidemias e a memória histórica, In. Martins, M. e Rodrigues, E. (eds.), *A Universidade do Minho em tempos de pandemia. I – Reflexões*. Braga: UMinho Editora, pp. 147–172.

Esteves, A. (2022). A epidemia depois da pandemia: a encefalite letárgica, In. Esteves, A. e Silva, H. (coords.), *Olhares cruzados sobre a história da saúde da Idade Média à contemporaneidade*. Braga: Lab2PT, pp. 138–155.

Etienne, R. (1966). Ausone et l'Espagne, *Mélanges d'archéologie, d'épigraphie et d'histoire offerts à Jérôme Carcopino*, pp. 316–332.

Fabião, C. (2020). As villae romanas da Lusitânia ocidental: velhos problemas e novas abordagens, In. Martínez, R., Nogales, T. e Rodà, I. (coord.), *Las Villas romanas bajoimperiales de Hispania*. Palencia: Diputación de Palencia, pp. 451–470.

Fábregas Valcarce, R., Lobera Hermida, A., Serna González, M., Vaquero Rodríguez, M, Pérez Rama, M., Grandal-d'Anglade, A., Alonso Fernández, S. e Ameijenda Iglesias, A. (2012). Ocupacións prehistóricas e históricas nas cavidades das serras orientais e galegas: Cova de Eirós (Triacastela) e Valdavara (Becerreá), *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antigüidade*, n. 31, pp. 17–45.

Fafiães, M. (2015). *Evolução urbana de Braga na Época Moderna: espaços públicos e periferia*. Braga: Dissertação de Mestrado.

Fanon, F. (1964). *Toward the African Revolution*. New York: Grove Press.

Fanon, F. (1965). *A Dying Colonialism*. New York: Grove Press.

Fanon, F. (1986). *Black Skin, White Masks*. London: Pluto Press.

Farelo, M. (2023). In the city and countryside. The establishment and definition of the parish network in the diocese of Lisbon (12th-15th centuries), *Espacio, Tiempo y Forma*. Série III, História Medieval, vol. 36, pp. 105–122.

Fariña Busto, F. (1975). Excavación de A Lanzada (Sanxenxo). Informe preliminar de la campaña de 1974, *El Museo de Pontevedra*, n. 29, pp. 163–173.

Fariña Busto, F. e Suárez Otero, J. (1988). Arqueoloxia medieval en Galicia: unha aproximacion, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVIII (3–4), pp. 49–77.

Faversani, F. (2013). Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitudedesta fronteira, *Mare Nostrum*, v. 4, pp.100–111.

Faversani, F. (2014). Quinquennium Neronis e a ideia de um bom governo, *Phoînix*, 20–1, pp. 158–177.

Faversani, F. (2020). Tirano, louco e incendiário: BolsoNero. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como allelopoiesis, *História da Historiografia*, v. 13, n. 33, pp. 375–395.

Faversani, F. e Joly, F. (2021). Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado romano: um estudo de allelopoiesis, *Phoînix*, 27–2, pp. 97–110.

Favro, D. (2014). Moving Events: Curating the Memory of the Roman Triumph, In. Galinsky, K. (ed.), *Memoria Romana. Memory in Rome and Rome in Memory*. Ann Arbor: University of Michigan Press, pp. 85–101.

Fentress, E. e Perkins, P. (1988). Counting African Red Slip Ware, In. Mastino, A. (coord.), L'Africa romana: atti del 5. Convegno di studio. Sassari: Università degli studi di Sassari, pp. 205–214.

Fernandes, A. (1997). *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Arouca: Câmara Municipal de Tarouca.

Fernandes, I. (1996). Centros produtores de louça preta da Região Norte, *Olaria*, pp. 11–36.

Fernandes, I. (2005). Arqueologia Medieval em Portugal: 25 anos de investigação, *Portvgalia*, XXVI, pp. 183–210.

Fernandes, I. (2003). Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam: o quotidiano visto através da olaria, In. *Olaria portuguesa: do fazer ao usar*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 61–217.

Fernandes, I. (2013). *A loiça preta em Portugal: estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Fernandes, L. (2018). *Urbanismo e arquitetura do quadrante sudeste da cidade romana de Bracara Augusta entre a época fundacional e a Antiguidade Tardia*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Fernandes, L., Martins, M. e Ribeiro, M. (2023). Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso, In. Arnaud, J., Neves, C. e Martins, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: AAP e CEAACP, pp. 1403–1414.

Fernandes, L., Marques, A. e Torres, A. (2008). Ocupação baixo medieval do teatro romano de Lisboa: a propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas, *Arqueologia Medieval*, n. 10, pp. 159–183.

Fernández Fernández, A. (2013). *O comercio tardoantigo no Noroeste Peninsular. Unha análise da gallaecia sueva e visigoda a través do rexistro arqueolóxico*. Galícia: Editorial Toxosoutos.

Fernández Fernández, A. (2014). As relacións externas da Gallaecia durante os ss. IV–VII d.C. a traveso do material arqueolóxico importante localizado en Vigo (Galiza), In Pérez Losada, F. e Barriocanal López, M. (coords.), *Hidacio da Limia e o seu tempo: a Gallaecia sueva: a Limia na época medieval*. Xinzo de Limia: Concello de Xinzo de Limia, pp. 121–163.

Fernández Fernández, A. (2016). Lusitanian amphorae in the northwest of the Iberian Peninsula, In. Pinto, I., Almeida, R. e Martin, A. (eds.), *Lusitanian amphorae: Production and distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10. Oxford: Archaeopress, pp. 273–284.

Fernández Fernández, A. (2018). El comercio en el noroeste peninsular en época tardo-antigua (siglos IV al VII). In López Quiroga, J. (ed.), *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411–585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 317–330.

Fernández Fernández, A. e Bartolomé Abraira, R. (2016). Cerámicas tardoantiguas en el Noroeste de la Península (Galicia y norte de Portugal) entre la importación y el artesanado local/regional (ss. V-VII), In. Vigil-Escalera Guirado, A. e Quirós Castillo, J. (dirs.), *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V–X). Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. Documentos de Arqueología Medieval, 9. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 69–111.

Fernández Fernández, A. e Morais, R. (2012). Terra Sigillata Bracarense Tardía (Tsbt). O Grupo II das Cerâmicas de engobe vermelho nao vitrificavel (Delgado 1993–94). O Cerâmicas de Engobe Vermelho. Grupo II (Delgado y Morais, 2009), In Bernal Casasola, D. e Ribera i Lacomba, A. (eds.), *Cerámicas hispanorromanas II. Producciones regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 131–174.

Fernández Fernández, A. e Morais, R. (2017). Las ánforas tardoantiguas de San Martiño de Bueu (MR 7). El primer centro de producción de ánforas del noroeste de Hispania, In. Dixneuf, D. (ed.), *Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean. Archaeology and archaeometry*. LRCW 5–1. Alexandria: Centre d'Études Alexandrines, pp. 117–129.

Fernández Fernández, A., Pérez Losada, F. e Vieito Covela, S. (2008). Cerámica fina de importación en Toralla (Vigo): abastecimiento y consumo en una villa costera atlántica tardorromana, In. Fernández Ochoa, C., García-Entero, V. e Gil Sendino, F. (eds.), *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y función*. Gijón: Ediciones Trea, pp. 575–585.

Fernández García, M. e Roca Roumens, M. (2008). Producciones de Terra Sigillata Hispánica, In Bernal Casasola, D. e Ribera i Lacomba, A. (coords.), *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Historia y Arte. Monografia 3. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 307–332.

Fernández Ochoa, C. (1997). *La Muralla Romana de Gijón (Asturias)*. Madrid: Ed. Electra.

Ferreira, J. (1908). Esboço historico da extincta diocese de Dume, junto aos muros de Braga, *O Archeologo Português*, vol. XIII, pp. 76–91.

Ferreira, J. (2011). *O quarteirão do Palácio dos Biscainhos: contexto e inserção urbana*. Braga: Dissertação de Mestrado.

Ferreira, M. (1998). O espaço-tempo e a Geohistória, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 12, pp. 215–227.

Feyerabend, P. (1977). *Contra o médoto. Esboço de uma teoria anarquista do conhecimento*. Rio de Janeiro: F. Alves.

Feyerabend, P. (1979). Consolando o Especialista, In. Lakatos, I. e Musgrave, A. (orgs.), *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, pp. 244–284.

Feyerabend, P. (1987). *Farewell to Reason*. New York: Verso Books.

Finley, M, (1973). *The Ancient Economy*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.

Finley, M. (1989). *Uso e Abuso da História*. São Paulo: Martins Fontes.

Flower, H. (2010). *Roman Republics*. New Jersey: Princeton University Press.

Folgueira Ríos, F. (2020). *O urbanismo de Lucus Augusti. Uma nova perspetiva de análise*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Folgueira Ríos, F. (2024). Cidade invisíveis: uma proposta de estudo da cidade na aula, *Missões: Revista De Ciências Humanas E Sociais*, 10(3), pp. 1–18.

Folgueira Ríos, F. e Martins, M. (no prelo). Lucus Augusti y la transformación del territorio, In. Dopico Caínzos, M. e Villanueva Acuña, M. (eds.), *Aut recepti beneficio se obligatos putant. Formas no coercitivas de transformación indígena*. Philtalte 7. Studia et acta antiquae Callaeciae. Lugo: Deputación de Lugo.

Folgueira Ríos, F., Dopico Caínzos, M. e Santos Yanguas, J. (2024). Lucus Augusti, la formación de una ciudad, In Dopico Caínzos, M. e Villanueva Acuña, M. (eds.), *Specula Populi Romani? <Revisitando> o papel da cidade*. Philtate 6. Studia et acta antiquae Callaeciae. Lugo: Deputación de Lugo, pp. 131–166.

Fontes, L. (1987). Salvamento Arqueológico de Dume: 1987. Primeiros Resultados, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 4, pp. 113–148.

Fontes, L. (1990). Escavações arqueológicas na antiga igreja de Dume, Notícia preliminar da campanha de 1989, In *Actas Congresso Internacional IX Centenário da Dedicação da Sé de Braga*, I. Braga: Lusitania Sacra, pp. 147–169.

Fontes, L. (1991–92). Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultados das Campanha de 1989–90 e 1991–92, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8–9, pp. 199–230.

Fontes, L. (2008). A Igreja Sueva de S. Martinho de Dume. Arquitectura Cristã Antiga de Braga e na Antiguidade Tardia no Noroeste de Portugal, *Revista de História de Arte*, nº 6, pp. 163–181.

Fontes, L. (2009). O período suévico e visigótico e o papel da Igreja na organização do território, In. Pereira, P. (coord.), *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, pp. 272–295.

Fontes, L. (2011a). Braga e o norte de Portugal em torno a 711, In. *711 – Arqueología e Historia entre dos mundos*. Vol. 1. Zona Arqueológica, nº 15. Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 315–333.

Fontes, L. (2011b). *Salvamento Arqueológico de Dume. Campanha de 2003 (SMD 2003). Relatório Final*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, nº 13. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Fontes, L. (2014). *Salvamento de Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas na Rua D. Paio Mendes, nº 67-75. Braga. Relatório Final*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, nº 45. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Fontes, L. (2015a). Arquitetura, liturgia e comunidades cristãs na região de Braga. Sociabilidades e poderes na transição da Antiguidade Tardia para a Alta Idade Média. O contributo da Arqueologia, In., Silva, G., Leite, L., Silva, E. e Neto, B. (orgs.), *Cotidiano e sociabilidades no Império Romano*. Vitória: GM Editora, pp. 200–216.

Fontes, L. (2015b). Powers, Territories, and Architecture in North-West Portugal: An Approach to the Christian Landscapes of Braga between the Fifth and Eleventh Centuries, In. Sánchez-Pardo, J. e Shapland, M. (eds.), *Churches and Social Power in Early Medieval Europe Integrating Archaeological and Historical Approaches*. Turnhout: Brepols, pp. 387–417.

Fontes, L. (2017). Entre pagãos e cristãos: a sacralização da paisagem bracarense na Antiguidade Tardia, In. Silva, G., Silva, É e Neto, B. (orgs.), *Espaços do sagrado na cidade antiga*. Vitória: GM Editora, pp. 226–244.

Fontes, L. e Andrade, F. (2015). Os Mosaicos de Dume (Braga), In. Pessoa, M. (coord.), *Actas do Encontro Portugal – Galiza. Mosaicos Romanos. Fragmentos de cultura nas proximidades do Atlântico*. Condeixa-a-Nova: Associação Portuguesa para o Estudo de Conservação do Mosaico Antigo, pp. 179–186.

Fontes, L. e Gaspar, A. (1997). Cerâmicas da região de Braga na transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média, In Démians D'Archimbaud, G. (ed.), *La Céramique Médiévale en Méditerraneé*. Actes du VIe congrès de l'AIECM2. Aix-en-Provence: Narrations Ed., pp. 203–212.

Fontes, L. e Magalhães, F. (2019). Do presente ao passado: a intervenção arqueológica nos terrenos da Oficina de S. José, em Braga, In. Soares, M. (coord.), *Da Memória ao Presente: A História da Oficina de S. José de Braga*. Braga: Oficina de S. José, pp. 309–320.

Fontes, L. e Regalo, H. (1997). O <Castelo> de Penafiel de Bastuço, Paços S. Julião, Braga. Elementos para o seu estudo, *Arqueologia Medieval*, n. 5, pp. 199–220.

Fontes, L., Lemos, F. e Cruz, M. (1997–98). "Mais velho" que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 14–15, pp. 137–164.

Fontes, L., Fernandes, I. e Castro, F. (1998). Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, In Diogo, J. e Abraços, H. (eds.), *Actas das 2as Jornadas de cerámica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 355–363.

Fontes, L., Martins, M., Ribeiro, M.e Carvalho, H. (2010). A cidade de Braga e o seu território nos séculos V–VII, In García, A. (coord.), *Espacios urbanos en el occidente mediterráneo (s. VI–VIII)*. Toleto: Toletvm Visigodo, pp. 256–262.

Fontes, L., Magalhães, F., Silva, L., Machado, D. e Alves, A. (2019). *Salvamento de Bracara Augusta. Projeto de Reconstrução e Ampliação de Edifício. Largo da Senhora-a-Beranca, nº 126/128, Braga. Relatório final*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, nº 82. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Fontes, L., Alves, M., Bernardes, P., Machado, E., Baptista, A. e Cosme, F. (2020). *Avaliação do estado de Conservação da Jeira no Território do Concelho de Terras de Bouro. Estudo da Avaliação do Potencial Turístico-Cultural da Jeira (Geira)*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, nº 100. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Fontes, L., Braga, C., Catalão, S., Magalhães, F. e Alves, A. (2022). *Salvamento de Bracara Augusta. Construção de edifício Oficina São José - IPSS - Rua 25 de abril, s/n, Braga. Relatório final.* Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, nº 115. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Foucault, M. (1976). História e descontinuidade. In Silva, M. (org.), *Teoria da História*. São Paulo, Cultrix, pp. 56–60.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Franco Júnior, H. (2001). *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense.

Franco Júnior, H. (2005). Antigüidade Tardia ou Primeira Idade Média? In: Andrade Filho, R. (org), *Relações de Poder, educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média*. Santana do Parnaíba: Solis, pp. 233–242.

Freitas, L. (2013). *Contributo para o estudo das cerâmicas comuns do Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de mestrado).

Freitas, L. e Real, M. (2014). Contributo para o estudo das cerâmicas medievais (sécs.VI/VII a XIII) do mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães) In. Tente, C. e De Man, A. (coords.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 223–238.

Freitas, M. (2003). *Urbanismo de Bracara Augusta. Articulação e restituição arquitectónica de um cardo principal*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Freud, S. (1964). *Constructions in Analysis (1937)*. The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud. Volume XXIII (1937–1939). London: The Hogarth Press.

Freud, S. (2011). *O Mal-estar na Civilização*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2014). *Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916–1917)*. Sigmund Freud. Obras completas volume 13. São Paulo: Companhia das Letras.

Fustel de Coulanges, N. (1998). *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martins Fontes.

Galinsky, K. (1996). *Augustan culture. an interpretative introduction*. New Jersey: Princeton University Press.

García Marcos, V. e Vidal Encinas, J. (1999). Asturica Augusta: de asentamiento militar a urbs magnífica, In. Colmenero Rodríguez, A. (coord.), *Los orígenes de la ciudaden el noroeste hispánico. Actas del Congreso Internacional*. Lugo: Diputación de Lugo, pp. 911–944.

Garrido Ramos, B. (2019). *Iconografía musivaria en la Península Ibérica en época romana: investigación y difusión desde el campo de las humanidades digitales*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia (Tese de Doutoramento).

Gaspar, A. (1985). Escavações Arqueológicas na Rua de Nª Sª do Leite, *Cadernos de Arqueologia*, série II, n. 2, pp. 51–125.

Gaspar, A. (1991). Contribuição para o estudo das cerâmicas medievais de Braga, In *A cerâmica medieval no mediterrâneo ocidental*. Santa Maria da Feira: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 365–372.

Gaspar, A. (1995). Cerâmicas Medievais de Braga. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 253–260.

Gaspar, A. (2000). *Contribuição para o estudo das Cerâmicas Cinzentas dos séculos V–VI d.C. de Braga*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).

Gaspar, A. (2003). Cerâmicas cinzentas da antiguidade tardia e alto-medievais de Braga e Dume, In Caballero, L., Mateos, P., Retuerce, M. (eds.), *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidade*. Madrid: CSIC, pp. 455–481.

Gaspar, A. e Amaro, C. (1997). Cerâmicas dos séculos XIII–XV da cidade de Lisboa, In Démians D'Archimbaud, G. (ed.), *La Céramique Médiévale en Méditerraneé*. Actes du VIe congrès de l'AIECM2. Aix-en-Provence: Narrations Ed., pp. 337–346.

Gelichi, S. (2014). I quarant'anni di Archeologia Medievale e l'archeologia in Italia negli ultimi quarant'anni, *Archeologia Medievale*, Numero Speciale: Quarant'anni di Archeologia Miedievale in Italia. La revista, i temi, la teoria e i metodi, pp. 11–20.

Gelichi, S. (2018). Italia e Spagna, archeologie e medioevo: riflessioni su storie, paradigmi e futuro (prossimo venturo), In. Quirós Castillo, J. (ed.), *Treinta años de Arqueología Medieval en España*. Summertown: Archaeopress, pp. 21–34.

Gell, A. (1998). *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press.

GEOLEX. Léxico de termos geológicos. Unidade de Informação Geocientífica do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Disponível em: https://geoportal.lneg.pt/pt/bds/geolex/#!/

Gibbon, E. (2014). *Declínio e Queda do Império Romano*. Lisboa, Letras Itinerantes.

Gibson, J. (1979). *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin.

Giestal, C. (1999). O projecto SIABRA (Sistema de Informação Arqueológica e Bracara Augusta), *Forum*, n. 26, pp. 86–88.

Ginzburg, C. (1991). *A Micro-História e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Bertrand.

Ginzburg, C. (2006). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras.

Glick, T. (2005). *Islam and Christian Spain in the early Middle Ages*. Leiden: Brill.

Gomes, A. (2000). *Cerâmicas pintadas de época romana: tecnologia, morfologia e cronologia*. Braga: Universidade do Minho (Dissertaçao de mestrado).

Gomes, J. (1996). *Cividade de Terroso e Vila Mendo. Aspectos da Proto-História e Romanização do Litoral Minhoto*. Porto: Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

Gomes, P., Melo, M., Osório, M., Silva, A. e Teixeira, R. (1999/2004). Cerâmicas tardo-medievais e modernas de importação na cidade do Porto, *Olaria*, 2ª série, n. 3, pp. 89–97.

Gómez Martínez, S.; Gonçalves, M.; Inácio, S.; Santos, C.; Coelho, C.; Liberato, M.; Gomes, A.; Bugalhão, J.; Catarino, H.; Cavaco, S.; Covaneiro, J. e Fernandes, I. (2015). A cidade e o seu território no Gharb al-Andalus através da cerâmica, In. Gonçalves, M. e Gómez Martínez, S. (eds.), *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 19–50.

González Fernández, M. (2012). Origen militar y desarrollo urbano de Asturica Augusta. In: Beltrán Fortes, J. e Rodríguez Gutiérrez, O. (coords.), *Hispaniae urbes. Investigaciones arqueológicas en ciudades históricas*. Historia 203. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, pp. 257–294.

González Ruibal, A. (2006–07). *Galaicos, poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.–50 d.C.)*. Brigantium 18. A Coruña: Museu Arqueolóxico e Histórico da Coruña.

González Ruibal, A. (2007). Arqueología Simétrica. Un Giro Teorico sin Revolucion Paradigmática (with commentary), *Complutum*, 18, pp. 283–319.

Gould, R. (1966). *Archaeology of the Point St. George Site and Tolowa Prehistory*. Berkeley: University of California Press.

Gould, R. (1977). Ethno-archaeology; or, where do models come from? In Wright, R. (ed.), *Stone Tools as Cultural Markers*. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, pp.162–168.

Gouveia, F. (2010). Cerâmicas tardo-medievais de Braga, In Martínez Peñín, R., Crespo Díez, M. (coords.), *Metodología de análisis aplicada a los estúdios de cerâmica tardoantigua y medieval de la Península Ibérica*. León: Lobo Sapiens, pp. 103–120.

Grainger, J. (2024). *Two Roman Revolutions. The Senate, the Emperors and Power, from Commodus to Gallienus (AD 180–260)*. Yorkshire/Philadelphia: Pen & Sword Books.

Gray, P. (2006). The Legacy of Chalcedon. Christological problems and their significance, In. Maas, M. (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 215–238.

Greatrex, G. (2006). Byzantium and the East in the Sixth Century, In. Maas, M. (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 477–509.

Gregorii Turonensis Episcopi. *De Miraculis Sancti Martini Episcopi libri quatuor*. Jacques-Paul Migne (ed.) (1849). Patrologiae Tomus LXXI. Paris: Bibliothecae Cleri Universae.

Grussworte zum 50. jahrestag der wiedereröffnung des Deustchen Archäologischen Instituts in Madrid (2004). Separata de Madrider Mitteilungen, 45, pp. 600–614.

Guerra, F. (1999). A nação na América espanhola: a questão das origens, *Maracanan*, v. 1, n. 1, pp. 9–30.

Guerreiro, S., Pinto, L. e Leandro, J. (2011). *A Igreja de São Paulo - Braga*. Braga: Ed. Museu Pio XII.

Guinsburg, J. (org.) (2002). *O Romantismo*. São Paulo, Editora Perspectiva.

Gunn, J. (ed.) (2000). *The Years without Summer. Tracing A.D. 536 and its aftermath*. BAR International Series, 872. Oxford: BAR Publishing.

Gutiérrez González, J. (2008). Las villae y la génesis del poblamiento medieval, In. Fernández Ochoa, C., García-Entero, V. e Gil Sendino, F. (eds.), *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y función*. Gijón: Ediciones Trea, pp. 215–238.

Gutiérrez González, J. e Bohigas Rondán, R. (1989). *La cerámica Medieval en el norte y noroeste de la Península Ibérica*. León: Universidad de León.

Gutiérrez González, J. e Miguel Hernández, F. (2009). La cerámica altomedieval en león: producciones locales y andalusíes de Puerta Obispo, In. Zozaya Stable-Hansen, J., Retuerce Velasco, M., Hervás Herrera, M., Juan García, A. (eds.), Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 443–462.

Gwynn, D.; Bangert, S. (eds.) (2010). *Religious diversity in late antiquity*. Late Antique Archaeology vol. 6. Leiden: Brill.

Habermas, J. (2000). *O discurso filosófico da modernidade. Doze lições*. São Paulo: Martins Fontes.

Haidu, P. (2006). *Sujeito medieval/moderno: texto e governo na Idade Média*. São Leopoldo: UNISINOS.

Harris, E. (1979). *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London: Academic Press.

Harris, O. (2021). Archaeology, process and time: beyond history versus memory, *World Archaeology*, 53, Issue 1, pp. 104–121.

Harris, O. e Cipolla, C. (2017). *Archaeology Theory in the New Millennium. Introducing current perspectives.* London/New York: Routledge.

Harvey, D. (2008). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.

Haverfield, F. (1913). *Ancient Town-Planning*. Oxford: Oxford University Press.

Hawkins, M. (1997). *Social Darwinism in European and American thought, 1860–1945*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hayes, J. (1972). *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.

Hayes, J. (1980). *A Supplement to Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.

Hayles, N. (1999). *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago: University of Chicago Press.

Hekster, O. (2002). *Commodus. An Emperor at the crossroads*. Amsterdam: J.C. Gieben.

Hekster, O. (2008). *Rome and Its Empire, AD 193–284*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Hermet, F. (1934). *La Graufesenque (Condatomago). I. Vases Sigillés – II. Graffites*. 2 vols. Paris: Librairie Ernest Leroux.

Hespanha, A. (1994). *As Vésperas do Leviathan. Instituições e Poder Político em Portugal no século XVII*. Coimbra, Almedina.

Hespanha, A. (2010). *Imbecilitas. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime*. São Paulo: Annablume.

Hidalgo Prieto, R. (2020). Las villas bajoimperiales de la Bética, In. Martínez, R., Nogales, T. e Rodà, I. (coord.), *Las Villas romanas bajoimperiales de Hispania*. Palencia: Diputación de Palencia, pp. 75–88.

Hindman, M. (2018). *The Internet Trap. How the digital economy builds monopolies and undermines democracy.* Princeton: Princeton University Press.

Historia Compostelana. Emma Falque Rey (ed.) (1994). Clásicos Latinos Medievales 3. Madrid: Akal.

Hobsbawm, E. (1992). *A Era das Revoluções*. Barcarena: Editorial Presença.

Hodder, I. (1982). *Symbols in action: Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hodder, I. (1995). *Theory and Practice in Archaeology*. London e New York: Routledge.

Hodder, I. (2001). Introduction: A Review of Contemporary Theoretical Debates in Archaeology, In. Hodder, I. (ed.), *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, pp. 1–13.

Hodder, I. (ed.) (2018). *Religion, History and Place in the Origin of Settled Life*. Colorado: University Press of Colorado.

Hodder, I. (ed.) (2020). *Consciousness, Creativity and Self at the Dawn of Settled Life*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hodder, I. e Hutson, S. (2003). *Reading the past: Current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hoffelinck, A. (2021). Finding your way towards the macellum. The spatial organization of a Roman type of market building, In. Vermeulen, F. e Zuiderhoek, A. (eds.), *Space, Movement and the Economy in Roman cities in Italy and beyond*. New York: Routledge, pp. 203–224.

Horden, P. (2006). Mediterranean Plague in the Age of Justinian, In. Maas, M. (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 134–160.

Horkheimer, M. (2002). *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro.

Hopkins, K. e Beard, M. (2011). *The Colosseum*. London: Profile Books.

Horst, M. (2023). Bishops between Reform and Heresy: Priscillian, Martin of Tours and Magnus Maximus, In. Panzram, S. e Poveda Arias, P. (eds.), *Bishops under Threat. Contexts and Episcopal*

Strategies in the Late Antique and Early Medieval West. Berlin/Boston: de Gruyter, pp. 267–284.

Howe, E. (2005). *Art and culture at the Sistine court: Platinas "Life of Sixtus IV" and the frescoes of the Hospital of Santo Spirito*. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana.

Hudson, P. (1992). *The Industrial Revolution*. London: Bloomsbury.

Hughes, A. e Hughes, T. (eds.) (2000). *Systems, Experts, and Computers: The Systems Approach in Management and Engineering, World War II and After*. Massachussets/London: The MIT Press.

Huizinga, J. (2010). *O Outono da Idade Média*. Rio de Janeiro: Cosac Naify.

Huntington, S. (1997). *O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Hume, D. (2000). *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Editora UNESP.

Humfress, C. (2013). Law's Empire: Roman Universalism and Legal Practice, In. du Plessis (ed.), *New Frontiers. Law and Society in the Roman World*. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 73–101.

Huyssen, A. (2003). *Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory*. Standford: Stanford University Press.

Hydatius. *Chronicle*. Richard Burgess (trad.) (1993). Oxford: Oxford University Press.

Hygini Gromatici. *Constitutio limitum*. Carolus Thulin (ed.) (1913). Leipzig: Teubner.

Hygini Gromatici. *De generibus contrauersiarum*. Carolus Thulin (ed.) (1913). Leipzig: Teubner.

Iberian Fathers vol. 1. Martin of Braga; Paschasius of Dumium; Leander of Seville. Claude Barlow (trad.) (1969). The Fathers of the Church 62. Washington D.C.: The Catholic University of America Press.

Iberian Fathers vol. 2. Braulio of Saragossa; Fructuosus of Braga. Claude Barlow (trad.) (1969). The Fathers of the Church 63. Washington D.C.: The Catholic University of America Press.

(Sancti) Isidori Hispalensis Episcopi. *Historia de regibus Gothorum, Wandalorum et Suevorum*. Tomus Septimus. Jacques-Paul Migne (ed.) (1862). Patrologiae Tomus LXXXIII. Paris: Bibliothecae Cleri Universae.

(Sancti) Isidori Hispalensis Episcopi. *Regula Monachorum*. Tomus Sextus. Jacques-Paul Migne (ed.) (1862). Patrologiae Tomus LXXXIII. Paris: Bibliothecae Cleri Universae.

Iuli Frontini. *De agrorum qualitate*. Carolus Thulin (ed.) (1913). Leipzig: Teubner.

Izquierdo Benito, R. (1990). Los privilegios reales de Toledo en la Edad Media, *En la España Medieval*, n. 13, pp. 233–251.

Jones, A. (1964). *The Later Roman Empire. 284–602*. Cambridge: Cambridge University Press.

Jongman, W. (1988). *The Economy and Society of Pompeii*. Amsterdam: J.C. Gieben.

Jordan, P. e Zvelevil, M. (eds.) (2010). *Ceramics Before Farming: The Dispersal of Pottery Among Prehistoric Eurasian Hunter-Gatherers*. New York: Routledge.

Juan Tovar, L. (2012). La cerâmica imitación de sigillata en el occidente de la Península Ibérica durante el siglo V d.C., In Bernal Casasola, D. e Ribera i Lacomba, A. (coords.), *Cerámicas*

hispanorromanas II. Producciones regionales. Historia y Arte. Monografias 25. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 97–129.

Juan Tovar, L. e Blanco Garcia, F. (1997). Cerámica común tardorromana, imitación de sigillata, en la provincia de Segovia. Aproximación al estúdio de las producciones cerâmicas del siglo V en la Meseta Norte y su transición al mundo hispao-visigodo, *Archivo Español de Arqueología*, vol. 70, pp. 171–219.

Junta de Providência Literária (1771). *Compêndio Histórico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuítas e dos estragos feitos nas ciências, nos professores e directores que a regiam pelas maquinações e publicações dos novos estatutos por eles fabricados*. Lisboa: Regia Officina.

Kaegi, W. (2003). *Heraclius. Emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kant, I. (2001). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kantorowicz, E. (1998). *Os dois corpos do rei. Um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras.

Keys, D. (1999). *Catastrophe. An investigation into the origins of the Modern world*. New York: Ballantine Books.

Khirfan, L. (2010). Traces on the palimpsest: Heritage and the urban forms of Athens and Alexandria, *Cities*, 27, pp. 315–325.

Klein, R. (1998). A Civilização do Renascimento de J. Burckhardt nos dias de hoje, In *A Forma e o Inteligível*. São Paulo: EDUSP, pp. 189–206.

Knapp, A. (ed.) (1992a). *Archaeology, Annales, and Ethnohistory*. Cambridge: Cambridge University Press.

Knapp, A. (1992b). Archaeology and Annales: time, space and change, In Knapp, A. (ed.), *Archaeology, Annales, and Ethnohistory*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1–22.

Knappet, C. (2005). *Thinking through material culture: an interdisciplinary perspective*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Knorr, R. (1919). *Töpfer und fabriken verzierter terra-sigillata des ersten jahrhunderts*. Stuttgart: Druck und verlag von W. Kohlhammer.

Kohl, P.; Fawcett, C. (eds.) (1995). *Nationalism, politics, and the practice of archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Kropotkin, P. (2011). *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Achiamé.

Kuhn, T. (2012). *A função do dogma na investigação científica*. Curitiba: UFPR.

Kuhn, T. (2018). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.

Kulikowski, M. (2007). Plague in Spanish Late Antiquity, In. Little, L. (ed.), *Plague and the End of Antiquity. The Pandemic of 541–750*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kurlansky, M. (2004). *1968: the year that rocked the world*. New York: Ballantine Books.

La Boétie, E. (1999). *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense.

Laboratório HERCULES (2022). *Relatório técnico-científico preliminar Estudo arqueométrico da cerâmica*. Évora.

Lakatos, I. e Feyerabend, A. (1999). *For and Against the Method. Including Lakatos's Lectures on Scientific Method and Lakatos-Feyerabend Correspondence*. Chicago e London: The University of Chicago Press.

Lakatos, I. e Musgrave, A. (orgs.) (1979). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo.

Lamb, H. (1995). *Climate, History and the Modern World*. London e New York: Routledge.

Larrén Izquierdo, H. (1992). Hallazgos cerámicos en la ciudad de Toro (II): el conjunto del "Patio del Siete", *Anuario*, ano 1992, pp. 163–174.

Larrén Izquierdo, H. e Turina Gómez, A. (1995). El conjunto cerámico de la calle Obispo Acuña de Zamora, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología: BSAA*, n. 61, pp. 261–274.

La Rocca, C. (2003). Uno specialismo mancato. Esordi e fallimento dell'archeologia medievale italiana alla fine dell'Ottocento, *Archeologia Medievale*, XX, pp. 13–44.

Latour, B. (1990). Technology is society made durable, *The Sociological Review*, vol. 38, n. 1, pp. 103–131.

Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos. Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34.

Latour, B. (2004). *Políticas da Natureza: Como fazer ciência na democracia*. São Paulo: EDUSC.

Latour, B. (2005). *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory*. New York: Oxford University Press.

Lavan, L. (ed.) (2013). *Local economies? Production and exchange of inland regions in late antiquities*. Late Antique Archaeology vol. 10. Leiden: Brill.

Lavan, L. (2020a). *Public Space in the Late Antique City. Volume 1: Streets, Processions, Fora, Agorai, Macella, Shops*. Late Antique Archaeology vol. 5.1. Leiden, Brill.

Lavan, L. (2020b). *Public Space in the Late Antique City. Volume 2: Sites, Buildings, Dates*. Late Antique Archaeology vol. 5.2. Leiden, Brill.

Lavan, L. e Bowden, W. (eds.) (2003). *Theory and practice in late antique archaeology*. Late Antique Archaeology vol. 1. Leiden: Brill.

Lavan, L. e Mulryan, M. (eds.) (2009). *The archaeology of late antique "paganism"*. Late Antique Archaeology vol. 7. Leiden: Brill.

Lavan, L., Swift, E. e Putzeys, T. (eds.) (2007). *Objects in Context, Objects in Use: the Archaeology of Everyday Life*. Late Antique Archaeology vol. 5. Leiden: Brill.

Lavan, L., Zanini, E. e Sarantis, A. (eds.) (2007). *Technology in transition: A.D. 300–650*. Late Antique Archaeology vol. 4. Leiden: Brill.

Lay, S. (2015). Sanctity and Social Alienation in Twelfth-Century Braga as Portrayed in the Vita Sancti Geraldi, *Portuguese Studies*, vol. 31, n. 2, pp. 153–168.

Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.

Lefebvre, H. (2002). *A Revolução Urbana*. Belo Horizonta: Editora UFMG.

Lefebvre, H. (2013). *La producción del espacio*. Madrid: Captán Swing.

Le Goff, J. (1992). *O Apogeu da Cidade Medieval*. São Paulo: Martins Fontes.

Le Goff, J. (1998). *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

Le Goff, J. (1999). *São Luís*. Rio de Janeiro: Record.

Le Goff, J. (2001). *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record.

Le Goff, J. (2013). *História e Memória*. Campinas, Editora da UNICAMP.

Le Goff, J. (2015). *A História deve ser dividida em pedaços?*. São Paulo: UNESP.

Le Goff, J. (2018). *A civilização do Ocidente Medieval*. Petrópolis: Editora Vozes.

Leibniz, G. (2016). *Monadologia*. Lisboa: Edições Colibri.

Leite, F. (1997). *Contribuição para o estudo da cerâmica fina de Braga: a cerâmica 'dita Bracarense'*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Leite, J., Fontes, L., Martins, M., Tomé, J. e Mendes, D. (2012). *Salvamento de Bracara Augusta. Edifício n.º 20–28 da rua Afonso Henriques e n.º 1–3 da rua de Santo António das Travessas (BRA 08-09 RAH). Relatório Final*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memorias, nº 25. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Lemonnier, P. (1986). The Study of Material Culture Today: Toward an Anthropology of Technical Systems, *Journal of Anthropological Archaeology*, 5, pp. 147–186.

Lemonnier, P. (1996). Et pourtant ça vole! L'ethnologie des techniques et les objets industriels, *Ethnologie Française*, 26 (1), pp. 17–31.

Lemos, F. (1991) Dossier Bracara Augusta: destruição. I. Notícias da Imprensa, *Forum*, 11, pp. 207–241.

Lemos, F. (2006). A lei e a Arqueologia Urbana, *Praxis Archaeologica*, 1, pp. 15–21.

Lemos, F. (2014). Bracara Augusta. Arqueologia Urbana no fio da navalha, *Mínia*, 12, pp. 5–53.

Lemos, F. e Leite, J. (2000). Trabalhos arqueológicos no logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (ex-Albergue Distrital): notícia preliminar, *Forum*, 27, pp. 15–38.

Lemos, F. e Martins, M. (1992). A Arqueologia Urbana em Portugal, *Penélope*, nº 7, pp. 93–103.

Lemos, F., Martins, M., Fontes, L., Leite, J. e Cunha, A. (1998). A redescoberta da muralha romana e suévica-visigótica de Braga, *Forum*, 24, pp. 11–25.

Lemos, F., Leite, J. e Cunha, A. (2007). A muralha romana (Baixo Império) de Bracara Augusta, In. Rodríguez Colmenero, A. e Rodá de Llanza, I. (eds.), *Actas del Congreso Internacional Murallas de ciudades romanas en el Occidente del Imperio: Lucus Augusti como paradigma*. Lugo: Museo Provincial de Lugo/Deputación de Lugo, pp. 329–341.

Leroi-Gourhan, A. (1970). *Milieu et technique: Évolution et techniques*. Paris: Éditions Albin Michel.

Leroi-Gourhan, A. (1984). *Evolução e técnicas: I – O Homem e a Matéria*. Lisboa: Edições 70.

Levi, G. (1992). Sobre a micro-história, In Burke, P. (org.), *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Editora UNESP, pp. 133–161.

Levi, G. (2000). *A Herança Imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Levi, G. (2019). *Microhistorias*. Bogotá, Ediciones Uniandes.

Lewis, B. (1990). *Os árabes na História*. Lisboa: Estampa.

Lewis, N. (2016). The Crafting of Memory in Late Roman Mortuary Spaces, In. Galinsky, K. (ed.), *Memory in Ancient Rome Early Christianity*. Oxford: Oxford University Press, pp. 263–285.

Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae. 3 vols. Ed. crít. Avelino Costa (1978). Braga: Junta Distrital.

Liberato, M. (2024). Cerâmica, povoamento e formações sociais entre Tejo e Mondego, nos séculos VI a XIV, *Medievalista*, n. 36, pp. 453–472.

Lima, A. (2014). A Cerâmica medieval do Castelo de Paiva e seu enquadramento histórico, In. Tente, C. e De Man, A. (coords.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 183–203.

Lima, T. (2011). Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, pp. 11–23.

Lobo, A. (1903). *História da sociedade em Portugal no século XV*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Loeschcke, S. (1919). *Lampen aus Vindonissa. Ein Beitrag zur Geschichte von Vindonissa und des antiken Beleuchtungwesens*. Zurich: Beer & Cie.

Loomba, A. (1998). *Colonialism/Postcolonialism.* London/New York: Routledge.

Lopes, M. (2017). *Elementos arquitetónicos de Bracara Augusta: Contributo para o estudo da construção romana*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

López Pérez, C. (1997). Bases para el estúdio del campamento romano de Cidadela y su entorno: la sigillata hispânica de la campaña de 1996, *Férvedes: Revista de investigación*, n. 4, pp. 143–148.

López Pérez, C. e Caamaño Gesto, J. (2011). La cerámica de paredes finas del campamento romano de Cidadela (Sobrado dos Monxes, A Coruña), *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antiguidade*, n. 30, pp. 135–144.

López Pérez, C. e César Vila, M. (2010). La importación de terra sigillata durante la etapa tardorromana en la fachada atlántica del Noroeste peninsular, In Martínez Peñín, R. e Crespo Díez, M. (coords.), *Metodología de análisis aplicada a los estúdios de cerámica tardoantigua y medieval de la Península Ibérica*. León: Ediciones Lobo Sapiens, pp. 41–52.

López Pérez, C., Álvarez González, Y e López González, L. (1999). Evidencias materiales de la actividad comercial romana en Iria Flavia (Padrón, A Coruña): las sigillatas, *Gallaecia*, n. 18, pp. 239–264.

Lourenço, M. (2012). *Objetos do quotidiano de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Löwy, M. e Sayre, R. (1995). *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis, Vozes.

Lucas, G. (1995). The Changing Face of Time: English Domestic Clocks from the Seventeenth to Nineteenth Century, *Journal of Design History*, vol. 8, 1, pp. 1–9.

Ludowici, W. (1927). *Stempel, Namen und Bilder römischer Töpfer: Legions-Ziegel-Stempel, Formen von Sigillata und anderen Gefässen aus meinen Ausgrabungen in Rheinzabern 1901–1914*. München: Rieger.

Luley, B. (2020). *Continuity and Rupture in Roman Mediterranean Gaul. An Archaeology of Colonial Transformations at Ancient Lattara*. Oxford/Philadelphia: Oxbow Books.

Lvovsky, A. (2021). *Vice Patrol. Cops, Courts, and the Struggle over Urban Gay Life before Stonewall*. Chicago/London: The University of Chicago Press.

Lyons, M. (2010). *A History of Reading and Writing: In the Western World*. Hampshire: Palgrave Macmillan.

Lyotard, J.-F. (2009). *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Machado, D. (2017). *Tesouros numismáticos baixo-imperiais de contextos domésticos de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Machado, D. (2019). Reflexões sobre a economia de Bracara Augusta. O contributo dos tesouros monetários, In. II Congresso Internacional Cidades na História. Sociedade. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 155–175.

Machado, D. (2020a). *Inventário e classificação de numismas da Fortaleza de Valença*, Repositório de Dados da Universidade do Minho, https://doi.org/10.34622/datarepositorium/POQBMQ.

Machado, D. (2020b). *Moedas do Seminário S. Pedro, S. Paulo e Museu PIO XII. Braga*, Repositório de Dados da Universidade do Minho, https://doi.org/10.34622/datarepositorium/ID6UZ5.

Machado, D. (2020c). *Moedas Romanas da Casa da Bica. Braga*, Repositório de Dados da Universidade do Minho, https://doi.org/10.34622/datarepositorium/N2DS3A.

Machado, D. (2024a). Acepções temporais nas Ciências Históricas: instrumentos para a investigação e o ensino, *Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, 10(3), pp. 1–15.

Machado, D. (2024b). Economia e Sociedade em Bracara Augusta: o contributo dos tesouros numismáticos. In Campos, C. e Assumpção, L. (orgs.), *Numisma. Estudos Interdisciplinares sobre Numismática Antiga*. Vol. 1. Vassouras: Universidade de Vassouras, pp. 219–249.

Machado, D. (2024c). Estudo quantitativo da evolução das produções cerâmicas bracarenses nos finais da Idade Média, In Grupo CIGA (eds.), *Novos e velhos olhares sobre cerâmica medieval*. Tavira: Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências da Património e Câmara Municipal de Tavira, pp. 152–164.

Machado, D. e Dias, B. (2022). As caetrae e a conquista do noroeste da Península Ibérica, *Revista Numismática Brasileira*, vol. XXVI, nº 2, pp. 105–120.

Machado, D. e Dias, B. (no prelo). Produção e importação de géneros no conuentus bracaraugustanus: um olhar a partir das ânforas de Bracara Augusta, In. *Actas do Congresso Internacional Cidades na História. Economia*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.

Machado, D. e Folgueira Ríos, F. (no prelo). Consumption, trade, and habitus in Northwest Hispania: the mosaics with maritime themes of Gallaecia, *Journal of Mosaic Research*, vol. 19.

Machado, D. e Magalhães, F. (2023). Sociabilidades construídas: o uso social da arquitetura em Bracara Augusta, *Romanitas. Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 22, pp. 160–185.

Machado, D. e Martins, M. (2023). Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material, In Arnaud, J., Neves, C., Martins, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1181–1195.

Machado, D. e Martins, M. (2024). O consumo de produtos cerâmicos em Bracara Augusta no século I: memória, tradição e inovação, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 43, pp. 3–16.

Machado, D. e Martins, M. (no prelo). Braga's late medieval pottery consumption: material agency and social developments, In *Proceedings of the XIV Congress of the AIECM3*.

Machado, D., Fontes, L., Pereira, B. (2018). *Fortaleza de Valença. "Projeto de Requalificação Urbana do Centro Histórico de Valença". Trabalhos arqueológicos 2004–2017. Inventário e classificação de numismas*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, 69. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Machado, D.; Martins; M.; Magalhães; F.; Botica, N. (2020). Dinâmicas económicas em Bracara na Antiguidade Tardia. In Arnaud, J.; Neves, C.; Martins, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal: 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1467–1478.

Machado, D., Martins, M., Botica, N., Magalhães, F. (2021). O tesouro baixo-imperial da domus de Santiago: contribuição para o conhecimento da circulação monetária em Bracara Augusta, In Sánchez de la Parra-Pérez, S., Díaz-Navarro, S., Fernández-Lozano, J., Jiménez Gadea, J. (eds.), *The Archaeology of 'Underdog Sites' in the Douro Valley*. Oxford: Archaeopress, pp. 187–198.

Machado, D.; Barbazán Domínguez, S.; Lozano Hermida, H.; Magalhães, F.; Ramil Rego, E.; Martins, M. e Fernandes, L. (2022). Integração económica dos conventus do NO ocidental da Península Ibérica: a produção cerâmica alto imperial, In. Mateos, P.; Olcina, M.; Pizzo, A. e Schattner, T. (eds.). *Small towns. Una realidad urbana en la Hispania Romana*. Mytra 10. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 657–665.

Machado, D., Martins, M., Magalhães, F., Fernandes, L. e Botica, N. (2024). Bracara between Late Antiquity and Middle Ages: a contribution of pottery study, In. García Porras, A., Busto Zapico, M., Martín Ramos, L. e Peregrina Sánchez, M. (eds.), *XIII Congreso Internacional sobre Cerámica Medieval y Moderna en el Mediterráneo (AIECM3)*. Madrid: Ediciones de La Ergástula, pp. 237–248.

Machado, P. (2010). Engobe vermelho não-vitrificável que imita Terra Sigillara Clara D, In. Crespo, M., Martínez Peñín, R., (coord.), *Metodología de Análisis Aplicada a los Estudios de Cerâmica Tardoantigua y Medieval de la Península Ibérica*. León: El Lobo Sapiens, pp. 31–39.

Maciel, S. (2018). *A Paisagem na Idade do Ferro e Romanização da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. Análise macro Espacial*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

MacIntyre, F. (2002). Simultaneous settlement of Indo-Pacific extremes?, *Rapa Nui Journal*, vol. 16, n. 2, pp. 96–104.

Magalhães, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Magalhães, F. (2016). Espaço doméstico e sociabilidades: as domus de Bracara Augusta, In. Silva, G., Leite, L., Silva, E. e Neto, B. (orgs.), *Cotidiano e sociabilidades no Império Romano*. GM Editora: Vitória, pp. 67–81.

Magalhães, F. (2019). *A domus romana no Noroeste Peninsular. Arquitetura, construção e sociabilidades*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Magalhães, F. e Martins, M. (2019). Entre os espaços e os homens: reconstrução do quotidiano doméstico no Noroeste Peninsular, In. *Actas do Congresso Internacional Cidades na História. Sociedade*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães: Guimarães, pp. 195–217.

Magalhães, F.; Silva, L..; Ruela, L.; Machado, D.; Fernandes, L.; Alves, E.; Martins, M.; Blanco-Rotea, R. e Ribeiro, M. (2023). A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de

estudo da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10, In. Arnaud, J.; Neves, C. e Martins, A. (eds.), Arqueologia em Portugal 2023. Estado da Questão. Lisboa: AAP, pp. 771–783.

Magalhães, J. (2019). A Reforma da Universidade de Coimbra e a nova ordem dos estudos na transição do Antigo Regime, *Educação e Formação*, v. 4, n. 10, pp. 7–17.

Malafouris, L. (2013). *How Things Shape the Mind*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology.

Malafouris, L. (2021). Making hands and tools: steps to a process archaeology of mind, *World Archaeology*, 53:1, pp. 38–55.

Mantas, V. (2019). Da capital da Lusitânia a Bracara Augusta pela Serra da Estrela, *Conimbriga*, n. 58, pp. 255–300.

Manuel Mata, J. (2005). Terrorism and nationalist conflict: the weakness of democracy in the Basque Country, In Balfour, S. (ed.), *The Politics of Contemporary Spain*. London/New York: Routledge, pp. 81–105.

Marcondes, D. (2007). *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos e Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar.

Marques, J. (1978a). Os itinerários do arcebispo D. Fernando da Guerra (1417–1467), *Revista de História do Centro de História da Universidade do Porto*, 1, pp. 89–181.

Marques, J. (1978b). Relações económicas do norte de Portugal com o Reino de Castela no século XV, *Bracara Augusta*, vol. XXXII, n. 73–74 (85–86), pp. 11–62.

Marques, J. (1980). D. Fernando da Guerra e o abastecimento de água à cidade de Braga no 2º quartel do século XV, *Minia*, 2ª série, n. 4, pp. 127–138.

Marques, J. (1981). Relações galaico-bracarenses, no século XV, segundo as matrículas de ordens do Arquivo Distrital de Braga, *Actas do I Colóquio Galaico-Minhoto.* Ponte de Lima: Associação Cultural Galaico-Minhota, pp. 340–359.

Marques, J. (1982). *Os pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1186–1545)*. Separata da revista Bracara Augusta, vol. XXXVI. Braga: Livraria Cruz.

Marques, J. (1983). *Bracara medieval*. Braga: Livraria Cruz.

Marques, J. (1986). O Castelo de Braga (1350–1450), *Minia*, Série II, 8, pp. 5–34.

Marques, J. (1988). *A Arquidiocese de Braga no século XV*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Marques, J. (1995/96). O senhorio de Braga, no século XV – Principais documentos para o seu estudo, *Bracara Augusta*, vol. XLVI, n. 98/99 (111/112), pp. 6–136.

Marques, J. (1999). O problema da primazia arquiepiscopal das Espanhas: Toledo ou Braga?, In. *Studium Dilectum. Colectânea de Homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, pp. 199–222.

Marques, J. (2000). Senhorio de Braga e Arcebispos da Independência, *Bracara Augusta*, vol. XLIX, n. 103 (116), pp. 127–174.

Marques, J. (2003). Formas de organização do espaço na Idade Média, In. Jorge, V. (coord.), *Arquitectando espaços: da natureza à metapólis*. Porto: FLUP/DCTP/CEAUCP, pp. 151–171.

Marques, J. (2004). Dois humanistas italianos no Alto Minho, no século XV, *Bracara Augusta*, vol. LII, n. 107 (120), pp. 9–34.

Marques, J. (2007). Relações da metrópole de Braga com a monarquia e a hierarquia hispânica, In *Monarquía y Sociedade en el Reino de León. De Alfonso III a Alfonso VII*. Separata del tomo número 117 de la Colección Fuentes y Estudios de Historia Leonesa. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, pp. 103–147.

Marques, J. (2009). Relações fronteiriças luso-castelhanas nos séculos XIV–XV, In. Homem, A., Sottomayor-Pizarro, J. e Costa, P. (coords.), *Ibéria: Quatrocentos/Quinhentos. Duas décadas de cátedra (1984–2006)*. Homenagem a Luís Adão da Fonseca. Porto: Cepese, pp. 91–141.

Marques, J. (2017). A Igreja no tempo de D. Afonso Henriques. Alguns aspetos, In. Barroca, M. (coord.), *No tempo de D. Afonso Henriques. Reflexões sobre o primeiro século português*. Porto: CITCEM, pp. 27–69.

Marrou, H.-I. (1979). *Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?*. Lisboa: Aster.

Martínez López, M., Amado Reino, X. e Lima Oliveira, E. (2000). *La Arqueología en la Gasificación de Galicia 11: Corrección de Impacto del Gasoducto de Transporte Ribadeo-Vilalba*. Tapa 14. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

Martínez Peñín, R. (2011). *Análisis de la producción y distribución de la cerámica leonesa durante la Edad Media*. BAR International Series 2233. Oxford: BAR Publishing.

Martínez Peñín, R. (2013). Estudio preliminar de las producciones cerâmicas tardoantiguas y altomedievales localizadas en la ciudad de Braga (Portugal), *Estudios Humanísticos. Historia*, n. 12, pp. 65–89.

Martínez Peñín, R. (2015a). Gustos y práticas de consuma en la Antigüedad Tardía: un abordage de las producciones de Braga entre los siglos V–VII, In Silva, G., Leite, L., Silva, E., Neto, B. (orgs.), *Cotidiano e sociabilidades no Império Romano*. Vitória: GM Editora, pp. 217–228.

Martínez Peñín, R. (2015b). Evolución tecnológica de las producciones cerámicas tardías y altomedievales de la ciudad de Braga y su territorio, *Férvedes*, n. 8, pp. 319–399.

Martínez Peñín, R. (2015c). Memory of the medieval cities of Peninsular Northwest through its material culture, In Cavero Domínguez, G. (coord.), *Construir la memoria de la ciudad: espacios, poderes e identidades en la Edad Media (XII–XV). I. La ciudad publicitada: de la documentación a la Arqueología*. León: Universidad de León, pp. 37–75.

Martínez Peñín, R. e Magalhães, F. (2017). El estudio de las producciones cerâmicas tardoantiguas localizadas en el área suroeste de la ciudad de Braga (Portugal), In Conesa Navarro, P., Martínez García, J., Sánchez Mondéjar, C., Molina Valera, C. e García Carreras, L. (coords.), *Antigüedad in progress... Actas del I Congreso Internacional de Jóvenes Investigadores del Mundo Antiguo (CIJIMA I)*. Múrcia: Centro de Estudios del Próximo Oriente y la Antigüedad Tardia, pp. 601–619.

Martínez Peñín, R., Martins, M. (2016). Characterization of late antique and early medieval pottery production of the city of Braga and its territory, In Sabaté, F. (dir.), *Arqueologia Medieval. Hàbitats Medievals*. Agira col.lecció VIII. Lleida: Pagès editors, pp. 53–67.

Martínez Peñín, R., Cunha, A., Magalhães, F., Martins, M. (2014a). La secuencia tardoantigua y medieval de la zona arqueológica D. Afonso Henriques 36–40 y 42/56, Morais, R., Fernández Fernández, A., Sousa, M. (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Monografias Ex Officina Hispana II, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 561–572.

Martínez Peñín, R., Magalhães, F., Martins, M. (2014b). Contribución de las producciones de cerâmica tardoantiguas para el estúdio de la ciudad de Braga, *Oppidum*, n. 7, pp. 11–28.

Martínez Peñín, R., Fontes, L. e Andrade, F. (2016a). La vida monástica en el noroeste peninsular durante la Edad Media a través de los restos arqueológicos: el caso de São Martinho de Dume (Braga, Portugal), In Cavero Domínguez, G. (coord.), *Civitas bendita: encrucijada de las relaciones sociales*. León: Universidad de León, pp. 227–247.

Martínez Peñín, R., Fontes, L. e Andrade, F. (2016b). Late Roman and early medieval ceramics from São Martinho de Dume (Braga). A preliminary analysis, *Medieval Ceramics*, vol. 37–38, pp. 1–10.

Martínez Peñín, R., Martins, M., Magalhães, F., Ribeiro, J., Braga, C. (2018a). Estudio preliminar de las producciones cerâmicas tardías localizadas en el teatro romano de Braga (Portugal), In Martín Viso, I., Fuentes Melgar, P., Sastre Blanco, J., Catalán Ramos, R. (coords.), *Cerámicas altomedievales en Hispania y su entorno (siglos V–VIII d.C.)*. Valladolid: Arbotante Patrimonio e Innovación, pp. 189–209.

Martínez Peñín, R., Martins, M., Torres, A. e Magalhães, F. (2018b). A sequência de ocupação do Ex-Albergue Distrital (Braga, Portugal), *Gallaecia*, 36, pp. 103–127.

Martínez Peñín, R., Martins, M. e Fontes, L. (2018c). The City of Braga and its Territory through its Material Culture (5th–15th Centuries), In Sabaté, F., Brufal, J. (eds.), *Medieval Territories*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, pp. 68–86.

Martinho. *Formula Vitae Honestae*. Como levar unha vida honesta. Consellos de Martiño de Dumio a Miro, rei de Galicia. Xosé Antonio López Silva (trad.); Manuel Gago (coord.) (2023). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

Martins, C. (1999/2004). Um conjunto cerâmico dos sécs. XV/XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo), *Olaria*, n. 3, pp. 97–101.

Martins, M. (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia 5. Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Martins, M. (1991–92). Bracara Augusta: a memória de uma cidade, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 8–9, pp. 177–197.

Martins, M. (1992). "As vilas do Norte de Portugal" de Alberto Sampaio. Importância da obra no estudo do povoamento antigo, *Revista de Guimarães*, 102, pp. 389–409.

Martins, M. (1992/93). História e Memória de Bracara Augusta: um difícil diálogo passado-presente, *Forum*, 12–13, pp. 3–15.

Martins, M. (1995). A ocupação romana da região de Braga: balanço e perspectivas de investigação, In. *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 73–114.

Martins, M. (2005). *As termas romanas do Alto da Cividade: um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/Núcleo de Arqueologia.

Martins, M. (2012). Territórios, identidades e poderes em mudança. Uma leitura do processo de Romanização do NO Peninsular, In. Campos, A., Gil, A., Silva, G., Bentivoglio, J. e Nader, M. (orgs.), *Territórios, Poderes, Identidades. A ocupação do espaço entre a política e a cultura*. Vitória: GM Editora, pp. 57–89.

Martins, M. (2014). Projeto de Bracara Augusta. 38 anos de descoberta e estudo de uma cidade romana, *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*, XIII, pp. 159–169.

Martins, M. (2015). Entre o ócio e a sociabilidade: o papel das termas públicas na vida social de Bracara Augusta, In. Silva, G., Leite, L., Silva, E. e Neto, B. (org.), *Cotidiano e Sociabilidades no Império Romano*. Vitória: GM Editora, pp. 13–30.

Martins, M. (2020). Um passado com futuro. O projeto de intervenção arqueológica na colina do Alto da Cividade, Braga, In. Mateos Cruz, P. e Palma García, F. (eds.), *Actas del Congreso Internacional La arqueología urbana en las ciudades de la Hispania romana*. Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida, pp. 167–186.

Martins, M. (2024). A Arqueologia em busca da cidade romana: a urbanização do NO da Hispânia, In. Silva, G. e Furlani, J. (orgs.), *A cidade antiga entre a História e a Arqueologia*. Vitória: Antíteses, pp. 79–110.

Martins, M. e Carvalho, H. (2010). Bracara Augusta and the changing of rural landscape, In. Corsi, C. e Vermeulen, F. (eds.), *Changing Landscapes The impact of Roman towns in the Western Mediterranean*. Bologna: AnteQuem, pp. 281–298.

Martins, M. e Carvalho, H. (2016). As transformações do território: Bracara Augusta e o seu cadastro, *Revista de Historiografia*, 25, pp. 219–243.

Martins, M. e Carvalho, H. (2017). A fundação de Bracara Augusta no contexto da política de Augusto. Urbanismo e povoamento rural, *Gerión*, 35, pp. 723–743.

Martins, M. e Giestal, C. (2000). O Projecto SIABRA: um Sistema de Informação Geográfica para a Arqueologia Urbana em Braga, In. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, pp. 43–61.

Martins, M. e Magalhães, F. (2021). Bracara Augusta, In. Nogales Basarrate, T. (ed.) (2021). *Ciudades Romanas de Hispania*. Roma: L'Erma di Bretschneider, pp. 413–425.

Martins, M. e Magalhães, F. (2023). Bracara Augusta e a organização do território do convento bracaraugustano, In Dopico Caínzos, D., Villanueva Acuña, M. (eds.), *Specula Populi Romani? <Revisitando> o papel da cidade*. Philtáte 6. Studia et acta antiquae Callaeciae. Lugo: Deputación de Lugo, pp. 167–189.

Martins, M. e Ribeiro, M. (2009/2010). A arqueologia urbana e a defesa do património das cidades, *Forum*, 44–45, pp. 149–177.

Martins, M. e Ribeiro, M. (2013). Em torno da rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração, In. Ribeiro, M. e Melo, A. (coord.), *Evolução da Paisagem Urbana. Transformação morfológica dos tecidos históricos*. Braga: CITCEM, pp. 11–44.

Martins, M. e Silva, G. (2019). Cidade Antiga e Sociedade: Narrativas e Diálogos Interdisciplinares, In *Actas do II Congresso Internacional Cidades na História: Sociedade*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 75–108.

Martins, M. e Silva, G. (no prelo). Cidade antiga e economia: paradigmas, problemáticas e interpretações, In *Actas do III Congresso Internacional Cidades na História: Economia*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.

Martins, M. e Delgado, M. (1989/90). As necrópoles de Bracara Augusta, *Cadernos de Arqueologia*, série II, vol. 6/7, pp. 41–187.

Martins, M., Ribeiro, M. e Meireles, J. (2011). As termas públicas de Bracara Augusta e o abastecimento de água da cidade romana, In. *Aquae Sacrae. Agua y sacralidad en la antigüedad*. Girona: Universitat de Girona, pp. 69–102.

Martins, M., Meireles, J., Ribeiro, M., Magalhães, F. e Braga, C. (2012a). The water in the city of Braga from Roman Times to the Modern Age, In *Water shapes. Strategie di valorizzazione del patrimonio culturale legato all'acqua*. Roma: Palombi Editori, pp. 65–80.

Martins, M., Ribeiro, J., Magalhães, F. e Braga, C. (2012b). Urbanismo e arquitetura de Bracara Augusta. Sociedade, economia e lazer. In. Ribeiro, M. e Melo, A. (coords.), *Evolução da Paisagem Urbana: Economia e Sociedade*. Braga: CITCEM, pp. 29–68.

Martins, M., Mar, R., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2013a). A construção do teatro romano de Bracara Augusta, In. Melo, A. e Ribeiro, M. (coords.), *História da Construção: arquiteturas e técnicas construtivas*. Braga: CITCEM, pp. 41–74.

Martins, M., Fontes, L. e Cunha, A. (2013b). Arqueologia Urbana em Braga: balanço de 37 anos de intervenções arqueológicas, In. *Arqueologia em Portugal*. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, pp. 81–87.

Martins, M., Cunha, A., Magalhães, F., Ribeiro, J., Braga, C. e Martínez Peñín, R. (2014). Metamorfoses de um espaço urbano: a zona arqueológica da R. Afonso Henriques n.ºs 42 a 56, em Braga, *Oppidum*, n. 7, pp. 111–127.

Martins, M., Ribeiro, J., Magalhães, F. e Martínez Peñín, R. (2015). Urban changes in Braga in late antiquity: the area of the Roman Theater, In Martínez Peñín, R. (ed.), *Braga and its territory between the fifth and the fifteenth centuries*. Espai/temps, 67. Lleida: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e Universitat de Lleida, pp. 11–28.

Martins, M.; Magalhães, F.; Martínez Peñín, R.; Ribeiro, J. (2016). The housing evolution of Braga between late antiquity and the early middle ages. In Sabaté, F.; Brufal, J. (eds.), *Arqueologia Medieval: Hàbitats Medievals*. Agira col.lecció, VIII. Lleida: Pagès editors, pp. 35–52.

Martins, M., Ribeiro, J., Magalhães, F., Braga, C. e Ribeiro, M. (2017a). O espaço construído de Bracara Augusta no Alto Império, In. Dopico Caínzos, D. e Villanueva Acuña, M. (eds.), *In Roma nata, per Italiam fusa in províncias manat. A cidade romana no noroeste: novas perspectivas*. Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae, 2. Deputación de Lugo: Lugo, pp. 251–276.

Martins, M., Ribeiro, M., Ribeiro, J. e Mar, R. (2017b). Topografia e urbanismo funcional de Bracara Augusta, In. Dopico Caínzos, D. e Villanueva Acuña, M. (eds.), *In Roma nata, per Italiam fusa, in províncias manat. A cidade romana no noroeste: novas perspectivas*. Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae, 2. Deputación de Lugo: Lugo, pp. 203–225.

Martins, M., Fontes, L., Magalhães, F., Ribeiro, J., Braga, C., Martínez Peñín, R. e Silva, J. (2017c). *Trabalhos arqueológicos de Sondagens Preliminares. Projeto de Reabilitação do Claustro e da Domus Romana no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo (Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo e Museu Pio XII/ Braga). Relatório final*. Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, 62. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Martins, M.; Ribeiro, J.; Magalhães, F.; Martínez Peñín, R. (2018a). Braga em época tardo romano e tardo antiga, In. López Quiroga, J. (ed.), *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411–585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 235–240.

Martins, M., Ribeiro, J., Martínez Peñín, R. e Magalhães, F. (2018b). A ocupação tardo antiga da área do teatro de Bracara Augusta, In López Quiroga, J. (ed.), *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411–585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 241–246.

Martins, M., Magalhães, F. e Botica, N. (2018c). O urbanismo fundacional de Bracara Augusta e Lucus Augusti, In. Dopico Caínzos, D. e Villanueva Acuña, M. (eds.), *Sine iniuria in pacer vivatur. A construcción do Imperio durante os Xulio-Claudios*. Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae, 3. Deputación de Lugo: Lugo, pp. 345–373.

Martins, M., Braga, C., Magalhães, F. e Ribeiro, J. (2020). Constructing identities within the periphery of the Roman Empire: north-west Hispania, In. Curcă, R., Rubel, A., Symonds, R. e Voß, H. (orgs.), *Rome and Barbaricum. Contributions to the archaeology and history of interaction in European protohistory*. Oxford: Archaeopress, pp. 135–154.

Martins, M., Mar, R. e Ribeiro, M. (2021). *O Antigo Paço dos Arcebispos de Braga*. Braga, UMinho Editora.

Martins, M., Magalhães, F., Fernandes, L., Silva, L. e Machado, D. (2022). *Projeto de Arqueologia de Braga (PAB2018-22). Reconstrução e ampliação de edifício na rua Nossa Senhora do Leite, 8-10 (União de Freguesias de Braga [Maximinos, Sé e Cividade], Braga). Trabalhos Arqueológicos de Acompanhamento e Sondagens Prévias. Relatório Preliminar*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Martins, M., Magalhães, F., Fernandes, L., Silva, L., Machado, D. e Ruela, L. (no prelo). *Projeto de Arqueologia de Braga (PAB2018-22). Reconstrução e ampliação de edifício na rua Nossa Senhora do Leite, 8-10 (União de Freguesias de Braga [Maximinos, Sé e Cividade], Braga). Trabalhos Arqueológicos de Acompanhamento e Sondagens Prévias. Relatório Final*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Martins, R. (2015). Power networks in Braga (Portugal) in late fifteenth century: Town council, archbishop and the cathedral chapter relationships, In. Martínez Peñín, R. (ed.), *Braga and its territory between the fifth and the fifteenth centuries*. Espai/temps, 67. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, pp. 75–89.

Martins, R. (2018). Confronto político e ideologias de poder em Braga na Baixa Idade Média: Rebelião, coerção e obediência no último quartel do século XV, In. Andrade, A., Tente, C., Silva, G. e Prata, S. (eds.), *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Castelo de Vide: Instituto de Estudos Medievais/Câmara Municipal de Castelo de Vide, pp. 421–440.

Martins, R. (2024). *O Poder de Governar. Instituições, Ideologias e Representações em Braga, nos finais da Idade Média (séc. XIV e XV)*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Marx, K. (1991). *O Capital*. São Paulo: Ediouro.

Marx, K. (2011). *Grundrisse*. São Paulo e Rio de Janeiro: Boitempo e Editora da UFRJ.

Marx, K. e Engels, F. (2002). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes.

Mateos, P., Olcina, M., Pizzo, A. e Schattner, T. (eds.) (2022). *Small towns. Una realidad urbana en la Hispania Romana*. Mytra 10. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.

Mattoso, J. (1970). A nobreza portucalense dos séculos IX a XI, *Do tempo e da história*, vol. 3, pp. 35–50.

Mattoso, J. (1975). A Nobreza de Entre Douro e Minho na História Medieval de Portugal, In. *Papel das áreas regionais na formação histórica de Portugal*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, pp. 37–62.

Mattoso, J. (1981). *A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder*. Lisboa: Editorial Estampa.

Mattoso, J. (1982). O enquadramento social e económico das primeiras fundações Franciscanas em Portugal, In. *Colóquio Antoniano*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 63–72.

Mattoso, J. (2000). A formação da nacionalidade, In. Tengarrinha, J. (org.), *História de Portugal*. São Paulo/Bauru: EDUSC/UNESP, pp. 7–17.

Mattoso, J. (2009a). A nobreza medieval portuguesa no contexto peninsular, In *Naquele tempo. Ensaios de História Medieval*. Sintra: Círculo de Leitores/Temas e Debates, pp. 311–330.

Mattoso, J. (2009b). A nobreza medieval portuguesa (séculos X a XIV), In *Naquele tempo. Ensaios de História Medieval*. Sintra: Círculo de Leitores/Temas e Debates, pp. 287–310.

Mauss, M. (2003). Técnicas do corpo. In *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 399–421.

Maxwell, A. e Shields, T. (eds.) (2018). *The Legacy of Second-Wave Feminism in American Politics*. Cham: Palgrave Macmillan.

Maxwell, K. (1997). *Marquês de Pombal. Paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

McAdams, A. e Monta, A. (eds.) (2021). *Global 1968. Cultural Revolutions in Europe and Latin America*. Indiana: University of Notre Dame Press.

McLeod, J. (2000). *Beginning Postcolonialism*. Manchester/New York: Manchester University Press.

Melo, A. e Sequeira, J. (eds.) (2022). *Regulamentações dos mesteres em Portugal nos finais da Idade Média*. Vols. 1 e 2. Braga: Lab2PT.

Medici, T. (2014). *Vidros da terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV–XVIII). O contributo da arqueologia*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento).

Mendes, N. e Silva, G. (2004). As representações do poder imperial em Roma entre o Principado e o Dominato, *Dimensões*, 16, pp. 240–270.

Mendonça, A. (2019). *Urbanismo e arquitetura de Braga (séculos I a XV). Análise evolutiva da zona arqueológica da Escola Velha da Sé/Frei Caetano Brandão nº 166/168*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Menéndez Llorente, A. (2000). *La comarca de Valdeorras en época romana: la cerámica sigillata*. Obarco: Peymar artes graficas.

Meneses, U. (1983). A cultura material no estudo das sociedades antigas, *Revista de História*, pp. 103–117.

Merêa, P. e Girão, A. (1948). *Territórios portugueses no século XI*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Meyerson, M. (2004). *A Jewish Renaissance in Fifteenth-Century Spain*. Princeton: Princeton University Press.

Mezquiriz de Catalán, M. (1961). *Terra sigillata hispanica*. 2 vols. Valencia: W.L. Bryant Foundation.

Miller, P. (2017). *History and its objects. Antiquarism and material culture since 1500*. Ithaca/London: Cornell University Press.

Molas Ribalta, P. (1988). *Edad Moderna (1474–1808)*. Manual de historia de España 3. Madrid: Espasa Calpe.

Mommsen, T. (1942). Petrarch's Conception of the 'Dark Ages', *Speculum*, vol. 17, no. 2, pp. 226–242.

Monteiro, J.; Martins, M.; Agostinho, P. (2015). *Guerra e Poder na Europa Medieval, das Cruzadas à Guerra dos Cem Anos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Montanari, F. (2015). *The Brill Dictionary of Ancient Greek*. Leiden: Brill.

Morais, R. (1997/1998a). Importações de cerâmicas finas em Bracara Augusta: da fundação até à época flávia, *Cadernos de Arqueologia*, série II, n. 14–15, pp. 47–97.

Morais, R. (1997/1998b). Sobre a hegemonia do vinho e a escassez do azeite no Noroeste Peninsular nos inícios da romanização, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 14–15, pp. 175–182.

Morais, R. (1998). *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Cadernos de Arqueologia. Monografias, 8. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Morais, R. (2000). As ânforas béticas em Bracara Augusta, In *Congreso Internacional EX BAETICA AMPHORAE*. Vol. 1. Écija: Gráficas Sol, pp. 683–696.

Morais, R. (2001). Breve ensaio sobre o anfiteatro de Bracara Augusta. Análise de fotogramas de 1964, *Forum*, 30, pp. 55–76.

Morais, R. (2005). *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 2. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/Núcleo de Arqueologia.

Morais, R. (2006). Potes meleiros e colmeias em cerâmica: uma tradição milenar, *Sagvntvm*, 38, pp. 149–161.

Morais, R. (2008). Las cerámicas bracarenses, In Bernal Casasola, D. e Ribera i Lacomba, A. (coords.), *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Historia y Arte. Monografia 3. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 445–469.

Morais, R. (2010). Estudio Preliminar de la Terra Sigillata Hispánica Tardia de Bracara Augusta, In. *Congressvs Vicesimvs Sextvs Rei Cretariæ Romanæ Favtorvm*. Acta 41. Bonn: RCRF, pp.437–461.

Morais, R. e Barroca, M. (2018). Braga e Falperra na época sueva: dois sítios, uma sede, In. López Quiroga, J. (ed.), *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411–585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 343–346.

Morais, R., Fernández Fernández, A. (2014). La producción de vajillas finas de Bracara Augusta, In. *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta 43*. Bonn: Rei Cretariae Romanae Fautores, pp. 709–720.

Morais, R., Soeiro, T., Fernández Fernández, A., Sousa, M. (2014). As cerâmicas de engobe branco de época imperial no Noroeste Peninsular, In. Morais, R., Fernández Fernández, A., Sousa, M. (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Monografias Ex Officina Hispana II, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 361–368.

Morais, R., Oliveira, C. e Morillo Cerdán, A. (2018). New Paradigms for the Roman Economy: Flat-based Amphorae and Common ware as Further Load Units, In. *Proceedings of the Limes XXIII. 23rd*

International Congress of Roman Frontier Studies. Ingolstadt: Escritório do Estado da Baviera para a Preservação de Monumentos, 1099–1102.

Morley, N. (1996). *Metropolis and Hinterland. The City of Rome and the Italian Economy, 200 BC AD 200*. Cambridge: Cambridge University Press.

Morujão, M. (2010). *Testamenta Ecclesiae Portugaliae (1071–1325)*. História Religiosa – Fontes e Subsídios 6. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Nascimento, A. (2006). A Cultura bracarense no séc. VI: uma revisitação necessária, In. *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Marques*. Vol. 1. Porto: Universidade do Porto, pp. 87–104.

Naveiro López, J. (1988). Arqueología urbana en A Coruña y definición del asentamiento romano, In Villares Paz, R. (coord.), *La ciudad y el mundo urbano en la historia de Galicia*. Semata: ciencias sociales e humanidades 1. Santiago de Compostela: Santiago Torculo, pp. 35–62.

Naveiro López, J. (1991a). *El comércio antiguo en el NW Penínsular. Lectura historica del registo arqueológico*. Monografías Urxentes do Museu 5. La Coruña: Museo Arqueológico.

Naveiro López, J. (1991b). Intercambios y comercio en la cultura castrexa, In Rodríguez Iglesias, F. (coord.), *Galicia: Historia. Vol. 1: Prehistoria e Historia Antigua*. A Coruña: Hércules Ediciones, pp. 325–335.

Naveiro López, J. (1991c). El comercio del N.O. en época romana, In Rodríguez Iglesias, F. (coord.), *Galicia: Historia. Vol. 1: Prehistoria e Historia Antigua*. A Coruña: Hércules Ediciones, pp. 451–459.

Naveiro López, J. (1996). Registro cerâmico e intercambio en el Noroeste en la época romana, In Fernández Ochoa, C. (coord.), *Los finisterres atlânticos en la antigüedad: época prerromana y romana*. Coloquio internacional: homenaje a Manuel Fernández Miranda. Gijón: Editorial Electa, pp. 201–204.

Naveiro López, J. e Pérez Losada, F. (1992). Un finisterre atlántico en época romana: la costa Galaica (NW de la Península Ibérica), In Wood, A. e Queiroga, F. (eds.), *Current Research on the Romanization of the Western Provinces*. B.A.R. International Series 575. Oxford: BAR Publishing, pp.63–90

Nealon, J. (2021). *Fates of the Performative. From the Linguistic Turn to the New Materialism*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press.

Neumann, M. (2012). Por uma Arqueologia Simétrica, *Cadernos do LEPAARQ*, vol. 5, n. 9/10, pp. 82–95.

Neves, E. (2016). Não existe Neolítico ao sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura, In. Barreto, C.; Lima, H.; Betancourt, C. (orgs.), *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia. Rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, pp. 32–39.

Nicolet, C. (1983). L'Empire Romain: espace, temps et politique, *Ktèma*, 8, pp. 163–173.

Nicols, J. (2014). *Civic Patronage in the Roman Empire*. Mnemosyne Supplements, 365. Leiden: Brill.

Nietzsche, F. (2000). *A Gaia Ciência*. Lisboa: Guimarães Editores.

Nietzsche, F. (2001). *Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma Filosofia do Futuro*. Curitiba: Hemus Livraria.

Nión-Álvarez, S., Sánchez-Pardo, J., Alonso Toucido, F., Fernández-Rodríguez, C., Otero Vilariño, C., Carneiro Alonso, A. e Silva Alvite, V. (2023). Definiendo cronologías cerámicas y procesos de

fortificación altomedievales desde el noroeste peninsular. Una aproximación desde el Castelo da Veiga (Culleredo, A Coruña), *Lucentum*, 42, pp. 341–356.

Nodari, A. (2018). O que é o Terror? (notas a partir de Giorgio Agamben), *Diálogos Mediterrânicos*, 14, pp. 94–121.

Nogales Basarrate, T. (ed.) (2021). *Ciudades Romanas de Hispania*. Roma: L'Erma di Bretschneider.

Nogales Basarrate, T. (ed.) (2022). *Ciudades Romanas de Hispania II*. Roma: L'Erma di Bretschneider.

Nogales Basarrate, T. e Rodà de Llanza, I. (eds.) (2011). *Roma y las provincias: modelo y difusión.* Vol. 2. Roma: L'Erma di Bretschneider.

Nolla i Brufau, J. (2008). Las villas tardías del noreste peninsular, In. Fernández Ochoa, C., García-Entero, V. e Gil Sendino, F. (eds.), *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y función*. Gijón: Ediciones Trea, pp. 369–390.

Norman, D. (1998). *The Design of Everyday Things*. Cambridge: MIT Press.

Novikoff, A. (ed.) (2017). *The Twelfth-Century Renaissance. A Reader*. Toronto: Toronto University Press.

Nunes, C. (2013). *A Universidade de Coimbra e a Reforma Pombalina de 1772*. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe (Dissertação de Mestrado).

Nunes, C. (2016). A Universidade de Coimbra e os Estatutos Pombalinos, *Revista de Estudos de Cultura*, n. 4, pp. 99–113.

Nunes, H. (1992). A Biblioteca Pública de Braga e o projecto Bibliopolis, *Forum*, n. 11, pp. 25–31.

Oliveira, C., Kuzniarska-Biernacha, I., Parpot, P., Neves, I., Fonseca, A., e Morais, R. (2013). Análise química de resíduos orgânicos de ânforas do naufrágio bético de Esposende, In. Morais, R., Granja, A. e Morillo Cerdán, A. (eds.), *O Irado Mar Atlântico. O naufrágio bético augustano de Esposende (Norte de Portugal)*. Braga: Sersilito, pp. 263–281.

Oliveira, E. (1979). O Salvamento de Bracara Augusta, 6 – A Câmara Municipal de Braga e a Arqueologia, *Minia*, 2 (3), pp. 20–44.

Oliveira, E. (1986). Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa, III, *Cadernos de Arqueologia*, II, 3, pp. 171–195.

Oliveira, E. (1994). Um novo mapa de Braga de finais do século XVII, *Forum*, nº 15–16, pp. 37–53.

Oliveira, E. e Fernandes, I. (1984). Documentos para a história do Museu D. Diogo de Sousa, *Cadernos de Arqueologia*, 2, pp. 109–134.

Oliveira, E., Moura, E. e Mesquita, J. (1982). *Braga. Evolução da estrutura urbana*. Braga: Câmara Municipal de Braga.

Oliveira, F., Braga, M., Prudêncio, M., Delgado, M., Gouveia, M. (2005). The "non vitrifiable red slip ware" found in Braga (northwest of Portugal): a mineralogical and chemical characterization, In Prudêncio, M., Dias, M., Waerenborgh, J. (eds.), *Understanding people through their pottery*. Lisboa: Instituto Tecnológico e Nuclear, pp. 41–48.

Oliveira, F., Silva, R., Bargão, A. e Ferreira, S. (2017). O comércio medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da rua das Pedras Negras n.os 21–28, In. Arnaud, J. e Martins, A. (coords.), *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1523–1538.

Olivier, L. (1994). *The shapes of Time: An archaeology of the Early Iron Age funerary assemblages in the West Hallstatt Province*. Cambridge: University of Cambridge (Tese de doutoramento).

Orejas Saco del Valle, A. e Olesti Villa, O. (2022). Estrategias territoriales y de poblamiento. In Mateos, P., Olcina, M., Pizzo, A. e Schattner, T. (eds.), *Small towns, una realidade urbana en la Hispania Romana*. Mytra 10. Mérida: Instituto Arqueología Média, pp. 529–545.

Orton, C. (1980). *Mathematics in Archaeology*. London: Collins.

Orton, C. (1982). Computer simulation experiments to assess the performance of measures of quantity of pottery, *World Archaeology*, 14:1, pp. 1–20, doi.org/10.1080/00438243.1982.9979846.

Orton, C. e Hughes, M. (2013). *Pottery in archaeology*. New York: Cambridge University Press.

Ozcáriz Gil, P. (2007). Algunas consideraciones acerca de la provincia Hispania superior y su administración, *Pyrenae*, n. 38, vol. 2, pp. 33–46.

Pacheco, M. (2017). *Arqueometalurgia dos artefactos em ferro provenientes da zona arqueológica das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de mestrado).

Paiva, M. (1993). *Ânforas romanas de castros da fachada atlântica do Norte de Portugal*. Porto: Universidade do Porto (Dissertação de mestrado).

Palol, P. e Cortés, J. (1974). *La villa romana de La Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970*. Acta Arqueológica Hispánica 7. Madrid: Ministerio e Cultura.

Panofsky, E. (1972). *Studies in Iconology: Humanistic Themes in the Art of the Renaissance*. Colorado: Icon Editions.

Panofsky, E. (2002). *O Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva.

Parkins, H. (ed.) (1997). *Roman Urbanism: Beyond the Consumer City*. Londres: Routledge.

Paz Peralta J. (2008). Las producciones de terra sigillata hispánica intermedia y tardía, In Bernal Casasola, D. e Ribera i Lacomba, A. (coords.), *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Historia y Arte. Monografia 3. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 497–539.

Peacock, D. (1977). Pompeian Red Ware, In Peacock, D. (ed.), *Pottery and Early Commerce*. Londres: Academic Press, pp. 147–162.

Peacock, D. e Williams, D. (1986). *Amphorae and the Roman economy. An introductory guide.* London e New York: Longman.

Pearson, M. e Richards, C. (eds.) (1994). *Architecture and Order*. London/New York: Routledge.

Pecci, A., Salvini, L.; Cirelli, E. e Augenti, A. (2010). Castor oil at Classe (Ravenna – Italy): Residue analysis of some Late Roman amphorae coming from the port. In Menchelli, S., Santoro, S., Pasquinucci, M. e Guiducci, G. (eds.), *Late Roman Course Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and archaeometry. Comparison between western and eastern Mediterranean*. Oxford: Archaeopress, 617–622.

Pecci, A., Clarke, J., Thomas, M., Muslin, J., Van der Graaff, I., Toniolo, L., Miriello, D., Crisci, G., Buonincontri, M. e Di Pasquale, G. (2017). Use and reuse of amphorae. Wine residues in Dressel 2–4 amphorae from Oplontis Villa B (Torre Annunziata, Italy), *Journal of Archaeological Science*, Reports 12, 515–521.

Peirce, C. (1932). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. 2, Elements of Logic. Cambridge: Harvard University Press.

Peixoto, R. (1900). As Olarias de Prado, *Portugalia*, t. I, fasc. 2, pp. 227–270.

Pensabene, P. (2006). Le ragioni di uno scavo, In *Iblatasah Placea Piazza. L'insediamento medievale sulla Villa del Casale: nuovi e vecchi scavi*. Catalogo Mostra Archeologica. Piazza Armerina: Soprintendenza BB. CC. AA. di Enna/Museo Archeologico Regionale della Villa Imperiale del Casale/Universitá di Roma "La Sapienza", pp. 31–34.

Pereira, A. (2020). *A construção monástico-conventual no Noroeste da Península Ibérica: uma abordagem multidisciplinar da História da Construção desde a época medieval até à atualidade*. Braga: Universidade do Minho (Tese de doutoramento).

Pereira, F. (2018). *A Zona Arqueológica do Fujacal e os impactos urbanísticos e topográficos da construção da muralha romana de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Pereira, J. (2017). *Um arcebispo em defesa do poder episcopal: as relações entre D. Frei Bartolomeu dos Mártires e o Santo Ofício português (1559-1582)*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de doutoramento).

Pereira, P. (2017). *O vinho na Lusitânia*. Porto: CITCEM.

Pereira, P. (2023). A vinha, o vinho e o Douro: uma história de romanos, In. Pereira, G., Lage, O. e Sequeira, C. (coords.), *Paisagens culturais da vinha. Identidades, desafios e oportunidades*. Porto: CITCEM, pp. 11–22.

Pereira Menaut, G. (1983). Los castella y las comunidades de Gallaecia, In. *Seminario de Arqueología del Noroeste II*. Madrid: CSIC, pp. 169–192.

Pérez Ramallo, P. (2020). *Pilgrimage to Santiago de Compostela. Osteological and biomolecular analysis of medieval individuals*. Vitória: Universidad del País Vasco (Tese de Doutoramento).

Pérez Ramallo, P.; Grandal-d´Anglade, A.; Organista, E.; Santos, E.; Chivall, D.; Rodríguez-Varela, R.; Götherström, A.; Etxeberria, F.; Ilgner, J.; Fernandes, R.; Luis Arsuaga, J.; Le Roux, P.; Higham, T.; Beaumont, J.; Koon, H. e Roberts, P. (2022). Multi-isotopic study of the earliest mediaeval inhabitants of Santiago de Compostela (Galicia, Spain), *Archaeological and Anthropological Sciences*, 14: 214.

Pérez Ramallo, P.; Ignacio Lorenzo-Lizalde, J.; Staniewska, A.; Aiestaran, M.; Aguirre, J.; Semas Sesma, J.; Marzo, S.; Lucas, M.; Ilgner, J.; Chivall, D.; Higham, T.; Rodríguez-Varela, R.; Götherström, A.; Etxeberria, F.; Grandal-d'Anglade, A.; Alexander, M. e Roberts, P. (2023). To the field of stars: Stable isotope analysis of medieval pilgrims and populations along the Camino de Santiago in Navarre and Aragon, Spain, *Journal of Archaeological Science*, 48, 103847.

(Fernando) Pessoa. *Tabacaria*. Maura Sardinha (selec. de textos). (1996) Tabacaria e Outros Poemas. Rio de Janeiro: Ediouro.

Piay Augusto, D. (2020). Villae y priscilianismo en la Gallaecia, In. Martínez, R., Nogales, T. e Rodà, I. (coord.), *Las Villas romanas bajoimperiales de Hispania*. Palencia: Diputación de Palencia, pp. 489–498.

Piel, J. (1936). *Os nomes germânicos na toponimia galego-portugués*. Vol. 1. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

Piel, J. (1945). *Os nomes germânicos na toponimia galego-portugués*. Vol. 2. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

Piggott, S. (1976). *Ruins in a landscape. Essays in antiquarism*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Pinto, J. (2008). *Villa Romana de Sendim – Roteiro e exposição permanente*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras.

Piperno, D. (2011). The Origins of Plant Cultivation and Domestication in the New World Tropics. Patterns, Process, and New Developments, *Current Archaeology*, 52, suppl. 4, pp. 453–470.

Pirenne, H. (1925). *Medieval Cities: their origins and the revival of trade*. Princeton: Princeton University Press.

Pirenne, H. (2010). *Maomé e Carlos Magno. O impacto do Islã sobre a civilização europeia*. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio.

Platão. *Timeu*. Rodolfo Lopes (trad.) (2011). Timeu-Crítias. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Pohl, W.; Gantner, C.; Grifoni, C. e Pollheimer-Mohaupt, M. (eds.) (2018). *Transformations of Romanness. Early Medieval Regions and Identities*. Berlin/Boston: De Gruyter.

Popper, K. (2008a). *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Editora Cultrix.

Popper, K. (2008b). *Conjecturas e Refutações*. Brasília: Editora da UNB.

Polanyi, K. (2000). *A Grande Transformação. As origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Compus.

Portocarrero, G. (2010). *Braga na Idade Moderna: Paisagem e Identidade*. Arkeos, 27. Tomar: CEIPHAR.

Portocarrero, G. (2024). *História social da porcelana e da faiança em Portugal durante a Idade Moderna*. Lisboa: Universidade de Lisboa (Relatório de Pós-Doutoramento).

Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum (1856–1977). Academiae Scientiarum Olisiponensis (ed.). Lisboa: Typis Academicis.

Preucel, R. (2006). *Archaeological semiotics*. Oxford: Blackwell Publishing.

Prieto Martínez, M., Lantes Suárez, O. e Alonso Toucido, F. (2017). La cerámica vidriada de A Pousada (Santiago de Compostela): un estúdio tecnológico y arqueométrico, *Gallaecia*, 36, pp. 183–195.

Prieto Martínez, M., Alonso Toucido, F., Lantes Suárez, O., Casal García, R. e Acuña Castroviejo, F. (2017–2018). Cerámica de lujo medieval en dos castillos de la mitra compostelana, *Estudios Humanísticos. Historia*, 16, pp. 159–175.

Prieto Martínez, M., Lantes Suárez, O., Alonso Toucido, F., Flores Rivas, L. e Fernández, M. (2019). Cuatro 'botijuelas' recuperadas en el noroeste de Iberia. Procesos de manufactura y reutilización, *Estudos do Quaternário*, 20, pp. 35–51.

Proudhon, P. (1986). *Política*. São Paulo: Ática.

Prudêncio, I. (2008). Ceramic in ancient societies: a role for nuclear methods of analysis, In. Koskinen, A. (ed.), *Nuclear Chemistry: New Research*. New York: Nova Science Publishers, pp. 51–81.

Quaresma, J. e Morais, R. (2012). Eastern Late Roman fine ware imports in Bracara Augusta (Braga, Portugal), In. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 42*. Bonn: Rei Cretariae Romanae Fautorum, pp. 373–383.

Quirós Castillo, J. (2018). The future of Medieval Archaeology in Spain. Reflections and proposals, In. Quirós Castillo, J. (ed.), *Treinta años de Arqueología Medieval en España*. Summertown: Archaeopress, pp. 1–20.

Raepsaet, G. (1994). Du tesson à l'Histoire. Recherches récentes de céramologie antique, *L'antiquité classique*, 63, pp. 315–324.

Rapoport, A. (1969). *House Form and Culture*. New Jersey: Prentice-Hall.

Rapoport, A. (1990). *The meaning of the built environment: a nonverbal communication approach*. Tucson: The University of Arizona Press.

Real, M. e Reimão, R. (1996). As origens da produção de faiança na cidade do Porto, *Olaria*, v. 1, pp. 79–85.

Real, M., Dordio, P., Teixeira, R. e Melo, R. (1995). Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto, In *Actas das 1as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171–186.

Rebanda, N. e Rodrigues, M. (1995). Cerâmicas medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo), In *Actas das 1as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 51–66.

Rebanda, N. e Rodrigues, M. (1996). Centros Oleiros do Distrito de Bragança – Olarias de Felgar e Larinho (Moncorvo), In *Separata das Actas das 1as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval*. Torre de Moncorvo: Museu do Ferro e da Região de Moncorvo.

Redentor, A. (2017). *A cultura epigráfica no conventvs Bracaravgvstanvs (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*. Série Investigação, 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Reid, J. (1911). The reorganisation of the Empire, In Gwatkin, H. e Whitney, J. (eds.), *The Cambridge Medieval History. Volume I. The Christian Roman Empire and the Foundation of the Teutonic Kingdoms*. New York: The Macmillan Company, pp. 24–54.

Reilly, B. (1969). The Historia Compostelana: the genesis and composition of a twelfth-century Spanish gesta, *Speculum*, vol. 44, n. 1, pp. 78–85.

Remesal Rodríguez, J. (2014). Los sellos, In. Blázquez Martínez, J. e Remesal Rodrigúes, J. (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio (Roma) VI*. Colleció Instrumenta, 47. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 415–464.

Remesal Rodríguez, J. (2022). *Heinrich Dressel y el Testaccio. Nuevos datos sobre los materiales y la formación del Corpus Inscriptionum Latinarum, XV*. Colleció Instrumenta, 80. Barcelona: Universitat de Barcelona.

Remesal Rodríguez, J. e Aguilera Martín, A. (2014). Los tituli picti, In. Blázquez Martínez, J. e Remesal Rodrigúes, J. (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio (Roma) VI*. Colleció Instrumenta, 47. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 39–414.

Remesal Rodríguez, J., Ayllón Martín, R., Calzada Baños, S., Moros Díaz, J. e Rovira Guardiola, R. (2014). Los grafitos, In. Blázquez Martínez, J. e Remesal Rodrigúes, J. (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio (Roma) VI*. Colleció Instrumenta, 47. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 465–536.

Requejo Pagés, O. (2016). Cerãmica altomedieval en Asturia, In. Vigil-Escalera Guirado, A. e Quirós Castillo, J. (dirs.), *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V–X). Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. Documentos de Arqueología Medieval, 9. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp.113–137.

Resende, P. e Passetti, E. (1986). Introdução. Proudhon: aqui começa o anarquismo, In. Proudhon, *Política*. São Paulo: Ática, pp. 5–30.

Revel, J. (1998a). Microanálise e construção social, In Revel, J. (org.), *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, pp. 15–38.

Revel, J. (org.) (1998b). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

Reynolds, P. (2009). *Hispania and the Roman Mediterranean, AD 100–700. Ceramics and Trade*. London: Duckworth.

Ribeiro, J. (2010). *A Arquitectura romana de Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícia*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Ribeiro, J. (2015). Cerâmica e mudança social em Bracara Augusta: uma análise da evolução das produções e dos produtos desde a fundação da cidade à Antiguidade Tardia, In Silva, G., Leite, L., Silva, E., Neto, B. (orgs.), *Cotidiano e sociabilidades no Império Romano*. Vitória: GM Editora, pp. 183–199.

Ribeiro, J. e Martins, M. (2013). Os processos construtivos da edilícia privada em Bracara Augusta: o caso da domus das Carvalheiras, In. Melo, A. e Ribeiro, M. (coords.), *História da Construção. Arquiteturas e técnicas construtivas*. Braga: CITCEM, pp. 75–97.

Ribeiro, J., Fernández Fernández, A., Cunha, A., Martins, M., Magalhães, F., Braga, C. (2014). A cerâmica romana do balneário da rua D. Afonso Henriques: estudo preliminar da sequenciação cronológica e ocupacional do edifício (Braga, Portugal), In Morais, R., Fernández Fernández, A., Sousa, M. (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Monografias Ex Officina Hispana II, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 483–505.

Ribeiro, J., Magalhães, F. e Martins, M. (2015). Meios, técnicas e custos de construção em Bracara Augusta no século II. O balneário das Carvalheiras, *Férvedes*, n. 8, pp. 331–339.

Ribeiro, J. (2018). *A villa de Via Cova (Póvoa de Lanhoso) e a problemática das villae romanas no Entre-Douro-e-Minho.* Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Ribeiro, M. (2008). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

Ribeiro, M. (2017). A (re)construção da paisagem urbana medieval de Braga: arquiteturas, espaços e memória, In Cavero Domínguez, G. (coord.), *Construir la memoria de la ciudad: espacios, poderes e identidades en la Edad Media (XII-XV) III. La ciudad y su discurso*. León: Universidad de León, pp. 9–40.

Ribeiro, M. (2018). O poder de fabricar a paisagem urbana medieval. Materialidades e discursos na cidade medieval de Braga, In Andrade, A., Tente, C., Silva, G., Prata, S. (eds.), *Espaços e poderes na Eurora urbana medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 359–380.

Ribeiro, M. (2019a). Expressões físicas da inclusão e exclusão dos judeus no urbanismo medieval, a partir do caso de Braga, In Andrade, A., Tente, C., Silva, G., Prata, S. (eds.), *Inclusão e exclusão na Europa urbana medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 307–332.

Ribeiro, M. (2019b). População e espaço urbano. Braga em finais do século XIV, In *Atas do II Congresso Internacional. As Cidades na História: Sociedade*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 179–217.

Ribeiro, M., Fontes, L. (2015). The urban morphology of Braga between Late Antiquity and the fourteenth fifteenth centuries, In Martínez Peñín, R. (ed.), *Braga and its territory between the fifth and fifteenth centuries*. Espai/temps, 67. Lleida: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e Universitat de Lleida, pp. 29–45.

Ribeiro, M. e Martins, M. (2012). Contributo para o estudo do abastecimento de água à cidade de Braga na Idade Moderna: o livro da Cidade de Braga (1737), In. Martins, M., Freitas, I. e Valdivieso, M. (coords.), *Caminhos da Água – Paisagens e Usos na Longa Duração*. Braga: CITCEM, pp. 179–222.

Ribeiro, M. e Martins, M. (2018). A cidade nas encruzilhadas da história. Evolução urbana de uma cidade com 2000 mil anos: Braga (Noroeste de Portugal), *Dimensões*, vol. 40, pp. 11–38.

Ribeiro, M. e Melo, A. (2015). Tecido urbano e poderes em Braga na Idade Média, In Cavero Domínguez, G. (coord.), *Construir la memoria de la ciudad: espacios, poderes e identidades en la Edad Media (XII–XV). I. La ciudad publicitada: de la documentación a la Arqueología*. León: Universidad de León, pp. 79–93.

Ribeiro, M., Martins, M., Magalhães, F. e Botica, N. (2018). The urban morphology of Braga in the fourteenth and fifteenth centuries: an analysis methodology, In Sabaté, F., Brufal, J. (eds.), *Medieval Territories*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, pp. 352–381.

Richardson, J. (1986). *Hispaniae, Spain and the Development of Roman Imperialism*. Cambridge: Cambridge University Press.

Rigby, E., Symonds, M. e Ward-Thompson, D. (2004). A comet impact in AD 536?, *Astronomy and Geophysics*, 45 (1), pp. 1.23–1.26.

Riggins, S. (1994). *The Socialness of Things: Essays on the Socio-Semiotics of Objects*. Berlin: De Gruyter.

Rigoir, J. e Rigoir, Y. (1968). Les sigillées paléochrétiennes grises et orangées, *Gallia*, XXVI, pp. 177–244.

Rigoir, Y. e Rigoir, J. (1971). Les Dérivées des Sigillées Paléochrétiennes en Espagne, *Revue d'Études Ligures*, pp. 33–68.

Ripoll, G. (2019). The Transformation of the City in Hispania between the 4th and the 6th Centuries, In. Panzram, S. (ed.), *The Power of Cities The Iberian Peninsula from Late Antiquity to the Early Modern Period*. Boston: Brill, pp. 39–83.

Ritterling, E. (1912). *Das frührömische lager bei Hofheim im Tauros*. Annalen des Vereins für Nassauische Altertumskunde und Geschichtsforschung 40 Wiesbaden: Bechtold.

Robinson, I. (2004). *The Papal Reform of the eleventh century. Lives of Pope Leo IX and Gregory VII*. Manchester e New York: Manchester University Press.

Roca Roumens, M. e Fernández García, M. (coords.) (2005). *Introducción al estúdio de la cerámica romana: una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad de Málaga.

Rodrigues, A., Ribeiro, J., Costa, M. e Maciel, M. (2005). *Os Capitulares Bracarenses (1245–1374): notas biográficas*. História Religiosa – Fontes e Subsídios 5. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Rodrigues, M. (1994). *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo (Sécs. XII-XIII)*. Porto: Universidade do Porto (Dissertação de mestrado).

Rodrigues, M. (1998). Análise da bibliografia sobre cerámica medieval do Norte e Centro de Portugal, In Diogo, J. e Abraços, H. (eds.), *Actas das 2as Jornadas de cerámica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 465–467.

Rodrigues, M. e Rebanda, N. (1998). Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilariça, In Diogo, J. e Abraços, H. (eds.), *Actas das 2as Jornadas de cerámica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 101–126.

Rodrigues, M., Alfenim, R. e Lebre, A. (1990). Escavação arqueológica de emergência no cruzeiro do transepto da Sé de Braga, notícia preliminar, In. *Actas IX Centenário da Dedicação da Sé de Braga*. Vol. 1. Braga: Faculdade de Teologia/Cabido de Braga, pp. 173–188.

Rodríguez Colmenero, A. (1995). *Lucus Augusti, Urbs Romana. Los orígenes de la ciudad de Lugo*. Lugo: Ayuntamiento de Lugo.

Rodríguez González, X. e Xusto Rodríguez, M. (2005). A corrente continental na Galicia romana altoimperial: o rexistro arqueológico, *Boletín Avriense*, tomo 35, pp. 9–32.

Rodríguez Martínez, R. (2003). La cerámica romana del solar nº 13 de la plaz de Compostela, Vigo, Pontevedra, *El Museo de Pontevedra*, n. 57, pp. 11–43.

Roesdahl, E. (1998). *The Vikings*. London: Penguin Books.

Roholt, T. (2023). *Distracted from Meaning. A Philophy of Smartphones*. Londres: Bloomsbury Academic.

Romano, R.; Tenenti, A. (1980). *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía, Renascimiento, Reforma*. Madrid: Siglo XXI.

Rosa, T. e Gomes, P. (2014). Os Estudos Menores e a Reforma Pombalina, *Interacções*, 28, pp. 40–54.

Rosaline, S. e Johnson, S. (2020). Continued Usage and Dependency of Smartphones, *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning*, vol. 10, n. 1, pp. 41–53.

Rosen, W. (2007). *Justinian's Flea. Plague, Empire, and the birth of Europe*. London: Viking Penguin.

Rostovtzeff, M. (1977). *História da Grécia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rostovtzeff, M. (1983). *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rucquoi, A. (1995). *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa.

Russell, J. (1996). *Agency: Its Role in Mental Development*. East Sussex: Erlbaum.

Sá, M. e Paiva, M. (1993). Notas sobre a Romanização no Alto Minho: As Ânforas do Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha). Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia (1987). *Lvcerna*, 2ª série, vol. III, pp. 237–248.

Said, E. (1990). *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

Said, E. (1993). *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso.

Salvatierra Cuenca, V. (2013). La primera Arqueología Medieval española. Análisis de un proceso frustrado (1844–1925), *Studia Historia. Historia Medieval*, 31, pp. 183–210.

Sampaio, A. (1892). As villas no norte de Portugal, *Revista de Portugal*, vol. IV, n. 23; 24, pp. 529–555; 741–775.

Sampaio, A. (1893–1897). As villas do/no norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, vol 10, n. 3; 4; vol. 11, n. 3; vol. 12, n. 1; 2; 4, vol. 13, n. 1; vol. 14, n. 4, pp. 161–176; 209–221; 139–147; 5–10; 65–90; 155–173; 19–25; 161–186.

Sampaio, A. (1895). As villas do norte de Portugal, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. 3, n. 10, pp. 49–61.

Sampaio, A. (1979). *Estudos económicos. I. "As vilas do Norte de Portugal"*. Lisboa: Vega Editorial.

Sanna, F. (2019). *Las Influencias Bizantinas en la Escultura Visigoda. Análisis de los Elementos Decorativos Procedentes del Sureste Hispano: Basílica de Algezares y Conjuntos Arqueológicos de Begastri y Cerro de la Almagra*. Murcia: Universidad de Murcia (Tese de Doutoramento).

Santos, C. e Albuquerque, E. (2014). Cerâmicas medievais da Capela de São Pedro da Capinha, Fundão, In. Tente, C. e De Man, A. (coords.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 99–107.

Santos, C., Catarino, H., Gómez Martínez, S., Gonçalves, M., Inácio, I., Lopes, G., Bugalhão, J., Cavaco, S., Covaneiro. J., Fernandes, I. e Gomes, A. (2020). Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional "português": algumas evidências e incógnitas, In. Arnaud, J., Neves, C. e Martins, A. (coords.), *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: AAP/CITCEM, pp 1511–1523.

Santos, G. (2001). São Luís: o retorno da historiografia francesa à biografia, *Tempo*, vol. 6, n. 11, pp. 261–266.

Sartre, J.-P. (2004). *The Imaginary: A phenomenological psychology of the imagination*. New York: Routledge.

Sastre de Diego, I. (2009). El altar hispano en el siglo VII. Problemas de las tipologías tradicionales y nuevas perspectivas, In. Caballero Zoreda, L., Mateos, P. e Utrero Agudo, M. (eds.), *El siglo VII frente al siglo VII. Arquitectura*. Madrid: CSIC, pp. 309–330.

Sastre de Diego, I. (2013). *Los altares de las iglesias hispanas tardoantiguas y altomedievales Estudio arqueológico*. Oxford: Archaeopress (BAR 2503).

Saussure, F. (2006). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

Sánchez Chouza, J. (2017). A Gallaecia sueva, *Compostellanum*, vol. 62, n. 1–2, pp. 85–137.

Scheidel, W. (2019). *Escape from Rome: The Failure of Empire and the Road to Prosperity*. New Jersey: Princeton University Press.

Schiffer, M. (2000). Social Theory in Archaeology: Building Bridges, In. Schiffer, M. (ed.), *Social Theory in Archaeology*. Salt Lake City: The University of Utah Press, pp. 1–13.

Schnapp, A. (1996). *The Discovery of the Past. The origins of Archaeology*. London: British Museum Press.

Sear, F. (2006). *Roman Theatres. An Architectural Study*. New York: Oxford University Press.

Sebastian, L. (2015). *A Faiança Portuguesa de Olaria na Intervenção Arqueológica no Mosteiro de São João de Tarouca*. Lamego: Direção Regional de Cultura do Norte.

Sebastian, L. (2020). *A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências.

Secretaria de Estado da Cultura (1988). Projecto Bibliopolis. *Diário da República, II Série, 241 (dezoito de outubro)*, pp. 9556–9557.

Sendas, J. (2010). *O quarteirão dos Biscainhos: evolução do espaço e as arquitecturas dos séculos XIV a XX. Contribuição para o estudo da cidade de Braga*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Serrano Ramos, E. (2005a). Cerámicas africanas, In Roca Roumens, M. e Fernández García, M. (coords.), *Introducción al estúdio de la cerâmica romana: una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad de Málaga, pp. 225–304.

Serrano Ramos, E. (2005b). Terra Sigillata Focense Tardía, In Roca Roumens, M. e Fernández García, M. (coords.), *Introducción al estúdio de la cerâmica romana: una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad de Málaga, pp. 305–316.

Sevillano Fuertes, M. (2014). *Apuntes arqueológicos para la historia antigua de Astorga*. Cuadernos 31. Astorga: Centro de Estudios Astorganos Marcelo Macías, 2014.

Sewell, J. (2010). *The formation of Roman urbanism, 338–200 B.C.: between contemporary foreign influence and Roman tradition*. Journal of Roman Archaeology Supplementary, Series number 79. Rhode Island: JRA.

Siculi Flacci. *De condicionibus agrorum*. Carolus Thulin (ed.) (1913). Leipzig: Teubner.

Siculi Flacci. *De diuisis et assignatis*. Carolus Thulin (ed.) (1913). Leipzig: Teubner.

Sigl, M., Winstrup, M., McConnell, J. , Welten, K. , Plunkett, G., Ludlow, F., Buntgen, U., Caffee, M., Chellman, N., Dahl-Jensen, D., Fischer, H., Kipfstuhl, S., Kostick, C., Maselli, O. J., Mekhaldi, F., Mulvaney, R., Muscheler, R., Pasteris, D., Pilcher, J., Salzer, M., Schupbach, S., Steffensen, J., Vinther, B. e Woodruff, T. (2015). Timing and climate forcing of volcanic eruptions for the past 2,500 years, *Nature*, n. 523, pp. 543–549.

Silva, A. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

Silva, A. (2021). A Peste Negra em Portugal Os casos do Entre-Douro-e-Minho e do Entre-Tejo-e-Odiana. Porto: Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

Silva, A. e Ribeiro, M. (2014). Cerâmicas do período da reconquista no Vale do Arda: castelo de Arouca e Casal da Malafaia, In. Tente, C. e De Man, A. (coords.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 161–181.

Silva, A. e Sousa, L. (2014). Cerâmica do período da "reconquista" (séculos X-XI) proveniente do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia), In. Tente, C. e De Man, A. (coords.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 205–220.

Silva, F. (1985). *O Porto e o seu termo (1580–1640). Os homens, as instituições e o poder*. Porto: Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

Silva, G. (2001a). O fim do mundo antigo: uma discussão historiográfica, *Mirabilia*, n. 1, pp. 57–71.

Silva, G. (2001b). Política, Ideologia e Arte Poética em Roma: Horácio e a criação do Principado, *Politeia*, vol. 1, n. 1, pp. 29–51.

Silva, G. (2012). Uma cidade em tempo de transição: a cristianização do espaço urbano de Antioquia no confronto com pagãos e judeus (séc. IV e V), *Revista Trilhas da História*, vol. 1, n. 2, pp. 4–16.

Silva, G. (2013). A cristianização e seus limites: o caso de Antioquia na Antiguidade Tardia, *Revista Territórios & Fronteiras*, vol. 6, n. 1, pp. 32–49.

Silva, G. (2014). Conflito religioso e simbolismo arquitetônico na Antiguidade tardia: o ataque aos templos pagãos segundo Libânio de Antioquia, *Calíope: Presença Clássica*, vol. 27, pp. 45–72.

Silva, G. (2016). Lugares do sagrado na cidade Pós-Clássica: Libânio e a Reforma do Plethrion de Antioquia, *Hélade*, vol. 2, n. 2, pp. 74–83.

Silva, G. e Soares, C. (2013). O "fim" do mundo antigo em debate: da "crise" do século III à Antiguidade Tardia e além, *Nearco*, vol. 6, nº 1, pp. 138–162.

Silva, J. (2000). *A insula das Carvalheiras. Estudo de um exemplo de arquitectura privada em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Silva, J. (2013). *A domus da Zona Arqueológca das Antigas Cavalariças de Braga. Contrinuto para o estudo da arquitetura doméstica de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Silva, L. (2018). Monarquia e Igreja na Gallaecia na segunda metade do século VI, In. López Quiroga, J. (ed.), *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411–585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 135–137.

Silva, L. (2009). *D. Diogo de Sousa (1461?–1532). «De uma aldeia fiz uma cidade»*. Braga: Universidade do Minho.

Silva, L. (2013). *Viriathus and the Lusitanian Resistance to Rome*. Pennsylvania: Pen and Sword Military.

Silva, M. (1993). Portugal no reino de León. Etapas de uma relação (866–1179), *El Reino de León en la alta Edad Média. IV. La Monarquía (1109–1230)*. Separata. León: Centro de Estudios e Investigación "San Isidoro", pp. 537–625.

Silva, P. (2000). *As termas romanas de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Silva, P. (2013). O debate historiográfico sobre a passagem da Antiguidade à Idade Média: considerações sobre as noções de Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média, *Signum*, vol. 14, n. 1, pp. 73–91.

Silva, R., Fernández Fernández, A. e Carvalho, P. (2015). Contextos e cerâmicas tardo-antigas do fórum de Aeminium (Coimbra), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 18, pp. 237–256.

Smith, W. (1816). *Strata identified by organized fossils*. London: W. Arding.

Soares, N. (2011). O Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa "Principe Umanizzato" do Renascimento e o seu projecto educativo moderno, *Humanitas*, 63, pp. 527–561.

Solano, A. (2013). A escrita de uma vida: São Francisco de Assis entre a História e a Ficção, *Travessias Interativas*, n. 6, vol. 3, pp. 43–55.

Sousa, A. (2012). *As termas públicas e privadas de Bracara Augusta: os casos de estudo da R. D. Afonso Henriques e da R. Gualdim Pais*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Spitzer, M. (1999). *The Mind Within the Net: Models of Learning. Thinking and Acting*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press.

Story, J. (2023). *Charlemagne and Rome. Alcuin and the Epitaph of Pope Hadrian I*. Oxford: Oxford University Press.

Sottomayor-Pizarro, J. (2013). As inquirições medievais portuguesas (séculos XIII-XIV) Fonte para o estudo da nobreza e memória arqueológica - Breves apontamentos -, *Revista Ciências e Técnicas do Património*, vol. XII, 275–292.

Soares, F. (1997). História breve dos Sínodos e Concílios da Arquidiocese de Braga, *Theologica*, 2ª série, n. 32, pp. 119–138.

Sousa, J. (1966). Inventário de materiais para a arqueologia bracarense: Lucernas, *Bracara Augusta*, 43/44, pp. 165–78.

Sousa, J. (1965–66). Acerca de um molde de lucernas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 20 (1/2), pp. 165–172.

Sousa, J. (1966–67). Cerâmica estampada de Braga, *Arquivo de Beja*, 23–24, pp. 143–150.

Sousa, J. (1969). Novo molde de lucernas aparecido em Braga, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 21, pp. 301–321.

Sousa, J. (1971). Cerâmica fina típica de Braga, In. *Actas II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Junta Nacional de Educação, Coimbra, pp. 451–455.

Sousa, J. (1973). Anéis e entalhes da zona portuguesa do Convento Bracaraugustano, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 28 (85), pp. 187–192.

Souza, G. (2024). *A Egitânia entre Suevos e Templários. Usos e consumos da cerâmica num território em mudança*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de Doutoramento).

Soyer, F. (2007). *The Persecution of the Jews and Muslims of Portugal. King Manuel I and the End of Religious Tolerance (1496–7)*. Leiden/Boston: Brill.

Strong, R. (2006). *Coronation. From the 8th to the 21st Century*. Londres, Harper Collins.

Stroumsa, S. (2019). *Andalus and Sefarad On Philosophy and Its History in Islamic Spain*. Princeton/Oxford: Princeton University Press.

Suguio, K. (2003). *Geologia Sedimentar*. São Paulo: Editora Blücher.

Sutherland, C. (1971). *The Romans in Spain, 217 B.C. to A.D. 117*. London: Praeger.

Sweezey, P. (2007). *Teoría del desarollo capitalista*. Barcelona: Editorial Hacer.

Taylor, C. (1985). *Human agency and language*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge.

Tchernia, A. (2006). La crise de l'Italie impériale et la concurrence des provinces, Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques, 37, pp. 137–156.

Tchernia, A. (2016). *The Romans and Trade*. Oxford: Oxford University Press.

Teixeira, C. (1935). Um peso bizantino, inédito, de Braga, *Alto Minho*, 3, pp. 70–74.

Teixeira, C. (1938a). Subsídios para o estudo da Arqueologia bracarense. II – Lucernas, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 8 (3–4), pp. 379–387.

Teixeira, C. (1938b). Subsídios para o estudo da Arqueologia bracarense. III – A Fonte do Ídolo e o culto de Nabia, *Prisma*, 2 (3), pp. 145–153.

Teixeira, H. (2012). *Sistemas de abastecimento e drenagem de água a Bracara Augusta: aquedutos, canalizações e cloacas*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Teixeira, R. e Gomes, P. (1997/1998). Como pôr ordem em 500 000 fragmentos de cerâmica? Ou discussão da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da Casa do Infante (Porto), *Olaria*, n. 2, pp. 115–124.

Tejerizo-García, C. (2020). Cerámicas altomedievales en contextos rurales del centro y noroeste peninsular: secuencia cronotipológica, tecnología y regionalización productiva, *Archivo Español de Arqueología*, vol. 93, pp. 275–301.

Tejerizo-García, C., Alonso Toucido, F. e Torres Iglesias, D. (2021). Cerámicas del interior de Galicia desde el tardoimperio a la Alta Edad Media (s. V–X/XI d.n.e.): algunos casos de estúdio, *Pyrenae*, vol. 52, n. 2, pp. 149–185.

Tente, C. (2010). *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de Doutoramento).

Tente, C. e De Man, A. (2016). Um rio, dois territórios no centro de Portugal. A produção cerâmica no vale do Mondego - os casos do espaço rural do Alto Mondego e de Conimbriga, In. Vigil-Escalera Guirado, A. e Quirós Castillo, J. (dirs.), *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V–X). Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. Documentos de Arqueología Medieval, 9. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 43–68.

Thomas, J. (2001). Archaeologies of Place and Landscape, In Hodder, I. (ed.), *Archaeological Theory Today*. Cambridge, Polity Press, pp. 165–186.

Thomas, J. (2004). *Archaeology and Modernity*. Routledge: New York/London.

Thomas, J. (2011). Sigmund Freud's archaeological metaphor and archaeology's self-understanding, In. Holtorf, C.e Piccini, A. (eds.), *Contemporary Archaeologies. Excavating Now*. Frankfurt: Peter Lang, pp. 41–68.

Tolfo, T. (2017). *A urbanização romana no Noroeste da Hispânia: fontes e especificidades*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Torres, A. (2014). *Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital. Contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade doméstica em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

Torres, C., Correia, F., Macias, S. e Lopes, V. (2007). A escultura decorativa de Portugal. O grupo de Beja, In. Cavallero Zoreda, L. e Mateos Cruz, P. (eds.), *Escultura decorativa tardorromana y altomedieval en la Península Ibérica*. Madrid: CSIC (Anejos de AEspA. XLI), pp. 171–189.

Torres Sevilla-Quiñones de León, M. (1998). Relaciones fronterizas entre Portugal y León en tiempos de Alfonso VII: el ejemplo de la casa de Traba, *História*, vol. 15, n. 1, pp. 301–312.

Tranoy, A. e Le Roux, P. (1989–90). As necrópoles romanas de Bracara Augusta. Les inscriptions funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, n. 6–7, pp. 183–230.

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (2010 – presente). *Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Universidade do Minho (s.d.). *Data RepositóriUM. Repositório de Dados da Universidade do Minho*. https://datarepositorium.uminho.pt/.

Van Oyen, A. (2016). *How Thinks Make History. The Roman Empire and its terra sigillata pottery*. Archaeological Studies 23. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Varela, J., Morais, R. (2014). Almofarizes tardios com revestimento vidrado interior do sítio do Monte Castêlo (Guifões – Matosinhos), In Morais, R., Fernández Fernández, A., Sousa, M. (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Monografias Ex Officina Hispana II, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 407–415.

Várhelyi, Z. (2010). *The Religion of the Senators in the Roman Empire. Power and the Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.

Vasconcelos, J. (1918). Coisas Velhas, *O Archeologo Português*, Lisboa, n. 23, pp. 356–360.

Vasconcelos, M. (1992/93). A Casa Grande da rua de Stº António das Travessas, *Forum*, n. 12–13, pp. 17–42.

Vasconcelos, M. (2008). A Casa Grande da Rua de Santo António das Travessas, In. *O Arquivo e a Cidade. Páginas da História Bracarense*. Braga: Universidade do Minho/ADB, pp.163–188.

Vaz, A. (1971). *O Cabido de Braga. 1071–1971*. Braga: José Dias de Castro.

Vázquez Gómez, X. (1996). Excavación en la calle de la franja 9–11. A Coruña, *Gallaecia*, nº 14–15, pp. 411–461.

Veblen, T. (2018). *A Teoria da Classe do Lazer*. Coimbra: Editora Atual.

Venturi, F. (1970). *Utopia e riforma nell'Illuminismo*. Torino: Einaudi.

Veyne, P. (1983). *O inventário das diferenças*. *História e Sociologia*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Vigil-Escalera Guirado, A. (2015). *Los primeros paisajes altomedievales en el interior de Hispania Registros campesinos del siglo quinto d.C.*. Documentos de Arqueología Medieval 7. Bilbao: Universidad del País Vasco.

Vigilio. *Epistola Vigilii Papae ad Profuturum episcopum*, pp. 1019–1023. J. Tejada y Ramiro (trad.) (1850). Coleccion de Cánones de la Iglesia Española. Madrid: D. Angelmo Santa Coloma y Compania.

Virilio, P. (1993). *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Vila Martínez, M. (1984). Terra Sigillata de la ciudad de Lugo en el Museo Provincial, *Boletín do Museo Provincial de Lugo*, n. 2, pp. 63–84.

Vila Martínez, M. (1992). Terra sigillata de la ciudad de Lugo en el Museo Provincial: II. Formas lisas, *Gallaecia: revista de arqueoloxía e antiguidade*, n. 13, pp. 177–214.

Vita Sancti Geraldi. Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum (1856–1977). Academiae Scientiarum Olisiponensis (ed.). Lisboa: Typis Academicis, pp. 53–59.

Vitas Sanctorum Patrum Emeretensium. Antonio Maya Sánchez (ed.) (1992). Corpus Christanorum Series Latinas 116. Turnhout: Brepols.

Vives, J. e Martín, T. (1963). *Concilios Visigóticos e Hispano-romanos.* España cristiana, 1. Madrid: CSIC/Instituto Enrique Flórez.

Wallace-Hadrill, A. (ed.) (1989). *Patronage in ancient society*. London: Routledge.

Wallace-Hadrill, A. (2015). What makes a Roman house a "Roman house"?, In. Tuori, K. e Nissin, L. (eds.), *Public and Private in the Roman House and Society*. Journal of Roman Archaeology. Supplementary series, 102. Portsmouth: JRA, pp. 177–186.

Watt, W. e Cachia, P. (1965). *A History of Islamic Spain*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Webmoor, T., Witmore, C. (2008). Things are us! A commentary on human/things relations under the banner of a 'social' archaeology", *Norwegian Archaeology Review*, 41(1), pp. 1–18.

White, L. (1959). *The Evolution of Culture: the Development of Civilization to the Fall of Rome*. New York: McGraw-Hill.

Wickham, C. (2005). *Framing the Early Middle Ages Europe and the Mediterranean 400–800*. New York: Oxford University Press.

Wickham, C. (2023). *The Donkey and the Boat. Reinterpreting the Mediterranean Economy, 950–1180*. Oxford: Oxford University Press.

Wilkinson, M., Dumontier, M., Aalbersberg, I., Appleton, G., Axton, M., Baak, A., Blomberg, N., Boiten, J., Santos, L., Bourne, P., Bouwman, J., Brookes, A., Clark, T., Crosas, M., Dillo, I., Dumon, O., Edmunds, S., Evelo, C., Finkers, R., ... Mons, B. (2016). The FAIR Guiding Principles for scientific data management and stewardship, *Sci Data*, 3, 160018. https://doi.org/10.1038/sdata.2016.18.

Wilson, E. e Goldfarb, A. (2018). *Living Theatre. A History of Theatre*. New York/London: W.W. Norton & Company.

Woong, A. (2014). *The Roman Colosseum*. San Diego: Reference Point Press.

Wrathmell, S. (ed.) (2012). *A History of Wharram Percy and its Neighbours*. Wharram: A Study of Settlement on the Yorkshire Woods XIII. York University Archaeological Publications 15. York: The University of York.

Wrench, L. (2008). *Decoração arquitectónica na Antiguidade Tardia. Contributo para um corpus de elementos arquitectónicos e de mobiliário litúrgico provenientes do território português*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de Doutoramento).

Wrench, L. (2020). Analysis of a mosaic found in the 'Casa da Roda' in Braga, In. Pimentel, M., Lóio, A., Rodrigues, N. e Furtado, R. (eds.), *Augustan Papers. New approaches to the Age of Augustus on the Bimillennium of his Death*. Vol. 2. Hildesheim: Georg Olms Verlag, pp. 585–604.

Wrigley, E. e Schofield, R. (1981). *The Population History of England 1541–1871*. London, Cambridge University Press.

Xavier, C. (2013). *O parcelamento rural de Mire de Tibães (século XVIII)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de mestrado).

Young, B. (2000). Climate and crisis in sixth-century Italy and Gaul, In. Gunn, J. (ed.), *The Years without Summer. Tracing A.D. 536 and its aftermath*. BAR International Series, 872. Oxford: BAR Publishing, pp. 35–44.

Zuiderhoek, A. (2017). *The Ancient City*. Cambridge: Cambridge University Press.

Apêndices

Apêndice 1

Zona arqueológica da área envolvente do teatro romano

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Lista de Cerâmicas

Teatro romano do Alto da Cividade

Identificação

Nº inventário/achado: 001 (2021)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Diâmetro Fundo: 12 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 001 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base em cerâmica de tradição indígena

Cronologia Datação: 16 a.C - 50 Cronologia: I a.C.- I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Espessura Fundo: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 002, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica de tradição indígena

Cronologia Datação: 16 a.C - 50 Cronologia: I a.C.- I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 010 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo de taça em TSH.

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0052 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 4 %

Espessura Sup: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 011 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo de taça em TSH.

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica

Massa: 0.0035 Kg

Diâmetro Bordo: 8 cm

Percentagem: 10 %

Espessura Sup: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 012 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II

Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica

Massa: 0.0019 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 013 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em TSH.

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Aba

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica

Massa: 0.0053 Kg

Diâmetro Bordo: 17 cm

Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 014 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Pé em TSH

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Pé

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica

Massa: 0.0023 Kg

Diâmetro Fundo: 5 cm

Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 015 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fundo de TSH com marca de oleiro.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fundo

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0013 Kg

Decoração Marca: OF SILVI

Espessura Fundo: 0.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 016, 17 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em TSH decoradas

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0099 Kg

Decoração Local: Parede

Identificação

Nº inventário/achado: 018, 19, 20, 21 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em TSH

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0041 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 022 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em TSHT

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0059 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 4 %

Espessura Sup: 1 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 023 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em TSHT, decorada

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0024 Kg

Decoração

Local: Parede

Espessura Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 024 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo/parede em TSA

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata

Produção: Africana

Massa: 0.0029 Kg

Diâmetro Bordo: 7 cm

Percentagem: 17.5 %

Espessura Sup: 0.2 cm cm

Corpo: 0.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 025 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em TSA

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata

Produção: Africana

Massa: 0.0053 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm

Percentagem: 5 %

Espessura Sup: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 026 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fundo TSA

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fundo

Categoria: Sigillata

Produção: Africana

Massa: 0.0029 Kg

Espessura Fundo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 027 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica bracarense

Cronologia Datação: 50-125 Cronologia: I d. C. Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Bracarense Produção: Local

Massa: 0.0025 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 5.5 %

Espessura Sup: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 028, 29, 30, 31, 32 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica bracarense

Cronologia Datação: 50-125 Cronologia: I d.C. Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Bracarense Produção: Local

Massa: 0.0237 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 033 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Diâmetro Bordo: 16 cm

Espessura Sup: 1.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 034 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo/parede em cerâmica de engobe vermelho decorada no exterior com linha incisa

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão linear

Diâmetro Bordo: 22 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 035 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo/parede de prato em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho

Espessura Sup: 1.4 cm cm

Corpo: 0.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 036 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Asa em fita em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Engobe Vermelho

Seção asa: Fita

Altura

Largura : 3.4 cm cm

Diâmetro Asa: 0.8 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 037 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica de engobe vermelho alto imperial

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho

Diâmetro Bordo: 15 cm

Espessura Sup: 0.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 038 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho

Identificação

Nº inventário/achado: 039 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fundo em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fundo

Categoria: Engobe Vermelho

Espessura Fundo: 0.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 040 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Pé/parede em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede/ pé

Categoria: Engobe Vermelho

Diâmetro Pé: 7 cm

Espessura Fundo: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 041 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Massa: 0.0053 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm

Percentagem: 5.5 %

Espessura Corpo: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 042, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 16

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho

Massa: 0.086 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 058 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo/parede em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0242 Kg

Diâmetro Bordo: 28 cm Percentagem: 9 %

Espessura Sup: 0.6 cm cm Corpo: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 059 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0022 Kg

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 18 %

Espessura Sup: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 060 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0037 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 9 %

Espessura Sup: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 061 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0017 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 5 %

Espessura Corpo: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 062, 63, 64, 65, 66, 67, 68 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica comum fina, decoradas

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0285 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 069, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 49

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.1396 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 118, 119, 120 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica comum fina pintada, alto imperial

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0154 Kg

Coloração	Pintada: Sim		
Decoração	Local: Parede	Técnica: Plástica	Ondulados e linhas horizontais pintados a vermelho.
Espessura	Corpo: 0.3 cm cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 121 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica comum fina pintada baixo imperial

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0015 Kg

Coloração	Pintada: Sim		
Decoração	Local: Parede	Técnica: Plástica	Bandas horizontais pintadas a vermelho e branco.
Espessura	Corpo: 0.4 cm cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 122 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica cinzenta fina polida.

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Fina

Produção: Local

Massa: 0.0046 Kg

Decoração Local: Parede

Técnica: Incisão

Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Espessura Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 123 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1)

Cronologia Cronologia: XIII-XV

Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0013 Kg

Espessura Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 124, 125, 126 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica cinzenta alto imperial

Cronologia Cronologia: I-II

Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Fina

Produção: Local

Massa: 0.0045 Kg

Espessura Corpo: 0.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 127 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII

Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0014 Kg

Espessura Corpo: 0.2 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 128 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede de ânfora bética de Cádiz.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Produção: Bética Cádiz

Massa: 0.0715 Kg

Espessura Corpo: 1.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 129 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo de ânfora bética de Guadalquivir.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Ânfora

Produção: Bética Guadalquivir

Massa: 0.0095 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm

Percentagem: 7 %

Espessura Sup: 1 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 130, 131 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes de ânfora bética de Guadalquivir.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Produção: Bética Guadalquivir

Massa: 0.0646 Kg

Espessura Corpo: 1.2 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 132 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Asa de ânfora lusitana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Ânfora

Produção: Lusitana

Massa: 0.0368 Kg

Diâmetro Asa: 1.7 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 133 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede de ânfora lusitana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Produção: Lusitana

Espessura Corpo: 1 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 134 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo/parede de taça, produção lusitana (?)

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Indeterminada

Massa: 0.0226 Kg

Espessura Sup: 0.7 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 135 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede de ânfora bética (?)

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Massa: 0.0177 Kg

Espessura Corpo: 0.7 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 136 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Disco de lucerna bracarense

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Lucerna

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Disco

Categoria: Lucerna Produção: Local

Massa: 0.0018 Kg

Decoração Local: Disco Técnica: Moldura Motivos indeterminados moldados na parte superior do disco.

Espessura Corpo: 0.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 137(2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Infundibulum de lucerna de produção local

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Lucerna

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Infundibulum

Categoria: Lucerna

Produção: Local

Massa: 0.0024 Kg

Espessura Corpo: 0.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 138 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Perfil completo de prato em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Bordo: 24 cm

Fundo: 18 cm

Espessura Corpo: 0.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 139 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo de pote em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Bordo: 24 cm

Espessura Sup: 1 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 140, 141, 142 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo de potes em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 143 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo/colo de pote em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ colo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Bordo: 28 cm

Espessura Sup: 1.2 cm cm

Corpo: 0.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordos em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 152 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Bordo: 16 cm

Espessura Sup: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordos em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 18

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 171 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo de pote em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Bordo: 20 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 172, 173, 174, 175, 176 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordos em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 177, 178, 179, 180 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Asas em fita em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Seção asa: Fita

Identificação

Nº inventário/achado: 181 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Asa de rolo em cerâmica de engobe vermelho

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Engobe Vermelho

Seção asa: Cilíndrica

Altura Largura : 2,1 cm cm

Diâmetro Asa: 1,4 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 182 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 183, 184, 185 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Asa em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 186 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo/colo/arranque de asa em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Arranque de asa/ bordo/ colo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Bordo: 11 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 187 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede com arranque de asa em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Arranque asa/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 188 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Espessura Corpo: 1 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 189 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Fundo: 10 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 190, 191 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 192 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Fundo: 5.9 cm

Espessura Corpo: 0.5 cm cm

Fundo: 0.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 10

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 203 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Diâmetro Fundo: 8 cm

Espessura Corpo: 1 cm cm

Fundo: 0.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 204 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Espessura Corpo: 0.6 cm cm

Fundo: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 205, 206, 207, 208, 209 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510,

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 371

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 581 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base/parede em cerâmica vidrada romana (almofariz)

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Almofariz

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Vidrada

Massa: 0.0929 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm

Percentagem: 15 %

Espessura Corpo: 1.2 cm cm

Fundo: 1.1 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 582 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VII

Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação

Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0046 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm

Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 583 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV

Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0064 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 584 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2)

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0044 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 585 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0008 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 586, 587 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Asas em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0194 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0213 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 597 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0021 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 598 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0063 Kg

Espessura Fundo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 599 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0073 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Plástica Fita horizontal com repuxados e digitais.

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Identificação

Nº inventário/achado: 600 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.031 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 601, 603 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0077 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 602 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0113 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Plástica Fita vertical com repuxados e digitais.

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 604 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0209 Kg

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 605 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.018 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 606 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Asa de púcaro em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0116 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 607 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo de pote em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0065 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 608 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0086 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 609 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica vermelha de Prado.

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.002 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 610 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica comum moderna.

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0027 Kg

Espessura Corpo: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 611 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Bordo em cerâmica vidrada.

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Aba

Categoria: Vidrada Moderna

Produção: Barcelos

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0052 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm

Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 612 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica vidrada moderna.

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Moderna

Massa: 0.0025 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 613 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Parede em cerâmica vidrada.

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Moderna

Produção: Barcelos

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0013 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 614, 615 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Paredes em faiança moderna

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Faiança

Massa: 0.005 Kg

Espessura Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 616 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 4 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 617 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Digital (um dedo)

Espessura Corpo: 2.7 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 618 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Digital (um dedo)

Espessura Corpo: 4.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 619 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Digital (um dedo)

Espessura Corpo: 2.7 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 620 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: X

Espessura Corpo: 2.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 621 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 4.2 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 622 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Imbrex romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Imbrice

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Linha incisa com dedo

Espessura Corpo: 1.7 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 623 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Incisão linha

Identificação

Nº inventário/achado: 624 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Imbex romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Imbrice

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Incisão linha

Identificação

Nº inventário/achado: 625 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 4.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 626 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Linha incisa

Espessura Corpo: 3.2 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 627 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fragmento de material de construção romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Linha incisa

Espessura Corpo: 1.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 628 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tégula romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Identificação

Nº inventário/achado: 629 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Linhas perpendiculares

Identificação

Nº inventário/achado: 630 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fragmento de material de construção romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Digital (um dedo)

Identificação

Nº inventário/achado: 631 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: +

Identificação

Nº inventário/achado: 632 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: |

Identificação

Nº inventário/achado: 633 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fragmento de material de construção romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: -

Identificação

Nº inventário/achado: 634 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fragmento de material de construção com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Digital

Identificação

Nº inventário/achado: 635 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fragmento de material de construção romano

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Identificação

Nº inventário/achado: 636 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Imbrex com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Imbrice

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: 3 linhas incisas com dedos

Identificação

Nº inventário/achado: 637 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fragmento de material de construção romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: -

Identificação

Nº inventário/achado: 638, 639, 640 (2022)

Sondagem: TR354

UE: 0922

Fragmentos de material de construção romano

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Identificação

Nº inventário/achado: 1,2,3,4

Sondagem: TR386

UE: 1026

4 bordes de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,21,22,23,24,25,26,27,28,29

Sondagem: TR386

UE: 1026

20 paredes de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 20

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 30,31,32,33,34,35,36,37,38,39,40,41,42,43,44,45,46,47,48,49

Sondagem: TR386

UE: 1026

20 paredes de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 20

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 5,6,7,8,9

Sondagem: TR386

UE: 1026

5 bases de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5

Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 50,51,52

Sondagem: TR386

UE: 1026

3 paredes de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 53

Sondagem: TR386

UE: 1026

1 parede de ARSW, Clara D

Cronologia Datação: 300-600 Cronologia: IV-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata

Produção: Africana D

Identificação

Nº inventário/achado: 54

Sondagem: TR386

UE: 1026

1 borde de TSH

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica

Identificação

Nº inventário/achado: 55,56,57,58,59,60

Sondagem: TR386

UE: 1026

5 paredes de engobe vermelho altoimoperial

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5

Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 61

Sondagem: TR386

UE: 1026

1 asa de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 62,63,64,65,66,67,68,69

Sondagem: TR386

UE: 1026

8 paredes de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 70,71,72

Sondagem: TR386

UE: 1026

3 paredes de cerâmica comum fina romana

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 73

Sondagem: TR386

UE: 1026

1 parede de cerâmica comum fina pintada

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Parede

Categoria: Pintada Fina

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 74,75,76

Sondagem: TR386

UE: 1026

3 bordes de mesma peça de ceràmica cinzenta tardia que posiblemente imita LRC Hayes 3

Cronologia Datação: 400-600 Cronologia: V-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Taça

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Produção: Local Tipologia: Hayes 3

Identificação

Nº inventário/achado: 77,78

Sondagem: TR386

UE: 1026

2 paredes cerâmica cinzenta tardia

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 79

Sondagem: TR386

UE: 1026

1 base de cerâmica comum vidrada romana

Cronologia Datação: 500-700 Cronologia: VIII-IX Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Base

Categoria: Vidrada Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 80

Sondagem: TR386

UE: 1026

1 base de cerâmica comum contemporânea?

Cronologia Período: Indeterminado

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Base

Categoria: Comum

Identificação

Nº inventário/achado: 001 (2021)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede em cerâmica comum fina.

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 001 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de frigideira em cerâmica de tradição indígena

Cronologia Datação: 16 a.C - 50 Cronologia: I a.C.- I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Frigideira

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0358 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 6 %

Espessura Sup: 1.2 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 002 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica de tradição indígena

Cronologia Datação: 16 a.C - 50 Cronologia: I a.C.- I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0096 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Espessura Sup: 1.1 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 002, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 (2021)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica comum grosseira (cozedura oxidante)

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Identificação

Nº inventário/achado: 003 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica de tradição indígena

Cronologia Datação: 16 a.C - 50 Cronologia: I a.C.- I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0288 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 7 %

Espessura Sup: 0.9 cm cm Corpo: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 004, 5, 6, 7, 8, 9, 10 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica de tradição indígena

Cronologia Datação: 16 a.C - 50 Cronologia: I a.C.- I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.2299 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 011 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em TSH.

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reto Lábio: Arredondado

Massa: 0.0022 Kg

Acabamento Interior: Engobado Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Quartzo

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 6 %

Espessura Sup: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 011, 12 (2021)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica comum grosseira (cozedura redutora)

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Cozedura: Redutora

Identificação

Nº inventário/achado: 012 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo/parede em TSHT

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0037 Kg

Acabamento Interior: Engobado Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Quartzo

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5 %

Espessura Sup: 0.4 cm cm Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 013 (2021)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento em faiança moderna

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Faiança

Produção: Nacional

Identificação

Nº inventário/achado: 013, 14 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em TSHT decoradas

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0064 Kg

Acabamento Interior: Engobado Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Quartzo

Espessura Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 015 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede em TSHT

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata

Produção: Hispânica Tardia

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0035 Kg

Acabamento Interior: Engobado Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Quartzo

Espessura Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 016 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fundo em TSA.

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Fundo

Categoria: Sigillata | Produção: Africana

Massa: 0.0037 Kg

Espessura Fundo: 0.3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 017 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Perfil completo de prato em engobe vermelho alto imperial.

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo | Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Engobe Vermelho

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reto | Lábio: Arredondado | Base: Plano

Massa: 0.053 Kg

Coloração Pintada: Sim | Interior: Vermelho escuro

Acabamento Interior: Engobado | Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm | Fundo: 26 cm | Percentagem: 5/7.5 %

Espessura Sup: 0.9 cm cm | Corpo: 0.9 cm cm | Fundo: 0.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 018 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Testo em cerâmica de engobe vermelho alto imperial.

Cronologia Cronologia: I - II | Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho | Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0074 Kg

Coloração Pintada: Sim | Interior: Vermelho escuro | Superfície: Vermelho escuro

Acabamento Interior: Engobado | Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Moderada | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 28 cm | Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 019 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de prato em cerâmica de engobe vermelho alto imperial.

Cronologia Cronologia: I - II | Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0111 Kg

Coloração	Pintada: Sim	Interior: Vermelho escuro	
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 24 cm	Percentagem: 4.5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 020 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de prato em cerâmica de engobe vermelho alto-imperial.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reto Lábio: Arredondado

Massa: 0.0282 Kg

Coloração Pintada: Sim Interior: Vermelho escuro Superfície: Vermelho escuro

Acabamento Interior: Engobado Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 28 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 021, 22, 23 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica de engobe vermelho alto imperial

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho

Massa: 0.017 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 024 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica de engobe vermelho tardio

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0101 Kg

Coloração Pintada: Sim Interior: Vermelho escuro Margens: Vermelho escuro

Acabamento Interior: Engobado Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 8.5 %

Espessura Sup: 0.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 025 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical | Lábio: Arredondado

Massa: 0.0177 Kg

Coloração	Pintada: Sim	Interior: Vermelho claro	Margens: Vermelho claro
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 26 cm	Percentagem: 3.5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 026, 27 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reto Lábio: Arredondado

Massa: 0.0054 Kg

Coloração	Pintada: Sim	Interior: Vermelho claro	Superfície: Vermelho claro
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 028 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0127 Kg

Coloração	Pintada: Sim	Superfície: Vermelho claro	
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 20 cm	Percentagem: 7 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 029 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0319 Kg

Coloração	Pintada: Sim	Interior: Vermelho claro	Superfície: Vermelho claro
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 22 cm	Percentagem: 5.5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 030, 31 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica de engobe vermelho tardio

Cronologia Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.006 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 032 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de jarro trilobado em cerâmica comum fina.

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Bico: Trilobulada cm Massa: 0.004 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Espessura Sup: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 033 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Asa em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0028 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Asa: 0.6 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 034 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base/parede em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0198 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 23 %

Espessura Corpo: 0.4 cm cm Fundo: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 035, 36, 37, 38, 39, 40, 41 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica comum fina

Cronologia Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0217 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 042 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Asa de ânfora bética Guadalquivir, Haltern 70.

Cronologia Datação: 16 a.C - 70 Cronologia: I a.C.- I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Ânfora Produção: Bética Guadalquivir Tipologia: Haltern 70

Massa: 0.1805 Kg

Altura Largura : 5.1 cm

Diâmetro Asa: 2.7 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 043, 44, 45 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes de ânfora bética Guadalquivir.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Bética Guadalquivir

Massa: 0.2263 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 046 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede de ânfora lusitana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Lusitana

Massa: 0.010 Kg

Espessura Corpo: 0.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 047 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede com arranque de asa de ânfora africana (?)

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Massa: 0.1993 Kg

Espessura Corpo: 1.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 048 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Perfil completo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0832 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Fundo: 16 cm Percentagem: 5.5/19 %

Espessura Sup: 0.8 cm cm Corpo: 0.5 cm cm Fundo: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 049 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Testo decorado em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0146 Kg

Decoração Local: Bordo Técnica: Repuxada Repuxo com decoração ondulada nos lábios do testo.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 050 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Massa: 0.0054 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 051 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0065 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 052 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0113 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm

Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 053 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0064 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm

Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 054 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0068 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm

Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 055 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0066 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm

Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 056 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0035 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm

Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 057 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0049 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm

Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 058 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0033 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm

Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 059 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Massa: 0.0022 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm

Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 060 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0022 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm

Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 061 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0022 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm

Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 062 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0047 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm

Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 063 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0023 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm

Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 064 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo de jarro trilobado em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Bico: Trilobulada cm

Massa: 0.0013 Kg

Espessura Sup: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 065 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa/ bordo

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita

Massa: 0.0479 Kg

Altura

Largura : 3.6 cm cm

Diâmetro Asa: 1.2 cm

Espessura Sup: 0.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 066 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Asa de rolo em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Seção asa: Cilíndrica

Massa: 0.0286 Kg

Altura

Largura : 1.9 cm cm

Diâmetro Asa: 1.9 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 067, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Asas em fita em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 11

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Massa: 0.1764 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 078, 79, 80 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bases em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Massa: 0.0134 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 081 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0075 Kg

Diâmetro Fundo: 17 cm

Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 082, 87, 92, 93 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Massa: 0.0705 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 083 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0548 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm

Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 084 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0107 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm

Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 085 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0068 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm

Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 086 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0056 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm

Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 088 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0202 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm

Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 089 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0311 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm

Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 090 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0325 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm

Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 091 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.082 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm

Percentagem: 35 %

Identificação

Nº inventário/achado: 094 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede em cerâmica comum romana decorada

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Massa: 0.0021 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas diagonais e bandas horizontais incisas.

Espessura Corpo: 0.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 095, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 91

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira

Produção: Local

Massa: 0.9155 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 186 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VII

Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Local

Massa: 0.0167 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm

Percentagem: 11 %

Espessura Fundo: 0.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 187 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VII

Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Local

Massa: 0.1159 Kg

Diâmetro Fundo: 13 cm

Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 188 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Base de caneca em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV

Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Caneca

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0038 Kg

Acabamento Interior: Alisado

Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante

Tamanho: Pequena

Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 6 cm

Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 189, 190, 192, 193, 195 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica cinzenta tardia G1.

Cronologia Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0316 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 191, 194, 196, 197, 200 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Paredes em cerâmica cinzenta tardia G2.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0665 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 198 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0032 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 199 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.020 Kg

Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Grosseiro	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 201 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0106 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 202 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0123 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Plástica	Fita vertical com repuxados e digitais.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 203 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica comum moderna

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0087 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 204 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede em cerâmica comum moderna

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Cozedura: Redutora

Massa: 0,0037 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 205 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Bordo em cerâmica vidrada moderna.

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo

Categoria: Vidrada Moderna | Produção: Barcelos

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado | Lábio: Arredondado

Massa: 0.0057 Kg

Acabamento Interior: Engobado | Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 206 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Parede em cerâmica vidrada moderna.

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Moderna | Produção: Barcelos

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0033 Kg

Espessura Corpo: 0.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 207 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção | Produção: Local

Massa: 0.1186 Kg

Decoração Local: Exterior | Técnica: Plástica | A superfície superior apresenta uma aguada avermelhada,

Acabamento Interior: Grosseiro | Exterior: Engobado

Inclusões Frequência: Moderada | Tamanho: Grande | Material: Mica,quartzo,outros

Espessura Corpo: 2.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 208 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Elemento decorativo em later.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Produção: Local

Massa: 0.1128 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Moldura	A superfície superior é decorada com um motivo elíptico indeterminado inserido numa moldura.
Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Grande	Material: Mica,quartzo,outros
Espessura	Corpo: 2.3 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 209 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tégula romana com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Duas linhas incisas paralelas

Espessura Corpo: 3.2 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 210 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de imbrex com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Imbrice

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 2.1 cm

Identificação

Nº inventário/achado: 211 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: I

Espessura Corpo: 3.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 212 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 2.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 213 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: - - - -

Espessura Corpo: 2.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 214 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: +

Espessura Corpo: 1.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 215 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: V

Espessura Corpo: 2.4 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 215 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: /

Espessura Corpo: 2.5 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 216 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: +

Espessura Corpo: 3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 217 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 5.7 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 218 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 3 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 220 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: A

Espessura Corpo: 2.6 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 221 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: | |

Espessura Corpo: 4.8 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 222 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 3.7 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 223 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmento de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Espessura Corpo: 2.9 cm cm

Identificação

Nº inventário/achado: 224, 225 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmentos de tijolo romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: =

Identificação

Nº inventário/achado: 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmentos de tijolos romanos com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: (

Identificação

Nº inventário/achado: 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmentos de tijolos romano com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: -

Identificação

Nº inventário/achado: 241, 242 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmentos de tijolos romanos com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Identificação

Nº inventário/achado: 243, 244 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmentos de tijolos romanos com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: Digital (dois dedos)

Identificação

Nº inventário/achado: 245, 246 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmentos de tijolos romanos com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Identificação

Nº inventário/achado: 247, 248 (2022)

Sondagem: TR364

UE: 1039

Fragmentos de tijolos romanos com marca

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Tijolo

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Decoração Marca: =

Identificação

Nº inventário/achado: 1,2

Sondagem: TR385

UE: 1078

2 bordes de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 10

Sondagem: TR385

UE: 1078

1 parede de cerâmica comum fina

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 11

Sondagem: TR385

UE: 1078

1 parede de TSHT decorada. Posible Drag. 37t

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Vale do Ebro Tipologia: Dragendorff 37

Identificação

Nº inventário/achado: 3,4,5,6,7

Sondagem: TR385

UE: 1078

5 paredes de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 8

Sondagem: TR385

UE: 1078

1 parede de cerâmica comum romana pintada

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Parede

Categoria: Pintada Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 9

Sondagem: TR385

UE: 1078

1 borde de cerâmica comum fina

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 1

Sondagem: TR386

UE: 1211

1 jarro de engobe branco

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Engobe Branco Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 2

Sondagem: TR386

UE: 1211

1 base de cerâmica comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 3,4,5,6,7,8

Sondagem: TR386

UE: 1211

6 paredes de comum romana

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Apêndice 2

Zona arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão, nºs 166/168

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Lista de Cerâmicas

Rua Frei Caetano Brandão, 166-168

Identificação

Nº inventário/achado: 0002

Sondagem: S02

UE: 047

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0374 Kg

Diâmetro Bordo: 28 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0003

Sondagem: S02

UE: 047

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0418 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0004

Sondagem: S02

UE: 047

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.074 Kg

Diâmetro Bordo: 13 cm Percentagem: 32.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: S02

UE: 047

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0236 Kg

Diâmetro Bordo: 13 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0006

Sondagem: S02

UE: 047

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0081 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0007

Sondagem: S02

UE: 047

Bordo em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0434 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 9.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0008

Sondagem: S02

UE: 047

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.063 Kg

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0009

Sondagem: S02

UE: 047

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0416 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0010

Sondagem: S02

UE: 047

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0451 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 31 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0011, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Sondagem: S02

UE: 047

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 33 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.229 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0043

Sondagem: S02

UE: 047

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0424 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0044

Sondagem: S02

UE: 047

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.012 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0045, 46, 47, 48, 49

Sondagem: S02

UE: 047

Parede em cerâmica cinzenta tardia.



Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0625 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: Xx

Sondagem: S02

UE: 047

14 kg. material de contruçao

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 14

Categoria: Material de construção

Identificação

Nº inventário/achado: 0001, 2

Sondagem: S03

UE: 075

Parede em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Datação: -16-50 Cronologia: I a.C.-I Período: Idade do Ferro

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0245 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0004

Sondagem: S03

UE: 075

Base de TSH.



Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0025 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: S03

UE: 075

Parede de TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0085 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0006

Sondagem: S03

UE: 075

Base de ARSW, D.

Cronologia Datação: 400-600 Cronologia: V-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Africana D

Massa: 0.0103 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0007, 8

Sondagem: S03

UE: 075

Parede em cerâmica comum fina.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0134 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0009

Sondagem: S03

UE: 075

Parede em cerâmica pintada fina.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cerâmica Pintada Produção: Local

Massa: 0.0039 Kg

Coloração Pintada: Sim

Decoração Local: Parede Técnica: Aplicada Linhas vermelhas horizontais pintadas.

Identificação

Nº inventário/achado: 0010

Sondagem: S03

UE: 075

Parede de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0038 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0011 (+ 12)

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Datação: 300-500 Cronologia: IV-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0201 Kg

Diâmetro Fundo: 5 cm Percentagem: 37.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0013

Sondagem: S03

UE: 075

Base de ânfora de Halt. 70.

Cronologia Cronologia: Séc. I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Ânfora Produção: Bética Guadalquivir Tipologia: Haltern 70

Massa: 0.1904 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0014, 15, 16

Sondagem: S03

UE: 075

Parede de ânfora bética.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Bética

Massa: 0.2364 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0017

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de ânfora lusitana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Ânfora Produção: Lusitana

Massa: 0.0442 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0018

Sondagem: S03

UE: 075

Peça discoidal em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Peça discoidal

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0222 Kg

Diâmetro Sup: 6 cm Percentagem: 57.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0019

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0099 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0020

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0089 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0021

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0059 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0022

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0412 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0023

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0168 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0024

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0066 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0025

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0064 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0026

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0035 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0027

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0043 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0028

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0038 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0029

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0159 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0030

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0343 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0031

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0364 Kg

Diâmetro Fundo: 18 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0032

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0274 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 23.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0033

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.060 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0034, 35

Sondagem: S03

UE: 075

Asa em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Cronologia: - 16-50 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.1507 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0036, 37, 38, 39

Sondagem: S03

UE: 075

Asas em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0925 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0040

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0256 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0041

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0086 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0042

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0083 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0043

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0138 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0044, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Sondagem: S03

UE: 075

Paredes em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 39 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.4484 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0083

Sondagem: S03

UE: 075

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.017 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0084, 86, 3

Sondagem: S03

UE: 075

Paredes de cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.020 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0085

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0263 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0087

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0258 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 27.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0088, 89, 90, 91

Sondagem: S03

UE: 075

Paredes em cerâmica baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0146 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0092, 98, 99

Sondagem: S03

UE: 075

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0375 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0093

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0023 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0094, 96, 97

Sondagem: S03

UE: 075

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0484 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0095

Sondagem: S03

UE: 075

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0183 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0100

Sondagem: S03

UE: 075

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0049 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0101, 102, 103, 104

Sondagem: S03

UE: 075

Fragmentos de material de construção.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Massa: 0.4172 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0001, 2

Sondagem: S07

UE: 152

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: i Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0109 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0003

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de taça em TSHT (forma 9/11).

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia Tipologia: Hispânica 11

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0088 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0004

Sondagem: S07

UE: 152

Parede decorada em TSHT.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0134 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Punção Elementos geométricos moldados.

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de travessa de ARSW, D Hayes 106.

Cronologia Datação: 600-660 Cronologia: VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Travessa

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata Produção: Africana D Tipologia: Hayes 106

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0733 Kg

Diâmetro Bordo: 56 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0006

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de prato de ARSW, D Hayes 105.

Cronologia Datação: 580-660 Cronologia: VI-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata Produção: Africana D Tipologia: Hayes 105

Massa: 0.006 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0007

Sondagem: S07

UE: 152

Perfil completo de prato em engobe vermelho tardio. Imita ARSW Hayes 59B.

Cronologia Datação: 320-420 Cronologia: IV-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local Tipologia: Hayes 59 B

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0751 Kg

Diâmetro Bordo: 30 cm Percentagem: 9.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0008

Sondagem: S07

UE: 152

Base em engobe vermelho tardio.

Cronologia Datação: 300-500 Cronologia: IV-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0278 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 33 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0009

Sondagem: S07

UE: 152

Parede de ânfora.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Massa: 0.0131 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0010

Sondagem: S07

UE: 152

Parede de ânfora gálica.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Gálica

Massa: 0.0063 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0011

Sondagem: S07

UE: 152

Parede de ânfora africana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Africana

Massa: 0.0203 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0012

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0392 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0013

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0343 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 28 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0014

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0173 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0015

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0205 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0016

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0079 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0017

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0153 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0018

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0108 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0019

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de tigela em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0192 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0020

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0655 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 22 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0021

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0301 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0022

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0222 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 23 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0023

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0208 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0024

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0214 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0025

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0248 Kg

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0026

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0109 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0027, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Sondagem: S07

UE: 152

Paredes em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 33 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.4857 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0032

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 500-700 Cronologia: VI-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 0051

Sondagem: S07

UE: 152

Parede de almofariz em cerâmica vidrada romana.

Cronologia Datação: 500-700 Cronologia: VI-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Almofariz

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Produção: Local

Massa: 0.0531 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0052

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de taça em cerâmica cinzenta tardia. Imita DSP Rig. 22.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Rigoir 22

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0106 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0053

Sondagem: S07

UE: 152

Perfil completo de prato em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0234 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 3 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0054

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo de bilha em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bilha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0261 Kg

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0055, 56

Sondagem: S07

UE: 152

Paredes em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V - VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.025 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0057

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0194 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0058

Sondagem: S07

UE: 152

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0294 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0059, 60, 61

Sondagem: S07



UE: 152

Asas em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.068 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0072

Sondagem: S07

UE: 152

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0192 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0001

Sondagem: S10



UE: 179

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0221 Kg

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 28.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0002

Sondagem: S10

UE: 179

Asa em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Fina

Produção: Local

Seção asa: Fita

Massa: 0.011 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0003, 4, 5, 6, 7, 8

Sondagem: S10

UE: 179

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina

Produção: Local

Massa: 0.0733 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0009, 10

Sondagem: S10

UE: 179

Parede de ânfora de Gália.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Produção: Gálica

Massa: 0.6897 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0011

Sondagem: S10

UE: 179

Perfil completo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.015 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Fundo: 8 cm Percentagem: 12.5/15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0012

Sondagem: S10

UE: 179

Bordo de tigela em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0764 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0013

Sondagem: S10

UE: 179

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.023 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0014

Sondagem: S10

UE: 179

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0783 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0015

Sondagem: S10

UE: 179

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0332 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0016

Sondagem: S10

UE: 179

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0441 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0017

Sondagem: S10

UE: 179

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0105 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0018

Sondagem: S10

UE: 179

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Jarra

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.033 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0019

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0106 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0020 (+ 24)

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.068 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 32.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0021 (+26)

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1022 Kg

Diâmetro Fundo: 20 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0022 (+23)

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0803 Kg

Diâmetro Fundo: 18 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0025

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0412 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0027

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0275 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 21.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0028

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0297 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0029

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0127 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0030

Sondagem: S10

UE: 179

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0184 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0031, 32, 33

Sondagem: S10

UE: 179

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3

Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Seção asa: Fita

Massa: 0.132 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0033, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80 ,81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Sondagem: S10

UE: 179

Paredes em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 55 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.9794 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0001

Sondagem: S08

UE: 193

Parede de talha em cerâmica comum romana estampilhada.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Talha

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.2862 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Estampa/ Punção Estampilha horizontal em forma de flor e digitais com a mesma orientação.

Identificação

Nº inventário/achado: 0002

Sondagem: S08

UE: 193

Parede de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.2244 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0003

Sondagem: S08

UE: 193

Parede de ânfora.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Massa: 0.0329 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0004

Sondagem: S08

UE: 193

Asa de ânfora bética Haltern 70.

Cronologia Cronologia: I a.C. - I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Ânfora Produção: Bética Guadalquivir Tipologia: Haltern 70

Seção asa: Fita Massa: 0.2512 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: S08

UE: 193

Parede de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0122 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0006

Sondagem: S08

UE: 193

Parede de engobe vermelho tardio.

Cronologia Datação: 300-500 Cronologia: IV-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0048 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0007

Sondagem: S08

UE: 193

Bordo de taça ARSW D Hayes 91D.

Cronologia Datação: 600-650 Cronologia: VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Africana D Tipologia: Hayes 91 D

Massa: 0.014 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0008

Sondagem: S08

UE: 193

Parede de TSH.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0082 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0009, 10

Sondagem: S08

UE: 193

Parede de cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0113 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0011

Sondagem: S08

UE: 193

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Seção asa: Cilíndrica Massa: 0.0277 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0012

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0152 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0013

Sondagem: S08

UE: 193

Base de cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0247 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0014

Sondagem: S08

UE: 193

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0082 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0015

Sondagem: S08

UE: 193

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0051 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0016

Sondagem: S08

UE: 193

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0404 Kg

Diâmetro Bordo: 7 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0017, 18

Sondagem: S08

UE: 193

Peça discoidal em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Peça discoidal

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0173 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0019, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40

Sondagem: S08

UE: 193

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 11 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1423 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0020

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0111 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0021

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0107 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0022

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0274 Kg

Diâmetro Fundo: 17 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0023

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum baixo-medieva (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0119 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 18.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0024

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0426 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0025

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0349 Kg

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0026

Sondagem: S08

UE: 193

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.054 Kg

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0027

Sondagem: S08

UE: 193

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0051 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0028

Sondagem: S08

UE: 193

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0036 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0029

Sondagem: S08

UE: 193

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0104 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0037

Sondagem: S08

UE: 193

Parede decorada em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0044 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Canelura/ Incisão Canelura e linha incisa horizontal.

Identificação

Nº inventário/achado: 0041

Sondagem: S08

UE: 193

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Seção asa: Fita Massa: 0.0167 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0042, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Sondagem: S08

UE: 193

Paredes em cerâmica baixo medieval.

Cronologia Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 18

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 0042, 59

Sondagem: S08

UE: 193

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0974 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão/ Punção Linhas incisas e repuxos horizontais na parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 0043, 47, 48, 52, 53, 56, 57

Sondagem: S08

UE: 193

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0785 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0044, 45, 46, 49, 50, 51, 54

Sondagem: S08

UE: 193

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.043 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0055, 58, 60

Sondagem: S08

UE: 193

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0351 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Repuxada Repuxo horizontal na parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 0061

Sondagem: S08

UE: 193

Fragmento de material de construção reaproveitado (possível molde).

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Molde

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Massa: 0.4311 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0062

Sondagem: S08

UE: 193

Fragmento de material de construção romano, com marca.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tijolo

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 0001

Sondagem: S12

UE: 213

Parede decorada em cerâmica comum fina.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0018 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 0002

Sondagem: S12

UE: 213

Parede de ânfora.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Massa: 0.0147 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0003, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33

Sondagem: S12

UE: 213

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 18 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.2028 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0004

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0399 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm

Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0073 Kg

Diâmetro Bordo: 7 cm

Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0006

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0063 Kg

Diâmetro Bordo: 10 cm

Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0007

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.010 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 9.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0008

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0337 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0009

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0138 Kg

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 23 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0010

Sondagem: S12

UE: 213

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0395 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0011

Sondagem: S12

UE: 213

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0064 Kg

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0012

Sondagem: S12

UE: 213

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0229 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 27.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0013

Sondagem: S12

UE: 213

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0161 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0014

Sondagem: S12

UE: 213

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0443 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0015, 16

Sondagem: S12

UE: 213

Paredes decoradas com arranque de asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0522 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais e diagonais incisas.

Identificação

Nº inventário/achado: 0034

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0469 Kg

Diâmetro Fundo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0035

Sondagem: S12

UE: 213

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.1104 Kg

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 60 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0036, 37

Sondagem: S12

UE: 213

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Massa: 0.0077 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0038, 39, 40

Sondagem: S12

UE: 213

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0389 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0041

Sondagem: S12

UE: 213

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.012 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0042

Sondagem: S12

UE: 213

Base em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Massa: 0.0102 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0001, 2

Sondagem: S12

UE: 218

Parede em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Datação: -16-50 Cronologia: I a.C.-I Período: Idade do Ferro

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0369 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0003

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Datação: -16-50 Cronologia: I a.C.-I Período: Idade do Ferro

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0169 Kg

Diâmetro Fundo: 18 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0004

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo em TSHT.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0093 Kg

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de prato em ARSW D Hayes 104B.

Cronologia Datação: 570-625 Cronologia: VI-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Africana D Tipologia: Hayes 104 B

Massa: 0.0301 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0006

Sondagem: S12

UE: 218

Parede em LRC. Apresenta uma perfuração.

Cronologia Datação: 500-700 Cronologia: VI-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Focense

Massa: 0.0126 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0007

Sondagem: S12

UE: 218

Base em engobe vermelho tardio.

Cronologia Datação: 300-500 Cronologia: IV-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.1008 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0008

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de copo em cerâmica comum fina.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Copo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0015 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0009

Sondagem: S12

UE: 218

Parede em engobe branco.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Branco Produção: Local

Massa: 0.0059 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0010, 11, 12

Sondagem: S12

UE: 218

Paredes de ânfora.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora

Massa: 0.0547 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0013, 14

Sondagem: S12

UE: 218

Paredes de ânfora africana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Africana

Massa: 0.0262 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0015

Sondagem: S12

UE: 218

Asa de ânfora gálica.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Ânfora Produção: Gálica

Seção asa: Fita Massa: 0.0609 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0016

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Massa: 0.1716 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0017

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0394 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0018

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0191 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0019

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0185 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0020

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0177 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0021

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0132 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0022

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0104 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0023

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0165 Kg

Diâmetro Bordo: 13 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0024, 25

Sondagem: S12

UE: 218

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0404 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0026

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0118 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0027

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0076 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0028

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0179 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0029

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0395 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0030

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0643 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 90 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0031, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56



Sondagem: S12

UE: 218

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 26 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.4009 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0057

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de taça em cerâmica cinzenta tardia (G1). Imita ARSW Hayes 52B.

Cronologia Datação: 280-425 Cronologia: III-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Hayes 52 B

Massa: 0.0171 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0058

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de taça em cerâmica cinzenta tardia (G1). Imita DSP Rig. 22.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Rigoir 22

Massa: 0.0161 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0059

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de taça em cerâmica cinzenta tardia (G1). Imita TSHT Forma 8.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Forma 8 T

Massa: 0.0272 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0060

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de taça em cerâmica cinzenta tardia (G1). Imita DSP Rig. 22.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Rigoir 22

Massa: 0.0137 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0061

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0271 Kg

Diâmetro Bordo: 30 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0062

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.1108 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 75 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0062, 63, 64, 65



Sondagem: S12

UE: 218

Bases em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4

Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 0063

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0742 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0064

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0263 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0065

Sondagem: S12

UE: 218

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0199 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0066, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Sondagem: S12

UE: 218

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.1385 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0069

Sondagem: S12

UE: 218

Parede decorada em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0037 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 0078

Sondagem: S12

UE: 218

Fragmento de material de construção.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Massa: 0.0351 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0079

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0048 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0080

Sondagem: S12

UE: 218

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0089 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0001, 2

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Datação: -16-50 Cronologia: I a.C.-I Período: Idade do Ferro

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0284 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0003, 4

Sondagem: S12

UE: 258

Parede em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Datação: -16-50 Cronologia: I a.C.-I Período: Idade do Ferro

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0142 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de jarro em cerâmica comum fina.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0704 Kg

Diâmetro Bordo: 6 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0006, 7, 138, 139

Sondagem: S12

UE: 258

Parede em cerâmica comum fina.

Cronologia Datação: 0-200 Cronologia: I-II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0253 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0008, 9

Sondagem: S12

UE: 258

Parede em cerâmica pintada fina.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cerâmica Pintada Produção: Local

Massa: 0.0109 Kg

Coloração Pintada: Sim

Decoração Local: Parede Técnica: Plástica Pintura a branco na face externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 0010

Sondagem: S12

UE: 258

Parede em cerâmica de engobe branco.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Branco Produção: Local

Massa: 0.0041 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0011

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de taça em TSHT.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0111 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0012

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo/parede em TSHT Forma 8.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia Tipologia: Forma 8 T

Massa: 0.0272 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0013

Sondagem: S12

UE: 258

Peça discoidal de ARSW D.

Cronologia Datação: 300-600 Cronologia: IV-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Peça discoidal

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Sigillata Produção: Africana D

Massa: 0.0285 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0014, 15

Sondagem: S12

UE: 258

Paredes em TSHT.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia

Massa: 0.0067 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0016

Sondagem: S12

UE: 258

Parede em engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0144 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0017

Sondagem: S12

UE: 258

Parede em engobe vermelho tardio.

Cronologia Datação: 300-500 Cronologia: IV-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0033 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0018

Sondagem: S12

UE: 258

Parede de ânfora gálica.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Gálica

Massa: 0.0327 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0019

Sondagem: S12

UE: 258

Perfil completo de prato em cerâmica cinzenta tardia (G1). Imita ARSW Hayes 59B.

Cronologia Datação: 320-420 Cronologia: IV-V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Hayes 59 B

Massa: 0.0281 Kg

Diâmetro Bordo: 30 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0020

Sondagem: S12

UE: 258

Perfil completo de taça em cerâmica cinzenta tardia (G1). Imita Africana D Hayes 97.

Cronologia Datação: 490-550 Cronologia: V-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Taça

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Hayes 97

Massa: 0.0462 Kg

Diâmetro Bordo: 10 cm Fundo: 5 cm Percentagem: 17.5/100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0021

Sondagem: S12

UE: 258

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0091 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0022

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0123 Kg

Diâmetro Bordo: 21 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0023

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0098 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0024, 50, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Sondagem: S12

UE: 258

Paredes em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 140 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 2.3367 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0025

Sondagem: S12

UE: 258

Tegula reaproveitada como peso.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Peso

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Instrumentos e utensílios Produção: Local

Massa: 0.3868 Kg

Diâmetro Sup: 13 cm Percentagem: 82.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0026

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 1.8429 Kg

Diâmetro Bordo: 40 cm

Percentagem: 48 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0027

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de bilha em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bilha

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.0337 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm

Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0028

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.2658 Kg

Diâmetro Bordo: 36 cm

Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0029

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum

Produção: Local

Massa: 0.2968 Kg

Diâmetro Bordo: 36 cm

Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0030

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0729 Kg

Diâmetro Bordo: 36 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0031

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0161 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0032

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0371 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0033

Sondagem: S12

UE: 258

Perfil completo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1758 Kg

Diâmetro Bordo: 36 cm Percentagem: 23 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0034

Sondagem: S12

UE: 258

Perfil completo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0867 Kg

Diâmetro Bordo: 28 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0035

Sondagem: S12



UE: 258

Bordo e bico de almofariz em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Almofariz

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bico/ bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1698 Kg

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0036

Sondagem: S12



UE: 258

Base de almofariz em cerâmica vidrada romana.

Cronologia Datação: 500-700 Cronologia: VI-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 18 Forma: Almofariz

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Vidrada Produção: Local

Massa: 0.6915 Kg

Diâmetro Fundo: 20 cm Percentagem: 45 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0037

Sondagem: S12



UE: 258

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0108 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0038

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0139 Kg

Diâmetro Bordo: 6 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0039

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0065 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0040

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarra

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0032 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0041

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0065 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0042

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0147 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0043

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0047 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0044

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0686 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0045

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0302 Kg

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0046

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.012 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0047

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0515 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 33 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0048

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0065 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0049

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0188 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0051

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0085 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0052

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0196 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 30.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0053

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.2643 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 35 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0055

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0532 Kg

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 32.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0056

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0124 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0058

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0259 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0059

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0472 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 21.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0060, 61

Sondagem: S12

UE: 258

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0516 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0061

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0115 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0062

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0223 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0063

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0245 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0064

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0357 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0065

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0137 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0066

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0262 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0067

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0167 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0068

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0478 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0070

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.017 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0071

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0106 Kg

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 23 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0072

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0612 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0094

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1508 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0117

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0269 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0171

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0427 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0172

Sondagem: S12

UE: 258

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0316 Kg

Diâmetro Bordo: 28 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 057

Sondagem: S12

UE: 258

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0195 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 0001

Sondagem: S12

UE: 275

Bordo de bilha em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bilha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.040 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 19 %

Apêndice 3

Zona arqueológica do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo/Santiago

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Lista de Cerâmicas

Seminário S. Pedro, S. Paulo e Museu PIO XII

Identificação

Nº inventário/achado: 01

Sondagem: S2

UE: 092

Base em ARSW Clara D.

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Sigillata Produção: Africana D

Massa: 0.0142 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 02

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0096 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 3.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 03

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0058 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 04 (+5)

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0032 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 06

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0036 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 07

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0035 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 08

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.005 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 3 %

Identificação

Nº inventário/achado: 09

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0056 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 3.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 10

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0071 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 11

Sondagem: S2

UE: 092

Base de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0079 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 13 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1845 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 25

Sondagem: S2

UE: 092

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.022 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0479 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 32

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Indefinido Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0077 Kg

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 33

Sondagem: S2

UE: 092

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0034 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 34 (+ 37, 39, 61, 77, xx), 38

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0564 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Incisão Bandas horizontais com linhas diagonais incisas e linhas incisas horizontais e onduladas.

Identificação

Nº inventário/achado: 35, 49

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0235 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Digital Bandas horizontais e verticais com digitais.

Identificação

Nº inventário/achado: 40, 46, 65, 73, 74

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0247 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 41, 42, 47, 50, 55 (+ 61, 71), 67, 68, 72, 76

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 11 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0465 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 43

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0085 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Repuxada Linha horizontal repuxada.

Identificação

Nº inventário/achado: 44, 62, 78

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0134 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão/ Punção Linhas horizontais incisas e meias-luas na horizontal.

Identificação

Nº inventário/achado: 45

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0126 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Incisão / Punção Cordão vertical, linha incisa horizontal e furos alinhados na vertical.

Identificação

Nº inventário/achado: 48, 54, 59, 82, 84, 85, 86

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5). O fragmento com o nº de inventário 86 foi enviado ao Laboratório Hércules para análises.

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0343 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 51, 53, 57, 58, 60, 69, 70, 79, 80

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0458 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 52, 55, 66, 81, 83

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0163 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 75

Sondagem: S2

UE: 092

Parede em cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Moderna

Massa: 0.0031 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 82

Sondagem: S2

UE: 092

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0044 Kg

Diâmetro Fundo: 18 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 85

Sondagem: S2

UE: 092

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Seção asa: Fita Massa: 0.002 Kg

Decoração Local: Asa Técnica: Punção Perfurações.

Identificação

Nº inventário/achado: 86, 87

Sondagem: S2

UE: 092

Paredes cerâmica comum moderna

Cronologia Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 88

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0184 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 89

Sondagem: S2

UE: 092

Tigela em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0517 Kg

Diâmetro Bordo: 30 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 90

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0041 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 91

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0079 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 92

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0022 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 93

Sondagem: S2

UE: 092

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0062 Kg

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 94

Sondagem: S2

UE: 092

1 base de cerâmica comum contemporânea

Cronologia Período: Idade contemporânea

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Regional

Identificação

Nº inventário/achado: 95

Sondagem: S2

UE: 092

1 borde de cerâmica de idade média baixa

Cronologia Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Medieval Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 96

Sondagem: S2

UE: 092

Base de jarro em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0504 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 97

Sondagem: S2

UE: 092

Material de construção medieval.

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Massa: 0.0271 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 98

Sondagem: S2

UE: 092

1 vidro romano

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Identificação

Nº inventário/achado: 001

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de prato em TSHT.

Cronologia Datação: 400-600 Cronologia: V-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tardia Tipologia: Paz Peralta 83

Massa: 0.0101 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 002

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.005 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 003

Sondagem: S3

UE: 097

Testo em cerâmica comum tarraconense.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Tarraconense

Massa: 0.0181 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 004, 5, 6

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0045 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 007

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica de engobe branco.

Cronologia Datação: 400-600 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Engobe Branco Produção: Local

Massa: 0.002 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 008

Sondagem: S3

UE: 097

Disco de lucerna em cerâmica bracarense.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Lucerna

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Disco

Categoria: Bracarense Produção: Local

Massa: 0.0015 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 009

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica pintada fina.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0025 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 010

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1025 Kg

Diâmetro Fundo: 28 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 011

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0297 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 012, 13, 14, 15, 16, 17

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0404 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 018

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0038 Kg

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 30 %

Identificação

Nº inventário/achado: 019

Sondagem: S3

UE: 097

Base em comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0146 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 020, 21, 22, 23, 24

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.017 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 025

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0071 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Aplicada Mamilos na parte externa da parede, junto ao bordo.

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 026

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.004 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 3 %

Identificação

Nº inventário/achado: 027

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0088 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 028

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0035 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 029, 40

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0098 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 030, 038, 039

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0095 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 031

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0072 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Repuxada Repuxos na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 032, 35, 36

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0157 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 033, 34

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0076 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 037

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0014 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 041

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0042 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Incisão Cordão horizontal e linhas incisas diagonais.

Identificação

Nº inventário/achado: 042, 43

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0057 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 044

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de talha em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Talha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1114 Kg

Diâmetro Bordo: 38 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 045

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0075 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 046

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0059 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 047

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0085 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 048

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0031 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 049

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0037 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 050

Sondagem: S3

UE: 097

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0052 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 051

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0176 Kg

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 052

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0076 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 053

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0186 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 054

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0155 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 055

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0289 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 057

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0148 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 058

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0047 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 059

Sondagem: S3

UE: 097

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0587 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 060 - 107, 109

Sondagem: S3

UE: 097

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 48 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.521 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 108

Sondagem: S3

UE: 097

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0055 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 110

Sondagem: S3

UE: 097

Fragmento de material de construção romano.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Material de construção Produção: Local

Massa: 0.0526 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 111

Sondagem: S3

UE: 097

Base de prato em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Massa: 0.0291 Kg

Decoração Local: Base Técnica: Cordão/ Incisão Cordão horizontal e linhas incisas verticais.

Identificação

Nº inventário/achado: 112

Sondagem: S3

UE: 097

Parede de almofariz em cerâmica vidrada romana.

Cronologia Datação: 400-600 Cronologia: V-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Almofariz

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Comum Produção: Local

Massa: 0.0059 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 01

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de tigela em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tipologia: Dragendorff 35

Massa: 0.0023 Kg

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 02

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0015 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 03

Sondagem: S1

UE: 111

Parede em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.001 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 04

Sondagem: S1

UE: 111

Parede em cerâmica de engobe branco.

Cronologia Datação: 400-500 Cronologia: V Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Branco Produção: Local

Massa: 0.0037 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 05

Sondagem: S1

UE: 111

Base em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0092 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 06

Sondagem: S1

UE: 111

Parede em ARSW C.

Cronologia Cronologia: IV-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Africana C

Massa: 0.0157 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 07

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de prato em ARSW C.

Cronologia Cronologia: IV-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Africana C Tipologia: Lamb 40

Massa: 0.0314 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 08

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0119 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 09

Sondagem: S1

UE: 111

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0391 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 27.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 10

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de jarro em cerâmica cinzenta fina polida.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Fina Polida Produção: Local

Massa: 0.0052 Kg

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 11

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta fina polida.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Fina Polida Produção: Local

Massa: 0.005 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 12, 13, 14

Sondagem: S1

UE: 111

Parede em cerâmica cinzenta fina polida.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Fina Polida Produção: Local

Massa: 0.0101 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 15

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de jarro em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0139 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 16

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de caçarola em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Caçarola

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.1238 Kg

Diâmetro Bordo: 34 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 17

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de talha em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Talha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.1064 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 18

Sondagem: S1

UE: 111

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0976 Kg

Diâmetro Fundo: 28 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 19

Sondagem: S1

UE: 111

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0099 Kg

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 20

Sondagem: S1

UE: 111

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.0183 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 21

Sondagem: S1

UE: 111

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0155 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 22 - 42, 44 - 50

Sondagem: S1

UE: 111

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 28 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.3777 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 43, 96, 97, 98

Sondagem: S1

UE: 111

Fragmento de material de construção romano.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Massa: 0.0608 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 51

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0182 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 52

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0068 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 53

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0066 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 54

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0060 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 55

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0052 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 56

Sondagem: S1

UE: 111

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0051 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 57

Sondagem: S1

UE: 111

Testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0334 Kg

Diâmetro Sup: 16 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 58

Sondagem: S1

UE: 111

Base de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0889 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 59, 60, 61, 62

Sondagem: S1

UE: 111

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1015 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 63 - 71, 73 - 87, 89, 90

Sondagem: S1

UE: 111

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 26 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1954 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 72, 91

Sondagem: S1

UE: 111

Parede em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Cronologia: - 16-50 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0404 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 88

Sondagem: S1

UE: 111

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0077 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 92, 93, 94

Sondagem: S1

UE: 111

Parede de ânfora bética.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Bética Guadalquivir Tipologia: Haltern 70

Massa: 0.1796 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 95

Sondagem: S1

UE: 111

Parede de ânfora LRC.

Cronologia Cronologia: IV-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Oriental Tardia

Massa: 0.0203 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 01, 22

Sondagem: S2

UE: 116

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0863 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 02, 3, 4, 8, 18, 20

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0392 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 05

Sondagem: S2

UE: 116

Borde de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0085 Kg

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 06

Sondagem: S2

UE: 116

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Seção asa: Fita Massa: 0.0021 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 07

Sondagem: S2

UE: 116

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0062 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 09, 10, 23

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0119 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 11, 14

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0096 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão / Punção	Cordões triangulares e retangulares na vertical, os últimos com digitais, e linhas horizontais incisas.

Identificação

Nº inventário/achado: 12, 13

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.009 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão	Cordões triangulares verticais e linhas incisas horizontais e onduladas.

Identificação

Nº inventário/achado: 15

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0023 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 16

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0023 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 17

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Cronologia: VIII-XII Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0014 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 19

Sondagem: S2

UE: 116

Fragmento de material de construção romano.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Massa: 0.0306 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 21

Sondagem: S2

UE: 116

Base em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Cronologia: VIII-XII Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0087 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 24

Sondagem: S2

UE: 116

Parede em loiça vermelha de Prado.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Massa: 0.0038 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 01

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em TSH

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0048 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 02

Sondagem: S2

UE: 118

Parede de ânfora Haltern 70.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Bética Guadalquivir Tipologia: Haltern 70

Massa: 0.0166 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 03

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0628 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 04, 19

Sondagem: S2

UE: 118

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Seção asa: Fita Massa: 0.0386 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 05

Sondagem: S2

UE: 118

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0155 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 06

Sondagem: S2

UE: 118

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0158 Kg

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 07 (+ 8)

Sondagem: S2

UE: 118

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 00232 Kg

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 23 %

Identificação

Nº inventário/achado: 09

Sondagem: S2

UE: 118

Testo em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.004 Kg

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 10

Sondagem: S2

UE: 118

Bordo de jarro em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Seção asa: Fita Massa: 0.0186 Kg

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 11 (+ 44), 22 (+ 64), 31 (+ 46), 33, 35, 41, 52, 65

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 12 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0841 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Incisão Cordões e linhas incisas horizontais.

Identificação

Nº inventário/achado: 12 (+ 41, 51)

Sondagem: S2

UE: 118

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0389 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Incisão / Punção Bandas verticais com digitais e linhas incisas horizontais.

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 13

Sondagem: S2

UE: 118

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.011 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 14

Sondagem: S2

UE: 118

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0051 Kg

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 15

Sondagem: S2

UE: 118

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Massa: 0.008 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 16

Sondagem: S2

UE: 118

Base de pote em cerâmica comum baixo- medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0613 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 54 %

Identificação

Nº inventário/achado: 16, 28, 30, 57, 73

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5). O fragmento nº 16 foi enviado ao Laboratório Hércules para análises.

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0226 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 18

Sondagem: S2

UE: 118

Base de pote em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0305 Kg

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 20

Sondagem: S2

UE: 118

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Seção asa: Fita Massa: 0.0087 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 21, 24, 29, 37, 43, 54, 62, 67

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.046 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 23, 32, 39 (+ 63), 40, 56, 59, 60, 61, 66

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 10 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0604 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão / Punção	Cordões horizontais puncionados com unhas ou digitais, linhas incisas horizontais e punções ungulares em seguimentos horizontais.

Identificação

Nº inventário/achado: 25, 26, 34, 38, 71

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0322 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 27, 36, 42, 45, 47 (+ 53), 48, 50

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0359 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 55, 58, 65, 69, 70

Sondagem: S2

UE: 118

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0165 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 72

Sondagem: S2

UE: 118

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Seção asa: Fita Massa: 0.011 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 74

Sondagem: S2

UE: 118

Base em faiança.

Cronologia Cronologia: XVI-XVII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Faiança Produção: Nacional

Massa: 0.0014 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 001 (+6)

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de tigela em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1358 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 002

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0067 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 3 %

Identificação

Nº inventário/achado: 003

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.006 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 004

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0055 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 005

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0094 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 007 (+12)

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1451 Kg

Diâmetro Bordo: 34 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 009, 37 - 43

Sondagem: S3

UE: 123

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.3257 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 010

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de jarro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0272 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 011

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.011 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 013

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0035 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 014

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0034 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 015

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de jarro trilobado em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.005 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 016

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0112 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 017

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0186 Kg

Diâmetro Bordo: 13 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 018

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0228 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 019

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0031 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 020

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0049 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 022

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.022 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 023

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0076 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 024

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de talha em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Talha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.121 Kg

Diâmetro Bordo: 30 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 025

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0226 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 33 %

Identificação

Nº inventário/achado: 026

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0176 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 30 %

Identificação

Nº inventário/achado: 027

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0214 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 028

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0112 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 029

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0177 Kg

Diâmetro Fundo: 5 cm Percentagem: 31 %

Identificação

Nº inventário/achado: 030

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0159 Kg

Diâmetro Fundo: 5 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 031

Sondagem: S3

UE: 123

Fragmento de testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0232 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 032

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0615 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 41 %

Identificação

Nº inventário/achado: 033

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0098 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 034 (+35)

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0314 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 17 %

Identificação

Nº inventário/achado: 036

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1328 Kg

Diâmetro Fundo: 18 cm Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 044 - 76, 116 - 125, 127, 129 - 133, 135 - 272, 274 - 277, 279 - 304

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 249 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 3.2255 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 085

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0074 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 102

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0046 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 115

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0141 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 2.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 126

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.009 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 128

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0054 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 134

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0123 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 273

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.031 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 20.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 278, 588, 594

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0233 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 305

Sondagem: S3

UE: 123

Fragmento de testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0195 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 306

Sondagem: S3

UE: 123

Fragmento de testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.009 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 307

Sondagem: S3

UE: 123

Fragmento de testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0118 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 308

Sondagem: S3

UE: 123

Fragmento de testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0066 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 309, 310, 311, 312

Sondagem: S3

UE: 123

Parede de ânfora bética.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Bética

Massa: 0.359 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 313

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Massa: 1.200 Kg

Diâmetro Bordo: 56 cm Percentagem: 30 %

Identificação

Nº inventário/achado: 314

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Massa: 0.4395 Kg

Diâmetro Bordo: 52 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 315

Sondagem: S3

UE: 123

Base de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0645 Kg

Diâmetro Fundo: 30 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 316, 317, 318, 320

Sondagem: S3

UE: 123

Parede de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Massa: 0.2436 Kg

Decoração Marca: Sim

Identificação

Nº inventário/achado: 319

Sondagem: S3

UE: 123

Parede de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Massa: 0.2261 Kg

Decoração Marca: PR-

Identificação

Nº inventário/achado: 321

Sondagem: S3

UE: 123

Base de dolium.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Dolium

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Massa: 0.3041 Kg

Diâmetro Fundo: 24 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 322, 323, 324, 325

Sondagem: S3

UE: 123

Peso de tear.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Peso de tear

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 1.1005 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 326

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de armofariz em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Almofariz

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.1726 Kg

Diâmetro Bordo: 28 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 327

Sondagem: S3

UE: 123

Borde em cerâmica bracarense.

Cronologia Cronologia: 50-125 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Bracarense Produção: Local

Massa: 0.0033 Kg

Diâmetro Bordo: 9 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 328

Sondagem: S3

UE: 123

Asa em cerâmica bracarense.

Cronologia Cronologia: 50-125 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Bracarense Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0064 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 329, 330, 332, 333

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica bracarense.

Cronologia Cronologia: 50-125 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Bracarense Produção: Local

Massa: 0.0111 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 331

Sondagem: S3

UE: 123

Fragmento de lucerna em cerâmica bracarense.

Cronologia Cronologia: 50-125 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Lucerna

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Disco

Categoria: Bracarense Produção: Local

Massa: 0.0014 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 334

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.005 Kg

Diâmetro Bordo: 13 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 335

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0026 Kg

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 336

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0056 Kg

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 27.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 337

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0062 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 338

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0096 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 9.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 339

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0059 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 340

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0046 Kg

Diâmetro Bordo: 6 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 341

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0075 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 342

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0111 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 343

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0032 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 344 (+355)

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0341 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 35 %

Identificação

Nº inventário/achado: 345

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0134 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 21.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 346

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0152 Kg

Diâmetro Fundo: 5 cm Percentagem: 45 %

Identificação

Nº inventário/achado: 347

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0303 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 348

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0052 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 349

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0067 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 350

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0189 Kg

Diâmetro Fundo: 5.8 cm Percentagem: 80 %

Identificação

Nº inventário/achado: 351

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmic comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0041 Kg

Diâmetro Fundo: 5 cm Percentagem: 28 %

Identificação

Nº inventário/achado: 352

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0094 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 353

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0043 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 354

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0166 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 30 %

Identificação

Nº inventário/achado: 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

Sondagem: S3

UE: 123

Asa em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0826 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 363

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0084 Kg

Diâmetro Bordo: 9 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 364

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina pintada romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0053 Kg

Coloração Pintada: Sim

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 365

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina pintada romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0109 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 366, 367, 368, 369

Sondagem: S3

UE: 123

Asa em cerâmica comum fina pintada romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0481 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica comum fina pintada romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 11 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0828 Kg

Coloração Pintada: Sim

Identificação

Nº inventário/achado: 379, 424, 427, 484, 485

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.025 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais e diagonais incisas na pate externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 380 - 404, 406 - 418, 420 - 423, 426, 428 - 449, 451 - 456, 458 - 483, 486 - 489

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 102 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.5579 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 405

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0048 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 419, 450, 457, 461

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0154 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 425

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Massa: 0.0039 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 490

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em cerâmica cinzenta fina polida.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Fina Polida Produção: Local

Massa: 0.0078 Kg

Diâmetro Bordo: 9 cm Percentagem: 34.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 491

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0027 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 492

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de taça em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tipologia: Dragendorff 15-17

Massa: 0.0028 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 493

Sondagem: S3

UE: 123

Borde de taça em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tipologia: Dragendorff 33

Massa: 0.0101 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 494

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de taça em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tipologia: Dragendorff 37

Massa: 0.0024 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 495

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0022 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 496, 499, 555, 556, 567

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0051 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 497

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0033 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 498

Sondagem: S3

UE: 123

1 borde de TSH Drag. 15/17

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Bordo

Categoria: Sigillata | Produção: Hispânica | Tipologia: Dragendorff 15/17

Identificação

Nº inventário/achado: 500, 517, 554

Sondagem: S3

UE: 123

Paredes de taça em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II | Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Taça

Estado da Peça: Indefinido | Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata | Produção: Hispânica | Tipologia: Dragendorff 15-17

Massa: 0.0202 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 501

Sondagem: S3

UE: 123

Peça discoidal em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II | Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Peça discoidal

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Sigillata | Produção: Hispânica

Massa: 0.0059 Kg

Diâmetro Sup: 4.5 cm | Percentagem: 40 %

Identificação

Nº inventário/achado: 502, 506, 510, 511, 513, 515, 517, 518

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II | Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Base

Categoria: Sigillata | Produção: Hispânica

Massa: 0.0319 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 503

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0263 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 504

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.023 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 505

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0082 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 507

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0123 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 508

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.008 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 17 %

Identificação

Nº inventário/achado: 509

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0042 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 512

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0022 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 514

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0043 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 516

Sondagem: S3

UE: 123

Base em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.0044 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 519 - 553, 557 - 566, 568 - 571

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em TSH.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 49 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica

Massa: 0.1233 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 572, 573, 574, 575

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Cronologia: - 16-50 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Local

Massa: 0.0475 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 576

Sondagem: S3

UE: 123

Borde de taça em cerâmica de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0254 Kg

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 3 %

Identificação

Nº inventário/achado: 577

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0188 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 578

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0082 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 579

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de prato em cerâmica de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0153 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 580

Sondagem: S3

UE: 123

Borde em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0015 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 581

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de pote em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0081 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 582

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0061 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 583

Sondagem: S3

UE: 123

Base em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0306 Kg

Diâmetro Fundo: 24 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 584

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de púcaro em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Seção asa: Fita Massa: 0.0047 Kg

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 585

Sondagem: S3

UE: 123

Asa em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Seção asa: Cilíndrica Massa: 0.0198 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 586

Sondagem: S3

UE: 123

Asa em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Seção asa: Cilíndrica Massa: 0.0077 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 587, 590, 591, 592, 593, 595, 596, 597, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 15 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0859 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 589, 598

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica de engobe vermelho.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Massa: 0.0182 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 606

Sondagem: S3

UE: 123

1 parede de comun fina

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 607, 608

Sondagem: S3

UE: 123

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VIII

Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação

Produção: Local

Massa: 0.006 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 609

Sondagem: S3

UE: 123

Bordo de prato em cerâmic cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII

Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Local

Massa: 0.054 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm

Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 610, 611

Sondagem: S3

UE: 123

Fragmento de material de construção romano.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção

Produção: Local

Massa: 1.5296 Kg

Decoração Marca: Sim

Apêndice 4

Zona arqueológica da rua Nossa Senhora do Leite, nºs 8/10

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Lista de Cerâmicas

Rua Nossa Senhora do Leite, 8-10

Identificação



Nº inventário/achado: 1

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica comum grosseira

Cronologia Cronologia: seculo I/V Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Grosseira Produção: Local

Espessura Corpo: 0.3 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 10

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica comum medieval. Apresenta fuligem no exterior

Cronologia Cronologia: Séc-XI Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Espessura Corpo: 0.4 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 11

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica comum medieval

Cronologia Cronologia: Séc-XI Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Espessura Corpo: 0.3 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 12, 13

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica comum medieval

Cronologia Cronologia: Séc-XI Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Identificação



Nº inventário/achado: 2

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica cinzenta tardia

Cronologia Cronologia: seculo IV/VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Espessura Corpo: 0.4 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 3

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica cinzenta tardia

Cronologia Cronologia: seculo IV/VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Espessura Corpo: 0.3 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 4

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica cinzenta tardia

Cronologia Cronologia: seculo IV/VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Espessura Corpo: 0.2 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 5

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica cinzenta tardia

Cronologia Cronologia: seculo IV/VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Espessura Corpo: 0.5 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 6

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Base com arranque de parede em cerâmica comum medieval. Apresenta fuligem no interior

Cronologia Cronologia: Séc-XI Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Cozedura: Redutora

Espessura Corpo: 0.7 cm Fundo: 0.8 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 7

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Base com arranque de parede em cerâmica comum medieval

Cronologia Cronologia: Séc-XI Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Cozedura: Redutora

Espessura Corpo: 0.4 cm Fundo: 0.6 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 8

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica comum medieval

Cronologia Cronologia: Séc-XI Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Espessura Corpo: 0.3 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 9

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 126

Parede em cerâmica comum medieval. Apresenta fuligem no exterior

Cronologia Cronologia: Séc-XI Período: Idade média

Caracterização da peça

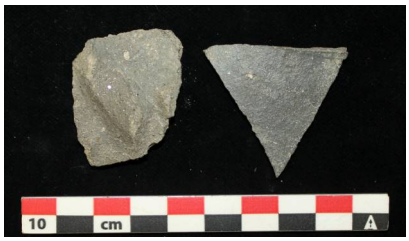
Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Espessura Corpo: 0.4 cm

Identificação



Nº inventário/achado: 1, 2

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 142

Paredes em cerâmica comum medieval

Cronologia Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum

Identificação

Nº inventário/achado: 001

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base de cadinho romano.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Cadinho

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.3002 Kg

Diâmetro Fundo: 2 cm

Percentagem: 100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 002

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Cossoiro em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI

Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Cossoiro

Estado da Peça: Perfil completo

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum

Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0045 Kg

Diâmetro Sup: 2.5 cm

Percentagem: 100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 003

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0112 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 40 %

Identificação

Nº inventário/achado: 004

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0079 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 005

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0166 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 32 %

Identificação

Nº inventário/achado: 006

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0169 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 007, 8, 9

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Massa: 0.0242 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 010 - 19

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 10 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.1191 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 020 - 26

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Cronologia: VIII-XII Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.072 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 027

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0188 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 028

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.052 Kg

Diâmetro Bordo: 30 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 029

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0135 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 030

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0091 Kg

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 031

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de bacia em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bacia

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0516 Kg

Diâmetro Bordo: 28 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 032

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.010 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 033 - 37

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Testo em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Massa: 0.0901 Kg

Decoração Local: Exterior Técnica: Incisão Linhas circulares incisas na parte superior do testo.

Identificação

Nº inventário/achado: 038

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base de pote grande em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.1125 Kg

Diâmetro Fundo: 24 cm Percentagem: 17 %

Identificação

Nº inventário/achado: 039

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0195 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 040

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0072 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 041

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0094 Kg

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 042 - 43

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0151 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 044 - 47

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.1377 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 048 - 56

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.1271 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão	Linhas horizontais e diagonais incisas e cordões triangulares aplicadas na vertical.

Identificação

Nº inventário/achado: 057 - 61

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0658 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 062

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0379 Kg

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 063

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0516 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Incisão Linhas diagonais incisas e cordões triangulares plásticos verticais na parede e perfurações na aba.

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 064

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0231 Kg

Decoração Local: Aba/ parede Técnica: Incisão/ Punção Linhas horizontais incisas na parede e perfurações na aba.

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 065

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.011 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 066

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0091 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 067

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0231 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 068

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.020 Kg

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 069

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.023 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 070

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0126 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 071 - 72

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0632 Kg

Decoração Local: Asa Técnica: Punção Perfurações.

Identificação

Nº inventário/achado: 073

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Seção asa: Fita Massa: 0.021 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 074 - 77

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0427 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 078 - 80

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.0222 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 081

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0455 Kg

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 082

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0316 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 083

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0079 Kg

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 084

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0088 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 085

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0161 Kg

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 31.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 086

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0111 Kg

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 087 - 91

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0314 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais e diagonais incisas na pate externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 092 - 95

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0.0231 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 096

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0583 Kg

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 27.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 097

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0228 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 098

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0153 Kg

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 17 %

Identificação

Nº inventário/achado: 099

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0071 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 100

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0152 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 101 - 102

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0438 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 103

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.0028 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 104 - 107

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Massa: 0.093 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 108

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0271 Kg

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 109

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0179 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 110

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0174 Kg

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 111

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0087 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 112

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.035 Kg

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 113

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0352 Kg

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 114

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0056 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 115

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0112 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 116

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede decorada em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0106 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linha horizontal incisa na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 117 - 124

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.073 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 125

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Massa: 0.0333 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 126

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Massa: 0.0044 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 127

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em loiça vermelha de Prado.

Cronologia Cronologia: XVI-XVIII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0776 Kg

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 128

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Asa em cerâmica comum moderna.

Cronologia Cronologia: XVI-XVIII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0264 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 129

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em faiança.

Cronologia Cronologia: XVI-XVII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Faiança Produção: Nacional

Massa: 0.0523 Kg

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 70 %

Identificação

Nº inventário/achado: 130

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Base em faiança.

Cronologia Cronologia: XVI-XVII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Faiança Produção: Nacional

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0084 Kg

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 131

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em faiança.

Cronologia Cronologia: XVI-XVII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Faiança Produção: Nacional

Massa: 0.0014 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 132

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Bordo em cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XVI-XVIII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Vidrada Moderna

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0056 Kg

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 133

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Asa em cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XVI-XVIII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Vidrada Moderna

Seção asa: Fita Massa: 0.0659 Kg

Decoração Local: Asa Técnica: Punção Perfurações.

Identificação

Nº inventário/achado: 134, 135

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 185

Parede em cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XVI-XVIII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Moderna

Massa: 0.0204 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 1

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 232

Parede decorada em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0085 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais e diagonais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 2

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 232

Parede decorada em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Massa: 0.0029 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Identificação

Nº inventário/achado: 3

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 232

Material de construção tardoantigo (?).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0282 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 1

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 239

Base em cerâmica de engobe vermelho tardio.



Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0111 Kg

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 25 %

Identificação



Nº inventário/achado: 2

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 239

Parede em cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0177 Kg

Identificação



Nº inventário/achado: 3

Sondagem: Sondagem 4 (AL)

UE: 239

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0042 Kg

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 4 %

Apêndice 5

Zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques, nºs 20/28

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Lista de Cerâmicas

Rua Afonso Henriques, nº 20-28

Identificação

Nº inventário/achado: 01

Sondagem: 7

UE: 035

Parede em porcelana Kraak.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Porcelana Produção: China

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0011 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Duas linhas circulares azuis na parte interna e elemento não identificável na parte exterior, igualmente azul.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Indeterminado

Identificação

Nº inventário/achado: 02

Sondagem: 7

UE: 035

Fundo em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0155 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Fundo: 20 cm	Percentagem: 8.5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 03

Sondagem: 7

UE: 035

Parede em loiça dourada de Manises. Fragmento enviado ao laboratório Hercules para análises.

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa /idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Faiança Produção: Manises

Cozedura: Oxidante

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Motivos não identificados em dourado sobre fundo bege.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Indeterminado

Identificação

Nº inventário/achado: 04

Sondagem: 7

UE: 035

Parede em faiança. Fragmento enviado ao laboratório Hercules para análises.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Faiança Produção: Sevilha

Cozedura: Oxidante

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Esmalte branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Indeterminado

Identificação

Nº inventário/achado: 05-06

Sondagem: 7

UE: 035

Parede em faiança. Fragmentos enviados ao laboratório Hercules para análises.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Faiança Produção: Manises

Cozedura: Oxidante

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Esmalte verde, um deles melado.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Indeterminado

Identificação

Nº inventário/achado: 07

Sondagem: 7

UE: 035

Bordo de alguidar em cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Vidrada Moderna Produção: Barcelos

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0438 Kg

Decoração	Local: Bordo/ parede	Técnica: Vidrada	Esmalte verde acastanhado não homogéneo.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Diâmetro Sup: 32 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 08

Sondagem: 7

UE: 035

Bordo de prato em faiança.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Faiança

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0252 Kg

Decoração	Local: Bordo/ parede	Técnica: Vidrada	Esmalte branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo
Diâmetro	Bordo: 23 cm	Percentagem: 9 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 09

Sondagem: 7

UE: 035

Bordo de prato em faiança.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Faiança

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0035 Kg

Decoração	Local: Bordo/ parede	Técnica: Vidrada	Esmalte branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo
Diâmetro	Bordo: 23 cm	Percentagem: 2.5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 10-15

Sondagem: 7

UE: 035

Parede em faiança.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Faiança

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0254 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Esmalte branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 16

Sondagem: 7

UE: 035

Bordo em faiança.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Faiança

Cozedura: Oxidante

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0011 Kg

Decoração	Local: Bordo	Técnica: Vidrada	Motivos não identificados em azul sobre fundo azul claro esbranquiçado.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 17

Sondagem: 7

UE: 035

Bordo de alguidar em cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Vidrada Moderna

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Aba interior convexa

Massa: 0.0253 Kg

Decoração	Local: Bordo/ parede	Técnica: Vidrada	Esmalte com diferentes tons de verde.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 18

Sondagem: 7

UE: 035

Fundo em cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Vidrada Moderna

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0105 Kg

Decoração	Local: Base/ parede	Técnica: Vidrada	Esmalte amarelo acastanhado com pontos castanhos na parte interior da peça.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 17 %

Identificação

Nº inventário/achado: 19-25

Sondagem: 7

UE: 035

Parede em cerâmica vidrada.

Cronologia	Cronologia: XV-XVI	Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 7 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Moderna

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0265 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 194.ant

Sondagem: 8

UE: 035

1 fragmento de borde (G1 NSL). La cocción es alterna y presenta decoración de punciones en el labio.

Cronologia	Datação: XIII-XIV	Cronologia: XIII-XIV	Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Categoria: Comum

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 212, 213.ant

Sondagem: 8

UE: 035

1 fragmento de borde (G1 NSL). La cocción es alterna y presenta decoración de punciones en el labio.

Cronologia	Datação: XIII-XIV	Cronologia: XIII-XIV	Período: Idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Estado da Peça: Fragmento

Categoria: Comum

Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 259.ant

Sondagem: 8

UE: 035

Perfil completo de pieza discoidad de cinzenta común, con cocción alterna y decoración bruñida al exterior.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Cinzenta Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 01

Sondagem: 9

UE: 117

Bordo de prato em faiança.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Faiança

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior oblíqua

Massa: 0.0024 Kg

Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo
Diâmetro	Bordo: 16 cm	Percentagem: 5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 02

Sondagem: 9

UE: 117

Base de prato em faiança.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Faiança

Cozedura: Oxidante

Base: Convexo

Massa: 0.0012 Kg

Decoração	Local: Base/ parede	Técnica: Vidrada	Linha circular azul no início da base e motivo não identificado, também azul, no arranque da parede, ambos na parte superior.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Indeterminado
Diâmetro	Fundo: 12 cm	Percentagem: 3 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 03

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em faiança.

Cronologia	Cronologia: XV-XVI	Período: Idade média - baixa/moderno

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Faiança

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0013 Kg

Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 04

Sondagem: 9

UE: 117

Bordo em cerâmica comum fina romana.

Cronologia	Cronologia: I - II	Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Fina — Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado — Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0034 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 15 cm	Percentagem: 6 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 05

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia	Cronologia: I - II	Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina — Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0042 Kg

Coloração	Pintada: Sim		
Decoração	Local: Parede	Técnica: Aplicada	Acabamento com recurso a aplicação de um banho vermelho na parte externa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 06-07

Sondagem: 9

UE: 117

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0236 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 08-16

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0546 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 17

Sondagem: 9

UE: 117

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: IV-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0047 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 18

Sondagem: 9

UE: 117

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: IV-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0192 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 19-22

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: IV-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0342 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 23

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Cronologia: IV-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0057 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 24

Sondagem: 9

UE: 117

Bordo de pote em cerâmica comum alto medieval.

Cronologia Cronologia: VIII-XII Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Bordo: Vertical Lábio: Biselado

Massa: 0.0338 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 25

Sondagem: 9

UE: 117

Parede decorada em cerâmica comum alto medieval.

Cronologia Cronologia: VIII-XII Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.003 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Plástica Cordão plástico horizontal com linhas diagonais repuxadas.

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 26

Sondagem: 9

UE: 117

Bordo em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior oblíqua

Massa: 0.0047 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 27

Sondagem: 9

UE: 117

Bordo em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior oblíqua

Massa: 0.0027 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 28

Sondagem: 9

UE: 117

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0429 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 17 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 29

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0018 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 30-31

Sondagem: 9

UE: 117

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.004 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 32-35

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0091 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 36-40

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0182 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 41-42

Sondagem: 9

UE: 117

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0083 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.
Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 43-54

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 13 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0757 Kg

Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 55

Sondagem: 9

UE: 117

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0036 Kg

Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Grosseiro	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 001

Sondagem: 8

UE: 121

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum — Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0145 Kg

Acabamento Interior: Alisado — Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa — Tamanho: Pequena — Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 6 cm — Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 002-004

Sondagem: 8

UE: 121

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Base

Categoria: Comum — Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0254 Kg

Acabamento Interior: Alisado — Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa — Tamanho: Pequena — Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 005-013

Sondagem: 8

UE: 121

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado

Massa: 0.0357 Kg

Acabamento Interior: Alisado — Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa — Tamanho: Pequena — Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 014

Sondagem: 8

UE: 121

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0041 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 015

Sondagem: 8

UE: 121

Asa em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Seção asa: Fita

Massa: 0.0162 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 016-019

Sondagem: 8

UE: 121

Parede em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0151 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 020

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento	Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Esvasado	Lábio: Biselado		
Massa: 0.0028 Kg			
Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 8 cm	Percentagem: 12 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 021

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento	Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Esvasado	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.0067 Kg			
Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas horizontais incisas na parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 18 cm	Percentagem: 9 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 022

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento	Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Esvasado	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.0025 Kg			
Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 16 cm	Percentagem: 5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 023

Sondagem: 8

UE: 121

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0033 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 024

Sondagem: 8

UE: 121

Base de caneca em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Caneca

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0093 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 24 %

Identificação

Nº inventário/achado: 025

Sondagem: 8

UE: 121

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.008 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 026

Sondagem: 8

UE: 121

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0025 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 027

Sondagem: 8

UE: 121

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.007 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 028-039

Sondagem: 8

UE: 121

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 12 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0469 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais e verticais incisas.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 040-064

Sondagem: 8

UE: 121

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 25 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0664 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 065

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de bacia em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bacia

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0093 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 066

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reto Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0076 Kg

Decoração Local: Aba/ parede Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 067

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0116 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Aplicada Círculo aplicado na parte externa da parede.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Sup: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 068

Sondagem: 8

UE: 121

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0068 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 069

Sondagem: 8

UE: 121

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0079 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 070

Sondagem: 8

UE: 121

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0077 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas diagonais incisas.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Fundo: 16 cm	Percentagem: 6 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 071-073

Sondagem: 8

UE: 121

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0061 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 074-092

Sondagem: 8

UE: 121

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 19 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0450 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 093

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0109 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 094

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0094 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 095

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.004 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 096

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0027 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 3.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 097

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0037 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 098

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0012 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 099-101

Sondagem: 8

UE: 121

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0096 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 102-109

Sondagem: 8

UE: 121

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0226 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 110

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0048 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 111

Sondagem: 8

UE: 121

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0015 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 112

Sondagem: 8

UE: 121

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0105 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas diagonais incisas.

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 113-120

Sondagem: 8

UE: 121

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0156 Kg

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 121-133

Sondagem: 8

UE: 121

Parede em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 13 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0424 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 001

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de taça em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Cronologia: - 16-50 Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Taça

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Tradição Indígena Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0023 Kg

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 002-004

Sondagem: 8

UE: 154

Parede de cerâmica de engobe vermelho tardio.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Engobe Vermelho Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0642 Kg

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 005

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado | Lábio: Arredondado

Massa: 0.007 Kg

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 17 cm | Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 006

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado | Lábio: Arredondado

Massa: 0.0065 Kg

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 8 cm | Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 007-009

Sondagem: 8

UE: 154

Parede em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0143 Kg

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 010

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado

Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0218 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 011

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado

Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.019 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 012

Sondagem: 8

UE: 154

Base de pote em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0304 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 013

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum — Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante — Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.048 Kg

Acabamento Interior: Alisado — Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada — Tamanho: Pequena — Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm — Percentagem: 30 %

Identificação

Nº inventário/achado: 014

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum — Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Em aba soerguida — Lábio: Arredondado

Massa: 0.015 Kg

Acabamento Interior: Alisado — Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa — Tamanho: Pequena — Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 16 cm — Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 015

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum — Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Bordo: Em aba soerguida — Lábio: Arredondado

Massa: 0.0073 Kg

Acabamento Interior: Alisado — Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa — Tamanho: Pequena — Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 16 cm — Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 016

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Em aba soerguida

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0155 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 017

Sondagem: 8

UE: 154

Aba em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Bordo: Em aba soerguida

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0024 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 018

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Aba/ bordo

Categoria: Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Bordo: Em aba soerguida

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0038 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 019

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Em aba soerguida

Lábio: Arredondado

Massa: 0.014 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 020

Sondagem: 8

UE: 154

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0467 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 021

Sondagem: 8

UE: 154

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0571 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 022

Sondagem: 8

UE: 154

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0141 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 023

Sondagem: 8

UE: 154

Base em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0084 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 024

Sondagem: 8

UE: 154

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0065 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 025

Sondagem: 8

UE: 154

Cossoiro em cerâmica de engobe vermelho reaproveitada.

Cronologia Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Cossoiro

Estado da Peça: Perfil completo

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Engobe Vermelho

Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0029 Kg

Identificação

Nº inventário/achado: 026

Sondagem: 8

UE: 154

Prato em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo

Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum

Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Bordo: Reentrante

Lábio: Espessado

Base: Plano

Massa: 0.0938 Kg

Acabamento Interior: Alisado

Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada

Tamanho: Pequena

Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm

Fundo: 22 cm

Percentagem: 13/15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 027

Sondagem: 8

UE: 154

Pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento

Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum

Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.1464 Kg

Acabamento Interior: Alisado

Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante

Tamanho: Pequena

Material: Mica,quartzo

Diâmetro Fundo: 7 cm

Percentagem: 80 %

Identificação

Nº inventário/achado: 028

Sondagem: 8

UE: 154

Bordo de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum | Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado | Lábio: Aba exterior oblíqua

Massa: 0.0394 Kg

Acabamento Interior: Alisado | Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 14 cm | Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 029

Sondagem: 8

UE: 154

Testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum | Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.055 Kg

Decoração Local: Exterior | Aguada avermelhada na superfície superior.

Acabamento Interior: Alisado | Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Diâmetro Sup: 18 cm | Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 030

Sondagem: 8

UE: 154

Testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum | Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0396 Kg

Acabamento Interior: Alisado | Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 031

Sondagem: 8

UE: 154

Testo em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum | Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0277 Kg

Acabamento Interior: Alisado | Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 032-033

Sondagem: 8

UE: 154

Parede de pote em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum | Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0229 Kg

Acabamento Interior: Alisado | Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 034

Sondagem: 8

UE: 154

Parede em cerâmica de tradição indígena.

Cronologia Datação: -16-50 | Cronologia: I a.C. - I | Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Parede

Categoria: Tradição Indígena | Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0053 Kg

Acabamento Interior: Alisado | Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante | Tamanho: Pequena | Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 035-139

Sondagem: 8

UE: 154

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 105 Forma: Indeterminado Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Massa: 0.6734 Kg

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 069.Mosaico

Sondagem: 8

UE: 154

Fragm. de mosaico com tesselas

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1

Categoria: Material de construção

Identificação

Nº inventário/achado: 140-147

Sondagem: 8

UE: 154

Parede em cerâmica cinzenta tardia.

Cronologia Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 10 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Massa: 0.06518 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Apêndice 6

Zona arqueológica da rua D. Afonso Henriques, nºs 42/56

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Lista de Cerâmicas

Rua Afonso Henriques, n.º 36-40 e nº 42-56

Identificação

Nº inventário/achado: 001, 2

Sondagem: 520

UE: 0108

Parede em cerâmica comum fina romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Fina Produção: Local

Coloração Pintada: Sim

Identificação

Nº inventário/achado: 002, 24

Sondagem: 519

UE: 0108

Base em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fundo/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 003

Sondagem: 420

UE: 0108

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Coloração Interior: Ocre Margens: Ocre Superfície: Ocre

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 003, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 23, 25, 32, 33, 34, 36

Sondagem: 519

UE: 0108

Parede em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 21 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 008, 18, 21, 26, 27, 37

Sondagem: 519

UE: 0108

Bordo em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 008, 9

Sondagem: 420

UE: 0108

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 016, 35

Sondagem: 519

UE: 0108

Parede em cerâmica comum moderna.

Cronologia Cronologia: XVI-XVII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 030

Sondagem: 519

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 039

Sondagem: 418

UE: 0108

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza escuro
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 043

Sondagem: 418

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bilha Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Arranque asa/ bojo/ bordo/ colo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Pescoço: Convexo			
Corpo: Globular cm	Seção asa: Rectangular		
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Asa: 4,6 x 0,6 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 050

Sondagem: 420

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta cinzenta (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - plena

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 052, 53, 55, 59

Sondagem: 420

UE: 0108

Parede em cerâmica comum pleno-medieval.

Cronologia Datação: X-XII Cronologia: X-XII Período: Idade média - plena

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 108

Sondagem: 320

UE: 0108

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Castanho	Margens: Castanho	Superfície: Castanho
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 113

Sondagem: 320

UE: 0108

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Ocre	Superfície: Ocre
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 115, 319

Sondagem: 418

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta cinzenta fina polida.

Cronologia Cronologia: I - II Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 2012.0845

Sondagem: 420

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 300-600 Cronologia: IV-VI Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: 217, 218, 220, 221, 224, 250, 251, 253, 254, 256, 258

Sondagem: 419

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 11 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 219

Sondagem: 419

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza claro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 222

Sondagem: 419

UE: 0108

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 223, 236, 241, 242, 243

Sondagem: 419

UE: 0108

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Grande	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 225, 226, 239, 259

Sondagem: 419

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 228

Sondagem: 419

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 228, 229

Sondagem: 418

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Jarra Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Concavo

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 229

Sondagem: 418

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Colo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Recto

Corpo: Troncocónico cm

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 230, 237, 246

Sondagem: 419

UE: 0108

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 231, 234, 240

Sondagem: 419

UE: 0108

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Indefinido Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 233

Sondagem: 419

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Concavo

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 238, 244

Sondagem: 419

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Castanho escuro	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 245

Sondagem: 419

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 247

Sondagem: 419

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza claro
Decoração	Local: Exterior		
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 248

Sondagem: 419

UE: 0108

Bordo de pote em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI | Cronologia: VIII-XI | Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Forma parcial | Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado | Lábio: Biselado | Pescoço: Concavo

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 249

Sondagem: 419

UE: 0108

Bordo de pote em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 | Cronologia: V-VII | Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Forma parcial | Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Lábio: Moldurado | Pescoço: Concavo

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 252

Sondagem: 419

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 | Cronologia: V-VII | Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 257

Sondagem: 419

UE: 0108

Parede em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI | Cronologia: VIII-XI | Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Colo/ parede

Categoria: Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Concavo

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 295

Sondagem: 318

UE: 0108

Testo em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV | Período: Idade média - baixa /idade média

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum | Produção: Prado | Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado

Coloração	Interior: Castanho	Margens: Castanho	Superfície: Castanho
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Punção	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 19 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 330

Sondagem: 418

UE: 0108

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-700 | Cronologia: V-VII | Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo/ colo

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Recto

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza claro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 950

Sondagem: 520

UE: 0108

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 972

Sondagem: 520

UE: 0108

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 997

Sondagem: 520

UE: 0108

Asa em cerâmica cinzenta tardia comum (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Asa: 3,9 X 1,3 cm

Identificação

Nº inventário/achado: cer152

Sondagem: 519

UE: 0108

Bordo de prato em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: cer153

Sondagem: 519

UE: 0108

Asa em cerâmica comum romana.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: cer157

Sondagem: 519

UE: 0108

Base em cerâmica comum moderna.

Cronologia Cronologia: XVI-XVII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: cer158

Sondagem: 519

UE: 0108

Asa em cerâmica comum moderna.

Cronologia Cronologia: XVI-XVII Período: Idade moderna

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Comum Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: cer65

Sondagem: 520

UE: 0108

Parede de ânfora Haltern 70.

Cronologia Datação: 15-70 Cronologia: I Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Bética Guadalquivir Tipologia: Haltern 70

Identificação

Nº inventário/achado: 29

Sondagem: 419

UE: 0113

Bordo de jarro em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bico

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Pescoço: Recto

Bico: Bico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Ocre	Superfície: Castanho
Decoração	Local: Bico	Técnica: Punção	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 12 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 37

Sondagem: 419

UE: 0113

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 148

Sondagem: 419

UE: 0211

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Colo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza escuro

Identificação

Nº inventário/achado: 149, 151, 152

Sondagem: 419

UE: 0211

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 150

Sondagem: 419

UE: 0211

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza escuro
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 239

Sondagem: 520

UE: 0211

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Ocre	Margens: Ocre	Superfície: Ocre
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 376

Sondagem: 520

UE: 0211

Parede em cerâmica comum pleno-medieval.

Cronologia Cronologia: X-XII Período: Idade média - plena

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 384

Sondagem: 520

UE: 0211

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Cozedura: Mista

Bordo: Esvasado Lábio: Moldurado

Corpo: Hemisférico cm

Coloração	Interior: Vermelho escuro	Margens: Vermelho escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	
Diâmetro	Bordo: 22 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 489

Sondagem: 419

UE: 0211

Bordo de bilha em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bilha Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Arranque asa/ bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Convexo

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Asa: 3,2 x 0,7 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 015

Sondagem: 420

UE: 0222

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Coloração	Interior: Ocre	Margens: Ocre	Superfície: Ocre
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 016

Sondagem: 420

UE: 0222

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 178

Sondagem: 421

UE: 0222

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Mista			
Coloração	Interior: Vermelho	Margens: Vermelho	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 179

Sondagem: 421

UE: 0222

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 049

Sondagem: 619

UE: 0229

Bordo de pote em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI | Cronologia: VIII-XI | Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial | Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Lábio: Moldurado | Pescoço: Concavo

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 14,6 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 063, 97

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 | Cronologia: V-VII | Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 072

Sondagem: 619

UE: 0229

Bordo em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI | Cronologia: VIII-XI | Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Lábio: Aba interior oblíqua

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 073

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Peça discoidal Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 095

Sondagem: 619

UE: 0229

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo em aba/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Corpo: Hemisférico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 20 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 096 (2012.0953)

Sondagem: 619

UE: 0229

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-600 Cronologia: V-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Regular

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Rigoir 22

Cozedura: Redutora

Corpo: Semihemisférico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 098

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Colo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Recto

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 366

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza	Superfície: Cinza claro
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 368

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local Tipologia: Rigoir 16

Cozedura: Mista

Corpo: Hemisférico cm

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Vermelho escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Moldura	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 370

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 371, 380

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI Cronologia: VIII-XI Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 372, 379, 381

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza claro
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 373

Sondagem: 619

UE: 0229

Bordo de prato em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ colo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado

Corpo: Semihemisférico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 376, 383

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica comum pleno-medieval.

Cronologia Datação: XI-XII Cronologia: XI-XII Período: Idade média - plena

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza

Identificação

Nº inventário/achado: 377

Sondagem: 619

UE: 0229

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 382

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Vermelho	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 382

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Vermelho	Margens: Vermelho	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: cer1030

Sondagem: 619

UE: 0229

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Cronologia: V-VIII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: cer596

Sondagem: 619

UE: 0229

Parede de ânfora LRA3.

Cronologia Cronologia: IV-VI Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Ásia Menor Tipologia: Late Roman Amphora 3

Identificação

Nº inventário/achado: 038

Sondagem: 618

UE: 0241

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 041, 42

Sondagem: 618

UE: 0241

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 430

Sondagem: 520

UE: 0241

Bordo de bilha em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bilha Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Arranque de asa/ bordo/ bojo/ colo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Concavo

Corpo: Globular cm Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 555, 557

Sondagem: 520

UE: 0241

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 556

Sondagem: 520

UE: 0241

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 102

Sondagem: 619

UE: 0249

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 103, 106, 107

Sondagem: 619

UE: 0249

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 104

Sondagem: 619

UE: 0249

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 105

Sondagem: 619

UE: 0249

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Vermelho
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 001, 02, 03

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede de ânfora LRA1.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: IV-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Ânfora Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Oriental Tipologia: Late Roman Amphora 1

Identificação

Nº inventário/achado: 003

Sondagem: 422

UE: 0274

Parede em TSH.

Cronologia Datação: 70- 80 Cronologia: I Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Sigillata Produção: Hispânica Tipologia: Dragendorff 39

Identificação

Nº inventário/achado: 005, 06, 07, 08

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede de ânfora africana.

Cronologia Datação: 200-500 Cronologia: III-V Período: Baixo imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Ânfora Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Africana

Identificação

Nº inventário/achado: 008, 9, 11

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Coloração	Interior: Vermelho	Margens: Vermelho	Superfície: Vermelho
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 013

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Vermelho claro	Superfície: Vermelho claro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Cordão	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 017, 41, 44, 51, 62, 69, 72, 77

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 019, 21

Sondagem: 421

UE: 0274

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Regular

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Corpo: Semihemisférico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 28 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 023

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 039, 55, 84

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 080, 81, 82, 83, 85

Sondagem: 421

UE: 0274

Bordo de jarro em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6 Forma: Jarro Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Pescoço: Recto

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 8 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 089

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Vermelho escuro	Superfície: Vermelho escuro
Decoração	Técnica: Incisão		
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 091

Sondagem: 421

UE: 0274

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 092, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 106, 107

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 11 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 092, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 107

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 094

Sondagem: 421

UE: 0274

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Pescoço: Recto

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 104

Sondagem: 421

UE: 0274

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Regular

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado

Corpo: Hemisférico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 105

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI Cronologia: VIII-XI Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 2012.0592

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Peça discoidal Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 337

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Ocre
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 349

Sondagem: 520

UE: 0274

Bordo de pote em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ colo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Lábio: Aba exterior horizontal Pescoço: Concavo

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Ocre
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Punção	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 357

Sondagem: 520

UE: 0274

Asa de bilha em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI | Cronologia: VIII-XI | Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bilha Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Técnica: Brunida		
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 397

Sondagem: 520

UE: 0274

Base em cerâmica comum pleno-medieval.

Cronologia Datação: XI-XII | Cronologia: XI-XII | Período: Idade média - plena

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Base

Categoria: Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 398

Sondagem: 520

UE: 0274

Bordo em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 | Cronologia: V-VII | Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Prado

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 399

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 399

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: XI-XII Cronologia: XI-XII Período: Idade média - plena

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza

Identificação

Nº inventário/achado: 400

Sondagem: 520

UE: 0274

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 406

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Vermelho escuro	Margens: Vermelho escuro	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 408

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Vermelho
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 419

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Coloração	Interior: Vermelho	Margens: Vermelho	Superfície: Vermelho
Decoração	Local: Exterior		
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 424, 425, 426

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia	Datação: 400-700	Cronologia: V-VII	Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Parede	
Categoria: Cinzenta Tardia Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 425

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia	Datação: 400-700	Cronologia: V-VII	Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Parede	
Categoria: Cinzenta Tardia Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 449

Sondagem: 520

UE: 0274

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia	Datação: 400-700	Cronologia: V-VII	Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Base	
Categoria: Cinzenta Tardia Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 451, 452

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 456

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 496

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior		
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 497, 498

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Ocre
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 503, 505, 507, 508, 509, 510, 513, 515, 516

Sondagem: 520

UE: 0274

Bordo de pote em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 9 Forma: Pote Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Lábio: Aba exterior horizontal Pescoço: Concavo

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 504

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 512

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 525

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Vermelho	Margens: Vermelho	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior		
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 526

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 532

Sondagem: 520

UE: 0274

Bordo de pote em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Pescoço: Recto

Corpo: Globular cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 13,8 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 533

Sondagem: 520

UE: 0274

Bordo de tigela em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado

Corpo: Hemisférico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 23 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 534

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G1).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Imitação Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza claro	Margens: Cinza claro	Superfície: Cinza claro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 537

Sondagem: 520

UE: 0274

Bordo de tigela em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial — Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Redutora			
Bordo: Esvasado			
Corpo: Hemisférico cm			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 21 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 540, 599

Sondagem: 422

UE: 0274

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia	Datação: 400-700	Cronologia: V-VII	Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Rectangular			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 541, 567, 568

Sondagem: 422

UE: 0274

Base em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia	Datação: 400-700	Cronologia: V-VII	Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Base

Categoria: Cinzenta Tardia Comum	Produção: Local		
Cozedura: Redutora			
Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 548

Sondagem: 422

UE: 0274

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 | Cronologia: V-VII | Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 556, 633

Sondagem: 422

UE: 0274

Parede em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI | Cronologia: VIII-XI | Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 610, 627

Sondagem: 422

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 | Cronologia: V-VII | Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum | Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 627

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Ocre	Margens: Ocre	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 629

Sondagem: 520

UE: 0274

Asa em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Vermelho	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 630, 549, 544, 578, 624, 639, 623, 591, 565, 558

Sondagem: 422

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 10 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 632

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 646

Sondagem: 422

UE: 0274

Bordo de tigela em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ carena/ parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado

Corpo: Troncocónico cm

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 647

Sondagem: 422

UE: 0274

Parede em cerâmica cinzenta tardia (G2).

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Cinzenta Tardia Comum Produção: Local

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Vermelho escuro	Margens: Vermelho escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Brunida	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 676

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Mista

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Ocre
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 677

Sondagem: 520

UE: 0274

Asa em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Arranque de asa/ colo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Corpo: Globular cm Seção asa: Rectangular

Coloração	Interior: Cinza escuro	Margens: Cinza escuro	Superfície: Cinza escuro
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 681, 683, 685, 686

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede em cerâmica comum baixo-medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 684

Sondagem: 520

UE: 0274

Base em cerâmica comum baixo-medieval (G5).

Cronologia Datação: XIII-XIV | Cronologia: XIII-XIV | Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado Estado conservação: Bom

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Base

Categoria: Comum | Produção: Prado | Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Coloração	Interior: Cinza	Margens: Cinza	Superfície: Cinza
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: cer13

Sondagem: 421

UE: 0274

Bordo de pote em cerâmica comum alto-medieval.

Cronologia Datação: VIII-XI | Cronologia: VIII-XI | Período: Idade média - alta

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum | Produção: Local

Identificação

Nº inventário/achado: cer496

Sondagem: 520

UE: 0274

Bordo de ânfora lusitana Almagro 51C.

Cronologia Datação: 150-400 | Cronologia: II-IV | Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento | Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Ânfora | Produção: Lusitana | Tipologia: Almagro 51C

Identificação

Nº inventário/achado: cer57

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede de ânfora Africana Grande B.

Cronologia Datação: 150-500 Cronologia: II-V Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Africana Tipologia: Africana Grande B

Identificação

Nº inventário/achado: cer60

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede de ânfora africana.

Cronologia Datação: 200-500 Cronologia: III-V Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Africana

Identificação

Nº inventário/achado: cer62

Sondagem: 520

UE: 0274

Parede de ânfora LRA.

Cronologia Datação: 400-700 Cronologia: V-VII Período: Suevo-visigótico

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora Estado conservação: Mau

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Oriental

Identificação

Nº inventário/achado: cer63

Sondagem: 421

UE: 0274

Parede de ânfora lusitana.

Cronologia Datação: 200-500 Cronologia: III-V Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Ânfora Produção: Lusitana

Apêndice 7

Zona arqueológica do ex-Albergue Distrital

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Lista de Cerâmicas

Casa Grande de Santo António das Travessas (Ex-Albergue Distrital)

Identificação

Nº inventário/achado: 0001

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado Pescoço: Concavo

Massa: 0.0201 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Grande Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0002

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo e asa de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Reentrante Lábio: Arredondado

Massa: 0.0587 Kg

Decoração Local: Asa/ bordo Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0003

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Forma parcial Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado Pescoço: Concavo

Massa: 0.0065 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0004

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0231 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0005

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0341 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Grande Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0006

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0108 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0007

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0118 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0008

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0121 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0009

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0144 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0010

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0092 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0011

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0049 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0012

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0065 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0013

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0063 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0014

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0039 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0015

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0078 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0016

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.003 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0017

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0054 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0018

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0086 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0019

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Espessado

Massa: 0.0108 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0020

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0581 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 22 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0021

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Em aba soerguida Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0082 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0022

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0168 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0023

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0073 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0024

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0067 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0025

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0088 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0026

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0163 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0027

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0126 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0028

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0169 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0029

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0109 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0030

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0149 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0031

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0053 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0032

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0071 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0033

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0055 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0034

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.007 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0035

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0128 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0036

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0171 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0037

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0084 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0038

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0107 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0039

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0305 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0040

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0103 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0041

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0089 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0042

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Reentrante Lábio: Espessado

Massa: 0.0073 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0043

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0052 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0044

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Vertical Lábio: Aba interior convexa

Massa: 0.0107 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Cordão/ Incisão Incisões horizintais e cordões triangulares verticais.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0045

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0416 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 45 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0046

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0392 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 19 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0047

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.045 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0048

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0195 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0049

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0139 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0050

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0242 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0051

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0073 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 2.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0052

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0102 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0053

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0179 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0054

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0353 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0055

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Biselado

Massa: 0.0146 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0056

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Reentrante Lábio: Arredondado

Massa: 0.0069 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0057

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.021 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0058

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0198 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0059

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0106 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0060

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0228 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0061

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0092 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0062

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0145 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 2.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0063

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.012 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0064

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0128 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0065

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0213 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0066

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0109 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0067

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0109 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0068

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0147 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 2.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0069

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0606 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 29 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0070

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0367 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0071

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0509 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0072

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0437 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0073

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0102 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0074

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0246 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0075

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0141 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 9.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0076

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Vertical Lábio: Arredondado

Seção asa: Fita Massa: 0.0137 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0077

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0172 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0078

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo em aba/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0222 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0079

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote média em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0179 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0080

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0134 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0081

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0136 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0082

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0081 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Grande Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0083

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0142 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0084

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0048 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0085

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.006 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 5.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0086

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0112 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0087

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0182 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0088

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0142 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0089

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.015 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 14.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0090

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0063 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0091

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de bacia em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Bacia

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Vertical Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0072 Kg

Decoração Local: Aba Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 32 cm Percentagem: 3.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0092

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0066 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0093

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0109 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0094

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0024 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0095

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0037 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 2.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0096

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0074 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0097

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0126 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0098

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0085 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0099

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Reto Lábio: Arredondado

Massa: 0.0109 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0100

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Em aba soerguida Lábio: Aba interior oblíqua

Massa: 0.0027 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 6.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0101

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0048 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0102

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0513 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0103

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0851 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0104

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ colo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0673 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 27.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0105

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0152 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0106

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior oblíqua

Massa: 0.0215 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0107

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior oblíqua

Massa: 0.0841 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 26 cm Percentagem: 28.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0108

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.1192 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 40 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0109

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de caçarola em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Caçarola

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Reto	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.0234 Kg			
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0110

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Reentrante	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.0496 Kg			
Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 17 cm	Percentagem: 22.5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 0111

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Reentrante	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.0402 Kg			
Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 16 cm	Percentagem: 18 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 0112

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0629 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 26 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0113

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.1058 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 32.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0114

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0459 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0115

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Reentrante	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.0391 Kg			
Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 15 cm	Percentagem: 16 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 0116

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Reentrante	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.0168 Kg			
Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 16 cm	Percentagem: 10 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 0117

Sondagem: H5

UE: 0858

Aba de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Aba	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Lábio: Aba exterior horizontal			
Massa: 0.0136 Kg			
Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0118

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de tigela em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0228 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0119

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de tigela em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.013 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0120

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de tigela em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0095 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0121

Sondagem: H5

UE: 0858

Aba de tigela em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0068 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0122

Sondagem: H5

UE: 0858

Aba de tigela em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.013 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 17 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0123

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0279 Kg

Decoração	Local: Aba/ asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0124

Sondagem: H5

UE: 0858

Aba de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0073 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0125

Sondagem: H5

UE: 0858

Aba de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0064 Kg

Decoração Local: Aba Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0126

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0061 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0127

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0051 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Abundante	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 3.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0128

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.002 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 4.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0129

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0762 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Cordão/ Incisão / Punção	Incisões verticais na face externa da parede, perfurações na aba e cordões triangulares verticais.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 27.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0130

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de tigela em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.062 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Canelura incisa no topo da parede, junto ao bordo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 21 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0131

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0364 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 19 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0132

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0953 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 21.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0133

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0665 Kg

Decoração	Local: Bordo/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 24 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0134

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0231 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0135

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reto Lábio: Arredondado

Seção asa: Fita Massa: 0.0127 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 6 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0136

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0092 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0137

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0117 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão	Incisões horizontais e cordões triangulares verticais.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 9 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0138

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reto Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0089 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0139

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0156 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 13 cm Percentagem: 13.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0140

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Reto

Massa: 0.0114 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 6 cm Percentagem: 31.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0141

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Arredondado

Massa: 0.012 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0142

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0099 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0143

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior convexa

Massa: 0.0089 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0144

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0099 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede e apliques na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0145

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.012 Kg

Decoração Local: Aba/ parede Técnica: Incisão/ Punção

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0146

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0251 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 21 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0147

Sondagem: H5

UE: 0858

Aba de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0183 Kg

Decoração Local: Aba Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0148

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0202 Kg

Decoração Local: Aba Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 22 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0149

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0043 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0150

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0054 Kg

Decoração Local: Aba Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0151

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval.

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0254 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0152

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0435 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 20 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0153

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.1788 Kg

Decoração	Local: Aba/ asa	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões verticais na aba e perfurações na aba e asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0154

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0141 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Cordão/ Incisão	Incisões horizontais e cordões triangulares verticais que rematam em círculo na aba..
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0155

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0066 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Canelura incisa no topo da parede, junto ao bordo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0156

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0056 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 7 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0157

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba/ asa/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0804 Kg

Decoração Local: Aba/ asa Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0158

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0047 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 4 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0159

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0029 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0160

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0028 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0161

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Arranque de asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Arredondado

Massa: 0.0031 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0162

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Aba

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0075 Kg

Decoração Local: Aba Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0163

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Reto

Massa: 0.0025 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Incisões horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0164

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0125 Kg

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0165

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0076 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0166

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento	Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I
Cozedura: Oxidante		
Bordo: Reentrante	Lábio: Aba exterior convexa	
Massa: 0.0073 Kg		

Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 16 cm	Percentagem: 5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 0167

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento	Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I
Cozedura: Oxidante		
Bordo: Esvasado	Lábio: Arredondado	
Massa: 0.0025 Kg		

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 14 cm	Percentagem: 5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 0168

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de alguidar em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Alguidar

Estado da Peça: Fragmento	Parte da Peça: Aba/ bordo

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I
Cozedura: Oxidante		
Bordo: Reentrante	Lábio: Aba exterior horizontal	
Massa: 0.008 Kg		

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0169

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de tigela em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Arredondado

Massa: 0.0115 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 16 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0170

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote médio em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Reentrante Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0409 Kg

Decoração Local: Aba/ parede Técnica: Incisão/ Punção Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 19 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0171

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de bordo pequeno em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Arredondado

Massa: 0.0243 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 10 cm Percentagem: 36 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0172

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.1536 Kg

Decoração	Local: Aba/ asa/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas diagonais incisas na asa, perfurações na aba e asa e linhas incisas horizontais na face externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0173

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0376 Kg

Decoração	Local: Asa	Técnica: Cordão/ Punção	Cordão engrossado nas extremidades e perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0174

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0277 Kg

Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Digitais nas extremidades e perfurações ao centro.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0175

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0317 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0176

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0033 Kg		
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0177

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0281 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão/ Punção	Caneluras digitadas e perfurações ao longo da asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0178

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0075 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0179

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0066 Kg

Decoração Local: Asa Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0180

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ bordo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Vertical Lábio: Arredondado

Seção asa: Fita Massa: 0.011 Kg

Decoração Local: Asa Técnica: Penteada Digitais.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 8 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0181

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0051 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0182

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0047 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0183

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0087 Kg

Decoração Local: Asa Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0184

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0226 Kg

Decoração Local: Asa Técnica: Punção Perfurações.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0185

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0064 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0186

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0065 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0187

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0077 Kg		
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0188

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0506 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas incisas verticais nas extremidades e diagonais ao centro e perfurações em toda a extensão e laterais da asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0189

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0146 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas incisas verticais e perfurações em toda a extensão e laterais da asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0190

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0229 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0191

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0118 Kg		
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0192

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.026 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas verticais incisas na área central, digitais nas extremidades e perfurações em toda a extensão da asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0193

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0255 Kg

Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão	Linhas verticais incisas nas extremidades da asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0194

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa de pucarinho em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Pucarinho

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0402 Kg

Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Digitais.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0195

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.073 Kg

Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0196

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0379 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0197

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0139 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas verticais incisas na área central e perfurações em toda a extensão da asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0198

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Seção asa: Fita	Massa: 0.021 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0199

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Fita Massa: 0.0063 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0200

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Seção asa: Fita Massa: 0.0271 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0201

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Seção asa: Fita Massa: 0.0351 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0202

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo III	
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0111 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão	Linhas diagonais incisas.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0203

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo III	
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0056 Kg		
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0204

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0292 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Grosseiro	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0205

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0308 Kg		
Decoração	Local: Asa	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0206

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0124 Kg		
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0207

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa

Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo IV	
Cozedura: Redutora			
Seção asa: Fita	Massa: 0.0058 Kg		
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0208

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0114 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0209

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0159 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0210

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.009 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0211

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0155 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0212

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.009 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 11,5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0213

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0074 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0214

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0101 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0215

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0052 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0216

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0072 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0217

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0123 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 17 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0218

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0114 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 0219

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0096 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0220

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0026 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0221

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0056 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0222

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0134 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0223

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0154 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0224

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0106 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0225

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0131 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0226

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0144 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0227

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.016 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 23 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0228

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0077 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0229

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.008 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0230

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano alargado

Massa: 0.0102 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0231

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0048 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0232

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0184 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0233

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3)

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0373 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0234

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0275 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0235

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano alargado

Massa: 0.0217 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 15.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0236

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0315 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0237

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0161 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0238

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0284 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 19 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0239

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0123 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0240

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.030 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 30 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0241

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano alargado

Massa: 0.055 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0242

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0312 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0243

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0186 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0244

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0209 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0245

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0217 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0246

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0932 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 38 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0247

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.1811 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 87.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0248

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0292 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 24 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0249

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0607 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 31.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0250

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0161 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0251

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0091 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0252

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0157 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0253

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0157 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0254

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.016 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0255

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0046 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0256

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0122 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0257

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0108 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0258

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0081 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0259

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0096 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0260

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0143 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0261

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0059 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0262

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0199 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0263

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0249 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0264

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0138 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0265

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.006 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0266

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0141 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0267

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0072 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0268

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0203 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0269

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0048 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0270

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano alargado

Massa: 0.018 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0271

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0059 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0272

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0159 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0273

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0067 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0274

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0088 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0275

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0147 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 21 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0276

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0164 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0277

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0588 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0278

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0126 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0279

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0145 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0280

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0126 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0281

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0102 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 17 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0282

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0099 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0283

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0126 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0284

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0057 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0285

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0012 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0286

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano alargado

Massa: 0.0118 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0287

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0487 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0288

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0108 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0289

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0098 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0290

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.010 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0291

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0245 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0292

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.056 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0293

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0126 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0294

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0106 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0295

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0225 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0296

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.007 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0297

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0092 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0298

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.005 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0299

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0057 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0300

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0087 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0301

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0039 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0302

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0047 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 3 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0303

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0096 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0304

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0288 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 19 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0305

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.004 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 6 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0306

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0145 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0307

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.006 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0308

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0102 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0309

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0088 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0310

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0716 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 40 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0311

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0055 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 12 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0312

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.036 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0313

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0133 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0314

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0113 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 19 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0315

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0049 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0316

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.015 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0317

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0279 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0318

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0106 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0319

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0137 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0320

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0108 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0321

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.005 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0322

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0122 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0323

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.005 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0324

Sondagem: H5

UE: 0858

Base eme cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0064 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0325

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0066 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0326

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0047 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0327

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0099 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0328

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0424 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 18 cm Percentagem: 11.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0329

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0048 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0330

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0149 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0331

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0196 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0332

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0106 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0333

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0055 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0334

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0102 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 10.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0335

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0165 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0336

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0043 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0337

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0144 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0338

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.008 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0339

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0156 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 45 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0340

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0118 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 25 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0341

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0552 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 32.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0342

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0371 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 23.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0343

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0158 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0344

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0138 Kg

Decoração Local: Parede Técnica: Incisão Linhas horizontais incisas.

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 19 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0345

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0216 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0346

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0485 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 20 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0347

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0368 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0348

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.034 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 16 cm Percentagem: 11 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0349

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0266 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0350

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0074 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 10 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0351

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0102 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0352

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de jarro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Jarro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0675 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas diagonais incisas.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 55 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0353

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0361 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0354

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0287 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0355

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0211 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0356

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0845 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 49 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0357

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.144 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 22.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0358

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano alargado

Massa: 0.0256 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0359

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0142 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0360

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0181 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 37.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0361

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0185 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0362

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.02 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 8.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0363

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0134 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0364

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0125 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 10 cm Percentagem: 14 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0365

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0143 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0366

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0136 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 19 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0367

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0278 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 17.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0368

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0928 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0369

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0328 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0370

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0066 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 7.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0371

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0263 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 17 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0372

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0397 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 57.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0373

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0186 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 23.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0374

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0259 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0375

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0097 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 12.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0376

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.1037 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 15 cm Percentagem: 26 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0377

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.014 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0378

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0249 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 12 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0379

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0321 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 14 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0380

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0479 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 38 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0381

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0065 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 9 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0382

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0113 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0383

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Base: Plano

Massa: 0.0059 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 8 cm Percentagem: 13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0384

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0066 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0385

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0321 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 15 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0386

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0789 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 13 cm Percentagem: 28 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0387

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Base: Plano

Massa: 0.0918 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Abundante Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 11 cm Percentagem: 35 %

Identificação

Nº inventário/achado: 0388

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0189 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas horizontais incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0389 - 472

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede lisa em cerâmica comum baixo comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 84 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.6786 Kg

Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0473 - 535

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 62 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo II

Massa: 0.5874 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Cordão/ Incisão / Punção	Linhas incisas horizontais, diagonais e onduladas, cordões verticais, apliques com digitadas.
Inclusões	Material: Mica,quartzo,outros		

Identificação

Nº inventário/achado: 0536

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0155 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0537

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0155 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior e verticais na moldura do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0538

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0095 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas diagonais incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0539

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0026 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0540

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 4 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo III

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0169 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0541 - 767

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede lisa em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 230 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 1838.5 Kg

Inclusões	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0768

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.007 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0769

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0055 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0770

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.0216 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 0771 - 805

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 35 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 0.2706 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão / Punção	Linhas horizontais, verticais e diagonais incisas, repuxos horizontais, cordões horizontais aplicados.
Inclusões	Material: Mica,quartzo,outros		

Identificação

Nº inventário/achado: 0806 - 859

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G3).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 56 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo III

Massa: 0,4086 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão	Linhas horizontais incisas, bandas horizontais e repuxos mamilares.
Inclusões	Material: Mica,quartzo,outros		

Identificação

Nº inventário/achado: 0860 - 888

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 32 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Massa: 0.3471 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão / Punção	Linhas horizontais incisas, cordões e mamilos aplicados, por vezes, com digitais.
Inclusões	Material: Mica,quartzo,outros		

Identificação

Nº inventário/achado: 0889 - 1042

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede decorada em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 167 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 1.5996 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Cordão/ Incisão / Punção	Linhas horizontais, verticais, diagonais e onduladas incisas, apliques digitados, apliques triangulares, repuxos.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Material: Mica,quartzo,outros		

Identificação

Nº inventário/achado: 1043

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0061 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas circulares incisas na parte superior do testo.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 1044

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum — Produção: Prado — Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0169 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 1045 - 1420

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede lisa em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 386 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 2.938 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 1421 - 1677

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede lisa em cerâmica comum baixo medieval (G4).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 258 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo IV

Cozedura: Redutora

Massa: 1.8785 Kg

Inclusões Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 1678 - 1943

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede lisa em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 269 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Massa: 2.239 Kg

Inclusões Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 1944 - 1965

Sondagem: H5

UE: 0858

Material de construção baixo medieval.

Cronologia Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 21 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Massa: 0.6032 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Moderada Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 1966 - 2006

Sondagem: H5

UE: 0858

Material de construção romano.

Cronologia Cronologia: I - VI Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 40 Forma: Telha

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Material de construção Produção: Local

Cozedura: Oxidante

Massa: 1.0919 Kg

Acabamento Interior: Grosseiro Exterior: Grosseiro

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Mediana Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 2007

Sondagem: H5

UE: 0858

Base em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0062 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 2008

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de prato dourado de Manises.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Vidrada Moderna Produção: Manises

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0653 Kg

Decoração	Local: Base/ parede	Técnica: Vidrada	Azul escuro e dourado sobre fundo branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Diâmetro Fundo: 6 cm Percentagem: 100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2009

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de tigela em cerâmica vidrada de Málaga.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Vidrada Moderna Produção: Málaga

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0077 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Azul sobre fundo branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 8 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2010

Sondagem: H5

UE: 0858

Parede em cerâmica vidrada de Málaga.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada Moderna Produção: Málaga

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0298 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Azul sobre fundo branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Mediana	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 2011

Sondagem: H5

UE: 0858

Fragmento de prato dourado de Manises.

Cronologia	Cronologia: XV-XVI	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Parede

Categoria: Vidrada — Produção: Manises

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0035 Kg

Decoração	Local: Parede	Técnica: Vidrada	Dourado sobre fundo branco.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 2012

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa de ânfora Haltern 70 da Baetica.

Cronologia	Cronologia: I a.C. - I	Período: Alto imperial

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Ânfora — Produção: Bética Guadalquivir — Tipologia: Haltern 70

Cozedura: Oxidante

Seção asa: Cilíndrica — Massa: 0.1894 Kg

Decoração	Local: Asa	Técnica: Incisão	Linha vertical incisa.
Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Grosseiro	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 2013

Sondagem: H5

UE: 0858

Asa de ânfora da Africa Proconsularis.

Cronologia	Cronologia: I - VI	Período: Romano

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Ânfora

Estado da Peça: Fragmento — Parte da Peça: Asa/ parede

Categoria: Ânfora — Produção: Africa Pro

Seção asa: Cilíndrica — Massa: 0.0287 Kg

Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Grosseiro	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Identificação

Nº inventário/achado: 2014

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo de cerâmica vidrada de Sevilha.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Vidrada Moderna Produção: Sevilha

Cozedura: Oxidante

Massa: 0.0152 Kg

Decoração	Local: Exterior e interior	Técnica: Vidrada	Verde na parte superior e branco na inferior.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Diâmetro Bordo: 12 cm Percentagem: 18 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2015

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de cerâmica vidrada.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Indeterminado

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Vidrada Moderna

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0574 Kg

Decoração	Local: Bordo/ parede	Técnica: Vidrada	Tons de azul com aspeto metalizado.
Acabamento	Interior: Engobado	Exterior: Engobado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Quartzo

Diâmetro Bordo: 31 cm Percentagem: 9 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2016

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de tigela em cerâmica vermelha de Prado.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Bordo: Em aba soerguida Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 0.0116 Kg

Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 11 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2017

Sondagem: H5

UE: 0858

Base de tigela em cerâmica vermelha de Prado.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Tigela

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Base/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Base: Plano

Massa: 0.0527 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Fundo: 7 cm Percentagem: 53 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2018

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica vermelha de Prado.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0168 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 17 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2019

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica vermelha de Prado.

Cronologia Cronologia: XV-XVI Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Fragmento

Categoria: Comum Produção: Prado

Cozedura: Oxidante

Lábio: Arredondado

Massa: 0.0234 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 15 cm Percentagem: 16 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2020

Sondagem: H5

UE: 0858

Testo em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Fragmento	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Massa: 0.0367 Kg			
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 2022

Sondagem: H5

UE: 0858

Perfil completo de caneca em cerâmica comum baixo medieval (G1). A peça foi profundamente restaurada pelo Museu D. Diogo de Sousa.

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 16 Forma: Caneca

Estado da Peça: Perfil completo		Parte da Peça: Perfil completo	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo I	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Vertical	Lábio: Reto	Base: Plano	
Corpo: Recto cm	Seção asa: Fita	Massa: 0.1465 Kg	
Decoração	Local: Parede	Técnica: Incisão	Linhas verticais e horizontais incisas na parte externa da parede.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 7.5 cm	Fundo: 7.5 cm	Percentagem: 100 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2023

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Esvasado	Lábio: Aba exterior horizontal		
Seção asa: Fita	Massa: 0.1381 Kg		
Decoração	Local: Aba/ asa/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Incisões horizontais na face externa da parede e perfurações na aba e asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 16 cm		Percentagem: 32.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2024

Sondagem: H5

UE: 0858

Perfil completo de prato em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 5 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0959 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Fundo: 13 cm Percentagem: 40/46 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2025

Sondagem: H5

UE: 0858

Perfil completo de prato em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0614 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Fundo: 13 cm Percentagem: 18.5/28.5 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2026

Sondagem: H5

UE: 0858

Perfil completo de prato em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 1 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.0261 Kg

Acabamento Interior: Alisado Exterior: Alisado

Inclusões Frequência: Escassa Tamanho: Pequena Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Fundo: 13 cm Percentagem: 10/13 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2027

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 6 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Asa/ bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Em aba soerguida	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.1375 Kg			
Decoração	Local: Aba/ asa/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas horizontais incisas na parede e perfurações na aba e asa.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 16 cm	Percentagem: 17.5 %	

Identificação

Nº inventário/achado: 2028

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de pote grande em cerâmica comum baixo medieval (G2).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 8 Forma: Pote

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Bordo/ parede	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo II	
Cozedura: Oxidante			
Bordo: Esvasado	Lábio: Aba exterior horizontal		
Massa: 0.1376 Kg			
Decoração	Local: Aba/ parede	Técnica: Incisão/ Punção	Linhas horizontais incisas na parede e perfurações na aba.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros
Diâmetro	Bordo: 26 cm		

Identificação

Nº inventário/achado: 2029

Sondagem: H5

UE: 0858

Pega de testo em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia	Cronologia: XIII-XV	Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Testo

Estado da Peça: Fragmento		Parte da Peça: Fragmento	
Categoria: Comum	Produção: Prado	Tipologia: Gaspar Grupo V	
Cozedura: Redutora			
Massa: 0.0626 Kg			
Decoração	Local: Exterior	Técnica: Incisão	Linhas incisas diagonais e a formar uma cruz.
Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Grosseiro	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Identificação

Nº inventário/achado: 2030

Sondagem: H5

UE: 0858

Perfil completo de prato em cerâmica comum baixo medieval (G5).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 3 Forma: Prato

Estado da Peça: Perfil completo Parte da Peça: Perfil completo

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo V

Cozedura: Redutora

Bordo: Esvasado Lábio: Arredondado

Massa: 0.054 Kg

Decoração	Local: Exterior	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Grosseiro	Exterior: Grosseiro	
Inclusões	Frequência: Moderada	Tamanho: Mediana	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 18 cm Fundo: 14 cm Percentagem: 16/27 %

Identificação

Nº inventário/achado: 2031

Sondagem: H5

UE: 0858

Bordo de púcaro em cerâmica comum baixo medieval (G1).

Cronologia Cronologia: XIII-XV Período: Idade média - baixa

Caracterização da peça

Nº fragmentos: 2 Forma: Púcaro

Estado da Peça: Fragmento Parte da Peça: Bordo/ parede

Categoria: Comum Produção: Prado Tipologia: Gaspar Grupo I

Cozedura: Oxidante

Bordo: Esvasado Lábio: Aba exterior horizontal

Massa: 46.1 Kg

Decoração	Local: Aba	Técnica: Punção	Perfurações.
Acabamento	Interior: Alisado	Exterior: Alisado	
Inclusões	Frequência: Escassa	Tamanho: Pequena	Material: Mica,quartzo,outros

Diâmetro Bordo: 14 cm Percentagem: 9 %

De *Bracara* a Braga. Dinâmicas económicas e sociais entre os séculos III e XV: uma abordagem arqueológica

Diego Santos Ferreira Machado

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

ERRATA

ÍNDICE

p. xvi – o ponto 1.2, "De diocese sem bispo a província eclesiástica do Reino de Portugal: *Bracara* na Alta Idade Média (séculos VIII–XIII)", da Parte IV, é o 1.3.

INTRODUÇÃO

p. 3 – na 5.ª linha do 2.º §, onde se lê "económico", deve ler-se "económica".

p. 3 – na 1.ª linha do 4.º §, onde se lê "julgamos", deve ler-se "julgámos".

p. 4 – na 1.ª linha do 2.º §, onde se lê "constitui", deve ler-se "constituem".

p.4 – na 9.ª linha 2.º §, onde se lê "sociedade", deve ler-se "sociedades".

PARTE I

p. 23 – na 4.ª linha do 1.º §, para fins de homogeneidade textual, onde se lê "II Guerra Mundial", deve ler-se "Segunda Guerra Mundial".

p. 23 – na 2.ª linha do 4.º §, onde se lê "deixa", deve ler-se "deixam".

p. 31 – na 8.ª linha do 3.º §, onde se lê "a mal banalizado", deve ler-se "o mal banalizado".

p. 33 – na 1.ª linha do 3.º §, onde se lê "A estrutura das revoluções científicas", deve ler-se "As estruturas das revoluções científicas".

p. 37 – na 5.ª linha do 4.º §, onde se lê "Löwy e Sayre", deve ler-se "Löwy & Sayre".

p. 68 – na 2.ª linha do 3.º §, onde se lê "associados", deve ler-se "associadas".

p. 71 – na 9.ª linha do 2.º §, onde se lê "mais maior", deve ler-se "uma maior".

p. 76 – na 13.ª linha do 1.º §, onde se lê "localizadas", deve ler-se "localizados".

p. 80 – na 3.ª linha do 2.º §, onde se lê "oriundo", deve ler-se "oriunda".

p. 84 – na 2.ª linha 2.º §, onde se lê "do das características", deve ler-se "das características".

p. 91 – na 5.ª linha do 1.º §, onde se lê "em numa área", deve ler-se "em uma área".

p. 99 – na 3.ª linha do 2.º §, onde se lê "pode adquirira", deve ler-se "adquiriu".

p. 103 – na 10.ª linha do 2.º §, onde se lê "tardo antigo", deve ler-se "tardo antiga".

p. 107 – na 9.ª linha do 3.º §, onde se lê "Barga", deve ler-se "Braga".

p. 110 – na 1.ª linha do 4.º §, onde se lê "quase quinze", deve ler-se "quase cinquenta anos".

p. 111 – na 1.ª linha do 2.º §, onde se lê "a apenas", deve ler-se "apenas".

PARTE II

p. 120 – na 5.ª linha do 2.º §, onde se lê "cerâmicos", deve ler-se "cerâmicas".

p. 120 – na 5.ª linha do 3.º §, onde se lê "Rittering", deve ler-se "Ritterling".

p. 125 – na 5.ª linha do 1.º §, onde se lê "revelado", deve ler-se "revelando".

p. 128 – na 1.ª linha do 4.º §, onde se lê "mantem-se", deve ler-se "mantém-se".

p. 130 – no título 2, "Objetivos e metodologia de estudo da cerâmica", onde se lê "da cerâmica", deve ler-se "dos materiais".

p. 141 – na 1.ª linha do 5.º §, onde se lê "ele está imerso", deve ler-se "eles estão imersos".

p. 172 – na 1.ª linha do 1.º §, onde se lê "reduzido o número", deve ler-se "reduzido número".

p. 176 – na 1.ª linha do 1.º §, onde se lê "quadro", deve ler-se "o quadro".

p. 176 – na 7.ª linha do 2.º §, onde se lê "nem como", deve ler-se "bem como".

p. 190 – na 7.ª linha do 2.º §, onde se lê "o claustro", deve ler-se "do claustro".

p. 248 – na 10.ª linha do 1.º §, onde se lê "impedem", de ler-se "impede".

p. 257 – na 3.ª linha do 2.º §, onde se lê "Rigoir 16 e 22", deve ler-se "Rigoir 16 e uma 22".

p. 260 – na 2.ª linha do 1.º §, onde se lê "vemos os potes", deve ler-se "vemos que os potes".

p. 262 – na 7.ª linha do 2.º §, onde se lê "período flávio", deve ler-se "no período flávio".

p. 262 – na 3.ª linha do 3.º §, onde se lê "voltadas", deve ler-se "voltada".

p. 266 – a última frase do 1.º § tem a seguinte redação: "Trata-se de uma habitação, que se desenvolvia no interior dessa insula, em cujos limites foram construídas *tabernae* (Torres, 2014; Magalhães, 2019)".

p. 275 – na 1.ª linha do 2.º §, onde se lê "Esta contexto", deve ler-se "Este contexto".

p. 276 – na 3.ª linha do 5.º §, onde se lê "Alexandra Gaspar", deve ler-se "por Alexandra Gaspar".

PARTE III

p. 283 – na 1.ª linha do 5.º §, onde se lê "evidenciem", deve ler-se "evidenciam".

p. 284 – na 11.ª linha do 2.º §, onde se lê "na zona arqueológica da zona arqueológica", deve ler-se "na zona arqueológica".

p. 285 – na 8.ª linha do 3.º §, onde se lê "muscovite", deve ler-se "moscovite".

p. 299 – na 3.ª linha do 2.º §, onde se lê “associado”, deve ler-se “associados”.

p. 302 – na 2.ª linha do 1.º §, onde se lê “abasteceram”, deve ler-se “abasteceu”.

p. 302 – na 10.ª linha do 2.º §, onde se lê “com inspirada”, deve ler-se “inspirada”.

p. 305 – na 8.ª linha do 4.º §, onde se lê “Já contexto”, deve ler-se “Já o contexto”.

p. 307 – na 3.ª linha do 1.º §, onde se lê “Prado A”, deve ler-se “Prado. A”.

p. 307 – na 1.ª linha do 2.º §, onde se lê “fode”, deve ler-se “pode”.

p. 313 – na 5.ª linha do 2.º §, onde se lê “Galouise”, deve ler-se “Gauloise”.

p. 317 – na 9.ª linha do 3.º §, onde se lê “salientamos”, deve ler-se “salientámos”.

p. 318 – na 4.ª linha do 2.º §, onde se lê “uma queda significativa decaimento no século”, deve ler-se “uma queda significativa no século”.

p. 332 – na 9.ª linha do 1.º §, onde se lê “classificamos”, deve ler-se “classificámos”.

p. 335 – na 4.ª linha do 3.º §, onde se lê “algumas poucas”, deve ler-se “algumas outras”.

PARTE IV

p. 345 – na 3.ª linha do 2.º §, onde se lê “os períodos”, deve ler-se “dos períodos”.

p. 355 – na 7.ª linha do 1.º §, onde se lê “Galouise”, deve ler-se “Gauloise”.

p. 356 – na 12.ª linha do 1.º §, onde se lê “recurso discurso”, deve ler-se “recurso discursivo”.

p. 361 – na 2.ª linha do 1.º §, onde se lê “isolados”, deve ler-se “isoladas”.

p. 363 – na 13.ª linha do 2.º §, onde se lê “S: Victor”, deve ler-se “S. Victor”.

p. 368 – na 7.ª linha do 4.º §, onde se lê “caso de egitano”, deve ler-se “caso egitano”.

p. 369 – na 1.ª linha do 2.º §, onde se lê “localizadas”, deve ler-se “localizados”.

p. 370 – na 4.ª linha do 3.º §, onde se lê “verificamos”, deve ler-se “verificámos”.

p. 378 – na 6.ª linha do 2.º §, onde se lê “toda”, deve ler-se “todo”.

p. 379 – na 8.ª linha do 2.º §, onde se lê “escrita”, deve ler-se “escrito”.

p. 381 – na 4.ª linha do 1.º §, onde se lê “consumidas”, deve ler-se “consumidos”.

p. 381 – na 2.ª linha do 2.º §, onde se lê “reiteram”, deve ler-se “reitera”.

p. 383 – na 1.ª linha do 4.º §, onde se lê “cidade”, deve ler-se “a cidade”.

p. 393 – na 8.ª linha do 4.º §, onde se lê “revelam”, deve ler-se “revela”.

p. 410 – na 2.ª linha do 4.º §, onde se lê “evidenciamos”, deve ler-se “evidenciámos”.

p. 415 – na 16.ª linha do 2.º §, onde se lê “deve, necessariamente, ser enquadrado”, deve ler-se “devem, necessariamente, ser enquadrados”.

p. 440 – na 1.ª linha do 1.º §, onde se lê “argumentamos”, deve ler-se “argumentámos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

p. 442 – na 4.ª linha do 3.º §, onde se lê “vem”, deve ler-se “vêm”.

p. 446 – na 1.ª linha do 3.º §, onde se lê “Tentamos”, deve ler-se “Tentámos”.

p. 446 – na 3.ª linha do 4.º §, onde se lê “afirmamos”, deve ler-se “afirmámos”.

p. 448 – na 2.ª linha do 4.º §, onde se lê “contribuem”, deve ler-se “contribui”.

p. 449 – na 1.ª linha do 3.º §, onde se lê “do século”, deve ler-se “dos séculos”.